

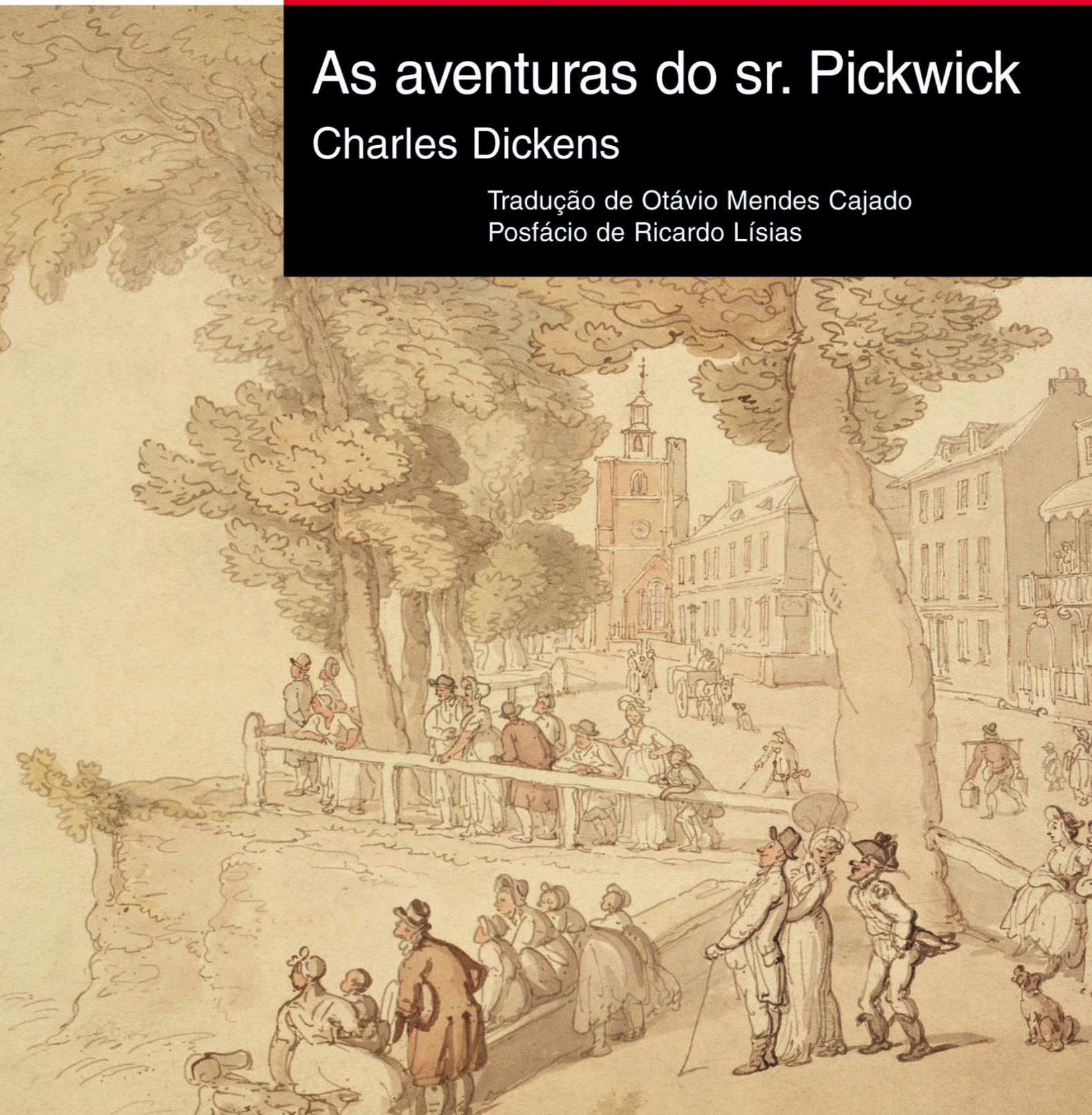


CLÁSSICOS **GLOBO**

As aventuras do sr. Pickwick

Charles Dickens

Tradução de Otávio Mendes Cajado
Posfácio de Ricardo Lísias



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COLEÇÃO CLÁSSICOS GLOBO

COORDENAÇÃO: MANUEL DA COSTA PINTO

Títulos publicados:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, de Manuel Antônio de Almeida

MACÁRIO/NOITE NA TAVERNA, de Álvares de Azevedo

A VIAGEM À LUA, de Cyrano de Bergerac

AS AVENTURAS DO SR. PICKWICK, de Charles Dickens

O BRACELETE DE GRANADAS, de Aleksandr Ivánovitch Kuprin

ECCE HOMO, de Eusébio de Matos

PEQUENAS TRAGÉDIAS, de Aleksander Sergheievitch Púchkin

A CAPITAL!, de Eça de Queirós

INFORTÚNIOS TRÁGICOS DA CONSTANTE FLORINDA,
de Gaspar Pires de Rebelo

A CARTUXA DE PARMA, de Stendhal

O SILVANO, de Anton Tchékhov

CONTOS E NOVELAS, de Voltaire



A coleção *Clássicos Globo* traz obras célebres da literatura universal e da língua portuguesa, retomando e ampliando um dos projetos editoriais mais marcantes da história recente do Brasil: o acervo de traduções constituído nos anos 1930 e 40 pela editora Globo de Porto Alegre, que tinha, entre seus colaboradores, intelectuais como Erico Verissimo e Mario Quintana, e ficou conhecida como “Globo da rua da Praia”.

Os títulos da coleção *Clássicos Globo* foram escolhidos a partir desse catálogo. Além das traduções (revistas e atualizadas) de livros pertencentes ao cânone da literatura ocidental, a coleção compreende também novas obras, em edições críticas e versões feitas por tradutores contemporâneos que dão continuidade a esse legado editorial.

Charles Dickens

AS AVENTURAS DO SR. PICKWICK

tradução:
Otávio Mendes Cajado

posfácio:
Ricardo Lísias

GZOBOLIVROS

Copyright da tradução © by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:

The Pickwick Papers

Revisão: Maria Sylvia Corrêa e Denise Padilha Lotito

Capa: Isabel Carballo, sobre People strolling by the banks of the River Thames: in the distance is Chelsea Old Church (ca. final do séc. XVIII, início do XIX), de Cheyne Walk, Londres, Museu de Londres/HIP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Dickens, Charles, 1812-1870

As aventuras do sr. Pickwick / Charles Dickens ; tradução Otávio Mendes Cajado ; posfácio Ricardo Lísias. – São Paulo : Globo, 2004. – (Clássicos Globo / coordenação Manuel da Costa Pinto)

Título original: The Pickwick papers.

ISBN 978-85-250-5548-4

1. Ficção inglesa I. Pinto, Manuel da Costa. II. Título III. Série

04-6744 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Coleção Clássicos Globo](#)

[A coleção](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Nota introdutória](#)

[capítulo i](#)

[capítulo ii](#)

[capítulo iii](#)

[capítulo iv](#)

[capítulo v](#)

[capítulo vi](#)

[capítulo vii](#)

[capítulo viii](#)

[capítulo ix](#)

[capítulo x](#)

[capítulo xi](#)

[capítulo xii](#)

[capítulo xiii](#)

[capítulo xiv](#)

[capítulo xv](#)

[capítulo xvi](#)

[capítulo xvii](#)

[capítulo xviii](#)

[capítulo xix](#)

[capítulo xx](#)

[capítulo xxi](#)

[capítulo xxii](#)

[capítulo xxiii](#)

[capítulo xxiv](#)

[capítulo xxv](#)

[capítulo xxvi](#)
[capítulo xxvii](#)
[capítulo xxviii](#)
[capítulo xxix](#)
[capítulo xxx](#)
[capítulo xxxi](#)
[capítulo xxxii](#)
[capítulo xxxiii](#)
[capítulo xxxiv](#)
[capítulo xxv](#)
[capítulo xxxvi](#)
[capítulo xxxvii](#)
[capítulo xxxviii](#)
[capítulo xxxix](#)
[capítulo xl](#)
[capítulo xli](#)
[capítulo xlii](#)
[capítulo xliii](#)
[capítulo xliv](#)
[capítulo xlv](#)
[capítulo xlvi](#)
[capítulo xlvii](#)
[capítulo xlviii](#)
[capítulo xlix](#)
[capítulo l](#)
[capítulo li](#)
[capítulo lii](#)
[capítulo liii](#)
[capítulo liv](#)
[capítulo lv](#)
[capítulo lvi](#)
[capítulo lvii](#)
[Posfácio](#)
[Cronología](#)
[Notas](#)

NOTA INTRODUTÓRIA

“DICKENS ERA UM FORNECEDOR de ficção ligeira para as massas, o continuador da antiga novela sensacionalista barata e o inventor do moderno *thriller*, em suma, o autor de livros que, independentemente da qualidade literária, correspondem em todos os aspectos ao conceito atual de *best sellers*.” A frase de Arnold Hauser expressa o enigma representado pela obra de Dickens em relação ao sistema literário de seu tempo — um enigma que só fez crescer desde então e continua válido para o nosso presente, em que a “qualidade literária” parece irremediavelmente divorciada do sucesso de público.

Pois embora Dickens fosse considerado autor para um público iletrado — uma massa de leitores bem diferente daquela que no passado lia Richardson, Defoe e Fielding, e que agora preferia George Eliot ou Thackeray ao autor de *Oliver Twist* —, a fortuna crítica posterior o descreve como epicentro da prosa de língua inglesa do século XIX. Recentemente, um ensaísta sofisticado como Harold Bloom colocou *Bleak House* ao lado de *Middlemarch*, de George Eliot, como exemplo de “romance canônico”. E o poeta T. S. Eliot formulou uma aproximação surpreendente, ao dizer que Dickens compartilha com Shakespeare essa capacidade singular de “criar personagens de carne e osso com apenas uma frase”.

A despeito de suas narrativas muitas vezes se assemelharem a contos de fadas com finais edificantes — a famosa “filosofia de Natal” com que ele pretende purgar os males da sociedade industrial (tão bem descritos e denunciados em seus romances) por meio de pregações evangélicas e de soluções meramente filantrópicas —, Dickens ocupa um lugar-chave na história de um gênero que surge para dar conta de novos conteúdos, que por sua vez correspondem a uma nova classe social e a um novo tipo de leitor.

O surgimento do romance é um tema inesgotável e controvertido. Mas se é verdade (como afirma Ian Watt no clássico *A ascensão do romance*) que autores como Defoe e Fielding atenderam à expectativa de um público entediado com as aventuras galantes, de extração francesa, e sequioso de enredos próximos da realidade e da linguagem cotidianas, Dickens amplifica e ultrapassa esse fruto literário da “revolução burguesa” que é o romance: seus livros são verdadeiras sinfonias que ecoam as diversas vozes que se cruzam na cidade moderna.

E mesmo que seus proletários sejam um tanto idealizados, ele não deixa de ironizar essas idealizações. Não é esse, aliás, o tema de fundo de *As aventuras do sr. Pickwick*? A etnografia burlesca dos pickwickianos não revela como suas pretensões científicas de mapear Londres e seus habitantes eram risíveis — e o quanto, afinal, toda representação (literária ou não) deforma a realidade? A grande contradição de Dickens foi ter associado sátira e distanciamento irônico a enredos que transpiram sinceridade, sentimentalismo, até mesmo ingenuidade — e talvez seja essa contradição que o defina.

O fato de ser considerado um escritor ignorante para os padrões da época e de ter se exercitado no jornalismo antes de enveredar pela ficção (*Sketches by Boz*, sua série de reportagens sobre Londres, seria precursor de *As aventuras do sr. Pickwick*) explica a popularidade de Dickens, um escritor que falava na língua de seu público e que soube explorar como poucos o canal de veiculação representado pelos romances de folhetim (os fascículos de *Pickwick* chegaram a ultrapassar, na época, a casa dos 40 mil exemplares vendidos). Que esse público seja composto não apenas de pequenos-burgueses consumidores de romances escapistas, mas também por críticos e romancistas exigentes em relação à autoconsciência ficcional, torna o autor de *Tempos difíceis* um caso inigualável de escritor que consegue ser *best seller* antes de se tornar um clássico (no sentido antigo do termo) e que consegue ser clássico *apesar* de ser um *best seller* (no sentido contemporâneo do termo).

MANUEL DA COSTA PINTO

CAPÍTULO I

OS PICKWICKIANOS

O PRIMEIRO RAIO DE LUZ que ilumina a treva e converte em brilhante claridade a escuridão em que pareciam envolvidos os primórdios da carreira pública do imortal Pickwick nasce do exame da seguinte ata dos trabalhos do Clube Pickwick, que o editor destes escritos tem o máximo prazer em apresentar aos seus leitores, como prova da cuidadosa atenção, da infatigável diligência e da sagacidade pesquisadora com que procedeu à investigação dos muitos documentos que lhe foram cometidos:

“12 de maio de 1827. Sessão presidida por Joseph Smiggers, Esq., V.P.P.M.C.P.^[1] Foram unanimemente aprovadas as seguintes resoluções:

“Essa associação ouviu, com puríssima satisfação e aprovação sincera, a leitura da monografia que lhe foi comunicada por Samuel Pickwick, Esq., P.G.M.C.P.^[2] intitulada ‘Especulações sobre a Origem das Lagoas de Hampstead, com Algumas Observações sobre a Teoria dos Girinos’; e esta associação apresenta, por meio desta, os seus mais sinceros agradecimentos ao dito Samuel Pickwick, Esq., P.G.M.C.P.

“Ao mesmo passo que esta associação reconhece perfeitamente as vantagens que à causa da ciência hão de advir da obra citada — bem como das incansáveis pesquisas de Samuel Pickwick, Esq., P.G.M.C.P., em Hornsey, Highgate, Brixton e Camberwell —, não pode menos de reconhecer os inevitáveis benefícios que hão de resultar do alargamento das especulações do erudito cavalheiro num campo mais vasto, estendendo-lhe as viagens e ampliando-lhe, por conseguinte, a esfera de observação, para o progresso do conhecimento e a difusão do saber.

“Com o supracitado intuito, tomou esta associação em sério apreço uma proposta feita pelo sobredito Samuel Pickwick, Esq., P.G.M.C.P., e de três outros pickwickianos que a seguir se nomeiam, para formar um novo ramo da união pickwickiana, sob o título de Sociedade Correspondente do Clube Pickwick.

“A dita proposta foi sancionada e aprovada por esta associação.

“Fica, pela presente, constituída a Sociedade Correspondente do Clube Pickwick; e Samuel Pickwick, Esq., P.G.M.C.P., Tracy Tupman, Esq., M.C.P., Augustus Snodgrass, Esq., M.C.P., e Natanael Winkle, Esq., M.C.P., são, por meio desta, eleitos e nomeados membros da mesma; ficando encarregados de apresentar, de tempos a tempos, ao Clube Pickwick, com sede em Londres, relatórios autênticos de suas viagens e investigações, de suas observações sobre caracteres e costumes, e do conjunto de suas aventuras, além de todas as narrativas e documentos a que possam dar origem as cenas ou sociedades locais.

“Esta associação está perfeitamente de acordo com o princípio segundo o qual todo membro da dita Sociedade Correspondente deve custear as suas despesas de viagem; e absolutamente não se opõe a que qualquer um deles proceda às suas investigações durante o espaço de tempo que lhe prouver, nas mesmas condições.

“Os membros da referida sociedade são, por meio desta, informados de que a sua proposta, para que cada qual pague o porte de suas cartas e o envio das suas encomendas, foi discutida por esta associação; e esta associação, considerando tal proposta digna dos espíritos elevados de que emanou, comunica-lhes, pela presente, a sua absoluta aquiescência.”

Um observador casual, acrescenta o secretário, a cujas notas devemos a narrativa seguinte — um observador casual não teria, porventura, notado nada de extraordinário na cabeça calva e nos óculos circulares atentamente voltados para o rosto dele, secretário, durante a leitura das sobreditas resoluções; mas para os que sabiam que o cérebro gigantesco de Pickwick trabalhava debaixo daquela testa, e que os olhos luminosos de Pickwick cintilavam atrás daqueles vidros, era o espetáculo realmente interessante. Lá estava o homem que rastreará, até a sua origem, as grandes lagoas de Hampstead, e agitará o mundo científico com a sua teoria sobre os girinos, calmo e impassível como as profundas águas das primeiras num dia de geada, ou como um espécime solitário dos últimos nos mais íntimos recessos de uma bilha de barro. E quão mais interessante se tornou o espetáculo quando, trêmulo de vida e animação, ao ouvir os gritos simultâneos de “Pickwick” desferidos pelos discípulos, trepou esse homem ilustre na cadeira Windsor em que até então estivera sentado e dirigiu-se ao clube que ele mesmo fundara. Que magnífico objeto para um estudo de artista apresentava a comovente cena! O eloqüente

Pickwick, com uma das mãos graciosamente escondida debaixo do rabo da casaca e a outra a agitar-se-lhe no ar, para reforçar-lhe a calorosa declamação; a posição elevada permitia verem-se-lhe a calça e polainas, que, se vestissem um homem comum, poderiam passar despercebidas, mas que, vestidas por Pickwick, inspiravam um temor e um respeito espontâneos; cercado pelos homens que se haviam voluntariamente oferecido para compartilhar os perigos das suas viagens e estavam destinados a participar das glórias dos seus descobrimentos. À sua direita sentava-se o sr. Tracy Tupman — o suscetibilíssimo Tupman, que, à sabedoria e experiência de mais maduros anos, acrescentava o entusiasmo e o ardor de um menino, na mais interessante e perdoável das fraquezas humanas — o amor. O tempo e a boa mesa haviam-lhe dilatado a forma, outrora romântica; o colete de seda preta desenvolvera-se-lhe cada vez mais; polegada por polegada, a corrente de ouro do relógio fora-se escapando, debaixo dele, do campo visual de Tupman; e, gradativamente, o queixo volumoso ultrapassara-lhe os bordos da gravata branca; mas a alma de Tupman não se alterara — e a admiração do belo sexo era-lhe ainda a paixão dominante. À esquerda do grande chefe sentava-se ainda o poético Snodgrass e, perto deste, Winkle, o caçador, o primeiro poeticamente envolvido numa misteriosa casaca azul, com gola de pele de cachorro, e o segundo a transmitir um lustre adicional a uma casaca verde e nova de caçador, ao lenço axadrezado do pescoço e a calça estreita, cor de cinza.

A oração do sr. Pickwick nessa conjuntura e os debates que dela se originaram estão registrados nas atas do clube. Todos apresentam grande semelhança com as discussões de outras célebres assembléias; e, como é sempre interessante evidenciar as analogias entre os atos dos grandes homens, transcreveremos a ata nestas páginas.

“Observou o sr. Pickwick (diz o secretário) que a fama é grata ao coração de todos os homens. A fama poética era grata ao coração do seu amigo Snodgrass; a fama das conquistas era igualmente cara a seu amigo Tupman; e o desejo de alcançar fama em todos os desportos do campo, do ar e da água imperava no seio do seu amigo Winkle. Ele (o sr. Pickwick) não negaria que experimentava a influência das paixões humanas e dos sentimentos humanos (aplausos) — quiçá das fraquezas humanas (gritos violentos de ‘Não’) —, mas uma coisa diria: se o fogo do amor-próprio lhe irrompera alguma vez no seio, apagara-o eficazmente o desejo de beneficiar, primeiro, o gênero humano. Os louvores dos homens constituíam-lhe o gosto; a filantropia era-lhe o escritório

de seguros. (Aplausos veementes.) Sentira certo orgulho — reconhecia-o abertamente, e tirassem disso os inimigos o proveito que pudessem —, sentira certo orgulho em apresentar ao mundo a sua teoria sobre os girinos, que podia ser célebre ou não. (Um grito de ‘É célebre’, e grandes aplausos.) Aceitaria a afirmação do honrado pickwickiano cuja voz acabara de ouvir — era célebre; mas, se a fama daquele tratado devesse estender-se aos mais remotos confins do mundo conhecido, o orgulho que lhe poderia advir da autoria daquela obra nada seria diante do orgulho com que olhava à sua volta, naquele momento, o mais glorioso de sua existência. (Aplausos.) Era um indivíduo humilde. (‘Não, não.’) Sem embargo, não poderia deixar de compreender que o haviam escolhido para um serviço de grande honra e algum perigo. As viagens se achavam numa situação confusa e os espíritos dos cocheiros andavam perturbados. Olhassem os presentes à sua volta e contemplassem as cenas que, em torno deles, se desenrolavam. Tombavam as diligências em todos os sentidos, os cavalos empinavam, os barcos viravam, explodiam as caldeiras. (Aplausos — Uma voz: ‘Não.’) Não! (Aplausos.) Tivesse o honrado pickwickiano que dissera ‘Não’ com tanta força a bondade de aproximar-se e desmenti-lo, se o pudesse. (Aplausos.) Quem havia gritado ‘Não’? (Aplausos entusiásticos.) Teria sido algum vaidoso e desapontado — já não diria um retroseiro (vivos aplausos) — que, invejoso dos louvores que tinham sido — talvez imerecidamente — conferidos às investigações dele, sr. Pickwick, e consumido pelas censuras acumuladas sobre as suas débeis tentativas de competição, valia-se agora desse processo vil e calunioso para...

“O sr. BLOTTON (de Aldgate) pediu a palavra pela ordem. Aludira a ele o honrado pickwickiano? (Gritos de ‘Ordem’, ‘sr. Presidente’, ‘Sim’, ‘Não’, ‘Continuem’, ‘Chega’, etc.)

“O sr. PICKWICK não quis deixar-se intimidar pelos clamores. Aludira, efetivamente, ao honrado cavalheiro. (Grande comoção.)

“O sr. BLOTTON, nesse caso, limitava-se a declarar que repelia a falsa e aleivosa acusação do honrado cavalheiro com profundo desprezo. (Grandes aplausos.) O honrado cavalheiro era um embusteiro. (Imensa confusão e gritos altos de ‘sr. Presidente’ e ‘Ordem’.)

“O sr. SNODGRASS pediu a palavra pela ordem. (Ouçam!) Queria saber se se permitiria que continuasse aquela vergonhosa disputa entre dois membros do clube. (‘Ouçam, ouçam.’)

“O PRESIDENTE tinha a absoluta certeza de que o honrado pickwickiano retiraria a expressão que acabara de empregar.

“O sr. BLOTTON, apesar de todo o respeito que consagrava ao presidente, tinha a absoluta certeza de que não a retiraria.

“Ao PRESIDENTE afigurou-se que lhe corria a imperativa obrigação de perguntar ao honrado cavalheiro se empregara a expressão que lhe acabava de fugir dos lábios num sentido comum.

“O sr. BLOTTON não vacilou em dizer que não — que empregara a palavra num sentido pickwickiano. (‘Ouçam, ouçam.’) Impedia-lhe reconhecer que, pessoalmente, dedicava a mais elevada estima e consideração ao honrado cavalheiro; e julgava-o embusteiro apenas de um ponto de vista pickwickiano. (‘Ouçam, ouçam.’)

“O sr. PICKWICK declarou-se muito satisfeito com a nobre, sincera e completa explicação do honrado amigo. E pediu fosse imediatamente compreendido que as suas próprias observações deviam ter uma interpretação puramente pickwickiana.”

Aqui termina a ata, e não duvidamos de que terminassem também os debates, chegados a tão clara e satisfatória conclusão. Carecemos de relatos oficiais sobre os fatos que o leitor verá registrados no capítulo seguinte, mas o terem sido cuidadosamente coligidos de cartas e outros manuscritos autorizados, indisputavelmente autênticos, justifica-lhes a narração em forma continuada.

CAPÍTULO II

O PRIMEIRO DIA DE VIAGEM E AS AVENTURAS DA PRIMEIRA TARDE; COM AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS.

O SOL, OBREIRO PONTUAL DE TODOS OS TRABALHOS, acabara de levantar-se e principiava a alumiar a manhã do dia 13 de maio de 1827, quando o sr. Pickwick rompeu, qual outro sol, do seu sono, escancarou a janela do quarto e considerou o mundo que lhe quedava embaixo. A rua Goswell estava a seus pés, a rua Goswell estava à sua direita — até onde a vista podia alcançar, a rua Goswell estendia-se-lhe à esquerda; e à sua frente estava o outro lado da rua Goswell. “Tais”, pensou o sr. Pickwick, “são as vistas estreitas desses filósofos que, contentando-se com examinar as coisas que jazem diante deles, não enxergam as verdades escondidas atrás delas. Eu também poderia contentar-me com olhar indefinidamente para a rua Goswell, sem o mínimo esforço por penetrar as ocultas regiões que de todos os lados a circundam.” E, tendo feito essa bela reflexão, entrou o sr. Pickwick a enfiar-se nas suas roupas e a enfiar as suas roupas na mala. Raros são os grandes homens demasiado escrupulosos no arranjo de seus trajes; a operação de barbear-se, vestir-se e ingerir o café foi logo executada; e uma hora depois, com a mala na mão, o telescópio no bolso do sobretudo e o caderno de apontamentos no colete, pronto para a recepção de quaisquer descobrimentos dignos de serem registrados, chegava o sr. Pickwick à estação de diligências em St. Martin’s-le-Grand.

— Cocheiro! — disse o sr. Pickwick.

— Pronto, senhor — berrou um estranho espécime da raça humana, que envergava um casaco de serapilheira e um avental do mesmo pano, e que, com uma placa de latão numerada à volta do pescoço, parecia catalogado nalguma coleção de raridades. Era o criado da estação. — Pronto, senhor. Vamos, primeiro cabriolé! — E, tendo sido o cocheiro tirado da taberna em que estivera fumando o seu cachimbo, o sr. Pickwick e a sua mala foram arremessados ao interior do veículo.

— Golden Cross — disse o sr. Pickwick.

— Um xelim apenas, Tommy — gritou mal-humorado o cocheiro, para informação do amigo, o moço da estação, quando partiu o cabriolé.

— Que idade tem esse cavalo, meu amigo? — perguntou o sr. Pickwick, esfregando o nariz com o xelim que destinara à passagem.

— Quarenta e dois — replicou o cocheiro, considerando-o de revés.

— Quê! — exclamou o sr. Pickwick, levando a mão ao caderno de apontamentos. O cocheiro reiterou a afirmação primeira. O sr. Pickwick olhou muito de fito o rosto do homem, mas os traços deste não se alteraram, de sorte que ele registrou incontinenti o fato.

— E por quanto tempo fica fora da cocheira? — insistiu o sr. Pickwick, à procura de novas informações.

— Duas ou três semanas — voltou o homem.

— Semanas! — registrou, atônito, o sr. Pickwick, e tornou a tirar o caderno de apontamentos.

— Ele mora em Pentonwil — observou, muito frio, o cocheiro —, mas quase nunca o levamos para casa, por causa da sua fraqueza.

— Por causa da sua fraqueza? — repetiu o perplexo sr. Pickwick.

— Sempre que o tiramos do carro ele cai — continuou o cocheiro —, mas, quando está atrelado, seguramos as guias bem curtas, de sorte que não pode cair tão facilmente; temos também um bom par de rodas, que correm atrás dele quando anda e não o deixam parar.

O sr. Pickwick assentou palavra por palavra, no caderno, o que lhe dissera o cocheiro, no intuito de comunicá-lo ao clube, como singular exemplo da vitalidade dos cavalos em circunstâncias difíceis. Mal terminara o assentamento quando chegaram a Golden Cross. Saltou o cocheiro ao chão e o sr. Pickwick saiu do carro. O sr. Tupman, o sr. Snodgrass e o sr. Winkle, que esperavam ansiosos a chegada do ilustre chefe, acorreram para saudá-lo.

— Aqui está o seu dinheiro — disse o sr. Pickwick, estendendo o xelim ao cocheiro.

Qual não foi o assombro do erudito homem quando essa inconcebível pessoa atirou o dinheiro ao pavimento e solicitou, em linguagem figurada, o prazer de lutar com ele (sr. Pickwick) pelo xelim!

— Esse homem está louco — disse o sr. Snodgrass.

— Ou bêbedo — disse o sr. Winkle.

— Ou ambas as coisas — disse o sr. Tupman.

— Vamos! — desafiou o cocheiro, esmurrando o ar como uma máquina de relógio. — Vamos, todos os quatro.

— Que boa pândega! — berrou meia dúzia de cocheiros de aluguel. — Mãos à obra, Sam — e cercaram o grupo com enorme satisfação.

— Que aconteceu, Sam? — indagou um cavalheiro que trazia mangas de algodão preto.

— Que aconteceu? — retorquiu o cocheiro. — Por que foi que ele quis o meu número?

— Eu não quis o seu número —olveu espantado o sr. Pickwick.

— E por que o tomou? — insistiu o cocheiro.

— Eu não o tomei — exclamou, indignado, o sr. Pickwick.

— Seria alguém capaz de acreditar — prosseguiu o cocheiro, apelando para a multidão —, seria alguém capaz de acreditar que entra um espia da polícia no carro de um homem, não só para lhe tomar o número, mas para anotar, ainda por cima, todas as palavras que diz? (Uma luz se fez no cérebro do sr. Pickwick — era o caderno de apontamentos.)

— Mas ele tomou? — perguntou o outro cocheiro.

— Tomou, tomou — respondeu o primeiro. — E depois de me haver obrigado, com as suas provocações, a agredi-lo, arranjou três testemunhas. Mas ele me paga, ainda que isso me custe seis meses de cadeia. Vamos! — e o cocheiro lançou o chapéu ao chão, com negligente descaso de suas propriedades, atirou longe os óculos do sr. Pickwick e continuou o ataque com um murro no nariz do sr. Pickwick, outro no peito do sr. Pickwick, um terceiro nos olhos do sr. Snodgrass, e um quarto, para variar, no colete do sr. Tupman; em seguida, pulou para a rua, depois voltou para a calçada e, finalmente, arrancou todo o suprimento temporário de fôlego do corpo do sr. Winkle; e tudo isso em meia dúzia de segundos.

— Não haverá um polícia por aqui? — perguntou o sr. Snodgrass.

— Coloquem-nos debaixo da bomba — sugeriu um pasteleiro.

— Os senhores hão de pagar por isto — resfolegou o sr. Pickwick.

— Espias! — rugiu a multidão.

— Vamos! — berrou o cocheiro, que não cessara de esmurrar o vento.

O populacho fora até então passivo espectador da cena, mas quando se espalhou a notícia de que os pickwickianos eram espias da polícia, principiou a discutir com extrema vivacidade a conveniência de levar a efeito a proposta do pasteleiro; e não há dúvida de que atos de agressão pessoal poderia ter

cometido não houvesse a contenda inesperadamente terminado com a intervenção de um recém-chegado.

— Que aconteceu? — perguntou um rapaz alto e magro, de casaca verde, subitamente saído do pátio dos carros.

— Espias! — voltou a berrar a turba.

— Não é verdade — bramiu o sr. Pickwick, num tom capaz de convencer qualquer ouvinte imparcial.

— Não são mesmo? — perguntou o rapaz, voltando-se para o sr. Pickwick, e abrindo caminho através da plebe com o infalível processo de acotovelar o rosto dos seus membros.

O erudito homem explicou em poucas e apressadas palavras a verdadeira situação do caso.

— Venham, então — disse o de casaca verde, arrastando atrás de si o sr. Pickwick à viva força e falando durante todo o trajeto. — Aqui, 924, receba o dinheiro e dê o fora... Um cavalheiro respeitável... Eu o conheço bem... Nada de tolices... Por aqui, senhor... Onde estão os seus amigos?... Vejo que foi tudo um engano... Não se amofinem... essas coisas acontecem... nas melhores famílias... Ninguém morre disso... É preciso coragem... Denunciem-no... Ele que se arrume... Malditos patifes. — E com uma longa fieira de sentenças truncadas como essas, proferidas com extraordinária volubilidade, o estranho abriu caminho para a sala de espera dos viajantes, aonde foi acompanhado de perto pelo sr. Pickwick e seus discípulos.

— Garçom! — gritou o estranho, tocando a campainha com tremenda violência. — Copos para todos... aguardente e água, quente e forte. E doce, e bastante... O olho machucado, senhor? Garçom! Um pedaço de carne crua para o olho do cavalheiro... Nada como a carne crua para um olho pisado, senhor; um poste frio também é muito bom, mas incômodo... Muito esquisito ficar a gente meia hora em plena rua com o olho encostado num poste... Ótimo... ha! ha! — E o estranho, sem descontinuar para tomar fôlego, engoliu de uma vez só meia canada da aguardente fumegante e atirou-se a uma cadeira com a mesma displicência com que o faria se nada de extraordinário houvesse acontecido.

Ao passo que os três companheiros se afadigavam em agradecer ao novo conhecido, o sr. Pickwick teve suficiente vagar para examinar-lhe os trajés e o aspecto.

Era, aproximadamente, de altura mediana, mas a magreza do corpo e o comprimento das pernas davam-lhe a aparência de ser muito mais alto. A casaca verde fora uma bonita vestimenta na época dos rabos-de-andorinha, mas adornara, evidentemente, nessa ocasião, um homem muito mais baixo, pois as mangas, ensebadas e desbotadas, mal chegavam aos pulsos do estranho. Trazia-a abotoada até o queixo, apesar do perigo iminente de rasgar-lhe as costas; e uma velha gravata, sem vestígios de colarinho, ornamentava-lhe o pescoço. A calça preta e apertada ostentava, aqui e ali, os remendos brilhantes que falam de longos serviços, e estavam fortemente presas a um par de sapatos remendados e consertados, como se devessem ocultar a sujeira das meias brancas que, não obstante, eram distintamente visíveis. Os cabelos, compridos e negros, escapavam-se-lhe, em ondas negligentes, de cada lado do velho chapéu de abas voltadas para cima! E podiam observar-se-lhe trechos dos pulsos nus entre os canhões das luvas e os punhos das mangas do casaco. O rosto era magro e pálido; mas um ar indescritível de alegre imprudência e perfeito domínio de si mesmo impregnava o homem todo.

Tal era o indivíduo em que se enfitava o sr. Pickwick através dos óculos (que ele, afortunadamente, recuperara), e a quem principiou, depois de exaustos os amigos, a apresentar por sua vez os mais calorosos agradecimentos pela sua recente assistência.

— Não falemos nisso — atalhou o estranho, interrompendo-lhe os cumprimentos —, basta; sujeito duro o tal cocheiro... sabe jogar aos punhos; mas se eu fosse o seu amigo da casaca verde... por Deus... ter-lhe-ia quebrado a cabeça... isso eu garanto... e a do pasteleiro também... palavra de honra.

Esse coerente espiche foi interrompido pela entrada do cocheiro de Rochester, para anunciar que o Comodoro estava a pique de partir.

— O Comodoro! — exclamou o estranho, erguendo-se. — O meu carro... lugar reservado... do lado de fora... paguem a conta... não tenho trocado... moedas falsas... dinheiro de Birmingham... não faz mal... os senhores não vêm? — e abanou a cabeça com muita convicção.

Ora, sucedia que o sr. Pickwick e os três companheiros haviam decidido fazer de Rochester também o seu primeiro ponto de parada; e havendo informado o recente conhecido que demandavam a mesma cidade, concordaram em ocupar o banco traseiro do carro, onde poderiam ficar todos juntos.

— Pois então, upa! — disse o estranho, ajudando o sr. Pickwick a escalar o teto do carro com tamanha precipitação que lhe transtornou assaz materialmente a gravidade do porte.

— Não tem bagagem, senhor? — perguntou o cocheiro.

— Quem... eu? Só este embrulho de papel pardo... O resto foi embarcado... caixas pregadas... grandes como casas... pesadas, pesadas, horrivelmente pesadas — replicou o estranho, procurando enfiar no bolso tudo o que podia do embrulho de papel pardo, que apresentava suspeitíssimas indicações de conter uma camisa e um lenço.

— As cabeças... cuidado com as cabeças! — gritou o loquaz desconhecido ao passarem pela abóbada baixa que naquele tempo constituía a entrada para o pátio dos carros. — Lugar terrível... trabalho perigoso... Outro dia... cinco crianças... a mãe, uma senhora alta, comendo sanduíches... esqueceu-se do arco... crac... bumba... as crianças olharam em torno... a cabeça da mãe tinha caído... um sanduíche na mão... sem boca para enfiá-lo... a cabeça de uma família caída... impressionante, muito impressionante! Está olhando para Whitehall, senhor?... Belo lugar... a janelinha... outra cabeça também caiu de lá, não foi?... Essa também não tomou muito cuidado... hein, senhor, bem?

— Estou ruminando — disse o sr. Pickwick — sobre a estranha mutabilidade das coisas humanas.

— Ah! já sei... A gente entra um dia pela porta do palácio e sai no outro pela janela. Filósofo, senhor?

— Observador da natureza humana, senhor — retrucou o sr. Pickwick.

— Ah, como eu. Muita gente é assim quando tem pouco que fazer e menos ainda que ganhar. Poeta, senhor?

— O meu amigo, sr. Snodgrass, tem uma pronunciada veia poética — volveu o sr. Pickwick.

— Eu também — tornou o estranho. — Poema épico... 10 mil versos... a revolução de julho... composto no próprio lugar... Marte de dia, Apolo de noite... descarregando o fuzil, tangendo a lira.

— O senhor presenciou a gloriosa cena? — inquiriu o sr. Snodgrass.

— Se a presenciei? Como não!^[3] Eu descarregava um mosquete... descarregava uma idéia... corria para a taberna... punha-a por escrito... voltava para a rua... pum, pum... outra idéia... a taberna de novo... pena e tinta... rua outra vez... cortava e acutilava... gloriosos tempos. O senhor é caçador? — perguntou, voltando-se, brusco, para o sr. Winkle.

— Um pouco, senhor — replicou esse cavalheiro.

— Bela ocupação... bela ocupação. — Cachorros?

— Por enquanto, não.

— Ah! devia ter cachorros... belos animais... sagazes criaturas... Um cachorro meu, certa vez... perdigueiro... instinto surpreendente... Saí um dia para caçar... entrava num couto... assobiei... o cachorro parou... tornei a assobiar... Ponto!... Não se mexeu; continuou imóvel... Chamei-o... Ponto, Ponto... Não quis andar... cachorro petrificado... olhando para uma tabuleta... ergui os olhos, vi uma inscrição... “O couteiro tem ordens para matar todos os cachorros encontrados neste couto”... Não quis passar... cão maravilhoso... cão inestimável... inestimável.

— Circunstância singular — observou o sr. Pickwick. — Permite-me que tome nota dela?

— Naturalmente, senhor, naturalmente... Cem outras anedotas do mesmo animal. — Bela rapariga, senhor (ao sr. Tracy Tupman, que vinha lançando diversos olhares antipickwickianos a uma jovem que passava pela estrada).

— Muito! — concordou o sr. Tupman.

— As raparigas inglesas não são tão belas como as espanholas... nobres criaturas... cabelos de azeviche... olhos negros... formas sedutoras... meigas criaturas... formosíssimas.

— Esteve na Espanha, senhor? — perguntou o sr. Tracy Tupman.

— Morei lá... séculos.

— Muitas conquistas? — indagou o sr. Tupman.

— Conquistas! Milhares. Don Bolaro Fizzgig... grande de Espanha... filha única... Dona Cristina... esplêndida criatura... morria de amores por mim... pai ciumento... filha apaixonada... inglês bonito... Dona Cristina desesperada... ácido prússico... bomba estomacal na minha mala... executou-se a operação... o velho Bolaro em êxtase... consente em nossa união... mãos unidas e torrentes de lágrimas... história romântica... muito romântica.

— Acha-se agora na Inglaterra esta senhora? — inquiriu o sr. Tupman, sobre o qual a descrição dos seus encantos causara profunda impressão.

— Morta, meu caro senhor... morta —olveu o desconhecido aplicando ao olho direito os exíguos remanescentes de um velho lenço de cambraia. — Nunca mais recuperarei a bomba estomacal... o organismo debilitado... foi vitimado.

— E o pai? — perguntou o poético Snodgrass.

— Remorso e aflição — retorquiu o estranho. — Desaparecimento súbito... a cidade inteira falou no caso... investigações em toda parte... sem resultado... A fonte da praça pública, de repente, parou de jorrar... Passaram-se semanas... A água não saía... Empregaram-se obreiros para limpá-la... Retirou-se a água... Meu sogro foi encontrado de cabeça para baixo no cano principal, com uma confissão completa na bota esquerda... Retiraram-no dali e a fonte voltou a funcionar, tão bem como antes.

— Consente em que eu tome nota desse romancezinho, senhor? — pediu o sr. Snodgrass, profundamente comovido.

— Certamente, senhor, certamente... Cinqüenta mais, se lhe apraz ouvi-los... Estranha vida, a minha... história curiosa... não extraordinária, mas singular.

Nesse diapasão, com um copo ocasional de cerveja, à guisa de parêntese, quando se mudavam os cavalos do carro, prosseguiu o desconhecido, até chegarem à ponte de Rochester, onde os cadernos de apontamentos, assim do sr. Pickwick como do sr. Snodgrass, já se achavam completamente cheios de seleções das suas aventuras.

— Magnífica ruína! — exclamou o sr. Augustus Snodgrass, com o poético fervor que lhe era peculiar, ao avistarem o belo e antigo castelo.

— Que objeto de estudo para um antiquário! — foram as palavras que caíram da boca do sr. Pickwick ao aplicar à vista o telescópio.

— Ah! formoso lugar — disse o estranho —, soberba massa... paredes sombrias... arcos vacilantes... escuros recantos... escadarias arruinadas... A velha catedral também... cheiro de terra... os velhos degraus gastos pelos pés dos peregrinos... pequenas portas saxônias... confessionários semelhantes a bilheterias de teatros... Gente engraçada esses monges... papas e tesoureiros, e toda a sorte de velhos sujeitos, com carões vermelhos e narizes quebrados, que todos os dias se desenterram... gibões de camurça também... arcabuzes de mecha... sarcófagos... belo lugar... velhas lendas... histórias estranhas: magnífico — e o desconhecido continuou o solilóquio até chegarem à Estalagem do Touro, na rua principal, onde o carro se deteve.

— Fica aqui, senhor? — perguntou o sr. Natanael Winkle.

— Aqui? Eu, não... Mas os senhores deviam ficar... boa casa... ótimas camas... O Hotel Wright, pegado, é caro... muito caro... meta coroa a mais na conta se olharem para o criado... cobra mais se jantarem em casa de um amigo do que se jantarem no hotel... gente engraçada... muito engraçada.

O sr. Winkle voltou-se para o sr. Pickwick e murmurou algumas palavras; o murmúrio passou do sr. Pickwick ao sr. Snodgrass, do sr. Snodgrass ao sr. Tupman, e trocaram-se acenos de assentimento. O sr. Pickwick dirigiu-se ao desconhecido.

— O senhor nos prestou um serviço importantíssimo hoje de manhã disse ele. — Permite que lhe ofereçamos uma pequena mostra da nossa gratidão solicitando o favor da sua companhia ao jantar?

— Com muito prazer... Não me atrevo a sugerir, mas que tal um frango assado e cogumelos?... Excelente coisa! A que horas?

— Deixe-me ver — redargüiu o sr. Pickwick, consultando o relógio —, já são quase 3. Que tal às 5?

— Para mim está ótimo — tornou o estranho — às 5, precisamente... Até já, então... Tenham cuidado consigo — e, levantando o chapéu de abas erguidas algumas polegadas acima da cabeça, para logo o recolocar, negligente, muito inclinado sobre um dos lados, com metade do embrulho de papel pardo a sair-lhe do bolso, o desconhecido cruzou rapidamente o pátio e desembocou na rua principal.

— É evidentemente um homem que viajou muitos países e profundo observador dos homens e das coisas — disse o sr. Pickwick.

— Eu gostaria de ver-lhe o poema — disse o sr. Snodgrass.

— Eu gostaria de ter visto o tal cachorro — disse o sr. Winkle.

O sr. Tupman não disse nada; mas pensava em dona Cristina, na bomba estomacal e na fonte; e tinha os olhos marejados de lágrimas.

Tendo sido reservado um refeitório particular, inspecionados os quartos de dormir e encomendado o jantar, saiu o grupo a visitar a cidade e as circunvizinhanças.

Não encontramos, depois de cuidado estudo das notas do sr. Pickwick sobre as quatro cidades, Stroud, Rochester, Chatham e Brompton, nenhuma divergência importante entre as suas impressões e as de outros viajantes que palmilharam o mesmo solo. Resume-se-lhe facilmente a descrição geral.

“As produções principais dessas cidades”, diz o sr. Pickwick, “parecem ser soldados, marinheiros, judeus, giz, camarões, oficiais e estivadores. As mercadorias principalmente expostas à venda nas vias públicas são provisões náuticas, caramelos, maçãs, linguados e ostras. As ruas apresentam um aspecto vivo e animado, principalmente causado pela sociabilidade dos militares. É deveras deleitoso para um espírito filantrópico ver cambalearem esses homens

intrépidos sob a influência de um excesso de espíritos assim animais como ardentes; maiormente se considerarmos que o segui-los e remoqueá-los proporciona uma diversão barata e indecente a todos os meninos da cidade. Nada”, acrescenta o sr. Pickwick, “pode exceder-lhes o bom humor. Na véspera da minha chegada, um deles havia sido grosseiramente insultado numa taberna. A criada negara-se terminantemente a dar-lhe mais bebida; em troca do que (só por brincadeira) ele arrancara da baioneta e ferira a rapariga no ombro. E, no entanto, esse bravo sujeito foi o primeiro que, na manhã seguinte, voltou à taberna para declarar que não guardava rancor nenhum e estava disposto a esquecer o ocorrido.

“O consumo do fumo nessas cidades”, continua o sr. Pickwick, “há de ser muito grande; e o cheiro que impregna as ruas deve ser excessivamente deleitoso para os que gostam de fumar. Um viajante superficial poderia criticar a lama, que é a principal característica dessas cidades; mas, para aqueles que a encaram como indicação de tráfego e de prosperidade comercial, é verdadeiramente grata.”

Às 5 horas, pontualmente, chegou o estranho e, pouco depois, o jantar. Livrara-se ele do embrulho de papel pardo, mas não fizera modificação alguma nos trajés; e estava, se possível, mais loquaz do que nunca.

— Que é isso? — perguntou, quando o garçom retirou um dos talheres.

— Linguados, senhor.

— Linguados... Ah... peixe excelente... vêm todos de Londres... os proprietários das diligências organizam jantares políticos para o transporte de linguados... dúzias de cestas... sujeitos espertos... Um copo de vinho, senhor?

— Com prazer — redargüiu o sr. Pickwick; e o estranho tomou vinho, primeiro com ele, depois com o sr. Snodgrass, depois com o sr. Tupman, depois com o sr. Winkle e depois com todos os presentes quase tão rapidamente quanto falava.

— Confusão dos diabos na escada, garçom — disse o desconhecido. — Bancos que sobem... carpinteiros que descem... lâmpadas, vidros, harpas. Que aconteceu?

— Um baile, senhor — respondeu o garçom.

— Baile por subscrição?

— Não, senhor. Baile beneficente.

— Sabe se há muitas mulheres bonitas na cidade? — indagou o sr. Tupman, com grande interesse.

— Esplêndidas... excelentes. Kent, senhor... toda a gente conhece Kent... maçãs, cerejas, lúpulo e mulheres. Um copo de vinho?

— Com muito prazer — replicou o sr. Tupman. O desconhecido encheu o copo e esvaziou-o.

— Eu gostaria imenso de ir — disse o sr. Tupman, voltando ao assunto do baile —, gostaria muitíssimo.

— Entradas no balcão, senhor — acudiu o garçom; — meio guinéu por pessoa.

O sr. Tupman voltou a expressar um desejo imenso de estar presente à festa, mas, não encontrando resposta nos olhos obscurecidos do sr. Snodgrass, nem no olhar abstrato do sr. Pickwick, aplicou-se com sumo interesse ao vinho do Porto e à sobremesa que se acabava de servir. Retirou-se o garçom, deixando o grupo a sós, para gozar-se das duas horas confortáveis que se seguem ao jantar.

— Perdão, senhor — disse o estranho —, a garrafa está parada... obrigue-a a dar a volta... como o sol... pela botoeira... sem deixar restos no copo — e esvaziou o seu, que enchera dois minutos antes, tornando a enchê-lo, com o ar de quem estava habituado àquilo.

Passou-se o vinho e encomendou-se nova provisão. O visitante falava, os pickwickianos ouviam. O sr. Tupman sentia-se, a cada momento, mais disposto a ir ao baile. Iluminava o semblante do sr. Pickwick uma expressão de filantropia universal; o sr. Winkle e o sr. Snodgrass haviam adormecido.

— Estão começando, lá em cima — disse o estranho —, escutem... os violinos tocam... agora a harpa... lá vão eles. — Os vários sons que chegavam ao pavimento inferior anunciavam o princípio da primeira quadrilha.

— Como eu gostaria de ir! — exclamou o sr. Tupman, outra vez.

— Eu também —olveu o estranho —, maldita bagagem... navios lerdos... não tenho com o que ir... engraçado, não é?

Ora, a benevolência geral era um dos traços principais da teoria pickwickiana, e ninguém mais notável pelo zelo com que observava princípio tão nobre que o sr. Tracy Tupman. O número de casos, registrados nas atas da sociedade, em que esse homem excelente remetera à casa de outros membros os infortunados que lhe vinham pedir roupas velhas e socorros pecuniários era quase incrível.

— Eu teria muita satisfação em poder emprestar-lhe um terno novo para a ocasião — disse o sr. Tracy Tupman —, mas o senhor é muito magro, e eu...

— Muito gordo... Baco crescido... cortou as folhas... desmontou o tonel e vestiu calça, não foi?... Não duplamente destilado, mas duplamente moído... ah! ah! Passe o vinho.

Se o sr. Tupman se indignou com o tom peremptório em que lhe pediram que passasse o vinho, tão rapidamente engolido pelo desconhecido; ou se se sentiu justamente escandalizado ao ver um membro influente do Clube Pickwick ignominiosamente comparado a um Baco desmontado, é um fato que ainda não se estabeleceu definitivamente. Passou o vinho, tossiu duas vezes e encarou o estranho, durante alguns segundos, com severa intensidade. Como o indivíduo, porém, parecesse perfeitamente calmo e sereno debaixo do seu olhar perscrutador, a pouco e pouco se reportou, e voltou a falar do baile.

— Eu estava a ponto de observar — disse ele — que se as minhas roupas são muito grandes para si, talvez lhe sirvam melhor os trajes do meu amigo sr. Winkle.

O estranho tomou com a vista as medidas do sr. Winkle; e o semblante alumiu-se-lhe de satisfação, ao dizer: “É exatamente o de que preciso”.

O sr. Tupman circunvolveu os olhos. O vinho, que exercera a sua soporífera influência sobre o sr. Snodgrass e o sr. Winkle, colhera de surpresa os sentidos do sr. Pickwick. Esse cavalheiro passara gradualmente pelas várias fases que precedem a letargia produzida pelo jantar, e as suas conseqüências. Experimentara as transições comuns entre o auge da alacridade e os abismos da tristeza, e entre os abismos da tristeza e o auge da alacridade. Como um lampião de gás, cheio de vento no tubo, alardeara por instantes um brilho desnatural; caíra depois tão baixo que mal se poderia enxergá-lo; após um breve intervalo, voltara a iluminar-se, para logo bruxulear, com luz vacilante e incerta, e, por fim, sumira-se completamente. Tinha a cabeça afundada no peito; e um ronco perpétuo, acompanhado, às vezes, de sufocações parciais, era a única indicação audível da presença do grande homem.

A tentação de assistir ao baile e de colher as primeiras impressões sobre a formosura das senhoras de Kent era forte no sr. Tupman. A tentação de levar consigo o estranho era igualmente forte. Desconhecia inteiramente o lugar e os seus habitantes; e o estranho parecia ter de ambos um grande conhecimento, pois lá vivera durante a sua infância. O sr. Winkle adormecera e o sr. Tupman tinha suficiente experiência desses assuntos para saber que, no momento em que ele acordasse, iria, seguindo o curso ordinário da natureza, rolando pesadamente para a cama. Quedou-se indeciso.

— Encha o copo e passe o vinho — disse o infatigável visitante.

O sr. Tupman fez o que lhe pediam; e o estímulo adicional do último copo levou-o a decidir-se.

— O quarto de Winkle dá para o meu — disse o sr. Tupman. — Eu não conseguiria fazê-lo compreender o que desejo se o acordasse agora, mas sei que tem um terno completo na mala; e se o senhor o usasse no baile, e o despisse quando voltássemos, eu poderia recolocá-lo facilmente no lugar sem incomodar o nosso amigo.

— Excelente — voltou o estranho —, plano magnífico... situação engraçadíssima... catorze casacas nas minhas malas e obrigado a usar a de outro... esplêndida idéia... muito boa.

— Temos de comprar as nossas entradas — disse o sr. Tupman.

— Não vale a pena trocar 1 guinéu — acudiu o estranho —, tiremos a sorte para ver quem paga as duas... eu escolho; o senhor atira uma moeda ao ar... na primeira vez... mulher... mulher... feiticeira mulher — e lá veio o soberano, com Dragão (chamado, por cortesia, a mulher) para cima.

O sr. Tupman tocou a campainha, comprou as entradas e mandou que trouxessem candeeiros. Um quarto de hora depois, estava o estranho inteiramente adornado com um traje completo do sr. Natanael Winkle.

— É uma casaca nova — disse o sr. Tupman, ao passo que o estranho se remirava com suma complacência num espelho emoldurado —, a primeira que se fez com o distintivo do nosso clube — e chamou a atenção do companheiro para o grande botão dourado, em que se via, no centro, o busto do sr. Pickwick, com as letras C. P. de cada lado.

— C. P. — considerou o estranho —, adereço engraçado... o retrato do velho e as letras C. P.... Que quer dizer C. P.... Singular, esta casaca, não é?

Com indignação crescente, e grande importância, explicou o sr. Tupman a mística divisa.

— Meio curta na cintura, não é mesmo? — observou o estranho, voltando-se para ver ao espelho os botões da cintura, que lhe tinham ficado na metade das costas. — Parece casaca de carteiro... esquisitas, essas casacas... feitas por contrato... sem medidas... misteriosos desígnios da Providência... todos os homens baixos têm casacas compridas... todos os homens altos têm casacas curtas. — E, prosseguindo nesse estilo, o novo companheiro do sr. Tupman ajustou os seus trajes, ou melhor, os trajes do sr. Winkle, e,

acompanhado do sr. Tupman, subiu as escadas que levavam para o salão de baile.

— Os nomes, senhores? — perguntou o homem que estava ao pé da porta. O sr. Tracy Tupman já se adiantava para anunciar os seus títulos, quando o estranho lhe tolheu os passos:

— Nada de nomes — e murmurou para o sr. Tupman: — Os nomes não valem nada... Não são conhecidos... Podem ser muito bons, mas não são grandes nomes... nomes excelentes numa festinha, mas não causariam impressão numa grande assembléia... Incógnitos, isso é que é... cavalheiros de Londres... nobres desconhecidos... qualquer coisa. — Abriu-se a porta; e o sr. Tracy Tupman e o estranho penetraram no salão de baile.

Era uma sala comprida, com bancos carmesins estofados e velas de cera em candelabros de vidro. Os músicos achavam-se cuidadosamente presos num estrado alto, e as quadrilhas eram sistematicamente atravessadas por dois ou três grupos de dançarinos. Duas mesas de jogo haviam sido preparadas na sala pegada, e dois pares de velhas senhoras e um número correspondente de vigorosos cavalheiros jogavam o *whist*.

Concluída a música, entraram os bailarinos a passear pela sala, e o sr. Tupman e o companheiro postaram-se num canto, para observar os presentes.

— Espere um pouco — disse o estranho —, vai ver uma coisa engraçada... as pessoas de qualidade ainda não chegaram... Lugar divertido... Os funcionários superiores do arsenal de marinha não se dão com os inferiores... os funcionários inferiores não se dão com os burgueses... os burgueses não se dão com os negociantes... o comissário do governo não se dá com ninguém.

— Quem é aquele rapazinho loiro, de olhos vermelhos, fantasiado? — perguntou o sr. Tupman.

— Silêncio, por favor... olhos vermelhos... fantasiado... rapazinho... tolice... Alferes do 97... o *honourable* Wilmot Snipe... grande família... os Snipes... muito grande.

— Sir Tomás Clubber, lady Clubber e as srtas. Clubbers! — berrou o homem da porta com voz estentórea. E em toda a sala produziu grande sensação a entrada de um cavalheiro alto, de casaca azul e botões brilhantes, uma senhora volumosa vestida de cetim azul e duas senhoritas, de idêntico feitio, com vestidos elegantes da mesma cor.

— Comissário do governo... diretor do arsenal... grande homem... notavelmente grande — sussurrou o estranho ao ouvido do sr. Tupman, ao

mesmo passo que a caridosa comissão de recepção do baile conduzia sir Tomás Clubber e a família ao ponto mais alto da sala. O *honourable* Wilmot Snipe e outros ilustres cavalheiros apressaram-se a apresentar as suas homenagens às srtas. Clubbers; e sir Tomás Clubber permaneceu ereto, contemplando, majestoso, a assembléia do alto da sua gravata preta.

O sr. Smithie, a sra. Smithie e as srtas. Smithies — foi o anúncio seguinte.

— Quem é o sr. Smithie? — perguntou o sr. Tracy Tupman.

— Qualquer coisa do arsenal — replicou o estranho. O sr. Smithie inclinou-se, deferente, para sir Tomás Clubber; e sir Tomás Clubber respondeu ao cumprimento com altiva condescendência. Lady Clubber olhou telescopicamente para a sra. Smithie e família, através de sua luneta, e a sra. Smithie olhou, por sua vez, para a sra. Fulana de Tal, cujo marido não pertencia ao arsenal.

— O coronel Bulder, a esposa do coronel Bulder e a srta. Bulder — anunciou em seguida.

— Comandante da guarnição — disse o desconhecido, respondendo ao olhar interrogativo do sr. Tupman.

A srta. Bulder foi calorosamente recebida pelas srtas. Clubbers; os cumprimentos entre a esposa do coronel Bulder e lady Clubber foram da mais afetuosa natureza; o coronel Bulder e sir Tomás Clubber trocaram caixas de rapé e pareciam muito um par de Alexander Selkirks — “Monarcas de quanto sobreolhavam.”

Ao passo que a aristocracia do lugar — os Bulders, os Clubbers e os Snipes — preservava dessa forma a sua dignidade no canto superior da sala, as outras classes da sociedade imitavam-lhe o exemplo nos outros cantos. Os oficiais menos aristocráticos do 97 dedicavam-se às famílias dos funcionários menos importantes do arsenal. As mulheres dos advogados e a do negociante de vinhos encabeçavam outro círculo (a esposa do cervejeiro visitava os Bulders); e a sra. Tomlinson, a agente do correio, parecia haver sido, por mútuo consentimento, escolhida para chefe do grupo dos comerciantes.

Um dos personagens mais populares, em seu próprio círculo, que se encontrava presente, era um homenzinho gordo, com um anel de cabelos negros eriçados à volta da cabeça e uma extensa planície calva em cima dela — o dr. Slammer, cirurgião do 97. O doutor tomava rapé com toda a gente, falava com toda a gente, ria-se, dançava, pilheriava, jogava o *whist*, fazia tudo e estava em toda a parte. A estas preocupações, posto que múltiplas, acrescentava a mais

importante de todas — era infatigável no cortejar, ininterrupta e devotadamente, uma viuvinha já idosa, cujos trajes ricos e cuja profusão de ornamentos a recomendavam como desejabilíssima adição a um parco rendimento.

Os olhos do sr. Tupman e do companheiro fitavam-se havia já algum tempo no doutor e na viúva, quando o estranho desfez o silêncio.

— Muito dinheiro... solteirona... doutor pomposo... não é má idéia... muito engraçado — foram as sentenças inteligíveis que lhe saíram dos lábios. O sr. Tupman encarou-lhe interrogativamente o rosto.

— Vou dançar com a viúva — disse o estranho.

— Quem é ela? — perguntou o sr. Tupman.

— Não sei... Nunca a vi mais gorda... Vou desbancar o doutor... Lá vou eu. — O estranho cruzou a sala; e, recostando-se à escharpa de uma chaminé, principiou a mirar com respeitosa e melancólica admiração o gordo semblante da velha senhora. O sr. Tupman fitou nele os olhos, com mudo assombro. O estranho progredia rapidamente; o doutor dançava com outra senhora; a viúva deixou cair o leque, o desconhecido apanhou-o e estendeu-lho... Um sorriso... Uma inclinação... Uma cortesia...

Algumas palavras de conversação. O estranho dirigiu-se, intrépido, ao mestre-de-cerimônias, e voltou com ele; uma pantomimazinha de apresentação; e o estranho e a sra. Budger tomaram os seus lugares na quadrilha.

Embora fosse grande a surpresa do sr. Tupman diante desse procedimento sumário, incomensuravelmente maior foi o pasmo do doutor. O desconhecido era moço e a viúva sentia-se lisonjeada. As atenções do doutor eram desdenhadas pela viúva; e a indignação do doutor não causava impressão alguma sobre o seu imperturbável rival. O dr. Slammer ficou paralisado. Ele, o dr. Slammer, do 97, ser desbancado num momento por um homem que ninguém nunca vira, e que ninguém ainda conhecia! Dr. Slammer... o dr. Slammer do 97 desbancado! Impossível! Não podia ser! No entanto, era verdade; lá estavam eles. Quê! E agora apresentava o amigo! Não podia acreditar no que viam os seus olhos! Voltou a olhar e viu-se na penosa necessidade de admitir a veracidade do que via: a sra. Budger dançava com o sr. Tracy Tupman, não havia dúvida. Lá estava a viúva diante dele, em carne e osso, pulando de vez em quando, com inusitado vigor; e o sr. Tracy Tupman, aos saltos em torno dela, com um rosto em que se expressava a mais intensa solenidade, dançando (como o faz muita gente boa) como se uma quadrilha

não fosse coisa para rir, mas uma prova severa de sentimentos, que exige uma inflexível resolução para suportar.

Silencioso e paciente, sofreu o doutor tudo isso, afora os oferecimentos de sangria, a espera dos copos, o avanço sobre os biscoitos, e o coquetear que se lhes seguiu; mas, poucos instantes depois, quando o desconhecido sumiu-se para conduzir a sra. Budger ao seu carro, precipitou-se para fora da sala, com todas as partículas de sua então sopitada indignação a efervescerem-lhe de todas as partes do rosto, que transpirava de paixão.

O estranho voltava, acompanhado do sr. Tupman. Dizendo qualquer coisa em voz baixa, riu. O doutor sentiu sede daquela vida. O outro exultava. Triunfara.

— Senhor — interpelou-o o doutor, com voz medonha, apresentando um cartão de visitas e retirando-se para um ângulo do corredor —, o meu nome é Slammer, dr. Slammer, senhor... do 97^o Regimento... nos Quartéis de Chatham... O meu cartão, senhor, o meu cartão — Teria acrescentado mais alguma coisa, mas a indignação sufocava-o.

— Ah! — replicou o estranho, friamente —, Slammer... muito obrigado... muito atencioso... Não estou doente agora, Slammer... Mas quando estiver... irei procurá-lo.

— O senhor... o senhor é um intrujão! — explodiu o furioso doutor. — Um poltrão... um covarde... um mentiroso... um... um... Nada o induzirá a dar-me o seu cartão?

— Oh! Agora percebo — revidou o estranho, meio de lado —, a sangria aqui é muito forte... O dono da casa é muito liberal... Grande asneira... muito grande... a limonada é preferível... salas quentes... senhores de idade... Vai sofrer por causa disso amanhã cedo... Triste... muito triste — e afastou-se um ou dois passos.

— O senhor está hospedado nesta casa — recalcitou, indignado, o homenzinho. — Agora está embriagado; mas terá notícias minhas amanhã cedo. Saberei encontrá-lo, senhor, saberei encontrá-lo.

— Ser-lhe-á mais fácil encontrar-me na rua do que em casa — redargüiu o estranho, impassível.

Com ferocíssimo aspecto, o dr. Slammer enfiou o chapéu na cabeça, dando-lhe uma pancada furiosa; e o estranho e o sr. Tupman subiram para o quarto deste último a fim de devolver as penas emprestadas ao inconsciente Winkle.

Este cavalheiro dormia profundamente; a restituição não tardou a se fazer. O estranho mostrava-se extremamente facetos; e o sr. Tracy Tupman, atordoado com o vinho, a sangria, as luzes e as damas, considerava tudo aquilo como impagável brincadeira. O seu novo amigo partiu; e, depois de experimentar uma pequena dificuldade em achar o orifício do barrete de dormir, originalmente destinado à recepção da sua cabeça, e derrubando, por fim, o castiçal em seus esforços para colocá-lo, o sr. Tracy Tupman teve traças de enfiar-se na cama por meio de uma série de complicadas evoluções e, pouco depois, mergulhava no sono.

Mas cessara o relógio de dar as 7, na manhã imediata, quando o espírito universal do sr. Pickwick foi despertado do estado de inconsciência, em que o sono o imergira, por fortes pancadas à porta do quarto.

— Quem é? — perguntou o sr. Pickwick, saltando na cama.

— O criado, senhor.

— Que quer?

— Poderia fazer-me o obséquo de dizer qual dos senhores usa uma casaca azul-clara, de botão dourado, com as letras C e P?

— Deram-lho para escovar — pensou o sr. Pickwick — e o homem já não sabe a quem pertence. — Sr. Winkle — gritou —, terceiro quarto, à direita.

— Obrigado, senhor — disse o criado, afastando-se.

— Que aconteceu? — gritou o sr. Tupman, quando uma violenta pancada à sua porta o arrancou, a ele, do sono do esquecimento.

— Posso falar com o sr. Winkle, senhor? — retrucou, de fora, o criado.

— Winkle... Winkle! — berrou o sr. Tupman, chamando para o quarto interior.

— Alô! — respondeu uma voz fraca, do fundo das cobertas.

— Querem falar-lhe... Há uma pessoa à porta — e, depois do esforço que lhe foi preciso para articular tudo isso, o sr. Tracy Tupman voltou-se para o lado e tornou a cair no sono.

— Querem falar-me! — repetiu o sr. Winkle, saltando, à pressa, da cama e vestindo algumas peças de roupa. — Querem falar-me! A esta distância da cidade... Mas quem é que pode querer falar-me?

— Um cavalheiro na sala de jantar — retrucou o criado, quando o sr. Winkle abriu a porta e se defrontou com ele. — Diz o cavalheiro que o não deterá por muito tempo, senhor, mas que não admite recusas.

— Muito esquisito! — disse o sr. Winkle. — Descerei imediatamente. Enrolou-se, precipitadamente, num chale de viagem e num roupão, e desceu as escadas. Uma velha e dois criados limpavam a sala e um oficial, à paisana, olhava pela janela. Voltou-se quando o sr. Winkle entrou e fez uma rígida inclinação de cabeça. E, depois de haver ordenado aos criados que se retirassem e fechado muito cuidadosamente a porta, perguntou: — O senhor é o sr. Winkle, se não me engano?

— O meu nome é Winkle, senhor.

— Nesse caso não se surpreenderá, se eu lhe disser que vim aqui hoje cedo de parte do meu amigo, o dr. Slammer, do 97.

— O dr. Slammer! — exclamou o sr. Winkle.

— O dr. Slammer. Ele me encarregou de dizer-lhe que acha que o seu procedimento ontem à noite foi tal que nenhum cavalheiro seria capaz de tolerar; e — acrescentou — que nenhum cavalheiro poderia ter para com outro.

O assombro do sr. Winkle era tão real e tão evidente que não poderia escapar à observação do amigo do dr. Slammer; este, portanto, continuou:

— O meu amigo, dr. Slammer, pediu-me acrescentasse estar firmemente persuadido de que o senhor esteve embriagado parte da noite e não teve, talvez, consciência da extensão do insulto que lhe dirigiu. Encarregou-me de dizer que, se o senhor alegar esse fato como escusa para o seu procedimento, consentirá em aceitar uma satisfação escrita, redigida por si e ditada por mim.

— Uma satisfação escrita! — repetiu o sr. Winkle, no tom de assombro mais enfático possível.

— O senhor, naturalmente, conhece a alternativa — replicou, friamente, o visitante.

— Incumbiram-no dessa mensagem para mim, pessoalmente? — indagou o sr. Winkle, cujo intelecto se achava desesperadamente confuso com tão extraordinária conversação.

— Eu não me achava presente — voltou o visitante —, e, em consequência da sua firme recusa de dar ao dr. Slammer o seu cartão, pediu-me esse cavalheiro que identificasse a pessoa que usava uma casaca assaz extraordinária... uma casaca azul-clara, com um botão dourado em que se viam um busto e as letras C e P.

O sr. Winkle quase desmaiou de espanto ao ouvir tão minuciosa descrição do seu próprio fato. O amigo do dr. Slammer prosseguiu: — As investigações

que acabo de fazer no balcão convenceram-me de que o dono da casaca em apreço chegou aqui, ontem à tarde, em companhia de três cavalheiros. Mandei consultar imediatamente o cavalheiro que me descreveram como chefe do grupo, e ele me indicou incontinenti o senhor.

Se a torre principal do castelo de Rochester tivesse inopinadamente saído dos seus alicerces e caminhado até a frente da janela da sala de jantar, a surpresa do sr. Winkle não teria sido nada em comparação ao pasmo profundo com que ouviu as palavras do outro. A sua primeira impressão foi a de que a casaca fora roubada. — Permite-me que eu o detenha por um instante?

— Naturalmente — replicou o importuno visitante.

O sr. Winkle subiu rapidamente as escadas e, com mão trêmula, abriu a mala. Lá estava a casaca no lugar habitual, evidenciando, porém, depois de mais acurado exame, ter sido manifestamente usada na noite anterior.

— Foi isso, com certeza — disse o sr. Winkle entre si, deixando cair a casaca das mãos. — Bebi muito vinho depois do jantar e tenho uma lembrança muito vaga de haver caminhado pelas ruas e fumado um charuto. O fato é que eu estava muito bêbedo; devo ter trocado de casaca... ido a algum lugar... e insultado alguém... não há dúvida nenhuma; e esta mensagem é a terrível consequência. — Monologando assim, tresandou o sr. Winkle para a sala de jantar, com a tremenda e sombria decisão de aceitar o desafio do belicoso dr. Slammer e sujeitar-se às piores consequências que dele poderiam advir.

A essa determinação foi levado o sr. Winkle por uma série de considerações: a primeira das quais era a sua reputação perante o clube. Sempre o haviam considerado grande autoridade em todas as questões de recreio e destreza, defensivas, ofensivas, ou inofensivas; e, se, na primeira ocasião em que era posto à prova, recuasse, sob os olhos do chefe, perderia para sempre o nome e a posição. Além disso, lembrava-lhe ter ouvido dizer amiúde aos não iniciados nesses assuntos que, por um implícito arranjo entre os padrinhos, eram as pistolas raro carregadas de balas; e, além do mais, refletiu, se pedisse ao sr. Snodgrass que lhe servisse de padrinho, e descrevesse o perigo em termos vigorosos, esse cavalheiro poderia, quiçá, transmitir a informação ao sr. Pickwick, o qual, por certo, não perderia tempo em comunicá-la às autoridades locais, impedindo, dessarte, fosse morto ou deteriorado o seu discípulo.

Tais eram os seus pensamentos ao voltar para a sala de jantar e ao declarar que aceitava o desafio do doutor.

— Quererá o senhor indicar-me um amigo para combinarmos a hora e o local do encontro? — perguntou o oficial.

— Isso é desnecessário — retorquiu o sr. Winkle. — Designe-os o senhor e poderei depois procurar um amigo que me acompanhe.

— Que tal... ao pôr-do-sol hoje à tarde? — perguntou o oficial, em tom negligente

— Muito bem — retrucou o sr. Winkle, achando, interiormente, que era muito mal.

— O senhor conhece o Forte Pitt?

— Conheço; vi-o ontem.

— Se quiser dar-se ao trabalho de virar para o campo que bordeja a trincheira, tomar o atalho à esquerda quando chegar a um ângulo da fortificação e seguir para a frente até encontrar-se comigo, eu o conduzirei a um local solitário, onde o caso poderá ser decidido sem receio de interrupções.

“Receio de interrupções!”, pensou o sr. Winkle.

— Creio então, que não há mais nada para tratar — disse o oficial.

— Que se saiba, não — redargüiu o sr. Winkle. — Bom dia.

— Bom dia — e o oficial afastou-se, assobiando uma canção brejeira.

Naquela manhã correu tristemente o desjejum. O sr. Tupman não se achava em condições de levantar-se, depois das inusitadas extravagâncias da véspera; o sr. Snodgrass parecia experimentar uma poética depressão de espírito; e o próprio sr. Pickwick demonstrava desusado apego à água de soda. O sr. Winkle aguardava, ansioso, a sua oportunidade; esta não demorou em chegar. O sr. Snodgrass propôs uma visita ao castelo, e como fosse o sr. Winkle o único membro do grupo disposto a caminhar, saíram juntos.

— Snodgrass — disse o sr. Winkle, assim que deixaram a via pública —, Snodgrass, meu caro, posso fiar-me na sua discrição? — E esperava, ao dizê-lo, ardente e devotamente, que não pudesse.

— Pode — replicou o sr. Snodgrass. — Se quiser que eu jure...

— Não, não — atalhou o sr. Winkle, aterrado com a idéia de que o companheiro se compromettesse, inconscientemente, a não transmitir a informação. — Não jure, não jure; não é preciso.

O sr. Snodgrass deixou cair a mão que, num movimento poético, erguera para as nuvens ao fazer o apelo acima, e assumiu uma postura de atenção.

— Preciso da sua assistência, meu caro amigo, num caso de honra — disse o sr. Winkle.

— Pois há de tê-la — respondeu o sr. Snodgrass, apertando-lhe a mão.

— Com um doutor... o dr. Slammer, do 97— prosseguiu o sr. Winkle, desejando emprestar ao assunto o aspecto mais solene possível. — Uma pendência com um oficial, que tem por padrinho outro oficial, ao pôr-do-sol, hoje à tarde, num campo solitário, além de Forte Pitt.

— Eu o acompanharei — disse o sr. Snodgrass.

O sr. Winkle estava espantado, mas não desanimado. É extraordinária a frieza que uma pessoa pode demonstrar nesses casos quando não é o principal interessado. Esquecera-se disso. Julgara os sentimentos do amigo pelos seus.

— As conseqüências podem ser terríveis — acrescentou o sr. Winkle.

— Espero que não — disse o sr. Snodgrass.

— Penso que o doutor atira muito bem — voltou o sr. Winkle.

— Quase todos os militares são bons atiradores — observou, muito calmo, o sr. Snodgrass. — Mas você também é, não é verdade?

O sr. Winkle replicou afirmativamente; e, conhecendo que não assustara suficientemente o amigo, mudou de tática.

— Snodgrass — exclamou com voz trêmula de comoção —, se eu morrer, você encontrará num embrulho, que lhe hei de entregar, um bilhete para meu... para meu pai.

Esse ataque também falhou. O sr. Snodgrass estava comovido, mas encarregou-se de entregar o bilhete com a presteza de um estafeta.

— Se eu morrer — tornou o sr. Winkle —, ou se morrer o doutor, você, meu querido amigo, será julgado como cúmplice. Deverei expor um amigo a ser deportado... talvez — para o resto da vida?

O sr. Snodgrass estremeceu, mas o seu heroísmo foi invencível. — Pela causa da amizade — exclamou com fervor —, arrostarei todos os perigos.

Sabe Deus quanto o sr. Winkle amaldiçoou, intimamente, a dedicada amizade do companheiro, enquanto caminhavam em silêncio, ao lado um do outro, durante alguns minutos, cada qual mergulhado em suas próprias meditações! A manhã passava; ele desesperou-se.

— Snodgrass — disse, parando de repente —, não deixe que me atrapalhem nesse negócio... Não dê informação nenhuma às autoridades locais... Não peça a assistência de vários oficiais da polícia, para que me prendam, nem ao dr. Slammer, do Regimento 97, presentemente aquartelado em Chatham, a fim de impedir o duelo. Veja lá, não faça nada disso.

O sr. Snodgrass apoderou-se, com ímpeto, da mão do amigo ao responder, entusiasmado: — Não, por nada deste mundo!

Um calafrio percorreu o corpo do sr. Winkle ao persuadir-se — de que nada poderia esperar dos temores do amigo, e que estava destinado a converter-se num simples alvo animado.

— Explicados formalmente os pormenores do caso ao sr. Snodgrass e alugada a um fabricante de Rochester uma caixa de pistolas satisfatórias, com o satisfatório acompanhamento de pólvora, balas e cápsulas, voltaram os dois amigos à estalagem; o sr. Winkle para ruminar sobre a luta que se aproximava, e o sr. Snodgrass para arranjar as armas de guerra e colocá-las em condições de serem imediatamente usadas.

Caía a tarde triste e pesada quando volveram a sair para o desagradável empreendimento. O sr. Winkle envolvera-se num enorme sobretudo para não ser visto, e o sr. Snodgrass levava, debaixo do seu, os instrumentos de destruição.

— Você trouxe tudo? — indagou o sr. Winkle, em tom agitado.

— Tudo — respondeu o sr. Snodgrass. — Bastante munição para o caso de não fazerem efeito os tiros. Na caixa, vai um quarto de libra de pólvora, e trago no bolso dois jornais para servirem de buchas.

Eram estas mostras de amizade pelas quais qualquer um poderia razoavelmente sentir-se gratíssimo. Presume-se fosse tão intensa a gratidão do sr. Winkle que não se podia manifestar por meio de palavras, pois caminhava em silêncio e assaz lentamente.

— Chegamos com tempo — disse o sr. Snodgrass, ao passo que transpunham a cerca do primeiro campo. — Agora é que o sol está-se pondo.

O sr. Winkle fitou os olhos no globo que declinava e pensou dolorosamente na possibilidade de “pôr-se” ele também, dentro em pouco.

— Lá está o oficial — exclamou o sr. Winkle, depois de caminhar alguns minutos.

— Onde? — perguntou o sr. Snodgrass.

— Lá... — Aquele cavalheiro de casaca azul. — O sr. Snodgrass olhou na direção do indicador do amigo, e distinguiu uma figura, encapotada, segundo a descrição. O oficial mostrou que dera pela presença deles fazendo um leve aceno de mão; e os dois amigos seguiram-no a pequena distância, à medida que ele se afastava.

A tarde se tornava, a cada passo, mais escura, e um vento melancólico zunia sobre os campos desertos, como um gigante que assobiasse, de longe, pelo seu cão. A tristeza da cena emprestou uma lúgubre tintura aos sentimentos do sr. Winkle. Ele estremeceu ao passar pelo ângulo da trincheira — dir-se-ia um túmulo colossal.

O oficial deixou, de repente, o atalho e, após escalar uma estacada e transpor uma sebe, entrou num campo afastado. Dois homens lá estavam, a espera; um deles era um homenzinho gordo, com cabelos negros; e o outro — imponente personagem que trajava um sobretudo cheio de alamares — estava sentado com perfeita equanimidade num banco de campanha.

— É, com certeza, o outro grupo, acompanhado de um cirurgião — disse o sr. Snodgrass. — Tome um gole de aguardente. O sr. Winkle tomou da garrafa coberta de vime que o amigo lhe estendia e sorveu um bom trago da bebida fortificante.

— Meu amigo, senhor, o sr. Snodgrass — disse o sr. Winkle, quando o oficial se aproximou. Inclinou-se o amigo do dr. Slammer, e apresentou uma caixa semelhante à que trazia o sr. Snodgrass.

— Creio que não temos mais nada para dizer — observou friamente, ao abrir a caixa. — As justificações foram terminantemente recusadas.

— Mais nada, senhor — volveu o sr. Snodgrass, que principiava a sentir-se também pouco à vontade.

— Quer dar-se ao incômodo de adiantar-se? — perguntou o oficial.

— Certamente — replicou o sr. Snodgrass. Mediu-se o terreno e concertaram-se as preliminares.

— O senhor achará estas aqui melhores do que as suas — disse o padrinho adversário, exibindo as suas pistolas. — Viu-me carregá-las. Opõe-se a fazer uso delas?

— Está claro que não — retrucou o sr. Snodgrass. O oficial tirava-o de um embaraço considerável, pois eram meio vagas e indefinidas as suas noções acerca de carregar pistolas.

— Creio, então, que podemos colocar os nossos homens em seus lugares — observou o oficial, com a mesma indiferença com que o faria se os principais fossem peças de xadrez e os padrinhos, jogadores.

— Creio que podemos — assentiu o sr. Snodgrass, que teria anuído a qualquer proposta, pois não entendia patavina do assunto. O oficial voltou-se para o dr. Slammer, e o sr. Snodgrass aproximou-se do sr. Winkle.

— Está tudo pronto — disse ele, oferecendo a pistola. — Dê-me o seu capote.

— O embrulho está com você, meu caro amigo — disse o pobre Winkle.

— Está certo — redargüiu o sr. Snodgrass. — Seja firme e acerte-lhe o ombro.

Ocorreu ao sr. Winkle que esse conselho era muito semelhante ao que dão invariavelmente os circunstantes ao menor dos meninos numa briga de rua, a saber, “Vamos, desanque-o” — admirável recomendação, quando a gente sabe, ao menos, como executá-la. Despiu, todavia, o capote em silêncio — levava sempre muito tempo a tirar aquele capote — e aceitou a pistola. Retiraram-se os padrinhos, o cavalheiro sentado sobre o banco de campanha fez o mesmo, e os beligerantes aproximaram-se um do outro.

O sr. Winkle fora sempre notável pela sua humanidade extrema. Conjetura-se que a sua repugnância em ferir intencionalmente um semelhante foi o que o levou a cerrar os olhos, chegado ao local fatal; e a circunstância de estarem fechados os seus olhos impediu-o de observar o procedimento assaz extraordinário e inexplicável do dr. Slammer. Esse cavalheiro estremeceu, encarou o outro, afastou-se, esfregou os olhos, tornou a encará-lo; e finalmente, gritou: “Parem, parem!”.

— Que é isto? — perguntou o dr. Slammer quando o seu amigo e o sr. Snodgrass se aproximaram, a correr. — Não é este o homem.

— Não é o homem! — disse o padrinho do dr. Slammer.

— Não é o homem! — disse o sr. Snodgrass.

— Não é o homem! — disse o cavalheiro com o assento de campanha na mão.

— Claro que não — voltou o doutorzinho. — Não foi essa a pessoa que me insultou ontem à noite.

— É extraordinário! — exclamou o oficial.

— Muito — concordou o cavalheiro com o banco de campanha. — Resta apenas saber se o cavalheiro, já que se acha, no campo, não deve ser considerado, por uma questão de forma, o indivíduo que insultou o nosso amigo, dr. Slammer, ontem à noite, seja ele ou não seja realmente o mesmo indivíduo. — E, tendo feito essa sugestão, com ar sapiente e misterioso, o homem com o assento de campanha tomou uma grande pitada de rapé e relanceou profundamente o olhar à sua volta, com ar de autoridade no assunto.

Ora, o sr. Winkle abriu os olhos e os ouvidos quando ouviu o adversário exigir uma cessação de hostilidades; e percebendo-lhe, pelas palavras, que havia indisputavelmente algum engano no caso, previu de pronto o acrescentamento de reputação que lhe adviria de ocultar o verdadeiro motivo do seu comparecimento. Adiantou-se, pois, atrevidamente, e declarou:

— Eu não sou a pessoa. Já o sabia.

— Nesse caso — interveio o homem do assento —, isto é uma afronta ao dr. Slammer, e razão suficiente para que se proceda sem demora ao duelo.

— Fique quieto, por favor, Payne — disse o padrinho do doutor. — Por que não me comunicou esse fato hoje cedo, senhor?

— Naturalmente, naturalmente — acudiu, indignado, o homem do assento.

— Peço-lhe que fique quieto, Payne — tornou o outro. — Posso repetir a pergunta, senhor?

— Porque — replicou o sr. Winkle, que tivera tempo para pensar numa resposta —, porque o senhor me disse que uma pessoa embriagada e mal-educada vestia uma casaca que eu tenho a honra, não só de usar, mas também de ter inventado... o proposto uniforme do Clube Pickwick, de Londres. Sinto-me obrigado a manter a honra desse uniforme, portanto, sem maiores indagações aceitei o desafio que me foi feito.

— Meu caro senhor — exclamou o jovial doutorzinho, adiantando-se com a mão estendida —, rendo homenagem à sua galanteria. Permita-me dizer-lhe que admiro muitíssimo o seu procedimento, e lamento extremamente haver-lhe causado o incômodo deste encontro, sem necessidade.

— Peço-lhe que não fale nisso — disse o sr. Winkle.

— Terei muito orgulho em conhecê-lo — volveu o doutorzinho.

— E eu terei a maior satisfação em conhecê-lo — replicou o sr. Winkle. Diante disso o doutor e o sr. Winkle apertaram-se as mãos, depois fizeram o mesmo o sr. Winkle e o tenente Tappleton (o padrinho do doutor), o sr. Winkle e o homem do banco de campanha e, finalmente, o sr. Winkle e o sr. Snodgrass — este último levado de um excesso de admiração ao procedimento nobre do heróico amigo.

— Creio que podemos dar o caso por encerrado — disse o tenente Tappleton.

— Por certo — acrescentou o doutor.

— A não ser — atalhou o homem do assento de campanha —, a não ser que o sr. Winkle se sinta ofendido pelo desafio; nesse caso, reconheço que tem o direito de exigir satisfações.

O sr. Winkle, com suma abnegação, declarou que já estava plenamente satisfeito.

— Ou talvez — disse o homem com o assento de campanha — o padrinho do cavalheiro se sinta insultado por algumas observações que me escaparam no princípio deste encontro; nesse caso, eu teria imenso prazer em dar-lhe imediata satisfação.

O sr. Snodgrass apressou-se em agradecer, efusivamente, ao cavalheiro que acabara de falar, o delicado oferecimento, que só recusava por estar inteiramente satisfeito com a maneira por que se haviam passado as coisas. Os dois padrinhos ajustaram as caixas, e o grupo todo deixou o terreno com muito maior animação do que lá entrara.

— Demora-se muito aqui? — perguntou o dr. Slammer ao sr. Winkle, enquanto caminhavam, muito amigos, ao lado um do outro.

— Penso que partiremos depois de amanhã — foi a resposta.

— Confio em que terei o prazer de vê-lo e ver os seus amigos em meus aposentos, e de passar consigo uma noite agradável, depois deste desagradável equívoco — disse o doutorzinho. — Tem algum compromisso para hoje à noite?

— Temos aqui alguns amigos — replicou o sr. Winkle —, e eu não gostaria de deixá-los hoje à noite. Talvez o senhor e os seus companheiros queiram encontrar-se conosco na Estalagem do Touro.

— Com grande prazer — respondeu o doutorzinho. — Não será muito tarde às dez, para uma visita de meia hora?

— De maneira nenhuma — volveu o sr. Winkle. — Eu gostaria muito de apresentá-lo aos meus amigos, o sr. Pickwick e o sr. Tupman.

— O prazer será todo meu — retorquiu o dr. Slammer, mal suspeitando da identidade do sr. Tupman.

— Irão sem falta? — perguntou o sr. Snodgrass.

— Mas é claro!

A esse tempo já haviam chegado à estrada. Trocaram-se adeuses cordiais, e o grupo separou-se. O dr. Slammer e os amigos retornaram aos quartéis, e o sr. Winkle, acompanhado de seu amigo, o sr. Snodgrass, desandou para a estalagem.

CAPÍTULO III

NOVO CONHECIMENTO. A HISTÓRIA DE UM ATOR AMBULANTE. INTERRUPTÃO DESAGRADÁVEL E ENCONTRO INOPORTUNO.

EM CONSEQÜÊNCIA DA DESUSADA ausência dos dois amigos, sentira o sr. Pickwick algumas apreensões, que o misterioso procedimento deles durante a manhã não havia, de forma alguma, tendido a diminuir. Foi, portanto, com mais do que ordinária satisfação que se levantou para saudá-los quando tornaram a entrar; e foi com interesse mais do que ordinário que perguntou o que acontecera para o privarem da sua companhia. Já se dispunha o sr. Snodgrass a apresentar um histórico relato das circunstâncias que acabamos de particularizar, quando inopinadamente notou que também estavam presentes não só o sr. Tupman e o seu companheiro de diligência da véspera, senão outro desconhecido de aspecto igualmente singular. Era um homem de aparência cansada, cujo rosto pálido e cujos olhos profundamente cavados pareciam ainda mais impressionantes do que os fizera a natureza, em virtude dos cabelos lisos e negros que lhe caíam, emaranhados e em desalinho, pelo rosto. Tinha os olhos extraordinariamente brilhantes e penetrantes; os ossos das faces, altos e salientes; e eram tão longas e descarnadas as mandíbulas, que um observador poderia supor que ele estivesse retraindo a carne do rosto por alguma contração dos músculos, se a boca, entreaberta, e a expressão imóvel não indicassem ser essa a sua aparência ordinária. Trazia um xale verde à volta do pescoço, cujas pontas grandes, espalhadas sobre o peito, apareciam, de quando em quando, pelas casas puídas dos botões do velho colete. Envergava um longo sobretudo preto; e vestia, debaixo dele, calça larga de pano ordinário e botas muito grandes, ameaçadas de ruína iminente.

Foi nessa pessoa de extravagante aspecto que se fitaram os olhos do sr. Winkle, e foi na sua direção que o sr. Pickwick estendeu a mão, ao dizer: — Está aqui um amigo do nosso amigo. Descobrimos hoje cedo que o nosso

amigo mantinha relações com o teatro neste local, embora não deseje que isso seja conhecido de todos, e este cavalheiro exerce a mesma profissão. Estava a ponto de mimosar-nos com uma anedotazinha a propósito, quando vocês entraram.

— Muitas anedotas — disse o estranho de casaca verde da véspera, adiantando-se para o sr. Winkle e falando em tom baixo e confidencial.

— Sujeito original... Faz os trabalhos pesados... Não é ator... Homem estranho... toda sorte de misérias... Jemmy, o Triste, é como lhe chamamos na companhia. — O sr. Winkle e o sr. Snodgrass cumprimentaram, polidos, o cavalheiro, elegantemente alcunhado de “Jemmy,

o Triste”; e, pedindo aguardente e água, como fizera o resto da companhia, sentaram-se à mesa.

— Agora, senhor — disse o sr. Pickwick —, quer fazer-nos o obséquo de começar o que nos ia referir?

O fúnebre indivíduo sacou do bolso um rolo sujo de papel e, voltando-se para o sr. Snodgrass, que acabava de tirar o seu caderno de apontamentos, disse com voz cavernosa, perfeitamente de acordo com o seu exterior: — É o senhor o poeta?

— Eu... eu faço alguma coisa nesse gênero — redargüiu o sr. Snodgrass, algo desconcertado pelo abrupto da pergunta.

— Ah! a poesia faz da vida o que fazem do palco as luzes e a música... Tirando de um os seus falsos atavios e da outra as suas ilusões, que restará de real em qualquer uma dessas coisas que nos mereça a vida e o interesse?

— É bem verdade — retrucou o sr. Snodgrass.

— Estar diante das luzes da ribalta — continuou o homem triste — é o mesmo que assistir a uma reunião da corte e admirar os vestidos de seda da multidão faustosa; estar atrás delas é ser o fabricante dessas pompas, desprezado e desconhecido, que pode afundar ou nadar, morrer à mingua ou viver, como quiser a fortuna.

— Decerto — assentiu o sr. Snodgrass; pois os olhos encovados do homem triste se haviam fitado em seu rosto, e ele sentia a necessidade de dizer alguma coisa.

— Continue, Jemmy — disse o viajante espanhol —, vamos... Anime-se. Deixe de grasnar... Fale... Mostre-se amável.

— Não quer preparar outro copo antes de começar? — perguntou o sr. Pickwick.

O homem triste aceitou a sugestão e, tendo misturado num copo aguardente e água e engolido metade do conteúdo, abriu o rolo de papel e pôs-se ora a ler, ora a narrar o seguinte incidente, que achamos registrado nas atas do clube como “A história do ator ambulante”.

A HISTÓRIA DO ATOR AMBULANTE

“Não há nada de maravilhoso no que vou contar”, disse o homem triste; “não há sequer nada de extraordinário. As necessidades e moléstias são tão comuns em muitas situações da vida, que não merecem maior atenção do que a que se dispensa à maioria das vicissitudes ordinárias da natureza humana. Reuni estas poucas notas porque lhes conheci, durante muitos anos, o protagonista. Tracei-lhe a queda a passo e passo, até que o vi chegar ao abismo da ignomínia, de que nunca mais se levantou.

“O homem a que aludo era um reles ator de pantomimas; e, como muitas pessoas de sua classe, um bêbedo habitual. Em seus melhores dias, antes de o haver enfraquecido a devassidão e emagrecido a moléstia, ganhava um bom salário, que, se tivesse sido cuidadoso e prudente, poderia ter continuado a receber durante alguns anos — não muitos; porque esses homens morrem cedo ou, pelo desgaste excessivo de suas energias corporais, perdem, prematuramente, o vigor físico de que dependem para subsistir. Senhoreou-o tão depressa o vício habitual, entretanto, que se verificou ser impossível empregá-lo nas situações em que era realmente útil ao teatro. A taberna tinha para ele encantos a que não sabia resistir. A moléstia desamparada e a pobreza sem esperanças seriam o seu quinhão tão certo como a própria morte, se persistisse no mesmo curso de vida; sem embargo, persistiu, e pode-se adivinhar o resultado. Não conseguia emprego e carecia de pão.

“Quem quer que conheça um pouco de teatro conhece o exército de andrajosos pobretões que vive a cercar o palco de um vasto estabelecimento desse gênero — atores sem emprego fixo, bailarinos, figurantes, comparsas etc., empregados enquanto dura uma pantomima ou alguma peça de Páscoa, e logo despedidos, até que a apresentação de outro espetáculo requeira os seus serviços. A esse modo de vida foi o homem obrigado a recorrer; e o trabalhar todas as noites nalgum teatrinho mambembe dava-lhe mais alguns xelins por semana e permitia-lhe satisfazer a sua velha propensão. Mas até esse recurso veio logo a faltar-lhe: eram tão grandes as suas extravagâncias que não lhe

permitiam ganhar a magra pitaça que assim poderia ter conseguido, e ficou efetivamente reduzido a um estado que confina com a fome e a morte, conseguindo apenas migalhas ocasionais quando as pedia emprestadas a antigos companheiros, ou logrando empregar-se nalgum dos teatros mais ínfimos; e quando ganhava alguma coisa, gastava-a segundo o velho sistema.

“Mais ou menos a esse tempo, em que ele já vivia havia mais de um ano sem que ninguém soubesse como, fui contratado para trabalhar por pouco tempo num dos teatros da margem sul do Tâmis, e lá encontrei esse homem, que eu tinha perdido de vista fazia já algum tempo; pois enquanto eu viajara pela província, ele vadiara pelos becos e vielas de Londres. Vestido para sair, eu cruzava o palco quando ele me bateu no ombro. Nunca me esquecerá o espetáculo repulsivo que os meus olhos encontraram quando me voltei. Ele estava vestido para a pantomima, com todo o grotesco de um traje de palhaço. As figuras espectrais da Dança da Morte, as mais pavorosas formas que o mais hábil dos pintores já conseguiu reproduzir na tela jamais apresentariam tão sepulcral aspecto. O corpo intumescido e as pernas esqueléticas — cuja deformidade era cem vezes realçada pela fantástica vestimenta —, os olhos vítreos, que medonhamente contrastavam com a espessa camada de tinta com que besuntara o rosto; a cabeça grotescamente ornamentada, trêmula de paralisia, e as mãos longas, ósseas, esfregadas com alvaiade — tudo isso lhe emprestava uma aparência medonha e desnatural, de que nenhuma descrição poderia dar uma idéia adequada, e pensando na qual, até hoje tremo. A voz era cavernosa e trêmula quando me chamou de parte e, em palavras entrecortadas, me recitou um longo catálogo de doenças e privações, concluindo, como sempre, por pedir, urgentemente, que lhe emprestasse uma quantia insignificante. Pus-lhe na mão alguns xelins e, quando me voltei, ouvi as estrondosas gargalhadas que se seguiram à sua primeira cambalhota no palco.

“Poucas noites depois, um menino colocou-me na mão um pedacinho sujo de papel, em que se liam algumas palavras rabiscadas a lápis, que me informavam estar o homem perigosamente doente, e me pediam fosse vê-lo, depois do espetáculo, em sua casa, nalguma rua — esquece-me agora o seu nome — não muito longe do teatro. Prometi ir lá, assim que pudesse sair: e, depois de cair o pano, saí a executar o meu triste ofício.

“Era tarde, pois eu trabalhara na última peça; e, como fosse récita de benefício, as sessões haviam-se prolongado inusitadamente. Era uma noite escura e fria, e o vento, úmido e gelado, atirava a chuva, com violência, às

janelas e frontarias das casas. Poças de água tinham-se formado nas ruas estreitas e pouco freqüentadas, e, como grande número dos raros candeeiros havia sido apagado pela violência do temporal, a caminhada não era apenas incômoda, senão também muito incerta. Eu tomara, felizmente, o caminho certo e consegui, depois de alguma dificuldade, encontrar a casa que me fora indicada — um depósito de carvão, de um pavimento só, em cujos fundos jazia o objeto da minha busca. “Uma mulher de aspecto miserável, a mulher do palhaço, veio ter comigo na escada e, contando-me que ele acabara de cair numa espécie de modorra, fez-me entrar mansamente, e colocou uma cadeira para mim ao pé da cama. Jazia o doente com o rosto voltado para a parede; e, como não desse tento da minha presença, tive tempo suficiente para examinar o lugar em que me achava.

“Ele estava deitado sobre uma armação de cama que se retirava durante o dia. Os restos esfarrapados de uma cortina de riscado viam-se enrolados em torno da cabeceira da cama, a fim de obstar a passagem do vento, que, sem embargo, penetrava o quarto mesquinho através das numerosas frinchas da porta e, a todo instante, agitava a cortina. Um lume fraco de pó de carvão ardia numa grelha estragada e ferrugenta; e diante dela se erguia uma velha mesa manchada, de três pés, em cima da qual havia alguns frascos de remédios, um espelho quebrado e outros utensílios domésticos. Uma criancinha dormia sobre uma cama temporária, improvisada no chão, e à beira dela, numa cadeira, sentara-se a mulher. Havia duas prateleiras, com alguns pratos, copos e pires, e um par de sapatos de teatro e dois floretes estavam colocados ao lado. Com exceção de algumas pilhas de trapos e feixes, atirados em desordem para os cantos, era esta toda a mobília do quarto.

“Tive tempo para notar esses pequenos pormenores e a respiração pesada e os estremecimentos febris do doente, antes que este se advertisse da minha presença. Na agitação com que procurava uma cômoda posição para descansar a cabeça, atirou a mão para fora da cama e ela veio cair sobre a minha. Ele estremeceu e me olhou muito de fito.

— É o sr. Hutley, João — disse a mulher. — O sr. Hutley, que você mandou chamar hoje à noite, você sabe.

— Ah! — disse o inválido, passando a mão pela testa. — Hutley... Hutley... deixe-me ver. — Pareceu tentar coligir as idéias durante alguns segundos e, depois, apertando-me o pulso com força, disse: — Não me deixe, não me deixe, meu velho. Ela vai matar-me; eu sei que vai.

— Há muito tempo que ele está assim? — perguntei, dirigindo-me à esposa, que chorava.

— Desde ontem à noite — replicou ela. — João, João, você não me conhece?

— Não a deixe aproximar-se de mim — exclamou o homem, estremecendo, quando ela se inclinou sobre ele. — Mande-a embora; não posso vê-la perto de mim. — Encarou-a torvamente, com um olhar de pavor mortal, e murmurou depois ao meu ouvido: — Eu ontem lhe bati, Jem; bati ontem e muitas vezes antes. Deixei-a quase morta de fome, e ao menino também; mas agora estou fraco e indefeso, Jem, e ela vai matar-me por causa disso; eu sei que vai. Se você a tivesse visto chorar, como eu vi, também saberia. Leve-a embora. — Afrouxou-me o pulso e deixou-se cair, exausto, sobre o travesseiro.

“Eu estava farto de saber o que significava tudo aquilo. E se ainda pudesse ter alguma dúvida, por um instante, um olhar ao rosto pálido e à figura magra da mulher me teria explicado suficientemente a verdadeira situação do caso. — É melhor que se retire — disse eu à pobre criatura.

— Não lhe pode fazer bem algum. Ele talvez se acalme se não a enxergar. — Ela afastou-se da vista do marido. Ele abriu os olhos, depois de alguns segundos, e olhou, ansiosamente, à sua volta.

— Ela já foi? — perguntou, com ímpeto.

— Foi... foi — disse eu. — Não lhe fará mal.

— Pois eu lhe conto, Jem — disse o homem, em voz baixa —, ela me faz mal. Qualquer coisa nos seus olhos desperta em meu coração um medo terrível que me deixa louco. Durante toda a noite passada os seus grandes olhos fixos e o seu rosto pálido estiveram diante de mim; para onde quer que eu virasse, viravam eles também; e toda vez que eu acordava, sobressaltado, ela estava ao meu lado, olhando para mim. — Puxou-me para mais perto e disse-me num cicio profundo e pávido: — Jem, ela, com certeza, é um espírito mau... um demônio! Silêncio! Eu sei que é. Se fosse uma mulher teria morrido há muito tempo. Mulher nenhuma suportaria o que ela suportou.

“Estremeci ao pensar na longa série de crueldades e desprezos que deveriam ter ocorrido para produzir tal impressão num homem daqueles. Não pude responder coisa alguma; pois quem poderia oferecer esperanças ou consolo à abjeta criatura que estava à minha frente?

“Lá me quedei por mais de duas horas, durante as quais ele se agitou, murmurando exclamações de dor ou impaciência, arremessando os braços para

cá e para lá, e voltando-se constantemente de um lado para outro. Afinal, caiu neste estado de inconsciência parcial, em que o espírito erra, desassossegado, de uma cena a outra, de um lugar a outro, sem o domínio da razão, mas ainda sem poder alijar de si uma indescritível sensação de sofrimento presente. Verificando, pelos seus desvarios incoerentes, que era esse o caso, e conhecendo que muito provavelmente a febre não se agravaria de pronto, deixei-o, prometendo à infortunada esposa que repetiria a visita na noite seguinte e, se necessário, velaria ao pé do paciente.

“Cumprí a promessa. As últimas 24 horas tinham produzido uma tremenda alteração. Os olhos, se bem que muito fundos e pesados, tinham um brilho que infundia pavor. Os lábios, ressequidos, estavam partidos em muitos lugares: a pele, seca e dura, queimava, e no rosto se lhe estampava uma expressão quase sobrenatural de ansiedade feroz, que indicava ainda mais vigorosamente os estragos causados pela moléstia. A febre estava no auge.

“Tomei a cadeira que ocupara na véspera, e lá fiquei horas e horas, ouvindo os ruídos capazes de comover o coração do mais desapiadado dos homens — os desvarios medonhos de um moribundo. Pelo que ouvira do médico que o assistia, sabia que não lhe restava a mínima esperança: eu me achava ao pé do seu leito de morte. Vi os membros devastados, que poucas horas antes se tinham retorcido para divertir uma ruidosa galeria, contraídos na tortura de uma febre escaldante — ouvi o riso agudo do palhaço misturado aos cavos murmúrios do moribundo.

“É comovente ouvirmos o espírito voltar-se para as tarefas e ocupações ordinárias do homem válido, quando jaz diante de nós o corpo, fraco e sem defesa; mas quando essas ocupações são da natureza mais vigorosamente oposta a quanto se associe com idéias solenes ou graves, a impressão produzida é infinitamente mais forte. O teatro e a taberna eram os temas principais dos desvarios do desgraçado. Imaginava que devia representar um papel naquela noite; era tarde e precisava sair imediatamente de casa. Por que o retinham e impediam de sair? Ele perderia dinheiro; precisava ir. Não! Não o deixariam. Escondeu o rosto nas mãos escaldantes e debilmente se queixou da própria fraqueza e da crueldade dos perseguidores. Uma pequena pausa e, logo, berrou uns versos horríveis — os últimos que aprendera. Levantou-se na cama, estendeu os membros descarnados e assumiu toda a sorte de posições grotescas; estava representando — estava no teatro. Um minuto de silêncio, e murmurou o estribilho de uma canção burlesca. Alcançara, por fim, o velho

casarão: como estava quente a sala! Estivera doente, muito doente, mas agora estava bom, e contente. Enchessem-lhe o copo. Mas quem era que lho partia entre os lábios? Era o mesmo perseguidor que até então o seguira. Deixou-se cair sobre o travesseiro e pôs-se a gemer em voz alta. Um breve período de esquecimento e viu-se a errar num monótono labirinto de salas baixas e abobadadas — tão baixas, a reveses que lhe era preciso arrastar-se sobre as mãos e os joelhos para prosseguir; tudo à sua roda era escuro e sufocante e, a cada passo, algum obstáculo impedia-lhe o progresso. Havia insetos também, medonhos, que rastejavam com os olhos cravados nele, e enchiam o próprio ar à sua volta, brilhando horrivelmente no meio da densa escuridão do lugar. Paredes e teto esfervilhavam de répteis; as abóbadas se alongavam medonhamente; figuras pavorosas esvoaçavam de todos os lados; e os rostos dos homens que ele conhecia, deformados por esgares e contorções, espiavam por entre elas; queimavam-no com ferro em brasa e apertavam-lhe a cabeça entre cordas, até que o sangue principiasse a jorrar; e ele lutava, desesperado, pela vida.

“Ao termo de um desses paroxismos, depois de me haver dado enorme trabalho o segurá-lo na cama, mergulhou no que parecia ser uma espécie de torpor. Esgotado pela vigília e pelo esforço, havia já alguns minutos que eu fechara os olhos quando senti que uma mão me segurava violentamente o ombro. Acordei. Ele erguera-se a ponto de sentar-se na cama — modificara-se-lhe o rosto pavorosamente, mas a consciência lhe voltara, pois evidentemente me reconheceu. A criança, havia muito perturbada pelos seus desvarios, ergueu-se da caminha e correu para o pai, a gritar de medo. A mãe precipitou-se para a reter nos braços, a fim de que ele não a machucasse na violência da sua loucura; mas, terrificada pela alteração dos traços, quedou, petrificada, ao pé da cama. Ele me agarrou convulsivamente o ombro e, golpeando o peito com a outra mão, fez um desesperado esforço para articular alguma coisa. Debalde. Estendeu o braço para eles e fez outro esforço violento. Seguiu-se um ruído estertoroso na garganta... um rebrilhar dos olhos.... um breve gemido sufocado... e ele caiu para trás — morto!”

Ser-nos-ia gratíssimo registrar a opinião do sr. Pickwick sobre a anedota anterior. Temos a certeza de que a poderíamos ter apresentado, não fosse um desgraçado acidente.

O sr. Pickwick tornara a colocar sobre a mesa o copo que, durante as últimas sentenças da narrativa, segurara na mão, e dispunha-se a falar — pois temos, com efeito, a autoridade do caderno de apontamentos do sr. Snodgrass para afirmar que chegara a abrir a boca — quando entrou na sala o criado para anunciar:

— Uns cavalheiros, senhor.

Conjetura-se que o sr. Pickwick estava a ponto de fazer algumas observações, que teriam iluminado o mundo, senão o Tâmis, quando foi assim interrompido: pois olhou, severo, para o rosto do criado e, logo, relanceou a vista pelos presentes, como que à procura de uma informação relativa aos recém-chegados.

— Oh! — disse o sr. Winkle, erguendo-se — alguns amigos meus... Faça-os entrar. Uns sujeitos muito agradáveis — ajuntou, depois que se retirou o criado. — Oficiais do 97, com quem travei conhecimento hoje de manhã cedo, de maneira assaz extraordinária. Vocês gostarão muito deles.

Restabeleceu-se incontinenti a equanimidade do sr. Pickwick. O criado voltou e introduziu na sala três cavalheiros.

— Tenente Tappleton — disse o sr. Winkle —, tenente Tappleton, sr. Pickwick ... dr. Payne, sr. Pickwick, sr. Snodgrass, já conhecem; o meu amigo sr. Tupman, dr. Payne... dr. Slammer, sr. Pickwick... sr. Tupman, dr. Slam...

A essa altura, fez o sr. Winkle uma pausa súbita; pois era visível uma forte comoção no semblante assim do sr. Tupman como do doutor.

— Com este cavalheiro já me encontrei — disse o doutor, com acentuada ênfase.

— Deveras? — perguntou o sr. Winkle.

— E... e com esta pessoa também, se não me engano — continuou o doutor, lançando um olhar perscrutador ao desconhecido de casaca verde. — Creio que fiz a esse sujeito um convite muito insistente ontem à noite, que ele entendeu conveniente recusar. — E, dizendo isso, o doutor encarou carrancudo o estranho e murmurou qualquer coisa ao seu amigo tenente Tappleton.

— Não me diga — exclamou esse cavalheiro ao terminar o murmúrio.

— É isso mesmo — replicou o doutor.

— Pois devia esmurrá-lo agora mesmo — sussurrou, muito importante, o dono do banco de campanha.

— Fique quieto, Payne — acudiu o tenente. — Permita-me perguntar-lhe, senhor — prosseguiu, dirigindo-se ao sr. Pickwick, singularmente intrigado com esses segredinhos grosseiros —, permita-me perguntar-lhe, senhor, se esta pessoa faz parte do seu grupo?

— Não, senhor — replicou o sr. Pickwick —, é uma visita nossa.

— E membro do seu clube, se não me engano? — tornou a indagar o tenente.

— Por certo que não — retrucou o sr. Pickwick.

— E nunca usa o distintivo do clube? — insistiu o tenente.

— Não... nunca! — retorquiu espantado o sr. Pickwick.

O tenente Tappleton voltou-se para o amigo, o dr. Slammer, com um dar de ombros apenas perceptível, como a indicar alguma dúvida sobre a precisão das suas recordações. O doutorzinho parecia colérico, mas confuso; e o dr. Payne mirava com aspecto feroz o semblante radioso do inconsciente Pickwick.

— Senhor — disse o doutor, dirigindo-se de súbito ao sr. Tupman, num tom que levou esse cavalheiro a estremecer tão perceptivelmente como se lhe tivessem enfiado, velhacamente, um alfinete na barriga da perna —, o senhor esteve aqui no baile ontem à noite!

O sr. Tupman suspirou uma fraca afirmativa, os olhos cravados durante todo o tempo no sr. Pickwick.

— Esta pessoa estava em sua companhia — prosseguiu o doutor, apontando para o estranho, ainda impassível.

O sr. Tupman admitiu o fato.

— Pois agora, senhor — disse o doutor ao desconhecido —, torno a perguntar-lhe, na presença destes cavalheiros, se prefere dar-me o seu cartão de visitas e ser tratado como um cavalheiro; ou se me impõe a necessidade de ministrar-lhe aqui mesmo, pessoalmente, uma correção?

— Espere, senhor — atalhou o sr. Pickwick —, não posso permitir que isto continue sem uma explicação. Tupman, relate as circunstâncias.

O sr. Tupman, tão solenemente invocado, expôs o caso em poucas palavras; referiu-se, por alto, ao empréstimo da casaca; estendeu-se longamente sobre o fato de havê-lo feito “após o jantar”; manifestou, por sua conta, um pequeno arrependimento; e deixou ao desconhecido a tarefa de explicar-se como pudesse.

Este já se dispunha, aparentemente, a fazê-lo, quando o tenente Tappleton, que o estivera encarando com suma curiosidade, perguntou, muito desdenhoso:

— Não o terei visto no teatro, senhor?

— Certamente — redargüiu o desconhecido, sem se intimidar.

— É um ator ambulante — declarou o tenente, com desdém. E voltando-se para o dr. Slammer: — Representa na peça que os oficiais do 52 levarão amanhã à noite no Teatro Rochester. Você não pode dar prosseguimento ao caso, Slammer... é impossível!

— Impossível! — repetiu o altivo Payne.

— Lamento havê-lo colocado nesta desagradável situação — disse o tenente Tappleton, dirigindo-se ao sr. Pickwick. — Permita-me sugerir-lhe que a melhor maneira de evitar a repetição destas cenas para o futuro é ser mais escrupuloso na escolha dos seus companheiros. Boa noite, senhor! — e o tenente precipitou-se para fora da sala.

— E permita-me dizer-lhe também — acudiu o irascível dr. Payne — que, se eu fosse Tappleton, ou fosse Slammer, ter-lhe-ia torcido o nariz e torcido o nariz de todos os componentes do grupo. Palavra que o teria, senhor, de todos. O meu nome é Payne... dr. Payne, do 43. Boa noite. — E, tendo concluído essa tirada e pronunciado as três últimas palavras em voz alta, saiu, majestoso, atrás do amigo, seguido de perto pelo dr. Slammer, que não disse nada, contentando-se em fulminar os presentes com um olhar.

A cólera crescente e um espanto enorme haviam intumescido o nobre peito do sr. Pickwick, quase a ponto de arrebentar-lhe o colete, durante o tempo que duraram essas provocações. Quedou petrificado no lugar, o olhar muito vago. O fechar-se a porta devolveu-lhe a consciência de si mesmo. Atirou-se para a frente com os olhos em chamas. A mão pousara-lhe no trinco; mais um instante, e ele se atiraria à garganta do dr. Payne, do 43, se o sr. Snodgrass não tivesse detido o venerado chefe pelo rabo da casaca, puxando-o para trás.

— Detenham-no — gritou o sr. Snodgrass —, Winkle, Tupman. Ele não deve arriscar a sua preciosa vida por uma coisa dessas.

— Larguem-me — disse o sr. Pickwick.

— Segurem-no bem forte — berrou o sr. Snodgrass. E os esforços conjuntos de todos os presentes conseguiram levá-lo a uma poltrona.

— Deixem-no em paz — disse o desconhecido de casaca verde. — Aguardente com água... Velhote valente... corajoso... Engula isto... ah!... excelente bebida. — Depois de haver experimentado as virtudes de um copo

cheio até as bordas, preparado pelo homem triste, o estranho aplicou-o aos lábios do sr. Pickwick; o resto do conteúdo desapareceu rapidamente.

Seguiu-se breve pausa; a aguardente com água fizera o seu efeito; o semblante amável do sr. Pickwick recuperava rapidamente a costumeira expressão.

— Eles não são dignos da sua atenção — disse o homem triste.

— Tem razão, senhor — replicou o sr. Pickwick —, não são mesmo. Envergonho-me de ter permitido que me arrastasse o ardor dos meus sentimentos. Chegue a sua cadeira para a mesa, senhor.

O homem triste obedeceu prontamente; formou-se de novo um círculo à volta da mesa e a harmonia voltou a prevalecer. Uns restos de irritação pareciam abrigar-se ainda no peito do sr. Winkle, possivelmente ocasionados pela temporária subtração da casaca — se bem não seja razoável supor que uma circunstância tão insignificante pudesse haver excitado um sentimento de cólera, ainda que passageiro, num peito pickwickiano. Com esta exceção, restabeleceu-se de todo o bom humor; e a noite terminou com a mesma alacridade com que havia começado.

CAPÍTULO IV

UM DIA NUM ACAMPAMENTO. NOVOS AMIGOS; E UM CONVITE PARA IR AO CAMPO.

A MUITOS AUTORES REPUGNA, tola e desonestamente, indicar as fontes de que extraem muitas informações valiosas. Não compartimos desse modo de pensar. Procuramos tão-somente desempenhar, com correção, as responsabilidades das nossas funções editoriais; e, seja qual for a ambição que possamos ter tido, em outras circunstâncias, de reclamar a autoria dessas aventuras, o respeito à verdade nos tolhe de reivindicar mais do que o mérito de sua judiciosa compilação e de sua narrativa imparcial. Os documentos do Clube Pickwick são o nosso reservatório. Os trabalhos alheios representam para nós imenso repositório de fatos importantes. Limitamo-nos a ordená-los e comunicá-los, como límpida e suave corrente, a um mundo sequioso de conhecimento pickwickiano.

Procedendo com esse espírito e prosseguindo, resolutamente, com a determinação de reconhecer as nossas obrigações às autoridades consultadas, confessamos francamente dever ao caderno de apontamentos do sr. Snodgrass os pormenores registrados neste capítulo e no seguinte — pormenores que, aliviada agora a nossa consciência, passaremos a referir sem mais comentários.

Toda a população de Rochester e das cidades adjacentes levantou-se cedo de suas camas na manhã seguinte, num estado de grande alvoroço e excitação. Uma grande revista devia passar-se nas fileiras do exército. As manobras de meia dúzia de regimentos seriam inspecionadas pelos olhos de águia do comandante-chefe; tinham-se construído fortificações temporárias, a cidadela devia ser acometida e tomada e era preciso fazer explodir uma mina.

O sr. Pickwick, como terão concluído os leitores do pequeno resumo que demos da sua descrição de Chatham, era um entusiástico admirador do exército. Nada lhe poderia ser mais deleitoso — nada poderia harmonizar-se melhor com os sentimentos particulares de cada um dos seus companheiros — do que o espetáculo. Por isso mesmo levantaram-se cedo e puseram-se a

caminho do teatro das operações, para o qual afluíam multidões vindas de todos os cantos da cidade.

Tudo na aparência das tropas indicava que a próxima cerimônia seria de extraordinária grandiosidade e importância. Havia sentinelas colocadas para delimitar o terreno reservado ao exército, e criados nas baterias para reservar os lugares das senhoras, e sargentos a correrem de um lado para outro, sobraçando livros encadernados em pergaminho, e o coronel Bulder, em uniforme de gala, a cavalo, a galopar para cá e para lá, fazendo recuar o animal sobre o povo, curveteando, cabriolando, berrando de forma assustadora, muito rouco de voz e vermelho de rosto, sem que ninguém soubesse por quê. Oficiais disparavam para a frente e para trás, comunicando-se primeiro com o coronel Bulder, depois dando ordens aos sargentos e, finalmente, desaparecendo de todo: e até os soldados rasos olhavam por cima das golas lustrosas com um ar de misteriosa solenidade, que indicava suficientemente a natureza especial da ocasião.

O sr. Pickwick e os três companheiros, colocados na primeira fila de espectadores, esperavam, pacientes, o princípio da cerimônia. A multidão aumentava a cada instante; e os esforços que eram obrigados a fazer para conservarem a posição que tinham conseguido ocuparam-lhes fartamente a atenção durante as duas horas seguintes. Em dado momento, houve uma súbita pressão vinda de trás; e o sr. Pickwick foi arremessado várias jardas para a frente, com uma rapidez e elasticidade que de forma alguma condiziam com a habitual gravidade do seu porte; em outra ocasião, ouviu-se um pedido para recuar, vindo da frente, e a coroa de um mosquete ou caía sobre o dedo do pé do sr. Pickwick a fim de lembrar-lhe o pedido, ou lhe era arremessada ao peito, para obrigá-lo a obedecer. Em seguida, alguns facetos cavalheiros, à esquerda, depois de haverem feito pressão para um lado e espremido o sr. Snodgrass até os últimos extremos da tortura humana, perguntaram-lhe por que os empurrava daquele jeito; e, quando o sr. Winkle manifestou a sua profunda indignação diante daquele assalto não provocado, alguém lhe enterrou, atrás, o chapéu nos olhos e pediu-lhe o favor de enfiar a cabeça no bolso. Estas e outras graças, acrescentadas à inexplicável ausência do sr. Tupman (que subitamente sumira-se e não era encontrado em parte alguma), tornavam-lhes a situação muito mais incômoda que desejável ou agradável.

Ouviu-se, afinal, partido da multidão, o ruidoso murmúrio de muitas vozes que anuncia a chegada do que quer que ela esteja esperando. Todos os

olhos se voltaram na direção da poterna. E, volvidos alguns instantes de ansiosa expectativa, viram-se bandeiras a esvoaçar alegremente no ar, armas a fulgar ao sol e colunas após colunas a espalhar-se pela campina. As tropas fizeram alto e entraram em formação; a voz de comando correu pelas fileiras e os mosquetes estrondejaram ao apresentarem-se as armas; e o comandante-chefe, acompanhado do coronel Bulder e de numerosos oficiais, dirigiu-se, a meio galope, para a frente das tropas. As bandas militares entraram a tocar simultaneamente; os cavalos empinaram-se, recuaram e sacudiram as caudas em todas as direções: latiram os cães, a multidão gritou, imobilizaram-se as tropas e de um e outro lado nada se via, até onde chegavam os olhos, senão uma longa perspectiva de casacos vermelhos e calças brancas, fixas e imóveis.

O sr. Pickwick estivera tão ocupado em cair e desvencilhar-se, milagrosamente, das pernas dos cavalos, que não tivera vagar suficiente para observar a cena que se desenrolava diante dele, até que esta assumiu a aparência que acabamos de descrever. Quando, afinal, lhe foi possível erguer-se, firme, sobre os dois pés, a sua satisfação e o seu deleite foram ilimitados.

— Haverá alguma coisa mais bela e mais deliciosa? — perguntou ao sr. Winkle.

— Nada — replicou o interpelado, que tivera um homenzinho apoiado em cada um dos seus pés durante o último quarto de hora.

— E, com efeito, um espetáculo brilhante e nobre — disse o sr. Snodgrass, em cujo íntimo rompera, de súbito, uma chama poética — ver os galhardos defensores da pátria formados em magníficas falanges diante dos seus pacíficos concidadãos; os rostos brilhantes — não de guerreira ferocidade, mas de civilizada doçura; os olhos cintilantes — não com a chama selvagem do saque ou da vingança, mas com a suave luz da humanidade e da inteligência.

O sr. Pickwick deixou-se inteiramente penetrar do espírito desse elogio, mas não lhe pode reeditar com exatidão os termos, pois a suave luz da inteligência brilhava debilmente nos olhos dos guerreiros, no momento em que se ouviu a ordem de “olhar à frente”, e tudo o que o espectador viu diante de si foram vários milhares de pares de pupilas, olhando fixamente para a frente e de todo em todo destituídas de qualquer expressão.

— Estamos agora numa posição excelente — exclamou o sr. Pickwick circunvolvendo os olhos. Gradativamente se dispersara a multidão à volta deles, e os companheiros se acharam quase sozinhos.

— Excelente! — repetiram, ao mesmo tempo, o sr. Snodgrass e o sr. Winkle.

— Que é o que eles estão fazendo agora? — perguntou o sr. Pickwick arrumando os óculos.

— Eu... eu... eu acho que — tartamudeou o sr. Winkle, mudando de cor — eu acho que vão atirar.

— Que disparate! — revidou, apressado, o sr. Pickwick.

— Eu... eu... eu acho que vão mesmo — concordou o sr. Snodgrass, algum tanto assustado.

— Impossível — replicou o sr. Pickwick. Mal pronunciara a palavra quando a meia dúzia de regimentos apontou os seus mosquetes como se tivesse um único alvo comum e esse alvo fossem os pickwickianos, e deu a mais formidável e tremenda descarga que já abalou a terra até o seu centro ou tirou do seu um cavalheiro entrado em anos.

Foi nessa crítica situação, exposto a um fogo molesto de pólvora seca e atrapalhado pelas operações dos militares, acrescidos de uma nova tropa, vinda do lado oposto, que o sr. Pickwick manifestou a perfeita frieza e domínio de si mesmo que são os atributos indispensáveis de um grande espírito. Travou do braço do sr. Winkle e, colocando-se entre esse cavalheiro e o sr. Snodgrass, pediu-lhes instantemente que se lembrassem de que, além da possibilidade de ficarem surdos em consequência do barulho, não lhes poderia advir nenhum perigo imediato da fuzilaria.

— Mas... mas... suponhamos que alguns soldados tenham cartuchos com balas, por engano — observou o sr. Winkle, pálido com a hipótese que ele mesmo sugerira. — Ouvi agora mesmo um assobio agudo no ar... perto do ouvido.

— Não seria melhor deitarmo-nos de bruços? — alvitrou o sr. Snodgrass.

— Não, não... já se acabou tudo — retrucou o sr. Pickwick. Podiam tremer-lhe os lábios e branquear-lhe as faces, mas nenhuma expressão de medo nem de inquietação fugiu da boca desse homem imortal.

Tinha razão o sr. Pickwick: cessara a fuzilaria; mas mal teve tempo para congratular-se com a exatidão da sua afirmativa quando se tornou visível nas fileiras um rápido movimento; percorreu-as uma voz rouca de comando e, antes que algum componente do grupo lograsse adivinhar a significação da nova manobra, a meia dúzia de regimentos, de baioneta calada, avançou a passo

de carga exatamente sobre o lugar em que se encontravam o sr. Pickwick e os amigos.

O homem é apenas mortal: e existe um ponto além do qual não passa a coragem humana. O sr. Pickwick considerou, por um instante, através dos óculos, a massa que avançava e logo lhe voltou honradamente as costas. Não diremos que fugisse; primeiro, porque é um termo ignóbil e, segundo, porque a figura do sr. Pickwick não era de maneira alguma compatível com essa forma de retirada. Abriu a trotar, com a rapidez que lhe permitiam as pernas; tão depressa, em verdade, que só muito tarde percebeu o quanto havia de desastrado na própria situação.

As tropas do lado oposto, cuja aparição confundira, momentos antes, o sr. Pickwick, tinham-se ordenado para repelir o ataque simulado dos pseudo-atacantes da cidadela; e a consequência foi que o sr. Pickwick e os dois companheiros se acharam subitamente fechados entre duas linhas muito longas de combate, uma das quais avançava com rapidez, ao passo que a outra esperava, solidamente, o pavoroso choque.

— Eh! lá! — gritaram os oficiais da coluna que avançava.

— Saiam daí! — gritaram os oficiais da coluna estacionária.

— Para onde havemos de ir? — berraram os agitados pickwickianos.

— Eh! lá! Eh! lá! Eh! lá! — era a única resposta. Seguiu-se um momento de intensa confusão, um rumor pesado de passos, um choque violento, um riso sufocado! A meia dúzia de regimentos já se achava a uma distância de 500 jardas e as solas das botas do sr. Pickwick ainda se viam voltadas para o ar.

O sr. Snodgrass e o sr. Winkle tinham executado, cada qual, uma cambalhota com notável agilidade, quando o primeiro objeto com que deram os olhos do último, ao sentar-se no chão, estancando com um lenço amarelo a torrente de vida que lhe jorrava do nariz, foi o seu venerado chefe, a alguma distância, correndo empós do chapéu que fugia, saltando alegremente, pela campina afora.

Há pouquíssimos momentos na vida de um homem em que ele experimenta aflições mais ridículas e provoca menos caridosa comiseração do que ao correr atrás do chapéu. São necessárias muita frieza e uma dose especial de discernimento para pegá-lo. Se a gente se precipita, passa por cima dele; se corre para o extremo oposto, perde-o completamente.

O melhor meio é acompanhar de perto o objeto da perseguição, com prudência e cautela, esperar uma boa oportunidade, colocar-se gradativamente

na frente e, depois, mergulhar com presteza, agarrá-lo pela copa e enfiá-lo na cabeça, sorrindo graciosamente o tempo todo, como se considerasse aquilo tão divertido como o consideram os outros.

Corria um vento fresco e o chapéu do sr. Pickwick saltava, muito folgazão, à sua frente. O vento soprava e o sr. Pickwick soprava, e o chapéu dava cambalhotas com a alegria de um golfinho em maré alta; e teria continuado a dar cambalhotas, fugindo para sempre do alcance do sr. Pickwick se o seu curso não tivesse tido providencialmente interrompido, no momento exato em que esse cavalheiro estava prestes a abandoná-lo ao seu destino.

Completamente exausto, ia, portanto, o sr. Pickwick desistir da caça quando o chapéu foi atirado, com alguma violência, contra a roda de um carro, enfileirado com meia dúzia de outros veículos no sítio a que os seus passos o haviam dirigido. Dando tino da vantagem que se lhe deparava, precipitou-se o sr. Pickwick, rápido, para a frente, deitou mão à sua propriedade, enfiou-a na cabeça, e fez uma pausa para tomar fôlego. Não estivera parado meio minuto quando ouviu o próprio nome ansiosamente pronunciado por uma voz, que de pronto reconheceu como a do sr. Tupman e, erguendo os olhos, deu com um espetáculo que o encheu, ao mesmo passo, de surpresa e prazer.

Numa caleça descoberta, cujos cavalos haviam sido retirados, para melhor acomodá-la no meio da multidão, estavam, em pé, um senhor idoso e corpulento, com casaca azul e botões brilhantes, calções de veludilho e botas de canhão, duas jovens com fitas e plumas, um jovem aparentemente enamorado de uma das jovens com fitas e plumas, uma senhora de idade duvidosa, provavelmente tia das sobreditas, e o sr. Tupman, tão tranqüilo e à vontade como se pertencesse à família desde os primeiros momentos da sua infância. Presa ao traseiro da caleça havia uma canastra espaçosa — uma dessas canastras que sempre despertam num espírito contemplativo lembranças de aves frias, línguas e garrafas de vinho — e na boléia estava sentado um rapaz gordo e rubicundo, num estado de sonolência, que nenhum espírito contemplativo poderia ter observado por um instante sem concluir que era o distribuidor oficial do conteúdo da canastra já mencionada, quando chegasse o momento azado para o seu consumo.

O sr. Pickwick lançava um olhar apressado a esses interessantes objetos quando foi novamente saudado pelo fiel discípulo.

— Pickwick... Pickwick — disse o sr. Tupman. — Suba aqui. Depressa.

— Venha, senhor. Suba, por favor — disse o cavalheiro corpulento. — Joe! Maldito rapaz, está dormindo outra vez. Joe, abaixe os degraus. — O rapaz gordo rolou vagarosamente da boléia abaixo, desceu os degraus e conservou a porta do carro convidativamente aberta. O sr. Snodgrass e o sr. Winkle chegaram nesse momento.

— Há lugar para todos, cavalheiros — disse o homem corpulento. — Dois dentro e um fora. Joe, dê lugar na boléia a um destes senhores. Agora, senhor, venha — e o cavalheiro corpulento estendeu o braço e puxou primeiro o sr. Pickwick e depois o sr. Snodgrass, à força, para dentro da caleça. O sr. Winkle subiu à boléia, o rapaz gordo encarapitou-se no mesmo lugar e caiu imediatamente no sono.

— Pois muito prazer em vê-los — disse o homem corpulento. — Conheço-os muito bem, embora talvez não se lembrem de mim. Passei algumas noites no seu clube, no inverno passado; topei aqui hoje cedo o meu amigo sr. Tupman e fiquei satisfeitíssimo ao vê-lo. E, então, o senhor como vai? Está, sem dúvida nenhuma, com magnífica aparência.

O sr. Pickwick retribuiu o cumprimento e deu um cordial aperto de mão ao cavalheiro das botas de canhão.

— E o senhor como vai? — perguntou o cavalheiro corpulento dirigindo-se ao sr. Snodgrass com paternal solicitude. — Muito bem, não é verdade? Ótimo; ótimo. E como vai o senhor (para o sr. Winkle)? Gosto de ouvi-los dizer que estão bem; gosto muito. Minhas filhas, cavalheiros. Estas são as minhas meninas; e esta é minha irmã, a srta. Raquel Wardle. É uma senhorita, embora não pareça. Hein? Que tal, senhor? — E o corpulento cavalheiro inseriu, jocoso, o cotovelo entre as costelas do sr. Pickwick e desatou numa estrondosa gargalhada.

— Ora, mano! — disse a srta. Wardle, com um sorriso de súplica.

— É verdade, é verdade — volveu o corpulento cavalheiro. — Ninguém pode negá-lo. Senhores, peço licença para apresentar-lhes o meu amigo, sr. Trundle. E agora que todos se conhecem, fiquemos à vontade e vejamos o que se passa; que tal? — O cavalheiro corpulento ajustou os óculos, o sr. Pickwick tomou do seu telescópio e todos se puseram em pé no carro, observando, por cima dos ombros de alguém, as evoluções dos militares.

Pasmosas evoluções. Uma fileira atirava por cima das cabeças de outra fileira e, depois, batia em retirada; em seguida, a outra fileira atirava por cima das cabeças de outra fileira e batia também em retirada. Logo se formavam

quadrados, com os oficiais no centro, e os soldados desciam às trincheiras com escadas, de um lado, para escalá-las de outro pelo mesmo processo, derrubando barricadas de cestos e mostrando sempre a maior coragem possível. A seguir, na bateria, carregavam-se as peças enormes de artilharia com instrumentos colossais e tais preparativos se faziam antes de dispará-las, e tamanho barulho se fez quando dispararam, que o ar se encheu dos gritos das senhoras. As jovens srtas. Wardles ficaram tão assustadas, que o sr. Trundle se viu obrigado a segurar uma delas no carro, ao passo que o sr. Snodgrass segurava a outra, e a irmã do sr. Wardle ficou em tão medonho estado de terror nervoso que o sr. Tupman achou indispensavelmente necessário rodear-lhe a cintura com o braço, a fim de a manter em pé. Estavam todos excitados, salvante o rapaz gordo, que dormia tão profundamente como se o rugir dos canhões fosse a sua canção habitual de ninar.

— Joe, Joe! — disse o cavalheiro corpulento depois que a cidadela foi tomada e sitiados e sitiantes se assentaram para jantar. — Maldito rapaz, está dormindo outra vez. Tenha a bondade de beliscá-lo, senhor. Na perna, por obséquio; é a única maneira de acordá-lo. Muito obrigado. Abra a canastra, Joe.

O rapaz gordo, efetivamente despertado pela compressão de uma parte de sua perna entre o indicador e o polegar do sr. Winkle, deixou-se cair outra vez da boléia abaixo e entrou a desatar a canastra, com maior desembaraço do que o que se lhe poderia esperar da inatividade anterior.

— Agora temos de sentar-nos meio apertados — disse o corpulento cavalheiro. Depois de muitas pilhérias a propósito de amarrotar as mangas das senhoras e uma vasta quantidade de enrubescimentos provocados por várias propostas jocosas, para que as senhoras se assentassem no colo dos cavalheiros, acomodaram-se todos na caleça; e o cavalheiro corpulento se pôs a colocar as coisas que lhe entregava o rapaz gordo (que subira atrás para esse fim) dentro do carro.

— Agora, Joe, facas e garfos. — Estenderam-se as facas e garfos e cada uma das senhoras e cavalheiros, dentro da caleça, e o sr. Winkle, na boléia, receberam um par desses úteis instrumentos.

— Os pratos, Joe, os pratos. — E a louça foi distribuída por um processo semelhante.

— Agora, Joe, as aves. Maldito rapaz! Está dormindo outra vez. Joe! Joe! — Diversas pancadas na cabeça com uma bengala, e o rapaz gordo despertou, com alguma dificuldade, da sua letargia. — Vamos, passe as coisas de comer.

Havia qualquer coisa no som da última palavra que despertou o dorminhoco. Deu um pulo; e os olhos plúmbeos, que piscavam por detrás das bochechas montanhosas, cravaram-se com avidez na comida à proporção que a retirava da canastra.

— Vamos, depressa — disse o sr. Wardle; pois o rapaz gordo namorava com os olhos um capão, que parecia de todo incapaz de largar. Arrancou do peito um suspiro profundo e, lançando um olhar ardente às formas gordurosas, entregou-o, malgrado seu, ao patrão.

— Isso mesmo... preste atenção. Agora a língua... agora a torta de pombo. Tome cuidado com a vitela e o presunto... Repare nas lagostas... Tire a salada do guardanapo... Dê-me os temperos. — Tais eram as ordens precipitadas que emanavam dos lábios do sr. Wardle, à medida que passava os diferentes objetos descritos e colocava pratos sem conta nas mãos e nos joelhos de todos.

— Pois então? Não está excelente? — perguntou a jovial personagem, depois de iniciada a obra de destruição.

— Excelente! — assentiu o sr. Winkle, que trinchava uma ave na boléia.

— Um copo de vinho?

— Com o máximo prazer.

— Seria melhor que o senhor ficasse com uma garrafa aí em cima, não é verdade?

— É muita bondade sua.

— Joe!

— Pronto, senhor. — Não estava dormindo, desta feita, pois conseguira surripiar uma empada de vitela.

— Uma garrafa de vinho para o senhor que está na boléia. Prazer em vê-lo, senhor.

— Muito obrigado. — O sr. Winkle esvaziou o copo e colocou a garrafa na boléia, ao seu lado.

— Permite-me que tome um copo de vinho consigo? — perguntou o sr. Trundle ao sr. Winkle.

— Com muito gosto — respondeu o sr. Winkle ao sr. Trundle; e os dois cavalheiros tomaram vinho; e logo todos fizeram o mesmo, inclusive as damas.

— Como a nossa querida Emília namora aquele estranho? — murmurou a tia solteirona, com autêntica inveja de tia solteirona, ao irmão, o sr. Wardle.

— Oh! não sei — disse o jovial e idoso cavalheiro —, acho que tudo é muito natural, não há nada de extraordinário. Um pouco de vinho, sr.

Pickwick? — Este, que estivera a investigar profundamente o interior da torta de pombo, anuiu sem demora.

— Emília, querida — disse a tia solteirona, com ar protetor —, não fale tão alto, meu amor.

— Ora, tia!

— Parece que a tia e aquele senhor velho querem tudo para si — murmurou a srta. Itabela Wardle à sua irmã Emília. As duas meninas desataram a rir às gargalhadas, e a velha procurou mostrar-se amável, mas não o conseguiu.

— As meninas são tão alegres — disse a srta. Wardle ao sr. Tupman, com ar de branda comisseração, como se alegria fosse contrabando e a sua posse, sem permissão, um crime horrível.

— Realmente — acudiu o sr. Tupman, sem dar exatamente a espécie de resposta que dele se esperava. — É delicioso.

— Hum! — reguingou a srta. Wardle, em tom duvidoso.

— Dá-me licença? — disse o sr. Tupman, com a sua maneira mais insinuante, tocando com uma das mãos o pulso da encantadora Raquel, e erguendo gentilmente a garrafa com a outra. — Dá-me licença?

— Oh, senhor! — O sr. Tupman assumiu um ar ainda mais persuasivo; e Raquel mostrou-se receosa de que houvesse novos disparos de canhão, caso em que, naturalmente, voltaria a solicitar-lhe o amparo.

— Acha bonitas as minhas sobrinhas? — murmurou ao sr. Tupman a afetuosa tia.

— Acharia, se a tia não estivesse aqui — replicou o pronto pickwickiano, com um olhar apaixonado.

— Ora, que homem malvado! De fato, se a pele delas fosse um pouco melhor, não lhe parece que seriam bonitinhas à luz de um candeeiro?

— Parece-me que sim — volveu o sr. Tupman, com indiferença.

— O senhor está brincando: eu sei o que ia dizer.

— O quê? — perguntou o sr. Tupman, que não se decidira precisamente a dizer o que quer que fosse.

— O senhor ia dizer que Isabela é meio corcunda... eu sei que ia... homens são tão observadores! Pois é verdade; não se pode negá-lo; e, com efeito, se há coisa que mais enfeie uma moça é uma corcunda. Digo sempre a ela que, quando for mais velha, ficará medonha. O senhor é irônico mesmo!

O sr. Tupman não se opunha a lograr tal reputação a um preço tão barato: afetou, portanto, uma expressão muito ladina e sorriu, misteriosamente.

— Que sorriso sarcástico — disse Raquel, admirativa. — Confesso que lhe tenho medo.

— Medo de mim?

— Oh, o senhor não me pode esconder coisa alguma. Sei perfeitamente o que significa esse sorriso.

— O quê? — perguntou o sr. Tupman, que, pessoalmente, não sabia.

— Significa — respondeu a amável tia, abaixando mais ainda a voz —, significa que o senhor acha, pior do que a corcunda de Isabela, o atrevimento de Emília. Pois é verdade, ela é atrevida! Não imagina o quanto sofro, às vezes, por causa disto. Tenho a certeza de haver chorado horas a fio por esse motivo. O meu querido irmão é tão bom, tão pouco desconfiado, que nunca o percebe; se o percebesse, tenho a certeza de que isto lhe cortaria o coração. Eu quisera poder persuadir-me de que são apenas aparências... Tomara que o sejam — a essa altura a afetuosa parenta soltou um profundo suspiro e abanou tristemente a cabeça.

— A tia, com certeza, está falando de nós — murmurou a srta. Emília Wardle à irmã. — Eu seria capaz de jurar. Tem um ar tão maldoso.

— Será? — replicou Isabela. — Hum! Titia!

— Que é, meu amor?

— Receio tanto que se constipe, titia... Amarre um lenço de seda na sua velha e querida cabecinha... Precisa tomar cuidado consigo... — Pense na sua idade!

Por merecida que fosse a desforra, seria impossível achar outra mais contundente. E ninguém sabe com que espécie de resposta poderia ter-se desabafado a indignação da tia, não tivesse o sr. Wardle, inconscientemente, mudado de assunto, chamando enfaticamente por Joe.

— Maldito rapaz — exclamou o velho senhor —, está dormindo outra vez.

— Rapaz extraordinário, este — observou o sr. Pickwick. — Dorme sempre desse jeito?

— Se dorme? — tornou o velho senhor. — Está sempre dormindo. Faz os recados num sono profundo, e ressona quando serve à mesa.

— Que coisa esquisita! — disse o sr. Pickwick.

— Esquisita, mesmo — replicou o outro. — Orgulho-me desse rapaz; não me separaria dele por nada do mundo; é uma curiosidade natural! Hei, Joe... Joe... Leve essas coisas embora e abra outra garrafa... está ouvindo?

Levantou-se o gorducho, abriu os olhos, engoliu o enorme pedaço de torta que mastigava ao adormecer, e obedeceu, pachorrento, às ordens do amo — devorando com a vista os restos do banquete ao retirar os pratos e colocá-los na canastra. Apresentou-se a garrafa nova e rapidamente se esvaziou: amarrou-se outra vez a canastra no lugar de costume; o rapaz tornou a subir à boléia; os óculos e telescópios tornaram a ajustar-se e recomeçaram as evoluções militares. Houve um grande assobiar e estrondejar de canhões e estremecer de senhoras, e, a seguir, a mina voou pelos ares, para grande satisfação de todos; e, depois que a mina se foi, militares e civis seguiram-lhe o exemplo e foram-se também.

— Pois então não se esqueça — disse o velho senhor ao trocar um aperto de mão com o sr. Pickwick, no fim de uma conversação interrompida durante o findar das evoluções —, nós nos veremos todos amanhã.

— Está combinado — replicou o sr. Pickwick.

— O senhor tem o endereço.

— Manor Farm, Dingley Dell — disse o sr. Pickwick consultando o caderno de apontamentos.

— Exatamente — volveu o outro. — Ficarão conosco pelo menos uma semana; e comprometo-me a mostrar-lhes tudo o que é digno de ver-se. E, já que vieram estudar a vida campestre, vão à minha casa, que terão à farta. Joe... Maldito rapaz, está dormindo outra vez... Joe, ajude Tom a atrelar os cavalos.

Atrelaram-se os cavalos; o cocheiro montou; o rapaz gordo subiu para o seu lado; trocaram-se adeuses; e a caleça rodou. Quando os pickwickianos se voltaram para vê-la pela última vez, o sol poente derramava um rico esplendor sobre o rosto dos anfitriões e caiu sobre a forma do gorducho. Tinha a cabeça enterrada no peito; e dormia novamente.

CAPÍTULO V

CAPÍTULO CURTO EM QUE SE MOSTRA, ENTRE OUTRAS COISAS, COMO O SR. PICKWICK SE METEU A GUIAR, E O SR. WINKLE A MONTAR: E COMO SE SAÍRAM AMBOS DA EMPREITADA.

Brilhante e calmo era o céu, balsâmico o ar, e bela a aparência de todos os objetos à sua volta, enquanto o sr. Pickwick, recostado ao parapeito da ponte de Rochester, contemplava a natureza e esperava o almoço. A cena, com efeito, poderia encantar um espírito muito menos reflexivo do que aquele a que se apresentava.

À esquerda do espectador jazia o muro arruinado, partido em muitos lugares, mas que dominava, em outros, com a massa tosca e pesada, a pequena praia embaixo. Às rochas pontiagudas e dentadas agarravam-se tufos de algas, que estremeciam à mínima aragem; e a hera verde envolvia tristemente as escuras ameias desmanteladas. Atrás dessas ruínas erguia-se o velho castelo, as torres destelhadas, as paredes maciças desconjuntadas, mas que ainda diziam, orgulhosas, do antigo poderio, setecentos anos antes, quando retumbavam com o estrépito das armas ou soavam com o ruído de banquetes e orgias. De ambos os lados, as margens do Medway, cobertas de pastos e searas, em que se erguia, de onde em onde, um moinho de vento ou uma igreja distante, estendiam-se a perder de vista, apresentando um panorama variado e rico, tornado ainda mais belo pelas sombras cambiantes que rápidas passavam sobre ele, à proporção que as nuvens informes e delgadas flutuavam à luz do sol matutino. Refletindo o azul claro do céu, refulgia e cintilava o rio ao fluir em silêncio; e os remos dos barqueiros mergulhavam na água com um som líquido e claro, à medida que os barcos pitorescos deslizavam, lentos, corrente abaixo.

O sr. Pickwick foi despertado dos agradáveis devaneios em que o haviam mergulhado os objetos que admirava por um suspiro fundo e um toque no ombro. Voltou-se: estava ao seu lado o homem triste.

— Contemplando a cena? — perguntou o homem triste.

— Estava — disse o sr. Pickwick.

— E congratulando-se por se haver levantado tão cedo? — O sr. Pickwick inclinou a cabeça, em sinal de assentimento.

— Ah! toda a gente deveria levantar-se cedo, para ver o céu em todo o seu esplendor, pois o seu brilho raro perdura o dia inteiro. A manhã do dia e a manhã da vida são muito parecidas.

— Tem razão, senhor.

— Como é comum o dito — continuou o homem triste: — “A manhã é bela demais para durar”. Quão admiravelmente poderia aplicar-se à nossa cotidiana existência. Céus! Que não daria eu para que me devolvessem os dias da minha infância, ou para que pudesse esquecê-los para sempre!

— Teve muitos desgostos, senhor? — perguntou, compassivo, o sr. Pickwick.

— Tive — acudiu, precipitadamente, o homem triste —, se tive! Mais do que os que hoje me vêm julgariam possível. — Calou-se por um instante e disse depois, abruptamente: — Já lhe ocorreu, numa manhã como esta, que o morrer afogado seria a felicidade e a paz?

— Não, credo! — exclamou o sr. Pickwick, afastando-se um pouco do parapeito, receoso de que o homem triste pudesse, a título de experiência, atirá-lo ao rio.

— Pois eu já pensei nisso, muita vez — continuou o homem triste, sem lhe notar o movimento. — Parece-me que a água, calma e fria, murmura um convite ao repouso e à quietação. Um salto, um espadanar de água, uma breve luta; forma-se um remoinho por um instante que, a pouco e pouco, se converte numa ondazinha gentil; fecham-se as águas sobre a sua cabeça e o mundo se fecha para sempre sobre os seus infortúnios e misérias. — Os olhos encovados do homem triste iluminaram-se-lhe ao falar mas a momentânea excitação não demorou em dissipar-se; e ele voltou-se, muito calmo, ao dizer:

— Pronto. Não falemos mais nisso. Quero falar-lhe de outra coisa. O senhor convidou-me anteontem para ler aquele papel, e ouviu-me a leitura com atenção.

— Ouvi — replicou o sr. Pickwick — e pensei que...

— Não lhe pedi a opinião — disse o homem triste, interrompendo-o — e não a quero. O senhor viaja para se distrair e instruir. Suponha que eu lhe proporcione um manuscrito curioso: veja bem, não é curioso porque seja

improvável ou extraordinário, mas curioso como uma folha de romance da vida real. Comunicá-lo-ia ao clube, de que tantas vezes tem falado?

— Por certo — replicou o sr. Pickwick—, se o senhor quiser; e ficaria inserto nas atas.

— Pois o senhor o terá — disse o homem triste. — O seu endereço! — E, havendo-lhe comunicado o sr. Pickwick o seu provável destino, o homem triste anotou-o cuidadosamente num caderno besuntado e, resistindo ao insistente convite do sr. Pickwick para almoçar, deixou-o na sua estalagem e afastou-se lentamente.

O sr. Pickwick verificou que os três companheiros se haviam levantado e estavam à sua espera para começar o almoço, já tentadoramente disposto sobre a mesa. Sentaram-se todos; e o presunto frito, os ovos, o chá, o café e o resto principiaram a desaparecer com uma rapidez que testemunhava, a um tempo, a excelência da comida e o apetite dos consumidores.

— Agora, a propósito de Manor Farm — disse o sr. Pickwick. — Como faremos para chegar lá?

— Talvez fosse melhor consultarmos o criado — disse o sr. Tupman, e o criado foi conseqüentemente chamado.

— Dingley Dell, cavalheiros... 15 milhas... por atalhos... Querem uma sege de posta?

— Numa sege não cabem mais do que duas pessoas — disse o sr. Pickwick.

— É verdade, senhor... queira desculpar. Temos uma bela sege de quatro rodas, senhor... lugar para dois atrás... outro na frente para o condutor... Oh! perdão, senhor, mas assim mesmo só caberão três.

— Que se há de fazer? — perguntou o sr. Snodgrass.

— Um dos cavalheiros não gostaria, talvez, de ir a cavalo? — sugeriu o criado, olhando para o sr. Winkle. — Temos ótimos cavalos de sela, e qualquer um dos criados do sr. Wardle que viesse a Rochester poderia trazê-lo de volta.

— É isso mesmo — concordou o sr. Pickwick. — Winkle, você não quereria ir a cavalo?

O sr. Winkle abrigava, nos mais íntimos recessos do seu coração, dúvidas consideráveis acerca de sua habilidade eqüestre; mas, como não queria que ninguém suspeitasse delas de forma nenhuma, retrucou de pronto, com sumo arrojo: — Está visto que sim. Nada me daria mais prazer.

O sr. Winkle precipitara-se ao encontro do destino; já não lhe era possível recuar.

— Esteja tudo aqui então às 11 horas — ordenou o sr. Pickwick.

— Muito bem, senhor — replicou o criado.

O criado afastou-se; estava concluído o almoço; e os viajantes subiram aos seus respectivos quartos, a fim de prepararem as roupas que levariam consigo na próxima expedição.

O sr. Pickwick fizera os seus arranjos preliminares e observava os transeuntes pela janela da sala de almoço quando entrou o criado e anunciou que a sege estava pronta — anúncio confirmado pelo próprio veículo, que para logo apareceu diante da sobredita janela.

Era uma curiosa caixinha verde sobre quatro rodas, com um assento estreito e baixo atrás para duas pessoas e um poleiro alto na frente, para uma, tirado por imenso cavalo escuro, que ostentava grande simetria de ossos. Um moço de estrebaria, perto dele, segurava pela rédea outro cavalo imenso — parente muito próximo, segundo todas as aparências, do animal que estava na sege —, arreado para o sr. Winkle.

— Misericórdia! — exclamou o sr. Pickwick, enquanto esperavam na calçada e as malas eram postas dentro da sege. — Misericórdia! Quem é que vai guiar? Eu não tinha pensado nisso.

— Você, naturalmente — disse o sr. Tupman.

— Naturalmente — confirmou o sr. Snodgrass.

— Eu? — recalcitou o sr. Pickwick.

— Não tenha o mínimo receio, senhor — atalhou o moço da estrebaria. — Garanto que ele é muito manso; uma criança de peito seria capaz de guiá-lo, senhor.

— Não refoga? — indagou o sr. Pickwick.

— Refogar, senhor? Não refogaria nem que visse uma carroça de macacos com os rabos em chamas.

Esta última recomendação era indisputável. O sr. Tupman e o sr. Snodgrass entraram na sege; o sr. Pickwick trepou no poleiro e depositou os pés numa tábua recoberta de oleado, ali colocada para esse fim.

— Vamos, Lustroso — disse o moço da estrebaria ao ajudante —, entregue as rédeas ao cavalheiro. — Lustroso (assim chamado em virtude, provavelmente, dos cabelos nédios e do aspecto oleoso) colocou as rédeas na mão esquerda do sr. Pickwick; o outro enfiou-lhe um chicote na direita.

— Eh! Eh! — gritou o sr. Pickwick ao notar que o enorme quadrúpede manifestava uma decidida inclinação para entrar pela janela da sala de almoço.

— Eh! Eh! — repetiram o sr. Tupman e o sr. Snodgrass, de dentro do carro.

— Ele faz isso por brincadeira, senhores — disse, alentadamente, o moço da estrebaria. — Segure-o um pouco, Lustroso. — O ajudante refreou a impetuosidade do animal e o outro correu para auxiliar o sr. Winkle a montar.

— Do outro lado, senhor, por obséquio.

— O diabo me carregue se o sujeito não ia montar às avessas — resmungou um postilhão sorridente para o criado do hotel, que se diria indizivelmente satisfeito.

Tendo, assim, recebido as suas instruções, o sr. Winkle conseguiu trepar na sela com a mesma dificuldade, mais ou menos, que teria tido para abordar um navio de guerra.

— Está tudo certo? — perguntou o sr. Pickwick, com o íntimo pressentimento de que estava tudo errado.

— Tudo certo — respondeu o sr. Winkle com voz fraca.

— Para a frente, então — gritou o moço da estrebaria. — Segure-o, senhor! — E lá se foram sege e cavalo, com o sr. Pickwick na boléia da primeira e o sr. Winkle nas costas do segundo, para deleite e gáudio de todos os circunstantes.

— Por que será que ele anda de lado? — perguntou o sr. Snodgrass, na sege, ao sr. Winkle, na sela.

— Sei lá — replicou o sr. Winkle, cujo cavalo seguia, de fato, pela rua da maneira mais misteriosa: de lado, com a cabeça voltada para uma das calçadas e a cauda para a outra.

O sr. Pickwick não teve ocasião para observar nem esta nem outra particularidade, pois todas as suas faculdades se haviam concentrado no manejo do animal atrelado à sege, que exhibia diversas singularidades, interessantíssimas para um espectador, mas muito menos divertidas para quem se achasse sentado atrás dele. Além de sacudir constantemente a cabeça da maneira mais incômoda e desagradável, e puxar as rédeas com tanta força que tornava o segurá-las difícilíssima tarefa, tinha uma estranha propensão para se atirar, de repente, a um dos lados da estrada, precipitando-se depois para a frente durante alguns minutos, a uma velocidade que era impossível dominar.

— Que diabo quer esse cavalo? — exclamou o sr. Snodgrass depois de haver o animal executado essa manobra pela vigésima vez.

— Não sei — replicou o sr. Tupman. — Parece que está refugando, não parece? — O sr. Snodgrass ia dizer qualquer coisa quando foi interrompido por um berro do sr. Pickwick.

— Eh! — gritou esse cavalheiro. — Deixei cair o chicote.

— Winkle — disse o sr. Snodgrass, quando surgiu o equitador choutando no cavalo, com o chapéu enterrado até as orelhas, e sacudindo-se todo, como se devesse cair em pedaços com a violência do exercício —, apanhe o chicote, seja camarada. — O sr. Winkle puxou as rédeas da cavalgadura até enegrecer-se-lhe o rosto; e tendo, afinal, conseguido detê-la, desmontou, estendeu o chicote ao sr. Pickwick e, segurando novamente as rédeas, preparou-se para montar outra vez.

Ora, se o cavalo, brincalhão por natureza, quis divertir-se um pouco, inocentemente, com o sr. Winkle, ou se lhe ocorreu que poderia fazer a viagem muito melhor sem cavaleiro, são pontos sobre os quais não podemos, naturalmente, chegar a uma conclusão definida e definitiva. Mas, fossem quais fossem os motivos que o inspiravam, o certo é que, apenas o sr. Winkle tocou as rédeas, fê-las deslizar por cima da cabeça e atirou-se para trás até esticá-las completamente.

— Coitadinho — disse o sr. Winkle, com voz persuasiva —, pobrezinho, lindo cavalo. — O “pobrezinho” era impermeável à adulação; e quanto mais o sr. Winkle procurava aproximar-se dele, tanto mais se afastava; e, sem embargo de toda sorte de lisonjas e mimos, lá ficaram o sr. Winkle e o cavalo a dar voltas um à roda do outro durante dez minutos, ao cabo dos quais se encontraram à mesma distância do começo — resultado muito pouco satisfatório em quaisquer circunstâncias, mas principalmente numa estrada deserta, onde não era possível conseguir assistência nenhuma.

— Que faço eu? — gritou o sr. Winkle, depois de se haver a brincadeira prolongado por um espaço considerável de tempo. — Que faço eu? Não consigo montá-lo.

— Seria melhor você puxá-lo até chegarmos a uma barreira — retrucou, da sege, o sr. Pickwick.

— Mas ele não quer ir! — rugiu o sr. Winkle. — Venha cá, e segure-o para mim.

O sr. Pickwick era a personificação da afabilidade e da humanidade: atirou as rédeas sobre o lombo do seu cavalo e, tendo descido da boléia, colocou cuidadosamente a sege ao longo da estrada, a fim de não a obstruir, e voltou para auxiliar o aflito companheiro, deixando o sr. Tupman e o sr. Snodgrass no veículo.

Assim que viu o sr. Pickwick adiantar-se para ele com o chicote da sege na mão, o cavalo substituiu o movimento rotatório a que até então se entregara por um movimento retrógrado de caráter tão resoluto, que arrastou imediatamente o sr. Winkle, ainda situado na extremidade oposta das rédeas, a um passo mais rápido que o de um caminhar apressado, na direção que acabavam de seguir. O sr. Pickwick correu em seu auxílio, mas, quanto mais depressa corria para a frente, tanto mais depressa corria o cavalo para trás. As patas estrugiam-lhe no chão, levantando uma nuvem de pó; e, afinal, o sr. Winkle, cujos braços haviam sido quase arrancados ao encaixe natural, soltou as rédeas. O cavalo estacou, encarou-o, abanou a cabeça, virou-se, e pôs-se a trotar calmamente de volta a Rochester, deixando o sr. Winkle e o sr. Pickwick a olhar, desapontados, um para o outro. Um ruído de matracas, a pequena distância, chamou-lhes a atenção. Ergueram os olhos.

— Misericórdia! — exclamou agoniado o sr. Pickwick. — Lá se vai o outro cavalo também!

Nada mais verdadeiro. O animal espantara-se com o ruído e tinha as rédeas no lombo. O resultado pode adivinhar-se. Largou a correr com a sege de quatro rodas atrás de si, e o sr. Tupman e o sr. Snodgrass dentro da sege de quatro rodas. Mas a corrida foi curta. O sr. Tupman atirou-se na sebe. O sr. Snodgrass seguiu-lhe o exemplo, o cavalo atirou a sege de quatro rodas de encontro a uma ponte de madeira, separou as rodas e a caixa da boléia, e, finalmente, estacou para contemplar os estragos que fizera.

O primeiro cuidado dos dois amigos intatos foi o de livrar os infortunados companheiros do seu leito de espinhos — processo que lhes proporcionou a indizível satisfação de descobrir que não haviam sofrido coisa alguma, tirante vários rasgões na roupa e diversos arranhões produzidos pelas sarças. O cuidado seguinte foi o de desatrelar o cavalo. Finda a complicada operação, o grupo se pôs lentamente a caminho, puxando o cavalo e abandonando a sege ao seu destino.

Depois de caminharem uma hora, chegaram a uma pequena taberna à beira da estrada, com dois olmeiros, um bebedouro para cavalos e uma tabuleta

na frente; atrás, um ou dois montes deformados de feno, um jardinzinho ao lado e, em toda a volta, alpendres a cair de podres e telheiros arruinados, dispostos em estranha confusão. Um homem de cabelos vermelhos trabalhava no jardim; e foi a ele que o sr. Pickwick se dirigiu, com vigor: — Ó de casa!

O homem de cabelos vermelhos ergueu o corpo, protegeu a vista com a mão e considerou, longa e friamente, o sr. Pickwick e os companheiros.

— Ó de casa! — repetiu o sr. Pickwick.

— Que é? — foi a resposta do homem ruivo.

— Qual é a distância daqui a Dingley Dell?

— Umas boas 7 milhas.

— A estrada é boa?

— Não. — Tendo proferido esta breve resposta, e aparentemente satisfeito com outro exame, o homem de cabelos vermelhos voltou ao seu trabalho.

— Nós queríamos deixar este cavalo aqui — tornou o sr. Pickwick. — Acho que podemos, não podemos?

— Querem deixar esse cavalo aqui, é? — repetiu o homem de cabelos vermelhos, apoiando-se na pá.

— Exatamente — confirmou o sr. Pickwick, que, a esse tempo, já se adiantara, puxando o cavalo, até a cancela do jardim.

— Patroa! — rugiu o homem ruivo, saindo do jardim e olhando muito de fito o cavalo. — Patroa!

Uma mulher alta e ossuda, toda empertigada, que vestia uma saia azul muito grossa e cuja cintura lhe passava a uma ou duas polegadas abaixo dos sovacos, respondeu à chamada.

— Não podemos deixar este cavalo aqui, minha boa mulher? — perguntou o sr. Tupman, adiantando-se, e falando com a sua voz mais sedutora. A mulher encarou fixamente o grupo todo; e o homem de cabelos vermelhos murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Não — replicou a mulher depois de breve reflexão. — Tenho medo.

— Medo! — exclamou o sr. Pickwick. — De que é que essa mulher tem medo?

— Já andei metida em encencas por causa disso uma vez — retrucou a mulher, voltando para dentro de casa —, não quero saber de outra.

— É a coisa mais extraordinária que já vi em minha vida — disse pasmado o sr. Pickwick.

— Eu... eu... acredito — murmurou o sr. Winkle, quando os amigos se reuniram à sua volta — que eles imaginam que conseguimos este cavalo de alguma forma desonesta.

— Quê! — bramiu o sr. Pickwick numa explosão de cólera. Winkle repetiu, modestamente, a sugestão.

— Você aí, rapaz! — interpretou irritado o sr. Pickwick. — Pensa que roubamos este cavalo?

— Tenho a certeza disso — volveu o homem de cabelos vermelhos com uma careta que lhe transformou o rosto de uma orelha à outra. E, dito isso, entrou na casa e bateu a porta após si.

— Parece um sonho — observou o sr. Pickwick —, um horrendo pesadelo. Imaginem um homem a andar por aí, o dia inteiro, com um cavalo medonho, de que não se pode livrar! — Descoroçoados, voltaram-se tristemente os pickwickianos, ao passo que o enorme quadrúpede, pelo qual sentiam a mais decidida aversão, lhes seguia morosamente ao encalço.

Era sobretarde quando os quatro amigos e o seu companheiro de quatro pés chegaram à azinhaga que conduzia a Manor Farm; e suposto que tão próximos ao lugar do seu destino, o prazer que, de outro modo, teriam experimentado era positivamente reduzido quando refletiam na singularidade da sua aparência e no absurdo da sua situação. As vestes rasgadas, os rostos arranhados, os sapatos cheios de pó, o olhar amortecido e, acima de tudo, o cavalo. Oh, como o sr. Pickwick amaldiçoou aquele cavalo: lançava, de quando em quando, ao nobre animal um olhar expressivo de ódio e vingança; mais de uma vez calculara a soma que teria de pagar se lhe cortasse o pescoço; e agora a tentação de acabar com ele ou soltá-lo pelo mundo afora acudia-lhe com violência decuplicada. Distraiu-o, porém, desses horríveis pensamentos, a súbita aparição de duas figuras numa volta da azinhaga. Era o sr. Wardle e o seu criado fiel, o gorducho.

— Ora esta! Onde andaram? — perguntou o hospitaleiro senhor. — Esperei-os o dia todo. Mas parecem mesmo cansados. Que é isso? Arranhaduras? Espero que não se tenham machucado! Ainda bem. Folgo muito em sabê-lo. Quer dizer que o carro tombou? Não se impressionem. Estes acidentes são comuns nestes lugares. Joe! Está dormindo outra vez! Joe, pegue o cavalo destes senhores e leve-o à estrebaria.

O gorducho acompanhou-os ronceiramente com o animal; e o velho senhor, lamentando em singelo estilo as desventuras que os hóspedes

entenderam conveniente comunicar-lhe, conduziu-os à cozinha.

— Vamos arrumá-los aqui — disse o velho senhor —, e eu os apresentarei depois às pessoas que estão na sala. Ema, traga a aguardente de cerejas; você, Jane, uma agulha e linha; toalhas e água, Maria. Vamos, raparigas, aviem-se.

Três ou quatro joviais raparigas dispersaram-se à procura dos diferentes objetos requisitados, ao passo que dois sujeitos de cabeça grande e rosto redondo se levantaram das suas cadeiras ao pé da chaminé (pois, se bem fosse uma tarde de maio, o seu apego ao lume parecia tão fiel como se estivessem no Natal) e mergulharam nalguns recessos obscuros, dos quais trouxeram, rapidamente, um frasco de graxa e meia dúzia de escovas.

— Mexam-se! — repetiu o velho; mas a exortação era de todo desnecessária, pois uma das raparigas distribuiu a aguardente, outra chegou com as toalhas e um dos homens, segurando o sr. Pickwick bruscamente pela perna, com risco iminente de fazê-lo perder o equilíbrio, pôs-se a escovar-lhe as botas até que lhe deixou os calos em brasa; ao passo que o outro esfregava o sr. Winkle com uma enorme escova de roupa, assobiando, durante a operação, como o fazem os moços de estrebaria ao escovarem um cavalo.

Concluídas as suas abluções, as costas voltadas para o lume, ao passo que saboreava com enorme satisfação a aguardente de cereja, o sr. Snodgrass passou os olhos pela sala. Descreve-a como um grande aposento, com o pavimento de tijolos vermelhos e uma espaçosa chaminé; era o teto guarnecido de mantas de tocinho, presunto e réstias de cebolas. Decoravam as paredes vários chicotes de caça, dois ou três pares de rédeas, uma sela e um velho bacamarte, debaixo do qual se lia a palavra “Carregado” — e assim o estivera durante os últimos cinquenta anos, a darmos crédito à mesma autoridade. Um velho relógio, com corda para oito dias, de aspecto solene e tranqüilo, tiquetaqueava gravemente a um canto; e um relógio de prata, de igual antiguidade, pendia de um dos muitos ganchos que exornavam o aparador.

— Prontos? — disse o velho senhor interrogativamente, depois de haverem sido os seus hóspedes lavados, remendados, escovados e restaurados.

— Prontos — respondeu o sr. Pickwick.

— Então venham comigo — e, depois de atravessarem diversos corredores escuros, foram alcançados pelo sr. Tupman; que se retardara para furtar um beijo a Ema, e recebera, como devida recompensa, vários empurrões e arranhaduras, à porta da sala.

— Sejam bem-vindos — disse o hospitaleiro senhor, abrindo-a e adiantando-se para anunciá-los. — Sejam bem-vindos, senhores, a Manor Farm.

CAPÍTULO VI

UM JOGO DE CARTAS DE OUTRORA. OS VERSOS DO SACERDOTE. A HISTÓRIA DA VOLTA DO SENTENCIADO.

DIVERSAS VISITAS REUNIDAS NA SALA se levantaram para saudar o sr. Pickwick e os amigos quando entraram; e durante a cerimônia de apresentação, com todas as formalidades devidas, o sr. Pickwick teve ocasião de observar a aparência e tecer conjeturas sobre o caráter e ocupações das pessoas de que se via cercado — hábito a que folgava de se entregar, à semelhança de muitos outros grandes homens.

Uma senhora muito idosa, com uma touca enorme e um vestido de seda desbotada — e que era nem mais nem menos do que a mãe do sr. Wardle —, ocupava o lugar de honra no canto esquerdo da lareira; e vários certificados de haver sido educada convenientemente quando jovem e de não se ter afastado do bom caminho quando velha ornamentavam as paredes, na forma de modelos antigos, de bordados, paisagens feitas com lã de igual antiguidade e coberturas para bules, de seda carmesim, de um período mais recente. A tia, as duas meninas e o sr. Wardle andavam em competência no assisti-la, desvelada e incessantemente, à volta da sua cadeira de balanço, uma a segurar-lhe a corneta acústica, outra uma laranja, uma terceira um frasco de sais, ao passo que o último lidava em ajeitar e afofar os travesseiros dispostos para ampará-la. No lado oposto sentava-se um velho senhor calvo, de rosto afável e risonho — o vigário de Dingley Dell; e, ao pé dele, via-se-lhe a esposa, uma senhora idosa e robusta que parecia habilidosa, assim na arte e no mistério de manufaturar cordiais caseiros para satisfação alheia, como na de prová-los de vez em quando para a própria. Um homenzinho de cabeça ossuda e rosto em forma de maçã-reineta conversava com um velho senhor gordo, e duas ou três senhoras sentavam-se empertigadas e imóveis em suas cadeiras, pasmando a vista no sr. Pickwick e seus companheiros de viagem.

— O sr. Pickwick, mamãe — disse o sr. Wardle em seu tom mais alto de voz.

— Ah! — disse a velha senhora, sacudindo a cabeça — não consigo ouvi-lo.

— O sr. Pickwick, vovó! — gritaram ao mesmo tempo as duas meninas.

— Ah! — tornou a velha. — Não faz mal. Garanto que ele não se importa com uma velha como eu.

— Asseguro-vos, minha senhora — disse o sr. Pickwick, travando da mão da velha e falando tão alto que o exercício lhe deixou escarlate o rosto afável —, asseguro-vos, minha senhora, que nada me proporciona maior prazer do que ver uma senhora com a sua idade à testa de uma família tão digna, e com um aspecto tão jovem e bem disposto.

— Ah! — repetiu a velha, depois de uma pequena pausa — tudo isso há de ser muito bonito; mas não consigo ouvi-lo.

— Vovó não está bem disposta agora — explicou a srta. Isabela Wardle, em voz baixa. — Ela falará consigo daqui a pouco.

O sr. Pickwick significou, com um gesto, que desculpava as enfermidades da velhice, e entrou na conversação que se generalizara entre os demais membros do círculo.

— Que delicioso lugar — observou ele.

— Delicioso! — repetiram os srs. Snodgrass, Tupman e Winkle.

— Creio que sim — disse o sr. Wardle.

— Não há um melhor pedaço de terra em todo o condado de Kent, senhor — sobreveio o homem com cara de maçã-reineta —; não há, tenho a certeza de que não há. — O homem com cara de maçã-reineta olhou, triunfante, à sua roda, como se houvesse sido contraditado por alguém, mas tivesse conseguido levar-lhe a melhor.

— Não há lugar melhor em todo o condado de Kent — tornou a repetir, depois de uma pausa, o homem com cara de maçã-reineta.

— Exceto os prados de Mullins — observou, solene, o homem gordo.

— Os prados de Mullins! — reguingou o outro, com sumo desdém.

— Ah, os prados de Mullins! — repetiu o homem gordo.

— São boa terra — interveio outro homem gordo.

— Sem dúvida nenhuma — acudiu um terceiro homem gordo.

— Toda a gente sabe disso — confirmou o corpulento hospedeiro.

O homem com cara de maçã-reineta circunvolveu, hesitante, os olhos, mas, vendo-se em minoria, assumiu um ar de compaixão e não abriu mais a boca.

— De que estão falando? — perguntou a velha a uma das netas, em voz assaz audível; pois, como muitas pessoas surdas, nunca parecia imaginar a possibilidade de ser ouvida pelos outros.

— De terras, vovó.

— Que é que têm as terras? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não. O sr. Miller estava dizendo que as nossas terras são melhores que os prados de Mullins.

— E que é que ele entende disso? — perguntou, indignada, a velha. — Miller é um presumido, um bobo alegre, e você pode dizer-lhe que fui eu quem disse. — E, depois de proferir estas palavras, sem perceber que falara em voz alta, empertigou-se toda e cravou o olhar severo no delinqüente com cara de maçã-reineta.

— Vamos, vamos — acudiu o sr. Wardle, naturalmente ansioso por desviar o rumo da conversação. — Que diz o senhor de um *whist*, sr. Pickwick?

— Adoro-o — replicou o interpelado —, mas não organize um só por minha causa.

— Ora, garanto-lhe que minha mãe gosta muito de *whist* — disse o sr. Wardle —, não gosta, mamãe?

A velha senhora, muito menos surda nesse particular do que em qualquer outro, replicou afirmativamente.

— Joe! Joe! — disse o filho. — Joe, maldito! Oh, aqui está ele; prepare as mesas de jogo.

O letárgico indivíduo conseguiu, sem maiores estimulantes, preparar duas mesas de jogo; uma para a papisa Joana e outra para o *whist*. Os jogadores de *whist* eram o sr. Pickwick e a velha senhora, o sr. Miller e o cavalheiro gordo. O outro jogo compreendia o resto da companhia.

O *whist* foi conduzido com toda a circunspeção e gravidade que exige esse ato solene, ao qual, segundo nos parece, foi dado irreverente e ignominiosamente o nome que tem. Na mesa do outro jogo, pelo contrário, era tão ruidosa a alegria que chegava a interromper notavelmente as lucubrações do sr. Miller, que, menos absorto do que deveria estar, teve traças de cometer vários crimes e erros imperdoáveis, que provocaram, até o extremo, a cólera do senhor gordo, e despertaram, na mesma proporção, o bom humor da velha.

— Pronto! — disse, triunfante, o criminoso Miller, ao apanhar a última vaza no fim de uma das mãos. — Gabo-me de que ninguém poderia ter jogado melhor: seria impossível fazer outra vaza!

— Miller devia ter cortado os ouros, não devia? — perguntou a velha.

O sr. Pickwick fez um gesto afirmativo.

— Acha que sim? — perguntou o infortunado, dirigindo-se, em tom duvidoso, ao parceiro.

— Está visto que sim — respondeu o cavalheiro gordo, com voz terrível.

— Sinto muito — disse, com desalento, o pobre Miller.

— Isso não adianta — resmungou o cavalheiro gordo.

— Duas figuras, são oito para nós — declarou o sr. Pickwick.

— Outra mão. Pode fazer mais um? — indagou a velha senhora.

— Posso — replicou o sr. Pickwick. — Duplo, singelo e o resto.

— Nunca vi sorte igual — disse o sr. Miller.

— Nunca vi cartas assim — disse o cavalheiro gordo.

Silêncio solene: o sr. Pickwick bem-humorado, a velha séria, o cavalheiro gordo caviloso, e o sr. Miller timorato.

— Outro duplo — declarou a velha; e assinalou, triunfante, a circunstância, colocando uma moeda de 6 *pence* e outra, amassada, de meio *penny* debaixo do candelabro.

— Um duplo, senhor — disse o sr. Pickwick

— Já ouvi, senhor — voltou o cavalheiro gordo, muito seco.

Outro jogo, com resultado semelhante, foi seguido por uma renúncia de parte do desditoso Miller; em vista disso, o cavalheiro gordo rompeu em manifestações de grande irritação pessoal, que duraram até a conclusão do jogo, quando se recolheu a um canto e lá permaneceu, perfeitamente mudo, uma hora e 27 minutos, ao termo dos quais deixou o seu recolhimento e ofereceu ao sr. Pickwick uma pitada de rapé com o ar de um homem cristãmente determinado a perdoar as injúrias recebidas. A audição da velha senhora melhorou sensivelmente e o infortunado Miller passou a sentir-se tão fora do seu elemento como um golfinho na guarita de uma sentinela.

Enquanto isso, o outro jogo prosseguia alegremente. Isabela Wardle e o sr. Trundle “eram sócios”, como o eram também Emília Wardle e o sr. Snodgrass; e até o sr. Tupman e a tia solteirona haviam formado uma sociedade de fichas e galanteios. O velho sr. Wardle estava no auge da sua jovialidade; e era tão divertido no dirigir o jogo e as senhoras de idade tão sôfregas no ganhar, que na mesa toda se ouvia uma gargalhada só. Havia uma senhora velha que tinha sempre de pagar cerca de meia dúzia de cartas, o que provocava, sistematicamente, o riso de todos; e, quando ela se zangava por isso, eram as

gargalhadas mais ruidosas ainda; iluminava-se-lhe, então, gradualmente, o rosto, e ela acabava rindo mais do que os outros. Depois, quando a tia solteirona fazia algum “casamento”, as meninas voltavam a rir, e a tia solteirona parecia disposta a agastar-se; até que sentindo o sr. Tupman apertar-lhe a mão debaixo da mesa iluminava-se também, afetando uma expressão muito ladina, como se o casamento não estivesse realmente tão longe como supunham certas pessoas; e toda a gente ria-se outra vez, especialmente do velho Wardle, que gostava tanto de brincar como os mais moços. Respeito ao sr. Snodgrass, este não fazia outra coisa senão murmurar pensamentos poéticos aos ouvidos da parceira, o que levou um senhor idoso a fazer aproximações facetas entre as parcerias no jogo e as parcerias na vida, tecendo comentários a respeito, acompanhados de piscadelas e sorrisos, que divertiam muitíssimo os presentes, principalmente a esposa do dito senhor. E o sr. Winkle saiu-se com piadas muito conhecidas na cidade, mas desconhecidas na província: e como todos rissem a bom rir, e as achassem excelentes, o sr. Winkle sentiu-se muito orgulhoso e feliz. O benévolo eclesiástico olhava sorridente para tudo; pois os rostos ditosos que cercavam a mesa faziam o bom do velho sentir-se ditoso também; e, suposto que ruidosa, a alegria vinha do coração e não dos lábios; e é esta, afinal de contas, a verdadeira alegria.

Passou-se rapidamente a noite nessas divertidas recreações; terminada a ceia substancial, embora simples, formaram os presentes um círculo à volta da lareira, e o sr. Pickwick julgou que nunca se sentira tão feliz na vida, nem tão disposto a saborear-se e tirar o maior proveito possível do instante que passava.

— Pois é disto — afirmou o hospitaleiro dono da casa, cerimoniosamente sentado ao pé da poltrona da velha, com a mão dela presa na sua —, é disto exatamente que eu gosto; os momentos mais felizes da minha vida passaram-se ao pé desta lareira: e quero-lhe tanto que conservo aqui um lume a arder todas as noites, até que o calor seja tão forte que se torne insuportável. Que querem? A minha pobre e velha mãe, que aqui está, costumava sentar-se diante desta mesma lareira no seu tamborete quando era menina; não é verdade, mamãe?

As lágrimas que assomam, involuntárias, aos olhos quando a lembrança de velhos tempos e da felicidade de muitos anos passados acode subitamente ao espírito, deslizaram pelo rosto da velha, ao passo que ela abanava a cabeça com melancólico sorriso.

— Desculpe-me o falar-lhe sobre esse velho lugar, sr. Pickwick — prosseguiu o dono da casa, depois de breve pausa —, pois eu lhe tenho muito

amor e não conheço outro. As velhas casas e os velhos campos me parecem amigos vivos: e assim me parece a nossa igreja de heras — a cujo respeito, a propósito, o nosso excelente amigo compôs uma canção quando aqui chegou pela primeira vez. Sr. Snodgrass, ainda há qualquer coisa no seu copo?

— Muita coisa, obrigado — retorquiu o interpelado, cuja curiosidade poética fora grandemente despertada pelas últimas observações do hospedeiro. — Peça-lhe perdão, mas o senhor falava numa canção a respeito da heras.

— Dirija-se ao nosso amigo que está lá, do outro lado — respondeu com malícia o sr. Wardle, indicando o sacerdote com uma inclinação da cabeça.

— Poderia eu pedir-lhe, senhor, que me repetisse? — disse o sr. Snodgrass.

— Ora — voltou o clérigo —, é uma coisa de nada: e a única desculpa que tenho por havê-la perpetrado é que eu era muito moço nessa ocasião. Mas se quiser ouvi-la assim mesmo, com muito prazer.

Um murmúrio de curiosidade foi, naturalmente, a resposta; e o velho senhor se pôs a recitar, várias vezes ajudado pela esposa, que lhe servia de ponto, os versos seguintes. — Chamo-lhes — disse ele —

A HERA

Ah! como às ruínas trepa
Esta planta singular!
Na poeira e na carepa
O alimento vai buscar!
Com mais ânsia se apodera
Do que mais vetusto está:
Com que vigor cresce a heras
Onde vida não há!

Sobe, sobe, sem ter asas,
Ergue-se altiva ao cariz,
No cimo das velhas casas
E dos troncos senhoris.
Busca nas campas, qual fera,
O manjar que a morte dá;

Com que vigor cresce a hera
Onde vida não há!

Séculos fogem, deixando
Os escombros das nações;
Mas sobre eles vão lavrando
Os viridentes florões
Do pretérito, severa,
Sempre se alimentará:
Com que vigor cresce a hera
Onde vida não há.^[4]

Enquanto o velho repetia pela segunda vez estes versos, para permitir ao sr. Snodgrass que deles tomasse nota, o sr. Pickwick examinava-lhe os traços do rosto com uma expressão de grande interesse. Quando o sacerdote acabou de ditar, e o sr. Snodgrass tornou a enfiar no bolso o caderno de apontamentos, o sr. Pickwick interpelou-o:

— Perdoe-me este reparo, embora nos conheçamos tão pouco; mas um cavalheiro como o senhor não pode deixar, a meu ver, de ter observado muitas cenas e incidentes dignos de nota, no decurso das suas experiências como ministro do Evangelho.

— Testemunhei alguns, realmente — replicou o velho senhor. — Mas, sendo a minha esfera de ação tão limitada, os incidentes e caracteres têm sido de um gênero simples e comum.

— Mas creio que você tomou algumas notas a respeito de João Edmunds, não tomou? — inquiriu o sr. Wardle, que parecia muito desejoso de colocar o amigo em evidência para a edificação dos visitantes.

O velho senhor acenou levemente com a cabeça, em sinal de assentimento, e dispunha-se a mudar de assunto quando o sr. Pickwick sobreveio:

— Desculpe-me, senhor; mas permita que lhe pergunte quem era esse João Edmunds?

— Era exatamente o que eu ia perguntar — acudiu, vivamente, o sr. Snodgrass.

— Você está aí está seguro — disse o jovial anfitrião. — Terá de satisfazer a curiosidade destes senhores, mais cedo ou mais tarde; é melhor, portanto, aproveitar o ensejo e fazê-lo de uma vez.

O velho sorriu com bonomia ao puxar a cadeira para a frente; os restantes apertaram-se um pouco mais, sobretudo o sr. Tupman e a tia solteirona, que talvez tivessem o ouvido meio duro; e tendo sido devidamente ajustada a corneta acústica da velha, e o sr. Miller (que caíra no sono durante a recitação dos versos) despertado por um beliscão admonitório, que lhe pespegou, por baixo da mesa, o ex-parceiro, o velho senhor, sem mais preâmbulos, começou a narrativa seguinte, à qual tomamos a liberdade de antepor o título de

A VOLTA DO SENTENCIADO

“Quando me estabeleci nesta aldeia”, começou o narrador, “faz agora precisamente 25 anos, a pessoa mais digna de nota entre os meus paroquianos era um homem chamado Edmunds, que arrendava uma pequena propriedade perto deste lugar. Era um homem mau, taciturno e intratável: de hábitos preguiçosos e dissolutos, e natural feroz e cruel. Além dos poucos vadios atrevidos com que vagabundeava pelos cantos ou se embriagava na taberna, não tinha um amigo nem um conhecido; ninguém queria falar com o homem que muitos temiam e todos detestavam — e o povo, por isso, o evitava.

“Esse homem tinha mulher e um filho que, quando aqui cheguei, orçava pelos doze anos. Dos sofrimentos dessa mulher, da brandura e resignação com que os suportava, dos extremos de solicitude com que educava o menino, ninguém será capaz de fazer uma idéia adequada. Deus me perdoe a suposição, se não for caridosa, mas acredito piamente que o homem procurou, sistematicamente, durante muitos anos, despedaçar-lhe o coração; mas ela tudo sofreu por amor do filho e, por estranho que a muitos pareça, por amor do marido também; pois, apesar de ser ele bruto como era e de a haver tratado cruelmente, ela o amara; e a lembrança do que ele fora para ela despertava-lhe no seio sentimentos de indulgência e ternura, a despeito dos seus padecimentos, a que são estranhas todas as criaturas de Deus, exceto as mulheres.

“Eram pobres — não o poderiam deixar de ser com esse procedimento do marido; mas o trabalho contínuo e infatigável da mulher, a todas as horas do dia, da tarde e da noite, conservava-os ao abrigo da miséria. A gente que passava à noite pela casa deles — às vezes a desoras — referia ter ouvido os gemidos e soluços da infeliz e o som de pancadas; e mais de uma vez, já depois

da meia-noite, batia o menino levemente à porta da casa de algum vizinho, para onde era mandado a fim de fugir à furiosa embriaguez do pai desnaturado.

“Durante todo esse tempo, e se bem a pobre criatura apresentasse a miúdo vestígios de maus tratos e violências, que não lograva disfarçar inteiramente, freqüentava com assiduidade a nossa igrejinha. Todos os domingos, de manhã e de tarde, ocupava com o filho o mesmo banco: e, embora estivessem ambos pobremente vestidos — muito mais do que muitos de seus vizinhos em piores condições —, andavam sempre decentes e aseados. Tinham todos um gesto amistoso e uma boa palavrinha para a pobre sra. Edmunds: e a revezes, quando ela se detinha para trocar duas palavras com um vizinho, ao termo do serviço, na pequena alameda de olmeiros que conduz à entrada da igreja, ou demorava o passo para contemplar com orgulho e ternura de mãe o filho sadio, a brincar diante dela com alguns companheirinhos, iluminava-lhe o rosto consumido uma expressão de profunda gratidão; e parecia, se não alegre e feliz, pelo menos tranqüila e satisfeita.

“Cinco ou seis anos se passaram; o menino convertera-se num rapaz robusto e bem desenvolvido. O tempo, que enrijara o débil organismo do menino e lhe infundira nos membros delicados o vigor da juventude, curvara o corpo da mãe e lhe entibiara os passos; mas o braço que a deveria ter amparado já não apertava o dela; o rosto que a deveria ter alegrado já não olhava para ela. A mãe ocupava ainda o seu velho banco na igreja, mas via-se um lugar vazio ao seu lado. A Bíblia era guardada com o mesmo desvelo de sempre, as passagens eram marcadas e dobradas como sempre o tinham sido: mas não havia quem as lesse com ela; e as lágrimas lhe caíam grossas e rápidas sobre o livro, baralhando as palavras. Os vizinhos eram bondosos como outrora, mas ela evitava-lhes as saudações, desviando a cabeça. Já agora não demorava o passo entre os olmeiros — não sonhava alegremente com a felicidade que supunha à sua espera. Desolada, enfiava a touca sobre os olhos e estugava o passo.

“Ser-me-á preciso dizer-lhes que o rapaz, que, se volvesse os olhos para os primeiros dias de sua infância, a que pudessem chegar a memória e a consciência, e estendesse as suas recordações até esse momento, não se poderia lembrar de nada que não estivesse, de uma forma ou de outra, ligado a uma longa série de privações voluntárias sofridas pela mãe por amor dele, de maus tratos, insultos e violências, e tudo por sua causa — ser-me-á preciso dizer-lhes que, desdenhoso e indiferente ao seu coração despedaçado, calculada e obstinadamente esquecido de quanto ela fizera e sofrera por ele, amatalotara-se

com homens depravados e corrompidos, e encetara uma carreira temerária que havia de trazer para ele a morte e para ela a vergonha? Pobre natureza humana! Há muito, por certo, que o terão adivinhado.

“A desgraçada estava a ponto de ver cheia a medida da sua miséria e dos seus infortúnios. Haviam-se cometido numerosos delitos na vizinhança; os malfeitores ainda não tinham sido descobertos e a sua audácia aumentava. Um roubo de natureza mais atrevida e grave provocou uma vigilância e uma severidade com que eles não contavam. O jovem Edmunds, suspeito com mais três companheiros, foi detido, encarcerado, julgado e condenado à morte.

“O grito penetrante e selvagem de uma mulher, que ressoou no tribunal ao ser pronunciada a solene sentença, ainda me soa neste momento aos ouvidos. Esse grito encheu de terror o coração do culpado, que o julgamento e a condenação — os apaches da própria morte — não tinham conseguido despertar. Os lábios, que durante todo o tempo se haviam mantido apertados com teimosa pertinácia, estremeceram e separaram-se involuntariamente; o rosto assumiu uma palidez cinérea quando um suor frio lhe rompeu de todos os poros; tremeram os membros vigorosos do celerado e ele cambaleou no banco dos réus.

“Nos primeiros transportes de sua angústia mental, atirara-se a mãe desesperada a meus pés e rogara com fervor ao Onipotente, que até então a suportara em todos os transe, que a arrancasse a um mundo de dor e de miséria e poupasse a vida de seu único filho. Seguiram-se uma explosão de dor e uma luta violenta, como espero nunca mais testemunhar. Conheci que o coração se lhe partia naquele instante: mas não ouvi sequer uma queixa nem um murmúrio escapar-se-lhe dos lábios.

“Era um doloroso espetáculo ver aquela pobre mulher no pátio da prisão, dia após dia, buscando, ansiosa e fervente, com súplicas e afeto, abrandar o pétreo coração do filho. Debalde. Ele continuou taciturno, obstinado e impassível. Nem sequer a inesperada comutação da pena em degredo por catorze anos logrou amenizar-lhe a sombria intrepidez do porte.

“Mas o espírito de resignação e sofrimento que por tanto tempo a sustentara não pode lutar contra a fraqueza e a enfermidade do corpo. Ela caiu doente. Arrancou da cama os membros vacilantes para visitar mais uma vez o filho, mas as forças lhe faltaram, e ela tombou, inânime, ao solo.

“Foi então que a frieza e a indiferença tão gabadas do criminoso foram submetidas a uma rude prova; e o castigo que caiu sobre ele quase o

enlouqueceu. Um dia se passou, e a mãe não veio; passou-se outro, e ela também não apareceu; chegou uma terceira noite sem que ele a tivesse visto; e 24 horas depois deveria separar-se dela — talvez para sempre! Oh! como as lembranças havia muito esquecidas de seus primeiros dias lhe acudiram, então, em tropel, ao espírito, ao passo que corria de um lado para outro do pátio estreito — como se a sua pressa lhe trouxesse mais rapidamente as notícias —, e com quanta amargura sentiu o próprio desamparo e desolação quando lhe contaram a verdade! A mãe, o único parente que ele conhecera, jazia doente talvez à morte — a menos de 1 milha do local em que se encontrava; se estivesse livre, em poucos minutos se veria ao lado dela. Precipitou-se para a grade e, agarrando as barras de ferro com a força do desespero, sacudiu-as e fê-las estremecer; logo atirou-se contra a parede espessa, como se quisesse abrir caminho através da pedra; mas o sólido edifício zombou dos seus frágeis esforços, e ele, enclavinando as mãos, desatou a chorar como criança.

“Levei à prisão a bênção e o perdão maternos para o filho; e trouxe-lhe de volta ao leito de enferma os solenes protestos de arrependimento e o fervoroso pedido de perdão do condenado. Ouvi, com piedade e compaixão, os mil projotinhos do homem arrependido para o conforto e o sustento dela quando voltasse; mas eu sabia que, muitos meses antes de chegar ele ao seu destino, a mãe já não pertenceria a este mundo.

“Levaram-no durante a noite. Poucas semanas depois a alma da pobre mulher alçou vôo, espero-o, confiada e solenemente o creio, para um lugar de felicidade e repouso eternos. Fui eu mesmo quem executou os ofícios fúnebres sobre os seus despojos. Ela repousa em nosso pequeno cemitério. Não há lápide alguma sobre o seu túmulo. Os seus desgostos eram conhecidos dos homens; as suas virtudes, de Deus.

“Concertara-se, antes de partir o condenado, que ele escreveria à mãe assim que obtivesse licença, e que a carta me seria endereçada. O pai recusara-se, terminantemente, a ver o filho desde o momento em que fora detido; e era-lhe indiferente sabê-lo vivo ou morto. Muitos anos derivaram sem notícia dele; e quando, transcorrida mais de metade da sua sentença, não recebi carta nenhuma, concluí que estava morto, como, de fato, quase esperava que estivesse.

“Edmunds, no entanto, havia sido enviado a uma distância considerável, no interior da região, tanto que chegara ao presídio, e a isso talvez se deva atribuir o fato de nenhuma carta me haver chegado às mãos, posto tivessem

sido remetidas várias. Ele ficou no mesmo lugar durante catorze anos. Cumprida a sentença, firmemente disposto a levar a cabo a velha determinação e a cumprir a promessa que fizera à mãe, conseguiu voltar para a Inglaterra no meio de inumeráveis dificuldades e regressou, a pé, à sua terra natal.

“Numa formosa tarde de domingo, no mês de agosto, João Edmunds chegava à aldeia de que saíra, dezessete anos antes, corrido e desgraçado. O caminho mais próximo passava pelo cemitério. O coração do homem pulsou mais forte ao cruzar a cancela. Os velhos e altos olmeiros, através de cujos ramos projetava o sol poente, aqui e ali, um quente raio de luz sobre o caminho sombroso, despertaram-lhe recordações da infância. Reviu-se, então, agarrado à mão de sua mãe, a caminhar tranqüilamente para a igreja. Lembrou-se do hábito que tinha de olhar fixamente o rosto pálido dela e de como os olhos dela se enchiam de lágrimas ao fixarem-se nos traços dele — lágrimas que lhe caíam quentes sobre a testa quando ela se inclinava para beijá-lo, e que também o faziam chorar, embora mal soubesse então quanta amargura havia naquele pranto. Pensou nas muitas vezes em que correria, alegre, por aquela mesma alameda, com algum companheiro de sua idade, voltando-se a cada passo a fim de surpreender o sorriso de sua mãe ou de ouvir-lhe a voz meiga, rasgou-se-lhe então o véu da memória, e palavras de amor não retribuído, conselhos desdenhados e promessas não cumpridas acudiram-lhe, atropeladas, ao espírito, até que o coração lhe desfaleceu e ele não pôde suportá-las por mais tempo.

“Entrou na igreja. Os ofícios vespertinos estavam terminados e a congregação dispersara-se, mas a porta continuava aberta. Ecoaram seus passos no edifício baixo, produzindo um som oco, e ele quase teve medo de ficar sozinho, tamanhos eram a quietude e o silêncio. Olhou à sua volta. Nada se alterara. A igreja pareceu-lhe menor, mas lá estavam os antigos monumentos que mil vezes contemplara com terror infantil; o pulpitozinho com a almofada desbotada; a mesa da comunhão, diante da qual tantas vezes repetira os mandamentos que reverenciara quando criança e esquecera depois de homem. Aproximou-se do velho banco. Retirara-se a almofada, e a Bíblia não estava lá. Talvez sua mãe ocupasse agora um banco mais pobre, ou talvez houvesse enfermado e não pudesse ir sozinha à igreja. Não se atrevia a pensar no que temia. Uma fria sensação assenhoreou-o e ele estremeceu violentamente ao sair.

“Um velho cruzava o portal quando ele o alcançou. Edmunds recuou, pois conhecia-o muito bem; vira-o muitas vezes a cavar sepulturas no cemitério.

Que diria ele ao sentenciado que voltava?

“O velho ergueu os olhos para o rosto do estranho, desejou-lhe boa-noite, e continuou, vagaroso, o seu caminho. Esquecera-o.

“Desceu a colina e atravessou a aldeia. O tempo estava quente e toda a gente se assentara à porta de suas casas, para gozar da serenidade da tarde e do repouso dominical. Muitos olhos se voltaram para vê-lo e muitos olhares inquietos lançou ele para um lado e outro, a fim de ver se alguém o reconhecia e evitava. Havia rostos estranhos em quase todas as casas; numa reconheceu as feições de antigo condiscípulo — menino, quando o vira pela última vez —, rodeado de um exército de crianças alegres; noutra, sentado numa poltrona, à porta de uma choupana, um velho fraco e enfermo, que se lembrava de haver deixado robusto e sadio trabalhador; todos, porém, o haviam esquecido e ninguém lhe dirigiu a palavra ao passar.

“O último raio brando de luz do sol poente caíra sobre a terra, lançando vivo esplendor às searas douradas de trigo, e adensando-se as sombras das árvores do pomar, quando ele estacou diante da velha casa — a casa da sua infância —, pela qual anelara com indescritível intensidade de afeto, durante os longos e estafantes anos de cativo e tristeza. A paliçada era baixa, conquanto se lembrasse muito bem do tempo que lhe parecera um muro alto; e olhou para o velho jardim. Havia mais plantações e flores mais alegres do que antes, mas lá estavam ainda as árvores antigas — a mesma árvore debaixo da qual se deitara mil vezes quando se cansava de brincar ao sol, e sentira possuí-lo suavemente o brando sono da infância feliz. Ouviu vozes dentro da casa. Prestou atenção, mas elas lhe pareceram estranhas ao ouvido; não as conhecia. Eram vozes alegres; e ele sabia muito bem que a sua pobre e velha mãe não poderia estar alegre, estando ele ausente. Abriu-se a porta, e um grupo de criancinhas precipitou-se para fora, gritando e pulando. O pai, com um menininho nos braços, assomou à soleira, e as crianças rodearam-no, batendo as mãozinhas e arrastando-o para fora, a fim de que fosse brincar com elas. O sentenciado lembrou-se das muitas vezes em que fugira aos olhares do pai naquele mesmo lugar. Lembrou-se das muitas vezes em que enterrara a cabeça trêmula debaixo das cobertas, e ouvira o insulto, e a pancada, e os gemidos de sua mãe; e embora o homem soluçasse, agoniado, ao deixar aquele local, levava os punhos apertados e os dentes cerrados, num acesso de raiva mortal.

“E tal era o regresso por que ansiara durante o penar de tantos anos e pelo qual suportara tantos padecimentos! Nenhuma expressão de boas-vindas,

nenhum olhar de perdão, nenhuma casa para acolhê-lo, mão nenhuma para o ajudar — e isto na sua velha aldeia. Quão pequena, diante disto, era a sua solidão nas florestas virgens, onde nunca se via uma criatura humana!

“Conheceu que na terra distante da sua servidão e da sua infâmia, imaginara a terra natal como a tinha deixado; não como havia de encontrá-la quando voltasse. A triste realidade punziu-lhe, fria, o coração e o ânimo partiu-se-lhe dentro dele. Não sentia coragem para fazer indagações, ou para procurar quem pudesse recebê-lo com bondade e compaixão. Pôs-se lentamente a caminho; e, fugindo à estrada como um criminoso, penetrou num prado de que se lembrava muito bem: cobriu o rosto com as mãos, e deixou-se cair sobre a relva.

“Não observara que, ao seu lado, jazia um homem no chão; o ruído que fizeram as suas vestes quando ele se voltou para considerar o recém-chegado fez que Edmunds levantasse a cabeça.

“O homem sentara-se. O corpo era muito curvado e o rosto enrugado e amarelo. As roupas indicavam um internado de hospício: parecia ser muito velho, mais por efeito da doença ou da devassidão que do peso dos anos. Olhava muito de fito o estranho e, se bem tivesse os olhos pesados e sem lustro a princípio, estes pareceram brilhar com uma expressão desnatural e apavorada, depois de se terem fixado sobre o outro por algum tempo, até parecerem querer saltar das órbitas. Edmunds levantou-se, gradativamente, até a altura dos joelhos e começou a olhar cada vez mais fixamente para o rosto do velho. Por algum tempo contemplaram-se em silêncio.

“O velho estava lívido. Estremeceu e ergueu-se, cambaleante. Edmunds levantou-se de um salto. O velho recuou um ou dois passos. Edmunds adiantou-se.

“— Quero ouvir a sua voz — disse o degredado, com voz entrecortada.

“— Não se aproxime! — gritou o velho, com uma imprecisão medonha. O sentenciado aproximou-se ainda mais.

“— Não se aproxime! — urrou o velho. Presa de furioso terror, ergueu a bengala e desferiu um pesado golpe no rosto de Edmunds.

“— Meu pai... demônio! — murmurou o condenado, entredentes. Atirou-se, alucinado, para a frente e segurou o velho pela garganta. Mas era seu pai; e o braço caiu-lhe, imponente, para o lado.

“O velho despediu um berro que ecoou pelos campos desertos como o uivar de um espírito mau. Enegreceu-se-lhe o rosto: o sangue jorrou-lhe da

boca e do nariz e tingiu a relva de um vermelho escuro quando ele vacilou e caiu. Rompera-se-lhe um vaso: e morreu antes que o filho pudesse levantá-lo.

.....

“Naquele canto do cemitério”, disse o velho sacerdote, após alguns momentos de silêncio, “naquele canto do cemitério de que falei, jaz enterrado um homem que esteve a meu serviço durante três anos depois desse acontecimento: e se houve um homem contrito, penitente e humilhado, foi aquele. Ninguém, exceto eu, durante a vida desse homem soube quem fosse nem donde vinha: era João Edmunds, o degredado que voltara.”

CAPÍTULO VII

DE COMO O SR. WINKLE, EM VEZ DE ATIRAR AO POMBO E ACERTAR NA GRALHA, ATIROU À GRALHA E ACERTOU NO POMBO; DE COMO O CLUBE DE “CRICKET” DE DINGLEY DELL JOGOU CONTRA O DE MUGGLETON, E DE COMO O DE MUGGLETON JANTOU À CUSTA DO DE DINGLEY DELL; COM OUTROS ASSUNTOS INTERESSANTES E INSTRUTIVOS.

AS FATIGANTES AVENTURAS daquele dia ou, talvez, a soporífera influência da narrativa do vigário operaram tão vigorosamente sobre as sonolentas propensões do sr. Pickwick que, cinco minutos depois de haver sido introduzido em seu confortabilíssimo quarto, ferrou num sono profundo e sem sonhos, de que só foi despertado na manhã seguinte, quando os raios brilhantes do sol lhe invadiram repreensivamente o quarto. O sr. Pickwick não era preguiçoso; e, semelhante a um valoroso guerreiro, ergueu-se, de um salto, da sua tenda — isto é, da sua cama.

— Que amenos locais — suspirou o entusiástico cavalheiro, ao abrir as gelosias. — Quem poderia passar a vida a olhar, todos os dias, para tijolos e ardósias, depois de haver sentido a influência de uma cena como esta? Quem poderia continuar a existir onde não há vacas senão nas tampas das chaminés, nem plantas a não ser o arroz dos telhados? Quem poderia arrastar a existência num lugar assim? Quem? pergunto eu. — E, depois de haver interrogado a solidão à imitação dos mais gloriosos precedentes, o sr. Pickwick pôs a cabeça para fora e olhou em torno de si.

O aroma suave e penetrante do feno subiu-lhe à janela do quarto; as centenas de perfumes dos canteiros de flores, embaixo, impregnavam todo o ar; os prados de um verde-escuro cintilavam com o orvalho matutino, que brilhava em cada folha, mansamente agitada; e os pássaros cantavam como se cada gota

luzente fosse para eles um manancial de inspiração. O sr. Pickwick mergulhou num devaneio delicioso e encantador.

— Ora, viva! — foi o som que o despertou.

Olhou para a direita, mas não viu ninguém; os olhos voltaram-se-lhe para a esquerda e perscrutaram a paisagem; olhou para o céu, mas ninguém o chamava de lá; e fez então o que teria feito imediatamente um espírito vulgar — abateu a vista para o jardim e deu com o sr. Wardle.

— O senhor, como vai? — perguntou o bem-humorado sujeito, já alvoroçado com os prazeres que antecipava. — Linda manhã, não é verdade? Estimo vê-lo em pé tão cedo. Desça depressa que eu o esperarei aqui.

O sr. Pickwick não precisou de segundo convite. Dez minutos lhe bastaram para acabar de vestir-se e, ao cabo desse tempo, já estava ao pé do velho senhor.

— Ora, viva! — disse o sr. Pickwick por seu turno, vendo o companheiro armado de uma espingarda e outra, já pronta, no chão. — Que aconteceu?

— Pois o seu amigo e eu — replicou o dono da casa — vamos caçar gralhas antes do almoço. Ele atira bem, não atira?

— Ouvi dizer que atira muitíssimo bem — replicou o sr. Pickwick —, mas nunca o vi atirar em coisa alguma.

— Bem — disse o hospedeiro —, eu quisera que ele já estivesse aqui. Joel! Joel!

O rapaz gordo, que, sob a estimulante influência da manhã, parecia estar apenas pouco mais que três quartas partes adormecido, saiu da casa.

— Suba, chame o cavalheiro e diga-lhe que me encontrará com o sr. Pickwick no bosque. Mostre-lhe o caminho até lá; ouviu?

Afastou-se o rapaz para desincumbir-se do recado; e o hospedeiro, carregando as duas espingardas, como um segundo Robinson Crusóé, levou o sr. Pickwick para fora do jardim.

— Este é o lugar — disse o velho senhor, estacando depois de alguns minutos de marcha, numa alameda. A informação era desnecessária, pois o grasnar incessante das inconscientes gralhas indicava-lhes a localização.

O velho depositou uma espingarda no chão e carregou a outra.

— Aqui estão eles — disse o sr. Pickwick; e, enquanto falava, as formas do sr. Tupman, do sr. Snodgrass e do sr. Winkle apareceram, à distância. O gorducho, sem saber com certeza qual o cavalheiro que tinha de chamar, com

singular sagacidade e no intuito de obviar a qualquer possibilidade de engano, chamara todos eles.

— Venha — gritou o velho, dirigindo-se ao sr. Winkle —, um grande atirador como o senhor havia de estar levantado há muito tempo, até mesmo para uma coisa tão sem importância.

O sr. Winkle respondeu com um sorriso forçado, e tomou da espingarda que lhe era destinada com a expressão que se pode imaginar que assumiria uma gralha metafísica ao prever a própria morte, próxima e violenta. Poderia ser alvoroço, mas semelhava prodigiosa-mente a angústia.

O velho fez um sinal com a cabeça; e dois moleques, em farrapos, que haviam sido colocados em ordem no lugar sob a direção de outro menino, começaram incontinenti a trepar em duas árvores.

— Para que servem os garotos? — perguntou, de improviso, o sr. Pickwick. Estava algum tanto assustado; pois não tinha a absoluta certeza de que a miséria dos agricultores, de que tantas vezes ouvira falar, não lhes tivesse obrigado os filhos a ganhar uma precária e arriscada subsistência convertendo-se em alvos de caçadores bisonhos.

— Só para espantar a caça — replicou, a rir, o sr. Wardle.

— Para quê? — insistiu o sr. Pickwick.

— Em boa linguagem, para assustar as galhas.

— Só isso?

— Está satisfeito?

— Plenamente.

— Muito bem. Posso começar?

— Faça o favor — retrucou o sr. Winkle, que folgava com qualquer demora.

— Afaste-se, então, para o lado. Pronto.

O garoto gritou e sacudiu um galho em que havia um ninho. Meia dúzia de galhas novas, que travavam uma palestra animada, voaram para ver o que sucedera. O velho atirou, à guisa de resposta. Um pássaro caiu e os outros fugiram.

— Apanhe-o, Joe — ordenou o velho.

Indistintas visões de um pastelão de gralha cruzaram-lhe a imaginação. Ele ria quando se afastou com o pássaro — era bem gordo.

— Agora, sr. Winkle — disse o dono da casa, tornando a carregar a espingarda. — Atire.

O sr. Winkle adiantou-se e apontou a arma. O sr. Pickwick e os companheiros recuaram involuntariamente para fugir à chuva de gralhas que, tinham a certeza, cairiam vitimadas pelo chumbo devastador do amigo. Houve uma pausa solene; um grito; um bater de asas; um fraco estalido.

— Que foi? — perguntou o velho.

— Ela não funciona? — indagou o sr. Pickwick.

— Falhou — respondeu o sr. Winkle, muito pálido, provavelmente de desapontamento.

— É esquisito — disse o velho, tomando da espingarda. — Eu nunca soube de nenhuma que tivesse falhado. Ora essa! Mas não vejo os vestígios da cápsula.

— Valha-me Deus! — exclamou o sr. Winkle. — Confesso que me esqueci da cápsula!

Retificado o pequeno engano, o sr. Pickwick se agachou de novo. O sr. Winkle adiantou-se com ar determinado e resolutivo; e o sr. Tupman escondeu-se atrás de uma árvore. O menino gritou; quatro pássaros voaram. O sr. Winkle deu ao gatilho. Ouviu-se um grito de angústia que se diria desferido por um ser humano — e não por uma gralha. O sr. Tupman salvara a vida de inúmeros pássaros inocentes recebendo parte da carga no braço esquerdo.

Fora impossível descrever a confusão que se seguiu, dizer como o sr. Pickwick, nos primeiros transportes de sua comoção, chamou ao sr. Winkle “Desgraçado!” e como o sr. Tupman quedou prostrado no chão; como o sr. Winkle, horrorizado, se ajoelhou ao pé dele; como o sr. Tupman, delirante, chamou por alguns nomes femininos, abriu um olho, depois o outro e, afinal, caiu para trás fechando os dois; tudo isso seria tão difícil de descrever circunstanciadamente como o seria pintar o gradativo restabelecer-se do infortunado indivíduo, o amarrar-lhe o braço com lenços e o transportá-lo de volta, vagorosamente, amparado pelos amigos aflitos.

Acercaram-se da casa. As senhoras encontravam-se à portinhola do jardim, esperando por eles e pelo almoço. A tia solteirona apareceu; sorriu, e fez-lhe sinais para que andassem mais depressa. Era evidente que não sabia do desastre. Pobrezinha! Momentos há em que a ignorância é, de fato, uma felicidade.

Aproximaram-se ainda mais.

— Mas que será que aconteceu com o velhinho? — perguntou Isabela Wardle. A tia solteirona não deu atenção à pergunta; supunha que esta se

referisse ao sr. Pickwick. A seus olhos, Tracy Tupman era um rapaz; via-lhe os anos através de um vidro de diminuir.

— Não se assustem — gritou o dono da casa, receando assustar as filhas. O pequeno grupo cercara tão completamente o sr. Tupman que não se podia distinguir com clareza a natureza do acidente.

— Não se assustem — repetiu o pai.

— Que aconteceu? — gritavam as senhoras.

— O sr. Tupman sofreu um acidentezinho: não foi nada.

A tia solteirona soltou um grito estridente, teve um acesso nervoso de riso e caiu para trás, nos braços das sobrinhas.

— Joguem um pouco de água fria em cima dela — disse o velho.

— Não, não — murmurou a tia solteirona —, já estou melhor agora. Bela, Emília, um cirurgião! Ele está ferido? Está morto? Está... ah, ah, ah! — e recaiu no acesso número dois, de riso nervoso entremeado de guinchos.

— Acalme-se — pediu o sr. Tupman, comovido quase até as lágrimas por essa manifestação de simpatia. — Minha querida, querida senhora, acalme-se.

— É a voz dele! — exclamou a tia solteirona; e entraram imediatamente a desenvolver-se vigorosos sintomas do acesso número três.

— Não se aflija, eu lhe suplico, caríssima senhora — tornou o sr. Pickwick com muita meiguice. — Asseguro-lhe que foi um ferimentozinho à-toa.

— Então o senhor não está morto! — refilou a nervosa senhora. — Diga, diga que não está morto!

— Não seja tonta, Raquel — interveio o sr. Wardle, algo mais asperamente do que convinha à poética natureza da cena. — Que lhe adianta dizer que não está morto?

— Não, não, não estou — respondeu o sr. Tupman. — Não preciso de outra assistência além da sua. Permita que me apóie em seu braço. — E acrescentou, sussurrante: — Oh, srta. Raquel! — A agitada senhora adiantou-se e ofereceu-lhe o braço. Entraram na sala de almoço. O sr. Tracy Tupman apertou-lhe delicadamente a mão de encontro aos lábios e deixou-se cair sobre o sofá.

— Sente-se mal? — perguntou a ansiosa Raquel.

— Não — redargüiu o sr. Tupman. Não é nada. Estarei melhor daqui a pouco. — E cerrou os olhos.

— Ele está dormindo — murmurou a tia solteirona. (Os órgãos visuais tinham-se-lhe fechado havia quase vinte segundos.) — Meu querido... querido...

sr. Tupman!

O sr. Tupman deu um salto: — Oh, repita essas palavras! — exclamou.

A dama estremeceu: — O senhor, com certeza, não as ouviu! — voltou ela, pudica.

— Ouvi, ouvi, sim! — replicou o sr. Tupman. — Repita-as. Se quiser que eu sare, repita-as.

— Psiu! — disse ela. — Meu irmão vem vindo.

O sr. Tracy Tupman voltou à primitiva posição; e o sr. Wardle, acompanhado de um cirurgião, entrou na sala.

O braço foi examinado, o ferimento pensado e declarado sem importância; e, satisfeitos, dessarte, os espíritos dos circunstantes passaram estes a satisfazer os seus apetites com semblantes a que voltara uma expressão de alegria. Só o sr. Pickwick se mantinha silencioso e reservado. A dúvida e a desconfiança patenteavam-se-lhe no rosto. A sua fé no sr. Winkle fora abalada — profundamente abalada — pelos sucessos da manhã.

— Joga *cricket*? — perguntou o sr. Wardle ao atirador.

Em qualquer outra circunstância teria o sr. Winkle respondido afirmativamente. Sentindo, porém, a delicadeza da situação, respondeu, modesto, que não.

— O senhor joga? — indagou o sr. Snodgrass.

— Já joguei — replicou o dono da casa —, mas desisti; sou sócio do clube daqui, mas não jogo.

— É hoje o dia do grande jogo, se não me engano — disse o sr. Pickwick.

— É — tornou o hospedeiro. — Os senhores, com certeza, gostariam de vê-lo.

— Eu, senhor — declarou o sr. Pickwick —, folgo de assistir a todos os desportos que possam ser praticados com segurança e nos quais os esforços impotentes dos desastrados não ponham em perigo a vida humana. — O sr. Pickwick fez uma pausa e fitou os olhos no sr. Winkle, que estremeceu debaixo da vista penetrante do chefe. O grande homem desviou o olhar depois de alguns minutos, e acrescentou: — Será que podemos deixar o nosso amigo ferido entregue ao cuidado das senhoras?

— Não me poderiam deixar em melhores mãos — disse o sr. Tupman.

— Seria impossível — corroborou o sr. Snodgrass.

Combinou-se, portanto, que o sr. Tupman ficaria em casa, a cargo das senhoras; e que os demais convivas, guiados pelo sr. Wardle, dirigir-se-iam ao

local em que se deveria travar o certame de habilidade que despertara toda Muggleton de seu torpor e que inoculava em Dingley Dell uma febre de entusiasmo.

Como a caminhada não fosse de mais de 2 milhas e devesse ser feita por azinhagas sombrias e atalhos apartados, e como a conversação versasse sobre o ameno da paisagem que os cercava de todos os lados, o sr. Pickwick sentiu-se quase inclinado a lamentar a pressa com que tinham andado, ao ver-se na rua principal da cidade de Muggleton.

Quem quer que tenha o engenho inclinado à topografia sabe perfeitamente que Muggleton é sede de um município e tem um prefeito, burgueses e eleitores; e quem quer que examine as mensagens do prefeito aos eleitores, ou dos eleitores ao prefeito, ou de ambos à municipalidade, ou de todos ao Parlamento, ficará sabendo o que já devia saber, isto é, que Muggleton é um burgo antigo e leal, que mistura uma zelosa advocacia dos princípios cristãos a um dedicado aferro aos direitos comerciais; para demonstrá-lo, o prefeito, a municipalidade e outros habitantes apresentaram, em diversas ocasiões, nada menos que 1.420 petições contra a continuação do tráfico dos negros no estrangeiro, e igual número delas contra qualquer interferência no sistema mercantil do país; 68 em favor da venda de benefícios eclesiásticos, e 86 pela abolição do comércio nas ruas aos domingos.

Na rua principal dessa ilustre cidade, olhou o sr. Pickwick, com um ar de curiosidade não isento de interesse, para os objetos que o rodeavam. Havia uma praça aberta para o mercado; e, no centro dela, uma grande estalagem, com uma tabuleta na frente, em que se via um objeto muito comum em arte, mas que raro se encontra na natureza — isto é, um leão azul, com três patas no ar, a oscilar sobre a extremidade da garra central da última pata. Viam-se ainda uma agência de leilões e de seguros contra incêndios, um armazém de cereais, uma loja de armarinhos, uma selaria, uma destilaria, uma confeitaria e uma sapataria — a última das quais era também destinada à difusão de chapéus, toucas, fatos, guarda-chuvas de algodão e conhecimentos úteis. Havia uma casa de tijolos vermelhos com um patiozinho pavimentado na frente, que qualquer adivinharia pertencer ao advogado; e havia, além disso, outra casa de tijolos vermelhos com venezianas, e uma enorme chapa de cobre na porta, em que se anunciava de maneira bem legível que a casa pertencia ao cirurgião. Alguns meninos dirigiam-se para o campo de *cricket*; e dois ou três lojistas, à porta de suas casas, pareciam querer dirigir-se ao mesmo lugar, como, de fato, segundo

todas as aparências o poderiam ter feito, sem perder, por isso, grande coisa do seu ganho. Havendo-se detido para fazer essas observações, que seriam anotadas em ocasião mais oportuna, apressou-se o sr. Pickwick em alcançar os amigos, que já haviam deixado a rua principal e avistavam o campo de batalha.

As estacas já tinham sido colocadas, bem como duas barracas para descanso e refresco dos banhos adversários. O jogo ainda não começara. Dois ou três jogadores de Dingley Dell e todos os de Muggleton divertiam-se com ar majestoso, jogando negligentemente a bola uns para os outros; e vários outros cavalheiros, trajados como eles, com chapéus de palha, jaquetas de flanela e calças brancas — traje em que se pareciam muito com pedreiros amadores —, achavam-se espalhados ao redor das tendas, para uma das quais o sr. Wardle conduziu o grupo.

Várias dúzias de “Como vai?” saudaram a chegada do velho; e uma ascensão geral de chapéus de palha e uma geral inclinação das jaquetas de flanela seguiram-se à apresentação feita por ele de seus hóspedes como cavalheiros de Londres, que se achavam extremamente ansiosos por assistir aos sucessos do dia, com os quais, sem dúvida alguma, se recreariam enormemente.

— Seria preferível entrar na barraca, senhor — disse um robustíssimo cavalheiro, cujo corpo e cujas pernas semelhavam a metade de um rolo gigantesco de flanela, colocada sobre um par de travesseiros inchados.

— O senhor se sentirá lá muito melhor — insistiu outro vigoroso cavalheiro, que apresentava grande semelhança com a outra metade do sobredito rolo de flanela.

— É muita bondade dos senhores — disse Pickwick.

— Por aqui — tornou o que falara primeiro. — É aqui que se faz marcação... O melhor lugar de todo o campo — e o jogador de *cricket*, resfolegando na frente, conduziu-os à tenda.

— Jogo excelente... belo exercício... magnífico desporto... magnífico. — Foram as palavras que caíram nos ouvidos do sr. Pickwick ao entrar na barraca; e o primeiro objeto com que deram os seus olhos foi o seu amigo de casaca verde da diligência de Rochester, arengando para edificação e deleite de um círculo seleta de jogadores de Muggleton. Estavam os seus trajes levemente melhorados, e ele calçava botas; mas fora impossível não o reconhecer.

O estranho reconheceu imediatamente os amigos; e, precipitando-se-lhes ao encontro e agarrando o sr. Pickwick pela mão, arrastou-o para um banco

com a sua impetuosidade natural, falando durante o tempo todo, como se todos os preparativos estivessem sob o seu patrocínio e direção especiais.

— Por aqui... por aqui... divertidíssimo. Muita cerveja... às pipas; montes de carne... de vaca; mostarda... carroças carregadas; lindo dia. Sente-se... Esteja à vontade... Folgo em vê-lo... muitíssimo.

Sentou-se o sr. Pickwick, como lhe ordenavam, e o sr. Winkle e o sr. Snodgrass obedeceram também às instruções do misterioso amigo.

O sr. Wardle olhava, com silencioso pasmo.

— O sr. Wardle... um amigo meu — disse o sr. Pickwick.

— Amigo seu! Meu caro senhor, como está? Amigo do meu amigo... Dê-me a sua mão, senhor — e o desconhecido apertou a mão do sr. Wardle com todo o fervor de uma grande intimidade de muitos anos; depois, recuou um ou dois passos, como para dar-lhe uma vista completa de olhos ao rosto e à figura, e tornou a apertar-lhe a mão com mais calor do que antes, se possível.

— Então, como veio parar aqui? — perguntou o sr. Pickwick com um sorriso em que a benevolência lutava com a surpresa.

— Como vim? — atalhou o estranho. — Hospedei-me na Coroa... a Coroa de Muggleton... Encontrei um grupo... jaquetas de flanela... calças brancas... sanduíches de anchovas... rins grelhados... esplêndidos sujeitos... magnífico.

Achava-se o sr. Pickwick suficientemente versado no sistema estenográfico do estranho para inferir da sua rápida e desconexa notícia que ele, de uma forma ou de outra, conseguira travar relações com os jogadores de Muggleton, convertendo-as, por um processo que lhe era peculiar, nessa boa camaradagem em que facilmente se funda um convite geral. Satisfeita, portanto, a sua curiosidade, ajeitou os óculos e preparou-se para assistir ao jogo, que estava começando.

A saída pertenceu aos jogadores de Muggleton; e tornou-se intenso o interesse quando o sr. Dumkins e o sr. Podder, dois dos mais famosos membros desse distintíssimo clube, com as maçãs na mão, caminharam para as suas respectivas estacas. O sr. Luffey, o mais alto ornamento de Dingley Dell, foi destacado para atirar a bola contra o temível Dumkins e o sr. Struggles foi encarregado do mesmo ofício amável contra o até então invencível Podder. Diversos jogadores foram postados em diferentes partes do campo para “olhar” e cada qual se colocou na postura conveniente, apoiando uma mão em cada joelho, e curvando-se como se estivesse oferecendo as costas a algum

bisonho saltador de sela. Todos os bons jogadores fazem o mesmo; e, com efeito, supõe-se geralmente que é de todo impossível olhar direito em qualquer outra posição.

Os árbitros estavam colocados atrás das estacas; os marcadores prepararam-se para marcar os pontos: fez-se profundíssimo silêncio. O sr. Luffey recuou alguns passos atrás das estacas do passivo Podder e aplicou a bola ao olho direito durante vários segundos. Dumkins esperou-lhe confiadamente a trajetória com os olhos fitos nos movimentos de Luffey.

— Atenção! — gritou de repente o que atirava a bola. Esta voou-lhe das mãos, rápida e direita, para a estaca do centro. O prudente Dumkins estava alerta; a bola caiu na ponta da maça e saltou muito longe, sobre as cabeças dos olheiros, que se curvaram ainda mais para deixá-la passar.

— Corram... corram... outra. Agora, atirem-na... atirem-na... parem-na aí... outra... não... sim... não... atirem-na, atirem-na! — tais foram os gritos que se seguiram ao lanço, ao cabo do qual os de Muggleton fizeram dois pontos. Nem Podder se mostrou menos ativo ao ganhar lauréis com que se enfeitar a si e a Muggleton. Parava as bolas duvidosas, deixava passar as más, apanhava as boas e fazia-as voar por todas as partes do campo. Estavam os olheiros vermelhos e cansados; os atiradores de bolas foram trocados e atiraram-nas até lhes doerem os braços; mas Dumkins e Podder continuaram invencíveis. Se um cavalheiro idoso buscava deter o progresso da bola, esta lhe rolava pelo meio das pernas ou escapava-se-lhe dos dedos. Se um cavalheiro magro tentava segurá-la, ela batia-lhe no nariz e saltava alegremente para trás, com dobrada violência, ao passo que os olhos do cavalheiro se enchiam de lágrimas e o corpo se lhe contorcia de dor. Se a jogassem diretamente às estacas, Dumkins alcançava-as antes da bola. Em suma, feitas as contas, os jogadores de Muggleton marcaram 54 pontos, ao passo que o registro dos de Dingley Dell continuava branco como os seus rostos. A vantagem era tão grande que se não poderia recuperar. Em vão fizeram o ardente Luffey e o entusiástico Struggles quanto lhes sugeriram a habilidade e a experiência para recuperar o terreno que Dingley Dell perdera no certame: de nada lhes valeu o esforço: e, logo, os de Dingley Dell foram obrigados a desistir e reconhecer a superioridade dos de Muggleton.

Nesse meio tempo o desconhecido comera, bebera e falara sem parar. A cada jogada boa manifestava a sua satisfação aprovativa de maneira assaz condescendente e protetora, que não poderia deixar de ser altamente grata ao jogador interessado; mas toda vez em que algum não conseguia deter nem

segurar a bola, explodia-lhe o desprazer ocasionado pelo desastrado nestas exclamações: Ah, ah! Estúpido... Vamos, dedos de manteiga... Desastrado... Perna-de-pau — e assim por diante: ejaculações que pareciam elevá-lo no conceito de quantos o rodeavam como juiz excelente e indiscutível de toda a arte e mistério do nobre jogo de *cricket*.

— Excelente jogo... bem jogado... alguns lanços admiráveis — disse o desconhecido, quando os dois bandos se reuniram na barraca, findo o exercício.

— Já o jogou, senhor? — perguntou o sr. Wardle, que se divertira muitíssimo com a sua loquacidade.

— Se o joguei! Como não... milhares de vezes... não aqui... nas Índias Ocidentais... Entusiasmante... muito quente... muito quente.

— Há de ser, por força, uma ocupação meio quente mesmo num clima daqueles — observou o sr. Pickwick.

— Quente!... Quentíssimo... ardente... fervente. Certa vez joguei uma partida... uma estaca só... meu amigo o coronel... Sir Tomás Blazo... para ver quem faria o maior número de pontos. Ganhei a sorte... a saída foi minha... 7 horas da manhã... seis indígenas para apanhar as bolas... comecei; continuei... calor intenso... todos os indígenas desmaiaram... foram retirados... Veio outra meia dúzia... também desmaiaram... Blazo atirava as bolas... amparado por dois indígenas... Não consegui levar a melhor... desmaiou também... Retiraram o coronel... Eu não quis desistir... criado fiel... Quanko Samba... o único homem que ficou... Sol quentíssimo, o taco cheio de bolhas, a bola escaldava... 507 pontos... Eu estava exausto... Quanko reuniu as últimas forças que restavam... A bola derrubou-me a estaca... Tomei um banho e fui jantar.

— E que foi feito do outro senhor? — perguntou o velho.

— Blazo?

— Não... o outro.

— Quanko Samba?

— Sim.

— Pobre Quanko... Nunca se restabeleceu... Perdeu o jogo, por minha causa... Perdeu a vida, por sua causa... Morreu, senhor. — A essa altura o desconhecido mergulhou o rosto numa caneca de cerveja, se para sorver-lhe o conteúdo ou disfarçar as suas emoções, não podemos afirmá-lo com precisão. Sabemos apenas que se deteve de supetão, respirou profundamente e pôs-se a

olhar, ansioso, quando dois dos membros principais do clube de Dingley Dell se aproximaram do sr. Pickwick e disseram:

— Vamos tomar parte num modesto jantar no Leão Azul, senhor; esperamos que o senhor e os seus amigos nos dêem o prazer da sua companhia.

— Está claro — disse o sr. Wardle. — Entre os nossos amigos incluímos o sr.... — e olhou o estranho.

— Jingle — atalhou o versátil cavalheiro, aproveitando incontinenti a sugestão. — Jingle... Alfredo Jingle, Esq., Rua Sem Número, em Nenhures.

— Pois eu terei muito prazer — disse o sr. Pickwick.

— Eu também — disse o sr. Alfredo Jingle, enfiando um braço no do sr. Pickwick e outro no do sr. Wardle, ao mesmo passo que murmurava, confidencialmente, ao ouvido do primeiro:

— Magnífico jantar... frio, mas excelente... Dei uma espiada na sala hoje de manhã... aves, pastéis, etc... Boa gente, essa... e muito bem educada... muito.

Como não houvesse outras preliminares para serem concertadas, a companhia atravessou a cidade em pequenos grupos de dois ou três; e menos de um quarto de hora depois estavam todos sentados no salão da Hospedaria do Leão Azul, em Muggleton, ocupando o sr. Dumkins a presidência e o sr. Luffey a vice-presidência.

Houve um grande rumor de palavras, de facas, de garfos e de pratos; grandes correrias de três criados, e um rápido desaparecimento das viandas substanciais que estavam sobre a mesa; e, a cada uma dessas causas de confusão, o faceto sr. Jingle emprestava pelo menos o auxílio de meia dúzia de homens comuns. Depois de haverem todos comido o máximo possível, retirou-se a toalha e sobre a mesa se colocaram garrafas, copos e a sobremesa; e os criados se retiraram a fim de “limpar”, ou, em outras palavras, a fim de se apropriarem, para seu uso particular, das sobras das comidas e bebidas em que logravam deitar a mão.

No meio dos rumores gerais de alegria e de conversação que se seguiram, um homenzinho de cara inchada parecia dizer: “Não me digam nada que eu os contradirei”, e continuava silencioso; olhava, de vez em quando, à sua volta, mal diminuía a conversação, como se estivesse a pique de dizer algo muito importante, e, de vez em quando, rompia numa tosse seca de inexprimível dignidade. Por fim, durante um momento de relativo silêncio, chamou, em voz alta e solene:

— Sr. Luffey!

Todos ficaram profundamente quietos quando o interpelado replicou:

— Senhor!

— Eu lhe dirigiria algumas palavras se o senhor pedisse a estes cavalheiros que enchessem os seus copos.

O sr. Jingle proferiu, em tom protetor, um “Ouçam, ouçam”, repetido por todos os presentes; e, tendo-se enchido todos os copos, o vice-presidente assumiu um ar de gravidade atenta e profunda e disse:

— Sr. Staple.

— Senhor — exclamou, ergendo-se, o homenzinho —, desejo dirigir as minhas palavras ao senhor e não ao nosso digno presidente, porque o nosso digno presidente é, de certa maneira... eu poderia dizer em grande parte... o que tenho para dizer, ou para... para...

— Demonstrar — sugeriu o sr. Jingle.

— Sim, demonstrar — concordou o homenzinho. — Agradeço ao meu ilustre amigo, se me permite chamar-lhe assim (quatro “Ouçam” e um “Sem dúvida alguma”, do sr. Jingle), a sugestão. Senhor, eu sou de Dell, de Dingley Dell. (Aplausos.) Não posso reivindicar para mim a honra de constituir um algarismo entre a população de Muggleton; e admitirei francamente que não ambiciono essa honra; vou dizer-lhe por que, senhor. (“Ouçam.”) Concedo prontamente a Muggleton todas as honras e distinções a que ela verdadeiramente faz jus: são tão numerosas e conhecidas que não exigem auxílio meu para serem recapituladas. Mas, senhor, ao passo que nos lembramos de que Muggleton foi o berço de um Dumkins e de um Podder, não nos esqueçamos de que Dingley Dell pode gloriar-se de haver produzido um Luffey e um Struggles. (Aplausos tumultuosos.) Não me julguem desejoso de menoscabar os méritos dos dois primeiros cavalheiros. Invejo-lhes, senhor, a exuberância dos sentimentos nesta ocasião. (Aplausos.) Todos os que me ouvem conhecem provavelmente a resposta de um indivíduo que — para empregar uma expressão comum — se achava metido num tonel, ao Imperador Alexandre: “Se eu não fosse Diógenes”, disse ele, “queria ser Alexandre”. Imagino perfeitamente estes cavalheiros a dizerem: “Se eu não fosse Dumkins, queria ser Luffey; se não fosse Podder, queria ser Struggles”. (Entusiasmo.) Mas senhores de Muggleton, será somente no *cricket* que se patenteia a proeminência dos vossos concidadãos? Nunca ouvistes falar em Dumkins e determinação? Nunca vos ensinaram a associar Podder com a prosperidade? (Grandes aplausos.) E, quando lutáveis pelos vossos direitos, pelas vossas

liberdades e pelos vossos privilégios, nunca vos vistes reduzidos, ao menos por um momento, à desconfiança e ao desespero? E, quando assim vos encontráreis desalentados, não tornou o nome de Dumkins a acender-vos no peito o lume que acabava de extinguir-se? E não tornou uma palavra desse homem a fazê-lo brilhar com a mesma intensidade que teria se nunca se houvesse apagado? (Grandes aplausos.) Senhores, peço que circundeis de uma fulgurante auréola de entusiásticos aplausos os nomes unidos de Dumkins e Podder.

Aqui se calou o homenzinho e os circunstantes prorromperam num tumultuar de vozes e numa pancadaria sobre a mesa que durou, com pequenos intervalos, o resto da noite. Levantaram-se outros brindes. O sr. Luffey e o sr. Struggles, o sr. Pickwick e o sr. Jingle foram, cada qual, por sua vez, alvos de elogios desenfreados; e cada qual, por sua vez, agradeceu a honra que lhe era feita.

Entusiastas como somos da nobre causa a que nos dedicamos, teríamos experimentado uma inexprimível sensação de orgulho e teríamos tido a consciência de haver feito algo merecedor da imortalidade, de que hoje somos privados, se tivéssemos podido apresentar um mero bosquejo dos discursos aos nossos ardentes leitores. O sr. Snodgrass como sempre, tomou numerosíssimas notas que nos teriam, sem dúvida, proporcionado utilíssimas e valiosíssimas informações, se a abrasadora eloquência das palavras ou a febricitante influência do vinho não houvessem emprestado tamanha insegurança à mão desse cavalheiro, a ponto de lhe tornarem quase ininteligível a escrita e inteiramente incompreensível o estilo. À força de paciente investigação, foi-nos possível decifrar alguns caracteres, que apresentam leve semelhança com os nomes dos oradores; e conseguimos discernir também o estribilho de uma canção (que se supõe haver sido cantada pelo sr. Jingle), em que as palavras “taça”, “cintilante”, “rubi”, “brilhante” e “vinho” são freqüentemente repetidas em curtos intervalos. Imaginamos também poder distinguir no finzinho das notas uma referência imprecisa a “ossos grelhados”, seguida das palavras “frio” e “fora”; mas, como qualquer hipótese que poderíamos formular sobre elas haveria necessariamente de fundar-se em meras conjeturas, não estamos dispostos a entregar-nos às especulações que possam sugerir.

Voltaremos, portanto, ao sr. Tupman, acrescentando apenas que, poucos minutos antes das 24 horas, naquela noite, ouviu-se cantar a convocação dos

dignitários de Dingley Dell e Muggleton, com muito sentimento e muita ênfase, o belo e patético canto nacional:

Nenhum de nós vai pra cama,
Nenhum de nós vai pra cama,
Nenhum de nós vai pra cama,
Antes que rompa a manhã.

CAPÍTULO VIII

EM QUE SE DEMONSTRA VIGOROSAMENTE A TESE DE QUE A ESTRADA DO VERDADEIRO AMOR NÃO É UMA ESTRADA DE FERRO.

A TRANQUÍLA SOLIDÃO DE DINGLEY DELL, a presença de tantos representantes do belo sexo e a solicitude e ansiedade que lhe testemunharam foram todas favoráveis à produção e ao desenvolvimento dos mais ternos sentimentos que a natureza implantara profundamente no peito do sr. Tracy Tupman, e que pareciam agora destinados a concentrar-se num só objeto amável. As meninas eram bonitas, as suas maneiras atraentes e o seu caráter irrepreensível; mas havia uma dignidade no ar, um não-me-toques no andar, uma majestade no olhar da tia solteirona que elas, na sua idade, não podiam pretender, e que a extremavam de todas as mulheres já observadas pelo sr. Tupman. Era evidente que havia algum parentesco entre as naturezas de ambos, alguma semelhança entre as suas almas, alguma simpatia misteriosa entre os seus corações. O nome dela foi o primeiro que subiu aos lábios do sr. Tupman ao ver-se ferido no chão; e as suas gargalhadas nervosas foram o primeiro som que lhe chegou aos ouvidos quando o levaram para casa. Mas nascera a sua agitação de uma delicada sensibilidade feminina, igualmente irreprimível em qualquer caso, ou proviera de um sentimento mais ardente e apaixonado, que só ele, entre todos os homens vivos, teria sido capaz de despertar? Tais eram as dúvidas que lhe supliciavam o cérebro enquanto jazia estendido no sofá e que decidiu resolver imediatamente e para sempre.

Era à tarde. Isabela e Emília tinham saído a passear com o sr. Trundle; a velha senhora surda adormecera na cadeira; o ressonar do gorducho vinha, como um som baixo e monótono, da cozinha; as alegres criadas encostadas à soleira da porta saboreavam-se do ameno da hora e dos prazeres de um namoro primitivo com certos animais pesados que trabalhavam na fazenda; e,

descurado de todos e não curando de ninguém, sonhando apenas consigo mesmo, via-se o interessante par, sentado como duas luvas de camurça cuidadosamente dobradas — enfiadas uma na outra.

— Esqueci-me das minhas flores — disse a tia solteirona.

— Regue-as agora — disse o sr. Tupman com voz persuasiva.

— O senhor poderá resfriar-se com o sereno — atalhou, afetuosa, a tia solteirona.

— Não, não — exclamou o sr. Tupman, levantando-se —, isso me fará bem. Deixe-me acompanhá-la.

A dama se deteve para arrumar a tipóia em que se achava colocado o braço esquerdo do mancebo e, tomando-lhe o braço direito, conduziu-o ao jardim.

Havia no extremo deste um caramanchão com madressilvas, jasmins e trepadeiras, um desses doces retiros que os humanos edificam para acomodação das aranhas.

A solteirona tomou de um enorme regador que jazia a um canto e já se dispunha a deixar o caramanchão. O sr. Tupman deteve-a e puxou-a para um banco, ao lado dele.

— Srta. Wardle! — disse ele.

A tia solteirona estremeceu de tal forma, que alguns seixos que haviam caído acidentalmente no regador puseram-se a tinir como matraca de criança.

— Srta. Wardle — disse o sr. Tupman —, a senhora é um anjo.

— Sr. Tupman! — exclamou Raquel, purpurejando-se até assumir a cor do próprio regador.

— É sim — tornou o eloqüente pickwickiano. — Eu sei que é, até demais.

— Os homens dizem que todas as mulheres são anjos — murmurou a dama, graciosamente.

— Nesse caso, que poderá ser a senhora? A que poderei, sem presunção, compará-la? — replicou o sr. Tupman. — Onde já se viu uma mulher que possa comparar-se consigo? Onde me seria dado encontrar tão rara combinação de excelência e beleza? Onde poderia eu buscar... Oh! — Deteve-se o sr. Tupman e apertou a mão que segurava a asa do feliz regador.

A dama voltou a cabeça para o lado. — Os homens são tão enganadores — murmurou, suavemente.

— São, são — exclamou o sr. Tupman —, mas nem todos. Existe pelo menos uma criatura que nunca poderá mudar... Uma criatura que consagraria,

contente, toda a existência à sua felicidade... que vive apenas pelos seus olhos... que apenas respira pelo seu sorriso... que só por sua causa carrega o fardo pesado da vida.

— Seria possível encontrar um indivíduo assim? — perguntou a dama.

— Claro que pode encontrar-se — atalhou o ardente sr. Tupman. — Já foi encontrado. Ei-lo aqui, srta. Wardle. — E, antes que a dama pudesse prever-lhe a intenção, o sr. Tupman caíra-lhe, de joelhos, aos pés.

— Levante-se, sr. Tupman — disse Raquel.

— Nunca! — foi a valorosa resposta. — Oh! Raquel! — Ele segurou-lhe a mão passiva, e o regador caiu ao chão quando ele a apertou de encontro aos lábios. — Oh, Raquel, diga que me ama.

— Sr. Tupman — disse a tia solteirona, olhando para outro lado. — Mal posso pronunciar as palavras; mas... mas... o senhor não me é de todo indiferente.

Assim que ouviu esta confissão, passou o sr. Tupman a fazer o que lhe ditavam as entusiásticas emoções e que, pelo que sabemos (pois entendemos muito pouco desses assuntos), fazem as pessoas nessas circunstâncias. Ergueu-se de um salto e, atirando o braço à volta do pescoço da tia solteirona, imprimiu-lhe nos lábios numerosos beijos que, depois das lutas e da resistência convenientes, ela recebeu tão passivamente que não se pode dizer quantos mais lhe teria dado o sr. Tupman se a dama não tivesse tido um desafetado sobressalto e não tivesse exclamado com voz assustada:

— Sr. Tupman, fomos vistos! Fomos descobertos!

O sr. Tupman olhou a sua volta. Lá estava o rapaz gorducho, perfeitamente imóvel, os grandes olhos circulares cravados no caramanchão, mas sem a menor expressão no rosto que o mais hábil fisionomista pudesse atribuir ao espanto, à curiosidade ou a qualquer outra paixão conhecida que sói agitar o coração humano. O sr. Tupman encarou o gorducho e o gorducho encarou-o; e quanto mais o primeiro observava a absoluta falta de expressão do rosto do segundo, tanto mais se convenciu de que ele não vira ou não entendera coisa alguma do que se havia passado. Movido por essa impressão, perguntou com grande firmeza:

— Que quer aqui, senhor?

— A ceia está pronta, senhor — foi a resposta imediata.

— Chegou agora mesmo, senhor? — inquiriu o sr. Tupman, com olhar penetrante.

— Agora mesmo — replicou o gorducho.

O sr. Tupman tornou a fitar nele severamente os olhos; mas não lhe percebeu temor algum nos olhos, nem ruga nenhuma no rosto.

O sr. Tupman tomou do braço da tia solteirona e dirigiu-se para a casa; o gorducho seguiu atrás.

— Ele não sabe o que aconteceu — murmurou o sr. Tupman.

— Não sabe —olveu a tia solteirona.

Ouviu-se atrás dele um ruído que lembrava um riso mal reprimido. O sr. Tupman voltou-se incontinenti. Não; não poderia ter sido o gorducho; não havia sequer um brilho de alegria, nada, senão gordura em todo o seu rosto.

— Ele estava dormindo, com certeza — murmurou o sr. Tupman.

— Com certeza — replicou a tia solteirona.

E desataram a rir.

O sr. Tupman enganara-se. O menino, ao menos dessa vez, não estivera dormindo. Estivera acordado — bem acordado — para ver o que se passara.

Decorreu a ceia sem tentativas para generalizar a conversação. A velha senhora recolhera-se; Isabela Wardle dedicava-se exclusivamente ao sr. Trundle; as atenções da solteirona eram inteiramente dedicadas ao sr. Tupman; e os pensamentos de Emília pareciam concentrados nalgum objeto distante — talvez estivessem com o ausente Snodgrass.

Onze, 12, 1 hora bateu e os cavalheiros não chegaram. Em todos os rostos estampava-se a consternação. Teriam sido, acaso, assaltados e roubados? Não valeria a pena mandar homens com lanternas em todas as direções pelas quais se poderia supor que eles voltassem para casa? Ou quem sabe... Pronto! lá estavam eles. Que poderia havê-los retardado? Uma voz estranha! Precipitaram-se para a cozinha, para onde se haviam dirigido os pândegos, e num relance obtiveram mais do que um vislumbre do verdadeiro estado de coisas.

O sr. Pickwick, com as mãos nos bolsos e o chapéu completamente enterrado no olho esquerdo, encostara-se ao aparador e, sacudindo a cabeça de um lado para outro, apresentava uma série constante dos mais ternos e benevolentes sorrisos sem que a isso o movesse alguma causa ou pretexto discernível; o velho sr. Wardle, o rosto afoguedíssimo, apertava a mão de um estranho e resmungava protestos de eterna amizade; o sr. Winkle, sustentado pelo relógio grande de parede, invocava debilmente a destruição de qualquer membro da família que viesse a sugerir a conveniência de sua ida para a cama; e o sr. Snodgrass, que se deixara cair numa cadeira, tinha a expressão da mais

abjeta e desesperada miséria que pode conceber o espírito humano estampada em todos os traços do seu rosto expressivo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntaram as três senhoras.

— Não aconteceu nada — retrucou o sr. Pickwick. — Nós... nós... estamos muito bem. Hein, Wardle? Estamos muito bem, não estamos?

— Acho que sim — replicou o alegre dono da casa. — Minhas queridas, este é o meu amigo, sr. Jingle. Amigo do sr. Pickwick: o sr. Jingle veio... veio fazer-lhe uma visitinha.

— Aconteceu alguma coisa ao sr. Snodgrass, senhor? — perguntou Emília, com grande ansiedade.

— Não aconteceu coisa alguma, senhora — replicou o estranho. — Jantar depois do jogo... esplêndida festa... canções excelentes... vinho velho do Porto... clarete... bom... muito bom... o vinho, minha senhora... o vinho.

— Não foi o vinho — murmurou o sr. Snodgrass, com voz entrecortada. — Foi o salmão. (Seja como for, nunca é o vinho, nessas ocasiões.)

— Não seria melhor que fossem para a cama, senhora? — perguntou Ema. — Dois dos rapazes levarão os cavalheiros lá para cima.

— Eu não irei para a cama — declarou o sr. Winkle, com firmeza.

— E a mim ninguém me levará — disse, destemido, o sr. Pickwick e continuou a sorrir como antes.

— Hurra! — balbuciou fracamente o sr. Winkle.

— Hurra! — repetiu o sr. Pickwick arrancando o chapéu da cabeça e arremessando-o ao chão, ao mesmo passo que atirava os óculos, demente, ao meio da cozinha. Executada essa proeza humorística, abriu a rir a bandeiras despregadas.

— Vamos... vamos tomar outra... outra garrafa — gritou o sr. Winkle, começando com voz muito alta e acabando com um fiozinho de voz. A cabeça caiu-lhe sobre o peito; e, resmungando a sua invencível determinação de não ir para a cama e o sanguinário arrependimento por não haver “dado cabo do velho Tupman” de manhã cedo, ferrou no sono; estado em que foi transportado aos seus aposentos por dois gigantescos rapazes, sob a direção pessoal do gorducho, a cujos cuidados protetores pouco depois cometia o sr. Snodgrass a própria pessoa. O sr. Pickwick aceitou o braço que lhe oferecia o sr. Tupman e desapareceu tranqüilamente, sorrindo mais do que nunca; e o sr. Wardle, depois de se despedir afetuosamente da família inteira como se se

dirigisse ao patíbulo, concedeu ao sr. Trundle a honra de conduzi-lo para cima, e retirou-se, depois de vãs tentativas para se mostrar solene e digno.

— Que cena repugnante! — exclamou a tia solteirona.

— Nojenta! — concordaram, ao mesmo tempo, as duas meninas.

— Terrível... terrível! — disse Jingle, com aspecto muito grave; ele bebera cerca de uma garrafa e meia mais do que os companheiros.

— Medonho espetáculo... medonho!

— Que homem amável — murmurou a tia solteirona ao ouvido do sr. Tupman.

— E simpático também — sussurrou Emília Wardle.

O sr. Tupman lembrou-se da viúva de Rochester; e conturbou-se-lhe o espírito. A meia hora de conversação que se seguiu não foi de natureza a serená-lo. O novo visitante era muito loquaz e o número das suas anedotas só poderia ser ultrapassado pela extensão da sua polidez. O sr. Tupman sentiu que, à proporção que aumentava a popularidade de Jingle, ele (Tupman) mergulhava cada vez mais na sombra. O riso era forçado, a alegria fingida; e, quando, afinal, descansou as têmporas doloridas entre as cobertas, pensou, com pavoroso deleite, na satisfação que lhe proporcionaria o ter a cabeça de Jingle, naquele momento, entre o leito de plumas e o colchão.

O infatigável estranho levantou-se bem cedo na manhã seguinte e se bem os companheiros continuassem na cama, vencidos pelas extravagâncias da véspera, foi muitíssimo bem-sucedido em seus esforços por levar a hilaridade à mesa do desjejum. Tão feliz foi nesse empenho que até a velha senhora surda exigiu que lhe repetissem, através da corneta acústica, uma ou duas das suas melhores piadas; e teve a condescendência de observar, dirigindo-se à tia solteirona, que “ele” (referindo-se a Jingle) “era pândego”: opinião em que todos os parentes presentes coincidiram.

Tinha a velha senhora o hábito, nas belas manhãs de verão, de dirigir-se ao caramanchão onde já se havia notabilizado o sr. Tupman, da seguinte maneira: primeiro, o gorducho ia buscar num cabide, pendurado atrás da porta do quarto dela, uma touca apertada de cetim preto, um xale quente e uma grossa bengala de amplo bastão; em seguida, tendo a velha colocado a touca e o xale com todo o vagar, apoiava-se com uma das mãos sobre a bengala e com a outra sobre o ombro do gorducho, e caminhava lentamente, para o caramanchão, onde o gorducho a deixava a gozar o ar fresco pelo espaço de meia hora; findo este prazo, voltava para reconduzi-la a casa.

Era a velha senhora muita precisa e metódica; e, como a cerimônia houvesse sido observada sem a menor alteração durante três verões consecutivos, ela não ficou pouco surpreendida aquela manhã ao ver que o gorducho, em vez de deixar o caramanchão, deu alguns passos para fora, olhou cuidadosamente em todas as direções e voltou a aproximar-se, sorrateira e misteriosamente.

A velha era medrosa — como o são quase todas as velhas — e sua primeira impressão foi a de que o gorducho pretendia cometer alguma violência a fim de apoderar-se dos trocos que trazia. Teria gritado por socorro se a velhice e a doença não a tivessem privado, havia muito, da faculdade de gritar; observou-lhe, por conseguinte, os movimentos com sensações de terror intenso, que de forma alguma se entibiaram quando ele se chegou ainda mais para perto dela e, com voz agitada, que lhe pareceu ameaçadora, berrou-lhe ao ouvido.

— Patroa!

Ora, sucedia que o sr. Jingle, passeando pelo jardim, chegara ao pé do caramanchão naquele momento. Ele também ouviu o grito de “Patroa” e parou para ouvir mais. Três razões havia que o levavam a fazê-lo. Em primeiro lugar, era ocioso e curioso: em segundo lugar, não tinha escrúpulos de espécie alguma; e em terceiro e último lugar, não poderia ser visto porque se achava escondido atrás de alguns arbustos em flor. Lá se quedou, portanto, prestando atenção.

— Patroa! — berrou o gorducho.

— Que é, Joe? — perguntou a trêmula senhora. — Tenho a certeza de que sempre fui uma boa patroa para você, Joe. Você foi sempre bem tratado, Joe. Nunca teve muito serviço para fazer, e sempre teve o suficiente para comer.

Era este último um apelo aos mais ternos sentimentos do gorducho. Ele pareceu comovido, ao replicar, enfático:

— Eu sei.

— Então, o que é que você quer agora? — perguntou a velha, cobrando ânimo.

— Quero fazê-la sentir calafrios — replicou o rapaz.

Este parecia um processo muito feroz de mostrar gratidão, e como a anciã não entendesse perfeitamente o meio pelo qual deveria lograr-se tal resultado, voltaram-lhe os horrores primitivos.

— Que é que a senhora pensa que vi neste caramanchão ontem à noite? — perguntou o rapaz.

— Valha-nos Deus! Que foi? — exclamou ela, assustada pela solenidade do corpulento rapaz. — Quem, Joe? Nenhuma das criadas, espero.

— Pior que isso — rugiu o gorducho ao ouvido da velha.

— Nenhuma das minhas netas?

— Pior que isso.

— Pior que isso, Joe! — volveu ela, que pensara no extremo limite da atrocidade humana. — Quem foi, Joe? Insisto em saber.

O gorducho olhou, cauteloso, à sua volta e, terminada a investigação, berrou-lhe ao ouvido:

— A srta. Raquel!

— O quê? — perguntou a velha com voz estridente. — Fale mais alto.

— A srta. Raquel! — bramiu o gorducho.

— Minha filha!

A série de sinais afirmativos feitos pelo gorducho imprimiu-lhe às bochechas um tremelicar de manjar branco.

— E ela consentiu! — exclamou a senhora.

Um sorriso iluminou os traços do gorducho:

— Eu a vi beijá-lo também.

Se o sr. Jingle, do lugar em que se escondera, tivesse podido ver a expressão assumida pelo rosto da anciã ao ouvir a notícia, é provável que uma súbita gargalhada lhe tivesse traído a proximidade do caramanchão. Muito atento, continuou a escutar. Fragmentos de sentenças iradas, tais como: “Sem minha licença!” “Na idade dela!” “Desgraçada que sou!” “Podia ter esperado que eu morresse”, e assim por diante, chegaram-lhe aos ouvidos; e, logo, ouviu estalar o cascalho pisado pelos tacões do gorducho, que se afastava, deixando-a sozinha.

Seria, talvez, uma estranha coincidência, mas não deixava de ser um fato notável, que o sr. Jingle, cinco minutos depois de haver chegado a Manor Farm, na véspera, tivesse intimamente decidido assediar, sem demora, o coração da tia solteirona. Era suficientemente observador para ver que as suas maneiras desabusadas não desagradavam, de forma alguma, ao formoso objeto dos seus ataques; e tinha mais do que uma vigorosa suspeita de que ela possuía o mais desejável de todos os requisitos, uma pequena independência. A necessidade

imperiosa de derrotar o rival, de uma forma ou de outra, relampejou-lhe no espírito, e ele resolveu adotar imediatamente certos métodos que tendiam a esse objeto e a esse fim, sem perda de um instante. Fielding nos diz que o homem é fogo e a mulher estopa, e que o Príncipe das Trevas se compraz em acendê-los. Sabia o sr. Jingle que os mancebos, para solteironas, eram como gás inflamado para a pólvora, e resolveu experimentar incontinenti o efeito de uma explosão.

Cheio de reflexões sobre a importante decisão, afastou-se subrepticiamente do lugar em que se ocultara e, escondendo-se debaixo dos arbustos já mencionados, aproximou-se da casa. A fortuna parecia resolvida a favorecer-lhe as desígnios. O sr. Tupman e os outros cavalheiros saíam do jardim exatamente no momento em que ele o avistou; e ele sabia que as meninas tinham saído sozinhas logo depois do almoço. O caminho estava livre.

A porta da sala ficara parcialmente aberta. Ele espiou. A tia solteirona tricotava. Ele tossiu; ela ergueu o rosto, e sorriu. A hesitação não fazia parte do caráter do sr. Alfredo Jingle. Levou, misterioso, o indicador aos lábios, entrou, e fechou a porta.

— Srta. Wardle — disse, com ardor simulado —, perdoe-me a temeridade... conhecemo-nos há pouco... não há tempo para cerimônias... tudo descoberto.

— Senhor! — redargüiu a tia solteirona, pasmada da súbita aparição e algo suspeitosa da sanidade do sr. Jingle.

— Psiu! — disse o sr. Jingle, num sussurro teatral — gorducho... cara de bola... olhos redondos... patife! — A essa altura, sacudiu expressivamente a cabeça, e a tia solteirona tremeu, agitada.

— O senhor, se não me engano, alude a Joe? — perguntou a dama, forcejando por parecer serena.

— Sim, minha senhora... maldito Joe!... Cão traiçoeiro, esse Joe... Contou à senhora velha... Senhora velha furiosa... colérica... delirante... caramanchão... Tupman... beijando e abraçando... tudo isso... Hein, minha senhora... hein?

— Sr. Jingle — disse a tia solteirona —, se o senhor veio aqui para insultar-me.

— Absolutamente... de forma alguma — replicou o descarado sr. Jingle. — Ouvei tudo... Vim para avisá-la do perigo... oferecer os meus serviços... impedir escândalo. Não se incomode... julga que é um insulto... sairei da sala — e voltou-se, como se tencionasse levar a efeito a ameaça.

— Que hei de fazer? — exclamou a pobre solteirona, rompendo em pranto. — Meu irmão ficará furioso.

— Está claro que sim — volveu o sr. Jingle, depois de uma pausa —, mais do que furioso.

— Oh, sr. Jingle, que hei de dizer? — lamentou a tia, num segundo acesso de desespero.

— Diga que foi sonho dele — replicou o sr. Jingle, friamente.

Um raio consolador penetrou o espírito da solteirona ao ouvir a sugestão. O sr. Jingle percebeu-o e prosseguiu, aproveitando-se da situação.

— Ora, ora! Nada mais fácil... rapaz sem-vergonha... mulher bonita... gorducho açoitado... Acreditarão na senhora... Acaba-se a história... tudo em ordem.

Se a probabilidade de fugir às conseqüências desse inoportuno descobrimento era deleitosa ao espírito da tia solteirona, ou se o fato de ouvir-se chamar “mulher bonita” lhe abrandou a aflição, não sabemos. Ela corou um pouco e lançou um grato olhar ao sr. Jingle.

Este insinuante cavalheiro despediu um profundo suspiro, fitou os olhos no rosto da tia solteirona durante dois minutos, estremeceu melodramaticamente e, de súbito, afastou-os.

— O senhor parece infeliz, sr. Jingle — disse a dama com voz queixosa. — Posso demonstrar a minha gratidão pela sua amável interferência, indagando-lhe da causa dos padecimentos para tentar, se possível, mitigá-los?

— Ah! — exclamou o sr. Jingle, com outro sobressalto — mitigá-los! Mitigar a minha desventura quando o seu amor foi conferido a um homem insensível a tão grande bênção... que ainda agora tenciona conquistar o afeto da sobrinha da criatura que... mas não; é meu amigo; não lhe revelarei os vícios, srta. Wardle... adeus! — Ao cabo desse discurso, o mais conseqüente que já pronunciara, o sr. Jingle aplicou por um momento os olhos aos restos de um lenço já citado e voltou-se para a porta.

— Fique, sr. Jingle! — exigiu, com ênfase, a tia solteirona. — O senhor aludiu ao sr. Tupman: explique-se.

— Nunca! — exclamou Jingle, com ar profissional (isto é teatral). — Nunca! — e, para mostrar que não queria continuar a ser interrogado, puxou uma cadeira para perto daquela em que estava sentada a srta. Wardle, e sentou-se também.

— Sr. Jingle — disse a tia —, rogo-lhe — suplicou-lhe —, se existe algum tenebroso mistério ligado ao sr. Tupman, revele-mo.

— Poderei eu — disse o sr. Jingle, cravando os olhos no rosto da tia —, poderei eu ver... encantadora criatura... sacrificada no altar... sórdida avareza! — Pareceu lutar contra várias emoções contraditórias durante alguns segundos e disse depois, em voz baixa e profunda:

— Tupman só gosta do seu dinheiro.

— Miserável! — bradou a solteirona, com enérgica indignação. (As dúvidas do sr. Jingle estavam resolvidas. Ela tinha dinheiro.)

— Mais do que isso — tornou Jingle —, gosta de outra.

— Outra? — clamou a solteirona. — Quem?

— Menina baixinha... olhos pretos... sobrinha Emília.

Fêz-se uma pausa.

Ora, se havia alguma criatura no mundo inteiro de quem a tia solteirona tinha um ciúme profundo e mortal, era essa mesma sobrinha. O sangue lhe subiu ao rosto e ao pescoço, e ela abanou silenciosamente a cabeça com um ar de inefável desdém. Por fim, mordendo os lábios finos e empertigando-se um pouco, disse:

— Não pode ser. Não acredito.

— Observe-os — disse Jingle.

— Vou observá-los — disse a tia.

— Espie os olhares dele.

— Vou espiar.

— Os seus sussurros.

— Também.

— Ele vai sentar-se à mesa ao lado dela.

— Não faz mal.

— Vai lisonjeá-la.

— Não faz mal.

— Vai desmanchar-se em atenções para com ela.

— Não faz mal.

— E deixará a senhora na mão.

— Na mão! — gritou a tia solteirona. Ele me deixará na mão, a mim? Pois sim! — e toda ela tremia de raiva e desapontamento.

— Saberá convencer-se?

— Saberei.

— Será corajosa?

— Serei.

— Não quererá saber mais dele, depois disso?

— Não; nunca!

— E aceitará outro?

— Aceitarei.

— Pois não lhe há de faltar esse outro.

O sr. Jingle caiu de joelhos e assim ficou durante cinco minutos; quando se levantou, era o namorado aceito da tia solteirona: a saber, se o perjúrio do sr. Tupman se tornasse claro e manifesto.

O encargo das provas coube ao sr. Jingle; e ele apresentou-as nesse mesmo dia, ao jantar. A tia solteirona mal podia acreditar no que viam seus olhos. Ao lado de Emília, o sr. Tracy Tupman revirava os olhos, murmurava e sorria, na frente do sr. Snodgrass. E não dirigiu sequer uma palavra, um olhar, um sinal àquela que, na véspera, era o orgulho do seu coração.

— Maldito menino! — disse, entre si, o velho sr. Wardle. Sua mãe contara-lhe a história. — Maldito menino! Ele, com certeza, estava dormindo. Foi tudo imaginação.

— Traidor! — pensava a tia solteirona. — O querido sr. Jingle não me estava enganando. Oh! como odeio o miserável!

A conversação seguinte poderá explicar aos nossos leitores essa aparentemente inexplicável modificação no procedimento do sr. Tracy Tupman.

A cena passou-se, à tarde, no jardim. Duas figuras caminhavam por um atalho afastado; uma delas era baixa e atarracada; a outra, alta e magra. O sr. Tupman e o sr. Jingle. A figura atarracada principiou o diálogo.

— Como foi que me saí?

— Esplendidamente... excelentemente... não poderia ter representado melhor... Precisa repetir a cena amanhã... todas as tardes até que eu avise.

— Raquel ainda quer que eu continue?

— Naturalmente... não gosta disso... mas tem de ser... desviar as suspeitas... Tem medo do irmão... Diz que não há outro remédio... Só mais alguns dias... Os velhos enganados... Ela há de coroar a sua felicidade.

— Algum recado?

— Amor... o mais terno amor... ternura extrema... afeto inalterável. Posso dizer alguma coisa de sua parte?

— Meu caro amigo — replicou o confiado sr. Tupman, apertando com fervor a mão do amigo —, leve-lhe as minhas saudades. Diga-lhe quão penoso me é disfarçar... Diga-lhe tudo o que for terno: e acrescente que compreendo perfeitamente a necessidade da sugestão que ela me fez, por intermédio seu esta manhã. Diga-lhe que lhe aplaudo a sabedoria e admiro a discrição.

— Eu direi. Mais alguma coisa?

— Não; acrescente apenas que suspiro ardentemente pelo dia em que possa chamá-la minha e em que toda a simulação seja desnecessária.

— Naturalmente, naturalmente. Mais alguma coisa?

— Oh, meu amigo! — disse o pobre sr. Tupman, tornando a apertar a mão do companheiro — aceite os meus agradecimentos mais sinceros pela sua desinteressada bondade: e perdoe-me se eu, alguma vez, mesmo em pensamentos, lhe fiz a injustiça de supor que você poderia prejudicar-me. Meu grande amigo, como poderei pagar-lhe?

— Não me fale nisso — replicou o sr. Jingle. Calou-se, de súbito. como se se lembrasse repentinamente de alguma coisa, e disse: — A propósito... Não poderia arranjar-me 10 libras?... Negócio muito particular... Pagar-lhe-ei daqui a três dias.

— Creio que posso — retrucou o sr. Tupman, com o coração transbordante. — Três dias?

— Três dias... Depois estará tudo arrumado... Não haverá mais dificuldades.

O sr. Tupman contou o dinheiro nas mãos do companheiro e este deixou-o cair moeda por moeda no bolso, à medida que se encaminhavam para a casa.

— Tenha cuidado — disse o sr. Jingle —, nem um olhar.

— Nem uma piscadela — disse o sr. Tupman.

— Nem uma sílaba.

— Nem um murmúrio.

— Todas as atenções à sobrinha... Antes grosseiro que delicado para com a tia... Única maneira de enganar os velhos.

— Tomarei cuidado — disse o sr. Tupman em voz alta.

— Eu também — disse o sr. Jingle entre si; e ambos entraram na casa.

A cena da tarde foi repetida à noite, e nas três tardes e noites que se seguiram. Na quarta, o dono da casa estava contentíssimo, pois convencera-se de que não havia motivos de acusação contra o sr. Tupman. Este se achava

igualmente satisfeito, pois o sr. Jingle lhe dissera que o seu caso não tardaria a chegar a uma crise. Contente também estava o sr. Pickwick, que era este o seu estado habitual. Contente estava o sr. Snodgrass, pois chegara a ter ciúme do sr. Tupman. Contente estava a anciã, que ganhava no *whist*. E contentes estavam o sr. Jingle e a srta. Wardle, por motivos de importância suficiente nesta aventureira história para merecerem capítulo à parte.

CAPÍTULO IX

UM DESCOBRIMENTO E UMA PERSEGUIÇÃO.

A CEIA ESTAVA SERVIDA, as cadeiras haviam sido puxadas para o pé da mesa, as garrafas, canecas e copos estavam arrumados em cima do aparador, e tudo anunciava a aproximação do período mais sociável de todas as 24 horas.

— Onde está Raquel? — perguntou o sr. Wardle.

— É mesmo, e Jingle? — ajuntou o sr. Pickwick.

— Ora essa! — volveu o dono da casa. — Admira-me não lhe haver dado antes pela falta. Creio que há duas horas, pelo menos, que não lhe ouço a voz. Emília, querida, toque a campainha.

A campainha foi tocada e o gorducho apareceu.

— Onde está a srta. Raquel? — Ele não sabia.

— E onde está o sr. Jingle? — Também não sabia.

Todos pareceram surpreendidos. Era tarde — passava das 11. O sr. Tupman ria à socapa. Estariam nalgum canto, a falar dele. Ah, ah! idéia excelente aquela — engraçadíssima.

— Não se incomodem — disse Wardle, depois de uma pausa. — Tenho certeza de que não devem tardar. Nunca espero ninguém para cear.

— Excelente norma — disse o sr. Pickwick —, admirável.

— Sentem-se, por favor — pediu o dono da casa.

— Certamente — disse o sr. Pickwick; e todos se assentaram.

Havia sobre a mesa um gigantesco pedaço de carne fria de vaca, e o sr. Pickwick recebeu dela um formoso quinhão. Levantara o garfo à altura dos lábios e dispunha-se a abrir a boca para a recepção de um naco de carne, quando se ouviu na cozinha um rumor de muitas vozes. Deteve-se e pousou o garfo. O sr. Wardle também se deteve e largou insensivelmente o cabo do trinchante, que ficou espetado na carne. Olhou para o sr. Pickwick. O sr. Pickwick olhou para ele.

Ouviram-se passos pesados no corredor; abriu-se repentinamente a porta da sala; e o homem que limpava as botas do sr. Pickwick no dia da chegada

precipitou-se na sala, seguido do gorducho e de todos os criados.

— Mas que diabo significa isto? — perguntou o dono da casa.

— A chaminé da cozinha pegou fogo, Ema? — perguntou a velha senhora.

— Nossa! Vovó! Não! — gritaram as duas meninas.

— Que aconteceu? — rugiu o dono da casa.

O homem, ofegante, respondeu com voz fraca:

— Eles fugiram, patrão! — Meteram o pé na estrada, senhor! (Observou-se que, nesse momento, o sr. Tupman pousou o garfo e a faca, e empalideceu horrivelmente.)

— Quem fugiu? — bradou, colérico, o sr. Wardle.

— O sr. Jingle e a srta. Raquel, numa sege de posta, do Leão Azul, de Muggleton. Eu estava lá: mas não pude segurá-los: por isso vim correndo.

— E eu que lhe paguei as despesas! — clamou o sr. Tupman, saltando como louco. — Ele levou-me as 10 libras! Segurem-no! Passou-me a perna! Não admito! Hei de pedir justiça. Pickwick! Não admito! — e com diversas exclamações incoerentes dessa natureza, o desventurado cavalheiro corria à volta da sala, num transporte de cólera.

— Valha-nos Deus! — exclamou o sr. Pickwick, observando os gestos extraordinários do amigo com aterrada surpresa. — Ele ficou louco! Que faremos?

— Faremos! — disse o vigoroso anfitrião, que ouvira apenas a última palavra da sentença. — Atrelem o cavalo no cabriolé! Arranjarei uma sege em Lion e seguirei sem demora atrás deles. Onde... — exclamou, quando o homem se afastou, a correr, para cumprir as ordens. — Onde está o patife do Joe?

— Estou aqui; mas não sou patife — replicou uma voz. Era a voz do gorducho.

— Deixe-me pegá-lo, Pickwick — bradou Wardle, precipitando-se para o malfadado rapaz. — Subornou-o esse mariola do Jingle para me colocar na pista errada, contando-me patranhas a respeito de minha irmã e do seu amigo Tupman! — A essa altura o sr. Tupman deixou-se cair numa cadeira. — Deixe-me pegá-lo!

— Não deixe! — gritaram todas as mulheres, acima de cujas exclamações era perfeitamente audível o soluçar do gorducho.

— Não quero que me segurem! — gritou o velho. — Sr. Winkle, tire as mãos daí. Sr. Pickwick, largue-me, senhor!

Era um belo espetáculo, naquele momento de tumulto e confusão, contemplar a plácida e filosófica expressão do sr. Pickwick, apesar de algum tanto corado em consequência do esforço, com os braços a circundarem com firmeza a enorme cintura do corpulento hospedeiro e reportando-lhe, assim, o ímpeto da paixão, ao mesmo passo que o gorducho era arranhado, puxado e empurrado para fora da sala por todas as mulheres reunidas. Assim que largou a presa, entrou o homem para anunciar que o cabriolé estava pronto.

— Não o deixem ir só! — gritaram as mulheres. — É capaz de matar alguém!

— Irei com ele — declarou o sr. Pickwick.

— Você é um bom sujeito, Pickwick — disse o dono da casa, apertando-lhe a mão. — Ema, dê ao sr. Pickwick um xale para amarrar ao pescoço... depressa. Tomem conta de sua avó, meninas; ela desmaiou. E, agora, está pronto?

Com a boca e o queixo apressadamente envoltos num xale enorme, o chapéu enfiado na cabeça e o sobretudo no braço, o sr. Pickwick replicou afirmativamente.

Saltaram para o cabriolé. — Dê-lhe rédeas, Tom! — gritou o dono da casa; e lá se foram, pelas estreitas azinhagas, aos solavancos sobre os trilhos do caminho, como se devessem despedaçar-se a qualquer momento.

— Quanto tempo levam eles de vantagem? — berrou Wardle, ao chegarem à porta do Leão Azul, à volta da qual, apesar do adiantado da hora, se reunira pequena multidão.

— Não chega a três quartos de hora — foi a unânime resposta.

— Uma sege e quatro cavalos, imediatamente! Depressa! Depois volte com o cabriolé.

— Vamos, rapazes! — gritou o estalajadeiro. — Tirem uma sege a quatro... aviem-se... mexam-se aí!

Os moços da estrebaria e os criados saíram a correr. Luziam as lanternas ao passo que os homens corriam de um lado para outro; as ferraduras dos cavalos retiniam no pavimento irregular do pátio; a sege estardalhou ao ser retirada da cocheira; e tudo eram ruídos e alvoroço.

— Como é? Vem ou não vem hoje a tal sege? — gritou Wardle.

— Vem descendo o pátio agora, senhor — replicou o moço da cavalaria.

Saiu a sege, atrelaram-se os cavalos, saíram os criados, entraram os viajantes.

— Veja lá: as 7 milhas até a primeira muda em menos de meia hora — bradou Wardle.

— Vamos!

Os postilhões aplicaram o chicote e as esporas, os criados gritaram, os moços da estrebaria aplaudiram, e lá se foram outra vez, rápida e furiosamente.

— Bela situação — pensou o sr. Pickwick, quando lhe sobrou um instante para refletir. — Bela situação para o presidente geral do Clube Pickwick. Uma sege molhada... cavalos desconhecidos... 15 milhas por hora... e já passa de meia-noite!

Durante as 3 ou 4 primeiras milhas não trocaram os perseguidores uma única palavra, pois cada qual se achava tão imerso em suas próprias reflexões que não tinha tempo para dirigir observações ao companheiro. Vencida, porém, essa distância e principiando os cavalos, depois de esquentados, a correr de verdade, o sr. Pickwick se sentiu tão animado pela rapidez do movimento, que não pode conservar por mais tempo o seu perfeito mutismo.

— Creio que haveremos de alcançá-los — disse ele.

— Espero que sim — replicou o companheiro.

— Linda noite — disse o sr. Pickwick, olhando para a Lua, que resplandecia.

— Tanto pior — retrucou Wardle —, pois eles têm toda a vantagem do luar para se distanciarem de nós, e nós ainda o perderemos. Daqui a uma hora já não teremos Lua.

— Será meio desagradável correr a essa velocidade no escuro, não será? — perguntou o sr. Pickwick.

— Creio que sim — volveu, secamente, o amigo.

A temporária excitação do sr. Pickwick principiou a acalmar-se um pouco ao refletir sobre os inconvenientes e perigos da expedição em que tão levianamente se metera. Despertou-o um berro do postilhão.

— Iô! iô! iô! iô! iô! — disse o primeiro postilhão.

— Iô! iô! iô! iô! — repetiu o segundo.

— Iô! iô! iô! iô! — trovejou o próprio sr. Wardle, a plenos pulmões, com a cabeça e metade do corpo para fora da janela.

— Iô! iô! iô! iô! iô! — berrou o sr. Pickwick, repetindo o estribilho, embora não tivesse a menor idéia do seu significado ou objeto. E, no meio dos “iôs” dos quatro, parou a sege.

— Que aconteceu? — perguntou o sr. Pickwick.

— Há uma barreira aqui — replicou o velho Wardle. — Saberemos alguma coisa dos fugitivos.

Depois de uma gritaria de cinco minutos, acompanhada de uma incessante pancadaria, saiu um velho em mangas de camisa da casa da barreira e abriu a porteira.

— Há quanto tempo passou por aqui uma sege de posta? — perguntou o sr. Wardle.

— Há quanto tempo?

— É!

— Bem, eu não sei direito. Não faz muito tempo, mas também não faz pouco tempo. Talvez entre as duas coisas.

— Mas, afinal, passou ou não passou uma sege?

— Passou, passou, uma sege passou.

— Há quanto tempo, meu amigo — interveio o sr. Pickwick —, uma hora?

— Pode ser mais ou menos isso — replicou o homem.

— Ou duas horas? — indagou um dos postilhões.

— Eu não me admiraria se fossem duas — tornou o velho com ar de dúvida.

— Para frente, rapazes — gritou o irascível sr. Wardle —; não percam mais tempo com esse velho idiota!

— Idiota! — exclamou o velho com um riso escarninho, no meio da estrada, com a porteira semi-aberta, observando a sege que diminuía rapidamente na distância cada vez maior. — Nem tão idiota assim; vocês perderam dez minutos aqui e saíram não sabendo mais do que sabiam. Se todos os guarda-barreiras que receberam 1 guinéu o ganharem com a metade da consciência com que ganhei o meu, você não alcançará a outra sege antes do dia de São Miguel, velho barrigudo. — E, com outro riso prolongado, fechou a porteira, entrou em casa e trancou a porta após si.

Nesse meio tempo corria a sege, sem diminuir a velocidade, para o termo da primeira muda. A Lua, segundo predissera o sr. Wardle, declinava rapidamente; grandes nuvens, escuras e pesadas, que durante algum tempo se haviam gradativamente espalhado pelo céu, formavam agora uma só massa negra no zênite; e grossos pingos de chuva que, de quando em quando, fustigavam as janelas do carro, pareciam anunciar aos viajantes a rápida aproximação de uma tempestade. O vento, também, dirigido contra eles,

soprava em furiosas rajadas pela estrada exígua, e uivava, soturno, entre as árvores que orlavam o caminho.

O sr. Pickwick fechou ainda mais o casaco, ajeitou-se melhor num dos cantos da sege e caiu num sono profundo, do qual foi apenas despertado pela parada do veículo, o som de uma sineta e um grito de “Cavalos imediatamente!”.

Mas aqui surgiu outra demora. Os rapazes dormiam com um sono tão misteriosamente pesado, que foram precisos cinco minutos para acordá-los. O moço da estrebaria perdera, como quer que fosse, a chave das cavalariças, e quando esta foi encontrada dois ajudantes sonolentos trocaram os jaezes dos cavalos, e toda a cerimônia de arreação teve de ser feita de novo. Se o sr. Pickwick estivesse sozinho, estes múltiplos obstáculos teriam posto um fim completo e imediato à perseguição, mas o velho Wardle não era homem que se deixasse vencer por tão pouco; e pôs-se a trabalhar com tamanha boa vontade, sacudindo uns e empurrando outros, apertando aqui uma fivela, prendendo além uma corrente, que a sege ficou pronta muito mais depressa do que se poderia razoavelmente esperar de tantas dificuldades.

Os viajantes prosseguiram na viagem; e, por certo, a perspectiva que se lhes apresentava não era, de forma alguma, alentadora. A muda seguinte ficava a 15 milhas de distância, a noite era escura, o vento era forte e a chuva caía torrencialmente. Era impossível correr muito no meio de tantos obstáculos unidos: era quase 1 hora da noite; e foram precisas quase duas horas para chegarem ao termo da segunda muda. Aqui, todavia, apresentou-se-lhes um objeto que lhes reanimou as esperanças e o espírito abatido.

— Quando chegou esta sege? — gritou o velho Wardle, saltando para fora do seu próprio veículo e apontando para outro, recoberto de lama ainda molhada, que se encontrava no pátio.

— Não faz um quarto de hora, senhor — replicou o moço da cavalariça, a quem era dirigida a pergunta.

— Uma senhora e um cavalheiro? — perguntou Wardle, a quem a impaciência deixava quase sem fôlego.

— Sim, senhor.

— Um senhor alto... de casaca... pernas compridas.... magro de corpo?

— Sim, senhor.

— Uma senhora idosa... cara chupada... magruça... hein?

— Sim, senhor.

— Por Deus, são eles, Pickwick — exclamou o velho senhor.

— Teriam chegado antes aqui, senhor, mas quebraram um tirante.

— São eles! — disse Wardle — são eles, por Deus! Uma sege a quatro, incontinenti. Haveremos de alcançá-los antes que cheguem à muda seguinte. Um guinéu para cada um, rapazes... despachem-se... vamos... — depressa.

E, com exortações semelhantes, o velho percorria de um lado para outro o pátio, num estado de excitação que se transmitiu ao próprio Pickwick; e sob a influência do qual esse cavalheiro embarçou-se no meio de arreios, cavalos e rodas de carros, da maneira mais surpreendente, com a firme convicção de que, fazendo isso, estava ajudando muito os preparativos para o reinício da jornada.

— Suba... suba! — gritou o velho Wardle, pulando para dentro da sege, levantando os degraus e fechando a porta. — Vamos! Depressa! — E, antes que o sr. Pickwick soubesse direito o que estava fazendo, sentiu-se enfiado pela outra porta, puxado pelo velho e empurrado pelo moço da estrebaria; e lá se foram outra vez.

— Ah! agora sim, estamos andando — disse o velho, exultante. Andavam, com efeito, segundo verificou sobradamente o sr. Pickwick pelas colisões, ou com a rija madeira do carro ou com o corpo do companheiro.

— Segure-se! — disse o rijo sr. Wardle, quando o sr. Pickwick mergulhou, de ponta cabeça, no próprio colete.

— Nunca fui tão sacudido em minha vida — observou o outro.

— Não se incomode — replicou o companheiro —, isso acaba logo. Segure-se direito.

O sr. Pickwick plantou-se no seu canto com toda a firmeza de que era capaz; e a sege pôs-se a rodar mais depressa do que nunca.

Tinham viajado dessa maneira cerca de 3 milhas, quando o sr. Wardle, que estivera olhando pela janela, durante uns dois ou três minutos, retirou subitamente o rosto, coberto de salpicos de lama, e exclamou, ofegante e alvorotado:

— Lá estão eles!

O sr. Pickwick pôs a cabeça para fora da janela. De fato: lá estava uma sege a quatro, a curta distância, correndo desabaladamente.

— Vamos, vamos — vociferou o velho. — Dois guinéus para cada um, rapazes... não os deixem vencer-nos... alcancem-nos... alcancem-nos!

Os cavalos da primeira sege corriam à desfilada: e os do carro do sr. Wardle, furiosos, galopavam atrás.

— Vejo-lhe a cabeça — exclamou o colérico velho. — Com seiscentos diabos! Vejo-lhe a cabeça.

— Eu também — disse o sr. Pickwick. — É ele mesmo.

O sr. Pickwick não se enganara. O semblante do sr. Jingle, inteiramente coberto de lama, atirada pelas rodas, era perfeitamente discernível à janela da sua sege; e os movimentos do seu braço, agitado com violência na direção dos postilhões, eram indício de que procurava animá-los a redobram de esforços.

O interesse era enorme. Campos, árvores e cercas pareciam passar por eles com a velocidade de um furacão, tão rápida era a carreira em que se empenhavam. Já estavam quase ao lado da primeira sege. Podia-se ouvir perfeitamente a voz de Jingle, acima do ruído das próprias rodas, incitando os postilhões. O velho sr. Wardle escumava de raiva e excitação. Rugia às dúzias “canalhas” e “patifes”, fechava o punho e brandia-o expressivamente para o objeto da sua indignação. Mas o sr. Jingle só lhe respondia com um sorriso desdenhoso, e replicou-lhe às ameaças com gritos de triunfo quando os seus cavalos, respondendo à reiterada aplicação do chicote e das esporas, iniciaram um galope ainda mais rápido, deixando atrás os perseguidores.

O sr. Pickwick acabara de retirar a cabeça, e o sr. Wardle, exausto de tanto berrar, fizera o mesmo, quando um solavanco tremendo os atirou para a frente do veículo. Ouvia-se um estrondo súbito, um estalo violento, uma roda se desprende, e a sege tombou.

Depois de alguns segundos de susto e confusão, em que não se distinguia coisa alguma senão o escoicear dos cavalos e o estilhaçar-se dos vidros, sentiu-se o sr. Pickwick violentamente puxado de entre as ruínas da sege; e tanto que pôde erguer-se em pé e desemaranhar a cabeça das abas do sobretudo, que materialmente obviavam à utilidade dos seus óculos, antolhou-se-lhe o espetáculo completo do desastre.

O velho sr. Wardle, sem chapéu, as vestes rasgadas em diversos lugares, estava a seu lado, ao passo que se viam os destroços da sege espalhados aos seus pés. Os postilhões, que haviam conseguido cortar os tirantes, desfigurados pela lama e pela carreira, seguravam os cavalos. Cerca de 100 jardas mais adiante a outra sege detivera-se ao ouvir o estrondo. Os postilhões, cujos semblantes estavam convulsionados por um riso sarcástico, observavam das respectivas selas o carro adversário, e o sr. Jingle contemplava o desastre da janela, com evidente satisfação. O dia estava nascendo, e toda a cena se tornara perfeitamente visível à luz cinzenta da manhã.

— Alô! — gritou o descarado Jingle. — Machucou-se alguém? Cavalheiros de idade ... pesadões... perigoso... muito perigoso.

— Você é um canalha! — rugiu Wardle.

— Ah! Ah! — replicou Jingle; e ajuntou, com uma piscadela maliciosa, indicando, com o polegar, o interior do carro: — Olhem, ela vai muito bem.. Manda lembranças... Pede-lhes que não se incomodem... Saudades a Tuppy.. Não querem subir atrás?... Vamos embora, rapazes.

Os postilhões reassumiram as suas posições apropriadas, e a sege se pôs a caminho, ao passo que o sr. Jingle abanava, zombeteiro, um lenço branco da janela.

Nada em toda a aventura, nem sequer o tombo, havia perturbado a calma e a serenidade do sr. Pickwick. A vilania, porém, de haver tomado dinheiro emprestado ao seu fiel discípulo e ainda abreviado o seu nome para Tuppy era mais do que ele podia suportar com paciência. Respirou fundo e, vermelho até a ponta dos óculos, declarou, lenta e enfaticamente:

— Se eu tornar, alguma vez, a topar com esse homem...

— Sim, sim — atalhou Wardle —, tudo isso é muito bom; mas enquanto ficamos aqui a conversar, eles conseguem a licença e casam-se em Londres.

O sr. Pickwick fez uma pausa, engarrafou a sua vingança e arrolhou-a.

— Quanto falta para chegarmos à primeira muda? — perguntou o sr. Wardle a um dos postilhões.

— Umas 6 milhas, não é, Tom?

— Um pouco mais.

— Um pouco mais de 6 milhas, senhor.

— Não há remédio — disse Wardle —, temos de andar esse pedaço, Pickwick.

— Não há remédio — repetiu aquele homem verdadeiramente grande.

Mandando, portanto, um dos rapazes a cavalo à procura de outra sege e novos animais, e deixando atrás o segundo para tomar conta da que se quebrara, o sr. Pickwick e o sr. Wardle puseram-se virilmente a caminho, depois de enrolarem o xale à volta do pescoço e enterrarem o chapéu na cabeça para se abrigarem o mais possível ao dilúvio que, após um breve intervalo, voltara a cair torrencialmente.

CAPÍTULO X

EM QUE SE DISSIPAM TODAS AS DÚVIDAS (SE ALGUMAS, PORVENTURA, AINDA EXISTIAM) SOBRE O DESINTERESSE DO SR. JINGLE.

EXISTEM EM LONDRES várias estalagens velhas, que foram outrora quartéis-generais de célebres diligências, nos dias em que as diligências faziam as suas viagens de maneira mais grave e mais solene do que hoje; mas que degeneraram agora em pouco mais do que depósitos de carros provincianos. O leitor buscaria em vão algumas dessas antigas hospedarias entre as Cruzes, os Touros e as Bocas de Ouro que hoje elevam as suas majestosas frontarias nas ruas melhoradas de Londres. Se quiser apear numa dessas velhas albergarias terá de encaminhar os passos para os bairros mais obscuros da cidade; e aí, nalgum recanto afastado, encontrará diversas, que se erguem ainda com uma espécie de teimosia melancólica, entre as modernas invocações que as cercam.

Exitem ainda, principalmente no Borough, meia dúzia de velhos albergues, que conservaram inalterados os seus traços externos e que escaparam assim à fúria dos melhoramentos públicos, como à avidez da exploração particular. São velhos casarões antiquados e estranhos, com galerias, corredores e escadas, suficientemente amplos e arcaicos para fornecerem material a uma centena de histórias de fantasmas, na hipótese de nos vermos reduzidos à lamentável necessidade de inventar alguma e viver o mundo o bastante para esgotar as inúmeras e verídicas lendas ligadas à velha Ponte de Londres e às suas adjacências da margem esquerda do rio.

Era no pátio de uma dessas estalagens — nada mais nada menos que o célebre Veado Branco — que um homem se afadigava em tirar a sujeira de um par de botas, na manhã seguinte aos sucessos narrados no capítulo anterior. Vestia um colete de pano ordinário, com mangas de algodão preto e botões azuis de vidro; calções de lã e polainas. Via-se-lhe um lenço vermelho-vivo amarrado com suma negligência e desafetação à volta do pescoço, e um velho

chapéu branco equilibrava-se-lhe, descuidadamente, sobre os lados da cabeça. Havia duas fileiras de botas diante dele, uma limpa e outra suja, e a cada adição que fazia à fileira limpa, interrompia o trabalho e contemplava a sua obra com evidente satisfação.

O pátio não apresentava nada do alvoroço e da atividade que de ordinário caracterizam um grande pouso de diligências. Três ou quatro carros, dispostos sem ordem, carregados de um montão de mercadorias debaixo do teto, muito alto, que alcançava a janela do segundo andar de uma casa comum, estavam guardados debaixo de enorme telheiro que se estendia de uma extremidade à outra do pátio; e outro, que devia, provavelmente, iniciar a sua viagem naquela manhã, estava parado ao ar aberto. Dos dois lados da área imensa, corria uma fila dupla de galerias, com rústicos balaústres, que davam para os quartos, às quais correspondia uma dupla fileira de sinetas, abrigadas do tempo por um telhadozinho inclinado, sobre a porta que abria para a sala de almoço e para o bar. Dois ou três cabriolés e seges se achavam guardados debaixo de vários telheiros pequenos; e o ruído pesado e ocasional que fazia uma carroça, ou o retinir de uma corrente na extremidade mais afastada do pátio indicavam aos interessados que a estrebaria ficava naquela direção. Se acrescentarmos que alguns rapazes, vestidos de blusas, jaziam profundamente adormecidos sobre enormes pacotes, fardos de lã e outros artigos espalhados sobre montes de palha, teremos sobejamente descrito a aparência geral do pátio da estalagem do Veado Branco, em High Street, no Borough, naquela determinada manhã.

O soar de uma sineta foi seguido pelo aparecimento de uma bonita criadinha na galeria superior que, depois de bater a uma das portas e receber de dentro um recado, gritou de cima da varanda:

— Sam!

— Alô — replicou o homem de chapéu branco.

— O número 22 quer as botas.

— Pergunte ao número 22 se as quer agora ou se prefere esperar que lhas levem — foi a resposta.

— Vamos, não diga bobagens, Sam —olveu a rapariga, dengosa —, o cavalheiro quer as botas já.

— Ora, essa é muito boa —olveu o limpador de botas. — Olhe aqui para estas: onze pares; e um sapato que pertence ao número 6, o da perna de pau. As onze botas deverão ser entregues às 8 e meia e o sapato às 9. Quem é esse número 22 para passar na frente dos outros? Não, não; rotação regular,

como dizia Jack Ketch ao enforçar alguém. Sinto muito fazê-lo esperar, senhor, mas daqui a pouco o servirei.

Dito isto, o homem do chapéu branco pôs-se a lustrar com crescente diligência uma bota de canhão.

Ouviu-se outra sineta; e a velha e ativa estalajadeira do Veado Branco apareceu na galeria oposta.

— Sam! — gritou ela. — Mas onde está esse vadio, preguiçoso? Sam! — Oh, você está aí? Por que não responde?

— Não seria delicado responder enquanto a senhora não acabasse de falar — respondeu Sam, sem modos.

— Olhe, limpe estes sapatos imediatamente para o número 17 e leve-os ao gabinete reservado, número 5, primeiro andar.

A estalajadeira atirou um par de sapatos ao pátio e desapareceu, rapidamente.

— Número 5 — disse Sam, ao apanhar os sapatos; e, tirando um pedaço de giz do bolso, anotou-lhe na sola o destino: — Sapatos de senhoras e um gabinete reservado! Imagino que ela não tenha vindo de carro.

— Ela chegou hoje cedo — gritou a rapariga, ainda apoiada ao parapeito da galeria — com um cavalheiro, num carro de aluguel; é o mesmo que quer as botas e é melhor você arrumá-las, pronto.

— Por que não me disse antes? — perguntou Sam, indignado, separando as botas em apreço do monte que havia à sua frente. Eu imaginava que fosse um desses fregueses de 3 *pence*. Gabinete particular! E uma senhora, ainda por cima! Se for um cavalheiro de verdade, vale 1 xelim por dia, fora os recados.

Estimulado por essa reflexão inspiradora, o sr. Samuel desatou a esfregar com tamanha boa vontade que, poucos minutos depois, as botas e o sapato, com um lustre que teria feito inveja ao amável sr. Warren (pois usava-se a graxa de Day e Martin no Veado Branco), chegaram à porta do número 5.

— Entre — disse uma voz de homem, em resposta à batida de Sam.

Sam fez a melhor das suas inclinações e entrou à presença de uma dama e de um cavalheiro sentados à mesa do almoço. Depois de haver obsequiosamente depositado as botas do cavalheiro à direita e à esquerda dos seus pés, e os sapatos da senhora à direita e à esquerda dos dela, recuou em direção da porta.

— Moço — disse o cavalheiro.

— Senhor — acudiu Sam, fechando a porta e conservando a mão no trinco.

— Voce conhece... como se chama... Doctors' Commons?

— Conheço, sim senhor.

— Onde é?

— No Paul's Church-yard, senhor, uma arcada baixa do lado dos carros, um livreiro num canto, uma hospedaria do outro, e dois porteiros no meio para arranjam licenças de casamento.

— Licenças de casamento! — volveu o cavalheiro.

— Licença de casamento — replicou Sam. — Dois sujeitos de avental branco... tocam no chapéu quando a gente entra: — Licença, senhor, licença? Gente engraçada, e os patrões também... os procuradores do Tribunal... Não há que errar.

— Que fazem eles? — perguntou o cavalheiro.

— Que fazem? Logram a gente! E isso não é o pior. Metem coisas do arco-da-velha na cabeça das pessoas idosas. Meu pai, senhor, era cocheiro. Era viúvo e gordo, espantosamente gordo. Morreu-lhe a mulher e deixou-lhe 400 libras. Lá se foi ele ao Commons, para falar com o advogado e embolsar o dinheiro... muito elegante... botas de canhão... flor na lapela... chapéu de abas largas... xale verde... tal qual um fidalgo. Passou pela arcada, pensando em como havia de empregar o dinheiro. Nisto aparece o porteiro, a mão no chapéu... “Licença senhor, licença?” “Que é isso?”, perguntou meu pai. “Licença senhor”, diz o outro. “Que licença?”, perguntou meu pai. “Licença de casamento”, diz o porteiro. “Com os diabos”, respondeu meu pai, “não pensei nisso.” “Acho que o senhor precisa de uma”, diz o porteiro. Meu pai se detém e reflete um pouco. “Não”, diz ele, “com os demônios, estou velho demais e, além disso, sou gordo demais.” “Absolutamente senhor”, diz o porteiro. “Acha que não?”, pergunta meu pai. “Tenho a certeza”, diz ele. “Na segunda-feira casamos um cavalheiro duas vezes maior do que o senhor.” “É?”, pergunta meu pai. “Sim senhor”, diz o porteiro, “o senhor é uma criança de peito perto dele. Por aqui, senhor, por aqui!” E meu pai começa a andar atrás dele como macaquinho ensinado atrás de realejo, num escritorzinho nos fundos onde um sujeito estava sentado entre papéis sujos e caixas de folha fingindo trabalhar. — Sente-se, por favor, enquanto redijo a declaração — diz o

advogado. — Muito obrigado, senhor — diz meu pai e sentou se e começou a olhar com todos os olhos e a boca aberta, os nomes que estavam nas caixas.

— Qual é o seu nome, senhor? — pergunta o advogado. “Tony Weller”, diz meu pai. “Que paróquia?”, diz o advogado. “A Bela Selvagem”, diz meu pai; pois fazia ponto lá quando era cocheiro, e não entendia nada de paróquias. “E qual é o nome da noiva?”, pergunta o advogado. Meu pai embatucou. “Macacos me mordam se o sei”, diz ele. “Não sabe?”, pergunta o advogado. “Tanto como o senhor”, responde meu pai, “mas isso não pode ser depois?” “Impossível!”, diz o advogado. “Muito bem”, diz meu pai, depois de matutar um pouco. “Então ponha lá sra. Clarke!” “Clarke do quê?”, pergunta o advogado, enfiando a pena no tinteiro. “Susana Clarke, da estalagem do marquês de Granby, em Dorking”, diz meu pai. “E ela me aceitará, se eu a pedir. Nunca lhe disse nada, mas sei que me há de aceitar.” Preparou-se a licença, ela o aceitou e, o que é pior, tem-no agora bem seguro; nunca mais tive notícias das 400 libras. Azar meu. Perdão, senhor — ajuntou Sam, ao concluir a história —, mas quando começo a falar neste meu desgosto, corro como um carro novo, de roda ensebada. — Dito isto, fez uma pausa a fim de ver se o queriam para mais alguma coisa e saiu da sala.

— Nove e meia... Está na hora... Saio já — disse o cavalheiro; que não nos será preciso apresentar como o sr. Jingle.

— Está na hora... de quê? — perguntou, dengosa, a tia solteirona.

— Da licença, anjo idolatrado... Avisar a igreja... Chamá-la minha amanhã — disse o sr. Jingle, apertando a mão da tia solteirona.

— A licença! — exclamou Raquel, ruborizando-se.

— A licença — repetiu o sr. Jingle.

“Vou correndo buscar minha licença,
Vou correndo, e regresso num minuto.”

— Como vai depressa! — disse Raquel.

— Depressa... Verá como passarão as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos, quando estivermos unidos... depressa! Haverão de voar... o trovão... o relâmpago.... o vapor... 1.000 cavalos de força... nada disso irá mais depressa.

— Não podemos.... não podemos casar antes de amanhã? — perguntou Raquel.

— Impossível!... — Não pode ser... Avisar a igreja... deixar lá hoje a licença.... cerimônia amanhã.

— Tenho tanto medo de que meu irmão venha a descobrir-nos! — disse Raquel.

— Descobrir... tolice... muito abalado pelo desastre... além disso... muita cautela... deixar a sege de posta... caminhar... tomar um carro de aluguel... vir até aqui... último lugar do mundo em que pensaria em procurar-nos. Ah! oh! boa idéia, essa... muito boa.

— Não se demore — disse afetuosamente a solteirona, quando o sr. Jingle enfiou na cabeça o chapéu de abas voltadas para cima.

— Demorar-me longe de si? Feiticeira cruel — e o sr. Jingle adiantou-se, aos pulos, para a tia solteirona, imprimiu-lhe nos lábios um beijo muito casto e saiu, dançando, da sala.

— Querido! — murmurou a solteirona, quando a porta se fechou atrás dele.

— Velha cômica — disse o sr. Jingle, ao atravessar o corredor.

É-nos penoso refletir sobre a perfídia da nossa espécie: não seguiremos, portanto, o fio das meditações do sr. Jingle em seu trajeto para Doctors' Commons. Bastará ao nosso propósito relatar que, fugindo às ciladas dos dragões de avental branco, que guardam a entrada dessa região encantada, chegou são e salvo ao escritório do vigário-geral e, tendo obtido uma lisongeira epístola do arcebispo de Canterbury aos “leais e amados Alfredo Jingle e Raquel Wardle, saudações”, depositou cuidadosamente o místico documento no bolso e desandou, triunfante, para o Borough.

Achava-se ainda a caminho do Veado Branco quando dois cavalheiros roliços e um magro entraram no pátio e olharam à sua volta, à procura de uma pessoa autorizada a quem pudessem fazer perguntas. O sr. Samuel Weller sucedia estar, naquele instante, ocupado em lustrar umas botas de canhão, propriedade particular de um granjeiro que se refocilava com um pequeno almoço de 2 ou 3 libras de carne fria de vaca e uma ou duas canecas de cerveja, após as fadigas do mercado de Borough; e para ele se encaminhou diretamente o cavalheiro magro.

— Meu amigo — disse o cavalheiro magro.

“Você é dos que pertencem à ordem das informações gratuitas”, pensou Sam, “ou não se teria apaixonado depressa por mim.” Mas disse apenas: — Às suas ordens, senhor.

— Meu amigo — volveu o cavalheiro magro, pigarreando conciliativamente —, há muita gente agora hospedada aqui? Bastante serviço,

hein?

Sam olhou de soslaio para o interrogador. Era um homenzinho seco, de rosto escuro e chupado, olhinhos inquietos; que piscavam e luziam de cada lado do narizinho inquisitivo, como se brincassem perpetuamente de esconde-esconde com esse órgão. Vestia-se todo de preto, com botas reluzentes como os olhos, gravata estreita e branca, e camisa com bofes, muito limpa. Uma corrente de ouro e alguns berloques pendiam-lhe do colete. Trazia as luvas pretas de camurça nas mãos e não sobre elas; e, ao falar, enfiava os pulsos debaixo das abas da casaca, com o ar de homem avezado a fazer interrogatórios.

— Bastante serviço, hein? — repetiu o homenzinho.

— Vamos indo, senhor — replicou Sam —, não abriremos falência nem ficaremos ricos. Comemos o nosso carneiro cozido sem alcaparras, e não tocamos em rabanetes quando temos carne de vaca.

— Ah — tornou o homenzinho —, pelo que vejo é trocista, não é?

— Meu irmão mais velho sofria dessa moléstia — respondeu Sam. — Pode ser que pegue; eu costumava dormir com ele.

— É curioso este seu casarão — disse o homenzinho, circunvagando os olhos.

— Se o senhor tivesse avisado que vinha, nós o teríamos consertado — replicou o imperturbável Sam.

O homenzinho parecia meio desconcertado com essas respostas, e uma breve consulta se realizou entre ele e os dois cavalheiros gordos. Ao cabo dela, o homenzinho tomou uma pitada de rapé de uma caixa oblonga de prata e dispunha-se, aparentemente, a reiniciar a conversação quando um dos cavalheiros gordos, que, além de uma expressão benevolente, possuía um par de óculos e outro de polainas pretas, interveio:

— O caso — disse o benevolente cavalheiro — é que o meu amigo aqui (apontando para o outro cavalheiro roliço) lhe dará meio guinéu se você responder a uma ou duas...

— Ora, meu caro senhor... meu caro senhor — disse o homenzinho —, peço-lhe que me permita, meu caro senhor, o princípio fundamental que se há de observar num caso como este é o seguinte: quando a gente coloca um assunto nas mãos de um profissional, não deve interferir na marcha do negócio; é preciso depositar nele implícita confiança. Francamente, senhor — voltou-se para o outro cavalheiro roliço e disse: — Esqueceu-me o nome do seu amigo.

— Pickwick — disse o sr. Wardle, pois não era nem mais nem menos do que essa jovial personagem.

— Ah, Pickwick... francamente, sr. Pickwick, meu caro senhor, perdoe-me... Folgarei muito em receber quaisquer sugestões particulares suas como *amicos curioe*, mas o senhor há de reconhecer a impropriedade da sua interferência num caso destes, com um argumento tão *ad coptandum*, como a oferta de meio guinéu. Francamente, meu caro senhor, francamente — e o homenzinho tomou uma pitada argumentativa de rapé, e assumiu uma expressão muito profunda.

— O meu único desejo, senhor — disse o sr. Pickwick —, era trazer esta desagradabilíssima questão ao término o mais rápido possível.

— Exatamente... exatamente — disse o homenzinho.

— E com esse intuito — continuou o sr. Pickwick — utilizei-me do argumento que a minha experiência dos homens me ensinou ser o que tem maiores probabilidades de bom êxito em qualquer caso.

— Pois sim, pois sim — disse o homenzinho —, tem razão, tem muita razão; mas o senhor o deveria ter sugerido a mim. Meu caro senhor, tenho a absoluta certeza de que não desconhece a extensão da confiança que deve ser depositada nos profissionais. Se fosse necessária qualquer autoridade sobre esse ponto, meu caro senhor, eu lhe pediria permissão para citar o caso tão conhecido de Barnwell e...

— Deixe Jorge Barnwell de lado — interrompeu Sam, que ouvira, pasmado, o curto colóquio —, toda a gente sabe que espécie de caso foi esse, embora eu sempre fosse de opinião que a rapariga merecia muito mais a força do que ele. Mas isto não vem ao caso. Os senhores querem que eu aceite meio guinéu. Muito bem, estou de acordo: não posso dizer mais do que isso, posso? (O sr. Pickwick sorriu.) Portanto, a pergunta seguinte é: que diabo querem de mim os senhores, como disse o outro quando viu o fantasma?

— Nós queremos saber... — disse o sr. Wardle.

— Ora, meu caro senhor... meu caro senhor — atalhou o azafamado homenzinho.

O sr. Wardle deu de ombros e calou a boca.

— Nós queremos saber — disse o homenzinho, solenemente — e fazemos a pergunta a você, a fim de não despertar suspeitas no interior... Nós queremos saber quem está agora hospedado nesta casa?

— Quem está hospedado na casa? — repetiu Sam, em cujo espírito os hóspedes eram sempre representados pelo artigo do vestuário que caía debaixo da sua imediata superintendência. — Há uma perna de pau no número 6; há um par de botas hessianas no 13; há dois pares de botins na sala dos negociantes; há estas botas de canhão aqui, atrás do bar; e mais cinco pares na sala de almoço.

— Só? — perguntou o homenzinho.

— Espere um pouco — respondeu Sam, lembrando-se de repente. — É isso mesmo, há um par de botas Wellington bem usadas, e um par de sapatos de senhora, no número 5.

— Que espécie de sapatos? — apressou-se em perguntar o sr. Wardle, que, em companhia do sr. Pickwick, ficara atordoado com o singular catálogo de hóspedes.

— Feitos na província — repetiu Sam.

— Trazem o nome do sapateiro?

— Brown.

— De onde?

— Muggleton.

— São eles! — exclamou Wardle. — Por Deus, que os achamos!

— Psiu! — segredou Sam. — As botas Wellington foram ao Doctors' Commons.

— Não — disse o homenzinho.

— Sim, para arranjar uma licença.

— Chegamos na hora — exclamou Wardle. — Mostre-nos o quarto: não se deve perder um momento.

— Por favor, meu caro senhor... por favor — disse o homenzinho. — Toda a cautela é pouca. — Tirou da algibeira uma bolsa de seda vermelha, e fixou os olhos em Sam ao passo que dela retirava 1 soberano.

Sam sorriu expressivamente.

— Conduza-nos imediatamente ao quarto, sem nos anunciar — disse o homenzinho —, e isto será seu.

Sam atirou a um canto as botas de canhão e guiou-os por um corredor escuro e uma ampla escada. Deteve-se ao fim do segundo corredor e estendeu a mão.

— Aqui está — murmurou o advogado, ao depositar o dinheiro na mão do guia.

O homem deu alguns passos para a frente, seguido pelos dois amigos e pelo seu conselheiro legal. Parou diante de uma porta.

— É este o quarto? — perguntou, num sussurro, o homenzinho. Sam abanou afirmativamente a cabeça.

O velho Wardle abriu a porta: e os três entraram na sala na momento em que o sr. Jingle, chegado naquele instante, mostrava a licença à tia solteirona.

A solteirona desferiu um grito agudo e, atirando-se a uma cadeira, cobriu o rosto com as mãos. O sr. Jingle amarrotou a licença e meteu-a no bolso do casaco. Os importunos visitantes adiantaram-se até o meio do quarto.

— O senhor... o senhor é um grandíssimo canalha, não é? — exclamou Wardle, a quem a raiva deixava sem fôlego.

— Meu caro senhor, meu caro senhor — sobreveio o homenzinho, colocando a chapéu em cima da mesa. — Pense um pouco, por favor... por favor. Difamação de reputação: ação de perdas e danos. Acalme-se, meu caro senhor, peço-lhe que se acalme.

— Como se atreve a arrancar minha irmã de minha casa? — perguntou o velho.

— Isso... isso... muito bem — disse o homenzinho. — Isso pode perguntar. Como se atreve, senhor?... Hein, senhor?

— Quem diabo é o senhor? — perguntou o sr. Jingle, com tão feroz acento que o homenzinho recuou, involuntariamente, um ou dois passos.

— Quem é ele, seu patife? — interveio Wardle. — É o meu advogado, o sr. Perker, de Grays' Inn. Perker, vai processar este sujeito... vou mandá-lo prender... vou... vou arruiná-lo. E você — continuou o sr. Wardle, voltando-se abruptamente para a irmã —, você, Raquel, na sua idade, já devia ter juízo bastante para não fugir com um vagabundo, para desonra da família e infelicidade sua. Ponha a touca e volte canosco. Chame imediatamente um carro de aluguel, e traga a conta desta senhora, ouviu? Ouviu?

— Sim, senhor — replicou Sam, que respondera ao toque violento de campainha de Wardle com uma presteza que devia de parecer maravilhosa a quem não soubesse que um dos seus olhos estivera aplicado à fechadura do lado de fora durante toda a entrevista.

— Ponha sua touca — repetiu Wardle.

— Não ponha coisa nenhuma — disse Jingle. — Saia da sala, senhor... Não tem o que fazer aqui... A senhora é livre para fazer o que bem entende... Tem mais de 21 anos.

— Mais de 21! — exclamou Wardle, desdenhoso. — Tem mais de 41.

— Não tenho —olveu a tia solteirona, cuja indignação levava a melhor à sua resolução de desmaiar.

— Tem — replicou Wardle —, tem, pelo menos, cinqüenta completos. — A essa altura, a tia solteirona despediu um grande grito e ficou sem sentidos.

— Um copo de água — disse o humano sr. Pickwick, chamando a estalajadeira.

— Um copo de água! — repetiu o colérico Wardle. — Traga um balde e despeje-o em cima dela, que lhe fará bem e ela o merece.

— Que bruto! — exclamou a bondosa estalajadeira. — Pobrezinha. — E com diversas exclamações de: — Vamos, vamos, coitadinha... Tome um pouquinho disto... Vai-lhe fazer bem... Não fique assim... Vamos, pobre senhora — etc., etc., a estalajadeira, assistida pela criada de quarto, se pôs a passar vinagre na testa, esfregar as mãos, fazer cócegas no nariz, desapertar o corpete da solteirona, e administrar-lhe todas as restaurativas habitualmente aplicadas por mulheres compadecidas às senhoras que forcejam por ter acessos de nervos. — O carro está pronto, senhor — disse Sam, à soleira da porta.

— Vamos — gritou Wardle. — Eu os levarei para baixo.

Diante dessa proposta, o histerismo voltou com dobrada violência.

Já se dispunha a estalajadeira a formular violento protesto contra esse procedimento, e já perguntara, indignada, se o sr. Wardle se considerava o senhor da criação, quando o sr. Jingle interveio:

— Rapaz — disse ele —, traga-me um polícia.

— Espere, espere — atalhou o pequeno sr. Perker. — Considere, senhor, considere.

— Não considero coisa nenhuma — replicou Jingle. — Ela é senhora de si mesma... quero ver quem se atreve a levá-la embora... a não ser que ela o queira.

— Não quero que me levem — murmurou a tia solteirona. — Não quero. (Verificou-se aqui medonha recaída.)

— Meu caro senhor — disse o homenzinho, em voz baixa — levando o sr. Wardle e o sr. Pickwick para um lado. — Meu caro senhor, estamos numa situação muita embaraçosa. É um caso aflitivo... muita aflitivo; não conheço nenhum mais do que este; em realidade, meu caro senhor, não temos poder algum sobre as atos desta senhora. Eu lhe avisei, antes de virmos, que não poderíamos esperar senão um acordo.

Houve uma breve pausa.

— Que espécie de acordo recomendaria? — perguntou o sr. Pickwick.

— Ora, meu caro senhor, o nosso amigo está numa posição desagradável... Muito desagradável. Teremos de sujeitar-nos a sofrer alguma perda pecuniária.

— Prefiro sofrer qualquer uma a sujeitar-me a essa desonra e permitir que ela, apesar de tonta, seja infeliz para o resto da vida — disse o sr. Wardle.

— Pois creio que isso se pode fazer — volveu o ativo homenzinho.

— Sr. Jingle, quer passar conosco para o quarto pegado, por um instante?

O sr. Jingle acedeu e o quarteto se dirigiu a um aposento vazio.

— Agora, senhor — disse o homenzinho, ao fechar cuidadosamente a porta —, não haverá algum meio de acomodarmos estas coisas? Venha para cá, senhor, é um momentinho... para esta janela, onde ficaremos a sós... Isso, tenha a bondade de sentar-se. Agora, entre nós dois, sei perfeitamente que o senhor fugiu com esta senhora, meu caro, pela dinheiro dela. Não se zangue, senhor, não se zangue; eu disse que, entre nós, eu, nós sabemos disso. Somos homens de sociedade, e sabemos perfeitamente que os nossos amigos aqui não o são... hein?

O rosto do sr. Jingle desanuviou-se a pouco e pouco; e algo que remotamente semelhava uma piscadela fez-lhe tremer, por um instante, o olho esquerdo.

— Muito bem, muito bem — disse o homenzinho, observando a impressão que causara. — Ora, o fato é que, além de umas poucas centenas de libras, esta senhora terá pouco mais que nada até a morte da mãe... uma velha rija, meu caro senhor.

— Velha — disse o sr. Jingle, lacônico mas enfático.

— Sim, sim — tornou o advogado, tossindo um pouco. — Tem razão, meu caro senhor, ela é bem velha. Mas olhe que vem de uma família antiga; antiga em todos os sentidos da palavra. O fundador dessa família foi para Kent quando Júlio César invadiu a Bretanha; depois disso, só um membro dela não viveu até os 85 anos; porque foi decapitado por um dos Henriques. A velha ainda não fez 73. — O homenzinho calou-se e tomou uma pitada de rapé.

— E então? — gritou Jingle.

— Então, meu caro... o senhor não toma rapé!... Ah! faz muito bem... hábito dispendioso... Pois então, meu caro, o senhor é um belo rapaz, um homem de sociedade... capaz de fazer fortuna se tivesse capital, hein?

— E então? — repetiu o sr. Jingle.

— Não me compreende?

— Não muito bem.

— Não acha... pergunto-lhe agora, não acha que 50 libras e a liberdade seriam melhores do que a srta. Wardle e a expectativa?

— Não acho... nem o dobro! — exclamou o sr. Jingle, levantando-se.

— Não, não, meu caro senhor — acudiu o advogadozinho, segurando-o pelo botão. — Uma boa soma... Um homem como o senhor seria capaz de triplicá-la num instante... Fazem-se muitas coisas com 50 libras, meu caro senhor.

— Mas fazem-se muitas mais com 150 — replicou o sr. Jingle, friamente.

— Pois bem, meu caro senhor, não percamos tempo com bagatelas — tornou o homenzinho. — Digamos... 70.

— Também não.

— Não vá embora, meu caro senhor... Não se precipite, por favor — disse a homenzinho. — Oitenta; vamos: eu lhe darei um cheque imediatamente.

— Não — repetiu o sr. Jingle.

— Pois bem, meu caro senhor, pois bem — disse o homenzinho, ainda a segurá-lo —, diga-me exatamente quanto chega.

— Negócio dispendioso — tornou o sr. Jingle. — Dinheiro fora do bolso... Viagem, 9 libras; licença, 3: são 12; compensação, 100: 112. Perda da honra... e perda da dama...

— Sim, meu caro senhor, sim — disse o homenzinho, com um olhar malicioso —, não se preocupe com os dois últimos itens. Cento e doze — digamos 100... e está acabado.

— Cento e vinte — disse o sr. Jingle.

— Vamos, vamos, eu lhe farei o cheque — insistiu o homenzinho; e sentou-se à mesa com esse propósito.

— Pagável depois de amanhã — continuou o homenzinho, olhando para o sr. Wardle —, e podemos, nesse meio tempo, levar conosco a senhora. — O sr. Wardle, mal-humorado, fez um sinal de assentimento.

— Cem — disse o homenzinho.

— Cento e vinte — disse o sr. Jingle.

— Meu caro senhor — objetou o homenzinho.

— Dê-lhe os 120 — interveio o sr. Wardle — e deixe-o ir embora.

O cheque foi escrito pelo homenzinho e embolsado pelo sr. Jingle.

— Agora saia imediatamente desta casa! — ordenou Wardle, erguendo-se.

— Meu caro senhor — rogou o homenzinho.

— E ouça — continuou o sr. Wardle —, nada me teria induzido a fazer este arranjo... nem sequer a consideração à minha família... se eu não soubesse que, a partir do momento em que o senhor tiver algum dinheiro no bolso, irá para o inferno mais depressa, se possível, do que sem ele...

— Meu caro senhor — voltou a insistir o homenzinho.

— Cale-se, Perker — respondeu Wardle. — Saia da sala, senhor.

— Imediatamente — retrucou o impassível Jingle. — Adeusinho, Pickwick.

Se algum espectador imparcial pudesse contemplar a expressão desse homem ilustre, cujo nome constitui o traço mais importante do título deste livro, durante a última parte da conversação, seria quase levado a admirar-se de que a chama indignada que lhe brilhava nos olhos não lhe derretesse os vidros dos óculos — tão majestosa era a sua cólera. Dilataram-se-lhe as narinas, e fecharam-se-lhe involuntariamente os punhos quando notou que o vilão o interpelava. Reportou-se, porém — e não o pulverizou.

— Aqui está — prosseguiu o empedernido traidor, atirando a licença aos pés do sr. Pickwick. — Mande trocar o nome... Leve a senhora para casa... Faço-o por Tuppy.

O sr. Pickwick era um filósofo, mas os filósofos, apesar de tudo, são apenas homens revestidos de uma armadura. Penetrando-lhe o arnês filosófico, a seta alcançara-lhe o próprio coração. No auge do furor, atirou como um louco o tinteiro para a frente e precipitou-se atrás dele. Mas o sr. Jingle desaparecera e o sr. Pickwick se viu preso entre os braços de Sam.

— Alô! — disse o excêntrico funcionário. — A mobília é barata na sua terra, senhor. Essa tinta parece que escreve sozinha; deixou-lhe a firma na parede. Calma, senhor; de que serve correr atrás de um homem que fez a sua felicidade e que deve estar, a esta hora, na outra extremidade do Borough?

O espírito do sr. Pickwick, como o de todos os homens verdadeiramente grandes, estava sempre aberto à persuasão. Era rápido e vigoroso no raciocinar; e um momento de reflexão bastou-lhe para demonstrar a impotência da sua cólera. Esta abrandou-se tão depressa como fora despertada. Ofegante, relançou os olhos benevolentes sobre os amigos.

Referiremos, acaso, as lamentações que se seguiram, quando a srta. Wardle se viu desamparada do infiel Jingle? Transcreveremos a descrição magistral do sr. Pickwick desta cena dilacerante? O seu caderno de apontamentos, borrado

pelas lágrimas de uma compassiva humanidade, jaz aberto à nossa frente: uma palavra só e ele irá ter às mãos do impressor. Mas não! Teremos força de vontade! Não cortaremos o coração do público com a pintura de tamanhos padecimentos!

Lenta e tristemente voltaram os dois amigos e a dama abandonada, no dia seguinte, na pesada diligência de Muggleton. Sombrias e escuras se haviam disseminado por toda parte as sombras melancólicas de uma noite de verão, quando de novo chegaram a Dingley Dell, à entrada de Manor Farm.

CAPÍTULO XI

QUE ENCERRA OUTRA VIAGEM E UM DESCOBRIMENTO ARQUEOLÓGICO. EM QUE O SR. PICKWICK SE DETERMINA A PRESENCIAR UMA ELEIÇÃO; E QUE CONTÉM UM MANUSCRITO DO VELHO SACERDOTE.

UMA NOITE TRANQUÍLA E REPOUSANTE no profundo silêncio de Dingley Dell, e uma hora a respirar-lhe o ar fresco e fragrante na manhã imediata apagaram completamente no sr. Pickwick os efeitos da fadiga do corpo e da ansiedade do espírito. Esse homem ilustre estivera separado dos amigos e discípulos durante dois dias inteiros; e foi com um prazer e um deleite que as imaginações comuns são incapazes de conceber perfeitamente que se adiantou para saudar o sr. Winkle e o sr. Snodgrass, ao topar com estes cavalheiros quando voltava do seu passeio matutino. O prazer foi recíproco; pois quem poderia contemplar o rosto radiante do sr. Pickwick sem experimentar a mesma sensação? Mas, ainda assim, parecia pairar sobre os companheiros uma nuvem que esse grande homem não poderia menos perceber e não sabia explicar de forma alguma. Tinham um ar misterioso, tão desusado quanto assustador.

— E como — perguntou o sr. Pickwick ao apertar a mão de seus secretários, e depois de haver trocado calorosas expressões de boas-vindas —, como vai Tupman?

O sr. Winkle, a quem a pergunta fora dirigida, não respondeu. Virou a cabeça e pareceu mergulhar em melancólicas reflexões.

— Snodgrass — disse, com ansiedade, o sr. Pickwick —, como vai o nosso amigo... está doente?

— Não — replicou o sr. Snodgrass; e uma lágrima tremeu-lhe na pálpebra sentimental, como uma gota de chuva no vidro de uma janela.

— Não; doente ele não está.

— Winkle... Snodgrass — insistiu o sr. Pickwick —, que significa isto? Onde está o nosso amigo? Que aconteceu? Falem... eu lhes peço, eu lhes

suplico... Mais, eu lhes ordeno que falem.

Havia uma solenidade e uma dignidade nas maneiras do sr. Pickwick, positivamente irresistíveis.

— Ele foi embora — disse o sr. Snodgrass.

— Embora! — exclamou o sr. Pickwick. — Embora!

— Embora — repetiu o sr. Snodgrass.

— Para onde? — bradou o sr. Pickwick.

— Esta comunicação só nos permite fazer conjeturas — replicou o sr. Snodgrass, tirando uma carta do bolso e colocando-a na mão do amigo. — Ontem de manhã, quando a família recebeu uma carta do sr. Wardle, em que este declarava que vocês estariam aqui à noite com a irmã, viu-se agravada a melancolia em que se engolfara o nosso amigo durante todo o dia anterior. Pouco depois, desapareceu: ninguém soube dele o dia inteiro e, à noite, o moço da Estrebaria da Coroa, de Muggleton, trouxe esta carta. Fora entregue aos seus cuidados de manhã, com a determinação expressa de só a entregar à noite.

O sr. Pickwick abriu a carta. Era a letra do amigo e dizia:

“Meu caro Pickwick,

“Você, meu querido amigo, está muito longe do alcance de inúmeras fragilidades e fraquezas humanas, que as pessoas comuns não vingam dominar. Não sabe o que significa, de um golpe, ser desamparado por uma encantadora e fascinante criatura, e cair vítima dos artifícios de um vilão, que ocultava o arreganho da astúcia sob a máscara da amizade. Espero que nunca venha a sabê-lo.

“Qualquer carta que me seja endereçada para a Garrafa de Couro, em Cobham, Kent, ser-me-á entregue — se eu ainda existir. Fujo desta parte do mundo, que se me tornou odiosa. E se de todo fugir dele, compadeça-me — perdoe-me. A vida, meu caro Pickwick, tornou-se-me insuportável.

“O espírito que arde dentro em nós é o laço de um carregador, sobre o qual repousa a pesada carga dos cuidados e trabalhos da vida; e, quando nos falece esse espírito, o fardo se torna pesado demais para ser carregado. Sucumbimos debaixo dele. Pode dizer a Raquel — ah! esse nome!

TRACY TUPMAN”.

— Temos de partir imediatamente — exclamou o sr. Pickwick, dobrando novamente a carta. — Não seria decente permanecermos aqui, em quaisquer

circunstâncias, depois do que aconteceu; e agora nos corre a obrigação de procurarmos o nosso amigo. — E, dizendo isso, encaminhou-se para a casa.

A sua intenção foi rapidamente comunicada. Os rogos para que ficassem foram instantes, mas o sr. Pickwick mostrou-se inflexível. Negócios, disse ele, exigiam-lhe a partida imediata.

O velho sacerdote achava-se presente.

— O senhor vai mesmo? — perguntou, tomando o sr. Pickwick de parte.

O sr. Pickwick reiterou a determinação anterior.

— Nesse caso — continuou o velho —, aqui está um manuscritozinho que eu esperava ter satisfação de ler pessoalmente para o senhor. Encontrei-o, por ocasião da morte de um amigo meu, um médico, que trabalhava no hospício deste condado, entre vários papéis, que me encarregaram de destruir ou conservar, segundo eu entendesse conveniente. Mal posso crer que o manuscrito seja autêntico, se bem a letra não pertença ao meu amigo. Entretanto, seja embora a produção de um maníaco, ou tenha por base os tresvarios de algum infeliz (o que julgo mais provável), leia-o e julgue por si mesmo.

O sr. Pickwick recebeu o manuscrito e despediu-se do benévolo senhor com muitas expressões de afeto e estima.

Tarefa muito mais difícil foi o despedirem-se dos habitantes de Manor Farm, dos quais haviam recebido tão bondoso e hospitaleiro acolhimento. O sr. Pickwick beijou as meninas — íamos dizer, como se fossem suas filhas, mas, sendo possível que houvesse infundido um pouco mais de calor à saudação, o símile não seria perfeitamente apropriado —, abraçou a velha senhora com filial cordialidade, e acariciou as faces róseas das criadas de maneira assaz patriarcal, ao mesmo tempo que deixava cair-lhes nas mãos uma prova ainda mais substanciosa do seu reconhecimento. A troca de cordialidade entre eles e o excelente dono da casa e o sr. Trundle foi mais cordial e prolongada ainda: e só depois de várias vezes chamado emergiu o sr. Snodgrass, por fim, de um corredor escuro, logo seguido de Emília (cujos olhos brilhantes pareciam desusadamente baços), e os três amigos lograram separar-se dos amáveis hospedeiros. Muitas vezes voltaram os olhos para trás, à medida que, lentos, se afastavam; e muitos beijos deu o sr. Snodgrass para o ar, correspondendo a qualquer coisa muito semelhante a um lenço de senhora, agitado de uma das janelas superiores, até que, a uma volta da azinhaga, perderam de vista a velha habitação.

Em Muggleton, conseguiram condução para Rochester. Ao tempo em que chegaram a este último lugar, a violência da sua dor diminuía o suficiente para admitir que almoçassem muito bem; e, tendo obtido as informações necessárias com respeito à estrada, puseram-se os três amigos, à tarde, novamente a caminho, na direção de Cobham.

Foi um passeio delicioso: era uma tarde amena de junho e o caminho passava por um bosque sombroso e denso, resfriado pelo vento fresco que agitava mansamente a basta folhagem, e avivado pelo gorjeio dos pássaros, empoleirados nos ramos. A hera e o musgo enlaçavam os troncos das velhas árvores, e uma relva macia e verde recobria o chão como tapete de seda. Saíram num parque aberto, com um solar antigo, que ostentava o estranho e pitoresco estilo arquitetônico dos tempos de Elisabete. Longas perspectivas de carvalhos e olmeiros majestosos apareciam de cada lado; grandes manadas de veados pastavam a erva fresca; e, de quando em quando, uma lebre assustada cruzava o caminho, com a velocidade das sombras projetadas pelas nuvenzinhas, que atravessavam o panorama ensolarado como a brisa ligeira do verão.

— Se a este — observou o sr. Pickwick, olhando à sua volta —, se a este lugar viessem todos aqueles cujas queixas são idênticas às do nosso amigo, creio que o seu velho apego à vida não tardaria em voltar.

— Também creio — disse o sr. Winkle.

— E, francamente — acrescentou o sr. Pickwick, depois que uma viagem de meia hora os levou à aldeia —, francamente, como escolha de misantropo, acho que este é um dos locais de residência mais bonitos e desejáveis que já vi.

Nessa opinião abundaram assim o sr. Winkle como o sr. Snodgrass; e, tendo sido conduzidos à Garrafa de Couro, uma taberna de aldeia cômoda e asseada, entraram e perguntaram imediatamente por um cavalheiro chamado Tupman.

— Leve estes senhores à sala de visitas, Tom — ordenou a dona da casa.

Um robusto campônio abriu uma porta ao fim da corredor e os três amigos entraram numa sala comprida e baixa, provida de grande número de cadeiras de couro, de gigantesco espaldar e formas fantásticas, e adornada de uma grande variedade de velhos retratos e gravuras grosseiramente coloridas, de alguma antiguidade. No extremo superior da sala via-se uma mesa, coberta com uma toalha branca, e, sobre ela, um frango assado, presunto, cerveja e etceteras; e, à mesa, estava sentado o sr. Tupman, com a expressão mais diferente possível da de um homem que se houvesse despedido deste mundo.

Ao entrarem os amigos, este cavalheiro pousou a faca e o garfo e adiantou-se para eles com melancólico semblante.

— Eu não esperava encontrá-los aqui — declarou ao apertar a mão do sr. Pickwick. — Foi muita bondade de vocês.

— Ah! — disse o sr. Pickwick, sentando-se e enxugando o suor que a caminhada lhe fizera brotar da testa. — Acabe o seu jantar, e saia comigo depois. Quero falar-lhe a sós.

O sr. Tupman fez o que lhe pediam; e, havendo-se refrescado com um copo de cerveja, o sr. Pickwick esperou que o amigo terminasse. Concluído o jantar, saíram ambos juntos.

Durante meia hora viram-se-lhes as formas a andarem de um lado para o outro do cemitério, ao passo que o sr. Pickwick se empenhava em combater a resolução do amigo. Repetir-lhe os argumentos fora inútil; pois que linguagem poderia emprestar-lhes o vigor e a energia que lhes comunicavam os gestos de quem os proferia? Quer já se tivesse cansado da reclusão, quer fosse inteiramente incapaz de resistir ao eloqüente apelo que lhe era feito, o certo é que o sr. Tupman afinal não resistiu.

Pouco se lhe dava, disse, o lugar em que se arrastaria o resto miserável dos seus dias; e visto que o amigo lhe dava tamanha importância à humilde companhia, estava disposto a compartilhar das suas aventuras.

O sr. Pickwick sorriu; apertaram-se as mãos e voltaram para reunir-se aos companheiros.

Foi nesse momento que o sr. Pickwick fez o imortal descobrimento que tem sido motivo de orgulho e de glória para os amigos, e de inveja para todos os arqueólogos deste ou de qualquer outro país. Tinham ultrapassado a porta da estalagem, e descido um pouco a aldeia, quando se lembraram do lugar em que ficou o albergue. Ao voltarem-se, os olhos do sr. Pickwick caíram sobre uma lápia quebrada, parcialmente enterrada na terra, diante da porta de uma choupana. Deteve-se.

— Isso é muito estranho — disse o sr. Pickwick.

— O que é estranho? — perguntou o sr. Tupman, olhando, ansioso, para todos os objetos que o cercavam, exceto aquele de que se tratava. — Valha-me Deus, que aconteceu?

Esta última foi uma exclamação de espanto irreprimível ocasionada pelo espetáculo oferecido pelo sr. Pickwick, que no entusiasmo do descobrimento, caíra de joelhos diante da pedra e limpava-lhe o pó com um lenço.

— Há aqui uma inscrição — disse o sr. Pickwick.

— Será possível? — perguntou o sr. Tupman.

— Distingo — exclamou o sr. Pickwick, esfregando a lájea com toda a força e examinando-a através dos óculos —, distingo uma cruz e um B, e depois um T. Isto é importante — continuou, levantando-se.

— Há de ser alguma inscrição muito antiga, mais antiga talvez do que os antigos hospícios desta localidade. Não devemos perdê-la.

Bateu à porta da choupana. Abriu-lha um lavrador.

— Sabe como veio parar aqui esta pedra, meu amigo? — perguntou o benevolente sr. Pickwick.

— Não, não sei — replicou civilmente o interpelado. — Já estava aqui muito antes de qualquer um de nós haver nascido.

O sr. Pickwick olhou, triunfante, para o companheiro.

— Acredito que o senhor.... o senhor... não tenha grande amor a ela — disse o sr. Pickwick, trêmulo de ansiedade. — Não se incomodaria de vendê-la agora, não é verdade?

— Ah! mas quem há de querer comprá-la? — tornou o homem, com uma expressão que, sem dúvida, supunha muito astuta.

— Eu lhe darei 10 xelins imediatamente — prosseguiu o sr. Pickwick — se quiser desenterrá-la para mim.

Pode-se facilmente imaginar o pasmo da aldeia quando (a pedra fora arrancada com a primeira enxadada) o sr. Pickwick, a poder de muito esforço, a transportou pessoalmente à estalagem e, depois de a haver lavado com cuidado, colocou-a sobre a mesa.

A exultação e a alegria dos pickwickianos não conheceram limites quando a sua paciência e assiduidade, as suas lavagens e esfregações foram coroadas de bom êxito. A lájea era irregular e estava quebrada, mas nela se podia claramente decifrar o seguinte fragmento de uma inscrição:

X

BILST

UM

PSSU

A. FI.

R.

MA

Os olhos do sr. Pickwick iluminaram-se de gozo ao sentar-se e contemplar, com os olhos esbugalhados, o tesouro que descobrira. Alcançara um dos maiores objetivos da sua ambição. Numa região em que abundavam, reconhecidamente, restos de épocas primitivas; numa aldeia em que ainda existiam lembranças de antigos tempos, ele — ele, o presidente do Clube Pickwick — achara uma estranha e curiosa inscrição de irrefragável antiguidade, que de todo escapara à observação dos muitos eruditos que o tinham precedido. Custava-lhe crer no testemunho dos próprios sentidos.

— Isto... isto — declarou — leva-me a decidir. Voltamos amanhã para a cidade.

— Amanhã! — exclamaram os admirativos discípulos.

— Amanhã — tornou o sr. Pickwick. — Este tesouro deve ser depositado sem demora num lugar em que o possam detidamente investigar e decifrar como convém. Tenho outras razões para isso. Daqui a poucos dias deverá realizar-se uma eleição pelo burgo de Eatanswill, em que o sr. Perker, um cavalheiro que conheci há pouco, é agente de um dos candidatos. Contemplaremos e examinaremos, minuciosamente, uma cena tão interessante para todos os ingleses.

— Vamos — foi o grito entusiástico dos três.

O sr. Pickwick olhou em torno de si. A dedicação e o fervor dos discípulos acenderam dentro dele uma chama de entusiasmo. Era-lhes o chefe e sentia-o.

— Celebremos este encontro feliz com um brinde afetuosos — disse ele. Essa proposta, como a primeira, foi recebida com aplausos unânimes. Depois de haver pessoalmente depositado a importante lájea numa caixa de pinho, que, para esse fim obtivera da estalajadeira, colocou-se numa poltrona à cabeceira da mesa e a noite foi consagrada à conversação e à alegria.

Eram mais de 11 horas — uma hora adiantada para a aldeiazinha de Cobham — quando o sr. Pickwick se recolheu ao quarto que havia sido preparado para recebê-lo. Abriu as gelosias e, colocando a luz sobre a mesa, entrou a meditar sobre a série de precipitados eventos dos dois dias anteriores.

A hora e o lugar eram ambos favoráveis à meditação: o sr. Pickwick foi despertado pelo carrilhão da igreja ao bater meia-noite. A primeira pancada soou-lhe solene aos ouvidos mas, quando o sino parou, o silêncio pareceu-lhe insuportável: tinha quase a impressão de haver perdido um companheiro.

Sentia-se nervoso e agitado; e, despindo-se, à pressa, colocou a luz sobre a lareira e enfiou-se na cama.

Toda a gente já experimentou esse desagradável estado de espírito em que uma sensação de cansaço corporal luta em vão contra a incapacidade para conciliar o sono. Era o estado do sr. Pickwick naquele instante; virou-se primeiro para um lado e, depois, para outro; e fechou, perseverantemente, os olhos, como se quisesse persuadir-se a dormir. Não adiantou. Fosse o inusitado exercício que fizera, fosse o calor, fosse a aguardente com água, fosse a cama estranha — fosse o que fosse, o caso é que os pensamentos lhe voltavam sempre e muito desagradavelmente para os sinistros quadros que vira lá embaixo e para as velhas histórias de que os quadros tinham sido motivo no decurso da noite. Depois de se haver revolvido meia hora na cama, chegou à insatisfatória conclusão de que não lhe adiantava tentar dormir; por conseguinte, levantou-se e vestiu-se parcialmente. A seu ver, qualquer coisa era melhor do que ficar ali deitado, a imaginar todas as castas de horrores. Olhou pela janela — estava muito escuro. Pôs-se a andar pelo quarto — sentiu-se muito só.

Já havia percorrido diversas vezes o trajeto entre a porta e a janela e entre a janela e a porta, quando o manuscrito do sacerdote lhe acudiu pela primeira vez ao espírito. Era uma boa idéia. Se não chegasse a interessá-lo, poderia fazê-lo dormir. Tirou-o do bolso do casaco e, puxando uma mesinha para o pé da cama, espevitou a luz, ajustou os óculos e ajeitou-se para ler. Era uma estranha letra, e o papel estava todo sujo e manchado. O título produziu-lhe também um súbito arrepio; e ele não pôde menos de relançar a vista inquieta pelo quarto. Mas, refletindo no absurdo de se deixar dominar por esses sentimentos, tornou a espevitar a luz e leu o que segue:

MANUSCRITO DE UM LOUCO

“Sim! De um louco! Como essa palavra me teria gelado o coração, muitos anos atrás! Como teria despertado o terror que, às vezes, me assaltava, levando-me o sangue a zunir e latejar nas veias, até que o frio orvalho do medo me cobrisse de gotas enormes a pele, e os joelhos se me pusessem a bater de susto! Já agora me agrada a palavra. É um belo nome. Mostrem-me o monarca cujo cenho carregado seja temido como o brilho dos olhos de um demente — cuja corda e cujo machado tenham metade da firmeza das garras de um louco. Oh!

oh! É uma grande coisa ser louco! Ser espiado através das grades de ferro como um leão selvagem — estarrincar os dentes e uivar nas longas noites silenciosas ao alegre retinir de uma corrente pesada — e rolar e retorcer-se na palha, transportado ao som de tão heróica música. Viva o hospital dos doidos! Oh, é um bellissimo lugar!

“Lembram-me os dias em que eu tinha medo de ser louco; quando costumava despertar, sobressaltado, e cair de joelhos e rezar para que me poupassem à maldição da minha raça; quando fugia ao espetáculo da alegria e da felicidade, para esconder-me nalgum canto solitário, e passar as horas tediosas espreitando o progresso da febre que me deveria consumir o cérebro. Eu sabia que a loucura estava misturada ao meu sangue e à medula dos meus ossos; que uma geração se passara sem que a praga surgisse entre ela, e que eu era o primeiro em que ela reviveria. Sabia que teria de ser assim: fora-o sempre e sempre haveria de sê-lo; e, quando me enfiava nalgum canto obscuro de uma sala cheia de gente, e via os homens murmurarem, apontarem para mim e cravarem em mim os seus olhos, sabia que falavam do louco predestinado; e volvia a fugir, para cismar sozinho.

“Fiz isso durante anos; durante longos e longos anos. As noites aqui são longas às vezes — muito longas; mas não são nada comparadas às noites inquietas, aos sonhos terríveis que eu sonhava naquele tempo. Sinto gelar-se-me o sangue à lembrança deles. Formas gigantescas e torvas, de rostos maliciosos e zombeteiros, acaçapavam-se nos cantos do quarto e vinham, inclinadas, à noite, sobre a minha cama, tentar-me para a loucura. Diziam-me, sussurrantes, que o chão da velha casa em que morrera o pai de meu pai estava manchado de seu sangue, derramado pelas suas mãos, num acesso de loucura. Eu enterrava os dedos nos ouvidos, mas elas gritavam junto à minha cabeça, até que o clamor das suas vozes enchia todo o quarto, que na geração anterior à sua a loucura não se manifestara, mas que o avô dele vivera muitos anos com as mãos agrilhoadas ao chão para impedir que a si mesmo se espedaçasse. Eu sabia que falavam a verdade — sabia-o muito bem.

“Soubera-o vários anos antes, embora tivesse querido ocultá-lo de mim. Ah! ah! apesar de louco, eu era mais esperto do que eles.

“Finalmente, a loucura me possuiu e eu me admirei de a haver temido. Pude então freqüentar os homens e rir e gritar como eles. Sabia que estava louco, mas eles nem sequer o suspeitavam. Como costumava deliciar-me a idéia da peça que lhes pregava, depois de me haverem apontado e espreitado, quando

eu ainda não era louco, mas apenas receavam que viesse a tornar-me um dia! E como eu costumava rir de alegria, quando estava só, e pensava em quão bem guardava o meu segredo, e quão rapidamente os meus amigos se afastariam de mim, se conhecessem a verdade. Sentia-me capaz de berrar de prazer quando jantava sozinho com algum patusco, ao pensar em quão pálido se quedaria ele e quão rapidamente se poria a correr se soubesse que o querido amigo assentado ao seu lado, afiando uma faca reluzente, era um louco, e tinha a força e quase a vontade suficientes para enterrar-lha no coração. Oh, como era alegre a vida!

“Enriqueci, jorraram tesouros sobre mim, e eu me entreguei a prazeres mil vezes realçados pela consciência do segredo bem guardado. Herdei uma propriedade. A lei — a própria lei de olhos de águia — foi burlada e entregou milhares disputados às mãos de um louco. Onde estava o discernimento dos homens clarividentes e lúcidos? Onde estava a destreza dos advogados, tão prontos no descobrirem a menor incorreção? A astúcia de um sandeu levava a todos de vencida.

“Eu tinha dinheiro. Como era cortejado! Gastei-o profusamente. Como era elogiado! Como se humilhavam diante de mim aqueles três irmãos despóticos e orgulhosos! O pai encanecido também... Tamanha deferência... tanto respeito... tão dedicada amizade... ele adorava-me!

O velho tinha uma filha e os moços, uma irmã; e os cinco eram pobres. Eu era rico! E quando me casei com a menina, vi um sorriso de triunfo brilhar no rosto dos parentes necessitados, ao pensarem no seu plano bem gizado e na sua bela presa. Era eu quem devia sorrir. Sorrir! Desatar em gargalhadas e arrancar os cabelos e rolar no chão com berros de alegria. Mal sabiam eles que a tinham casado com um louco.

“Esperem: se o soubessem, tê-la-iam, acaso, salvado? A felicidade de uma irmã contra o ouro do marido. A pena mais leve que assopro no ar contra a alegre corrente que me adorna o corpo!

“Numa coisa fui enganado, a despeito de toda a minha astúcia. Se não fosse louco — pois conquanto os loucos sejamos assaz perspicazes, somos por vezes logrados —, teria conhecido que a menina quisera antes ser colocada, rígida e fria, num triste caixão de chumbo, a ser conduzida como invejada noiva à minha rica e deslumbrante mansão. Teria sabido que o seu coração pertencia ao mancebo de olhos negros cujo nome lhe ouvi durante um sonho agitado: e que ela me fora sacrificada para mitigar a pobreza do velho encanecido e dos soberbos irmãos.

“Já não me lembram formas nem rostos, mas sei que era formosa a menina. Sei que o era: pois nas noites brilhantes de luar, quando desperto do meu sono e tudo é quietude à minha volta, vejo, silencioso e imóvel num canto desta cela, um vulto delgado e macilento de longos cabelos negros, que, soltos ao longo das costas, são agitados por um vento sobrenatural, e de olhos fitos em mim, que não pestanejam nem se fecham nunca. Psiu! Gela-se-me o sangue no coração ao escrevê-lo — esse vulto é o dela: o rosto é muito pálido e os olhos são vítreos e brilhantes, mas bem os conheço. Nunca se move: nunca franze a cenho nem vocifera como os outros; mas é mais terrível para mim do que os espíritos que me tentavam muitos anos atrás — pois vem diretamente do túmulo, e por isso é que é tão semelhante à morte.

“Durante quase um ano vi esse rosto empalidecer cada vez mais; durante quase um ano vi deslizarem-lhe as lágrimas pelas faces tristes e não sabia por quê. Afinal, acabei descobrindo. Ela nunca me amara: eu nunca supusera o contrário: desprezava as minhas riquezas e detestava o esplendor em que vivia: eu não esperara isso. Amava outro. Eu nunca o imaginara. Estranhos pensamentos e sentimentos estranhos me assaltaram, incutidos por alguma força misteriosa, e tumultuavam-me no cérebro. Eu não a odiava, embora odiasse o mancebo que ela chorava ainda. Compadecia — compadecia, sim — a desgraçada existência a que a haviam condenado os parentes egoístas e cruéis. Sabia que ela não viveria muito, mas a idéia de que, antes de morrer, poderia dar à luz alguma desditosa criatura, destinada a transmitir a loucura aos seus descendentes, decidiu-me. Resolvi matá-la.

“Durante muitas semanas pensei em veneno, depois em afogá-la, depois em matá-la pelo fogo. Seria um belo espetáculo o casarão em chamas, e a mulher do louco a converter-se em cinzas. Além disso, imaginem a farsa de um grande prêmio e de um homem são a balançar numa corda por um crime que não praticara, em virtude da astúcia de um louco! Pensei nisso muitas vezes, mas, afinal, desisti. Oh! o prazer de amolar todos os dias a navalha e de pensar no corte que faria, de um golpe, a lâmina afiada!

“Afinal, os velhos espíritos que me haviam procurado tantas vezes murmuraram-me ao ouvido que era chegada a hora e meteram-me nas mãos a navalha aberta. Segurei-a com firmeza, ergui-me lentamente da cama e inclinei-me sobre a minha esposa adormecida. Tinha o rosto enterrado nas mãos. Afastei-as mansamente e elas caíram-lhe, negligentes, sobre o peito. Notei que estivera chorando; tinha ainda nas faces vestígios de pranto. O rosto era

plácido e calmo; e, até quando olhei para ele, um sorriso tranqüilo iluminou-lhe o pálido semblante. Coloquei suavemente a mão sobre o ombro dela. Ela estremeceu — era apenas um sonho passageiro. Tornei a inclinar-me para a frente. Ela gritou, e acordou.

“Um simples movimento meu bastaria para que ela nunca mais desse um grito nem fizesse ruído nenhum. Mas eu, assustado, recuei. Ela cravara os olhos nos meus. Não sei como nem por que, aqueles olhos me intimidaram e me espantaram; senti-me subjugado. Ela ergueu-se da cama e continuou a olhar-me fixa e firmemente. Estremeci. Eu tinha a navalha na mão, mas não me podia mover. Ela dirigiu-se para a porta. Ao aproximar-se dela, voltou-se e desviou os olhos do meu rosto. Rompeu-se o encanto. Atirei-me para a frente e segurei-a pelo braço. Despedindo gritos desesperados, ela caiu ao chão.

“Naquele momento eu teria podido matá-la sem resistência; mas a casa alvorotara-se. Ouvei o ruído de passos na escada. Coloquei a navalha na gaveta habitual e bradei, em voz alta, por socorro.

“Veio gente, levantou-a e colocou-a na cama. Lá ficou ela, horas e horas, sem sentido; e, quando a vida, o olhar, a fala lhe voltaram, a razão a desamparara, e ela entrou a desvairar, furiosamente.

“Chamaram-se médicos — grandes homens que paravam à minha porta em belos carros, com magníficos cavalos e criadas de libré. Ficaram-lhe semanas inteiras à cabeceira da cama. Fizeram uma grande reunião e conferenciavam em voz baixa e solene numa sala pegada. Um deles, o mais hábil e mais célebre, tomou-me de parte e, pedindo-me que me preparasse para ouvir a pior das notícias, disse-me — a mim, o louco — que minha mulher ensandecera. Ele estava ao meu lado, diante de uma janela aberta, os olhos fitos em meu rosto, a mão pousada no meu braço. Com um esforço, eu a poderia ter atirado à rua, que passava embaixo. Teria sido divertidíssimo fazê-lo; mas poderia divulgar-se-me o segredo e eu deixei-o. Poucos dias depois disseram-me que eu devia colocá-la debaixo de vigilância. Eu precisava dar-lhe um guardião. Eu! Fugi para o meio do campo, onde ninguém pudesse ouvir-me, e ri-me até que o ar ressoou com as minhas gargalhadas!

“Ela morreu no dia seguinte. O velho de cabelos brancos seguiu-a ao túmulo e os irmãos orgulhosos derramaram uma lágrima sobre o cadáver insensível daquela a cujos padecimentos tinham assistido, durante a sua vida, com músculos de ferro. Tudo isto era alimento para a minha secreta alegria, e

eu ria-me atrás do lenço branco que trazia junto ao rosto, ao voltarmos para casa, até que me assomaram lágrimas aos olhos.

“Mas, embora eu tivesse, matando-a, logrado o meu intento, sentia-me inquieto e perturbado e percebia que, daí a pouco, seria descoberto o meu segredo. Não me era possível disfarçar a alegria e o contentamento selvagem que ferviam dentro em mim e que me levavam, em casa, quando eu estava só, a saltar e bater as mãos e a dançar e girar e berrar. Quando eu saía e contemplava a multidão a percorrer, atarefada, as ruas; ou, no teatro, ouvia o som da música e via dançarem os outros, sentia tamanho júbilo que teria sido capaz de atirar-me ao meio deles e despedaçá-los, arrancando-lhes membro por membro e uivar em raptos de gozo. Mas eu rangia os dentes, batia com os pés no chão, e enfiava nas mãos as minhas unhas aguçadas. Reportava-me; e ninguém ainda sabia que eu era louco.

“Lembro-me — embora seja esta uma das últimas coisas de que possa lembrar-me: pois agora misturo realidades aos sonhos, e, tendo tanto que fazer, e andando aqui tão ocupado, não me sobeja vagar para separá-las da estranha confusão em que se envolvem — lembra-me da maneira por que, afinal, o revelei. Ah! ah! figura-se-me ver-lhes agora os olhares apavorados, e sentir a facilidade como os lancei de mim, e atirei-lhes aos pálidos rostos a punho fechado, e saí correndo como o vento, deixando-os a gritar e a berrar atrás de mim. Vem-me a força de um gigante quando penso nisso. Vejam — vejam como esta barra de ferro se curva ao meu ímpeto furioso; eu poderia quebrá-la como a uma vara, mas há aqui longas galerias com muitas portas — creio que não conseguiria achar entre elas o meu caminho; e, ainda que conseguisse, há lá embaixo portões de ferro, fechados e trancados. Sabem o louco astuto que já fui, e orgulham-se de ter-me aqui, para exhibir-me.

“Vejam — eu saíra, sim. Era tarde da noite quando cheguei a casa, encontrei o mais orgulhoso dos orgulhosos irmãos à minha espera — negócio urgente, dissera ele; lembro-me muito bem. Eu odiava aquele homem com todo o ódio de um louco. Muitas vezes tinham os meus dedos ansiado por fazê-lo em pedaços. Disseram-me que estava lá. Subi correndo a escada. Ele precisava falar-me. Mandeí embora os criados. Era tarde, e nós ficamos sós — pela primeira vez.

“A princípio, desviei dele cuidadosamente os olhos, pois eu sabia o que ele nem sequer imaginava — e gloriava-me de sabê-lo: que o brilho da loucura fulgurava neles como uma chama. Quedamos em silêncio durante alguns

minutos. Ele, afinal, falou. As minhas recentes dissipações e os meus estranhos reparos eram um insulto à memória dela. Reunindo inúmeras circunstâncias que lhe haviam, de princípio, escapado à observação, julgava ele que eu não a tratara bem. Desejava saber se acertara na suposição de que eu pretendia manchar a memória dela e desrespeitar-lhe a família. O uniforme que usava obrigava-o a exigir esta explicação.

“Esse homem tinha uma comissão no exército — comissão comprada com o meu dinheiro e com a infelicidade da irmã! Esse era o homem que desempenhara a maior parte no plano para me agarrar e apoderar-se das minhas riquezas. Fora esse homem o principal instrumento para obrigar a irmã a desposar-me, sabendo muito bem que o coração dela pertencia ao mancebo choramingas. O uniforme abrigava-o! A libré da sua degradação! Volvi os olhos para ele — não pude deixar de fazê-lo — mas não pronunciei uma única palavra.

“Notei a súbita mudança que nele se fez debaixo do meu olhar. Era um homem destemido, mas a cor fugiu-lhe do rosto e ele recuou a cadeira. Arrastei a minha para o seu lado; e quando ri — eu sentia-me alegre naquele instante — vi-o estremecer. Percebi que a loucura se erguia dentro em mim. Ele me tinha medo.

“— O senhor gostava muito de sua irmã quando era viva! — disse eu. — Muito.

“Ele olhou inquieto à sua volta e percebi que segurava com a mão o espaldar da cadeira; mas não disse nada.

“— Canalha — disse eu —, peguei-o; descobri os seus planos infernais contra mim; sei que o coração dela já pertencia a outro antes de você a obrigar a casar-se comigo. Eu sei! eu sei!

“Ele saltou, de golpe, da cadeira, brandiu-a no ar e mandou-me recuar — pois eu tivera o cuidado de aproximar-me cada vez mais durante o tempo em que falara.

“Eu antes berrava que falava, pois sentia tumultuarem-se-me paixões nas veias, e o segredar dos velhos espíritos a incitarem-me que lhe arrancasse o coração.

“— Maldição! — bradei, levantando-me de um salto e precipitando-me sobre ele. — Eu matei-a. Sou um louco. Vou matá-lo também. Sangue, sangue! Quero-lhe o sangue!

“Desviei com um golpe a cadeira que ele me atirou, apavorado, e atracamo-nos; com pesado estrondo, caímos juntos ao chão.

“Esplêndida luta foi aquela; pois ele era um homem alto e forte, que lutava pela própria vida; e eu, um louco vigoroso, que ansiava por dar cabo dele. Eu sabia que força nenhuma se igualaria à minha, e tinha razão. Tinha razão outra vez, apesar de doido! A resistência diminuía-lhe paulatinamente. Ajoelhei-me sobre o seu peito e apertei-lhe o pescoço musculoso com ambas as mãos. Purpurejou-se-lhe o rosto; os olhos saltavam-lhe das órbitas e, com a língua de fora, ele parecia remoquear-me. Apertei com mais força ainda.

“A porta abriu-se de golpe, com fracasso, e uma porção de gente precipitou-se no quarto, gritando que segurassem o louco.

“Revelara-se-me o segredo; e cumpria-me agora, tão-somente, lutar pela liberdade. Ergui-me em pé antes que alguém lograsse tocar-me e atirei-me entre os assaltantes, abrindo caminho com o braço, como se brandisse um machado, e dei em terra com os que se me antepunham. Cheguei à porta, transpus o corrimão e, num instante, achei-me na rua.

“Deitei a correr para a frente, veloz como um raio, e ninguém se atreveu a deter-me. Ouvi um ruído de passos atrás e redobrei de velocidade. O tropel se tornava cada vez mais apagado à distância e acabou cessando de todo; mas eu continuava a saltar sobre pauís e riachos, sobre valados e muros, com gritos selvagens, repetidos pelas estranhas criaturas que me cercavam, em bandos, de todos os lados, e aumentavam o som até que este rasgava o ar. Fui carregado nos braços de demônios que me transportavam nas asas do vento, e derrubavam, ao passar, ribanceiras e sebes, fazendo-me turbilhonar vertiginosamente com uma rapidez e um estrépito que me puseram a cabeça a girar, até que, por fim, me arremessaram para a frente com um choque violento, e eu cai pesadamente ao chão. Quando acordei achei-me aqui — aqui nesta cela cinzenta, onde raro chegam os raios do Sol e onde os raios da Lua só vêm para mostrar-me as sombras negras que me rodeiam, e aquela figura silenciosa no seu velho canto. Quando estou acordado, ouço, às vezes, uivos e gritos estranhos, vindos de partes distantes deste casarão. O que são, não sei; mas nem provêm daquela pálida forma, nem a ela se referem. Pois desde as primeiras sombras do crepúsculo, até os primeiros albores da manhã, ela queda-se imóvel no mesmo lugar, ouvindo a música da minha corrente de ferro e vendo as cambalhotas que dou na minha cama de palha.”

No fim do manuscrito lia-se, com outra letra, esta nota:

(O infeliz cujos desvarios se referem acima era um triste exemplo do funesto resultado de energias mal dirigidas desde o princípio da vida, e de excessos prolongados até se tornarem irremediáveis as suas conseqüências. O desregramento, a dissipação e as depravações imprevidentes da mocidade produziram a febre e o delírio. Os primeiros efeitos deste último foram a estranha ilusão, estribada numa teoria médica assaz conhecida, vigorosamente defendida por uns e vigorosamente combatida por outros, de que existia na família uma loucura hereditária. Isto produziu uma persistente melancolia que, com o tempo, se desenvolveu numa insânia mórbida e, finalmente, acabou numa loucura furiosa. Há razões para acreditar que os sucessos por ele narrados, embora deformados pela imaginação doentia, realmente aconteceram. É apenas motivo de admiração para os que lhe conheceram os vícios da juventude, que as suas paixões, quando já não as dominava a razão, não o levassem a cometer crimes ainda mais hediondos.)

A vela do sr. Pickwick estava prestes a extinguir-se no castiçal quando ele concluiu a leitura do manuscrito do velho sacerdote; e quando a luz, de súbito, se apagou, sem um prévio bruxuleio à guisa de aviso, produziu-lhe um tremor considerável no organismo excitado. Lançando, à pressa, de si as peças de roupa que vestira ao levantar-se da cama, deitou um temeroso olhar à sua volta, tornou a enfiar-se, precipitadamente, entre as cobertas e não tardou a cair num sono profundo.

Fulgurava-lhe o sol no quarto quando acordou, e a manhã já ia adiantada. A tristeza que o oprimira na noite anterior desaparecera com as sombras escuras que anuviavam a paisagem, e os seus pensamentos e sensações eram tão leves e alegres como a própria manhã. Depois de um sólido almoço, saíram os quatro cavalheiros a caminho de Gravesend, seguidos de um homem que trazia a pedra na caixa de pinho. Chegaram a essa aldeia mais ou menos à 1 hora da tarde (a sua bagagem fora diretamente despachada para Londres, de Rochester), e, tendo tido a boa sorte de encontrar lugares na imperial da diligência, chegaram à metrópole sãos e salvos na mesma tarde.

Os três ou quatro dias seguintes foram ocupados com os preparativos necessários para a viagem ao burgo de Eatanswill. E como qualquer referência a esse importantíssimo cometimento exige um capítulo separado, podemos dedicar as poucas linhas que faltam a este para narrar, com suma brevidade, a história do descobrimento arqueológico.

Verifica-se pelas atas do clube, portanto, que o sr. Pickwick fez uma conferência sobre o descobrimento numa reunião geral do clube, realizada na noite seguinte à sua chegada, e apresentou uma série de engenhosas e eruditas reflexões sobre o sentido da inscrição. Parece também que um habilidoso artista executou um desenho fiel da curiosidade, que foi gravado em pedra e apresentado à Real Sociedade Arqueológica e a outras eruditas corporações — que ciúmes ardentes e inumeráveis nasceram das controvérsias que se travaram por causa do assunto — e que o próprio sr. Pickwick escreveu um folheto, com 96 páginas de letra muito miúda e 27 versões diferentes da inscrição. Que três senhores de idade deserdaram os primogênitos por se terem atrevido a duvidar da antiguidade do fragmento — e que um indivíduo entusiasta se deserdou prematuramente a si mesmo, desesperado por não poder profundar-lhe o sentido. Que o sr. Pickwick foi eleito membro honorário de dezessete sociedades nacionais e estrangeiras por haver feito o descobrimento; que nenhuma das dezessete logrou decifrá-lo; mas que todas as dezessete concordaram em que era extraordinário.

O sr. Blotton, com efeito — e esse nome será votado ao eterno desdém dos que cultivam o misterioso e o sublime —, o sr. Blotton, dizíamos, com as dúvidas e desconfianças peculiares aos espíritos vulgares, atreveu-se a apresentar o caso a uma luz assim degradante como ridícula. O sr. Blotton, com o mesquinho desejo de empanar o brilho do nome imortal de Pickwick, empreendeu pessoalmente uma viagem a Cobham, e, ao regressar, observou, sarcástico, num discurso pronunciado no clube, que vira o homem de quem fora comprada a pedra; que o homem não duvidava da antiguidade da pedra, mas negava, solenemente, a antiguidade da inscrição — visto que dizia ter sido ela grosseiramente talhada por ele, num momento de ócio, não tendo as letras nem mais nem menos que o seguinte significado — “BILL STUMPS, SUA FIRMA”; e que o sr. Stumps, pouco dado ao hábito da composição original, e mais avezado a guiar-se pelo som das palavras do que pelas regras severas da ortografia, omitira o “L” final do seu primeiro nome.

O Clube Pickwick (como seria de esperar de tão ilustrada instituição) recebeu essa comunicação com o desprezo que merecia, expulsou o presunçoso e mal-intencionado Blotton, e votou para o sr. Pickwick um par de óculos de ouro, como testemunho de confiança e aprovação; em troca do que, o sr. Pickwick mandou pintar o seu retrato e pendurou-o no salão do clube.

O sr. Blotton foi expulso mas não se deu por vencido. Escreveu também um folheto, dirigido às dezessete ilustradas sociedades, em que se continha uma repetição da sua história e dava quase a entender que considerava as dezessete eruditas sociedades outras tantas “tapeações”. Despertada, desta guisa, a virtuosa indignação das dezessete ilustres sociedades, nacionais e estrangeiras, vários folhetos novos apareceram; as ilustres sociedades estrangeiras corresponderam-se com as ilustres sociedades nacionais; as ilustres sociedades nacionais traduziram para o inglês os folhetos das ilustres sociedades estrangeiras; e as ilustres sociedades estrangeiras traduziram os folhetos das ilustres sociedades nacionais para todas as castas de línguas; e assim principiou a célebre discussão científica que o mundo inteiro tão bem conhece como a controvérsia pickwickiana.

Mas esta vil tentativa para prejudicar o sr. Pickwick recaiu sobre a cabeça do calunioso autor. As dezessete ilustres sociedades decretaram, unânimes, que o presunçoso Blotton era um ignorantão intrometido e puseram-se, imediatamente, a escrever mais tratados do que nunca. E até hoje existe a pedra, como ilegível monumento da grandeza do sr. Pickwick e eterno troféu da pequenez dos seus inimigos.

CAPÍTULO XII

EM QUE SE REFERE UM PASSO IMPORTANTÍSSIMO DADO PELO SR. PICKWICK E QUE MARCA ÉPOCA, ASSIM NA SUA VIDA COMO NESTA HISTÓRIA.

OS APOSENTOS DO SR. PICKWICK na rua Goswell, embora acanhados, eram não só asseados e confortáveis, mas também particularmente apropriados à residência de um homem dotado do seu engenho e da sua observação. A sala de estar ficava no primeiro andar e o quarto de dormir no segundo, e davam ambos para a rua; de sorte que, estivesse ele assentado na sala, à escrivaninha, ou diante do espelho, no dormitório, iguais oportunidades se lhe propiciavam para contemplar a natureza humana em todas as numerosas faces que ela apresenta, nessa tão populosa quanto popular via pública. A sua hospedeira, a sra. Bardell — a viúva e única executora testamentária de um falecido funcionário da alfândega —, era uma vistosa mulher, despachada de maneiras e agradável de aspecto, com um talento natural para a cozinha, aprimorado pelo estudo e por uma longa prática. Não havia crianças, não havia criados, não havia galinhas. Os outros únicos habitantes da casa eram um homenzarrão e um menininho; o primeiro, hóspede, e o segundo, produção da sra. Bardell. O homenzarrão estava sempre em casa precisamente às 10 horas da noite, quando se condensava, metódico, entre os limites de uma estreita cama francesa, colocada num gabinete, nos fundos da casa; e os jogos infantis e os exercícios ginásticos do pequeno Bardell limitavam-se tão-somente às calçadas e valetas vizinhas. O silêncio e o asseio reinavam em toda a casa; e nela era lei a vontade do sr. Pickwick.

Para quem estivesse a par desses pontos da economia doméstica do estabelecimento e conhecesse a admirável regularidade de espírito do sr. Pickwick, o seu aspecto e o seu procedimento na manhã anterior à que fora destinada à partida para Eatanswill teriam sido sumamente misteriosos e inexplicáveis. Andava de um lado para outro da sala, punha a cabeça para fora

da janela de três em três minutos, consultava constantemente o relógio e dava muitas outras mostras de impaciência, que lhe eram pouquíssimo habituais. Aguardava, manifestamente, alguma coisa de grande importância, mas o que fosse essa alguma coisa, nem a própria sra. Bardell conseguira descobrir.

— Sra. Bardell — disse, por fim, o sr. Pickwick, quando esta amável senhora chegava ao termo de uma prolongada limpeza da sala.

— Senhor? — respondeu a sra. Bardell.

— Já faz muito tempo que saiu o seu filhinho.

— Ora, mas é uma boa caminhada daqui ao Borough, senhor — objetou a sra. Bardell.

— Ah — tornou o sr. Pickwick —, é verdade; é isso mesmo.

O sr. Pickwick voltou ao silêncio e a sra. Bardell à limpeza.

— Sra. Bardell — disse o sr. Pickwick, ao cabo de alguns minutos.

— Senhor? — tornou a responder a sra. Bardell.

— Acha que é um aumento muito grande de despesa sustentar duas pessoas em vez de uma só?

— Ora, sr. Pickwick — disse a sra. Bardell, ruborizando-se até a ponta da touca, supondo ter visto uma espécie de piscadela matrimonial nos olhos do hóspede. — Ora, sr. Pickwick, que pergunta!

— Bem, mas acha ou não acha? — insistiu o sr. Pickwick.

— Isso depende — volveu a sra. Bardell, aproximando muito o espanador do cotovelo do sr. Pickwick, apoiado à mesa. — Isso depende muito da pessoa, o senhor sabe, sr. Pickwick; se é uma pessoa poupada e cuidadosa, ou não.

— É verdade — volveu o sr. Pickwick —, mas creio que a pessoa que tenho em vista (e olhou muito de fito a sra. Bardell) possui essas qualidades; e tem, além disso, um considerável conhecimento do mundo, e muita perspicácia, sra. Bardell; que me podem ser de enorme utilidade.

— Ora, sr. Pickwick — disse a sra. Bardell; ao passo que o rubor lhe subia de novo à ponta da touca.

— Pois eu creio — sustentou o sr. Pickwick com energia, como costumava fazer ao tratar um assunto que o interessava —, creio, sim; e, para dizer-lhe a verdade, sra. Bardell, já me decidi.

— Misericórdia! — exclamou a sra. Bardell.

— A senhora há de julgar muito estranho — tornou o amável sr. Pickwick, lançando um olhar bem-humorado à companheira — que eu não a

tenha consultado sobre o assunto, e nem sequer lhe tenha falado nele, até o momento de mandar a recado o seu filhinho, não é?

A sra. Bardell só pôde responder por meio de um olhar. Havia muito adorava o sr. Pickwick à distância, mas lá se via ela, de um momento para outro, alçada a um pináculo por que nem as suas esperanças mais loucas e mais extravagantes tinham ousado anelar. O sr. Pickwick estava prestes a fazer a proposta... Aquilo era um plano deliberado... Mandara o filho ao Borough, a fim de afastá-lo de casa... Que delicadeza... Que atenção!

— Bem — disse o sr. Pickwick —, que acha a senhora?

— Oh, sr. Pickwick — disse a sra. Bardell, trêmula de agitação —, o senhor é muito bondoso.

— Isso lhe poupará muito trabalho, não é assim? — disse o sr. Pickwick.

— Nunca tive medo de trabalho, senhor — replicou a sra. Bardell —, e, naturalmente, hei de fazer, nesse caso, muito mais por agradar-lhe do que nunca; mas é tanta bondade sua, sr. Pickwick, preocupar-se com a minha solidão.

— Ah, por certo — disse o sr. Pickwick —, eu não havia pensado nisso. Quando eu estiver na cidade, a senhora terá sempre alguém para lhe fazer companhia. Sem dúvida nenhuma.

— É certo que me devo considerar uma mulher felicíssima — disse a sra. Bardell.

— E a seu filhinho... — continuou o sr. Pickwick.

— Deus o abençoe! — atalhou a sra. Bardell, com um soluço maternal.

— Ele também terá um companheiro — prosseguiu o sr. Pickwick —, um companheiro alegre, que lhe há de ensinar, estou certo, mais brincadeiras numa semana do que as que poderia aprender num ano inteiro. — E o sr. Pickwick sorriu, placidamente.

— Oh, meu querido — disse a sra. Bardell.

O sr. Pickwick sobressaltou-se.

— Meu querido, meu bem, meu divertido amigo — disse a sra. Bardell; e, sem maiores cerimônias, levantou-se da cadeira e atirou os braços ao pescoço do sr. Pickwick, com uma catarata de lágrimas e um coro de soluços.

— Misericórdia — gritou o atônito sr. Pickwick —, sra. Bardell, minha boa senhora.... Meu Deus, que situação... Considere, por favor... Sra. Bardell, não faça assim... Se vier alguém...

— Oh, que venha — exclamou a sra. Bardell, delirante. — Nunca mais o deixarei.... Meu querido, meu bem, minha alma — e, com essas palavras, a sra. Bardell pôs-se a estreitá-lo com mais força ainda.

— Valha-me Deus — exclamou o sr. Pickwick, lutando violentamente —, ouço passos na escada. Não, não, seja boazinha, não faça assim. — Mas baldadas foram súplicas e admoestações, pois a sra. Bardell desmaiara nos braços do sr. Pickwick; e, antes que ele tivesse tempo para depositá-la numa cadeira, entrou na sala o pequeno Bardell, introduzindo o sr. Tupman, o sr. Winkle e o sr. Snodgrass.

O sr. Pickwick ficou imóvel e sem fala. Sustinha nos braços o fardo encantador, e olhava aparvalhado para o rosto dos amigos, sem a menor tentativa de acolhimento ou explicação. Eles, por sua vez, olhavam para ele; e o pequeno Bardell, por sua vez, olhava para todos.

Foi tão absorvente o pasmo dos pickwickianos e tão grande a perplexidade do sr. Pickwick, que poderiam ter ficado exatamente na mesma posição até que a senhora recobrasse os sentidos, não fosse uma formosíssima e comoventíssima expressão de ternura filial da parte do pequeno Bardell. Envergando um fato apertado de belbutina, enfeitado de botões de cobre de um tamanho considerável, ele, a princípio, ficou à soleira da porta, confuso e indeciso; mas, gradativamente, a impressão de que a mãe devera ter sofrido algum dano pessoal penetrou-lhe o espírito parcialmente desenvolvido e, imaginando ser o sr. Pickwick o agressor, soltou uma espécie de uivo espantoso e quase sobrenatural e, precipitando-se com a cabeça para a frente, começou a investir contra o imortal cavalheiro, atacando-lhe as costas e as pernas, com os murros e beliscões que lhe permitiam a força dos braços e a violência da paixão.

— Tirem-me o desgraçadinho daqui — berrou o agoniado sr. Pickwick —, ele está louco.

— Que aconteceu? — perguntaram os três estupefatos pickwickianos.

— Não sei — volveu, irritado, o sr. Pickwick. — Levem embora o menino (nesse momento o sr. Winkle carregou a interessante criança, que berrava e esperneava, para o extremo oposto da sala). — Ajudem-me agora a levar esta mulher lá para baixo.

— Oh, já estou melhorzinha agora — disse a sra. Bardell, com voz débil.

— Permita-me que a leve para baixo — ofereceu-se o sempre galante sr. Tupman.

— Obrigada... muita obrigada, senhor — exclamou histericamente, a sra. Bardell. E pôs-se a descer as escadas, seguida do afetuoso filho.

— Não posso imaginar — disse o sr. Pickwick, ao voltarem os amigos.

— Não posso imaginar o que aconteceu a essa mulher. Eu comunicara-lhe apenas a minha intenção de ter um criado homem, quando ela caiu no extraordinário paroxismo em que vocês a encontraram. Que coisa extraordinária!

— Muito — concordaram os três amigos.

— Colocou-me em situação profundamente embaraçosa — continuou o sr. Pickwick.

— Muito — repetiram os discípulos, tossindo levemente e olhando uns para os outros com ar de dúvida.

Esse procedimento não passou despercebido ao sr. Pickwick. Notou-lhes a incredulidade. Positivamente suspeitavam dele.

— Está um homem aí no corredor — disse o sr. Tupman.

— É o homem de que lhes falei — disse o sr. Pickwick. — Mandei buscá-lo no Borough hoje cedo. Tenha a bondade de chamá-lo, Snodgrass.

O sr. Snodgrass fez o que lhe pediam; e o sr. Samuel Weller apresentou-se imediatamente.

— Oh... creio que você se lembra de mim? — perguntou o sr. Pickwick.

— Naturalmente — replicou Sam, com gesto protetor. — Sujeitinho sabido, aquele, hein? Forte demais para os senhores. Levou-os direitinho no bico, hein?

— Não se trata disso — apressou-se em dizer o sr. Pickwick. — Quero falar-lhe a respeito de outra coisa. Sente-se.

— Obrigado, senhor — disse Sam. E sentou-se sem mais cerimônias, depois de haver depositado o velho chapéu branco no patamar, à entrada da sala. — Não parece grande coisa — continuou —, mas é um chapéu surpreendente para se usar; e antes de perder as abas era um lindo chapéu. De qualquer modo, está mais leve agora, o que é uma vantagem, e cada um dos seus buraquinhos deixa entrar um pouco de ar, o que é outra vantagem... Chapéu ventilador, é como lhe chama. — E, ao proferir essas palavras, o sr. Weller sorriu, agradavelmente, para os pickwickianos reunidos.

— E agora passemos ao assunto que me levou, com o concurso destes cavalheiros, a mandá-lo chamar — disse o sr. Pickwick.

— Isso mesmo, senhor — sobreveio Sam. — Ponha-o para fora, como dizia o pai ao filho que engolira um *farthing*.

— Desejamos saber em primeiro lugar — disse o sr. Pickwick — se você tem algum motivo para estar descontente com a sua atual situação.

— Antes de responder a esta pergunta, cavalheiros — replicou o sr. Weller —, eu desejava saber, em primeiro lugar, se os senhores vão dar-me outra melhor.

Um raio de plácida benevolência brincou nos traços do sr. Pickwick ao dizer: — Estou quase decidido a empregá-lo em meu serviço.

— Deveras? — perguntou Sam.

O sr. Pickwick fez um gesto afirmativo.

— Ordenado? — inquiriu Sam.

— Doze libras por ano — replicou o sr. Pickwick.

— Roupas?

— Dois fatos.

— Serviço?

— Servir-me; e viajar comigo e com estes senhores aqui.

— Pode passar a escritura —olveu Sam, enfaticamente. — Estou alugado a um cavalheiro só e concordo com as condições.

— Aceita o emprego? — perguntou o sr. Pickwick.

— Naturalmente — replicou Sam. — Se as roupas me servirem metade do que me serve o serviço, estão muito boas.

— Pode, naturalmente, trazer referências? — indagou o sr. Pickwick.

— Sobre isso fale com a estalajadeira do Veado Branco, senhor — retrucou Sam.

— Pode começar esta noite?

— Possa enfiar-me nos fatos neste momento, se estiverem aqui — disse Sam, com grande alacridade.

— Venha hoje às 8 horas — disse o sr. Pickwick —, e, se as referências forem satisfatórias, os fatos serão providenciados.

Com a única exceção de uma amável indiscrição, de que participara também uma ajudante de criada, era tão irreprochável o procedimento do sr. Weller, que o sr. Pickwick se sentiu justificado em concluir o ajuste naquela mesma noite. Com a presteza e energia que caracterizam não só os atos públicos, mas também todas as ações particulares desse homem extraordinário, levou incontinenti o novo criado a um dos cômodos dos armazéns em que se

compram roupas novas e de segunda mão para cavalheiros, e onde se faz desnecessária a enfadonha e molesta formalidade de tomar medidas; e, antes que a noite descesse completamente, o sr. Weller possuía uma casaca cinzenta com o botão do C.P., um chapéu preto encimado de uma *cocarde*, um colete vermelho listrado, calções, polainas e muitos outros artigos de vestuário, que fora escusado recapitular.

— Bem — disse o subitamente transformado indivíduo, ao sentar-se no exterior da diligência de Eatanswill na manhã seguinte —, não sei se terei de ser lacaio, criado, couteiro ou lavrador. Talvez uma mistura de todos eles. Não faz mal; mudarei de ares, verei muita coisa e terei pouco que fazer; e tudo isto vai a calhar para a minha doença; portanto, vivam os Pickwicks!

CAPÍTULO XIII

NOTÍCIA DE EATANSWILL; DA SITUAÇÃO DOS SEUS PARTIDOS; E DA ELEIÇÃO DE UM MEMBRO PARA REPRESENTAR NO PARLAMENTO AQUELE ANTIGO, LEAL E PATRIÓTICO BURGO.

CONFESSAREMOS FRANCAMENTE QUE, até o momento em que mergulhamos nos volumosos documentos do Clube Pickwick, nunca tínhamos ouvido falar em Eatanswill; e, com a mesma franqueza, admitiremos haver buscado em vão uma prova da existência dessa localidade nos dias que correm. Conhecendo a profunda confiança que se deve depositar em todas as notas e declarações do sr. Pickwick e não nos atrevendo a opor as nossas recordações às declarações expressas desse grande homem, consultamos todas as autoridades sobre o assunto de que nos poderíamos valer. Examinamos todos os nomes das listas eleitorais, sem encontrar o de Eatanswill; investigamos cuidadosamente todos os cantos e recantos dos mapas de bolso dos condados, publicados para benefício da sociedade pelos nossos ilustres editores, e tiveram os mesmos resultados as nossas investigações. Somos, portanto, levados a acreditar que o sr. Pickwick, com o seu ansioso desejo de não ofender quem quer que fosse, e com a delicadeza de sentimentos pela qual os que privavam com ele o sabiam tão eminentemente notável, substituiu de indústria o verdadeiro nome do lugar em que foram feitas as suas observações por uma designação fictícia. Nessa crença nos confirma uma circunstanciazinha, aparentemente trivial e sem importância, mas que, considerada a essa luz, merece referência. No caderno de apontamentos do sr. Pickwick depara-se-nos o fato de que os seus lugares, dele e dos discípulos, foram tomados na diligência de Norwich; mas este apontamento foi, posteriormente, riscado, como se tivesse até o propósito de ocultar a direção em que estava situado o burgo. Não nos atreveremos, por conseguinte, a fazer conjeturas sobre o assunto, mas prosseguiremos imediatamente no relato da história, satisfeitos com os materiais que nos proporcionaram as suas personagens.

Parece, portanto, que o povo de Eatanswill, à semelhança do povo de muitas outras localidadezinhas, considerava-se importantíssimo, e que todo o habitante de Eatanswill, cômico da força do próprio exemplo, se julgava obrigado a pertencer, de corpo e alma, a um dos grandes partidos que dividiam a cidade — o dos Azuis e o dos Amarelos. Ora, os Azuis não perdiam ensejo de fazer oposição aos Amarelos, e os Amarelos não perdiam ensejo de fazer oposição aos Azuis; e a conseqüência era que, toda vez em que se encontravam Azuis e Amarelos numa reunião pública, na Casa da Câmara, na feira ou no mercado, surgiam disputas e palavrões entre eles. Com essas dissensões, fora quase supérfluo dizer que tudo, em Eatanswill, se convertia numa questão partidária. Se os Amarelos propunham que se retalhasse a praça do mercado, os Azuis organizavam assembléias públicas em que atacavam a proposta; se os Azuis propunham a ereção de mais uma bomba na rua principal, levantavam-se os Amarelos como um só homem e pasmavam de tamanha enormidade. Havia lojas Azuis e lojas Amarelas, estalagens Azuis e estalagens Amarelas; na própria igreja havia uma nave Azul e uma nave Amarela.

Era, sem dúvida, essencial e indispensavelmente necessário que cada um desses poderosos partidos escolhesse o seu órgão e representante: e, por conseqüência, havia na cidade dois jornais — a *Gazeta de Eatanswill* e o *Independente de Eatanswill*; o primeiro advogava os princípios Azuis e o segundo obedecia a uma orientação decididamente Amarela. Magníficos jornais! Que artigos de fundo! Que vigorosos ataques! “O nosso indigno protagonista, a *Gazeta*.” “Essa folha ignominiosa e covarde, o *Independente*.” “Esse jornal ignóbil e mentiroso, o *Independente*.” “Esse aleivoso e vil caluniador, a *Gazeta*.” Estas e outras estimulantes recriminações eram profusamente espalhadas pelas colunas de ambos, em cada número, e provocavam sensações do mais intenso prazer e da mais profunda indignação no seio do povo.

Com a sua previsão e sagacidade habituais, escolhera o sr. Pickwick um momento particularmente oportuno para a sua visita ao burgo. Nunca se vira tamanho desaguisado. O *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall, era o candidato Azul; e Horácio Fizkin, Esq., de Fizkin Lodge, cerca de Eatanswill, havia sido persuadido pelos amigos a sustentar os interesses Amarelos. A *Gazeta* avisou os eleitores de Eatanswill que os olhos não só da Inglaterra, senão de todo o mundo civilizado, se achavam fitos neles; e o *Independente* exigia, imperativamente, que lhe dissessem se os eleitores de Eatanswill eram ainda os grandes cidadãos por que ele sempre os havia tomado, ou instrumentos

baixos e servis, que não mereciam nem o nome de ingleses nem as bênçãos da liberdade. Nunca tamanha comoção agitara a cidade.

Era tarde da noite, quando o sr. Pickwick e os companheiros, ajudados por Sam, apearam do teto da diligência de Eatanswill. Grandes pavilhões de seda azul tremulavam nas janelas da Estalagem das Armas da Cidade, e liam-se cartazes em cada vidraça que anunciavam que a comissão eleitoral do *Honourable* Samuel Slumkey lá se reunia diariamente. Uma multidão de curiosos aglomerava-se na rua e olhava para um homem rouco no balcão, que aparentemente se purpureava de tanto falar em prol do sr. Slumkey; eram, porém, a força e a beleza dos seus argumentos algo prejudicadas pelo perpétuo rufar de quatro enormes tambores que a comissão eleitoral do sr. Fizkin colocara na esquina da rua. Havia ao lado dele um homenzinho ativo que tirava, de vez em quando, o chapéu e intimava o povo, por meio de sinais, a aplaudir, o que este fazia regular e entusiasticamente; e como o homem de rosto vermelho continuasse a falar, até ficar ainda mais vermelho, dir-se-ia que conseguira o seu intento tão bem como se alguém o tivesse ouvido.

Assim que os pickwickianos desmontaram, foram cercados por um grupo parcial de honestos e independentes eleitores que soltaram três ensurdecedoras aclamações, as quais, tendo sido respondidas pelo grosso da multidão (pois não é absolutamente necessário para uma multidão saber o que está aclamando), se converteram num tremendo rugido de triunfo, que obrigou a calar-se até o homem de cara vermelha no balcão.

— Hurra! — ululou a turba, em conclusão.

— Mais uma vez — guinchou o homenzinho do balcão, e a multidão voltou a berrar, como se tivesse pulmões de ferro fundido e articulações de aço.

— Viva Slumkey! — rugiu o honesto e independente.

— Viva Slumkey! — repetiu o sr. Pickwick, tirando o chapéu.

— Morra Fizkin! — rugiu a multidão.

— Morra! — gritou o sr. Pickwick.

— Hurra! — E ouviu-se novo bramido, como o de todo um jardim zoológico quando o elefante toca a sineta para o almoço.

— Quem é Slumkey? — murmurou o sr. Tupman.

— Não sei — replicou o sr. Pickwick, no mesmo tom. — Psiu! Não faça perguntas. É sempre melhor, nessas ocasiões, fazer o que faz a multidão.

— E se aqui houver duas multidões? — sugeriu o sr. Snodgrass.

— Grite com a maior — replicou o sr. Pickwick.

Tratados inteiros não diriam mais do que isso.

Entraram na casa, ao passo que a multidão se afastava, à direita e à esquerda, para deixá-los passar, vociferando aplausos. A primeira providência que devia ser tomada era arranjar aposentos para a noite.

— Haverá camas aqui para nós? — perguntou o sr. Pickwick, chamando o criado.

— Não sei, senhor — replicou o homem —, acho que não há lugares... vou perguntar, senhor. — E com esse propósito se afastou, voltando, porém, logo depois, para perguntar se os cavalheiros eram “Azuis”.

Como nem o sr. Pickwick nem os companheiros tinham grande interesse na causa de nenhum dos candidatos, tornava-se meio difícil a resposta. Nesse dilema, lembrou-se o sr. Pickwick do seu novo amigo, o sr. Perker.

— Conhece um cavalheiro chamado Perker? — perguntou o sr. Pickwick.

— Certamente, senhor; é o agente do *Honourable* sr. Samuel Slumkey.

— Ele é Azul, não é?

— É, sim, senhor.

— Nesse caso, nós somos Azuis — disse o sr. Pickwick; mas, observando que o homem parecia hesitar diante daquela declaração acomodatória, deu-lhe o cartão de visitas e pediu-lhe que o entregasse imediatamente ao sr. Perker se este, porventura, estivesse na casa. Retirou-se o criado; mas voltou quase imediatamente e, pedindo ao sr. Pickwick que o seguisse, conduziu-o a um salão no primeiro andar, onde, sentado a uma longa mesa coberta de livros e papéis, se achava o sr. Perker.

— Ah... ah! meu caro senhor — exclamou o homenzinho, adiantando-se para saudá-lo —, folgo imenso em vê-lo, meu caro senhor, imenso. Faça o obséquio de sentar-se. Com que então, veio a realizar o seu projeto? Veio aqui para assistir a uma eleição, não é verdade?

O sr. Pickwick replicou afirmativamente.

— Uma luta renhida, meu caro senhor — disse o homenzinho.

— Agrada-me sabê-lo — disse o sr. Pickwick, esfregando as mãos. — Gosto de ver o patriotismo exaltado, seja de que lado for. Quer dizer que a luta vai ser dura?

— Sem dúvida nenhuma — tornou o homenzinho —, duríssima. Nós abrimos todas as tabernas do lugar e só deixamos as cervejarias para os nossos adversários; um golpe político de mestre, não acha, meu caro senhor? —

ajuntou o homenzinho, a sorrir, complacente, tomando uma grande pitada de rapé.

— E quais são as probabilidades quanto ao resultado da luta? — indagou o sr. Pickwick.

— Duvidosas, meu caro senhor, duvidosas ainda — retorquiu o homenzinho. — A gente de Fizkin trancafiou 36 eleitores na cocheira do Veado Branco.

— Na cocheira! — exclamou o sr. Pickwick, consideravelmente espantado por esse segundo golpe político.

— Conservam-nos presos até precisarem deles — explicou o homenzinho. — O resultado disso, como vê, é impedir que os cabalemos; e, ainda que pudéssemos fazê-lo, seria inútil, pois conservam-nos bêbedos de propósito. É sabido o agente de Fizkin... muito sabido.

O sr. Pickwick olhava-o pasmado, mas não disse nada.

— Sem embargo, estamos confiantes — continuou o sr. Perker abaixando a voz até que esta se converteu num murmúrio. — Ontem à noite demos aqui um chazinho — 45 mulheres, meu caro senhor — e fizemos presente a cada uma delas de uma sombrinha verde.

— Uma sombrinha! — disse o sr. Pickwick.

— É fato, meu caro senhor, é fato. Quarenta e cinco sombrinhas verdes, a 7 xelins e 6 *pence* cada uma. Todas as mulheres gostam de coisas de luxo: foi extraordinário o efeito dessas sombrinhas. Garantiram todos os maridos e metade dos irmãos — melhores do que as meias, a flanela, e do que todas essas coisas. Idéia minha, meu caro senhor, inteiramente minha. Caia granizo, chova ou haja sol, o senhor não andarás meia dúzia de jardas pela rua sem encontrar meia dúzia de sombrinhas verdes.

A essa altura desatou o homenzinho numa gargalhada convulsiva que só foi reprimida pela entrada de uma terceira pessoa.

Esta era um homem alto e magro, com uma cabeça ruiva propensa à calvície, e um rosto em que uma solene importância se misturava a um olhar de insondável profundidade. Vestia um longo sobretudo pardo, um colete preto e calça castanha. Uma luneta dupla dançava-lhe no colete, e trazia na cabeça um chapéu de copa muito baixa e abas muito largas. O recém-chegado foi apresentado ao sr. Pickwick como o sr. Pott, o diretor da *Gazeta de Eatanswill*. Depois de alguns reparos preliminares, voltou-se o sr. Pott para o sr. Pickwick e declarou, muito solene:

— Esta luta desperta grande interesse na metrópole, senhor.

— Acredito que sim — disse o sr. Pickwick.

— E tenho razões para acreditar — disse Pott, olhando para o sr. Perker, como que a pedir confirmação —, tenho razões para acreditar que para isso contribuiu de certo modo o meu artigo de sábado passado.

— Não há dúvida nenhuma — disse o homenzinho.

— A imprensa é uma poderosa máquina, senhor — disse Pott.

O sr. Pickwick deu o seu mais completo assentimento a essa declaração.

— Mas fio-me, senhor — continuou Pott —, de nunca haver abusado do enorme poder que possuo. Fio-me, senhor, de nunca haver apontado o nobre instrumento que me foi colocado nas mãos contra o santuário sagrado da vida particular, contra o delicado seio da reputação pessoal; fio-me, senhor, de haver consagrado as minhas energias a... tentativas... que, por humildes que sejam, e sei que o são... para instilar os princípios da... que... que são...

Nisto, como o diretor da *Gazeta de Eatanswill* parecesse atrapalhar-se, acudiu-lhe o sr. Pickwick, e disse:

— Certamente.

— E qual, senhor — volveu Pott —, qual, senhor, permita-me que lhe pergunte como homem imparcial, é o estado dos espíritos em Londres, respeito à minha luta com o *Independente*?

— Grandemente excitados, sem dúvida alguma — interveio o sr. Perker, com olhar malicioso, provavelmente, accidental.

— A luta — continuou Pott — será prolongada enquanto eu tiver saúde e vigor, e essa porção de talento de que fui dotado. Desta luta, senhor, ainda que possa transtornar o espírito dos homens e exacerbar-lhes os sentimentos, e torná-los incapazes para o desempenho das cotidianas obrigações da vida comum; desta luta, senhor, não fugirei, enquanto não tiver colocado o meu tacão sobre o *Independente de Eatanswill*. Quero que o povo de Londres e o povo desta região saibam que podem confiar em mim; que não os abandonarei e que estou decidido a permanecer ao lado deles até o fim.

— O seu procedimento é nobilíssimo, senhor — disse o sr. Pickwick; e apertou a mão do magnânimo Pott.

— Vejo que o senhor é um homem de bom senso e de talento — disse o sr. Pott, a quem a veemência da patriótica declaração deixara quase sem fôlego.

— Folgo imenso em conhecer um homem como o senhor.

— E eu — disse o sr. Pickwick — sinto-me profundamente honrado por essa expressão do seu conceito. Permita-me, senhor, apresentá-lo aos meus companheiros de viagem, os outros membros correspondentes do clube que me orgulho de haver fundado.

— Com todo o prazer — redargüiu o sr. Pott.

O sr. Pickwick retirou-se e, voltando com os amigos, apresentou-os com as devidas formalidades ao diretor da *Gazeta de Eatanswill*.

— Agora, meu caro Pott — disse o pequeno sr. Perker —, a questão é saber o que faremos com os nossos amigos aqui?

— Imagino que possamos ficar nesta casa — disse o sr. Pickwick.

— Não há um único leito na casa, meu caro senhor, um único leito.

— Isso é que é o diabo — disse o sr. Pickwick.

— O diabo — repetiram os companheiros de viagem.

— Tenho uma idéia sobre o assunto — disse o sr. Pott — que suponho possa adotar-se com bons resultados. Há duas camas no Pavão, e atrevo-me a dizer, em nome da sra. Pott, que ela ficará encantada em acomodar o sr. Pickwick e algum dentre os seus amigos, se os dois outros cavalheiros e o criado não fizerem questão de se ajeitar, como puderem, no Pavão.

Depois de repetidas instâncias da parte do sr. Pott, e repetidos protestos da parte do sr. Pickwick de não querer incomodar nem molestar a sua amável esposa, ficou decidido ser esse o único arranjo possível. E, por isso, se fez; após jantarem juntos na Estalagem das Armas da Cidade, os amigos separaram-se, indo o sr. Tupman e o sr. Snodgrass para o Pavão e o sr. Pickwick e o sr. Winkle para a mansão do sr. Pott; ficando previamente combinado que todos se reuniriam na Estalagem das Armas da Cidade na manhã seguinte, para acompanharem a procissão do *Honourable* Samuel Slumkey ao local das eleições.

O círculo doméstico do sr. Pott restringia-se a ele e à esposa. Todos os homens elevados pelo seu vigoroso engenho a uma orgulhosa eminência no mundo têm sempre alguma pequena fraqueza que parece ainda mais notável pelo contraste que apresenta com o seu caráter geral. Se o sr. Pott tinha alguma fraqueza, era, talvez, a de ser demasiado submisso ao domínio e ao jugo algo desdenhosos da esposa. Não nos julgamos autorizados a dar ao fato um realce especial, pois nessa ocasião todos os modos mais insinuantes da sra. Pott foram requisitados para receber os dois cavalheiros.

— Minha querida — disse o sr. Pott —, o sr. Pickwick... o sr. Pickwick, de Londres.

A sra. Pott recebeu o aperto paternal de mão do sr. Pickwick com encantadora doçura; e o sr. Winkle, que não fora absolutamente anunciado, inclinou-se e refugiou-se, despercebido, num canto obscuro.

— P., meu querido — disse a sra. Pott.

— Sim, minha vida — respondeu o sr. Pott.

— Apresente o outro cavalheiro.

— Peço-lhe mil perdões — disse o sr. Pott. — Permita-me, sra. Pott, o sr....

— Winkle — disse o sr. Pickwick.

— Winkle — repetiu o sr. Pott: e completou-se a cerimônia da apresentação.

— Temos de pedir-lhe muitas desculpas, minha senhora — disse o sr. Pickwick —, por transtornar-lhe dessa maneira os arranjos domésticos.

— Não me fale nisso, senhor — replicou a metade feminina de Pott, com vivacidade. — Asseguro-lhe que é para mim grande satisfação ver caras novas; vivendo, como vivo, dia após dia, semana após semana, neste lugar aborrecido, sem ver ninguém.

— Ninguém, minha querida! — objetou o sr. Pott, galhofeiro.

— Ninguém a não ser você — retorquiu a sra. Pott, com aspereza.

— Como vê, sr. Pickwick — disse o dono da casa, para explicar a queixa da esposa —, estamos, de certa maneira, privados de muitos divertimentos e prazeres de que poderíamos, em outras circunstâncias, compartilhar. A minha posição social, como diretor da *Gazeta de Eatanswill*, a posição que esse jornal ocupa no país, a minha constante imersão no vórtice da política...

— P., meu querido — sobreveio a sra. Pott.

— Sim, minha vida — acudiu o diretor.

— Eu quisera, meu querido, que você achasse outro tópico de conversação em que estes cavalheiros pudessem encontrar algum interesse racional.

— Mas, meu amor — disse, humílimo, o sr. Pott —, o sr. Pickwick interessa-se por política.

— Tanto melhor para ele —olveu a sra. Pott, enfaticamente. — Estou por aqui da sua política, das suas brigas com o *Independente*, das suas baboseiras. E francamente me surpreende, P., que você faça tamanha exibição dos seus absurdos.

— Mas, minha querida — objetou o sr. Pott.

— Ora, tolices, não fale comigo — disse a sra. Pott. — Joga o *écarté*, senhor?

— Terei muito prazer em aprendê-lo consigo — replicou o sr. Winkle.

— Nesse caso, puxe esta mesinha para o pé da janela, a fim de que eu não ouça mais nada sobre essa cacetíssima política.

— Jane — disse o sr. Pott à criada que entrara com velas —, desça ao escritório e traga-me a coleção das *Gazetas* de 1828. Vou ler para o senhor — acrescentou o diretor, voltando-se para o sr. Pickwick —, vou ler para o senhor alguns artigos de fundo que escrevi nessa ocasião sobre a conspiração dos Amarelos para nomearem um novo coletor para a barreira daqui; creio que hão de diverti-lo.

— Gostarei imensamente de ouvi-los — disse o sr. Pickwick.

Trazida a coleção, sentou-se o diretor, com o sr. Pickwick ao seu lado.

Debalde examinamos as folhas do caderno de apontamentos do sr. Pickwick, na esperança de encontrar um resumo geral dessas formosas composições. Sobejam-nos razões para acreditar que o tenham extasiado o vigor e a frescura do estilo; pois o próprio sr. Winkle assinalou o fato de que os seus olhos permaneceram fechados, como que num excesso de prazer, durante todo o tempo da leitura.

A notícia de que a ceia estava servida pôs um ponto final no jogo de *écarté* e na recapitulação das belezas da *Gazeta de Eatanswill*. A sra. Pott estava contentíssima e de um humor agradabilíssimo. O sr. Winkle já fizera consideráveis progressos em seu conceito, e ela não hesitou em dizer-lhe, confidencialmente, que o sr. Pickwick “era um velhinho encantador”. Esses termos envolvem uma familiaridade de expressão a que muito poucos dentre os que conversavam com esse homem de espírito colossal ousariam entregar-se. Conservamo-los, todavia, porque atestam, de maneira comovedora e convincente, a estima que lhe dedicavam todas as classes sociais, e a facilidade com que ele lhes conquistava os corações e sentimentos.

Ia já adiantada a noite — muito depois de o sr. Tupman e o sr. Snodgrass haverem ferrado no sono, nos mais íntimos recessos do Pavão — quando os dois amigos se recolheram para descansar. Não demorou o sono em senhorear os sentidos do sr. Winkle, mas os seus sentimentos haviam sido excitados, e a sua admiração despertada; e muitas horas depois de o haver o sono tornado insensível a todos os objetos da terra, o rosto e as formas da agradável sra. Pott ainda se lhe apresentavam à imaginação vagabunda.

O ruído e a confusão que anunciaram a manhã bastaram a afugentar do espírito do mais romântico visionário do mundo quaisquer lembranças que não dissessem imediato respeito às eleições que, rápidas, se aproximavam. O rufar dos tambores, o soar de cornos e trombetas, o vozear dos homens e o escarvar de cavalos ouviram-se reiteradamente nas ruas desde o primeiro repontar do dia; e uma que outra escaramuça entre os contendores de ambos os partidos dava maior animação e variedade aos preparativos.

— Então, Sam — perguntou o sr. Pickwick, quando o criado assomou a porta do quarto de dormir, no instante em que ele acabava de vestir-se —, anda hoje tudo alvoroçado, creio eu?

— Mais ou menos, senhor — replicou o sr. Weller. — A nossa gente está reunida na Estalagem das Armas da Cidade e já ficou rouca de tanto gritar.

— Ah —olveu o sr. Pickwick —, e parecem devotados ao seu partido?

— Nunca vi tamanha devoção na minha vida, senhor.

— Enérgica? — perguntou o sr. Pickwick.

— Extraordinária — retrucou Sam. — Nunca vi ninguém comer e beber tanto assim. Não sei como não têm medo de estourar.

— Esse é o resultado da mal entendida generosidade dos fidalgos daqui — disse o sr. Pickwick.

— Muito provavelmente — retrucou Sam, lacônico.

— Parecem sujeitos vivazes e sadios — observou o sr. Pickwick, olhando pela janela.

— Muito vivazes —olveu Sam. — Eu e dois criados do Pavão andamos metendo debaixo da bomba os eleitores independentes que ontem cearam lá.

— Metendo debaixo da bomba os eleitores independentes! — exclamou o sr. Pickwick.

— Sim, senhor — confirmou o criado. — Cada qual dormia onde caía; nós os arrastamos para fora, um por um, hoje cedo, e os metemos debaixo da bomba; agora, sim, estão todos em ordem. Um xelim por cabeça, foi o que nos deu a comissão eleitoral pelo serviço.

— Mas será possível que essas coisas aconteçam? — observou espantado o sr. Pickwick.

— Homessa! — revidou Sam. — Onde é que o senhor foi batizado? Isso não é nada.

— Nada? — disse o sr. Pickwick.

— Absolutamente nada, senhor — retorquiu o criado. — Na véspera das últimas eleições aqui, o partido adversário subornou a criada da Estalagem das Armas da Cidade, para dar um jeito na bebida de catorze eleitores que ainda não tinham votado e lá se hospedavam.

— Que é que você quer dizer com esse “dar um jeito” na bebida? — perguntou o sr. Pickwick.

— Misturar-lhe um pouco de láudano — replicou Sam. — Macacos me mordam se isso não os fez dormir até doze horas depois que as eleições se acabaram. Levaram um homem ao local das eleições, numa padiola, adormecido, a título de experiência, mas não houve jeito: não quiseram deixá-lo votar; por isso trouxeram-no de volta e deitaram-no outra vez na cama.

— Estranhas práticas, essas — observou o sr. Pickwick, falando em parte consigo mesmo e, em parte, com Sam.

— Menos estranhas do que a milagrosa circunstância em que se viu metido o meu próprio pai, numa eleição, neste mesmo lugar, senhor — replicou Sam.

— Como foi isso? — inquiriu o sr. Pickwick.

— Um belo dia, veio ele guiando um carro até aqui — contou Sam. — Era tempo de eleição e um dos partidos o havia encarregado de trazer eleitores de Londres. Na véspera do dia em que tencionava começar a viagem, a comissão eleitoral do partido contrário mandou chamá-lo em segredo e lá se foi ele com o sujeito que viera buscá-lo; sala grande... muita gente... muito papel, muita pena, muita tinta, e o resto. “Ah, sr. Weller”, diz o cavalheiro que estava sentado, “estimo vê-lo; o senhor como vai?” “Muito bem, obrigado, senhor”, respondeu meu pai. “Espero que o senhor também esteja passando bem”, diz ele. “Muito bem, obrigado”, diz o outro. “Sente-se, sr. Weller, faça o favor de sentar-se.” Sentou-se meu pai e ele e o cavalheiro começam a olhar muito um para o outro. “O senhor não me conhece?”, pergunta o cavalheiro. “Parece-me que não”, responde meu pai. “Oh, pois eu o conheço”, diz o cavalheiro. “Eu o conheci quando o senhor ainda era uma criança.” “Pois eu não me lembro do senhor”, diz o meu pai. “É muito esquisito isso”, diz o cavalheiro. “Muito”, diz meu pai. “O senhor, com certeza, tem má memória, sr. Weller”, diz o cavalheiro. “Muito má”, responde meu pai. “Eu estava imaginando”, diz o cavalheiro. Em seguida, enche-lhe um copo de vinho, elogia-lhe a perícia de cocheiro, deixa-o de bom humor e mostra-lhe, por fim, uma nota de 20 libras. “É péssima a estrada de Londres até aqui”, diz o

cavalheiro. “Em alguns pedaços é bem ruinzinha”, diz meu pai. “Principalmente perto do canal, se não me engano”, diz o cavalheiro. “Lá, de fato, é um caso sério”, diz meu pai. “Pois bem, sr. Weller”, diz o cavalheiro, “o senhor é muito bom cocheiro e nós sabemos que faz o que quer com os seus cavalos. Nós todos gostamos do senhor, sr. Weller, de sorte que no caso de lhe suceder um acidente quando trouxer esses eleitores para cá, e eles caírem no canal sem se machucarem, isto é para o senhor”, diz ele. “O senhor é muito amável”, diz meu pai, “e eu beberei à sua saúde um outro copo de vinho.” Assim fez, embolsou o dinheiro, cumprimentou e saiu. Pois o senhor não acreditaria — ajuntou Sam, com um olhar de inexprimível imprudência — que no dia em que ele veio para cá trazendo os eleitores, o carro virou nesse mesmíssimo lugar e todos os passageiros caíram no canal.

— E saíram de lá? — perguntou, ansioso, o sr. Pickwick.

— Bem —olveu Sam, muito lentamente —, acho que ficou faltando um velho; sei que lhe encontraram o chapéu, mas não tenho muita certeza de que tivesse a cabeça dentro dele. Mas o que mais me admira é a extraordinária e maravilhosa coincidência de ter virado o carro de meu pai, depois do que disse aquele cavalheiro, naquele mesmo lugar e no mesmíssimo dia!

— É, sem dúvida, uma circunstância muito extraordinária —olveu o sr. Pickwick. — Mas escove-me o chapéu, Sam, pois ouço o sr. Winkle chamar-me para o almoço.

Com estas palavras, desceu o sr. Pickwick ao refeitório, onde encontrou servido o desjejum e a família já reunida. A refeição fêz-se prontamente; o chapéu de cada um dos cavalheiros estava decorado de enormes fitas azuis, feitas pelas belas mãos da própria sra. Pott; e havendo-se o sr. Winkle prontificado a acompanhar essa senhora ao telhado de uma casa, na imediata vizinhança do local das eleições, o sr. Pickwick e o sr. Pott dirigiram-se sozinhos à Estalagem das Armas da Cidade, onde, de uma das janelas dos fundos, um membro da comissão eleitoral do sr. Slumkey discursava para seis meninos e uma menina, que ele dignificava, a cada passo, com o título imponente de “homens de Eatanswill”, o que provocava dos ditos seis meninos prodigiosos aplausos.

O pátio da estrebaria apresentava inequívocos sintomas da glória e da força dos Azuis de Eatanswill. Havia um exército regular de bandeiras azuis, umas com um pau, outras com dois, em que se liam divisas apropriadas em letras de ouro, de quatro pés de altura e largura proporcional. Lá estava

também uma numerosa banda de trombetas, fagotes e tambores, formada em filas de quatro, e que ganhava conscienciosamente o seu dinheiro, especialmente os tambores, muito musculosos. Havia tropas de polícias com bastões azuis, vinte membros da comissão eleitoral com faixas azuis e uma multidão de eleitores com fitas azuis. Havia eleitores a cavalo e eleitores a pé. Havia uma carruagem descoberta, puxada por quatro cavalos, para o *Honourable* Samuel Slumkey; e havia quatro carruagens, cada qual tirada por dois cavalos, para os seus amigos e apoiadores; e as bandeiras ruflavam, e a banda tocava, e os polícias xingavam, e os vinte membros da comissão eleitoral brigavam, e a multidão berrava, e os cavalos recuavam, e os postilhões suavavam em bicas; e tudo e todos que lá estavam reunidos eram para o uso, o proveito, a honra e o renome especiais do *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall, um dos candidatos à representação do burgo de Eatanswill, na Câmara dos Comuns, do Parlamento do Reino Unido.

Altos e longos foram os aplausos e frenético o tremular de uma das bandeiras azuis, em que se lia a inscrição “Liberdade de Imprensa”, quando a cabeça ruiva do sr. Pott foi vista a uma das janelas, pela multidão aglomerada embaixo; e tremendo foi o entusiasmo quando o *Honourable* Samuel Slumkey, em pessoa, com botas de canhão e um lenço azul, se adiantou e, apoderando-se da mão do dito Pott, reconheceu melodramaticamente, por meio de gestos, diante da multidão, as suas inapreciáveis obrigações à *Gazeta de Eatanswill*.

— Está tudo pronto? — perguntou o *Honourable* Samuel Slumkey ao sr. Perker.

— Tudo, meu caro senhor — foi a resposta do homenzinho.

— Espero que nada tenha sido esquecido — volveu o *Honourable* Samuel Slumkey.

— Nada foi esquecido, meu caro senhor, absolutamente nada. Há vinte homens bem lavados à porta da rua para lhe apertarem a mão; e seis crianças de peito cujas cabeças o senhor terá de acariciar, perguntando-lhes a idade; não se esqueça das crianças, meu caro senhor, que essas coisas fazem sempre grande efeito.

— Não me esquecerei — disse o *Honourable* Samuel Slumkey.

— E, talvez, meu caro senhor — disse o prudente homenzinho —, talvez, se o senhor pudesse... Não quero dizer que seja indispensável... Mas, talvez, se o senhor pudesse beijar uma delas, isso produziria grande impressão no espírito do povo.

— Mas não seria a mesma coisa se o meu representante a beijasse? — perguntou o *Honourable* Samuel Slumkey.

— Receio que não —olveu o agente. — Se o senhor o fizer, pessoalmente, tornar-se-á muito popular.

— Muito bem — disse o *Honourable* Samuel Slumkey, com expressão resignada —, o que não tem remédio remediado está.

— Formem o préstito — gritaram os vinte membros da comissão eleitoral.

Entre os aplausos da multidão, da banda, dos polícias, dos homens da comissão, dos eleitores, dos postilhões e dos carros, tomaram os seus lugares — levando os veículos de dois cavalos tantos cavalheiros quantos cabiam em pé; e indo no que fora destinado ao sr. Perker, o sr. Pickwick, o sr. Tupman, o sr. Snodgrass e mais meia dúzia de membros da comissão eleitoral.

Fêz-se tremendo silêncio enquanto a multidão esperava que o *Honourable* Samuel Slumkey entrasse no seu carro. De repente, o povo irrompeu em grandes aclamações.

— Ele saiu — disse o pequeno sr. Perker, excitadíssimo; principalmente porque a posição em que se achava não lhe permitia ver o que estava acontecendo.

Outra aclamação, muito mais alta.

— Ele apertou as mãos dos homens — gritou o pequeno agente.

Outra aclamação, ainda mais veemente.

— Ele acariciou a cabeça das crianças — disse o sr. Perker, trêmulo de ansiedade.

Um trovão de aplausos, que fez estremecer o ar.

— Ele beijou uma delas! — exclamou o extasiado homenzinho.

Segundo trovão.

— Ele beijou outra — bradou, sem fôlego, o excitado empresário.

Terceiro trovão.

— Ele está beijando todas! — clamou o entusiástico homenzinho. E, debaixo da gritaria ensurdecadora do povo, pôs-se a caminho a procissão.

Como, ou de que maneira, veio ela a misturar-se com a outra procissão, e como conseguiu desenliçar-se da confusão conseqüente, e mais do que ousamos descrever, pois o chapéu do sr. Pickwick foi-lhe enterrado nos olhos, no nariz e na boca por um pau de bandeira Amarela logo no princípio da desordem. Refere ele que se viu cercado, de todos os lados, quando pretendia

observar a cena, por semblantes irados e ferozes, uma vasta nuvem de pó e uma densa multidão de combatentes. Diz que o forçou a descer do carro alguma força invisível e que se viu empenhado num encontro pugilístico; mas com quem, ou como, ou por que, é inteiramente incapaz de dizer. Em seguida, sentiu-se empurrado sobre alguns degraus de madeira pelas pessoas que vinham atrás; e, ao retirar o chapéu, achou-se cercado dos amigos, exatamente na primeira fila, à esquerda do estrado eleitoral. A direita fora reservada aos Amarelos, e o centro ao prefeito e seus auxiliares; um dos quais — o gordo pregoeiro de Eatanswill — tocava um sino enorme, para pedir silêncio, ao passo que o sr. Horácio Fizkin, e o *Honourable* Samuel Slumkey, com a mão no coração, inclinavam-se, afabilíssimos, para o oceano agitado de cabeças que inundava o espaço coberto diante do estrado; e do qual subia uma tempestade de mugidos, de gritos, de berros e de apupos, que teriam feito honra a um terremoto.

— Lá está Winkle — disse o sr. Tupman puxando o amigo pela manga.

— Onde? — perguntou o sr. Pickwick, colocando os óculos, que felizmente, até então, conservara no bolso.

— Lá —olveu o sr. Tupman —, no telhado daquela casa.

E lá, sem dúvida nenhuma, na goteira de chumbo de um telhado de ardósias, estavam o sr. Winkle e a sra. Pott, comodamente sentados em duas cadeiras, agitando os lenços em sinal de reconhecimento — cumprimento que o sr. Pickwick retribuiu mandando um beijo à senhora.

A eleição ainda não principiara; e, como as multidões inativas são geralmente propensas à troça, bastou esse gesto inocente a provocar-lhe as facécias.

— Velhote safado — gritou uma voz —, namorando as meninas, hein?

— Venerável pecador — gritou outra voz.

— Pondo os óculos para catrapiscar uma mulher casada! — disse uma terceira — Eu o vi piscando para ela com esses olhinhos de sem-vergonha — gritou uma quarta.

— Vigie sua mulher, Pott — mugiu uma quinta; e estrondejou um coro unísono de gargalhadas.

Como essas chufas fossem acompanhadas de invejosas comparações entre o sr. Pickwick e um velho bode, e várias facécias do mesmo jaez; e como elas, além disso, tendessem a deslustrar a honra de uma senhora inocente, a indignação do sr. Pickwick foi excessiva; mas, tendo sido proclamado o silêncio

naquele instante, contentou-se em fulminar a arraia-miúda com um olhar de piedade pelos seus espíritos transviados, que provocou risos mais tumultuosos do que nunca.

— Silêncio! — rugiram os auxiliares do prefeito.

— Whiffin, exija silêncio — ordenou o prefeito com um ar pomposo que lhe quadrava à elevada posição. Obediente à ordem, o pregoeiro executou novo concerto ao sino, o que levou um cavalheiro do povo a gritar “Farelório!”, provocando nova onda de gargalhadas.

— Senhores — disse o prefeito, com o tom mais alto de voz que lhe era possível —, senhores. Co-eleitores do burgo de Eatanswill. Reunimo-nos hoje aqui no intuito de escolher um representante no lugar do nosso falecido...

A essa altura, uma voz saída da multidão interrompeu o prefeito.

— Viva o prefeito! — gritou a voz. — E que ele nunca desista dos pregos e das caçarolas que fizeram a sua fortuna!

Essa alusão aos misteres profissionais do orador foi recebida com uma tempestade de alegria que, acompanhada de novo concerto de sinos, tornou inaudível o resto do discurso, salvante a sentença final, em que ele agradeceu aos presentes a paciente atenção com que o tinham ouvido até o fim — manifestação de gratidão que provocou nova explosão de alegria, que durou cerca de um quarto de hora.

Em seguida, um cavalheiro alto e magro, entalado numa gravata branca muito dura, depois de ter sido reiteradamente solicitado a “mandar alguém à sua casa, para ver se não esquecera a voz debaixo do travesseiro”, pediu permissão para declinar o nome de uma pessoa conveniente e apropriada para representá-los no Parlamento. E, quando disse que essa pessoa era Horácio Fizkin, Esquire, de Fiskin Lodge, perto de Eatanswill, os fizkinistas aplaudiram e os slumkeynistas resmungaram, tão estrondosa e longamente que, se ele e o agente do candidato tivessem cantado canções cômicas em vez de falar, ninguém teria dado pela coisa.

Tendo os amigos de Horácio Fizkin, Esquire, dado a saída, um homenzinho colérico e rubicundo adiantou-se a fim de apresentar outra pessoa conveniente e apropriada para representá-los no Parlamento; e teria continuado a falar, ininterruptamente, se não fosse demasiado colérico para perceber suficientemente a troça da multidão. Mas, depois de umas poucas sentenças de eloqüência figurativa, pôs-se o rubicundo cavalheiro a ameaçar os interruptores e a trocar desafios com os que se encontravam no tablado; disso nasceu uma

algazarra que o reduziu à necessidade de expressar os seus sentimentos por mímica, o que fez, cedendo, a seguir, a tribuna ao orador encarregado de secundar-lhe a proposta; este pronunciou um discurso escrito de meia hora, e não permitiu que o interrompessem, pois mandara o discurso à *Gazeta do Eatanswill*, e a *Gazeta de Eatanswill* publicara-o na íntegra.

Logo, Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, perto de Eatanswill, apresentou-se a fim de arengar os eleitores; e, logo que ele principiou, a banda contratada pelo *Honourable* Samuel Slumkey começou a tocar muito mais rigorosamente que de manhã; em represália, a multidão Amarela entrou a distribuir pancadas pelas cabeças e ombros da multidão Azul; e esta procurou livrar-se dos seus muito incômodos vizinhos, a multidão Amarela; seguindo-se uma cena de pancadarias, empurrões e lutas, a qual nos é tão difícil descrever quanto o foi ao prefeito reprimir, muito embora desse ordens imperativas a doze oficiais de polícia para que prendessem os cabeças do movimento, que seriam, aproximadamente, uns 250. Durante a refrega, Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, e seus amigos enfureciam-se cada vez mais; até que, por fim, Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, pediu licença para perguntar ao seu adversário, o *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall, se a banda estava tocando com o seu consentimento; e havendo-se o *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall, recusado a responder, Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, brandiu o punho fechado na direção do *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall; em vista disso, começou a ferver o sangue do *Honourable* Samuel Slumkey e este desafiou Horácio Fizkin, Esquire, para um combate mortal. Diante dessa violação de todas as regras e precedentes conhecidos, mandou o prefeito fosse executada outra fantasia ao sino e declarou que mandaria chamar à sua presença assim Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, como o *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall, e obrigá-los a fazerem as pazes. Diante da terrível ameaça, os apoiadores dos dois candidatos intervieram, e, depois de haverem os amigos de cada partido brigado aos pares, durante três quartos de hora, Horácio Fizkin, Esquire, levou a mão ao chapéu, cumprimentando o *Honourable* Samuel Slumkey; o *Honourable* Samuel Slumkey levou a mão ao chapéu, cumprimentando Horácio Fizkin, Esquire; a banda parou; a multidão, em parte, se aquietou; e Horácio Fizkin, Esquire, pode continuar a falar.

Os discursos dos dois candidatos, se bem diferissem em todos os outros sentidos, constituíram belíssimo tributo ao mérito e ao valor dos eleitores de

Eatanswill. Cada qual expressou a opinião de que nunca existira na terra um grupo mais independente, mais esclarecido, mais patriótico, mais nobre e mais desinteressado de homens que o dos que haviam prometido votar nele; cada qual insinuou, manhosamente, que os eleitores do partido adversário eram portadores de certas moléstias imundas e embrutecedoras que os incapacitavam para o exercício das importantes obrigações de que lhes cumpria desincumbir-se. Fizkin declarou-se pronto a fazer o que quer que lhe pedissem; Slumkey confessou-se determinado a não fazer nada que dele exigissem. Ambos disseram que os negócios, as manufaturas, o comércio, a prosperidade de Eatanswill seriam mais caros aos seus corações do que qualquer objeto sobre a terra; e cada qual se julgava autorizado a afirmar, com a máxima confiança, que seria ele o homem eventualmente eleito.

Levantaram-se as mãos; o prefeito decidiu que os votos eram favoráveis ao *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall. Horácio Fizkin, Esquire, de Fizkin Lodge, exigiu um escrutínio e o escrutínio foi, conseqüentemente, decretado. Em seguida, votou-se uma menção de agradecimento ao prefeito pela habilidade com que se houvera na cadeira da presidência; e o prefeito, piamente desejoso de ter uma cadeira em que pudesse evidenciar a sua habilidade (pois ficara em pé durante o tempo todo), agradeceu por sua vez. Tornaram a formar-se os préstitos, rodaram lentamente os carros no meio da multidão, que os apupava ou aclamava, segundo o que lhes ditavam os seus sentimentos ou caprichos.

Durante todo o transcurso dos trabalhos eleitorais, a cidade se mantivera numa febre perpétua de excitação. Tudo se fez na mais liberal e deliciosa das escalas. Os gêneros sujeitos ao imposto de consumo eram notavelmente baratos em todas as tabernas; e padiolas percorriam as ruas para a comodidade dos eleitores que fossem atacados de alguma vertigem temporária — epidemia que se disseminou entre os eleitores de maneira assustadora e sob cuja influência eram vistos amiúde deitados nas calçadas num estado de absoluta insensibilidade. Um pequeno grupo de eleitores ficara sem votar até o último dia. Eram pessoas de cálculo e reflexão, que não tinham sido ainda convencidas pelos argumentos de nenhum dos partidos, embora tivessem tido freqüentes conferências com ambos. Uma hora antes de encerrar-se o escrutínio, o sr. Perker solicitou a honra de uma entrevista particular com esses inteligentes, nobres e patrióticos indivíduos. Foi-lha concedida. Os seus argumentos foram

breves, mas satisfatórios. Dirigiram-se todos, reunidos, ao escrutínio; e, quando saíram, saiu eleito também o *Honourable* Samuel Slumkey, de Slumkey Hall.

CAPÍTULO XIV

EM QUE SE CONTÉM BREVE DESCRIÇÃO DA COMPANHIA REUNIDA NO PAVÃO; E UMA HISTÓRIA CONTADA POR UM CAIXEIRO-VIAJANTE.

É AGRADÁVEL PASSAR DA OBSERVAÇÃO das lutas e tumulto da vida política a contemplação da pacífica tranqüilidade da existência particular. Embora não fosse, em realidade, grande adepto de nenhum dos partidos, achava-se o sr. Pickwick suficientemente inflamado pelo entusiasmo do sr. Pott para aplicar todo o seu tempo e atenção aos sucessos de que o último capítulo apresenta uma descrição, extraída do seu próprio caderno de apontamentos. E, enquanto ele andava assim ocupado, também não se conservava ocioso o sr. Winkle, cujo tempo era todo consagrado a passeios agradáveis e breves excursões pelos campos em companhia da sra. Pott, que nunca deixava, quando se lhe asavam tais ensejos, de buscar alívio à tediosa monotonia de que tão a miúdo se queixava. Estando assim, por conseguinte, completamente familiarizados os dois cavalheiros com a casa do diretor, o sr. Tupman e o sr. Snodgrass tiveram de lançar mão, em grande parte, dos seus próprios recursos. Interessando-se muito pouco pelos negócios públicos, matavam principalmente o tempo com as distrações que lhes podia proporcionar o Pavão, e que se limitavam a uma mesa de bagatela no primeiro andar e a um jogo solitário de malha no pátio dos fundos. Na ciência e na beleza desses dois divertimentos, muito mais abstrusos do que o supõe o comum dos homens, foram gradualmente iniciados pelo sr. Weller, que possuía um perfeito conhecimento deles. Dessarte, se bem estivessem privados em grande parte do conforto e das vantagens da sociedade do sr. Pickwick, ainda assim conseguiram matar o tempo e impedir que lhes pesasse demasiado sobre as mãos.

Era à noite, contudo, que o Pavão apresentava distrações que permitiam aos dois amigos resistir até aos convites do prendado, se bem que insípido, Pott. Era à noite que a “sala comercial” se enchia de um círculo social cujos

caracteres e maneiras o sr. Tupman se deliciava de observar; e cujos ditos e atos o sr. Snodgrass se habituara a anotar.

Muita gente sabe que espécie de lugares são as tais salas comerciais. A do Pavão não diferia fundamentalmente do comum desses lugares; a saber, era uma sala grande e nua, cuja mobília fora, sem dúvida, melhor quando mais nova, com uma espaçosa mesa no centro e uma variedade de outras, menores, espalhadas pelos cantos; um grande sortimento de cadeiras de vários formatos, e um velho tapete turco, que tinha, em relação à sala, o tamanho de um lenço de senhora em relação ao pavimento de uma guarita. As paredes eram guarneçadas de um ou dois grandes mapas; e diversos sobretudos compridos, sovados e grosseiros, com capuzes complicados, pendiam de uma longa fila de cabides, a um dos cantos. Ornamentavam a lareira um tinteiro de pau, em que se via um coto de pena e meio pau de lacre, um itinerário e um almanaque; uma história do condado, menos a capa; e os restos mortais de uma truta encerrados numa redoma de vidro. A atmosfera estava saturada de fumaça, que emprestava uma cor escura a todo o aposento e, principalmente, às cortinas vermelhas, cheias de pó, que cobriam as janelas. No aparador, aglomerava-se variada mistura de artigos diversos, dentre os quais os mais notáveis eram umas galhetas de molho muito escuras, dois ou três chicotes, e outros tantos xales de viagem, uma bandeja com facas e garfos, e a mostarda.

Ali se achavam sentados o sr. Tupman e o sr. Snodgrass na noite que se seguiu ao término das eleições, com vários outros hóspedes temporários da casa, fumando e bebendo.

— Então, meus senhores — disse uma vigorosa e robusta personagem de seus quarenta anos mais ou menos, com um olho só, um olho preto muito brilhante, que piscava com uma jocosa expressão de alegria e bom humor —, à nossa saúde, senhores. Proponho sempre esse brinde à companhia e bebo, intimamente, à saúde de Maria. Hein, Maria?

— Não me amole, catracego — disse a criada, que, sem embargo, não parecia agastada com o cumprimento.

— Não vá embora, Maria — disse o homem de olho preto.

— Não me aborreça, impertinência —olveu a rapariga.

— Não se incomode — exclamou o homem de um olho só dirigindo-se à moça quando esta saía da sala. — Daqui a pouco vou conversar com você. Não fique triste, meu bem. — E pôs-se a executar a tarefa não muito difícil de

piscar para a companhia com o olho solitário, para o entusiástico deleite de uma idosa personagem, de cara suja e cachimbo de barro.

— Estranhas criaturas são as mulheres — disse o homem de cara suja, depois de uma pausa.

— Ah! sem dúvida nenhuma — concordou um dos presentes, muito vermelho, atrás de um charuto.

A este pouquinho de filosofia seguiu-se outra pausa.

— Mas há coisas neste mundo mais esquisitas que as mulheres — disse o homem de olho preto, enchendo lentamente um enorme cachimbo holandês com um cubo de grande capacidade.

— O senhor é casado? — perguntou o homem de cara suja.

— Que eu saiba, não.

— Eu já estava imaginando. — A essa altura, o homem de cara suja teve um acesso de riso, provocado pela sua própria resposta, no que foi acompanhado por outro, de fala mole e plácido semblante, que timbrava sempre em concordar com todos.

— As mulheres, afinal de contas, cavalheiros — sobreveio o entusiástico sr. Snodgrass —, são os grandes arrimos e as grandes consolações de nossa existência.

— Isso é verdade — disse o plácido cavalheiro.

— Quando estão de bom humor — interveio o homem de cara suja.

— E isso também é verdade — acudiu o plácido.

— Repilo a restrição — volveu o sr. Snodgrass, cujos pensamentos se voltavam, rápidos, para Emília Wardle —, repito-a com desdém, com indignação. Mostrem-me o homem que diz alguma coisa contra as mulheres, como mulheres, e eu lhe direi nas fuças que não é homem. — E o sr. Snodgrass, tirando o charuto da boca, deu um murro violento na mesa com o punho fechado.

— Aí está um belo argumento — observou o homem plácido.

— Mas encerra uma afirmação que eu nego — interrompeu o da cara suja.

— E há, sem dúvida, muita verdade também na sua observação, senhor — tornou o plácido cavalheiro.

— À sua saúde — brindou o caixeiro-viajante de um olho só, fazendo um gesto aprovativo na direção do sr. Snodgrass.

O sr. Snodgrass agradeceu o cumprimento.

— Sempre gosto de ouvir uma boa discussão — continuou o caixeiro-viajante —, uma discussão viva como esta; é muito instrutivo; mas esta polêmica a respeito de mulheres fêz-me lembrar de uma história contada por meu tio; e foi precisamente a lembrança dessa história que me levou a dizer que às vezes se encontram coisas mais estranhas do que as mulheres.

— Eu gostaria de ouvi-la — disse o homem vermelho com o charuto.

— Deveras? — foi a única resposta do caixeiro-viajante, que continuou a fumar com suma veemência.

— E eu também — acudiu o sr. Tupman, abrindo a boca pela primeira vez. Ele ansiava sempre por ampliar a sua provisão de experiências.

— O senhor também? Pois nesse caso vou contá-la. Não, não conto. Sei que o senhor não acreditaria — volveu o homem de olho malicioso, fazendo esse órgão parecer mais malicioso ainda.

— Se afirmar que é verdade, acreditarei — prometeu o sr. Tupman.

— Com essa condição, eu lhe conto — replicou o viajante. — Já ouviu falar da grande casa comercial de Bilson e Slum? Mas isso não tem importância, porque faz muito tempo que eles se retiraram dos negócios. Já se passaram oitenta anos, visto que o caso se deu com um viajante dessa casa, muito amigo de meu tio; e meu tio contou-me a história. O nome é esquisito; mas ele costumava chamar-lhe

A HISTÓRIA DO CAIXEIRO-VIAJANTE

e usava contá-la mais ou menos deste jeito:

“Numa tarde de inverno, cerca das 5 horas, quando já principiava a escurecer, um homem poderia ser visto num cabriolé, fustigando o cavalo pela estrada que atravessa as dunas de Marlborough, na direção de Bristol. Digo que poderia ter sido visto, e não o duvido, se a alguém, senão um cego, sucedesse passar pelo caminho; mas o tempo estava tão ruim, e a noite tão fria e chuvosa, que fora de casa só havia água e, assim, prosseguia o viador, aos solavancos, pela estrada deserta e solitária. Se algum caixeiro-viajante daquele tempo tivesse podido avistar o cabriolezinho cinzento de rodas vermelhas, e a égua baia, manhosa e ligeira, que mais parecia produto do cruzamento de uma cavalo de açougueiro com uma poldra do correio, teria sabido imediatamente que só poderia ser Tom Smart, da grande casa de Bilson e Slum, da rua Cateaton, em Londres. Entretanto, como não houvesse caixeiro-viajante nenhum para olhar,

ninguém sabia de nada; e, portanto, Tom Smart, com o seu cabriolé cinzento de rodas vermelhas e a égua manhosa e ligeira continuavam com o seu segredo bem guardado: e ninguém ficou sabendo de coisa nenhuma.

“Há muitos lugares mais agradáveis, até neste feio mundo, que as dunas de Marlborough, quando o vento sopra de rijo: e se os senhores acrescentarem a isso uma noite escura de inverno, uma estrada lamacenta e declivosa, uma chuva, pesada e violenta, e lhes provarem o efeito, a título de experiência, em suas próprias pessoas, compreenderão toda a força deste reparo.

“O vento soprava — não pela estrada abaixo nem pela estrada acima, o que já é bem ruim, mas de lado, atirando a chuva de esguelha, como as linhas que o professor usava traçar nos cadernos de caligrafia, para ensinar os meninos a inclinar a letra. De vez em quando amainava, e o viageiro principiava a iludir-se imaginando que ela, exausta, se deitara, afinal, para dormir, quando a ouvia assobiar e uivar à distância, para galgar, em seguida, as colinas, alongar-se pelas planícies e, reunindo forças e ruídos, à medida que se aproximava, desabar em bátegas pesadas sobre o animal e o homem, fustigando-lhes os ouvidos e introduzindo-lhes o sopro úmido e frio até a medula dos ossos; passava, rápida, por eles, com estrondo ensurdecedor, como a zombar-lhes da fraqueza e triunfalmente consciente da sua força e poder.

“A égua baia seguia, patinando, na lama e na água, as orelhas caídas; abanava, a revezes, a cabeça, como se quisesse expressar o desgosto que lhe causavam os modos pouco gentis dos elementos, mas seguia a bom passo, quando uma rajada, mais furiosa do que as outras, obrigou-a a estacar de repente e firmar as quatro patas no chão, para não ser carregada. E foi bem que o fizesse, pois, se fosse carregada, a égua manhosa era tão leve, o cabriolé era tão leve, e Tom Smart fazia tão pouco peso, que seriam infalivelmente transportados, juntos, aos confins da terra ou até que o vento cessasse; e, em qualquer desses casos, era provável que nem a égua manhosa, nem o cabriolé cinzento de rodas vermelhas, nem Tom Smart voltassem a estar aptos para o serviço.

“— Malditas sejam as minhas suíças e as minhas presilhas — disse Tom Smart. (Tinha, às vêzes, o hábito desagradável de praguejar.) — Malditas sejam as minhas suíças e as minha presilhas — disse Tom. — Assoprado seja eu, se isto não é divertido!

“Os senhores hão de provavelmente perguntar por que, se Tom Smart já fora satisfatoriamente assoprado, expressava o desejo de ser novamente

submetido ao mesmo processo. Não sei explicá-lo, apenas sei que o disse — ou, pelo menos, sempre contou a meu tio que o dissera, o que vem a dar no mesmo.

“— Assoprado seja eu — disse Tom Smart; e a égua relinchou como se fosse precisamente da mesma opinião.

“— Coragem, minha velha — disse Tom, acariciando-lhe o pescoço com a ponta do chicote. — Não adianta continuar numa noite como esta; pousaremos na primeira casa a que chegarmos; por isso, é melhor que você se mexa, pois, quanto mais depressa andar, tanto mais depressa chegaremos.

“— Vamos, minha velha, vamos indo... vamos indo.

“Se a égua manhosa conhecia suficientemente os tons de voz de Tom para compreender-lhe o sentido, ou se tinha mais frio parada do que andando, não sei. Mas posso dizer que mal acabara o amo de falar saltou para a frente, a uma velocidade que sacudia tanto o cabriolé cinzento que se diria que os raios vermelhos das rodas iam mergulhar na lama das dunas; e nem o próprio Tom, apesar de bom condutor, pode refreá-la, até que ela parou, por si mesma, diante de uma estalagem à mão direita da estrada, cerca de um quarto de milha antes do fim das dunas.

“Tom lançou um olhar apressado à parte superior do edifício ao jogar as rédeas para o moço da estrebaria e espetar o chicote na boléia. Era uma casa velha e estranha, construída de fasquias, com travessas como que embutidas, janelas torreadas que se projetavam sobre a estrada, uma porta baixa, encimada de um alpendre escuro, e um par de degraus que era preciso descer, em vez do sistema moderno de degraus que é preciso subir para entrar na casa. Não obstante, possuía um aspecto confortável, pois brilhava uma luz forte e alegre à janela do bar, que projetava um raio muito vivo sobre a estrada e chegava a iluminar a sebe do outro lado; e via-se uma luz vermelha e bruxuleante na janela aposta, ora mal discernível, ora muito forte, através das cortinas descidas, a indicar que flamejava no interior formoso lume. Anotando esses pequenos indícios com olhos de viajante experimentado, Tom apeou com a agilidade que lhe permitiam os membros enregelados e entrou na casa.

“Em menos de cinco minutos viu-se agasalhado na sala fronteira ao bar — na mesma sala onde imaginara que ardia o lume —, diante de um fogo verdadeiro, substancial e ruidoso, composto de pouco menos de 1 alqueire de carvão, e madeira suficiente para formar meia dúzia de groselheiras decentes, empilhada até a metade da chaminé, que rugia e crepitava com um fragor que,

só por si, bastaria a aquecer o coração de qualquer homem razoado. Aquilo era confortável, mas não era tudo, pois uma rapariga bem nutrida, de olhos brilhantes e tornozelo fino, punha uma toalha muito branca sobre a mesa; e, quando se assentou com os pés envolvidos em chinelos no guarda-fogo e as costas voltadas para a porta aberta, vislumbrou uma encantadora perspectiva do bar refletida no espelho que encimava a lareira, com deliciosas fileiras de garrafas verdes e rótulos dourados, ao lado de frascos de escabeches e conservas, e queijos e presuntos cozidos, e pedaços de carne de vaca, arrumados em prateleiras, numa deliciosa e tentadora disposição. Pois bem, isso também era confortável; mas ainda não era tudo — pois no bar, tomando chá à mesinha mais bonita do mundo, perto do luzinho mais brilhante do mundo, estava uma viúva apetitosa, de seus 48 anos mais ou menos, com um rosto tão confortável como o bar, e que era, sem dúvida alguma, a dona da estalagem, a soberana de todas aquelas agradáveis possessões. Uma única coisa havia que perturbava a beleza do quadro: um homem alto — um homem muito alto —, de casaca parda, botões brilhantes de metal, suíças negras, cabelos pretos e ondulados, sentado à mesa da viúva, e que francamente buscava (não era necessária para percebê-lo grande penetração) persuadi-la de que não devia continuar viúva, mas sim conferir-lhe o privilégio de sentar-se naquele bar durante todo o tempo que lhe restasse de vida.

“Tom Smart não era, de forma alguma, irritável ou invejoso de seu natural, mas, como quer que fosse, o homem alto de casaca parda e botões brilhantes de metal agitava nele a pequena dose de bile que havia em sua constituição e fazia-o sentir-se extremamente indignado; sobretudo porque lhe era dado observar, do lugar em que se achava diante do espelho, a troca de certas familiaridades afetuosas entre o homem alto e a viúva, indícios bastantes de que o homem alto era tido pela viúva num conceito tão elevado quanto a sua própria estatura. Tom gostava de ponche quente — abalanço-me a dizer que gostava muito de ponche quente — e, depois de ter visto a égua manhosa bem tratada e alimentada e de haver engolido, até o último bocado, o belo jantarzinho quente que a viúva lhe preparara com as próprias mãos, pediu uma caneca de ponche, a título de experiência. Ora, se alguma coisa havia, em todo o terreno da arte doméstica, que a viúva sabia manufaturar melhor do que tudo, era exatamente o ponche; e a primeira caneca tão bem condisse com o paladar de Tom Smart, que ele pediu uma segunda com a menor demora possível. O ponche quente é uma coisa agradável, cavalheiros — uma coisa extremamente agradável em

quaisquer circunstâncias —, mas numa velha sala asseada, diante de um lume ruidoso, com o vento a zunir lá fora até fazer estalar a última viga do casarão, Tom Smart achou-o perfeitamente delicioso. Pediu outra caneca, depois outra — não tenho muita certeza de que pedisse outra depois dessa, mas quanto mais bebia do ponche quente, mais pensava no homem alto.

“— Maldita seja sua impudência! — disse entre si. — Que tem ele que fazer naquele bar tão limpinho? Um sujeito feio daqueles! Se a viúva tiver um pingo de bom gosto, há de arrumar coisa um pouco melhor. — Nisto transferiram-se-lhe os olhos do espelho sobre a lareira, para a caneca sobre a mesa; e, como se sentisse cada vez mais sentimental, esvaziou a quarta caneca de ponche e pediu uma quinta.

“Tom Smart, cavalheiro, sempre fora muito amigo de tratar com o público. Havia muito tempo que a sua ambição consistia em quedar-se num bar de sua propriedade, com uma casaca verde, calções de veludo e botas de canhão. Afigurava-se-lhe uma grande coisa presidir a banquetes, e pensara muitas vezes na bonita figura que faria numa sala sua, dirigindo a conversação, e no belo exemplo que daria aos fregueses no tocante à bebida. Todas essas coisas lhe acudiam, rápidas, ao espírito, enquanto saboreava o ponche quente ao pé do fogo ruidoso, e sentiu-se muito justa e convenientemente indignado ao ver que o homem alto se achava em tão bom caminho de ter uma casa excelente como aquela, ao passo que ele, Tom, continuava mais longe disso do que nunca. Dessarte, depois de haver pensado, ao beber as duas últimas canecas, se lhe assistiam ou não razões para brigas com o homem alto por haver conciliado as boas graças da apetitosa viúva, Tom Smart chegou, por fim, à satisfatória conclusão de que era um indivíduo muito perseguido e maltratado e que lhe convinha meter-se na cama.

“Por uma escada ampla e antiga, a bela rapariga precedeu Tom, abrigando a vela com a mão, a fim de protegê-la das correntes de ar que, numa casa velha e irregular como aquela, teriam encontrado espaço suficiente para se expandirem sem apagá-la, mas a vela, sem embargo, extinguiu-se, proporcionando, assim, uma oportunidade aos inimigos de Tom para afirmar que ele, e não o vento, a apagara e que, enquanto fingia acendê-la outra vez, aproveitava-se, de fato, para beijar a rapariga. Seja, porém, como for, o caso é que outra luz se acendeu, e Tom foi conduzido através de um labirinto de quartos e corredores ao aposento que lhe fora destinado e onde a criadinha, desejando-lhe boa-noite, deixou-o a sós.

“Era um quarto espaçoso, com grandes alcovas e uma cama em que se poderia ter acomodado uma escola inteira, para não falar em dois enormes guarda-roupas de carvalho, que poderiam guardar toda a bagagem de um pequeno exército; mas o que mais lhe chamou a atenção foi uma cadeira esquisita, de sinistro aspecto, costas altas, talhada de fantástica maneira, com uma almofada estampada de damasco, e com os pés arredondados cuidadosamente envolvidos num pano vermelho, como se tivesse gota nos dedos. De qualquer outra cadeira esquisita, Tom teria dito apenas que era uma cadeira esquisita, e pronto; mas havia naquela o que quer que fosse que ele não sabia identificar, tão estúrdio e diferente era de qualquer outro móvel, que parecia fasciná-lo. Sentou-se diante do lume e, durante meia hora, cravou o olhar na velha cadeira; diabos a levassem, era uma velharia tão esquisita que não conseguia desviar os olhos dela.

“— Bem — disse Tom, despindo-se lentamente e olhando, durante todo o tempo, para a velha cadeira, que se quedava, com misterioso aspecto, à beira do leito —, nunca vi coisa tão engraçada em minha vida. Muito esquisita — ajuntou, singularmente pensativo por efeito do ponche. — Muito esquisita. — Sacudiu a cabeça com ar de profunda sabedoria e tornou a observá-la. Mas, como não compreendesse coisa alguma, enfiou-se na cama, cobriu-se e adormeceu.

“Cerca de meia hora depois acordou, sobressaltado, de um sonho confuso em que havia homens altos e canecas de ponche; e a primeira coisa que se lhe apresentou à imaginação desperta foi a cadeira estapafúrdia.

“— Não tornarei a olhá-la — disse consigo mesmo, e cerrou as pálpebras, buscando persuadir-se de que ia dormir outra vez. Debalde; nada senão cadeiras estrambóticas dançavam-lhe diante dos olhos, esticando as pernas, saltando sobre o dorso umas das outras, e fazendo toda a sorte de peloticas.

“— Tanto me faz ver uma cadeira de verdade como duas ou três coleções completas de cadeiras de mentira — exclamou, retirando a cabeça de baixo das cobertas. Lá estava ela, perfeitamente discernível ao clarão do lume, com a mesma aparência provocante.

“Tom olhou para a cadeira; e, de repente, enquanto olhava para ela, pareceu-lhe presenciar extraordinária alteração. Os entalhes das costas assumiam gradualmente os traços e a expressão de um velho rosto humano encarquilhado; a almofada de damasco se converteu num colete antigo, com bicos; os pés arredondados de madeira transmudaram-se em pés humanos,

envoltos em chinelos vermelhos; e a velha cadeira se tornou semelhante a um velho muito feio, do século anterior, com as mãos nas ilhargas. Tom sentou-se na cama e esfregou os olhos, para afastar a ilusão. Não. A cadeira era, de fato, um velho feio; e o que era pior, o velho piscava para ele.

“Tom era um sujeito valente e destemido e tinha, ainda por cima, cinco canecas de ponche na barriga; dessa maneira, embora se assustasse um pouco de princípio, começou a ficar indignado quando viu o velho piscando e olhando de esconso para ele, com ar tão impudente. Afinal, decidiu que não agüentaria mais; e, como a cara engelhada continuasse a piscar, interpelou-a, muito zangado:

“— Por que diabo está piscando para mim?

“— Porque gosto, Tom Smart — disse a cadeira, ou o velho, como quiserem chamar-lhe. Entretanto, parou de piscar quando Tom lhe falou, e pôs-se a arreganhar os dentes como um macaco decrépito.

“— Como é que você sabe o meu nome, seu cara de quebra-nozes? — inquiriu Tom Smart, algo perturbado, mas fingindo não dar importância ao caso.

“— Vamos, vamos, Tom — disse o velho —, isso não são modos de se tratar o velho Mogno Espanhol. Que diabo, você não poderia tratar-me com menos respeito se eu fosse embutido. — Quando o velho disse isso, assumiu um aspecto de tanta ferocidade, que Tom principiou a ficar com medo.

“— Eu não quis tratá-lo com desrespeito, senhor — disse Tom, mais humilde.

“— Está bem, está bem — voltou o sujeito —, talvez não... talvez não, Tom...

“— Senhor...

“— Sei de tudo a seu respeito, Tom; de tudo. Você é muito pobre, Tom.

“— Sem dúvida nenhuma, senhor — confirmou Tom. — Mas como soube disso?

“— Não importa — disse o velho. — Você é muito amigo de ponche, Tom.

“Tom Smart ia protestar que não provara uma gota desde o seu último aniversário, mas, quando os seus olhos encontraram os do velho, estes lhe pareceram tão maliciosos que ele, corando, embatucou.

“— Tom — continuou o velho —, a viúva é uma mulher muito bonita... hein, Tom? — A essa altura, revirou os olhos, levantou uma das perninhas

descarnadas e pareceu tão inconveniente, que Tom sentiu nojo da sua leveza, ainda mais naquela idade!

“— Eu sou o tutor dela, Tom — disse o velho.

“— Sim? — perguntou Tom Smart.

“— Conheci-lhe a mãe, Tom, e a avó também. Ela gostava muito de mim; fêz-me este colete.

“— Fez?

“— Fez. E estes sapatos também — continuou o velho, erguendo um dos chinelos vermelhos —, mas não fale nisso, Tom. Eu não quisera que soubessem que ela gostava tanto de mim. Pode causar transtornos na família. — Quando o maroto disse isso, tinha um ar tão descarado que, segundo o próprio Tom Smart declarou depois, seria capaz de sentar-se nele sem remorsos.

“— Fui muito querido das mulheres no meu tempo, Tom — continuou o devasso. — Centenas de mulheres bonitas sentaram-se no meu colo, horas e horas a fim. Que é que você diz a isso, hein, seu maganão? — E dispunha-se a narrar mais algumas proezas da sua juventude, quando foi tomado de tão violento acesso de rangidos que não pôde continuar.

“— Bem feito, velho safado — pensou Tom Smart; mas não disse nada.

“— Ah! — tornou o outro. — Isto agora é que me incomoda muito. Estou ficando velho, Tom, e perdi quase todos os meus varões. Sofri também uma operação — introduziram-me nas costas uma peçazinha — e tenho padecido o diabo, Tom.

“— Acredito, senhor — disse Tom Smart.

“— Entretanto — voltou o ancião —, não é isso o que interessa. Tom! Quero que você case com a viúva.

“— Eu, senhor? — exclamou Tom.

“— Você mesmo — disse o velho.

“— Deus lhe abençoe as veneráveis cãs — disse Tom (pois ele ainda conservava, esparsas, algumas crinas) —, Deus lhe abençoe as veneráveis cãs, mas ela não quer saber de mim. — E suspirou, involuntariamente, ao pensar no bar.

“— Não quer? — perguntou o velho com firmeza.

“— Não, não — disse Tom —, outros ventos sopram daquele lado. Um homem alto, desgraçadamente alto, com suíças pretas.

“— Tom — afirmou o velhote —, ela nunca se casará com ele!

“— Não? — contrariou Tom. — Se o senhor tivesse estado no bar, não diria a mesma coisa.

“— Ora, ora — tornou o outro. — Sei de tudo isso.

“— Isso o quê?

“— Isso de beijinhos atrás da porta, e essas coisas, Tom. — E lançou outro olhar impudente, que despertou a cólera de Tom, pois os senhores sabem, cavalheiros, que ouvir um velho, que havia de ter mais compostura, falar nessas coisas, é muito desagradável — é desagradabilíssimo.

“— Sei de tudo isso, Tom — disse o ancião. — Fartei-me de ver essas coisas no meu tempo, e entre pessoas que nem vale a pena nomear; mas afinal de contas, sem nenhum resultado.

“— O senhor deve ter visto coisas extraordinárias — observou Tom, com olhar inquisitivo.

“— Se vi, Tom, se vi! — replicou o sujeito com uma piscadela muito complicada. — Sou o último da família — ajuntou, com um suspiro melancólico.

“— Era família grande? — inquiriu Tom Smart.

“— Éramos doze, Tom — respondeu o outro —, uns sólidos, latagões direitos, bonitos de verdade. Nada como esses abortos modernos: todos com braços, e um polimento, embora eu não devesse dizê-lo, que fazia bem ao coração da gente só de vê-lo.

“— E o que foi feito dos outros, senhor? — indagou Tom Smart.

“O ancião levou a cotovelo aos olhos ao replicar. — Foram-se, Tom, foram-se. Tivemos muito serviço, e nem todos tinham a minha constituição. Apanharam reumatismo nas pernas e nos braços, e foram mandados para as cozinhas, e outros hospitais; e um deles, por excesso de serviço e de maus tratos perdeu completamente o juízo: ficou tão louco, que foi preciso queimá-lo. Uma coisa impressionante, Tom.

“— Terrível! — disse Tom Smart.

“Calou-se o velho por alguns minutos, lutando, aparentemente, com a comoção que o possuía e disse, depois:

“— Mas voltemos ao ponto. Esse homem alto é um aventureiro e um patife. No momento em que se casasse com a viúva, venderia toda a mobília e fugiria. E quais seriam as conseqüências? Ela, desamparada e arruinada, e eu morrendo de frio na loja de algum belchior.

“— Sim, mas...

“— Não me interrompa — atalhou a velho. — De você faço outro conceito, muito diferente: pois sei perfeitamente que, se se estabelecesse numa taberna, não a deixaria enquanto houvesse alguma coisa para beber entre as suas paredes.

“— Fico-lhe muito obrigado pela sua opinião, senhor — disse Tom Smart.

“— Portanto — concluiu o velho, em tom ditatorial — casará com ela, e ele não.

“— E o que é que pode impedi-lo? — indagou Tom, com ansiedade.

“— Esta revelação — replicou o velho. — Ele já é casado.

“— E como poderia prová-lo? — inquiriu Tom, saltando quase para fora da cama.

“O velho ergueu um dos braços da ilharga respectiva e, tendo apontado para um dos guarda-roupas de carvalho, recolocou-a imediatamente na antiga posição.

“— Mal sabe ele — continuou — que no bolso direito de uma calça guardada nesse armário esqueceu uma carta em que lhe suplicam que volte para junto da esposa desconsolada, e dos seis — ouça bem, Tom — dos seis filhos todos pequeninos.

“Quando o velho acabou de pronunciar, solenemente, essas palavras, tornaram-se-lhe os traços cada vez menos distintos e a figura mais imprecisa. Caiu um véu sobre os olhos de Tom Smart. O velho parecia derreter-se gradualmente na cadeira, o colete de damasco converter-se em almofada, os chinelos transformarem-se em pequenas sacos vermelhos de pano. A luz diminuiu mansamente, e Tom Smart, caindo sobre o travesseiro, adormeceu.

“A manhã despertou-o do sono letárgico em que caíra ao sumir-se o velho. Sentou-se na cama e, durante alguns minutos, procurou, em vão, lembrar-se dos sucessos da noite anterior. De repente, acudiram-lhe à memória. Olhou para a cadeira; era, por certo, um móvel esquisito, de aspecto sombrio, mas seria necessária uma imaginação notavelmente engenhosa e viva para descobrir nela qualquer semelhança com um velho.

“— Como vai, meu velhusco? — perguntou. Era mais atrevido à luz do dia — como a maioria dos homens.

“A cadeira permaneceu imóvel e não proferiu uma única palavra.

“— Que dia miserável! — continuou Tom. Não. A cadeira recusava-se a dar prosa.

“— Qual foi o armário que você apontou? Ao menos isso pode dizer-me — insistiu Tom. Pois a cadeira, senhores, muda estava e muda ficou.

“— Como quer que seja, não é muito grande o trabalho de abri-lo — disse Tom, saindo deliberadamente da cama. Dirigiu-se para um dos armários. A chave estava na fechadura; virou-a, e abriu a porta. Lá estava uma calça. Enfiou a mão no bolso e dele retirou exatamente a carta que o velho descrevera!

“— Que coisa esquisita! — observou Tom Smart; olhando primeiro para a cadeira, depois para o armário, depois para a carta e depois para a cadeira outra vez. — Muito esquisita — repetiu. Mas como não visse à sua roda coisa alguma que pudesse diminuir-lhe a esquisitice, achou que poderia vestir-se e liquidar de uma vez o caso do homem alto — a fim de se livrar daquele pesadelo.

“Examinou os quartos por que passou, ao descer, com um olhar inquisitivo de proprietário; pensando em não ser impossível que, dentro em pouco, se tornassem, com os seus pertences, propriedade sua. O homem alto achava-se em pé no barzinho asseado, com as mãos nas costas, perfeitamente à vontade. Sorriu, distraído, para Tom. Um observador casual poderia imaginar que ele o tivesse feito apenas para mostrar os dentes brancos; a Tom, entretanto, afigurou-se que uma idéia de triunfo passava pelo lugar em que deveria estar situado o espírito do homem alto, se ele tivesse algum. Tom riu-lhe na cara; e chamou a estalajadeira.

“— Bom dia, minha senhora — disse, fechando a porta da salinha quando a viúva entrou.

“— Bom dia, senhor — retrucou a viúva. — Que deseja para o almoço?

“Tom refletia no modo por que haveria de entrar no assunto e, por isso, não respondeu.

“— Há um excelente presunto — disse ela — e uma galinha lardeada, fria, que é uma delícia. Mando buscá-los?

“Estas palavras arrancaram Tom às suas reflexões. A sua admiração pela viúva aumentava à proporção que ela falava. Que criatura previdente! Que excelente provisora!

“— Quem é esse cavalheiro que está no bar, minha senhora? — perguntou ele.

“— Chama-se Jenkins, senhor — respondeu a viúva, levemente purpurejada.

“— É um homem alto — disse Tom.

“— É um homem excelente, senhor — replicou a viúva —, e um cavalheiro distintíssimo.

“— Ah! — disse Tom.

“— Deseja mais alguma coisa, senhor? — perguntou a viúva, meio desapontada com os modos de Tom.

“— Desejo, sim, senhora — disse Tom. — Minha prezada senhora, quer ter a bondade de sentar-se um instante?

“A viúva pareceu muito espantada, mas sentou-se, e Tom sentou-se também, ao lado dela. Não sei como foi, cavalheiros — o meu tio costumava, de fato, contar-me que o próprio Tom Smart dizia também não saber como isso aconteceu —, mas o caso é que a palma da mão de Tom caiu sobre o dorso da mão da viúva e lá ficou durante a conversa toda.

“— Minha querida senhora — disse Tom Smart (que sempre soubera ser amável). — Minha querida senhora, a senhora merece um muito excelente marido, merece mesmo.

“— Ora essa, senhor — retrucou a viúva como pôde, pois a maneira empregada por Tom para encetar a conversação era algo insólita, para não dizer pasmosa, se considerarmos o fato de se terem visto pela primeira vez na véspera. — Ora essa, senhor.

“— Não gosto de lisonjear, minha cara senhora — disse Tom Smart. — A senhora merece um marido muito admirável, e, seja ele quem for, há de ser um homem felicíssimo. — Ao dizer isso, os olhos de Tom passaram, insensivelmente, do rosto da viúva para os confortáveis objetos que o cercavam.

“A viúva parecia mais pasmada do que nunca, e fez um esforço para levantar-se. Tom apertou-lhe delicadamente a mão, como se quisesse detê-la, e ela continuou sentada. As viúvas, senhores, não são de ordinário timoratas, usava dizer meu tio.

“— Fico-lhe muito obrigada, senhor, pelo bom conceito em que me tem — disse a apetitosa viúva, meio a rir —, e se eu, alguma vez, tornar a casar-me...

“— Se — exclamou Tom Smart, olhando, muito malicioso, com o rabo direito do olho esquerdo. — Se.

“— Bem — disse a viúva, desatando francamente a rir dessa vez. — Quando eu casar, espero ter um marido tão bom como o que o senhor acaba de descrever.

“— Jenkins, com certeza — acudiu Tom.

“— Ora essa, senhor! — recalcitou a viúva.

“— Oh, não me fale nisso, eu o conheço — disse Tom.

“— Tenho a certeza de que ninguém que o conhece poderá apontar alguma coisa ruim a seu respeito — disse ela, agastando-se com o ar misterioso do interlocutor.

“— Hum! — resmungou Tom Smart.

“A viúva começou a pensar que já era tempo de chorar; sacou, portanto, do lenço e perguntou se Tom queria insultá-la; se julgava ser digno de um cavalheiro difamar, pelas costas, outro cavalheiro; e se tinha alguma coisa para dizer, por que não a dizia ao outro, como homem, em vez de aterrorizar uma pobre e fraca mulher daquele jeito; e assim por diante.

“— Já falarei com ele — disse Tom —, mas quero que a senhora ouça primeiro.

“— O quê? — perguntou a viúva, olhando muito de fito o rosto de Tom.

“— Vou espantá-la — disse Tom, enfiando a mão no bolso.

“— Se é que ele precisa de dinheiro — tornou a viúva —, já sei, e o senhor escusa de incomodar-se.

“— Ora, que tolice! Isso não é nada — replicou Tom Smart. — Eu também preciso de dinheiro. Não é isso.

“— Misericórdia! Mas então o que há de ser? — perguntou a pobre viúva.

“— Não se assuste — atalhou Tom Smart; em seguida, lentamente, sacou da carta e abriu-a. — Promete não gritar? — perguntou, duvidoso.

“— Não grito — replicou a viúva —, deixe-me vê-la.

“— Promete não desmaiar, nem fazer bobagens assim? — volveu Tom.

“— Prometo — retrucou a viúva, com vivacidade.

“— E promete não sair correndo para investir contra ele? — insistiu Tom. — Porque eu vou fazer tudo isso pela senhora; e o melhor, portanto, é a senhora não se incomodar.

“— Está bem, está bem — disse a viúva —, deixe-me vê-la.

“— Eu deixo — replicou Tom Smart; e, com essas palavras, colocou a carta nas mãos da viúva.

“Senhores, ouvi dizer a meu tio que Tom Smart lhe contou que as lamentações da viúva, quando soube daquela revelação, eram de cortar o coração. Ora, o coração de Tom sempre fora muito sensível e, por isso, ficou em pedacinhos. A viúva agitava-se de um lado para o outro, torcendo as mãos.

“— Oh, a traição, a infâmia desse homem! — gemeu ela.

“— Tremendas, minha senhora; mas componha-se — acudiu Tom Smart.

“— Oh, não posso compor-me — gritou a viúva. — Nunca mais encontrarei ninguém que me inspire tão grande amor!

“— Encontrará, sim, minha querida — disse Tom Smart, deixando cair um chuveiro das maiores lágrimas sobre os infortúnios da viúva. Tom Smart, na energia da sua compaixão, colocou o braço à volta da cintura da viúva; e a viúva, no desespero da sua dor, agarrou com força a mão de Tom. Ergueu depois a vista para o rosto de Tom e sorriu-lhe através das lágrimas. Tom abateu os olhos para o dela, e sorriu-lhe também, através das suas.

“Nunca me foi dado verificar, senhores, se Tom beijou ou não beijou a viúva nesse momento. Ele costumava dizer a meu tio que não, mas tenho as minhas dúvidas a respeito. Entre nós, senhores, acredito que sim.

“Como quer que fosse, Tom pôs o homem alto a pontapés para fora de casa, meia hora depois, e, passado um mês, casou com a viúva. E costumava passear pelos arredores com o cabriolé cinzento de rodas vermelhas, e a égua manhosa e ligeira, até abandonar os negócios, muitos anos depois, quando foi para a França com a mulher; e veio então abaixo o casarão.”

— O senhor me permite que lhe pergunte — acudiu o velho, curioso — o que foi feito da cadeira?

— Ora — replicou o caixeiro-viajante de um olho só —, observou-se que ela rangia muito no dia do casamento; mas Tom Smart não sabia, com certeza, se de alegria ou de doença. Mas acreditava que fosse doença, porque ela nunca mais falou.

— E toda a gente acreditou na história, não acreditou? — perguntou o homem de cara suja, tornando a encher o cachimbo.

— Exceto os inimigos de Tom —olveu o caixeiro-viajante. — Alguns disseram que Tom inventara a história toda; e outros disseram que ele, estando bêbado, imaginara, apoderando-se, por engano, da calça do outro antes de ir para a cama. Mas ninguém se incomodava com o que eles diziam.

— Tom afirmou que era tudo verdadeiro?

— Tudo.

— E seu tio?

— Também.

— Haviam de ser uns bons pândegos, os dois — observou o homem de cara suja.

— Se eram! — volveu o caixeiro-viajante. — Dois pândegos de mão cheia.

CAPÍTULO XV

EM QUE SE CONTÉM UM RETRATO FIEL DE DUAS PESSOAS ILUSTRES; E UMA CIRCUNSTANCIADA DESCRIÇÃO DE UM ALMOÇO PÚBLICO EM CASA DELAS; ALMOÇO PÚBLICO ESSE QUE RESULTA NO ENCONTRO DE UM ANTIGO CONHECIDO E NO COMEÇO DE OUTRO CAPÍTULO.

A CONSCIÊNCIA DO SR. PICKWICK atormentava-o um pouco pelo descaso com que tratara os seus amigos hospedados no Pavão; e dispunha-se exatamente a sair à procura deles na terceira manhã depois do encerramento das eleições, quando o seu fiel criado lhe colocou nas mãos um cartão, em que se via gravada a inscrição seguinte:

SRA. LEO HUNTER^[5]
A CAVERNA. EATANSWILL.

— A pessoa está esperando — disse Sam, epigramático.

— É comigo que essa pessoa quer falar — perguntou o sr. Pickwick.

— Ele quer falar com o senhor; e com mais ninguém, como disse o secretário particular do diabo quando foi buscar o doutor Fausto — replicou o sr. Weller.

— Ele. Mas então é um cavalheiro — perguntou o sr. Pickwick.

— Se não for, há de ser uma excelente imitação — tornou o sr. Weller.

— Mas este cartão é de senhora — tornou o sr. Pickwick.

— Mas eu o recebi de um cavalheiro — retrucou Sam —, e ele está esperando na sala de visitas; disse que prefere esperar o dia inteiro a sair sem falar com o senhor.

Ao saber dessa decisão, desceu o sr. Pickwick à sala de visitas, onde encontrou um homem grave, que estremeceu ao vê-lo entrar, e disse, com ar de profundo respeito:

— Sr. Pickwick, se não me engano?

— Sou eu mesmo.

— Conceda-me, senhor, a honra de pegar-lhe na mão. Permita-me apertá-la, senhor — disse o homem grave.

— Certamente — volveu o sr. Pickwick.

O estranho apertou a mão que se lhe estendia e continuou:

— Soubemos da sua fama, senhor. O ruído do seu descobrimento arqueológico chegou aos ouvidos da sra. Leo Hunter — minha esposa, senhor. Eu sou o sr. Leo Hunter — o estranho fez uma pausa, como se esperasse que o sr. Pickwick caísse de costas diante de tamanha revelação; mas, vendo que o outro permanecia perfeitamente calmo, prosseguiu:

— Minha esposa, senhor — a sra. Leo Hunter —, orgulha-se de contar entre os seus conhecidos todos os que se tornaram célebres pelas suas obras e pelos seus talentos. Permita-me, senhor, colocar num lugar conspícuo dessa lista o nome do sr. Pickwick e dos seus consócios do clube que dele deriva o seu nome.

— Folgarei muito, senhor, em conhecer tão distinta senhora — replicou o sr. Pickwick.

— O senhor há de conhecê-la — disse o homem grave. — Amanhã cedo daremos um almoço público, uma *fête champêtre*, para grande número de pessoas célebres pelas suas obras e pelos seus talentos. Conceda à sra. Leo Hunter, senhor, a satisfação de vê-lo na Caverna.

— Com muito prazer — retrucou o sr. Pickwick.

— A sra. Leo Hunter dá muitos desses almoços, senhor — continuou o outro —, “banquetes da razão e eflúvios da alma”,^[6] como observou com sentimento e originalidade o autor de um soneto à sra. Leo Hunter a propósito dos seus almoços.

— Esse também era célebre pelas obras e pelos talentos? — perguntou o sr. Pickwick.

— Era, sim, senhor — retorquiu o homem grave —, todas as relações da sra. Leo Hunter são célebres; é a ambição dela, senhor, não ter outros conhecimentos.

— Nobilíssima ambição — observou Pickwick.

— Quando eu disser à sra. Leo Hunter que esse reparo partiu dos seus lábios, senhor, ela ficará muitíssimo orgulhosa — tornou o homem grave. —

Parece-me que em sua companhia, senhor, viaja um cavalheiro que produziu alguns poemazinhos muito bonitos.

— O meu amigo, o sr. Snodgrass, tem muito gosto para a poesia — redargüiu o sr. Pickwick.

— É como a sra. Leo Hunter, senhor. Ela é louca por poesia. Adora-a; posso dizer que toda a sua alma e todo o seu espírito andam entrelaçados com a poesia. E também produziu algumas peças deliciosas. O senhor talvez lhe conheça a “Ode a uma rã moribunda”.

— Não creio — disse o sr. Pickwick.

— Pois isso me surpreende — volveu o sr. Leo Hunter. — Essa ode fez uma sensação extraordinária. Apareceu assinada com “L” e oito estrelinhas e foi publicada, pela primeira vez, numa revista de senhoras. Começa assim:

“Quanto me custou o ver-te assim caída
De ventre para baixo, sucumbida,
Arquejante, a perder a força e a vida,
Sobre uma tábua chã,
Oh moribunda rã!”

— Lindo — disse o sr. Pickwick.

— Belo — assentiu o sr. Leo Hunter — tão simples!

— Muito — disse o sr. Pickwick.

— O verso seguinte é ainda mais comovente. Quer que o recite?

— Faça-me o favor — disse o sr. Pickwick

— É assim — disse o homem grave, com maior gravidade ainda:

“Demônios, em rapazes disfarçados,
Com bulício e com gritos desalmados,
Atiraram-te um cão aos descampados
Da lagoa louçã,
Oh moribunda rã!”^[7]

— Muito bem expresso — disse o sr. Pickwick.

— É um diamante, senhor — volveu o sr. Leo Hunter —, mas o senhor há de ouvir a sra. Leo Hunter repeti-lo. Só ela pode realçá-la suficientemente. Há de repeti-la, a caráter, senhor, amanhã cedo.

— A caráter!

— Em trajes de Minerva. Esqueceu-me dizer-lhe — será um almoço a fantasia.

— Valha-me Deus — exclamou o sr. Pickwick, relanceando os olhos para a sua própria figura. — Eu não posso...

— Não pode, senhor, não pode? — exclamou o sr. Leo Hunter. — Salomão Lucas, o judeu da rua principal, tem milhares de fantasias. Considere quantas personagens apropriadas podem merecer-lhe a escolha. Platão, Zenão, Epicuro, Pitágoras — todos fundadores de clubes.

— Eu sei — reconveio o sr. Pickwick —, mas como não posso competir com esses grandes homens, também não posso atrever-me a vestir-lhes os trajes.

O homem grave refletiu profundamente, durante alguns segundos, e disse, em seguida:

— Pensando bem, senhor, não sei se a sra. Leo Hunter não teria maior prazer em que os seus convivas pudessem contemplar um cavalheiro tão célebre com o seu fato próprio, em vez de envergar um disfarce. Posso abalançar-me a prometer uma exceção no seu caso, senhor; sim, tenho a certeza de que posso aventurar-me a fazê-lo em nome da sra. Leo Hunter.

— Nesse caso — disse o sr. Pickwick —, terei muito prazer em ir.

— Mas estou tomando o seu tempo, senhor — disse o homem grave, como se a idéia lhe tivesse acudido subitamente ao espírito. — Conheço-lhe o valor. Não quero demorá-lo. Permite-me dizer à sra. Leo Hunter que ela pode confiadamente esperá-los, ao senhor e aos seus ilustres amigos? Bom dia, senhor, orgulho-me de haver contemplado uma personagem tão eminente. Não se mova, senhor; não diga nada. — E, sem dar tempo ao sr. Pickwick para uma admoestação ou uma recusa, o sr. Leo Hunter saiu, compassada e gravemente.

O sr. Pickwick tomou o chapéu e dirigiu-se ao Pavão, mas o sr. Winkle já levara até lá, antes dele, a notícia do almoço à fantasia.

— A sra. Pott também vai — foram as primeiras palavras com que ele saudou o chefe.

— Vai? — perguntou o sr. Pickwick.

— Vestida de Apolo — replicou o sr. Winkle. — Mas Pott fez objeções quanto à túnica.

— E tem razão. Tem muita razão — declarou, enfático, o sr. Pickwick.

— De fato; ela, por isso, vai com um vestido de cetim branco com lantejoulas de ouro.

— Mas então ninguém saberá de que vai vestida, não é verdade? — perguntou o sr. Snodgrass.

— Como não saberá? — repontou o sr. Winkle, indignado. — Todos lhe verão a lira, não verão?

— É verdade; eu havia-me esquecido — concordou o sr. Snodgrass.

— Eu vou de bandido — interrompeu o sr. Tupman.

— Vai de quê? — perguntou o sr. Pickwick, sobressaltando-se.

— De bandido — repetiu mansamente o sr. Tupman.

— O senhor não quer dizer? — perguntou o sr. Pickwick, olhando com solene severidade para o amigo. — O senhor não quer dizer, sr. Tupman, que é sua intenção enfiar-se numa jaqueta de veludo verde, com dois dedos de abas?

— É precisamente essa a minha intenção, senhor — replicou, com calor, o sr. Tupman. — E por que não?

— Porque — respondeu o sr. Pickwick, consideravelmente excitado —, porque o senhor é velho demais.

— Velho demais! — exclamou o sr. Tupman.

— E se ainda faltarem outros motivos de objeção — continuou o sr. Pickwick —, porque é gordo demais.

— Senhor — atalhou o sr. Tupman, com o rosto escarlate. — Isso é um insulto.

— Senhor — replicou o sr. Pickwick, no mesmo tom. — Muito mais insultuosa seria para mim a sua presença numa jaqueta de veludo verde, com dois dedos de abas.

— Senhor — disse o sr. Tupman —, o senhor é um bigorrilhas.

— Senhor — disse o sr. Pickwick —, o senhor é outro!

O sr. Tupman adiantou-se um ou dois passos e olhou fixamente para o sr. Pickwick. O sr. Pickwick devolveu-lhe o olhar, concentrado num foco através dos seus óculos, e articulou um desafio audaz. O sr. Snodgrass e o sr. Winkle olhavam, petrificados diante de uma cena tal entre tais homens.

— Senhor — disse o sr. Tupman, depois de uma breve pausa, falando com voz baixa e profunda —, o senhor me chamou de velho.

— Chamei — disse o sr. Pickwick.

— E de gordo.

— Reitero a acusação.

— E de bigorrilhas.

— É o que o senhor é.

— A minha afeição à sua pessoa — disse o sr. Tupman, com voz trêmula de comoção, ao passo que arregaçava os punhos da camisa — é grande... muito grande... mas dessa mesma pessoa tenho de tirar uma vingança sumária.

— Pois então venha, senhor! — replicou o sr. Pickwick. Estimulado pela valente natureza do diálogo, o homem heróico assumiu uma postura de parálítico, que os dois circunstantes confiadamente supunham ser uma postura de defesa.

— Quê! — exclamou o sr. Snodgrass, recobrando subitamente a faculdade da palavra, de que o privara, momentos antes, a intensidade do assombro, e precipitando-se entre os dois, com o risco iminente de receber na frente um murro de cada um. — Quê! Sr. Pickwick, quando os olhos do mundo estão postos no senhor! Sr. Tupman! Que, como todos nós, é iluminado pelo seu nome imorredouro! Que vergonha, senhores! Que vergonha!

As rugas desabituais que a paixão momentânea havia cavado no franco e límpido semblante do sr. Pickwick desfizeram-se gradualmente, à medida que falava o seu jovem amigo, como os traços de um lápis debaixo da suave influência da borracha. Seu rosto readquiriu a costumeira expressão benigna, antes que o outro terminasse.

— Fui precipitado — disse o sr. Pickwick —, muito precipitado, Tupman; dê-me a sua mão.

A sombra negra deixou o rosto do sr. Tupman quando ele apertou calorosamente a mão do amigo.

— Também fui precipitado — disse ele.

— Não, não — atalhou o sr. Pickwick —, a culpa foi minha. Use a jaqueta de veludo verde.

— Não, não — replicou o sr. Tupman.

— Use, para me obsequiar — insistiu o sr. Pickwick.

— Está bem, nesse caso hei de usá-la — prometeu o sr. Tupman.

Ficou, portanto, combinado que o sr. Tupman, o sr. Winkle e o sr. Snodgrass usariam todas roupas à fantasia. Dessa maneira, o sr. Pickwick foi levado, pelo calor dos seus próprios bons sentimentos, a consentir num projeto que a sua razão repeliria — e dificilmente se poderia conceber ilustração mais notável da sua amabilidade, ainda que os eventos referidos nestas páginas fossem de todo imaginários.

O sr. Leo Hunter não exagerara os recursos do sr. Salomão Lucas. Era extenso o seu guarda-roupa — extensíssimo —, embora não fosse estritamente clássico, nem perfeitamente novo, nem contivesse traje nenhum precisamente à moda de algum século ou de algum período, mas tudo era mais ou menos lantejoulado; e que é que pode ser mais bonito que as lantejoulas? Pode objetar-se que não ficam bem à luz do sol, mas toda a gente sabe que cintilariam se houvesse lâmpadas; e nada pode ser mais claro do que isto; se há quem dê bailes à fantasia durante o dia, e os trajes não tenham exatamente o aspecto que teriam à noite, a culpa é tão-somente de quem dá os bailes, e não pode ser de maneira alguma atribuída às lantejoulas. Tal era o convincente raciocínio do sr. Salomão Lucas; e, influenciados por argumentos semelhantes, o sr. Tupman, o sr. Winkle e o sr. Snodgrass decidiram envergar os trajes que o bom gosto e a experiência os levaram a recomendar como admiravelmente adequados à ocasião.

Alugou-se uma caleça da Estalagem das Armas da Cidade para a acomodação dos pickwickianos, e encomendou-se um coche na mesma cocheira para transportar o sr. e a sra. Pott às propriedades da sra. Leo Hunter, as quais, como delicado agradecimento por haver recebido um convite, predissera confiadamente o sr. Pott na *Gazeta de Eatanswill* que “apresentariam uma cena de vário e deleitoso encantamento... uma deslumbrante cintilação de beleza e de talento... uma pródiga e generosa mostra de hospitalidade... e, acima de tudo, um grau de esplendor suavizado pelo mais requintado bom gosto; um luxo realçado por uma perfeita harmonia e pela mais correta distribuição — que fariam até o fabuloso deslumbramento de *As mil e uma noites* orientais parecer revestido de cores tão lúgubres e tão sombrias como o haveria de ser o espírito da grosseira e atrabiliária criatura que se atrevera a macular, com o veneno da sua inveja, os preparativos feitos pela virtuosa e distintíssima senhora, a cujo altar se oferecia este humilde tributo de admiração”. O trecho derradeiro era um rasgo de contundente sarcasmo contra o *Independente* que, por não ter recebido convite nenhum, procurara, nos últimos quatro números, meter a ridículo a história toda, com o maior dos seus tipos e todos os adjetivos em letras grandes.

Chegou a manhã: era um agradável espetáculo contemplar o sr. Tupman vestido de bandido, com uma jaqueta muito apertada, que parecia uma almofada de alfinetes sobre os seus ombros e sobre as suas costas: a parte superior das pernas comprimida em calção de veludo, e a parte inferior envolta

nas complicadas faixas por que todos os bandidos têm uma especial predileção. Era agradável ver-lhe o semblante engenhoso e franco, adornado de um grande bigode e de riscos fortes de cortiça queimada, emergindo de uma camisa de colarinho aberto; e contemplar-lhe o chapéu em forma de pão de açúcar, decorado de fitas de todas as cores, que ele era obrigado a carregar à altura dos joelhos visto que nenhum veículo fechado conhecido permitiria que alguém o levasse entre a cabeça e o teto. Igualmente divertida e agradável era a aparência do sr. Snodgrass, com calção e capa de cetim azul, meias e sapatos de seda branca, e um elmo grego: que toda a gente sabia (e, se ninguém soubesse, sabia-o o sr. Salomão Lucas) ser o traje habitual, autêntico, cotidiano dos trovadores, desde os primeiros séculos até o seu desaparecimento final da face da terra. Tudo isso era agradável, mas não foi nada comparado aos berros do populacho quando a caleça saiu atrás do coche do sr. Pott, que parou à porta da casa do sr. Pott; e, quando a porta se abriu, mostrou o grande Pott vestido de oficial de justiça russo, com um tremendo *knout* na mão — que tipificava, saborosamente, o grande e severo poder da *Gazeta de Eatanswill*, e as pavorosas chicotadas que ela distribuía aos réus de públicas afrontas.

— Bravo! — berraram o sr. Tupman e o sr. Snodgrass, do corredor, quando vislumbraram a ambulante alegoria.

— Bravo! — ouviu-se gritar, do mesmo corredor, o sr. Pickwick.

— Viva Pott! Viva Pott! — bradou o populacho. Entre essas aclamações, sorrindo com a branda dignidade que constituía prova suficiente de que ele sentia a sua força e sabia como exercê-la, o sr. Pott subiu no coche.

Em seguida, saiu da casa a sra. Pott, que se pareceria muitíssimo com Apolo se não fosse o vestido, conduzida pelo sr. Winkle, que, em seu casaco vermelho, não poderia deixar de ser reconhecido por um caçador, se não apresentasse uma semelhança igual com um estafeta do correio. Por fim apareceu o sr. Pickwick, que os garotos aplaudiram tanto como os outros, provavelmente sob a impressão de que o seu calção e as suas polainas eram remanescentes dos séculos trevosos; e, logo, os dois veículos se dirigiram à casa da sra. Leo Hunter, indo na boléia daquele em que ia seu amo o sr. Weller (que deveria ajudar no serviço).

Todos os homens, mulheres, meninos, meninas e criancinhas, que se haviam reunido para ver os convivas fantasiados, gritaram de prazer e de êxtase quando o sr. Pickwick, com o bandido de um lado e o trovador de outro, se dirigiu solenemente para a entrada. Nunca se ouviram gritos semelhantes aos

que saudaram os esforços do sr. Tupman para colocar na cabeça o chapéu em forma de pão de açúcar a fim de fazer devidamente a sua entrada.

Feitos em magnífica escala, os preparativos justificavam de sobra as proféticas antecipações de Pott sobre o deslumbramento de *As mil e uma noites*, e constituíam, ao mesmo tempo, suficiente desmentido às maldosas declarações do peçonhento *Independente*. O recinto, que tinha mais de 1 acre e um quarto de extensão, estava cheio de gente! Nunca se viu tamanha cintilação de beleza, de elegância e de literatura. Lá estava a jovem que “fazia” poesia na *Gazeta de Eatanswill*, fantasiada de sultana, apoiada ao braço de um jovem que “fazia” crítica no mesmo jornal, e que se enfiara apropriadamente num uniforme de marechal de campo — com exceção das botas. Havia exércitos de engenhos dessa natureza, e qualquer pessoa razoada poderia julgar-se perfeitamente honrada com topá-los. Mas, ainda melhores do que esses, havia meia dúzia de leões vindos de Londres — autores, autores de verdade, que tinham escrito livros inteiros e que depois os haviam publicado, e lá qualquer um poderia vê-los, andando como homens comuns, sorrindo e falando — e dizendo também consideráveis disparates, sem dúvida com a intenção de se tornarem inteligíveis às pessoas comuns que os rodeavam. Além disso, havia uma banda de música com barretinas de papelão; quatro cantores em seus trajes nacionais, e uma dúzia de criados alugados também em seus trajes nacionais — por sinal que bem sujos. E, sobretudo, havia a sra. Leo Hunter, vestida de Minerva, recebendo os convivas e a transbordar de orgulho e satisfação por haver conseguido reunir tão ilustres indivíduos.

— O sr. Pickwick, minha senhora — disse um criado, quando esse cavalheiro se aproximou da deusa presidente, com o chapéu na mão e o bandido e o trovador de cada lado.

— Como! Onde! — exclamou a sra. Leo Hunter, estremeçando, num simulado rapto de surpresa.

— Aqui — disse o sr. Pickwick.

— Será possível que eu tenha a satisfação de contemplar o sr. Pickwick em pessoa? — bradou a sra. Leo Hunter.

— Ele mesmo, minha senhora — replicou o sr. Pickwick, com uma profunda inclinação. — Permita-me que apresente os meus amigos... sr. Tupman... sr. Winkle... sr. Snodgrass... à autora da “Rã moribunda”.

Muito poucas pessoas, além das que já o experimentaram, sabem como é difícil inclinar-se alguém com calção estreito de veludo verde, uma jaqueta

apertada e um chapéu de copa alta; ou com um justilho de cetim azul e meias de seda; ou ainda com ligas e botas de canhão que não foram feitas para quem as usa, e colocadas no indivíduo sem a mais remota referência às relativas dimensões dele e dos trajés. Nunca se contorceu tanto o corpo do sr. Tupman em seus esforços para parecer elegante e gracioso — e nunca se viram tão engenhosas posições como as que apresentavam os amigos fantasiados.

— Sr. Pickwick — disse a sra. Leo Hunter —, o senhor terá de prometer-me que ficará ao meu lado o dia inteiro. Há aqui centenas de pessoas que eu não posso, de forma alguma, deixar de apresentar-lhe.

— É muita bondade sua, minha senhora — retorquiu o sr. Pickwick.

— Em primeiro lugar, aqui estão as minhas filhinhas; eu quase me havia esquecido delas — disse Minerva, apontando sem entusiasmo para duas moças já crescidas, uma das quais teria os seus vinte anos e a outra, um ou dois mais do que ela, e que traziam vestidos de crianças — se a fim de parecerem novas ou de fazerem que a mamãe parecesse mais nova ainda, o sr. Pickwick não nos informa direito.

— São muito bonitas — disse o sr. Pickwick, quando as jovens se afastaram, depois de apresentadas.

— São muito parecidas com a mamãe — disse, majestosamente, o sr. Pott.

— Fique quieto, malvado! — exclamou a sra. Leo Hunter, batendo alegremente com o leque (Minerva de leque!) no braço do diretor.

— Ora essa, minha querida sra. Hunter —olveu o sr. Pott, que era, de ordinário, o trombeteiro oficial da Caverna —, a senhora sabe, quando o seu retrato foi exposto na Academia Real, o ano passado, que toda a gente perguntava se era seu ou de sua filha mais moça; pois eram tão parecidas que não havia estremar uma da outra.

— Bem, mas ainda que isso acontecesse, por que repeti-lo diante de estranhos? — perguntou a sra. Leo Hunter, desferindo outra pancada no leão adormecido da *Gazeta de Eatanswill*.

— Conde, conde — gritou a sra. Leo Hunter a um indivíduo que passava, de suíças grandes e uniforme estrangeiro.

— A senhora me chamou? — perguntou o conde, voltando-se.

— Quero apresentar duas pessoas muito inteligentes uma à outra — disse a sra. Leo Hunter. — Sr. Pickwick, tenho o grande prazer de apresentar-lhe o conde Smorltork. — E ajuntou, num sussurro precipitado, ao ouvido do sr.

Pickwick: — O famoso estrangeiro... reunindo materiais para a sua grande obra sobre a Inglaterra... hum! Conde Smorltork, o sr. Pickwick.

O sr. Pickwick saudou o conde com toda a reverência devida a tão grande homem, e o conde sacou do seu memorando.

— Que diz a senhora, sra. Hunt? — perguntou o conde, sorrindo graciosamente para a extasiada sra. Leo Hunter. — Pig Vig ou Big Vig — como se diz... advogado... hein? Já entendi... é isso mesmo. Big Vig^[8]. — e o conde ia anotar o nome do sr. Pickwick em seu memorando como jurisconsulto, que tirava o seu nome da profissão que exercia quando a sra. Leo Hunter sobreveio.

— Não, não conde — disse ela —, é Pick-wick.

— Ah, já sei — replicou o conde. — Peek é o nome de batismo; Weecks é o sobrenome; bem, muito bem. Peek Weeks. Como vai, Weeks?

— Muito bem, obrigado — replicou o sr. Pickwick com a costumeira afabilidade — Está há muito tempo na Inglaterra?

— Muito... muito tempo... quinze dias... mais ainda.

— E vai demorar-se?

— Uma semana.

— Pois terá, nesse caso, muito que fazer — disse o sr. Pickwick, sorrindo — para reunir todos os materiais de que precisa, nesse espaço de tempo.

— Eh, já estão reunidos — disse o conde.

— Não me diga!

— Estão aqui — acrescentou o conde, batendo significativamente na testa. — Livro grande em casa... cheio de notas... música, pintura, ciência, poesia, política; tudo.

— A palavra política, senhor — sobreveio o sr. Pickwick —, compreende em si mesma um difícil estudo, de não pequena magnitude.

— Ah! — disse o conde, tomando outra vez do seu memorando —, muito bem, belas palavras para começar um capítulo. Capítulo 47. Política. A palavra política surpreende por si mesma. — E lá se foi o reparo do sr. Pickwick para o memorando do conde Smorltork, com as variações e adições sugeridas pela sua fantasia exuberante ou ocasionadas pelo seu imperfeito conhecimento da língua.

— Conde — disse a sra. Leo Hunter.

— Sra. Hunter — respondeu o conde.

— Este é o sr. Snodgrass, amigo do sr. Pickwick, e poeta.

— Espere — exclamou o conde, sacando de novo do seu memorando. — Título, poesia; capítulo, amigos literários; nome; Snowgrass; muito bem. Apresentado a Snowgrass — grande poeta, amigo de Peek Weeks — pela sra. Hunt, que escreveu outro lindo poema... como se chama?... Rã... “A rã moribunda”... muito bem... muitíssimo bem. — E o conde guardou o seu memorando e, com muitas inclinações e agradecimentos, afastou-se, absolutamente convicto de haver feito importantíssimas e valiosíssimas adições à sua provisão de conhecimentos.

— É um homem maravilhoso, o conde Smorltork — disse a sra. Leo Hunter.

— Grande filósofo — disse o sr. Pott.

— Um belo e vigoroso espírito — acrescentou o sr. Snodgrass.

Um coro de circunstantes, associando-se aos louvores ao conde Smorltork, abanou sabiamente as cabeças e girou, unísono: “Muito!”.

Como o entusiasmo pelo conde Smorltork fosse muito grande, os seus louvores teriam sido entoados até o fim da festa se os quatro cantores não se tivessem reunido diante de uma pequena macieira, para dar à cena um aspecto mais pitoresco, e não tivessem começado a cantar as suas canções nacionais, que não deviam ser de execução muito difícil, visto que o grande segredo parecia consistir em três dos cantores grunhirem ao mesmo passo que o último uivava. Concluído o interessante espetáculo no meio dos ruidosos aplausos de todos os presentes, começou incontinenti um rapaz a emaranhar-se entre os varões de uma cadeira, e a pular por cima, e a rastejar por baixo, e a cair com ela, e a fazer tudo, menos sentar-se nela: depois, fez uma gravata com as pernas e amarrou-as à volta do pescoço e logo ilustrou a facilidade com que uma criatura humana pode assumir o aspecto de um sapo enorme — proezas essas que proporcionaram sumo deleite e satisfação aos espectadores reunidos. Em seguida, alteou-se debilmente a voz da sra. Pott, cantando o que a cortesia dos presentes julgou ser uma canção, muito clássica, pois Apolo também era compositor, e os compositores muito raro cantam as próprias músicas ou as músicas alheias. Seguiu-se-lhe a recitação, feita pela sra. Leo Hunter, da sua famosíssima “Ode a uma rã moribunda”, que foi bisada, e teria sido bisada novamente se a maior parte dos convivas, que entendia chegada a hora de comer alguma coisa, não dissesse ser uma vergonha abusar-se da bondade da sra. Hunter. E muito embora a sra. Leo Hunter se mostrasse perfeitamente disposta a recitar a ode outra vez, os seus bondosos e polidos amigos não lho

permitiram de forma alguma; e, tendo sido aberto o bufê, todas as pessoas que já conheciam as festas daquela casa para lá se precipitaram, com a maior presteza possível, pois a sra. Leo Hunter costumava mandar convites para cem e preparar almoço para cinquenta ou, em outras palavras, alimentar apenas os leões muito íntimos, deixando que os animaizinhos menores se arranjassem como pudessem.

— Onde está o sr. Pott? — perguntou a sra. Leo Hunter, ao colocar os ditos leões à sua volta.

— Estou aqui — respondeu o diretor, da mais remota extremidade da sala, muito distante de qualquer esperança alimentícia, a menos que a dona da casa fizesse por ele alguma coisa.

— Não quer vir para cá?

— Ora, não se incomode com ele, por favor — disse a sra. Pott, muito obsequiosa —, a senhora está-se dando a um trabalho muito grande e desnecessário, sra. Hunter. Você está muito bem aí, não está, meu bem?

— Certamente, meu amor — replicou o infeliz Pott, com um sorriso triste. Pobre *knout!* O braço vigoroso que o brandia, com força tão gigantesca, sobre os homens públicos, paralisava-se diante do olhar da imperativa sra. Pott.

A sra. Leo Hunter relanceou, triunfante, o olhar à sua volta. O conde Smorltork, atarefadíssimo, tomava nota do conteúdo dos pratos: o sr. Tupman fazia as honras de uma salada de lagosta a várias leoas, com uma graça que bandido nenhum apresentara até então; o sr. Snodgrass, tendo-se livrado do jovem que se livrava dos livros para a *Gazeta de Eatanswill*, entretinha-se numa discussão apaixonada com a jovem que “fazia” a poesia; e o sr. Pickwick se mostrava universalmente agradável. Nada parecia faltar para completar o círculo seleta, quando o sr. Leo Hunter — cujo encargo, nessas ocasiões, era o de ficar ao pé das portas e entreter as pessoas menos importantes — gritou, de repente:

— Minha querida, aí está o sr. Carlos Fitz-Marshall.

— Finalmente! — exclamou a sra. Leo Hunter. — Com quanta ansiedade eu estava à sua espera. Afastem-se um pouco, por favor, para que o sr. Fitz-Marshall possa passar. Diga ao sr. Fitz-Marshall, meu bem, que venha imediatamente para cá, a fim de ser repreendido pela demora.

— Já vou indo, minha querida senhora — gritou a voz —, o mais depressa que posso... muita gente... sala cheia... difícil... difícilíssimo.

A faca e o garfo do sr. Pickwick caíram-lhe das mãos. Olhou, por cima da mesa, para o sr. Tupman, que deixara cair a sua faca e o seu garfo, e parecia estar prestes a afundar na terra sem prévio aviso.

— Ah! — gritou a voz, ao passo que o seu dono abria caminho entre os últimos 25 turcos, oficiais, cavaleiros e Carlos Segundos que restavam entre ele e a mesa. — Boa prensa... patente de invenção... nem uma ruga no casaco, depois de toda esta espremedura... poderia ter mandado engomar a minha roupa enquanto vinha para cá... ah! ah! que bela idéia... engraçada... passar a roupa em cima do corpo... operação fatigante... muito fatigante.

Com estas palavras entrecortadas, um mancebo vestido de oficial de marinha chegou até a mesa e apresentou, aos pickwickianos estupefatos, a figura e as feições do sr. Alfredo Jingle.

Mal tivera tempo o criminoso de tomar a mão estendida da sra. Leo Hunter, quando os seus olhos encontraram as órbitas indignadas do sr. Pickwick.

— Com a breca! — disse o sr. Jingle. — Esqueci-me inteiramente... não dei ordens ao cocheiro... vou dá-las agora mesmo... voltarei num minuto.

— O criado ou o sr. Hunter poderão fazê-lo num instante, sr. Fitz-Marshall — disse a sra. Leo Hunter.

— Não, não... eu mesmo o farei... não me demoro... volto já — replicou Jingle. E, ditas essas palavras, desapareceu entre a multidão.

— Permita-me que lhe faça uma pergunta, minha senhora — disse o excitado sr. Pickwick, levantando-se da cadeira. — Quem é esse rapaz e onde mora?

— É um cavalheiro de grande fortuna, sr. Pickwick — respondeu a sra. Leo Hunter —, que eu quero muito apresentar-lhe. O conde ficará encantado com ele.

— Sim, sim — disse com precipitação o sr. Pickwick. — A sua residência...

— Na Estalagem do Anjo, em Bury.

— Em Bury?

— Em Bury St. Edmunds, a poucas milhas daqui. Mas, meu caro sr. Pickwick, o senhor não vai deixar-nos agora! Não há de querer sair tão cedo, com certeza!

Mas muito antes que a sra. Leo Hunter tivesse acabado de falar, o sr. Pickwick mergulhara entre a multidão e chegava ao jardim, onde era, pouco

depois, alcançado pelo sr. Tupman, que seguira de perto o amigo.

— Não adianta — disse o sr. Tupman. — Ele já foi.

— Eu sei — tornou o sr. Pickwick —, não vou segui-lo.

— Segui-lo? Aonde? — perguntou o sr. Tupman.

— À Estalagem do Anjo, em Bury — replicou o sr. Pickwick, falando muito depressa. — Como poderemos saber quem é que ele anda enganando por lá? Já enganou, uma vez, um digno homem, e fomos nós a causa inocente do engano. Não há de fazê-lo outra vez, se eu puder impedi-lo; vou desmascará-lo! Onde está o meu criado?

— Aqui estou, senhor — respondeu o sr. Weller, saindo de um canto afastado onde estivera ocupado no exame de uma garrafa de Madeira, que tirara da mesa do almoço uma ou duas horas antes. — Aqui está o seu criado, senhor. Orgulhoso do título, como dizia o Esqueleto Vivo, ao ser apresentado ao público.

— Siga-me instantaneamente — ordenou o sr. Pickwick. — Tupman, se eu ficar em Bury, vocês poderão ir ter comigo, quando eu escrever. Até então, adeus!

Foram inúteis as exortações. O sr. Pickwick estava excitado e a sua resolução tomada. O sr. Tupman voltou para junto dos companheiros: e, uma hora depois, afogava todas as suas lembranças do sr. Alfredo Jingle ou do sr. Carlos Fitz-Marshall numa animada quadrilha e numa garrafa de champanha. A esse tempo, o sr. Pickwick e Sam Weller, encarapitados na imperial de uma diligência, punham, a cada minuto que passava, uma distância menor entre eles e a boa e velha cidade de Bury St. Edmunds.

CAPÍTULO XVI

DEMASIADO AVENTUROSO PARA QUE POSSAMOS RESUMI-LO.

NÃO HÁ, DURANTE O ANO TODO, mês em que a natureza se revista de mais formoso aspecto que o mês de agosto. A primavera tem muitas belezas, e maio é um mês florido e ameno, mas os encantos dessa época do ano são realçados pelo seu contraste com o inverno. Agosto não tem essa vantagem. Chega quando não nos lembramos senão de céus claros, campos verdejantes e flores odorosas — quando a recordação da neve, e do gelo e dos ventos ríspidos já se apagou em nosso espírito tão completamente quanto desapareceu da terra —, e, no entanto, como é agradável essa quadra! Nas searas e pomares ressoa o burburinho do labor; vergam as árvores debaixo dos densos cachos de frutos, que lhe inclinam os ramos para o chão; e o trigo, empilhado em graciosas medas, ou ondulando à passagem da brisa mais leve, como se cortejasse a foice, empresta ao panorama tons de ouro. Uma branda suavidade parece pairar sobre a terra toda; e dir-se-ia que a influência da estação se estende ao próprio carro, cujo lento progresso através dos campos bem ceifados é apenas perceptível para os olhos, pois nenhum som estridente fere os ouvidos.

À proporção que passa o carro celeremente pelos campos e pomares que orlam a estrada, grupos de mulheres e crianças, que empilham as frutas em cestos, ou recolhem as espigas dispersas, cessam por um instante o trabalho e, protegendo o rosto crestado de sol com uma mão ainda mais queimada, fitam nos passageiros o olhar curioso, ao mesmo passo que algum robusto menino, pequeno demais para trabalhar, mas traquinas demais para ficar em casa, escala a borda do cesto em que por segurança o colocam, e esperneia e grita, deliciado. O ceifeiro suspende o seu trabalho e olha, com os braços cruzados, para o veículo que passa; e os cavalos pesados da carreta lançam para os belos animais da diligência um olhar sonolento, que diz com a clareza que pode ter um olhar de cavalo: “Tudo isso é muito bonito de ver-se, mas ir devagar num campo pesado é bem melhor, afinal de contas, do que galopar desse jeito numa estrada poeirenta”. A gente olha para trás, ao dobrar uma curva da estrada. As

mulheres e crianças voltaram ao trabalho; o ceifeiro mais uma vez se inclina sobre a sua tarefa; os cavalos das carretas continuam o seu caminho; e tudo volta a estar em movimento.

A influência de uma cena como esta não deixou de agir sobre o espírito ponderado do sr. Pickwick. Absorvido na resolução que tomara de desmascarar o verdadeiro caráter do nefando Jingle, em qualquer lugar em que este pudesse levar a cabo os seus desígnios fraudulentos, quedara-se, a princípio, taciturno e contemplativo, a matutar nos meios com que melhor poderia realizar os seus propósitos. Gradativamente, contudo, foi-lhe a atenção cada vez mais atraída pelos objetos que o cercavam; e, afinal, o passeio principiou a proporcionar-lhe tanto prazer como se tivesse sido encetado pelo motivo mais agradável do mundo.

— Deliciosa vista, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Mais bonita que as chaminés da cidade — respondeu o sr. Weller, levando a mão ao chapéu.

— Creio que você há de ter visto pouca coisa além de chaminés, tijolos e argamassa em sua vida, Sam — disse o sr. Pickwick, com um sorriso.

— Nem sempre fui engraxate, senhor — tornou o sr. Weller, sacudindo a cabeça. — Também já fui ajudante de carroceiro.

— Quando foi isso? — perguntou o sr. Pickwick.

— Quando me atiraram de ponta cabeça no mundo, para brincar de esconde-esconde com as suas aflições — replicou Sam. — No começo, fui moço de carreiro; depois, de carroceiro, depois, ajudante e, afinal, engraxate. Agora sou criado de um cavalheiro. Ainda hei de ser cavalheiro um dia, com um cachimbo na boca e um caramanchão nos fundos do jardim. Quem sabe? Eu mesmo não ficaria espantado.

— Você é um verdadeiro filósofo, Sam — acudiu o sr. Pickwick.

— Acho que é mal de família, senhor — replicou o sr. Weller. — Meu pai também exerce agora essa profissão. Quando minha madrasta o amofina, ele se põe a assobiar. Ela zanga-se e quebra-lhe o cachimbo; ele sai de casa e compra outro. Ela, então, cai num berreiro e tem acessos nervosos; ele se põe a fumar, tranqüilamente, à espera de que ela torne a si. Isso é filosofia, não é, senhor?

— Se não for, será, pelo menos, um bom sucedâneo dela — replicou o sr. Pickwick, numa gargalhada. — Isso há de ter sido de grande utilidade para você na sua vida errante, Sam.

— De grande utilidade? — exclamou Sam. — Se foi! Depois que fugi do carreiro e antes de trabalhar com o carroceiro, morei quinze dias num quarto sem mobília.

— Num quarto sem mobília? — perguntou o sr. Pickwick.

— Sim; nos arcos da Ponte de Waterloo. Belo dormitório: a menos de dez minutos do centro da cidade; o único defeito que tem é ser muito arejado. Já vi lá coisas bem extraordinárias.

— Eu imagino — tornou o sr. Pickwick, com um ar de considerável interesse.

— Cenas, senhor — continuou o sr. Weller —, que lhe teriam penetrado o coração benevolente e saído do outro lado. Lá não se encontram os mendigos profissionais; esses são mais sabidos. Mendigos moços, homens e mulheres, que ainda não foram bem-sucedidos na profissão, lá se hospedam de vez em quando; mas são, geralmente, as criaturas fracassadas, mortas de fome, sem eira nem beira, que se arrastam pelos cantos escuros daqueles locais solitários — as pobres criaturas que não chegam sequer à corda de 2 *pence*.

— E que vem a ser essa corda de 2 *pence*, Sam? — perguntou o sr. Pickwick.

— A corda de 2 *pence*, senhor — replicou o sr. Weller —, é uma hospedaria barata, em que as camas custam 2 *pence* por noite.

— E por que chamam as camas de cordas? — volveu o sr. Pickwick.

— Bendita seja a sua inocência, senhor, não é isso — replicou Sam. — Quando a senhora e o cavalheiro que dirigem o albergue iniciaram os seus negócios, costumavam fazer as camas no chão; mas isso não deu certo, porque em vez de se contentarem com 2 *pence* de sono, os hóspedes costumavam ficar lá metade do dia. Por isso eles têm agora duas cordas, a seis pés de distância uma da outra, e três do soalho, que atravessam o quarto; e as camas são feitas de tiras de serapilheira, estendidas de través.

— E então? — perguntou o sr. Pickwick.

— Então — prosseguiu o sr. Weller —, as vantagens do plano são patentes. Às 6 horas, todas as manhãs, desprendem-se as cordas numa das extremidades e lá se vão os dorminhocos para o chão. O resultado é que, despertando inteiramente, eles se levantam, muito calmos, e vão embora! Perdão, senhor — atalhou Sam, interrompendo de improviso o loquacíssimo discurso —, mas isto não é Bury St. Edmunds?

— É — respondeu o sr. Pickwick.

A diligência rodou pelas ruas bem pavimentadas de uma bonita cidadezinha, de próspera e asseada aparência, e deteve-se diante de uma grande estalagem, situada numa rua desafogada e ampla, quase defronte da velha abadia.

— E esta — acrescentou o sr. Pickwick, erguendo os olhos — é a Estalagem do Anjo! Apeamos aqui, Sam. Mas é necessária alguma cautela. Mande reservar um gabinete particular e não fale em meu nome. Você sabe.

— Perfeitamente — respondeu o sr. Weller, com uma piscadela de inteligência; e, tendo tirado a mala do sr. Pickwick do cofre traseiro do carro, no qual fora precipitadamente jogada ao pegarem a diligência em Eatanswill, o sr. Weller desapareceu para dar conta do recado. Um gabinete particular foi rapidamente reservado; e nele se introduziu o sr. Pickwick sem maiores delongas.

— Agora, Sam — disse o sr. Pickwick —, a primeira coisa que temos de fazer é...

— Encomendar um jantar, senhor — interveio o sr. Weller. — Já é muito tarde.

— Com efeito, com efeito — disse o sr. Pickwick, consultando o relógio. — Tem razão, Sam.

— E se me permitir um conselho — ajuntou o sr. Weller — eu procuraria, depois, descansar bem a noite toda e só iniciaria as investigações amanhã cedo. Não há nada mais refrigerante que um bom sono, como disse a criada antes de engolir o seu cálice de láudano.

— Acho que você tem razão, Sam — disse o sr. Pickwick. — Mas quero certificar-me primeiro de que ele está nesta casa e de que dela não sairá.

— Deixe isso comigo, senhor — disse Sam. — Deixe-me pedir-lhe um bom jantarzinho, que eu, enquanto isso, farei as minhas indagações; sou capaz de arrancar todos os segredos ao engraxate em cinco minutos, senhor.

— Então vá — disse o sr. Pickwick. E o sr. Weller retirou-se imediatamente.

Meia hora depois achava-se o sr. Pickwick assentado diante de um esplêndido jantar; e três quartos de hora depois voltava o sr. Weller com a notícia de que o sr. Carlos Fitz-Marshall dera ordens para que lhe continuassem a reservar o gabinete particular até o segundo aviso. Ia passar a noite nalguma casa particular da vizinhança, ordenara ao moço da hospedaria que o esperasse e levara consigo o criado.

— Agora, senhor — declarou Sam, ao concluir o relato —, se eu puder falar amanhã cedo com esse criado, ele me contará todos os negócios do patrão.

— Como é que você sabe?

— Benza-o Deus, senhor, todos os criados fazem isso.

— Oh, ah, eu tinha-me esquecido — voltou o sr. Pickwick. — Muito bem.

— O senhor então decidirá o que se há de fazer, e nós agiremos de acordo.

Como este parecesse o melhor arranjo possível, acabaram os dois concordando com ele. O sr. Weller, com licença do amo, retirou-se para passar a noite à sua maneira, e era, pouco depois, eleito, pela voz unânime dos presentes ali reunidos, presidente do botequim, de cujo honroso cargo se desempenhou tão a contento dos freqüentadores, que as suas gargalhadas e os seus rugidos de aplauso chegaram ao quarto de dormir do sr. Pickwick e lhe abreviaram, pelo menos de três horas, o prazo de repouso natural.

Na manhã seguinte, bem cedo, o sr. Weller procurava dispersar todos os remanescentes febris da noitada da véspera, por meio de um banho de chuveiro de meio *penny* (tendo persuadido um jovem cidadão adido ao departamento das cavaliças a esguichar-lhe a bomba no rosto e na cabeça, mediante o oferecimento da sobredita moeda), quando foi atraído pelo aspecto de um rapaz que trajava uma libré cor de amora e que, sentado num banco do pátio, lia o que parecia ser um livro de hinos com ar de profunda abstração, mas que, de vez em quando, deitava um olhar para o indivíduo que estava debaixo da bomba, como se, não obstante, o interessasse a operação.

— Que cara engraçada tem esse sujeito! — pensou o sr. Weller, quando os seus olhos encontraram, pela primeira vez, o olhar do estranho com libré cor de amora, que tinha um rosto grande, chato e feio, os olhos muito encovados, e uma cabeça gigantesca com bastos cabelos negros e lisos. — Que cara engraçada tem esse sujeito! — pensou o sr. Weller; e, tendo pensado isso, continuou a lavar-se e não tornou a pensar no outro.

Mas o homem continuava a olhar do seu livro de hinos para Sam e de Sam para o seu livro de hinos, como se desejasse entabular conversação. De sorte que, por fim, no intuito de dar-lhe uma oportunidade, Sam lhe perguntou com acento familiar:

— Como vai, chefe?

— Folgo em dizer que vou muito bem, senhor — voltou o homem, falando com suma deliberação, e fechando o livro. — E espero que se dê o

mesmo consigo.

— Se eu me sentisse menos parecido com uma garrafa ambulante de aguardente, teria as pernas mais firmes hoje cedo — replicou Sam. — Está hospedado aqui na casa, velho?

O homem com a libré cor de amora respondeu afirmativamente.

— E como foi que não esteve conosco ontem à noite? — perguntou Sam, esfregando o rosto com uma toalha. — Você me parece um bom patusco — esperto como uma truta viva num cesto de cal — ajuntou o sr. Weller em voz baixa.

— Saí ontem de noite com o meu patrão — replicou o estranho.

— Como se chama ele? — perguntou o sr. Weller, muito corado, pela ação conjunta de uma súbita excitação da toalha.

— Fitz-Marshall — disse o homem da libré cor de amora.

— Dê-nos a sua mão — disse o sr. Weller, adiantando-se —, eu gostaria de conhecê-lo. Gosto da sua aparência, meu velho.

— Pois isso é muito estranho — disse o homem da libré cor de amora, com grande simplicidade de maneiras. — Eu gosto tanto da sua que desejei falar consigo desde o primeiro momento em que o vi debaixo da bomba.

— É verdade?

— Dou-lhe a minha palavra. Não é curioso?

— Singularíssimo — respondeu Sam, congratulando-se intimamente pela afabilidade do estranho. — Qual é o seu nome, meu patriarca?

— Job.

— E é um belo nome. Só conheço um sujeito que se chama assim e não tem sobrenome. Qual é o outro nome?

— Trotter — disse o estranho. — E o seu?

Sam lembrou-se da recomendação do amo, e respondeu:

— O meu nome é Walker; o nome do meu patrão é Wilkins. Quer tomar alguma coisinha agora cedo, sr. Trotter?

O sr. Trotter anuiu à agradável proposta; e, tendo enfiado o livro no bolso do casaco, acompanhou o sr. Weller ao bar, onde pouco depois se entretinham ambos em discutir os méritos de uma recreativa composição, formada pela mistura, num vaso de estanho, de certas quantidades de genebra e a fragrante essência do cravo.

— E que espécie de emprego tem você? — perguntou Sam, ao encher, pela segunda vez, o copo do companheiro.

— Mau — tornou Job, lambendo os beijos —, muito mau.

— Não me diga! — retrucou Sam.

— É verdade. E o que é pior ainda é que meu amo vai casar-se.

— Não.

— Vai, sim; e o que é muito pior, é que vai fugir com uma herdeira imensamente rica, que está num internato.

— Que dragão! — observou Sam, tornando a encher o copo do outro. Imagino que seja algum internato nesta cidade, não é?

Ora, se bem a pergunta tivesse sido feita no tom mais descuidado que se possa imaginar, o sr. Job Trotter mostrou, manifestamente, por meio de gestos, que percebera a ansiedade do novo amigo por arrancar-lhe uma resposta. Esvaziou o copo, olhou misteriosamente para o companheiro, piscou os dois olhinhos, um depois do outro, e fez, afinal, um movimento com o braço, como se manejasse uma bomba imaginária, querendo dizer com isso que ele (o sr. Trotter) se considerava como vítima de uma tentativa de ser bombado pelo sr. Samuel Weller.

— Não, não — concluiu o sr. Trotter —, isto não deve ser sabido de ninguém. É um segredo — um grande segredo, sr. Walker.

Ao pronunciar estas palavras, o homem de libré cor de amora virou o copo de cima para baixo, como a lembrar ao companheiro que já não tinha com que dessedentar a sua sede. Sam percebeu a insinuação; e, agradado da maneira por que fora feita, ordenou que enchessem de novo o vaso de estanho, o que fez brilharem os olhinhos do homem de libré cor de amora.

— Quer dizer que é um segredo — insistiu Sam.

— Desconfio que sim — disse o outro, saboreando a bebida com uma expressão complacente.

— O seu patrão deve ser imensamente rico — tornou Sam.

O sr. Trotter sorriu e, segurando o copo com a mão esquerda, bateu com a direita quatro vezes no bolso do calção cor de amora, como se quisesse dar a entender que o patrão poderia ter feito o mesmo sem assustar ninguém com o ruído do seu dinheiro.

— Ah — volveu Sam —, então é assim a história?

O companheiro fez um sinal expressivo.

— Bem, mas você não acha, meu velho — reprochou-lhe Weller — que, se permitir que o seu patrão roube essa menina, você ficará sendo um grandíssimo patife?

— Eu sei — retorquiu Job Trotter, voltando para o companheiro um semblante de profunda contrição, e suspirando levemente. — Eu sei, e é isso que me atormenta o espírito. Mas, que hei de fazer?

— Que há de fazer? — voltou Sam. — Conte tudo à menina e dê o fora no patrão.

— Mas quem acreditaria em mim? — perguntou Job Trotter. — A menina é considerada como o verdadeiro retrato da inocência e da discrição. Ela negaria tudo, e meu amo também. Quem acreditaria em mim? Eu perderia o emprego e ainda seria processado por calúnia, ou coisa que o valha; era isso o que eu ganharia, se fizesse alguma coisa.

— Em parte é verdade — acudiu Sam, ruminando. — Em parte é verdade o que você diz.

— Se eu conhecesse algum cavalheiro respeitável que estivesse disposto a encarregar-se do caso — continuou o sr. Trotter —, poderia ter alguma esperança de impedir a fuga; mas a dificuldade é a mesma, sr. Walker, é a mesma. Não conheço cavalheiro nenhum neste lugar, e ainda que conhecesse, aposto dez contra um que ele não acreditaria na minha história.

— Venha por aqui — disse Sam, dando um salto repentino, e agarrando o homem da libré cor de amora pelo braço. — Vejo que meu amo é o homem que você procura. — E depois de uma pequena resistência da parte de Job Trotter, Sam conduziu o novo amigo aos aposentos do sr. Pickwick, a quem o apresentou, ajuntando um breve sumário do diálogo que acabamos de repetir.

— É muito penoso para mim trair o meu amo, senhor — disse Job Trotter, levando aos olhos um lenço cor-de-rosa de umas 6 polegadas quadradas.

— Ficam-lhe muito bem esses sentimentos — replicou o sr. Pickwick. — Sem embargo, é o seu dever.

— Eu sei que é meu dever, senhor — replicou Job, comovidíssimo.

— Todos deviam cumprir o seu dever, senhor, e eu procuro, humildemente, cumprir o meu; mas é duro trair um patrão, ainda que seja um canalha, quando envergamos uma libré de seu serviço e comemos o pão de sua mesa.

— Você é um excelente sujeito — disse o sr. Pickwick, muito comovido —, um sujeito às direitas.

— Vamos, vamos — interveio Sam, que observara com muita impaciência as lágrimas do sr. Trotter —, acabe de uma vez com essa torneira. Isso não

adianta.

— Sam — acudiu o sr. Pickwick em tom de censura —, pesa-me ver que você guarda tão pouco respeito aos sentimentos deste rapaz.

— Os sentimentos dele são muito bonitos, senhor — replicou o sr. Weller —, e, sendo tão bonitos, é uma lástima que os perca; acho que seria muito preferível que os guardasse na barriga, a deixá-los evaporarem-se na água quente, especialmente quando não adiantam nada. As lágrimas nunca serviram para dar corda a um relógio, nem para fazer funcionar uma máquina de vapor. A próxima vez que você for a uma reunião de fumantes, encha o seu cachimbo com essa reflexão; e, por enquanto, guarde no bolso esse pedaço de pano cor-de-rosa. Não é tão bonito assim que precise andar por aí a sacudi-lo, como se fosse um dançarino de corda.

— O meu criado tem razão — disse o sr. Pickwick, dirigindo-se a Job —, embora a maneira de expressar a sua opinião seja um tanto grosseira e, às vezes, incompreensível.

— De fato, senhor, ele tem muita razão — disse o sr. Trotter —, e eu não tornarei a chorar.

— Muito bem — disse o sr. Pickwick. — E agora, diga-me: onde é esse internato?

— É um edifício grande, velho, de tijolos vermelhos, logo à beira da cidade, senhor — replicou Job Trotter.

— E quando — tornou o sr. Pickwick —, quando deverá ser levado a cabo esse infame projeto — quando deverá realizar-se o rapto?

— Esta noite — replicou Job.

— Esta noite! — exclamou o sr. Pickwick.

— Esta mesma noite, senhor — replicou Job Trotter. — Isso é o que tanto me assusta.

— Devemos tomar imediatas providências — disse o sr. Pickwick. — Falarei imediatamente com a diretora do estabelecimento.

— Perdoe-me, senhor — voltou Job —, mas isso não dará certo.

— Por que não? — perguntou o sr. Pickwick.

— O meu amo é um homem espartíssimo.

— Eu sei que é — disse o sr. Pickwick.

— E ele se introduziu de tal forma no coração da velha — prosseguiu Job — que ela não acreditaria em nada que se dissesse contra ele, ainda que o senhor lhe falasse de joelhos e o jurasse especialmente, porque a sua única

prova é a palavra de um criado; o qual, pelo que ela sabe (e tenho certeza de que meu amo lhe diria isso), foi despedido por alguma falta e faz isso para vingar-se.

— E que se há de fazer, então? — perguntou o sr. Pickwick.

— A única coisa que poderá convencer a velha é surpreendê-lo no ato da fuga, senhor — replicou Job.

— Essas velhas têm a mania de bater com a cabeça nas pedras — observou o sr. Weller entre parênteses.

— Mas isso de surpreendê-lo no ato da fuga seria uma coisa difícilíssima de conseguir-se — objetou o sr. Pickwick.

— Acho que não, senhor — tornou o sr. Trotter, depois de alguns momentos de reflexão. — Acho que se pode fazer isso com muita facilidade.

— Como? — foi a pergunta do sr. Pickwick.

— Ora — volveu o sr. Trotter —, meu amo combinou com as duas criadas que, às 10 horas, nos deixarão entrar, a mim e a ele, na cozinha. Depois que a família se tiver recolhido, sairemos da cozinha, e a menina sairá do quarto. Uma sege estará à nossa espera, e partiremos.

— E então? — perguntou o sr. Pickwick.

— Então, estive pensando que, se o senhor ficasse à espreita, no jardim dos fundos sozinho...

— Sozinho? — atalhou o sr. Pickwick. — Sozinho por quê?

— Eu calculo muito naturalmente — replicou Job — que a velha não gostaria que se fizesse um descobrimento tão desagradável diante de mais pessoas que as estritamente necessárias. E a menina também, senhor. Pense no que ela há de sentir.

— Você tem muita razão — disse o sr. Pickwick. — Essas considerações denotam a sua delicadeza de sentimentos. Continue; tem razão.

— Pois bem, estive pensando que, se o senhor ficasse à espera, sozinho, no jardim dos fundos, e eu o deixasse entrar pela porta do corredor, que abre para ele, exatamente às 11 e meia, chegaria exatamente no instante de ajudar-me a frustrar os desígnios desse malvado que, infortunadamente, me prendeu em suas malhas. — A essa altura o sr. Trotter suspirou profundamente.

— Não se aflija por causa disso — contraveio o sr. Pickwick —, se ele tivesse um grão sequer da delicadeza de sentimentos que o distingue, humilde como é, eu ainda poderia acalentar esperanças a respeito dele.

Job Trotter inclinou-se profundamente; e, a despeito da advertência anterior do sr. Weller, marejaram-se-lhe os olhos novamente de lágrimas.

— Nunca vi um sujeito como esse — disse Sam. — Quero ser mico de circo de cavalinhos se ele não tem uma torneira sempre aberta na cabeça.

— Sam — acudiu o sr. Pickwick, com grande severidade —, cale a boca.

— Muito bem, senhor — replicou o sr. Weller.

— Não me agrada esse plano — disse o sr. Pickwick depois de meditar profundamente. — Por que não poderei comunicar-me com os amigos da menina?

— Porque moram a 100 milhas daqui, senhor — respondeu Job Trotter.

— O argumento é definitivo — disse o sr. Weller.

— E nesse jardim — continuou o sr. Pickwick —, como farei para entrar?

— O muro é muito baixo e o seu criado pode servir de escadinha.

— O meu criado pode servir de escadinha — repetiu Pickwick, mecanicamente. — Você tem a certeza de que estará perto dessa porta de que falou?

— O senhor não poderá enganar-se; é a única que abre para o jardim. Dê uma pancadinha nela quando ouvir o relógio bater e eu lha abrirei imediatamente.

— Não me agrada esse plano — tornou a dizer o sr. Pickwick —, mas como não vejo outro e está em jogo a felicidade da vida inteira dessa menina, tenho de adoptá-lo. Lá estarei sem falta.

Assim, pela segunda vez, os bons sentimentos inatos do sr. Pickwick o envolviam numa empresa de que ele se eximiria da melhor boa vontade.

— Qual é o nome da casa? — perguntou o sr. Pickwick.

— Westgate House, senhor. Vire um pouco à direita quando chegar ao fim da cidade; daí já poderá vê-la, a pouca distância da estrada real, com o nome numa placa de cobre, no portão.

— Eu conheço-a — disse o sr. Pickwick. — Já a observei uma vez, quando estive nesta cidade. Pode confiar em mim.

O sr. Trotter fez nova reverência e virou-se para sair quando o sr. Pickwick lhe enfiou 1 guinéu na mão.

— Você é um bom sujeito — disse o sr. Pickwick —, e eu admiro a bondade do seu coração. Não agradeça. Lembre-se: às 11 horas.

— Não há perigo de que me esqueça — replicou Job Trotter.

Com essas palavras deixou a sala, acompanhado de Sam.

— Boa idéia essa de chorar — disse o último. — Eu seria capaz de chorar como um chuvaireiro, a esse preço. Como é que você faz?

— As minhas lágrimas vêm do coração, sr. Walker — replicou Job, solenemente. — Bom dia, senhor.

— Que sujeito mole! Mas, de qualquer maneira, já arrancamos de você o que queríamos — disse consigo o sr. Weller, ao passo que Job se afastava.

Não podemos precisar a natureza dos pensamentos que passavam pelo espírito do sr. Trotter, porque não os conhecemos.

Passou-se o dia, veio a noite; e, pouco antes das 10 horas, Sam Weller referiu que o sr. Jingle e Job tinham saído juntos, que as suas malas estavam prontas e que haviam encomendado uma diligência. Estava o plano evidentemente em execução, como predissera o sr. Trotter.

Chegaram as 10 e meia e, com elas, o momento de o sr. Pickwick sair também, para desincumbir-se da delicada tarefa. Recusando o sobretudo que Sam lhe oferecia, a fim de que nada lhe estorvasse a escalada do muro, saiu, seguido do criado.

Havia uma Lua brilhante, mas escondida nas nuvens. A noite era bela e seca, mas extraordinariamente escura. Caminhos, sebes, campos, casas e árvores eram cercados de uma treva profunda. Estava a atmosfera pesada e quente, relâmpagos estivais tremeluziam na orla do horizonte, e eram o único espetáculo que diversificava um pouco a sombra opaca em que tudo se achava envolvido — sons não havia, exceto o distante ladrar de algum cão inquieto.

Acharam a casa, leram a inscrição da placa de cobre, deram a volta pelo muro e estacaram diante do trecho que os separava do fundo do jardim.

— Você voltará para a estalagem, Sam, depois de me ajudar — determinou o sr. Pickwick.

— Muito bem, senhor.

— E ficará acordado até que eu volte.

— Certamente, senhor.

— Segure a minha perna; e, quando eu disser “Pronto”, suspenda-me devagarinho.

— Muito bem, senhor.

Concertadas essas preliminares, o sr. Picwkick pôs as mãos em cima do muro, disse “Pronto”, e foi obedecido ao pé da letra. Fosse que o corpo compartilhasse, de certa maneira, da elasticidade do espírito, ou que a idéia do sr. Weller a respeito de um delicado empurrão fosse algo mais violenta que a

descrição do sr. Picwick, o caso é que o efeito imediato do seu auxílio foi atirar aquele imortal cavalheiro por cima do muro; e só depois de haver amassado três groselheiras e uma roseira é que conseguiu levantar-se outra vez.

— Espero que o senhor não se tenha machucado — disse Sam, em voz baixa, logo que voltou a si da surpresa que lhe causara o misterioso desaparecimento do amo.

— Eu não me machuquei, Sam — replicou o sr. Pickwick, do outro lado do muro —, mas acho que você me machucou.

— Espero que não — volveu Sam.

— Não faz mal — disse, erguendo-se, o sr. Pickwick —, uns arranhõezinhos à-toa. Vá embora, que são capazes de ouvir-nos.

— Até logo, senhor.

— Até logo.

Com passos furtivos Sam Weller afastou-se, deixando o sr. Pickwick sozinho no jardim.

Luzes surgiam, de quando em quando, nas diferentes janelas do edificio, ou brilhavam nas escadas, como se os seus habitantes se estivessem recolhendo. Não querendo aproximar-se demasiado da porta, enquanto não soasse a hora aprazada, o sr. Pickwick se acachapou num ângulo do muro, e pôs-se à espreita.

Era uma situação que poderia abater o espírito de muita gente boa. O sr. Pickwick, todavia, não se sentiu abatido nem atemorizado. Sabia que o seu propósito era, afinal de contas, meritório, e depositava implícita confiança nos elevados sentimentos de Job. Aquilo era enfadonho, sem dúvida; para não dizer fatigante; mas um homem contemplativo pode sempre entregar-se às suas meditações. O sr. Pickwick meditou tanto que acabou adormecendo, quando foi despertado pelo carrilhão da igreja vizinha que dava horas — 11 e meia.

— É agora — pensou, erguendo-se cautelosamente em pé. Levantou os olhos para a casa. As luzes tinham desaparecido e os postigos estavam corridos — todos se haviam deitado, sem dúvida alguma. Pé ante pé, caminhou até a porta e bateu de mansinho. Dois ou três minutos se passaram sem resposta, e ele tornou a bater, mais alto; logo, bateu pela terceira vez, mais alto ainda.

Afinal, ouviu-se na escada o ruído de passos, e a luz de uma vela brilhou através da fechadura da porta. Seguiu-se demorado correr de ferrolhos e destrancar de portas e, por fim, a porta se abriu lentamente.

A porta abria-se para fora; e, à proporção que se abria, recuava cada vez mais o sr. Pickwick. E qual não foi a sua surpresa quando, espiando, por

cautela, para ver quem era a pessoa que abria — verificou não ser Job Trotter, mas uma criada com uma vela na mão!

O sr. Pickwick retirou, de novo, a cabeça, com a ligeireza do admirável ator melodramático Punch, quando se encontra à espera do comediante com a caixa de música.

— Com certeza foi o gato, Sara — disse a rapariga, dirigindo-se a alguém que se achava no interior da casa. — Bichano, bichano, bichano... venha cá, venha, venha!

Mas, como animal nenhum fosse atraído por essas blandícias, a rapariga fechou lentamente a porta, e tornou a trancá-la, deixando o sr. Pickwick achatado contra o muro.

— Isto é muito curioso — pensou ele. — Imagino que tenham passado da hora de deitar-se. E por infelicidade minha escolheram precisamente esta noite para velar. — Com estes pensamentos retirou-se, cauto, para o ângulo do muro em que já estivera escondido, à espera do momento que julgasse oportuno repetir o sinal.

Não havia cinco minutos que lá se encontrava quando um vívido relâmpago foi seguido imediatamente do estardalhar de um trovão, que ribombou à distância com terrífico ruído; logo fulgurou outro relâmpago, mais brilhante que o primeiro, acompanhado de segundo trovão, mais ruidoso que o primeiro; e uma carga de água se despencou dos céus com uma força e fúria que arrasava quanto se lhe opunha.

Sabia perfeitamente o sr. Pickwick que uma árvore é um vizinho muito perigoso durante uma tempestade. Tinha uma árvore à direita, uma árvore à esquerda, uma terceira diante dele e uma quarta na retaguarda. Se permanecesse onde estava, poderia ser vitimado por um acidente; se corresse para o meio do jardim, poderia ser entregue a um oficial de polícia: uma ou duas vezes tentou escalar o muro, mas como tivesse, desta feita, somente as pernas de que o provera a natureza, o único resultado dos seus esforços foi infligir aos próprios joelhos e canelas uma variedade de arranhões desagradabilíssimos e ficar num estado de copiosa transpiração.

— Que situação medonha — disse com os seus botões, enquanto fazia uma pausa para enxugar a testa, após o exercício. Ergueu os olhos para a casa — estava tudo escuro. Elas, agora, já deviam estar na cama. Tentaria dar o sinal outra vez.

Caminhou na ponta dos pés sobre o cascalho úmido e bateu à porta. Suspendeu o fôlego e pôs-se a escutar pelo buraco da fechadura. Nenhuma resposta: muito esquisito. Outra pancada. Tornou a escutar. Ouviu-se, de dentro, um murmúrio de vozes e, logo, uma delas gritou:

— Quem está aí?

— Não é Job — pensou o sr. Pickwick, voltando a encostar-se, precipitadamente, na parede. — É uma mulher.

Mal tivera tempo para chegar a essa conclusão, quando se abriu uma janela no andar superior e três ou quatro vozes femininas repetiram a pergunta: — Quem está aí?

O sr. Pickwick não se atrevia a mover nem mãos nem pés. Era manifesto que todo o estabelecimento fora despertado. Decidiu permanecer onde estava até que o alvoroço passasse; e, depois, com sobre-humano esforço, pular o muro ou sucumbir na empresa.

Como todas as resoluções do sr. Pickwick, era esta a melhor que poderia haver tomado naquelas circunstâncias; mas, infelizmente, fundava-se na presunção de que não se atreveriam a abrir a porta outra vez. Qual não foi, portanto, a sua confusão quando ouviu o barulho de trancas e ferrolhos que se abriam e viu abrir-se lentamente a porta, cada vez mais! Retirou-se para o canto, pé ante pé; mas, por mais que fizesse; a interposição da sua própria pessoa impedia que ela se abrisse inteiramente.

— Quem está aí? — gritou um coro numeroso de vozes agudas na escada interior da casa, formado pela diretora solteirona do colégio, três professoras, cinco criadas e trinta pensionistas, todas em trajés menores e com uma floresta de papelotes na cabeça.

Está visto que o sr. Pickwick não disse quem estava lá; e o estribilho do coro então mudou para: “Meu Deus! estou com tanto medo!”.

— Cozinheira — disse a diretora, que tivera o cuidado de ficar no topo da escada, atrás de todas as outras. — Cozinheira, por que não dá uma voltinha no jardim?

— Por favor, senhora, é que eu não gosto — respondeu a cozinheira.

— Meu Deus! Como é estúpida essa cozinheira! — disseram as trinta pensionistas.

— Cozinheira — tornou a diretora, com muita dignidade —, faça o favor de não me responder. Insisto em que dê imediatamente uma espiada no jardim.

Nisto, a cozinheira se pôs a chorar, e uma das criadas declarou que aquilo “era uma vergonha!”, o que lhe valeu ser despedida incontinenti, sem mais formalidades.

— Está ouvindo, cozinheira? —olveu a diretora, batendo, impaciente, com o pé no chão.

— Não ouve a sua patroa, cozinheira? — disseram as três professoras.

— Como é descarada essa cozinheira! — disseram as trinta pensionistas.

A infeliz cozinheira, em vista de tão grande insistência, adiantou-se um ou dois passos e segurando a vela exatamente a uma altura que a impedia de enxergar o que quer que fosse, declarou que lá não havia nada e que deveria ter sido o vento. A porta se achava, por consequência, a ponto de fechar-se, quando uma pensionista curiosa, que estivera espiando por entre os gonzos, despediu um grito pavoroso, que fez recuarem, num ápice, a cozinheira, a criada, e as mais aventureiras.

— Que aconteceu à srta. Smithers? — perguntou a diretora, ao ver que a sobredita srta. Smithers principiava a sofrer uma crise de nervos que valia por quatro.

— Meu Deus do céu! Coitada da srta. Smithers — disseram as 29 outras pensionistas.

— Oh, o homem... o homem... atrás da porta! — berrou a srta. Smithers.

Assim que ouviu esse grito atarrador, recolheu-se a diretora ao próprio quarto, deu duas voltas à chave e desmaiou, confortavelmente. As pensionistas, professoras e criadas caíram para trás na escada, e uma sobre as outras; e nunca se viu tanto gritar, tanto lutar e tanto desmaiar ao mesmo tempo. No meio desse tumulto, saiu o sr. Pickwick do esconderijo e apresentou-se.

— Minhas senhoras... minhas queridas senhoras — principiou o sr. Pickwick.

— Oh, ele nos chamou de queridas — gritou a mais velha e mais feia das professoras. — Que miserável!

— Minhas senhoras — rugiu o sr. Pickwick, desesperado ao compreender o perigo da sua situação. — Ouçam-me. Não sou nenhum ladrão. Eu quero a diretora do colégio.

— Oh, que monstro feroz! — gritou outra professora. — Ele quer a srta. Tomkins.

Ouviu-se então um grito geral.

— Toquem a sineta de alarma! — bradou uma dúzia de vozes.

— Não toquem... não toquem — bramiu o sr. Pickwick. — Olhem para mim. Acham que pareço um ladrão? Minhas queridas senhoras, se quiserem, podem amarrar-me os pés e as mãos, ou fechar-me num gabinete. Quero apenas que ouçam o que tenho para dizer... quero que me ouçam.

— Como foi que o senhor entrou no jardim? — tartamudeou a criada.

— Chamem a diretora, e contarei tudo a ela... tudo — repetiu o sr. Pickwick, com a maior força dos seus pulmões. — Chamem-na... mas fiquem quietas; chamem-na, e saberão de tudo.

Poderia ter sido a aparência do sr. Pickwick, ou poderiam ter sido os seus modos, ou poderia ter sido a tentação — irresistível para um espírito feminino — de ouvir alguma coisa envolvida em mistério, que reduziu a porção mais sensata do estabelecimento (umas quatro pessoas) a um estado de relativa tranqüilidade. Propôs-se então, a fim de experimentar a sinceridade do sr. Pickwick, que ele fosse imediatamente encarcerado; e, havendo esse cavalheiro consentido em manter uma conferência com a srta. Tomkins do interior de um gabinete em que as externas do colégio penduravam as suas toucas e as maletas da merenda, ele apressou-se a entrar, por sua livre e espontânea vontade, no dito gabinete e lá foi cuidadosamente trancado. Isso deu novo alento às outras; e, tendo saído a srta. Tomkins do seu desmaio e do seu quarto, teve início a conferência.

— Que é que você estava fazendo no meu jardim, homem? — perguntou a srta. Tomkins, com voz fraca.

— Vim avisá-la de que uma das suas pensionistas ia fugir hoje à noite — replicou o sr. Pickwick, do interior do gabinete.

— Fugir! — exclamaram a srta. Tomkins, as três professoras, as trinta pensionistas e as cinco criadas. — Com quem?

— Com o seu amigo, sr. Carlos Fitz-Marshall.

— Meu amigo! Eu não conheço essa pessoa.

— Bem; sr. Jingle, então.

— Nunca ouvi esse nome na minha vida.

— Pois então fui enganado, fui iludido — disse o sr. Pickwick. — Fui vítima de uma conspiração — uma vil e baixa conspiração. Mande indagar na Estalagem do Anjo, minha querida senhora, se não me acredita. Mande chamar na Estalagem do Anjo o criado do sr. Pickwick, suplico-lhe, minha senhora.

— Há de ser pessoa séria: tem um criado — disse a srta. Tomkins à professora de cálculo e de escrita.

— Na minha opinião, srta. Tomkins — respondeu a professora de cálculo e de escrita —, o criado é que o tem a ele. Para mim esse homem é louco, srta. Tomkins, e o outro há de ser o enfermeiro.

— Acho que a senhora tem toda a razão, srta. Gwynn — retrucou a srta. Tomkins. — Mande duas criadas à Estalagem do Anjo, para saber, e fiquem as outras aqui, para proteger-nos.

Dessarte, duas criadas foram enviadas à Estalagem do Anjo, à procura do sr. Samuel Weller; e as três restantes ficaram para proteger a srta. Tomkins, as três professoras e as trinta pensionistas. E o sr. Pickwick sentou-se no gabinete, debaixo de uma alameda de maletas, e esperou o regresso das mensageiras, com toda a filosofia e coragem que pode reunir.

Hora e meia se passou antes que elas voltassem e, quando voltaram, o sr. Pickwick reconheceu, além da voz do sr. Samuel Weller, duas outras vozes, que aos ouvidos lhe soaram familiares; mas de quem fossem não lhe foi possível de maneira alguma recordar.

Seguiu-se breve conversação. Abriu-se a porta. O sr. Pickwick saiu do gabinete e encontrou-se na presença de todo o estabelecimento de Westgate House, do sr. Samuel Weller, e do velho Wardle e do seu futuro genro, o sr. Trundle!

— Meu caro amigo — disse o sr. Pickwick adiantando-se e agarrando a mão do sr. Wardle —, meu querido amigo, por favor, pelo amor de Deus, explique a esta senhora a infeliz e tremenda situação em que me encontro. Há de ter sabido de tudo por meu criado; diga, pelo menos, que não sou ladrão nem maluco.

— Eu já disse, meu caro amigo. Já expliquei — retorquiu o sr. Wardle, apertando a mão direita do seu amigo, ao mesmo passo que o sr. Trundle apertava a esquerda.

— E quem quer que diga, ou tenha dito, que é — sobreveio o sr. Weller, adiantando-se — diz o que não é verdade, senão exatamente o contrário, exatamente o reverso. E se houver por aqui alguns homens que o afirmem, terei muito prazer em dar-lhes uma prova assaz convincente de que estão enganados, nesta mesma sala, se as respeitabilíssimas senhoras tiverem a bondade de se retirar, e mandá-los para cá, um de cada vez. — Havendo soltado esse desafio, com grande volubilidade, o sr. Weller bateu, assaz enfaticamente, com o punho fechado de uma das mãos na palma aberta da outra, e piscou, prazenteiro, para a srta. Tomkins, cujo horror ante a suposição

de que fosse possível a presença de homens no recinto do Estabelecimento Westgate para Senhoritas era tão intenso que não se poderia descrever.

Como já tivesse sido parcialmente feita, a explicação do sr. Pickwick não tardou a concluir-se. Mas nem durante a sua volta para casa, em companhia dos amigos, nem depois, sentado diante de um fogo brilhante, ao pé do jantar de que tanto precisava, puderam arrancar-lhe uma única observação. Ele parecia aturdido e pasmado; só uma vez, voltando-se para o sr. Wardle, perguntou:

— Como veio parar aqui?

— Trundle e eu viemos para cá a fim de dar uns tiros no dia em que se abrisse a caça — replicou Wardle. — Chegamos hoje à noite e ficamos surpreendidos quando o seu criado nos disse que o senhor também estava aqui. Mas alegre-me que esteja — disse o velho, batendo-lhe nas costas. — Alegre-me que esteja. Teremos uma boa caçada no primeiro dia, e daremos a Winkle outra oportunidade, hem, meu velho?

O sr. Pickwick não respondeu; nem sequer perguntou pelos amigos de Dingley Dell e, pouco depois, se recolhia, pedindo a Sam que fosse buscar-lhe a vela quando tocasse a campainha.

A campainha soou no momento devido e o sr. Weller apresentou-se.

— Sam — disse o sr. Pickwick, olhando do fundo das cobertas.

— Senhor — acudiu o sr. Weller.

O sr. Pickwick fez uma pausa, e o sr. Weller espevitou a vela.

— Sam — repetiu o sr. Pickwick, como se estivesse fazendo um esforço desesperado.

— Senhor — tornou a dizer o sr. Weller.

— Onde está aquele Trotter?

— Job, senhor?

— É

— Foi embora, senhor.

— Com o patrão, naturalmente?

— Patrão ou amigo, ou seja o que for, foi embora com ele — replicou o sr. Weller. — Bela dupla aquela, senhor.

— Jingle suspeitou do meu propósito, e mandou aquele homem procurá-lo com a tal história, sem dúvida — continuou o sr. Pickwick, meio sufocado.

— Sem dúvida alguma, senhor — replicou o sr. Weller.

— Era tudo mentira, naturalmente?

— Tudo senhor — replicou o sr. Weller. — Tapearam-nos, senhor. O traste é sabido.

— Acho que não nos escapará tão facilmente da próxima vez, não é verdade Sam? — perguntou o sr. Pickwick.

— Acho que não, senhor.

— Onde quer que eu torne a encontrar esse Jingle — exclamou o sr. Pickwick, erguendo-se na cama e amassando o travesseiro com um golpe tremendo —, eu lhe administrarei uma correção pessoal, além de desmascará-lo, como ele o merece. Hei de fazê-lo, ou não me chamarei mais Pickwick.

— E onde quer que eu agarre aquele melancólico indivíduo de cabelos pretos — disse Sam —, se não lhe arrancar dos olhos umas lágrimas de verdade, não me chamarei mais Weller. Boa noite, senhor.

CAPÍTULO XVII

EM QUE SE EVIDENCIA QUE UM ACESSO DE REUMATISMO PODE, EM CERTOS CASOS, OBRAR COMO ESTIMULANTE DO ENGENHO INVENTIVO.

O ORGANISMO DO SR. PICKWICK, embora capaz de suportar uma soma assaz considerável de exercício e de fadiga, não estava à prova de uma combinação de ataques como os que sofrera na noite memorável, referida no capítulo anterior. O sistema de lavar-se à noite, ao ar livre, e de enxugar-se depois num gabinete fechado, é tão perigoso quanto singular. O sr. Pickwick foi acometido de um acesso de reumatismo.

Mas embora as forças físicas do grande homem tivessem sido assim debilitadas, as suas energias mentais conservaram o vigor primitivo. A sua alegria era elástica; o bom humor foi-lhe restituído. Até o vexame resultante da última aventura desvaneceu-se-lhe do espírito; e ele associava-se ao riso franco que qualquer alusão a ela provocava no sr. Wardle, sem cólera e sem enleio. Digo mais. Durante os dois dias em que esteve preso ao leito, Sam foi seu enfermeiro constante. No primeiro, tentou distrair o amo com anedotas e conversação; no segundo, o sr. Pickwick pediu a sua carteira, pena e tinta, e andou ocupado o dia inteiro. No terceiro, sentindo-se capaz de andar pelo quarto, mandou o criado comunicar ao sr. Wardle e ao sr. Trundle que, se quisessem tomar lá o seu vinho, aquela noite, lhe dariam muito prazer. O convite foi aceito de muito boa vontade; e, quando se assentaram, diante do vinho, o sr. Pickwick, muito vermelho, apresentou a historieta seguinte, redigida por ele, durante a sua recente indisposição, segundo as notas que tomara de uma singela narrativa do sr. Weller.

O SACRISTÃO

HISTÓRIA DE UM AMOR VERDADEIRO

“Era uma vez, num vilarejo de província, a uma considerável distância de Londres, um homenzinho chamado Natanael Pipkin, sacristão da cidadezinha, que morava numa casinha na rua principal, a dez minutos de distância da igrejinha: e que se via, todos os dias, dando uma aulazinha aos menininhos. Natanael Pipkin era uma criatura inocente, inofensiva e boa, que tinha um nariz virado para cima e duas pernas viradas para dentro; os olhos vesgos e o andar coxeante; e repartia o seu tempo entre a igreja e a escola, acreditando piamente que não existia, sobre a face da terra, homem mais inteligente do que o cura, sala mais imponente do que a sacristia, ou seminário mais bem dirigido que o seu. Uma vez, e só uma vez em toda a sua vida, Natanael Pipkin vira um bispo — um bispo de verdade, com os braços enfiados em mangas de cambraia e a cabeça enfiada numa peruca. Vira-o andar e ouvira-o falar, durante uma confirmação: e nessa ocasião momentosa de tal maneira se sentiu possuído de reverência e temor, quando o sobredito bispo lhe pousou a mão sobre a cabeça, que desmaiou e foi levado para fora da igreja nos braços do bedel.

“Este fora um grande acontecimento, uma época tremenda na vida de Natanael Pipkin, e o único a perturbar-lhe, até então, a mansa corrente da existência tranqüila, quando lhe sucedeu, num momento de abstração mental, numa linda tarde, erguer os olhos da lousa em que engenhava um tremendo problema de adição composta para um aluno traquinas, e pousá-los de súbito no rosto florido de Maria Lobbs, a única filha do velho Lobbs, o grande seteiro do outro lado da rua. Ora, os olhos do sr. Pipkin já haviam pousado muitas vezes antes no rosto bonito de Maria Lobbs, na igreja e em outros lugares; mas os olhos de Maria Lobbs nunca lhe pareceram tão brilhantes, e as faces de Maria Lobbs nunca lhe pareceram tão rosadas como naquela ocasião. Não é, portanto, muito de pasmar que Natanael Pipkin fosse incapaz de apartar os olhos do rosto da srta. Lobbs; nem é muito de pasmar que a srta. Lobbs, vendo-se esguardada por um rapaz, retirasse a cabeça da janela em que estivera espiando, fechasse a janela e descesse as cortinas; e também não é muito de pasmar que Natanael Pipkin, imediatamente depois, caísse sobre o garotinho travesso e lhe desse uma boa sova, para desafogar-se. Tudo isso era muito natural e nada tinha de pasmoso.

“O que era muito de pasmar, todavia, é que uma pessoa reservada como o sr. Natanael Pipkin, de temperamento nervoso e com reduzidíssimos vencimentos, pudesse, a partir daquele dia, aspirar à mão e ao coração da única filha do velho e colérico Lobbs — do velho Lobbs, o grande seleiro, que

poderia comprar o vilarejo inteiro com uma penada sua, sem que esse dinheiro lhe fizesse falta; o velho Lobbs, que se sabia possuir montes de dinheiro, depositados no banco da cidade mais próxima; o velho Lobbs, que se dizia possuir tesouros incontáveis e inexauríveis, encafuados num cofrezinho de ferro de enorme fechadura, sobre a lareira, na sala dos fundos; o velho Lobbs, que, como toda a gente o sabia de sobra, enfeitava a sua mesa nas ocasiões festivas com um bule, uma leiteira e um açucareiro de prata verdadeira, coisas que, segundo se gloriava ele mesmo, pertenceriam à filha quando esta encontrasse o homem que lhe agradasse. Torno a repetir que era coisa muito de pasmar que Natanael tivesse a temeridade de lançar os olhos naquela direção. Mas o amor é cego; Natanael era vesgo e é possível que essas circunstâncias, reunidas, o impedissem de ver o assunto à sua luz apropriada.

“Ora, se o velho Lobbs tivesse, sequer, a mais remota e distante idéia do estado das afeições de Natanael Pipkin, teria arrasado a escolinha ou arrancado o professor à superfície da terra, ou cometido alguma atrocidade de gênero igualmente feroz e violento; pois era um velho terrível o velho Lobbs quando lhe feriam o orgulho ou esquentavam o sangue. E como praguejava! Tamanhas pragas atravessavam a rua, rolando e estrondejando, quando recriminava a preguiça do esgrouviado aprendiz de pernas finas, que os sapatos de Natanael Pipkin tremiam de horror e os cabelos dos alunos eriçavam-se de medo.

“Pois bem! Dia após dia, quando as aulas se acabavam e partiam os discípulos, sentava-se Natanael Pipkin à janela da frente e, ao passo que fingia ler um livro, lançava olhares de soslaio à procura dos olhos brilhantes de Maria Lobbs: e não se assentava no mesmo lugar, havia muitos dias, quando os olhos brilhantes assomaram a uma janela superior, parecendo profundamente ocupados em ler também. Aquilo era delicioso e alentador para o coração de Natanael Pipkin. Era algo que o fazia sentar-se ali durante horas a fio e olhar para o rostinho bonito quando este abaixava os olhos; mas, quando Maria Lobbs principiava a erguê-los do livro, e arremessar os raios na direção de Natanael Pipkin, o seu prazer e a sua admiração eram ilimitados. Afinal, um dia, sabendo que saíra o velho Lobbs, Natanael Pipkin teve a ousadia de mandar um beijo para Maria Lobbs; e Maria Lobbs, em vez de fechar a janela e descer as cortinas, mandou um beijo para ele e sorriu. Em vista do que, Natanael Pipkin decidiu que haveria de expor sem demora o estado dos seus sentimentos, acontecesse o que acontecesse.

“Um pé mais bonito, um coração mais alegre, um rosto mais risonho, ou um corpo mais esbelto nunca pisaram com tanta leveza a terra por eles enfeitada que os de Maria Lobbs, a filha do velho seleiro. Luzia-lhe nos olhos brilhantes uma centelha travessa que teria alcançado corações muito menos susceptíveis que o de Natanael Pipkin; e havia tanta alegria no seu riso que o mais severo dos misantropos teria sorrido ao ouvi-lo. O próprio Lobbs, no auge da sua ferocidade, não podia resistir aos mimos da filha; e, quando ela e sua prima Kate — uma pessoazinha maliciosa, descarada e feiticeira — atacavam juntas o velho, como, a falar verdade, o faziam a miúdo, ele não lhes podia recusar coisa alguma, ainda que lhe pedissem uma parte dos incontáveis e inexauríveis tesouros, escondidos no cofrezinho de ferro.

“O coração de Natanael Pipkin entrou a pulsar com força quando viu o irresistível par a algumas centenas de jardas à sua frente, num entardecer de verão, no mesmo campo em que ele vagara muitas vezes, até cair a noite, pensando na beleza de Maria Lobbs. Mas, embora tivesse imaginado, nessas ocasiões, a vivacidade com que se dirigiria a Maria Lobbs e lhe diria da sua paixão, se pudesse ao menos encontrá-la, sentia agora, que a tinha inesperadamente à sua frente, o sangue todo do corpo subir-lhe à cabeça, em manifesto detrimento de suas pernas, que, privadas da sua porção habitual, tremiam debaixo dele. Quando as meninas paravam para apanhar uma flor, ou ouvir um passarinho, Natanael Pipkin parava também, e fingia absorver-se em meditações, como, de fato, sucedia; pois pensava no que haveria de fazer quando elas se voltassem, o que viriam inevitavelmente a fazer, e topassem cara a cara com ele. Mas, embora tivesse medo de aproximar-se delas, não podia perdê-las de vista; por isso, quando andavam mais depressa, andava também mais depressa; quando diminuía o passo, diminuía o seu; quando paravam, parava também; e assim poderiam ter continuado, até que anoitecesse de todo, se Kate não tivesse olhado dissimuladamente para trás e não o tivesse animado, por meio de sinais, a adiantar-se. Havia o que quer que fosse de irresistível nos modos de Kate e, por conseguinte, Natanael Pipkin aceitou o convite; e, depois de muito purpurejar-se o rapaz e de muito rir a maliciosa priminha, Natanael Pipkin ajoelhou-se sobre a relva úmida e declarou-se decidido a lá ficar para sempre a não ser que lhe permitissem erguer-se como o namorado oficial de Maria Lobbs. Diante disso, o riso alegre de Maria Lobbs soou pela tarde serena — embora não parecesse perturbá-la, pois tinha um som tão agradável! — e a priminha maliciosa riu mais imoderadamente do que antes, e

Natanael Pipkin corou mais profundamente do que nunca. Por fim, instada pelo homenzinho consumido de amor, Maria Lobbs voltou a cabeça e pediu, num sussurro, à prima que dissesse, ou disse a prima sem que lho pedissem, que se sentia muito honrada pelos galanteios do sr. Pipkin; que a sua mão e o seu coração estavam à disposição de seu pai; mas que ninguém poderia ser insensível aos méritos do sr. Pipkin. Como tudo isso foi dito com muita gravidade, e como Natanael Pipkin voltou para casa com Maria Lobbs e tentou furtar-lhe um beijo ao despedir-se, recolheu-se felicíssimo e sonhou a noite inteira com abrandar o velho Lobbs, abrir-lhe o cofre e casar com Maria.

“No dia seguinte, Natanael Pipkin viu sair o velho Lobbs em seu cavaleiro ruço e, depois de muitos sinais da janela, feitos pela priminha maliciosa, que ele não conseguiu entender, o esgrouviado aprendiz de pernas finas atravessou a rua para dizer que o amo não voltaria aquela noite e que as senhoras esperavam o sr. Pipkin para o chá, às 6 em ponto. De que maneira correram as lições aquele dia, nem Natanael Pipkin, nem os seus alunos souberam melhor do que os senhores; mas acabaram sendo dadas e, depois que os meninos se foram, Natanael Pipkin ficou até as 6 horas a arrumar-se a contento. Não que perdesse muito tempo na escolha das roupas que haveria de usar, visto que não havia possibilidades de escolha; mas o colocá-las da maneira mais vantajosa para si e o prepará-las constituíam para ele difícilíssima e importantíssima tarefa.

“Havia uma garrida sociedadezinha, constituída de Maria Lobbs e sua prima Kate, e três ou quatro mal-educadas, bem-humoradas e vermelhas raparigas. Natanael Pipkin pode então verificar pessoalmente que os rumores sobre os tesouros do velho Lobbs não eram exagerados. Lá estavam o bule, a leiteira e o açucareiro de prata sólida e verdadeira, sobre a mesa, colherinhas também de prata verdadeira, para mexer o chá, chávenas de verdadeira porcelana para beber o chá, e pratos da mesma, para neles se colocarem bolos e torradas. O único desmancha-prazeres de toda a festa era outro primo de Maria Lobbs, irmão de Kate, a quem Maria Lobbs chamava Henrique e que parecia monopolizá-la, num dos cantos da mesa. É uma coisa deliciosa ver tratarem-se com afeto os membros de uma família, mas esse afeto pode ser levado muito longe, e Natanael Pipkin não podia menos de pensar que Maria Lobbs havia de gostar entranhadamente dos parentes se os tratasse a todos como tratava aquele primo. Depois do chá, quando a maliciosa priminha propôs que se jogasse a cabra-cega, sucedia, de uma forma ou de outra, que Natanael Pipkin tinha quase sempre os olhos vendados e, toda a vez que encontrava o primo, tinha a

certeza de que Maria Lobbs não devia andar muito longe. E muito embora a maliciosa priminha e as outras raparigas o beliscassem, puxassem-lhe os cabelos, atirassem-lhe cadeiras no caminho e fizessem muitas outras graças deste gênero, Maria Lobbs nunca parecia aproximar-se dele; e de uma feita — uma vez — Natanael Pipkin quase juraria ter ouvido o ruído de um beijo, seguido de um leve reproche de Maria Lobbs e do riso reprimido das amigas. Tudo aquilo era esquisito — muito esquisito — e ninguém sabe o que Natanael Pipkin teria feito ou não, em consequência disso, se os seus pensamentos não tivessem sido subitamente dirigidos em outro sentido.

“As circunstâncias que lhe dirigiram os pensamentos em outro sentido foram umas violentas pancadas à porta da rua, e a pessoa que dava essas pancadas à porta da rua não era senão o velho Lobbs, que voltara inesperadamente e martelava a porta como um fabricante de caixões: pois queria a sua ceia. Assim que a assustadora notícia foi comunicada pelo esgrouviado aprendiz de pernas finas, as meninas fugiram, escada acima, para o quarto de Maria Lobbs, e o primo e Natanael Pipkin foram enfiados em dois gabinetes que davam para a sala de estar, à falta de melhor esconderijo; e depois de Maria Lobbs e a maliciosa priminha terem-nos fechado e arrumado a sala, abriram a porta da rua para o velho Lobbs, que não cessara de bater.

“Ora, aconteceu infortunadamente que, estando esfomeado, o velho Lobbs estava também monstruosamente mal-humorado. Natanael Pipkin ouviu-o resmungar como um velho mastim com dor de garganta; e, toda a vez que o desventurado aprendiz de pernas finas entrava na sala, o velho Lobbs se punha infalivelmente a praguejar contra ele de uma forma eminentemente sarracênica e feroz, embora o seu único objetivo parecesse ser apenas desafogar as entranhas por meio da descarga de algumas pragas a mais. Finalmente, uma ceia, que estivera sendo aquecida, foi colocada sobre a mesa, e o velho Lobbs se pôs a ela com a disposição habitual; e, tendo-a liquidado em pouco tempo, beijou a filha e pediu o cachimbo.

“A natureza colocara os joelhos de Natanael Pipkin numa íntima justaposição, mas quando ouviu o velho Lobbs exigir o cachimbo, principiaram a entrechocar-se como se devessem pulverizar-se mutuamente; pois, seguro em dois ganchos, no mesmo gabinete em que ele se encontrava, pendia enorme cachimbo de haste escura e cubo de prata, que ele mesmo vira na boca do velho Lobbs, regularmente, todas as tardes e todas as noites, durante os últimos cinco anos. As duas meninas subiram à procura do cachimbo, desceram à procura do

cachimbo, e procuraram o cachimbo em toda parte, exceto no lugar em que o sabiam guardado, ao mesmo passo que o velho Lobbs fazia o mais maravilhoso dos estardalhaços. Afinal, lembrou-se o velho do gabinete e para lá se encaminhou. De nada adiantava que um homenzinho como Natanael Pipkin puxasse a porta para dentro quando um vigoroso homenzarrão como o velho Lobbs a puxava para fora. O velho Lobbs escancarou-a, com um arranco, e deparou-se-lhe, no interior do gabinete, em pé, a figura de Natanael Pipkin, toda trêmula de medo. Misericórdia! Que pavoroso olhar lhe deitou o velho Lobbs, ao puxá-lo pelo colarinho, com o braço estendido.

“— Com seiscentos diabos! — Que é que você está fazendo aqui? — perguntou o velho Lobbs com voz furibunda.

“Natanael Pipkin não pôde responder, de sorte que o velho Lobbs entrou a sacudi-lo para a frente e para trás, durante dois ou três minutos, como se quisesse ordenar-lhe, por ele, as idéias.

“— Que é que você está fazendo aqui? — rugiu Lobbs. — Com certeza veio por causa de minha filha?

“O velho Lobbs disse isso apenas por ironia; pois não acreditava que a presunção humana pudesse levar Natanael Pipkin tão longe. Qual não foi, portanto, a sua indignação quando o pobre homem replicou:

“— É verdade, sr. Lobbs. Vim aqui por causa de sua filha. Eu a amo, sr. Lobbs.

“— Oh, seu canalha ranhoso, seu cara torta, seu piolhento — rugiu, ofegante, o velho Lobbs, paralisado pela atroz confissão. — Que é que você quer dizer com isso? Dizer-me em rosto uma coisa dessas! Macacos me mordam se eu não o esganar!

“Não é, de forma alguma, improvável que o velho Lobbs tivesse levado a feito a ameaça, naquele excesso de raiva, se não lhe detivesse o braço uma aparição assaz inesperada, a saber, o primo que, saindo do seu gabinete e aproximando-se, disse:

“— Não posso permitir que esta inocente criatura, convidada a vir aqui por uma brincadeira de meninas, assumo tão nobremente a responsabilidade de uma falta (se é que falta existe) de que sou eu o culpado, e que estou pronto a confessar. Eu amo sua filha, senhor, e estou aqui, propositadamente, para encontrar-me com ela.

“O velho Lobbs esbugalhou os olhos, mas não tanto como Natanael Pipkin.

“— Você veio? — perguntou Lobbs, depois de recobrar o fôlego.

“— Vim.

“— E eu, há muito tempo, lhe proibi a entrada nesta casa.

“— Proibiu, pois, do contrário, eu não teria vindo, clandestinamente, esta noite.

“Lamento dizer isso a respeito do velho Lobbs, mas acho que ele teria esmurrado o primo se a linda filha, com os olhos brilhantes marejados de lágrimas, não se lhe tivesse agarrado ao braço.

“— Não o detenha, Maria — disse o rapaz. — Se ele tem vontade de me bater, deixe-o. Eu não tocaria num fio dos seus cabelos nem por todas as riquezas do mundo.

“O velho abaixou os olhos ao ouvir o reproche, e eles encontraram-se com os da filha. Já insinuei umas duas ou três vezes que estes últimos eram muito brilhantes e, embora toldados de lágrimas, a sua influência não diminuía, de forma alguma. O velho Lobbs desviou o rosto, como se quisesse evitar ser persuadido por eles quando (assim o quis a fortuna) encontrou o rosto da maliciosa priminha, que, a um tempo receosa pela sorte do irmão e achando muita graça na situação de Natanael Pipkin, apresentava tão feiticeiro semblante, realçado por uns longes de malícia, que teria conquistado o homem que o contemplasse, velho ou moço. Ela enfiou o braço cariciosamente pelo do velho e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido; e, apesar dos pesares, o velho Lobbs não pode deixar de sorrir, ao passo que uma lágrima lhe deslizava, ao mesmo tempo, pelo rosto.

“Cinco minutos depois, desciam as meninas do quarto, muito risonhas e envergonhadas; e, enquanto os moços tratavam de sentir-se perfeitamente felizes, o velho Lobbs obteve o seu cachimbo e fumou-o; e uma notável circunstância relativa àquele cachimbo foi que lhe pareceu ser o mais reconfortante e delicioso que já fumara em toda a sua vida.

“Natanael Pipkin achou melhor guardar o seu segredo e, dessa maneira, elevou-se gradualmente no conceito do velho Lobbs que, com o tempo, o ensinou a fumar também; e eles costumavam sentar-se no jardim nas tardes serenas, muitos anos depois, fumando e bebendo com suma dignidade. Natanael não tardou a curar-se dos efeitos da sua afeição, pois lhe encontramos o nome nos registros da paróquia, como testemunha do casamento de Maria Lobbs com o primo; e parece também, segundo outros documentos, que, na noite das bodas, ele dormiu na cadeia da cidade, por haver cometido, num

estado de extrema embriaguez, diversos excessos nas ruas, em todos os quais teve por auxiliar e cúmplice o esgrouviado aprendiz de pernas finas.”

CAPÍTULO XVIII

QUE ILUSTRA BREVEMENTE DOIS PONTOS; PRIMEIRO, O PODER DO HISTERISMO, E, SEGUNDO, A FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS.

NOS DOIS DIAS SEGUINTEs ao almoço em casa da sra. Hunter, ficaram os pickwickianos em Eatanswill, esperando, ansiosos, a chegada de alguma notícia do venerado chefe. O sr. Tupman e o sr. Snodgrass viram-se de novo entregues aos próprios recursos para se distraírem; pois, acedendo a um instantíssimo convite, continuou o sr. Winkle residindo em casa do sr. Pott e a dedicar o seu tempo à companhia da amável esposa. Nem lhes faltava, para completar-lhes a felicidade, a presença ocasional do próprio sr. Pott. Profundamente imerso nas suas intensas especulações pelo bem público e pela destruição do *Independente*, não tinha por hábito esse grande homem descer do seu pináculo mental ao modesto nível dos espíritos comuns. Nessa ocasião, todavia, como se quisesse prestar uma especial homenagem a um prosélito do sr. Pickwick, inclinou-se, muito amável, desceu do pedestal e pôs-se a caminhar sobre a terra: apropriando, benévolo, os seus reparos à compreensão do rebainho humano e parecendo, se não em espírito, pelo menos exteriormente, fazer parte dele.

Tendo sido esta a norma de proceder do célebre personagem público em relação ao sr. Winkle, poder-se-á prontamente imaginar a considerável surpresa que se estampou no semblante deste último no dia em que, sentado sozinho na sala de almoço, viu abrir-se rapidamente a porta, e fechar-se com a mesma rapidez, após a entrada do sr. Pott, o qual, dirigindo-se, majestoso, para ele, e repelindo a mão que lhe era oferecida, rangeu os dentes, como para tornar mais cortantes as palavras que ia proferir, e exclamou, com voz que lembrava uma serra:

— Serpente!

— Senhor! — volveu o sr. Winkle, erguendo-se, com um estremecimento, da cadeira.

— Serpente, senhor — repetiu o sr. Pott, levantando a voz e abaixando-a, de improviso. — Eu disse serpente, senhor. Entenda-o como puder.

Quando a gente se despede de um homem, às 2 horas da madrugada, nos mais amistosos termos, e torna a encontrá-lo, no dia seguinte, às 9 e meia, para ser chamado por ele de serpente, não é desarrazoado concluir que sucedeu, nesse meio tempo, alguma coisa desagradável. Assim pensou o sr. Winkle. Devolvendo o olhar de pedra do sr. Pott e acedendo ao convite desse cavalheiro, forcejou por entender como podia a história da “serpente”. Não entendeu, porém, coisa nenhuma; por conseguinte, depois de profundo silêncio de alguns minutos, exclamou:

— Serpente, senhor! Serpente, sr. Pott! Que quer dizer com isso? Há de ser, por força, uma brincadeira.

— Brincadeira! — revidou o sr. Pott, com um movimento da mão que indicava um vigoroso desejo de arremessar a chaleira de metal inglês à cabeça do visitante. — Brincadeira, senhor! Não, serei calmo; serei calmo, senhor. — E, para provar o que dizia, atirou-se a uma cadeira, com a boca a espumar.

— Meu caro senhor — interpôs-se o sr. Winkle.

— Caro senhor! — replicou o sr. Pott. — Como se atreve a chamar-me caro senhor? Como se atreve a fazê-lo nas minhas fuças?

— Bem, senhor, se é assim — respondeu o sr. Winkle —, como se atreve a chamar-me serpente nas minhas fuças?

— Porque o senhor é uma serpente — retrucou o sr. Pott.

— Prove-o, senhor — volveu o sr. Winkle, impetuoso. — Prove-o.

Tornou-se carrancudo o semblante profundo do diretor ao tirar do bolso o *Independente* daquele dia; e, indicando com o dedo determinado parágrafo, atirou o jornal, por cima da mesa, ao sr. Winkle.

Este apanhou-o e leu o que segue:

“O nosso obscuro e imundo contemporâneo, em algumas nojentas observações sobre a recente eleição neste burgo, teve o descaro de violar o sacratíssimo santuário da vida particular e referir-se, de maneira insofismável, aos negócios pessoais do nosso ex-candidato — ou melhor, apesar da sua injusta derrota, do nosso futuro representante, o sr. Fizkin. Que quer dizer o nosso pusilânime contemporâneo? Que diria o canalha se nós, desprezando, como ele, as conveniências sociais, levantássemos a cortina que afortunadamente oculta a sua vida particular do ridículo geral, para não dizermos da geral execração? Que diria ele se apontássemos e comentássemos

fatos e circunstâncias publicamente notórios, sabidos de todos, exceto do nosso cego contemporâneo — que diria ele se imprimíssemos o seguinte desabafo, que nos chegou às mãos, enquanto escrevíamos o princípio deste artigo, de parte de um talentoso concidadão e correspondente!

VERSOS A UM POTE DE COBRE

“Oh! Pott! se soubesses
“Que ela era das refeces,
“Quando ouviste na boda os sinos tinkle, tinkle:
“Farias, com certeza
“O que hoje bem te pesa
“De não poder fazer: dá-la em presente a *****”^[2]

— Que é, maroto — perguntou, solene, o sr. Pott —, que é que rima com *tinkle*?

— Que é que rima com *tinkle*? — disse a sra. Pott, cuja entrada, naquele instante, antecipou a resposta. — Que é que rima com *tinkle*? Winkle, ora essa! — E, dizendo isso, a sra. Pott sorriu, muito meiga, para o conturbado pickwickiano, e estendeu-lhe a mão. O agitado mancebo tê-la-ia apertado, na sua confusão, se Pott, indignado, não se interpusesse.

— Para trás, senhora, para trás! — disse o diretor. — Apertar-lhe a mão nas minhas fuças!

— Sr. P! — volveu a pasmada senhora.

— Mulher desgraçada, veja isto — exclamou o marido. — Veja isto, senhora: “Versos a um pote de cobre”. “Pote de cobre” sou eu, senhora. “Se soubesses que ela era das refeces”: isto é consigo, senhora, é consigo. — Com esta ebulição de cólera, não desacompanhada de algo semelhante a uma espécie de tremor, diante da expressão da esposa, o sr. Pott atirou-lhe aos pés o número do dia do *Independente de Eatanswill*.

— Francamente, senhor — disse a atônita sra. Pott, inclinando-se para apanhar o jornal. — Francamente, senhor!

O sr. Pott encolheu-se debaixo do olhar desdenhoso da mulher. Fizera um esforço desesperado para reunir toda a sua coragem, mas em vão.

Não parece haver, quando lidas, nada de muito tremendo nestas duas palavras, “Francamente, senhor”; mas o tom de voz em que foram proferidas e

o olhar que as acompanhou, parecendo aludir a alguma vingança suspensa sobre a cabeça do diretor, fizeram o seu efeito. O mais inesperto dos observadores poderia distinguir no perturbado semblante do marido o fortíssimo desejo de resignar as suas botas Wellington em favor de qualquer substituto eficiente que consentisse em meter-se nelas naquele instante.

A sra. Pott leu o parágrafo, despediu um grito e arrojou-se a fio comprido sobre o tapete da lareira, gritando e batendo com os saltos no chão, de maneira que não deixava dúvidas quanto à propriedade dos seus sentimentos.

— Minha querida — acudiu o petrificado Pott —, eu não disse que acreditava... eu... — Mas a voz do infeliz foi abafada pelos gritos da companheira.

— Sra. Port, minha querida senhora, permita-me suplicar-lhe que se acalme — sobreveio o sr. Winkle; mas os gritos e o bater de pés tornaram-se ainda mais fortes e freqüentes.

— Minha querida — disse o sr. Pott —, estou penalizadíssimo. Se você não quer pensar na sua saúde, pense em mim. Daqui a pouco teremos uma multidão à volta da casa. — Mas quanto mais vivas eram as instâncias do marido, tanto mais veementes eram os gritos da esposa.

Muito afortunadamente, porém, tinha a sra. Pott uma guarda-costas, jovem cujas funções ostensivas consistiam em ajudá-la a tocar-se, mas que era útil de várias maneiras, sobretudo no especial mister de auxiliar e instigar a ama, constantemente, a satisfazer todos os desejos e inclinações opostas à vontade do infeliz Pott. Os gritos chegaram aos ouvidos da jovem no seu devido tempo, e levaram-na à sala com uma velocidade que ameaçou prejudicar-lhe, materialmente, o complicadíssimo arranjo da touca e dos cabelos.

— Oh, minha querida senhora! — exclamou a guarda-costas, ajoelhando-se, frenética, à beira da prostrada sra. Pott. — Oh, minha querida senhora, que aconteceu?

— O seu patrão... o bruto do seu patrão — murmurou a paciente.

Pott fraquejava, manifestamente.

— Que vergonha! — disse a guarda-costas em tom de censura. — Eu sei que ele a acabará matando, minha senhora. Pobrezinha!

Pott fraquejou ainda mais. Os adversários prosseguiram no ataque.

— Oh, não me deixe... não me deixe, Goodwin — murmurou a sra. Pott, agarrando o pulso da dita Goodwin num repente histérico. — Você é a única pessoa que me quer bem, Goodwin.

Diante desse comovente apelo, Goodwin montou, de sua parte, uma tragediazinha doméstica e derramou grande cópia de lágrimas.

— Nunca, minha senhora, nunca — disse Goodwin. — O senhor deveria ter mais cuidado, sr. Pott; deveria ser mais prudente; não sabe o mal que pode fazer à senhora; ainda há de arrepender-se um dia... Eu sempre disse isso.

O infeliz Pott fitou nela umidamente os olhos, mas não disse nada.

— Goodwin — tornou a sra. Pott, com meiguice.

— Senhora — acudiu Goodwin.

— Se você soubesse como já amei esse homem...

— Não se aflija pensando nessas coisas, minha senhora — disse a guardacostas.

Pott parecia assustadíssimo. Já era tempo de liquidá-lo.

— E agora — soluçou a sra. Pott —, agora, depois de tudo isso, ser tratada desta maneira; ser censurada e insultada na presença de um terceiro, um terceiro que é quase um estranho. Mas não o admitirei! Goodwin — continuou a sra. Pott, levantando-se nos braços da aia —, meu irmão, o tenente, há de intervir. Quero separar-me, Goodwin!

— Será muito bem-feito, minha senhora — disse Goodwin.

Fossem quais fossem as idéias que a ameaça da separação pudesse despertar no espírito do sr. Pott, ele não as expressou; mas contentou-se em dizer, com grande humildade:

— Minha querida, não quer ouvir-me?

Uma nova descarga de soluços foi a única resposta, à proporção que a sra. Pott se tornava mais e mais histérica, e pedia que lhe informassem por que havia nascido, além de solicitar diversas outras informações do mesmo jaez.

— Minha querida — queixou-se o sr. Pott —, não se entregue a esses sentimentos exaltados. Nunca me passou pela cabeça que o tal parágrafo tivesse algum fundamento; impossível! Eu estava apenas zangado, meu bem... Digo mais, furioso... com o pessoal do *Independente* por haver inserido isso; foi só isso. — E o sr. Pott lançou um suplicante olhar à causa inocente do desastre, como a implorar-lhe que nada dissesse a respeito da serpente.

— E quais são os passos que o senhor pretende dar a fim de obter reparação? — perguntou o sr. Winkle, recobrando a coragem à medida que via o outro perdê-la.

— Oh, Goodwin — observou a sra. Pott —, será que ele pretende dar uma surra de chicote no diretor do *Independente*? Será isso, Goodwin?

— Psiu, psiu, minha senhora; não se aflija — replicou a guarda-costas. — Acho que sim, se a senhora o quiser.

— Certamente — sobreveio Pott, vendo que a mulher apresentava decididos sintomas de nova crise. — Está visto que sim.

— Quando, Goodwin, quando? — perguntou a sra. Pott, que ainda não decidira se devia sofrer ou não a nova crise.

— Imediatamente, é claro — disse o sr. Pott —, antes que o dia se acabe.

— Oh, Goodwin — continuou a sra. Pott —, é a única maneira de enfrentar o escândalo e não me desgraçar na sociedade.

— Naturalmente, senhora — tornou Goodwin. — Nenhum homem de verdade seria capaz de recusar-se a isso.

Dessarte, enquanto pairava ainda a ameaça de histerismo, o sr. Pott voltou a dizer que o faria; mas a sra. Pott estava tão desesperada com a idéia de haver sido suspeitada, que esteve meia dúzia de vezes a pique de recair, e teria indisputavelmente recaído não fossem os infatigáveis esforços da diligente Goodwin e as repetidas súplicas do vencido Pott. Por fim, depois de haver sido o infeliz convenientemente terrificado e repostado em seu lugar, restabeleceu-se a sra. Pott e foram almoçar.

— O senhor não permitirá que essa vil calúnia de jornal abrevie a sua estada aqui, não é verdade, sr. Winkle? — perguntou a sra. Pott, sorrindo através dos vestígios das lágrimas.

— Espero que não — disse o sr. Pott, movido, ao falar, do desejo de que o visitante se engasgasse com o pedaço de torrada que levava aos lábios naquele momento e dessa maneira, abreviasse, de uma vez por todas, a sua estada. — Espero que não.

— É muita bondade dos senhores — disse o sr. Winkle —, mas chegou uma carta do sr. Pickwick, segundo eu soube por uma nota do sr. Tupman que me foi levada ao quarto hoje cedo, em que ele diz que nos espera hoje em Bury. Deveremos partir com a diligência do meio-dia.

— Mas o senhor voltará? — perguntou a sra. Pott.

— Naturalmente — respondeu o sr. Winkle.

— Promete? — insistiu a sra. Pott, lançando ao hóspede um terno olhar.

— Prometo —olveu o sr. Winkle.

O resto do almoço passou-se em silêncio, pois cada um dos presentes matutava em seus desgostos pessoais. A sra. Pott lamentava a perda de um chichisbéu; o sr. Pott a sua precipitada promessa de dar uma surra de chicote

no *Independent*; o sr. Winkle, o haver-se inocentemente colocado em tão embaraçosa situação. O meio-dia aproximava-se e, depois de muitos adeuses e promessas de regresso, logrou afastar-se.

— Se algum dia ele voltar, hei de envenená-lo — pensou o sr. Pott, ao entrar no escritóriozinho dos fundos, em que preparava as suas fulminações.

— Se algum dia eu voltar e meter-me outra vez com essa gente — pensou o sr. Winkle, enquanto se encaminhava para o Pavão —, merecerei também levar uma surra de chicote.

Os seus amigos estavam prontos, a diligência quase a partir e, meia hora depois, jornadeavam os três pela estrada que o sr. Pickwick e Sam haviam tão recentemente percorrido, e da qual, como já dissemos alguma coisa, não nos sentimos obrigados a transcrever a bela e poética descrição feita pelo sr. Snodgrass.

O sr. Weller estava esperando à porta da Estalagem do Anjo, pronto para recebê-los, e por esse cavalheiro foram conduzidos aos aposentos do sr. Pickwick, onde, para não pequena surpresa do sr. Winkle e do sr. Snodgrass, e para não pequeno enleio do sr. Tupman, encontraram o velho Wardle e Trundle.

— Como vai? — disse o velho, tomando a mão do sr. Tupman. — Não se atrapalhe nem se torne sentimental; o que não tem remédio, remediado está, meu velho. Por amor dela, eu gostaria que vocês se casassem; mas no seu interesse foi muito bom que não o fizessem. Um rapaz como você há de ser mais bem-sucedido um desses dias... hem? — Com essa consolação, Wardle bateu nas costas do sr. Tupman e desatou a rir.

— E vocês como vão, meus amigos? — perguntou o velho senhor, apertando as mãos do sr. Winkle e do sr. Snodgrass ao mesmo tempo. — Acabo de dizer a Pickwick que os quero a todos aqui no Natal. Teremos um casamento — um casamento de verdade, dessa vez.

— Um casamento! — exclamou o sr. Snodgrass, empalidecendo.

— Um casamento, sim. Mas não se assuste — tornou o bem-humorado ancião —, é o de Trundle e Bela.

— Oh, então é isso? — disse o sr. Snodgrass, aliviado da penosa dúvida que lhe caíra, pesada, sobre o coração. — Parabéns, senhor. Como vai Joe?

— Muito bem — respondeu o velho. — Dorminhoco como sempre.

— E a senhora sua mãe, e o vigário, e os outros?

— Muito bem.

— Onde — perguntou o sr. Tupman, com um esforço —, onde está ela, senhor? — e voltou a cabeça, cobrindo os olhos com as mãos.

— Ela! — repetiu o velho, com malicioso meneio de cabeça. — Refere-se à minha irmã?

O sr. Tupman, com um aceno, significou que a pergunta se referia, de fato, à desiludida Raquel.

— Oh, foi-se embora — respondeu o velho. — Está morando em casa de uma parenta, muito longe. Ficou com vergonha de minhas filhas e, por isso, deixei que fosse. Mas vamos! Aqui está o jantar. Vocês devem estar esfomeados, depois da viagem que fizeram. Eu já o estou, sem ter feito viagem nenhuma; vamos.

Fez-se ampla justiça à refeição; e, liquidada esta última, quando todos se achavam sentados à roda da mesa, o sr. Pickwick, para horror e indignação dos seus parciais, relatou a aventura por que passara, e o resultado dos ignóbeis artifícios do diabólico Jingle.

— E o reumatismo que apanhei naquele jardim — rematou o sr. Pickwick — deixou-me coxo neste momento.

— Eu também tive uma espécie de aventura — disse o sr. Winkle, com um sorriso; e, a pedido do sr. Pickwick, referiu, circunstanciadamente, o maldoso libelo do *Independente de Eatanswill*, e a conseqüente indignação do seu amigo, o diretor.

O cenho do sr. Pickwick enrugou-se durante a narrativa. Observaram-no os amigos e, quando o sr. Winkle acabou de falar, mantiveram um silêncio profundo. O sr. Pickwick golpeou a mesa enfaticamente com o punho fechado e disse o seguinte:

— Não é uma circunstância maravilhosa que pareçamos não poder entrar em casa de ninguém sem acarretar ao dono algum dissabor? Não revela isso, pergunto eu, a indiscrição, ou pior ainda, a imoralidade — custa-me dizê-lo! — dos meus discípulos? Seja qual for o teto debaixo do qual se abrigam, hão de por força perturbar a tranqüilidade de espírito e a felicidade de alguma confiada senhora? Não indica isso, repito.

E é muito provável que o sr. Pickwick continuasse a falar nesse tom por algum tempo, se a entrada de Sam, com uma carta, não lhe atalhasse o eloqüente discurso. Passou o lenço pela testa, tirou os óculos, limpou-os e tornou a colocá-los; e a sua voz já readquirira a costumeira brandura ao perguntar:

— Que é que você tem aí, Sam?

— Estive agora no correio e encontrei essa carta, que lá estava já há dois dias — replicou o sr. Weller. — Vem selada com obreia, e o endereço foi escrito com letra redonda.

— Não conheço a letra — disse o sr. Pickwick, abrindo a carta. — Misericórdia! Que é isto? Há de ser brincadeira; não... não... não pode ser verdade.

— Que aconteceu? — foi a pergunta geral.

— Não morreu ninguém, não é? — inquiriu o sr. Wardle, assustado com o horror estampado no semblante do sr. Pickwick.

O sr. Pickwick não respondeu, mas, empurrando a carta sobre a mesa e pedindo ao sr. Tupman que a lesse em voz alta, deixou-se cair de novo na cadeira, com um olhar de vago espanto que assustava.

Com voz trêmula, o sr. Tupman leu a carta, cuja cópia fiel segue transcrita:

FREEMAN'S COURT, CORNHILL,
28 de agosto de 1830.

Bardell contra Pickwick.

Senhor.

Tendo sido encarregados pela sra. Marta Bardell de mover uma ação contra V.S.^a por violação de promessa de casamento, pela qual estima a queixosa os seus danos em 1.500 libras, tomamos a liberdade de informarlhe que V.S.^a foi citado neste processo perante o Tribunal de Common Pleas; e rogamos nos informe, pela volta do correio, qual o nome do advogado de V.S.^a em Londres que será encarregado de acompanhar a dita ação.

Somos, senhor,
criados obedientes de V.S.^a
Dodson e Fogg.
sr. Samuel Pickwick.

Havia o que quer que fosse de tão solene no mudo assombro com que cada qual fitava os olhos no vizinho, e com que todos olhavam para o sr.

Pickwick, que pareciam receosos de abrir a boca. O silêncio foi quebrado, afinal, pelo sr. Tupman.

— Dodson e Fogg — repetiu, mecanicamente.

— Bardell e Pickwick — disse o sr. Snodgrass, pensativo.

— Tranqüilidade de espírito e felicidade de confiadas senhoras — murmurou o sr. Winkle, com ar de abstração.

— É uma conspiração — explodiu o sr. Pickwick, recuperando, afinal, a faculdade de falar —, uma baixa conspiração entre esses dois advogados rapaces. A sra. Bardell não seria capaz de fazer uma coisa dessas; falta-lhe coragem; faltam-lhe motivos. Ridículo... ridículo.

— Quanto à coragem dela — disse Wardle, com um sorriso —, você há de ser, por força, o melhor juiz. Não quero desanimá-lo, mas, quanto aos motivos, acho que Dodson e Fogg hão de ser muito melhores juizes que qualquer um de nós.

— É uma infame tentativa de extorção — disse o sr. Pickwick.

— Espero que o seja — disse Wardle, com uma tosse curta e seca.

— Quem foi que já me ouviu, acaso, dirigir-me a ela de outro modo que o de um inquilino quando se dirige à dona da casa? — continuou o sr. Pickwick, com grande veemência. — Quem foi que me viu com ela? Nem sequer os meus amigos aqui...

— Exceto numa ocasião — disse o sr. Tupman.

O sr. Pickwick mudou de cor.

— Ah — disse o sr. Wardle. — Isso é importante. Mas suponho que não tenha havido nada de suspeito nessa ocasião?

O sr. Tupman olhou timidamente para o chefe. — Bem — disse ele —, não havia nada de suspeito; mas... não sei como foi... o certo é que ela estava reclinada nos braços dele.

— Deus me acuda! — exclamou o sr. Pickwick, quando a lembrança da cena lhe acudiu, vigorosa, ao espírito. — Que medonho exemplo da força das circunstâncias! É verdade; verdade.

— E o nosso amigo procurava suavizar-lhe a aflição — sobreveio o sr. Winkle, com certa malícia.

— De fato — volveu o sr. Pickwick. — Não o nego. De fato.

— Olá! — exclamou Wardle. — Para um caso em que não há nada de suspeito, isso parece muito esquisito, hein, Pickwick? Ah, seu malandro, seu

malandro! — E abriu a rir com tanta força, que voltaram a tinir os copos no aparador.

— Que medonha conjunção de aparência! — observou o sr. Pickwick, segurando o queixo com as mãos. — Winkle... Tupman... Peço-lhes perdão pelos reparos que acabo de fazer. Somos todos vítimas das circunstâncias, e eu mais do que vocês. — Com estas escusas, enterrou o sr. Pickwick a cabeça nas mãos e pôs-se a refletir; ao mesmo passo que Wardle dirigia aos outros uma coleção de acenos e piscadelas.

— Mas hei de esclarecer tudo isso — disse o sr. Pickwick, erguendo a cabeça e martelando a mesa. — Vou procurar esses Dodson e Fogg! Irei a Londres amanhã.

— Amanhã, não — disse Wardle. — Você está mancando muito.

— Então depois de amanhã.

— Depois de amanhã é 1º de setembro e você prometeu ir conosco à propriedade de *sir* Geoffrey Manning e, pelo menos, merendar conosco, se não quiser caçar.

— Pois, então, no outro dia — declarou o sr. Pickwick. — Quinta-feira, Sam!

— Senhor — respondeu o sr. Weller.

— Reserve dois lugares na Imperial de Londres para quinta-feira de manhã; iremos os dois, você e eu.

— Muito bem, senhor.

O sr. Weller saiu da sala vagarosamente para dar cabo da incumbência, com as mãos nos bolsos e os olhos pregados no chão.

— Sujeito esquisito, o imperador — disse entre si, enquanto subia a passos tardos a rua. — Imaginem só o homem a fazer a corte àquela sra. Bardell, com um filho, ainda por cima! É sempre isso que acontece com esses velhotes, que parecem tão sisudos. Mas ainda assim eu não o acreditaria capaz de uma coisa dessas — palavra que não! — E, moralizando desta sorte, lá se foi o sr. Samuel Weller para o escritório das diligências.

CAPÍTULO XIX

UM DIA AGRADÁVEL COM UM FIM DESAGRADÁVEL.

OS PÁSSAROS, QUE, FELIZMENTE para a sua tranqüilidade de espírito e bem-estar pessoal, se achavam numa ditosa ignorância dos preparativos feitos para surpreendê-los, no dia 1.º de setembro, saudaram-no, sem dúvida, como a uma das mais belas manhãs que tinham visto naquela quadra. Os perdigotos, que se pavoneavam, complacentes, pelos prados, com a dengosa casquilhice da juventude, e as perdizes mais velhas, que lhes observavam a leviandade, com os olhinhos redondos e um ar desdenhoso de pássaros sisudos e experientes, igualmente ignorantes do destino que os esperava, banhavam-se no fresco ar matutino com sentimentos de alegria e felicidade, para se verem, poucas horas depois, estendidos inânimes no chão. Mas não descambemos para o sentimentalismo, continuemos.

Para falarmos de forma corriqueira e positiva, portanto, era uma bela manhã — tão bela que mal acreditaríeis que já se tinham quase passado os poucos meses de um verão inglês. As sebes, os campos e as árvores, as colinas e os brejos, tudo apresentava aos olhos as sempre cambiantes tonalidades de verde; apenas umas poucas folhas caídas, uns tênues laivos de amarelo misturados às cores vivas do verão anunciavam que o outono principiara. O céu não tinha nuvens, o sol esparzia luz e calor; os cantos dos pássaros e o zumbido de miríades de insetos de verão enchiam o ar; e os jardins das quintas, cheios de flores variegadas e ricas, entreluziam, através do orvalho denso, como escrínios de jóias cintilantes. Tudo trazia a marca do verão, e nenhuma de suas belas cores desbotara ainda.

Tal era a manhã, quando um carro aberto, em que iam três pickwickianos (pois o sr. Snodgrass preferira quedar em casa), o sr. Wardle e o sr. Trundle, com Sam Weller na boléia, ao lado do cocheiro, parou diante de uma porteira, à margem da estrada, diante da qual estavam um couteiro alto e ossudo e um rapazola com polainas de couro, cada um dos quais trazia um saco de respeitáveis dimensões e era acompanhado de um par de perdigueiros.

— Diga-me uma coisa — murmurou o sr. Winkle para Wardle, quando o homem baixou os degraus do carro —, com certeza não imaginam que vamos matar caça suficiente para encher estes sacos?

— Enchê-los? — exclamou o velho Wardle. — Está visto que sim! Você enche um e eu encho o outro; e, quando os tivermos enchido, os bolsos das nossas jaquetas comportarão outro tanto.

O sr. Winkle apeou sem responder, mas considerou consigo que, se os amigos ficassem ao ar aberto até que ele enchesse um dos sacos, corriam um risco considerável de apanhar um resfriado.

— Então, Juno, rapariga; então, minha velha; para baixo, Daph, para baixo — disse Wardle, acariciando os cães. — *Sir* Geoffrey ainda está na Escócia, não está, Martin?

O couteiro alto replicou afirmativamente, e olhou com alguma surpresa para o sr. Winkle, que segurava a espingarda como se quisesse que o bolso da casaca lhe poupasse o trabalho de dar ao gatilho, para o sr. Tupman, que segurava a sua como se lhe tivesse medo — do que não há razão alguma sobre a terra que nos obrigue a duvidar.

— Os meus amigos não estão muito habituados a essas coisas, Martin — acudiu Wardle, notando-lhe o olhar. — Mas você sabe, sempre é tempo de aprender. Ainda serão bons atiradores algum dia. Aliás, peço perdão ao meu amigo Winkle; este já tem alguma prática.

O sr. Winkle sorriu debilmente por cima da gravata azul, agradecendo o cumprimento, e atrapalhou-se por tanta maneira com a espingarda, em sua modesta confusão, que, se a arma estivesse carregada, teria, infalivelmente, dado cabo de si.

— O senhor não deve portar a arma desse jeito quando estiver carregada — observou, áspero, o couteiro —, pois macacos me mordam se, assim, não fizer paçoca de um de nós.

Repreendido dessa maneira, o sr. Winkle modificou, impensadamente, a posição da espingarda e, ao fazê-lo, conseguiu pôr-lhe o cano em íntimo contato com a cabeça do sr. Weller.

— Olá! — exclamou Sam, apanhando o chapéu, que lhe fora derrubado, e esfregando as têmporas. — Olá! Se o senhor começar assim, acabará enchendo um dos tais sacos com um tiro só, e ainda lhe sobrará muita coisa.

Ouvindo isso, o rapazola de polainas de couro soltou uma gargalhada e, logo, se reportou, querendo fingir que não fora ele, o que levou o sr. Winkle a

franzir, majestosamente, o cenho.

— Onde foi que você mandou o rapaz ficar à nossa espera com o farnel, Martin? — perguntou Wardle.

— No morro da árvore, ao meio-dia, senhor.

— Mas isso já não pertence à propriedade de *Sir* Geoffrey, não é?

— Não, senhor; mas é pertinho. Pertence às terras do capitão Boldwig; não haverá ninguém que nos interrompa e há lá, de mais disso, uma linda relva.

— Muito bem — tornou o velho Wardle. — Agora, quanto mais cedo partirmos, melhor. Você, então, se encontra ao meio-dia conosco, Pickwick?

O sr. Pickwick sentia-se particularmente desejoso de assistir à caça, sobretudo porque receava pelos membros e pela vida do sr. Winkle. Além disso, numa manhã tão convidativa como aquela, era um pecado voltar e deixar que os amigos se divertissem sozinhos. Foi, portanto, com uma expressão muito triste que respondeu:

— Bem, acho que é preciso, não é?

— O cavalheiro não sabe atirar? — perguntou o escanifrado couteiro.

— Não — retrucou Wardle —, e, além disso, está mancando.

— Eu gostaria muito de ir — acudiu o sr. Pickwick —, muito mesmo.

Seguiu-se breve pausa comiserativa.

— Há um carrinho de mão do outro lado da cerca — disse o rapazola.

— Se o criado do cavalheiro quisesse empurrá-lo pelos atalhos, poderia acompanhar-nos de perto, e nós o ajudaríamos a passar por cima das cancelas.

— Ótima idéia — disse o sr. Weller, que também era parte interessada, pois desejava ardentemente presenciar a caça. — Ótima idéia! É isso mesmo, fuinha; trago já já o carrinho.

Mas aqui surgiu uma dificuldade. O escanifrado couteiro protestou, resoluto, contra a introdução, numa caçada, de um cavalheiro empurrado num carrinho de mão, como escandalosa violação de todas as regras e precedentes estabelecidos.

A objeção era grande, mas não intransponível. O couteiro foi copiosamente agradado e amimado e, além disso, aliviou a consciência com uns safanões dirigidos ao rapazola que sugerira o emprego da estranha máquina; o sr. Pickwick, por conseguinte, foi colocado nela e os caçadores partiram; Wardle e o couteiro na frente, e o sr. Pickwick no carrinho, empurrado por Sam, na retaguarda.

— Pare, Sam — ordenou o sr. Pickwick, quando chegaram à metade do primeiro campo.

— Que aconteceu agora? — perguntou Wardle.

— Não permitirei que este carrinho ande mais um passo — declarou, decidido, o sr. Pickwick —, se Winkle não carregar a espingarda dele de outra maneira.

— E como é que eu vou carregá-la? — perguntou o inditoso Winkle.

— Com o cano para baixo — replicou o sr. Pickwick.

— Mas assim eu não pareço caçador — arazoou Winkle.

— Pouco se me dá que você pareça ou não pareça caçador — volveu o sr. Pickwick —, eu é que não quero ser morto, num carrinho de mão, por amor das aparências, para agradar aos outros.

— Eu sei que o cavalheiro ainda acaba enfiando a carga da espingarda no corpo de alguém, daqui a pouco — resmungou o couteiro.

— Está bem, está bem, não me incomodo — disse o pobre Winkle, levantando a coronha da espingarda. — Pronto.

— Tudo por uma vida tranqüila — disse o sr. Weller; e de novo se puseram a caminho.

— Pare! — tornou o sr. Pickwick, depois de haverem percorrido algumas jardas.

— E agora, que foi? — perguntou Wardle.

— A espingarda de Tupman é perigosa; eu sei que é — disse o sr. Pickwick.

— Quê! perigosa! — exclamou o sr. Tupman, em tom assustadíssimo.

— Como você a carrega, é — volveu o sr. Pickwick. — Lamento muito ter de fazer novas objeções, mas não posso consentir em continuar, a menos que você a leve como Winkle leva a dele.

— Acho que é melhor, senhor — acudiu o esgalgado couteiro —, pois do contrário poderá alojar-lhe a carga em si ou nos outros.

O sr. Tupman, com a mais obsequiosa precipitação, colocou a arma na posição requerida, e os caçadores tornaram a caminhar; indo os dois amadores com as espingardas abaixadas, como um par de soldados num cortejo fúnebre.

Os cachorros estacaram de repente e o grupo, dando apenas mais um passo furtivo, estacou também.

— Que aconteceu com as pernas dos cachorros? — murmurou o sr. Winkle. — Ficaram numa posição tão esquisita!

— Psiu! — replicou o sr. Wardle, em voz baixa. — Não vê que estão amarrando?

— Amarrando! —olveu o sr. Winkle, circungirando os olhos como se esperasse descobrir algum trecho mais bonito da paisagem, para o qual os sagazes animais estivessem chamando a atenção dos presentes — Amarrando! Amarrando o quê?

— Abra bem os olhos — disse Wardle, sem dar atenção à pergunta, na excitação do momento. — Agora.

Ouviu um ruidoso bater de asas, que fez o sr. Winkle recuar, como se ele próprio tivesse sido atirado. Bang, bang, ressoaram dois tiros de fuzil — o fumo elevou-se, rápido, sobre o campo, e desenhou no ar graciosos novelos.

— Onde estão elas? — perguntou Winkle, na maior excitação, voltando-se em todas as direções. — Onde estão elas? Diga-me quando devo atirar. Onde estão, onde estão?

— Onde estão? — replicou o sr. Wardle, tomando de dois pássaros que os cachorros lhe haviam depositado aos pés. — Estão aqui.

— Não, não; refiro-me às outras — tornou o atônito Winkle.

— Hão de estar muito longe, a estas horas — replicou Wardle, voltando a carregar, friamente, a espingarda.

— Daqui a cinco minutos daremos provavelmente com outra ninhada — profetizou o esgrouviado couteiro. — Se o cavalheiro principiar a atirar agora, é bem possível que o tiro lhe saia do cano quando elas tornarem a voar.

— Ah! ah! ah! — estrondejou o sr. Weller.

— Sam — exclamou o sr. Pickwick, amiserando-se da confusão e do enleio do seu adepto.

— Senhor.

— Não ria.

— Claro que não, senhor. — E, a título de indenização, o sr. Weller se pôs a fazer caretas atrás do carrinho de mão, para gáudio exclusivo do rapazola de polainas, que desatou a gargalhar, e foi sumariamente esbofeteado pelo couteiro, o qual só estava à espera de um pretexto para voltar-se, a fim de disfarçar a própria alacridade.

— Bravo, meu velho! — disse Wardle ao sr. Tupman —, você, pelo menos, atirou dessa vez.

— É verdade — replicou o sr. Tupman, cheio de consciente orgulho.

— O meu tiro já dei.

— Muito bem. Há de acertar em alguma coisa da próxima vez. É muito fácil, não é?

— É, é muito fácil — replicou o sr. Tupman. — Só há uma coisa: estraga o ombro da gente. Quase caí de costas. Eu não sabia que essas espingardinhas davam um coice tão grande.

— Ah — disse o velho, a sorrir —, com o tempo, acabar-se-á acostumando. Agora, todos prontos. Vai tudo bem aí no carrinho?

— Tudo bem, senhor — retorquiu o sr. Weller.

— Então, vamos.

— Segure-se bem, senhor — avisou Sam, levantando o veículo.

— Está bem, está bem — replicou o sr. Pickwick; e lá se foram o mais depressa possível.

— Deixem o carro aí atrás — gritou Wardle, depois de o haverem feito passar por outro campo, por cima de uma sebe, e de haver sido o sr. Pickwick novamente depositado nele.

— Está bem, senhor — redargüiu o sr. Weller, detendo-se.

— Agora, Winkle — disse o velho —, siga-me devagarinho, e não demore tanto desta vez.

— Não tenha medo — retrucou o sr. Winkle. — Já estão amarrando?

— Não, não; ainda não. Fique quieto, agora, bem quietinho. — Entraram os dois a caminhar, e tê-lo-iam feito muito furtivamente, se o sr. Winkle, ao fazer algumas evoluções complicadíssimas com a espingarda, não a tivesse disparado acidentalmente, no momento mais crítico, sobre a cabeça do menino, exatamente na altura em que deveria estar o cérebro do homem alto se este se achasse no lugar do outro.

— Ora, bolas! Mas por que fez isso? — perguntou o velho Wardle, quando os pássaros levantaram, incólumes, o vôo.

— Nunca vi uma espingarda como essa em minha vida — retorquiu o pobre sr. Winkle, olhando para o gatilho, como se isso adiantasse alguma coisa. — Dispara sozinha.

— Dispara sozinha! — repetiu Wardle, com alguns laivos de irritação na voz. — Prouvera a Deus que matasse sozinha também alguma coisa.

— Não tardará em fazê-lo — observou o homem alto, com voz baixa e profética.

— Que quis dizer o senhor com essa observação? — perguntou, agastado, o sr. Winkle.

— Não se incomode, senhor, não se incomode — replicou o escanzelado couteiro —, não tenho família; e a mãe deste menino aqui há de sempre ganhar alguma coisa de *Sir* Geoffrey, se o matarem em sua propriedade. Torne a carregar, senhor, torne a carregar.

— Tirem-lhe a espingarda — gritou o sr. Pickwick do carrinho, aterrado com as sombrias insinuações do homem alto. — Tirem-lhe a espingarda, pelo amor de Deus!

Ninguém, todavia, se apresentou para obedecer à ordem; e o sr. Winkle, depois de lançar ao sr. Pickwick um olhar rebelde, tornou a carregar a espingarda e pôs-se a caminho, como os outros.

Corre-nos a obrigação de declarar, fiados na autoridade do sr. Pickwick, que o modo de proceder do sr. Tupman denotava prudência e deliberação muito maiores que o do sr. Winkle. O que, no entanto, em nada desmerece a grande autoridade deste último cavalheiro em todos os assuntos ligados ao campo; pois, como lindamente observa o sr. Pickwick, tem sucedido, desde tempos imemorais, que muitos dos melhores e mais consumados filósofos, luzeiros perfeitos da ciência teórica, foram inteiramente incapazes de reduzi-la à prática.

O processo do sr. Tupman, como grande número dos nossos mais sublimes descobrimentos, era muito simples. Com a rapidez e a penetração dos homens de engenho, observara ao mesmo tempo que os dois pontos principais que deviam ser alcançados eram: primeiro, disparar a arma sem machucar-se, e, segundo, fazê-lo sem pôr em perigo a vida dos circunstantes; ora, é obvio que a melhor coisa que se poderia fazer, depois de superada a dificuldade de atirar, consistia em fechar firmemente os olhos e apontar para cima.

De uma feita, após haver praticado essa proeza, o sr. Tupman, ao abrir os olhos, viu uma gorda perdiz cair ferida ao chão. Já se dispunha a congratular-se com o sr. Wardle pelo seu invariável bom êxito, quando este se adiantou para ele e apertou-lhe calorosamente a mão.

— Tupman — inquiriu o velho —, você alvejou essa perdiz entre as outras?

— Não — disse o sr. Tupman —, não.

— Alvejou, sim — tornou Wardle. — Eu vi. Eu vi quando a escolheu; vi quando levantou a espingarda para fazer pontaria; e uma coisa eu garanto: nem o melhor atirador do mundo poderia ter dado um tiro mais bonito. Você é menos novato do que eu supunha, Tupman; já andou caçando.

Foi debalde que Tupman protestou, com um modesto sorriso, que nunca havia caçado. O próprio sorriso foi tomado como prova do contrário; e, a partir desse dia, firmou-se-lhe a reputação. Não é a única reputação conseguida com tamanha facilidade, nem essas felizes circunstâncias se limitam à caça das perdizes.

Nesse meio tempo, o sr. Winkle produzia grande cópia de relâmpagos, trovões e fumaças, mas sem quaisquer resultados dignos de nota; desperdiçando, às vezes, a carga no ar, e projetando-a, outras, tão rente ao solo que deixava em situação muito perigosa e precária a vida dos cachorros. Como mostra de imaginação e fantasia, era extremamente variada e curiosa; mas como espetáculo de tiro ao alvo era, porventura, um completo desastre. Diz um axioma estabelecido que “toda bala tem o seu endereço”, se o aplicarmos também aos tiros, os do sr. Winkle eram desditosos enjeitados, privados dos seus direitos naturais, atirados ao léu, sem endereço de espécie alguma.

— Bem — disse o sr. Wardle, encaminhando-se para junto do carrinho e enxugando o suor do rosto alegre e vermelho —, diazinho quente, não?

— De fato — redargüiu o sr. Pickwick. — O sol está de rachar, até para mim. Não sei como você o agüenta.

— Está quente, mesmo — tornou o velho. — Mas já passa de meio-dia. Está vendo lá aquele morro verde?

— Estou.

— Pois é lá que vamos almoçar; e, por Deus, lá está o menino com a cesta, pontual como um relógio!

— É verdade — voltou o sr. Pickwick, cuja fisionomia se iluminou. — Excelente menino, aquele. Vou dar-lhe 1 xelim, daqui a pouco. Pronto, Sam, vamos embora.

— Segure-se, patrão — disse o sr. Weller, alentado pela perspectiva da refeição. — Saia da frente, polaininha. Se tem amor à minha preciosa vida, não me derrube, como dizia o gentil-homem ao cocheiro que o levava para a forca. — E, estugando o passo, Weller empurrou com ligeireza o amo até o morro verde, descarregou-o destramente ao lado da cesta e começou a desfardá-la com a máxima presteza.

— Torta de vitela — disse o sr. Weller, monologando, ao mesmo passo que dispunha os comestíveis sobre a relva. — É magnífica a torta de vitela quando a gente conhece a senhora que a fez, e tem a certeza de que não é de

gatos; e, afinal de contas, que mal há nisso, se são tão parecidos com vitela que os próprios pasteleiros não distinguem a diferença?

— Não distinguem, Sam? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não distinguem, senhor — replicou o sr. Weller, levando a mão ao chapéu. — Morei, em certa ocasião, na casa em que morava um pasteleiro, ótimo sujeito — e bem espertinho —, que sabia fazer tortas e pastéis de quanto lhe caía nas mãos. “Quantos gatos tem o senhor, sr. Brooks”, disse eu, um dia, quando me tornei íntimo dele. “Ah”, disse ele, “tenho mesmo, uma porção.” “Deve gostar muito de gatos”, disse eu. “Os outros também gostam”, respondeu, piscando para mim, “mas só estarão no tempo quando chegar o inverno.” “Não estão no tempo?”, perguntei. “Não” disse ele, “quando chegam as frutas os gatos se vão.” “Que é que o senhor quer dizer com isso?”, insisti. “O que eu quero dizer? Que nunca entrarei na combinação dos açougueiros para subir o preço da carne”, respondeu ele, apertando muito a minha mão e falando baixinho ao meu ouvido: “Não diga a ninguém mas o tempero é tudo. São todos feitos daqueles nobres animais”, e apontou para um lindo bichano malhado. “Tempero-os como carne de vaca, como carne de vitela ou como rim, de acordo com o pedido. E mais do que isso”, continuou, “sou capaz de fazer carne de vitela virar carne de vaca, ou carne de vaca virar rim, ou qualquer uma delas virar carne de carneiro, num abrir e fechar de olhos, segundo muda o mercado ou variam os gostos.”

— Havia de ser um rapaz engenhosíssimo esse, Sam — observou o sr. Pickwick, estremecendo um pouco.

— Era mesmo, senhor — replicou o sr. Weller, prosseguindo em sua tarefa de esvaziar a cesta —, e as tortas eram lindas. Língua; excelente coisa quando não é de mulher... Pão... presunto, de bom aspecto... carne fria, em fatias, muito boas. Que é que há nesses jarros, meu jovem paspalhão?

— Cerveja neste aqui — replicou o rapazola, tirando dos ombros dois jarros enormes de grés; seguros por uma tira de couro — e ponche frio no outro.

— É o que se chama um almoço bem organizado — disse o sr. Weller, observando, com evidente satisfação, os preparativos do repasto. — Agora, senhores, “avancem”, como disseram os ingleses aos franceses, calando baionetas.

Não foi mister segundo convite para induzir o grupo a fazer inteira justiça às iguanas; e uma pequena insistência bastou a persuadir o sr. Weller, o

esmirrado couteiro e os dois rapazolas a sentarem-se na relva, a pequena distância, e a darem conta de uma decente porção das viandas. Um velho carvalho proporcionava amena sombra ao grupo, e uma bela perspectiva de terras lavradas, cortadas de sebes luxuriantes e ricamente enfeitadas de bosques, estendia-se diante deles.

— Isto é delicioso, realmente delicioso! — disse o sr. Pickwick, ao passo que a pele do rosto expressivo já principiava a descascar-lhe, por efeito da exposição ao sol.

— De fato, de fato, meu velho — replicou Wardle. — Vamos; um copo de ponche!

— Com grande prazer — disse o sr. Pickwick, em cujo semblante, depois de bebê-lo, se estampou uma satisfação que testemunhava a sinceridade da resposta.

— Bom — tornou o sr. Pickwick, dando estalidos com os lábios. — Muito bom. Vou tomar outro. Frio; muito frio. Vamos, senhores — continuou o sr. Pickwick, segurando ainda o jarro —, um brinde. Aos nossos amigos de Dingley Dell.

Acompanharam o brinde ruidosas aclamações.

— Eu lhes direi o que vou fazer para readquirir a minha boa pontaria — disse o sr. Winkle, que comia pão e presunto com o auxílio de um canivete. — Colocarei uma perdiz empalhada na ponta de um poste, e começarei a praticar, principiando a curta distância e aumentando-a aos poucos. Creio que será um exercício de primeira ordem.

— Conheço um cavalheiro, senhor — disse o sr. Weller —, que fez isso e principiou a uma distância de 2 jardas; mas não repetiu o exercício; pois, com o primeiro tiro, acertou tão bem no pássaro, que nunca mais ninguém lhe enxergou uma pena sequer.

— Sam — disse o sr. Pickwick.

— Senhor — replicou o sr. Weller.

— Tenha a bondade de guardar as suas anedotas para quando lhas pedirem.

— Sim, senhor.

A essa altura, o sr. Weller piscou de maneira tão faceta o olho não escondido pela caneca de cerveja que levava aos lábios, que os dois rapazolas se tornaram presas de convulsões espontâneas, e até o homem comprido condescendeu em sorrir.

— Pois não há dúvida que este é um excelente ponche frio — disse o sr. Pickwick, considerando com entusiasmo o jarro de grés —, e o dia está extremamente quente, e Tupman, meu caro, não quer um copo de ponche?

— Com o máximo prazer — replicou o sr. Tupman; e, havendo tomado esse copo, o sr. Pickwick tomou outro, só para ver se havia cascas de laranja no ponche, porque as cascas de laranja sempre se desavinham com ele; e, verificando que não havia, tomou outro à saúde do amigo ausente e, logo, sentiu-se imperativamente obrigado a propor um brinde em honra do desconhecido que preparara o ponche.

Esta constante sucessão de copos fez considerável efeito no sr. Pickwick; iluminou-se-lhe o semblante com os mais resplandecentes sorrisos, o riso pôs-se a brincar-lhe ao nível da boca, e uma alegria bem-humorada a piscar-lhe nos olhos. Cedendo, gradativamente, à influência do líquido excitante, tornado mais excitante ainda pelo calor, expressou um forte desejo de lembrar-se de uma canção que ouvira na infância; mas, baldando-se-lhe as tentativas nesse sentido, buscou estimular a memória com novos copos de ponche, o que pareceu surtir efeito inteiramente contrário; pois, além de esquecer as palavras da canção, esqueceu-se também de articular quaisquer palavras; e, por fim, após erguer-se em pé no intuito de dirigir aos presentes um eloqüente discurso, caiu sobre o carrinho, já profundamente adormecido.

Refeita a cesta e reconhecida a impossibilidade absoluta de acordar o sr. Pickwick do seu torpor, teve início uma pequena discussão sobre a conveniência de o sr. Weller empurrar outra vez o amo de volta, ou deixá-lo onde estava, até que todos estivessem prontos para partir. Foi aceito, por fim, o último alvitre. E, como a expedição não devia durar mais de uma hora, e o sr. Weller implorasse com muitas instâncias que o deixassem fazer parte do grupo, ficou assentado que deixariam o sr. Pickwick, adormecido, no carrinho e que, na volta, viriam buscá-lo. E, dessarte, se afastaram, deixando o sr. Pickwick a roncar, confortabilissimamente, debaixo da sombra.

Que o sr. Pickwick teria continuado a roncar até o regresso dos amigos ou, na pior das hipóteses, até que as sombras da noite caíssem sobre ele, não parece que haja motivos razoados de dúvida, pelo menos na hipótese de lhe permitirem que lá quedasse em paz. Mas não o permitiram. E a causa foi a seguinte.

O capitão Boldwig era um homenzinho bravo, de casaca preta muito dura e sobretudo azul, e, quando se dignava passear pela sua propriedade, fazia-o

sempre em companhia de uma grossa bengala de cana-da-índia com castão de cobre, de um jardineiro e de um subjardineiro risonhos, aos quais (aos jardineiros, não à bengala) dava as suas ordens com a pompa e a ferocidade devidas; pois a cunhada do capitão Boldwig casara com um marquês, e a casa do capitão era uma vila, e a sua propriedade eram terras, e tudo nele era muito alto, muito poderoso e muito grande.

Não fazia meia hora que o sr. Pickwick adormecera quando o pequeno capitão Boldwig, acompanhado dos dois jardineiros, apareceu, andando tão depressa quanto lho permitiam a estatura e a importância; e, chegado ao pé do carvalho, o capitão Boldwig se deteve, respirou profundamente e relançou a vista pelo panorama como se o panorama devesse julgar-se muito honrado e satisfeito por lhe haver despertado a atenção; depois bateu, enfático, no chão com a bengala e chamou o jardineiro-chefe.

— Hunt — disse o capitão Boldwig.

— Senhor? — acudiu o jardineiro.

— Passe-me o cilindro amanhã neste lugar. Ouviu, Hunt?

— Sim, senhor.

— E faça por me conservar este lugar sempre em ordem. Ouviu, Hunt?

— Sim, senhor.

— E lembre-me para eu mandar fazer uma tabuleta a fim de impedir que penetrem aqui invasores e caçadores e a fim de que essa gente da ralé não me invada a propriedade. Ouviu, Hunt? Ouviu?

— Não me esquecerei, senhor.

— Com licença de Vossa Senhoria — disse o outro homem adiantando-se, com o chapéu na mão.

— Que é, Wilkins? Que é que você quer? — retrucou o capitão Boldwig.

— Com licença de Vossa Senhoria, mas acho que já estiveram invasores hoje aqui.

— Ah! — exclamou o capitão, olhando com ferocidade à sua volta.

— Estiveram, sim, senhor; acho até que andaram almoçando por aqui.

— Ora essa, maldita seja a sua pouca vergonha, é verdade — exclamou o capitão Boldwig, quando deu com as migalhas de pão e os restos de comida espalhados sobre a relva. — Estiveram, efetivamente, a devorar aqui o seu repasto. Eu gostaria de encontrar esses vagabundos! — continuou, segurando com força a bengala. — Eu gostaria de encontrar esses vagabundos — repetiu, colérico, o capitão.

— Com perdão de Vossa Senhoria — disse Wilkins —, mas...

— Mas o quê? Hein? — rugiu o capitão; e, seguindo o tímido olhar de Wilkins, os seus olhos toparam com o carrinho de mão e o sr. Pickwick.

— Quem é você, seu patife? — perguntou o capitão, administrando vários golpes com a bengala grossa ao corpo do sr. Pickwick. — Como é seu nome?

— Ponche frio — murmurou o sr. Pickwick, voltando a cair no sono.

— Como? — perguntou o capitão Boldwig.

Moita.

— Qual foi o nome que ele disse? — inquiriu o capitão.

— Acho que foi ponche, senhor — replicou Wilkins.

— Que grandessíssima impudência! Que grandessíssima impudência! — exclamou o capitão Boldwig. — Agora finge dormir — prosseguiu, furioso. — Está bêbedo; é um plebeu embriagado. Rua com ele, Wilkins, rua com ele imediatamente.

— Para onde hei de levá-lo, senhor? — indagou Wilkins, muito tímido.

— Para o inferno! — replicou o capitão Boldwig.

— Muito bem, senhor — disse Wilkins.

— Espere — disse o capitão.

Wilkins esperou.

— Leve-o — disse o capitão —, leve-o para o curral público; e vamos ver se tornará a dizer que se chama Ponche quando voltar a si. Comigo é que ele não tira farinha, comigo é que ele não tira farinha. Leve-o embora.

O sr. Pickwick foi levado embora, em obediência à ordem imperiosa; e o grande capitão Boldwig, a estourar de indignação, continuou o seu passeio.

Inexpressível foi o pasmo dos caçadores quando, ao voltarem, verificaram que o sr. Pickwick desaparecera e levava consigo o carrinho de mão. Era a coisa mais inexplicável e misteriosa de que já se tivera notícia. Que um coxo se levantasse sem aviso prévio e se pusesse a caminhar, já seria extraordinário; mas que ele empurrasse, ao mesmo tempo, um pesado carrinho de mão, à guisa de divertimento, era positivamente milagroso. Procuraram-no por todos os cantos e recantos, ora juntos, ora separados; berraram, assobiaram, riram, chamaram — e tudo com o mesmo resultado. Não se encontrou o sr. Pickwick. Depois de algumas horas de busca infrutífera, chegaram à desagradável conclusão de que teriam de voltar sem ele para casa.

Nesse meio tempo, fora o sr. Pickwick conduzido ao curral público, e lá depositado com toda a segurança, profundamente adormecido no carrinho de

mão, para deleite e satisfação incomensuráveis não só de todos os moleques da aldeia, senão também de três quartas partes da população, que se aglomerara à volta do curral, à espera do seu despertar. Se a maior alacridade dessa gente fora despertada ao vê-lo empurrado no carrinho, quanto maior não foi o seu aprazimento quando, depois de ouvir alguns gritos indistintos de “Sam!”, o viu sentar-se no carro e olhar com indescritível assombro para os rostos que o fitavam.

Uma aclamação geral anunciou-lhe, naturalmente, o despertar; e a sua involuntária pergunta: “Que foi?” ocasionou outra, mais alta que a primeira, se possível.

— Que pagode! — rugiu o populacho.

— Onde estou? — perguntou o sr. Pickwick.

— No curral — replicou a multidão.

— Como vim parar aqui? Que era que eu estava fazendo? De onde fui trazido?

— Boldwig! O capitão Boldwig! — foi a única resposta.

— Deixem-me sair — gritou o sr. Pickwick. — Onde está o meu criado? Onde estão os meus amigos?

— Você não tem amigos. Hurra! — Em seguida veio um nabo, depois uma batata, depois um ovo, acompanhados de outras demonstrações da jocosa disposição dos circunstantes.

Quanto tempo poderia haver durado esta cena, ou quanto poderia o sr. Pickwick ter sofrido, ninguém seria capaz de dizer, se um carro, que passava por lá, não parasse de repente, e dele não descessem o velho Wardle e Sam Weller, o primeiro dos quais, sem muito menos tempo do que levamos para escrevê-lo, senão para lê-lo, chegou junto do sr. Pickwick e o colocou no coche, no momento exato em que o segundo concluía o terceiro e último assalto de um combate singular contra o beleguim do vilarejo.

— Vamos à casa do juiz! — gritou uma dúzia de vozes.

— Pois sim, vão — disse o sr. Weller, saltando para a boléia. — Dêem-lhe os meus cumprimentos; os cumprimentos do sr. Weller; e digam-lhe que lhe estraguei o beleguim; e, se arranjar outro, voltarei amanhã para estragá-lo também. Vamos embora, meu velho.

— Darei instruções para que se mova uma ação contra esse capitão Boldwig, por prisão ilegal, assim que eu chegar a Londres — declarou o sr. Pickwick, assim que o carro deixou o povoado.

— Parece que lhe invadimos a propriedade — disse Wardle.

— Não me importa — tornou o sr. Pickwick —, vou processá-lo.

— Não, não vai — contraveio Wardle.

— Vou, juro que... — mas, como visse uma expressão jocosa no rosto do sr. Wardle, reportou-se e perguntou: — Por que não?

— Porque — disse o velho Wardle, quase arrebetando de riso —, porque o feitiço pode virar contra o feiticeiro e ele poderá dizer que tomamos ponche frio demais.

Apesar de todos os pesares, um sorriso brotou no rosto do sr. Pickwick; o sorriso alargou-se num riso; o riso numa gargalhada; a gargalhada generalizou-se. E, assim, para conservarem o bom humor, pararam diante da primeira taberna que encontraram à margem da estrada e pediram um copo de grogue para todos, e uma dose extra para o sr. Samuel Weller.

CAPÍTULO XX

EM QUE SE MOSTRA QUE DODSON E FOGG ERAM HOMENS DE NEGÓCIOS, E SEUS ESCREVENTES HOMENS DE PRAZERES; QUE UMA COMOVENTE ENTREVISTA SE REALIZOU ENTRE O SR. WELLER E SEU PAI, HAVIA MUITO DESAPARECIDO; E EM QUE SE MOSTRA TAMBÉM QUÃO SELETOS ERAM OS ESPÍRITOS REUNIDOS NA ESTALAGEM DA PEGA E DO TRONCO E QUE EXCELENTE CAPÍTULO SERÁ O PRÓXIMO.

NO RÉS-DO-CHÃO DE UMA CASA LÚGUBRE, na mais remota extremidade de Freeman's Court, em Cornhill, encontravam-se os quatro amanuenses dos srs. Dodson e Fogg, dois procuradores de Sua Majestade junto ao Desembargo do Paço e ao Tribunal de Common Pleas, em Westminster, e solicitadores no Alto Tribunal da Chancelaria; podendo os sobreditos amanuenses vislumbrar tantos raios da luz do céu e do sol do céu, no decurso dos seus trabalhos cotidianos, quantos pode esperar fazê-lo um homem colocado no fundo de um poço razoadamente fundo; e sem a oportunidade de ver estrelas de dia, como seria possível ao último naquelas circunstâncias.

O escritório dos copistas dos srs. Dodson e Fogg era uma sala escura, úmida, com cheiro de terra, atravessada por um tabique alto, que ocultava os escreventes dos olhares do vulgo; um par de velhas cadeiras de madeira; um relógio barulhento; um almanaque, um porta-guarda-chuvas, uma fileira de cabides para chapéus e algumas estantes, nas quais se viam depositados vários maços numerados de papéis sujos, algumas caixas velhas de pinho com rótulos de papel e diversos tinteiros decadentes de pedra de desvairadas formas e tamanhos. Uma porta de vidro abria para o corredor que constituía a entrada do pátio, e foi do lado externo dessa porta que se apresentou o sr. Pickwick, seguido de perto por Sam Weller, na manhã da sexta-feira seguinte à ocorrência de que se deu fidelíssima conta no último capítulo.

— Entrem, não podem? — gritou uma voz de trás do tabique em resposta à delicada batida do sr. Pickwick. E o sr. Pickwick e Sam entraram.

— O sr. Dodson e o sr. Fogg estão, senhor? — perguntou o sr. Pickwick, cortês, adiantando-se, com o chapéu na mão, para o tabique.

— O sr. Dodson não está e o sr. Fogg está ocupado — replicou a voz; e, ao mesmo tempo, a cabeça a que pertencia a voz, com uma caneta atrás da orelha, olhou para o sr. Pickwick, por cima do tabique.

Era uma cabeça angulosa, cujos cabelos ruivos, escrupulosamente repartidos de um lado, e besuntados de pomada, se retorciam em pequenos pega-rapazes semicirculares à volta do rosto achatado, enfeitado de um par de olhinhos e guarnecido de um colarinho muito sujo e de uma gravata preta muito surrada.

— O sr. Dodson não está, e o sr. Fogg está muito ocupado — repetiu o homem a quem pertencia a cabeça.

— Quando é que o sr. Dodson vai voltar? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não sei.

— E o sr. Fogg levará muito tempo para desocupar-se?

— Não sei.

Nisso pôs-se o homem a aparar tranqüilamente a pena, enquanto outro amanuense, que dissolvia pós de Seidlitz em água, debaixo da tampa da escrivanhinha, riu aprovativamente.

— Eu espero — disse o sr. Pickwick. Não houve resposta; e o sr. Pickwick sentou-se, sem que o convidassem, e pôs-se a escutar o ruidoso tique-taque do relógio e a conversação sussurrada dos amanuenses.

— Foi uma boa pândega, não foi? — disse um dos cavalheiros, de casaca castanha com botões de cobre, calça preta e botas baixas, ao termo de inaudível relato das suas aventuras da véspera.

— Boníssima... boníssima — disse o homem dos pós de Seidlitz.

— O presidente era Tom Cummins — continuou o homem de casaca castanha. — Eram 4 e meia quando cheguei a Somers-Town; eu estava tão emborrachado que não conseguia achar o buraco da fechadura, e fui obrigado a acordar a velha. Não sei o que diria o velho Fogg se soubesse disso. Acho que me punha no olho da rua, hein?

A esta chalaça, todos os escreventes começaram a rir.

— Hoje cedo também houve uma pândega assim com Fogg — disse o homem de casaca castanha —, enquanto Jack estava lá em cima arranjado os

papéis e vocês dois tinham ido à casa do selo. Fogg estava aqui embaixo, abrindo as cartas, quando entrou aquele camarada de Camberwell, contra o qual temos um mandado... como se chama?

— Ramsey — disse o copista que falara com o sr. Pickwick.

— Ramsey, isso mesmo; um freguês desgraçado. “Então, senhor”, disse o velho Fogg, olhando ferozmente para ele (vocês conhecem-lhe o jeito), “então, senhor, veio aqui para liquidar o caso?” “Vim, sim senhor”, disse Ramsey, enfiando a mão no bolso, e tirando o dinheiro. “A dívida são 2 libras e 10, e as custas, 3 libras e 5; aqui está o dinheiro”, e suspirou como um fole ao entregar os cobres, amarrados num pedaço de papel mata-borrão. O velho Fogg olhou primeiro para o dinheiro, depois para ele, depois tossiu daquele seu jeito engraçado, e percebi que lá vinha coisa. “Não sabe que há uma declaração registrada que aumenta consideravelmente as custas?”, perguntou Fogg. “Não me diga, senhor”, respondeu Ramsey, recuando; “o prazo terminou ontem à noite.” “Isso não quer dizer nada”, voltou Fogg, “o meu escrevente saiu agora mesmo para registrá-la. O sr. Jackson não foi registrar aquela declaração do caso — de Bullman e Ramsey, sr. Wicks?” Está visto que eu disse que sim, e Fogg tornou a tossir e olhou para Ramsey. “Meu Deus!”, disse Ramsey; “e eu que quase fiquei louco para ajuntar esse dinheiro, e tudo em vão!” “Inteira em vão”, disse Fogg, friamente, “de modo que é melhor ajuntar mais e trazê-lo aqui dentro do prazo.” “Não posso, por Deus que não posso!”, disse Ramsey, esmurrando a escrivania com o punho. “Não me ameace, senhor”, disse Fogg, fingindo-se zangadíssimo. “Eu não o estou ameaçando”, voltou Ramsey. “Está”, disse Fogg; “saia daqui; saia deste escritório e volte quando tiver aprendido a portar-se direito.” Ramsey quis falar, mas Fogg não o deixou; tornou a enfiar o dinheiro no bolso e saiu. Mal se tinha fechado a porta, o velho Fogg voltou-se para mim, com um sorriso agradável, e tirou a declaração do bolso da casaca. “Wicks”, disse ele, “tome um carro, vá ao Temple o mais depressa que puder e registre isso. As custas estão garantidas, porque ele é homem sério, tem família grande e ganha 25 xelins por semana; e se nos der uma procuração, como terá de fazê-lo no fim, sei que os patrões haverão de pagá-la; de sorte que o melhor é tirarmos dele o mais que pudermos, sr. Wicks; é até uma caridade fazê-lo, pois, com família grande e salário pequeno, só lhe fará bem uma lição para nunca mais se endividar; não é verdade, sr. Wicks, não é verdade?”, e sorriu com tão bom humor ao afastar-se,

que era uma delícia vê-lo. É um excelente homem de negócios — rematou Wicks, em tom de profundíssima admiração —, excelente, não é?

Os outros três abundaram cordialmente nessa opinião, e a anedota proporcionou-lhes um deleite sem limites.

— Que bons rapazes são estes, senhor! — sussurrou o sr. Weller para o amo. — Que bela noção de troça têm eles!

O sr. Pickwick fez um aceno afirmativo de cabeça, e tossiu para chamar a atenção dos jovens atrás do tabique, os quais, aliviado o espírito com uma pequena taramela, dignaram-se prestar alguma atenção ao cliente.

— Será que Fogg já está desocupado? — perguntou Jackson.

— Eu vou ver — disse Wicks, descendo, ronceiramente, do tamborete.

— Que nome direi ao sr. Fogg?

— Pickwick — respondeu o ilustre objeto destas memórias.

O sr. Jackson subiu as escadas, no desempenho da sua missão; e voltou com o recado de que o sr. Fogg receberia o sr. Pickwick daí a cinco minutos, e, havendo-o transmitido, voltou à escrivaninha.

— Qual foi o nome que ele disse? — perguntou Wicks, em voz baixa.

— Pickwick — replicou Jackson. — É o réu no processo Bardell e Pickwick.

Um súbito arrastar de pés e o som de risos abafados se ouviram do outro lado do tabique.

— Estão-no desancando, senhor — murmurou o sr. Weller.

— Estão-me desancando, Sam! — replicou o sr. Pickwick. — Que é que você quer dizer com isso?

O sr. Weller respondeu apontando com o polegar por cima do ombro, e o sr. Pickwick, ao erguer os olhos, deparou com uma cena agradável: os quatro amanuenses, com semblantes em que se estampava a maior alacridade, e as cabeças esticadas sobre o tabique de madeira, examinavam miudamente a figura e o aspecto do suposto conquistador de corações femininos e perturbador de femininas venturas. Ao dar com os olhos dele, a feira de cabeças desapareceu, de golpe, seguindo-se imediatamente a isso o som de penas que viajavam a uma furiosa velocidade sobre o papel.

Um toque repentino da campainha que havia no escritório chamou o sr. Jackson à sala do sr. Fogg, de onde voltou o primeiro para dizer que ele (o sr. Fogg) estava pronto para receber Pickwick, se este quisesse ter a bondade de subir.

Subiu, portanto, o sr. Pickwick, deixando Sam Weller embaixo. No primeiro andar, numa das portas, liam-se em caracteres legíveis as palavras imponentes: “Sr. Fogg”; e, depois de haver batido a essa porta e ter sido convidado para entrar, Jackson introduziu o sr. Pickwick à presença do sr. Fogg.

— O sr. Dodson já chegou? — perguntou o sr. Fogg.

— Agorinha mesmo — replicou Jackson.

— Peça-lhe que venha cá.

— Sim, senhor. — Jackson saiu.

— Sente-se, senhor — disse Fogg. — Aqui está o jornal, senhor; meu sócio virá imediatamente e nós poderemos conversar sobre o assunto.

O sr. Pickwick sentou-se e tomou o jornal, mas, em vez de lê-lo, pôs-se a espiar por cima dele, examinando o homem de negócios, que era uma espécie de criatura idosa, sardenta, vegetariana, de casaca preta, calça escura de mescla e polainas pequenas e pretas; uma casta de indivíduo que parecia fazer parte essencial da escrivania em que trabalhava e que teria tantas idéias e sentimentos como ela.

Após um silêncio de alguns minutos, o sr. Dodson, um homem atarracado, imponente, de rosto severo e voz grossa, apareceu; e a conversação principiou.

— Este é o sr. Pickwick — disse Fogg.

— Ah! o senhor é o réu no processo Bardell e Pickwick? — perguntou Dodson.

— Sou eu, senhor — replicou o sr. Pickwick.

— Muito bem — continuou Dodson —, e que propõe o senhor?

— Ah! — exclamou Fogg, enfiando as mãos nos bolsos da calça e recostando-se no espaldar da cadeira. — Que propõe o senhor, sr. Pickwick?

— Silêncio, Fogg — sobreveio Dodson —, ouçamos o que o sr. Pickwick tem para dizer.

— Eu vim aqui, senhores — disse o sr. Pickwick, encarando placidamente os dois sócios —, eu vim aqui para expressar a surpresa com que recebi a sua carta do outro dia, e perguntar quais são os fundamentos que têm os senhores para mover-me um processo.

— Fundamentos para... — Fogg já conseguira proferir essas palavras quando foi interrompido por Dodson.

— Sr. Fogg — disse Dodson —, eu vou falar.

— Peça-lhe perdão, sr. Dodson — disse Fogg.

— Quanto aos fundamentos do processo, senhor — continuou Dodson, com ar de grande elevação moral —, o senhor consultará a sua consciência e os seus sentimentos. Nós, senhor, guiamo-nos inteiramente pelas declarações da nossa cliente. Essas declarações podem ser verdadeiras ou podem ser falsas; podem ser acreditáveis ou podem ser inacreditáveis, mas, se forem verdadeiras e acreditáveis, não duvido dizer que os nossos fundamentos, senhor, são robustos e inabaláveis. O senhor pode ser um infeliz ou pode ser um mal-intencionado; mas, se eu fosse jurado, senhor, e me pedissem que manifestasse a minha opinião a seu respeito, não vacilo em dizer que essa opinião só poderia ser uma. — A essa altura, Dodson levantou-se, com um ar de virtude ofendida, e olhou para Fogg, que enfiou ainda mais as mãos nos bolsos e, abanando sabiamente a cabeça, disse no tom mais convicto possível: — Sem dúvida nenhuma.

— Pois bem, senhor — disse o sr. Pickwick, com uma expressão de mágoa considerável —, permita-me que lhe assevere que sou um homem infelicíssimo, pelo menos no que respeita a este caso.

— Espero que o seja, senhor — replicou Dodson. — Confio em que o seja. Se realmente é inocente daquilo de que o acusam, é ainda mais infeliz do que eu suponha. Que diz a isso, sr. Fogg?

— Digo precisamente o que o senhor disse — retrucou Fogg, com um sorriso de incredulidade.

— O mandado inicial — continuou Dodson — foi expedido com toda a regularidade, sr. Fogg, onde está o livro de registros?

— Está aqui — disse Fogg, estendendo-lhe um livro quadrado, com capa de pergaminho.

— Aqui está a anotação — prosseguiu Dodson. “Middlesex, Ordem de prisão *Marta Bardell*, “*viúva, v. Samuel Pickwick*. Perdas e danos, 1.500 libras. Pela autora, Dodson e Fogg, 28 de agosto de 1830.” Tudo em ordem, senhor; perfeitamente em ordem. — Dodson tossiu e olhou para Fogg, que disse “Perfeitamente” também. Em seguida, olharam os dois para o sr. Pickwick.

— Isso então quer dizer — perguntou o sr. Pickwick — que a intenção dos senhores é levar mesmo adiante esta ação?

— Que quer dizer? Está visto que sim — replicou Dodson, com algo o mais semelhante possível a um sorriso que lhe permitia a importância.

— E que as perdas e danos foram calculados, efetivamente, em 1.500 libras? — perguntou o sr. Pickwick.

— E o senhor pode estar certo de que, se tivéssemos logrado persuadir a nossa cliente, teriam sido calculados no triplo — replicou Dodson.

— Mas creio que a sra. Bardell fez questão em frisar — observou Fogg, olhando para Dodson — que não faria acordo de espécie alguma nem por 1 vintém menos.

— Sem dúvida nenhuma — replicou Dodson, severo. — Pois o processo estava começando; e não conviria aceitar acordo nenhum, ainda que o sr. Pickwick a isso estivesse disposto.

— Visto que o senhor não apresenta nenhuma proposta — disse Dodson, desenrolando com a mão direita um pedaço de pergaminho e apresentando, afetuosamente, com a esquerda, uma cópia em papel comum —, seria melhor que eu lhe desse uma cópia do mandado. Aqui está o original.

— Muito bem, senhores, muito bem — disse o sr. Pickwick, levantando-se, ao passo que a cólera também se levantava dentro dele. — Terão notícias do meu advogado.

— Teremos nisso muito prazer — disse Fogg, esfregando as mãos.

— Muito — confirmou Dodson, abrindo a porta.

— E antes de sair, cavalheiros — exclamou o excitado sr. Pickwick, voltando-se no patamar —, permitam-me dizer-lhes que de todos os atos indignos e ignominiosos...

— Espere, senhor, espere — atalhou Dodson, com suma polidez. — Sr. Jackson! Sr. Wicks!

— Senhor — responderam os dois amanuenses, aparecendo no sopé da escada.

— Quero apenas que ouçam o que diz este cavalheiro — explicou Dodson. — Faça o favor de continuar; se não me falha a memória, o senhor falou em atos indignos e ignominiosos?

— Falei — tornou o sr. Pickwick, inteiramente fora de si. — Dizia eu, senhor, que, de todos os atos indignos e ignominiosos já ensaiados pelos homens, este é o mais indigno e o mais ignominioso. Repito-o, senhor.

— Ouviu isto, sr. Wicks? — perguntou Dodson.

— Não se esquecerá das expressões, sr. Jackson? — perguntou Fogg.

— O senhor gostaria talvez de nos chamar trapaceiros — disse Dodson.

— Pois tenha a bondade de fazê-lo, senhor, se estiver disposto. Tenha a bondade.

— Gostaria — disse o sr. Pickwick. — Os senhores são uns trapaceiros.

— Muito bem — acudiu Dodson. — Está ouvindo bem daí, não está, sr. Wicks?

— Muito bem, senhor — redargüiu Wicks.

— É melhor subir mais um ou dois degraus se não estiver — acrescentou o sr. Fogg. E prosseguiu, voltando-se para o sr. Pickwick: — Continue, senhor; continue. Talvez preferisse chamar-nos ladrões; ou quisesse mesmo atacar um de nós. Se quiser, não faça cerimônia; não oporemos a menor resistência. Tenha a bondade, senhor.

E, como Fogg se colocasse tentadoramente ao alcance do punho fechado do sr. Pickwick, é muito provável que este último lhe acedesse aos rogos insistentes, não fosse a intervenção de Sam, que, ouvindo a discussão, saiu do escritório, subiu as escadas e agarrou o amo pelo braço.

— Vamos embora — disse o sr. Weller. — O volante é um jogo muito bom, quando a gente não faz as vezes de peteca e dois advogados as de raquetas; nesse caso, torna-se excitante demais para ser agradável. Vamos, senhor. Se quiser desabafar dando uma surra em alguém, vamos para o pátio e o senhor dará uma surra em mim; com esta gente sai-lhe muito cara a brincadeira.

E, sem a menor cerimônia, o sr. Weller carregou o amo pela escada abaixo, cruzou com ele o pátio e, tendo-o colocado são e salvo em Cornhill, postou-se atrás dele e preparou-se para segui-lo aonde quer que fosse.

O sr. Pickwick entrou a caminhar, profundamente absorto, atravessou a rua diante de Mansion House e dirigiu os passos para Cheapside. Sam já principiara a fazer conjeturas sobre o destino que levava o amo, quando este se voltou e disse:

— Sam, vou incontinenti à casa do sr. Perker.

— Pois é exatamente o lugar a que deveria ter ido ontem à noite — replicou o sr. Weller.

— Acho que é, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Pois eu sei que é — disse o sr. Weller.

— Bem, bem, Sam — replicou o sr. Pickwick —, iremos imediatamente para lá, mas primeiro, como fiquei meio exaltado, gostaria de tomar um copo de grogue. Onde posso arranjá-lo?

O conhecimento que Sam tinha de Londres era extenso e especial. Replicou, portanto, sem vacilar:

— Segundo pátio à mão direita, a penúltima casa do mesmo lado; sente-se à mesa ao pé da lareira, porque essa não tem perna no centro, como as outras, que são muito incômodas.

O sr. Pickwick observou implicitamente as instruções do criado e, ordenando a Sam que o seguisse, entrou na taberna indicada, onde o grogue foi, sem demora, colocado diante dele; ao passo que o sr. Weller, sentado a respeitosa distância, embora à mesma mesa, serviu-se de um quartilho de cerveja.

A sala era muito simples e, segundo todas as aparências, se achava sob o especial patrocínio dos cocheiros de diligências, pois diversos cavalheiros que pertenciam, sem dúvida, a essa erudita profissão bebiam e fumavam ao pé das outras mesas. Entre eles havia um homem robusto, idoso e rubicundo, sentado à mesa oposta, que atraiu a atenção do sr. Pickwick. O homem robusto fumava com suma veemência mas, depois de cada meia dúzia de baforadas, tirava o cachimbo da boca e olhava, primeiro para o sr. Weller e, depois, para o sr. Pickwick. Em seguida, afundava numa caneca a porção do rosto que permitiam receber as dimensões da caneca, e tornava a olhar para Sam e para o sr. Pickwick. Logo, soltava outra meia dúzia de baforadas, com ar de profunda meditação, e volvia a encarar os dois homens. Afinal, colocando as pernas sobre uma cadeira, e recostando-se à parede, principiou a fumar sem interrupção e a considerar, através da fumaça, os recém-chegados, como se estivesse decidido a examiná-los o mais aturadamente possível.

De princípio, as evoluções do homem robusto escaparam à observação do sr. Weller, mas, a pouco e pouco, ao notar que os olhos do sr. Pickwick se erguiam, de quando em quando, para ele, pôs-se a olhar na mesma direção, protegendo os olhos com as mãos, como se reconhecesse em parte o objeto que tinha à sua frente e quisesse certificar-se da sua identidade. Rapidamente, porém, se lhe dissiparam todas as dúvidas: pois, havendo o homem robusto extraído uma nuvem densa do cachimbo, uma voz rouquenha, semelhante a um estranho esforço de ventriloquia, emergiu debaixo dos xales enormes que lhe atabafavam a garganta e o peito e, lenta, proferiu estes sons: — Ué, é Sammy!

— Que é, Sam? — perguntou o sr. Pickwick.

— Ora essa, pois eu quase não acreditava — replicou o sr. Weller, com olhos atônitos. — É o velho.

— O velho? —olveu o sr. Pickwick. — Que velho?

— Meu pai, senhor — respondeu o sr. Weller. — Como vai, antepassado? — Com este formoso desabafo de amor filial, o sr. Weller deixou um lugar no banco, ao seu lado, para o homem robusto, que se adiantou, com o cachimbo na boca e a caneca na mão, a fim de saudá-lo.

— Ora esta, Sammy — disse o pai —, faz mais de dois anos que não o vejo.

— É verdade, velho caipira — replicou o filho. — Como vai a madrasta?

— Pois eu lhe conto, Sammy — tornou o sr. Weller, sênior, com modos soleníssimos. — Nunca houve mulher melhor como viúva do que esta minha segunda aventura; que meiga criatura, Sammy! A única coisa que dela posso dizer agora é que, sendo uma viúva tão extraordinariamente simpática, fez mal em mudar de estado. Como esposa não era grande coisa, Sammy.

— Deveras? — perguntou o sr. Weller, júnior.

O velho sr. Weller sacudiu a cabeça, ao replicar, com um suspiro:

— Eu me casei demais, Sammy; eu me casei demais. Mire-se neste espelho, meu rapaz, e tenha cuidado com as viúvas a vida inteira, especialmente se tiverem uma estalagem, Sammy. — Havendo dado esse paternal conselho com muita ênfase, o sr. Weller, sênior, tornou a encher o cachimbo e, acendendo-o com as brasas do anterior, começou a fumar com grande velocidade.

— Perdão, senhor — disse ele, voltando ao assunto e dirigindo-se ao sr. Pickwick, depois de uma pausa considerável —, espero que não haja nisso nada de pessoal; espero que o senhor não tenha viúva nenhuma.

— Eu, não — replicou o sr. Pickwick, desatando a rir; e enquanto o sr. Pickwick ria, Sam Weller informou o pai, com um murmúrio, da natureza das suas relações com o cavalheiro.

— Perdão, senhor — disse o sr. Weller, sênior, tirando o chapéu —, conto que não tenha motivos de queixa contra Sammy.

— Absolutamente nenhum — afirmou o sr. Pickwick.

— Pois estimo sabê-lo — replicou o velho. — Tive muito trabalho com a educação dele; deixei-o solto nas ruas desde criancinha para que aprendesse a cuidar de si. É a única maneira de se criar um rapaz esperto.

— Receio, porém, que seja um método meio perigoso — tornou o sr. Pickwick, com um sorriso.

— E, além disso, não muito garantido — acrescentou o sr. Weller. — Ainda outro dia fui tapeado direitinho.

— Não! — exclamou o pai.

— Fui — voltou o filho; e começou a relatar, com o menor número possível de palavras, como fora vítima das ciladas de Job Trotter.

O sr. Weller, sênior, ouviu a narrativa com a mais profunda atenção e, quando ela terminou, inquiriu:

— Um desses gajos não é alto e magro, com cabelos compridos, e não tem o dom da oratória galopante?

O sr. Pickwick não entendeu perfeitamente o último item da descrição, mas, compreendendo o primeiro, disse “Sim”, ao acaso.

— O outro é um camarada de cabelos negros, libré cor de amora e uma cabeça muito grande?

— Isso mesmo, isso mesmo — disseram o sr. Pickwick e Sam, com suma vivacidade.

— Então já sei onde estão, não há dúvida nenhuma — disse o sr. Weller. — Estão em Ipswich, os dois, em bom estado.

— Não! — exclamou o sr. Pickwick.

— Estão, sim — tornou o sr. Weller —, e eu lhe conto como fiquei sabendo. Trabalho agora, de vez em quando, numa diligência de Ipswich, para um amigo. Guiei-a exatamente no dia seguinte à noite em que o senhor apanhou esse reumatismo; eles tomaram a diligência na Estalagem do Negrinho, em Chalmsford, precisamente o local em que foram dar com os costados, e saltaram em Ipswich, onde o criado, o tal da libré cor de amora, me disse que pretendiam ficar lá por muito tempo.

— Hei de segui-lo — disse o sr. Pickwick. — Tanto nos faz ver Ipswich como outro lugar qualquer. Hei de segui-lo.

— Tem certeza de que eram eles, chefe? — perguntou o sr. Weller, júnior.

— Absoluta, Sammy, absoluta — replicou o pai —, pois têm o aspecto muito singular; além disso, admirei-me de ver tamanha familiaridade entre o cavalheiro e o criado; e, mais do que isso, como eles se assentaram na frente, logo atrás da boléia, eu lhes ouvi, entre gargalhadas, que haviam tapeado o velho Foguete.

— Velho o quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— Velho Foguete; pelo que não tive dúvidas de que falavam do senhor.

Não há nada de positivamente vil nem atroz na apelação de “velho Foguete”, mas o certo é que não se trata de uma designação respeitosa nem lisonjeira. A lembrança de todas as peças que lhe pregara Jingle acudiu ao

espírito do sr. Pickwick, no momento em que o sr. Weller principiou a falar; bastava uma gota para entornar o cálice, e essa gota foi o “velho Foguete”.

— Hei de segui-lo — declarou o sr. Pickwick, com um murro enfático sobre a mesa.

— Terei de ir a Ipswich depois de amanhã — disse o sr. Weller, sênior —, e saio da Estalagem do Touro, em Whitechapel; se quiser ir, é melhor que vá comigo.

— É isso mesmo — disse o sr. Pickwick —, é isso mesmo; posso escrever a Bury e dizer-lhe que vão encontrar-me em Ipswich. Iremos com o senhor. Mas não vá embora, sr. Weller; não quer tomar alguma coisa?

— É muita bondade sua — replicou o sr. Weller, estacando de repente —, talvez que um copinho de aguardente para beber à sua saúde e à prosperidade de Sammy não faça mal.

— Claro que não — replicou o sr. Pickwick. — Um copo de aguardente, aqui! — Foi trazida a aguardente; e o sr. Weller, depois de cumprimentar o sr. Pickwick e fazer um aceno a Sam, verteu-o pela espaçosa garganta abaixo, como se fosse o conteúdo de um dedalzinho.

— Muito bem, pai — disse Sam —, tome cuidado, ou ainda terá notícias da sua velha doença, a gota.

— Achei um remédio soberano para isso, Sammy — disse o sr. Weller, colocando o copo sobre a mesa.

— Um remédio soberano para a gota? — perguntou o sr. Pickwick, tomando do livrinho de notas. Qual é?

— A gota, senhor — retrucou o sr. Weller —, a gota é uma doença que vem de um excesso de luxos e comodidades. Se for alguma vez atacado de gota, senhor, case-se com uma viúva que tenha uma boa voz e muita vontade de usá-la, e nunca mais lhe voltará a moléstia. É uma excelente receita, senhor. Uso-a regularmente e posso garantir-lhe que acaba com todos os achaques causados pelos excessos de alegria. — Tendo comunicado esse valioso segredo, o sr. Weller tornou a esvaziar o copo, deu uma piscadela complicada, suspirou fundo e, lentamente, se retirou.

— Bem, e que pensa você do que diz seu pai, Sam? — perguntou o sr. Pickwick, com um sorriso.

— O que eu penso, senhor? — tornou o sr. Weller. — Penso que é uma vítima do matrimônio, como disse o capelão do Barba-Azul, com uma lágrima de piedade, ao enterrá-lo.

Não havia réplica possível para esta apósita conclusão e o sr. Pickwick, depois de pagar a conta, continuou o seu passeio a Gray's Inn. No momento, porém, em que chegava às suas apartadas alamedas, deram 8 horas e a fila ininterrupta de cavalheiros de calças enlameadas, chapéus brancos sujos, roupas sovadas, que se precipitavam para todas as saídas, advertiu-os de que a maioria dos escritórios se fechara por aquele dia.

Depois de subir dois lanços de escadas íngremes e sujas, verificou que as suas previsões se tinham realizado. A porta de fora do escritório do sr. Perker estava fechada; e o absoluto silêncio que se seguiu às repetidas pancadas de Sam anunciou que os empregados já se tinham retirado.

— Isto é agradável, Sam — disse o sr. Pickwick. — Eu não deveria perder um momento sequer para vê-lo; tenho a certeza de que não conseguirei pregar olho esta noite, a não ser que possa ter a satisfação de pensar que encarreguei do assunto um profissional.

— Aí vem uma velha subindo a escada — replicou o sr. Weller. — Ela talvez saiba onde poderemos encontrar alguém. Olá, minha senhora, onde está o pessoal do sr. Perker?

— O pessoal do sr. Perker — disse uma velha esgalgueirada, de aspecto miserável, parando para tomar fôlego depois de subir a escada —, o pessoal do sr. Perker já foi, e eu vou limpar o escritório.

— A senhora é criada do sr. Perker? — perguntou o sr. Pickwick.

— Eu sou a lavadeira do sr. Perker — replicou a velha.

— Ah! — disse o sr. Pickwick à parte para Sam — é curioso chamarem lavadeiras às velhas nestas pensões. Não sei por quê.

— Porque têm uma aversão mortal a lavar o que quer que seja, imagino eu — replicou o sr. Weller.

— Não me admiraria — disse o sr. Pickwick, olhando para a velha, cuja aparência, bem como a do escritório, que ela, a esse tempo, já abrira, indicava uma profunda antipatia ao emprego da água e do sabão.

— Sabe onde posso encontrar o sr. Perker, minha boa mulher?

— Não, não sei — retrucou, áspera, a velha. — Ele não está na cidade.

— Que lástima — exclamou o sr. Pickwick. — E onde está o amanuense dele? Também não sabe?

— Sei, sei onde está, mas ele não me agradecerá se eu lhe contar — retorquiu a lavadeira.

— É negócio muito importante —, disse o sr. Pickwick.

— Não pode deixar para amanhã cedo? — perguntou a mulher.

— Seria melhor que fosse hoje — insistiu o sr. Pickwick.

— Bem — disse a velha —, se for coisa muito importante, tenho ordem para dizer onde ele está, por isso acho que não há mal nenhum em contar. Se o senhor for daqui à Estalagem da Pega e do Tronco, e perguntar no balcão pelo sr. Lowten, hão de levá-lo à presença dele; é o amanuense do sr. Perker.

Com essas instruções e tendo sido, além disso, informado de que essa albergaria estava situada num pátio, com a dupla e feliz vantagem de se encontrar na vizinhança de Clare Market e nos fundos de New Inn, o sr. Pickwick e Sam desceram a bom recado a escabrosa escada e saíram à procura da Estalagem da Pega e do Tronco.

Essa favorecida taberna, consagrada às orgias vespertinas do sr. Lowten e seus companheiros, era o que o vulgo designaria pelo nome de frege. Que o dono era um homem propenso a ganhar dinheiro demonstrava-o sobradamente o fato de ter sido sublocado a um remendão um cubiculozinho, de forma e de tamanho não muito diferentes dos de uma cadeirinha, debaixo da janela do bar; e que era uma criatura de espírito filantrópico evidenciava-o a proteção que dispensava a um pasteleiro, o qual vendia os seus petiscos, sem receio de interrupção, na própria soleira da porta. Nas janelas inferiores, decoradas de cortinas açafroadas, pendiam dois ou três cartazes impressos, que faziam referência à cidra de Devonshire e à cerveja de Danzigue, ao passo que, anunciando em letras brancas a um público esclarecido que havia 500.000 barris de cerveja forte nas adegas do estabelecimento, um grande quadro negro deixava o espírito num estado agradável de dúvida e incerteza a respeito da exata direção em que se poderia supor que se estendesse a enorme caverna nas entranhas da terra. Se acrescentarmos que na velha tabuleta se via a figura semi-apagada de uma pega com os olhos cravados numa linha tortuosa de coloração castanha, que os vizinhos tinham aprendido, desde a infância, a considerar como o “tronco”, teremos dito quanto se faz mister sobre o exterior do edifício.

Quando o sr. Pickwick se apresentou diante do balcão, emergiu de trás de um guarda-vento uma mulher idosa, que se apresentou diante dele.

— O sr. Lowten está, minha senhora? — perguntou o sr. Pickwick.

— Está, sim, senhor — replicou a estalajadeira. — Charley, leve este cavalheiro onde está o sr. Lowten.

— O cavalheiro não pode entrar agora — disse um criado desengonçado, de cabelos ruivos —, porque o sr. Lowten está cantando uma canção cômica e este senhor poderia desconcertá-lo. Mas acaba já.

Mal terminara de falar o criado ruivo quando um martelar unânime de mesas e um tilintar uníssono de copos anunciou que a canção findara naquele instante; e o sr. Pickwick, depois de dizer a Sam que se recreasse no balcão, permitiu que o conduzissem à presença do sr. Lowten.

Ao ouvir o anúncio: “Um cavalheiro quer falar com o senhor”, um rapaz rechonchudo, que ocupava o assento à cabeceira da mesa, olhou com alguma surpresa na direção de onde vinha a voz; e a surpresa não pareceu diminuir quando os seus olhos deram com um indivíduo que ele nunca vira.

— Peço-lhe perdão, senhor — disse o sr. Pickwick —, e sinto muito perturbar os outros cavalheiros, mas vim por causa de um negócio muito importante; e se permitir que eu lhe tome cinco minutos aqui, neste canto da sala, ficar-lhe-ei muito obrigado.

Levantou-se o rapaz rechonchudo e, puxando uma cadeira para junto do sr. Pickwick num canto obscuro da sala, ouviu-lhe, atento, a narrativa dos infortúnios.

— Ah — disse ele, quando o sr. Pickwick terminou —, Dodson e Fogg têm muita prática; excelentes homens de negócios, senhor.

O sr. Pickwick admitiu a grande prática de Dodson e Fogg, e Lowten prosseguiu:

— Perker não está na cidade, e só voltará no fim da semana que vem; mas, se quiser que eu me encarregue da defesa e deixar a cópia comigo, poderei fazer tudo o que é preciso até a sua volta.

— Foi exatamente por isso que vim aqui — disse o sr. Pickwick, entregando-lhe o documento. — Se acontecer alguma coisa, poderá escrever-me para a posta-restante de Ipswich.

— Está muito bem — replicou o escrevente do sr. Perker; e, vendo que o sr. Pickwick relanceava, curioso, a vista pela mesa, ajuntou: — Quer fazer-nos companhia durante meia hora? Temos aqui esta noite uma bela sociedade. Lá está o primeiro amanuense de Samkin e Green, e o advogado de Smithers e Price, e o caixeiro de Pimpkin e Thomas — que canta muito bem —, e Jack Bamber, e muitos outros. O senhor, provavelmente, vem de fora. Não quer ficar conosco?

O sr. Pickwick não pode resistir a um ensejo tão tentador para estudar a natureza humana. Deixou que o conduzissem à mesa onde, depois de haver sido apresentado aos circunstantes na devida forma, se acomodou numa cadeira ao lado do presidente, e pediu um copo da sua bebida predileta.

Ao contrário das expectativas do sr. Pickwick, seguiu-se profundo silêncio.

— Espero que o fumo não o incomode — exclamou o vizinho da direita, um cavalheiro com camisa de riscado e botões de mosaico, e um charuto na boca.

— Pelo contrário — replicou o sr. Pickwick. — Gosto muito do cheiro, embora não fume.

— Pois eu lamentaria muito se tivesse de dizer o mesmo — interveio outro cavalheiro, do lado oposto da mesa. — O fumo, para mim, é cama e mesa.

O sr. Pickwick olhou para a pessoa que falara e pensou que não seria mau se fosse lavagem também.

Seguiu-se nova pausa. O sr. Pickwick era um estranho e a sua chegada esfriara, evidentemente, os ânimos.

— O sr. Grandy vai obsequiar-nos com uma canção — disse o presidente.

— Não, não vai — disse o sr. Grandy.

— Por que não? — perguntou o presidente.

— Porque não pode — redargüiu o sr. Grandy.

— Diga antes que não quer — replicou o presidente.

— Pois, então, porque não quer — retorquiu o sr. Grandy. A terminante recusa do sr. Grandy para satisfazer a companhia ocasionou outro silêncio.

— Ninguém quer alegrar-me? — perguntou o presidente, descoroçoado.

— Por que é que o presidente não nos alegra? — sugeriu um rapaz de suíças, um olho vesgo e um colarinho aberto (sujo), na extremidade aposta da mesa.

— Ouçam! Ouçam! — exclamou o cavalheiro que fumava, com os botões de mosaico.

— Porque só sei uma canção, que já cantei, e quem repete uma canção na mesma noite paga uma rodada de multa — replicou o presidente.

A resposta era irreplicável e o silêncio voltou a prevalecer.

— Estive hoje à noite, senhores — disse o sr. Pickwick, esperando tocar num assunto de cuja discussão pudessem participar todos os presentes —, estive hoje à noite num lugar que todos os senhores, sem dúvida, conhecem

muito bem, mas a que já há alguns anos eu não ia, e que conheço pouco; refiro-me a Gray's Inn, cavalheiros. São curiosos recantozinhos de uma grande cidade, como Londres, esses velhos *inns*.^[10]

— Por Deus — murmurou para o sr. Pickwick o presidente —, o senhor acaba de tocar num tema sobre o qual pelo menos um de nós será capaz de falar o resto da vida. Vai arrancar da sua concha o velho Jack Bamber; ele nunca falou noutra coisa a não ser nos *inns*, e neles viveu sozinho até ficar meio aparvalhado.

O indivíduo a que Lowten se referia era um homenzinho amarelo, de ombros altos, em cujo semblante, por virtude do seu hábito de curvar-se quando estava calado, o sr. Pickwick não reparara. Quando, porém, o velho ergueu o rosto encarquilhado e fitou nele os olhos pardos e penetrantes, admirou-se de que lhe pudessem ter escapado à atenção, por um momento, traços tão notáveis. Um triste sorriso contraía-lhe perpetuamente a fisionomia; apoiou o queixo sobre uma mão comprida e óssea, de unhas extraordinariamente longas; e, ao inclinar a cabeça para um dos lados, lançando por baixo das sobrancelhas pardas e desgrenhadas um olhar penetrante, estampou-se-lhe no rosto uma expressão estranha, selvagem e astuta, que chegava a ser repulsiva.

Foi essa a figura que então se ergueu, de repente, e rompeu numa torrente animada de palavras. Como, entretanto, o presente capítulo já está muito comprido e como o velho era uma personagem digna de atenção, será mais respeitoso para ele e mais conveniente para nós deixá-lo falar num capítulo novo.

CAPÍTULO XXI

NO QUAL O VELHO DISCORRE SOBRE O SEU TEMA PREDILETO E REFERE A HISTÓRIA DE UM ESTRANHO CLIENTE.

— HÁ — DISSE O VELHO, com a descrição de cujos modos e rosto concluímos o capítulo anterior. — Há! Quem foi que falou sobre os *inns*?

— Fui eu, senhor — replicou o sr. Pickwick. — Observei quão velhos e singulares são esses locais.

— O senhor? — reconveio, desdenhoso, o velho. — Que sabe o senhor do tempo em que os moços se fechavam naqueles quartos solitários, liam e liam, hora após hora, noites a fio, até que os estudos noturnos lhes transtornavam a razão; até que se esgotavam as suas forças mentais; até que a luz da manhã já não lhes trazia frescor nem saúde; e acabavam sucubindo com a desnatural devoção de suas energias juvenis aos áridos cartapácios? Vindo mais tarde, em tempos tão diversos, que o senhor do depauperamento gradativo produzido por lenta consunção, ou dos rápidos estragos causados pela febre — os grandes resultados da “vida” e da dissipação — que sofreram os homens nesses mesmos quartos? Quantos litigantes que embalde suplicaram misericórdia julga o senhor que se afastaram, desesperados, de um escritório de advogado para buscar descanso no Tâmisia ou abrigo no cárcere? Não são comuns aquelas casas. Não há um só painel nas suas vetustas paredes que, dotado das faculdades da fala e da memória, não contasse a sua história de horror — o romance da vida, senhor, o romance da vida! Por vulgares que possam parecer agora, digo-lhe que são velhos e estranhos lugares, e eu quisera antes ouvir muitas lendas de títulos pavorosos do que a história verdadeira de um daqueles quartos.

Havia o que quer que fosse de tão estranho na súbita energia do velho, e no assunto que a despertara, que o sr. Pickwick não pode pensar em nada que lhe respondesse; mas, reportando a impetuosidade, e reassumindo a expressão que desaparecera durante a exaltação anterior, continuou o outro:

— Veja-os agora a outra luz: a uma luz mais vulgar e menos romântica. Que belos lugares de tortura lenta são eles! Pense no necessitado que gastou todos os seus teres, que se fez mendigo, que apoquentou os amigos para poder exercer uma profissão que nunca lhe dará um naco de pão. A espera; a esperança; a desilusão; o medo; a miséria; a pobreza; o degradingolar das esperanças e o findar-se da carreira; o suicídio, talvez, ou a embriaguez esfarrapada e descalça. Não tenho razão a respeito deles? — o velho esfregou as mãos, com um riso de deleite por haver encontrado outro aspecto sob o qual podia encarar o tema favorito.

O sr. Pickwick olhou para o ancião com suma curiosidade, e os restantes sorriram, em silêncio.

— Falam muito nas universidades alemãs — disse o homenzinho. — Cebolório! Temos poesia suficiente em casa, sem precisar, para encontrá-la, andar meia milha sequer; apenas nunca pensamos nisso.

— É verdade que nunca pensei, até agora, na poesia desse assunto —olveu, a rir, o sr. Pickwick.

— Está visto que não — disse o outro —, está visto que não. Como costumava dizer-me um amigo: “Que é que há de especial nesses quartos?” “São lugares velhos e estranhos”, respondia eu. “Não acho”, dizia ele. “Solitários”, dizia eu. “Também não”, dizia ele. Pois morreu uma bela manhã de apoplexia, quando ia abrir a porta da rua. Caiu com a cabeça sobre a caixa de cartas, e lá ficou, durante dezoito meses. Toda a gente pensou que saíra da cidade.

— E, afinal, como foi encontrado? — perguntou o sr. Pickwick.

— As autoridades decidiram arrombar-lhe a porta, visto que ele não pagava o aluguel havia dois anos. Foi o que fizeram. Forçaram a fechadura; e um esqueleto muito cheio de pó, que trajava casaca azul, calção preto e meias de seda, caiu nos braços do porteiro. Engraçado, não acha? — O velhinho inclinou ainda mais a cabeça para o lado e esfregou as mãos com indisfarçável contento.

— Sei de outro caso — continuou, abrandada um pouco a sua alegria. — Ocorreu em Clifford’s Inn. Um inquilino do sótão, de má reputação, fechou-se no quarto de dormir e tomou uma dose de arsênico. Julgando que ele fugira, o administrador da casa abriu a porta e pôs anúncio. Veio outro, alugou os aposentos, mobiliou-os e foi viver lá. Fosse por que fosse, não conseguia dormir: andava sempre inquieto e agitado. “Que coisa esquisita!”, disse ele.

“Farei da outra sala o meu quarto de dormir e, desta, a minha sala de estar.” Feita a mudança, passou a dormir muito bem, mas verificou, de repente, que não conseguia ler à noite; voltou a ficar nervoso e agitado, e vivia a espezinhar as velas e a olhar à sua volta. “Não entendo”, disse, com os seus botões, ao voltar do teatro uma noite, enquanto tomava o seu copo de grogue frio, com as costas voltadas para a parede, a fim de que não lhe passasse pela cabeça a idéia de que havia alguém atrás dele. “Não entendo”, repetiu; e precisamente nesse momento pousaram-lhe os olhos na alcovazinha que estivera sempre trancada, e um arrepio lhe correu pelo corpo, da cabeça aos pés. “Já senti antes essa estranha sensação”, continuou, entre si, “não posso menos de pensar que há qualquer coisa de anormal em relação a essa alcova.” Fez um grande esforço, reuniu toda a coragem que tinha, arrebentou a fechadura com uma ou duas pancadas desferidas com o tiçoeiro, abriu a porta e lá, empertigado num dos cantos, deparou-se-lhe o último inquilino, segurando firmemente na mão um frasquinho, e a cara — bem!

Quando o homenzinho terminou, correu os olhos pelos rostos atentos do pasmado auditório com um sorriso de sinistro prazer.

— Que coisas estranhas nos conta o senhor — disse o sr. Pickwick, considerando miudamente a expressão do velho, com a ajuda dos óculos.

— Estranhas! — tornou o velhote. — Tolice! O senhor acredita que sejam estranhas porque não as conhece. Engraçadas, são, mas não extraordinárias.

— Engraçadas! — exclamou o sr. Pickwick, involuntariamente.

— Engraçadas, sim, não são? — replicou o homenzinho, com um sorriso diabólico; e prosseguiu, sem esperar resposta:

— Conheci outro homem — deixem-me ver... faz agora quarenta anos — que alugou uns velhos, úmidos e carunchosos aposentos, num dos *inns* mais antigos, fechados e vazios havia muito tempo. Contavam as velhas muitas histórias a respeito do lugar, muito longe, por certo, de ser alegre, mas ele era pobre, os quartos eram baratos, e essa teria sido para ele uma razão mais do que suficiente, ainda que fossem dez vezes piores do que eram. Obrigaram-no a comprar alguns trastes carcomidos que se achavam nos quartos, entre os quais havia um grande armário de madeira para papéis, com portas amplas de vidro, internamente revestidas de cortinas verdes, peça absolutamente inútil, pois ele não tinha papéis para guardar; e, quanto a roupas, carregava sobre o corpo as que possuía e que, de mais a mais, não lhe pesavam muito. Pois bem, levava para lá todos os seus móveis — não chegavam a encher uma carroça —

e espalhara-os pela sala de forma que as quatro cadeiras parecessem o mais possível uma dúzia, e sentara-se diante do lume, à noite, bebendo o primeiro copo de 2 galões de uísque que comprara fiado, imaginando se viriam, algum dia, a ser pagos, e, se o fossem, daí a quantos anos, quando os seus olhos encontraram as portas de vidro do armário de madeira. “Ah”, disse consigo, “se eu não tivesse sido obrigado a ficar com esse traste indecente pela avaliação do velho belchior, poderia ter comprado, com o dinheiro, alguma coisa melhor. Vou dizer-te uma coisa, meu velho”, ajuntou, dirigindo-se em voz alta ao armário, pois não tinha mais ninguém com quem falar, “se não me custasse mais dinheiro do que vales o quebrar-te a velha carcaça, eu te poria fogo mais depressa do que o demo esfrega um olho.” Mal pronunciara essas palavras, quando um som semelhante a um leve gemido pareceu sair do interior do armário. Aquilo, a princípio, assustou-o; pensando, porém, depois de alguma reflexão, que devia ser algum rapaz no quarto vizinho, que jantara fora, pôs os pés sobre o guarda-fogo e levantou o tiçoeiro para remexer o lume. Nesse momento, repetiu-se o som; e, abrindo-se lentamente uma das portas de vidro, deixou ver uma figura lívida e magra, esfarrapada, em pé dentro do armário. Era alta e esguia a figura e o semblante denotava cuidados e ansiedades; mas algo havia na tonalidade da pele, no aspecto irreal e estranho da forma, que nunca se vira em criatura alguma deste mundo. “Quem é o senhor?”, perguntou o novo inquilino, muito pálido, empunhando, porém, o tiçoeiro, e mirando no rosto da figura. “Quem é o senhor?” “Não me atire o tiçoeiro”, replicou a forma; “ainda que o fizesse com mão suficientemente firme para acertar-me, ele passaria através de mim, sem resistência, e iria perder a força contra a madeira. Sou um espírito.” “Diga-me, então, por obséquio, o que quer aqui?”, perguntou, gaguejando, o inquilino. “Neste quarto”, replicou o espectro, “consumou-se a minha perdição terrena, e eu e meus filhos fomos reduzidos à mendicidade. Neste armário foram depositados os documentos de um processo longo, muito longo, que se acumularam durante anos e anos. Neste quarto, depois que morri de tristeza e desespero, duas harpias perversas dividiram as riquezas cuja posse eu discutira durante toda a minha desgraçada existência e das quais, por fim, nem um vintém veio a caber aos meus infelizes descendentes. Aterrorizei-as de tal forma que fugiram, e depois desse dia tenho errado às noites — o único período em que me é possível visitar a terra — pelo teatro das minhas prolongadas misérias. Estes aposentos são meus: deixemos.” “Se insiste em voltar aqui”, disse o inquilino, que tivera tempo suficiente

para recobrar a presença de espírito durante a prolixa narrativa do fantasma, “eu lhos cederei com muito prazer. Mas, se me permite, gostaria de fazer-lhe uma pergunta.” “Diga”, retrucou, severa, a aparição. “Pois bem”, tornou o inquilino, “não lhe aplico pessoalmente o reparo, que é aplicável à maioria dos cavejões de que já ouvi falar; mas parece-me algo inconsistente que, sendo-lhes dado ensejo para visitar os lugares mais formosos da terra — pois suponho que o espaço não seja nada para os senhores —, voltem sempre e exatamente para os lugares onde foram mais desgraçados.” “Por Deus, que isso é verdade; nunca me ocorreu essa idéia”, respondeu o trasgo. “Como vê, senhor”, continuou o inquilino, “este quarto é muito incômodo. Pelo aspecto desse armário eu seria capaz de dizer até que há bichos por aqui; e creio sinceramente que o senhor poderia encontrar melhores acomodações; para não falar no clima de Londres, que é extremamente desagradável.” “O senhor tem toda a razão”, concordou, polida, a assombração, “só agora pensei nisso; experimentarei incontinenti uma mudança de ares.” Com efeito, principiou a desvanecer-se enquanto falava: as pernas já tinham desaparecido. “E, senhor”, disse o inquilino, chamando-o, “se quisesse ter a bondade de insinuar às outras senhoras e cavalheiros que andam assombrando agora velhos casarões vazios que poderiam sentir-se muito melhor em outros lugares, prestaria um grandíssimo benefício à sociedade.” “Hei de fazê-lo”, replicou o espírito; “é preciso que sejamos, de fato, uns idiotas, uns grandessíssimos idiotas; nunca imaginei que pudéssemos ser tão burros!” Com essas palavras, a visão desapareceu; e o que é principalmente notável — concluiu o velho lançando um olhar astuto à volta da mesa —, nunca mais voltou.

— Não é má a história, se for verdadeira — disse o homem de botões de mosaico, acendendo outro charuto.

— Se for! — exclamou o velho, com um olhar de supremo desdém.

— Imagino — continuou, voltando-se para Lowten — que dirá também que a minha história a respeito do estranho cliente que tínhamos, quando eu trabalhava num escritório de advogado, também não é verdadeira; não me admiraria.

— Não me atrevo a dizer nada a respeito, visto que nunca a ouvi — observou o dono dos botões de mosaico.

— Eu quisera que o senhor a repetisse — pediu o sr. Pickwick.

— Repita-a — disse Lowten —, ninguém aqui a ouviu, exceto eu, e já quase me esqueceu.

O velho espalhou os olhos em derredor da mesa e casquinou mais horrível e triunfantemente do que nunca, ao ver a atenção que se estampava em cada rosto. Depois, coçando o queixo com a mão e olhando para o teto, como se quisesse lembrar-se das circunstâncias, principiou, destarte:

A HISTÓRIA DO VELHO SOBRE O ESTRANHO CLIENTE

— Pouco importa — disse o velho — onde ou como vim a saber desta curta história. Se eu devesse relatá-la na ordem em que chegou ao meu conhecimento, teria de começar pelo meio e, quando chegasse ao fim, voltar ao princípio. Basta-me dizer que algumas das circunstâncias ocorreram diante dos meus olhos. E, quanto às restantes, sei que se verificaram, e ainda há pessoas vivas que delas se lembrarão perfeitamente.

“Na rua principal do Borough, perto da Igreja de São Jorge, e do mesmo lado, ergue-se, como quase toda a gente o sabe, a menor das nossas prisões por dívidas, a de Marshalsea. Embora tenha sido, nestes últimos tempos, um lugar muito diferente da imunda cloaca que foi outrora, nem sequer essa melhoria de condições representa grande tentação para o extravagante, ou grande consolo para o imprevidente. O réu condenado à morte tem em Newgate um pátio para fazer exercícios tão bom como o devedor insolvente na Prisão de Marshalsea.

[11]

“Pode ser a minha imaginação, ou pode ser que eu não consiga divertir o lugar das velhas recordações que me desperta, o fato é que não suporto esse trecho de Londres. A rua é larga, as lojas são espaçosas, o ruído dos veículos que passam, os passos de uma interminável torrente de transeuntes — todos os sons ativos do tráfego nela ressoam da manhã à noite; mas as ruas adjacentes são estreitas e sujas; a miséria e a crápula pululam nas travessas regurgitantes; a necessidade e a desgraça estão encerradas na exígua prisão; e uma atmosfera de tristeza e de horror, a meus olhos pelo menos, parece impregnar aquela cena, emprestando-lhe uma cor esquálida e mórbida.

“Muitos olhos, que há muito se fecharam no túmulo, contemplaram-na inconscientemente ao cruzarem, pela primeira vez, a porta da velha Prisão de Marshalsea: pois raro vem o desespero com o primeiro golpe severo do infortúnio. Fia-se o homem de amigos ainda não provados, lembra-se dos muitos oferecimentos de serviços tão espontaneamente feitos pelos companheiros de festas quando não precisava deles; tem esperança — a

esperança da inexperiência feliz —, e embora se encolha ao primeiro golpe, ela torna a romper-lhe no seio e lá floresce por breve espaço, até murchar ao sopro da desilusão e do descanso. Não tardavam então esses mesmos olhos, profundamente encovados, a reluzir em rostos devastados pela fome, e emaciados pela reclusão, nos tempos em que não era figura de retórica dizer-se que os devedores apodreciam na prisão, sem esperanças de alívio, nem perspectivas de liberdade! Essas atrocidades já não existem em toda a sua extensão, mas resta ainda o suficiente para ocasionar ocorrências que fazem sangrar o coração.

“Há vinte anos era aquele chão gasto pelos passos de uma mãe e de uma criança que, dia após dia, certos como o raiar da manhã, se apresentavam à porta do ergástulo; muita vez depois de uma noite de agitada miséria e ansiosos pensamentos lá chegavam com uma hora de antecedência; e a jovem mãe, voltando-se mansamente, levava o filho para a velha ponte e, erguendo-o nos braços para mostrar-lhe as águas cintilantes, purpureadas pelos raios do sol matutino e agitadas pelos alvorotados preparativos de negócios e prazeres que o rio apresentava àquela hora, buscava interessar-lhe o espírito nos objetos que via. Mas logo o repunha no chão e, ocultando o rosto no xale, deixava correr as lágrimas que a cegavam; pois nenhuma expressão de interesse nem de recreio lhe acudia ao rostinho magro e doentio. Eram poucas as recordações da criança, mas todas de uma única espécie: todas ligadas à pobreza e aos sofrimentos dos pais. Horas inteiras, enrodilhado no regaço da mãe, observara, com ternura infantil, as lágrimas que corriam pelas faces da pobre, e arrastava-se depois em silêncio para algum canto obscuro, onde soluçava sozinho até dormir. As duras realidades da vida, e muitas de suas piores privações — a fome e a sede, o frio e a necessidade —, todas lhe haviam entrado em casa, desde os primeiros albores do entendimento; e, embora lá estivessem as formas da infância, já não estavam o coraçãozinho leve, o riso alegre e os olhos brilhantes.

“O pai e a mãe olhavam para o filho e entreolhavam-se depois com pensamentos de agonia que não ousavam expressar em palavras. O homem sadio e robusto, capaz de suportar quase todas as fadigas de uma existência ativa, consumia-se no cárcere severo e na insalubre atmosfera de uma prisão atravancada. A mulher, frágil e delicada, definhava sob os efeitos combinados das doenças do corpo e do espírito. Ao filho, a esse, partia-se-lhe o coração.

“Chegou o inverno e, com ele, as semanas de chuvas frias e pesadas. A pobre moça passara-se para um quarto miserável mais próximo do lugar em que se achava preso o marido; e, se bem a mudança se tivesse tornado necessária pela pobreza cada vez maior, sentia-se mais feliz agora, pois estava mais perto dele. Durante dois meses, ela e o companheirinho assistiram, como sempre, ao abrir-se do portão. Um dia, pela vez primeira, ela deixou de ir. Na manhã seguinte, foi, mas foi sozinha. A criança morrerá.

“Conhecem pouco os que falam levemente das perdas do pobre como de um termo feliz de padecimentos para o que se vai, e de um alívio misericordioso de despesas para o que fica — conhecem pouco, digo eu, a agonia que causam essas perdas. Um olhar silencioso de afeição e de carinho quando todos os outros olhos se voltam friamente — a consciência de que possuímos a simpatia e a afeição de uma criatura quando todas as outras nos desertaram — é um arrimo, um amparo, um consolo, na mais profunda aflição, que riqueza nenhuma poderá comprar, nem poder nenhum poderá dar. Sentara-se o filho aos pés dos pais durante horas a fio, com as mãozinhas pacientemente enclavinadas e o rostinho magro erguido para eles. Tinham-no visto entanguir-se, dia após dia; e embora a sua breve existência tivesse sido desprovida de alegrias e ele repousasse numa paz que, embora criança, não conhecera neste mundo, eles eram pais, e a sua morte oprimiu-lhes dolorosamente a alma.

“Era evidente, para quem fitasse o rosto demudado da mãe, que a morte não tardaria a cobrir-lhe a cena das adversidades e provações. Os companheiros de aljube do marido evitavam entremeter-se-lhe nas dores e misérias, e deixavam só para ele o quartinho que anteriormente ocupara com outros dois. Ela compartilhava-o com ele; e, consumindo-se lentamente, sem dores, mas sem esperanças, a vida lhe fugia a pouco e pouco.

“Ela desmaiara uma noite nos braços do marido, e ele a conduzira à janela aberta, para reanimá-la com um pouco de ar, quando os raios da Lua, caindo em cheio sobre o rosto dela, mostraram tamanha alteração em seus traços, que ele vacilou, como criança indefesa.

“— Deixe-me sentar, Jorge — pediu debilmente a esposa. Ele assim fez e, sentando-se ao pé dela, cobriu o rosto com as mãos e rompeu a soluçar.

“— É muito penoso deixá-lo, Jorge — disse ela —, mas é a vontade de Deus, e você precisa sofrê-lo por amor de mim. Oh! como agradeço a ele o

haver levado o nosso filhinho! Está agora no céu, e está feliz. Que haveria o coitadinho de fazer aqui, sem mãe?

“— Você não há de morrer, Maria, não há de morrer — revidou o marido, erguendo-se em pé. Pôs-se a caminhar, agitado, de um lado para outro, golpeando a cabeça com os punhos fechados; logo, voltando a sentar-se ao lado dela e amparando-a nos braços, ajuntou, mais calmo:— Reanime-se, meu bem. Reanime-se, por favor. Você viverá ainda.

“— Nunca mais, Jorge; nunca mais — tornou a moribunda. — Deixe que me levem agora para junto de meu filho, mas prometa-me que, se um dia sair deste lugar horrível, se um dia ficar rico, você nos levará para algum tranqüilo cemitério da província, bem longe, bem longe daqui, onde possamos descansar em paz. Prometa-me, querido, que há de fazê-lo.

“— Prometo, prometo — disse o homem atirando-se, de joelhos, apaixonadamente, diante dela. — Fale comigo. Maria, mais uma palavra; mais um olhar — só um!

“Ele cessou de falar, pois o braço que lhe envolvia o pescoço tornava-se rígido e pesado. Um suspiro fundo fugiu do corpo devastado que estava diante dele; moveram-se os lábios, e um sorriso brincou-lhe no rosto; mas os lábios estavam brancos e o sorriso mudou-se numa rígida e horrível expressão. Ele estava só no mundo.

“Aquela noite, no silêncio e na desolação do quarto miserável, ajoelhou-se o desgraçado diante do cadáver da esposa, e invocou a Deus por testemunha de um tremendo juramento: a partir daquele instante, dedicar-se-ia tão-só a vingar a morte dela e do filho; daquele momento até o último segundo de sua vida, todas as suas energias seriam dirigidas nesse único sentido; seria a sua vingança prolongada e terrível; o seu ódio, eterno e inextinguível: e ele perseguiria o objeto desse ódio até os últimos confins da terra.

“O desespero mais profundo e uma paixão quase sobre-humana lhe produziram tamanhos estragos no corpo e no rosto, aquela noite, que os seus companheiros de infortúnio recuaram, espavoridos, quando ele passou. Tinha os olhos injetados e cavos, o rosto de uma palidez larvar, e o corpo inclinado como ao peso dos anos. Mordera tão fundamente o lábio inferior na violência dos seus padecimentos, que o sangue lhe jorrara da ferida e, escorrendo-lhe pelo queixo, manchara-lhe a gravata e a camisa. Nem uma lágrima, nem uma queixa lhe escaparam; mas o olhar esgazeado e a pressa desvairada com que percorria o pátio denotavam a febre que ardia dentro dele.

“Era preciso que o corpo da mulher fosse transferido, sem demora, da prisão. Ele recebeu a notícia com perfeita calma, e concordou com a sua conveniência. Quase todos os detentos se haviam reunido para assistir à transladação do corpo; recuaram, abrindo alas, quando apareceu o viúvo; este precipitou-se para a pequena área gradeada, junto ao portão, de onde os outros se haviam retirado, com um sentimento instintivo de delicadeza, e lá se ficou sozinho. O caixão grosseiro foi lentamente conduzido sobre os ombros de quatro homens. Um silêncio mortal caiu sobre a turba, interrompido apenas pelas audíveis lamentações das mulheres e pelos passos incertos dos carregadores sobre as pedras da calçada. Chegaram ao lugar em que estava o marido e pararam. Ele pousou a mão sobre o ataúde, concertou, mecanicamente, o pano que o recobria e fez sinal para que continuassem. Os carcereiros que estavam no vestíbulo tiraram os chapéus ao passar o esquife e, um momento depois, o portão fechava-se atrás dele. O homem alongou os olhos distraído pela turba e caiu pesadamente ao solo.

“Embora durante muitas semanas depois disso fosse vigiado, dia e noite, nos mais loucos delírios da febre, nem a consciência da sua perda nem a lembrança do juramento que fizera deixaram-no sequer por um momento. Mudavam as cenas diante dos seus olhos, os lugares sucediam-se aos lugares, os acontecimentos seguiam-se uns aos outros, na vertigem do delírio; mas eram todos, de certo modo, ligados ao grande objeto do seu espírito. Navegava sobre uma extensão sem limites de mar, tendo em cima o céu ensangüentado e, embaixo e de todos os lados, as águas raivosas, que referviam e turbilhonavam, em fúria devastadora. Havia outro barco na frente, que se afadigava por vencer a tormenta estrepitosa; as velas, em tiras, tremulavam-lhe no mastro e nas cobertas se apinhoava a tripulação flagelada pelo vento e sobre a qual vagas enormes rebentavam sem parar, varrendo-a para o oceano espumante. Sem embargo, seguia sempre o navio de Jorge, pela massa estardalhante de água, com velocidade e força irresistíveis; e, abalroando a popa do navio que ia na frente, esmagou-o sob a quilha. Do enorme torvelinho ocasionado pelo sossobrar da embarcação, elevou-se um grito alto e agudo — o grito de morte de centenas de criaturas que se afogavam, num rugido só — que dominou o grito de guerra dos elementos, e ecoou, e tornou a ecoar, como se fôsse atravessar o ar, o céu e o oceano. Mas que era aquilo — aquela velha cabeça encanecida que surgia das águas e, com olhares agônicos e gritos de socorro, lutava contra as ondas? Um olhar bastou para que Jorge se atirasse do navio ao

mar e se pusesse a nadar vigorosamente para ela. Alcançou-a. Eram os traços dele. O velho viu-o aproximar-se e debalde buscou fugir-lhe. Jorge segurou-o com força e arrastou-o para baixo da água. Para baixo, sempre para baixo, a 50 braças de profundidade; debatia-se o velho cada vez com menos força, até que lhe cessou de todo a resistência. Estava morto; Jorge matara-o e cumprira o juramento.

“Atravessava as adustas areias de imenso deserto, sozinho e descalço. A areia o cegava e sufocava; os minúsculos grãosinhos penetravam-lhe os próprios poros e quase o enlouqueciam de desespero. Massas gigantescas de pó, carregadas pelo vento e iluminadas pelo sol abrasador, moviam-se à distância, como pilares vivos de fogo. Os ossos dos homens que tinham perecido no medonho ermo jaziam-lhe espalhados aos pés; uma claridade horrível alumiaava tudo à sua volta; até onde a vista alcançava não se via outra coisa senão objetos de medo e de horror. Tentando, em balde, soltar um grito, a língua presa ao céu da boca, atirou-se, dementado, para a frente. Movido de força sobrenatural, abriu caminho pela areia, até que, exausto de sede e fadiga, tombou, sem sentidos, ao chão. Que oloroso frescor o reanimou? Que marulhar era aquele? Água! Era, de fato, uma fonte; e, límpida e fresca, corria a linfa a seus pés. Bebeu sequiosamente dela e, pousando na margem os membros doloridos, caiu num delicioso torpor. Um velho agrisalhado aproximava-se, cambaleante, para dessedentar-se também. Era ele outra vez. Jorge enlaçou com os braços o corpo do velho e segurou-o. O outro debatia-se, bradava por água, por uma gota só que lhe salvasse a vida! Mas ele retinha com a mão firme o ancião e, sôfrego, lhe observava a agonia; e quando a cabeça, já sem vida, lhe caiu sobre o peito, lançou de si o cadáver com os pés.

“Quando a febre o deixou, e voltou a consciência, acordou para achar-se livre e rico: para saber que o pai que o deixaria perecer numa masmorra — deixaria! que deixara os que lhe eram muito mais caros do que a própria vida morrer de fome e de um mal do coração que a medicina é incapaz de curar — fora encontrado morto na cama. Tivera a coragem de reduzir o filho à mendicidade, mas, orgulhoso até da própria saúde e do próprio vigor, adiará o ato que devia deserdá-lo até o dia em que já era tarde demais para fazê-lo, e agora poderia estarrincar os dentes no outro mundo ao pensar nas riquezas que a sua negligência legara ao infeliz. Acordou para isso; e acordou para mais ainda. Para lembrar-se do propósito pelo qual vivia e para lembrar-se de que o seu inimigo era o pai de sua esposa — o homem que o lançara à prisão e que,

quando a filha e o neto lhe suplicavam, de joelhos, misericórdia, os expulsara de casa. Oh, como maldisse a fraqueza que o tolhia de estar em pé, e ativo, para levar a cabo o seu plano de vingança!

“Fez-se transportar do teatro da dupla perda que sofrera e dos seus infortúnios para uma tranqüila residência à beira-mar; não com a esperança de recobrar o sossego de espírito ou a felicidade, pois ambos lhe haviam fugido para sempre; mas para restaurar as perdidas energias e meditar em seu projeto favorito. E lá algum espírito mau ensejou-lhe a vingança primeira e mais horrível.

“Era no verão; e, absorto em seus tristes pensares, deixara ele, à tarde, a solitária habitação e dirigia-se, por um atalho estreito, no sopé dos rochedos, a um lugar ermo e agreste, que lhe chamara a atenção em suas andanças vagabundas; sentava-se nalgum fragmento partido de rocha e lá ficava horas e horas — até que a noite descesse completamente, às vezes, e as longas sombras dos penhascos medonhos, que lhe ficavam acima da cabeça, projetassem uma treva densa e negra sobre todos os objetos que o cercavam.

“Lá estava sentado, numa tarde tranqüila, em sua posição costumeira, erguendo, de longe em longe, a cabeça para seguir o vôo de uma gaivota, ou alongar a vista pela maravilhosa esteira de luz que, começando no meio do oceano, parecia chegar até o seu ponto extremo, onde se deitava o Sol, quando o profundo silêncio do lugar foi quebrado por um grito aflitivo de socorro; prestou atenção, como a duvidar se ouvira bem, quando o grito se repetiu, com maior veemência; pôs-se de pé e deitou a correr na direção de onde procedia o brado.

“A história contava-se por si mesma: algumas peças soltas de roupa jaziam na praia; uma cabeça humana era apenas visível sobre as ondas, a pequena distância da terra; e, torcendo as mãos agoniado, corria um velho de um lado para outro, a pedir auxílio. O inválido, cujas forças, a esse tempo, já se haviam restaurado, arrancou o casaco e precipitou-se na direção do mar, com a intenção de mergulhar e trazer para a praia o homem que se afogava.

“— Depressa, senhor, pelo amor de Deus; socorro, socorro, senhor, em nome dos céus. É meu único filho, senhor, meu único filho! — disse o velho, desesperado, adiantando-se para ele. — Meu único filho, senhor, e está morrendo diante dos meus olhos!

“Ao ouvir a primeira palavra proferida pelo velho, deteve-se o estranho na carreira e, cruzando os braços, ficou completamente imóvel.

“— Santo Deus! — exclamou o ancião, recuando. — Heyling!

“O estranho sorriu e permaneceu em silêncio.

“— Heyling! — tornou o velho, desvairado. — Meu filho, Heyling, meu filho querido, veja, veja! — Ofegante, o desgraçado apontava para o lugar em que o mancebo lutava contra a morte.

“— Ouça! — bradou o pai. — Ele está gritando outra vez. Ainda está vivo. Heyling, salve-o, salve-o!

“O estranho voltou a sorrir, e continuou imóvel como uma estátua.

“— Eu lhe fiz mal — clamou o velho, caindo de joelhos e enclavinando as mãos. — Vingue-se; tire-me tudo o que tenho, tire-me a vida; jogue-me na água, a seus pés, e se a natureza humana puder morrer sem uma luta, morrerei sem mover um músculo. Faça-o, Heyling, faça-o, mas salve meu filho! Ele é tão moço, Heyling, tão moço para morrer!

“— Ouça — disse o estranho, segurando ferozmente o pulso do velho. — Quero vida por vida, e aqui está uma. Meu filho morreu, diante dos meus olhos, de uma morte muito mais penosa e aflitiva que a desse moço caluniador da irmã. O senhor riu-se então — riu-se na cara de sua filha, onde a morte já pousara — dos nossos sofrimentos. Que lhe parecem agora? Veja, veja!

“Enquanto falava, o estranho apontava para o mar. Um débil grito extinguiu-se na superfície das águas; o último esforço vigoroso do moribundo agitou por alguns segundos as ondas encapeladas; e o lugar em que ele desceu ao túmulo prematuro tornou-se indistinguível na vastidão das águas.

.....

“Três anos haviam decorrido quando apeou um cavalheiro, de um carro particular, à porta de um advogado de Londres, conhecido por não muito escrupuloso no exercício da sua profissão, e solicitou uma entrevista para tratar de um negócio importante. Embora estivesse ainda, evidentemente, na plenitude da vida, o rosto era pálido, macilento e abatido e não se fazia mister a aguçada percepção de um homem de negócios para conhecer que a doença ou os sofrimentos lhe haviam alterado mais a aparência do que o poderia ter feito a mão do tempo num período duas vezes maior.

“— Desejo encarregá-lo de um assunto judicial — disse o estranho.

“Inclinou-se, obsequioso, o advogado, e deitou os olhos para um volumoso pacote que o estranho sobraçava. O visitante observou o olhar e

prosseguiu.

“— Não se trata de um negócio comum — disse ele —, nem estes papéis me vieram ter às mãos sem muito trabalho e grandes despesas.

“O advogado lançou um olhar mais curioso ainda ao embrulho; e o visitante, desatando o cordel que o amarrava, mostrou uma quantidade de notas promissórias, com cópias de escrituras e outros documentos.

“— Com estes papéis — disse o cliente — o homem cujo nome trazem escrito levantou, como o senhor verá, grandes somas de dinheiro, já há alguns anos. Havia uma tácita combinação entre ele e as pessoas em cujas mãos se achavam originariamente estes papéis — e das quais os adquiri, a pouco e pouco, pelo triplo e pelo quádruplo do valor nominal—, segundo a qual os empréstimos seriam, de tempos a tempos, reformados, até o fim de determinado prazo. Essa combinação não se acha expressa em parte alguma. Esse homem sofreu, ultimamente, muitas perdas; e se lhe for preciso saldar, a um tempo, todas estas obrigações acumuladas, ficará liquidado.

“— A soma total é de muitos milhares de libras — disse o advogado, examinando os papéis.

“— De fato — retrucou o cliente.

“— Que teremos de fazer? — perguntou o homem de leis.

“— Que teremos de fazer? — repetiu o cliente, com súbita veemência. — Ponha em movimento todos os maquinismos legais, todas as traças que o engenho pode astuciar e a velhacaria executar; todos os métodos, honestos e desonestos; a franca opressão da lei, ajudada pela manha dos seus mais hábeis cultores. Quero que ele morra de uma morte angustiosa e prolongada; arruine-o, tome-lhe as terras e os bens, venda-os, arranque-o de sua casa, e transforme-o num velho mendigo, para que pereça numa prisão comum.

“— Mas as custas, meu caro senhor, as custas de tudo isso — objetou o advogado, ao voltar a si da momentânea surpresa. — Se o réu for um homem arruinado, quem pagará as custas?

“— Diga uma importância qualquer — declarou o estranho, cuja mão tremia tanto que mal conseguia segurar a pena, que empunhara ao falar. — Uma importância qualquer, e será sua. Não tenha medo de dizer. Não acharei caro, se alcançar o meu objetivo.

“O advogado estipulou uma soma grande, ao acaso, como adiantamento, para garantir-se contra a possibilidade de um prejuízo, mais para verificar até

onde chegaria, de fato, o cliente, do que com a idéia de que acedesse ao pedido. O estranho assinou um cheque e saiu.

“Pago o cheque, e verificando o advogado que podia confiar no homem que o procurara, começou a trabalhar com afinco. Por mais de dois anos depois disso, Heyling passava dias inteiros e seguidos no escritório, examinando os papéis à proporção que estes se acumulavam, lendo e relendo, com os olhos a brilharem de alegria, as cartas de súplica, os pedidos de espera, as descrições da ruína infalível que a parte adversária viria a sofrer, à medida que se iniciavam processos sobre processos, ações sobre ações. A todos os pedidos de indulgência, dava uma única resposta — era preciso pagar; e o velho teria sido encarcerado se, escapando à vigilância dos beleguins, não fugisse.

“A implacável animosidade de Heyling, longe de saciar-se no bom êxito da sua perseguição, centuplicava com a ruína infligida. Ao ter conhecimento da fuga do velho, a sua fúria não conheceu limites. Rangia os dentes com desespero, arrancava os cabelos, e apostrofava, com violentas imprecações, os homens encarregados de prendê-lo. Só recobrou uma relativa calma quando lhe foi reiterativamente assegurado que era certa a captura do fugitivo. Mandaram-se agentes à sua procura, em todas as direções; empregaram-se todos os estratagemas que podiam ser engenhados para descobrir-lhe o esconderijo; mas tudo em vão. Seis meses se passaram e ele continuava homiziado.

“Uma noite, afinal, a desoras, Heyling, do qual ninguém tivera notícias durante muitas semanas, apareceu na residência particular do advogado e mandou dizer que um cavalheiro desejava falar-lhe imediatamente. E antes que o advogado, que lhe reconhecera a voz, pudesse ordenar ao criado que o fizesse entrar, subiu num ápice a escada e entrou na sala, pálido e ofegante. Fechada a porta, a fim de que ninguém mais o ouvisse, deixou-se cair numa cadeira e disse, em voz baixa:

“— Psiu! Encontrei-o, por fim.

“— Não! — retrucou o advogado. — Muito bem, meu caro senhor, muito bem.

“— Está escondido numa casa miserável, em Camden — disse Heyling. Talvez haja sido melhor que o tenhamos perdido de vista, pois tem vivido lá sozinho, na mais abjeta miséria, durante esse tempo todo, e está pobre — paupérrimo.

“— Muito bem — voltou o advogado. — Quer então que se faça a captura amanhã, naturalmente?

“— Sim — replicou Heyling. — Não! Espere! Depois de amanhã. Surpreende-lhe que eu deseje adiá-la — ajuntou com um sinistro sorriso —, mas eu me havia esquecido. Depois de amanhã é um aniversário na vida dele: seja, portanto, depois de amanhã.

“— Muito bem — tornou o advogado. — Quer escrever as suas instruções ao beleguim?

“— Não; quero encontrar-me com ele aqui, às 8 da noite, e eu mesmo o acompanharei.

“Encontraram-se na noite aprazada e, tomando um carro de aluguel, disseram ao cocheiro que parasse numa curva da velha estrada de Pancras, onde se ergue o albergue paroquial. Quando desceram do carro, já era noite fechada; e, caminhando ao longo do muro do Hospital Veterinário, entraram numa pequena travessa, que se chama, ou chamava, naquele tempo, a rua do Coleginho, e que, seja agora o que for, era um lugar desolado, apenas cercado de campos e de valas.

“Havendo enterrado o chapéu de viagem na cabeça e tendo-se envolvido numa capa, Heyling se deteve diante da casa mais sórdida do beco e bateu mansamente à porta. Abriu-a num instante uma mulher, que fez um sinal de inteligência, e Heyling, ordenando em voz baixa ao beleguim que esperasse, subiu sem fazer barulho a escada e, abrindo a porta do quarto da frente, entrou de supetão.

“O objeto das suas buscas e da sua incansável animosidade, já transformado num velho decrépito, estava sentado a uma mesa nua, em que se via uma vela miserável. Estremeceu ao entrar o desconhecido e ergueu-se com dificuldade.

“— E agora? E agora? — exclamou o velho. — Que nova desgraça é esta? Que deseja o senhor aqui?

“— Uma palavrinha consigo — replicou Heyling. Ao falar, sentou-se na outra extremidade da mesa e, tirando a capa e o chapéu, descobriu o rosto.

“O velho pareceu instantaneamente privado da fala. Caiu para trás na cadeira e, retorcendo as mãos, parou a vista na aparição com ódio e com medo.

“— Faz hoje seis anos — disse Heyling — que reclamei a vida que me devia pela de meu filho. Ao pé do cadáver de sua filha, senhor, jurei viver uma existência de vingança. Não me aparteí do meu propósito nem um segundo; mas, ainda que o tivesse feito, a lembrança do olhar de sofrimento e resignação que ela me lançou ao morrer, ou a recordação do rosto faminto de nosso

filhinho inocente, dar-me-iam alento para levar a cabo a tarefa. Lembra-lhe muito bem o meu primeiro ato de desforra: este é o derradeiro.

“O velho estremeceu e as mãos caíram-lhe, inertes, ao lado do corpo.

“— Deixarei amanhã a Inglaterra —olveu Heyling, depois de uma pausa. — Hoje, entrego-o à morte em vida a que o senhor a condenou — uma prisão sem esperanças...

“Levantou os olhos para o semblante do ancião e tornou a silenciar. Ergueu-lhe a vela à altura do rosto, tornou a colocá-la suavemente sobre a mesa, e saiu do quarto.

“— Seria melhor que a senhora fosse ver o velho — disse à mulher ao abrir a porta, fazendo sinal para que o beleguim o acompanhasse.

“— Creio que ele está doente. — A mulher fechou a porta, precipitou-se pela escada acima e encontrou-o já sem vida.

.....

“Debaixo de uma lápide simples, num dos mais isolados e tranqüilos cemitérios de Kent, onde flores agrestes se misturam com a relva, e o suave panorama que o rodeia constitui um dos mais belos locais do jardim inglês, jazem os ossos da jovem mãe e de seu filho. Mas as cinzas do pai não se misturam às deles; nem, a partir dessa noite, deu jamais o advogado a menor indicação do destino que levou o estranho cliente.”

Quando o velho concluiu a história, encaminhou-se para um cabide que havia a um canto, e, tirando o chapéu e a casaca, vestiu-os com grande deliberação; depois, sem proferir uma única palavra, retirou-se lentamente. Como o cavalheiro dos botões de mosaico tivesse adormecido e a maior parte dos circunstantes se entretivesse na divertida tarefa de jogar sebo derretido nos copos de grogue, o sr. Pickwick, depois de pagar a sua conta e a do sr. Weller, em companhia deste último cavalheiro, deixou despercebido os domínios da Estalagem da Pega e do Tronco.

CAPÍTULO XXII

EM QUE O SR. PICKWICK VIAJA PARA IPSWICH E VIVE UMA ROMÂNTICA AVENTURA COM UMA SENHORA DE MEIA-IDADE DE PAPELOTES AMARELOS.

— É A BAGAGEM DO PATRÃO, SAMMY? — perguntou o sr. Weller ao afetuoso filho, quando este entrou no pátio da Estalagem do Touro, em Whitechapel, com um saco de viagem e uma maleta.

— A sua conjectura não foi das piores, velho — replicou o sr. Weller, o moco, colocando a carga no pátio e sentando-se sobre ela. — O patrão em pessoa chegará daqui a pouco.

— Vem de cabriolé, com certeza? — indagou o pai.

— Vem, vem correndo 2 milhas de perigos por 8 *pence* — respondeu o filho. — Como está a madraستا hoje?

— Esquisita, Sammy, esquisita — replicou o mais velho dos Wellers, com impressionante gravidade. — Meteu-se ultimamente com os metodistas; e tem sido de uma devoção incrível. Ela é boa demais para mim, Sammy; sinto que não a mereço.

— Ah — tornou o sr. Samuel —, isso é modéstia.

— Deve ser — replicou o pai, com um suspiro. — Anda entusiasmada com uma invenção que faz os adultos nascerem outra vez, Sammy; creio que chamam a isso renascimento. Eu gostaria de ver esse processo em funcionamento. Gostaria de que a sua madraستا nascesse outra vez, para poder entregá-la a uma ama qualquer!

— Que acha você que as mulheres fizeram outro dia? — continuou o sr. Weller, depois de breve pausa, durante a qual bateu meia dúzia de vezes, significativamente, com o indicador no nariz. — Que acha você que fizeram outro dia, Sammy?

— Não sei — replicou Sammy. — Que foi?

— Arranjaram um chá para um sujeito a que chamam o seu pastor — disse o sr. Weller. — Eu estava diante do albergue, olhando para o letreiro, quando vi um cartaz: “Bilhetes, meia coroa. Todos os pedidos devem ser feitos à comissão. Secretária, sra. Weller”; e quando entrei em casa lá estava a comissão sentada na saleta. Catorze mulheres; eu queria que você as tivesse ouvido, Sammy, tomando resoluções, votando socorros e fazendo uma palhaçada medonha. Pois bem. A sua madrasta começou a enjerizar-me para ir e eu, pensando em ver talvez alguma coisa engraçada, pus o meu nome na lista para comprar um bilhete; sexta-feira às 6 horas da tarde, vesti-me com esmero e lá fui com a velha; subimos a um primeiro andar onde havia coisas de chá para trinta, e uma porção de mulheres que começaram a cochichar e a olhar para mim, como se nunca tivessem visto um cavalheiro robusto de 58 anos. As coisas iam indo quando ouvi um barulhão na escada, e um magricela entrou, de nariz vermelho e gravata branca, e anunciou: “Aí vem o pastor para visitar o seu fiel rebanho”; e logo depois entrou um gorducho de preto, com uma carona muito branca, desmanchada em sorrisos. “O beijo da paz”, disse o pastor; e começou a beijar todas as mulheres; quando ele acabou, foi a vez do magricela. Eu já estava pensando se não devia começar também — especialmente porque havia uma senhora muito simpática sentada perto de mim — quando chegaram o chá e a sua madrasta, que estivera fervendo a chaleira lá embaixo. Aí todos avançaram, com unhas e dentes. Um hino tão lindo, Sammy, enquanto o chá se preparava: aquilo é que foi dar graças, e comer e beber! Eu queria que você visse o pastor no meio do presunto e das torradas. Nunca vi um sujeito assim para comer e para beber; nunca. O magricela de nariz vermelho não era um homem que você gostasse de sustentar, mas parecia fichinha perto do pastor. Pois bem, depois que o chá se acabou, cantaram outro hino e o pastor começou a pregar; e pregou muito bem, se considerarmos a quantidade de pão que lhe havia de pesar no bucho. De repente deu um pulo, e gritou: “Onde está o pecador? Onde está o miserável pecador?” Ouvindo isso, todas as mulheres olharam para mim e puseram-se a gemer, como se fossem bater as botas. Achei aquilo meio esquisito, mas não disse nada. Logo depois, ele pulou outra vez e, encarando-me perguntou: “Onde está o pecador? Onde está o miserável pecador?”, e as mulheres começaram a gemer de novo, dez vezes mais alto. Fiquei furioso com a história, dei um passo a frente, e perguntei: “Meu amigo”, disse eu, “é comigo esse negócio?” Em vez de me pedir perdão como um cavalheiro deveria ter

feito, ficou mais descarado ainda: chamou-me de vaso, Sammy — vaso de ira — e de uma porção de nomes. O sangue me ferveu e eu dei, primeiro, uns dois ou três pés-de-ouvido nele depois mais dois ou três no homem de nariz vermelho, e pirei. Eu queria que você ouvisse as mulheres gritando, Sammy, quando foram buscar o pastor debaixo da mesa. Olá! aí está o patrão, em tamanho natural.

Enquanto o sr. Weller falava, o sr. Pickwick apeou de um cabriolé e entrou no pátio.

— Bonita manhã — disse o sr. Weller, sênior.

— Bonita mesmo — replicou o sr. Pickwick.

— Bonita mesmo — repetiu um homem de cabelos ruivos, nariz inquisitivo e óculos, que descera de um cabriolé no momento em que o sr. Pickwick descera do seu. — Vai para Ipswich, senhor?

— Vou — replicou o sr. Pickwick.

— Que extraordinária coincidência! Eu também.

O sr. Pickwick inclinou-se.

— Vai na Imperial? — perguntou o homem ruivo.

O sr. Pickwick tornou a inclinar-se.

— Valha-me Deus, que coisa extraordinária! Também vou na Imperial — tornou o ruivo. — Vamos decididamente juntos. — E o homem de cabelos ruivos, personagem de aspecto importante, nariz adunco e falas misteriosas, e que tinha o hábito ornitológico de sacudir a cabeça toda vez que dizia alguma coisa, sorriu como se tivesse feito um dos mais estranhos descobrimentos que o destino pudesse deparar ao engenho humano.

— Sinto-me feliz com a perspectiva da sua companhia, senhor — disse o sr. Pickwick.

— Ah — volveu o recém-chegado —, é uma boa coisa para ambos, não é mesmo? A companhia, o senhor sabe... a companhia é... é... é muito diferente da solidão... não é verdade?

— Sem dúvida nenhuma — disse o sr. Weller, tomando parte na conversação com um sorriso afável. — É a isso que chamo uma proposição evidente por si mesma, como disse o açougueiro à criada quando esta lhe declarou que ele não era um cavalheiro.

— Ah! — exclamou o homem ruivo examinando o sr. Weller da cabeça aos pés com um sorriso desdenhoso. — É seu amigo, senhor?

— Não é precisamente um amigo — replicou o sr. Pickwick em voz baixa.
— É meu criado, mas permito-lhe tomar algumas liberdades: porque, aqui entre nós, tenho-o na conta de um original e orgulho-me dele.

— Ah — retrucou o ruivo —, é uma questão de gosto. Não aprecio nada que seja original: não lhe percebo a necessidade. Como se chama, senhor?

— Aqui está o meu cartão — replicou o sr. Pickwick, muito divertido pelo abrupto da pergunta e pelos modos singulares do estranho.

— Ah — disse o homem ruivo, colocando o cartão no bolso —, Pickwick; muito bem. Gosto de saber o nome dos outros para evitar aborrecimentos! Aqui está o meu cartão, senhor; Magnus, como poderá ver; Magnus é o meu nome. Bonito nome, não acha?

— Muito bonito, sem dúvida — respondeu o sr. Pickwick, inteiramente incapaz de reprimir um sorriso.

— Também acho — continuou o sr. Magnus. — Há outro nome bonito antes dele, como poderá observar. Permita-me, senhor: se inclinar um pouquinho o cartão, desse jeito, a luz cairá sobre o nome. Isso: Pedro Magnus: soa bem, não soa?

— Muito — aquiesceu o sr. Pickwick.

— Há uma curiosa circunstância a propósito destas iniciais, senhor — disse Magnus. — Observe: P.M. — *post meridiem*. Nas notas apressadas que escrevo aos meus amigos íntimos, assino-me, às vezes, “Tardinha”. Isso diverte enormemente os meus amigos, sr. Pickwick.

— Imagino, com efeito, que lhes há de proporcionar uma satisfação imensa — disse o sr. Pickwick, invejando um pouco a facilidade com que se divertiam os amigos do sr. Magnus.

— Cavalheiros — interveio o moço das cavaliças —, o carro está pronto.

— Toda a minha bagagem está aí dentro? — perguntou Magnus.

— Está, sim, senhor.

— O saco vermelho está?

— Está, sim, senhor.

— E o saco riscado?

— Na boléia, senhor.

— E o embrulho de papel pardo?

— Debaixo do assento, senhor.

— E a caixa de chapéus?

— Está tudo aí dentro, senhor.

— Então, quer subir? — perguntou o sr. Pickwick.

— Desculpe-me — redargüiu Magnus, em pé sobre a roda. — Desculpe-me, sr. Pickwick. Não posso subir neste estado de incerteza. Vejo perfeitamente pelos modos desse homem que a caixa de chapéus não está aí dentro.

Tendo sido inteiramente baldados os solenes protestos do moço das cavaliças, foi preciso desenterrar a caixa de chapéus das profundezas do assento, para demonstrar-lhe que havia sido cuidadosamente guardada; e, depois que ele se tranqüilizou a esse respeito, teve um solene pressentimento: primeiro, de que o saco vermelho se perdera, depois, de que o saco riscado fora furtado, e, logo, de que o embrulho de papel pardo “chegara desamarrado”.

Por fim, certificando-se ocularmente da ausência de fundamentos de cada uma dessas suspeitas, consentiu em trepar no teto da diligência, observando que, depois de se lhe haver aliviado o espírito de todas as inquietações, experimentava uma sensação de felicidade perfeita.

— O senhor é nervoso, não é? — perguntou o sr. Weller, sênior, considerando o estranho de soslaio, enquanto este subia para o seu lugar.

— Sou; sou meio nervoso quando se trata dessas coisinhas sem importância — disse o estranho —, mas agora estou bem, perfeitamente bem.

— Ainda bem — disse o sr. Weller. — Sammy, ajude o patrão a subir; a outra perna, isso; dê-nos a mão. Upa! O senhor havia de ser menos pesado quando menino.

— Lá isso é verdade, sr. Weller — concordou o ofegante sr. Pickwick, de bom humor, ao sentar-se na boléia, ao lado dele.

— Suba na frente, Sammy — disse o sr. Weller. — Agora, Villam, para a frente com eles. Cuidado com o arco, meus senhores. “As cabeças”, como diz o pasteleiro. Isso, Villam. Pode soltá-los. — E lá se foi a diligência, Whitechapel acima, para admiração de todos os habitantes do populoso bairro.

— Não é muito bonita esta vizinhança, senhor — disse Sam, levando a mão ao chapéu, como sempre fazia ao entabular conversação com o amo.

— De fato, não é, Sam — replicou o sr. Pickwick, observando a rua suja e apinhada de gente pela qual passavam.

— É uma circunstância assaz extraordinária, senhor — disse Sam —, que a pobreza e as ostras pareçam estar sempre juntas.

— Não compreendo, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Quero dizer, senhor — tornou Sam —, que, quanto mais pobre o lugar, tanto maior parece ser o consumo de ostras. Veja: há aqui uma loja de ostras de seis em seis casas. A rua anda forrada de cascas. Deus me perdoe se não acredito que os homens, quando muito pobres, saem correndo de casa e põem-se a comer ostras, por desespero.

— Não há dúvida de que é isso mesmo — sobreveio o sr. Weller, sênior —, e o mesmo se dá com o escabeche de salmão!

— Dois fatos notáveis que nunca me ocorreram até agora — disse o sr. Pickwick. — No primeiro lugar que pararmos tomarei nota deles.

Nesse meio tempo, haviam chegado à barreira de Mile End; um silêncio profundo imperou durante as 2 ou 3 milhas seguintes, quando o sr. Weller, sênior, voltando-se, de improviso, para o sr. Pickwick, observou:

— É muito engraçada a vida de um guarda-barreiras, senhor.

— De um quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— De um guarda-barreiras.

— Que entende o senhor por um guarda-barreiras? — perguntou o sr. Pedro Magnus.

— O velho se refere aos homens que tomam conta das barreiras, senhores — observou, explicativamente, o sr. Samuel Weller.

— Oh — disse o sr. Pickwick —, já sei. De fato; uma existência muito curiosa. Muito incômoda.

— Todos são homens que tiveram alguma desilusão na vida — continuou o sr. Weller, sênior.

— Ah!, sim?

— Sim. E, por isso, retiram-se do mundo e fecham-se nas barreiras; em parte, no intuito de viverem na solidão e, em parte, no intuito de se vingarem dos homens, cobrando-lhes a portagem.

— Ora essa — disse o sr. Pickwick —, pois eu não sabia desse fato.

— É certo, senhor — tornou o sr. Weller. — Se fossem cavalheiros, o senhor lhes chamaria misantropos; sendo o que são, dedicam-se a guardar barreiras.

Com semelhante conversação, que possuía o encanto inestimável de reunir o útil ao agradável, o sr. Weller iludiu o tédio da jornada durante a maior parte do dia. Os tópicos de conversação nunca faltavam, pois quando ocorria alguma pausa na loquacidade do sr. Weller, era sobradamente preenchida pelo desejo do sr. Magnus de conhecer toda a história particular dos companheiros de

viagem, e pela sua ansiedade, ruidosamente expressa em cada parada, a respeito da segurança e do bem-estar dos dois sacos, da caixa de chapéus e do embrulho de papel pardo.

Na rua principal de Ipswich, à mão esquerda, a uma curta distância da Casa da Câmara, ergue-se uma estalagem muito conhecida pelo nome de O Grande Cavallo Branco, tornada mais conspícua ainda por uma estátua de pedra de algum animal cabriolante, de crina e cauda soltas, que apresentava remota semelhança com um cavalo doido de carroça, acima da porta principal. A Estalagem do Grande Cavallo Branco é famosa nas circunvizinhanças, assim como o é um boi premiado nalguma exposição, um nabo celebrado por um jornal provinciano, ou um cevado monstruoso pelo enorme tamanho. Nunca se viu, debaixo do mesmo teto, tamanho labirinto de corredores sem tapetes, nem tal coleção de salas úmidas e mal iluminadas, nem tão grande número de pequenas cavernas em que se comia e dormia, como os que se encontravam entre as quatro paredes da Estalagem do Grande Cavallo Branco, em Ipswich.

Era à porta dessa gigantesca taberna que se detinha a diligência de Londres, à mesma hora, todas as tardes: e foi dessa mesma diligência de Londres que desceram o sr. Pickwick, Sam Weller e o sr. Pedro Magnus, na tarde a que se refere este capítulo da nossa história.

— O senhor fica aqui? — perguntou o sr. Pedro Magnus, depois que o saco riscado, o saco vermelho, a caixa de chapéus e o embrulho de papel pardo foram colocados no corredor. — O senhor fica aqui?

— Fico — respondeu o sr. Pickwick.

— Por Deus — acudiu o sr. Magnus —, nunca vi nada como essas extraordinárias coincidências. Também fico. Espero que jantemos juntos.

— Com prazer — replicou o sr. Pickwick. — Ainda não sei se os meus amigos já chegaram. Oh, moço! Não está aqui um senhor chamado Tupman?

Um homem corpulento, com um guardanapo de quinze dias debaixo dos braços e meias coevas nas pernas, desistiu lentamente da ocupação de contemplar a rua, quando o sr. Pickwick lhe fez a pergunta; e, depois de examinar miudamente o aspecto do cavalheiro, do alto do chapéu ao último botão das polainas, replicou, enfático:

— Não.

— Nem um senhor chamado Snodgrass? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não!

— Nem Winkle?

— Não.

— Os meus amigos não chegaram, senhor — disse o sr. Pickwick. — Jantaremos sozinhos, portanto. Mostre-nos um gabinete particular.

Em vista desse pedido, houve por bem o homem corpulento mandar o criado levar para dentro a bagagem dos cavalheiros: e, precedendo-os por longo e escuro corredor, introduziu-os numa sala grande e mal mobiliada, com uma grelha suja, em que um pequeno lume se estafava, desesperado, em parecer alegre, mas, rápido, se extinguia sob a desalentadora influência do lugar. Volvida uma hora, um pedaço de peixe e uma costeleta foram servidos aos viajantes, e, terminado o jantar, o sr. Pickwick e o sr. Pedro Magnus aproximaram as cadeiras do fogo e, tendo mandado vir o pior vinho do Porto possível, pelo preço mais elevado possível, em benefício da casa, tomaram um grogue, em seu próprio benefício.

O sr. Pedro Magnus era, de seu natural, muito comunicativo, e o grogue foi de um efeito maravilhoso no desvendar-lhe os segredos mais profundos das entranhas. Depois de várias informações a propósito dele, da família, das relações, dos amigos, das piadas, dos negócios e dos irmãos (a maioria dos homens loquazes têm muito que dizer acerca dos irmãos), o sr. Pedro Magnus deu uma espiada azul no sr. Pickwick, através dos óculos coloridos, durante vários minutos, e disse, com ar de modéstia:

— E que acha o senhor... que acha o senhor, sr. Pickwick, que me trouxe aqui?

— Palavra — respondeu o sr. Pickwick — que me é inteiramente impossível adivinhar; negócios, talvez.

— Acertou em parte — replicou o sr. Pedro Magnus —, mas em parte errou; torne a experimentar, sr. Pickwick.

— Francamente — volveu o interpelado —, tenho de confiar-me à sua misericórdia, para que me conte ou não, segundo lhe aprouver; pois nunca seria capaz de adivinhar, ainda que experimentasse a noite inteira.

— Pois então, hi, hi, hi! — exclamou o sr. Pedro Magnus, com um risinho envergonhado — que pensaria o senhor, sr. Pickwick, se eu tivesse vindo para fazer uma proposta de casamento, hein? Hi, hi, hi!

— O que eu pensaria? Que será, com certeza, bem-sucedido — replicou o sr. Pickwick, com um dos seus radiantes sorrisos.

— Ah! — tornou o sr. Magnus. — Mas acha realmente isso, sr. Pickwick? Acha mesmo?

— Por certo — respondeu o sr. Pickwick.

— Não; o senhor está brincando.

— Asseguro-lhe que não estou.

— Pois então — continuou o sr. Magnus —, para contar-lhe um pequeno segredo, eu também acho. E embora seja ciumentíssimo por natureza, sr. Pickwick — uma verdadeira fera —, digo-lhe que a dama está nesta casa. — A esta altura, o sr. Magnus retirou os óculos, a fim de dar uma piscadela, e tornou a colocá-los.

— Foi por isso que o senhor saiu tantas vezes do quarto, antes do jantar, hein? — perguntou, prazenteiro, o sr. Pickwick.

— Psiu! Tem razão, foi por isso mesmo; mas, ainda assim, não fui bobo de vê-la.

— Não me diga!

— Não; o senhor sabe, não ficaria bem, logo depois de chegar de uma viagem. Mas espere até amanhã; aí então serão duplas as minhas probabilidades de bom êxito. Há um fato completo naquele saco, e um chapéu naquela caixa que espero me sejam inestimáveis, em virtude do efeito que hão de produzir.

— Deveras?

— Deveras. O senhor há de ter observado a minha ansiedade a respeito deles hoje cedo. Não creio que se possam comprar com dinheiro outro fato e outro chapéu iguais, sr. Pickwick.

O sr. Pickwick deu os parabéns ao ditoso possuidor dos trajes irresistíveis; e o sr. Pedro Magnus pareceu quedar, durante alguns momentos, absorto em suas reflexões.

— Ela é uma bela criatura — disse o sr. Magnus, afinal.

— É?

— Belíssima — tornou o sr. Magnus —, belíssima. Vive a cerca de 20 milhas daqui, sr. Pickwick. Eu soube que estaria aqui hoje à noite, a fim de passar a tarde toda de amanhã, e aproveitei o ensejo. Creio que uma estalagem é um esplêndido lugar para se fazer uma proposta de casamento a uma mulher solteira, sr. Pickwick. É provável que ela se ache mais só quando viaja do que em casa. Que diz o senhor, sr. Pickwick?

— Digo que é muito provável — replicou esse cavalheiro.

— Peço-lhe perdão, sr. Pickwick — atalhou o sr. Pedro Magnus —, mas sou naturalmente curioso; que veio o senhor fazer aqui?

— Vim tratar de um assunto muito menos agradável — replicou o sr. Pickwick, ruborizando-se à lembrança do motivo que o trouxera. — Vim aqui, senhor, no intuito de desmascarar a aleivosia e a falsidade de um indivíduo, em cuja sinceridade e em cuja honra confiei implicitamente.

— Valha-me Deus — disse o sr. Pedro Magnus —, isso é muito desagradável. Imagino que se trate de uma senhora. Hein? Ah! Que maganão, sr. Pickwick, que maganão! Pois bem, senhor, eu não quisera magoá-lo por nada deste mundo. Penosos assuntos, senhor, muito penosos. Não se incomode comigo, sr. Pickwick, se deseja dar curso aos seus sentimentos. Sei o que é ser traído, senhor; já experimentei essa espécie de coisa umas três ou quatro vezes.

— Agradeço-lhe muito as condolências pelo que imagina ser o meu triste caso — disse o sr. Pickwick, dando corda ao relógio e colocando-o sobre a mesa — mas...

— Não, não — interrompeu-o o sr. Pedro Magnus —, nem mais uma palavra; é um assunto penoso. Já sei. Que horas são, sr. Pickwick?

— Já passa de meia-noite.

— Misericórdia, preciso ir para a cama. Que loucura ficar acordado até tão tarde! Estarei pálido amanhã, sr. Pickwick.

À simples idéia de tamanha calamidade, o sr. Pedro Magnus tocou a campainha, chamando a criada; e, tendo sido o saco riscado, o saco vermelho, a caixa de chapéus e o embrulho de papel pardo levados para o quarto, retirou-se em companhia de um castiçal envernizado, ao passo que o sr. Pickwick e outro castiçal idêntico eram conduzidos, através de uma multidão de corredores tortuosos, a outro dormitório.

— Este é o seu quarto, senhor — disse a criada.

— Muito bem — replicou o sr. Pickwick, olhando à sua volta. Era um quarto para duas camas, toleravelmente grande, com um lume; de uma forma geral, um aposento de aspecto mais confortável do que a sua breve experiência das acomodações do Grande Cavallo Branco lhe permitia esperar.

— Ninguém dorme na outra cama, naturalmente — disse o sr. Pickwick.

— Oh, não, senhor.

— Muito bem. Diga ao meu criado que me traga um pouco de água quente amanhã às 8 e meia, e que não precisarei mais dele hoje à noite.

— Sim, senhor. — E, desejando boa noite ao sr. Pickwick, retirou-se a criada e deixou-o a sós.

O sr. Pickwick sentou-se numa cadeira diante do fogo, e entregou-se a uma série de vagabundas reflexões. Primeiro, pensou nos amigos e pôs-se a imaginar quando chegariam; depois, transferiu-se-lhe o espírito para a sra. Marta Bardell; e dessa senhora passou-se, por um processo natural, para o sórdido escritório de Dodson e Fogg. De Dodson e Fogg desviou-se, por uma tangente, para o centro da história do cliente singular; e, logo, voltou à estalagem do Grande Cavallo Branco, em Ipswich, com clareza suficiente para convencer-se de que estava começando a cair no sono. Levantou-se e principiou a despir-se, quando se lembrou de que deixara o relógio sobre a mesa, lá embaixo.

Ora, esse relógio era muito querido do sr. Pickwick, pois andara com ele, debaixo da sombra do seu colete, maior número de anos do que o que julgamos necessário contar neste momento. A possibilidade de adormecer sem lhe ouvir o tique-taque delicado debaixo do travesseiro, ou no criado-mudo, ao lado, nunca lhe penetrara o cérebro. E, como fosse muito tarde e ele não quisesse tocar a campainha àquela hora, tornou a vestir a casaca, que acabara de retirar, e, tomando do castiçal envernizado, desceu mansamente as escadas.

Mas quanto mais escadas descia tanto mais escadas lhe parecia ter de descer, e toda a vez que chegava a um corredor estreito, e principiava a congratular-se consigo por haver alcançado o rés-do-chão, outra escada lhe aparecia aos olhos atônitos. Afinal, chegou a um vestíbulo de pedra, que se lembrou de ter visto ao entrar na casa. Explorou corredor após corredor; espiou sala após sala; afinal, quando já se achava a ponto de renunciar à busca, desesperado, abriu a porta da sala em que passara a noite, e deu, sobre a mesa, com o objeto que lhe faltava.

Apoderou-se, triunfante, do relógio e dispôs-se a voltar para o quarto. Se a descida fora acompanhada de toda a sorte de dificuldades e incertezas, a subida era infinitamente mais complicada. Fileiras de portas, guarnecidas de botas de todas as formas, feitios e tamanhos, ramificavam-se em todas as direções. Uma dúzia de vezes girou devagarinho a maçaneta de alguma porta semelhante à sua, quando um grito irritado de dentro “Quem está aí?” ou “Que quer aqui?” o obrigou a afastar-se, na ponta dos pés, com maravilhosa rapidez. Já se achava no auge do desespero quando uma porta aberta lhe atraiu a atenção. Espiou. Acertara, por fim! Lá estavam as duas camas, de cuja situação se lembrava perfeitamente, e um lume que ardia ainda. A vela, já não muito comprida quando a recebera, havia-se derretido nas correntes de ar por que passara e

extinguiu-se no cano do castiçal no momento em que fechou a porta. — Não faz mal — disse o sr. Pickwick —, posso despir-me à luz da lareira.

As camas estavam colocadas de cada lado da porta; e ao lado interno de cada uma havia um corredorzinho que terminava numa cadeira de palhinha, assaz ampla para permitir que uma pessoa entrasse na cama ou dela saísse por aquele lado, se assim lhe aprouvesse. Cerrou, com cuidado, as cortinas externas da cama, sentou-se na cadeira de palhinha e, vagaroso, desfez-se dos sapatos e das polainas. Tirou e dobrou depois a casaca, o colete, a gravata e, tomando lentamente do barrete de dormir, ornado de borlas, atou-o com firmeza ao pescoço por meio de cordéis, que sempre costurava a essa peça do vestuário, e que amarrou embaixo do queixo. Foi nesse momento que lhe ocorreu a absurdez da sua recente atrapalhão. Atirando-se de costas sobre a cadeira de palhinha, desatou a rir sozinho com tamanho gosto, que teria sido delicioso para qualquer homem de espírito bem constituído observar os sorrisos que lhe iluminavam os traços amáveis, debaixo do barrete de dormir.

— Que idéia — disse entre si o sr. Pickwick, sorrindo tanto que quase arrebitou os cordéis atados ao pescoço —, que idéia perder-me eu neste lugar e errar por essas escadas que nunca vi. Que coisa engraçada, que coisa engraçada! — E tornou a sorrir, um sorriso ainda maior que o anterior, e pretendia reiniciar o processo de despir-se, no melhor dos humores possíveis, quando de súbito o deteve a mais inesperada das interrupções; a saber, a entrada de uma pessoa, com uma vela, e que, depois de fechar a porta, se adiantou para o toucador e nele colocou o castiçal.

O sorriso que brincava na fisionomia do sr. Pickwick converteu-se instantaneamente na expressão da mais ilimitada e atônita surpresa. A pessoa, fosse ela quem fosse, entrara tão de repente e com tão pouco ruído que ele não tivera tempo para gritar nem para impedir-lhe o ingresso. Quem seria? Um ladrão? Provavelmente algum indivíduo mal intencionado que o vira subir as escadas com um bonito relógio na mão. Que haveria de fazer?

A única maneira que tinha o sr. Pickwick de ver o misterioso visitante, sem grande perigo de ser visto, era subir na cama, de mansinho, e espiar por entre as cortinas, do lado oposto. Foi o que fez. Segurando, cauteloso, as cortinas com uma das mãos, a fim de que nada mais de sua pessoa pudesse ser visto além do rosto e do barrete de dormir, e, ajustando os óculos, reuniu toda a coragem que possuía e olhou.

O sr. Pickwick quase desmaiou de horror e de angústia. Diante do espelho do toucador estava uma senhora de meia-idade, com papélotos amarelos, ativamente ocupada em escovar o que as damas chamam as suas “tranças”. Fosse qual fosse a maneira por que a inconsciente senhora de meia-idade entrara naquele quarto, era manifesto que esperava passar lá o resto da noite; pois trouxera consigo uma vela com uma pantalha e, como louvável precaução contra o fogo, colocara-a numa bacia, no chão, onde brilhava como um farol gigantesco num lagozinho diminuto.

— Valha-me Deus — pensou o sr. Pickwick —, que coisa medonha!

— Hein! — fez a dama; e a cabeça do sr. Pickwick desapareceu entre as cortinas com uma rapidez de autômato.

— Nunca me aconteceu coisa tão horrível como esta — pensou o pobre sr. Pickwick, ao passo que um suor frio começava a ensopar-lhe o barrete. — Nunca. Isto é pavoroso.

Foi-lhe de todo impossível resistir ao desejo urgente de assistir ao que estava acontecendo. Tornou, portanto, a sair a cabeça do sr. Pickwick. A situação piorara. A senhora de meia-idade acabara de arrumar os cabelos; envolvera-os, cuidadosa, num barrete de cambraia, com uma pequena guarnição de pregas; e olhava, pensativa, para o fogo.

— O negócio está ficando preto — raciocinou o sr. Pickwick consigo mesmo. — Não posso permitir que as coisas continuem desse jeito. Pela tranqüilidade desta senhora vê-se claramente que devo ter entrado no quarto errado. Se eu falar, ela porá a casa em polvorosa; mas, se eu ficar aqui, as conseqüências poderão ser mais terríveis ainda.

Não é preciso dizer que o sr. Pickwick era, entre os mortais, um dos mais bem dotados de recato e delicadeza de espírito. A simples idéia de aparecer com um barrete de dormir diante de uma senhora deixava-o profundamente confuso; mas dera um nó tão forte nos malditos cordéis que; por mais que fizesse, não conseguia desfazê-lo. Urgia resolver o impasse. Tornou a desaparecer por entre as cortinas, e gritou em voz bem alta:

— Ha... hum!

Que a dama estremecera ao ouvir o ruído inesperado era evidente, pois caíra de encontro à pantalha da vela; mas que supunha ter sido o grito efeito da imaginação, era também evidente, pois quando o sr. Pickwick, presumindo encontrá-la desacordada de medo, se arriscou a espiar outra vez, encontrou-a a olhar ainda pensativa, para o fogo.

— Que mulher extraordinária, esta — pensou o sr. Pickwick, escondendo-se outra vez. — Ha... hum!

Estes últimos sons, tão semelhantes aos que, segundo nos informam as lendas, costumava emitir o feroz gigante Blunderbore para expressar a sua opinião de que já era tempo de se por a mesa, foram muito distintamente audíveis para serem tomados por obra da imaginação.

— Santo Deus! — exclamou a senhora de meia-idade. — Que é isso?

— É... é... é apenas um cavalheiro, minha senhora — respondeu o sr. Pickwick atrás das cortinas.

— Um cavalheiro! — disse a dama com um grito medonho.

— Está tudo acabado! — pensou, o sr. Pickwick.

— Um estranho! — guinchou a dama. Mais um instante e a casa estaria toda alvoroçada. Pelo rumor dos vestidos percebia-se que ela se precipitara para a porta.

— Minha senhora — disse o sr. Pickwick, mostrando a cabeça, no auge do desespero. — Minha senhora!

Ora, se bem o sr. Pickwick não fosse movido por nenhum objetivo definido ao mostrar a cabeça, isso produziu, instantaneamente, um bom efeito. A dama, como já dissemos, estava perto da porta. Cumpria-lhe transpô-la para chegar à escada, e já o teria feito a esse tempo, se a inopinada aparição do barrete de dormir do sr. Pickwick não a levasse para o canto mais remoto do aposento, onde ficou a fitá-lo, apatetada, ao passo que o sr. Pickwick olhava, apatetado, para ela.

— Miserável — reguingou a dama, cobrindo os olhos com as mãos —, que deseja aqui?

— Nada, minha senhora; absolutamente nada, minha senhora — respondeu o sr. Pickwick com veemência.

— Nada! — volveu a dama, erguendo os olhos.

— Nada, minha senhora, palavra de honra — disse o sr. Pickwick, sacudindo tão energicamente a cabeça que a borla do barrete se pôs a dançar. — Sinto-me quase perdido de confusão, vendo-me obrigado a dirigir-me a uma senhora com um barrete de dormir (a essa altura a dama arrancou precipitadamente o seu), mas não consigo tirá-lo (e deu-lhe um tremendo puxão, como prova do que dizia). Torna-se-me agora evidente, minha senhora, que me enganei de quarto. Não fazia cinco minutos sequer que eu estava aqui, quando a senhora entrou.

— Se for verdadeira essa história improvável — retorquiu a dama, soluçando violentamente —, o senhor o deixará neste instante.

— Pois não, minha senhora, com o maior prazer — replicou o sr. Pickwick.

— Neste instante, senhor — repetiu a dama.

— Certamente, minha senhora — acudiu o sr. Pickwick, muito depressa. — Certamente. Eu... eu... lamento muito, minha senhora — desculpou-se o sr. Pickwick, surgindo no fundo da cama —, ter sido a causa inocente deste susto e desta comoção; lamento profundamente.

A dama apontou para a porta. Uma belíssima qualidade do caráter do sr. Pickwick patenteou-se lindamente neste momento, em tão melindrosas circunstâncias. Embora houvesse posto à pressa o chapéu sobre o barrete de dormir, ao modo dos velhos patrulheiros; embora carregasse os sapatos e as polainas na mão, e a casaca e o colete no braço, nada pode diminuir-lhe a inata polidez.

— Lamento profundamente, minha senhora — disse ele com profunda inclinação.

— Se lamenta, saia imediatamente deste quarto — exigiu a dama.

— Imediatamente, minha senhora; nesse instante, minha senhora — respondeu o sr. Pickwick, abrindo a porta e deixando cair os sapatos com grande estrondo. — Fio-me, senhora — continuou o sr. Pickwick, apanhando os sapatos e voltando-se para inclinar-se outra vez —, fio-me, senhora, de que a minha ilibada reputação e o sagrado respeito que consagro ao seu sexo serão uma pequena escusa para este... — Mas, antes que pudesse concluir a sentença, a senhora empurrou-o para o corredor e trancou a porta.

Fossem quais fossem os motivos que tivesse o sr. Pickwick para congratular-se por se haver safado de tão melindrosa situação, não se viu depois em condições mais invejáveis. Estava só, num corredor aberto, numa casa estranha, altas horas da noite, em trajés menores; não era de supor que pudesse encontrar, numa escuridão completa, o caminho do quarto que lhe fora de todo impossível descobrir com uma luz; e, se fizesse o menor ruído em suas baldadas tentativas de localização, corria o risco de ser atirado, e talvez morto, por algum viajante acordado. Não lhe restava outro recurso senão o de ficar onde estava até que o dia principiasse a clarear. Por conseguinte, depois de ter dado, às apalpadelas, alguns passos pelo corredor e tropeçado, para seu

enorme susto, em diversos pares de botas, alapou-se num pequeno recesso da parede, a fim de lá esperar o alvorecer com a maior dose possível de filosofia.

Não estava destinado, porém, a passar mais esta prova de paciência, pois não fazia muito tempo que se encontrava no atual refúgio quando, para seu indizível horror, um homem, que trazia uma luz, apareceu no fundo do corredor. Converteu-se-lhe, contudo, o horror em alegria quando reconheceu as formas do criado fiel. Era, com efeito, o sr. Samuel Weller, que, depois de ficar conversando até tarde com o moço da estalagem, à espera da mala do correio, voltava agora para o seu quarto.

— Sam — interpelou-o o sr. Pickwick, aparecendo de repente diante dele —, onde é o meu quarto de dormir?

O sr. Weller olhou para o amo com a mais enfática surpresa; e, só depois de haver sido a pergunta repetida umas três vezes, voltou-se e conduziu o patrão ao tão procurado quarto.

— Sam — disse o sr. Pickwick, ao entrar na cama —, cometi hoje um dos mais extraordinários enganos de que já houve notícia.

— É muito provável, senhor — replicou, secamente, o sr. Weller.

— Mas uma coisa resolvi — continuou o sr. Pickwick. — Ainda que tenha de ficar seis meses nesta casa, nunca mais andarei por ela desacompanhado.

— Esta é a mais prudente resolução que o senhor poderia ter tomado — replicou o sr. Weller. — Precisa mesmo de alguém que o acompanhe quando o seu espírito sai de visitas.

— Que é que você quer dizer com isso, Sam? — perguntou o sr. Pickwick. Ergueu-se na cama e estendeu a mão, como se tencionasse acrescentar alguma coisa; mas, reportando-se, voltou-se e desejou boa noite ao criado.

— Boa noite, senhor — replicou o sr. Weller. Estacou depois de transpor a porta; sacudiu a cabeça; deu uns passos; espevitou a vela; tornou a sacudir a cabeça; e seguiu, afinal, devagar, a caminho do seu quarto, aparentemente absorto na mais profunda meditação.

CAPÍTULO XXIII

EM QUE O SR. SAMUEL WELLER PRINCIPIA A REUNIR AS SUAS ENERGIAS PARA DESFORRAR-SE DO SR. TROTTER.

NUM QUARTINHO SITUADO nas vizinhanças da estrebaria, a uma hora um pouco mais adiantada da mesma madrugada que se iniciara com a aventura do sr. Pickwick e a dama de meia-idade de papalotes amarelos, preparava-se o sr. Weller, sênior, para o seu regresso a Londres. Estava sentado numa excelente posição para que lhe tirassem o retrato.

É muito possível que, num período anterior da sua carreira, o perfil do sr. Weller pudesse apresentar contornos acentuados e vigorosos. O rosto, porém, ampliara-se-lhe sob a influência da boa vida e de uma disposição notável para a resignação; e as curvas carnudas haviam de tal forma ultrapassado os limites originariamente impostos a elas que, a menos de encará-lo de frente, fora difícil distinguir nele mais do que a última extremidade de um rubicundo nariz. O queixo, pela mesma razão, adquirira a forma grave e imponente que de ordinário se descreve antepondo a palavra “duplo” a esse traço expressivo; e a tez ostentava essa combinação particularmente variegada de cores que só se encontra nos seus colegas de profissão ou no rosbife malpassado. Trazia à volta do pescoço um xale vermelho de viagem, o qual continuava com o queixo por meio de tão imperceptíveis gradações, que se tornava difícil distinguir entre as pregas de um e as pregas do outro. Sobre o xale, vestia longo colete de listras largas, cor-de-rosa, e, sobre esse colete, uma casaca verde, de abas compridas, enfeitada de grandes botões de cobre, dos quais os dois que guarneciam a cintura estavam tão longe um do outro, que ninguém os conseguia ver ao mesmo tempo. Os cabelos, curtos, lisos e negros, mal se viam debaixo das abas largas de um chapéu baixo, castanho. Tinha as pernas enfiadas em calções de veludo e num par de botas pintadas, de canhão; e uma corrente de cobre, de relógio, que terminava num sinete e numa chave do mesmo material, pendia-lhe, bamboleante, do enorme cinturão.

Dissemos que o sr. Weller se preparava para o regresso a Londres. De fato, alimentava-se. Sobre a mesa via-se uma caneca de cerveja, um pedaço de carne fria de vaca e um pão de aspecto respeitabilíssimo, a cada um dos quais distribuía, alternadamente, os seus favores com a mais rígida imparcialidade. Acabara de cortar uma grande fatia do último, quando os passos de alguém que entrava no quarto fizeram-no erguer a cabeça; antolhou-se-lhe o filho.

— Bom dia, Sammy! — disse o pai.

O filho encaminhou-se para a caneca de cerveja e, com um aceno significativo, tomou um grande trago, à guisa de resposta.

— Excelente poder de sucção, Sammy — disse o sr. Weller pai, olhando para a caneca depois que o primogênito volveu a colocá-la, já reduzida à metade, sobre a mesa. — Você daria uma ostra de primeira ordem Sammy, se se tivesse dedicado a essa profissão.

— Sim, e acho que teria levado uma existência respeitável — replicou Sam atirando-se à carne fria com extraordinário vigor.

— Sinto muito, Sammy — disse o mais velho dos Wellers, descrevendo pequenos círculos preparatórios com a caneca, antes de beber —, sinto muito, Sammy, ter sabido de seus lábios que se deixou tapear por aquele homem cor de amora. Há três dias, eu não seria capaz de imaginar que o nome de Weller e a palavra tapeado pudessem entrar em contato, Sammy.

— Exceto naturalmente, quando se trata de viúvas — tornou Sam. — As viúvas, Sammy — replicou o sr. Weller, mudando levemente de cor —, as viúvas são exceções a todas as regras. Já me disseram quantas mulheres comuns vale uma viúva para engazopar a gente. Acho que são 25 mas não estou bem certo; podem ser mais.

— Isso mesmo já é pouco — observou Sam.

— Além disso — continuou o sr. Weller, sem dar tento da interrupção —, a coisa é muito diferente. Você sabe o que disse o advogado, Sammy, ao defender um cavalheiro que surrava a mulher com o tiçoeiro toda vez que ficava alegrinho? “Afinal de contas, meritíssimo”, dizia ele, “trata-se de uma fraqueza amável.” Pois eu digo o mesmo a respeito das viúvas, Sammy, e você o dirá também quando tiver a minha idade.

— Eu sei que devia ter sido mais esperto — confessou o filho.

— Devia ter sido mais esperto! — repetiu o sr. Weller, golpeando a mesa com o punho. — Devia ter sido mais esperto! Ora, pois conheço um rapaz que não teve nem a quarta parte da sua educação — que não dormiu pelos

mercados nem seis meses — e que teria tido vergonha de ser engabelado desse jeito; teria tido vergonha, Sammy. — Na excitação produzida pela amarga reflexão, o sr. Weller tocou a campainha e pediu mais um quartilho de cerveja.

— Bem, não adianta falar nisso agora —olveu Sam. — Já passou e não tem remédio, o que é um consolo, como sempre dizem na Turquia, quando cortam a cabeça do homem errado. Agora é a minha vez, chefe, e assim que eu apanhar esse tal de Trotter, ele vai ver.

— Espero que sim, Sammy, espero que sim — tornou o sr. Weller. — À sua saúde, Sammy, e que você consiga lavar depressa a desonra que inflingiu ao nome da família. — Em homenagem a esse brinde, o sr. Weller tomou, de um trago, pelo menos dois terços do quartilho recém-chegado, e passou-o depois ao filho, para que dispusesse do restante, o que este fez num abrir e fechar de olhos.

— E agora, Sammy — disse o sr. Weller, consultando o grande relógio de prata de duas faces que pendia da extremidade da corrente de cobre —, já é tempo de eu estar no escritório para receber a ordem de viagem e mandar carregar a diligência; porque as diligências, Sammy, são como os canhões: precisam ser carregadas com muito cuidado antes de dispararem.

Ao ouvir a piada paterna e profissional, o sr. Weller, júnior, teve um sorriso filial. O venerado pai prosseguiu em tom solene:

— Vou deixá-lo, Samuel, meu filho, e ninguém sabe quando tornarei a vê-lo. Pode ser que a sua madrasta tenha dado cabo de mim ou que mil coisas tenham acontecido antes de você ter notícias do célebre sr. Weller, da Bela Selvagem. O nome da família depende muito de você, Sammy, e espero que cumpra o seu dever. Sei que em todos os pontos de educação posso confiar em você como se confiasse em mim. De sorte que só tenho este conselhozinho para dar. Se vier a passar dos cinqüenta e sentir vontade de casar com alguém — seja quem for —, feche-se no quarto, se tiver algum, e envenene-se imediatamente. A força é muito vulgar e, portanto, não se enforque. Envenene-se, Samuel, meu filho, envenene-se, que não se arrependerá depois. — Com estas palavras afetuosas, o sr. Weller repousou a vista no filho e, girando lentamente sobre os calcanhares, desapareceu.

Na disposição reflexiva em que essas palavras o deixaram, saiu o sr. Samuel Weller da Estalagem do Grande Cavallo Branco, em que o pai se despedira dele; e, dirigindo os passos para a Igreja de São Clemente, buscou dissipar a melancolia caminhando pelas suas velhas dependências. Vagueara

havia já algum tempo quando se viu num lugar apartado — uma espécie de pátio de venerável aparência —, que descobriu não ter outra saída além da passagem pela qual entrara. Dispunha-se a regressar quando se sentiu subitamente pregado ao solo por uma inopinada aparição, cujos modos e cujo aspecto passaremos agora a referir.

O sr. Samuel Weller estivera olhando para as velhas casas de tijolo aparente, de quando em quando, profundamente absorto, piscando para alguma criadinha rosada que levantava uma gelosia ou abria a janela de um quarto, quando o portão verde de um jardim que dava para o fundo do pátio se abriu e, tendo-o transposto, um homem tornou a fechá-lo com suma cautela e pos-se a andar com passos rápidos para o lugar em que se achava o sr. Weller.

Ora, se considerarmos o fato isoladamente, desacompanhado de quaisquer circunstâncias de maior monta, não veremos nele nada de extraordinário; porque em muitas partes do mundo há homens que saem de jardins, fecham portões verdes e se põem a andar com passos rápidos, sem atrair nenhuma dose especial da atenção pública. Está visto, portanto, que devia haver algo no homem, ou nos seus modos, ou em ambos, para atrair a atenção do sr. Weller. Se havia, ou não, decidi-lo-á o leitor, quando tivermos fielmente descrito o procedimento do indivíduo a que aludimos.

Depois que o homem fechou o portão verde, pos-se a andar, como já dissemos duas vezes, a passos rápidos pelo pátio; mas, assim que deu com a presença do sr. Weller, hesitou e parou, como se não soubesse, no momento, o que haveria de fazer. Estando fechado o portão verde, e não havendo outra saída além da passagem da frente, não demorou muito em perceber que teria de passar pelo sr. Samuel Weller antes de sair. Reiniciou, por conseguinte, os passos ligeiros, e adiantou-se, olhando fixamente para a frente. O que havia nele de mais extraordinário era o fato de retorcer o rosto, fazendo as carantonhas mais hediondas e surpreendentes que já se viram. Nunca se empregaram mais extraordinários artifícios para disfarçar a obra da natureza do que os empregados pelo homem, num instante, para disfarçar a própria fisionomia.

— Ora, sim, senhor — disse entre si o sr. Weller, à proporção que o outro se aproximava. — Que coisa esquisita! Eu seria capaz de jurar que era ele.

Aproximou-se ainda mais o homem, e o rosto se lhe retorcia medonhamente à medida que se avizinhava.

— Eu seria capaz de jurar, vendo esses cabelos pretos e essa libré cor de amora — disse o sr. Weller. — Mas nunca vi na minha vida cara igual a essa.

Quando o sr. Weller disse isso, as feições do homem assumiram uma expressão sobrenatural, perfeitamente hedionda. Era-lhe, todavia, preciso passar muito perto de Sam, e o olhar perscrutador deste último permitiu-lhe, debaixo de todas aquelas caretas pavorosas, distinguir alguma coisa tão semelhante aos olhinhos do sr. Job Trotter que lhe fora difícilimo enganar-se.

— Ó cavalheiro! — gritou Sam, irritado.

O estranho estacou.

— Ó cavalheiro! — repetiu Sam, ainda mais irritado.

O homem de cara medonha olhou, com a maior surpresa, pelo pátio acima e pelo pátio abaixo, para as janelas das casas — para todas as partes, exceto para Sam Weller —, e deu outro passo, quando um terceiro berro o fez parar de novo.

— Ó cavalheiro! — gritou Sam, pela terceira vez.

Já não era possível fingir que se enganara sobre a direção da voz, de modo que, à míngua de recursos, o estranho encarou finalmente Sam Weller.

— Não adianta, Job Trotter — disse Sam. — Vamos. Deixe-se de asneiras. Você não é tão bonito assim que possa dar-se ao luxo de estragar desse jeito a fisionomia. Ponha os seus olhos no lugar, se não quer que eu os arranque, um por um. Ouviu?

Como o sr. Weller parecesse disposto a agir de acordo com o espírito da ameaça, o sr. Trotter permitiu que o rosto reassumisse, gradativamente, a expressão natural. Em seguida, com um grito de alegria, exclamou: — Quem estou vendo? Sr. Walker!

— Ah — replicou Sam —, está contentíssimo de ver-me, não está?

— Contentíssimo? — repetiu Job Trotter. — Oh, sr. Walker, se soubesse o quanto ansiei por este encontro! Isso é demais para mim, sr. Walker; não posso suportá-lo, juro que não posso. — E, com estas palavras, rompeu num verdadeiro dilúvio de lágrimas; e, tomando Sam nos braços, apertou-o estreitamente, num raptó de alegria.

— Saia daí! — bradou Sam, indignado com o processo e tentando em vão desenliçar-se dos braços do entusiástico amigo. — Saia daí, estou-lhe dizendo. Por que está chorando em cima de mim, seu extintor de incêndio portátil?

— Porque estou contente de vê-lo — replicou Job Trotter, soltando gradualmente o sr. Weller, quando os primeiros sintomas da pugnacidade deste

último desapareceram. — Oh, sr. Walker, isto é demais.

— Demais! — repetiu Sam. — Também acho que é demais! E agora, que é que você tem para dizer-me, hem?

O sr. Trotter não replicou, pois o lençinho cor-de-rosa estava em grande atividade.

— Que é que você tem para dizer-me, antes que eu lhe quebre a cabeça? — repetiu o sr. Weller, com modos ameaçadores.

— Eu? — replicou o sr. Trotter, com um olhar de virtuosa surpresa.

— Que é que você tem para dizer-me?

— Eu, sr. Walker?

— Não me chame de Walker; o meu nome é Weller; e você sabe disso muito bem. Que é que você tem para dizer-me?

— Benza-o Deus, sr. Walker, quero dizer, Weller, uma porção de coisas, se quiser ir comigo a algum lugar onde possamos falar à vontade. Se soubesse como o procurei, sr. Weller...

— Desesperadamente, com certeza — atalhou Sam, muito seco.

— Muito, muito, senhor — retrucou o sr. Trotter, sem mover um músculo do rosto. — Mas dê-me a sua mão, sr. Weller.

Sam considerou o companheiro durante alguns segundos e, logo, como se o movesse um súbito impulso, acedeu-lhe ao pedido.

— E como — perguntou Job Trotter, à medida que se afastavam —, como está o seu querido e excelente patrão? Oh, é um digno cavalheiro, sr. Weller! Espero que não se tenha resfriado naquela noite.

Brilhou nos olhos de Job Trotter uma passageira expressão de profunda malícia ao fazer essa pergunta, que provocou um calafrio no punho fechado do sr. Weller, e um enorme desejo de fazer algumas demonstrações nas costelas do outro. Sam dominou-se, todavia, e respondeu que o amo se achava muito bem.

— Oh, quanto estimo! — replicou o sr. Trotter. — Está aqui?

— O seu está? — perguntou Sam, à guisa de resposta.

— Está, está aqui, e lamento ter de confessar-lhe, sr. Weller, está ficando cada vez pior.

— Não me diga! — volveu Sam.

— Uma coisa medonha... terrível!

— Num internato de meninas? — perguntou Sam.

— Não, num internato, não — replicou Job Trotter, com o mesmo olhar malicioso, que Sam já lhe notara. — Num internato, não.

— Naquela casa de portão verde? — insistiu Sam, afitando os olhos no companheiro.

— Não, não... lá, não — retorquiu Job, com insólita rapidez —, lá, não.

— E que é que você estava fazendo lá? — perguntou Sam, com um olhar penetrante. — Caiu do outro lado do portão por acidente, com certeza?

— Bem, sr. Weller — redargüiu Job —, não me importa contar-lhe os meus segredinhos porque, o senhor sabe, simpatizamos tanto um com o outro quando nos encontramos pela primeira vez! Lembra-se de como foi deliciosa aquela manhã?

— Sim — tornou Sam, impaciente. — Lembro-me. E daí?

— Pois bem — volveu Job, falando com grande precisão e no tom baixo de um homem que comunica um segredo importante —, naquela casa de portão verde, sr. Weller, há uma quantidade de bons criados.

— Foi o que me pareceu, quando olhei para ela — acudiu Sam.

— Pois um deles — continuou o sr. Trotter — é uma cozinheira, que tem um dinheirinho guardado, e deseja, se puder estabelecer-se na vida, abrir uma espécie de mercearia, compreendeu?

— Compreendi.

— Pois é, sr. Weller. Encontrei-a numa capela que frequento; uma linda capelinha nesta cidade, onde cantam a coleção número quatro de hinos, que trago geralmente comigo, e que o senhor talvez tenha visto em minha mão. Aproximei-me dela, sr. Weller, e daí nasceu entre nós uma pequena intimidade; ousou dizer que o merceeiro serei eu.

— Ah, pois será um merceeiro muito amável, sem dúvida — replicou Sam, dirigindo-lhe de soslaio um olhar de profunda aversão.

— A grande vantagem — continuou Job, marejando-se-lhe os olhos de lágrimas à proporção que falava — é que poderei deixar então este meu serviço desonroso ao pé daquele homem mau, e dedicar-me a uma vida melhor e mais virtuosa, mais conforme com a educação que tive, sr. Weller.

— Você deve ter sido muito bem educado — notou Sam.

— Oh, muito, sr. Weller, muito — replicou Job. E, recordando a pureza dos seus primeiros dias, o sr. Job tomou do lençinho cor-de-rosa e chorou copiosamente.

— Deve ter sido um excelente companheiro de escola — continuou Sam.

— Se fui, senhor! — replicou Job, arrancando do peito um profundo suspiro. — Eu era o ídolo do lugar.

— Ah — disse Sam —, não me admira. Que consolo não há de ter sido você para a sua santa mãe!

A estas palavras, o sr. Job Trotter enfiou uma ponta do lenço cor-de-rosa no canto de cada olho, uma depois da outra, e voltou a chorar à bica.

— Mas que tem esse homem? — acudiu Sam, indignado. — Os repuxos de Chelsea não são nada perto de você. A troco de que se derrete agora? É a consciência da vilania?

— Não consigo dominar os meus sentimentos, sr. Weller — disse Job, depois de curta pausa. — Pensar que meu amo suspeitou, com certeza, da conversação que travamos e, por isso, me enfiou numa diligência, e depois de haver persuadido a meiga menina a dizer que não o conhecia e subornado a diretora da escola para declarar o mesmo, desamparou-a por um negócio mais lucrativo! Oh! sr. Weller, isso me dá arrepios.

— Oh, foi assim que aconteceram as coisas, é? — indagou o sr. Weller.

— Por certo que sim — replicou Job.

— Bem — disse Sam, quando se aproximaram da hospedaria —, quero falar um pouquinho com você, Job; portanto, se não tiver algum compromisso especial, eu gostaria de vê-lo no Grande Cavallo Branco, hoje à noite, lá pelas 8 horas.

— Irei sem falta — disse Job.

— É melhor não faltar — replicou Sam, com um olhar muito significativo —, pois, do contrário, pode ser que eu vá procurá-lo do outro lado do portão verde e lhe estrague o negócio, você sabe.

— Fique certo de que não faltarei, senhor — disse o sr. Trotter; e, apertando a mão de Sam com o máximo fervor, afastou-se.

— Tome cuidado, Job Trotter, tome cuidado — murmurou Sam, acompanhando-o com os olhos —, que desta vez não me escapa. — E, tendo proferido este solilóquio, e seguido Job com os olhos até perdê-lo de vista, subiu o mais depressa possível ao quarto do amo.

— As coisas vão indo, senhor — disse Sam.

— Que é que vai indo, Sam? — perguntou o sr. Pickwick.

— Eu os encontrei — tornou Sam.

— Encontrou quem?

— Aquele freguês esquisito e o camarada melancólico de cabelos pretos.

— Impossível, Sam! — replicou o sr. Pickwick com a maior energia. — Onde estão eles, Sam? Onde estão?

— Psiu, psiu! — replicou o sr. Weller; e, enquanto ajudava o sr. Pickwick a vestir-se, referiu, circunstanciadamente, o plano de ação que se propunha executar.

— Mas quando se há de fazer isto, Sam? — indagou o sr. Pickwick.

— A seu tempo, senhor, a seu tempo — retrucou o sr. Weller.

Mas se foi ou não foi feito a seu tempo é o que veremos daqui por diante.

CAPÍTULO XXIV

EM QUE O SR. PEDRO MAGNUS SE MOSTRA CIUMENTO, E A SENHORA DE MEIA-IDADE APREENSIVA, O QUE ATIRA OS PICKWICKIANOS NAS GARRAS DA JUSTIÇA.

QUANDO O SR. PICKWICK DESCEU À SALA em que ele e o sr. Pedro Magnus haviam passado parte da noite anterior, encontrou este último com a maior parte do conteúdo dos dois sacos, da caixa de chapéus e do embrulho de papel pardo o mais vantajosamente possível disposta sobre a sua pessoa, percorrendo a sala num estado de sumo excitamento e agitação.

— Bom dia, senhor — disse o sr. Pedro Magnus. — Que acha disto?

— De grande efeito — replicou o sr. Pickwick, examinando os trajes do sr. Pedro Magnus com um sorriso de bom humor.

— Sim, também acho que servem — disse o sr. Magnus. — Sr. Pickwick, já mandei o meu cartão.

— Já? — perguntou o sr. Pickwick.

— E o criado trouxe o recado de que ela me receberá às 11 — às 11, senhor; faltam apenas quinze minutos.

— Está quase na hora — disse o sr. Pickwick.

— Quase na hora — replicou o sr. Magnus —, tão na hora que chega a ser desagradável, não é verdade, sr. Pickwick?

— A confiança é uma grande coisa nesses casos — observou o sr. Pickwick.

— Creio que é, senhor — disse o sr. Pedro Magnus. — Estou muito confiante, senhor. Francamente, sr. Pickwick, não vejo por que um homem haveria de sentir medo num caso como este. Afinal, que é isso? Não há motivos de vergonha; é uma questão apenas de mútua conveniência, mais nada. O marido de um lado, a esposa de outro. É assim que vejo as coisas, sr. Pickwick.

— Um modo de ver assaz filosófico — replicou o sr. Pickwick. — Mas o almoço está esperando, sr. Magnus. Vamos?

Sentaram-se à mesa do almoço; era, contudo, evidente, sem embargo das bravatas do sr. Pedro Magnus, que este se achava num estado de grande nervosismo, cujos sintomas principais eram a perda de apetite, uma propensão para derrubar os petrechos do chá, uma fúnebre tentativa para mostrar-se engraçado e uma irresistível inclinação para consultar, a cada segundo, o relógio.

— Hi, hi, hi — casquinou o sr. Magnus, simulando alacridade e ofegando de agitação. — Faltam só dois minutos, sr. Pickwick. Estou pálido, senhor?

— Não muito — replicou o sr. Pickwick.

Seguiu-se breve pausa.

— Perdoe-me, sr. Pickwick; mas já fez, acaso, uma coisa dessas no seu tempo? — indagou o sr. Magnus.

— Refere-se a propostas de casamento? — perguntou o sr. Pickwick.

— Sim.

— Nunca — respondeu o sr. Pickwick, com grande energia —, nunca.

— O senhor, então, não tem idéia da melhor maneira de começar? — insistiu o sr. Magnus.

— Bem — tornou o sr. Pickwick —, pode ser que eu tenha tido algumas idéias sobre o assunto, mas, como nunca as submeti à prova da experiência, lamentaria muito que se orientasse por elas.

— Eu lhe agradeceria imenso um conselho qualquer — disse o sr. Magnus, tornando a olhar para o relógio, cujo ponteiro maior já passara cinco minutos além das 11.

— Pois bem, senhor — acedeu o sr. Pickwick, com a profunda solenidade com que esse grande homem era capaz, quando queria, de tornar as suas observações tão profundamente impressivas. — Eu começaria, senhor, rendendo um tributo à beleza e às excelentes qualidades da senhora; delas, passaria à minha própria indignidade.

— Muito bem — disse o sr. Magnus.

— Indignidade apenas em relação a ela, note bem — continuou o sr. Pickwick —, porque, para mostrar que eu não era inteiramente indigno, recapitularia, sucintamente, a minha vida passada e a minha condição presente. E mostraria, com argumentos, fundados na analogia, que, para qualquer outra pessoa, eu seria um desejabilíssimo partido. Falaria, em seguida, sobre a intensidade do meu amor e a profundidade da minha dedicação. Talvez me sentisse tentado a segurar-lhe a mão.

— Já sei, já sei — observou o sr. Magnus —, isto seria importantíssimo.

— Depois — continuou o sr. Pickwick, entusiasmando-se à medida que o assunto se lhe apresentava em cores mais brilhantes —, depois, senhor, chegaria à pergunta franca e singela: “Quer-me para esposo?”. Creio ter razões para acreditar que, a essa altura, ela haveria de voltar a cabeça.

— Mas o senhor tem certeza? — perguntou o sr. Pedro Magnus. — Se ela não o fizer no momento apropriado, será muito embaraçoso.

— Creio que o fará — disse o sr. Pickwick. — Neste ponto, senhor, eu lhe apertaria a mão, e penso... eu penso, sr. Magnus, que, depois de ter feito isto, retiraria delicadamente o lenço, que o meu pequeno conhecimento da natureza humana me faz supor que a dama teria aplicado aos olhos nesse momento, e furtar-lhe-ia um respeitoso beijo. Acho que a beijaria, sr. Magnus; e, nesse particular, entendo decididamente que, se a dama realmente me quisesse, segredaria aos meus ouvidos um tímido consentimento.

O sr. Magnus, ergueu-se, de golpe; fitou os olhos durante algum tempo, em silêncio, no rosto inteligente do sr. Pickwick; e depois (o ponteiro indicava 11h10) apertou-lhe calorosamente a mão e saiu, como um louco, da sala.

O sr. Pickwick dera alguns passos de um lado para outro; e o ponteiro grande, seguindo a última parte do seu exemplo, chegara ao algarismo que indica meia hora, quando a porta subitamente se abriu. Ele voltou-se para encontrar o sr. Pedro Magnus e encontrou, em vez dele, o rosto alegre do sr. Tupman, o semblante sereno do sr. Winkle, e os traços intelectuais do sr. Snodgrass. Enquanto os saudava, o sr. Pedro Magnus precipitou-se na sala.

— Meus amigos, o cavalheiro de que eu falava, o sr. Magnus — apresentou o sr. Pickwick.

— Um seu criado, cavalheiros — disse o sr. Magnus, que evidentemente se encontrava num estado de grande excitação. — Sr. Pickwick, permita-me que lhe fale um momento em particular.

Dizendo isso, enfiou um dedo na botoeira do sr. Pickwick e, arrastando-o para junto de uma janela, exclamou:

— Dê-me os parabéns, sr. Pickwick; segui o seu conselho ao pé da letra.

— E deu tudo certo? — perguntou o sr. Pickwick.

— Deu. Não poderia ter dado mais certo — replicou o sr. Magnus. — Ela é minha, sr. Pickwick.

— Pois congratulo-me consigo de todo o coração — replicou o sr. Pickwick, apertando com calor a mão do novo amigo.

— O senhor precisa vê-la — disse o sr. Magnus. — Por aqui, faça o favor. Desculpem-nos por um momento, cavalheiros. — E, assim falando, o sr. Pedro Magnus puxou o sr. Pickwick para fora da sala. Estacou diante da porta seguinte do corredor e bateu.

— Entre — disse uma voz feminina. Entraram.

— Srta. Witherfield — disse o sr. Magnus —, permita-me apresentar-lhe um grande amigo meu, o sr. Pickwick. Sr. Pickwick, permita-me apresentá-lo à srta. Witherfield.

Achava-se a dama na extremidade superior da sala. Ao inclinar-se, o sr. Pickwick tirou os óculos do bolso do colete e colocou-os; mal acabou, todavia, de executar esses movimentos, proferiu uma exclamação de surpresa e recuou diversos passos, enquanto a senhora, com um grito mal contido, escondeu o rosto nas mãos e caiu sobre uma cadeira; em vista disso o sr. Pedro Magnus ficou imóvel, a olhar ora para uma, ora para o outro, com um semblante em que se estampavam os extremos do horror e da surpresa.

Tratava-se, com efeito, segundo todas as aparências, de um procedimento assaz inexplicável; mas o fato é que, mal colocou os óculos, reconheceu o sr. Pickwick na futura sra. Magnus a dama cujo quarto invadira de maneira tão injustificável na noite anterior; e assim que os óculos foram colocados sobre o nariz do sr. Pickwick, a senhora identificou o semblante que vira rodeado de todos os horrores de um barrete de dormir. Por isso gritou, e o sr. Pickwick estremeceu.

— Sr. Pickwick! — exclamou, atônito, o sr. Magnus. — Que significa isto, senhor? Que significa isto? — acrescentou, em tom mais alto e ameaçador.

— Senhor — reconveio o sr. Pickwick, algo irritado pela maneira súbita com que o sr. Pedro Magnus mudara de expressão —, recuso-me a responder a esta pergunta.

— Recusa-se? — voltou o sr. Magnus.

— Recuso-me — replicou o sr. Pickwick. — Sem o consentimento e a permissão desta senhora não direi coisa alguma que possa comprometê-la ou despertar-lhe recordações desagradáveis.

— Srta. Witherfield — disse o sr. Pedro Magnus —, conhece esta pessoa?

— Se a conheço? — replicou, hesitando, a senhora de meia-idade.

— Sim, se a conhece, minha senhora. Perguntei se a conhece —, insistiu o sr. Pedro Magnus, feroz.

— Já a vi — replicou a senhora de meia-idade.

— Onde? — inquiriu o sr. Magnus. — Onde?

— Isso — disse a senhora de meia-idade, levantando-se da cadeira e desviando o rosto — eu não revelaria por nada deste mundo.

— Eu compreendo-a, minha senhora — disse o sr. Pickwick —, e respeito-lhe a delicadeza; nunca há de ser revelado por mim, pode estar certa.

— À minha fé, senhora — interveio o sr. Magnus —, considerando a situação em que estou colocado a seu respeito, parece-me que encara este assunto com razoável sangue-frio; com razoável sangue-frio, minha senhora.

— Cruel sr. Magnus! — tornou a dama de meia-idade; e a essa altura pôs-se, de fato, a chorar a torrentes.

— Dirija a mim as suas observações, senhor — interpos-se o sr. Pickwick. — Se houver no caso algum culpado, esse culpado sou eu.

— Oh! é o senhor o culpado, não é? — perguntou o sr. Magnus. — Eu... eu... percebo tudo. Arrepende-se agora da sua resolução, não é verdade?

— Da minha resolução? — exclamou o sr. Picwkick.

— Da sua resolução, sim senhor. Não fique olhando para mim — continuou o sr. Magnus. — Lembram-me perfeitamente as suas últimas palavras ontem à noite. O senhor veio cá no intuito de desmascarar a aleivosia e a falsidade de um indivíduo em cuja sinceridade e em cuja honra confiara implicitamente; não foi? — E o sr. Magnus entregou-se a um prolongado riso escarninho; depois, tirando os óculos verdes que achou provavelmente supérfluos na sua crise de ciúmes, pos-se a revirar os olhinhos de uma forma pavorosa de ver-se.

— Não foi? — repetiu o sr. Magnus; e repetiu também o riso escarninho com acrescentado efeito. — Mas há de responder-me por isso.

— Responder o quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não se incomode — replicou o sr. Magnus, cruzando a sala a passos largos. — Não se incomode.

Há de haver, por força, algo de muito significativo na expressão “não se incomode”, pois não nos lembramos de ter jamais presenciado uma briga na rua, num teatro, numa sala pública, ou em qualquer outro lugar, em que esta não tenha sido a resposta clássica a todas as perguntas belicosas. “Julga-se acaso um cavalheiro?” “Não se incomode.” “Porventura disse eu alguma coisa à senhora?” “Não se incomode.” “Quer que lhe arrebente a cabeça contra essa parede?” “Não se incomode.” Observa-se também que deve haver alguma provocação oculta nesse universal “não se incomode”, que desperta maior

indignação no mimo do indivíduo interpelado do que a mais tremenda das injúrias.

Não queremos afirmar que a aplicação desta frase ao sr. Pickwick lhe enchesse a alma do mesmo furor que teria despertado num ânimo vulgar. Registramos apenas o fato de que o sr. Pickwick abriu a porta da sala e chamou, inopinadamente: — Tupman, venha cá!

O sr. Tupman apresentou-se, num ápice, com um olhar de considerável surpresa.

— Tupman — disse Pickwick —, um segredo de certa delicadeza, em que está empenhada esta senhora, é a causa de uma divergência que acaba de surgir entre este cavalheiro e mim. Quando eu lhe asseguro, em sua presença, que isso não se refere de maneira alguma a ele, nem tem relação com os seus negócios, não me será preciso pedir-lhe que repare em que, se continua a contestá-lo, duvida manifestamente da minha veracidade, o que hei de considerar muito insultoso. — E, a dizer estas palavras, o sr. Pickwick olhou como a uma coleção de enciclopédias para o sr. Pedro Magnus.

O altivo e honroso porte do sr. Pickwick, acrescentado à força e à energia de expressão que tão eminentemente o distinguiam, bastariam a convencer qualquer espírito razoável; infelizmente, porém, o espírito do sr. Pedro Magnus podia ser tudo, menos razoável, naquele momento. Por conseguinte, em vez de aceitar a explicação do sr. Pickwick como o devia ter feito, passou imediatamente a inflamar-se de uma rubra, ardente e abrasadora cólera, e a falar sobre os seus sentimentos, e outras coisas desse gênero, reforçando as palavras com passos largos de um lado para outro e arrancamentos periódicos de cabelos — diversões que variava de vez em quando brandindo o punho fechado na direção do filantrópico semblante do sr. Pickwick.

Este, por seu turno, cômico da sua inocência e retidão, e irritado por haver infelizmente envolvido a senhora de meia-idade em tão desagradável assunto, achava-se numa disposição menos tranqüila que de ordinário. A consequência foi que as palavras se transformaram em palavrões e as falas em gritos; e, por fim, o sr. Magnus disse ao sr. Pickwick que este teria notícias suas; ao que o sr. Pickwick respondeu, com louvável cortesia, que quanto mais cedo as tivesse, melhor; em vista do que a senhora de meia-idade saiu, espavorida, da sala, da qual o sr. Tupman arrancou o sr. Pickwick, deixando o sr. Pedro Magnus entregue a si mesmo e às suas meditações.

Se a senhora de meia-idade houvesse freqüentado muito a sociedade, ou lhe tivessem aproveitado os modos e costumes dos que fazem as leis e inventam as modas, saberia que essa espécie de ferocidade é a coisa mais inofensiva do mundo; mas como vivera a maior parte do tempo na província, e nunca lera os debates parlamentares, era pouco versada nestes requintes especiais da vida civilizada. Chegada, portanto, ao seu quarto, fechou-se nele, e principiou a refletir sobre a cena que acabara de presenciar, apresentando-se-lhe à mente as imagens mais terríficas de carnificina e destruição — entre as quais, uma das menos sangrentas era um retrato de corpo inteiro do sr. Pedro Magnus, levado para casa por quatro homens, enfeitado de 1 libra de chumbo do lado esquerdo. Quanto mais meditava a senhora, tanto mais se aterrava; por fim, determinou dirigir-se à casa do principal magistrado da cidade, no intuito de pedir-lhe que detivesse, sem demora, as pessoas do sr. Pickwick e do sr. Tupman.

A essa decisão foi levada por uma série de considerações, a principal das quais era a prova incontestada que assim daria de sua dedicação ao sr. Pedro Magnus e dos seus cuidados pela salvação dele. Conhecia-lhe demasiado a violência dos ciúmes para fazer a menor referência à verdadeira causa de sua agitação quando vira o sr. Picwkick; e confiava na própria influência e faculdade de persuasão junto ao homenzinho para aquietar-lhe os ciúmes tormentosos, na hipótese de ser afastado o sr. Pickwick, a fim de evitar a possibilidade de novos dissentimentos. Absorta nessas reflexões, adereçou-se com a touca e o xale e encaminhou-se diretamente para a residência do prefeito.

Ora, Jorge Nupkins, Esquire, o principal magistrado a que já aludimos, era uma grande personagem, tão grande como a maior que poderia encontrar o mais ligeiro dos caminhantes, entre o nascer e o pôr-do-sol, no dia 21 de junho, o qual, segundo os almanaques, sendo o dia mais comprido do ano inteiro, lhe proporcionaria, por força, um período mais dilatado para a sua busca. Nessa determinada manhã encontrava-se o sr. Nupkins num estado de extraordinário excitação e irritação, pois houvera uma revolta na cidade; todos os alunos externos do maior externato haviam conspirado para quebrar as janelas de um odioso vendedor de maçãs, e tinham apupado o bedel e apedrejado o beleguim — um cavalheiro idoso, com botas de canhão, chamado para reprimir o tumulto, e que desempenhava o seu cargo havia pelo menos meio século. O sr. Nupkins estava sentado em sua poltrona, franzindo o cenho com majestade e

fervendo de raiva, quando foi anunciada uma senhora que vinha tratar de um assunto urgente, importante e particular. O sr. Nupkins assumiu um ar terrivelmente calmo e ordenou que introduzissem a senhora; ordem essa que, como todas as ordens de imperadores, magistrados e outros grandes potentados da terra, foi imediatamente obedecida; e a srta. Witherfield, presa de interessante agitação, apresentou-se à sua presença.

— Muzzle! — disse o magistrado.

Muzzle era um diminuto contínuo, de corpo comprido e pernas curtas.

— Muzzle!

— Sim, excelência.

— Arranje uma cadeira e saia da sala.

— Sim, excelência.

— E agora, minha senhora, quer expor o seu caso? — perguntou o magistrado.

— É de um gênero assaz penoso, senhor — disse a srta. Witherfield.

— Provavelmente, minha senhora — acudiu o magistrado. — Acalme-se, minha senhora. — A essa altura, o sr. Nupkins assumiu um aspecto benévolo. — E diga-me agora que assunto legal a traz aqui. — Nesse ponto, triunfou o magistrado sobre o homem; e voltou a assumir um aspecto severo.

— É para mim sumamente aflitivo dar-lhe esta informação — disse a srta. Witherfield —, mas receio que se vai realizar aqui um duelo.

— Aqui, minha senhora? — perguntou o magistrado. — Onde, minha senhora?

— Em Ipswich.

— Em Ipswich, minha senhora! Um duelo em Ipswich! — repetiu o magistrado, perfeitamente atônito. — Impossível, minha senhora, tenho a certeza de que nada desse gênero pode verificar-se nesta cidade. Valha-me Deus, mas a senhora conhece, acaso, a atividade da nossa magistratura local? Já ouviu, porventura, dizer que, no dia 4 de maio próximo passado, eu me atirei num tablado de boxe, acompanhado apenas de sessenta polícias especiais? E, com o risco de cair sacrificado às violentas paixões de uma multidão enfurecida, proibi um certame pugilístico entre o campeão de Middlesex e o de Suffolk? Um duelo em Ipswich, minha senhora! Não acredito. Não acredito — prosseguiu, raciocinando consigo mesmo — que haja dois homens capazes de planejar tamanho atentado à paz, nesta cidade!

— A minha informação é, infelizmente, exatíssima — disse a senhora de meia-idade. — Eu presenciei a briga.

— É uma coisa fora do comum — tornou o estupefato magistrado. Muzzle!

— Sim, excelência.

— Mande o sr. Jinks aqui imediatamente! Instantaneamente!

— Sim, excelência.

Muzzle retirou-se e um escrevente pálido, de meia-idade, nariz aquilino, subnutrido e malvestido, entrou na sala.

— Sr. Jinks — disse o magistrado. — Sr. Jinks.

— Senhor — disse o sr. Jinks.

— Esta senhora, sr. Jinks, veio aqui para comunicar que se projeta um duelo nesta cidade.

Não sabendo exatamente o que fazer, Jinks sorriu um sorriso subalterno.

— De que está rindo, sr. Jinks? — perguntou o magistrado. O sr. Jinks assumiu, instantaneamente, uma expressão séria.

— Sr. Jinks — disse o magistrado —, o senhor é um bobo.

O sr. Jinks olhou, humilde, para o grande homem, e mordeu a ponta da caneta.

— O senhor pode achar muita graça na informação; mas eu lhe garanto uma coisa, sr. Jinks: tem muito pouco de que rir — disse o magistrado.

O escrevente com cara de fome suspirou, como se estivesse perfeitamente ciente do fato de que tinha, com efeito, muito pouco de que rir; e, sendo-lhe ordenado que anotasse a informação da senhora, arrastou-se até uma cadeira e começou a escrevê-la.

— Este homem, Pickwick, é o principal, pelo que vejo — disse o magistrado, concluído o depoimento.

— É — confirmou a senhora de meia-idade.

— E o outro desordeiro como se chama, sr. Jinks?

— Tupman, senhor.

— Tupman é o padrinho?

— É.

— E o outro duelista, diz a senhora que fugiu?

— Fugiu — replicou a srta. Witherfield, com uma tosse breve.

— Muito bem — disse o magistrado. — São dois assassinos de Londres que vieram liquidar a população de Sua Majestade, julgando que, a esta

distância da capital, o braço da lei é fraco e paralítico. Faremos deles um exemplo. Redija os mandados de prisão, sr. Jinks.

Muzzle!

— Sim, excelência.

— Grummer está lá embaixo?

— Sim, excelência.

— Mande-o aqui.

Retirou-se o obsequioso Muzzle e pouco depois voltou, trazendo o senhor idoso de botas de canhão, principalmente notável por um nariz de garrafa, uma voz rouca, um sobretudo cor de rapé e um olhar esgazeado.

— Grummer — disse o magistrado.

— Excelência?

— A cidade agora está tranqüila?

— Muito tranqüila, excelência — respondeu Grummer. — A exaltação popular diminuiu em parte, em consequência de se terem dispersado os meninos para jogar o *cricket*.

— Somente medidas rigorosas são eficazes em tempos como estes, Grummer — disse o magistrado, com determinação. — Se for desprezada a autoridade dos oficiais do rei, teremos de ler-lhes a lei contra os motins. Se o poder civil não pode proteger estas janelas, Grummer, o poder militar terá de proteger o poder civil e as janelas também. Creio que esta é a máxima da Constituição, não é, Jinks?

— Certamente, senhor — disse Jinks.

— Muito bem — tornou o magistrado, assinando os mandados. — Grummer, traga essas pessoas à minha presença hoje à tarde. Há de encontrá-las na Estalagem do Grande Cavalo Branco. Lembra-se do caso dos campeões de Middlesex e de Suffolk?

Grummer mostrou, por um aceno retrospectivo da cabeça, que nunca se esqueceria dele — como, efetivamente, não era provável que esquecesse enquanto continuasse a recordá-lo todos os dias.

— Isto ainda é mais inconstitucional — disse o magistrado. — Este é um atentado ainda maior à paz, e uma infração ainda mais séria das prerrogativas de Sua Majestade. Creio que o duelo é uma das mais indisputáveis prerrogativas de Sua Majestade, não é, Jinks?

— Expressamente estipulada na Magna Carta, senhor — anuiu o sr. Jinks.

— Uma das jóias mais brilhantes da coroa britânica arrancada a Sua Majestade pelos barões, não é, sr. Jinks? — voltou o magistrado.

— Exatamente, senhor — replicou Jinks.

— Muito bem — disse o magistrado, empertigando-se com orgulho.

— Pois não será violada nesta porção dos seus domínios. Grummer, arranje auxílio e execute estes mandados com a menor demora possível. Muzzle!

— Sim, excelência.

— Acompanhe esta senhora.

A sra. Witherfield retirou-se, profundamente impressionada com o saber e as investigações do magistrado; o sr. Nupkins retirou-se para fazer a sua merenda; o sr. Jinks retirou-se para dentro de si mesmo — pois era o único lugar para onde podia retirar-se, exceto o sofá-cama da saleta, ocupada pela família da dona da casa durante o dia; e o sr. Grummer retirou-se para lavar, com o desempenho da sua presente missão, o insulto que o havia atingido e ao outro representante de Sua Majestade — o bedel — no decurso da manhã.

Enquanto se faziam estes resolutos e decisivos aprestos para a conservação da paz de Sua Majestade, o sr. Pickwick e os amigos, inteiramente ignorantes dos ponderosos sucessos que se preparavam, sentaram-se tranqüilamente para jantar, muito sociáveis e tagarelas. O sr. Pickwick já principiara a relatar a sua aventura da noite precedente, para grande divertimento dos asseclas, especialmente do sr. Tupman, quando a porta se abriu e uma fisionomia rebarbativa apareceu. Os olhos da fisionomia rebarbativa fixaram-se atentamente, durante alguns segundos, no rosto do sr. Pickwick, e, segundo todas as aparências, ficaram satisfeitos com a investigação; pois o corpo a que pertencia a fisionomia rebarbativa entrou lentamente no aposento, e mostrou as formas de um indivíduo já idoso, com botas de canhão — em suma, para não deixar aflito o leitor por muito tempo, aqueles olhos eram os olhos esgazeados do sr. Grummer, e o corpo era o corpo do mesmo.

A norma de proceder do sr. Grummer era profissional, mas característica. O seu primeiro ato foi fechar a porta por dentro; o segundo, polir cuidadosamente a cabeça e o rosto com um lenço de algodão; o terceiro, colocar o chapéu, com o lenço de algodão dentro dele, na cadeira mais próxima; e o quarto, tirar do bolso da casaca um pedaço de pau grosso e curto, encimado de uma coroa de cobre, com o qual acenou para o sr. Pickwick, com ar grave e fantasmagórico.

O sr. Snodgrass foi o primeiro a quebrar o silêncio pasmado. Encarou o sr. Grummer durante breve espaço de tempo, e disse, enfático: — Isto é um gabinete particular, senhor. Um gabinete particular.

O sr. Grummer sacudiu a cabeça e replicou: — Nenhum gabinete é particular para Sua Majestade depois de transposta a porta da rua. Isso é lei. Algumas pessoas sustentam que a casa de um inglês é o seu castelo. Isso é besteira.

Os pickwickianos entreolharam-se, atônitos.

— Qual dos senhores é o sr. Tupman? — perguntou o sr. Grummer. Tivera uma percepção intuitiva do sr. Pickwick; conhecera-o de pronto.

— O meu nome é Tupman — disse esse cavalheiro.

— O meu nome é Lei — disse o sr. Grummer.

— O quê? — perguntou o sr. Tupman.

— Lei — replicou o sr. Grummer. — Lei, poder civil e executivo; são esses os meus títulos; aqui está a minha autoridade. (Nome de batismo em branco) Tupman, (nome de batismo em branco) Pickwick — contra a paz do nosso atormentado soberano e rei — vistos os estatutos e ordenações — tudo em ordem. Estão presos Pickwick e Tupman — os sobreditos.

— Que significa esta insolência? — disse o sr. Tupman, levantando-se. — Saia da sala!

— Olá — exclamou o sr. Grummer, retirando-se, muito célere, para a porta e abrindo-a 1 ou 2 polegadas. — Dubbley.

— Que foi? — acudiu uma voz grossa, do corredor.

— Venha cá, Dubbley.

Ouvindo essa ordem, um homem de cara suja, com uma altura pouco maior que 6 pés e proporcionadamente robusto, espremeu-se pela porta entreaberta, operação que lhe deixou o rosto muito vermelho, e entrou na sala.

— Os outros polícias estão lá fora, Dubbley? — perguntou o sr. Grummer.

O sr. Dubbley, homem de poucas palavras, fez um aceno afirmativo.

— Mande entrar a divisão a seu cargo, Dubbley — ordenou o sr. Grummer.

O sr. Dubbley fez o que lhe mandavam; e meia dúzia de homens, cada qual com um cacete na mão, encimado de uma coroa de cobre, entrou na sala. O sr. Grummer enfiou o seu cacete no bolso e olhou para o sr. Dubbley; o sr.

Dubbley enfiou o seu cacete no bolso e olhou para a divisão; a divisão enfiou os seus cacetes nos bolsos e olhou para os srs. Tupman e Pickwick.

O sr. Pickwick e os discípulos ergueram-se como um só homem.

— Que significa esta violação atroz do meu domicílio? — perguntou o sr. Pickwick.

— Quem se atreve a prender-me? — perguntou o sr. Tupman.

— Que querem aqui, patifes? — perguntou o sr. Snodgrass.

O sr. Winkle não perguntou coisa alguma, mas fitou os olhos em Grummer e dirigiu-lhe um olhar que, se este tivesse algum sentimento, lhe trespassaria o cérebro de um lado a outro. Naquela ocasião, porém, não produziu nenhum efeito visível.

Quando os beaguins perceberam que o sr. Pickwick e os amigos estavam dispostos a resistir à autoridade da lei, arregaçaram muito significativamente a manga das casacas, como se o derrubá-los ao chão e pegá-los depois fosse um mero recurso profissional, que bastava ser lembrado para ser posto em prática. Essa demonstração não passou despercebida ao sr. Pickwick. Conferenciou alguns momentos com o sr. Tupman à parte e, logo, manifestou-se disposto a ir à casa do prefeito, pedindo apenas às pessoas ali reunidas que tomassem nota de sua firme intenção de protestar contra aquela monstruosa violação dos seus privilégios de súdito inglês, assim que se visse em liberdade; em vista do que as pessoas ali reunidas se puseram a rir a bandeiras despregadas, com a única exceção do sr. Grummer, que parecia considerar uma espécie de blasfêmia intolerável a menor censura dirigida ao direito divino dos magistrados.

Mas quando o sr. Pickwick se mostrou decidido a inclinar-se diante das leis do seu país, e no momento em que os criados, e moços da estrebaria, e criadas, e postilhões, que antecipadamente saboreavam o delicioso espetáculo prometido pela sua obstinação, principiaram a voltar-se, desiludidos e nauseados, surgiu uma dificuldade não prevista. Apesar de toda a veneração que votava às autoridades constituídas, o sr. Pickwick protestou, resolutamente, contra a sua aparição nas ruas cercado e guardado por polícias, como um criminoso comum. O sr. Grummer, na então agitada situação do espírito público (pois era meio feriado, e os meninos ainda não tinham voltado para casa), protestou com a mesma decisão contra o alvitre de seguir por uma calçada enquanto o sr. Pickwick e o sr. Tupman se dirigiam pela calçada oposta, à casa do magistrado; de outra parte, assim o sr. Pickwick como o sr. Tupman recusaram terminantemente pagar as despesas de um carro de praça, o

único transporte respeitável que se poderia conseguir. A disputa acalorou-se e prolongou-se o dilema; e, precisamente no instante em que os beaguins se dispunham a vencer as objeções do sr. Pickwick por meio do expediente comum de carregá-lo à força, alguém lembrou que havia no pátio uma velha cadeirinha, originariamente construída para um senhor gotoso e abastado, capaz de comportar o sr. Pickwick e o sr. Tupman pelo menos tão comodamente quanto uma diligência moderna. Alugou-se, portanto, a cadeirinha e ela foi trazida ao vestíbulo; o sr. Pickwick e o sr. Tupman entraram espremidos nela e desceram as cortinas; encontram-se rapidamente dois carregadores; e a procissão pôs-se em marcha com muita ordem. Os beaguins cercaram o corpo do veículo; o sr. Grummer e o sr. Dubbley marchavam, triunfantes, na frente; o sr. Snodgrass e o sr. Winkle caminhavam, de braço dado, atrás. E a gentilha de Ipswich formava a retaguarda.

Os lojistas da cidade, se bem tivessem uma idéia muito imprecisa da natureza do agravo, não podiam menos de sentir-se edificados e gratos por esse espetáculo. Lá estava o braço forte da lei, que descia com uma força de vinte prensas hidráulicas sobre dois criminosos, vindos da própria metrópole; a poderosa máquina era dirigida pelo magistrado e posta em funcionamento pelos funcionários da cidade; e os dois criminosos, em virtude dos esforços conjugados dos primeiros, se achavam seguramente encerrados nos estreitos limites de uma cadeirinha. Muitas foram as expressões de aprovação e admiração que saudaram o sr. Grummer, enquanto chefiava o cortejo, de cacete na mão; e entre esses unânimes testemunhos da aprovação pública marchava, lento e majestoso, o cortejo.

O sr. Weller, que vestia o seu colete matutino com mangas de chita preta, voltava descoroçoado de um malsucedido exame da casa misteriosa de portão verde quando, erguendo os olhos, viu a multidão que descia a rua e cercava um objeto muito semelhante a uma cadeirinha. Desejoso de divertir os pensamentos do malogro da empresa, afastou-se para o lado, para assistir à passagem do povo; e, vendo que este aplaudia, aparentemente com muita satisfação, principiou sem demora (a fim de afugentar as suas tristezas) a aplaudir também com toda a força dos seus pulmões.

O sr. Grummer passou, e passou o sr. Dubbley, e passou a cadeirinha, e os beaguins passaram, e Sam ainda respondia aos aplausos entusiásticos da multidão, agitando o chapéu, como se o possuísse a mais delirante alegria (embora, está claro, não tivesse a menor idéia do que estava acontecendo),

quando subitamente o interrompeu a inesperada aparição do sr. Winkle e do sr. Snodgrass.

— Que aconteceu, senhores? — gritou Sam. — Quem foi que eles meteram nessa guarita de luto?

Os dois cavalheiros responderam ao mesmo tempo, mas as suas palavras se perderam no tumulto.

— Quem? — tornou Sam a gritar.

Novamente se repetiu a resposta simultânea; e embora fossem inaudíveis as palavras, Sam percebeu, pelos movimentos dos dois pares de lábios, que haviam pronunciado a mágica palavra, “Pickwick”.

Era o bastante. Um minuto depois abria caminho entre a multidão, fazia parar os carregadores, e arrostava o soberbo Grummer.

— Olá, velho! — interpelou-o. — Quem é que você traz aqui metido nesta caixinha?

— Afaste-se — disse o sr. Grummer, cuja dignidade, como a de muitos outros, fora maravilhosamente acrescentada por uma pequena popularidade.

— Dê-lhe um murro, se ele não quiser — sugeriu o sr. Dubbley.

— Fico-lhe muito obrigado, meu velho — replicou Sam —, por haver consultado as minhas conveniências, e ainda fico mais obrigado ao outro cavalheiro, que parece ter fugido de uma caravana de gigantes, pela sua delicada sugestão; mas preferiria que você respondesse à minha pergunta, se não faz questão. Como vai, senhor? — Essa última observação foi dirigida com ar protetor ao sr. Pickwick, que espiava pela janela da frente.

O sr. Grummer, que a indignação deixara perfeitamente mudo, arrancou o cacete com a coroa de cobre do bolso da casaca e brandiu-o diante dos olhos de Sam.

— Ah — tornou Sam —, é muito bonito, especialmente a coroa, que se parece extraordinariamente com a verdadeira.

— Afaste-se! — bradou o ofendido sr. Grummer. No intuito de reforçar a ordem, enfiou o emblema de cobre da realeza com uma das mãos na gravata de Sam e, com a outra, segurou-o pelo colarinho; cumprimento que o sr. Weller retribuiu atirando-o ao solo com um murro, tendo, previamente, com a maior consideração, feito o mesmo a um dos carregadores, para servir-lhe de colchão.

Ninguém sabe direito se o sr. Winkle foi acometido de um acesso temporário da loucura que nasce do ressentimento de uma injúria, ou se o animou a exibição de coragem do sr. Weller; o certo é que, assim que viu cair o

sr. Grummer, fez uma terrível carnificina num menininho que estava ao seu lado; em vista do que o sr. Snodgrass, com espírito verdadeiramente cristão, e a fim de não apanhar ninguém desprevenido, anunciou em grandes brados que ia começar, e principiou a tirar a casaca muito deliberadamente. Foi logo cercado e preso; e não é senão de justiça, em relação assim a ele como ao sr. Winkle, dizer que nenhum deles fez o menor esforço para salvarem-se nem para salvarem o sr. Weller; o qual, depois de vigorosíssima resistência, foi subjugado pelo maior número dos adversários e aprisionado. Tornou a formar-se o cortejo; os carregadores voltaram às suas posições; e a marcha recomeçou.

A indignação do sr. Pickwick durante todos esses fatos não conheceu limites. Via apenas Sam derrubando os beleguins e distribuindo pancadas em todas as direções; e era só isso o que podia ver, pois as portas da cadeirinha não queriam abrir-se e as cortinas não queriam subir. Afinal, com a assistência do sr. Tupman, conseguiu abrir o teto; e, subindo ao assento e segurando-se como podia, com a mão no ombro daquele cavalheiro, principiou a dirigir-se à multidão; a discorrer sobre a maneira injustificável por que fora tratado; e a pedir-lhe que tomasse nota de que o seu criado fora atacado primeiro. Nessa ordem chegaram à casa do magistrado; os carregadores trotando, os prisioneiros seguindo, o sr. Pickwick discursando e a multidão berrando.

CAPÍTULO XXV

EM QUE SE EVIDENCIA, ENTRE VÁRIOS ASSUNTOS
DIVERTIDOS, QUÃO MAJESTOSO E IMPARCIAL ERA O SR.
NUPKINS; E COMO O SR. WELLER TIROU UMA VALENTE
DESFORRA DO SR. JOB TROTTER. COM OUTRO ASSUNTO, QUE
SERÁ ENCONTRADO NO DEVIDO LUGAR.

VIOLENTA ERA A INDIGNAÇÃO do sr. Weller ao ser transportado; numerosas foram as suas alusões ao aspecto pessoal e ao porte do sr. Grummer e do companheiro; e valorosos foram os desafios que lançou a todos os beleguins presentes, com o que desabafava a sua cólera. O sr. Snodgrass e o sr. Winkle escutavam com sombrio respeito a torrente de eloquência que lhes vertia o chefe, da cadeirinha, e cujo rápido curso nem todas as súplicas ardentes do sr. Tupman, para que se fechasse o teto do veículo, foram capazes de deter. Mas a cólera do sr. Weller rapidamente se converteu em curiosidade quando a procissão entrou pelo mesmo pátio em que se encontrara com o fugitivo Job Trotter; e a curiosidade se transformou num sentimento de gratíssimo espanto, quando o muito importante sr. Grummer ordenou aos carregadores que parassem, adiantou-se com passos dignos e portentosos para o mesmíssimo portão verde de que saíra Job Trotter e puxou com grande força o coração da campainha que pendia ao lado. Ao toque de campainha respondeu uma criada muito bonitinha e muito pimpona, que, depois de levantar as mãos diante do aspecto rebelde dos prisioneiros, e da linguagem apaixonada do sr. Pickwick, chamou o sr. Muzzle. O sr. Muzzle abriu meia folha do portão grande para deixar entrar a cadeirinha, os detentos e os esbirros; e fechou-a, logo depois, na cara do populacho, que, indignado por ser excluído, e ansioso por ver o que ia acontecer, desabafou a sua ira dando pontapés no portão e tocando a campainha durante duas horas seguidas. Desse divertimento participaram todos, alternadamente, exceto três ou quatro ditosos indivíduos, que, tendo descoberto um rótulo no portão pelo qual não se via coisa alguma, entraram a

olhar por ele com a infatigável perseverança com que muita gente achata o nariz contra a vidraça de uma farmácia quando um bêbedo, atropelado por um carrinho na rua, é submetido a uma inspeção cirúrgica na saleta dos fundos.

Ao pé de uns degraus que conduziam à porta da casa, guarnecidos de cada lado de um aloés americano plantado num tonel verde, deteve-se a cadeirinha. O sr. Pickwick e os amigos foram conduzidos a um vestíbulo, onde, tendo sido previamente anunciados por Muzzle e mandados entrar pelo sr. Nupkins, foram admitidos à excelentíssima presença do zeloso funcionário.

A cena era imponente e calculada para infundir terror nos corações dos culpados e para dar-lhes uma idéia apropriada da severa majestade da lei. Diante de enorme estante, sentado em enorme cadeira, atrás de uma mesa enorme, com um enorme volume à sua frente, estava o sr. Nupkins, parecendo duas vezes maior que qualquer um dos presentes, por maiores que fossem. Enfeitavam a mesa pilhas de papel; e sobre a última extremidade dela apareciam a cabeça e os ombros do sr. Jinks, profundamente ocupado em parecer o mais ocupado possível. Havendo entrado todos, Muzzle fechou cuidadosamente a porta e colocou-se atrás da cadeira do amo, à espera das suas ordens. O sr. Nupkins recostou-se no espaldar da cadeira com comovente solenidade e examinou o rosto dos visitantes forçados.

— E então, Grummer, quem é essa pessoa? — perguntou o sr. Nupkins, apontando para o sr. Pickwick, o qual, como porta-voz dos amigos, de chapéu na mão, se inclinava com a máxima polidez e respeito.

— Esse é o Pickwick, excelência — disse Grummer.

— Alto lá, nada disso, velho tonto — interrompeu-o o sr. Weller, chegando, à custa dos cotovelos, à primeira fila. — Perdão, senhor, mas este seu funcionário de botas de borracha nunca poderá ganhar decentemente a vida como mestre-de-cerimônias em parte alguma. Este aqui, senhor — continuou, empurrando Grummer para o lado e dirigindo-se ao magistrado com prazenteira familiaridade —, este aqui é sr. Pickwick, Esquire; este, é o sr. Tupman; este outro é o sr. Snodgrass; e, mais adiante, perto dele, do outro lado, o sr. Winkle, todos eles excelentes cavalheiros, como o senhor verá, tendo a felicidade de conhecê-los; portanto, quanto mais cedo condenar os seus funcionários ao *Tread-mill*^[12] por um mês ou dois, tanto mais cedo começaremos a entender-nos melhor. Primeiro a obrigação, depois a devoção, como disse o rei Ricardo, o Terceiro, quando apunhalou o outro rei na Torre, antes de estrangular os petizes.

Concluído esse discurso, o sr. Weller alisou o chapéu com o cotovelo direito, e acenou benignamente para Jinks, que o ouvira do começo ao fim com indizível terror.

— Quem é este homem? — perguntou o magistrado.

— Um malfeitor perigosíssimo, excelência — respondeu Grummer.

— Tentou soltar os prisioneiros e atacou os oficiais da polícia; por isso o prendemos e o trouxemos aqui.

— Fizeram muito bem — replicou o magistrado. — É, evidentemente, um perigoso bandido.

— É meu criado, senhor — acudiu, colérico, o sr. Pickwick.

— Oh! é seu criado, não é? — perguntou o sr. Nupkins. — Uma conspiração para impedir a ação da justiça e assassinar-lhe os funcionários. Criado de Pickwick. Tome nota disso, sr. Jinks.

O sr. Jinks tomou nota.

— Qual é o seu nome, patife? — trovejou o sr. Nupkins.

— Weller — replicou Sam.

— Nome excelente para o calendário de Newgate — disse o sr. Nupkins.

Aquilo era uma piada; portanto Jinks, Grummer, Dubbley e todos os beaguins romperam em acessos de riso que duraram cinco minutos.

— Escreva o nome dele, sr. Jinks — disse o magistrado.

— Com dois //, meu velho — disse Sam.

Nisso, um infeliz beaguim tornou a rir, e o magistrado ameaçou prendê-lo imediatamente. É muito perigoso rir com as piadas erradas nesses casos.

— Onde mora? — perguntou o magistrado.

— Onde posso — replicou Sam.

— Escreva isso, sr. Jinks — disse o magistrado, cada vez mais furioso.

— É sublinhe —olveu Sam.

— É um vagabundo, sr. Jinks — disse o magistrado. — Vagabundo por sua própria confissão; não é, sr. Jinks?

— Certamente, senhor.

— Então vou prendê-lo. Prendê-lo por vagabundo — disse o sr. Nupkins.

— Este país é muito imparcial em matéria de justiça — disse Sam. Não há um magistrado que não se prenda duas vezes mais do que prende os outros.

Ouvindo essa resposta, outro beaguim caiu na asneira de rir e, logo, procurou parecer sobrenaturalmente solene, o que levou o magistrado a descobri-lo num relance.

— Grummer — disse o sr. Nupkins, vermelho de cólera —, como se atreve a escolher uma pessoa tão inútil e tão desacreditada como esse homem para seu auxiliar? Como se atreve, senhor?

— Sinto muito, excelência — balbuciou Grummer.

— Sinto muito! —olveu o furioso magistrado. — O senhor se arrepende desta negligência, sr. Grummer; hei de fazer disso um exemplo. Tire o cacete desse sujeito. Ele está bêbedo. Você está bêbedo, sujeito.

— Eu não estou bêbedo, excelência — respondeu o homem.

— Está bêbedo — tornou o magistrado. — Como se atreve a dizer que não está bêbedo, quando eu digo que está? Ele não está cheirando a pinga, Grummer?

— Horrivelmente, excelência — respondeu Grummer, que tinha a vaga impressão de sentir um cheiro de pinga nalgum lugar.

— Eu sabia — disse o sr. Nupkins. — Vi que ele estava bêbedo logo que entrou na sala, pelos olhos injetados. Não lhe observou os olhos injetados, sr. Jinks?

— Naturalmente, senhor.

— Ainda não tomei uma gota de álcool hoje — disse o homem, que estava sóbrio como o que mais o estivesse.

— Como se atreve a mentir-me? —olveu o sr. Nupkins. — Ele não está bêbedo neste momento, sr. Jinks?

— Certamente, senhor — replicou Jinks.

— Sr. Jinks — disse o magistrado —, vou prender esse homem por desacato. Redija a ordem de prisão.

E preso teria sido o beleguim se Jinks, que era o conselheiro do prefeito (pois tivera uma educação jurídica de três anos no escritório de um advogado de província), não murmurasse ao ouvido do magistrado que não o julgava conveniente; por isso, o prefeito fez um discurso e declarou que, em consideração pela família do beleguim, se contentava apenas com censurá-lo e despedi-lo. Conseqüentemente, foi o beleguim injuriado com veemência durante um quarto de hora, e mandado embora; e Grummer, Dubbley, Muzzle e todos os outros beleguims murmuraram a sua admiração pela magnanimidade do sr. Nupkins.

— Agora, sr. Jinks — disse o magistrado —, tome o juramento de Grummer.

Tomou-se imediatamente o juramento de Grummer; mas, como Grummer divagasse e o jantar do sr. Nupkins estivesse quase pronto, este abreviou o caso, formulando perguntas essenciais, que Grummer respondia o quanto possível afirmativamente. O interrogatório, portanto, prosseguiu, fácil e cômodo, ficando provados dois ataques por parte do sr. Weller, uma ameaça por parte do sr. Winkle, e um empurrão por parte do sr. Snodgrass. Quando tudo isto se fez, a contento do magistrado, este e o sr. Jinks entraram a confabular, em tom murmurante.

Terminada a confabulação, que durou cerca de dez minutos, o sr. Jinks retirou-se para a sua extremidade da mesa; e o magistrado, com uma tosse preparatória, empertigou-se na cadeira e dispunha-se a começar o seu discurso, quando o sr. Pickwick interveio.

— Peço-lhe perdão por interrompê-lo — disse o sr. Pickwick —, mas antes que o senhor comece a expressar, e agir concordemente, alguma opinião que possa haver formado em virtude dos depoimentos aqui prestados, devo reclamar o meu direito de ser ouvido, pelo menos no que me diz respeito pessoalmente.

— Cale a boca — bradou o magistrado, peremptório.

— Tenho de sujeitar-me às suas ordens — disse o sr. Pickwick.

— Cale a boca — reconveio o magistrado —, ou darei ordens a um funcionário meu para levá-lo daqui.

— Pode ordenar aos seus funcionários que façam o que o senhor quiser — disse o sr. Pickwick —, e não duvido, diante da prova de subordinação dada por eles, de que as suas ordens serão executadas; mas tomarei a liberdade de reivindicar o meu direito de ser ouvido, até que me tirem daqui à força.

— Pickwick e os seus princípios! — exclamou Sam, com voz assaz audível.

— Fique quieto, Sam — ordenou o sr. Pickwick.

— Mudo como um tambor esburacado, senhor — replicou Sam.

O sr. Nupkins olhou para o sr. Pickwick com um olhar de enorme assombro, ao vê-lo mostrar tão desusada temeridade; e preparava-se, aparentemente, para dar uma resposta agastadíssima, quando o sr. Jinks o puxou pela manga da casaca e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O magistrado respondeu a isso com uma frase semi-audível e, logo, recomeçaram os sussurros. Jinks, evidentemente, admoestava-o.

Por fim, engolindo de muito má vontade a sua repugnância por ouvir o que quer que fosse, voltou-se o magistrado para o sr. Pickwick e, áspero, perguntou-lhe:

— Que deseja dizer?

— Em primeiro lugar — respondeu o sr. Pickwick, lançando um olhar através dos seus óculos, debaixo do qual o próprio Nupkins se sentiu intimidado. — Em primeiro lugar, desejo saber por que razão eu e o meu amigo fomos trazidos aqui.

— E preciso dizer-lhe? — murmurou o magistrado para Jinks.

— Acho que é melhor, senhor — murmurou Jinks para o magistrado.

— Recebi uma informação, sob juramento — disse o magistrado —, de que o senhor pretende bater-se em duelo, e de que esse outro homem, Tupman, é seu auxiliar e cúmplice. Portanto... hein, sr. Jinks?

— Certamente, senhor.

— Portanto, condeno os senhores dois a... — Acho que é assim mesmo, não é, sr. Jinks?

— Certamente, senhor.

— A... a... ao que, sr. Jinks? — perguntou, agastado, o magistrado.

— A prestarem fiança, senhor.

— Isso. Portanto, condeno os senhores dois — como eu ia dizendo, quando fui interrompido pelo meu escrevente — a prestarem fiança.

— Uma boa fiança — murmurou o sr. Jinks.

— Exijo uma boa fiança — declarou o magistrado.

— Gente aqui da cidade — murmurou Jinks.

— É preciso que os fiadores sejam pessoas da cidade — declarou o magistrado.

— De 50 libras cada um — murmurou Jinks —, e chefes de família, está claro.

— Exigirei duas fianças de 50 libras cada uma — declarou o magistrado em voz alta, com grande dignidade —, e os fiadores têm de ser chefes de família, está claro.

— Mas, valha-me Deus, senhor — redargüiu o sr. Pickwick, que, assim como o sr. Tupman, era todo espanto e indignação —, somos completamente estranhos nesta cidade. Conheço tão pouco os chefes de família daqui como tenho a intenção de bater-me em duelo com quem quer que seja.

— Está-se vendo — replicou o magistrado. — Está-se vendo. O senhor não vê, sr. Jinks?

— Certamente, senhor.

— Tem mais alguma coisa para dizer? — inquiriu o magistrado.

O sr. Pickwick tinha muitas coisas mais para dizer, e as teria dito, com muito pouco proveito para si, ou muito pouca satisfação para o magistrado, se, no momento em que acabara de falar, o sr. Weller não o puxasse pela manga da casaca, e ambos entabulassem de pronto tão veemente conversação, que o interrogatório do magistrado passou inteiramente despercebido. O sr. Nupkins não era homem para fazer uma pergunta desse gênero mais de uma vez; dessarte, com outra tosse preparatória, no meio do silêncio reverente e admirativo dos beaguins, entrou a pronunciar a sua decisão.

Condenava Weller a 2 libras de multa pelas primeiras vias de fato, e a 3 pela segunda. Condenava Winkle a 2 libras e Snodgrass a 1, além de obrigá-los a jurar que não perturbariam a paz de nenhum súdito de Sua Majestade e, sobretudo, de seu fiel servo, Daniel Grummer. Quanto a Pickwick e a Tupman, já os havia condenado a prestarem fiança.

Logo que o magistrado acabou de falar, o sr. Pickwick, com um sorriso que lhe iluminava a fisionomia novamente bem-humorada, deu um passo para a frente e disse:

— Peço perdão ao magistrado, mas poderei rogar-lhe uns poucos minutos de conversação particular, sobre um assunto de grande importância para si?

— O quê? — perguntou o magistrado.

O sr. Pickwick repetiu o requerimento.

— É um pedido assaz extraordinário — disse o magistrado. — Uma entrevista particular?

— Uma entrevista particular — replicou o sr. Pickwick, com firmeza.

— Entretanto, como parte da informação que desejo comunicar procede do meu criado, desejaria que ele estivesse presente.

O magistrado olhou para o sr. Jinks; o sr. Jinks olhou para o magistrado; os beaguins olharam uns para os outros, estupefatos. O sr. Nupkins, repentinamente, empalideceu. Não teria o tal Weller, num momento de remorso, divulgado alguma secreta conspiração para o seu assassinio? Era uma idéia pavorosa. Ele era um homem público; e ficou mais pálido ainda ao pensar em Júlio César e o sr. Perceval.

O magistrado tornou a olhar para o sr. Pickwick e fez um sinal para o sr. Jinks.

— Que acha o senhor deste pedido, sr. Jinks? — murmurou o sr. Nupkins.

O sr. Jinks não sabia exatamente o que havia de achar, mas como tivesse medo de ofender o amo, sorriu débil e dubiamente, apertou os cantos da boca e abanou a cabeça de um lado para outro.

— Sr. Jinks — disse, muito grave, o magistrado —, o senhor é uma cavalgada.

Ouvindo esta breve opinião, o sr. Jinks tornou a sorrir — ainda mais debilmente do que antes — e recolheu-se, aos poucos, para o seu canto.

O sr. Nupkins debateu o assunto consigo mesmo durante alguns segundos; logo, erguendo-se da cadeira, e pedindo ao sr. Pickwick e a Sam que o seguissem, encaminhou-se para uma saleta que dava para o tribunal. Ordenou ao sr. Pickwick que fosse para a extremidade oposta do pequenino aposento e, segurando com a mão a porta semi-aberta, para que pudesse efetuar uma fuga imediata, caso se verificasse a menor tendência de um rompimento de hostilidades, mostrou-se disposto a ouvir a comunicação, fosse ela qual fosse.

— Irei imediatamente ao ponto, senhor — disse o sr. Pickwick. — Trata-se de um assunto que diz essencialmente respeito ao senhor e ao seu crédito. Tenho sérias razões para acreditar que o senhor acolhe em sua casa um miserável impostor!

— Dois — interrompeu Sam. — O cor de amora não respeita ninguém em matéria de lágrimas e pouca vergonha.

— Sam — disse o sr. Pickwick —, para que eu possa tornar-me inteligível a este cavalheiro, preciso pedir a você que domine os seus sentimentos.

— Sinto muito, senhor — replicou o sr. Weller. — Mas quando penso naquele Job, não posso deixar de abrir a válvula de escape 1 ou 2 polegadas, pelo menos.

— Numa palavra, senhor — disse o sr. Pickwick —, terá razão, porventura, o meu criado, em suspeitar que um certo capitão Fitz-Marshall tem o hábito de visitar a sua casa? Porque — acrescentou o sr. Pickwick, ao ver que o sr. Nupkins se dispunha a interrompê-lo, indignado —, porque, se tiver, sei que essa pessoa é um...

— Psiu, psiu — atalhou o sr. Nupkins, fechando a porta. — Sabe que ele é o que, senhor?

— Um aventureiro sem princípios... um indivíduo desacreditado... um parasita social, que transforma pessoas de boa-fé em suas vítimas; absurdas, tolas e desgraçadas vítimas, senhor — exclamou o excitado sr. Pickwick.

— Valha-me Deus — tornou o sr. Nupkins, muito vermelho, modificando imediatamente os seus modos. — Valha-me Deus, sr...

— Pickwick — ajuntou Sam.

— Pickwick — disse o magistrado —, valha-me Deus, sr. Pickwick... tenha a bondade de sentar-se... Que me diz o senhor? O capitão Fitz-Marshall?

— Não lhe chame capitão — interveio Sam —, nem Fitz-Marshall tampouco; não é uma coisa nem outra. É um ator ambulante e chama-se Jingle; e se alguma vez houve um lobo com roupas cor de amora, esse é o tal Job Trotter.

— Exatamente — ajuntou Pickwick, respondendo ao olhar de pasmo do magistrado. — A única coisa que vim fazer nesta cidade foi desmascarar a pessoa de que estamos falando.

E o sr. Pickwick continuou, fazendo, para os ouvidos horrorizados do sr. Nupkins, um abreviado relato das atrocidades do sr. Jingle. Contou-lhe como o havia encontrado; como Jingle fugira com a srta. Wardle; como abrira alegremente mão da futura esposa por considerações pecuniárias; como o atraíra a ele, sr. Pickwick, a um internato de meninas, à meia-noite; e como ele, sr. Pickwick, se julgava na obrigação de denunciar-lhe a usurpação do nome e da patente que ostentava agora.

À proporção que a narrativa prosseguia, todo o sangue quente que havia no corpo do sr. Nupkins entrou a zunir-lhe na ponta das orelhas. Encontrara o capitão numa corrida de cavalos nos arredores. E, encantadas pela sua longa lista de relações aristocráticas, longuíssimas viagens e porte fidalgo, a sra. Nupkins e a srta. Nupkins haviam exibido o capitão Fitz-Marshall, citado o capitão Fitz-Marshall, e atirado o capitão Fitz-Marshall aos rostos do seu seletto círculo de relações, até que os amigos mais íntimos, a sra. Porckenham, a srta. Porckenham e o sr. Sidney Porckenham quase arrebetaram de inveja e desespero. E saber agora, depois de tudo isso, que era um aventureiro sem eira nem beira, um ator ambulante, e, se não um trapaceiro, coisa tão parecida que fora difícil estremar uma da outra! Misericórdia! Que diriam os Porckenhams! Qual não seria o triunfo do sr. Sidney Porckenham quando soubesse que os seus galanteios haviam sido desdenhados pelos de um rival daqueles! Como haveria ele, Nupkins, de encarar o velho Porckenham nas próximas sessões do tribunal!

E que alavanca não teria o partido de oposição magistral se a história se propalasse!

— Mas, afinal de contas — disse o sr. Nupkins, iluminando-se por instantes, depois de longa pausa —, afinal de contas, isto é uma simples declaração. O capitão Fitz-Marshall é um homem de modos muito insinuantes e creio até que há de ter numerosos inimigos. Que provas tem o senhor da veracidade dessas acusações?

— Confronte-me com ele — respondeu o sr. Pickwick —, é só isso o que peço e tudo o que exijo. Confronte-o comigo e com os meus companheiros que estão aqui; não lhe serão precisas outras provas.

— Ora — disse o sr. Nupkins —, isso se poderá fazer facilmente, pois ele virá hoje à noite, e não seria preciso tornar público o assunto, apenas... apenas... por causa do rapaz, o senhor sabe. Eu... eu... eu gostaria, entretanto, em primeiro lugar, de consultar a sra. Nupkins sobre a propriedade desse passo. Como quer que seja, sr. Pickwick, temos de resolver o nosso assuntozinho legal antes de fazermos alguma coisa. Tenha a bondade de passar para a sala vizinha.

Passaram para a sala vizinha.

— Grummer — disse o magistrado, com voz pavorosa.

— Excelência — respondeu Grummer, com um sorriso de valido.

— Vamos, vamos — disse o magistrado, severo —, nada de leviandades aqui. Não fica bem, e eu lhe asseguro que tem muito poucas razões para sorrir. O relatório que o senhor me apresentou foi rigorosamente exato? Tenha cuidado!

— Excelência — tartamudeou Grummer —, eu...

— Oh, o senhor está confuso, não está? — disse o magistrado. — Não está vendo a confusão dele, sr. Jinks?

— Certamente, senhor — replicou Jinks.

— Agora — tornou o magistrado —, repita o seu depoimento, Grummer, e aviso-lhe mais uma vez que tome cuidado. Sr. Jinks, tome nota do que ele disser.

O inditoso Grummer pôs-se a repetir a sua queixa, mas com o sr. Jinks a assentar-lhe as palavras e o magistrado a cortá-las; com a sua tendência natural para as divagações e a sua extrema confusão, alcançou enlear-se, em menos de três minutos, num tal labirinto de contradições, que o sr. Nupkins declarou imediatamente não acreditar nele. Por conseguinte, foram relevadas as multas, e o sr. Jinks não demorou em achar dois fiadores idôneos. E, satisfatoriamente

concluídas estas solenes operações, foi o sr. Grummer posto ignominiosamente para fora da sala — tremendo exemplo da instabilidade da grandeza humana e da pouca segurança que oferece o favor dos grandes.

A sra. Nupkins era uma mulher majestosa com um turbante de gaze cor-de-rosa e um pequeno chinó escuro. A srta. Nupkins possuía toda a altivez da mãe sem o turbante, e todo o seu mau humor sem o chinó; e sempre que o exercício dessas duas amáveis qualidades envolviam mãe e filha nalgum dilema desagradável, como sucedia com freqüência, ambas deitavam as culpas aos ombros do sr. Nupkins. Por conseguinte, quando o sr. Nupkins procurou a sra. Nupkins e referiu-lhe, circunstanciadamente, a comunicação que recebera do sr. Pickwick, a sra. Nupkins lembrou-se de repente de que sempre esperara uma coisa dessas; sempre dissera que havia de ser assim; nunca lhe seguiam os conselhos; na verdade não sabia o que o sr. Nupkins pensava que ela fosse; e assim por diante.

— Ora, que idéia! — exclamou a srta. Nupkins, vingando que uma lágrima de escassíssimas proporções lhe surgisse no canto de cada olho.

— Que idéia a de escarnecerem de mim dessa maneira!

— Ah! agradeça a seu pai, meu bem — interveio a sra. Nupkins.

— Quantas vezes implorei, supliquei a esse homem que pedisse informações sobre a família do capitão; como insisti com ele para que tomasse uma providência decisiva! Tenho a certeza de que agora ninguém acreditaria; ninguém.

— Mas, minha querida — sobreveio o sr. Nupkins.

— Não fale comigo, insuportável criatura, não fale! — disse a sra. Nupkins.

— Meu amor —olveu o sr. Nupkins — você mesma se dizia tão afeiçoada ao capitão Fitz-Marshall! Convidou-o tantas vezes a vir aqui, e não perdeu ensejo de levá-lo a toda parte!

— Eu não disse, Henriqueta? — gritou a sra. Nupkins, apelando para a filha, com ar muito ofendido. — Eu não disse que ele haveria de lançar-me toda a culpa? Eu não disse? — E a sra. Nupkins rompeu em soluços.

— Oh, papai! — censurou a srta. Nupkins. E pôs-se também a soluçar.

— Não é demais que faça cair sobre nós tamanha desgraça e tamanho ridículo e, além disso, me incrimine, a mim, de ter sido a causa de tudo? — exclamou a sra. Nupkins.

— Como vamos agora aparecer na sociedade? — perguntou a srta. Nupkins.

— Como poderemos encarar os Porkenhams? — gritou a sra. Nupkins.

— Ou os Griggs? — gritou a srta. Nupkins.

— Ou os Slummintowkens! — gritou a sra. Nupkins. — Mas de que se importa seu pai? Que é isso para ele? — A esta medonha reflexão, a sra. Nupkins chorou, agoniada, e a srta. Nupkins imitou-a.

As lágrimas da sra. Nupkins continuaram a correr, com grande velocidade, até que ela teve um pouco de tempo para refletir sobre o assunto, quando decidiu consigo mesma que a melhor solução era pedir ao sr. Pickwick e seus amigos que ficassem até a chegada do capitão, e dar ao sr. Pickwick a oportunidade que este buscava. Se fosse verdade o que dissera, o capitão poderia ser escorraçado da casa sem que o caso transpirasse, e eles explicariam o seu desaparecimento aos Porkenhams dizendo que fora nomeado, pela influência de sua família junto ao paço, governador-geral de Serra Leoa ou de Saugur Point, ou de qualquer um desses climas salubres que por tanta maneira encantam os europeus, que estes, uma vez chegados lá, dificilmente se decidem a voltar.

Quando a sra. Nupkins enxugou as suas lágrimas, e a srta. Nupkins as dela, o sr. Nupkins ficou satisfeitíssimo com a solução alvitrada pela sra. Nupkins. Por conseqüência, o sr. Pickwick e os amigos, depois de lavarem todos os vestígios do último recontro, foram apresentados às senhoras e, logo depois, ao jantar; e o sr. Weller, que o magistrado, com a sagacidade que lhe era peculiar, descobrira em meia hora ser um dos melhores sujeitos do mundo, foi entregue aos cuidados e à guarda do sr. Muzzle, com ordens especiais de levá-lo para baixo e tratá-lo muito bem.

— O senhor como vai? — perguntou o sr. Muzzle, ao conduzir o sr. Weller pela escada que dava para a cozinha.

— Ora, não se verificou nenhuma alteração considerável no estado do meu organismo desde que o vi espetado atrás da cadeira do seu amo, lá na sala, faz pouco tempo — replicou Sam.

— O senhor me desculpe por não lhe haver dado mais atenção naquele momento — disse o sr. Muzzle. — O patrão não nos tinha apresentado ainda. Como ele gosta do senhor, sr. Weller!

— Ah! — tornou Sam. — É um belo sujeito!

— Não é mesmo? — replicou o sr. Muzzle.

— Gosta tanto de brincar —olveu Sam.

— E fala tão bem — disse o sr. Muzzle. — Como correm as idéias dele, não é verdade?

— Um assombro — replicou Sam. — Correm tanto e dão tantas cabeçadas umas nas outras, que parecem atordoadas; a gente nem fica sabendo direito o que ele quer dizer, não acha?

— Pois é esse o grande mérito do seu estilo oratório — ajuntou o sr. Muzzle. — Cuidado com o último degrau, sr. Weller. Não prefere lavar as mãos antes de irmos ter com as senhoras? Aqui há uma pia com água e uma toalha limpa atrás da porta.

— Talvez seja melhor eu lavar-me um pouco — replicou o sr. Weller, aplicando grande quantidade de sabão amarelo à toalha e esfregando-a no rosto, até que este voltou a brilhar. — Quantas senhoras há aqui?

— Na cozinha só duas — disse o sr. Muzzle —, a cozinheira e a criada. Temos também um rapaz para o serviço mais sujo, e outra rapariga, mas esses jantam no lavadouro.

— Oh, jantam no lavadouro? — perguntou o sr. Weller.

— Jantam — replicou o sr. Muzzle. — Tentamos admiti-los à nossa mesa quando chegaram, mas não foi possível. Os modos da rapariga são horrivelmente vulgares; e o rapaz funga tanto quando come, que não pudemos sentar-nos junto dele.

— Que hipopótamo! — observou o sr. Weller.

— Uma coisa medonha — continuou o sr. Muzzle. — Mas isso é o que há de pior aqui na província, sr. Weller; os moços são sempre tão mal-educados! É por aqui, faça o favor; por aqui.

Precedendo o sr. Weller, com a máxima cortesia, o sr. Muzzle conduziu-o à cozinha.

— Maria — disse o sr. Muzzle à criadinha bonita —, este é o sr. Weller; um cavalheiro que o patrão mandou para cá a fim de estar o melhor possível.

— E o seu patrão sabe o que faz, pois me mandou para onde devia — disse o sr. Weller, lançando um olhar de admiração a Maria. — Se eu fosse o dono desta casa, sempre estaria o melhor possível onde Maria estivesse.

— Ora, sr. Weller — disse Maria, enrubescendo.

— Bem, e eu, então? — exclamou a cozinheira.

— Valha-me Deus, ia-me esquecendo de você — disse o sr. Muzzle.

— Sr. Weller, permita-me que eu o apresente.

— Como vai, minha senhora? — perguntou o sr. Weller. — Muito prazer em conhecê-la, e espero que o nosso conhecimento dure bastante, como dizia o cavalheiro à nota de 5 libras.

Terminada a cerimônia das apresentações, a cozinheira e Maria retiraram-se para o fundo da cozinha, a fim de tagarelarem uns dez minutos; depois voltaram, cheias de rubores e risinhos, e sentaram-se para jantar.

Tão irresistível foi a influência dos modos lhanos e dos talentos de conversador de Sam junto aos novos amigos, que antes da metade do jantar se estabelecera entre eles uma perfeita intimidade, e todos se inteiraram das velhacadas de Job Trotter.

— Nunca pude suportá-lo — disse Maria...

— E nem devia, meu bem — replicou o sr. Weller.

— Por que não? — perguntou Maria.

— Porque a feiúra e a safadeza não devem privar com a elegância e a virtude — replicou o sr. Weller. — Não é assim, sr. Muzzle?

— Naturalmente — replicou o interpelado.

A essa altura Maria casquinou uma risada e disse que a cozinheira a fizera rir; a cozinheira riu também, e disse que não.

— Eu não tenho copo — queixou-se Maria.

— Beba comigo, meu bem — sugeriu o sr. Weller. — Ponha os lábios nesta caneca e eu, assim, poderei beijá-la por tabela.

— Que pouca vergonha, sr. Weller! — disse Maria.

— Pouca vergonha por que, meu bem?

— Falar desse jeito.

— Bobagem; não há mal nenhum. Isso é da natureza; não é, cozinheira?

— Não me pergunte a mim, impertinência — voltou a cozinheira, jubilosíssima; e as duas senhoras desataram a rir até que, à força de cerveja, de carne fria e de risos combinados, Maria quase se engasgou — de cuja assustadora situação foi salva por diversas batidas nas costas e outras atenções que lhe ministrou, com suma delicadeza, o sr. Samuel Weller.

No meio de toda essa alegria, ouviu-se uma batida forte no portão do jardim, à qual respondeu imediatamente o rapaz que tomava as suas refeições no lavadouro. O sr. Weller estava no auge de suas atenções à criadinha bonita; e a cozinheira acabava de fazer uma pausa para rir, no momento exato em que levava aos lábios um grande bocado, quando se abriu a porta da cozinha e por ela entrou o sr. Job Trotter.

Dissemos que por ela entrou o sr. Job Trotter, mas essa afirmativa desviava-se um pouco do nosso costumeiro e escrupuloso apego aos fatos. A porta se abriu e o sr. Trotter apareceu. Teria entrado e estava, com efeito, a pique de fazê-lo quando, ao dar com a figura do sr. Weller, recuou involuntariamente um ou dois passos, e quedou-se a olhar para a cena inesperada que viam os seus olhos, imóvel de assombro e de terror.

— Vejam quem está aqui! — exclamou Sam, erguendo-se com suma alegria. — Estávamos agora mesmo falando de você. Como vai essa bizzarria? Por onde tem andado? Entre, não faça cerimônia!

Agarrando com a mão o colarinho cor de amora de Job, que não lhe resistiu, o sr. Weller arrastou-o para a cozinha; e, fechando a porta, entregou a chave ao sr. Muzzle que, muito friamente, a enfiou num dos bolsos do lado e abotoou-o.

— Sim, senhor, que boa pândega! — exclamou Sam. — Pense no prazer que terá o meu amo de encontrar-se com o seu lá em cima, e na alegria que tenho de encontrar-me com você aqui embaixo. Então, como vão as coisas? Como vai indo o negócio da mercearia? Não imagina o prazer que tenho em vê-lo. Você parece tão contente! É um gosto vê-lo assim; não é, sr. Muzzle?

— Enorme — disse o sr. Muzzle.

— Ele é tão jovial! — tornou Sam.

— E tão bem-humorado! — volveu Muzzle.

— E fica tão alegre quando nos vê; isso é o que vale numa reunião — continuou Sam. — Sente-se; sente-se.

O sr. Trotter permitiu que o atirassem a uma cadeira, ao pé do fogo. Fitou os olhinhos primeiro no sr. Weller, depois no sr. Muzzle, mas não disse nada.

— Pois agora — ajuntou Sam —, diante destas senhoras, eu gostaria de perguntar-lhe, por uma simples questão de curiosidade, se você não se considera o mancebo mais guapo e mais bem-educado de quantos usam lenços cor-de-rosa e uma coleção de hinos número quatro?

— E que pretende casar-se com uma cozinheira — sobreveio, indignada, a cozinheira. — Seu grandíssimo patife!

— Para levar depois uma vida mais virtuosa e estabelecer-se com uma mercearia — disse a criadinha.

— Pois eu quero dizer-lhe, cavalheiro — interveio, solene, o sr. Muzzle, enfurecido pelas duas últimas alusões —, que esta senhora aqui (apontando para a cozinheira) entende-se comigo; e quando o senhor fala em montar uma

mercearia com ela me ofende num dos pontos mais delicados em que se pode ofender um homem. Está compreendendo?

E o sr. Muzzle, que tinha em grande conceito a sua eloquência, no que imitava o amo, fez uma pausa, à espera de resposta.

O sr. Trotter, porém, não respondeu coisa alguma. O sr. Muzzle, portanto, prosseguiu, sempre solene.

— É muito provável, senhor, que não o chamem lá em cima por diversos minutos, porque o meu amo, senhor, está, neste momento, ocupado em ajustar contas com o seu; por conseguinte, tem o senhor vagar suficiente para uma conversinha em particular comigo. Está compreendendo?

O sr. Muzzle fez nova pausa, à espera de uma resposta; e o sr. Trotter voltou a desapontá-lo.

— Pois então — disse o sr. Muzzle —, lamento muito ter de explicar-me diante das senhoras, mas a urgência do caso será a minha desculpa. A despensa está vazia. Se quiser ter a bondade de passar para lá, o sr. Weller será o juiz e poderemos dar mútuas satisfações até que toque a campainha. Siga-me!

Ao pronunciar estas palavras, deu o sr. Muzzle um ou dois passos na direção da porta; e, a fim de poupar tempo, começou a tirar a casaca à medida que caminhava.

Ora, assim que ouviu as últimas palavras deste mortal desafio, e viu o sr. Muzzle a pique de o por em execução, a cozinheira despediu um grito agudo e penetrante e, atirando-se sobre a sr. Job Trotter, que se levantou da cadeira no mesmo instante, arranhou-lhe e esbofeteou-lhe a caraça redonda, com uma energia peculiar às mulheres exaltadas: e, enroscando-lhe as mãos pelos compridos cabelos, deles arrancou o suficiente para fazer cinco ou seis dúzias de anéis. Realizada essa proeza com a fúria que lhe inspirava o seu grande amor ao sr. Muzzle, recuou, cambaleando; e, como fosse uma senhora de sentimentos muito excitáveis e delicados, caiu imediatamente debaixo do talhadouro e perdeu os sentidos.

Nesse momento soou a campainha.

— Isto é para você, Job Trotter — disse Sam; e antes que o sr. Trotter pudesse resistir ou responder, antes mesmo que tivesse tempo para estancar o sangue das feridas que lhe infligira a dama insensível —, Sam pegou-o por um braço e o sr. Muzzle pelo outro; e um puxando na frente, ao passo que o outro empurrava por trás, conseguiram conduzi-lo, escada acima, até a sala de visitas.

Era um quadro impressionante. Alfredo Jingle, Esquire, aliás capitão Fitz-Marshall, estava ao pé da porta com o chapéu na mão e um sorriso no rosto, imperturbável, a despeito da sua desagradabilíssima situação. Diante dele, se erguia o sr. Pickwick que, evidentemente, estivera a inculcar-lhe altas lições de moral; pois tinha a mão esquerda debaixo do rabo da casaca, e a direita suspensa no ar, conforme o seu hábito quando pronunciava algum discurso de grande efeito. A pequena distância encontrava-se o sr. Tupman, indignado, cuidadosamente seguro pelos dois amigos mais moços; e na outra extremidade da sala viam-se o sr. Nupkins, a sra. Nupkins e srta. Nupkins, sombriamente grandiosos e desesperadamente vexados.

— Que me impede — disse o sr. Nupkins, com dignidade magistral, quando Job foi trazido —, que me impede de prender esses dois homens por patifes e impostores? É uma tola misericórdia. Que me impede?

— O orgulho, meu velho, o orgulho — replicou Jingle, perfeitamente sereno. — Não daria certo... não serviria... pescou um capitão, hein? Ah! ah! excelente... marido para a filha... para malandro, malandro e meio... divulgar o caso... por nada deste mundo... seria estupidez... grande!

— Miserável — disse a sra. Nupkins —, desprezamos as suas baixas insinuações.

— Oh, naturalmente — respondeu Jingle. — Moço alto... antigo namorado... Sidney Porckenham... rico... belo sujeito... menos rico do que o capitão, apesar de tudo... despedido... mandado embora... tudo pelo capitão... nada como o capitão... todas as moças... loucas por ele... hein, Job?

A essa altura o sr. Jingle desatou a rir com estrondo; e Job, esfregando as mãos, jubilosíssimo, emitiu o primeiro som desde que entrara naquela casa — um risinho baixo e sem ruído, que parecia indicar que o saboreava tanto que não queria perder nenhuma parcela dele convertida em som.

— Sr. Nupkins — disse a mais velha das senhoras —, isto não é conversa que os criados devam escutar. Mande embora esses miseráveis.

— Certamente, minha querida — disse o sr. Nupkins. — Muzzle!

— Excelência.

— Abra a porta da rua.

— Sim, excelência.

— Saiam desta casa! — ordenou o sr. Nupkins, com um gesto enfático da mão.

Jingle sorriu e encaminhou-se para a porta.

— Esperem! — exclamou o sr. Pickwick.

Jingle deteve-se.

— Eu poderia — continuou o sr. Pickwick — haver tirado uma desforra muito maior pelo tratamento que experimentei em suas mãos, e no deste seu hipócrita amigo.

Job Trotter inclinou-se com summa polidez e levou a mão ao peito.

— Digo — prosseguiu o sr. Pickwick, cada vez mais zangado — que poderia ter tomado uma vingança muito maior, mas contento-me com desmascará-los, o que considero uma obrigação devida à sociedade. É uma benevolência que espero não seja esquecida.

Quando o sr. Pickwick chegou a esse ponto, Job Trotter, com faceta gravidade, aplicou a mão ao ouvido, como se não quisesse perder uma sílaba do que o outro dizia.

— E cumpre-me apenas acrescentar — ajuntou o sr. Pickwick, já completamente zangado — que eu o considero um patife, um... um canalha... um... pior do que todos os homens que tenho conhecido, exceto esse piedoso e devoto vagabundo de libré cor de amora.

— Ah! ah! — respondeu Jingle. — Bom sujeito... Pickwick excelente coração... velho rijo... mas não deve ficar nervoso... isso é ruim, muito ruim... adeuzinho... ainda nos veremos algum dia... não fique triste... — vamos, Job... — trote!

Com estas palavras, o sr. Jingle pôs o chapéu à maneira antiga e saiu a passos largos da sala. Job Trotter deteve-se, olhou à sua volta, sorriu e, depois de inclinar-se com escarninha solenidade para o sr. Pickwick e piscar para o sr. Weller com indizível malícia, seguiu os passos do esperançado amo.

— Sam — disse o sr. Pickwick, vendo que o sr. Weller se dispunha a acompanhá-lo.

— Senhor?

— Fique aqui.

O sr. Weller pareceu indeciso.

— Fique aqui — repetiu o sr. Pickwick.

— Não posso dar um esfrega nesse Job, lá no jardim? — perguntou o sr. Weller.

— Claro que não — respondeu o sr. Pickwick.

— Não posso dar uns pontapés nele na hora de passar pelo portão?

— De maneira nenhuma — tornou o amo.

Pela primeira vez depois que se empregara, o sr. Weller pareceu, por um momento, infeliz e descontente. Mas não tardou a iluminar-se-lhe o semblante; pois tendo-se escondido atrás da porta da rua, o manhoso sr. Muzzle saiu violentamente do seu esconderijo no momento exato, e conseguiu, com suma destreza, dar um trança-pé no sr. Jingle e no criado, atirando-os, de ponta cabeça, pela escada abaixo, dentro dos tonéis em que estavam plantados os aloés americanos.

— Tendo eu cumprido a minha obrigação, senhor — disse o sr. Pickwick ao sr. Nupkins —, despeço-me, em companhia dos meus amigos. E ao mesmo passo que lhe agradecemos a generosa hospitalidade recebida, permita-me que lhe assegure, em nome de todos, que não a teríamos aceito, nem consentiríamos em safar-nos desta maneira do nosso dilema anterior, se não nos movesse um vigoroso sentimento do dever. Regressaremos a Londres amanhã. O seu segredo ficará guardado por nós.

Havendo, dessarte, lançado o seu protesto contra o tratamento que lhes fora dispensado de manhã, o sr. Pickwick se inclinou profundamente diante das senhoras e, sem embargo das solicitações da família, deixou a sala com os amigos.

— Vá buscar o seu chapéu, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Está lá embaixo, senhor — respondeu Sam; e saiu correndo.

Ora, não havia ninguém na cozinha exceto a criadinha bonita; e como se houvesse perdido o chapéu de Sam, foi preciso procurá-lo; e a criadinha bonita iluminou-lhe o caminho. Tiveram de procurar o chapéu em toda parte. Na sua ânsia de encontrá-lo, a criadinha bonita pôs-se de joelhos e começou a revirar todas as coisas que se achavam amontoadas a um canto, perto da porta. Era um canto pequeno. Ninguém poderia entrar nele sem fechar primeiro a porta.

— Aqui está — disse a criadinha bonita. — Aqui está, não é ele?

— Deixe-me ver — disse Sam.

A criadinha bonita colocara a vela no chão; e como a luz fosse muito fraca, Sam foi obrigado a ajoelhar-se também para ver se era, de fato, o seu chapéu. No canto, extraordinariamente pequeno — e a culpa não foi, portanto, de ninguém senão do homem que construía a casa — Sam e a criadinha bonita se viram, necessariamente, muito próximos um do outra.

— É, é esse mesmo — disse Sam. — Adeus!

— Adeus — disse a criadinha bonita.

— Adeus! — repetiu Sam; e, ao repeti-lo, deixou cair o chapéu que tanto lhe custara achar.

— Que desastrado — voltou a criadinha bonita. — Vai perdê-lo outra vez, se não tomar cuidado.

E, a fim de impedir que o perdesse, colocou-lho na cabeça.

Se o rosto da criadinha bonita pareceu mais bonito ainda, quando se ergueu para Sam, ou se isso foi consequência acidental da grande proximidade em que se encontravam, até hoje não se sabe; mas o caso é que Sam a beijou.

— O senhor não quer dizer que o fez de propósito — disse a criadinha bonita, ruborizando-se.

— Não, não fiz de propósito — replicou Sam. — Mas vou fazê-lo agora.

E beijou-a outra vez.

— Sam! — chamou o sr. Pickwick, por cima dos balaústres da escada.

— Vou indo, senhor — respondeu Sam, correndo pela escada acima.

— Como demorou! — disse o sr. Pickwick.

— Havia não sei o que atrás da porta que não nos deixava abri-la, senhor — replicou Sam.

E foi este o primeiro episódio do primeiro amor do sr. Weller.

CAPÍTULO XXVI

EM QUE SE CONTÉM BREVE NOTÍCIA DO PROGRESSO DA AÇÃO BARDELL CONTRA PICKWICK.

TENDO LEVADO A BOM TERMO o fim e objeto especiais da sua viagem, pelo desmascaramento de Jingle, determinou Pickwick voltar imediatamente para Londres, com o intuito de se informar das providências que, nesse meio tempo, haviam sido tomadas contra ele pelos srs. Dodson e Fogg. Pondo em obra esse propósito com toda a energia e decisão do seu caráter, subiu à imperial da primeira diligência que saiu de Ipswich na manhã seguinte às memoráveis ocorrências circunstanciadamente referidas nos dois capítulos precedentes; e, acompanhado dos três amigos e do sr. Samuel Weller, chegou à metrópole, em perfeito estado de saúde, na mesma tarde.

Aqui, os amigos, por breve lapso de tempo, separaram-se. Os srs. Tupman, Winkle e Snodgrass dirigiram-se às suas respectivas residências, a fim de fazerem os preparativos porventura necessários à próxima visita a Dingley Dell; e o sr. Pickwick e Sam encontraram agasalho nuns aposentos muito bons, cômodos e antiquados, a saber: na Taberna e Hotel de Jorge e o Abutre, em Jorge Yard, na rua Lombard.

O sr. Pickwick terminara o segundo quartilho de um vinho do Porto especial, colocara o lenço de seda sobre a cabeça, pusera os pés no guarda-fogo e recostara-se numa poltrona, quando a entrada do sr. Weller, com o saco de viagem, o arrancou às suas tranqüilas meditações.

— Sam — disse o sr. Pickwick.

— Senhor — acudiu o sr. Weller.

— Eu estava pensando agora mesmo, Sam — continuou o sr. Pickwick —, que tendo deixado tantas coisas minhas em casa da sra. Bardell, na rua Goswell, devia retirá-las de lá antes de viajar outra vez.

— Muito bem, senhor — replicou Weller

— Eu poderia mandá-las, por enquanto, à casa do sr. Tupman — prosseguiu o sr. Pickwick —, mas, antes disso, cumpria examiná-las e juntá-las.

Quero que você vá à rua Goswell, Sam, e dê um jeito nisso.

— Agora mesmo, senhor? — perguntou o sr. Weller.

— Agora mesmo — respondeu o sr. Pickwick. — Mas espere, Sam — acrescentou, tirando a bolsa. — Há ainda uma parte do aluguel para pagar. O trimestre só termina no Natal. Mas você já pode pagá-lo e liquidar o assunto. Para rescindir o meu contrato tenho de mandar um aviso com um mês de antecedência. Aqui está o aviso, já redigido. Entregue-o à sra. Bardell e diga a ela que anuncie o quarto quando quiser.

— Muito bem — retorquiu o sr. Weller. — Mais nada, senhor?

— Nada mais, Sam.

O sr. Weller encaminhou-se lentamente para a porta como se esperasse ainda alguma coisa; abriu-a lentamente, lentamente a transpôs, e principiara a fechá-la lentamente, quando o sr. Pickwick chamou:

— Sam.

— Senhor — voltou o sr. Weller, retrocedendo depressa e fechando a porta.

— Não faço objeções, Sam, a que você procure saber quais são as disposições da sra. Bardell a meu respeito, e se é realmente provável que este processo vil e sem fundamentos seja levado até o fim. Digo que não faço objeções, se você quiser, bem entendido — concluiu o sr. Pickwick.

Sam fez um breve aceno de inteligência e saiu da sala. O sr. Pickwick tornou a colocar o lenço de seda sobre a cabeça, e ajeitou-se para tirar uma soneca. O sr. Weller saiu de pronto, a fim de executar a sua missão.

Eram quase 9 horas quando chegou à rua Goswell. Duas velas bruxuleavam na saleta da frente, e duas toucas se distinguiam pela janela. A sra. Bardell tinha visitas.

O sr. Weller bateu à porta e, depois de um intervalo assaz longo — ocupado pelo de fora a assobiar uma modinha e pelos de dentro a persuadir uma vela refratária a deixar-se acender —, ouviram-se os passos de um par de botinhas sobre o tapete, e o menino Bardell apresentou-se.

— Então, meu salta-pocinhas — perguntou Sam —, como vai a mamãe?

— Vai muito bem — replicou o menino Bardell —, e eu também.

— Pois isto já é uma grande coisa — tornou Sam. — Diga a ela que eu quero falar-lhe, ouviu, meu jovem fenômeno?

Assim intimado, o menino Bardell colocou a vela refratária no primeiro degrau da escada e sumiu na sala de visitas para levar o recado.

As duas toucas que se distinguiam pela janela eram os respectivos chapéus de um par das mais íntimas amigas da sra. Bardell, que acabavam de entrar para sorver uma tranqüila chávena de chá e saborear uma pequena ceia quente feita de torresmos e um pouco de queijo frito. O queijo frigia e fervilhava deleitosamente num forninho diante do fogão; os torresmos crepitavam deliciosamente numa frigideira; e a sra. Bardell e as duas amigas deliciavam-se também num doce cavaco a respeito de todas as suas amigas particulares e conhecidas em geral, quando o menino Bardell voltou e transmitiu o recado que lhe confiara o sr. Samuel Weller.

— O criado do sr. Pickwick! — disse a sra. Bardell, empalidecendo.

— Valha-me Deus! — disse a sra. Cluppins.

— Pois eu não acreditaria se não estivesse aqui — disse a sra. Sanders.

A sra. Cluppins era uma mulherzinha viva e expedita; a sra. Sanders, uma personagem volumosa, gorda, de rosto grande; e as duas eram as visitas.

A sra. Bardell entendeu conveniente mostrar-se agitada; e, como nenhuma das três soubesse, naquelas circunstâncias, se ela devia ou não devia manter qualquer comunicação com o criado do sr. Pickwick, a não ser por intermédio de Dodson e Fogg, ficaram todas horrivelmente surpreendidas. Nesse estado de indecisão a primeira providência que se impunha era, obviamente, dar uma surra no menino por haver encontrado o sr. Weller à porta. Por conseguinte, a mãe o surrou e ele gritou melodiosamente.

— Fique quieto... seu... seu coisinha! — ordenou a sra. Bardell.

— Não aborreça a sua pobre mãe — disse a sra. Sanders.

— Ela já tem muito com que se aborrecer, sem você Tommy — ajuntou a sra. Cluppins com afetuosa resignação.

— Que tristeza, pobrezinha! — disse a sra. Sanders.

A todas essas reflexões morais o menino Bardell gritava com mais força ainda.

— E agora, que hei de fazer? — perguntou a sra. Bardell à sra. Cluppins.

— Eu acho que a senhora devia vê-lo — replicou a sra. Cluppins. — Mas nunca sem uma testemunha.

— Pois eu acho que seria mais legal com duas testemunhas — tornou a sra. Sanders, que rebentava também de curiosidade.

— Talvez fosse melhor fazê-lo entrar aqui — sugeriu a sra. Bardell.

— Naturalmente — replicou a sra. Cluppins, adotando, alvoroçada, a sugestão. — Entre, rapaz; e feche a porta primeiro, por favor.

O sr. Weller não se fez de rogado; e, entrando na sala, explicou à sra. Bardell o que o trazia ali.

— Sinto muito causar-lhe algum incômodo pessoal, minha senhora, como disse o salteador ao jogar a velha na fogo; mas como eu e o meu patrão acabamos de chegar à cidade, e já vamos embora outra vez, a senhora vê que não há remédio.

— Está claro que o rapaz não tem nada com as faltas do patrão — observou a sra. Cluppins, profundamente impressionada pelo aspecto e pela conversação do sr. Weller.

— Está visto que não — conveio a sra. Sanders, que, pelos olhares cobiçosos lançados à frigideira, parecia ocupada num cálculo mental a respeito da provável duração dos torresmos, no caso de Sam ser convidado para cear.

— Pois foi por isso mesmo que vim — declarou Sam, sem reparar na interrupção. — Primeiro, para entregar o aviso do patrão: aqui está o aviso. Segundo, para pagar o aluguel: aqui está o aluguel. Terceiro, para dizer que ele quer que se reúnam todas as coisas e se entreguem à pessoa que vier buscá-las. Quarto, que a senhora pode alugar os aposentos quando bem entender; e é só.

— Apesar de tudo o que aconteceu — afirmou a sra. Bardell —, eu sempre disse, e sempre direi, que, a não ser numa coisa, o sr. Pickwick nunca deixou de portar-se como um perfeito cavalheiro. O dinheiro dele foi sempre garantido como um banco, sempre.

Ao dizer isso, aplicou o lenço aos olhos, e saiu da sala para ir buscar o recibo.

Sam Weller sabia muito bem que só lhe cumpria ficar quieto, porque as mulheres haveriam, sem falta, de falar; por isso, olhou, alternadamente, para a frigideira, o queijo frito, as paredes e o forro em profundo silêncio.

— Coitadinha! — disse a sra. Cluppins.

— Pobrezinha! — replicou a sra. Sanders.

Sam não disse nada. Percebeu que elas se aproximavam do assunto.

— Eu, a bem dizer, não posso conter-me — afirmou a sra. Cluppins — quando penso em tamanho perjúrio. Não quero dizer nada para vexá-lo, rapaz, mas o seu patrão é um velho bruto, e eu gostaria de que ele estivesse aqui para dizer-lhe isso na cara.

— Eu também gostaria — respondeu Sam.

— Ver como ela está sofrendo, sempre triste, coitada, sem achar gosto em nada, a não ser quando vêm as amigas, por caridade, visitá-la e dar-lhe um

pouco de alento — prosseguiu a sra. Cluppins, olhando para a frigideira e para o forninho —, é de cortar o coração.

— É bárbaro — disse a sra. Sanders.

— É o seu patrão, rapaz! Um homem cheio de dinheiro, a quem não custaria nada a despesa de uma esposa — continuou a sra. Cluppins, com grande volubilidade —, não tem sequer uma sombra de desculpa para o seu procedimento! Por que não se casa com ela?

— Ah — tornou Sam —, não há dúvida; eis a questão.

— Questão, de fato — retorquiu a sra. Cluppins. — Eu teria questionado com ele no lugar dela. Mas, como quer que seja, há uma lei para nós, as mulheres, pois, do contrário, os homens nos transformariam em escravas; e o seu patrão há de conhecer essa lei, rapaz, por experiência própria, antes de seis meses.

A esta reflexão consoladora, a sra. Cluppins entesou-se e sorriu para a sra. Sanders, que sorriu também.

— O processo vai andando, sem dúvida — pensou Sam, quando a sra. Bardell voltou com o recibo.

— Aqui está o recibo, sr. Weller — disse a sra. Bardell —, e aqui está o troco. Espero que o senhor tome alguma coisa para esquentar-se, nem que seja por amor da nossa velha amizade.

Sam percebeu as vantagens que disso lhe poderiam advir e aquiesceu incontinenti; em vista do que a sra. Bardell tirou, de um armariozinho, uma garrafa preta e um copo de vinho; e tão grande era a sua abstração, angustiada como estava, que, depois de encher o copo do sr. Weller, tirou mais três copos de vinho e encheu-os também.

— Olhe, sra. Bardell! — disse a sra. Cluppins. — Veja o que a senhora está fazendo!

— Ora, essa é muito boa! — exclamou a sra. Sanders.

— Ah, a minha pobre cabeça — disse a sra. Bardell com um débil sorriso.

Sam compreendeu, naturalmente, tudo isso e declarou, sem demora, que nunca bebia antes da ceia, a não ser em companhia de alguma dama. Seguiram-se grandes cachinadas; a sra. Sanders dispôs-se a fazer-lhe a vontade e bebeu um golezinho. Sam declarou então que era preciso dar a volta, de sorte que todas beberam um pouco. Depois, a pequena sra. Cluppins propôs um brinde “ao bom êxito de Bardell contra Pickwick”; as senhoras esvaziaram os seus copos em honra desse voto, e logo se tornaram muito tagarelas.

— Imagino que o senhor esteja a par do que está acontecendo, sr. Weller?
— perguntou a sra. Bardell.

— Eu soube de algumas coisas — replicou Sam.

— É terrível ser a gente arrastada diante do público, dessa maneira, sr. Weller — queixou-se a sra. Bardell —, mas vejo agora que não possa fazer outra coisa, e os meus advogados, o sr. Dodson e o sr. Fogg, disseram-me que, com as provas que vamos apresentar, devemos ganhar a questão. Eu não sei o que faria, sr. Weller, se não ganhasse.

A simples idéia de malograr-se a demanda da sra. Bardell comoveu por tanta maneira a sra. Sanders, que esta se viu na precisão de encher e esvaziar imediatamente o seu copo, outra vez; sentindo, segundo confessou mais tarde, que, a não ter tido a presença de espírito para fazê-lo, teria perdido os sentidos.

— Para quando esperam a decisão? — perguntou Sam.

— Para fevereiro ou março — replicou a sra. Bardell.

— Quantas testemunhas vão depor, não é mesmo? — observou a sra. Cluppins.

— Ora, se vão! — replicou a sra. Sanders.

— E como vão ficar furiosos o sr. Dodson e o sr. Fogg se a queixosa não ganhar! — ajuntou a sra. Cluppins. — Eles fazem tudo isso por especulação!

— Ora, se vão! — disse a sra. Sanders.

— Mas a queixosa há de ganhar — rematou a sra. Cluppins.

— Assim o espero — disse a sra. Bardell.

— Nem há dúvida! — acudiu a sra. Sanders.

— Bem — interveio Sam, levantando-se e colocando o copo sobre a mesa.
— Só posso dizer que desejo que a senhora possa ganhá-la.

— Muita obrigada, sr. Weller — tornou a sra. Bardell, com fervor.

— E quanto aos tais Dodson e Fogg, que fazem essas coisas por especulação — continuou o sr. Weller —, bem como às outras pessoas generosas e boas da mesma profissão, que nos puxam as orelhas de graça, e põem os seus escreventes à procura de pequenas disputas entre vizinhos e conhecidos, para serem resolvidas por meio de processos, só posso dizer que desejo que tenham a recompensa que eu lhes daria.

— Ah, eu quisera que tivessem a recompensa que todos os bons e generosos corações se sentem inclinados a conferir-lhes — disse a agradecida sra. Bardell.

— Amém — replicou Sam —, e tenho a certeza de que levariam uma gorda e bela vida! Boa noite, minhas senhoras.

Para grande alívio da sra. Sanders, foi permitido a Sam que partisse sem a menor referência, por parte da dona da casa, aos torresmos e ao queijo frito; aos quais, com a juvenil assistência que lhes poderia prestar o menino Bardell, logo depois fizeram as senhoras mais ampla justiça — fazendo-os, de fato, desaparecer com os seus estrênuos esforços.

O sr. Weller voltou para a Estalagem de Jorge e do Abutre e relatou fielmente ao amo as indicações sobre as engenhosas manobras de Dodsan e Fogg que conseguira obter na visita à sra. Bardell. Uma entrevista com o sr. Perker, no dia imediato, confirmou de todo ponto as informações de Sam; e o sr. Pickwick viu-se constrangido a preparar-se para a sua visita de Natal a Dingley Dell, com a amena perspectiva de ver publicamente julgado, dois ou três meses depois, um processo movido contra ele por perdas e danos em virtude de uma violação de promessa de casamento, no tribunal dos Common Pleas, tendo a autora todas as vantagens provenientes não só da força das circunstâncias, mas também da grande habilidade de Dodson e Fogg em tirar proveito delas.

CAPÍTULO XXVII

SAMUEL WELLER FAZ UMA PEREGRINAÇÃO A DORKING E CONTEMPLA A SUA MADRASTA.

COMO AINDA FALTASSEM DOIS DIAS para a data em que os pickwickianos tinham decidido ir a Dingley Dell, o sr. Weller, depois de haver jantado cedo, sentou-se numa saleta dos fundos na Estalagem de Jorge e do Abutre, a fim de matutar sobre a melhor maneira de empregar o seu tempo. Era um belíssimo dia; e não dera tratos à bola sobre o caso por mais de dez minutos quando se sentiu, inopinadamente, filial e afetuoso; e ocorreu-lhe com tamanho vigor a idéia de que precisava visitar o pai e cumprimentar a madrastra, que ficou pasmado da própria negligência em não haver pensado antes nisso. Desejoso de reparar sem perda de tempo a incúria passada, subiu incontinenti aos aposentos do sr. Pickwick e pediu licença para esse louvável propósito.

— Certamente, Sam, certamente — aquiesceu o sr. Pickwick, cujos olhos brilharam de gozo diante dessa manifestação de amor filial de parte do criado.
— Certamente, Sam.

O sr. Weller inclinou-se, agradecido.

— Folgo muito em ver que você faz uma idéia tão elevada dos seus deveres de filho, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Sempre fiz, senhor — replicou o sr. Weller.

— Pois esta é uma gratíssima reflexão — observou, aprovativo, o sr. Pickwick.

— Exatamente, senhor — replicou o sr. Weller. Toda vez que eu queria alguma coisa de meu pai, pedia-lha com modos muito respeitosos e delicados. Se ele não ma dava, eu lha tirava, receoso de cometer alguma asneira por não a ter conseguido. Poupei-lhe um mundo de aborrecimentos dessa maneira, senhor.

— Não é isso precisamente o que eu quero dizer, Sam — disse o sr. Pickwick, sacudindo a cabeça, com um leve sorriso.

— Tudo por bons sentimentos, senhor, com as melhores intenções possíveis, como disse o cavalheiro quando abandonou a mulher que era infeliz com ele — replicou o sr. Weller.

— Pode ir, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Muito obrigado, senhor — respondeu o sr. Weller; e, tendo feito a sua melhor inclinação, e vestido as suas melhores roupas, trepou na imperial da Andorinha e partiu a caminho de Dorking.

Era a Estalagem do Marquês de Granby, no tempo da sra. Weller, perfeito modelo de taberna de primeira ordem à beira da estrada — suficientemente grande para ser cômoda e suficientemente pequena para ser agasalhada. No lado oposto do caminho havia uma tabuleta grande sobre um poste alto, que representava a cabeça e os ombros de um cavalheiro de apoplético semblante, com uma casaca vermelha e bandas azuis, e um toque da mesma cor acima do chapéu de três bicos, à guisa de céu. Por cima de tudo, viam-se duas bandeiras; debaixo do último botão da casaca, um par de canhões; e o conjunto apresentava uma expressiva e indiscutível parecença com o Marquês de Granby, de gloriosa memória.

A janela do bar exibia uma seleta coleção de gerânios e uma fileira bem limpa de frascos de licores. Os postigos abertos galhardeavam grande variedade de inscrições douradas, que diziam da comodidade das camas e da pureza dos vizinhos; e o escolhido grupo de camponeses e moços de cavaliça que vagueavam à porta da estrebaria e ao pé do bebedouro constituía uma prova presuntiva da excelente qualidade da cerveja e das bebidas espirituosas que lá se vendiam. Sam Weller deteve-se, ao apelar da diligência, para tomar nota de todas essas pequenas indicações de prosperidade, com olhos de viajante experimentado; e, tendo-o feito, entrou sem demora, satisfeitíssimo com tudo o que observara.

— E então? — perguntou uma aguda voz feminina, no instante em que a cabeça de Sam assomou à porta. — Que é que você quer, rapaz?

Sam lançou a vista na direção de onde procedia a voz. Vinha de uma senhora robusta, de confortável aparência, sentada ao pé da lareira, no bar, soprando o fogo para fazer ferver a água do chá. Não estava só; pois, do outro lado da lareira, empertigado numa poltrona de costas altas, via-se um homem que trajava roupas pretas sovadas, e cujas costas eram quase tão compridas e entesadas quanto as da própria cadeira, que chamou incontinenti a especialíssima atenção de Sam.

Era um homem de rosto afetado e nariz vermelho, faces longas e magras, e olhos de cascavel — vivos, mas positivamente maus. Usava calça muito curta e meias pretas de algodão, que tinham, como o resto das roupas, cor de ferrugem. O olhar era duro, mas não o era a gravata branca, e as suas pontas longas e moles caíam-lhe de modo muito extraordinário e pouco pitoresco sobre o colete abotoado até o pescoço. Um par de luvas de castor, muito velhas e muito usadas, um chapéu de abas largas, um guarda-sol verde desbotado, que mostrava grande quantidade de barbatanas na ponta, como se devesse contrabalançar a falta do cabo na extremidade oposta, jaziam sobre uma cadeira ao lado dele, e, como estivessem muito cuidadosamente arrumados, pareciam indicar que o homem de nariz vermelho, fosse ele quem fosse, não tencionava sair tão cedo.

Para fazer-lhe justiça, é força dizer que teria sido muito pouco inteligente se alimentasse semelhantes intenções; pois, a julgar por todas as aparências, era preciso que tivesse um círculo bem apetecível de relações para ter a esperança de sentir-se melhor do que ali nalgum outro lugar. Sob influência do fole, ardia vivamente o lume, e a chaleira cantava, alegre, sob a influência de ambos. Um pequeno serviço de chá estava disposto sobre a mesa, um prato de torradas quentes com manteiga aquecia-se diante do fogo, e o homem de nariz vermelho se achava muito entretido em converter um volumoso pedaço de pão no mesmo agradável comestível, servindo-se, para isso, de um grande garfo de cobre. Ao lado dele havia um copo de rum de ananás escaldante, com água, e uma fatia de limão; e toda vez que o homem de nariz vermelho parava para levar uma torrada à altura dos olhos, no intuito de verificar como ia tostando, sorvia uma ou duas gotas de rum quente com água e sorria para a senhora robusta, que soprava o lume.

Sam absorvera-se tanto na contemplação desta cena aprazível, que não atendeu à primeira pergunta dirigida pela robusta senhora. Só depois que esta a repetiu duas vezes, e cada vez num tom mais áspero de voz, é que percebeu a impropriedade do seu procedimento.

— O patrão está? — inquiriu, respondendo à pergunta.

— Não, não está — replicou a sra. Weller; pois a robusta senhora outra não era senão a ex-viúva e única testamenteira do finado sr. Clarke. — Não, não está, nem espero que chegue.

— Com certeza anda guiando hoje? — perguntou Sam.

— Pode ser que sim, e pode ser que não — replicou a sra. Weller, besuntando de manteiga as torradas que o homem de nariz vermelho acabara de fazer. — Não sei, e o que é mais, não me importa. Diga um *Benedicite*, sr. Stiggins.

O homem de nariz vermelho fez o que lhe pediam e atirou-se instantaneamente à torrada com tremenda voracidade.

A aparência do homem de nariz vermelho induzira Sam, à primeira vista, a suspeitar de que fosse o pastor substituto de que lhe falara o estimável pai. No instante em que o viu comer, desvaneceram-se-lhe todas as dúvidas a respeito, e percebeu que, se tencionava alojar-se temporariamente ali, forçoso lhe seria angariar as boas graças de ambos. Começou, portanto, a operação colocando o braço sobre a portinhola do bar, abrindo-a friamente e entrando com passo tranqüilo.

— Madrasta — disse Sam —, como vai?

— Ora, essa! Vão ver que este é Weller também — exclamou a sra. Weller, erguendo os olhos para o rosto de Sam, com uma expressão não muito satisfeita.

— Também —olveu o imperturbável Sam —, e espero que o reverendo me perdoe se eu disser que desejaria ser o seu Weller, madrasta.

Era duplo o cumprimento. Significava que a sra. Weller devia ser uma mulher agradabilíssima e o sr. Stiggins possuía uma aparência clerical. Por isso, causou logo visível impressão; e Sam aproveitou a vantagem que obtivera beijando a madrasta.

— Vá-se embora daqui! — gritou a sra. Weller, empurrando-o.

— Que vergonha, mancebo! — bradou o cavalheiro de nariz vermelho.

— Não foi por mal, senhor, não foi por mal — replicou Sam —, mas tem razão; essas coisas não são direitas quando as madrastas são jovens e bonitas, não é verdade?

— Tudo são vaidades — observou o sr. Stiggins.

— Ora, se são — disse a sra. Weller, endireitando a touca.

Sam também julgou que eram, mas não disse nada.

O pastor substituto não parecia absolutamente satisfeito com a chegada de Sam; e, quando a primeira efervescência de cumprimentos amainou, a própria sra. Weller assumiu um aspecto de quem, de bom grado, lhe teria dispensado a visita. Ele, contudo, lá estava; e, como não seria decente mandá-lo embora, sentaram-se os três à mesa do chá.

— E como vai o pai? — perguntou Sam.

Diante dessa pergunta, a sra. Weller ergueu as mãos e revirou os olhos, como se o assunto fosse demasiado penoso para permitir alusões.

O sr. Stiggins gemeu.

— Que tem este senhor? — perguntou Sam.

— Está escandalizado pela forma por que procede seu pai — explicou a sra. Weller.

— Oh, está, é? — insistiu Sam.

— E com boníssimas razões — acrescentou a sra. Weller, gravemente.

O sr. Stiggins tomou de nova torrada e soltou novo gemido.

— É um réprobo — afirmou a sr. Weller.

— Um vaso de perdição! — exclamou o sr. Stiggins. Deu uma grande dentada semicircular na torrada, e gemeu pela terceira vez.

Sam sentiu-se vigorosamente disposto a dar ao reverendo sr. Stiggins alguma coisa por que pudesse gemer de verdade, mas dominou as suas inclinações, e perguntou apenas: — Então, que andou fazendo o velho ultimamente?

— O que andou fazendo? — acudiu a sra. Weller. — Oh, tem um coração de pedra. Noite após noite este homem excelente — não se agaste, sr. Stiggins: hei de dizer que o senhor é um homem excelente — vem e senta-se aqui, horas a fio; pois isso não faz nele efeito nenhum.

— É esquisito — observou Sam. — Em mim faria um efeito considerável se eu estivesse no lugar dele; tenho a certeza.

— O fato, meu jovem amigo — disse a sr. Stiggins, solene —, é que ele tem entranhas endurecidas. Oh, meu jovem amigo, quem mais poderia resistir as súplicas de dezesseis das nossas mais belas irmãs, negando-se às suas exortações para dar uma contribuição à nossa nobre sociedade a fim de proporcionar às crianças negras das Índias Ocidentais coletes de flanela e lenços morais?

— O que é um lenço moral? — perguntou Sam. — Nunca vi um artigo desses em loja alguma.

— É aquele que combina o recreio com a instrução, meu jovem amigo — replicou o sr. Stiggins —, e mistura contos escolhidos, com gravuras.

— Oh, já sei — tornou Sam —, são os que se vêem nas camisarias, com pedidos de esmolas e imagens estampadas, não é?

O sr. Stiggins iniciou um terceiro assalto às torradas e fez um gesto afirmativo.

— E ele não se deixou persuadir pelas senhoras? — perguntou Sam.

— Sentou-se, começou a fumar o cachimbo e disse que as criancinhas negras eram... que foi que ele disse que eram as criancinhas negras? — acudiu a sra. Weller.

— Patacoadas — replicou o sr. Stiggins, profundamente comovido.

— Disse que as crianças negras eram patacoadas — repetiu a sra. Weller. E ambos generam ao pensar no atroz procedimento do velho.

Muitíssimas outras iniquidades de natureza semelhante poderiam ter sido reveladas se, tendo-se comido todas as torradas, havendo-se enfraquecido o chá, e não manifestando Sam intenção nenhuma de sair, a sr. Stiggins não se lembrasse de que precisava encontrar-se urgentemente com o pastor e, portanto, não saísse.

Mal se havia retirado o serviço de chá e varrido a lareira, quando a diligência de Londres depositou o sr. Weller, sênior, à porta; as pernas o depositaram no bar; e os olhos mostraram-lhe o filho.

— Ora viva, Sammy! — exclamou o pai.

— Ora viva, velho patusco! — exclamou o filho. E apertaram-se cordialmente as mãos.

— Estimo vê-lo, Sammy — disse o mais velho dos Wellers —, embora seja um mistério para mim a maneira por que você conseguiu livrar-se de sua madrasta. Eu só gostaria de que me escrevesse a receita.

— Psiu! — tornou Sam. — Ela está em casa, velho.

— Mas não está ouvindo — replicou o sr. Weller. — Sempre passa umas duas horas lá embaixo a tagarelar, depois do chá; por isso temos tempo de molhar um bocadinho a goela, Sammy.

Dizendo isto, o sr. Weller misturou dois copos de grogue e apresentou um par de cachimbos. Pai e filho estavam sentados defronte um do outro: Sam de um lado do lume, numa cadeira de costas altas, e o sr. Weller, sênior, do outro, numa poltrona; e passaram ambos a recrear-se com a devida gravidade.

— Esteve alguém aqui, Sammy? — perguntou, seco, o sr. Weller, depois de longo silêncio.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Um sujeito de nariz vermelho? — tornou o pai.

Sam voltou a acenar, afirmativamente.

— Um homem muito amável, Sammy — disse o sr. Weller, fumando com violência.

— Parece — observou Sam.

— Muito bom para fazer contas — volveu o sr. Weller.

— É? — perguntou Sam.

— Pede 8 *pence* emprestados na segunda-feira e vem pedir 1 xelim na terça para completar meia coroa; na quarta, vem buscar outra meia coroa, para fazer 5 xelins; e assim vai, dobrando, até conseguir uma nota de 5 libras em pouco tempo, como naquelas somas do livro de aritmética a respeito dos cravos das ferraduras, Sammy.

Sam mostrou, por um sinal, que se lembrava do problema a que aludira o pai.

— Quer dizer que o senhor não contribuiu para os coletes de flanela? — perguntou, depois de novo intervalo de fumaças.

— Claro que não — replicou o sr. Weller. — Que adiantam coletes de flanela para os tais negrinhos? Mas vou contar-lhe, Sammy — ajuntou o sr. Weller, abaixando a voz e inclinando-se defronte da lareira. — Eu contribuiria de muito bom grado para comprar alguns coletes de força que servissem a certas pessoas aqui em casa.

Ao pronunciar estas palavras, voltou lentamente à posição primitiva e piscou, muito sagaz, para o primogênito.

— De fato, parece uma idéia esquisita essa de mandar lenços a pessoas que não sabem o que fazer deles — observou Sam.

— Vivem fazendo besteiras desse gênero, Sammy — replicou o pai. — No domingo, passava eu pela estrada quando vi em pé, à porta da capela, com um prato de sopa na mão, imagine quem? A sua madrastra! E sou capaz de acreditar que no prato houvesse troco para uns 2 soberanos, Sammy, tudo em meios *pence*; e, à medida que o povo ia saindo, os *pence* iam pingando. Você não teria acreditado que um prato mortal pudesse suportar tamanho peso. E para que acha você que era o dinheiro?

— Para outro chá, talvez — sugeriu Sam.

— Não, senhor — replicou o pai. — Para a conta de água do pastor, Sammy.

— Para a conta de água do pastor?

— Sim, senhor — tornou o sr. Weller —, pois o pastor devia três trimestres e não tinha pago nem um vintém — talvez porque a água não fosse

de grande utilidade para ele, pois bebe muito pouco dessa droga, Sammy, muito pouco; nesse ponto não é bobo. O fato é que a conta não estava paga e, por isso, cortaram-lhe a água. Pois vai o pastor à capela, grita como um santo perseguido, e diz esperar que o coração do homem que lhe cortou a água se abrande e siga o caminho certo; mas acha que o tal está condenado a um destino pouco cômodo. Nisto reúnem-se as mulheres, cantam um hino, elegem sua madrastra presidenta, organizam uma coleta para o domingo seguinte, e entregam tudo ao pastor. E se não lhe deram o suficiente para livrá-lo da companhia de água para o resto da vida, Sammy — concluiu o sr. Weller —, sou um holandês, e você também.

O sr. Weller fumou em silêncio por alguns minutos e continuou depois:

— O pior nesses tais pastores, meu filho, é que viram a cabeça de todas as moças daqui. Deus lhes abençoe os coraçõezinhos; elas acham que tudo está certo e não enxergam um palmo adiante do nariz; mas são vítimas da tramóia, Samuel, são vítimas da tramóia.

— Acho que sim — tornou Sam.

— Não há dúvida nenhuma — disse o sr. Weller, abanando gravemente a cabeça —, e o que me enfeza, Samuel, é vê-las gastando todo o seu tempo e todo o seu trabalho em fazer roupas para gente cor de cobre que não precisa delas, sem reparar nos cristãos cor de gente que precisam. Se eu pudesse mandar, Sammy, enfiava alguns desses pastores vagabundos atrás de um carrinho pesado e fazia-os carregar, todos os dias, para cima e para baixo, uma prancha de 14 polegadas de largura. Se isso não lhes acabasse tirando as caraminholas da cabeça, não haveria mais remédio.

Depois de dar, muito enfático, essa amável receita, acrescentada de inúmeros gestos e contorções dos olhos, o sr. Weller esvaziou o copo de um gole só e tirou as cinzas do cachimbo com natural dignidade.

Entretinha-se nessa operação, quando se ouviu uma voz aguda no corredor:

— Aqui está a sua querida parenta, Sammy — disse o sr. Weller; e a sra. Weller precipitou-se na sala.

— Oh com que então já voltou, hein? — disse a sra. Weller.

— Voltei, minha querida — replicou o sr. Weller, enchendo de novo o cachimbo.

— O sr. Stiggins não esteve aqui outra vez? — disse a sra. Weller.

— Não, minha querida, não esteve — replicou o sr. Weller, acendendo o cachimbo pelo engenhoso processo de aproximar do cubo uma brasa, segura entre duas tenazes —, e o que é mais, acho que não morrerei de desgosto se nunca mais voltar.

— Oh, que miserável! — disse a sra. Weller.

— Obrigado, meu amor — disse o sr. Weller.

— Vamos, vamos, pai — disse Sam —, deixe-se desses carinhos diante de estranhos. Aí vem outra vez o reverendo.

Ao ouvir este anúncio, a sra. Weller limpou, à pressa, as lágrimas que principiara a espremer naquele instante; e o sr. Weller empurrou, carrancudo, a cadeira para o canto do bar.

O sr. Stiggins não demorou em ser persuadido a tomar outro copo de grogue, e um segundo, e um terceiro, e acabou consentindo em participar de uma pequena ceia para poder recomeçar depois. Sentara-se do lado do sr. Weller, sênior; e, toda vez que este podia fazê-lo sem ser percebido pela esposa, indicava ao filho os sentimentos ocultos que se lhe agitavam no íntimo, brandindo o punho sobre a cabeça do pastor substituto; proceder que proporcionava a Sam infinito deleite e satisfação, principalmente porque o sr. Stiggins continuava a beber tranqüilamente o grogue, de todo ignorante do que estava acontecendo.

A maior parte da conversação travava-se entre a sra. Weller e o sr. Stiggins; e os seus tópicos principais eram as virtudes do pastor, os méritos das ovelhas e os tenebrosos crimes e pecados do resto do mundo; dissertações que o mais velho dos Wellers de vez em quando interrompia com referências incontidas a intrujões e outros comentários semelhantes.

Por fim, apresentando vários sintomas indubitáveis de haver engolido a quantidade de grogue que lhe era possível acomodar confortavelmente no bucho, o sr. Stiggins pegou do chapéu e despediu-se; e Sam, imediatamente depois, foi conduzido ao seu quarto pelo pai. O respeitável e idoso cavalheiro apertou-lhe a mão com fervor, e parecia disposto a dirigir-lhe alguma observação; mas, vendo aproximar-se a sra. Weller, desistiu desse propósito e desejou-lhe, abruptamente, boa noite.

Sam levantou-se cedo no dia seguinte e, tendo almoçado à pressa, preparou-se para regressar a Londres. Mal dera um passo fora de casa, quando o pai o alcançou.

— Já vai, Sammy? — perguntou o sr. Weller.

— Imediatamente — replicou Sam.

— Eu quisera que você pusesse uma focinheira no tal Stiggins e o levasse consigo — disse o sr. Weller.

— Envergonho-me do senhor! — voltou Sam, em tom de reproche. — Por que lhe permite enfiar aquele narigão vermelho no Marquês de Granby?

O mais velho dos Wellers dirigiu ao filho um olhar sério e respondeu:

— Porque sou um homem casado, Samuel, porque sou um homem casado. Quando você for um homem casado, compreenderá muitas coisas que não compreende agora; mas, se vale a pena sofrer tanto para ficar sabendo tão pouco, como disse o garoto ao chegar ao fim do alfabeto, é uma questão de gosto. Eu acho que não vale.

— Bem — tornou Sam —, adeus.

— Adeus, adeus, Sammy.

— Só lhe digo uma coisa — declarou Sam, detendo-se de súbito. — Se fosse eu o proprietário do Marquês de Granby, e se esse Stiggins viesse fazer torradas no meu bar, eu...

— O quê? — atalhou o sr. Weller, com grande ansiedade. — O quê?

— Eu envenenava-lhe o grogue — rematou Sam.

— Não! — exclamou o sr. Weller, sacudindo vigorosamente o filho pela mão. — Você fazia isso, Sammy? Você fazia isso?

— Fazia — respondeu Sam. — A princípio, havia de tratá-lo com mais brandura. Punha-o na caixa-d'água e fechava a tampa; e, se visse que ele era insensível à bondade, tentava o outro meio de persuasão.

O mais velho dos Wellers lançou um olhar de profunda e indizível admiração ao filho; e, tendo-lhe mais uma vez apertado a mão, afastou-se lentamente, revolvendo no espírito as numerosas reflexões a que lhe dera causa o conselho.

Sam acompanhou-o com o olhar até sumir numa curva da estrada; e, logo, encetou a sua viagem de regresso. Meditou, de início, nas prováveis conseqüências do seu conselho e na probabilidade ou improbabilidade que tinha o pai de segui-lo. Afastou, porém, o assunto com a consoladora reflexão de que só o tempo lhe diria alguma coisa; e é este mesmo pensamento que gostaríamos de inculcar no espírito do leitor.

CAPÍTULO XXVIII

ALEGRE CAPÍTULO DE NATAL QUE CONTÉM A DESCRIÇÃO DE UM CASAMENTO E OUTROS PASSATEMPOS, OS QUAIS, EMBORA SEJAM, EM SEU GÊNERO, COSTUMES TÃO BONS COMO O PRÓPRIO MATRIMÔNIO, NÃO SÃO TÃO RELIGIOSAMENTE OBSERVADOS NESTES TEMPOS DEGENERADOS.

VIVOS COMO ABELHAS, se bem não fossem leves como fadas, reuniram-se os quatro pickwickianos na manhã do dia 22 de dezembro do ano da graça em que se empreenderam e levaram a cabo estas fielmente referidas aventuras. O Natal estava à porta, com toda a sua alegre e cândida franqueza; era a quadra da hospitalidade, da alegria e da sinceridade; o ano velho preparava-se, como um filósofo de antanho, para chamar os amigos à sua volta e, entre o ruído dos banquetes e das festas, morrer tranqüila e docemente. Jubilosa era a data e jubilosos estavam, pelo menos, quatro dos numerosos corações que se alegravam com a sua chegada.

E numerosos são, de feito, os corações a que o Natal proporciona um breve período de felicidade e contentamento. Quantas famílias, cujos membros andam dispersos e distantes, nas agitadas lutas pela vida, não se reúnem e tornam a encontrar-se naquele estado feliz de companheirismo e recíproca boa vontade, fonte de deleites tão puros e sem mescla, e tão incompatíveis com os trabalhos e as tristezas do mundo, que assim a crença religiosa da maioria das nações civilizadas como as rudes tradições dos povos mais selvagens, contam entre as primeiras delícias de uma futura condição de existência, reservadas aos eleitos e felizes. Quantas lembranças antigas e quantas simpatias adormecidas não desperta o Natal!

Escrevemos agora estas palavras a muitas milhas de distância do sítio em que, anos após anos, encontrávamos, nesse dia, um círculo alegre e jovial. Muitos corações que então pulsavam gostosamente cessaram de pulsar; muitos olhos que cintilavam então com tanto brilho deixaram de brilhar; as mãos que

apertávamos se tornaram frias; os olhos que buscávamos ocultaram no túmulo o seu lustre; e, sem embargo, a velha casa, a sala, as vozes álacres e os rostos sorridentes, as brincadeiras, os risos, as circunstâncias mais insignificantes e triviais se nos acumulam no espírito cada vez que volta esse tempo, como se a última reunião se tivesse realizado no dia anterior! Ditoso, ditoso Natal, capaz de nos devolver as ilusões infantis; capaz de lembrar ao velho os prazeres da mocidade, capaz de levar o marinheiro e o viajante, a milhares de milhas, de volta à sua lareira e ao seu lar tranqüilo!

Mas por tal arte nos entretivemos e ocupamos com as boas qualidades deste santo Natal, que deixamos o sr. Pickwick e os amigos à espera, no frio, na imperial da diligência de Muggleton, que acabam de alcançar embrulhados em sobretudos, xales e cobertores. As malas e os sacos de viagem já foram guardados, e o sr. Weller e o guarda procuram enfiar na boléia enorme bacalhau, muitas vezes maior do que ela — cuidadosamente enfardelado numa longa cesta escura, com uma camada de palha sobre a extremidade, e que foi deixado por último a fim de poder repousar, seguro, sobre meia dúzia de barris de ostras genuínas, também pertencentes ao sr. Pickwick, já muito bem arrumados no fundo do receptáculo. O interesse que se estampa no rosto do sr. Pickwick é intensíssimo, enquanto o sr. Weller e o guarda procuram enfiar o bacalhau no cofre, a princípio pela cabeça, depois pelo rabo, depois com a tampa do cesto para cima, depois com a tampa do cesto para baixo, e depois de lado, depois de comprido, ao passo que o bacalhau, implacável, obstinado, resiste a todos os artifícios, até que, batendo o guarda, por acaso, no meio da cesta, desaparece repentinamente o peixe no fundo da boléia, desaparecendo com ele a cabeça e os ombros do próprio guarda, que não contava com tão súbita cessação da passiva resistência do bacalhau e experimenta um choque inesperado, para gáudio inexprimível de todos os circunstantes. O sr. Pickwick sorri com bom humor, tira 1 xelim do bolso do colete e pede ao guarda, ao arrancar-se da boléia, que beba, à sua saúde, um copo de grogue; sorri também o guarda, e sorriem os srs. Snodgrass, Winkle e Tupman, todos juntos. O guarda e o sr. Weller desaparecem por cinco minutos, muito provavelmente à procura do grogue, pois voltam deitando um cheiro fortíssimo de álcool; sobe o cocheiro à boléia, o sr. Weller sobe atrás, os pickwickianos enrolam as pernas nos sobretudos e os xales à volta do nariz, os ajudantes retiram as cobertas dos cavalos, o cocheiro grita um alegre “Está bem”, e lá se vão eles.

Depois de atravessarem as ruas, aos solavancos sobre as pedras, chegam, afinal, ao campo aberto. Resvalam as rodas sobre o terreno duro e coberto de geada; e, rompendo num galope a um vivo estalido do chicote, correm os cavalos pela estrada como se a carga que levam, a diligência, os passageiros, o bacalhau, os barris de ostra e tudo o mais pesassem menos que uma pena. Descem uma ladeira mansa e chegam a uma estrada reta, compacta e seca como um bloco de mármore, de 2 milhas de comprimento. Novo estalo do chicote e lá se vão eles, à desfilada; os cavalos sacodem as cabeças e agitam os arneses, como se os embriagasse a rapidez do movimento; ao passo que, segurando o chicote e as rédeas com uma das mãos, o cocheiro tira o chapéu com a outra, deposita-o sobre os joelhos, saca do lenço e enxuga a testa; em parte porque tem o hábito de fazê-lo e em parte porque é bom mostrar aos passageiros que está calmo e que é fácil guiar duas parelhas, com a prática que ele tem. Feito isto, muito calmamente (pois, de outra maneira, o efeito seria inteiramente nulo), recoloca o lenço no bolso, põe o chapéu na cabeça, ajusta as luvas, endireita os cotovelos, torna a estalar o chicote e o galope continua, com dobrada alegria.

Umhas poucas casinhas, espalhadas de ambos os lados da estrada, indicam a aproximação de alguma cidade ou vilarejo. As vivas clarinadas da corneta do guarda vibram no ar claro e frio, e acordam o idoso cavalheiro que vai dentro do carro; este, abrindo com cuidado metade da vidraça, dá uma espiada para fora, torna a fechá-la com o mesmo cuidado e informa o companheiro de viagem de que, dentro em pouco, haverá muda; em vista disso, o companheiro desperta e resolve adiar o cochilo seguinte para depois da próxima parada. Torna a soar, vigorosa, a corneta, e acorda a esposa e os filhos do camponês, que espiam pela porta da casa e acompanham a diligência até que esta desaparece numa curva, tornando depois a agachar-se diante do lume brilhante, ao qual atiram outra acha de lenha para quando o pai voltar; ao passo que o mesmo pai, a 1 milha de distância, acaba de trocar um aceno amistoso com o cocheiro e vira-se para contemplar o carro que se some na distância.

E, agora, a corneta ressoa, estridente, enquanto sacoleja a diligência, matraqueando, sobre as ruas mal pavimentadas de um lugarejo de província; e o cocheiro, desatando a fivela que lhe segura as rédeas, prepara-se para atirá-las no momento em que parar. O sr. Pickwick emerge da gola do casaco e olha à sua volta com grande curiosidade; percebendo-o, diz-lhe o cocheiro o nome da aldeia e conta-lhe que na véspera fora dia de mercado, informações essas que o

sr. Pickwick transmite aos companheiros de viagem; em razão do que emergem eles também da gola dos casacos e também olham à sua roda. Sentado na extremidade do banco, com uma das pernas no ar, o sr. Winkle é quase atirado à rua, quando o cocheiro vira a esquina fechada onde se ergue a loja do fabricante de queijos e entra na praça do mercado; e, antes que o sr. Snodgrass, sentado ao lado dele, possa recobrar-se do susto, chega a diligência ao pátio da estalagem, onde novos cavalos, com as suas coberturas, estão à espera. O cocheiro atira as rédeas ao chão e desce, ao passo que os outros passageiros da imperial descem também, exceto os que não se fiam muito da própria habilidade em subir outra vez e ficam onde estão, e batem com os pés de encontro ao carro para aquecê-los — olhando com olhos ávidos e rubros narizes para o fogo que brilha no bar da estalagem e para os ramos de azevinho com frutos vermelhos que enfeitam a janela.

Mas o guarda já entregou, na loja de cereais, o embrulho de papel escuro que sacou da bolsa, presa a tiracolo por uma correia de couro; e vigiou com cuidado o atrelar dos cavalos; e atirou sobre a calçada a sela que trouxera de Londres no teto do carro; e assistiu à conferência entre o cocheiro e o moço da estrebaria sobre a égua cinzenta que machucou a perna dianteira na terça-feira passada; e ele e o sr. Weller já estão em seus lugares, atrás da diligência, e o cocheiro está na frente, e o senhor de idade que vai dentro e que descera um pouquinho a janela durante esse tempo voltou a fechá-la, e estão todos prontos para partir, exceto os “dois robustos cavalheiros”, pelos quais pergunta o cocheiro, algo impaciente. Em vista disso, o cocheiro, e o guarda, e Sam Weller, e o sr. Winkle e o sr. Snodgrass, e todos os moços da estrebaria, e todos os ociosos presentes, mais numerosos do que os outros reunidos, põem-se a gritar pelos ausentes com toda a força dos pulmões. Chega do pátio uma resposta distante e o sr. Pickwick e o sr. Tupman aparecem correndo, ofegantes, pois cada um deles estivera tomando um copo de cerveja e, como os dedos do sr. Pickwick estivessem muito frios, levava mais de cinco minutos para encontrar a moedinha de 6 *pence* com que havia de pagá-lo. O cocheiro grita um repreensivo “vamos, senhores”, e o guarda o repete; o senhor idoso que vai dentro do carro acha muito extraordinário que certas pessoas apeiem quando sabem não haver tempo para isso; o sr. Pickwick forceja para entrar de um lado, o sr. Tupman de outro; grita o sr. Winkle: “Pronto”; e lá vão eles. Levantam-se os xales, reajustam-se as golas, acaba a calçada, as casas desaparecem e voltam

os passageiros a correr pela estrada aberta, com um ar claro e fresco a fustigar-lhes o rosto e a alegrar-lhes os corações.

Tal foi a viagem do sr. Pickwick e seus amigos no Télégrafo de Muggleton, a caminho de Dingley Dell; e às 3 horas daquela tarde achavam-se todos, sãos e salvos, sadios e joviais, à porta do Leão Azul, havendo tomado no percurso cerveja e aguardente suficientes para desafiarem a geada que sujeitava a terra com os seus grilhões de ferro e tecia formosas redes nas árvores e nas sebes. O sr. Pickwick entretinha-se em contar os barris de ostras e em superintender a exumação do bacalhau, quando se sentiu delicadamente puxado pela aba da casaca. Olhando em torno — descobriu que o indivíduo que se servia desse processo para chamar-lhe a atenção era o pajem favorito do sr. Wardle, mais conhecido dos leitores desta singela história pela expressiva alcunha de gorducho.

— Ahn! — disse o sr. Pickwick.

— Ahn! — disse o gorducho.

E, dizendo isso, alternou os olhos entre o bacalhau e os barris de ostras e grunhiu, satisfeito. Estava mais gordo do que nunca.

— Pois você tem o aspecto bem rosado, meu jovem amigo — disse o sr. Pickwick.

— Eu estava dormindo diante da lareira do bar — explicou o gorducho, que se aquecera a ponto de assumir uma coloração de tijolo. — O patrão me mandou com a carroça, para levar-lhe a bagagem. Ele pensou em mandar cavalos de sela, também, mas achou que os senhores talvez preferissem caminhar, num dia frio como este.

— Sim, sim — apressou-se em dizer o sr. Pickwick, pois lembrava-se do passeio que fizera, quase pelo mesmo local, numa ocasião anterior. — De fato, preferimos caminhar. Sam!

— Senhor — acudiu o sr. Weller.

— Ajude o criado do sr. Wardle a pôr a bagagem na carroça e depois vá com ele. Os outros, iremos a pé.

Dadas estas instruções e ajustadas as contas com o cocheiro, tomaram o sr. Pickwick e os três amigos o atalho que cruzava os campos, deixando juntos o sr. Weller e o gorducho pela primeira vez. Sam olhou para o gorducho com enorme assombro, mas sem dizer uma palavra; e principiou a colocar rapidamente a bagagem na carroça, ao passo que o gorducho o observava,

tranquilo, parecendo julgar muito interessante o espetáculo que lhe proporcionava a atividade do sr. Weller.

— Pronto! — disse Sam, jogando na carroça o último saco de viagem.

— Está tudo aí!

— Sim — disse o gorducho, em tom satisfeito —, está tudo aí.

— Pois bem, meu jovem tonelada — acudiu Sam —, você é um belo exemplar para um concurso de robustez infantil.

— Muito obrigado — disse o gorducho.

— Não traz nada na cachola que o aflija, não é? — perguntou Sam.

— Que eu saiba, não — replicou o outro.

— Vendo-o, eu seria capaz de jurar que você dedica um afeto não correspondido a alguma rapariga — tornou Sam.

O gorducho sacudiu a cabeça.

— Pois bem — exclamou o sr. Weller —, estimo ouvi-lo. Bebe alguma coisa?

— Gosto mais de comer — replicou o rapaz.

— Ah — volveu Sam —, era o que me parecia; mas pergunto se não quer tomar alguma coisa para esquentar. Acho que nunca sente frio, estofado desse jeito, não?

— Às vezes — replicou o menino —, e gosto de um golezinho quando a coisa é boa.

— Ah, gosta, não é? — redargüiu Sam. — Neste caso, venha cá.

Logo chegaram ao bar do Leão Azul e o gorducho engoliu um copo de aguardente sem pestanejar; proeza que muito o elevou na opinião do sr. Weller. E, tendo este realizado, por sua conta, feito análogo, subiram na carroça.

— Sabe guiar? — perguntou o gorducho.

— Acho que sim — replicou Sam.

— Pois, nesse caso — disse o gorducho, colocando-lhe as rédeas nas mãos e apontando para uma azinhaga —, é seguir direito; não há como errar.

Com estas palavras, deitou-se, afetuoso, ao lado do bacalhau; e, colocando um barril de ostras debaixo da cabeça, a modo de travesseiro, adormeceu sem mais nem menos.

— Sim, senhor — observou Sam —, de todos os rapazes sossegados que já encontraram os meus olhos, este é o mais sossegado de todos. Vamos, acorde, jovem hidrópico.

Mas como o jovem hidrópico não apresentasse nenhum sintoma de retorno à vida, Sam Weller sentou-se na frente da carroça e, com um puxão de rédeas, seguiu, vascolejando, a caminho de Manor Farm.

Nesse ínterim, tendo o sr. Pickwick e os amigos andado a ponto de lhes circular ativamente o sangue, prosseguiram, muito alegres. Os caminhos estavam duros; a relva, crespa e coberta de geada; o ar, seco e frio; e a rápida aproximação do crepúsculo cinzento (cor de ardósia é mais exato quando geia) fazia-os antegozar os confortos que os esperavam em casa do hospitaleiro anfitrião. Era a espécie de tarde que poderia induzir dois cavalheiros idosos, num campo deserto, a tirarem os sobretudos e a brincarem de saltar-carniça, por simples aprazimento e alacridade; e acreditamos firmemente que, se se tivesse o sr. Tupman inclinado para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, o sr. Pickwick teria aceito, com entusiasmo, a sugestão.

Não obstante, o sr. Tupman não se colocou nessa postura e os amigos puseram-se a caminho, bacharelado, satisfeitos. Ao entrarem numa azinhaga que lhes tocava cruzar, chegou-lhes ao ouvido o som de muitas vozes; e, antes que pudessem conjeturar sequer a quem pertenciam, viram-se no meio do grupo que os esperava — do que primeiro se advertiram pelo vigoroso “Hurra!” partido dos lábios do velho Wardle, quando os avistou.

Vinha na frente o velho Wardle em pessoa, parecendo, se possível, ainda mais jovial; em seguida, vinham Bela e o seu fiel Trundle; e, finalmente, Emília, em companhia de umas oito ou dez meninas, chegadas para assistir ao casamento, que se deveria realizar no dia seguinte, e que se sentiam felizes e importantes como de ordinário se sentem as meninas nessas momentosas ocasiões; e todas, ao mesmo tempo, sobressaltavam campos e caminhos com risos e travessuras.

A cerimônia da apresentação, nessas condições, foi logo realizada, ou melhor, a apresentação realizou-se logo, sem nenhuma cerimônia. Dois minutos depois, o sr. Pickwick brincava com as meninas que não queriam passar por cima da cancela enquanto ele estivesse olhando — ou que, donas de lindos pezinhos ou tornozelos irrepreensíveis, preferiam ficar em pé sobre a balaustrada durante uns cinco minutos, declarando que tinham muito medo de fazer algum movimento — com a mesma liberdade e ausência de reserva ou constrangimento que teria se as tivesse visto nascer. Cumpre notar, também, que o sr. Snodgrass oferecia a Emília muito maior assistência do que os terrores da cancela (embora medisse 3 pés de altura e tivesse apenas dois

degraus) pareciam exigir; ao passo que uma menina de olhos negros, com lindas botinas guarnecidas de peles, foi vista a gritar muito alto quando o sr. Winkle se ofereceu para ajudá-la.

Tudo aquilo era muito lindo e muito divertido. E, quando as dificuldades que oferecia a cancela foram, afinal, transpostas, e o grupo chegou, de novo, a um campo aberto, o sr. Wardle informou ao sr. Pickwick que haviam ido todos juntos examinar os móveis e os cômodos da casa que o jovem casal habitaria após as festas do Natal; informação que fez corarem Bela e Trundle como o gorducho depois de dormir ao pé da lareira; e a menina de olhos negros e botinas guarnecidas de peles murmurou qualquer coisa aos ouvidos de Emília e olhou, a seguir, maliciosa, para o sr. Snodgrass; ao que Emília respondeu chamando-lhe tolinha, mas nem por isso deixou de ficar muito vermelha; o sr. Snodgrass, modesto como o são habitualmente os grandes gênios, sentiu que o rubor lhe subia até a ponta da cabeça e piamente desejou, nos mais íntimos recessos do próprio coração, que a sobredita menina, com os olhos negros, a malícia e as botinas guarnecidas de pele, estivesse depositada comodamente no condado vizinho.

Mas, se se sentiram felizes fora de casa, qual não foi o calor e a cordialidade da sua recepção quando chegaram à quinta! Os próprios criados sorriram de prazer à vista do sr. Pickwick; e Ema lançou um olhar entre sério e imprudente, mas muito lindo, de reconhecimento, ao sr. Tupman, que teria bastado a fazer que a estátua de Bonaparte, no corredor, abrisse os braços e a apertasse entre eles.

A velha senhora achava-se assentada, com a costumeira majestade, na sala da frente, mas um pouco irritada e, por conseqüência, muito surda. Nunca saía de casa e, como grande número de outras velhas do mesmo estofa, inclinava-se a considerar um ato de traição doméstica o fato de tomar alguém a liberdade de fazer o que ele não podia. Por isso, toda se entesava na poltrona grande, com o ar mais feroz possível — e que, ainda assim, era benévolo.

— Mamãe — disse Wardle —, é o sr. Pickwick. Lembra-se dele?

— Está bem, está bem — replicou a senhora com grande dignidade. — Não incomode o sr. Pickwick com uma velha como eu. Ninguém faz caso de mim agora; é muito natural. — E sacudiu a cabeça, alisando o vestido de seda cor de alfazema com mãos trêmulas.

— Ora, ora, minha senhora — disse o sr. Pickwick —, não posso permitir-lhe que trate desse jeito um velho amigo. Vim aqui expressamente

para ter uma longa prosa e jogar consigo outro *whist*; e nós mostraremos a estes meninos e meninas como se dança um minuete antes que se passem 48 horas.

A velha abrandava-se gradativamente, mas não quis dar o braço a torcer de uma vez; por isso, disse apenas: — Ah! não posso ouvi-lo!

— Isso é criancice, mamãe — disse Wardle. — Vamos, vamos, não fique zangada, seja boazinha. Lembre-se de Bela; você precisa animá-la, coitadinha.

A boa velha ouviu tudo isso, pois o lábio tremia-lhe enquanto o filho falava. Mas a velhice tem os seus destemperos de gênio, e ela ainda não se amansara de todo. Por conseguinte, voltou a alisar o vestido cor de alfazema e, virando-se para o sr. Pickwick, exclamou: — Ah, sr. Pickwick, os moços eram muito diferentes no meu tempo.

— Sem dúvida, minha senhora — respondeu o sr. Pickwick —, e essa é a razão por que gosto tanto dos poucos que ainda apresentam vestígios da velha raça — e, dizendo isso, o sr. Pickwick puxou delicadamente Bela para junto dele e, beijando-lhe a testa, fê-la sentar-se no pequeno tamborete aos pés da avó. Fosse que o rosto da neta, ao erguer-se para o dela, lhe recordasse outros tempos, ou que a comovesse a singeleza afetuosa do sr. Pickwick, ou fosse qual fosse a causa, o certo é que ela se aplacou; atirou-se, pois, ao pescoço da menina e os restos de mau humor se evaporaram numa torrente de lágrimas silenciosas.

Reunião feliz a daquela noite! Grave e solene foi a partida de *whist* que jogaram a velha e o sr. Pickwick; e ruidosa a alegria da mesa redonda. E muito tempo depois de se haverem recolhido as senhoras, o vinho velho e quente, bem temperado de aguardente e especiarias, circulou e tornou a circular; profundo foi o sono e amenos foram os sonhos que se seguiram. E muito para notar que os do sr. Snodgrass se referissem constantemente a Emília Wardle; e que a figura principal nas visões do sr. Winkle fosse uma menina de olhos negros, sorriso malicioso e um par de lindíssimas botinas guarnecidas de pele.

O sr. Pickwick foi acordado, de manhã cedo, por um ruído de vozes e de passos suficiente para despertar o próprio gorducho dos seus sonhos de chumbo. Sentou-se na cama e prestou atenção. As criadas e as visitas femininas corriam incessantemente de um lado para outro; e tão grande era a quantidade de pedidos de água quente, tão repetidos os gritos por linhas e agulhas, e tão numerosas as súplicas meio abafadas de “Oh, venha abotoar-me, pelo amor de Deus!” que o sr. Pickwick, em sua inocência, principiou a imaginar que algo terrível devia de ter acontecido: logo, porém, despertou de todo e lembrou-se

do casamento. E, como fosse ocasião importante, vestiu-se com especial cuidado e desceu à sala de almoço.

Lá estavam todas as criadas com um uniforme novo de musselina cor-de-rosa e laços brancos nas toucas, a correrem pela casa num estado de excitação e agitação que fora impossível descrever. A velha senhora trajava roupas de brocado que não viam a luz havia mais de vinte anos, salvante os raios madraços que se introduziam pelas frinchas do baú em que jazeram durante todo aquele tempo. O sr. Trundle impava de satisfação, o que não o tolhia de sentir-se tanto ou quanto nervoso. O velho e jovial dono da casa procurava parecer alegre e despreocupado, mas baldavam-se-lhe positivamente os esforços. Todas as meninas traziam musselina branca e olhos cheios de lágrimas, exceto um escolhido grupo de duas ou três, honradas com uma visão particular da noiva e das damas de honor. Todos os pickwickianos se tinham garridamente enfarpelado; e ouvia-se tremenda algazarra no relvado diante da casa, feita por todos os homens e rapazes e garotos agregados à quinta, cada um dos quais trazia um laço branco na botoeira e gritava com toda a força dos pulmões, orientados e estimulados pelo preceito e exemplo do sr. Samuel Weller, que já se tornara popularíssimo, e sentia-se tão à vontade como se houvesse nascido lá.

O casamento é objeto privilegiado de chacotas, mas, em realidade, não há muito que chacotear no caso — falamos tão-somente da cerimônia e desejamos frisar que não remoqueamos a vida de casados. Misturadas aos prazeres e alegrias da ocasião existem as saudades da casa que se vai abandonar, as lágrimas de separação de pais e filhos, a consciência de deixar os amigos melhores e mais queridos da quadra mais feliz da existência para arrostar-lhe as penas e trabalhos com outros que mal se conhecem e ainda não foram provados; sentimentos naturais com cuja descrição não queremos entristecer este capítulo e que muito menos queremos nos suponham capazes de ridicularizar.

Digamos, portanto, sucintamente, que a cerimônia foi celebrada pelo velho sacerdote, na igreja paroquial de Dingley Dell, e que o nome do sr. Pickwick se acha inscrito no registro, ainda existente na sacristia; que a menina dos olhos negros assinou o seu nome de maneira muito insegura e trêmula; que a assinatura de Emília, como a da outra dama de honor, é quase ilegível; que tudo se passou admiravelmente; que as meninas acharam a cerimônia muito menos terrível do que a haviam imaginado; e que, embora a dona dos olhos

negros e do sorriso malicioso informasse ao sr. Winkle ter a certeza de que nunca poderia sujeitar-se a uma coisa tão terrível, temos muitas e ótimas razões para supor que se enganava. A tudo isto, podemos acrescentar que o sr. Pickwick foi o primeiro a cumprimentar a noiva e que, ao fazê-lo, lhe colocou à volta do pescoço um belo relógio de ouro com corrente, que os olhos de mortal nenhum tinham ainda contemplado, tirante os do joalheiro. Depois, o sino da velha igreja tilintou, com alegria, e todos voltaram para almoçar.

— Para onde vão as empanadas de carne, jovem comedor de lóvão? — perguntou o sr. Weller ao gorducho, enquanto o ajudava a arrumar os artigos de consumo que não tinham sido arrumados na véspera.

O gorducho indicou-lhe, com o dedo, o destino das empanadas.

— Muito bem —olveu Sam —, espete nele um ramo de Natal. O outro prato do outro lado. Isso; temos agora uma aparência compacta e confortável, como dizia o pai depois de cortar a cabeça do filho para que este não vesgueasse.

Ao fazer a comparação, o sr. Weller recuou um ou dois passos, a fim de lhe emprestar maior realce, e examinou os preparativos com a máxima satisfação.

— Wardle — disse o sr. Pickwick quase no momento em que todos se assentaram —, um copo de vinho, em honra desta feliz ocasião!

— Com imenso prazer, meu velho — disse o sr. Wardle. — Joe! Maldito rapaz, já está dormindo outra vez.

— Não estou, não senhor — replicou o gorducho, saindo de um canto remoto, onde, como o santo patrono dos gorduchos, o imortal Horner, devorava um pastelão de Natal, embora sem a frieza e a deliberação que caracterizavam os atos daquele jovem cavalheiro.

— Encha o copo do sr. Pickwick.

— Sim, senhor.

O gorducho encheu o copo do sr. Pickwick e, logo, retirou-se para trás da cadeira do amo, de onde se pôs a observar o movimento dos garfos e das facas e o trajeto dos pedaços escolhidos dos pratos às bocas dos comensais com uma espécie de prazer sinistro e tenebroso, muito impressionante.

— Deus o abençoe, meu velho! — disse o sr. Pickwick.

— O mesmo para você, meu caro — replicou Wardle; e ambos beberam à saúde um do outro, com grande efusão.

— Sra. Wardle — disse o sr. Pickwick —, nós, os velhos, temos de tomar juntos um copo de vinho, em honra deste fausto acontecimento.

A velha senhora achava-se naquele momento imponentíssima, assentada à cabeceira da mesa, com o seu vestido de brocado, a neta recém-casada de um lado, e o sr. Pickwick do outro, para trinchar. O sr. Pickwick não falara em tom muito alto, mas ela o compreendeu imediatamente, e bebeu um copo cheio à sua felicidade e longa vida; a seguir, entrou a excelente velhinha a fazer uma circunstanciada narrativa do próprio casamento, com uma dissertação sobre a moda dos sapatos de salto alto e algumas particularidades respeitantes à vida e às aventuras da formosa lady Tollinglower, já falecida; e de tudo se ria jovialmente, imitada pelas meninas, que não sabiam a respeito do que estaria falando a avozinha. Quando elas riam, ria-se a velhinha dez vezes mais, dizendo que aquelas histórias sempre tinham sido consideradas excelentes, o que as fazia rir de novo, deixando a boa da anciã no melhor humor possível. Em seguida, cortou-se o bolo, que circulou em volta da mesa; as meninas guardaram alguns pedacinhos para colocá-los debaixo do travesseiro, a fim de sonharem com os futuros maridos; e muitos rubores e alegrias foram, dessarte, provocados.

— Sr. Miller — disse o sr. Pickwick ao seu velho conhecido, o cavalheiro da cabeça dura —, um copo de vinho?

— Com grande satisfação, sr. Pickwick — replicou, solene, o cavalheiro da cabeça dura.

— Permite que eu tome parte? — acudiu o benévolo sacerdote.

— E eu? — interveio a esposa.

— E eu? E eu? — disse um casal de parentes pobres, da ponta da mesa, que havia comido e bebido com grande entusiasmo e rido de tudo.

O sr. Pickwick mostrava-se mais encantado a cada sugestão adicional; e os olhos brilhavam-lhe de hilaridade e aprazimento.

— Meus senhores e minhas senhoras — disse, levantando-se de improviso.

— Ouçam, ouçam! Ouçam, ouçam! Ouçam, ouçam! — gritou o sr. Weller, excitadíssimo.

— Chamem todos os criados — ordenou o velho Wardle, para obviar à censura pública que o sr. Weller, de outro modo, teria fatalmente recebido do amo. — Dêem a cada um um copo de vinho, para acompanharem o brinde. Agora, Pickwick.

No meio do silêncio dos circunstantes, do murmúrio das criadas e do desajeitado enleio dos criados, o sr. Pickwick continuou:

— Meus senhores e minhas senhoras. Não, não direi meus senhores e minhas senhoras, chamar-lhes-ei meus amigos, meus queridos amigos, se as senhoras me permitirem tão grande liberdade.

A essa altura, interromperam-no os aplausos das senhoras, secundados pelos cavalheiros, durante os quais se ouviu distintamente a dona dos olhos negros declarar-se capaz de beijar o querido sr. Pickwick. Em vista disso, muito galante, o sr. Winkle perguntou-lhe se não poderia fazê-lo por procuração; ao que a menina dos olhos negros respondeu: “Vá embora”, e acompanhou o pedido com um olhar que dizia o mais claramente possível: “se for capaz”.

— Meus queridos amigos — prosseguiu o sr. Pickwick —, vou propor um brinde à saúde da noiva e do noivo: Deus os abençoe (aplausos e lágrimas). Acredito que o meu jovem amigo Trundle seja um homem excelente e brioso; a sua esposa, sei que é uma menina afável e encantadora, muito bem qualificada para transferir a outra esfera de ação a felicidade que, por vinte anos, difundiu à sua volta, em casa do pai. (A essa altura, o gorducho rompeu num pranto estentóreo, e foi levado para fora da sala, pela gola do paletó, pelo sr. Weller.) Eu desejaria — acrescentou o sr. Pickwick —, eu desejaria ser suficientemente jovem para ser o marido da irmã (aplausos), mas sendo isso impossível, contento-me com ser suficientemente velho para ser seu pai; pois, nesse caso, ninguém poderá suspeitar em mim ocultas intenções quando digo que admiro, estimo e amo estas duas meninas (aplausos e soluços). O pai da noiva, este nosso bom amigo, é uma nobre criatura, e eu orgulho-me de conhecê-lo (grande alarido). É bom, excelente, de espírito independente e coração de ouro, hospitaleiro e generoso (gritos entusiásticos dos parentes pobres, a todos os adjetivos; principalmente aos dois últimos). Possa a filha gozar de todas as venturas que ele mesmo deseja; e possa ele tirar da contemplação da felicidade dela todas as satisfações da alma e toda a tranqüilidade de espírito que tão bem merece; tais, tenho a certeza, são os votos de todos nós. Bebamos, portanto, à saúde deles e desejemo-lhes uma longa existência e todas as bênçãos do céu!

O sr. Pickwick terminou no meio de uma tempestade de aplausos; e mais uma vez entraram os pulmões dos agregados, sob o comando do sr. Weller, em ação ativa e eficiente. O sr. Wardle propôs um brinde ao sr. Pickwick. O sr. Pickwick propôs um brinde à anciã. O sr. Snodgrass propôs um brinde ao sr. Wardle. O sr. Wardle propôs um brinde ao sr. Snodgrass. Um dos parentes

pobres propôs um brinde ao sr. Tupman, e o outro parente pobre propôs um brinde ao sr. Winkle; tudo foram festas e alegria até que o misterioso desaparecimento dos parentes pobres debaixo da mesa advertiu os convivas de que já estava na hora de terminar o almoço.

Tornaram a encontrar-se ao jantar, depois de um passeio de 25 milhas, empreendido pelos convidados masculinos por especial recomendação do sr. Wardle, para o fim de dissipar os efeitos do vinho tomado ao almoço. Os parentes pobres passaram na cama o dia inteiro, no intuito de conseguir o mesmo resultado feliz, mas, como fossem malsucedidos, lá ficaram. O sr. Weller observava os criados num estado de perpétua hilaridade; e o gorducho dividiu o seu tempo em quinhões alternados, para comer e dormir.

O jantar decorreu tão animado quanto o almoço, e quase tão ruidoso, mas sem as lágrimas. A seguir, vieram a sobremesa e mais alguns brindes. Depois, o chá e o café. E veio, por fim, o baile.

O melhor salão de Manor Farm era um aposento espaçoso e comprido, apainelado de negro, com uma lareira alta e uma enorme chaminé, pela qual poderia passar um dos novos cabriolés, com rodas e tudo. Na extremidade superior da sala achavam-se, sentados sob um docel de azevinhos e sempre-vivas, os dois melhores rabequistas e o único harpista de Muggleton. Em todas as espécies de recantos e em todos os gêneros de suportes viam-se velhos e maciços candelabros de prata, com quatro velas cada um. O tapete fora retirado, as velas brilhavam, muito vivas, o lume resplandecia e crepitava na lareira, vozes alegres e risos francos soavam pela sala. Se alguns dos antigos alabardeiros ingleses se tivessem transmudado em duendes ao morrer, era exatamente aquele o local que escolheriam para darem as suas festas.

A única coisa que poderia acrescentar o interesse daquela cena era o fato notável de haver o sr. Pickwick aparecido sem as suas polainas pela primeira vez desde que o conheciam os seus amigos mais velhos.

— Você pretende dançar? — perguntou Wardle.

— Claro que sim — replicou o sr. Pickwick. — Não vê que me vesti para isso? — E chamou-lhe a atenção para as suas meias de seda malhadas e os sapatos apertados.

— Você com meias de seda? — acudiu o sr. Tupman, jocosamente.

— E por que não, senhor, por que não? — redargüiu o sr. Pickwick, voltando-se para ele com calor.

— Ora, está claro que não há razões para que não as use —olveu o sr. Tupman.

— Imagino que não, senhor, imagino que não — tornou o sr. Pickwick em tom assaz peremptório.

O sr. Tupman prapaparara-se para rir, mas verificou que o caso era sério; assumiu, portanto, um aspecto grave e disse que eram de um padrão muito bonito.

— Espero que sim — tornou o sr. Pickwick, fitando os olhos no amigo. — O senhor não vê nada de extraordinário nestas meias como meias, não?

— Está visto que não, está visto que não — replicou o sr. Tupman.

Este afastou-se: e o semblante do sr. Pickwick reassumiu a costumeira expressão de benevolência.

— Creio que estamos todos prontos — disse o sr. Pickwick, que se colocara com a velha senhora na frente da quadrilha, e que já dera quatro saídas falsas, na sua ânsia de começar.

— Pois então comecemos — disse Wardle. — Pronto!

Imediatamente romperam a tocar os dois rabequistas e o único harpista, e o sr. Pickwick partiu, estendendo as mãos à dama, quando se ouviu um bater geral de mãos e um grito: — Parem, parem

— Que aconteceu agora? — perguntou o sr. Pickwick, que só se deteve quando se calaram as rabecas e a harpa e que não poderia ser detido por nenhum outro poder terreno, ainda que a casa estivesse em chamas.

— Onde está Arabela Allen? — gritou uma dúzia de vozes.

— E Winkle? — ajuntou o sr. Tupman.

— Aqui estamos — exclamou esse cavalheiro, saindo do canto com a linda companheira; e, quando apareceram, fora difícil dizer qual dos dois estava mais ruborizado, se ele ou se a menina de olhos negros.

— Que coisa extraordinária, Winkle — observou o sr. Pickwick, com alguma rabugice —, não ter você podido estar antes no seu lugar.

— Não há nada de extraordinário nisso — obtemperou o sr. Winkle.

— Bem —olveu o sr. Pickwick, com um sorriso muito expressivo, ao passo que os seus olhos se pousavam em Arabela —, afinal de contas, creio também que não há nada de extraordinário.

Sem embargo, não havia mais tempo para discutir o assunto, pois as rabecas e a harpa começaram a tocar com entusiasmo. Lá se foi o sr. Pickwick — de mãos dadas — do meio até a extremidade da sala e, na volta, até a

metade da chaminé, e de lá para a porta outra vez; empurrões de todos os lados; estrondoso bater de pés; pronto para o outro par; em marcha outra vez; repete-se a figura; novo bater de pés para marcar o compasso; o par seguinte, outro, mais outro ainda; nunca se viu tamanha animação! Por fim, chegados ao termo da quadrilha, depois de haverem dançado catorze pares, e tendo-se retirado, exausta, a velhinha, substituída pela esposa do sacerdote, continuou o sr. Pickwick, conquanto ninguém lhe exigisse tamanho esforço, a dançar em seu lugar, seguindo o compasso da música e sorrindo para a sua parceira com uma angélica doçura que desafia qualquer descrição.

Muito antes que o sr. Pickwick se cansasse de dançar, recolheram-se os recém-casados. Não obstante, realizou-se no rés-do-chão uma gloriosa ceia, seguida de prolongado serão; e quando o sr. Pickwick despertou no dia seguinte, a manhã já ia adiantada e ele se lembrou, confusamente, de haver convidado umas 45 pessoas, diversas vezes e de maneira confidencial, para jantarem na Estalagem de Jorge e do Abutre, a primeira vez que fosse a Londres; o que considerou como prova certíssima de haver feito mais do que um simples exercício, na noite anterior.

— Quer dizer que a sua família terá brincadeira na cozinha hoje à noite, meu bem? — perguntou Sam a Ema.

— Sim, sr. Weller — replicou Ema —, é nosso costume na véspera de Natal. O patrão não deixaria de segui-lo por coisa alguma deste mundo.

— O seu patrão tem idéias maravilhosas — disse o sr. Weller. Nunca vi homem mais sensato do que ele, nem tão cavalheiresco.

— Oh, isso é verdade! — exclamou o gorducho, tomando parte na conversação. — Já viu os lindos porcos que ele engorda? — E o gorducho dirigiu um olhar semicanibalesco ao sr. Weller, ao pensar nos pernis assados e no molho respectivo.

— Oh, você, afinal, acordou, não acordou? — perguntou Sam.

O gorducho fez um sinal afirmativo.

— Eu vou dizer-lhe uma coisa, jovem sucuri — declarou o sr. Weller em tom impressionante —, se não dormir um pouco menos e não fizer um pouco mais de exercício, poderá sofrer, quando for homem, os mesmos inconvenientes pessoais que sofreu o velho cavalheiro de rabicho.

— Que fizeram com ele? — perguntou o gorducho, tartamudeando.

— Eu lhe conto — replicou o sr. Weller. — Era um homem dos maiores que já se havia conhecido — tão gordo que havia 45 anos não conseguia

enxergar os próprios sapatos.

— Nossa! — exclamou Ema.

— Não enxergava não, meu bem — disse o sr. Weller —, e, se você lhe pusesse na frente um modelo exato das próprias pernas sobre a mesa do jantar, não as reconheceria. Pois bem, ele ia sempre para o escritório com uma linda corrente de relógio, toda de ouro, que media pelo menos 1 pé e um quarto, pendurada, e, no bolso, um relógio de ouro que valia... não sei dizer quanto, mas valia quanto pode valer um relógio... Um cebolão enorme, redondo e pesado, tão grande em relação aos outros relógios como ele o era em relação aos outros homens. “É melhor não andar por aí com esse relógio”, diziam-lhe os amigos, “ainda acabará sendo roubado.” “Sim?”, respondia ele. “Acabará, sim”, tornavam os outros. “Pois eu gostaria”, respondia ele, “de ver o ladrão capaz de roubar este relógio, se nem eu mesmo consigo tirá-lo do bolso, de tão apertado que está! E até quando preciso saber as horas sou obrigado a consultar os relógios das padarias!” E ria-se tanto que parecia querer estourar, e tornava a sair com a cabeça empoadada e o rabicho, rebolando pelo Strand afora, com a corrente mais saída do que nunca e o cebolão redondo quase a arreventar-lhe as costuras dos calções. Não havia um batedor de carteiras em Londres que já não tivesse dado um puxão na corrente; mas esta não havia meio de quebrar-se e o relógio não havia meio de sair, de sorte que logo se cansaram de arrastar pela rua um sujeito pesado daqueles, e ele, ao voltar para casa, ria-se a bom rir, até que o rabicho oscilava como o pêndulo de um relógio holandês. Um belo dia por fim, ia o cavalheiro rebolando pela rua quando viu aproximar-se um batedor de carteiras, seu conhecido, segurando pela mão um rapazinho com uma cabeça muito grande. “Temos coisa”, disse entre si, “vão experimentar outra vez, mas não adianta!” E começou a rir com muito gosto, quando, de repente, o rapazinho largou a mão do batedor de carteiras e, abaixando a cabeça, atirou-se de encontro ao estômago do cavalheiro, fazendo-o dobrar-se de dor por alguns momentos. “Socorro!”, gritou o cavalheiro gordo. “Não foi nada, senhor”, disse o batedor de carteiras ao seu ouvido. E, quando se endireitou outra vez, o relógio e a corrente tinham-se sumido, e, o que foi pior, nunca mais fez direito a digestão, até o último dia de sua vida; por isso, tome cuidado, rapaz, e não engorde muito.

Quando o sr. Weller concluiu esse conto moral, com que o gorducho pareceu muitíssimo impressionado, dirigiram-se os três para a enorme cozinha, em que a família se havia, a esse tempo, reunido, segundo o costume de todos

os anos na véspera de Natal, observado por todos os antepassados do velho Wardle, desde tempos imemoriais.

No centro do teto dessa cozinha acabara o velho Wardle de pendurar, com as próprias mãos, um ramo gigantesco de agárico, que deu instantaneamente origem a uma cena de lutas e confusões deliciosas^[13], no meio da qual o sr. Pickwick, com uma galanteria que fazia honra a um descendente da própria lady Tollinglower, tomou a velha senhora pela mão, levou-a para baixo do místico ramo, e saudou-a com toda a cortesia e decoro. A velha senhora sujeitou-se a essa operação de prática polidez com a dignidade que quadra a tão importante e grave solenidade; mas as meninas, menos profundamente imbuidas de uma supersticiosa veneração pelo costume, ou que imaginavam que o valor de um cumprimento é muito maior quando a sua obtenção custa algum trabalho, gritavam e lutavam, e corriam para os cantos, e ameaçavam e censuravam, e faziam tudo, menos sair da sala, até que alguns dos menos aventureiros cavalheiros já se dispunham a desistir, quando todas elas chegavam, simultaneamente, à conclusão de que seria inútil resistir por mais tempo, e sujeitavam-se ao beijo de bom grado. O sr. Winkle beijou a menina dos olhos negros, e o sr. Snodgrass beijou Emília, e o sr. Weller, que não dava muita importância ao fato de estar debaixo do ramo de agárico, beijou Ema e as outras criadas, à proporção que as apanhava. E quanto aos parentes pobres, estes beijaram toda a gente, sem excetuarem sequer as mais ingênuas dentre as moças que estavam de visita e que, em sua excessiva confusão, haviam corrido para baixo do ramo de agárico, assim que o penduraram, sem o saber! Wardle, com as costas voltadas para o lume, observava toda a cena, com a maior satisfação; e o gorducho aproveitou-se da ocasião para apoderar-se de um pastelão de carne muito apetitoso, cuidadosamente separado por outra pessoa.

Serenada a gritaria, viram-se rostos afogueados e cabelos em desordem, ao passo que o sr. Pickwick, depois de haver beijado a velha senhora, como já ficou dito, continuou debaixo do ramo de agárico, olhando, com uma expressão de infinito contento, para quanto se passava à sua volta, quando a menina de olhos negros, depois de segredar alguma coisa ao ouvido das outras, deu um salto repentino para a frente e, colocando os braços em torno do pescoço do sr. Pickwick, beijou-o, afetuosa, na face esquerda; e, antes que o sr. Pickwick pudesse saber direito o que estava acontecendo, foi cercado por todas elas, e beijado por cada uma em particular.

Era uma coisa muito agradável ver o sr. Pickwick no centro do grupo, ora puxado de um lado, ora de outro, e beijado, primeiro no queixo, depois no nariz e, logo, nos óculos; e ouvir as gargalhadas que rebentavam de todos os lados; mas o mais agradável ainda era ver o sr. Pickwick, de olhos vendados, pouco depois, com um lenço de seda, esbarrando nas paredes, tropeçando nos cantos e passando por todas as peripécias da cabra-cega, deliciado com a brincadeira, até agarrar, afinal, um dos parentes pobres, e fugir depois da outra cabra-cega, o que fazia com ligeireza e agilidade que provocaram a admiração e os aplausos de todos os circunstantes. Os parentes pobres agarraram as pessoas que supuseram desejosas de serem agarradas e, quando a brincadeira esmorecia, deixavam-se agarrar a si próprios. Quando todos se cansaram da cabra-cega, veio um grande jogo de *snap-dragon*^[14], e quando todos queimaram suficientemente os dedos, e todas as passas se acabaram, sentaram-se diante do enorme fogo de achas flamejantes para uma ceia substancial e uma enorme poncheira, pouco menor que um lavadouro, em que as maçãs quentes sibilavam e referviam com apetitoso aspecto e um som alegre, perfeitamente irresistíveis.

— Isto — disse o sr. Pickwick, olhando à sua volta —, isto, de fato, é o que se chama conforto.

— Nosso costume invariável — replicou o sr. Wardle. — Todos se assentam conosco na véspera de Natal, como você está vendo: criados e tudo; e aqui ficamos à espera, até que o relógio bata meia-noite, para dar entrada ao Natal, e passar o tempo com jogos de prendas e histórias antigas. Trundle, meu filho, atice o fogo.

Miríades de centelhas rebrilhantes se elevaram ao serem revolvidas as achas. A chama, de um vermelho profundo, projetava uma claridade viva que chegava aos cantos mais remotos do aposento, e iluminava alegremente todos os rostos.

— Vamos — disse Wardle —, uma canção, uma canção de Natal! Cantarei uma, à falta de melhor.

— Bravo! — exclamou o sr. Pickwick.

— Encham os copos — bradou Wardle. — Nem daqui a duas horas vereis o fundo da poncheira através da rica e profunda coloração do ponche; encham todos, e vamos à canção.

Assim dizendo, o jovial dono da casa principiou a cantar, sem maiores cerimônias, com bonita voz, sonora e forte:

CANÇÃO DE NATAL

Bem me importa a primavera,
E suas boninas belas;
De manhã, nelas se esmera,
À noite, dá cabo delas.
Como inconstante duende.
Muda sempre, à toa, a esmo
E, quando a flor mais rescende,
É que ela a murcha ali mesmo.

Brilhe embora o sol do estio,
Que eu de bom grado o dispenso;
Prefiro rir-me com frio
A arder em calor intenso.
É filha do sol a febre,
Mais o delírio que afronta;
Como o amor, p'ra que não quebre.
Deve o sol dar-se por conta.

Uma noite bem serena,
Pelos campos, com luar,
Acho-a muito mais amena
Que soalheira de rachar.
Mas é triste ao abandono
Ver as folhas pelo chão;
Não tenho pois pelo outono
A mais profunda paixão.

Ó Natal, ó tempo lindo,
O mais franco, o mais leal!
A ti canto, por ti brindo.
De copo em riste, ó Natal!
O teu vulto, quando assoma,
Alegra os mais misantropos;
E enquanto houver que se coma,

Não pára o tinir dos copos.

É com orgulho legítimo
Que as cicatrizes ostentas
Do inverno, que um bom marítimo
Mostra nas faces isentas.
A ti, Natal, que o meu canto
Retumbe nestes salões!
Brindo a ti, noite de encanto,
A ti, rei das Estações![\[15\]](#)

A canção foi tumultuosamente aplaudida — pois os amigos e os criados fazem um auditório excelente — e os parentes pobres, especialmente, sentiam-se arrebatados. Atiçou-se outra vez o fogo e o ponche tornou a circular.

— Como neva! — disse um dos homens, em voz baixa.

— Está nevando? — perguntou Wardle.

— Noite áspera e fria, senhor — replicou o homem —, e levantou-se um vento que atira a neve pelos campos, numa grossa nuvem branca.

— Que diz, Jem? — perguntou a velha senhora. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, não, mamãe — respondeu Wardle —, diz ele que a neve está caindo com força e que sopra um vento muito frio. A gente percebe-o pelos roncões que faz na chaminé.

— Ah! — disse a velha. — Lembro-me de que soprava o mesmo vento e caía a mesma neve muitos anos atrás — cinco anos precisamente antes da morte do seu pobre pai. Era também numa véspera de Natal; e lembro-me de que nessa mesma noite ele nos contou a história dos duendes que levaram o velho Gabriel Grub.

— A história do quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— Nada, nada — replicou Wardle. — É a história de um velho coveiro que a gente daqui supõe ter sido carregado por duendes.

— Supõe! — exclamou a velha. — Haverá alguém tão endurecido que se atreva a duvidar? Supõe! Pois você então não ouviu dizer, desde menino, que ele foi carregado pelos duendes, e não sabe disso?

— Está bem, está bem, mamãe, foi, se a senhora quiser — tornou Wardle, a rir. — Ele foi carregado pelos duendes, Pickwick; e acabou-se.

— Não, não — disse o sr. Pickwick —, não se acabou coisa nenhuma; pois quero saber como, quando e por quê.

Vendo que todas as cabeças se inclinavam, curiosas, para a frente, Wardle sorriu; e, tornando a encher o copo de ponche com mão pródiga, acenou para o sr. Pickwick, e principiou desta sorte:

(Mas Deus nos abençoe o coração de editor! Que enorme capítulo nos saiu este aqui! Solenemente declaramos que nos haviam de todo esquecido essas pequeninas restrições que se chamam capítulos. Aí vai, portanto, um novo para dar maior liberdade aos duendes! Nada de injustiças nem de favores para com os duendes, por favor, meus senhores e minhas senhoras.)

CAPÍTULO XXIX

A HISTÓRIA DOS DUENDES QUE ROUBARAM O COVEIRO.

“NUMA VELHA CIDADE ABACIAL DESTE CONDADO, há muito, muito tempo — há tanto tempo que a história deve ser verdadeira, pois nela acreditavam implicitamente os nossos bisavós —, havia um tal Gabriel Grub, que acumulava as funções de coveiro e sacristão. De ser um homem coveiro e viver constantemente cercado dos emblemas da morte não se segue, de maneira alguma, que tenha de ser uma criatura taciturna e melancólica; os agentes funerários são os sujeitos mais alegres do mundo; e eu já tive, de uma feita, a honra de privar com um deles, que era, em sua vida particular, e fora dos seus misteres, o mais engraçado e jovial dos indivíduos, capazes de cantar uma canção báquica, sem o menor tropeço de memória, ou de esvaziar o conteúdo de um bom copázio sem se deter para tomar fôlego. Mas, a despeito de todos esses precedentes, Gabriel Grub, pelo contrário, era um sujeito rabugento, de mau gênio, intratável — um homem taciturno e solitário, que não se dava com ninguém a não ser consigo mesmo e com uma velha garrafa de vime, acomodada num bolso grande do colete — e que olhava para todos os rostos alegres que passavam por ele com tão medonha carranca, maldosa e mal-humorada, que ninguém podia vê-la sem sentir arrepios.

“Um pouco antes do crepúsculo, numa véspera de Natal, Gabriel pôs a pá sobre o ombro, acendeu a lanterna e dirigiu-se para o velho cemitério; pois tocava-lhe acabar uma cova para a manhã seguinte e, como estivesse muito abatido, imaginou que o trabalho poderia reanimá-lo, se a ele se metesse incontinenti. Ao seguir o seu caminho, pela velha rua, viu brilhar a alegre claridade dos lares crepitantes, através das janelas antigas, e ouviu os risos e gritos de júbilo dos que se haviam reunido à volta deles; observou os ativos aprestos para a festa do dia seguinte, e sentiu os muitos aromas saborosos que deles resultavam e se evolavam, em nuvens, pela janela das cozinhas. Tudo isto era fel e absinto para o coração de Gabriel Grub; e quando grupos de crianças saíam aos saltos das casas e, aos saltos, atravessavam as ruas, encontrando-se,

antes de baterem à ponta fronteira, com meia dúzia de marotinhos de cabelos encaracolados, agrupados em torno deles enquanto subiam para passar a noite em seus folguedos de Natal, Gabriel sorria sinistro, e segurava com mais força o cabo da pá ao pensar no sarampo, na escarlatina, na difteria, na tosse comprida e em muitas outras fontes semelhantes de consolação.

“Neste feliz estado de espírito, pôs-se a caminhar, retribuindo com um grunhido breve e triste as bem-humoradas saudações dos vizinhos que, de vez em quando, encontrava, até penetrar a escura azinhaga que conduzia ao cemitério. Ora, Gabriel esperava com ansiedade o momento de alcançá-la, por ser, de um modo geral, um lindo lugar, ermo e tenebroso, pelo qual os habitantes da cidade não gostavam de passar, senão à luz do dia, e quando brilhava o Sol; por conseguinte, não foi pequena a sua indignação quando ouviu uma voz de criança cantar uma alegre canção de Natal, naquele mesmo santuário, chamado a Viela dos Caixões desde o tempo da velha abadia e dos monges de cabeça rapada. À medida que Gabriel caminhava, e que a voz se tornava mais próxima, verificou pertencer a um menino, que corria, para unir-se a um dos grupinhos da velha rua e que, não só a fim de sentir-se acompanhado mas também de preparar-se para a ocasião, gritava com toda a força dos seus pulmões. Por isso, Gabriel esperou que o menino se aproximasse e, empurrando-o para um canto, deu-lhe com a lanterna umas cinco ou seis vezes na cabeça, para ensiná-lo a modular a voz. E quando o menino escapuliu, com as mãos nas têmporas, cantando uma canção muito diversa, Gabriel Grub casquinou, sozinho, alegremente, entrou no cemitério e fechou a porta após si.

“Despiu a casaca, pôs no chão a lanterna e, dirigindo-se à cova inacabada, nela trabalhou com gosto por uma hora, mais ou menos. A geada, porém, endurecera a terra, e não era fácil cortá-la nem atirá-la para cima; e, se bem fosse noite de luar, a Lua era muito nova e projetava pouca luz sobre a cova, escondida à sombra da igreja. Em qualquer outra ocasião, estes obstáculos teriam entristecido e agastado Gabriel Grub, mas ele, satisfeito por haver interrompido a canção do menino, não deu tino dos pequenos progressos que fazia, e, terminado o trabalho daquela noite, olhou para o fundo da cova com sinistra satisfação, cantarolando, enquanto apanhava as suas coisas:

Quartos bons, baratos, calmos,
P’ra defunto que mos peça:

Terra fria, uns sete palmos;
Pedra aos pés, pedra à cabeça;

Bom petisco para o bicho;
Relva em cima, barro aos lados:
Quartos feitos a capricho,
E em terrenos consagrados.[\[16\]](#)

“— Ho! ho! — riu-se Gabriel Grub, ao sentar-se sobre uma lousa lisa, que era o seu assento predileto; e sacou da garrafa de vime. — Um caixão de Natal! Um caixão de Natal. Ho! ho! ho!

“— Ho! ho! bo! — repetiu uma voz, bem perto dele.

“Gabriel deteve-se, meio assustado, no ato de erguer aos lábios a garrafa de vime; e circunvolveu os olhos. O fundo do túmulo mais antigo que o cercava não estava mais tranqüilo e silencioso do que o cemitério, à pálida luz da Lua. O frio lençol de geada rebrilhava sobre as lápides e cintilava como enfiadas de jóias entre os entalhes de pedra da velha igreja. Crespa e dura estendia-se a neve sobre o chão; e desdobrava sobre os montículos de terra um tapete tão branco e liso que parecia que lá se achavam os cadáveres, cobertos apenas de suas mortalhas. Nem o mais leve rumor quebrava a profunda tranqüilidade da cena. O próprio som parecia gelado, tão frio e tão quieto era tudo.

“— Foram os ecos — disse Gabriel Grub, erguendo novamente a garrafa à altura dos lábios.

“— Não foram — contestou uma voz cavernosa.

“Gabriel deu um pulo e quedou pregado ao chão, de assombro e terror, pois os olhos pasmaram-se-lhe numa forma que lhe gelou o sangue.

“Sentada numa campa mais alta, à beira dele, via-se uma figura estranha e fantasmagórica, que Gabriel de pronto percebeu não pertencer a este mundo. As pernas, longas e fantásticas, poderiam chegar ao solo, mas tinha-as encolhidas e cruzadas de forma espantosa e rara; trazia nus os braços nervosos; e as mãos pousavam-lhe sobre os joelhos. O corpo redondo e curto era envolvido por vestes apertadas e golpeadas; uma capinha pendia-lhe das costas; a gola recortada em bicos fazia-lhe as vezes de gravata, ou golilha; os sapatos terminavam em pontas compridas e viradas. Na cabeça, trazia um chapéu em forma de pão-de-açúcar, com abas largas, encimado de uma única pena. O

chapéu estava coberto de geada branca; e o duende dava a impressão de estar confortavelmente sentado naquele túmulo havia duzentos ou trezentos anos. Absolutamente imóvel, deitava a língua de fora, com ar escarninho; e olhava para Gabriel Grub com uma cara que só um duende poderia arranjar.

“— Não foram os ecos — repetiu o duende.

“Gabriel Grub, paralisado, não pode responder.

“— Que é que você está fazendo aqui na véspera de Natal? — perguntou, severo, o duende.

“— Vim cavar uma cova, senhor — balbuciou Gabriel Grub.

“— Quem é que anda no meio de túmulos e cemitérios numa noite como esta? — gritou o duende.

“— Gabriel Grub! Gabriel Grub! — respondeu um coro fantástico de vozes, que parecia encher o cemitério. Gabriel Grub olhou, terrorizado, à sua volta, mas não viu coisa alguma.

“— Que é que você tem nessa garrafa? — perguntou o duende.

“— Genebra, senhor — replicou o coveiro, tremendo cada vez mais; pois comprara-a dos contrabandistas, e julgou que o seu interlocutor poderia ser, talvez, funcionário do fisco dos duendes.

“— Quem é que toma genebra sozinho, num cemitério, numa noite como essa? — perguntou o duende.

“— Gabriel Grub! Gabriel Grub! — exclamaram outra vez as vozes fantásticas.

“O duende olhou, malicioso, para o coveiro espavorido e, alteando a voz, exclamou:

“— E quem, então, é a nossa boa e legítima presa?

“A essa pergunta o coro invisível replicou numa melodia que soava como as vozes de muitos meninos cantando acompanhados dos solenes acordes do velho órgão da igreja — uma melodia que, aos ouvidos do coveiro, parecia transportada por um vento selvagem, e morria, distante, à proporção que passava; mas o estribilho era ainda o mesmo: ‘Gabriel Grub! Gabriel Grub!’.

“O duende escancarou a boca num riso ainda maior, ao perguntar:

“— Então, Gabriel, que acha disso?

“O coveiro arquejou.

“— Que acha disso, Gabriel? — insistiu o duende, atirando as pernas para o ar, de cada lado do túmulo, e olhando para as pontas reviradas dos sapatos,

com a mesma complacência com que examinaria o par mais à moda de botas Wellington em Bond Street.

“— É... é muito curioso, senhor... — respondeu o coveiro, quase morto de medo —, muito curioso e muito bonito, mas acho que vou acabar o meu serviço, se me der licença.

“— Serviço? — tornou o duende. — Que serviço?

“— A cova, senhor; tenho de acabar a cova — tartamudeou o coveiro.

“— Oh, a cova, não é? —olveu o duende. — Quem é que faz covas quando todos os homens estão alegres e se divertem?

“E as vozes misteriosas voltaram a repetir: — Gabriel Grub! Gabriel Grub!

“— Receio que os meus amigos o estejam querendo, Gabriel — disse o duende, recolhendo a língua (e que língua espantosa, santo Deus!). — Receio que os meus amigos o estejam querendo, Gabriel — repetiu o duende.

“— Com a sua licença, senhor — replicou o aterrado coveiro —, não creio que possam querer-me, senhor; não me conhecem; creio que nunca me viram, senhor.

“— Ora, se o conhecem — replicou o duende. — Nós conhecemos o homem de cara fechada e carrancuda, que desceu a rua, hoje à noite, deitando mau olhado às crianças, e segurando com força o cabo da pá. Conhecemos o homem que feriu o menino por maldade, porque o menino podia estar alegre e ele não podia. Nós o conhecemos, nós o conhecemos.

“A essa altura o duende soltou uma gargalhada estrídula, que o eco repetiu vinte vezes; e, atirando as pernas para o ar, ficou de cabeça para baixo, ou melhor, na pontinha do chapéu afunilado, na estreita borda do túmulo; de onde, cambalhotando com extraordinária agilidade, foi cair exatamente aos pés do coveiro, na posição de um alfaiate entretido em seu ofício.

“— Eu... eu... creio que vou deixá-lo, senhor — disse o coveiro, fazendo um esforço para mover-se.

“— Deixar-nos! — tornou o duende. — Gabriel Grub quer nos deixar. Ho! ho! ho!

“Enquanto se ria o duende, Gabriel Grub notou, por um instante, através das janelas da igreja, uma brilhante iluminação, como se estivessem acesas todas as luzes do edifício; logo se apagou a claridade, o órgão pôs-se a tocar uma melodia viva, e exércitos inteiros de duendes, em tudo semelhantes ao primeiro, inundaram o cemitério, e principiaram a saltar sobre os túmulos; sem se

deterem sequer por um segundo para tomarem fôlego, cabriolavam sobre os mais altos, um depois do outro, com maravilhosa destreza. O primeiro duende era um saltador extraordinário e nenhum podia competir com ele; e até no auge do seu terror, o coveiro não pode menos de observar que, enquanto os companheiros se contentavam com transpor os túmulos de tamanho comum, o primeiro piruetava sobre os jazigos de família, com grades de ferro e tudo, com a mesma facilidade com que o faria se fossem meros marcos de estrada.

“Afinal, a brincadeira chegou ao ponto culminante; o órgão tocava cada vez mais depressa; e os duendes cabritavam com rapidez cada vez maior, encolhendo-se no ar, dando cambalhotas pelo chão, e saltando sobre as campas como bolas de futebol. O cérebro do coveiro girava com a rapidez do movimento que ele contemplava, e as pernas vergavam debaixo dele, à proporção que os espíritos passavam diante dos seus olhos, quando o rei dos duendes, atirando-se de repente sobre ele, agarrou-o pela gola da casaca e arrastou-o consigo para as profundezas da terra.

“Quando Gabriel Grub teve tempo para recobrar o fôlego, que a velocidade da descida lhe tirara por instantes, achou-se no que lhe pareceu enorme caverna, cercado de todos os lados por multidões de duendes, sinistros e feios; no centro da sala, num assento elevado, estava o seu amigo do cemitério; e, bem perto dele, se achava o próprio Gabriel Grub, sem poder mexer-se.

“— Está frio hoje à noite — disse o rei dos duendes —, muito frio. Tragam-me alguma coisa quente para beber!

“A essa ordem, meia dúzia de duendes officiosos, com um sorriso perpétuo nos lábios, que Gabriel Grub imaginou serem cortesãos, por causa disso, desvaneceram-se de improviso e, daí a pouco, voltavam com uma taça de fogo líquido, que apresentaram ao rei.

“— Ah! — exclamou o duende, cujas faces e cuja garganta se tornaram transparentes ao engolir a chama. — Isso, de fato, esquenta a gente. Tragam uma caneca para o sr. Grub.

“Foi em vão que o infortunado coveiro protestou que não tinha o hábito de tomar nada quente à noite; um dos duendes segurou-o, ao passo que outro lhe vertia o líquido ardente pela garganta abaixo; a assembléia toda se fartava de rir ao vê-lo tossir e engasgar-se e enxugar as lágrimas que lhe assomaram, copiosas, aos olhos, depois de tomar a bebida candente.

“— E agora — disse o rei, enfiando a ponta do chapéu afunilado nos olhos do coveiro e provocando-lhe, assim, uma dor agudíssima —, e agora, mostrem ao homem da desgraça e da tristeza alguns quadros do nosso grande museu!

“Quando o duende disse isso, uma nuvem grossa, que obscurecia o canto mais remoto da caverna, aos poucos se dissipou, mostrando, a uma distância aparentemente grande, um pequeno aposento mal mobiliado, mas limpo e arrumado. Uma porção de criancinhas apinhavam-se à volta de um lume brilhante, agarradas às saias da mãe, saltaricando-lhe ao redor da cadeira. A mãe levantava-se de vez em quando e afastava a cortina da janela, como se estivesse à espera de alguém; um repasto frugal estava disposto sobre a mesa; e uma poltrona fora colocada ao pé da lareira. Ouviu-se uma pancada à porta: a mãe abriu-a e as crianças reuniram-se-lhe à roda, batendo as mãos de alegria, à entrada do pai. Este chegou molhado e cansado, e sacudiu a neve das roupas, quando as crianças o rodearam e, tomando-lhe a capa, o chapéu, a bengala e as luvas, levaram tudo, azafamadas, para fora da sala. Depois, sentou-se diante do seu prato ao pé do fogo, os filhos treparam-lhe nos joelhos, e a esposa acomodou-se-lhe ao lado, e tudo parecia felicidade e alegria.

“Mas uma modificação se operou no quadro, quase imperceptivelmente. A cena, alterada, converteu-se num pequeno quarto de dormir, onde jazia moribundo o mais belo e mais moço dos filhos; as rosas tinham-lhe fugido do rosto e o brilho dos olhos; e, quando o próprio coveiro olhou para ele com um interesse que nunca sentira nem conhecera, o menino morreu. Os irmãozinhos e irmãzinhas agruparam-se-lhe à volta da cama pequenina e pegaram-lhe da mão, tão fria e tão pesada; recuaram, porém, ao tocá-la, e olharam com terror para o rosto infantil; pois, se bem a formosa criança parecesse calma e tranqüila, a dormir em paz, conheceram que já se mudara num anjo que os fitava e abençoava de um céu brilhante e feliz.

“A nuvem tornou a passar e a cena tornou a modificar-se. O pai e a mãe estavam agora velhos e enfermos, e o número dos que os rodeavam diminuía mais de metade; o contentamento e a jovialidade, porém, estampavam-se em cada rosto e brilhavam em todos os olhos quando, reunidos à volta do lar, ouviam e contavam histórias de tempos passados. Lenta e suavemente desceu ao túmulo o pai e, logo, a companheira de todas as suas penas e trabalhos o acompanhou a um lugar de repouso. Os poucos que lhes haviam sobrevivido ajoelharam-se-lhes à beira da sepultura e regaram, com lágrimas, a verde relva

que a recobria; depois, levantando-se, partiram: tristes e enlutados, mas sem gritos agudos nem lamentações desesperadas, pois sabiam que um dia haveriam de encontrar-se outra vez; e de novo se engolfaram na azáfama do mundo, e o contentamento e a jovialidade lhes voltaram. A nuvem parou diante do quadro e ocultou-o da vista do coveiro.

“— Que é que você acha disso? — inquiriu o duende, voltando o rosto enorme para Gabriel Grub.

“Gabriel murmurou qualquer coisa, dizendo que achava muito bonito, e pareceu meio envergonhado quando o duende pousou nele os olhos de fogo.

“— Você! miserável criatura! — revidou o trasgo, num tom de supremo desdém. — Você! — E parecia disposto a acrescentar alguma coisa, mas a indignação o impediu de continuar; ergueu, portanto, uma das flexibilíssimas pernas e, agitando-a pouco acima da sua cabeça, para fazer melhor pontaria, administrou a Gabriel Grub um belo pontapé; em vista do que, todos os duendes da corte se apinharam à volta do desditoso coveiro e distribuíram-lhe pontapés sem misericórdia, segundo o invariável e estabelecido costume dos cortesãos na terra, que flagelam os que o rei flagela e agradam os que o rei agrada.

“— Mostrem-lhe novos quadros — ordenou o rei dos duendes.

“A essas palavras, dissipou-se a nuvem e à sua vista se apresentou formoso e rico panorama — o mesmo que se vê, até hoje, a meia milha da velha cidade abacial. Brilhava o Sol no céu azul, muito claro, refulgia a água debaixo dos seus raios, e as árvores pareciam mais verdes, e as flores mais alegres, sob a sua benéfica influência. Marulhavam as águas, com agradável murmúrio; as folhas se agitavam à suave brisa que sussurrava entre elas; cantavam os pássaros nos ramos; e a cotovia saudava, alegre, o romper da manhã. Sim, era de manhã; uma brilhante e balsâmica manhã de verão; na menor das folhas, na mais delicada haste de relva, sentiam-se estos de vida. Saía a formiga para o seu cotidiano labor, a borboleta esvoaçava e se aquecia aos quentes raios do Sol; miríades de insetos estendiam as asas transparentes, e gozavam da existência breve, mas feliz. O homem caminhava enlevado, pela cena; e tudo era esplendor e harmonia.

“— Você! Miserável criatura! — disse o rei dos duendes, em tom ainda mais desdenhoso. E voltou a agitar a perna; e esta voltou a descer sobre os ombros do coveiro; e tornaram os outros duendes a imitar-lhe o exemplo.

“Muitas e muitas vezes tornou e passou a nuvem, ensinando muitas lições a Gabriel Grub, que, embora tivesse os ombros doloridos pelas freqüentes aplicações dos pontapés, olhava para tudo com um interesse que nada poderia diminuir. Viu que os homens que trabalhavam muito e obtinham a custo o seu escasso pão eram alegres e felizes; e que até para o mais ignorante era o aspecto meigo da natureza fonte inesgotável de prazeres e alegria. Viu os que tinham sido criados com mimos e crescido entre carinhos, alegres a despeito das privações, e superiores ao sofrimento que teria esmagado outros mais fortes, porque traziam no coração os germes da felicidade, do contentamento e da paz. Viu que as mulheres, as mais delicadas e frágeis de todas as criaturas de Deus, eram, o mais das vezes, superiores à tristeza, à adversidade e à desgraça; e compreendeu que o motivo residia em trazerem nos corações uma fonte inexaurível de afeto e dedicação. Viu, sobretudo, que homens como ele próprio, que remoqueavam a jovialidade e a alegria dos outros, eram as piores ervas más que se encontram na bela superfície da terra; e, comparando todos os bens do mundo com todos os seus males, chegou à conclusão de que, afinal de contas, era um mundo assaz decente e respeitável. Assim que chegou a essa conclusão, a nuvem que se fechara sobre o último quadro pareceu envolver-lhe os sentidos e convidá-lo ao repouso. Um por um, desvaneceram-se os duendes; e, quando o último desapareceu, caiu num sono profundo.

“Já rompera o dia quando Gabriel Grub despertou e se achou deitado sobre a laje lisa do cemitério, tendo ao seu lado, vazia, a garrafa de vime, e a casaca, a pá e a lanterna recobertas da geada alvacentas da véspera, espalhadas pelo chão. A pedra em que vira o duende sentado pela primeira vez erguia-se diante dele e a cova em que trabalhara na noite anterior não ficava muito longe. A princípio, começou por duvidar da realidade das suas aventuras, mas a dor aguda que sentiu nos ombros quando tentou levantar-se indicou-lhe que os pontapés não haviam, por certo, sido irreais. De novo lhe abalou o espírito a ausência de vestígios de passos na neve sobre a qual haviam pinoteado os duendes, mas explicou rapidamente a circunstância quando se lembrou de que, sendo espíritos, não deixariam impressões visíveis. Por conseguinte, ergueu-se em pé como pode, apesar da dor nas costas; e, tirando a neve da casaca, vestiu-se e voltou o rosto para a cidade.

“Mas ele era um homem mudado, e não podia suportar a idéia de regressar a um local em que o seu arrependimento seria chacoteado, e a sua reformação

posta em dúvida. Hesitou alguns momentos; e, logo, voltou-se, decidido a buscar outro lugar em que pudesse ganhar o pão.

“A lanterna, a pá e a garrafa de vime foram encontradas, nesse dia, no cemitério. De princípio, muito se falou sobre o destino do coveiro, mas logo ficou estabelecido que fora carregado pelos trasgos; e não faltaram testemunhas, muito dignas de fé, que o tinham visto distintamente transportado pelo ar no lombo de um cavalo castanho, cego de um olho, com os quartos traseiros de leão e a cauda de urso. Por fim, em tudo isso se acreditou piamente: e o novo coveiro costumava exhibir aos curiosos, por uma gorjeta insignificante, um bom pedaço do catavento da igreja, acidentalmente derrubado pelo sobredito cavalo em sua fuga aérea, e por ele apanhado no cemitério, um ou dois anos depois.

“Infelizmente, porém, foram essas histórias algo prejudicadas pela reparição inesperada do próprio Gabriel Grub, uns dez anos depois, quando já era um velho esfarrapado, reumático, mas contente. Ele contou a sua história ao vigário e também ao prefeito; e, com o tempo, começou ela a ser aceita, como fato histórico, forma em que continua a sê-lo até hoje. Percebendo os que haviam crido no conto do catavento que a sua boa-fé fora iludida, protestaram não cair noutra; assumiram a expressão mais esperta que puderam, encolheram os ombros, bateram na testa e murmuraram qualquer coisa a respeito de haver Gabriel Grub bebido toda a genebra e, a seguir, adormecido sobre a lápide lisa; e fingiram explicar o que ele imaginava ter visto na caverna dos duendes, dizendo que percorrera o mundo e tomara mais juízo. Mas essa teoria, que não logrou popularizar-se, aos poucos se extinguiu; e, seja como for, visto haver Gabriel Grub sofrido de reumatismo até o fim dos seus dias, essa história tem, pelo menos, uma moral, à falta de coisa melhor: quando um homem de mau gênio bebe sozinho na véspera do Natal, pode ter a certeza de que não há de sentir-se melhor por causa disso, ainda que os espíritos do licor sejam menos fortes, ou melhor retificados, do que os que viu Gabriel Grub na caverna dos duendes.”

CAPÍTULO XXX

COMO OS PICKVICKIANOS TRAVARAM E CULTIVARAM RELAÇÕES COM DOIS EXCELENTES MANCEBOS QUE PERTENCIAM A UMA DAS PROFISSÕES LIBERAIS; COMO SE HOVERAM SOBRE O GELO; E COMO SE CONCLUIU A SUA PRIMEIRA VISITA.

— ENTÃO, SAM? — perguntou o sr. Pickwick quando o criado lhe entrou no quarto com a água quente, na manhã do dia de Natal. — Ainda está geando?

— A água no lavatório é uma máscara de gelo, senhor — respondeu Sam.

— Tempo áspero, Sam — observou o sr. Pickwick.

— Tempo bom para os que estão bem agasalhados; como dizia o urso polar com os seus botões, a fazer exercícios de patinação — replicou o sr. Weller.

— Descerei daqui a um quarto de hora, Sam — disse o sr. Pickwick, desatando o seu barrete de dormir.

— Muito bem, senhor — replicou Sam. — Há dois serra-ossos lá embaixo.

— Dois o quê? — perguntou o sr. Pickwick, sentando-se na cama.

— Dois serra-ossos — repetiu Sam.

— Que é um serra-ossos? — volveu o sr. Pickwick, sem saber direito se se tratava de um animal vivo ou de alguma coisa para comer.

— Como! Pois então o senhor não sabe o que é um serra-ossos? — acudiu o sr. Weller. — Eu imaginava que toda a gente soubesse que um serra-ossos é um cirurgião.

— Oh, um cirurgião! — disse o sr. Pickwick, com um sorriso.

— Exatamente, senhor — replicou Sam. — Mas esses que estão lá embaixo não são serra-ossos crescidos e feitos; estão-se criando ainda.

— Em outras palavras, são estudantes de medicina, não é isso? — perguntou o sr. Pickwick.

Sam Weller sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Pois alegre-me de sabê-lo — disse o sr. Pickwick, atirando energicamente o barrete de dormir sobre a colcha. — São excelentes sujeitos; excelentes; com o discernimento amadurecido pela observação e pela reflexão; o bom-gosto requintado pelas leituras e pelo estudo. Alegre-me muito.

— Estão fumando charutos ao pé da lareira da cozinha — disse Sam.

— Ah! — observou o sr. Pickwick, esfregando as mãos. — Superabundantes de sentimentos afetivos e espíritos animais. Exatamente o que eu gosto de ver.

— E um deles — continuou Sam, sem dar pela interrupção do amo —, um deles pôs as pernas em cima da mesa e está bebendo aguardente pura, ao passo que o outro — o de óculos — enfiou um barril de ostras entre os joelhos, que abre e come a todo o vapor, e atira depois com as cascas sobre o jovem hidrópico, adormecido a um canto da chaminé.

— Excentricidades de gênio, Sam — disse o sr. Pickwick. — Pode retirar-se.

Sam obedeceu; um quarto de hora depois, descia o sr. Pickwick para o almoço.

— Aqui está ele, por fim! — disse o velho sr. Wardle. — Pickwick, este é o irmão da srta. Allen, o sr. Benjamim Allen. Nós lhe chamamos Ben, e você poderá fazer o mesmo, se quiser. Este senhor é o seu íntimo amigo, o sr....

— Sr. Bob Sawyer — acudiu o sr. Benjamim Allen; e o sr. Bob Sawyer e o sr. Benjamim Allen desataram a rir, ao mesmo tempo.

O sr. Pickwick inclinou-se para Bob Sawyer e Bob Sawyer inclinou-se para o sr. Pickwick; Bob e o seu íntimo amigo atiraram-se em seguida, com suma diligência, aos comestíveis dispostos à sua frente; e o sr. Pickwick teve oportunidade para examiná-los.

O sr. Benjamim Allen era um mancebo grosseiro, robusto e atarracado, de cabelos negros muito curtos e rosto branco muito comprido. Era adornado de um par de óculos e usava gravata branca. Debaixo do sobretudo preto, abotoado até o queixo, aparecia o número usual de pernas, revestidas de calça cor de pimenta, e terminadas num par de botas mal envernizadas. Embora fossem curtas as mangas do casaco, não se viam vestígios de punhos, e conquanto apresentasse o rosto espaço suficiente para admitir a existência de um colarinho, não o enfeitava apêndice nenhum desse gênero. O fato, de um

modo geral, dava a impressão de estar mofado e deitava um olor fragrante de charutos baratos.

O sr. Bob Sawyer vestia uma casaca azul ordinária, que, sem ser um casaco nem um sobretudo, partilhava da natureza e das qualidades de ambos; tinha um ar de sagacidade desalinhada e um porte fanfarrão, peculiar aos mancebos que fumam de dia pelas ruas, gritam e berram de noite nas mesmas, chamam os criados pelos seus nomes de batismo e executam outros atos e proezas de gênero igualmente faceto. Usava calça escocesa e um grande colete com duas filas de botões; quando saía, levava consigo uma bengala grossa, de castão volumoso. Evitava luvas e parecia, em conjunto, um Robinson Crusóé dissoluto.

Tais eram as duas ilustres personagens a que o sr. Pickwick foi apresentado, ao assentar-se à mesa do almoço na manhã do dia de Natal.

— Deliciosa manhã, meus senhores — disse o sr. Pickwick.

O sr. Bob Sawyer anuiu, com um breve aceno, à afirmação e pediu ao sr. Benjamim Allen que lhe passasse a mostarda.

— Vieram hoje de muito longe, senhores? — perguntou o sr. Pickwick.

— Do Leão Azul, de Muggleton — respondeu, lacônico, o sr. Allen.

— Deviam ter vindo ontem à noite — disse o sr. Pickwick.

— De fato — respondeu Bob Sawyer —, mas a aguardente era boa demais para ser deixada à pressa, não era, Ben?

— Naturalmente — disse o sr. Benjamim Allen —, e os charutos também não estavam maus, nem as costeletas de porco, hein, Bob?

— Positivamente, não — replicou Bob. Os dois íntimos amigos reiniciaram o ataque ao almoço, com mais entusiasmo do que antes, como se a recordação do jantar da véspera emprestasse novo sabor à comida.

— Mastigue, Bob — disse animadoramente o sr. Allen ao companheiro.

— É o que estou fazendo — replicou Bob Sawyer. E, para fazer-lhe justiça, temos de convir em que, de fato, mastigava.

— Nada como a dissecação para dar apetite à gente — exclamou o sr. Bob Sawyer, olhando à volta da mesa.

O sr. Pickwick estremeceu levemente.

— A propósito, Bob — perguntou o sr. Allen —, você já terminou aquela perna?

— Quase — replicou Sawyer, servindo-se da metade de uma ave, enquanto falava. — Como perna de criança é muito musculosa.

— É? — perguntou, negligente, o sr. Allen.

— Muito — confirmou Bob Sawyer, com a boca cheia.

— Eu me inscrevi para um braço, lá na escola — disse o sr. Allen.

— Fizemos uma vaca para comprar um cadáver e a lista está quase cheia, mas não conseguimos encontrar quem ficasse com a cabeça. Por que não fica com ela?

— Não — replicou Bob Sawyer —, não me posso dar a luxos dispendiosos.

— Isso é bobagem! — tornou Allen.

— É fato, não posso — repetiu Bob Sawyer. — Eu não faria questão de ficar com um cérebro, mas com uma cabeça inteira, não.

— Psiu, psiu, cavalheiros, por favor — atalhou o sr. Pickwick —, as senhoras vêm vindo.

Enquanto o sr. Pickwick falava, as senhoras, galantemente escoltadas pelos srs. Snodgrass, Winkle e Tupman, chegaram de um passeio matinal.

— Ué, Ben! — exclamou Arabela, num tom que expressava mais surpresa que prazer à vista do irmão.

— Vim para buscá-la — replicou Benjamim.

O sr. Winkle empalideceu.

— Você não viu Bob Sawyer, Arabela? — perguntou o sr. Benjamim Allen, em tom de reproche. Arabela estendeu graciosamente a mão, como a dizer que vira. E um arrepio de ódio passou pelo coração do sr. Winkle quando Bob Sawyer infligiu à mão estendida um perceptível aperto.

— Bem, querido! — disse Arabela, corando. — Você... você... já foi apresentado ao sr. Winkle.

— Ainda não; mas terei muito prazer, Arabela — replicou, gravemente, o irmão. E o sr. Allen inclinou-se com ar carrancudo para o sr. Winkle, ao passo que o sr. Winkle e o sr. Bob Sawyer se entreolharam, desconfiados.

A chegada dos dois novos visitantes e o constrangimento que dela adveio para o sr. Winkle e a menina das botinas guarnecidas de peles teria, provavelmente, constituído uma desagradabilíssima interrupção da jovialidade do grupo, se a alegria do sr. Pickwick e o bom humor do dono da casa, levados ao máximo, em prol da satisfação geral, não o tivessem impedido. O sr. Winkle insinuou-se, a pouco e pouco, nas boas graças do sr. Benjamim Allen e chegou a ponto de travar uma conversação amistosa com o sr. Bob Sawyer; o qual, animado pela aguardente, pelo almoço e pela prosa, atingiu um estado de

extrema facécia e referiu com muito gosto uma aprazível anedota a propósito da extirpação de um tumor da cabeça de um cidadão qualquer, que ilustrou por meio de uma faca de ostras e um pão de meio arratel para suma edificação de todos os presentes. A seguir, foram todos à igreja, onde o sr. Benjamim Allen ferrou num sono profundo, ao passo que o sr. Bob Sawyer desviou o pensamento das coisas terrenas pelo engenhoso processo de esculpir o seu nome no banco, em letras corpulentas de quatro polegadas de comprimento.

— Agora — disse Wardle, depois de ter sido feita ampla justiça a uma merenda substancial, agradavelmente acompanhada de cerveja forte e aguardente de cereja —, que dizem vocês de uma hora sobre o gelo? Temos tempo de sobra.

— Excelente! — bradou o sr. Benjamim Allen.

— Magnífico! — exclamou o sr. Bob Sawyer.

— Você, naturalmente, patina, não é, Winkle? — perguntou Wardle.

— Sim... claro que patino — replicou o sr. Winkle. — É que... é que ando meio sem treino.

— Oh, patine, sr. Winkle — pediu Arabela. — Eu gostaria tanto de vê-lo!

— É um esporte tão gracioso — disse outra moça.

Uma terceira moça disse que era elegante, e uma quarta afirmava que dava às pessoas um aspecto de cisne.

— Eu teria muito prazer, sem dúvida nenhuma — disse o sr. Winkle, ruborizando-se —, mas não tenho patins.

Essa objeção foi imediatamente vencida. Trundle tinha um par, e o gorducho anunciou que havia meia dúzia lá embaixo, o que levou o sr. Winkle a dizer-se sumamente satisfeito, se bem parecesse sumamente contrariado.

O velho Wardle guiou-os para um belo e vasto lençol de gelo; e, tendo o gorducho e o sr. Weller varrido a neve que sobre ele caíra durante a noite, o sr. Bob Sawyer ajustou os patins com uma destreza que ao sr. Winkle pareceu perfeitamente maravilhosa e descreveu círculos com a perna esquerda, desenhou vários oitos, e inscreveu sobre o gelo, sem se deter uma vez sequer para tomar fôlego, muitas outras lindas e surpreendentes figuras, para a enorme satisfação do sr. Pickwick, do sr. Tupman e das senhoras, a qual atingiu um grau de verdadeiro entusiasmo quando o velho Wardle e Benjamim Allen, ajudados pelo sobredito Bob Sawyer, executaram algumas evoluções místicas, a que chamaram torniquete.

Durante todo esse tempo, o sr. Winkle, com o rosto e as mãos azuis de frio, lidara por enfiar uma verruma na sola dos sapatos, colocar os patins, com as pontas para trás, e amarrar os atilhos por uma forma complicadíssima, com a assistência do sr. Snodgrass, que sabia, acerca de patins, menos que um hindu. Por fim, entretanto, com a ajuda do sr. Weller, foram os infelizes patins atarraxados e apresilhados, e o sr. Winkle ergueu-se em pé.

— Agora, senhor — disse Sam, em tom animador —, pode sair, e mostre a essa gente como se patina.

— Pare, Sam, pare! — exclamou o sr. Winkle tremendo violentamente, e segurando os braços de Sam com a força de um náufrago. — Como escorrega isso!

— O que não é de admirar em se tratando do gelo — replicou o sr. Weller. — Segure-se!

Esta última observação fora provocada pela demonstração dada naquele instante pelo sr. Winke de um furioso desejo de atirar as pernas para o ar e cair de costas sobre o gelo.

— Estes... estes... patins são muito desajeitados; não são, Sam? — perguntou o sr. Winkle, vacilando.

— O que me parece é que há um cavalheiro desajeitado em cima deles, senhor — replicou o sr. Weller.

— Vamos, Winkle — gritou o sr. Pickwick, perfeitamente ignorante do que se passava. — Vamos; as senhoras estão esperando.

— Já vou, já vou — replicou o sr. Winkle, com um sorriso medonho. — Vou indo.

— Ele vai começar agora — declarou Sam, forcejando por desvencilhar-se. — Vamos, senhor, pode largar!

— Espere um momento, Sam — arquejou o sr. Winkle, agarrando-se, muito afetuoso, ao sr. Weller. — Acho que tenho um par de casacas em casa de que não preciso. Pode ficar com elas, Sam.

— Muito obrigado, senhor — replicou o sr. Weller.

— Não precisa tirar o chapéu, Sam — disse, de repente, o sr. Winkle. — Não precisa levantar a mão. Eu pretendia dar-lhe hoje cedo 5 xelins como gorjeta de Natal, Sam. Hei de dá-los à tarde.

— É muita bondade sua, senhor — replicou o sr. Weller.

— Só quero que você me segure um pouco no começo; quer? — perguntou o sr. Winkle. — Isso... assim. Daqui a pouco já estarei acostumado.

Muito depressa, não, Sam; muito depressa, não.

Inclinado para a frente, com o corpo dobrado ao meio, adiantava-se o sr. Winkle sobre o gelo, de uma maneira muito singular e pouco semelhante à de um cisne, quando o sr. Pickwick berrou, inocente, da margem oposta:

— Sam!

— Senhor?

— Venha cá. Preciso de você.

— Largue-me, senhor — disse Sam. — Não ouviu o patrão chamar-me? Largue-me, senhor.

Com um esforço violento, desenliçou-se o sr. Weller do abraço do agoniado pickwickiano e, ao fazê-lo, administrou um ímpeto considerável ao infeliz sr. Winkle. Com uma precisão que nenhum grau de destreza nem de treino lhe poderia ter proporcionado, o desditoso cavalheiro chegou rapidamente ao centro do torniquete, no momento exato em que o sr. Bob Sawyer executava um floreado de incomparável beleza. O sr. Winkle bateu furiosamente contra ele, e, com fragoroso estrondo, caíram ambos ao chão. O sr. Pickwick correu para o lugar. Bob Sawyer levantara-se, mas o sr. Winkle tivera a prudência de não o imitar com os patins nos pés. Continuou sentado sobre o gelo, fazendo espasmódicos esforços para sorrir, mas estampava-se-lhe a angústia em todos os traços do rosto.

— Machucou-se? — perguntou o sr. Benjamim Allen, com grande ansiedade.

— Não muito — disse o sr. Winkle, esfregando furiosamente as costas.

— Eu gostaria que o senhor me deixasse sangrá-lo — disse o sr. Benjamim, com extremo alvoroço.

— Não, muito obrigado — apressou-se em agradecer o sr. Winkle.

— Acho que uma sangria lhe faria bem — insistiu Allen.

— Muito obrigado — replicou o sr. Winkle —, mas eu acho que não.

— Que é que o senhor acha, sr. Pickwick? — perguntou Bob Sawyer.

O sr. Pickwick estava excitado e indignado. Chamou o sr. Weller e ordenou, com voz severa: — Tire-lhe os patins.

— Mas eu nem comecei ainda — obtemperou o sr. Winkle.

— Tire-lhe os patins — repetiu, com firmeza, o sr. Pickwick.

Não era possível resistir à ordem. O sr. Winkle permitiu que Sam obedecesse, em silêncio.

— Levante-o — disse o sr. Pickwick. Sam ajudou-o a levantar-se.

O sr. Pickwick afastou-se alguns passos dos circunstantes; e, fazendo sinal ao amigo para que se aproximasse, pousou nele um olhar perscrutador, e pronunciou em tom baixo, mas distinto e enfático, estas palavras notáveis:

— O senhor é um parlapatão.

— Um quê? —olveu o sr. Winkle, estremecendo.

— Um parlapatão, senhor. Falarei mais claro ainda, se quiser. Um impostor.

Com estas palavras, girou lentamente sobre os calcanhares e reuniu-se aos amigos.

Ao mesmo passo que o sr. Pickwick expressava o pensamento que acabamos de registrar, o sr. Weller e o gorducho, depois de conseguirem, com os seus esforços conjuntos, arranjar um resvaladouro, entraram a fazer exercícios sobre ele com mestria e brilhantismo. Sam Weller, principalmente, executava aquela formosa proeza no deslizar denominada “bater à porta do sapateiro”, que se consegue fazer resvalando sobre o gelo com um pé só e dando-lhe, de vez em quando, uma pancada com o outro. Era um belo e grande resvaladouro e havia o que quer que fosse no momento que o sr. Pickwick, a tremer de frio por estar parado, não podia menos de invejar.

— Parece um bom exercício para esquentar, não é verdade? — perguntou a Wardle, quando viu esse cavalheiro completamente sem fôlego, em razão da maneira infatigável por que transformara as pernas num par de compassos e desenhara complicados problemas sobre o gelo.

— Ora, se é! — replicou Wardle. — Você não resvala?

— Eu costumava resvalar nas valetas, quando criança — replicou o sr. Pickwick.

— Experimente agora — disse Wardle.

— Experimente, por favor, sr. Pickwick — acudiram todas as senhoras.

— Eu gostaria muito de proporcionar-lhes algum divertimento — replicou o sr. Pickwick —, mas há uns trinta anos que não faço isso.

— Ora! ora! que tolice! — disse Wardle, tirando os patins com a impetuosidade que caracterizava todos os seus atos. — Pronto; eu lhe faço companhia; vamos! — E lá se foi o bem-humorado velho pelo resvaladouro abaixo, com uma rapidez que quase igualava a de Sam e levava completamente de vencida a do gorducho.

O sr. Pickwick se deteve, considerou-o por um instante com ar reflexivo, tirou as luvas e colocou-as dentro do chapéu; deu duas ou três corridinhas, fez

outros tantos fiascos, e, afinal, deu outra corrida e começou a resvalar, grave e lentamente, com os pés colocados a uma distância de 1 jarda e um quarto um do outro, entre os gritos satisfeitos de todos os espectadores.

— Não se deixe esfriar, senhor! — exclamou Sam; e lá se foi o sr. Wardle outra vez, e depois o sr. Pickwick, e depois Sam, e depois o sr. Winkle, e depois Bob Sawyer, e depois o gorducho, e depois o sr. Snodgrass, todos rentes aos calcanhares uns dos outros, e perseguindo-se com fúria, como se daquela perseguição dependessem todos os seus futuros projetos de vida.

Era a coisa mais extraordinariamente interessante observar a maneira por que o sr. Pickwick desempenhava a sua parte na cerimônia; contemplar a ansiosa tortura com que via aproximar-se a pessoa que o seguia, com o risco iminente de atirá-lo ao chão; vê-lo diminuir gradualmente o esforço que empregara a princípio, e girar sobre o gelo, com o rosto voltado para o ponto de partida; discernir o alegre sorriso que lhe assomava aos lábios depois de percorrido o trajeto, e o alvoroço com que então se voltava e corria empós do predecessor; ao passo que as polainas pretas lhe escorregavam pela neve e nos olhos brilhavam o aprazimento e a alegria, através dos óculos. E, quando o derrubavam (o que sucedia, em média, uma vez em cada três voltas), era o espetáculo mais revigorante que se pode imaginar vê-lo ajuntar o chapéu, as luvas e o lenço, com uma expressão radiante, e voltar ao seu lugar na fila com entusiasmo e ardor irreprimíveis.

A brincadeira estava no auge; o resvalar ia cada vez mais depressa, as gargalhadas eram cada vez mais ruidosas, quando se ouviu um estrondo violento. Ao estrondo, seguiu-se uma corrida desabalada para a margem, as senhoras gritaram, desesperadas, e o sr. Tupman soltou um berro. Um grande pedaço de gelo desaparecera; a água borbulhava sobre ele; o chapéu, as luvas e o lenço do sr. Pickwick flutuavam na superfície; e eram os únicos vestígios visíveis de seu dono.

Em todos os rostos se patenteavam o desespero e a angústia; os homens empalideceram, as mulheres desmaiaram, o sr. Snodgrass e o sr. Winkle deram-se mutuamente as mãos e olharam, estarecidos, para o lugar em que se sumira o chefe; ao passo que o sr. Tupman, no intuito de prestar o mais pronto socorro e transmitir, ao mesmo tempo, a quantos pudessem ouvi-lo, a idéia mais clara possível da catástrofe, pôs-se a correr com velocidade incrível, gritando “Fogo!” com todas as forças dos seus pulmões.

Foi nesse momento que o velho Wardle e Sam Weller se aproximaram com passos cautelosos do buraco, e o sr. Benjamim Allen consultou precipitadamente o sr. Bob Sawyer sobre a conveniência de sangrar todos os presentes, como proveitoso exercício de prática profissional — foi precisamente nesse momento que surgiram, debaixo da água um rosto, uma cabeça e uns ombros, com os traços e os óculos do sr. Pickwick.

— Fique em pé por um instante... um instante só! — gritou o sr. Snodgrass.

— Fique; fique... por amor de mim! — rugiu Winkle, profundamente comovido. Essa adjuração, contudo, parecia desnecessária, pois era provável que, ainda que o sr. Pickwick declinasse de ficar em pé por amor de quem quer que fosse, lhe ocorreria a conveniência de fazê-lo por amor de si próprio.

— Esse lugar dá pé, meu velho? — perguntou Wardle.

— Está claro que dá — replicou o sr. Pickwick, sacudindo a água da cabeça e do rosto, e tomando fôlego. — Eu caí de costas. A princípio não pude levantar-me.

A lama que recobria todas as partes visíveis da casaca do sr. Pickwick testemunhava, com eloquência, a veracidade da sua afirmação; e como os temores dos circunstantes se dissipassem ainda mais quando o gorducho se lembrou de que a água, naquele lugar, não poderia ter mais de 5 pés de profundidade, obraram-se prodígios de coragem para tirá-lo de lá. Depois de muito chafurdar no lodo, de muitos estrondos e esforços, arrancou-se, afinal, o sr. Pickwick à sua incômoda posição e voltou-se, mais uma vez, a pisar a terra firme.

— Oh, ele vai morrer de um resfriado — exclamou Emília.

— Coitadinho! — acudiu Arabela. — Deixe-me embrulhá-lo neste xale, sr. Pickwick.

— Pois é o melhor que você pode fazer — disse Wardle. — E, depois que estiver embrulhado, corra o mais depressa que puder para casa e meta-se imediatamente na cama.

Uma dúzia de xales foi oferecida no mesmo instante. E, havendo sido escolhidos três ou quatro dos mais grossos, o sr. Pickwick, embrulhado neles, deitou a correr, guiado pelo sr. Weller; apresentando o fenômeno singular de um sujeito de idade, molhado como um pinto, sem chapéu, com os braços ligados aos flancos, deslizando sobre o solo sem um propósito claramente definido, a uma velocidade de 6 boas milhas inglesas por hora.

Mas o sr. Pickwick não fazia caso de aparência em tal extremidade, e, instigado por Sam Weller, continuou a correr do mesmo jeito até chegar à porta de Manor Farm, onde o sr. Tupman havia chegado uns cinco minutos antes e aterrorizado a velha senhora, provocando-lhe palpitações cardíacas, depois de incurtir-lhe a inalterável convicção de que a chaminé da cozinha estava em chamas — calamidade que sempre se apresentava em cores muito vivas ao espírito da velha, quando alguém, perto dela, manifestava a menor agitação.

O sr. Pickwick não descansou um instante enquanto não se meteu na cama. Sam Weller acendeu um bom fogo no quarto e levou-lhe o jantar; depois, transportaram-lhe para o quarto uma poncheira e lá foi celebrada uma grande festa para comemorar-lhe o salvamento. O velho Wardle não lhe permitiu levantar-se, de sorte que o leito foi transformado na cadeira da presidência e o sr. Pickwick presidiu. Pediram-se uma segunda e uma terceira poncheira; e, quando o sr. Pickwick despertou na manhã seguinte, não apresentava um único sintoma de reumatismo; o que prova, segundo a justíssima observação do sr. Bob Sawyer, que não há nada como o ponche quente nesses casos; e que, se este deixava, às vezes, de obrar como preventivo, era apenas porque o paciente incidia no erro vulgar de não tomar a dose necessária.

A jovial sociedade separou-se no dia seguinte. As separações são agradáveis em nossos tempos de escola, mas, depois, se tornam penosas. A morte, os interesses, os altos e baixos da fortuna separam todos os dias muitas sociedades felizes, cujos membros se dispersam; e os meninos e meninas nunca mais voltam a encontrar-se. Não queremos dizer que fosse este exatamente o caso no exemplo de que falamos; apenas desejamos dar a entender ao leitor que os diferentes membros do grupo se dispersaram, voltando aos seus diversos lares; que o sr. Pickwick e os amigos tornaram, mais uma vez, a ocupar os seus lugares na imperial da diligência de Muggleton; e que Arabela Allen regressou ao seu destino, fosse ele qual fosse — ousamos afirmar que o sr. Winkle sabia qual era; mas nós confessamos não saber —, sob os cuidados e a guarda de seu irmão Benjamim e de seu íntimo e particular amigo, o sr. Bob Sawyer.

Antes, porém, de se apartarem, este último e o sr. Benjamim Allen chamaram de parte o sr. Pickwick, com ar misterioso; e, enfiando o indicador entre duas costelas do sr. Pickwick, com o que evidenciava, a um tempo, o seu natural falceto e o seu conhecimento da anatomia humana, o sr. Bob Sawyer perguntou:

— Então, meu velho, onde fica o seu poleiro?

O sr. Pickwick respondeu que se achava, naquele momento, empoleirado na Estalagem de Jorge e do Abutre.

— Eu gostaria de que fosse visitar-me — disse Bob Sawyer.

— Nada me poderia proporcionar maior prazer — respondeu o sr. Pickwick.

— Aqui está o meu endereço — disse o sr. Bob Sawyer, apresentando um cartão. — Rua Lant no Borough; é perto do hospital, e fica fácil para mim, você sabe. Pouco depois de passar a Igreja de São Jorge, à direita, virando para High Street.

— Saberei encontrá-lo — disse o sr. Pickwick.

— Vá quinta-feira, daqui a quinze dias, e leve os seus amigos — convidou o sr. Bob Sawyer. — Vou reunir uns colegas essa noite.

O sr. Pickwick expressou o prazer que lhe proporcionaria o encontro com os tais colegas; e, depois de o sr. Bob Sawyer lhe informar que pretendia estar muito à vontade e que o seu amigo Ben participaria da reunião, apertaram-se as mãos e separaram-se.

Sentimos que, a esta altura, estamos expostos a quem nos perguntem se o sr. Winkle segredou alguma coisa, durante esta breve conversação, a Arabela Allen; e, em caso afirmativo, que disse ele; e, além disso, se o sr. Snodgrass conversou, à parte, com Emília Wardle; e, em caso afirmativo, quais foram as suas palavras. A tudo podemos responder que, seja o que for que tenham dito às meninas, nada disseram ao sr. Pickwick nem ao sr. Tupman durante o trajeto de 28 milhas; suspiraram muito a miúdo, recusaram cerveja e aguardente, e pareceram tristes. Se as nossas leitoras sagazes puderem inferir desses fatos algumas conclusões satisfatórias, não nos opomos absolutamente a isso.

CAPÍTULO XXXI

QUE TRATA DE LEIS E DE GRANDES AUTORIDADES NELAS VERSADAS.

ESPALHADOS PELOS VÁRIOS CANTOS e recantos do Temple, existem certos quartos escuros e imundos, dentro e fora dos quais, durante toda a manhã no período das férias, e na metade da tarde nos dias úteis, se vê uma procissão quase ininterrupta de amanuenses de advogados, numa correria constante, com maços de papéis debaixo dos braços e a saírem-lhes das algibeiras. Há várias categorias de escreventes. Há o escrevente que pagou prêmio e é um advogado em perspectiva, tem conta no alfaiate, recebe convites para festas, conhece uma família na rua Gower e outra em Tavistock Square; sai da cidade nas férias grandes para visitar o pai, sustenta numerosos cavalos; e, em suma, é o aristocrata dos amanuenses. Há o amanuense assalariado — externo ou interno, conforme o caso —, que dedica a maior parte dos seus 30 xelins semanais aos prazeres e adornos pessoais, vai pelo menos três vezes por semana ao Teatro Adelphi, com meia entrada, entrega-se depois, majestoso, a orgias nas adegas de cidra, e é uma suja caricatura da moda que morreu seis meses antes. Há o copista de meia-idade, com família numerosa, sempre andrajoso e freqüentemente bêbedo. E há os moços de escritório, com o seu primeiro sobretudo, que votam um conveniente desprezo aos estudantes; cotizam-se ao voltarem à noite para casa a fim de comprarem salsicha e cerveja, e acham que não há nada como “viver a vida”. Há também variedades do gênero demasiado numerosas para serem recapituladas, mas, por numerosas que sejam, todas visíveis a certas horas regulamentares de serviço, correndo de um lado para outro nos locais que acabamos de mencionar.

Estes antros insulados são os escritórios públicos da profissão legal, onde se redigem mandatos, assinam sentenças, enchem declarações, e põem em movimento inúmeras outras máquinas engenhosas para tortura e tormento dos leais súditos de Sua Majestade e para consolação e proveito dos homens da lei. São, na maior parte, salas de teto baixo, bolorentas, onde inúmeros rolos de

pergaminho transpiram em secreto há um século, e deitam um cheiro agradável, que se mistura, de dia, com o odor do bafio e, de noite, com as várias exalações oriundas de capas molhadas, guarda-chuvas velhos e das mais ordinárias velas de sebo.

Cerca das 7 e meia da noite, uns dez dias após o regresso do sr. Pickwick e seus amigos, entrou precipitadamente num desses escritórios um indivíduo de casaca castanha e botões de cobre, de cabelos compridos escrupulosamente entrançados à volta das abas do chapéu sem pêlo, e cuja calça ordinária e suja estava tão estreitamente apertada sobre as botas à Blucher, que os joelhos ameaçavam, a cada momento, rebentar o invólucro. Tirou do bolso da casaca estreita a longa tira de pergaminho, sobre a qual o funcionário presidente imprimiu um selo preto ilegível. Sacou, em seguida, de quatro tiras de papel, de dimensões semelhantes, cada uma das quais continha uma cópia impressa do pedaço de pergaminho, com espaços em branco para os nomes; e, tendo enchido esses espaços, pôs os cinco documentos no bolso e saiu, a toda a pressa.

O homem de casaca castanha, com os cabalísticos documentos no bolso, outro não era senão o nosso velho conhecido, o sr. Jackson, da firma Dodson e Fogg, em Freeman's Court, Cornhill. Todavia, em vez de voltar para o escritório de onde viera, dirigiu os seus passos para Sun Court e, entrando na Estalagem de Jorge e do Abutre, perguntou se o sr. Pickwick estava:

— Chame o criado do sr. Pickwick, Tom — disse a moça do balcão da Estalagem de Jorge e do Abutre.

— Não se incomode — acudiu o sr. Jackson —, eu vim a negócios. Se a senhora me disser onde é o quarto do sr. Pickwick, irei sozinho.

— O seu nome? — perguntou o criado.

— Jackson — replicou o amanuense.

O criado subiu para anunciar o sr. Jackson; mas o sr. Jackson poupou-lhe o trabalho seguindo-o de perto e entrando no aposento antes que ele pudesse articular uma sílaba sequer.

O sr. Pickwick convidara, naquele dia, os três amigos para jantar; estavam todos sentados à volta do fogo, bebendo o seu vinho, quando o sr. Jackson se apresentou, como acima referimos.

— Como vai o senhor? — perguntou o sr. Jackson, acenando para o sr. Pickwick.

Este cavalheiro inclinou-se e pareceu meio surpreso, pois a fisionomia do sr. Jackson não lhe ficara na memória.

— Venho da parte de Dodson e Fogg — explicou o sr. Jackson.

Ao ouvir os dois nomes, exaltou-se o sr. Pickwick. — Peça-lhe que se dirija ao meu advogado, senhor: o sr. Perker, de Gray's Inn — disse ele. — Moço, acompanhe este senhor.

— Perdão, sr. Pickwick — atalhou Jackson, depositando deliberadamente o chapéu no chão e tirando do bolso a tira de pergaminho. — Mas o senhor sabe, o serviço é feito nestes casos pessoalmente por um amanuense ou um agente; nada como a cautela, em todas as formalidades legais.

Nesse ponto, o sr. Jackson declinou os olhos ao pergaminho; e, colocando as mãos sobre a mesa e olhando à sua volta com um sorriso insinuante e persuasivo, disse: — Ora, vamos, não discutamos por uma bagatela destas. Qual dos senhores se chama Snodgrass?

Ao ouvir essa pergunta, o sr. Snodgrass estremeceu de maneira tão palpável e distinta, que não houve necessidade de outra resposta.

— Ah! era o que eu imaginava! — disse o sr. Jackson, mais afável do que nunca. — Tenho um pequeno incômodo para o senhor.

— Para mim! — exclamou o sr. Snodgrass.

— É uma simples intimação no processo Bardell contra Pickwick, em nome da autora — replicou Jackson, separando uma das tiras de papel e tirando 1 xelim do bolso do colete. — Será julgado, segundo esperamos, lá pelo dia 14 de fevereiro, depois das férias; pedimos um júri especial e o papel traz a data de 10. Isto é seu, sr. Snodgrass. — E, dizendo isso, o sr. Jackson passou o pergaminho diante dos olhos do sr. Snodgrass e meteu-lhe na mão o papel e o xelim.

O sr. Tupman presenciara tudo isso com silencioso assombro, quando Jackson se voltou inopinadamente para ele e declarou:

— Se não me engano, o seu nome é Tupman, não é?

O sr. Tupman olhou para o sr. Pickwick; mas, não percebendo, nos olhos esbugalhados deste último cavalheiro, nada que o incitasse a negar o próprio nome, respondeu:

— Sim, senhor, o meu nome é Tupman.

— E este outro cavalheiro é o sr. Winkle, não é? — perguntou Jackson.

O sr. Winkle balbuciou uma resposta afirmativa; e os dois cavalheiros foram imediatamente providos de uma tira de papel e de 1 xelim, cada um, pelo

habilidoso sr. Jackson.

— E agora — disse Jackson —, receio que os senhores me julguem importuno, mas preciso de mais alguém, se não houver inconveniência. Tenho aqui o nome de Samuel Weller, sr. Pickwick.

— Mande subir o meu criado — ordenou o sr. Pickwick ao moço da estalagem. Este retirou-se, consideravelmente espantado, e o sr. Pickwick fez um sinal ao sr. Jackson para sentar-se.

Seguiu-se uma pausa desagradável, que foi, afinal, interrompida pelo inocente réu.

— Imagino, senhor — disse o sr. Pickwick, cuja indignação crescia à medida que falava —, imagino, senhor, que os seus patrões tencionam incriminar-me com o testemunho dos meus próprios amigos?

O sr. Jackson bateu diversas vezes com o indicador no lado esquerdo do nariz, a significar que não estava lá para revelar os segredos da cadeia, e respondeu, prazenteiro:

— Não sei; não posso dizer.

— E por que outra razão — insistiu o sr. Pickwick — lhes foram entregues as intimações, senão por esta?

— Belo plano, sr. Pickwick — replicou Jackson, sacudindo lentamente a cabeça. — Mas não adianta. Não há mal nenhum em tentar, mas o senhor, de mim, não tira muita coisa.

O sr. Jackson voltou a sorrir para os presentes e, aplicando o polegar esquerdo à ponta do nariz, pôs em funcionamento um moinho imaginário de café com a mão direita, representando, destarte, uma graciosíssima pantomima (então muito em voga mas agora, infelizmente, quase obsoleta) familiarmente denominada “apanhar o moedor”.

— Não, não, sr. Pickwick — concluiu Jackson —, o pessoal de Perker terá de adivinhar por que fizemos estas intimações. Se não puder, espere ser julgado o processo e, então, saberá.

O sr. Pickwick lançou um olhar de profunda aversão ao importuno visitante e teria, provavelmente, proferido um anátema tremendo contra os srs. Dodson e Fogg se, naquele momento, não o interrompesse a entrada de Sam.

— Samuel Weller? — perguntou o sr. Jackson.

— Uma das coisas mais verdadeiras que o senhor tem dito há vários anos — replicou Sam, muito composto.

— Aqui está uma intimação para o senhor, sr. Weller — disse Jackson.

— Que quer dizer isso em língua de gente? — perguntou Sam.

— O original é este — continuou Jackson, sem dar a explicação requerida.

— Qual? — perguntou Sam.

— Este — replicou Jackson, agitando o pergaminho.

— Oh, é esse o original? — acudiu Sam. — Pois não calcula como estou satisfeito por ter visto o original; é uma coisa que alegra e alivia tanto o espírito da gente!

— E aqui está o xelim — disse Jackson. — Da parte de Dodson e Fogg.

— E é muita gentileza da parte de Dodson e Fogg, que me conhecem tão pouco, mandar-me um presente — disse Sam. — Considero-o um alto cumprimento; e é muitíssimo honroso para eles saberem como recompensar o mérito onde quer que exista. Além disso, é uma coisa que sensibiliza a gente.

Ao dizer isto, o sr. Weller procedeu a uma pequena fricção na pálpebra direita, com a manga da casaca, segundo o mais aplaudido sistema dos atores quando desempenham cenas de um patético doméstico.

O sr. Jackson parecia espantadíssimo com os modos de Sam; mas, como entregara as intimações e não tinha mais nada para dizer, fingiu calçar a única luva que trazia na mão, por amor das aparências; e voltou ao escritório para dar conta de sua missão.

O sr. Pickwick dormiu pouco essa noite; reavivara-se-lhe desagradavelmente na memória a lembrança do processo da sra. Bardell. Almoçou cedo na manhã seguinte e, pedindo a Sam que o acompanhasse, dirigiu-se para Gray's Inn Square.

— Sam! — disse o sr. Pickwick, olhando à sua volta, quando chegaram ao fim de Cheapside.

— Senhor? — perguntou Sam, aproximando-se do amo.

— Qual é o caminho?

— Subindo a rua Newgate.

O sr. Pickwick não se voltou de pronto, mas pasmou no rosto de Sam um olhar vago, durante alguns segundos, e arrancou do peito um profundo suspiro.

— Que aconteceu, senhor? — perguntou Sam.

— Espera-se, Sam — respondeu o sr. Pickwick —, que este processo venha a ser julgado no dia 14 do mês que vem.

— Extraordinária coincidência, senhor — replicou Sam.

— Extraordinária por que, Sam? — indagou o sr. Pickwick.

— Porque é dia de são Valentim^[17] — respondeu Sam. — Belo dia para julgar-se uma violação de promessa de casamento.

O sorriso do sr. Weller não trouxe brilho nenhum de alegria ao semblante do amo. O sr. Pickwick voltou-se inesperadamente e pôs-se a caminhar em silêncio.

Já haviam percorrido uma pequena distância, o sr. Pickwick a trotar na frente, mergulhado em profunda meditação, e Sam a segui-lo, com uma fisionomia que expressava o mais invejável e sereno desafio a tudo e a todos, quando o último, sempre muito ansioso por comunicar ao amo as informações exclusivas que possuía, estugou o passo até aproximar-se do sr. Pickwick e, apontando para a casa por que passava, disse:

— Esplêndida salsicharia esta aqui, senhor.

— É, parece que sim — concordou o sr. Pickwick.

— Famosa fábrica de chouriços — continuou Sam.

— É? — perguntou o sr. Pickwick.

— Se é! — reiterou Sam, a seu tanto indignado. — Ora essa! Benditas sejam as suas inocentes sobrelhas, senhor! Foi aqui que se verificou o misterioso desaparecimento de um negociante de óculos, quatro anos atrás.

— Você não quer dizer com isso que ele foi esfaqueado, Sam? — perguntou o sr. Pickwick, olhando vivamente à sua volta.

— Não, não quero, senhor — replicou o sr. Weller. — Antes quisesse; foi muito pior. Era o dono desta joça aqui, e o inventor de uma nova máquina de vapor, que fabricava chouriços sem parar, capaz de engolir uma pedra da calçada, se lha pusessem muito perto, e transformá-la em chouriços como se fosse uma tenra criancinha. Ele tinha muito orgulho de sua máquina, o que era natural, e parava uma porção de tempo na adega para vê-la funcionar, até ficar triste de alegria. Teria sido um homem felicíssimo, com a posse de tal máquina e duas lindas crianças ainda por cima, não fosse a esposa, que era uma peste. Vivia a amofiná-lo e a azucrinar-lhe os ouvidos, até que ele não pode mais. “Vou dizer-lhe uma coisa, minha querida”, declarou à mulher: “Se você continuar com este divertimento, macacos me mordam se eu não for para a América; pode estar certa.” “Você é um refinado patife”, disse ela, “e desejo que os americanos se divirtam com a prenda que vão ganhar.” Continuou a insultá-lo durante meia hora e, depois, correu para a saleta que há nos fundos da loja e começou a gritar, dizendo que ele acabaria por matá-la, e teve um

acesso que durou umas três horas pelo menos — um desses acessos de gritos e pontapés. Pois bem, na manhã seguinte o marido sumiu. Não havia tirado nada da caixa — não vestira sequer o sobretudo —, de modo que, evidentemente, não fora para a América. No outro dia, não voltou; passou-se uma semana, e também não voltou; a mulher mandou publicar anúncios em que dizia que, se o marido voltasse, ela lhe perdoaria tudo (o que era generoso, visto que ele não fizera nada); vasculharam-se todos os canais e, durante os dois meses que se seguiram, toda vez em que era encontrado um cadáver, levavam-no à salsicharia. Entretanto, como não se reconhecesse nenhum deles, propalou-se o rumor de que o homem fugira, e a mulher se pôs a dirigir o negócio. Um sábado à noite entra na loja um senhor velho e magro, enfurecido, e pergunta: “É a senhora a dona desta loja?” “Sou eu mesma”, responde ela. “Pois nesse caso, minha senhora”, diz ele, “entrei aqui apenas para dizer que eu e a minha família não queremos morrer engasgados à toa; e além disso, há de permitir-me observar que, visto não empregar a senhora carne de primeira no fabrico das suas lingüiças, estas lhe devem sair quase tão baratas quanto botões.” “Quanto botões, senhor!”, exclama ela. “Botões, sim, senhora”, diz o velho, desdobrando um pedaço de papel e mostrando vinte ou trinta metades de botões. “São um tempero excelente para lingüiças, estes botões de calças, minha senhora.” “São os botões do meu marido!” grita a viúva, começando a desmaiar. “O quê?”, exclama o homenzinho, empalidecendo muito. “Agora compreendo tudo”, diz a viúva; “num acesso de loucura temporária ele fez-se em chouriços!” E era verdade, senhor — disse o sr. Weller, olhando firmemente para o semblante aterrorizado do sr. Pickwick —, a não ser que tenha sido colhido pela máquina; mas, fosse como fosse, o certo é que o homenzinho, que sempre gostara muito de salsichas, saiu desesperado da loja e nunca mais se houveram notícias dele!

A narrativa desse comvente episódio da vida doméstica levou o amo e o criado ao escritório do sr. Perker. Lowten, que mantinha a porta semi-aberta, conversava com um homem grosseiramente vestido, de aspecto miserável, com botas sem biqueiras e luvas sem dedos. Havia traços de privações e sofrimentos — quase de desespero — no semblante angustiado e macilento; consciente da sua pobreza, afastou-se para o canto mais escuro do patamar quando o sr. Pickwick se aproximou.

— É muito lamentável — disse o estranho, com um suspiro.

— Muito — aquiesceu Lowten, rabiscando o próprio nome na ombreira da porta e tornando a apagá-lo com as barbas da pena. — Quer deixar recado?

— Quando acha o senhor que ele voltará? — perguntou o estranho.

— Não se sabe — replicou Lowten, piscando para o sr. Pickwick, quando o estranho abateu os olhos para o chão.

— Acha que não valeria a pena eu esperar por ele? — perguntou o outro, alongando os olhos para o escritório.

— Tenho a certeza de que não — replicou o amanuense, passando um pouco mais para o centro da porta. — É certo que não voltará esta semana, e ninguém sabe se voltará na semana que vem, pois, quando Perker sai da cidade, nunca tem pressa de voltar.

— Ele saiu da cidade? — exclamou o sr. Pickwick. — Que coisa lamentável.

— Não vá embora, sr. Pickwick — disse Lowten —, tenho uma carta para o senhor. — O estranho pareceu hesitar, tornou a pregar os olhos no chão, e o amanuense piscou dissimuladamente para o sr. Pickwick, como a dizer-lhe que estava pregando uma peça de primeira ordem, embora o sr. Pickwick não conseguisse entendê-la por nada deste mundo.

— Entre, sr. Pickwick — convidou sr. Lowten. — E então, sr. Watty, quer deixar um recado, ou prefere voltar?

— Peça-lhe que tenha a bondade de deixar dito em que pé está o meu negócio — disse o homem. — Pelo amor de Deus, não se esqueça, sr. Lowten.

— Não, não me esquecerei — replicou o amanuense. — Entre, sr. Pickwick. Bom dia, sr. Watty; belo dia para um passeio, não é? — Vendo que o estranho ainda hesitava, fez um sinal para que Sam Weller seguisse o amo, e fechou-lhe a porta na cara.

— Creio que nunca houve um falido tão cacete desde o começo do mundo! — disse Lowten, atirando a pena ao chão com o ar de um homem insultado. — Não faz ainda quatro anos que a sua causa está na Chancelaria, e diabos me levem se não vem aqui duas vezes por semana para atucanar a gente. Por aqui, sr. Pickwick. O sr. Perker está e eu sei que há de recebê-lo. Faz muito frio — ajuntou, agastado — para a gente perder tempo, na porta, com vagabundos dessa laia! — E, depois de haver remexido com veemência um lume extraordinariamente grande com um tiçoeiro extraordinariamente pequeno, dirigiu-se ao gabinete particular do patrão e anunciou o sr. Pickwick.

— Ah, meu caro senhor — exclamou o pequeno sr. Perker, erguendo-se vivamente da cadeira. — Então, quais são as novidades a respeito da sua causa?

Mais alguma coisa sobre os nossos amigos de Freeman's Court? Sei que não têm dormido. São uns sujeitos espertíssimos; espertíssimos.

Ao terminar, tomou o homenzinho uma enfática pitada de rapé como tributo à esperteza dos srs. Dodson e Fogg.

— São uns grandessíssimos canalhas — disse o sr. Pickwick.

— Sim, sim — tornou o homenzinho —, isto é uma questão de opinião, o senhor sabe, e não discutiremos por causa de palavras; porque é natural que o senhor não encare estes assuntos com olhos de profissional. Pois bem, fizemos tudo o que era necessário. Já contratei o dr. Snubbin.

— É entendido? — perguntou o sr. Pickwick.

— Se é entendido? — replicou Perker. — Que pergunta, meu caro senhor! — O dr. Snubbin é o primeiro entre todos os da profissão. Tem três vezes mais serviço que qualquer advogado; é consultado sobre todos os casos. Não repita isso lá fora; mas nós dizemos — nós, os da profissão — que o dr. Snubbin faz do tribunal o que bem entende.

O homenzinho tomou outra pitada de rapé, ao dar essa informação, e acenou, misterioso, para o sr. Pickwick.

— Eles intimaram os meus três amigos — disse o sr. Pickwick.

— Está visto que haveriam de fazê-lo — replicou Perker. — Testemunhas importantes; viram-no em situação delicada.

— Mas ela desmaiou sozinha — exclamou o sr. Pickwick. — Atirou-se nos meus braços.

— É muito provável, meu caro senhor — replicou Perker —, muito provável e muito natural. Nada mais provável e natural, nada. Mas quem há de demonstrá-lo?

— Intimaram-me também o criado — continuou o sr. Pickwick, mudando de assunto; pois a pergunta do sr. Perker deixara-o meio atrapalhado.

— Sam? — perguntou Perker.

O sr. Pickwick retrucou afirmativamente.

— Naturalmente, meu caro senhor; naturalmente. Eu sabia que eles fariam isso. Eu seria capaz de dizer-lho há um mês atrás. O senhor há de saber que, se quiser tomar pessoalmente a direção dos seus negócios, depois de havê-los confiado ao seu advogado, terá de sujeitar-se também às conseqüências. — A essa altura o sr. Perker se levantou, com dignidade consciente, e sacudiu alguns grãos perdidos de rapé nos bofes da camisa.

— E que pretendem provar, por intermédio de Sam? — perguntou o sr. Pickwick depois de dois ou três minutos de silêncio.

— Que o senhor o mandou à casa da queixosa para fazer-lhe uma oferta de conciliação, penso eu — replicou Perker. — Mas isso não tem muita importância. Não creio que possam arrancar dele muita coisa.

— Também acho que não — concordou o sr. Pickwick, sorrindo, apesar do seu desassossego, à idéia do aparecimento de Sam como testemunha. — E que haveremos de fazer?

— Só podemos fazer uma coisa, meu caro senhor — retrucou Perker. — Inquirir de novo as testemunhas; confiar na eloqüência de Snubbin; atirar poeira aos olhos do juiz; e entregarmo-nos aos jurados.

— E se a sentença, por acaso, for contra mim? — indagou o sr. Pickwick.

O sr. Perker sorriu, tomou uma longa pitada de rapé, remexeu o fogo, encolheu os ombros e permaneceu expressivamente silencioso.

— O senhor quer dizer que, nesse caso, terei de pagar os danos? — perguntou o sr. Pickwick, que observara essa resposta telegráfica com extrema severidade.

Perker atijou de novo, desnecessariamente, o fogo, e respondeu: — Acho que sim.

— Nesse caso, peço licença para comunicar-lhe a minha inalterável determinação de não pagar danos de espécie alguma — disse o sr. Pickwick com muita ênfase. — De espécie alguma, Perker. Nem 1 libra, nem 1 *penny* do meu dinheiro irá parar aos bolsos de Dodson e Fogg. Esta é a minha deliberada e irrevogável determinação. — E desferiu pesado golpe sobre a mesa que tinha à sua frente, para confirmar a irrevogabilidade da sua intenção.

— Muito bem, meu caro senhor, muito bem —olveu Perker. O senhor, naturalmente, sabe o que faz.

— Naturalmente — tornou o sr. Pickwick. — Onde mora o dr. Snubbin?

— Em Lincoln's Inns Old Square — replicou Perker.

— Eu gostaria de vê-lo — declarou o sr. Pickwick.

— Ver o dr. Snubbin! — acudiu Perker, no auge do espanto. — Ora, ora, meu caro senhor é impossível. Ver o dr. Snubbin! Valha-o Deus! Nunca se ouviu uma coisa destas! Ver o dr. Snubbin sem hora marcada e sem pagar antecipadamente a consulta! Não seria possível, meu caro senhor; não seria possível!

O sr. Pickwick, todavia, decidira não só que seria possível mas também que haveria de fazê-lo; e a conseqüência foi que, dez minutos depois de lhe haver assegurado que a coisa era impossível, o advogado o conduzia ao escritório do grande dr. Snubbin.

Era uma sala sem tapetes, de dimensões toleráveis, com uma grande escrivaninha colocada perto da lareira, cujo forro de baeta perdera, havia muito, a cor verde original, e se tornara gradualmente pardacento com a poeira e o tempo, exceto nos lugares em que todos os vestígios da cor natural tinham sido obliterados por manchas de tinta. Sobre a mesa havia numerosos macinhos de papel, amarrados com fitas encarnadas; e, atrás dela, via-se um escrevente já idoso, cujo aspecto nédio e cuja pesada corrente de ouro constituíam imponentes indicações de que era grande e lucrativa a freguesia do dr. Snubbin.

— O doutor está no seu gabinete, sr. Mallard? — perguntou Perker, oferecendo a sua caixa de rapé com toda a cortesia imaginável.

— Está, sim — foi a resposta —, mas está ocupadíssimo. Veja: ainda não deu o seu parecer sobre nenhum destes casos e, no entanto, os emolumentos de todos já foram pagos. — O escrevente sorriu ao dizer isso, e aspirou o rapé com uma volúpia que parecia constituída ao mesmo tempo de paixão pelo rapé e amor aos emolumentos.

— Isto é o que se chama clientela — observou Perker.

— É — tornou o amanuense, apresentando a sua caixa e oferecendo-a com a máxima cordialidade —, e o melhor é que não há ninguém no mundo, exceto eu, capaz de ler a letra do doutor, de modo que os clientes são obrigados a esperar pelos seus pareceres até que eu os copie, ah, ah, ah!

— O que é assaz proveitoso para certa pessoa que nós conhecemos e que assim tira deles mais alguma coisa, hein? — disse Perker.

— Ah, ah, ah! — E o escrevente desatou a rir outra vez; não uma ruidosa gargalhada, mas um sorriso silencioso, interior, que o sr. Pickwick não gostou de ouvir. Quando um homem sangra interiormente, é um perigo para si; mas, quando ri interiormente, é um perigo para os outros.

— Ainda não me fez a lista dos honorários que lhe devo? — perguntou Perker.

— Não, ainda não fiz — respondeu o escrevente.

— Pois eu gostaria que fizesse — voltou Perker. — Entregue-ma, e eu lhe mandarei um cheque. Mas anda com certeza muito ocupado em embolsar o

dinheiro de contado para pensar nos devedores, hein? Ah, ah, ah! — O gracejo pareceu fazer umas cócegas no escrevente, e ele tornou a deliciar-se com um risinho todo íntimo.

— Mas, sr. Mallard, meu caro amigo — disse Perker, recuperando subitamente a gravidade e levando para um canto o grande auxiliar do grande homem, pela lapela da casaca —, o senhor precisa persuadir o doutor a receber-nos, a mim e a este meu cliente.

— Francamente — tornou o outro —, essa é muito boa. Ver o doutor! Que absurdo! — A despeito, porém, do absurdo da proposta, deixou-se o escrevente levar para um canto em que não fosse ouvido pelo sr. Pickwick; e, depois de breve conversação, travada em tom sussurrante, atravessou, de mansinho, um corredor escuro e penetrou o santuário do lumieiro das leis, de onde voltou logo depois para informar o sr. Perker e o sr. Pickwick de que lograra persuadir o doutor, sem embargo de todas as normas e praxes estabelecidas, a recebê-los imediatamente.

O dr. Snubbin era um homem com cara de lanterna, muito pálido, que pendia dos 45 anos, ou — como dizem os romances — que poderia ter cinqüenta. Tinha os olhos baços que a miúdo se encontram nas cabeças das pessoas votadas, anos a fio, a estudos enfadonhos e laboriosos; e que teriam bastado, sem a luneta adicional que lhe pendia de larga fita preta à volta do pescoço, a revelar-lhe aos estranhos a excessiva miopia. Os cabelos eram raros e finos, o que se poderia atribuir em parte ao fato de nunca haver dedicado muito tempo ao seu arranjo e, em parte, ao fato de haver usado, durante 25 anos, a peruca forense que se via pendurada numa cabeça de pau, ao seu lado. Os vestígios do empoadado na gola da casaca e a gravata mal lavada e pior atada, em torno do pescoço, mostravam que não tivera tempo, desde que saíra do tribunal, para mudar de roupa; ao passo que o desalinho em que se via o restante do seu fato permitia concluir que a sua aparência pessoal não teria melhorado muito se o tivesse feito. Livros de Direito, montes de papéis e cartas abertas jaziam espalhados sobre a mesa, sem qualquer tentativa de ordem nem de arrumação; a mobília da sala era velha e desconjuntada; as portas da estante apodreciam ao nível das dobradiças; o pó se erguia do tapete, em pequenas nuvens, a cada passo; as cortinas tinham sido amarelecidas pela sujeira e pelo tempo; o estado de todas as coisas evidenciava, com iniludível clareza, que o dr. Snubbin andava tão ocupado com os seus negócios profissionais que não dispensava grande atenção às suas comodidades pessoais.

O doutor escrevia ao entrarem os clientes; inclinou-se, absorto, quando o sr. Pickwick foi apresentado pelo seu advogado; e, logo, indicando-lhes uma cadeira, colocou a pena cuidadosamente no tinteiro, cruzou a perna esquerda e esperou que lhe dirigissem a palavra.

— O sr. Pickwick é o réu no processo Bardell e Pickwick, dr. Snubbin — disse Perker.

— Fui contratado para esse caso, não fui? — perguntou o doutor.

— Foi, sim, senhor — replicou Perker.

O doutor acenou com a cabeça e ficou à espera de novas informações.

— O sr. Pickwick estava ansioso por lhe falar, dr. Snubbin — disse Perker —, a fim de declarar-lhe, antes que o senhor começasse a tratar do caso, que ele nega a existência de qualquer fundamento, de qualquer pretexto para a ação que lhe foi movida; e que, se não pudesse entrar no tribunal com as mãos limpas, e com a mais escrupulosa convicção de que lhe assiste o direito de contrariar as pretensões da autora, nem sequer se apresentaria lá. Creio haver exposto corretamente os seus pontos de vista; não é verdade, meu caro senhor? — perguntou o homenzinho, voltando-se para o sr. Pickwick.

— Exatamente — replicou esse cavalheiro.

O dr. Snubbin desdobrou a luneta, ergueu-a à altura dos olhos e, depois de olhar com grande curiosidade para o sr. Pickwick durante alguns segundos, voltou-se para o sr. Perker e perguntou, com leve sorriso:

— É boa a causa do sr. Pickwick?

O advogado deu de ombros.

— Pretende chamar testemunhas?

— Não.

O sorriso do doutor acentuou-se mais ainda; balançou a perna com redobrada violência; e, reclinando-se na poltrona, tossiu dubiamente.

Estas mostras dos seus pressentimentos, se bem que muito leves, não passaram despercebidas ao sr. Pickwick. Arrumou os óculos, através dos quais observara, atento, o que o advogado houvera por bem patentear dos seus sentimentos, com mais firmeza sobre o nariz; e disse, com muita energia, desatendendo completamente a todas as piscadelas e franzimentos de rosto admonitórios do sr. Perker:

— O meu desejo de vê-lo, senhor, a respeito deste assunto, há de, sem dúvida, parecer extraordinário para quem tem, como o senhor, tão grande prática de negócios semelhantes.

O doutor procurou olhar gravemente para o fogo mas o sorriso voltou-lhe.

— Os cavalheiros da sua profissão — continuou o sr. Pickwick — vêem o lado pior da natureza humana. Todas as suas disputas, todas as suas cóleras e todos os seus ódios apresentam-se diante dos senhores. Ensinou-lhes a experiência do júri (e digo-o sem querer afrontá-los, nem ao senhor nem aos outros) quanta coisa depende do efeito, e os senhores inclinam-se a atribuir aos outros o desejo de empregar, com propósitos fraudulentos e egoístas, os mesmos processos de que os senhores, por uma questão de honestidade, e em benefício de suas causas, e com o louvável desejo de fazer o máximo pelos seus clientes, conhecem tão bem a têmpera e o valor, à força de os empregarem constantemente. Creio, de fato, que a essa circunstância se deve atribuir a noção vulgar, mas generalizada, de que os senhores são, como classe, suspeitosos, desconfiados e muito cautelosos. Côncio como estou da desvantagem de lhe fazer semelhante declaração, nas presentes circunstâncias, vim aqui porque desejo que compreenda, como disse o meu amigo, o sr. Perker, que estou inocente da falsa acusação que me assacaram; e, muito embora eu dê perfeitamente tento do valor inestimável da sua assistência, peço licença para acrescentar que, se o senhor não acreditar sinceramente nisto, prefiro ver-me privado do auxílio dos seus talentos a fruir das vantagens que eles possam proporcionar-me.

Muito antes de concluir-se este discurso que, somos obrigados a dizê-lo, era de uma natureza muito prolixa para o sr. Pickwick, recaíra o doutor em suas abstrações. Volvidos, porém, alguns minutos, durante os quais tornara a pegar da pena, pareceu dar outra vez pela presença dos clientes; erguendo a cabeça do papel, perguntou meio agastado:

— Quem é que está comigo neste caso?

— O sr. Phunky, dr. Snubbin — replicou o advogado.

— Phunky, Phunky — disse o doutor. — Nunca ouvi esse nome. Há de ser muito moço.

— É, é muito moço — replicou o advogado. — Há poucos dias defendeu a sua primeira causa. Deixe-me ver... Não faz ainda oito anos que está no Tribunal.

— Eu já imaginava — disse o doutor com o tom em que as pessoas comuns falam de uma criancinha desamparada. — sr. Mallard, mande chamar o sr.... o sr....

— Phunky — Holborn Court, Gray's Inn — acudiu Perker. (Holborn Court, a propósito, é hoje South Square.)

— Sr. Phunky, e diga que eu estimaria vê-lo aqui, por um instante.

O sr. Mallard partiu para executar a sua tarefa; e o dr. Snubbin recaiu na abstração até que o sr. Phunky em pessoa foi apresentado.

Embora fosse um advogado novo, era um homem adulto. Tinha gestos nervosíssimos e hesitava penosamente ao falar, o que não parecia ser um defeito natural mas, antes, o resultado da timidez, proveniente do fato de ser “posto de lado” por falta de recursos, de interesse, de relações, de impudência, ou de qualquer outra coisa. Sentia-se esmagado pelo doutor e desmanchava-se em cortesias para com o advogado.

— Ainda não tive o prazer de conhecê-lo, sr. Phunky — disse o dr. Snubbin, com altiva condescendência.

O sr. Phunky inclinou-se. Ele tivera o prazer de conhecer o doutor, e de invejá-lo também, com toda a inveja de um homem pobre, durante oito anos e um quarto.

— Eu soube que o senhor vai ajudar-me neste caso — prosseguiu o doutor.

Se fosse um homem rico, teria o sr. Phunky mandado chamar o seu escrevente para informá-lo a esse respeito; se fosse um homem esperto, teria levado o indicador à testa e procurado lembrar se, na multiplicidade dos seus compromissos, assumira aquele também; mas, como não era nem rico nem esperto (pelo menos nesse sentido), purpurejou-se todo e inclinou-se.

— Leu as peças do processo, sr. Phunky? — perguntou o doutor.

A essa altura, novamente, o sr. Phunky deveria ter declarado que se esquecera completamente dos méritos da causa; mas, como havia lido todas as peças do processo que lhe haviam sido entregues e não pensara em outra coisa, nem andando nem dormindo, durante os dois meses em que fora contratado para ajudar o dr. Snubbin, ficou mais vermelho ainda e tornou a inclinar-se.

— Este é o sr. Pickwick — disse o doutor, agitando a pena na direção em que se encontrava aquele cavalheiro.

O sr. Phunky cumprimentou o sr. Pickwick com uma reverência que deve sempre inspirar o primeiro cliente, e tornou a inclinar a cabeça na direção do chefe.

— O senhor poderia sair com o sr. Pickwick — disse o doutor — e... e... e... ouvir tudo o que o sr. Pickwick quiser comunicar-lhe. Depois,

naturalmente, teremos uma conferência. — Com esta insinuação de que já lhe haviam tomado muito tempo, o dr. Snubbin, que se tornara cada vez mais abstrato, levou a luneta aos olhos por um instante, fez um leve cumprimento geral e tornou a mergulhar no caso que tinha à sua frente; o qual nascera de uma demanda interminável, resultante do ato de um indivíduo que morrera havia um século, obstruindo um atalho que ligava um lugar de onde ninguém vinha a outro lugar para onde ninguém ia.

O sr. Phunky não quis passar por nenhuma porta pela qual o sr. Pickwick e o seu advogado não o tivessem precedido, de sorte que levaram algum tempo para chegar ao largo; e, quando lá chegaram, puseram-se a andar de um lado para outro, e tiveram uma longa conferência, depois da qual chegaram à conclusão de que era difícilimo prever qual seria o veredicto; ninguém poderia atrever-se a prognosticar o resultado de um processo; eles tinham sido muito felizes em impedir que a parte contrária contratasse o dr. Snubbin; e outros tópicos de dúvida e consolação, habituais em casos semelhantes.

O sr. Weller foi despertado pelo amo de um doce sono de uma hora; e, despedindo-se de Lowten, voltaram para a City.

CAPÍTULO XXXII

EM QUE DESCREVE, MUITO MAIS CIRCUNSTANCIADAMENTE DO QUE JÁ O FEZ ALGUM JORNAL DA CORTE, UMA FESTA DE RAPAZES DADA PELO SR. BOB SAWYER EM SEUS APOSENTOS, NO BOROUGH.

HÁ UMA CERTA TRANQUILIDADE NA RUA LANT, no Borough, que incute uma doce melancolia na alma da gente. Trata-se de uma travessa, de consoladora monotonia, em que há sempre grande número de casas para serem alugadas. Uma casa na rua Lant não receberia a denominação de residência de primeira ordem, no sentido exato da expressão; sem embargo, é um lugar assaz apetecível. Se um homem desejasse divorciar-se do mundo, ficar fora do alcance de quaisquer tentações, fugir da possibilidade de algum induzimento a olhar pela janela, deveria, sem dúvida alguma, procurar a rua Lant.

Colonizam o ditoso retiro algumas engomadeiras, um punhado de encadernadores que trabalhavam por dia, um ou dois beleguins, diversos funcionários subalternos das docas, uma mão-cheia de modistas e uns poucos alfaiates, que trabalhavam de empreitada. A maioria dos habitantes ou emprega as suas energias no aluguel de quartos mobiliados ou se dedica ao saudável e revigorante mister de calandrar. As principais características da natureza morta da rua são os postigos verdes, os anúncios de aluguel, as chapas de cobre das portas e os punhos das campainhas; os principais espécimes da natureza viva são o moço da taberna, o vendedor de doces e o vendedor de batatas cozidas. A população, migratória, desaparece habitualmente na época da cobrança dos aluguéis e quase sempre durante a noite. As rendas de Sua Majestade raro se recolhem nesse ditoso vale; os aluguéis são dúbios; e a água é freqüentemente cortada.

O sr. Bob Sawyer enfeitava um dos lados da lareira, na sala da frente do seu primeiro andar, no começo da tarde para a qual convidara o sr. Pickwick; e o sr. Ben Allen o outro. Os preparativos para a recepção das visitas pareciam

completos. Os guarda-chuvas, no corredor, haviam sido amontoados num cantinho, atrás da porta que abria para a sala; a touca e o xale da criada tinham sido removidos da rampa da escada; e não havia mais de dois pares de galochas no capacho da porta da rua, e uma vela de cozinha com um ladrão muito comprido ardia alegremente no parapeito da janela. O sr. Bob Sawyer fora pessoalmente comprar as bebidas numa adega de High Street, e voltara acompanhando o portador, a fim de obviar à possibilidade de serem entregues na casa errada. O ponche estava pronto numa tigela vermelha, no quarto de dormir; uma mesinha, coberta com um pano de baeta verde, fora trazida da sala para um jogo de cartas; e os copos do estabelecimento, junto com os outros que haviam sido obtidos por empréstimo na taberna, achavam-se todos dispostos numa bandeja, colocada no patamar da escada.

Sem embargo da natureza altamente satisfatória de todos esses arranjos, uma nuvem toldava o rosto do sr. Bob Sawyer, assentado ao pé da lareira. Uma expressão de simpatia animava os traços do sr. Ben Allen, enquanto esguardava, atentamente, as brasas; e um acento melancólico se lhe notava na voz ao dizer, depois de longo silêncio:

— Foi, de fato, um azar que ela desse para abespinhar-se precisamente hoje. Poderia, pelo menos, ter esperado até amanhã.

— Aí é que está a maldade dela, aí é que está a maldade dela — volveu, com veemência, o sr. Bob Sawyer. — Declarou que, se posso dar uma festa, devia poder também pagar-lhe a maldita “continha”.

— Há quanto tempo corre ela? — perguntou o sr. Ben Allen. Uma conta, digamo-lo de caminho, é a mais extraordinária locomotiva que já produziu o engenho humano. Seria capaz de correr uma existência inteira sem nunca parar por sua livre e espontânea vontade.

— Há uns três ou quatro meses, só — replicou o sr. Bob Sawyer.

Ben Allen tossiu com desalento e dirigiu um olhar perscrutador ao espaço compreendido entre os dois varões do fogão.

— Seria desagradabilíssimo se ela cismasse de enxotá-lo quando estivessem aqui as visitas, não seria? — perguntou o sr. Ben Allen, por fim.

— Seria horrível — replicou Bob Sawyer —, horrível.

Ouviu-se uma pancadinha à porta da sala. O sr. Bob Sawyer olhou expressivamente para o amigo e mandou entrar quem batia; e uma rapariga suja, de chinelos e meias pretas de algodão, que poderia passar pela filha

desamparada de um trapeiro inválido em péssimas condições de fortuna, enfiou a cabeça pelo vão da porta e anunciou:

— Com licença, sr. Sawyer, a sra. Raddle quer falar com o senhor.

Antes que o sr. Bob Sawyer pudesse dar uma resposta, a rapariga sumiu-se, de supetão, com um sobressalto, como se alguém lhe tivesse dado, por trás, violento puxão; e assim que se verificou essa misteriosa retirada, ouviu-se outra pancada à porta, seca e imperativa; que parecia dizer: “Aqui estou eu, e quero entrar!”.

O sr. Bob Sawyer dirigiu ao amigo um olhar de abjeta apreensão, e tornou a gritar: “Pode entrar”.

A permissão era absolutamente desnecessária, pois, antes de o sr. Bob Sawyer haver pronunciado essas palavras, uma mulherzinha feroz precipitou-se na sala, trêmula de cólera e pálida de raiva.

— Sr. Sawyer — disse a mulherzinha feroz, procurando parecer muito calma —, eu lhe ficaria muito obrigada se o senhor quisesse liquidar aquela minha continha, pois tenho de pagar hoje à tarde o aluguel, e o meu senhorio está lá embaixo. — A mulherzinha esfregou as mãos e fitou os olhos, por cima da cabeça do sr. Bob Sawyer, na parede que lhe ficava atrás.

— Sinto imensamente causar-lhe algum dissabor, sra. Raddle — disse Bob Sawyer, deferente —, mas é que...

— Dissabor nenhum — replicou a mulherzinha com um risinho sibilante. — Eu não precisava do dinheiro até hoje; pois, como tinha de ir diretamente para o meu senhorio, não fazia mal que o senhor o guardasse para mim. O senhor prometeu pagar-me hoje à tarde, sr. Sawyer, e todos os cavalheiros que moraram aqui cumpriam a sua palavra, como, aliás, deve fazê-lo quem quer que se intitule cavalheiro. — A sra. Raddle sacudiu a cabeça, mordeu os lábios, esfregou as mãos com mais força e olhou mais de fito a parede. Era evidente, como o observou depois, num estilo de alegoria oriental, o sr. Bob Sawyer, que ela estava “começando a esquentar”.

— Sinto muito, sra. Raddle — disse Bob Sawyer com toda humildade imaginável —, mas o caso é que sofri hoje uma decepção na cidade. Extraordinário lugar é a cidade. Um número espantoso de homens está sempre sofrendo lá uma série de decepções.

— Muito bem, sr. Sawyer — disse a sra. Raddle, firmemente plantada sobre uma couve-flor encarnada do tapete —, e que tenho eu com isso?

— Eu... eu... eu não tenho dúvidas, sra. Raddle — disse Bob Sawyer, sem dar atenção à última pergunta —, de que antes do meado da semana que vem poderemos liquidar as nossas contas e continuar, depois, com um sistema melhor.

Era exatamente isso o que queria a sra. Raddle. Ela havia subido aos aposentos do infeliz Bob Sawyer tão decidida a enfurecer-se que o pagamento, muito provavelmente, a teria mais desapontado que alegrado. Estava, com efeito, muitíssimo bem disposta para um pequeno desaforo desse gênero, pois acabara de trocar alguns cumprimentos introdutórios na cozinha com o sr. Raddle.

— O senhor imagina, sr. Sawyer — disse a sra. Raddle, erguendo a voz, para informação dos vizinhos —, o senhor imagina que eu vou deixar, dia após dia, um sujeito ocupar os meus quartos sem nunca pensar em pagar aluguel, nem sequer o dinheiro gasto com a manteiga fresca e o torrão de açúcar para o seu almoço, e o próprio leite comprado na porta para ele? O senhor imagina que uma mulher honesta e trabalhadeira, que mora há vinte anos nesta rua (dez na casa defronte e nove anos e nove meses nesta aqui), não tem mais que fazer senão matar-se de tanto trabalho por amor de uma rédua de vadios que vivem fumando, bebendo e preguiçando, quando deviam dar graças a Deus de poder fazer alguma coisa que os ajudasse a pagar as suas contas? O senhor...

— Minha boa senhora — sobreveio o sr. Benjamim Allen, conciliativo.

— Tenha a bondade de guardar para si as suas observações — disse a sra. Raddle, detendo, subitamente, a sua rápida torrente de palavras; e dirigindo-se ao interruptor com lentidão e solenidade impressionantes. — Não me consta que o senhor tenha o direito de se dirigir à minha pessoa. Não me parece que eu tenha alugado estes quartos para o senhor.

— Não, por certo que não — retorquiou o sr. Benjamim Allen.

— Muito bem — tornou a sra. Raddle com altiva polidez. — Será melhor, portanto, que se limite a quebrar os braços e as pernas dos coitados que aparecem nos hospitais, e se recolha à sua insignificância, se não quer que outras pessoas aqui o obriguem a isso.

— Mas a senhora é uma mulher tão desarrazoada — obtemperou o sr. Benjamim Allen.

— Peço-lhe perdão, moço — disse a sra. Raddle, a suar frio de raiva. — Mas quer ter a bondade de repetir o que acaba de me dizer?

— Eu não empreguei a palavra em sentido ofensivo, minha senhora — replicou o sr. Benjamim Allen, que principiava a sentir-se algo intranquilo também.

— Peço-lhe perdão, moço — exigiu a sra. Raddle em tom mais alto e mais imperativo. — Mas quem foi que o senhor chamou de mulher? Foi a mim que dirigiu a sua observação?

— Ora essa! Valha-me Deus! — exclamou o sr. Benjamim Allen.

— Foi a mim que dirigiu essa palavra, estou-lhe perguntando? — insistiu a sra. Raddle, com grande ferocidade, escancarando a porta.

— Pois está claro que sim — replicou o sr. Benjamim Allen.

— Está claro que sim — disse a sra. Raddle recuando gradativamente para a porta e levantando a voz ao tom mais alto, em benefício especial do sr. Raddle, que estava na cozinha. — Sim, está claro que sim. E toda gente sabe que pode insultar-me à vontade, em minha própria casa, ao passo que meu marido fica dormindo lá embaixo, importando-se tanto comigo como se eu fosse um cachorro da rua. Ele devia envergonhar-se (e, nessa altura, a sra. Raddle soluçou) de permitir que a esposa seja tratada desse jeito por uma cáfila de açougueiros de carne humana, que desonram a casa (novo soluço), e deixá-la exposta a toda a sorte de afrontas; um poltrão, um maricas, um homem sem coração, que tem medo de subir e enfrentar uns troca-tintas... que tem medo... que tem medo mesmo de subir! — a sra. Raddle fez uma pausa para verificar se a repetição do insulto havia despertado a sua cara-metade; e, verificando que fora malsucedida, pôs-se a descer as escadas com soluços inumeráveis, quando se ouviu uma dupla e forte pancada à porta da rua; em vista do que rompeu numa crise nervosa de choro, acompanhada de gemidos medonhos, que se prolongaram até que as pancadas se repetiram seis vezes, e então ela, num repente irresistível de agonia mental, atirou ao chão todos os guarda-chuvas e desapareceu na sala dos fundos, fechando a porta atrás de si com pavoroso estrondo.

— É aqui que mora o sr. Sawyer? — perguntou o sr. Pickwick, quando a porta se abriu.

— É — redargüiu a rapariga —, primeiro andar. É a porta que fica em frente quando a gente chega ao topo da escada. — Prestada a informação, a criada educada entre os aborígenes de Southwark desapareceu, com a vela na mão, pela escada da cozinha, perfeitamente convencida de que fizera tudo quanto dela se poderia exigir naquelas circunstâncias.

O sr. Snodgrass, que entrou por último, fechou a porta, depois de vários esforços baldados, com a corrente; e os amigos subiram, tropeçando, escada acima, onde foram recebidos pelo sr. Bob Sawyer, que temera descer com receio de ser apanhado pela sra. Raddle.

— Como têm passado? — perguntou o estudante, confuso. — Prazer em vê-los. Cuidado com os copos. — Esse aviso foi dirigido ao sr. Pickwick, que pusera o chapéu na bandeja.

— Oh, perdão! — disse o sr. Pickwick. — Peço-lhe perdão.

— Não se incomode, não se incomode — acudiu Bob Sawyer. — Ando aqui meio apertado em matéria de espaço, mas a gente tem de relevar essas coisas em casa de um rapaz solteiro. Entrem. Já conhecem este cavalheiro, não conhecem? — o sr. Pickwick apertou a mão do sr. Benjamim Allen e os amigos imitaram-lhe o exemplo. Apenas se haviam assentado quando se ouviu outra pancada dupla.

— Espero que seja Jack Hopkins! — disse o sr. Bob Sawyer. — Psiu! É ele mesmo. Suba, Jack, suba.

Ouviram-se na escada passos pesados e Jack Hopkins apresentou-se. Trazia um colete de veludo preto, com botões relampejantes; e uma camisa de riscas azuis, com colarinho postiço.

— Você chegou atrasado, Jack! — disse Benjamim Allen.

— Fiquei preso no Hospital de São Bartolomeu — replicou Hopkins.

— Alguma novidade?

— Não, nada de especial. Mas apareceu um belo acidente.

— Que foi, senhor? — perguntou Pickwick.

— Um homem que caiu da janela de um quarto andar. Mas é um belo caso, um belíssimo caso.

— O senhor quer dizer que o paciente tem probabilidades de salvar-se? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não — tornou Hopkins, negligente. — Não, acho até que não. Mas deve realizar-se amanhã uma esplêndida operação; um espetáculo magnífico se Slasher operar.

— Considera o sr. Slasher um bom operador? — indagou o sr. Pickwick.

— O melhor do mundo — retrucou Hopkins. — Na semana passada desarticulou a perna de um rapaz; o rapaz comeu cinco maçãs e um bolo de gengibre durante a operação; e exatamente dois minutos e meio depois que esta

terminou, o rapaz declarou que não estava ali para que troçassem dele e que contaria à mãe se não começassem.

— Misericórdia! — exclamou o sr. Pickwick, espantado.

— Ora! Isso não é nada — voltou Jack Hopkins. — Não é mesmo, Bob?

— Absolutamente nada — replicou o sr. Bob Sawyer.

— A propósito, Bob — disse Hopkins, dirigindo um olhar apenas perceptível ao rosto atento do sr. Pickwick —, tivemos ontem à noite um curioso acidente. Levaram-nos uma criança que havia engolido um colar.

— Engolido o que, senhor? — interrompeu o sr. Pickwick.

— Um colar — retorquiu Jack Hopkins. — Mas não todo de uma vez, o senhor sabe, seria demais; o senhor é que não engoliria uma coisa dessas, ainda que a criança o tivesse feito, hem, sr. Pickwick? ah! ah! — O sr. Hopkins pareceu satisfeitiíssimo com a própria piada; e continuou: — Não, o caso foi assim: os pais da criança são uma pobre gente que mora num pátio. A irmã mais velha da criança comprou um colar; um colar comum, feito de grandes contas pretas de madeira. A criança, que gostava de brinquedos, furtou o colar, escondeu-o, brincou com ele, cortou o fio e engoliu uma conta. Achando aquilo divertidíssimo, voltou no dia seguinte e engoliu outra conta.

— Santo Deus — disse o sr. Pickwick —, que coisa medonha! Peço-lhe perdão, senhor. Continue.

— No dia seguinte, a criança engoliu duas contas; no outro, engoliu três, depois quatro, e assim por diante, até que, no fim de uma semana, havia engolido o colar inteiro: 25 contas ao todo. A irmã, que era uma moça muito econômica, e não gastava dinheiro em enfeites, chorou como um bezerro desmamado a perda do colar; procurou-o por toda a parte; mas é escusado dizer que não o encontrou. Poucos dias depois, a família estava jantando (carneiro cozido com batatas) e a criança, que não tinha fome, brincava pela sala, quando de repente se ouviu um barulhão dos diabos, parecido assim com o de uma chuva de pedras. “Não faça isso, meu filho”, disse o pai. “Eu não estou fazendo nada”, disse a criança. “Pois então não torne a fazê-lo”, disse o pai. Houve uma pequena pausa e, logo, o barulho voltou, pior do que antes. “Se você não atender ao que eu digo, meu filho”, disse o pai, “irá imediatamente para a cama.” Ele sacudiu a criança para ensiná-la a obedecer e ouviu-se então um barulho medonho. “Misericórdia, o negócio está dentro da criança!”, disse o pai; “o menino apanhou crupe no lugar errado!” “Não, não apanhei, papai”, disse o garoto, começando a chorar, é o colar; eu engoli o

colar, papai.” O pai agarrou a criança e correu com ela para o hospital, ao passo que as contas, no estômago do menino, faziam um rumor tremendo com as sacudidelas; e toda a gente se pôs a olhar para cima e a vasculhar as adegas, para ver de onde vinha o som tão esquisito. Ele agora está no hospital — disse Jack Hopkins —, e faz tamanho estrépito quando anda, que foram obrigados a embrulhá-lo no casacão de um enfermeiro, para não acordar os doentes!

— Este é o caso mais extraordinário que já ouvi — disse o sr. Pickwick, desferindo uma enfática pancada sobre a mesa.

— Ora, isso não é nada — disse Jack Hopkins. — Não é mesmo, Bob?

— Está claro que não — replicou o sr. Bob Sawyer.

— Posso assegurar-lhe que ocorrem coisas singularíssimas em nossa profissão — disse Hopkins.

— Não duvido — replicou o sr. Pickwick.

Outra pancada à porta anunciou um rapaz de cabeça grande e peruca preta, que trazia consigo um jovem escorbútico, de casaco comprido. O convidado seguinte foi um cavalheiro de camisa bordada de âncoras cor-de-rosa, seguido de perto por um pálido mancebo com uma corrente de relógio com casquinha. A chegada de uma personagem afetada, de roupas brancas muito limpas e botas de polimento, completou a reunião. A mesinha de baeta verde foi levada para fora; a primeira dose de ponche foi servida, numa jarra branca; e as três horas seguintes foram dedicadas ao vinte-e-um, a 6 *pence* a dúzia, que foi apenas interrompido uma vez por uma disputazinha entre o jovem escorbútico e o cavalheiro de âncoras cor-de-rosa, em cujo decurso o jovem escorbútico manifestou um desejo ardente de puxar o nariz do cavalheiro com os emblemas da esperança; ao passo que este último expressou decidida repugnância em admitir, gratuitamente, insolências do irascível mancebo de semblante escorbútico, ou de qualquer outra pessoa adornada de uma cabeça.

Jogada a última partida, distribuído o lucro e ajustadas as contas das fichas e dos *pence*, para satisfação de todos, o sr. Bob Sawyer tocou a campainha, pedindo a ceia, e os convidados se apertaram pelos cantos ao passo que esta se preparava.

Não foi preparada com tanta facilidade como certas pessoas podem imaginar. Primeiro, foi preciso acordar a rapariga, que adormecera com o rosto sobre a mesa da cozinha; isso levou algum tempo e, quando ela respondeu ao chamado, consumiu-se outro quarto de hora em vãs tentativas para reacender-

lhe no espírito um leve e remoto bruxuleio de razão. O homem ao qual se haviam encomendado as ostras não recebera ordens para abri-las; é uma coisa difícil abrir-se uma ostra com uma faca de mesa ou um garfo de dois dentes; e pouco se aviou por essa maneira. A carne não estava completamente assada; e o presunto (comprado também à salsicharia alemã da esquina) se encontrava em estado semelhante. Havia, contudo, grande quantidade de cerveja numa caneca de folha: e o queijo dava para muito, pois era fortíssimo. De sorte que, de uma forma geral, era a ceia tão boa como geralmente o são essas coisas.

Depois da ceia, colocou-se sobre a mesa outra jarra de ponche, com um maço de charutos e duas garrafas de aguardente. Em seguida, veio uma pausa medonha: e essa pausa medonha foi ocasionada por uma ocorrência muito comum em lugares dessa ordem, mas, sem embargo, assaz embaraçosa.

O fato é que a rapariga estava lavando os copos. O estabelecimento gloriava-se de possuir quatro; não referimos esta circunstância em detrimento da sra. Raddle, pois nunca houve até agora uma casa de hóspedes em que não houvesse falta de copos. Os copos da casa eram finos e delgados e os que haviam sido pedidos por empréstimo à taberna eram grandes, hidrópicos e inchados, cada qual apoiado sobre um enorme pé gotoso. Isso teria bastado para indicar aos circunstantes o verdadeiro pé em que se achavam as coisas; mas a jovem *factotum* obstara à possibilidade de surgir qualquer dúvida no espírito de alguém sobre o assunto, levando embora, à viva força, os copos de todos, muito antes de haverem terminado a cerveja, e declarando audivelmente, a despeito de todas as piscadelas e interrupções do sr. Bob Sawyer, que deviam ser levados para baixo e lavados incontinenti.

É bem mau o vento que não sopra em benefício de ninguém. O homem afetado, com botas de polimento, que baldadamente tentara dizer uma gracinha durante todo o tempo que durou o jogo, percebeu o ensejo e dele se aproveitou. No instante em que os copos desapareceram, principiou a contar uma história comprida sobre uma grande personagem pública, de cujo nome se esquecera, que dera uma resposta felicíssima a outro eminente e ilustre indivíduo que ele jamais conseguira identificar. Discorreu por algum tempo e muito detalhadamente sobre diversas circunstâncias colaterais, remotamente ligadas à anedota em questão, mas não lhe foi possível, por nada do mundo, lembrar, naquele momento, qual fosse a anedota, embora tivesse tido o hábito de contar a mesma história, com muitos aplausos, durante os últimos dez anos.

— Que coisa esquisita! — disse o homem afetado, com as botas de polimento — é extraordinário um esquecimento destes.

— Pois eu lamento que se tenha esquecido — acudiu o sr. Bob Sawyer, relançando à porta a vista ansiosa, pois imaginara ter ouvido o ruído de copos —, lamento muito.

— Eu também — retrucou o homem afetado —, porque sei que ela teria proporcionado enorme divertimento. Não se incomode; acho que conseguirei lembrar-me dela nesta meia hora.

O homem afetado chegou a esse ponto exatamente no instante em que voltaram os copos; e o sr. Bob Sawyer, que parecera absorto durante todo o tempo, declarou que gostaria muito de ouvir-lhe o fim, pois, segundo lhe parecia, devia ser a melhor história que já ouvira em toda a sua vida.

A vista dos copos devolveu a Bob Sawyer a equanimidade que perdera desde a sua entrevista com a dona da casa. Iluminou-se-lhe o rosto, e ele principiou a sentir-se perfeitamente alegre.

— E agora, Betsy — disse o sr. Bob Sawyer com grande suavidade, e dispersando, ao mesmo tempo, a tumultuosa multidão de copos que a rapariga reunira no centro da mesa. — E agora, Betsy, a água quente; depressa, seja boazinha.

— Eu não posso trazer água quente — replicou Betsy.

— Não pode trazer água quente! — exclamou o sr. Bob Sawyer.

— Não — repetiu a rapariga, com uma sacudida da cabeça que exprimia uma negativa mais decidida do que a mais copiosa linguagem.

— A sra. Raddle disse que eu não devia trazer água quente para o senhor.

A surpresa estampada no rosto dos convivas emprestou nova coragem ao anfitrião.

— Traga a água quente já; imediatamente! — disse o sr. Bob Sawyer com desesperada severidade.

— Não posso — tornou a rapariga. — A sra. Raddle apagou o fogo da cozinha antes de recolher-se e trancou a chaleira.

— Ora, não se incomode, não se incomode. Não se preocupe por uma ninharia dessas — disse o sr. Pickwick, observando o conflito entre as paixões que se retratava na fisionomia de Bob —, a água fria é a mesma coisa.

— A mesmíssima coisa — disse o sr. Benjamim Allen.

— A minha senhoria é sujeita a alguns pequenos acessos de desarranjo mental — explicou Bob Sawyer com um sorriso medonho. — Creio que terei

de mudar-me.

— Não, não faça isso — disse Ben Allen.

— Creio que sim — disse o Bob, com heróica firmeza. — Pagarei o que devo e mudar-me-ei amanhã cedo. — Pobre rapaz! Com que ânsia desejava poder fazê-lo!

Os lamentáveis esforços de Bob para reanimar-se depois do último golpe exerceram uma influência desalentadora sobre os circunstantes, a maior parte dos quais, no intuito de recobrar a alegria, se atirou com extrema cordialidade ao grogue frio, cujos primeiros efeitos perceptíveis foram representados por um recrudescimento de hostilidades entre o jovem escorbútico e o cavalheiro das âncoras cor-de-rosa. Os beligerantes desabafaram, por algum tempo, os seus sentimentos de recíproco desprezo por meio de uma variedade de caretas e de roncões, até que, afinal, o mancebo escorbútico achou necessário chegar a um entendimento mais explícito sobre o assunto, quando então se verificou o seguinte e claro entendimento.

— Sawyer — disse o jovem escorbútico, em voz alta.

— Que foi, Noddy? — replicou Bob Sawyer.

— Eu lamentaria muito, Sawyer — disse o sr. Noddy —, provocar incidentes desagradáveis à mesa de um amigo, especialmente à sua. Lamentaria muito; mas tenho de aproveitar este ensejo para informar o sr. Gunter de que ele não é um cavalheiro.

— E eu lamentaria muito, Sawyer, provocar algum rebuliço na rua em que você mora — disse o sr. Gunter —, mas receio ver-me na precisão de assustar os seus vizinhos atirando pela janela a pessoa que acaba de falar.

— Que foi que o senhor quis dizer com isso? — perguntou o sr. Noddy.

— O que eu disse — replicou o sr. Gunter.

— Pois eu gostaria de ver uma coisa dessas — disse o sr. Noddy.

— O senhor não há de vê-la, há de experimentá-la daqui a pouco — tornou o sr. Gunter.

— Peça-lhe o favor de me dar o seu cartão, senhor — disse o sr. Noddy.

— Não lhe darei coisa nenhuma, senhor — replicou o sr. Gunter.

— Por que não, senhor? — indagou o sr. Noddy.

— Por que o senhor é capaz de colocá-lo sobre a lareira para fazer crer que recebeu a visita de um cavalheiro — replicou o sr. Gunter.

— Um amigo meu, senhor, irá procurá-lo amanhã cedo — disse o sr. Noddy.

— Agradeço-lhe muitíssimo o aviso, e darei instruções aos criados para que guardem bem os talheres — replicou o sr. Gunter.

Nessa altura intervieram os demais convivas e censuraram o procedimento de ambos os litigantes; o sr. Noddy, porém, pediu licença para declarar que seu pai era tão respeitável quanto o pai do sr. Gunter; ao que o sr. Gunter respondeu que seu pai era tão respeitável quanto o pai do sr. Noddy, e que o filho do seu pai valia tanto, em todos os dias da semana, quanto o sr. Noddy. Como essa declaração parecesse preludiar o reinício da disputa, voltaram a interferir os circunstantes, seguindo-se grande quantidade de palavras e de gritos, durante a qual o sr. Noddy permitiu que os seus sentimentos lhe levassem gradativamente a melhor, e confessou que sempre votara dedicada afeição ao sr. Gunter. A isso replicou o sr. Gunter que, de uma forma geral, talvez quisesse mais ao sr. Noddy que ao seu próprio irmão; ouvindo isso, o sr. Noddy levantou-se magnânimo da cadeira e estendeu a mão ao sr. Gunter. O sr. Gunter apertou-a com terno entusiasmo; e toda gente declarou que a discussão fora muito honrosamente conduzida por ambas as partes disputantes.

— E agora — disse Jack Hopkins —, para animarmo-nos um pouco, Bob, estou disposto a cantar uma canção. — E Hopkins, incitado pelos aplausos tumultuosos, mergulhou imediatamente no *The King, God Bless Him*, que cantou com toda a força dos seus pulmões, transformando-o numa nova melodia, feita da *Baía de Biscaia* e de *A rã queria voar*. O estribilho era a essência da canção; e, como cada cavalheiro o cantasse no tom que melhor conhecia, o efeito foi, de fato, muito impressionante.

No fim do estribilho da primeira copla, o sr. Pickwick levantou a mão, numa postura atenta, e disse, assim que se fez silêncio:

— Psiu! Peço-lhes perdão. Pareceu-me ouvir alguém chamar lá de cima.

Seguiu-se imediatamente profundo silêncio; e observou-se que o sr. Bob Sawyer empalidecia.

— Creio que ouvi outra vez — disse o sr. Pickwick. — Tenham a bondade de abrir a porta.

Apenas se abriu a porta e todas as dúvidas sobre o assunto se dissiparam.

— Sr. Sawyer! Sr. Sawyer! — gritou uma voz do segundo andar.

— É a minha senhoria — disse Bob Sawyer, olhando à sua volta com grande sobressalto. — Sim, sra. Raddle.

— Que significa isto, sr. Sawyer? — tornou a voz, ríspida e rápida. — Já não lhe basta calotear-me no aluguel e no dinheiro que lhe emprestei, e

permitir que me injuriem e me insultem os seus amigos que têm o descoco de se chamarem homens? Ainda por cima, quer atirar-me a casa pelas janelas e fazer um barulho capaz de chamar os bombeiros, às 2 horas da madrugada? Mande embora esses desgraçados.

— Os senhores deviam envergonhar-se — disse a voz do sr. Raddle, que parecia surgir debaixo de uns remotos cobertores.

— Envergonhar-se! — refilou a sra. Raddle. — Por que não desce e não joga todos eles pela escada abaixo? Era o que você faria se fosse um homem.

— Era o que eu faria se fosse doze homens, meu bem — replicou, pacífico, o sr. Raddle —, mas eles são numericamente superiores.

— Que covarde! — replicou a sra. Raddle, com supremo desdém.

— O senhor pretende ou não mandar embora esses desgraçados, sr. Sawyer?

— Eles vão indo, sra. Raddle, eles vão indo — disse o desditoso Bob.

— Acho melhor vocês irem — continuou o sr. Bob Sawyer, voltando-se para os amigos. — Eu sabia que estavam fazendo muito barulho.

— Que coisa lamentável — disse o homem afetado. — Agora que a festa estava ficando boa! — O homem afetado principiava, naquele momento, a recordar-se vagamente da história que lhe esquecera.

— Isso é que é duro de aturar — disse o homem afetado, circungirando os olhos. — Duro de aturar, não é?

— Pois não deve ser aturado — replicou Jack Hopkins. — Vamos cantar outra copla, Bob. Vamos!

— Não, não, Jack, não cante — interveio Bob Sawyer. — É uma canção excelente, mas acho que é melhor não cantarmos a outra copla. Essa gente aqui é muito violenta.

— Quer que eu suba e dê uma surra no proprietário? — perguntou Hopkins. — Ou prefere que eu fique tocando a campainha, ou comece a gemer na escada? Você é quem sabe.

— Agradeço-lhe muito a amizade e a bondade, Hopkins — disse o infelicíssimo sr. Bob Sawyer —, mas acho que o melhor, para evitarmos novas disputas, é separarmo-nos agora.

— E então, sr. Sawyer! — gritou a voz penetrante da sra. Raddle. — Vão ou não vão embora esses animais?

— Eles estão procurando os chapéus, sra. Raddle — disse Bob. — Vão imediatamente.

— Vão! — bradou a sra. Raddle, mostrando a cabeça acima do corrimão da escada, no momento em que o sr. Pickwick, seguido do sr. Tupman, saía da saleta. — Vão! Afinal, por que vieram?

— Minha senhora! — recalcitou o sr. Pickwick, olhando para cima.

— Vá andando, seu velho safado! — replicou a sra. Raddle, tirando, rápida, o barrete de dormir. — Já tem idade bastante para ser avô dele, seu borra-botas! Você é pior do que os outros.

O sr. Pickwick achou que seria inútil protestar; por isso, desceu precipitadamente as escadas e chegou à rua acompanhado de perto pelo sr. Tupman, sr. Winkle e sr. Snodgrass. O sr. Ben Allen, abatidíssimo em virtude das bebidas e da agitação, foi com eles até a ponte de Londres e, no trajeto, confiou ao sr. Winkle, como pessoa especialmente digna de suas confidências, que estava decidido a cortar o pescoço de qualquer cavalheiro, exceto do sr. Bob Sawyer, que aspirasse à afeição de sua irmã Arabela. Tendo expressado a sua determinação de executar esse penoso dever de irmão com a conveniente firmeza, rompeu em soluços, enterrou o chapéu na cabeça e, retrocedendo na intenção de se recolher, foi bater à porta do Mercado do Borough, onde se quedou a cochilar alternadamente nos diversos degraus dessa porta, até o romper do dia, na firme impressão de que morava lá e esquecera a chave.

Havendo partido todas as visitas, em obediência às instantes exigências da sra. Raddle, ficou sozinho o desventurado sr. Bob Sawyer, para meditar sobre os prováveis sucessos do dia imediato e os prazeres daquela noite.

CAPÍTULO XXXIII

NO QUAL O SR. WELLER, SÊNIOR, APRESENTA ALGUMAS OPINIÕES CRÍTICAS ATINENTES À COMPOSIÇÃO LITERÁRIA; E, ASSISTIDO DE SEU FILHO SAMUEL, PAGA UMA PEQUENA PRESTAÇÃO DE SUA DÍVIDA AO REVERENDO CAVALHEIRO DE NARIZ VERMELHO.

A MANHÃ DO DIA 13 DE FEVEREIRO, que o leitor desta autêntica narrativa sabe, tão bem como nós, ser a véspera do dia marcado para o julgamento do processo da sra. Bardell, foi um período de grande atividade para o sr. Samuel Weller, perpetuamente ocupado em correr da Estalagem de Jorge e do Abutre aos escritórios do sr. Perker, e vice-versa, desde as 9 horas da manhã até as 2 da tarde, inclusive. Não que houvesse alguma coisa para se fazer, pois a conferência se realizara e já fora, finalmente, adotada a norma de proceder que havia de ser seguida; mas, como o sr. Pickwick estivesse num estado de agitação extrema, persistia em mandar constantes recadinhos ao seu advogado, em que se continha apenas esta pergunta: “Meu caro Perker. Vai tudo bem?”, que o sr. Perker respondia, invariavelmente: “Meu caro Pickwick. O melhor possível”, sendo o caso que, como já insinuamos, nada podia ir, nem bem nem mal, enquanto não se reunisse o tribunal no dia imediato.

Mas explica-se que as pessoas que recorrem aos tribunais ou a eles são arrastadas à força pela primeira vez experimentem uma irritação e uma ansiedade temporárias; e, dando o devido desconto às fragilidades da natureza humana, Sam obedecia a todas as ordens do amo com o imperturbável bom humor e a impassível compostura que constituíam um dos seus mais notáveis e extraordinários característicos.

Reconfortado com um jantarzinho muito agradável, esperava, no bar, o copo de grogue em que o sr. Pickwick lhe recomendara afogasse as fadigas dos passeios matutinos, quando um menino de seus 3 pés de altura, mais ou menos, com um barrete de peles e um casaco de fustão, cujo porte indicava a louvável

intenção de elevar-se, um dia, à dignidade de moço de cavaliças, entrou no corredor da Estalagem de Jorge e do Abutre e olhou, primeiro, para a escada, depois pelo corredor adentro, depois para o bar, como se estivesse à procura de alguém a quem devesse transmitir um recado; em vista do que a moça do balcão, imaginando não ser improvável que o sobredito recado pudesse destinar-se às colheres de sopa e de chá do estabelecimento, aproximou-se do menino e perguntou:

— Como é, rapazinho? O que é que você quer?

— Há alguém aqui chamado Sam? — perguntou o menino com voz de falsete.

— Sam de quê? — acudiu Sam Weller, olhando à sua volta.

— Como é que eu vou saber? — redargüiu vivamente o rapazinho, debaixo do barrete felpudo.

— Você é muito espertinho — disse o sr. Weller. — Eu, porém, no seu lugar não mostraria tanto a minha esperteza, para que ninguém me roubasse. Que significa essa história de entrar num hotel e perguntar por Sam com a polidez de um selvagem?

— Foi um velho que me mandou aqui — replicou o menino.

— Que velho? — perguntou Sam, com profundo desdém.

— Um que é cocheiro da diligência de Ipswich e que se hospeda em nossa casa — explicou o menino. — Ele me disse ontem de manhã para vir à Estalagem de Jorge e do Abutre hoje à tarde e perguntar por Sam.

— É meu pai, meu bem — disse o sr. Weller, voltando-se com ar explicativo para a moça do balcão. — Com certeza não sabe direito o meu segundo nome. E então, jovem pé-de-couve, que aconteceu?

— Aconteceu — disse o menino — que o senhor precisa ir procurá-lo às 6 horas em nossa casa, porque ele quer falar consigo: no Javali Azul, no Mercado de Leadenhall. Posso dizer a ele que o senhor vai?

— Pode arriscar-se a fazer essa declaração — replicou Sam. E, munido desses poderes, distanciou-se o jovem cavalheiro, acordando todos os ecos de George Yard com várias imitações castas e extremamente corretas, do assobio de um boieiro, apresentadas num tom de riqueza e volume admiráveis.

Havendo obtido licença para ausentar-se, do sr. Pickwick, que, em seu estado de excitação e aborrecimento, não se desagradou de ficar sozinho, partiu o sr. Weller, antes da hora marcada, e, como tivesse muito tempo à sua disposição, foi até Mansion House, onde se deteve e contemplou, com

semblante muito calmo e filosófico, os numerosos regatões e cocheiros de pequenas diligências que se reúnem cerca desse famoso local de concorrência, para maior terror e confusão da população de velhas destes reinos. Tendo vagueado por lá uma meia hora, mais ou menos, voltou-se e principiou a encaminhar os passos para o Mercado de Leadenhall, por uma variedade de travessas e de pátios. Como pretendesse apenas matar o tempo, e parasse para examinar todos os objetos que lhe caíam debaixo das vistas, não é muito de pasmar que se detivesse diante da vidraça de uma pequena papelaria em que se vendiam gravuras; mas o que parece surpreendente é que ele, sem mais explicações, assim que olhou para certas figuras que lá se encontravam expostas, estremecesse violentamente e batesse na perna direita com grande veemência, exclamando, enérgico: — Se não fosse isso, esquecia-me de tudo, e depois já seria muito tarde!

A estampa em que se tinham fixado os olhos de Sam Weller era uma representação violentamente colorida de dois corações humanos, traspassados e unidos por uma seta, que cozinhavam diante de alegre lume, ao passo que dois canibais, um masculino e outro feminino, em trajes modernos, o primeiro de casaca azul e calça branca e o segundo com um vestido vermelho-escuro e uma sombrinha da mesma cor, se aproximavam do petisco com sôfregos olhares, por um caminho tortuoso de cascalho que lá ia ter. Um jovem cavalheiro, evidentemente obscuro, com um par de asas e mais nada, parecia superintender o cozinhado; à distância, via-se uma representação da torre da Igreja de Langham Place, em Londres; e o conjunto constituía uma “valentina”, de que, segundo testificava um cartaz na janela, possuía o papeleiro grande sortimento, que se comprometia, a distribuir aos compatriotas em geral ao preço módico de 1 xelim e 6 *pence* cada um.

— Eu me teria esquecido; eu me teria, sem dúvida, esquecido — disse Sam; e, dizendo isso, entrou imediatamente na papelaria e pediu que lhe fornecessem uma folha do melhor papel de cartas com bordas douradas e uma pena bem aparada com garantia de que não espirrava. Sendo-lhe prontamente entregues esses artigos, dirigiu-se para o Mercado de Leadenhall, a um passo vivo e estugado, muito diverso do passo vagabundo que empregara até então. Circunvagando os olhos, lá deparou com alguma coisa que semelhava, remotamente, um elefante cerúleo de nariz aquilino em lugar de tromba. Conjeturando, com acerto, que devia ser aquele o Javali Azul, entrou no estabelecimento e perguntou pelo genitor.

— Só chegará daqui a uns três quartos de hora, ou mais — disse a jovem que superintendia os arranjos domésticos do Javali Azul.

— Está certo, meu bem — replicou Sam. — Dê-me 9 *pence* de grogue morno e o tinteiro, sim?

Conduzidos o grogue morno e o tinteiro à saletinha, e tendo a jovem achatado, cuidadosamente, as brasas para não arderem e retirado o tiçoeiro, para obviar à possibilidade de serem remexidas, sem prévia obtenção do consentimento e do auxílio do Javali Azul, Sam Weller sentou-se diante de uma mesa perto do fogão e sacou do papel de cartas de bordas douradas e da pena bem aparada. Em seguida, examinando com cuidado a pena para verificar se não tinha barbas, e limpando a mesa, para que não ficassem migalhas de pão debaixo do papel, arregaçou os canhões do casaco, endireitou os ombros e preparou-se para escrever.

Para as senhoras e cavalheiros que não têm o hábito de se dedicarem, praticamente, à caligrafia, o escrever uma carta não é fácil tarefa; pois sempre foi considerado necessário, nesses casos, ao que escreve, reclinar a cabeça sobre o braço esquerdo e colocar os olhos o quanto possível no mesmo nível do papel, formando com a língua, enquanto olha de esguelha para as letras que vai construindo, os caracteres imaginários correspondentes. Embora sejam esses movimentos, sem dúvida, de grande auxílio para a composição original, retardam, de certo modo, os progressos do escritor; e Sam, havia já hora e meia, forcejava por escrever palavras em caracteres pequenos, borrando com o dedo mínimo as letras erradas e escrevendo novas, que precisavam ser muitas vezes repetidas para se tornarem visíveis através dos borrões antigos, quando foi espertado pelo abrir da porta e pela entrada do pai.

— Ora, viva, Sammy — disse o pai.

— Ora, viva, meu Azul da Prússia — respondeu o filho, descansando a pena. — Qual é o último boletim sobre a madrasta?

— A sra. Weller passou muito bem a noite, mas está extraordinariamente perversa e desagradável hoje cedo. Assinado sob juramento, T. Weller, Esquire, Sênior. Foi este o último que se publicou, Sammy — replicou o sr. Weller, desamarrando o xale.

— Ainda não melhorou? — perguntou Sam.

— Agravaram-se todos os sintomas — replicou o sr. Weller, sacudindo a cabeça. — Mas que é isso que você está fazendo? Entregue à dificultosa busca do saber, Sammy?

— Agora já acabei —olveu Sam, algum tanto enleado. — Estive escrevendo.

— Isso percebo eu — replicou o sr. Weller. — Mas espero que não seja para nenhuma rapariga, Sammy.

— Não adianta negar — tornou Sam. — É uma valentina.^[18]

— Uma quê? — exclamou o sr. Weller, aparentemente horrorizado.

— Uma valentina — repetiu Sam.

— Samuel, Samuel — disse o sr. Weller, em tom de reproche. — Nunca imaginei que você fosse capaz de uma coisa dessas. Depois do exemplo das viciosas propensões de seu pai; depois de tudo o que eu lhe disse sobre o assunto; depois de ter visto, em carne e osso, a sua madrasta e de ter estado em companhia dela, o que eu supunha ser uma lição de moral que homem nenhum esqueceria, até morrer! Nunca o imaginei capaz de uma coisa dessas, Sammy, nunca! — Essas reflexões foram demasiado penosas para o bom do velho. Ergueu aos lábios o copo de Sam e bebeu-lhe o conteúdo.

— Mas que aconteceu? — perguntou Sam.

— Não se incomode, Sammy — replicou o sr. Weller —, isso há de ser para mim um desgosto medonho, na minha idade. Mas ainda sou rijo, o que já é um consolo, como observou o peru, muito velho, quando o granjeiro disse que talvez seria obrigado a matá-lo para o levar ao Mercado de Londres.

— Que é que vai ser um desgosto? — inquiriu Sam.

— Vê-lo casado, Sammy; vê-lo transformado numa vítima iludida e achando, em sua inocência, que vai tudo muito bem — replicou o sr. Weller. — É um desgosto horrível para um pai afetuoso, Sammy.

— Isso é besteira —olveu Sam. — Não vou casar-me, não precisa ficar nervoso por causa disso; sei que o senhor é juiz nesses assuntos. Mande buscar o seu cachimbo, que eu leio a carta.

Não podemos dizer exatamente se foi a perspectiva do cachimbo ou a reflexão consoladora de que havia na família uma fatal e irremediável disposição para o casamento que acalmou o sr. Weller e lhe abrandou o desgosto. Incliamo-nos antes a dizer que o resultado foi obtido pela combinação das duas fontes de consolação, pois ele repetiu a segunda, muitas vezes, em voz baixa, tocando, ao mesmo tempo, a campainha, para mandar vir a primeira. Em seguida, despiu o sobretudo, e, acendendo o cachimbo e colocando-se diante do lume, a fim de sentir-lhe todo o calor e poder, ao mesmo passo, recostar-se na lareira, voltou-se para Sam e, com o semblante

assaz dulcificado pela benigna influência do tabaco, pediu-lhe que tocasse para a frente.

Sam mergulhou a pena na tinta, pronto para quaisquer correções, e principiou com uma expressão muito teatral:

— “Encantadora...”

— Pare — ordenou o sr. Weller, tocando a campainha. — Um copo duplo da invariável, meu bem.

— Muito bem, senhor — replicou a rapariga; a qual, com grande presteza, apareceu, sumiu-se, voltou e desapareceu.

— Parecem conhecer muito bem os seus costumes — observou Sam.

— Parecem — tornou o pai. — Já estive aqui algumas vezes. Continue, Sammy.

— “Encantadora criatura” — repetiu Sam.

— Isso não é poesia, não? — interveio o pai.

— Não, não — replicou Sam.

— Ainda bem — disse o sr. Weller. — A poesia não é natural; ninguém fala em versos, a não ser os bedéis em dia de gorjeta, ou os anúncios da graxa de sapatos de Warren, ou do azeite de Rowland, ou essa gentinha à-toa; nunca me caia na asneira de falar em versos, meu filho. Comece de novo, Sammy.

O sr. Weller retomou o cachimbo com solenidade de crítico e Sam começou outra vez, lendo o que segue:

— “Encantadora criatura, sinto-me desgraçado.

— Isso não é bonito — disse o sr. Weller, tirando o cachimbo da boca.

— Não, não é “desgraçado” — observou Sam, erguendo a carta mais perto da luz —, é “envergonhado”, há um borrão aqui. “Sinto-me envergonhado.”

— Agora, sim — disse o sr. Weller. — Continue.

— “Sinto-me envergonhado e completamente em...” Já não sei que palavra é esta — disse Sam, coçando a cabeça com a pena, numa vã tentativa para recordar-se.

— Mas então por que é que você não olha? — perguntou Weller.

— Eu estou olhando — retrucou Sam —, mas há outro borrão aqui. Há um *e*, um *m* e um *d*.

— Enleado, talvez — sugeriu o sr. Weller.

— Não, não é isso — disse Sam —, é embeijado; isso mesmo.

— Pois embeijado já não é uma palavra tão bonita como enleado, Sammy — disse gravemente o sr. Weller.

— Acha que não? — perguntou Sam.

— Acho — replicou o pai.

— Mas não acha que embeijado é mais forte? — inquiriu Sam.

— Talvez seja mais meigo mesmo — disse o sr. Weller, depois de refletir alguns momentos. Continue, Sammy.

— “Sinto-me envergonhado e embeijado ao escrever-lhe, pois você é uma linda pequena e ninguém pode dizer o contrário.”

— Muito bonito esse pensamento — disse o mais velho dos Wellers, tirando o cachimbo da boca para deixar sair a observação.

— E, também me parece que não é mau — observou Sam, muito lisonjeado.

— O que me agrada nesse seu estilo de escrever — tornou o sr. Weller — é que você não chama ninguém de uma porção de nomes: nem Vênus nem nada desse gênero. Que adianta chamar uma rapariga de Vênus ou de anjo, Sammy?

— É isso mesmo — concordou Sam.

— Seria o mesmo que você chamar de dragão, ou unicórnio, ou de brasão real, o que toda gente sabe muito bem que é uma coleção de animais fabulosos — ajuntou o sr. Weller.

— Exatamente — replicou Sam.

— Toque para a frente, Sammy — disse o sr. Weller.

Sam anuiu ao pedido e continuou como segue, ao passo que o pai não parava de fumar, com uma expressão mista de saber e complacência particularmente edificante.

— “Antes de conhecê-la eu pensava que todas as mulheres fossem iguais.

— E são mesmo — observou o sr. Weller, entre parênteses.

— “Mas agora” — continuou Sam —, “agora percebo que grande e incrédulo nabo de miolo mole tenho sido; pois não existe ninguém como você, embora eu goste de você mais que de tudo.” Achei melhor botar bastante força nisso — disse Sam, erguendo os olhos.

O sr. Weller fez um aceno aprovativo de cabeça, e Sam prosseguiu.

— “Aproveito, por isso, o privilégio do dia, minha querida Maria — como fazia o cavalheiro em dificuldades ao sair aos domingos —, para dizer que a primeira e única vez que vi você, o meu coração tirou o seu retrato muito mais

depressa e em cores muito mais bonitas do que poderia fazê-lo a máquina de perfil (de que você talvez já tenha ouvido falar minha querida Maria), ainda que ela tire o retrato e já o coloque num quadro, com moldura e tudo, com um gancho para pendurar em dois minutos e um quarto.”

— Isso já me cheira a poesia, Sammy — disse o sr. Weller, dubitativamente.

— Não, não é — retrucou Sam, continuando a ler muito depressa, para evitar contestações:

— “Aceite-me como o seu valentim, Maria querida, e pense no que eu disse. Minha querida Maria, agora vou acabar.” Pronto — disse Sam.

— Pois acaba meio rombudo, não acha, Sammy? — perguntou o sr. Weller.

— Absolutamente — volveu Sam. — Ela haverá de querer que houvesse mais, e essa é a grande arte de escrever cartas.

— Pois eu acho que você tem alguma razão nisso — disse o sr. Weller —, e eu só quisera que a sua madrastra orientasse a sua conversação pelo mesmo princípio. Não vai assiná-la?

— Aí está a dificuldade — exclamou Sam. — Não sei o que assinar.

— Assine Weller — disse o mais velho dos proprietários sobreviventes desse nome.

— Não serve — tornou Sam. — Nunca se deve assinar uma valentina com o nome da gente.

— Então assine “Pickwick” — disse o sr. Weller. — É um belo nome e fácil de soletrar.

— Exatamente — volveu Sam. — Eu poderia acabar com um verso; que acha o senhor?

— Não gosto disso, Sam — acudiu o sr. Weller. — Nunca conheci um cocheiro respeitável que escrevesse poesias, exceto um, que andou escrevendo uns versos comoventes na véspera de ser enforcado por um assalto na estrada; mas era de Camberwell e, portanto, não serve de regra.

Não houve, porém, despersuadir o filho da idéia poética que lhe ocorrera e que, por isso, assinou a carta desta guisa:

“O amor a pinique,
Pickwick.”

E, tendo-a dobrado de uma forma assaz complicada, escreveu, de viés, num dos cantos, o seguinte endereço: “A Maria, criada, em casa do sr. Nupkin, Prefeito de Ipswich, Suffolk”, e pô-la no bolso, lacrada e pronta para o correio. Concluído este importantíssimo negócio, o sr. Weller, sênior, encetou o assunto para o qual havia convocado o filho.

— O primeiro ponto se refere ao seu patrão, Sammy — disse o sr. Weller. — Vai ser julgado amanhã, não vai?

— Vai.

— Pois bem — disse o sr. Weller —, imagino que precise de algumas testemunhas para darem informações a respeito do seu procedimento, ou para provarem, talvez, um álibi. Andei dando tratos à bola sobre a caso, Sammy, e acho que ele pode ficar tranqüilo. Tenho alguns amigos que farão qualquer uma dessas duas coisas; mas o meu conselho é este: não se incomode com as informações e segure-se com o álibi. Nada como um álibi, Sammy, nada. — O sr. Weller afetou um ar profundo ao dar o seu parecer jurídico; e, mergulhando o nariz numa caneca, piscou, sobre ela, para o filho espantado.

— Mas que quer o senhor dizer com isso? — perguntou Sam. — Acha, por acaso, que ele vai ser julgado por um tribunal criminal?

— Isso não tem nada com a presente consideração, Sammy — replicou o sr. Weller. — Seja julgado onde for, a única coisa que o salva é um álibi. Salvamos Tom Wildspark da forca por assassinio com um álibi, quando todos os advogados diziam que nada poderia salvá-lo. E a minha opinião, Sammy, é que, se o seu patrão não provar um álibi, ficará o que os italianos chamam geralmente encalacrado; é só o que eu digo.

Como o mais velho dos Wellers tivesse a firme e inalterável convicção de que o Old Bailey era a suprema corte de judicatura deste país, e que as suas normas e as suas praxes regulavam as práticas de todos os outros tribunais de justiça, fossem eles quais fossem, desatendeu de todo em todo aos argumentos do filho, que procuravam demonstrar ser inadmissível o álibi; e protestou, com veemência, que o sr. Pickwick estava sendo “vitimizado”. Vendo que não adiantava continuar a discutir, Sam mudou de assunto, e perguntou qual era o segundo ponto, a cujo respeito o seu venerado pai desejava consultá-lo.

— É um pontozinho de política doméstica, Sammy — disse o sr. Weller. — Aquele Stiggins...

— O homem de nariz vermelho? — perguntou Sam.

— Exatamente — redargüiu o sr. Weller. — Aquele homem de nariz vermelho, Sammy, visita a sua madrastra com uma amabilidade e uma constância como nunca vi iguais. É tão amigo da família, Sammy, que, quando está longe, não sossega enquanto não leva alguma coisa que o faça lembrar-se da gente.

— Pois eu, no seu lugar, dava-lhe alguma coisa, assim como aguarrás e cera para lustrar-lhe a memória durante os dez próximos anos, mais ou menos — acudiu Sam.

— Espere um pouco — disse o sr. Weller. — Como eu ia dizendo, ele agora traz sempre uma garrafa achatada, de 1 quartilho e meio, pouco mais ou menos, que enche de aguardente de ananás antes de sair.

— E esvazia-a antes de voltar, com certeza? — perguntou Sam.

— Claro! — replicou o sr. Weller — Só deixa nela a rolha e o cheiro; pode ficar certo, Sammy. Pois bem, os tais sujeitos, meu filho, vão fazer hoje à noite a reunião mensal da Seção de Brick Lane da Grande Associação Unida de Temperança Ebenezer. A sua madrastra ia à reunião, Sammy, mas ficou com reumatismo e não pode ir; e eu, Sammy, eu fiquei com as duas entradas que mandaram a ela. — O sr. Weller comunicou este segredo com grande apazimento e começou a piscar tão infatigavelmente depois de fazê-lo, que Sam principiou a imaginar se o pai não estava com o *tic douloureux* na pálpebra direita.

— E então? — indagou o mancebo

— Então — continuou o seu progenitor, olhando à sua volta com suma cautela —, nós dois lá estaremos, pontualmente. E o pastor substituto não estará, Sammy; e o pastor substituto não estará. — A essa altura, o sr. Weller foi tomado de um paroxismo de gargalhadas, que aos poucos terminou numa quase sufocação.

— Palavra que nunca vi um velho fantasma assim em toda a minha vida — exclamou Sam, esfregando as costas do pai, com entusiasmo suficiente para inflamá-lo pela fricção. — De que é que o senhor está rindo, corpulência?

— Psiu! Sammy — disse o sr. Weller, circunvolvendo os olhos com redobrada cautela, e falando num sussuro: — Dois amigos meus, que trabalham na estrada de Oxford, e topam qualquer parada, tomaram conta do pastor substituto, Sammy; e, quando ele for à Associação Unida Ebenezer (o que há de fazer, pois os meus amigos hão de levá-lo até à porta e empurrá-lo para dentro, se for preciso), estará com o caco muito mais cheio de grogue do que costuma ficar no Marquês de Granby, em Dorking, o que já não é pouco.

— E o sr. Weller voltou a cachinar imoderadamente e, como conseqüência, tornou a ficar num estado de sufocação parcial.

Nada poderia concordar melhor com os sentimentos de Sam que o desmascaramento projetado das verdadeiras propensões e qualidades do homem de nariz vermelho; e, estando muito próxima a hora aprazada para a reunião, puseram-se pai e filho a caminho de Brick Lane, não tendo Sam olvidado de colocar a carta numa agência do correio durante o trajeto.

As reuniões mensais da Seção de Brick Lane da Grande Associação Unida de Temperança Ebenezer realizavam-se numa sala espaçosa, alegre e arejadamente situada no topo de uma escada cômoda e segura. O presidente era o reto sr. Antônio Humm, bombeiro convertido, mudado em mestre de meninos e, de vez em quando, pregador itinerante; e era secretário o sr. Jonas Mudge, negociante de velas de sebo, vaso de entusiasmo e desinteresse, que vendia chá aos membros da associação. Antes de iniciar-se a cerimônia, as senhoras sentavam-se em tamboretas e tomavam chá, até o momento em que julgavam conveniente parar; e um grande cofre de madeira via-se conspicuamente colocado sobre a baeta verde da mesa de trabalho, atrás da qual se erguia o secretário, que agradecia, com um gracioso sorriso, toda e qualquer adição ao rico veio de cobre escondido no cofre.

Nessa ocasião, as mulheres tomavam chá a abarrotar, para o grande horror do sr. Weller, sênior, que, sem dar atenção aos sinais admonitórios de Sam, arregalava os olhos em todas as direções com o mais indisfarçável assombro.

— Sammy — segredou o sr. Weller —, se algumas das pessoas que estão aqui não precisarem de ser esvaziadas amanhã cedo, eu não sou seu pai, isso é que é. Essa velha aqui, perto de mim, está-se afogando no chá!

— O senhor não pode estar quieto? — murmurou Sam.

— Sam — sussurrou o sr. Weller, momentos depois, em tom de profunda agitação —, ouça as minhas palavras, meu filho. Se aquele secretário continuar mais cinco minutos desse jeito, acabará arrebetando de tanta água e tantas torradas.

— Pois deixe-o arrebetar, se quiser — replicou Sam. — O senhor não tem nada com isso.

— Se isto continuar por muito tempo, Sammy — disse o sr. Weller, no mesmo tom de voz —, acharei que é minha obrigação, como ser humano, levantar-me e fazer um discurso para o presidente. Há uma moça dois bancos

adiante que tomou nove chávenas e meia de chá; e ela está inchando visivelmente, diante dos meus próprios olhos.

Não há dúvida de que o sr. Weller teria posto o seu benévolo intento em imediata execução, se um grande estardalhaço de chávenas e pires não indicasse, felizmente, que o chá terminara. Retirada a louça, a mesa revestida de baeta verde foi transportada para o centro da sala, e os trabalhos da noite foram iniciados por um homenzinho enfático e careca, de calção escuro, que subiu inopinadamente a escada, com risco iminente de quebrar as duas perninhas envoltas no calção pardo, e disse:

— Minhas senhoras e meus senhores, proponho que o nosso excelente irmão, o sr. Antônio Humm, assuma a presidência.

As senhoras agitaram uma escolhida coleção de lenços a essa proposta; e o impetuoso homenzinho ergueu literalmente o sr. Humm à cadeira da presidência, tomando-o pelos ombros e atirando com ele sobre um utensílio de mogno que representara, outrora, esse móvel. Renovou-se o agitar de lenços; e o sr. Humm, homem lustroso, de rosto branco, num estado de transpiração perpétua, inclinou-se muito gracioso, para a grande admiração das damas, e assentou-se, com todas as formalidades. Em seguida, o homem de calção escuro pediu silêncio, e o sr. Humm levantou-se e disse que, com a licença dos seus irmãos da Seção de Brick Lane, que lá se encontravam presentes, o secretário passaria a ler o relatório da comissão da Seção de Brick Lane; proposta que foi novamente recebida com uma furiosa agitação de lenços.

Havendo o secretário espirrado de maneira muito expressiva e tendo-se ouvido a tosse que sempre senhoreia uma assembléia quando se vai fazer alguma coisa especial, foi lido o seguinte documento:

RELATÓRIO DA COMISSÃO DA SEÇÃO
DE BRICK LANE DA GRANDE ASSOCIAÇÃO
UNIDA DE TEMPERANÇA EBENEZER

“A vossa comissão prosseguiu em seus gratos trabalhos durante o mês que findou, e tem o indizível prazer de referir os seguintes casos adicionais de conversão à Temperança.

“H. Taylor, alfaiate, esposa e dois filhos. Quando em melhores circunstâncias, confessa ter tido o hábito constante de tomar cerveja de várias qualidades; diz não ter a certeza de não haver provado, durante vinte anos, o

“nariz de cão”, que a vossa comissão verificou, depois de uma série de investigações, ser um composto de cerveja quente, açúcar mascavo, genebra e noz-moscada (um gemido, e a exclamação “É isso mesmo!” de uma mulher de idade). Agora está sem trabalho e sem vintém; acha que isso é consequência da cerveja (aplausos) ou da perda da mão direita; não sabe com certeza do que, mas julga muito provável que, se tivesse bebido somente água durante toda a sua vida, o operário que trabalhava com ele não teria tido oportunidade de espetá-lo com uma agulha enferrujada, fato esse que provocou o acidente (tremendos aplausos). Só tem água fria para beber e nunca tem sede (grandes aplausos).

“Betsy Martin, viúva, com um filho e um olho. Trabalha por dia e lava roupa para fora; nunca teve mais do que um olho, mas sabe que sua mãe bebia cerveja forte em garrafas, e não se admiraria de que fosse essa a causa de ter nascido com um olho só (imensos aplausos). Não considera impossível que, se nunca tivesse bebido nada em sua vida, pudesse ter dois olhos agora (aplausos tremendos). Costumava pedir, em todos os lugares que trabalhava, 18 *pence* por dia, 1 quartilho de cerveja e um copo de aguardente; mas desde que se tornou membro da Seção de Brick Lane tem pedido sempre, em lugar disso, 3 xelins e 6 *pence* (o anúncio desse interessantíssimo fato foi recebido com entusiasmo ensurdecedor).

“Henrique Beller, dirigiu, durante muitos anos, os jantares de várias corporações, e, durante esse período, bebeu grandes quantidades de vinhos estrangeiros; pode ser que tenha levado, às vezes, uma ou duas garrafas para casa; não tem muita certeza disso, mas, se o fez, tem a certeza de lhes haver bebido todo o conteúdo. Sente-se muito abatido e muito triste, tem tido febre, e experimentado uma sede constante; crê que isso há de ser consequência do muito vinho que usava beber (aplausos). Está agora sem emprego, e nunca toca sequer numa gota de vinho estrangeiro (frenéticas aclamações).

“Tomás Burton é o fornecedor de bofes do Lord Mayor dos xerifes e de vários membros do Commom Council (o nome desse cavalheiro foi recebido com um interesse ofegante). Tem uma perna de pau; acha que uma perna de pau é dispendiosa, porque tem de andar em cima de pedras; costumava usar pernas de pau de segunda mão, e tomar um copo de genebra quente com água todas as noites, regularmente, às vezes dois (suspiros profundos). Verificou que as pernas de pau de segunda mão rachavam e apodreciam muito depressa; está firmemente persuadido de que a constituição delas era minada pela genebra

com água (aplausos prolongados). Compra agora pernas de pau novas, e só bebe água e chá fraco. As pernas novas duram duas vezes mais do que as outras, e ele atribui isto unicamente aos seus hábitos de temperança (triumfantes aclamações).”

Em seguida, Antônio Humm propôs que a assembléia se regalasse com uma canção. Para o gáudio racional e moral da assembléia o Irmão Mordim adaptara as belas palavras da canção *Quem não ouviu falar num alegre barqueiro?* à música do salmo número cem, em que pedia aos circunstantes que o acompanhasse (grandes aplausos). Aproveitava-se do ensejo para expressar a sua firme convicção de que, conhecendo os erros de sua existência passada, o sr. Dibdin escrevera essa canção para mostrar as vantagens da abstinência. Era uma canção de temperança (tempestades de aclamações). O aseio dos trajes do mancebo, a sua destreza de remador, o invejável estado de espírito que lhe permitia, segundo as formosas palavras do poeta,

“Remar o dia inteiro, sem pensar em nada”,

tudo concorria para demonstrar que havia de ser um bebedor de água (aplausos). Oh, que estado de virtuosa letícia! (aclamações entusiásticas). E qual era a recompensa do mancebo? Atentassem para o seguinte todos os rapazes presentes:

“Todas as donzelas lhe cercavam prontamente o barco.”

(Vigorosos aplausos, secundados pelas damas.) Que brilhante exemplo! As donzelas apinhadas à volta do jovem barqueiro, incitando-o a seguir a corrente da temperança e do dever. Mas seriam apenas as donzelas humildes que o afagavam, consolavam e sustentavam? Não!

“Ele era o favorito das mais finas damas da cidade.”

(Imensas aclamações). O sexo frágil, como um homem só — perdão, como uma só mulher —, rodeava o jovem barqueiro e fugia, com repugnância, dos bebedores de bebidas alcoólicas (aplausos). Os irmãos da Seção de Brick Lane eram barqueiros (aplausos e risos). Aquela sala era o barco deles; o auditório eram as donzelas; e ele (o sr. Antônio Humm), se bem que indigno, era o favorito das damas (estrandosíssima ovação).

— Que quer ele dizer com essa história de sexo frágil, Sammy? — perguntou o sr. Weller, num sussurro.

— As mulheres — respondeu Sam, no mesmo tom.

— Pois nisso tem razão, Sammy — replicou o sr. Weller. — Elas têm de ser um sexo frágil — um sexo muito frágil — para se deixarem tapear por intrujões como ele.

O indignado velho dispunha-se a fazer novos reparos quando estes foram obstados pelo começo de uma canção, que o sr. Antônio Humm entoou, com dois versos adiantados, para informação dos ouvintes que desconhecessem a letra. Enquanto a cantavam, o homenzinho de calção escuro desapareceu; e voltou logo que ela terminou, e segredou qualquer coisa ao ouvido do sr. Antônio Humm, com uma expressão da mais profunda importância.

— Meus amigos — disse o sr. Humm, erguendo a mão num gesto súplice para pedir silêncio às robustas velhotas que se achavam um ou dois versos atrasadas —, meus amigos, um delegado da Seção de Dorking da nossa Sociedade, o Irmão Stiggins, está esperando lá embaixo.

Novamente se agitaram os lenços, com mais força do que nunca, pois o sr. Stiggins era popularíssimo entre o elemento feminino da Seção de Brick Lane.

— Creio que ele pode aproximar-se — disse o sr. Humm, relanceando a vista à sua roda, com um sorriso gordo. — Irmão Tadger, faça-o entrar para vir cumprimentar-nos.

O homenzinho de calção escuro, que respondia pelo nome de Irmão Tadger, desceu a escada com grande velocidade e, logo depois, ouviram-no subir com o reverendo sr. Stiggins.

— Ele vem vindo, Sammy — murmurou o sr. Weller, muito vermelho, à força de conter o seu desejo de rir.

— Não me diga nada — replicou Sam — senão estouro. Ele está perto da porta. Eu o ouvi bater com a cabeça contra o batente.

Enquanto Sam Weller falava, escancarou-se a portinha, e o Irmão Tadger apareceu, seguido de perto pelo reverendo sr. Stiggins; assim que este entrou, soaram rumorosas palmas, acompanhadas de um entusiástico bater de pés e de um furioso agitar de lenços, manifestações essas a que o Irmão Stiggins agradeceu apenas olhando muito de fito, com os olhos esgazeados e um sorriso fixo, a ponta extrema do morrão da vela que estava sobre a mesa, ao mesmo passo que balançava o corpo de um lado para outro, de forma pouco firme e segura.

— Não se está sentindo bem, Irmão Stiggins? — perguntou num sussurro o sr. Antônio Humm.

— Estou-me sentindo muito bem, senhor — replicou o sr. Stiggins, num tom cuja ferocidade se aliava a uma extrema dificuldade para falar — estou muito bem, senhor.

— Melhor, melhor — respondeu o sr. Antônio Humm, retrocedendo alguns passos.

— Acredito que ninguém aqui tenha ousado dizer que eu não estou muito bem, senhor! — disse o sr. Stiggins.

— Oh, está visto que não — disse o sr. Humm.

— Pois não aconselho que o faça; não aconselho que o faça, senhor — declarou o sr. Stiggins.

A esse tempo já estava o auditório perfeitamente em silêncio e esperava, com alguma ansiedade, o reinício dos trabalhos

— Quer digirir-se à assembléia, irmão? — perguntou o sr. Humm; com um sorriso convidativo

— Não quero — recusou o sr. Stiggins. — Não, senhor. Não quero.

A assembléia entreolhou-se com olhos muito abertos; e correu pela sala um murmúrio de espanto.

— Na minha opinião, senhor — disse o sr. Stiggins, desabotoando a casaca e falando muito alto —, na minha opinião, senhor, esta assembléia está bêbeda. Irmão Tadger! — chamou, de impensado, o sr. Stiggins, com ferocidade crescente, voltando-se para o homenzinho de calção escuro. — O senhor está bêbedo! — E, animado do louvável desejo de promover a sobriedade da assembléia, e excluir dela todos as personagens inconvenientes, atingiu o Irmão Tadger na ponta do nariz com tão precisa pontaria, que o calção escuro desapareceu como um relâmpago. O Irmão Tadger fora atirado, de ponta cabeça, pela escada abaixo.

Em vista disso, puseram-se as mulheres a despedir brados altos e tristes; e, precipitando-se, em pequenos grupos, à roda dos irmãos favoritos, atiraram os braços em torno deles para preservá-los do perigo. Mostra de afeição que foi quase fatal a Humm, pois, sendo este muito popular, foi quase sufocado pela multidão de devotas que se lhe penduraram ao pescoço, e o enterraram debaixo de carícias. Apagou-se a maior parte das luzes e nada se via nem ouvia senão rumores e confusão.

— Agora, Sammy — disse o sr. Weller, tirando o sobretudo com suma deliberação —, desça até a rua e chame um guarda.

— E que é que o senhor vai fazer enquanto isso? — perguntou Sam.

— Não se incomode comigo, Sammy — respondeu o velho. — Vou entreter-me em ajustar uma contas com aquele Stiggins lá. — E, antes que Sam pudesse impedi-lo, o seu heróico progenitor penetrava num canto remoto da sala e atacava o reverendo sr. Stiggins com suma destreza manual.

— Vamos embora! — disse Sam.

— Vamos, avance! — gritou o sr. Weller; e, sem outro convite, pespegou um sopapo preliminar na cabeça do reverendo sr. Stiggins e pôs-se a dançar à volta dele com uma ligeireza perfeitamente maravilhosa para contemplar-se num cavalheiro da sua idade.

Percebendo serem inúteis todas as suas advertências, Sam enterrou o chapéu na cabeça, atirou sobre o braço o sobretudo paterno e, segurando o velho pela cintura, arrastou-o à força pela escada abaixo até a rua — sem largá-lo um instante e sem permitir-lhe que parasse antes de chegarem à esquina. Tendo-a alcançado, puderam ouvir os berros do populacho que assistia à remoção do reverendo sr. Stiggins para um lugar mais seguro por aquela noite; e puderam ouvir o barulho ocasionado pela dispersão, em várias direções, dos membros da Seção de Brick Lane da Grande Associação Unida de Temperança Ebenezer.

CAPÍTULO XXXIV

INTEIRAMENTE CONSAGRADO A UMA COMPLETA E FIEL NARRATIVA DO MEMORÁVEL JULGAMENTO DE BARDELL CONTRA PICKWICK.

— EU GOSTARIA MUITO DE SABER que foi que o presidente do júri, seja ele quem for, comeu hoje ao almoço — disse o sr. Snodgrass, no intuito de manter a conversação, na memorável manhã do dia 14 de fevereiro.

— Ah! — disse Perker. — Espero que tenha sido coisa muito boa.

— Por quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— Porque isso é muito importante; importantíssimo, meu caro senhor — replicou Perker. — Um jurado bom, satisfeito, bem almoçado, é de grande importância para nós. Os jurados descontentes e esfomeados, meu caro senhor, sempre acham que a parte queixosa tem razão.

— Valha-me Deus — observou o sr. Pickwick, muito pálido —, por que fazem isso?

— Não sei — replicou friamente o homenzinho. — Para não perder tempo, creio eu. Quando está próxima a hora do jantar, o presidente consulta o relógio depois que os jurados se retiram para a sala, e diz:

“Misericórdia, senhores, faltam dez minutos para as 5! Eu janto às 5, senhores.” “Eu também”, dizem todos os outros, exceto dois homens que deveriam ter jantado às 3 e que parecem, por isso, meio dispostos a resistir. O presidente sorri e guarda o relógio: “Então, senhores, que resolvemos, o queixoso ou o réu? Quanto a mim, senhores, eu acho que... eu disse que acho... mas não quero que isso influencie os senhores... eu acho que o queixoso tem razão”. Em vista disso, dois ou três outros têm a certeza de que também acham, como é natural; e tudo se arranja, unânime e confortavelmente. Nove e dez! — exclamou o homenzinho, olhando para o seu relógio. — Já é tempo de partirmos, meu caro senhor; violação de promessa de casamento — o tribunal

está geralmente cheio nesses casos. Acho melhor chamar um carro, meu caro senhor, pois, do contrário, chegaremos atrasados.

O sr. Pickwick tocou imediatamente a campainha; e, chegado o carro, os quatro pickwickianos e o sr. Perker, se enfiaram nele e rumaram para Guildhall; Sam Weller, o sr. Lowten e o saco azul dos documentos seguiram num cabriolé.

— Lowten — disse o sr. Perker ao chegarem ao vestíbulo exterior do tribunal —, ponha os amigos do sr. Pickwick na tribuna dos estudantes; sr. Pickwick, será melhor que fique ao pé de mim. É por aqui, meu caro senhor, é por aqui. — Tomando o sr. Pickwick pela manga da casaca, o homenzinho levou-o para o assento que ficava logo abaixo das mesas do Conselho Régio, colocado para a conveniência dos advogados, que podem daí segredar ao ouvido do conselheiro relator do processo as instruções necessárias durante o julgamento. Os ocupantes desse assento são invisíveis para o grande número de espectadores, em razão de estarem num nível muito mais baixo que o dos homens do foro ou do auditório, cujos bancos se elevavam acima do chão. Davam, naturalmente, as costas a ambos e tinham o rosto voltado para o juiz.

— Esse é o compartimento das testemunhas? — perguntou o sr. Pickwick, apontando para uma espécie de púlpito, com grades de cobre, à sua esquerda.

— Esse é o compartimento das testemunhas, meu caro senhor — replicou Perker, desenterrando uma quantidade de papéis do saco azul, que Lowten acabara de depositar aos seus pés.

— E aquele — disse o sr. Pickwick, apontando para dois bancos separados, à sua direita — é o lugar onde ficam os jurados, não é?

— Exatamente, meu caro senhor — replicou Perker, tamborilando na tampa da caixa de rapé.

O sr. Pickwick permanecia em pé, agitadíssimo, e relanceou a vista pela sala. Havia já grande número de espectadores na galeria, e uma numerosa turba de cavalheiros ornados de cabeleiras nas bancadas dos advogados, que apresentavam, em conjunto, a agradável e extensa variedade de narizes e de suíças que tão justamente celebrizou o foro de Inglaterra. Os cavalheiros que tinham um documento para segurar seguravam-no da maneira mais conspícua possível e, de vez em quando, coçavam com ele os seus narizes, a fim de impor o fato mais vigorosamente à observação dos espectadores. Outros, que não tinham documentos para segurar, sobraçavam gordos volumes em oitavo, com títulos vermelhos e capa cor de crosta de pastelão mal assado, tecnicamente conhecida pelo nome de “bezerro da lei”. Outros ainda, que não tinham

documentos nem volumes, enfiavam as mãos nos bolsos e assumiam o ar mais sapiente possível; ao passo que outros corriam para todos os lados, com muita diligência e inquietação, satisfeitos com despertar, dessa maneira, a admiração e o assombro dos espectadores não iniciados. O conjunto, para grande pasmo do sr. Pickwick, dividia-se em grupinhos, que conversavam e discutiam as novidades do dia da maneira mais indiferente possível — como se não estivessem à espera de julgamento nenhum.

Um cumprimento do sr. Phunky, ao entrar e tomar o seu lugar atrás dos assentos destinados ao Conselho Régio, atraiu a atenção do sr. Pickwick; e ele mal o retribuíra, quando apareceu o dr. Snubbin, seguido do sr. Mallard, que trazia escondida metade do doutor atrás de um grande saco vermelho, que ele colocou sobre a mesa, e, depois de apertar a mão de Perker, retirou-se. Entraram, em seguida, mais dois ou três doutores; e, entre eles, um gordo, de rosto carmesim, que cumprimentou amistosamente o dr. Snubbin e disse que estava uma bonita manhã.

— Quem é aquele homem de cara vermelha que disse que está uma bonita manhã e cumprimentou o nosso advogado? — perguntou, num sussurro, o sr. Pickwick.

— O dr. Buzfuz — replicou Perker. — É nosso adversário, o advogado da parte contrária. E o cavalheiro que vem atrás dele é o sr. Skimpin, seu auxiliar.

O sr. Pickwick ia perguntar, indignado com a fria desfaçatez do homem, como o dr. Buzfuz, advogado da parte contrária, se atrevia a dizer ao dr. Snubbin, seu advogado, que a manhã estava bonita, quando foi interrompido pelo levantar-se de todos os advogados de suas respectivas cadeiras, e uma ordem alta de “Silêncio!” dada pelos meirinhos. Relanceando os olhos em torno de si, verificou que isso era causado pela entrada do juiz

O Meritíssimo Juiz Stareleigh (que presidia na ausência do presidente do Tribunal, ocasionada por uma indisposição) era um homem extraordinariamente baixo e tão gordo que parecia ter apenas um rosto e um colete. Entrou aos reboões, sobre duas perninhas cambaias, e, tendo cumprimentado gravemente o tribunal, que, gravemente, lhe retribuiu o cumprimento, enfiou as perninhas debaixo da mesa e o chapéu de três bicos em cima dela; e, depois de haver o meritíssimo juiz feito isso, tudo o que dele se podia ver eram dois olhinhos esquisitos, um rosto enorme, cor-de-rosa, e cerca de metade de uma cabeleira grande e muito cômica.

Assim que o juiz se assentou, o meirinho que estava embaixo gritou “Silêncio!” com voz imperiosa, e, logo, outro meirinho, na galeria, gritou “Silêncio!” com voz zangada, e, em seguida, três ou quatro meirinhos espalhados pela sala gritaram “Silêncio!” com voz indignada. Um cavalheiro de preto, sentado abaixo do juiz, procedeu à chamada dos jurados; e, depois de muito alarido, descobriu-se que apenas dez jurados especiais se achavam presentes. Em vista disso, o dr. Buzfuz requereu suplentes; o cavalheiro de preto acrescentou, então, aos jurados especiais, dois jurados comuns; e um fruteiro e um boticário foram os escolhidos.

— Respondam à chamada, senhores, para que possam prestar o juramento — disse o cavalheiro de preto. — Ricardo Upwitch.

— Presente — respondeu o fruteiro.

— Tomás Groffin.

— Presente — respondeu o boticário.

— Peguem no livro, senhores. Julgarão leal e honestamente.

— Peço perdão a este tribunal — disse o boticário, que era um homem escanifrado e amarelo —, mas espero que este tribunal me escusará de tomar parte na sessão.

— Com que fundamento, senhor? — perguntou o Meritíssimo Juiz Stareleigh.

— Não tenho ajudante, excelência — disse o boticário.

— E eu não tenho nada com isso — replicou o Meritíssimo Juiz Stareleigh. — Devia ter.

— As minhas posses não mo permitem — volveu o boticário.

— Pois deviam permitir, senhor — insistiu o juiz, purpurejando-se; pois o Juiz Stareleigh era, de seu natural, irritável, e não admitia que o contrariassem.

— Eu sei que deviam, se as coisas corressem bem como mereço, mas não correm, Excelência — retrucou o boticário.

— Tome o juramento desse cavalheiro — ordenou o juiz, peremptório.

O meirinho não foi além da frase “Julgarão leal e honestamente”, quando foi de novo interrompido pelo boticário.

— Tenho de prestar mesmo o juramento, Excelência?

— Está visto que tem — retorqüiu o juizinho cabeçudo.

— Muito bem, Excelência — respondeu o boticário, em tom resignado.

— Neste caso haverá mortes antes que se acabe o julgamento; não faz mal.

Tome o meu juramento, por obséquio, senhor — e o boticário prestou o seu juramento antes que o juiz encontrasse palavras para dizer.

— Eu desejava apenas observar, Excelência — disse o boticário ao assentar-se, com suma deliberação —, que não deixei ninguém na botica a não ser um menino de recados. É um menino muito bonzinho, Excelência, mas não conhece drogas; e sei que a impressão preponderante em seu espírito é de que sal de Epson é sinônimo de ácido oxálico e de que xarope de sene é o mesmo que láudano. É só, Excelência. — Dito isto, assumiu uma cômoda posição e, afetando uma expressão agradável, pareceu ter-se preparado para o que desse e viesse.

O sr. Pickwick olhava para o boticário com sentimentos do mais profundo horror, quando percebeu que agitava o tribunal uma leve comoção; e, imediatamente depois, a sra. Bardell, sustentada pela sra. Cluppins, foi introduzida no recinto e colocada, num estado de grande abatimento, na extremidade oposta do banco em que se assentava o sr. Pickwick. Uma sombrinha gigantesca foi, logo, trazida pelo sr. Dodson, e um par de galochas pelo sr. Fogg, cada um dos quais preparara, para aquela ocasião, o semblante mais triste e condoído. A seguir, apareceu a sra. Sanders, trazendo consigo o menino Bardell. À vista do filho, a sra. Bardell estremeceu; de súbito, porém, dominou-se e beijou-o com frenéticos transportes; em seguida, caindo num estado de imbecilidade histérica, a boa senhora pediu que lhe informassem onde estava. Em resposta a isso, a sra. Cluppins e a sra. Sanders viraram a cabeça e puseram-se a chorar, ao mesmo passo que os srs. Dodson e Fogg rogavam à queixosa que serenasse. O dr. Buzfuz esfregou violentamente os olhos com um grande lenço branco, e dirigiu aos jurados um olhar súplice, enquanto o próprio juiz se mostrou visivelmente comovido, e diversos circunstantes procuraram disfarçar, tossindo, a emoção.

— Belíssima idéia, essa, não há dúvida — murmurou Perker ao sr. Pickwick. — Que extraordinários sujeitos esses Dodson e Fogg! Têm planos excelentes para causar efeito, meu caro senhor, excelentes.

Enquanto o sr. Perker falava, a sra. Bardell principiou a recobrar gradativamente o ânimo, ao passo que a sra. Cluppins, depois de cuidadoso exame dos botões do menino Bardell e das casas respectivas, colocou-o no chão do tribunal, diante da mãe — privilegiada posição, em que ele não podia menos de despertar a comiseração e simpatia assim do juiz como do júri. Isso não se fez sem grande oposição e copiosas lágrimas da parte do jovem interessado,

cheio de certas íntimas apreensões de que o colocá-lo diante da vista do juiz era apenas um prelúdio formal de sua imediata expulsão para ser executado ou desterrado para além dos mares até o fim da vida.

— Bardell e Pickwick — gritou o cavalheiro de preto, lendo o nome da causa que encabeçava a lista dos trabalhos do dia.

— Sou o defensor da queixosa, Excelência — disse o dr. Buzfuz.

— Quem o auxilia, dr. Buzfuz? — perguntou o juiz. O sr. Skimpin inclinou-se, para indicar que era ele.

— Sou o defensor do réu, Excelência — disse o dr. Snubbin.

— Alguém o auxilia, dr. Snubbin? — perguntou o magistrado.

— O sr. Phunky, Excelência — replicou o dr. Snubbin.

— O dr. Buzfuz e o sr. Skimpin pela queixosa — disse o juiz, escrevendo os nomes em seu livro de apontamentos, e lendo à proporção que escrevia. — Pelo réu, o dr. Snubbin e o sr. Monkey.

— Peço perdão a Vossa Excelência: Phunky.

— Oh, muito bem — disse o juiz —, eu ainda não tinha tido o prazer de ouvir o nome do cavalheiro. — Nisso, o sr. Phunky inclinou-se e sorriu, e o juiz também se inclinou e sorriu; e o sr. Phunky, corando até o branco dos olhos, buscou fingir não saber que a sala inteira olhava para ele, coisa que ninguém ainda conseguiu e, segundo todas as razoáveis probabilidades, não conseguirá.

— Continue — disse o juiz.

Os meirinhos tornaram a pedir silêncio, e o sr. Skimpin passou a “expor o caso”; mas o caso não parecia ter muito que expor, visto que o advogado guardou inteiramente para si todas as particularidades que sabia, e sentou-se, depois de três minutos, deixando os jurados na mesma situação de adiantado esclarecimento em que se encontravam antes.

Levantou-se então o dr. Buzfuz com a majestosa dignidade que exigia a grave natureza do processo e, depois de murmurar qualquer coisa para Dodson e conferenciar brevemente com Fogg, puxou a toga para os ombros, arrumou a cabeleira e dirigiu a palavra aos jurados.

O dr. Buzfuz principiou dizendo que nunca, em toda a sua experiência profissional — nunca, desde o primeiro momento em que se aplicara ao estudo e à prática da lei —, tomara conhecimento de uma causa com tão profunda comoção ou com tão acentuado senso da responsabilidade que pesava sobre ele — uma responsabilidade que nunca teria sido capaz de suportar se o não

alentasse fortíssima convicção, suficientemente forte para equivaler a uma certeza positiva, de que a causa da verdade e da justiça, ou, em outras palavras, a causa de sua muito agravada e perseguida cliente, deveria impor-se ao espírito elevado e à inteligência dos doze homens que via sentados à sua frente.

Os advogados sempre começam dessa maneira, para deixar os jurados satisfeitos consigo mesmos e fazê-los imaginar que são muito espertos. Produziu-se para logo visível efeito; diversos jurados principiaram a tomar apontamentos com grande entusiasmo.

— Soubestes por intermédio do meu ilustrado amigo, senhores — continuou o dr. Buzfuz, sabendo perfeitamente que, por intermédio do ilustrado amigo a que aludira, os senhores jurados não tinham sabido coisa alguma —, soubestes por intermédio do meu ilustrado amigo, senhores, que este é um processo por violação de promessa de casamento, cujos danos e perdas foram calculados em 1.500 libras. Mas não soubestes por intermédio do meu ilustrado amigo, visto que não competia ao meu ilustrado amigo dizer-volo, quais são os fatos e as circunstâncias do caso. Pois esses fatos e circunstâncias, senhores, ouvi-los-eis minuciosamente relatados por mim e demonstrados pela irrepreensível mulher que colocarei naquele compartimento, diante de vós.

A essa altura, o dr. Buzfuz, acentuando com tremenda ênfase a palavra “compartimento”, golpeou a mesa com estrépido e olhou para Dodson e Fogg, que fizeram um aceno admirativo para o doutor e um gesto de indignado desafio para o réu.

— A queixosa, meus senhores — continuou o dr. Buzfuz, com voz melancólica e doce —, a queixosa é uma viúva; sim, meus senhores, é uma viúva. Depois de gozar por muitos anos da estima e da confiança do seu soberano, como guarda de suas rendas reais, afastou-se quase imperceptivelmente deste mundo o finado sr. Bardell, a fim de buscar em outro sítio o repouso e a paz que uma alfândega nunca pode proporcionar.

Na patética descrição da morte do sr. Bardell, que havia morrido com a cabeça quebrada por uma caneca numa taberna, tremeu a voz do erudito doutor e este prosseguiu, comovido:

— Algum tempo antes de morrer, ele imprimira a sua parecença na fronte de um menino. Com esse menino, único penhor do finado alcavaleiro, a sra. Bardell divorciou-se do mundo e procurou a tranqüilidade e o recolhimento da rua Coswell; e aí colocou, na saleta da frente, um anúncio em que se lia esta

inscrição: “Alugam-se quartos para senhor solteiro. Tratar nesta casa”. — Nesse ponto, o dr. Buzfuz fez uma pausa, enquanto vários jurados tomaram nota do documento.

— Isso não tem data, senhor doutor? — perguntou um jurado.

— Não tem data, senhores — replicou o dr. Buzfuz —, mas tenho elementos para dizer-vos que o anúncio foi colocado na janela da saleta da queixosa há três anos precisamente. Chamo a atenção do júri para as palavras desse documento. “Alugam-se quartos para senhor solteiro!” As opiniões da sra. Bardell sobre o sexo oposto, senhores, derivavam de longa privança com as inestimáveis qualidades do falecido esposo. Ela não receava, não desconfiava, não suspeitava; tudo nela era confiança e boa-fé. “O sr. Bardell”, dizia a viúva, “o sr. Bardell era um homem honrado, o sr. Bardell era um homem de palavra, o sr. Bardell não enganava ninguém, o próprio sr. Bardell fora em outro tempo um senhor solteiro; junto aos senhores solteiros buscarei proteção, assistência, conforto e consolo; nos senhores solteiros verei perpetuamente alguma coisa que me recorde o sr. Bardell quando conquistou as primícias do meu afeto juvenil e inexperiente; os meus quartos, portanto, serão alugados a um senhor solteiro.” Movida por esse belo e tocante impulso (um dos mais belos impulsos da nossa imperfeita natureza, meus senhores), enxugou as lágrimas a desamparada e triste viúva, mobiliou o seu primeiro andar, aconchegou no seio materno o filho inocente e pôs um anúncio na janela da saleta. Conservou-se este lá por muito tempo? Não. A serpente espreitava, acendera-se o rastilho, aparelhara-se a mina, o sapador e o mineiro trabalhavam. Antes de se completarem três dias depois que o anúncio fora colocado na janela — três dias, senhores —, um ser, erguido sobre duas pernas, com o aspecto exterior de um homem, e não de um monstro, bateu à porta da casa da sra. Bardell. Informou-se do aluguel; alugou os quartos; e já no dia seguinte entrava na posse deles. Esse homem era Pickwick: Pickwick, o réu. — O dr. Buzfuz, que falara com tanta volubilidade que se lhe avermelhara inteiramente o rosto, fez uma pausa, para tomar fôlego. O silêncio despertou o Meritíssimo Juiz Stareleigh, que imediatamente escreveu qualquer coisa com uma pena sem tinta e assumiu um aspecto inusitadamente profundo, a fim de incutir no júri a crença de que sempre refletia mais profundamente com os olhos fechados. O dr. Buzfuz continuou:

— Sobre esse Pickwick direi poucas coisas; o assunto não apresenta muitos atrativos; e eu, senhor, não sou homem, nem vós, senhores, sois homens

para nos saborearmos na contemplação da perversidade revoltante nem da vilania sistemática.

A essa altura, o sr. Pickwick, que se retorcia em silêncio havia já algum tempo, estremeceu violentamente, como se a vaga idéia de atacar o dr. Buzfuz, na augusta presença da justiça e da lei, se lhe tivesse oferecido ao espírito. Reteve-o um gesto admonitório de Perker, e ele continuou a ouvir o discurso do erudito cavalheiro com uma expressão indignada, que vigorosamente contrastava com as expressões admirativas da sra. Cluppins e da sra. Sanders.

— Digo vilania sistemática, meus senhores — continuou o dr. Buzfuz, olhando para o sr. Pickwick e falando para ele —, e quando digo vilania sistemática, seja-me permitido dizer ao réu Pickwick, se estiver presente, como me informaram que está, que teria sido mais decente de sua parte, mais decoroso, de melhor aviso e gosto, haver-se afastado. Seja-me lícito dizer-lhe, senhores, que quaisquer gestos de dissentimento ou desaprovação que entenda fazer neste tribunal não produzirão efeito sobre vós, pois sabereis como os avaliar e apreciar; e tolerai que eu lhe diga mais: que, segundo vos explicará Sua Excelência, um advogado no cumprimento de seus deveres profissionais não cede a intimidações, nem a ameaças, nem a desafios; recaindo qualquer tentativa em qualquer um desses sentidos sobre a cabeça do delinqüente, seja ele queixoso ou réu, chame-se Pickwick, Noakes, Stoakes, Stiles, Brown, ou Thompson.

Essa pequena diversão do assunto principal surtiu, naturalmente, o efeito almejado, fazendo que todos os olhos se voltassem para o sr. Pickwick. E, havendo-se em parte recobrado do estado de elevação moral em que se colocara, prosseguiu o dr. Buzfuz:

— Eu vos mostrarei, senhores, que, durante dois anos, Pickwick continuou a residir constantemente, sem interrupção nem intermissão, em casa da sra. Bardell. Eu vos mostrarei que, durante todo esse tempo, a sra. Bardell o serviu, prodigalizou-lhe todos os confortos, cozinhou para ele, cuidou de entregar a sua roupa à lavadeira, recebeu-a, consertou-a, arejou-a, quando voltava para casa, preparando-lha para usar, e, em suma, gozou de sua inteira e máxima confiança. Eu vos mostrarei que, em muitas ocasiões, ele deu meio *penny* e, em outras, até 6 *pence*, ao filhinho dela; e eu vos provarei, por intermédio de uma testemunha, cujas palavras não poderá o meu ilustrado amigo controverter, que, em dada ocasião, acariciou a cabeça do menino e, depois de perguntar-lhe se havia ganho ultimamente muitas bolinhas de gude,

empregou esta notável expressão: “Você não gostaria de ter outro papai?”. Eu vos provarei, senhores, que, há cerca de um ano, Pickwick principiou, subitamente, a ausentar-se de casa, durante longos intervalos, como se tivesse a intenção de romper gradualmente com a minha cliente; mas também vos mostrarei que a sua resolução não era, naquele tempo, suficientemente forte, ou que os bons sentimentos lograram predominar-lhe no espírito, se é que os tem, ou que as prendas e encantos da minha cliente foram mais fortes do que as suas desumanas intenções; provando-vos que, em certa ocasião, ao regressar de uma viagem à província, ele fez a ela uma proposta formal de casamento; tendo tido, porém, previamente, o cuidado de não permitir que o solene contrato fosse testemunhado por terceiros; e tenho elementos para provar-vos, baseado no testemunho de três dos seus próprios amigos — testemunhas bem relutantes, senhores, bem relutantes —, que nessa manhã foi surpreendido por eles segurando a queixosa nos braços e serenando-lhe a agitação com carícias e afagos.

Visível impressão produziu no auditório essa parte do discurso do egrégio doutor. Sacando de dois pedacinhos de papel, ajuntou ele:

— E, agora, senhores, mais uma palavra. Duas cartas se trocaram entre as duas partes, cartas confessadamente escritas pelo réu, e que falam mais do que volumes inteiros. Essas cartas evidenciam também o caráter do homem. Não são epístolas francas, ardorosas e eloqüentes, escritas numa linguagem de apaixonada afeição. São comunicações veladas, astuciosas e matreiras, mas, felizmente, muito mais concludentes do que se contivessem as mais ardentes expressões e as mais poéticas imagens — cartas que precisam ser examinadas com olhos cautelosos e suspicazes —, cartas com que Pickwick tencionava, manifestamente, nessa ocasião, iludir os terceiros em cujas mãos viessem porventura a cair. Permiti que eu leia a primeira: “Garraway, ao meio-dia. Querida sra. B — Costeletas e molho de tomate. O seu Pickwick”. Que significa isto, senhores? Costeletas e molho de tomate! O seu Pickwick! Costeletas! Misericórdia! E molho de tomate! Pode escarnecer-se, meus senhores, a felicidade de uma mulher sensível e confiante com vis artifícios como estes? A carta seguinte não traz data, o que já é, em si, motivo de suspeita. “Minha querida sra. B, só chegarei a casa amanhã. Diligência atrasada.” E segue-se esta notável expressão: “Não se preocupe com o aquecedor”. O aquecedor! Ora, meus senhores, quem se preocupa com um aquecedor? Quando se desfez ou perturbou a tranqüilidade de espírito de um

homem ou de uma mulher por causa de um aquecedor, utensílio doméstico inofensivo e útil e, desejo acrescentá-lo, meus senhores, muito cômodo? Por que é a sra. Bardell tão fervorosamente instada a não se agitar por causa desse aquecedor, a não ser (como, sem dúvida, é o caso) que a palavra sirva apenas para abafar um fogo solapado — mero substituto de algum termo ou promessa de afeto, consoante um sistema de correspondência previamente concentrado por Pickwick e por ele astuciado, no intuito de preparar a tencionada deserção, e que não estou em condições de explicar? E que significa essa alusão à diligência atrasada? Pelo que sei, há de referir-se ao próprio Pickwick, que se mostrou, sem dúvida, uma diligência crimosamente atrasada no decorrer de toda essa transação, mas cuja velocidade será agora muito inesperadamente acelerada e cujas rodas, senhores, como ele poderá verificar à própria custa, logo serão engraxadas por vós!

O dr. Buzfuz deteve-se por um momento, para ver se o júri sorria do seu chiste; mas, como ninguém desse por ele a não ser o fruteiro, cuja sensibilidade nesse sentido fora provavelmente aguçada pelo fato de haver submetido uma carroça a idêntico processo naquela manhã, entendeu aconselhável recair no lúgubre antes de rematar.

— Mas acabemos com isto, senhores — disse o dr. Buzfuz. — É difícil sorrir com o coração a sangrar; não é bem que brinquemos quando sentimos despertar as nossas mais profundas simpatias. O futuro e as esperanças de minha cliente estão por terra, e não é figura de retórica dizermos que a sua casa está vazia. O anúncio já foi retirado — mas inquilino não há. Estimáveis celibatários passam e repassam — mas nada existe que os convide a tratar o aluguel, dentro ou fora de casa. Tudo é tristeza e silêncio; até a voz da criança foi abafada; os seus folguedos infantis são descurados quando a mãe chora; jazem-lhe as bolinhas de gude desdenhadas; esqueceram-lhe os gritos alegres dos companheirinhos. Mas Pickwick, senhores, Pickwick, o cruel destruidor desse oásis doméstico no deserto da rua Goswell; Pickwick, que encheu o poço de terra e sobre ela atirou um punhado de cinzas; Pickwick, que hoje se apresenta diante de vós com os seus desapiedados molhos de tomate e os seus aquecedores desumanos, Pickwick ergue ainda a cabeça com descocada impudência e contempla, sem um suspiro, as ruínas que causou. Uma indenização, senhores — uma pesada indenização —, é o único castigo com que podeis alcançá-lo; a única recompensa que podeis conferir à minha cliente. E é essa indenização que ela pede agora a um júri esclarecido, de espírito

elevado, reto, consciencioso, imparcial, generoso e sensível, formado pelos seus civilizados compatriotas. — Com essa formosa peroração, o dr. Buzfuz sentou-se e o meritíssimo juiz Stareleigh espertou.

— Chamem Elisabete Cluppins — requereu o dr. Buzfuz, erguendo-se, um minuto depois, com redobrado vigor.

O meirinho mais próximo chamou Elisabete Cluppins; outro, a pequena distância, reclamou. Elisabete Jupkins; e um terceiro saiu correndo, ofegante, para a rua King, a gritar por Elisabete Muffins, até ficar rouco.

Neste entretempo, a sra. Cluppins, com a assistência conjunta da sra. Bardell, da sra. Sanders, do sr. Dodson e do sr. Fogg, foi içada ao compartimento das testemunhas; e quando se empoleirou, a seu recado, no degrau superior, a sra. Bardell postou-se no inferior, com o lenço e as galochas numa das mãos, e um frasco de vidro, que poderia conter cerca de meio quartilho de sais aromáticos, na outra, pronta para qualquer emergência. A sra. Sanders, que olhava muito de fito para o rosto do juiz, colocou-se ao pé dela, com o enorme guarda-chuva, conservando o polegar direito sobre a mola, muito atenta, como se estivesse preparada para abri-lo de um momento para outro.

— Sra. Cluppins — disse o dr. Buzfuz —, rogo-lhe que se acalme. — Claro está que, ao lhe pedirem que se acalmasse, a sra. Cluppins entrou a soluçar com dobrada violência, com diversas mostras alarmantes de um desmaio iminente ou, como ela mesma confessou depois, de serem os seus sentimentos demasiado fortes para ela.

— Lembra-se, sra. Cluppins — continuou o dr. Buzfuz, depois de algumas perguntas sem importância —, lembra-se a senhora de estar no quarto dos fundos do primeiro andar, em casa da sra. Bardell, numa certa manhã do mês de julho próximo passado, quando ela se entretinha em limpar os aposentos de Pickwick?

— Sim, meritíssimos jurados, lembro-me, sim — replicou a sra. Cluppins.

— A sala de visitas do sr. Pickwick era no primeiro andar e dava para a rua, se não me engano?

— Sim, senhor — replicou a sra. Cluppins.

— E que fazia a senhora na sala dos fundos? — perguntou o juizinho.

— Meritíssimo — tornou a sra. Cluppins, com interessante agitação —, não quero enganá-lo.

— É melhor — disse o juizinho.

— Eu estava lá — continuou a sra. Cluppins — sem que a sra. Bardell soubesse; eu saíra com uma cestinha, senhores, para comprar 3 arratéis de batatas vermelhas, que me custaram 3 libras e 2 *pence* e meio, quando vi que a porta da casa da sra. Bardell estava a meio pau.

— A meio quê? — perguntou o juizinho.

— Semi-aberta, Excelência — explicou o dr. Snubbin.

— Ela disse a meio pau — exclamou o juizinho, com um olhar astuto.

— É a mesma coisa, Excelência — volveu o dr. Snubbin.

O juizinho pareceu duvidoso e disse que tomaria nota daquilo.

A sra. Cluppins continuou:

— Entrei, senhores, só para dizer bom dia, subi pacificamente a escada e fui para a saleta dos fundos. Havia, senhores, um barulho de vozes na sala da frente, e...

— E a senhora prestou atenção, não é verdade, sra. Cluppins? — atalhou o dr. Buzfuz.

— Com o seu perdão, senhor — retrucou a sra. Cluppins, majestosa —, eu não me rebaixaria a fazê-lo. As vozes eram muito altas e entravam, à força, nos meus ouvidos.

— Bem, sra. Cluppins, a senhora não estava prestando atenção, mas ouviu as vozes. Seria uma delas, por acaso, a de Pickwick?

— Era, sim, senhores.

E a sra. Cluppins, depois de declarar distintamente que o sr. Pickwick se dirigia à sra. Bardell, repetiu, pouco a pouco, e a poder de muitas perguntas, a conversação que os nossos leitores já conhecem.

Os jurados pareceram suspeitosos, e o dr. Buzfuz, com um sorriso, sentou-se. Mas pareceram francamente ameaçadores quando o dr. Snubbin declarou que não reperguntaria a testemunha, pois o sr. Pickwick desejava frisar, a bem da verdade, que o depoimento dela era substancialmente exato.

Quebrado o gelo, entendeu a sra. Cluppins que se lhe propiciava o ensejo para encetar pequena dissertação sobre os seus próprios negócios domésticos; dessarte, passou a informar o tribunal de que era mãe de oito filhos, naquele momento, e que esperava, confiante, poder presentear o sr. Cluppins com um nono, daí a seis meses, mais ou menos. Nesse interessantíssimo ponto, o juizinho se interpôs, irascível: e em resultado da sua interposição a digna senhora e a sra. Sanders foram polidamente levadas para fora do tribunal, escoltadas pelo sr. Jackson, sem maiores formalidades.

— Natanael Winkle! — disse o sr. Skimpin.

— Presente! — respondeu uma voz fraca. O sr. Winkle entrou no compartimento das testemunhas e, depois de haver prestado o devido juramento, inclinou-se diante dos jurados, com extraordinária deferência.

— Não olhe para mim, senhor — disse o juiz, áspero, respondendo ao cumprimento —, olhe para os jurados.

O sr. Winkle obedeceu à ordem e olhou para o lugar onde supunha mais provável que estivessem os jurados: pois era-lhe de todo impossível enxergar o que quer que fosse no estado de complicação intelectual em que se achava.

O sr. Winkle foi então examinado pelo sr. Skimpin, o qual, promissor mancebo de 42 ou 43 anos, ansiava por confundir uma testemunha notoriamente predisposta em favor da parte contrária.

— Agora, senhor — disse o sr. Skimpin —, tenha a bondade de dizer a Sua Excelência e aos senhores jurados qual é o seu nome, sim? — e o sr. Skimpin inclinou a cabeça para um dos lados, a fim de prestar grande atenção à resposta, enquanto olhava para os jurados, como se quisesse dar a entender que esperava da natural inclinação do sr. Winkle o perjúrio que este desse um nome que não lhe pertencia.

— Winkle — respondeu a testemunha.

— Qual é o seu nome de batismo, senhor? — inquiriu, colérico, o juizinho.

— Natanael, senhor.

— Daniel. Mais algum?

— Natanael, senhor, isto é, Excelência.

— Natanael Daniel ou Daniel Natanael?

— Não, Excelência, é só Natanael; Daniel, não.

— Então por que disse que era Daniel? — perguntou o juiz.

— Eu não disse, Excelência — replicou o sr. Winkle.

— Disse, sim, senhor — tornou o juiz, com sobreceño carregado.

— Como poderia eu ter escrito Daniel em minhas notas se o senhor não tivesse dito nada? — O argumento era, de fato, irrespondível.

— O sr. Winkle tem a memória um tanto curta, Excelência — interveio o sr. Skimpin, com outro olhar para os jurados. — Mas atrevo-me a dizer que acharemos meio de fortalecê-la antes de liquidarmos o assunto.

— É melhor tomar cuidado, senhor — disse o juizinho, lançando um olhar sinistro à testemunha.

O pobre sr. Winkle inclinou-se, e tentou fingir um desembaraço que, no estado de confusão em que se achava, lhe emprestava mais um ar de batedor de carteira atrapalhado que de outra coisa qualquer.

— Agora, sr. Winkle — tornou o sr. Skimpin —, preste atenção, por favor; e permita-me recomendar-lhe, em seu benefício, que tenha sempre em mente o conselho de Sua Excelência, para tomar cuidado. Creio que o senhor é amigo íntimo de Pickwick, o réu, não é verdade?

— Bem, eu conheço o sr. Pickwick, se não me falha a memória há cerca de...

— Por favor, sr. Winkle, não fuja à pergunta. O senhor é ou não é amigo íntimo do réu?

— Pois eu ia precisamente dizer que...

— Mas, afinal, o senhor quer ou não quer responder à minha pergunta?

— Se o senhor não responder à pergunta que lhe foi feita, será detido — sobreveio o juizinho, olhando por cima do caderno de apontamentos.

— Vamos senhor — disse o sr. Skimpin —, sim ou não, por favor.

— Sou sim.

— É sim. E por que não pode dizer isso logo? Talvez conheça também a queixosa, hein, sr. Winkle?

— Não a conheço; tenho-a visto.

— Oh, o senhor não a conhece, mas tem-na visto? Pois faça então o obséquio de dizer aos senhores jurados o que quer dizer com isso, sr. Winkle.

— Quero dizer que não sou íntimo dela, mas que a via quando visitava o sr. Pickwick na rua Goswell.

— Quantas vezes a viu?

— Quantas vezes?

— Sim, quantas, sr. Winkle? Repetirei vinte vezes a pergunta, se quiser. — E carregando firme e severamente o cenho, colocou as mãos nos quadris e sorriu, suspeito, para os jurados.

Dessa pergunta nasceram os edificantes esbravejamentos e intimidações, costumeiros nessas circunstâncias. Primeiro que tudo, o sr. Winkle declarou ser-lhe impossível dizer quantas vezes vira a sra. Bardell. Em seguida, foi-lhe perguntado se a vira vinte vezes, ao que ele respondeu: “Certo, mais do que isso”. Perguntaram-lhe então se não vira cem; se não podia jurar que a tinha visto mais de cinqüenta; se não sabia se a tinha visto pelo menos 75; e assim por diante; chegando-se, por fim de contas, à satisfatória confusão de que ele

devia tomar cuidado e prestar atenção ao que fazia. Reduzida, por essa maneira, a testemunha ao estado apetezido de extrema suscetibilidade nervosa, prosseguiu o interrogatório desta forma:

— Diga-nos, por obséquio, sr. Winkle, se se lembra de haver procurado o réu Pickwick nesses aposentos em casa da queixosa na rua Goswel, numa determinada manhã do mês de julho próximo passado?

— Lembro-me.

— Estava o senhor acompanhado, nessa ocasião, por um amigo chamado Tupman, e outro chamado Snodgrass?

— Estava.

— Eles estão aqui?

— Estão — replicou o sr. Winkle, olhando fixamente para o lugar em que se encontravam os amigos.

— Peço-lhe que preste atenção ao que estou dizendo, sr. Winkle, e não se incomode com os seus amigos — disse o sr. Skimpin, com outro olhar expressivo para os jurados. — Eles terão de contar as suas histórias sem qualquer consulta prévia consigo, se é que já se não realizou alguma (novo olhar para os jurados). E agora diga aos senhores jurados o que viu ao entrar no quarto do réu, nessa determinada manhã. Vamos; fale, senhor; haveremos de sabê-lo de qualquer jeito, mais cedo ou mais tarde.

— O réu, o sr. Pickwick, estava segurando a queixosa nos braços e cingia-lhe a cintura com as mãos —, replicou o sr. Winkle, com natural hesitação —, e a queixosa parecia não dar acordo de si.

— Ouviu o réu dizer alguma coisa?

— Ouvi-o chamar a sra. Bardell de boa criatura, e ouvi-o pedir-lhe que não se impressionasse, pois em que situação não ficaria se chegasse alguém, ou palavras nesse sentido.

— Agora, sr. Winkle, tenho apenas mais uma pergunta para fazer-lhe e peço-lhe que não se esqueça da recomendação de Sua Excelência. O senhor está disposto a jurar que Pickwick, o réu, não disse nessa mesma ocasião “Minha querida sra. Bardell, a senhora é uma boa criatura; não se impressione com esta situação, pois a esta situação há de chegar”, ou palavras nesse sentido?

— Eu... eu por certo não o compreendi assim — obtemperou o sr. Winkle, pasmado diante da engenhosa samblagem das poucas palavras que ouvira. — Eu estava no patamar da escada e não podia ouvir muito bem; a impressão que tenho é de que...

— Os senhores jurados não se interessam pelas suas impressões, sr. Winkle, que receio sejam de pequena utilidade para homens honestos e direitos — sobreveio o sr. Skimpin. — O senhor estava no patamar da escada e não ouviu muito bem; mas é capaz de jurar que Pickwick não empregou as expressões que acabo de citar? É capaz?

— Não, não sou — replicou o sr. Winkle; e o sr. Skimpin sentou-se com uma expressão de triunfo.

O caso do sr. Pickwick não fora, até esse ponto, conduzido de maneira tão feliz que pudesse suportar o peso de suspeitas adicionais. Mas, como convinha fosse colocado a uma luz melhor, se possível, ergueu-se o sr. Phunky com o propósito de arrancar algo importante ao sr. Winkle num segundo interrogatório. Se lhe arrancou ou não algo importante é o que se verá imediatamente.

— Creio, sr. Winkle — disse o sr. Phunky —, que o sr. Pickwick não é moço!

— Oh! não — replicou o sr. Winkle —, tem idade suficiente para ser meu pai.

— O senhor contou ao meu ilustrado amigo que conhece o sr. Pickwick há muito tempo. Teve razões, alguma vez, para supor ou crer que ele tencionasse casar?

— Oh, não, por certo que não — replicou o sr. Winkle com tamanha ênfase, que o sr. Phunky o deveria ter mandado embora com a maior rapidez possível. Sustentam os advogados que há duas espécies de testemunhas particularmente más: uma testemunha relutante e uma testemunha com excessiva boa vontade; era o destino do sr. Winkle figurar em ambas as categorias.

— Irei mais longe ainda, sr. Winkle — continuou o sr. Phunky, de maneira muito suave e complacente. — Viu o senhor, alguma vez, nos modos e no procedimento do sr. Pickwick em relação ao sexo oposto, algo que o levasse a acreditar que ele pensava em casar em seus últimos anos?

— Oh, não, por certo que não — replicou o sr. Winkle.

— Tem sido o comportamento dele, respeito a mulheres, sempre o de um homem que, chegado a um período assaz avançado da vida, se contenta com as próprias ocupações e distrações, e apenas se há com elas como um pai com as filhas?

— Sem dúvida nenhuma — replicou o sr. Winkle, na plenitude do seu coração. — Isto é... sim... sim... naturalmente.

— O senhor nunca soube de nada no procedimento dele em relação à sra. Bardell, ou a qualquer outra mulher, que pudesse apresentar a menor suspeita? — continuou o sr. Phunky, preparando-se para sentar; pois o dr. Snubbin fazia-lhe sinais.

— N-n-não — retrucou o sr. Winkle —, exceto numa ocasião insignificante que, não o duvido, pode-se facilmente explicar.

Ora, se o malfadado sr. Phunky se houvesse sentado quando o dr. Snubbin lhe fizera os sinais, ou se o dr. Buzfuz houvesse atalhado o interrogatório desde o princípio (o que este, acintemente, não fizera, pois, observando a ansiedade do sr. Winkle, conhecera que desta lhe adviria, com toda a probabilidade, alguma coisa útil), não se teria feito essa lamentável declaração. No momento em que as palavras caíram dos lábios do sr. Winkle, o sr. Phunky sentou-se e o dr. Snubbin deu-se pressa em dizer que ele poderia sair, o que o sr. Winkle se preparava para fazer com grande presteza, quando o deteve o dr. Buzfuz.

— Espere, sr. Winkle, espere! — disse o dr. Buzfuz —, quer ter Vossa Excelência a bondade de perguntar-lhe qual foi a ocasião em que este cavalheiro, que tem idade suficiente para ser seu pai, se houve de maneira suspeita em relação a mulheres?

— O senhor ouviu o que disse o ilustre advogado — observou o juiz, voltando-se para o infeliz e angustiado sr. Winkle.

— Descreva a ocasião a que se refere.

— Meritíssimo — tornou o sr. Winkle, trêmulo de ansiedade. — Eu... eu preferiria não o fazer.

— Talvez —olveu o juizinho —, mas é preciso.

No meio do silêncio de todo o tribunal, depôs o sr. Winkle, gaguejante, que a insignificante circunstância consistia em ter sido o sr. Pickwick encontrado, à meia-noite, nos aposentos de uma senhora; o que terminara, cria ele, no rompimento dos projetados esponsais dessa senhora, e resultara, disso tinha a certeza, na ida forçada de todo o grupo à presença de Jorge Nupkins, Esquire, prefeito e juiz de paz do burgo de Ipswich!

— Pode retirar-se — disse o dr. Snubbin. O sr. Winkle retirou-se, afinal, e precipitou-se, delirante, para a Estalagem de Jorge e do Abutre, onde foi

descoberto, horas depois, pelo criado, a gemer de maneira sinistra e aflitiva, com a cabeça enterrada nas almofadas do sofá.

Tracy Tupman e Augustus Snodgrass foram sucessivamente chamados; ambos corroboraram o depoimento do infeliz amigo; e cada qual foi levado aos extremos do desespero pelas torturas do interrogatório.

Foi então chamada Susana Sanders, interrogada pelo dr. Buzfuz e reperguntada pelo dr. Snubbin. Sempre dissera e acreditara que Pickwick se casaria com a sra. Bardell; sabia que o noivado da sra. Bardell com Pickwick era o tópico corrente de conversação na vizinhança, após o desmaio de julho; soubera disso por intermédio da sra. Mudberry, costureira, e da sra. Bunkin, engomadeira, mas não via a sra. Mudberry nem a sra. Bunkin no tribunal. Ouvira Pickwick perguntar ao menino se este gostaria de ter outro pai. Ignorava se a sra. Bardell namorava naquele tempo o padeiro, mas sabia que o padeiro era então solteiro e que agora estava casado. Não podia jurar que a sra. Bardell gostasse muito do padeiro, mas achava que o padeiro não gostava muito da sra. Bardell, pois, do contrário, não se teria casado com outra. Supunha que a sra. Bardell houvesse desmaiado naquela manhã de julho porque Pickwick lhe pedira que marcasse o dia; sabia que ela (a testemunha) perdera inteiramente os sentidos quando o sr. Sanders lhe pedira que marcasse o dia, e acreditava que qualquer senhora, digna desse nome, haveria de fazer o mesmo, nas mesmas circunstâncias. Ouvira Pickwick fazer ao menino a pergunta sobre as bolinhas de gude, mas jurava por Deus que não conhecia a diferença entre um jogo e outro.

Interrogada pelo meritíssimo juiz Stareleigh, declarou que, durante o seu namoro com o sr. Sanders, recebera cartas de amor, como as outras senhoras. No decurso da sua correspondência, o sr. Sanders chamara-lhe, muita vez, “patinha”, mas nunca “suco de tomate” nem “costeleta”. Ele gostava muito de patos. É possível que, se gostasse tanto de costeletas ou de suco de tomate, lhe tivesse dado esses nomes, como termos de afeição.

Levantou-se então o dr. Buzfuz com mais importância do que nunca, se possível, e vociferou: “Chamem Samuel Weller”.

Era absolutamente desnecessário chamar Samuel Weller; pois Samuel Weller pulou, rápido, para o compartimento das testemunhas assim que lhe pronunciaram o nome; e, colocando o chapéu no chão e os braços sobre a grade, deu uma vista ao tribunal e examinou o banco dos jurisperitos com expressão notavelmente alegre e viva.

— Qual é o seu nome? — perguntou o juiz.

— Sam Weller, Excelência — replicou esse cavalheiro.

— Com um *V* ou com um *W*? — indagou o juiz.

— Isso depende do gosto e da imaginação de quem escreve, Excelência — replicou Sam. — Nunca tive ocasião de escrevê-lo mais de uma ou duas vezes em minha vida, mas sempre o escrevi com *V*.

Nesse passo, ouviu-se uma voz na galeria, que exclamou: — Isso mesmo, Samuel, isso mesmo. Ponha um *V*, Excelência, ponha um *V*.

— Quem se atreve a dirigir-se ao tribunal? — perguntou o juizinho, olhando à sua volta. — Meirinho.

— Sim, Excelência.

— Traga essa pessoa aqui imediatamente.

— Sim, Excelência.

Mas, como o meirinho não encontrasse a pessoa, não a trouxe; e, depois de grande comoção, todos os que se tinham posto em pé a fim de procurar o culpado sentaram-se outra vez. O juizinho voltou-se para a testemunha assim que a indignação lhe permitiu falar, e perguntou:

— O senhor sabe quem foi?

— Imagino que tenha sido meu pai, Excelência — replicou Sam.

— E pode vê-lo daí?

— Não, não posso, Excelência — replicou Sam, parando a vista na clarabóia que havia no teto do tribunal.

— Se pudesse dizer onde ele está, eu mandava-o prender imediatamente — volveu o juiz.

Sam inclinou-se, agradecido, e voltou-se, com imperturbável serenidade, para o dr. Buzfuz.

— Muito bem, sr. Weller — disse o dr. Buzfuz.

— Muito bem, senhor — disse o sr. Weller.

— O senhor, se não me engano, trabalha para o sr. Pickwick, o réu deste processo. Faça o favor de falar, sr. Weller.

— É o que pretendo fazer — retrucou Sam. — Trabalho, de fato, para aquele cavalheiro; por sinal que é um ótimo trabalho.

— Pouco que fazer e muito que ganhar, com certeza? — observou, jocoso, o dr. Buzfuz.

— Muito que ganhar, sem dúvida nenhuma, senhor, como disse o soldado quando o condenaram a receber 350 chicotadas — replicou Sam.

— O senhor não precisa dizer-nos o que disse o soldado, ou quem quer que seja — atalhou o juiz. — Isso não constitui prova.

— Muito bem, Excelência — redargüiu Sam.

— Lembra-se de alguma coisa especial que tenha acontecido na manhã em que foi empregado pelo réu, hein, sr. Weller? — perguntou o dr. Buzfuz.

— Lembro-me, sim, senhor — tornou Sam.

— Tenha a bondade de dizer aos senhores jurados o que foi.

— Ganhei nessa manhã uma roupa nova, senhores jurados — contou Sam —, e isso, naquela ocasião, foi para mim uma circunstância muito especial e fora do comum.

A estas palavras seguiu-se uma gargalhada geral; e o juizinho, olhando, colérico, por cima da escrivantina, disse: — É melhor que o senhor tome cuidado.

— Foi o que o sr. Pickwick me recomendou nessa ocasião, Excelência — respondeu Sam —, e eu tomei muito cuidado com a roupa, Excelência; muito cuidado.

O juiz olhou severamente para Sam durante dois minutos completos; mas, como a fisionomia deste último continuasse perfeitamente calma e serena, não disse nada e fez sinal ao dr. Buzfuz para prosseguir.

— O senhor quer dizer, sr. Weller — disse o dr. Buzfuz, cruzando, enfático, os braços e voltando-se para os jurados, como a assegurar-lhes que ainda vingaria atrapalhar a testemunha —, o senhor quer dizer que não viu o desmaio da queixosa nos braços do réu conforme a descrição feita pelas testemunhas precedentes?

— Por certo que não — retorquiu Sam. — Fiquei no corredor até me chamarem e, quando entrei, a velha já não estava lá.

— Agora, preste atenção, sr. Weller — volveu o dr. Buzfuz, mergulhando uma pena grande no tinteiro que tinha à sua frente, para o fim de amedrontar Sam com a ameaça de anotar-lhe a resposta por escrito. — O senhor estava no corredor e, no entanto, não viu nada do que se passou. O senhor não tem um par de olhos, sr. Weller.

— Sim, tenho um par de olhos — replicou Sam —, e é por isso mesmo que não vi nada. Se fossem um par de microscópios de gás, capazes de aumentar as coisas 2 milhões de vezes, eu talvez pudesse ver através de um laço de escada e uma porta de pinho; mas, como são apenas olhos, o senhor sabe, a minha visão é limitada.

A essa resposta, pronunciada sem a menor aparência de irritação, e com a maior simpleza e equanimidade, os espectadores riram à socapa, o juiz sorriu, e o dr. Buzfuz pareceu completamente desnortado. Depois de breve consulta com Dodson e Fogg, o erudito doutor se voltou outra vez para Sam e disse, com penoso esforço para disfarçar o vexame: — Agora, sr. Weller, vou fazer-lhe uma pergunta sobre outro ponto.

— Às suas ordens —olveu Sam, com o maior bom humor.

— Lembra-se de ter ido, uma noite, à casa da sra. Bardell, no mês de novembro próximo passado?

— Lembro-me perfeitamente.

— Oh, quer dizer que se lembra disso, sr. Weller — disse o dr. Buzfuz, recobrando ânimo. — Bem me parecia que acabaríamos chegando a algum lugar.

— A mim também me parecia — retrucou Sam; e os espectadores voltaram a rir.

— Bem, suponho que o senhor tenha ido para conversar sobre este processo, hein, sr. Weller? — disse o dr. Buzfuz dirigindo aos jurados um olhar malicioso.

— Eu fui para pagar o aluguel, mas nós conversamos sobre o processo — replicou Sam.

— Oh, conversaram, então, sobre o processo — tornou o dr. Buzfuz, iluminando-se com a antecipação de algum descobrimento importante. — Quer ter a bondade de dizer-nos o que conversaram a esse respeito, sr. Weller?

— Com o máximo prazer — retrucou Sam. — Depois de algumas observações sem importância das duas virtuosas senhoras que hoje foram interrogadas aqui, elas começaram a entusiasmar-se pelo honroso procedimento dos srs. Dodson e Fogg — aqueles dois cavalheiros que estão sentados perto do senhor. — Isso, naturalmente, chamou a atenção geral para Dodson e Fogg, que procuraram assumir o ar mais virtuoso possível.

— Os advogados da queixosa — disse o dr. Buzfuz. — Muito bem! Elas elogiaram muito o honroso procedimento dos srs. Dodson e Fogg, os advogados da queixosa, não foi?

— Exatamente — anuiu Sam. — Disseram que era muito generoso da parte deles haverem-se encarregado do processo por especulação, comprometendo-se a receber as custas somente se estas fossem pagas pelo sr. Pickwick.

A essa resposta inesperada, os espectadores desfecharam a rir outra vez, e Dodson e Fogg, muito vermelhos, inclinaram-se para o dr. Buzfuz e, apressadamente, lhe cochicharam qualquer coisa ao ouvido.

— Os senhores têm razão — disse o dr. Buzfuz em voz alta, com afetada compostura. — É perfeitamente inútil, Excelência, tentar obter alguma prova da impenetrável estupidez da testemunha. Não molestarei o tribunal fazendo-lhe novas perguntas. Pode descer, senhor.

— Não há mais ninguém que deseje perguntar-me alguma coisa? — indagou Sam, tomando do chapéu e circungirando os olhos, com deliberação.

— Eu não, sr. Weller, muito obrigado — disse a rir o dr. Snubbin.

— O senhor pode ir — tornou o dr. Buzfuz, agitando a mão com impaciência. Sam obedeceu, depois de haver causado ao caso dos srs. Dodson e Fogg o maior prejuízo que lhe era convenientemente possível causar, e depois de haver dito o menos que podia a respeito do sr. Pickwick, segundo tencionara, desde o princípio.

— Não me oponho a admitir, Excelência — disse o dr. Snubbin —, se isso puder poupar-nos a inquirição de outra testemunha, que o sr. Pickwick se afastou dos negócios e possui fortuna independente e considerável.

— Muito bem — disse o dr. Buzfuz, entregando as duas cartas para que fossem lidas. — Nesse caso, tenho dito.

O dr. Snubbin dirigiu-se então aos senhores jurados em defesa do réu; muito longo e enfático foi o discurso que pronunciou, no qual fez os mais altos elogios ao procedimento e ao caráter do sr. Pickwick; mas, visto que os nossos leitores estão em condições de fazer uma idéia muito mais exata dos méritos desse cavalheiro do que a que poderia formar o dr. Snubbin, não nos achamos na obrigação de repetir as observações do erudito cavalheiro. Ele procurou demonstrar que as cartas apresentadas tão-somente se referiam ao jantar do sr. Pickwick ou aos preparativos para recebê-lo em seus aposentos quando voltasse de alguma excursão à província. Basta acrescentar, em suma, que fez o que pode pelo sr. Pickwick, e quem faz o que pode, como toda a gente o sabe, segundo a infalível autoridade do velho adágio, a mais não é obrigado.

O meritíssimo juiz Stareleigh fez o seu resumo segundo as fórmulas mais antigas e consagradas. Leu de suas notas aos jurados o quanto lhe foi possível decifrar em tão curto espaço de tempo, fazendo, de caminho, comentários sobre as provas. Se a sra. Bardell tinha razão era perfeitamente claro que o sr. Pickwick não tinha, e, se eles julgassem dignas de fé as provas apresentadas pela

sra. Cluppins, deviam acreditar nelas; se não, não deviam. Se estavam persuadidos de que se verificara uma violação de promessa de casamento, deviam condenar o réu a pagar a indenização que entendessem conveniente; mas se, pelo contrário, fossem de opinião que não houvera promessa de casamento, deviam absolver o réu e não o condenar a coisa alguma. A seguir, retiraram-se os jurados para o seu gabinete particular a fim de decidirem sobre o caso, e o juiz se recolheu ao seu gabinete particular, a fim de refocilar-se com uma costeleta de carneiro e um copo de xerez.

Passou-se um ansioso quarto de hora; os jurados voltaram; foi chamado o juiz. O sr. Pickwick colocou os óculos e olhou para o presidente do júri com um semblante agitado e o coração a bater-lhe precipitadamente.

— Senhores — disse o indivíduo de preto —, chegastes a um acordo sobre o veredicto?

— Chegamos — respondeu o presidente.

— Decidistes em favor da queixosa ou do acusado?

— Da queixosa.

— E qual foi a indenização que estipulastes?

— Setecentas e cinqüenta libras.

O sr. Pickwick tirou os óculos, limpou-lhes cuidadosamente os vidros, dobrou-os, guardou-os no estojo e meteu este último no bolso; logo, depois de haver calçado com cuidado as luvas, enquanto olhava para o presidente, seguiu mecanicamente o sr. Perker e o saco azul para fora do tribunal.

Detiveram-se num gabinete lateral, enquanto o sr. Perker pagava os honorários do tribunal; aí foi o sr. Pickwick procurado pelos amigos. Aí, também, encontrou-se com os srs. Dodson e Fogg, que esfregavam as mãos com todas as aparências exteriores de satisfação.

— Então, senhores — disse o sr. Pickwick.

— Então, meu caro senhor — disse Dodson, por si e pelo sócio.

— Acreditam que receberão as suas custas, não é verdade? — perguntou o sr. Pickwick.

Fogg respondeu que julgavam provável. Dodson sorriu e disse que tentariam.

— Os senhores podem tentar, e tornar a tentar, srs. Dodson e Fogg — exclamou, veemente, o sr. Pickwick —, mas nunca receberão de mim um vintém sequer de custas ou indenização, ainda que eu tenha de passar o resto da vida numa prisão por dívidas.

— Ah! ah! — riu-se Dodson. — O senhor ainda mudará de idéia antes do próximo termo, sr. Pickwick.

— Hi, hi, hi! É o que veremos, sr. Pickwick — casquinou Fogg.

Mudo de indignação, permitiu o sr. Pickwick que o seu advogado e os amigos o levassem até a porta e, de lá, a um carro de aluguel, chamado para esse fim pelo sempre solícito Sam Weller.

Sam já levantara a escadinha e preparava-se para saltar para a boléia quando sentiu no ombro um toque delicado; volvendo os olhos em torno, deparou com o pai. O rosto do velho tinha uma expressão de tristeza ao sacudir gravemente a cabeça e ao dizer, em tom repreensivo:

— Eu sabia que daria nisso esse modo de fazer as coisas. Oh, Sammy, Sammy, por que não arranjaram um álibi?

CAPÍTULO XXV

EM QUE O SR. PICKWICK ENTENDE QUE LHE CONVÉM IR A BATH E, POR ISSO MESMO, VAI.

— MAS POR CERTO, MEU CARO SENHOR — disse o pequeno Perker, nos aposentos do sr. Pickwick, na manhã seguinte ao processo. — O senhor, por certo, não pensa — falando sério e sem agastamento — em não pagar as custas e a indenização?

— Nem meio *penny* — voltou o sr. Pickwick, com firmeza. — Nem meio *penny*.

— Vivam os princípios, como disse o agiota quando se recusou a reformar a letra de câmbio — observou o sr. Weller, que retirava a mesa do almoço.

— Sam — disse o sr. Pickwick —, tenha a bondade de descer.

— Certamente, senhor — replicou o sr. Weller; e, obediente à delicada sugestão do sr. Pickwick, retirou-se.

— Não, Perker — tornou o sr. Pickwick com grande seriedade.

— Os meus amigos aqui procuraram despersuadir-me dessa resolução, mas sem resultado. Continuarei a viver como sempre até que a parte adversária tenha poder de executar-me; e, se for suficientemente vil para fazê-lo e deter-me, submeter-me-ei com alegria e serenidade absolutas à prisão. Quando será isso possível?

— Poderão executá-lo, meu caro senhor, pelo total da indenização e das custas, no próximo termo — replicou Perker —, isto é, exatamente daqui a dois meses.

— Muito bem — voltou o sr. Pickwick. — Até essa ocasião, meu caro, não quero saber do assunto. E agora — continuou, volvendo os olhos para os amigos, com um sorriso de bom humor e um brilho nos olhos que óculos nenhuns poderiam diminuir ou disfarçar —, só nos resta saber: aonde iremos?

O sr. Tupman e o sr. Snodgrass estavam tão comovidos pelo heroísmo do amigo que não puderam responder. O sr. Winkle ainda não se esquecera

suficientemente do seu depoimento no tribunal para abalançar-se a qualquer observação sobre o assunto, de sorte que o sr. Pickwick esperou em vão.

— Bem — prosseguiu este último —, se me permitirem uma sugestão, opto por Bath. Acho que nenhum de nós ainda esteve lá.

Ninguém estivera; e, como fosse a proposta calorosamente secundada por Perker, na suposição de que a mudança de cenas e um pouco de alegria levariam muito provavelmente o sr. Pickwick a refletir melhor sobre a sua decisão, foi aprovada por unanimidade, tendo-se enviado imediatamente Sam à Adega do Cavallo Branco, a fim de tomar cinco lugares na diligência das 7 e meia, na manhã seguinte.

Havia exatamente dois lugares no interior e três no exterior do carro; de sorte que Sam Weller encomendou os cinco e, depois de trocar alguns cumprimentos com o caixeiro a propósito de uma meia coroa de estanho que este procurara impingir-lhe como troco, voltou à Estalagem de Jorge e do Abutre, onde se ocupou ativamente, até a hora de dormir, em reduzir peças de roupa ao menor tamanho possível, empregando o seu talento mecânico na construção de uma variedade de engenhosos artificios para fechar as tampas das caixas que não tinham fechaduras nem dobradiças.

A manhã seguinte não se apresentou nada propícia a viagens — nevoenta, úmida e chuvosa. Os cavalos que saíam das estrebarias e passavam pela cidade fumegavam tanto que os passageiros de fora se tornavam invisíveis. Os vendedores de jornais pareciam encharcados e cheiravam a mofo, a chuva caía dos chapéus dos vendedores de laranjas quando enfiavam a cabeça pelas janelas da diligência e regavam deliciosamente o interior do carro. Os judeus, desesperados, fechavam as cinqüenta lâminas dos seus canivetes; e os vendedores de livrinhos de bolso transformavam-nos deveras em livrinhos de bolso. As correntes de relógio e os garfos para assados vendiam-se por 1 tuta e meia, e os estojos de lápis e esponjas se perdiam no mercado.

Encarregando Sam de salvar a bagagem dos sete ou oito carregadores que se atiraram, selvagens, sobre ela, no momento em que o carro se deteve; e verificando estarem cerca de vinte minutos adiantados, o sr. Pickwick e os amigos abrigaram-se na sala de espera — o último recurso da miséria humana.

A sala de espera da Adega do Cavallo Branco é, naturalmente, inconfortável; não seria uma sala de espera se o não fosse. É a sala que se encontra à mão direita, em que parecia haver-se entronizado uma pretensiosa chaminé de cozinha, acompanhada de um tiçoeiro, algumas tenazes e uma pá

rebeldes. É dividida em compartimentos, para o solitário seqüestro dos viajantes, e adornada de um relógio, um espelho e um criado vivo; este último artigo, encerrado num cubículo destinado à lavagem dos copos, num canto do aposento.

Um desses compartimentos achava-se ocupado, nessa ocasião, por um homem de olhar severo, contando cerca de 45 anos, que tinha uma testa vítrea e calva, com uma grande quantidade de cabelos negros dos lados e atrás da cabeça, e grandes suíças pretas. Trazia uma casaca escura abotoada até o pescoço; e, sobre o banco, ao seu lado, jaziam amplo barrete de viagem, de pele de foca, um sobretudo e uma capa. À entrada do sr. Pickwick, ergueu os olhos do prato, com ar feroz e peremptório, muito digno; e, depois de examinar, a seu inteiro contento, o recém-chegado e os amigos que o acompanhavam, pôs-se a cantarolar, como para demonstrar que suspeitava de que o quisessem targar, mas que seriam inúteis todos os esforços nesse sentido.

— Moço — chamou o cavalheiro das suíças.

— Senhor? — acudiu um homem de pele suja e com uma toalha nas mesmas condições, emergindo do cubículo já descrito.

— Mais torradas.

— Sim, senhor.

— Com manteiga, bem entendido — acentuou o cavalheiro, feroz.

— Imediatamente, senhor — replicou o criado.

O cavalheiro das suíças voltou a cantarolar uma toada e, enquanto aguardava a chegada das torradas, abeirou-se da chaminé, com os braços debaixo das abas da casaca, olhou atento para as botas e pôs-se a ruminar.

— Eu gostaria de saber onde pára essa diligência em Bath — disse o sr. Pickwick, em tom suave, dirigindo-se ao sr. Winkle.

— Hum... hein? Que foi? — inquiriu o estranho.

— Dirigi uma observação a meu amigo, senhor — replicou o sr. Pickwick, sempre pronto a entabular conversação. — Eu estava a imaginar em que ponto pára a diligência em Bath. O senhor talvez possa dizer-mo.

— O senhor vai a Bath? — perguntou o estranho.

— Vou — replicou o sr. Pickwick.

— E estes outros cavalheiros? — perguntou o estranho.

— Também vão — disse o sr. Pickwick.

— Mas não no interior do carro. Diabos me levem se forem no interior.

— Todos, não — disse o sr. Pickwick.

— Não, todos não — tornou, enfático, o estranho. — Reservei dois lugares. Se tentarem espremer seis pessoas numa caixa infernal onde cabem apenas quatro, alugarei uma sege e moverei uma ação contra a companhia. Paguei as minhas passagens. Isto não pode ser, eu disse ao caixeiro, quando comprei os meus lugares, que isso não podia ser. Sei que se fazem essas coisas. Todos os dias. Mas a mim não me logram, nem hão de lograr. Os que me conhecem bem sabem disso perfeitamente. Com trezentos diabos! — Nesse passo, o cavalheiro feroz tocou a campainha com grande violência e disse ao criado que, se não lhe trouxessem as torradas daí a cinco segundos, iria investigar pessoalmente a razão da demora.

— Meu bom senhor — disse o sr. Pickwick —, permita-me observar-lhe que está a irritar-se inutilmente. Reservei apenas dois lugares no interior.

— Folgo em sabê-lo — tornou o homem feroz. — Retiro as minhas expressões. Peço desculpas. Aqui está o meu cartão. Conheçamo-nos.

— Com muito prazer — replicou o sr. Pickwick. — Seremos companheiros de viagem e espero que a nossa companhia nos satisfaça mutuamente.

— Também espero — disse o cavalheiro feroz. — Tenho a certeza. Agrada-me a cara dos senhores; gosto dela. Dêem-me as suas mãos e os seus nomes. Conheçam-me.

Claro está que se seguiu uma troca de amistosas saudações a esse gracioso discurso; e o cavalheiro feroz passou imediatamente a informar aos amigos, com as mesmas sentenças breves, abruptas e incisivas, que o seu nome era Dowler; que ia a Bath no intuito de distrair-se; que servira no exército; que se metera agora em negócios, como um cavalheiro; que vivia de rendas; e que a pessoa para a qual fora reservado o segundo lugar era nem mais nem menos que sua esposa.

— É uma bela mulher — disse o sr. Dowler. — Orgulho-me dela. E tenho razões.

— Espero ter o prazer de julgá-lo pessoalmente — disse o sr. Pickwick, com um sorriso.

— Há de tê-lo — replicou Dowler. — Ela haverá de conhecê-lo. Haverá de estimá-lo. Cortejei-a em circunstâncias singulares. Conquistei-a por meio de um voto temerário. Vi-a; amei-a; pedi-a; ela recusou-me. “Gosta de outro?” “Poupe o meu pudor.” “Eu conheço-o?” “Conhece.” “Muito bem; se ele continua aqui, arranco-lhe a pele.”

— Valha-me Deus! — exclamou, sem querer, o sr. Pickwick.

— E o senhor arrancou a pele do outro? — perguntou o sr. Winkle, muito pálido.

— Escrevi-lhe uma nota, dizendo que aquilo era uma coisa muito penosa. E era.

— Naturalmente — assentiu o sr. Winkle.

— Declarei que empenhara a minha palavra de honra em que lhe havia de arrancar a pele. Estava em jogo a minha reputação. Não me restava outra alternativa. Como oficial de Sua Majestade, corria-me a obrigação de esfolá-lo. Eu lamentava a necessidade, mas era preciso. Ele deixou-se persuadir. Conheceu que as normas do serviço eram imperativas. Fugiu. Casei com ela. Aí vem a diligência. Aquela é a cabeça dela.

Ao concluir, apontou o sr. Dowler para um carro que acabava de parar, em cuja portinhola, aberta, se via um rosto bonito, com uma touca azul, que procurava alguém entre as pessoas aglomeradas na calçada: provavelmente o homem violento. O sr. Dowler pagou a conta e saiu, precipitado, com o barrete de viagem, a capa e o sobretudo; o sr. Pickwick e os amigos seguiram-no para ocuparem os seus lugares.

O sr. Tupman e o sr. Snodgrass sentaram-se na traseira da diligência; o sr. Winkle entrou no interior; e o sr. Pickwick preparava-se para segui-lo, quando Sam Weller aproximou-se do amo e pediu, em voz baixa, licença para falar, com ar de mistério profundíssimo.

— Então, Sam — disse o sr. Pickwick —, que aconteceu agora?

— Uma dos diabos, senhor — respondeu Sam.

— Que foi? — perguntou o sr. Pickwick.

— Um negócio aqui, senhor — volveu Sam. — Receio muito que o proprietário desta diligência queira pregar-nos alguma peça.

— Como assim? — indagou o sr. Pickwick. — Os nossos nomes não estão na folha?

— Não é só na folha que estão, senhor — replicou Sam —, mas um deles foi até pintado na porta da diligência. — Enquanto falava, apontava para a parte da portinhola do carro em que de hábito se lê o nome do proprietário; e lá, sem dúvida nenhuma, em letras douradas de bom tamanho, estava o nome PICKWICK!

— Ora, sim, senhor! — exclamou o sr. Pickwick, aturdido pela coincidência. — Que coisa extraordinária!

— Sim, mas isso não é tudo — continuou Sam, dirigindo novamente a atenção do amo para a portinhola da diligência. — Não satisfeitos com escreverem Pickwick, puseram “Moisés” antes, o que, a meu ver, é acrescentar um insulto a uma injúria, como disse o papagaio quando o levaram de sua terra natal e o obrigaram, ainda por cima, a falar inglês.

— Isso, de fato, é muito estranho, Sam — disse o sr. Pickwick. — Mas, se ficarmos conversando aqui, perderemos os nossos lugares.

— E não se há de fazer nada em vista de uma coisa dessas, senhor? — exclamou Sam, pasmado da frieza com que o sr. Pickwick pareceu encantoar-se no interior do carro.

— Fazer o quê? — perguntou o sr. Pickwick.

— E ninguém levará uma surra por haver tomado essa liberdade? — perguntou o sr. Weller, que esperava pelo menos receber o encargo de desafiar o guarda e o cocheiro para um encontro pugilístico no local.

— Está claro que não — retrucou, vivamente, o sr. Pickwick. — De maneira nenhuma, suba já para o seu lugar.

— Receio muito — murmurou Sam entre si, ao afastar-se — que tenha acontecido alguma coisa esquisita ao patrão, pois, do contrário, não se mostraria tão calmo assim. Espero que o tal processo não lhe tenha desconcertado os miolos, mas o negócio parece que vai mal, muito mal. — O sr. Weller sacudiu gravemente a cabeça, e merece ser mencionado, como ilustração de quanto o impressionou a circunstância, que não pronunciou uma única palavra enquanto a diligência não chegou à barreira de Kensington. O que constituiu para ele período tão grande de silêncio, que o fato pode ser considerado inteiramente sem precedentes.

Nada ocorreu durante a viagem que merecesse menção especial. O sr. Dowler referiu uma série de anedotas, ilustrativas, todas, de suas façanhas e de sua coragem, e pedia a confirmação da sra. Dowler; e a sra. Dowler contava então, invariavelmente, em forma de apêndice, algum fato ou circunstância notável que o sr. Dowler esquecera ou talvez, por modéstia, calara: pois cada acrescentamento tendia a mostrar que o sr. Dowler era um sujeito mais maravilhoso ainda do que ele próprio se dizia. O sr. Pickwick e o sr. Winkle ouviam com grande admiração e, nos intervalos, conversavam com a sra. Dowler, pessoa muito agradável e fascinante. De sorte que, entre as histórias do sr. Dowler, os encantos da sra. Dowler, o bom humor do sr. Pickwick e atenção

do sr. Winkle, os que viajavam no interior do carro conseguiram fazer o trajeto em perfeita harmonia.

Os que viajavam no exterior procederam como procedem sempre os passageiros que ocupam, nas mesmas condições, os mesmos lugares. Mostravam-se muito alegres e faladores no princípio de cada uma das etapas do caminho, muito tristes e sonolentos no meio e muito brilhantes e espertos outra vez no fim. Havia um mancebo com capa de borracha que fumava charutos o dia inteiro; e havia outro mancebo com uma paródia de sobretudo que acendia grande quantidade deles, mas que, sentindo-se evidentemente mal depois da segunda baforada, os lançava de si quando supunha que ninguém o observava. Havia um terceiro mancebo na boléia que desejava parecer entendido em pecuária; e havia, atrás dele, um velho que entendia de agricultura. Houve na estrada uma constante sucessão de nomes de batismo que vestiam blusas ou casacas brancas, a que o guarda oferecia uma “beira” e que conheciam todos os cavalos e moços de cavalaria pela estrada e fora dela; e houve um jantar que teria ficado barato, a meia coroa por pessoa, se um número moderado de bocas tivesse tido tempo para comê-lo. E, às 7 horas da tarde, o sr. Pickwick e os amigos e o sr. Dowler e a esposa recolheram-se respectivamente aos seus gabinetes particulares no Hotel do Veado Branco, defronte da grande sala de banhos de Bath, onde os criados poderiam, em virtude de suas roupas, ser confundidos com os estudantes de Westminster, se não destruíssem a ilusão portando-se muito melhor do que estes.

Apenas se retirara, na manhã seguinte, a mesa do almoço, quando um criado trouxe o cartão do sr. Dowler e um pedido de licença para apresentar um amigo. O sr. Dowler não demorou em acompanhar a entrega do cartão, aparecendo imediatamente em companhia do amigo.

Era este um jovem encantador de pouco mais de cinqüenta anos, espenicado numa casaca azul muito brilhante, com botões resplandecentes, calça preta e o par de botas mais finas e polidas que seria possível encontrar. Do pescoço, por uma fita preta, curta e larga, pendia-lhe um monóculo de ouro; segurava na mão esquerda uma caixa de rapé, também de ouro; cintilavam-lhe nos dedos anéis de ouro inumeráveis; e um grande alfinete de brilhante, com montagem de ouro, refulgia-lhe no peitilho da camisa. Tinha um relógio de ouro, e uma corrente de ouro com grande selos de ouro; e trazia uma bengala de ébano com um pesado castão de ouro. A roupa branca era da mais branca, da mais fina e da mais engomada; a cabeleira era da mais lustrosa,

da mais negra e da mais encaracolada. O rapé era uma mistura de príncipes; o perfume, *bouquet du roi*; e ostentava dentes em tão perfeita ordem que fora difícil estremar os falsos dos verdadeiros.

— O sr. Pickwick — disse o sr. Dowler —, o meu amigo, Ângelo Cyrus Bantam, Esquire. Mestre-de-Cerimônias Bantam; o sr. Pickwick. Conheçam-se.

— Bem-vindo seja a Ba-ath, senhor. Isto, com efeito, é uma aquisição. Muito bem-vindo seja a Ba-ath, senhor. Faz muito, muito tempo, sr. Pickwick, que o senhor não toma destas águas. Parece um século, sr. Pickwick. No-tável!

Tais foram as expressões com que Ângelo Cyrus Bantam, Esquire, mestre-de-cerimônias, tomou da mão do sr. Pickwick, retendo-a na sua, durante todo esse tempo, e encolhendo os ombros com uma constante sucessão de inclinações, como se não lograsse soltá-la outra vez.

— Faz, por certo, muito tempo que não tomo destas águas — replicou o sr. Pickwick —, pois, se me é fiel a memória, esta é a primeira vez que venho cá.

— A primeira vez, sr. Pickwick! — exclamou o mestre-de-cerimônias, deixando cair a mão, espantadíssimo. — A primeira vez que estive em Ba-ath! Hi! hi! O senhor gosta de brincar, sr. Pickwick. Essa não é má, não é má. Hi! hi! hi! No-tável!

— Para vergonha minha, sou obrigado a confessar que falo com toda a seriedade — retorquiu o sr. Pickwick. — Em realidade, nunca estive aqui.

— Oh, eu compreendo, eu compreendo — exclamou o mestre-de-cerimônias, muito prazenteiro. — Sim... sim... muito bem, muito bem... cada vez melhor. O senhor é o cavalheiro de que ouvimos falar. Sim; nós o conhecemos, sr. Pickwick, nós o conhecemos.

“Leram, com certeza, naqueles malditos jornais a notícia do meu processo”, pensou o sr. Pickwick. “Sabem de tudo a meu respeito.”

— O senhor é o cavalheiro que reside em Clapham Green — continuou Bantam — e que perdeu o uso dos membros por haver, imprudentemente, apanhado um resfriado depois de tomar vinho do Porto; que não podia mexer-se por causa dos seus horríveis padecimentos e que mandou buscar a água do banho do rei, engarrafada, a 103 graus, e fê-la transportar ao seu quarto numa carroça, onde se lavou, espirrou e sarou no mesmo dia. Notabilíssimo!

O sr. Pickwick agradeceu o cumprimento implicado na suposição, mas teve a modéstia de repudiá-lo, apesar de tudo; e, aproveitando-se de um momento de silêncio da parte do mestre-de-cerimônias, pediu licença para

apresentar os amigos, o sr. Tupman, o sr. Winkle e o sr. Snodgrass. Apresentação que encheu o mestre-de-cerimônias de honra e de prazer.

— Bantam — disse o sr. Dowler. — O sr. Pickwick e os amigos são forasteiros. Precisam deixar os seus nomes assinados. Onde está o livro?

— O livro de registro dos visitantes ilustres de Ba-ath estará na Sala da Bomba hoje às 2 horas — replicou o mestre-de-cerimônias. — Quer ter a bondade de conduzir os nossos amigos a esse esplêndido edifício e permitir que eu lhes obtenha os autógrafos?

— Como não! — respondeu Dowler. — É uma visita demorada. São horas de partirmos. Estaremos de volta daqui a uma hora. Vamos.

— Hoje à noite realiza-se um baile — disse o mestre-de-cerimônias, tomando outra vez da mão do sr. Pickwick, ao levantar-se para sair. — Os bailes de Ba-ath são momentos arrancados ao paraíso; momentos tornados encantadores pela música, pela beleza, pela elegância, pela moda, pela etiqueta, e... e... acima de tudo pela ausência de gente do comércio, de todo o ponto inconsistente com o paraíso; e que se retine, de quinze em quinze dias, no Guildhall, em assembléias positivamente notáveis. Adeus, adeus! — e protestando achar-se, enquanto descia as escadas, satisfeitíssimo, deliciadíssimo, penhoradíssimo e lisonjeadíssimo, Ângelo Cyrus Bantam, Esquire, mestre-de-cerimônias, entrou num carro elegantíssimo que o esperava e partiu.

À hora aprazada, o sr. Pickwick e os amigos, escoltados por Dowler, dirigiram-se à Sala da Bomba, e assinaram os seus nomes num livro. Mostra de condescendência que penhorou mais do que nunca Ângelo Bantam. Deviam preparar-se entradas para o baile daquela noite, que seriam distribuídas a todos, mas, como não estivessem prontas, encarregou-se o sr. Pickwick, a despeito de todos os protestos de Ângelo Bantam, de mandar Sam buscá-las às 4 horas da tarde, em casa do mestre-de-cerimônias, em Queen Square. Depois de darem um pequeno passeio pela cidade e chegarem à unânime conclusão de que a rua Park era muito semelhante à rua perpendicular que a gente vê em sonhos e não pode subir por nada deste mundo, voltaram ao Veado Branco e mandaram Sam à procura das entradas.

Sam Weller pôs o chapéu com muito garbo e muita graça e, enfiando as mãos nos bolsos do colete, encaminhou-se com grande deliberação para Queen Square, assobiando, de caminho, diversas cançonetas populares mais em voga, em arranjos inteiramente novos para os nobres instrumentos que são a boca, o órgão e o realejo. Chegado ao número da Queen Square a que fora dirigido,

parou de assobiar e deu uma alegre pancada, instantaneamente respondida por um laçao de cabeleira empoada, estatura simétrica e magnífica libré.

— É aqui a casa do sr. Bantam, meu velho? — perguntou Sam Weller, sem se deixar intimidar pelo esplendor que se lhe deparou à vista na pessoa do laçao de cabeleira empoada e magnífica libré.

— Por que, meu rapaz? — foi a altiva pergunta do laçao de cabeleira empoada.

— Porque, se for, vá procurá-lo com este cartão e dizer-lhe que o sr. Weller está esperando, sim? — respondeu Sam. E, dizendo-o, penetrou friamente o vestíbulo e sentou-se.

O laçao de cabeleira empoada fechou a porta com força e franziu, com majestade, o sobrolho; mas assim o estrondo da porta como o sobrececho, não fizeram efeito em Sam, que examinava, com todas as mostras externas de aprovação crítica, um porta guarda-chuvas de mogno.

A recepção dispensada pelo amo ao cartão dispôs, aparentemente, em favor de Sam o laçao de cabeleira empoada, pois este, ao voltar, depois de entregá-lo, sorriu de maneira amistosa e disse que a resposta não tardaria.

— Muito bem — concordou Sam. — Diga ao velho que não é preciso suar por causa disso. Não tenho pressa, 6 pés. Já jantei.

— O senhor janta cedo — observou o laçao de cabeleira empoada.

— Janto cedo para cear melhor — replicou Sam.

— Está em Bath há muito tempo? — perguntou o laçao de cabeleira empoada. — Não tive o prazer de ouvir referências a seu respeito.

— Ainda não causei muita sensação por aqui — retrucou Sam —, pois eu e os outros elegantes só chegamos ontem à noite.

— Este é um bonito lugar — disse o laçao de cabeleira empoada.

— Parece — aquiesceu Sam.

— Sociedade agradável — observou o laçao de cabeleira empoada. — Criados muito bem-educados.

— Foi o que me pareceu — tornou Sam. — Sujeitos afáveis, desafetados, que não se metem na vida de ninguém.

— Exatíssimamente — concordou o laçao de cabeleira empoada, tomando como elevado cumprimento a observação de Sam. — Exatíssimamente. O senhor toma disto? — ajuntou, mostrando uma caixinha de rapé com uma cabeça de raposa na tampa.

— Não sem espirrar — retrucou Sam.

— Sim, confesso que é difícil — acudiu o lacaio alto. — Mas pode-se fazer aos poucos. O melhor exercício é o café. Andei com café no bolso durante muito tempo. Parece-se muito com rapé.

Nessa altura, um toque vigoroso da campainha reduziu o lacaio de cabeleira empoadada à ignominiosa necessidade de enfiar no bolso a cabeça de raposa e precipitar-se com semblante humilde para o “escritório” do sr. Bantam. A propósito, não se conhece ninguém que, não tendo o hábito de ler nem de escrever, não tenha também uma saleta no fundo da casa que não timbre em chamar de escritório!

— Aqui está a resposta, senhor — disse o lacaio de cabeleira empoadada — Receio que se lhe afigure inconvenientemente grande.

— Não tem importância — respondeu Sam, tomando de uma carta encerrada num envólucro pequeno. — É possível que a natureza, exausta, possa com ela sem desfalecer.

— Espero que nos tornemos a encontrar, senhor — disse o lacaio de cabeleira empoadada, esfregando as mãos e acompanhando Sam até a porta.

— O senhor é muito amável — replicou Sam. — Mas, pelo amor de Deus, não se fatigue mais do que lhe permitem as suas forças, gentilíssima criatura. Pense no que deve à sociedade, e não permita que o excesso de trabalho venha a fazer-lhe mal. Por amor aos seus semelhantes, esteja o mais tranqüilo possível; calcule a falta que haveria de fazer! — E, com essas palavras patéticas, Sam Weller partiu.

— Singularíssimo rapaz — disse consigo só o lacaio de cabeleira empoadada, acompanhando o sr. Weller com os olhos, com uma expressão que mostrava claramente que não o entendia.

Sam não disse nada. Piscou, sacudiu a cabeça, sorriu e tornou a piscar; e, com semblante que parecia denotar imenso divertimento, afastou-se, alegre.

Aquela noite, às 7h40 em ponto, Ângelo Cyrus Bantam, Esquire, mestre-de-cerimônias, apeou de seu carro à porta das Salas de Baile com a mesma cabeleira, os mesmos dentes, o mesmo monóculo, o mesmo relógio e os mesmos berloques, os mesmos anéis, o mesmo alfinete de peito e a mesma bengala. A única alteração observável em sua aparência era o galhardear ele uma casaca azul ainda mais brilhante, com forro de seda branca, calção preto, meias pretas de chapins, um colete branco e o estar, se possível, mais perfumado ainda.

Assim enfatiotado, o mestre-de-cerimônias, no rigoroso desempenho das importantes obrigações do seu importantíssimo ofício, postou-se nas salas para receber os convivas.

Pois que Bath se achava repleta, os convivas e os 6 *pence* para o chá concorriam em massa. Na sala de baile, na sala de jogo comprida, na sala de jogo octogonal, nas escadas e corredores, a algazarra de muitas vozes e o arrastar de muitos pés eram perfeitamente atordoantes. Vestidos rumorejavam, agitavam-se plumas, luzes brilhavam e esfuzilavam jóias. Havia música — não a da orquestra, que ainda não começara, mas a dos passinhos leves e miúdos, entremeados, de vez em vez, de um riso claro e alegre, baixo e delicado, mas sempre agradável de ouvir quando a voz é de mulher, seja em Bath, seja em outro lugar qualquer. Olhos brilhantes, alumados por agradável expectativa, luziam de todos os lados; e, para onde quer que a gente olhasse, veria uma graciosa figura a deslizar, com donaire, pela multidão, e, assim que se perdia, outra a substituíá, igualmente esbelta e feiticeira.

Na sala de chá e à volta das mesas de jogo, via-se grande número de velhas estúrdias e velhos decrépitos, a discutirem as novidades e os escândalos do dia, com um apazimento e um gosto que bem diziam da intensidade do prazer que lhes propiciava a ocupação. Misturadas a esses grupos, três ou quatro mães casamenteiras, que se diriam completamente absortas na conversação em que tomavam parte, não deixavam de, a revezes, dirigir ansioso olhar de soslaio às filhas, que, lembradas da recomendação materna de aproveitarem o quanto possível a mocidade, já tinham iniciado flertes incipientes, perdendo charpas, calçando luvas, pousando chávenas, e assim por diante; coisas aparentemente sem importância, mas que podem dar magníficos resultados quando exploradas por hábeis praticantes.

Preguiçando cerca das portas e nos cantos remotos, viam-se diversos grupos de néscios rapazes, fazendo praça de múltiplas variedades de narcisismo e estupidez; divertindo as pessoas sensatas que se achavam ao lado com a sua presunção e toleima; e cuidando, felizes, serem objetos da admiração geral. Sábia e misericordiosa presunção que nenhum homem de juízo lhes disputaria.

E, por derradeiro, sentadas nalguns bancos de trás, onde já haviam tomado posição para a noite, viam-se diversas senhoras solteiras, que já tinham passado o seu grande ano climatérico e que, não dançando porque não havia quem dançasse com elas e não jogando com o receio de serem consideradas irremissivelmente solteironas, se achavam na situação favorável de poderem

criticar toda a gente sem que as suas críticas recaíssem sobre elas. Em suma, podiam falar mal de todos, porque todos estavam lá. Era um espetáculo de alegria, brilhantismo e luxo; de pessoas ricamente vestidas, belos espelhos, soalhos encerados, girândolas e velas; e, em todas as partes da cena, deslizando de um lado para outro, suave e silencioso, inclinando-se, obsequioso, para este grupo, acenando, familiar, para aquele, e sorrindo, complacente, para todos, via-se a figura requintadamente garrida de Ângelo Cyrus Bantam, Esquire, mestre-de-cerimônias.

— Pare na sala de chá. Beba os seus 6 *pence*. Dão-nos água quente e chamam-lhe chá. Beba — disse o sr. Dowler, em voz alta, ao sr. Pickwick, que se adiantava à frente do grupinho, dando o braço à sra. Dowler. O sr. Pickwick voltou-se para a sala de chá; e, tendo-o avistado, o sr. Bantam abriu caminho entre a multidão como um sacarolhas e veio recebê-lo, estático.

— Meu caro senhor, sinto-me profundamente honrado. — Ba-ath é favorecida. Sra. Dowler, a senhora embeleza estas salas. Preciso cumprimentá-la pelas suas plumas. No-táveis!

— Está alguém aqui? — perguntou o sr. Dowler, suspeito.

— Alguém! A elite de Ba-ath! Está vendo aquela senhora com o turbante de gaze, sr. Pickwick?

— Aquela velha gorda? — perguntou o sr. Pickwick, inocente.

— Psiu, meu caro senhor; ninguém é velho nem gordo em Ba-ath. Aquela é lady Snuphanuph, a viúva.

— Sim? —olveu o sr. Pickwick.

— Nem mais nem menos — confirmou o mestre-de-cerimônias. — Psiu. Chegue-se um pouco mais, sr. Pickwick. Está vendo aquele mancebo esplendidamente vestido que vem vindo para cá?

— Aquele de cabelos compridos e testa surpreendentemente pequena? — perguntou o sr. Pickwick.

— Aquele mesmo. É o mancebo mais rico de Ba-ath neste momento. O jovem lorde Mutanhed.

— Não me diga! — voltou o sr. Pickwick.

— É a pura verdade. O senhor lhe ouvirá a voz daqui a um momento, sr. Pickwick. Ele falará comigo. O cavalheiro que está ao seu lado de colete vermelho e bigode preto, é o *Honourable* sr. Crushton, seu amigo íntimo. Como tem passado, excelência?

— Faz muito calor, Bantam — disse o lorde.

— Muitíssimo, excelência — anuiu o mestre-de-cerimônias.

— Um calor desgraçado — concordou o *Honourable* sr. Crushton.

— Já viu a mala-posta de Sua Excelência, Bantam? — indagou o *Honourable* sr. Crushton, depois de breve pausa, durante a qual lorde Mutanhed procurou desconcertar o sr. Pickwick pasmando os olhos nele e o sr. Crushton se pôs a refletir no assunto que Sua Excelência poderia versar melhor.

— Não me diga! Uma mala-posta! — replicou o mestre-de-cerimônias — Que idéia maravilhosa! No-tável!

— Ora essa! — interveio Sua Excelência. — Eu supunha que toda a gente houvesse visto a nova mala-posta; é a coisinha mais encantadora, mais linda e mais graciosa que já andou sobre rodas. Todinha pintada de vermelho, com uma parelha de cor creme.

— Com uma caixa de verdade para o correio, e tudo completo — explicou o *Honourable* sr. Crushton.

— E um assentozinho na frente, com uma gradinha de ferro, para o cocheiro — acrescentou Sua Excelência. — Guiei-a até Bristol, outro dia de manhã, com uma casaca encarnada e dois criados, que vinham a cavalo um quarto de milha atrás; e macacos me mordam se todos não saíam das cabanas para me fazer parar e perguntar se eu não era o carteiro. Uma delícia! Uma delícia!

Ao cabo dessa anedota, Sua Excelência desatou a rir a bandeiras despregadas, no que foi, naturalmente, acompanhado pelos circunstantes. Em seguida, passando o braço pelo do obsequioso sr. Crushton, distanciou-se.

— Sua Excelência é um rapaz encantador — disse o mestre-de-cerimônias.

— Parece — acudiu, secamente, o sr. Pickwick.

Iniciadas as danças, feitas as necessárias apresentações, concertadas as preliminares, Ângelo Bantam foi juntar-se ao sr. Pickwick e conduziu-o à sala de jogo.

Exatamente no momento em que entravam, a viúva lady Snuphanuph e duas outras senhoras de vetusto aspecto, que cheiravam a *whist*, rondavam em torno de uma mesa vazia de jogo; e, assim que deram com os olhos do sr. Pickwick, comboiado por Ângelo Bantam, entreolharam-se, vendo ser ele precisamente a pessoa de que careciam para inteirar o grupo.

— Meu caro Bantam — pediu, aliciante, lady Snuphanuph —, veja se encontra para nós uma boa criatura que complete esta mesa; ande, seja bonzinho. — E, como adergasse o sr. Pickwick de olhar naquele instante para outro lugar, inclinou a cabeça para o lado dele e indicou-o com um volver expressivo de olhos.

— O meu amigo, sr. Pickwick, excelência, terá nisso o maior prazer, tenho a certeza — disse o mestre-de-cerimônias, percebendo a alusão. — O sr. Pickwick, lady Snuphanuph; esposa do coronel Wugsby; a srta. Bolo.

Inclinou-se o sr. Pickwick para cada uma das senhoras e, conhecendo ser-lhe impossível escapar, sujeitou-se. Tirada a sorte, esta indicou o sr. Pickwick e a srta. Bolo contra lady Snuphanuph e a esposa do coronel Wugsby.

Ao virar-se a carta do trunfo, no princípio da segunda mão, precipitaram-se na sala duas meninas e colocaram-se de cada lado da cadeira da esposa do coronel Wugsby, onde esperaram, pacientes, que a mão terminasse.

— Então, Jane — perguntou a esposa do coronel Wugsby, voltando-se para uma das meninas. — Que aconteceu?

— Eu vim perguntar à mamãe se posso dançar com o sr. Crawley, o mais moço — murmurou a mais bonita e mais nova das duas.

— Ora essa, Jane, como é que você pode pensar numa coisa dessas? — replicou, indignada, a mamãe. — Já não ouviu dizer, uma porção de vezes, que o pai dele só tem 800 libras por ano, de renda, e que esta acabará quando ele morrer? Francamente, envergonho-me de você. De jeito nenhum.

— Mamãe — murmurou a outra, muito mais velha do que a irmã, e muito insípida e artificial —, lorde Mutanhed foi-me apresentado. Eu disse que pensava não estar comprometida, mamãe.

— Você é um amor, meu bem — replicou a esposa do coronel Wugsby, acariciando com o leque o rosto da menina —, e sempre merece a confiança da gente. Ele é imensamente rico, minha filha. Deus a abençoe! — Com essas palavras, a esposa do coronel Wugsby, muito afetuosa, beijou a filha mais velha e, depois de olhar com repreensivo sobreceño para a outra, baralhou as cartas.

Pobre sr. Pickwick! Nunca jogara com três velhas tão exímias no jogo. Jogavam tão desesperadamente bem, que o amedrontaram. Quando ele colocava mal uma carta, a srta. Bolo assumia o aspecto de um pequeno arsenal de punhais; quando parava para pensar na carta que devia jogar, lady Snuphanuph reclinava-se na cadeira e lançava um olhar e um sorriso de impaciência e piedade para a esposa do coronel Wugsby, limitando-se esta a

encolher os ombros e a tossir, como a perguntar se ele recomeçaria ou não a jogar. Por fim, ao cabo de cada mão, a srta. Bolo perguntava, com sinistro semblante e um suspiro de censura, por que o sr. Pickwick não voltara aos ouros, ou não cortara as espadas, ou não puxara os paus, ou não mostrara o ás, ou não jogara o rei, ou não voltara às copas, ou qualquer outra coisa nesse sentido; e a todas essas graves acusações, o sr. Pickwick sentia-se incapaz de opor a menor justificação, pois, a esse tempo, já lhe esquecera o jogo todo. Vinham sapos olhar, deixando-o mais nervoso ainda. Além de tudo isso, travava-se, ao pé da mesa, interminável conversação, que o distraía, entre Ângelo Bantam e as duas srtas. Matinters, que, solteiras e singulares, faziam corte assídua ao mestre-de-cerimônias, na esperança de conseguir, de vez em quando, um par extraviado. Tudo isso, combinado com os ruídos e interrupções das constantes entradas e saídas, faziam que o sr. Pickwick jogasse mal; de mais a mais, tinha as cartas contra si; e, quando se levantaram, às 11h10, a srta. Bolo afastou-se da mesa consideravelmente agitada, e foi direito para casa, banhada em lágrimas, numa cadeirinha.

Cercado pelos amigos, que protestaram nunca haver passado noite mais agradável, o sr. Pickwick acompanhou-os ao Veado Branco e, depois de mitigar os seus desgostos com alguma coisa quente, foi para a cama e adormeceu, quase ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XXXVI

QUE CONTÉM UMA AUTÊNTICA VERSÃO DA LENDA DO PRÍNCIPE BLADUD, E UMA CALAMIDADE ASSAZ EXTRAORDINÁRIA SUCEDIDA AO SR. WINKLE.

VISTO QUE SE PROPUNHA FICAR pelo menos dois meses em Bath, entendeu aconselhável o sr. Pickwick tomar aposentos particulares para si e para os amigos por esse período; e, como se lhes apropositasse o ensejo favorável de alugar, por preço módico, a parte superior de uma casa no Royal Crescent, maior do que desejavam, o sr. e a sra. Dowler ofereceram-se para livrá-los de um dormitório e de uma sala de estar. A proposta foi imediatamente aceita e, três dias depois, aquartelavam-se todos na nova residência, e o sr. Pickwick principiou a tomar as águas com a maior assiduidade. Tomava-as sistematicamente. Bebia meio quartilho antes do almoço e subia ao topo de um morro; bebia meio quartilho depois do almoço e descia a encosta de outro morro; e após cada meio quartilho declarava, nos termos mais enfáticos e solenes, que se sentia muito melhor, o que proporcionava enorme satisfação aos amigos, embora nunca tivessem sabido que ele sofresse de coisa alguma.

A grande sala da bomba é um aposento espaçoso, ornamentado de pilares coríntios, uma galeria de música, um relógio de Tompion, uma estátua de Nash e uma inscrição em letras de ouro, à qual deviam atender todos os bebedores de água, pois deles solicita meritória obra de caridade. Há um grande balcão com um vaso de mármore, de onde o encarregado da bomba extrai a água; e há um grande número de copos amarelos, por onde bebem os fregueses, constituindo um dos espetáculos mais edificantes e satisfatórios o ver a perseverança e a gravidade com que a sorvem. Perto dali há banheiras em que se banha parte dos doentes; e, depois, toca uma orquestra para congratular-se com os restantes por não haverem tomado banho. Há outra sala de bomba para onde são transportados senhoras e cavalheiros enfermos, em tão surpreendente variedade de carrinhos e cadeirinhas, que qualquer indivíduo aventureiro que se

abalança a entrar nela com o número normal de dedos dos pés corre o iminente risco de sair sem eles; e há uma terceira, aonde vão as pessoas sossegadas, por ser menos bulhenta que as outras. Há uma infinidade de criaturas que passeiam com muletas ou sem muletas, com bengalas ou sem elas, muita cavaqueira, muita jocosidade e muita animação.

Todas as manhãs os bebedores habituais de água, entre os quais se contava o sr. Pickwick, se encontravam na sala da bomba, tomavam o seu meio quartilho e punham-se a caminhar, segundo as instruções médicas. No passeio da tarde juntavam-se lorde Mutanhed e o *Honourable* sr. Crushton, a viúva lady Snuphanuph, a esposa do coronel Wugsby, e todas as pessoas graúdas e todos os bebedores de água matutinos. Em seguida, saíam, a pé, de carro ou de carrinho, e tornavam a encontrar-se. Os cavalheiros se dirigiam às salas de leitura, onde encontravam parte da sociedade, e, depois, iam para casa. Se fosse noite de teatro, talvez se encontrassem no teatro; se fosse noite de reunião, encontravam-se nas salas de reunião; e, se não fosse nada disso, encontravam-se no dia seguinte. Agradabilíssima rotina com ténues laivos, talvez, de monotonia.

O sr. Pickwick achava-se assentado, sozinho, depois de passar um dia dessa maneira tomando apontamentos, e havendo-se já recolhido os amigos, quando o despertou leve pancada à porta do quarto.

— Peço-lhe perdão — disse a sra. Craddock, a dona da casa, enfiando a cabeça pela porta —, mas o senhor não precisa de mais nada?

— De mais nada, minha senhora — replicou o sr. Pickwick.

— Minha filha já foi deitar-se — continuou a sra. Craddock — e o sr. Dowler teve a bondade de me dizer que ficaria à espera da sra. Dowler, pois é provável que a festa acabe tarde; por isso pensei, se o senhor não precisasse de mais nada, em ir para a cama.

— Perfeitamente, minha senhora — replicou o sr. Pickwick.

— Boa noite, então, senhor — disse a sra. Craddock.

— Boa noite, minha senhora — voltou o sr. Pickwick.

A sra. Craddock fechou a porta e o sr. Pickwick voltou a escrever.

Meia hora depois estavam concluídas as notas. O sr. Pickwick passou, cuidadoso, o mata-borrão na última página, fechou o livro, limpou a pena na parte interna da aba da casaca e abriu a gaveta do tinteiro para guardá-lo. Havia nessa gaveta duas folhas de papel, cheias de uma letrinha apertada, e dobradas de tal maneira que o título, escrito com letras redondas, se lhe apresentou por

extenso. Verificando não se tratar de documento particular, e como parecesse dizer respeito a Bath e fosse muito curto, o sr. Pickwick desdobrou-o, deu corda ao candeeiro para que durasse até o fim da leitura e, puxando a cadeira mais para perto do fogo, leu o que segue:

A VERDADEIRA LENDA DO PRÍNCIPE BLADUD

“Há menos de duzentos anos, num dos banhos públicos desta cidade, apareceu uma inscrição em honra de seu poderoso fundador, o afamado príncipe Bladud. A inscrição acha-se atualmente apagada.

“Muitos séculos antes desse tempo corria uma velha lenda, transmitida de geração em geração, segundo a qual o ilustre príncipe, atacado de lepra, ao voltar de ampla colheita de conhecimentos em Atenas, evitava a corte do régio pai e se amatalotava com lavradores e porcos. No meio do rebanho (assim reza a lenda) havia um porco de grave e solene aspecto, a quem o príncipe votava profunda simpatia — pois também era avisado —, um porco pensativo e reservado, animal superior aos seus semelhantes, de grunhido medonho e valente mordedura. Suspirava profundamente o jovem príncipe ao contemplar a majestosa fisionomia do varrão; pensava em seu régio pai e os olhos marejavam-se-lhe de lágrimas.

“Esse porco sagaz folgava de banhar-se em lutulentos e úmidos lamaçais. Não no verão, como o fazem os porcos de hoje, para se refrescarem, e o faziam até nessas épocas remotas (o que prova que a luz da civilização já então principiara a brilhar, ainda que frouxamente), senão nos dias ásperos e frios do inverno. As cerdas do animal eram sempre tão lisas e era tão clara a sua epiderme, que o príncipe resolveu experimentar as qualidades purificantes da mesma água em que se refocilava o amigo. Fez a experiência. Debaixo da lama negra borbulhavam os quentes mananciais de Bath. Lavou-se e curou-se. Apressou-se em voltar ao paço, onde preiteou ao pai as mais respeitosas homenagens e, tornando para cá, fundou esta cidade e os seus famosos banhos.

“Procurou o varrão com todo o ardor da antiga amizade — mas, infelizmente, as próprias águas lhe tinham causado a morte. Tomara, imprudente, um banho a uma temperatura muito alta, e o filósofo natural deixara de existir! Sucedeu-lhe Plínio, também vitimado pela sua sede de saber.

“Esta era a lenda. Ouçam agora a história verdadeira.

“Há muitos séculos florescia, com grande pompa, o famoso e celebrado Lud Hudibras, rei da Bretanha. Monarca poderoso, tremia a terra quando ele andava, pois era alentadíssimo. À luz do seu semblante, rútilo e rubro aquecia-se o povo. Era, de fato, um rei da cabeça aos pés, o que já não é pouco, pois, se bem não fosse muito alto, sobrava-lhe em circunferência o que lhe faltava em altura. Se se lhe pudesse comparar algum monarca degenerado dos tempos modernos, tenho que seria o rei Cole, esse ilustre potentado.

“Tinha o bom rei uma rainha, que oito anos antes lhe dera um filho, chamado Bladud. Este fora mandado para uma escola preparatória nos domínios do pai até os dez anos, e, depois, enviado, sob a guarda de fiel mensageiro, a terminar em Atenas os estudos. E, como não fosse preciso pagar extraordinário algum pela sua permanência na escola durante as férias, nem se requeresse aviso prévio para a retirada dos alunos, lá permaneceu durante oito longos anos, ao término dos quais mandou o rei seu pai o camareiro-mor ao colégio a fim de pagar a conta e trazê-lo de volta; feito o que, foi o camareiro-mor recebido com aclamações e imediatamente pensionado.

“Quando o rei Lud viu o príncipe seu filho, e reparou no guapo mancebo em que este se tornara, percebeu de pronto quão magnífico seria casá-lo sem demora, a fim de que os filhos de seu filho pudessem perpetuar a gloriosa raça de Lud, até os últimos séculos do mundo. Com esse intuito, mandou uma embaixada especial, composta de grandes fidalgos, que, não tendo o que fazer, precisavam de um ofício lucrativo, a um rei vizinho, a fim de pedir-lhe a mão de sua formosa filha para o príncipe; declarando, ao mesmo tempo, que ansiava por manter as mais afetuosas relações com seu irmão e amigo, mas que, se não chegassem a um acordo respeito a esse casamento, se veria na triste contingência de invadir-lhe o reino e arrancar-lhe os olhos. A isto, o outro rei (que era o mais fraco dos dois) replicou que ficava muito agradecido ao seu amigo e irmão por toda aquela benevolência e magnanimidade e que a filha estava pronta para casar, quando aproovesse ao príncipe Bladud ir buscá-la.

“Assim que essa resposta chegou à Bretanha, transportou-se a nação inteira de alegria. Não se ouviram, por todos os lados, senão ruídos de festas e banquetes — além do tilintar do dinheiro pago pelo povo ao coletor dos tesouros reais, para custear as despesas da feliz cerimônia. Foi nessa ocasião que o rei Lud, assentado no alto do seu trono, em pleno conselho, se ergueu, na exuberância da sua exultação, e ordenou ao meritíssimo juiz presidente que mandasse buscar os vinhos mais capitosos e os menestréis da corte: gesto de

afabilidade que, em virtude da ignorância de historiadores tradicionais, foi atribuído ao rei Cole, nestes famosos versos em que sua majestade é representado:

A pedir o cachimbo, e a pedir a sua taça,
E a convocar os seus três rabequistas.

O que constitui óbvia injustiça à memória do rei Lud, e desonesta exaltação das virtudes do rei Cole.

“Mas, no meio de todas as festas e regozijas, via-se um indivíduo que não bebia quando corriam os vinhos cintilantes, e que não dançava quando tocavam os menestréis. Esse indivíduo não era senão o próprio príncipe Bladud, em honra de cuja felicidade, naquele momento, um povo inteiro enchia a goela e esvaziava os bolsos. A verdade era que o príncipe, esquecido do direito indiscutível que possuía o ministro das Relações Exteriores de apaixonar-se por conta alheia, apaixonara-se por conta própria, desprezando todos os precedentes da política e da diplomacia, e secretamente se comprometera com a formosa filha de um nobre ateniense.

“Temos aqui um exemplo notável das múltiplas vantagens de uma civilização requintada. Se o príncipe tivesse vivido em época mais recente, poderia ter casado incontinenti com o objeto da escolha paterna, pondo, em seguida, seriamente, mãos à obra para livrar-se do fardo que lhe pesava sobre os ombros. Teria procurado espedaçar-lhe o coração por meio de uma série sistemática de insultos e desdêns; ou, se o ânimo do sexo dela ou uma altiva consciência das muitas injustiças sofridas a estimulassem acaso a resistir aos maus tratos, procuraria tirar-lhe a vida e, dessarte, livrar-se definitivamente da esposa. Mas nenhuma destas soluções ocorreu ao espírito de Bladud; de sorte que ele solicitou uma audiência particular e abriu-se com o pai.

“É velha prerrogativa dos reis governarem tudo, exceto as suas próprias paixões. O rei Lud teve um acesso medonho de cólera, atirou a coroa para o ar e tornou a pegá-la — pois, nesses tempos, os reis conservavam a coroa na cabeça, e não na Torre de Londres —, bateu com os pés no chão, esmurrou a testa, perguntou por que motivo se rebelavam contra ele o seu próprio sangue e a sua própria carne e, ao cabo de tudo, chamando os guardas, ordenou-lhes que trancafiassem incontinenti o príncipe numa torre alta; tratamento que os

reis de antanho em regra dispensavam aos filhos quando as inclinações matrimoniais destes não coincidiam com as suas.

“Depois de ficar o príncipe Bladud aferrolhado na torre alta durante a maior parte de um ano, sem ver com os olhos do corpo senão um muro de pedra, ou com os olhos do espírito senão um prolongado encarceramento, principiou naturalmente a meditar um plano de fuga que, após alguns meses de preparativos, logrou levar a cabo, deixando, por especial consideração, a faca de mesa no coração do carcereiro, para que o pobre sujeito (que tinha família) não fosse considerado cúmplice do seu escape e, portanto, castigado pelo rei enfurecido.

“O monarca ficou possesso com a perda do filho. Não sabia com quem desabafar a sua dor e a sua ira, até que se lembrou, felizmente, do camareiro-mor que o trouxera de volta e cortou-lhe, ao mesmo passo, a pensão e a cabeça.

“Entrementes, o jovem príncipe, habilmente disfarçado, errava, a pé, pelos domínios paternos, consolado e animado, em todos os seus trabalhos, pela meiga lembrança da donzela ateniense, causa inocente de suas penosas provações. Um belo dia, deteve-se num lugarejo para descansar; e, vendo as danças alegres executadas sobre a relva, e os rostos prazenteiros que passavam de um lado para outro, arriscou-se a perguntar ao folgazão mais próximo a causa daquele entusiasmo todo.

“— Não soubeste, ó estrangeiro — foi a resposta —, da recente proclamação do nosso gracioso rei?

“— Proclamação! Não. Que proclamação? — acudiu o príncipe, pois viajara pelas sendas mais afastadas e menos freqüentadas, e nada sabia do que se passara nas estradas públicas, tais quais então as havia.

“— Ora — replicou o campônio —, a dama estrangeira que o nosso príncipe queria desposar casou com um nobre de sua terra; e o rei, proclamando o fato, ordenou grandes festividades públicas; pois agora, naturalmente, o príncipe Bladud voltará e casará com a dama que seu pai escolheu e que dizem ser bela como o sol do meio-dia. À vossa saúde, senhor. Deus guarde o rei.

“O príncipe não quis ouvir mais nada. Abriu a fugir e enveredou pelos mais profundos recessos de uma floresta vizinha. Por ela vagueou, noite e dia: debaixo do Sol adurente e da Lua pálida e fria; ao calor seco do meio-dia e ao úmido frio da noite; à luz pardacenta da alvorada e aos rubros clarões do

crepúsculo. Tão descuidado do tempo e tão sem destino ia que, tendo rumado para Atenas, achou-se, um belo dia, em Bath.

“Naquela época não havia cidade onde hoje existe Bath. Não se encontravam vestígios de habitação humana, nem sinais da passagem de homens, que lhe pudessem dar nome; mas era a mesma paisagem encantadora, a mesma extensão de vales e colinas, o mesmo límpido regato, que se perdia, muito ao longe; as mesmas montanhas altaneiras que, à semelhança dos desgostos da vida, vistas de longe, e parcialmente obscurecidas pela bruma cintilante da manhã, perdiam escarpas e asperezas e pareciam serenas e macias. Tocado pela suave beleza da cena, caiu o príncipe sobre a relva e banhou, nas próprias lágrimas, os pés inchados.

“— Oh! — disse o infeliz Bladud, retorcendo as mãos e erguendo tristemente os olhos para o céu. — Oxalá terminassem aqui as minhas peregrinações! Oxalá corressem em paz, para sempre, estas lágrimas gratas com que choro a esperança iludida e o amor desdenhado!

“Foi-lhe o desejo ouvido. Era no tempo em que os deuses pagãos, de vez em quando, usavam atender aos homens ao pé da letra com uma presteza que era, em certos casos, assaz inconveniente. Abriu-se o chão debaixo dos pés do príncipe; ele caiu no abismo; e a terra fechou-se-lhe instantaneamente sobre a cabeça para sempre, exceto no lugar em que principiaram a jorrar-lhe as lágrimas quentes, e onde continuam a fazê-lo desde então.

“Tem-se observado, até hoje, que grande número de senhoras e senhores de idade, decepcionados na procura de um par, e quase outros tantos jovens, ansiosos por obtê-lo, se dirigem anualmente a Bath, para tomar as águas; do que lhes advém grande força e consolo. O que muito recomenda as virtudes das lágrimas do príncipe Bladud e corrobora com vigor a veracidade de sua lenda.”

O sr. Pickwick bocejou diversas vezes ao chegar ao cabo deste manuscritozinho; tornou a dobrá-lo com cuidado e recolocou-o na gaveta do tinteiro, e, depois, com uma fisionomia em que se estampava um cansaço extremo, acendeu a vela do quarto e subiu a escada para ir deitar-se.

Parou à porta do sr. Dowler, segundo o costume, e bateu, para desejar-lhe boa noite.

— Ah! — disse Dowler. — Já vai para a cama? Quem me dera fazer o mesmo. Noite horrível. Está ventando muito, não está?

— Muito — respondeu o sr. Pickwick. — Boa noite.

— Boa noite.

O sr. Pickwick foi para o quarto e o sr. Dowler tornou a sentar-se diante do fogo, em cumprimento da precipitada promessa que fizera de esperar a esposa.

Poucas coisas há mais aborrecidas do que esperarmos por alguém, maiormente quando esse alguém está numa festa. Não podemos menos de pensar em quão rápido passa o tempo para ele e como se arrasta, lerdo, para nós; e, quanto mais pensamos nisso, mais se nos desvanecem as esperanças da sua próxima chegada. O relógio parece-nos bater mais pesado e temos a impressão de usar roupas interiores feitas de teias de aranha. Primeiro, qualquer coisa nos faz cócegas no joelho direito; a seguir, a mesma sensação irrita-nos o esquerdo. Tão logo mudamos de posição, ela principia nos braços; depois de experimentarmos com as pernas as mais esquisitas posições, volta o prurido, desta feita no nariz, que esfregamos como se quiséssemos arrancá-lo — o que, sem dúvida, faríamos, se pudéssemos. Os olhos, também, não passam de simples inconvenientes pessoais; e o morno de uma vela aumenta uma polegada e meia enquanto espevitamos a outra. Estes e outros pequenos aborrecimentos nervosos tornam a espera, pelo tempo que for, depois que todos os outros se recolheram, tudo, menos um divertimento agradável.

Era esta mesma a opinião do sr. Dowler, sentado diante do lume, honestamente indignado contra as bárbaras criaturas da festa que o obrigavam a ficar acordado. Também não o deixou de bom humor a reflexão de que ele próprio enfiara na cabeça, naquela tarde, a idéia de que esta lhe doía e que, por isso, devia ficar em casa. Ao fim, depois de cair várias vezes no sono e sobre a grade da lareira, e de recuar outras tantas com suficiente presteza para não queimar o rosto, o sr. Dowler decidiu deitar-se na cama da saleta para pensar — e não para dormir, naturalmente.

— Tenho o sono pesado — disse consigo, estirando-se na cama — Preciso permanecer acordado. Acho que daqui se escutam as pancadas à porta. Isso mesmo. Era o que eu pensava. Ouço perfeitamente o guarda-noturno. Lá vai ele. Já agora o som é mais fraco. Mais fraco ainda. Ele está virando a esquina. Ah! — E quem virou a esquina, diante da qual hesitara tanto tempo, foi o próprio sr. Dowler, ferrando num sono profundo.

Ao darem, precisamente, 3 horas, desembocou no Crescente uma cadeirinha, em que vinha a sra. Dowler, carregada por um homem baixo e

gordo e outro alto e magro, que se tinham visto em palpos de aranha para conservarem perpendiculares os respectivos corpos, para não falarmos na cadeirinha. Mas, naquele lugar e no Crescente, o vento rodopiava com tremenda fúria, como se fosse arrancar as pedras da calçada. Ficaram muito satisfeitos quando puderam depositar a cadeirinha no chão e dar uma dupla e sonora aldrabada à porta da rua.

Esperaram algum tempo, mas ninguém apareceu.

— Acho que os criados estão nos braços de Morfeu — disse o mais baixo dos moços da cadeirinha, aquecendo as mãos ao fogo do archote do garoto que os acompanhava.

— Pois eu gostaria de que o tal Morfeu lhes desse um beliscão para acordá-los — acudiu o mais alto.

— Bata outra vez, por favor — gritou a sra. Dowler, da cadeirinha.

— Bata duas ou três vezes, por favor.

O homem baixo ansiava por liquidar o caso o mais depressa possível; subiu, por isso, ao primeiro degrau e desferiu quatro ou cinco valentíssimas argoladas duplas, equivalentes a oito ou dez cada uma; ao passo que o homem alto, dirigindo-se para o meio da rua, lançou os olhos para as janelas, à procura de uma luz.

Ninguém apareceu. Tudo continuava silencioso e escuro como antes.

— Valha-me Deus! — exclamou a sra. Dowler. — O senhor precisa bater outra vez, por favor.

— Não há campainha por aqui, minha senhora? — perguntou o carregador gordo.

— Há, sim — interveio o garoto do archote. — Estou-a tocando desde o princípio.

— É só o cabo — explicou a sra. Dowler —, o fio quebrou-se.

— Eu preferiria que estivessem quebradas as cabeças dos criados — resmungou o carregador magro.

— Tenho de pedir-lhe que bata outra vez, por obséquio — insistiu a sra. Dowler com a máxima polidez.

O homem gordo voltou a aldrabar diversas vezes à porta, sem resultado nenhum. O homem magro, que se impacientava cada vez mais, substituiu-o e pôs-se a dar pancadas duplas sem parar, como um carteiro doido.

Afinal, o sr. Winkle começou a sonhar que estava num clube e que, sendo os membros muito contumazes, o presidente era obrigado a martelar a mesa

para manter a ordem; logo, veio-lhe a confusa idéia de uma sala de leilão, onde não havia compradores e o leiloeiro comprava tudo; e, por fim, começou a supor que não seria de todo impossível que alguém batesse à porta da rua. Para certificar-se, entretanto, permaneceu muito quieto na cama durante uns dez minutos, mais ou menos, prestando atenção; e, depois de contar 32 ou 33 pancadas, sentiu-se inteiramente convencido e congratulou-se por estar velando.

Rap, rap—rap, ra—rap, rap—rap, ra, ra, ra, ra, rap! — continuavam as aldrabadas.

O sr. Winkle saltou da cama, a cismar, muito espantado, no que poderia ter acontecido; calçou, precipitadamente, meias e chinelos, envolveu-se no roupão, acendeu uma vela na lamparina que ardia sobre a lareira, e precipitou-se escadas abaixo.

— Parece que agora vem vindo alguém, minha senhora — disse o carregador baixo.

— Eu gostaria de estar atrás dele com um chuço — resmoneou o carregador alto.

— Quem está aí? — gritou o sr. Winkle, desatando a corrente.

— Não perca tempo com perguntas, pamonha — replicou o homem magro, com sumo desdém, convicto de que o outro havia de ser um laçao. — Abra a porta.

— Vamos, depressa, dorminhoco — ajuntou o gordo, alentador.

O sr. Winkle, meio adormecido, obedeceu mecanicamente à ordem, entreabriu a porta e espiou para fora. A primeira coisa que viu foi o clarão vermelho do archote seguro pelo garoto. Sobressaltado pelo medo de que a casa estivesse em chamas, escancarou de repelão a porta e, segurando a vela acima da cabeça, olhou, ansioso, à sua frente, não muito certo de estar vendo uma cadeirinha ou uma bomba de incêndio. Nesse instante sobreveio furiosa rajada de vento; apagou-se a luz; o sr. Winkle sentiu-se irresistivelmente empurrado para a frente; e a porta voltou a fechar-se, com estrondo.

— Muito bem, rapaz, agora sim é que estamos feitos — disse o carregador baixo.

Divisando um rosto de mulher à portinhola da cadeirinha, o sr. Winkle voltou-se, de sobressalto, agarrou-se à aldraba com toda a sua força e suplicou, desesperado, ao carregador que levasse embora a cadeirinha.

— Leve-a embora, leve-a embora — gritou o sr. Winkle. — Está saindo alguém da outra casa; ponha-me na cadeirinha. Esconda-me! Dê um jeito em mim!

Durante todo esse tempo ele tremia de frio; e, toda vez que levantava a mão para a aldraba, as rajadas de vento erguiam-lhe o roupão, de maneira desagradabilíssima.

— Vem vindo gente agora pelo Crescente. Senhoras também; cubram-me com alguma coisa. Fiquem na minha frente! — rugiu o sr. Winkle. Mas os carregadores estavam tão exaustos de rir que não lhe podiam prestar assistência nenhuma e as senhoras aproximavam-se cada vez mais.

O sr. Winkle deu uma última aldrabada sem esperanças; as senhoras estavam apenas a poucas portas de distância. Lançou de si a vela apagada, que durante todo esse tempo segurara acima da cabeça, e pulou para dentro da cadeirinha da sra. Dowler.

Ora, a sra. Craddock ouvira, por fim, as batidas e as vozes; e, demorando apenas o tempo suficiente para botar na cabeça algo mais elegante do que a touca de dormir, correu para a sala da frente, no intuito de saber se era, de feito, a pessoa que ela esperava. Erguendo a vidraça no momento em que o sr. Winkle se precipitava na cadeirinha, assim que o viu pôs-se a desfechar berros medonhos, implorando ao sr. Dowler que sem demora se levantasse, pois sua esposa estava a pique de fugir com outro cavalheiro.

Ouvindo isso, o sr. Dowler saltou da cama com a elasticidade de uma bola de borracha e, correndo para a sala da frente, chegou a uma das janelas no momento em que o sr. Pickwick abria outra, quando o primeiro objeto que se antolhou aos olhos de ambos foi o sr. Winkle entrando na cadeirinha.

— Guarda! — berrou, furioso, Dowler. — Agarre-o... prenda-o... segure-o... feche-o até que eu desça. Vou cortar-lhe o pescoço... dê-me uma faca... de uma orelha a outra, sra. Craddock, juro que vou! — E, desvencilhando-se da dona da casa e do sr. Pickwick, o marido indignado empolgou uma faca de cozinha e abriu a correr para a rua.

O sr. Winkle, porém, não esperou por ele. Logo que ouviu a terrível ameaça do valoroso Dowler, pulou para fora da cadeirinha quase tão rapidamente como pulara para dentro e, largando os chinelos na rua, deu aos calcanhares e pôs-se a correr à volta do Crescente, veementemente perseguido por Dowler e pelo guarda. Logrou conservar a dianteira; a porta estava aberta quando completou a segunda volta; entrou, fechou-a na cara de Dowler, subiu

ao quarto de dormir, trancou a porta, colocou um lavatório, uma cômoda e uma mesa contra ela, e enfiou na mala umas poucas coisas necessárias para fugir aos primeiros albores da manhã.

Dowler subiu até a porta do quarto; protestou, pelo buraco da fechadura, a sua firme resolução de cortar o pescoço do sr. Winkle no dia seguinte; e, depois de grande confusão de vozes na sala de estar, entre as quais se ouviu distintamente a do sr. Pickwick, que tentava restabelecer a paz, recolheram-se os hóspedes aos diversos dormitórios e tudo serenou mais uma vez.

Não é improvável que se pergunte onde estava o sr. Weller durante todo esse tempo. Di-lo-emos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XXXVII

EM QUE SE EXPLICA HONROSAMENTE A AUSÊNCIA DO SR. WELLER, DESCREVENDO UM SARAU PARA O QUAL FORA CONVIDADO E AO QUAL COMPARECERA; E QUE REFERE TAMBÉM COMO LHE FOI COMETIDA PELO SR. PICKWICK DELICADA E IMPORTANTE MISSÃO SECRETA.

— SR. WELLER — disse a sra. Craddock, na manhã desse dia tão aventureiro —, aqui está uma carta para o senhor.

— É muito esquisito isso — acudiu Sam. — Receio que tenha acontecido alguma coisa, pois não me lembro de nenhum cavalheiro do meu círculo de relações que seja capaz de escrever alguma.

— Talvez tenha ocorrido algo de extraordinário — observou a sra. Craddock.

— Há de ser, com efeito, algo de muito extraordinário, para obrigar um amigo meu a escrever uma carta — replicou Sam, abanando a cabeça com ar de dúvida. — Nada menos que uma convulsão natural, como observava o rapaz que sofria de ataques. Não pode ser do velho — ajuntou, examinando o endereço. — Ele sempre escreve com letras de forma, porque aprendeu a ler nos anúncios dos escritórios. É singular! De onde poderá ter vindo esta carta?

Ao dizer isso, fez Sam o que faz a grande maioria das pessoas quando não tem certeza da procedência de alguma nota — examinou o selo, depois o verso, depois o anverso, depois os lados e, finalmente, o sobrescrito; como último recurso, afigurou-se-lhe poder examinar também o conteúdo e, dessarte, resolver o problema.

— Está escrita em papel de bordas douradas — observou, ao desdobrá-la — e selada com lacre verde, com a ponta de uma chave. Vamos ver. — E, com semblante muito grave, leu o que segue:

“Uma seleta sociedade de criados de Bath apresenta os seus cumprimentos ao sr. Weller, e solicita o prazer de sua companhia esta noite, num sarau entre

amigos, que consiste numa perna cozida de carneiro com o tempero de costume. O sarau estará na mesa às 9 e meia em ponto”.

Esta nota vinha dentro de outra, que dizia deste teor:

“O sr. João Smauker, o cavalheiro que teve o prazer de conhecer o sr. Weller em casa de um amigo comum, o sr. Bantam, faz alguns dias, pede licença para enviar ao sr. Weller o incluso convite. Se o sr. Weller passar em casa do sr. João Smauker às 9 horas, o sr. Smauker terá o prazer de apresentar o sr. Weller.

(ASSINADO) JOÃO SMAUKER”.

O invólucro vinha dirigido a Weller, Esq., em casa do sr. Pickwick; e, entre parênteses, no canto esquerdo, liam-se as palavras “a campanha não funciona”, como instrução ao portador.

— Muito bem — disse Sam —, isso está ficando meio engraçado. Nunca ouvi chamarem sarau a uma perna cozida de carneiro. Como lhe chamariam se fosse assada?

Entretanto, sem perder muito tempo no debate dessa questão, dirigiu-se imediatamente à presença do sr. Pickwick e pediu vênias para sair aquela noite, o que lhe foi prontamente concedido. Com essa licença e a chave da casa, Sam Weller saiu pouco antes da hora marcada e encaminhou-se, a passos vagarosos, para Queen Square, onde, assim que chegou, teve a satisfação de encontrar o sr. João Smauker, com a cabeça empoadada encostada a um poste da rua, a pequena distância, fumando um charuto através de uma piteira de âmbar.

— Como tem passado, sr. Weller? — disse o sr. João Smauker, levantando, gracioso, o chapéu com uma das mãos, ao passo que fazia gentilmente com a outra um gesto condescendente. — Como tem passado?

— Vou convalescendo, mais ou menos — replicou Sam. — E você, como vai, meu caro?

— Mais ou menos — disse o sr. João Smauker.

— Ah, você tem trabalhado demais — observou Sam. — Era o que eu temia; assim não vai, não é possível; é preciso dominar esse seu gênio ativo.

— Nem tanto assim, sr. Weller — replicou o sr. João Smauker. — O pior é o vinho ordinário; acho que tenho pandegado um pouco.

— Ah! Então é isso? —olveu Sam. — É uma modéstia dos diabos, essa.

— Sim, mas o senhor sabe, sr. Weller, a tentação... — acudiu o sr. João Smauker.

— Lá isso é verdade — concordou Sam.

— Mergulhado em pleno turbilhão da sociedade, sr. Weller, o senhor sabe — tornou o sr. João Smauker, com um suspiro.

— É uma coisa medonha — assentiu Sam.

— Mas é sempre assim — disse o sr. João Smauker. — Quando o destino nos arrasta à vida pública, a uma posição pública, temos de sujeitar-nos a certas tentações de que outras pessoas estão livres, sr. Weller.

— Era precisamente o que dizia meu tio, quando se meteu na vida pública — observou Sam —, e tinha toda a razão, porque morreu de tanto beber, menos de três meses depois de montar o botequim.

O sr. João Smauker pareceu profundamente indignado ao ver que era posto em paralelo com o falecido cavalheiro a quem Sam aludira; mas, como o rosto deste último conservasse uma expressão de imutável tranqüilidade, refletiu melhor e tornou a mostrar-se afável.

— Talvez convenha andarmos — disse o sr. Smauker, consultando um cebolão de cobre, que morava no fundo de um fundo bolso de colete e era erguido à superfície por meio de um cordão preto com uma chave de cobre na extremidade oposta.

— Talvez — anuiu Sam —, pois são capazes de cozinhar demais o sarau, e isso o estragaria.

— Tem tomado as águas, sr. Weller? — perguntou o companheiro, enquanto caminhavam para High Street.

— Tomei uma vez — replicou Sam.

— E que achou delas?

— Extraordinariamente desagradáveis — volveu Sam.

— Talvez não lhe tenha apreciado o gosto verrugoso? — indagou o sr. João Smauker.

— Não entendo dessas coisas — tornou Sam —, mas achei que as águas cheiravam muito a ferro em brasa.

— Pois aí é que está o verrugoso, sr. Weller — observou, com desdém, o sr. João Smauker.

— Se assim é, acho a palavra muito inexpressiva — continuou Sam. — Pode ser, mas como não conheço química, não sei. — E, para grande horror do

sr. João Smauker, principiou a assobiar.

— Perdão, sr. Weller — disse o sr. João Smauker, aflitíssimo ao ouvir aquele som excessivamente deselegante —, permite que eu lhe dê o braço?

— Muito obrigado, é muita bondade sua, mas não quero privá-lo dele — replicou Sam. — Prefiro o meu hábito de botar as mãos nos bolsos, se não o incomoda. — E, dizendo isso, adaptou o gesto à palavra e desatou a assobiar, mais alto do que nunca.

— É por aqui — disse-lhe o novo amigo, aparentemente muito aliviado ao enveredarem por uma travessa. — Não tardaremos em chegar.

— Sim? — perguntou Sam, sem se comover de forma alguma ao saber que estava tão próximo da fina flor da criadagem de Bath.

— Sim — confirmou o sr. Smauker. — Mas não fique assustado, sr. Weller.

— Não fico — tranqüilizou-o Sam.

— O senhor verá alguns uniformes muito bonitos, sr. Weller — continuou o sr. João Smauker —, e talvez alguns dentre os cavalheiros lhe pareçam, a princípio, meio ásperos, o senhor sabe, mas não tardarão a amaciarse.

— Isso é muita bondade deles — replicou Sam.

— E o senhor sabe — prosseguiu o sr. João Smauker, com ar de sublime proteção —, sendo um estranho, é possível que o tratem, de começo, com alguma dureza.

— Mas não serão muito cruéis? — indagou Sam.

— Não, não — respondeu o sr. João Smauker, sacando da cabeça de raposa e tomando uma aristocrática pitada. — Há alguns pândegos entre nós, que gostam de brincar, o senhor sabe; mas não lhes faça caso, não lhes faça caso.

— Farei o possível para suportar esse transbordamento de talento e de espírito — replicou Sam.

— Isso mesmo — disse o sr. João Smauker, guardando a cabeça de raposa e erguendo a sua. — Deixe estar que eu o protegerei.

Nesse passo haviam alcançado uma pequena mercearia em que o sr. João Smauker entrou, seguido de Sam; o qual, assim que se viu atrás dele, começou a contrair o rosto numa série dos mais raros e irreprimíveis sorrisos, e a dar outras mostras de um invejabilíssimo estado de íntimo regalo.

Cruzando a mercearia e colocando os chapéus na escada que havia num corredor, atrás da loja, entraram numa saletinha; e aqui todo o esplendor da cena saltou, em cheio, aos olhos do sr. Weller.

Duas mesas tinham sido reunidas no centro do aposento, cobertas de três ou quatro toalhas de várias idades e datas de lavagens, dispostas de maneira que lhes dava a maior parecença possível naquelas circunstâncias. Sobre elas tinham-se colocado talheres para seis ou oito pessoas. Os cabos de algumas facas eram verdes, outros, vermelhos, e outros ainda, amarelos; e, como fossem pretos todos os garfos, a combinação das cores era mais do que surpreendente. Atrás do guarda-fogo esquentavam-se os pratos para um número correspondente de convivas; e os próprios convivas se aqueciam diante dele, o principal e mais importante dos quais parecia ser um cavalheiro robusto, de casaca muito vermelha, com abas compridas, calça vermelha muito viva, também, e chapéu armado, de costas voltadas para o lume e que, aparentemente, acabara de entrar, pois, além de conservar o chapéu na cabeça, trazia na mão uma bengala comprida, como as que os cavalheiros da sua profissão costumam erguer, obliquamente, sobre os tetos dos carros.

— Smauker, meu rapaz, a sua barbatana — disse o cavalheiro do chapéu armado.

O sr. Smauker introduziu a ponta do dedo mínimo da mão direita na do cavalheiro do chapéu armado, e disse que folgava muito em vê-lo tão bem disposto.

— Dizem, de fato, que tenho um aspecto viçoso — condescendeu o homem do chapéu armado —, o que, aliás, é muito para admirar. Há quinze dias que acompanho, durante duas horas, a nossa velha; e se a constante contemplação da maneira por que ela abotoa atrás aquele seu velho e infernal vestido cor de alfazema não bastar a melancolizar a gente para o resto da vida, perco o ordenado de um trimestre.

Ouvindo essas palavras, a seleta companhia pôs-se a rir com muito gosto; e um cavalheiro de colete amarelo murmurou a um vizinho de calça verde que Tuckle estava espirituosíssimo aquela noite.

— A propósito — disse o sr. Tuckle —, Smauker, meu rapaz, você... — E o resto da sentença foi cochichado ao ouvido do sr. João Smauker.

— Ora, sim, senhor, esqueceu-me completamente — exclamou o sr. João Smauker. — Cavalheiros, meu amigo, o sr. Weller.

— Sinto muito tirar-lhe o calor do fogo, Weller — disse o sr. Tuckle, com um aceno familiar. — Espero que não esteja com frio, Weller.

— De maneira nenhuma, Labareda — replicou Sam. — Haveria de ser muito friorento o sujeito que sentisse frio perto de você. Seria uma economia de carvão colocá-lo atrás do guarda-fogo na sala de espera de um escritório.

Como a resposta parecesse encerrar uma alusão pessoal à libré escarlate do sr. Tuckle, este assumiu um aspecto majestoso durante alguns segundos; mas, afastando-se a pouco e pouco do fogo, rompeu num sorriso forçado e admitiu que a piada não era má.

— Muito obrigado pelo seu bom conceito, senhor — replicou Sam.

— Acabaremos por entender-nos, creio eu. Daqui a pouco tentaremos outra melhor.

Nesse passo foi a conversação interrompida pela chegada de um cavalheiro que vestia pelúcia cor de laranja, acompanhado de outro pintalegrete com andaina purpurina e uma grande extensão de meias. Cumprimentados os recém-chegados pelos que já lá se encontravam, propôs o sr. Tuckle se servisse a ceia, o que foi unanimemente aprovado.

O merceiro e sua mulher tinham arrumado sobre a mesa uma perna cozida de carneiro, quente, com molho de alcaparras, nabos e batatas. O sr. Tuckle assumiu a presidência e foi assistido, na extremidade oposta da mesa, pelo cavalheiro de pelúcia cor de laranja. O merceiro calçou um par de luvas de camurça para pegar nos pratos e colocar-se atrás da cadeira do sr. Tuckle.

— Harris — disse o sr. Tuckle, imperativo.

— Senhor — acudiu o merceiro.

— Já calçou as luvas?

— Já, sim, senhor.

— Então leve a tampa.

— Sim, senhor.

Fez o merceiro o que lhe mandavam, com mostras de grande humildade, e estendeu, obsequioso, ao sr. Tuckle, o trinchante; bocejando, porém, acidentalmente, durante a operação.

— Que significa isso, senhor? — perguntou o sr. Tuckle, com grande aspereza.

— Peço-lhe que me perdoe — retrucou o merceiro, desconcertado —, eu não queria fazer isso, senhor; fui deitar-me ontem muito tarde.

— Vou dizer-lhe a minha opinião a seu respeito, Harris — tornou o sr. Tuckle, muito imponente. — Você é uma chapada cavalgada.

— Espero, meus senhores — disse Harris —, que não sejam muito severos comigo. Sou-lhes, com efeito, muitíssimo grato pela proteção que me dispensam e também pelas suas recomendações, senhores, toda vez que se faz precisa alguma ajuda no serviço. Espero que estejam satisfeitos comigo.

— Não estamos coisa nenhuma — retorquiu o sr. Tuckle. — Muito longe disso.

— Nós o consideramos um tratalhão desatencioso — declarou o cavalheiro da pelúcia cor de laranja.

— Um ladrão muito ordinário — ajuntou o cavalheiro de calça verde.

— É um refinado mariola — acrescentou o cavalheiro de andaina purpurina.

O pobre merceeiro inclinava-se, muito humilde, cada vez que lhe conferiam um desses pequenos epítetos, no verdadeiro espírito da mais mesquinha tirania; e, depois que todos disseram alguma coisa para demonstrar a sua superioridade, o sr. Tuckle começou a trincar a perna de carneiro e a servir os amigos.

Mal principiara a importante tarefa da noite quando se abriu de improviso a porta e outro cavalheiro, num fato azul-claro, com botões de chumbo, apareceu.

— Isso é contra as regras — disse o sr. Tuckle. — É muito tarde, muito tarde.

— Não, não; juro que não foi minha culpa — disse o cavalheiro de azul. — Apelo para os presentes. Foi um caso galante, um encontro num teatro.

— Oh, nesse caso — disse o cavalheiro da pelúcia cor de laranja.

— Sim, foi isso mesmo, palavra de honra — confirmou o homem de azul. — Prometi ir buscar nossa filha mais moça às 10 e meia, e é tão linda a garota que, na verdade, não tive ânimo de desapontá-la. Não quero ofender os presentes, mas uma saia, senhor, uma saia, senhor, é irresistível.

— Começo a desconfiar de que há nisso dente de coelho — disse o sr. Tuckle, quando o recém-chegado se assentou ao lado de Sam. — Já notei, uma ou duas vezes, que ela se apóia muito em seu ombro quando entra ou sai do carro.

— Oh, francamente, francamente, Tuckle, você não devia dizer isso — tornou o homem de azul. — Não é direito. Eu posso ter dito a um ou dois

amigos que ela é uma criatura divina e que recusou uma ou duas propostas de casamento sem motivos óbvios, mas... não, não, Tuckle... Ainda mais diante de estranhos... Não é direito... Você não devia fazer isso. Delicadeza, meu caro amigo, delicadeza! — E, arrumando a gravata e ajustando os canhões da casaca, franziu o sobrolho e fez um gesto como a sugerir que poderia dizer ainda muitas coisas, se a honra não lhe impusesse o silêncio.

Como fosse um laçao de cabelos claros, pescoço duro, desempenado e fanfarrão, o homem de azul atraía desde o princípio a atenção especial do sr. Weller; mas, ao ouvi-lo expressar-se da maneira que referimos, Sam se sentiu mais do que nunca disposto a entabular relações com ele, de sorte que puxou prosa imediatamente, com a característica independência.

— À sua saúde, senhor — brindou Sam. — Gosto muito da sua conversação. Acho-a muito bonita.

Diante disso, sorriu o homem de azul, como a um cumprimento a que estivesse habituado; mas, ao mesmo tempo, olhou aprovativamente para Sam e disse que esperava conhecê-lo melhor, pois, sem lisonja nenhuma, achava-lhe todo o jeito de excelente rapaz, e de homem a seu gosto.

— É muita bondade sua — tornou Sam. — O senhor é uma criatura felicíssima!

— Como assim? — perguntou o cavalheiro de azul.

— A tal menina sabe o que está fazendo. Se sabe! — E o sr. Weller fechou um olho e sacudiu a cabeça de um lado para outro, de maneira altamente satisfatória para a vaidade pessoal do homem de azul.

— O que me parece é que o senhor é muito esperto, sr. Weller — disse o indivíduo.

— Não, não — volveu Sam. — Deixo essas coisas para o senhor. Isso é muito mais consigo que comigo, como dizia o cavalheiro que estava dentro do jardim para o que estava fora, quando viu arremeter um touro furioso pela rua.

— Bem, bem, sr. Weller — concordou o cavalheiro de azul —, creio que a ela não passaram despercebidos os meus ares e os meus modos.

— O que, aliás, não poderia deixar de acontecer — tornou Sam.

— E o senhor também não terá algum negocinho desse gênero? — perguntou o afortunado cavalheiro de azul, tirando um palito do bolso do colete.

— Desse jeito, não — voltou Sam. — Não há filhas lá em casa; se as houvesse, bem que eu teria cortejado alguma. Para dizer, porém, a verdade,

acho que não me comprometeria com mulher que não fosse, pelo menos, marquesa. Eu poderia aceitar uma milionária sem título que me perseguisse muito, mas, de outro modo, não.

— Está visto que não, sr. Weller — disse o cavalheiro de azul. — Não devemos ser incomodados, o senhor sabe; e nós sabemos, sr. Weller — nós, homens de sociedade —, que um bom uniforme há de, mais cedo ou mais tarde, abrir caminho entre as mulheres. Aliás, aqui entre nós, creio que é essa a única coisa que torna aceitável o serviço.

— De pleno acordo — anuiu Sam. — É isso mesmo.

Chegado a esse ponto o diálogo confidencial, colocaram-se copos à roda da mesa e cada cavalheiro pediu o que mais lhe apetecia, antes de fechar-se a taberna. O cavalheiro de azul e o homem de cor de laranja, os principais petimetres do grupo, pediram água e xarope frio, mas a beberagem predileta dos outros parecia ser genebra e água com açúcar. Sam chamou o merceeiro de “patife sem-vergonha”, e mandou vir uma grande tigela de ponche, duas circunstâncias que pareceram elevá-lo muitíssimo no conceito dos peralvilhos.

— Cavalheiros — disse o homem de azul, com o ar da mais requintada casquilhice —, à saúde das senhoras, vamos.

— Ouçam, ouçam! — exclamou Sam. — À saúde das barregãs.

Ouviu-se nesse ponto um grito alto de “Ordem”, e o sr. João Smauker, por ser o cavalheiro que apresentara o sr. Weller aos presentes, pediu vênica para informá-lo de que a palavra empregada não era parlamentar.

— Que palavra foi essa? — indagou Sam.

— Barregãs, senhor — replicou o sr. João Smauker, com grande sobreceño. — Aqui não reconhecemos tais distinções.

— Oh, muito bem — tornou Sam —, nesse caso emendo a observação e chamo-lhes queridas criaturas, se o Labareda me permitir.

Algumas dúvidas pareceram surgir no espírito do cavalheiro de calça verde sobre se o presidente podia ser legalmente tratado por “Labareda”, mas, como os outros parecessem mais dispostos a sustentar os seus direitos que os dele, não se ventilou a questão. O homem do chapéu armado ofegou e encarou fito a fito em Sam, mas, aparentemente, achou melhor não dizer coisa alguma, receoso de que lhe sucedesse coisa pior.

Depois de curto silêncio, um cavalheiro de casaca bordada, que lhe chegava aos calcanhares, e um colete bordado também, que lhe aquecia metade das pernas, mexeu com grande energia a sua genebra com água e, levantando-se

em pé, de golpe, num esforço violento, declarou que desejava apresentar algumas observações: ao que o homem de chapéu armado respondeu afirmando não duvidar de que os circunstantes folgariam muito de ouvir o que quer que o homem de casaca comprida desejasse dizer.

— Sinto uma grande delicadeza, senhores, ao apresentar-me — começou o homem de casaca comprida —, pois tenho a infelicidade de ser um cocheiro, apenas admitido nestes agradáveis saraus como membro honorário; sinto-me, porém, obrigado, cavalheiros — encurralado, se me permitirem a expressão —, a dar conta da aflitiva circunstância que veio ter ao meu conhecimento, ocorrida, posso dizê-lo, ao alcance do meu chicote. Senhores, o nosso amigo sr. Whiffers (todos olharam para o indivíduo cor de laranja), nosso amigo, o sr. Whiffers, demitiu-se.

Um espanto geral senhoreou os ouvintes. Cada qual olhou para o rosto do vizinho e transferiu, depois, o olhar para o cocheiro, que continuava em pé.

— Os senhores bem podem surpreender-se — disse o cocheiro. — Não me arriscarei a declarar as razões dessa perda irreparável para o serviço, mas pedirei ao sr. Whiffers que as refira pessoalmente, para edificação e imitação dos amigos e admiradores.

Estrondosamente aplaudida a sugestão, o sr. Whiffers explicou. Disse que teria, por certo, desejado continuar no emprego de que se demitira. O uniforme era extraordinariamente rico e dispendioso, as mulheres da família agradabilíssimas, e o serviço, cumpria-lhe dizê-lo, não muito pesado, pois a principal tarefa que dele se reclamava era olhar o maior tempo possível pela janela do vestíbulo, em companhia de outro cavalheiro, que também renunciara. Fora seu desejo poupar à assembléia a descrição do penoso e repugnante pormenor que estava a pique de relatar; mas, sendo-lhe exigida uma explicação, não lhe restava outra alternativa senão a de declarar, ousada e distintamente, que lhe haviam imposto que comesse carne fria.

Fora impossível conceber a repugnância que essa confissão despertou no seio dos ouvintes. E durante um quarto de hora só se ouviram grunhidos e assobios, de mistura com brados violentos de “Que pouca vergonha!”.

O sr. Whiffers acrescentou rezear que parte desse ultraje fosse atribuível ao seu temperamento paciente e acomodaticio. Lembrava-se perfeitamente de haver, de uma feita, consentido em comer manteiga salgada e, além disso, numa ocasião de doença súbita na casa, de se haver deslembrado de si próprio a ponto de carregar ao segundo pavimento um cesto de carvão. Esperava não

haver descido no conceito dos amigos pela franca admissão de suas faltas; e, ainda que o tivesse, esperava que a presteza com que repelira a última e cruel afronta aos seus sentimentos o reintegrasse na estima deles.

O discurso do sr. Whiffers foi acolhido por um grito de admiração, e todos beberam à saúde do interessante mártir com enorme entusiasmo, que o mártir agradeceu, propondo um brinde ao sr. Weller; um cavalheiro que ele não tinha a satisfação de conhecer intimamente, mas que o fato de ser amigo do sr. João Smauker de sobejo o recomendava a qualquer sociedade de cavalheiros, fosse qual e onde fosse. Por essa razão, estaria disposto a erguer um brinde ao sr. Weller, com todas as honras, se os seus amigos estivessem bebendo vinho; mas como, para variar, bebiam aguardente, e não era aconselhável esvaziarem um copo a cada saúde, propunha fossem as honras subentendidas.

Concluída essa fala, cada qual tomou um gole em honra de Sam; e, havendo Sam enfiado a colher na tigela de ponche e bebido dois copos cheios em sua própria honra, agradeceu num elegante espiche.

— Muito obrigado, meus velhos, por esse cumprimento — disse ele, tornando a meter a colher na tigela, com o maior desembaraço possível —, o qual, vindo de quem vem, é prodigiosamente lisonjeiro. Ouvi muita coisa a respeito de vocês como classe, mas nunca imaginei que fossem tão extraordinariamente excelentes como são. Espero somente que tomem cuidado consigo e não comprometam a sua dignidade, que é coisa muito encantadora de se ver, quando a gente está passeando, e cuja contemplação sempre me proporcionou grande alegria, desde o tempo em que eu era pirralho, e não passava da metade da bengala, com castão de cobre, do meu respeitabilíssimo amigo, o Labareda, que aí está. Quanto à vítima da opressão, de roupa amarela, só posso dizer que espero vê-lo conseguir o bom emprego que merece: caso em que nunca mais o haverão de maçar com saraus frios.

Dito isto, assentou-se com prazenteiro sorriso e, tendo sido o seu discurso vociferantemente aplaudido, o grupo se dispersou.

— Ora essa, você parece que está com vontade de sair, meu velho? — exclamou Sam, dirigindo-se a seu amigo, o sr. João Smauker.

— É que tenho mesmo de sair — respondeu o sr. Smauker —, prometi a Bantam.

— Oh, muito bem — tornou Sam. — Isso é outra coisa. Ele talvez se demita se você lhe faltar. Também vai, Labareda?

— Vou sim — disse o homem de chapéu armado.

— E vai deixar três quartos de uma tigela de ponche? — perguntou Sam.
— Que bobagem! Sente-se outra vez.

O sr. Tuckle não pode resistir ao convite. Pôs de lado o chapéu e a bengala, em que já pegara, e consentiu em tomar um copo para agradecer ao amigo.

Como o cavalheiro de azul devesse seguir o caminho do sr. Tuckle, foi também persuadido a ficar. Chegado o ponche à metade, Sam mandou vir algumas ostras da mercearia; e foi tão prodigioso o efeito de ambos que o sr. Tuckle, com o chapéu armado na cabeça e a bengala na mão, pôs-se a dançar, em cima da mesa, a dança da rã entre as cascas de ostras, enquanto o cavalheiro de azul tocava o acompanhamento num engenhoso instrumento musical formado de um pente e um pedaço de papel de seda. Finalmente, quando o ponche estava quase no fim, e a noite também, saíram todos, para mutuamente se acompanharem às respectivas casas. Logo que o sr. Tuckle se viu ao ar livre, foi tomado do súbito desejo de se deitar na calçada; Sam entendeu que seria uma crueldade contradizê-lo e, portanto, permitiu-lhe fazer o que queria. E, vendo que o chapéu armado se estragaria se lá ficasse, achatou-o, com suma consideração, na cabeça do cavalheiro de azul, pôs-lhe entre as mãos a bengala comprida, encostou-o exatamente à porta da casa em que servia, tocou a campainha e dirigiu-se tranqüilo para casa.

Na manhã seguinte, muito mais cedo que de hábito, o sr. Pickwick desceu completamente vestido e tocou a campainha.

— Sam — disse o sr. Pickwick, quando o sr. Weller apareceu em resposta ao seu chamado —, feche a porta.

O sr. Weller obedeceu.

— Verificou-se aqui, ontem à noite, uma ocorrência desagradável, Sam — disse o sr. Pickwick —, que levou o sr. Winkle a recear uma agressão por parte do sr. Dowler.

— Foi o que me contou a patroa, lá embaixo, senhor — replicou Sam.

— E lamento dizer, Sam — continuou o sr. Pickwick, com uma grande perplexidade estampada no rosto —, que, temendo essa agressão, o sr. Winkle foi-se embora.

— Foi-se embora! — repetiu Sam.

— Saiu de casa esta madrugada, sem me dar a menor satisfação — retrucou o sr. Pickwick. — Foi-se embora e não sei para onde.

— Devia ter ficado e enfrentado a situação — replicou Sam, desdenhoso.
— Não seria preciso muita coisa para dar cabo desse Dowler.

— Bem, Sam — disse o sr. Pickwick. — Pode ser que eu também tenha as minhas dúvidas sobre a sua grande bravura e coragem. Mas, como quer que seja, o caso é que o sr. Winkle se foi. Cumpre encontrá-lo, Sam. Encontrá-lo e trazê-lo para cá.

— E se ele não quiser vir, senhor? — perguntou Sam.

— Será preciso obrigá-lo, Sam — volveu o sr. Pickwick.

— E quem há de fazer isso? — indagou Sam, com um sorriso.

— Você — replicou o sr. Pickwick.

— Muito bem, senhor.

Com estas palavras saiu o sr. Weller da sala e ouviram-no, logo em seguida, fechar a porta da rua. Voltava duas horas depois com a mesma frieza com que o fazia após desempenhar a mais corriqueira incumbência, trazendo a informação de que um indivíduo, que a todos os respeitos respondia à descrição do sr. Winkle, partira para Bristol naquela manhã, na diligência que saía do Hotel Real.

— Sam — disse o sr. Pickwick, apertando-lhe a mão —, você é um sujeito extraordinário; um sujeito inestimável. Precisa segui-lo, Sam.

— Por certo, senhor — replicou o sr. Weller.

— Assim que der com ele, escreva-me, Sam — prosseguiu o sr. Pickwick.
— Se tentar fugir, dê-lhe uma sova, ou prenda-o. Tem para isso a minha plena autorização.

— Deixe tudo ao meu cuidado, senhor — retorquiu Sam.

— Diga-lhe — ajuntou o sr. Pickwick — que estou muito exaltado, muito aborrecido e naturalmente indignado pelo extraordinário procedimento que ele adotou.

— Não há dúvida, senhor — redargüiu Sam.

— Diga-lhe também — disse o sr. Pickwick — que, se não voltar a esta mesma casa com você, voltará comigo, pois irei buscá-lo.

— Hei de dizer-lho, senhor — replicou Sam.

— Acha que poderá encontrá-lo, Sam? — perguntou o sr. Pickwick, encarando o criado.

— Hei de encontrá-lo, se ele estiver em algum lugar — tornou Sam, muito confiante.

— Muito bem —olveu o sr. Pickwick. — Nesse caso, quanto mais cedo for, melhor.

Com essas instruções, colocou o sr. Pickwick uma soma de dinheiro nas mãos do fiel criado e ordenou-lhe que partisse imediatamente para Bristol, no encalço do fugitivo.

Sam enfiou alguns objetos necessários num saco e já se dispunha a partir, quando, chegado ao fim do corredor, desandou tranqüilamente para trás e enfiou a cabeça pela porta da sala.

— Senhor — murmurou Sam.

— Que foi, Sam? — exclamou o sr. Pickwick.

— Será que entendi perfeitamente as suas instruções?

— Espero que sim — disse o sr. Pickwick.

— Fica, então, combinada aquela história da sova, não fica? — insistiu Sam.

— Está claro — replicou o sr. Pickwick. — Perfeitamente combinada. Faça o que entender necessário. Dou-lhe carta branca.

Sam fez um sinal de inteligência e, retirando a cabeça da porta, encetou a sua peregrinação com a alma leve.

CAPÍTULO XXXVIII

DE COMO O SR. WINKLE, AO SAFAR-SE DA FRIGIDEIRA, SE ATIROU, TRANQUILA E CONFORTAVELMENTE, AO FOGO.

DEPOIS DE PASSAR UMA NOITE de grande confusão e ansiedade, o mal-aventurado cavalheiro, causa infeliz do insólito rebuliço que alvoroara os habitantes do Crescente Real da maneira já referida, deixou o teto debaixo do qual dormiam ainda os seus amigos e partiu sem destino. Os ponderados e excelentes sentimentos que levaram o o sr. Winkle a dar esse passo nunca poderão ser suficientemente apreciados e louvados. “Se”, arrazoou o sr. Winkle com os seus botões, “se esse Dowler tentar (como não duvido de que venha a fazê-lo) pôr obra à ameaça de agredir-me, ver-me-ei na contingência de desafiá-lo para um duelo. Ora, ele tem uma esposa; essa esposa o ama e depende dele. Misericórdia! Se eu o matasse na cegueira da minha cólera, quais não seriam, depois, os meus remorsos?” A penosa reflexão produziu tão grande efeito nos sentimentos do excelente mancebo, que os joelhos se lhe puseram a bater um contra o outro e o semblante a dar-lhe assustadoras mostras de comoção interna. Movido por essas reflexões, tomou do saco de viagem e, descendo pé ante pé, fechou a detestável porta da rua com o menor ruído possível e saiu. Dirigindo os passos para o Hotel Real, encontrou uma diligência a ponto de partir para Bristol e, parecendo-lhe que Bristol serviria tão bem aos seus propósitos como qualquer outro local, trepou na boléia e chegou ao seu destino com a rapidez que se poderia razoavelmente exigir da parelha de cavalos que fazia esse percurso duas ou mais vezes por dia.

Albergou-se na Estalagem da Moita e, desejoso de espacear qualquer comunicação epistolar com o sr. Pickwick até o provável arrefecimento da ira do sr. Dowler, saiu para conhecer a cidade, que lhe pareceu um pouco mais suja que qualquer outro lugar já por ele visitado. Inspeccionou as docas e os navios, examinou a cathedral, perguntou pelo caminho de Clifton e seguiu o que lhe indicaram. Mas, assim como as calçadas de Bristol não são as maiores nem as mais limpas do mundo, assim as suas ruas não são as mais retas nem menos

intrincadas; e o sr. Winkle, vendo-se grandemente atarantado com as múltiplas voltas e cotovelos, relanceou os olhos à procura de uma loja decente em que pudesse pedir novos conselhos e instruções.

Parou-lhe a vista numa casa térrea, convertida recentemente nalguma coisa entre loja e residência particular, em que uma lâmpada vermelha, projetada sobre a bandeira da porta, teria sido indicação suficiente de que lá morava um médico, ainda que a palavra “Cirurgia” não estivesse inscrita em letras douradas numa tabuleta de madeira acima da janela que, em outros tempos, alumiará a sala da frente. Afigurando-se-lhe aquele um local indicado para pedir informações, entrou o sr. Winkle na botica em que se viam gavetas e frascos marcados com rótulos dourados; e, como não encontrasse ninguém ali, bateu com uma moeda de meia coroa sobre o balcão, no intuito de chamar a atenção de quem quer que pudesse estar na sala dos fundos, que se lhe representou ser o mais íntimo santuário do estabelecimento, mercê da repetição da palavra cirurgia na porta — pintada, dessa feita, com letras brancas, para fugir à monotonia.

À primeira pancada, cessou de pronto um ruído como de pessoas que esgrimissem com os ferros do fogão; à segunda, um mancebo de aspecto estudioso e óculos verdes entrou gravemente na botica, sobraçando um calhamaço, parou atrás do balcão, e perguntou ao recém-chegado o que desejava

— Sinto muito incomodá-lo, senhor — disse o sr. Winkle, — mas quer ter a bondade de me dizer se...

— Ah! ah! ah! — rugiu o estudioso mancebo, atirando para o ar o cartapácio e apanhando-o com suma destreza no momento exato em que este ameaçava reduzir a átomos os frascos do balcão.

— Isto é que é surpresa!

E era-o, sem dúvida nenhuma; pois o sr. Winkle ficou tão espantado diante do extraordinário procedimento do médico que se afastou involuntariamente para a porta e pareceu muitíssimo perturbado com a estranha acolhida.

— Quê? Não me conhece? — perguntou o médico.

O sr. Winkle murmurou, em resposta, que não tivera o prazer.

— Nesse caso — tornou o médico —, restam-me ainda esperanças; posso tratar de metade das velhas de Bristol, se tiver um pouco de sorte. Fora, bolorento vilão, fora! — E com essa adjuração, dirigida ao alfarrábio, o médico

pespegou no volume um valente pontapé, com extraordinária agilidade, atirando-o à extremidade oposta da botica; em seguida, arrancando os óculos verdes, ostentou o sorriso de Robert Sawyer, Esquire, ex-aluno do Guys Hospital, no Borough, residente na rua Lant.

— Não me diga que não veio procurar-me! — exclamou o sr. Bob Sawyer, apertando com amistoso calor a mão do sr. Winkle.

— Palavra que não — respondeu o sr. Winkle, correspondendo ao aperto.

— Admira que não tivesse visto o nome — disse Bob Sawyer, chamando a atenção do amigo para a porta da rua, onde, nas mesmas letras brancas, se liam as palavras “Sawyer, sucessor de Nockemorf”.

— Não reparei nisso — replicou o sr. Winkle.

— Se soubesse que era você, palavra que eu teria corrido para abraçá-lo — disse Bob Sawyer —, mas imaginei que fosse o recebedor das décimas.

— Não! — exclamou o sr. Winkle.

— É verdade — respondeu Bob Sawyer —, e já ia dizendo que não estava em casa e que, se quisesse deixar algum recado, eu me encarregaria de dá-lo, mais tarde, a mim mesmo; pois ele não me conhece; como também não me conhece o da luz e do calçamento. Creio que o recebedor da paróquia desconfia de mim, e que o da água sabe quem sou, porque lhe extraí um dente assim que cheguei. Mas entre, entre! — Bacharelado desse jeito, o sr. Bob Sawyer empurrou o sr. Winkle para a sala dos fundos, onde, sentado, se divertia fazendo pequenas cavernas circulares na lareira com um tiçoeiro quente o sr. Benjamim Allen em pessoa.

— Muito bem! — disse o sr. Winkle. — Este é um prazer que eu, de fato, não esperava. Que bela casa têm vocês aqui!

— É boa, é boa — replicou Bob Sawyer. — Eu passei logo depois daquela célebre festa e os meus amigos fizeram uma vaca para me ajudarem a comprar este negócio; enfarpelei-me com uma andaina preta e um par de óculos e vim para cá a fim de assumir o aspecto mais solene possível.

— E tem aqui, com certeza, um bom negocinho, não é? — perguntou o sr. Winkle com ar entendido.

— Muito bom — replicou Bob Sawyer. — Tão bom que ao fim de alguns anos você poderá colocar todos os lucros dentro de um copo de vinho e cobri-los com uma folha de groselheira.

— Isso não pode ser sério — acudiu o sr. Winkle. — Só o sortimento...

— Pura tapeação, meu caro — disse Bob Sawyer. — Metade das gavetas anda vazia, e a outra metade não se abre.

— Não é possível! — disse o sr. Winkle.

— É fato, palavra de honra! — voltou Bob Sawyer, entrando na loja e demonstrando a veracidade da asserção com diversos puxões violentos dados aos pequenos puxadores dourados das gavetas imaginárias. — A única coisa verdadeira que há nesta loja são as sanguessugas, e estas, assim mesmo, de segunda mão.

— Eu nunca teria imaginado uma coisa dessas! — exclamou o sr. Winkle, muito surpreso.

— Espero que não — replicou Bob Sawyer —, pois, do contrário, de que adiantariam as aparências? Mas que é que você quer tomar? Quer fazer como nós? Ben, meu velho, estenda a mão até o armário e tire daí o digestivo patenteado.

O sr. Benjamim Allen sorriu aprovativamente e tirou da gaveta que lhe ficava próxima uma garrafa preta, cheia, até a metade, de aguardente.

— Você, naturalmente, não bebe com água? — perguntou Bob Sawyer.

— Muito obrigado — replicou o sr. Winkle. — Ainda é cedo. Eu gostaria de misturar, se vocês não se opõem.

— De modo nenhum, se a mistura não lhe contraria a consciência — retorquiu Bob Sawyer, saboreando, com suma voluptuosidade, um copo da bebida. — Ben, a chaleira.

O sr. Benjamim Allen tirou, do mesmo esconderijo, uma chaleirinha de cobre, de que Bob Sawyer confessou envaidecer-se, graças principalmente ao seu aspecto profissional. Tendo fervido a água na chaleira profissional, por meio de várias pás de carvão, que o sr. Bob Sawyer retirou de uma caixa rotulada “Água de Soda”, o sr. Winkle adulterou a aguardente; e a conversação principiava a generalizar-se quando foi interrompida pela entrada na loja de um menino, com uma austera libré cor de cinza e um chapéu agalado de ouro, que sobraçava uma cestinha coberta e que foi imediatamente saudado pelo sr. Bob Sawyer desta, forma: — Tom, seu vagabundo, venha cá.

O menino aproximou-se.

— Você andou parando em todas as esquinas de Bristol, grandessíssimo vadio! — disse o sr. Bob Sawyer.

— Não andei, não, senhor — redargüiu o menino.

— Ainda bem — tornou o sr. Bob Sawyer, com aspecto ameaçador.

— Quem haveria de chamar um médico se lhe visse o criado jogando bolinhas na sarjeta ou peteca na estrada? Você não tem amor à profissão, seu mariola? Entregou todos os remédios?

— Entreguei, sim, senhor.

— Os pós para a criança, na casa grande para onde se mudou aquela família nova, e as pílulas que devem ser tomadas quatro vezes por dia em casa do velho rabugento, que sofre de gota?

— Sim, senhor.

— Então feche a porta e tome conta da loja.

— Vamos lá — disse o sr. Winkle, quando o menino se afastou —, as coisas, afinal, não são tão feias como você as pinta. Sempre faz algum negócio de remédios.

O sr. Bob Sawyer espiou a loja para verificar se não havia algum estranho que pudesse ouvi-lo e, inclinando-se para o sr. Winkle, segredou-lhe:

— Nós entregamos todos os remédios nas casas erradas.

O sr. Winkle pareceu perplexo, e os dois amigos abriram a rir.

— Não percebe? — perguntou Bob. — Vai o menino a uma casa, toca a campainha, mete um embrulho de remédios sem endereço na mão do criado, e sai. O criado leva o embrulho para a sala de visitas. O patrão abre-o e lê o rótulo: “Poção para tomar à hora de dormir. Pílulas segundo a receita. Loção como de costume. Pós. Sawyer, sucessor de Nockemorf. Receitas médicas escrupulosamente preparadas”, e assim por diante. O patrão mostra à patroa; ela lê o rótulo; vai o embrulho para os criados; eles lêem o rótulo. No dia seguinte, volta o menino: “Queira desculpar; houve um engano; muito serviço; muitos embrulhos para entregar; com os cumprimentos do sr. Sawyer, sucessor de Nockemorf”. Espalha-se o nome e isso é o que importa na medicina. Acredite, meu velho, que essas coisas valem mais do que toda a propaganda do mundo. Temos aqui um frasco de 4 onças que já percorreu metade das casas de Bristol e ainda não terminou o seu giro.

— Sim, senhor, agora entendo — observou o sr. Winkle. — Que plano excelente!

— Oh, Ben e eu já inventamos uma dúzia deles — volveu Bob, com grande apazimento. — O acendedor de lampiões recebe 18 *pence* por semana para tocar a minha campainha durante dez minutos sempre que passa por aqui; e o meu menino entra correndo na igreja, antes dos salmos, quando ninguém tem o que fazer senão olhar à sua volta, e me chama, com uma expressão de

horror e de angústia no rosto. “Valha-me Deus!”, dizem todos, “alguém adoeceu de repente! Mandaram chamar Sawyer, sucessor de Nockemorf. Como tem serviço esse rapaz!”

Ao termo dessa revelação de alguns dos mistérios da medicina, o sr. Bob Sawyer e o amigo, Ben Allen, reportrearam-se nas respectivas cadeiras e desfecharam a rir atroadoramente. Depois de se haverem deliciado com a própria facécia, declinou a conversação para um assunto que interessava mais de perto ao sr. Winkle.

Cremos já haver insinuado que o sr. Benjamim Allen tinha o vezo de sentimentalizar-se depois da aguardente. O caso não é raro, como nós mesmos podemos testemunhar, pois tivemos de tratar, em certas ocasiões, com pacientes afligidos por idênticos padecimentos. Nesse período de sua existência, apresentava, porventura, o sr. Benjamim Allen propensão maior para a pieguice que em qualquer outro; sendo, em resumo, a seguinte a causa dessa doença. Havia quase três semanas que ele estava em casa do sr. Bob Sawyer; o sr. Bob Sawyer não se notabilizava pela temperança, nem se notabilizava o sr. Benjamim Allen pela posse de uma cabeça muito rija; de sorte que, durante todo esse espaço de tempo, o sr. Benjamim Allen oscilava entre a embriaguez parcial e a embriaguez total.

— Meu caro amigo — disse ele, aproveitando-se da ausência temporária do sr. Bob Sawyer atrás do balcão, para onde se passara este último no intuito de impingir algumas das sanguessugas de segunda mão a que já nos reportamos —, meu caro amigo, sou muito infeliz.

O sr. Winkle manifestou o seu pesar ao saber dessa notícia e indagou se poderia fazer alguma coisa para mitigar as penas do inditoso estudante.

— Nada, meu caro, nada — disse Ben. — Lembra-se de Arabela, Winkle? Minha irmã Arabela, uma menina, Winkle, de olhos negros, quando estivemos em casa de Wardle? Não sei se reparou, uma bonita menina, Winkle. Talvez os meus traços possam ajudá-lo a lembrar-se da fisionomia dela.

O sr. Winkle não precisava de nada para lembrar-se da encantadora Arabela; e bem era que não precisasse, pois os traços do irmão Benjamim teriam concorrido muito pouco para refrescar-lhe a memória. Respondeu, portanto, com quanta serenidade pode simular, que se lembrava perfeitamente da menina e esperava sinceramente que ela estivesse bem de saúde.

— O nosso amigo Bob é um sujeito encantador, Winkle — foi a única resposta do sr. Ben Allen.

— Muito — disse o sr. Winkle; pouco apreciando essa íntima aproximação entre os dois nomes.

— Eu destinava-os um ao outro; eles foram feitos um para o outro, mandados ao mundo um para o outro, nasceram um para o outro, Winkle — disse o sr. Ben Allen, pousando com ênfase o copo. — Há no caso um destino especial, meu caro; a diferença de idade entre os dois é apenas de cinco anos e ambos nasceram em agosto.

Era tão grande a ansiedade do sr. Winkle por ouvir o que devia seguir-se, que não pode expressar muito assombro diante dessa extraordinária coincidência; de modo que o sr. Ben Allen, depois de uma ou duas lágrimas, declarou que, a despeito de toda a estima, de todo o respeito e de toda a veneração que ele votava ao amigo, Arabela, inexplicável e inobedientemente, evidenciara a mais resoluta antipatia à sua pessoa.

— E eu acho — disse o sr. Ben Allen, concluindo —, eu acho que existe uma afeição anterior.

— E tem alguma idéia sobre quem poderá ser o objeto dessa afeição? — perguntou o sr. Winkle, assustadíssimo.

Pegou o sr. Ben Allen do tiçoeiro, brandiu-o belicosamente acima da cabeça, desferiu um golpe selvagem num crânio imaginário, e acabou dizendo, de modo muito expressivo, que só gostaria de saber quem era; pronto.

— Eu haveria de mostrar-lhe o que penso dele — declarou. E voltou a sacudir o tiçoeiro, mais feroz do que antes.

Está visto que tudo isso era assaz consolador para os sentimentos do sr. Winkle, que permaneceu em silêncio durante alguns minutos; depois, todavia, reuniu toda a sua coragem para perguntar se a srta. Allen se encontrava em Kent.

— Não, não — disse o sr. Ben Allen, pondo de lado o tiçoeiro, com uma expressão muito sagaz —, não achei que a casa de Wardle fosse exatamente o lugar para uma menina obstinada; por isso, sendo eu o seu protetor e guardião natural, pois os nossos pais estão mortos, trouxe-a para esta região do país a fim de passar alguns meses em casa de uma tia velha, num local lindamente solitário e aborrecido. Creio que isso há de curá-la, meu caro. Se não curar, hei de levá-la ao estrangeiro por algum tempo, e verei o que se poderá fazer depois.

— Oh, e essa tia mora em Bristol, não? — tartamudeou o sr. Winkle.

— Não, não mora em Bristol — replicou o sr. Ben Allen, agitando o polegar sobre o ombro direito —, mora do lado de lá. Mas, caluda, aí vem Bob.

Nem uma palavra, meu caro, nem uma palavra.

Apesar de curta, essa conversação despertou no sr. Winkle um alvoroço e uma ansiedade enormes. A suspeitada afeição anterior conturbava-lhe o espírito. Seria ele o objeto dela? Teria sido por ele que a formosa Arabela desdenhara o vivacíssimo Bob Sawyer, ou tinha ele algum ditoso rival? Determinou-se de vê-la, custasse o que custasse; mas nesse ponto se lhe antolhou insuperável objeção, pois não poderia adivinhar se o “lado de lá” explanatório do sr. Ben Allen significava uma distância de 3, 30 ou 300 milhas.

Não se lhe ensejou naquele momento, porém, pensar em seus amores, pois a volta de Bob Sawyer foi a imediata precursora da chegada de um empadão de carne, procedente do pasteleiro, de que Bob insistiu em que ele compartisse. Pôs a mesa uma mulher que trabalhava por dia e que desempenhava as funções de governanta do sr. Bob Sawyer; e, havendo-se pedido emprestado um terceiro talher à mãe do menino do libré cor de cinza (pois os arranjos domésticos do sr. Sawyer ainda se processavam em reduzida escala), sentaram-se para o jantar; sendo a cerveja servida, segundo observou o sr. Sawyer, “em seu estanho nativo”.

Após o jantar, o sr. Bob Sawyer mandou vir o maior almofariz que havia na botica e pôs-se a preparar nele uma fumegante mistura de ponche de rum, mexendo e amalgamando os materiais com a mão de gral, de forma assaz honrosa para um boticário. Sendo solteiro, possuía o sr. Sawyer apenas um copo em sua casa, destinado ao sr. Winkle, como cumprimento ao visitante, arranjando-se o sr. Ben Allen com um funil arrolhado na extremidade inferior; e contentando-se Bob Sawyer com um daqueles vasos de cristal, de lábios grossos e cheios de caracteres cabalísticos, em que usam os boticários medir as drogas líquidas na composição das suas receitas. Concertados estes preliminares, foi provado o ponche e declarado excelente; e, tendo-se combinado que Bob Sawyer e Ben Allen poderiam considerar-se em liberdade de encher duas vezes os seus recipientes sempre que o sr. Winkle enchesse uma vez o seu, principiaram a beber, com grande satisfação e muita camaradagem.

Ninguém cantou, pois o sr. Bob Sawyer entendeu que isso não pareceria profissional; mas, para compensar essa falta, falaram e gargalharam tanto que poderiam ter sido ouvidos, e provavelmente o foram, no fim da rua. Conversação que materialmente abreviou as horas e edificou o espírito do menino do sr. Bob Sawyer, o qual, em vez de se dedicar ao seu costumeiro

ofício de rabiscar o nome no balcão, para depois apagá-lo, ficou espiando pela porta de vidro e assim conseguiu ver e ouvir ao mesmo tempo.

A alegria do sr. Bob Sawyer fazia-se rapidamente furiosa; o sr. Ben Allen recaía, depressa, no sentimentalismo, e o ponche desaparecera quase de todo, quando o menino entrou correndo na sala e anunciou que acabara de chegar uma rapariga em busca de Sawyer, sucessor de Nockemorf, cuja presença era urgentemente solicitada algumas ruas adiante. Isso pôs termo à festa. Compreendendo o recado, depois de umas vinte repetições, o sr. Bob Sawyer amarrou um pano molhado à volta da cabeça a fim de desembebedar-se e, tendo-o conseguido em parte, colocou os óculos verdes e saiu. Resistindo a todas as instâncias para ficar até que o outro voltasse e verificando ser impossível travar qualquer conversação inteligível sobre o assunto que mais lhe falava ao coração, ou sobre qualquer outro, o sr. Winkle despediu-se e voltou à estalagem.

A ansiedade que lhe cruciava o espírito e as numerosas meditações que Arabela provocara embargaram que o seu quinhão do conteúdo do almofariz fizesse nele o efeito que teria produzido em outras circunstâncias. De modo que, depois de tomar um copo de aguardente com soda no bar, foi para a sala do café, mais abatido que animado pelas ocorrências daquela noite.

Sentado diante do fogo, com as costas voltadas para ele, via-se um cavalheiro alto, de sobretudo; não havia mais ninguém na sala. Estava a noite o seu tanto fria para aquela estação do ano, e o cavalheiro afastou a cadeira para permitir ao recém-chegado aproximar-se do lume. Quais não foram, pois, os sentimentos do sr. Winkle quando, ao fazê-lo, deu com o rosto e a figura do vingativo e sanguinário Dowler!

O primeiro impulso do sr. Winkle foi o de dar um violento puxão no punho da campainha; infelizmente, porém, este calhava de estar logo atrás da cabeça do sr. Dowler. Já dera um passo na sua direção, antes de reportar-se, quando o sr. Dowler recuou precipitadamente.

— Sr. Winkle! Acalme-se! Não me bata. Não o permitirei. Um murro! Nunca! — disse o sr. Dowler, com mais brando aspecto que o que o sr. Winkle esperara encontrar num cavalheiro da sua ferocidade.

— Um murro, senhor? — balbuciou o sr. Winkle.

— Um murro, senhor — replicou Dowler. — Domine-se. Sente-se. Ouça-me.

— Senhor — disse o sr. Winkle, trêmulo da cabeça aos pés —, antes de consentir em sentar-me ao seu lado, ou na sua frente, sem a presença de um criado, exijo garantias. O senhor dirigiu-me ontem à noite uma ameaça, uma tremenda ameaça. — Neste passo, o sr. Winkle ficou realmente muito pálido e parou de falar.

— Dirigi — aquiesceu Dowler, com um semblante quase tão pálido quanto o do sr. Winkle. — As circunstâncias eram suspeitas. Já foram explicadas. Respeito-lhe a coragem. Os seus sentimentos são elevados. Estou convicto da sua inocência. Aqui está a minha mão. Aperte-a.

— Francamente, senhor — redargüiu o sr. Winkle, hesitando, quase receoso de que o outro lhe pedisse a mão para apanhá-lo em posição desvantajosa —, francamente, senhor, eu.

— Sei o que o senhor quer dizer — interveio Dowler. — Considera-se insultado. É muito natural. Eu também me consideraria. Errei. Peço-lhe perdão. Sejamos amigos. Perdoe-me. — Dizendo isto, Dowler segurou à força a mão do sr. Winkle e, sacudindo-a com a máxima veemência, declarou que o considerava um homem de muita coragem e que o tinha na conta mais elevada que nunca.

— Agora — disse Dowler — sente-se. Conte tudo como foi. De que maneira me encontrou? Quando me seguiu? Seja franco. Diga.

— Puro acaso — replicou o sr. Winkle, intrigadíssimo com o feitio curioso e inesperado da entrevista. — Puro acaso.

— Ainda bem — disse Dowler. Acordei hoje cedo. Esquecera-me da ameaça. Ri-me do acidente. Senti-me com disposições amigáveis. Confessei-o.

— A quem? — perguntou o sr. Winkle.

— A minha mulher. “Você fez uma promessa”, disse ela. “Fiz”, disse eu. “Uma promessa temerária”, disse ela. “Foi”, disse eu; “vou pedir desculpas. Onde está ele?”

— Quem? — perguntou o sr. Winkle.

— O senhor — replicou Dowler. — Desci. Não pude encontrá-lo. Pickwick parecia sucumbido. Abanou a cabeça. Disse esperar que não se verificasse nenhuma violência. Compreendi tudo. O senhor considerava-se insultado. Saíra, à procura talvez de um amigo. Ou de pistolas. “Valoroso”, disse eu. Admiro-o.

O sr. Winkle tossiu e, vendo o pé em que paravam as coisas, assumiu um olhar de importância.

— Deixei-lhe um bilhete — prosseguiu Dowler. — Dizendo que estava pesaroso. E estava mesmo. Negócios urgentes chamavam-me aqui. O senhor não ficou satisfeito. Seguiu-me. Queria uma explicação verbal. Tinha razão. Agora está tudo acabado. Os meus negócios estão prontos. Volto amanhã. Venha comigo.

À medida que Dowler prosseguia em sua explicação, o semblante do sr. Winkle assumia uma dignidade cada vez maior. Explicava-se a natureza misteriosa do princípio do diálogo; o sr. Dowler era tão inimigo de se bater em duelo quanto ele próprio; em suma, essa esbravejante e tremenda personagem era um dos mais egrégios poltrões do mundo, e, havendo interpretado a ausência do sr. Winkle através dos próprios receios, dera exatamente o mesmo passo e, prudente, se retirara, à espera de que de todo serenasse a cólera do adversário.

Quando o sr. Winkle compreendeu a verdadeira situação do caso, assumiu um terrível aspecto e declarou-se satisfeito; mas fê-lo, ao mesmo tempo, com ar que não deixava ao sr. Dowler outra alternativa senão a de inferir que, se não estivesse, algo de muito horrível e destrutivo teria inevitavelmente acontecido. O sr. Dowler pareceu perceber-lhe toda a extensão da magnanimidade e da condescendência; e os dois beligerantes se despediram com muitos protestos de eterna amizade.

Cerca das 11 e meia, quando o sr. Winkle já se saboreara, durante uns vinte minutos, das delícias do primeiro sono, foi acordado, de sobressalto, por vigorosa pancada à porta do quarto, que, repetida com redobrada veemência, o levou a saltar na cama e a perguntar quem era e o que acontecera.

— Por favor, senhor, aqui está um rapaz que diz precisar vê-lo imediatamente — respondeu a voz da criada.

— Um rapaz! — exclamou o sr. Winkle.

— Não há dúvida alguma a esse respeito — replicou outra voz, através da fechadura —, e, se esta mesma interessantíssima jovem criatura não tiver licença de entrar sem demora, é muito possível que lhe entrem as pernas antes do rosto. — E o rapaz desferiu delicado pontapé num dos painéis inferiores da porta, depois de haver feito a insinuação, como se quisesse ajuntar força e agudeza ao reparo.

— É você, Sam? — perguntou o sr. Winkle, pulando da cama.

— É de todo impossível identificar satisfatoriamente um cavalheiro sem olhar para ele, senhor — disse, dogmática, a voz.

Alimentando poucas dúvidas a respeito da identidade do rapaz, o sr. Winkle abriu a porta; e mal acabava de fazê-lo, quando o sr. Samuel Weller entrou com grande precipitação e, depois de fechar com cuidado a porta, colocou deliberadamente a chave no bolso do colete; e disse, após haver examinado o sr. Winkle da cabeça aos pés:

— O senhor, sem dúvida alguma, é um cavalheiro muito engraçadinho!

— Que significa esse procedimento, Sam? — perguntou, indignado, o sr. Winkle. — Saia já daqui. Que significa isto?

— Que significa isto? — retorquiu Sam. — Essa é muito boa, como disse a menina ao discutir com o pasteleiro, que lhe vendera uma empada de porco que só tinha toicinho. Que significa isto? Boa piada, francamente.

— Abra essa porta e saia imediatamente deste quarto — ordenou o sr. Winkle.

— Sairei deste quarto precisamente no instante em que o senhor sair — respondeu Sam com energia e sentando-se com perfeita gravidade. — Se eu julgar necessário carregá-lo daqui nas costas, está visto que terei de sair um instantinho antes do senhor; permita-me, porém, dizer-lhe que espero não me ver reduzido a tais extremidades; e, dizendo isto, não faço mais que repetir o que dizia o fidalgo ao teimoso caracol, que não queria sair da concha por meio de um alfinete, receando, portanto, ver-se obrigado a arreventá-lo na porta da sala de visitas. — Ao cabo desse discurso, inusitadamente longo para ele, o sr. Weller plantou as mãos nos joelhos e olhou muito de fito o rosto do sr. Winkle, com uma expressão que demonstrava não ter a menor intenção de brincar.

— Acho que não é muito amável de sua parte, senhor — continuou o sr. Weller, em tom de reproche —, meter o patrão em apuros de toda a sorte, quando ele está resolvido a fazer tudo por amor dos princípios. O senhor é pior do que Dodson; e, quanto a Fogg, considero-o um anjo ao seu lado. — Tendo acentuado esta última afirmativa com uma enfática pancada em cada joelho, cruzou os braços com uma expressão de grande repugnância e recostou-se no espaldar da cadeira, como se esperasse a defesa do criminoso.

— Meu bom amigo — disse o sr. Winkle, estendendo a mão, ao passo que os dentes lhe batiam, durante todo o tempo, pois ouvira, de camisola e em pé, o sermão do sr. Weller —, meu bom amigo, respeito-lhe a dedicação ao meu excelente amigo e estou deveras penalizado por haver contribuído para aumentar-lhe as razões de inquietação. Pronto, Sam, pronto!

— Está bem —olveu Sam, meio carrancudo, mas dando, ao mesmo tempo, um respeitoso aperto à mão estendida. — Está bem, era assim mesmo que o senhor devia estar, e folgo de encontrá-lo nessa disposição; pois, se eu puder impedi-lo, ninguém há de fazer pouco dele, aí está.

— Claro que não, Sam — disse o sr. Winkle. — Agora vá para a cama, e continuaremos a falar sobre isso amanhã cedo.

— Sinto muito — respondeu Sam —, mas não posso ir para a cama.

— Não pode ir para a cama? — repetiu o sr. Winkle.

— Não — confirmou Sam, abanando a cabeça. — Não posso.

— Não me diga que pretende voltar hoje à noite, Sam? — insistiu o sr. Winkle, muito surpreso.

— A não ser que o senhor faça muita questão — replicou Sam —, mas não posso deixar este quarto. A ordem do patrão foi peremptória.

— Isso é tolice, Sam — tornou o sr. Winkle —, tenho de ficar aqui um ou dois dias; e ainda mais, você tem de ficar também, para me ajudar a conseguir uma entrevista com uma menina — a srta. Allen. Sam, você se lembra dela — que preciso e hei de ver antes de sair de Bristol.

Mas, em resposta a todas essas declarações, Sam abanou a cabeça com grande firmeza e replicou, enérgico: — Não pode ser.

Entretanto, depois de grande quantidade de argumentos e explicações da parte do sr. Winkle, e de uma narrativa completa do que se passara na entrevista com Dowler, Sam principiou a vacilar; e, ao cabo de tudo, fez-se um ajuste, cujas cláusulas mais importantes foram as seguintes:

Sam retirar-se-ia, deixando o sr. Winkle na livre posse do seu quarto, com a condição de poder fechá-lo por fora, e levar a chave; contanto que, em caso de incêndio ou em qualquer outra contingência perigosa, o sr. Weller providenciasse para que a porta fosse imediatamente aberta. Escrever-se-ia uma carta, na manhã seguinte bem cedo, ao sr. Pickwick, que seria entregue em mãos pelo sr. Dowler, em que se lhe pediria consentisse na permanência de Sam e do sr. Winkle em Bristol, para o propósito e com o objeto já mencionados, solicitando resposta pela volta do correio; se viesse a resposta favorável, as sobreditas partes permaneceriam em Bristol e, em caso contrário, voltariam a Bath assim que a recebessem. E, por derradeiro, ficava entendido que o sr. Winkle se comprometia a não se valer da janela, da lareira, nem de outro modo sub-reptício de fuga, nesse meio tempo. Concluído o ajuste, Sam fechou a porta e afastou-se.

Chegara quase ao fim da escada quando se deteve e retirou a chave do bolso.

— Esqueceu-me inteiramente a sova — disse, dando meia volta. O patrão ordenou, distintamente, que eu a ministrasse. Incrível estupidez, a minha! Mas não faz mal — prosseguiu, reanimando-se —, de qualquer maneira, será fácil dá-la amanhã.

Muito consolado, aparentemente com essa reflexão, o sr. Weller tornou a depositar a chave no bolso e, descendo o resto da escada sem mais visitas da consciência, dormia, logo depois, como os outros hóspedes da casa, a sono solto.

CAPÍTULO XXXIX

ENCARREGADO DE UMA MISSÃO DE AMOR, O SR. SAMUEL WELLER PÕE MÃOS À OBRA; E ADIANTE SE VERÁ COM QUE RESULTADOS.

DURANTE TODO O CORRER DO DIA SEGUINTE, Sam conservou firmemente o sr. Winkle debaixo dos olhos, resolvido a não o perder de vista nem por um instante, enquanto não recebesse instruções expressas da própria fonte. Por mais desagradáveis que fossem para ele a aturada observação e a vigilância de Sam, preferiu o sr. Winkle suportá-las a ser, por um ato qualquer de oposição violenta, levado embora à viva força, como o sr. Weller mais de uma vez sugerira que um escrupuloso senso do dever o dispunha a fazer. Há poucas razões para duvidarmos de que Sam teria prontamente serenado os próprios escrúpulos, levando o sr. Winkle de volta para Bath com mãos e pés amarrados, se o não embargasse a imediata atenção dispensada pelo sr. Pickwick à nota que Dowler se encarregara de entregar. Em resumo, às 8 horas da noite entrou em pessoa o sr. Pickwick no café da Estalagem da Moita e declarou a Sam, com um sorriso, para grande alívio deste último, que ele se houvera muito bem e que já não precisava continuar montando guarda.

— Achei melhor vir eu mesmo — disse o sr. Pickwick, dirigindo-se ao sr. Winkle, enquanto Sam o desempeçava do sobretudo e da manta de viagem —, para certificar-me, antes de consentir que Sam interviesse neste assunto, de que as suas intenções são honestas e sérias a respeito dessa menina.

— Sérias? Juro-o de todo o coração, do fundo de minha alma! — volveu o sr. Winkle, com grande energia.

— Lembre-se — disse o sr. Pickwick, com os olhos brilhantes — de que a conhecemos em casa do nosso excelente e hospitaleiro amigo, Winkle. Seria agradecer-lhe bem mal tratar com leviandade e sem a devida consideração as afeições dessa menina. Não o permitirei, senhor. Não o permitirei.

— Nem eu pretendo fazê-lo — exclamou o sr. Winkle, com calor. — Pensei aturadamente no caso, durante muito tempo, e sinto que a minha felicidade depende dela.

— Isso é o que chamamos enfiar muita coisa num embrulho só — interrompeu o sr. Weller, com prazenteiro sorriso.

O sr. Winkle assumiu um aspecto severo diante dessa interrupção e o sr. Pickwick pediu a Sam, agastado, que não matraqueasse um dos melhores sentimentos da nossa natureza; ao que Sam replicou que o não faria, se o encontrasse; mas eram tantos os sentimentos melhores, que mal podia saber qual o melhor dentre eles.

Referiu então o sr. Winkle o que se passara entre ele e o sr. Ben Allen, respeito a Arabela; afirmou que o seu propósito era o de conseguir uma entrevista com a menina e declarar-lhe, formalmente, a sua paixão; e confessou-se convencido, consoante algumas obscuras insinuações do sobredito Ben, de que, fosse qual fosse o lugar onde ela presentemente se encontrava, não deveria ser muito longe das dunas. E era isso tudo o que sabia ou de que suspeitava tocante ao assunto.

Com esse pequeníssimo indício para guiá-lo, ficou determinado que o sr. Weller partiria na manhã seguinte numa expedição de descobrimento; concertou-se também que o sr. Pickwick e o sr. Winkle, menos confiados nos seus poderes, percorreriam a cidade e buscariam encontrar-se, por acaso, com o sr. Bob Sawyer durante o dia na esperança de ouvir ou ver alguma coisa relativa ao paradeiro da menina.

Na manhã imediata, por conseguinte, saiu o sr. Weller para proceder à sua investigação, sem se deixar abater pela desalentadora perspectiva que se lhe antolhava; e lá se foi ele, subindo uma rua e descendo outra — íamos dizer, subindo um morro e descendo outro. mas é que em Clifton só há subidas — sem topar com nada nem com ninguém que pudesse projetar a mais fraca das luzes sobre o caso. Muitos foram os colóquios que travou com moços de cavaliças que passeavam cavalos na estrada e amas-de-leite que passeavam crianças na rua; mas nada pode inferir, assim dos primeiros como das segundas, que tivesse a menor relação com o objeto de suas habilidosas indagações. Havia grande número de meninas em grande número de casas, de cuja maior parte suspeitavam, ladinos, criados e criadas, que dedicavam entranhado afeto a alguém, ou viriam a dedicá-lo, se se lhes oferecesse a oportunidade. Mas como

entre nenhuma dessas meninas estivesse a srta. Arabela Allen, a informação deixou Sam exatamente no ponto em que se encontrara de princípio.

Sam atravessou as dunas lutando contra um vento rijo, cuidando entre si se era sempre necessário segurar o chapéu com ambas as mãos naquela parte do país, e chegou a um sítio sombroso e apartado, à volta do qual se espalhavam diversas casinhas de campo, de aparência tranqüila e solitária. À porta de uma estrebaria, no fundo de longa azinhaga, um moço de cavaliariça, em mangas de camisa, mariolava, aparentemente persuadido de que fazia alguma coisa com uma pá e um carrinho de mão. Cumpre-nos observar, neste passo, que raro vimos um moço de cavaliariça perto de uma estrebaria, em seus momentos de ócio, que, mais ou menos, não fosse vítima da mesma singular ilusão.

Sam entendeu que tanto lhe faria conversar com aquele moço como com outro qualquer, maiormente porque se sentia muito cansado e porque havia uma pedra grande e boa exatamente defronte do carrinho de mão; desceu, portanto, pela azinhaga abaixo e, sentando-se na pedra, encetou uma conversação com o desembaraço e a liberdade que o notabilizavam.

— Bom dia, meu velho — disse Sam.

— Boa tarde, é o que você quer dizer — replicou o moço, dirigindo-lhe um olhar enfadado.

— Tem muita razão, meu velho — tornou Sam. — Eu quis dizer boa tarde. Como vai?

— Francamente, não me sinto muito melhor depois que o vi — replicou o rabugento moço.

— Pois isso é muito esquisito, muito — acudiu Sam. — Você tem uma fisionomia tão extraordinariamente alegre, e parece tão satisfeito, que faz bem à gente contemplá-lo.

O carrancudo moço pareceu mais carrancudo ainda, mas não o suficiente para produzir algum efeito em Sam, que imediatamente perguntou, com expressão de grande ansiedade, se o nome de seu amo não era Walker.

— Não, não é — respondeu o moço.

— Nem Brown?

— Nem Brown.

— Nem Wilson?

— Também não.

— Quer dizer então que me enganei — replicou Sam — e que ele não tem a honra de me conhecer. Imaginei que tivesse. Não fique aqui fora só para

me ser agradável — prosseguiu, ao ver que o outro recolhia o carrinho e preparava-se para fechar a porta. — Não faça cerimônia, meu velho: não o levarei a mal.

— Eu seria capaz de arrancar-lhe a cabeça por meia coroa — disse o taciturno moço, fechando uma folha da porta.

— Pois eu não posso cedê-la por esse preço — retrucou Sam. — Para você, custaria o ordenado de um ano inteiro, pelo menos, e ainda lhe sairia barata. Lembranças em casa. Diga que não me esperem para jantar, e que não guardem prato para mim: não gosto de comida fria.

Em resposta a isso, fulo de raiva, expressou o moço, em voz baixa, o desejo de dar cabo de alguém: mas desapareceu sem o pôr por obra, batendo furiosamente a porta e não dando a menor atenção ao afetuoso pedido de Sam para deixar-lhe uma madeixa de cabelos antes de partir.

Sam continuou sentado na pedra, a meditar sobre o que poderia fazer de melhor e a engenhar um plano de aldrabar a todas as portas que encontrasse num círculo de 5 milhas ao redor de Bristol, numa média de 150 a 200 por dia, procurando encontrar a srta. Arabela dessa maneira, quando o acaso lhe atirou ao caminho o que nunca lhe teria sido possível encontrar sem ele, ainda que ali ficasse um ano inteiro.

Para a azinhaga onde estava abriam-se três ou quatro portões, pertencentes a outras tantas casas que, embora destacadas umas das outras, eram apenas separadas pelos respectivos jardins. Como estes fossem largos, compridos e bem plantados, as casas não só se achavam ditanciadas umas das outras senão, em sua maioria, ocultas da vista. Sam estava sentado com os olhos fitos no monte de lixo que se erguia à beira do portão contíguo àquele em que desaparecera o moço das cavaliças, profundamente abismado nas dificuldades do seu atual empreendimento, quando o portão se abriu, e uma criada saiu para a azinhaga, a fim de sacudir alguns tapetes.

Tão ocupado se achava Sam, com os próprios pensamentos que, muito provavelmente, se teria limitado a erguer os olhos e observar que a rapariga possuía um rostinho encantador, se a galantaria não lhe houvesse sido vigorosamente despertada ao notar que ela não tinha ninguém para a ajudar e que os tapetes pareciam pesados demais para as suas forças. O sr. Weller era um cavalheiro muito galante à sua maneira e, assim que se advertiu dessa circunstância, ergueu-se precipitadamente da pedra e adiantou-se para ela.

— Meu bem — disse ele, aproximando-se com ar de grande respeito —, você estragará as suas lindas proporções se sacudir sozinha esses tapetes. Deixe-me ajudá-la.

A rapariga, que fingira modestamente não dar pela tão grande proximidade de um cavalheiro, voltou-se quando Sam falou — sem dúvida (e foi isso, com efeito, o que ela disse depois) para recusar o oferecimento da parte de um estranho — e, em vez de falar, recuou de sobressalto e abafou um grito. Sam achava-se pouco menos estupefocado, pois na fisionomia da linda criadinha viu os olhos da sua Valentina, a gentil copeira da casa do sr. Nupkins.

— Ué! Maria! É você, meu bem? — exclamou Sam.

— Santo Deus, sr. Weller — disse Maria —, como o senhor assusta a gente.

Sam não deu nenhuma resposta verbal a essa queixa, nem podemos dizer precisamente qual foi a resposta que deu. Só sabemos que, depois de pequena pausa, Maria exclamou: — Misericórdia! Acabe com isso, sr. Weller! — tendo o chapéu dele caído momentos antes, indícios que nos levam a acreditar que um ou mais beijos tenham sido trocados entre as partes.

— Mas como foi que o senhor veio parar aqui? — perguntou Maria, ao reiniciar-se a conversação interrompida.

— Claro que vim à sua procura, meu amor — replicou o sr. Weller, permitindo uma vez ao menos que a paixão sobrelevasse nele a veracidade.

— E como soube que eu estava aqui? — insistiu Maria. — Quem poderia contar-lhe que arranjei outro emprego em Ipswich e que a família depois se mudou para cá? Quem lhe poderia ter contado, sr. Weller?

— Exatamente — respondeu Sam, com um sorriso ladino —, essa é a questão. Quem me poderia ter contado?

— Não foi o sr. Muzzle, não? — indagou Maria.

— Oh, não — retorquiu Sam, sacudindo, solene, a cabeça —, não foi ele.

— Então foi a cozinheira — disse Maria.

— Está visto que foi — concordou Sam.

— Pois eu nunca vi uma coisa dessas! — exclamou Maria.

— Nem eu — volveu Sam. — Mas Maria, meu bem — e, a essa altura, os modos de Sam tornaram-se extremamente afetuosos. — Maria, meu bem, tenho agora nas mãos outro assunto urgentíssimo. Um dos amigos do meu patrão, o sr. Winkle, lembra-se dele?

— Aquele do casaco verde? — acudiu Maria. — Lembro-me, sim.

— Pois bem — continuou Sam —, ele se acha agora num estado horrível de amor; inteiramente confuso e virado de pernas para o ar.

— Nossa! — atalhou Maria.

— Pois é — tornou Sam —, mas isso não seria nada se pudesse encontrar a rapariga — e, nesse ponto, com muitas digressões sobre a beleza pessoal de Maria e as indizíveis torturas que experimentara depois que a vira pela última vez, apresentou Sam um relato fiel da presente situação do sr. Winkle.

— Sim senhor — disse Maria —, nunca imaginei!

— É claro que não — voltou Sam —, nem ninguém imaginou nem haverá de imaginar; e aqui estou eu, caminhando feito o judeu errante — um sujeito muito conhecido nas corridas, Maria, de que você talvez tenha ouvido falar, que vivia apostando carreira com o tempo e não tinha tempo nem de dormir — à procura dessa srta. Arabela Allen.

— Srta. quem? — disse Maria, espantadíssima.

— Srta. Arabela Allen — repetiu Sam.

— Misericórdia! — disse Maria, apontando para o portão do jardim que o moço taciturno fechara após si. — Pois é nessa mesma casa; há seis semanas que ela está morando aí. A camareira, que é também copeira, contou-me tudo no tanque de lavar roupa, um dia, antes de levantar-se a família.

— Nessa casa ao lado da sua? — perguntou Sam.

— Nessa mesma — confirmou Maria.

Sam ficou tão atordoado ao receber a informação, que entendeu absolutamente necessário agarrar-se à bela informante para não cair; e diversos episodios de amor se passaram entre ambos antes que tornasse suficientemente em si para voltar ao assunto.

— Muito bem — declarou Sam afinal —, se isso não é mais espantoso que uma briga de galos, nada o será, como disse o prefeito quando o primeiro secretário brindou à sua esposa depois do jantar. Na casa pegada! Pois tenho um recado para ela que levei o dia inteiro procurando entregar.

— Ah — voltou Maria —, mas não pode entregá-lo agora, porque ela somente passeia no jardim à noite e por um momentinho só; nunca sai de casa, a não ser com a velha.

Sam ruminou durante alguns instantes e, ao cabo, decidiu-se pelo seguinte plano de operações: voltaria quando principiasse a escurecer, e, depois de Maria lhe permitir a entrada no jardim da casa em que trabalhava, escalaria o muro, debaixo dos galhos de uma grande pereira, que eventualmente o encobririam; lá

transmitiria o seu recado e, se possível, concertaria uma entrevista em nome do sr. Winkle para a noite seguinte, às mesmas horas. Feito esse arranjo com toda a pressa, ajudou Maria na tão adiada tarefa de sacudir os tapetes.

Não é tão inocente como parece isso de sacudir tapetes — pelo menos, pode não haver grande mal no sacudir, mas o dobrar é um processo insidiosíssimo. Enquanto dura o sacudir, e as duas partes ficam separadas pelo comprimento do tapete, é um divertimento inocente como o que mais o seja; mas quando principia o dobrar, e a distância entre as partes começa a diminuir gradativamente, da metade do comprimento à quarta parte, e da quarta à oitava, e da oitava à décima sexta, e da décima sexta à trigésima segunda, se o tapete for suficientemente comprido, torna-se perigoso. Não sabemos, com certeza, em quantas partes foram dobrados os tapetes nessa ocasião, mas abalçamo-nos a assegurar que quantas partes havia tantas vezes beijou Sam a linda criadinha.

Refocilou-se o sr. Weller com moderação na taberna mais proxima até o lusco-fusco e, logo, voltou ao beco sem saída. Admitido por Maria no jardim e tendo recebido desta senhora diversas advertências relativas à segurança dos seus membros e do seu pescoço, Sam trepou na pereira a fim de esperar que Arabela aparecesse.

Esperou tanto tempo antes de verificar-se o tão ansiosamente aguardado sucesso que principiava a descrer da sua realização, quando ouviu passos leves sobre o cascalho e, logo, avistou Arabela a caminhar, pensativa, no jardim. Assim que ela chegou perto da árvore, entrou Sam, no intento de anunciar delicadamente a sua presença, a fazer diversos ruídos diabólicos, semelhantes aos que seriam provavelmente naturais numa pessoa de meia-idade que padecesse, ao mesmo tempo, de catarro, tosse convulsa e garrotinho, desde a primeira infância.

Ouvindo isso, lançou a menina um rápido olhar para o lugar de onde provinham os terríveis sons; e como em nada se lhe atenuasse o susto anterior ao ver um homem entre os galhos, teria, por certo, deitado a fugir e alvoroaria a casa toda, se o medo não a tivesse felizmente privado de todo e qualquer movimento e não a levasse a cair num banco do jardim que, por felicidade, se achava próximo.

— Ela agora vai desmaiar — monologou Sam, atrapalhadíssimo. — Por que diabo será que essas criaturinhas têm a mania de desmaiar quando não devem? — Ouça, menina! Srta. Serra-ossos! Sra. Winkle! Não faça isso!

Se foi a magia do nome do sr. Winkle, ou a frialdade do ar, ou alguma lembrança da voz do sr. Weller que reanimou Arabela, não importa. Ela ergueu, lânguida, a cabeça e perguntou: — Quem está aí? Que deseja?

— Psiu! — murmurou Sam, pulando para o muro e lá se agachando a fim de ocupar o menor espaço possível. — Sou eu, senhorita, sou eu.

— O criado do sr. Pickwick! — exclamou Arabela, com vivacidade.

— Ele mesmo, senhorita — replicou Sam. — É o sr. Winkle que anda ralado de desespero, senhorita.

— Ah! — disse Arabela, aproximando-se do muro.

— Ah, sim — tornou Sam. — Chegamos a imaginar que seria preciso metê-lo numa camisa de força ontem à noite; andou delirando o dia inteiro; e diz que, se não puder vê-la antes de amanhã à noite, pretende afogar-se, ou fazer coisa pior.

— Oh, não, não, sr. Weller — disse Arabela, retorcendo as mãos.

— Foi o que ele disse, senhorita — replicou Sam. — É um homem de palavra e, na minha opinião, há de fazer o que prometeu. Ele soube de tudo a seu respeito por intermédio do serra-ossos de óculos.

— De meu irmão! — acudiu Arabela, identificando vagamente a descrição de Sam.

— Não sei direito qual é o seu irmão, senhorita — replicou Sam. — É o mais sujo dos dois?

— É, sim, sr. Weller —olveu Arabela —, continue. Depressa, pelo amor de Deus!

— Pois bem, senhorita — tornou Sam —, ele soube de tudo a seu respeito; e acha o patrão que, se a senhora não se avistar logo com ele, o serra-ossos de que estivemos falando acabará por meter-lhe na cabeça chumbo suficiente para prejudicar-lhe o desenvolvimento dos órgãos, ainda que pretendam conservá-la depois em espírito de vinho.

— Oh, que poderei fazer para impedir essas brigas medonhas? — exclamou Arabela.

— A causa de tudo isso é a suspeita de uma afeição anterior — explicou Sam. — É melhor a senhora encontrar-se com ele, senhorita.

— Mas como? Quando? — bradou Arabela. — Não me atrevo a sair sozinha de casa. Meu irmão é tão injusto, tão desarrazoado! Sei que lhe parecerá estranho eu dizer-lhe essas coisas, sr. Weller, mas sou muito, muito

infeliz. — E a pobre Arabela se pôs a chorar tão amargamente, que Sam teve um assomo de cavalheirismo.

— Pode parecer muito estranho a senhora falar-me sobre essas coisas, senhorita — tornou Sam, com grande veemência —, mas o que posso dizer é que não só estou pronto senão também disposto a fazer tudo para ser-lhe agradável; e, se for preciso atirar um dos serra-ossos pela janela, é só mandar. — Ao dizer isto, San Weller arregaçou os punhos, com o risco iminente de cair do muro, a fim de patentear a sua disposição de levar imediatamente a cabo o que prometera.

Por lisonjeiras que fossem tais profissões de bons sentimentos, Arabela recusou, resoluta (e muito inexplicavelmente, ao ver de Sam) valer-se delas. Durante algum tempo, com a mesma coragem, relutou em conceder ao sr. Winkle o encontro tão pateticamente solicitado, mas, por fim, quando a conversação correu o risco de ser interrompida pela inoportuna chegada de um terceiro, deu-lhe precipitadamente a entender, entre muitos protestos de gratidão, que talvez lhe fosse possível estar no jardim uma hora mais tarde, na noite seguinte. Sam compreendeu-o perfeitamente; e Arabela, dirigindo-lhe um dos seus mais doces sorrisos, afastou-se, graciosa, deixando o sr. Weller num estado de grande admiração dos seus encantos físicos e intelectuais.

Depois de descer, a salvo, o muro e sem se esquecer de dedicar alguns momentos aos seus próprios negócios, o sr. Weller regressou pelo caminho mais curto à Estalagem da Moita, onde a sua prolongada ausência provocara muita especulação e algum susto.

— Devemos ser cuidadosos — disse o sr. Pickwick, depois de ouvir com atenção o relato de Sam —, não por nossa causa, mas por causa da menina. Temos de ser muito cautelosos.

— Temos! — exclamou o sr. Winkle, com acentuada ênfase.

O momentâneo olhar de indignação do sr. Pickwick diante do tom desse reparo desvaneceu-se-lhe na característica expressão de benevolência ao replicar:

— Temos, sim, senhor! Eu lhe farei companhia.

— O senhor! — disse o sr. Winkle.

— Eu — replicou suavemente o sr. Pickwick. — Ao conceder-lhe essa entrevista, a menina deu um passo talvez natural, mas ainda assim muito imprudente. Se eu estiver presente ao encontro, amigo de ambos, e

suficientemente velho para ser pai de qualquer um dos dois, a voz da calúnia jamais poderá, mais tarde, erguer-se contra ela.

Os olhos do sr. Pickwick brilharam de honesto aprazimento ao pronunciar essas palavras. O sr. Winkle sentiu-se comovido por esse pequeno traço de delicado respeito à jovem *protégée* do seu amigo e tomou-lhe das mãos com um sentimento de respeito vizinho da veneração.

— O senhor irá — disse o sr. Winkle.

— Irei — confirmou o sr. Pickwick. — Sam, apronte-me o sobretudo e o xale e arranje uma condução que venha buscar-nos amanhã à noitinha, um pouco mais cedo do que for absolutamente necessário para chegarmos a tempo.

O sr. Weller levou a mão ao chapéu, em sinal de obediência, e retirou-se para fazer os preparativos indispensáveis à expedição.

O carro chegou, pontualíssimo, à hora marcada; e o sr. Weller, depois de haver devidamente instalado dentro dele o sr. Pickwick e o sr. Winkle, assentou-se na boléia, ao lado do cocheiro. Apearam, como ficara combinado, a um quarto de milha, mais ou menos, do lugar do encontro e, pedindo ao cocheiro que esperasse pela sua volta, fizeram a pé o resto do trajeto.

Foi nesse ponto da empresa que o sr. Pickwick, com muitos sorrisos e várias outras mostras de grande satisfação íntima, tirou de um dos bolsos do paletó uma lanterna de furta-fogo, de que se munira especialmente para a ocasião e cuja grande beleza mecânica se pôs a explicar ao sr. Winkle, à proporção que caminhavam, para não pequena surpresa dos poucos transeuntes que encontraram.

— Eu teria sido mais feliz se tivesse nas mãos uma coisa destas na última expedição noturna que fiz a um jardim, hem, Sam? — observou o sr. Pickwick, olhando com bom humor para o criado, que caminhava atrás.

— Estas coisas são excelentes quando bem manejadas, senhor — replicou o sr. Weller —, mas, quando a gente não quer ser visto, creio que são mais úteis com a luz apagada do que acesa.

O sr. Pickwick pareceu impressionado pelo argumento de Sam, pois tornou a enfiar a lanterna no bolso e os três reiniciaram, silenciosos, a marcha.

— Por aqui, senhor — disse Sam. — Deixe-me indicar o caminho. Esta é a azinhaga.

Enveredaram pelo beco, escuríssimo. O sr. Pickwick tirou uma ou duas vezes a lanterna enquanto tateavam o caminho, e projetou à sua frente um tunelzinho muito brilhante de luz, de 1 pé mais ou menos de diâmetro. Era

muito bonito de se olhar, mas parecia tornar mais escuros do que nunca os objetos circundantes.

Chegaram, afinal, à pedra grande. Aí recomendou Sam ao amo e ao sr. Winkle que se assentassem enquanto ele procedia às suas investigações e verificava se Maria ainda estava esperando.

Depois de uma ausência de cinco ou dez minutos, Sam voltou para dizer que o portão estava aberto e tudo em paz. Seguindo-o pé ante pé, o sr. Pickwick e o sr. Winkle logo se viram no jardim, onde todos fizeram “psiu!” muitas vezes; e, feito isso, ninguém parecia saber exatamente o que deveria fazer em seguida.

— A srta. Allen ainda está no jardim, Maria? — perguntou o sr. Winkle, muito agitado.

— Não sei, senhor — replicou a linda criadinha. — O melhor, senhor, é o sr. Weller ajudá-lo a trepar na árvore; talvez o sr. Pickwick queira ter a bondade de ficar vendo se não vem ninguém pelo beco, enquanto eu monto guarda no outro canto do jardim. Misericórdia, que é isso?

— Essa maldita lanterna ainda será a nossa morte — exclamou Sam, exasperado. — Preste atenção no que está fazendo, senhor; a luz vai dar precisamente na janela da sala dos fundos.

— Valha-me Deus! — disse o sr. Pickwick, virando-se precipitadamente. — Eu não queria fazer isso.

— Agora está na outra casa — reclamou Sam.

— Com a breca! — disse o sr. Pickwick, voltando-se outra vez.

— Agora está na estrebaria e vão pensar que houve um incêndio lá — volveu Sam. — Feche a lanterna, senhor, não pode?

— Esta é a lanterna mais extraordinária que já vi em toda a minha vida! — exclamou o sr. Pickwick, espantadíssimo com os efeitos que produzira, involuntariamente. — Nunca vi um refletor tão forte assim.

— Ele ainda será forte demais para nós, se o senhor continuar a fazer uma iluminação dessas — replicou Sam, quando o sr. Pickwick, depois de vários esforços infrutíferos, logrou fechar a corrediça. — Ouço os passos da menina. Agora, sr. Winkle, suba!

— Esperem, esperem! — bradou o sr. Pickwick —, preciso primeiro falar com ela. Ajude-me a subir, Sam.

— Devagar, senhor — recomendou Sam, encostando a cabeça no muro e fazendo das costas plataforma. — Ponha um pé nesse vaso de flores. Agora,

suba.

— Tenho medo de machucá-lo, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Não se incomode comigo, senhor — replicou Sam. — Dê-lhe a mão, sr. Winkle. Firme, senhor, firme! Pronto!

Enquanto Sam falava, o sr. Pickwick, por meio de esforços quase sobre-humanos para um cavalheiro da sua idade e do seu peso, conseguiu subir às costas de Sam; e Sam erguendo-se devagarinho, e o sr. Pickwick segurando com firmeza no topo do muro, e o sr. Winkle agarrando-o solidamente pelas pernas, conseguiram levantar-lhe os óculos acima do nível do espigão.

— Meu bem — disse o sr. Pickwick, olhando por cima do muro e avistando Arabela do outro lado. — Não se assuste, sou eu.

— Oh, vá-se embora, por favor, sr. Pickwick — disse Arabela. — Diga a todos que vão embora. Estou tão horrivelmente assustada! Meu caro sr. Pickwick, não fique aí. É capaz de cair e de matar-se, eu sei.

— Peço-lhe que não se assuste, meu bem — disse, carinhoso, o sr. Pickwick. — Não há o menor motivo de medo, eu lhe asseguro. Firme, Sam — ajuntou, olhando para baixo.

— Está bem — replicou o sr. Weller. — Não se demore mais do que seja convenientemente possível. O senhor é meio pesado.

— Só um instantinho, Sam —olveu o sr. Pickwick. — Desejo apenas que você saiba, meu bem, que eu não teria permitido ao meu jovem amigo vê-la dessa maneira clandestina, se a situação em que você se encontra lhes permitisse outra alternativa; e, se o receio da impropriedade deste passo lhe pode causar algum desassossego, talvez a tranqüilize saber que estou presente. É só isso, meu bem.

— Fico-lhe deveras agradecida, sr. Pickwick, pela sua bondade e consideração — replicou Arabela, enxugando as lágrimas com o lenço. Ela teria, provavelmente, dito muito mais se a cabeça do sr. Pickwick não houvesse desaparecido de improviso em conseqüência de um passo em falso sobre o ombro de Sam, que o atirou subitamente ao chão. Levantou-se, porém, de salto e, ordenando ao sr. Winkle que se apressasse e acabasse logo a entrevista, correu para a azinhaga a fim de vigiar, com a coragem e o ardor da juventude. O próprio sr. Winkle, inspirado pela ocasião, viu-se de pronto sobre o muro, detendo-se apenas para pedir a Sam que tomasse conta do amo.

— Eu tomo conta dele, senhor — replicou Sam. — Deixe-o comigo.

— Onde é que ele está? Que está fazendo, Sam? — perguntou o sr. Winkle.

— Benditas sejam as suas velhas polainas — tornou Sam, olhando para o portão do jardim. — Está montando guarda na azinhaga com a tal lanterna, como um amável Guy Fawkes. Nunca vi criatura tão boa em minha vida. Macacos me mordam se o coração não lhe nasceu 25 anos pelo menos depois do corpo!

O sr. Winkle não se detivera para ouvir o panegírico do amigo. Saltara do muro; atirara-se aos pés de Arabela; e, naquele instante, protestava a sinceridade da sua paixão com uma eloquência digna do próprio sr. Pickwick.

Ao passo que essas coisas sucediam ao ar aberto, um cavalheiro idoso, com propensões científicas, sentado em sua biblioteca, duas ou três casas adiante, escrevia um tratado filosófico, e, de quando em quando, umedecia a goela e os trabalhos com um copo de clarete, encerrado numa garrafa de aspecto venerável, ao seu lado. Nas angústias da composição, o idoso cavalheiro olhava, às vezes para o tapete, às vezes para o teto, às vezes para a parede; e quando nem o tapete, nem o teto, nem a parede lhe proporcionavam o grau necessário de inspiração, olhava pela janela.

Numa dessas pausas de invenção, mirava, abstraído, as densas trevas exteriores, quando ficou muito surpreso ao ver que uma luz brilhantíssima deslizava pelo ar, a pequena distância do solo, e quase instantaneamente se desvanecia. Após breve intervalo, repetiu-se o fenômeno, não uma nem duas, mas diversas vezes; por fim, o cavalheiro científico pousou a pena e entrou a excogitar as causas naturais a que se poderia atribuir o aparecimento daquelas luzes.

Não seriam meteoros; eram demasiado baixas. Não seriam pirilampos; eram demasiado altas. Não seriam fogos-fátuos; não seriam moscas fosforescentes; não seriam fogos de artifício. Que poderiam ser? Algum extraordinário e maravilhoso fenômeno da natureza que filósofo nenhum observara ainda; alguma coisa cujo descobrimento estaria reservado unicamente a ele e cujo relato, em benefício da humanidade, lhe imortalizaria o nome. Cheio dessas idéias, o científico cavalheiro tomou de novo da pena e cometeu ao papel diversas notas sobre as nunca vistas aparições, com a data, o dia, a hora, o minuto e o segundo preciso em que tinham sido observadas; apontamentos esses que haveriam de constituir os subsídios para um volumoso tratado de aturadas investigações e profundo saber, destinado a assombrar

todos os sábios atmosféricos que porventura respirassem nalguma parte do globo civilizado.

Refestelou-se na cadeira, imerso na contemplação da futura grandeza. A luz misteriosa aparecia agora mais brilhante do que nunca: a dançar, segundo todas as aparências, para baixo e para cima da azinhaga, atravessando-a de um lado a outro, e girando numa órbita tão excêntrica como a dos próprios cometas.

O cavalheiro científico era solteiro. Como não tivesse esposa nem filhos para chamar e assombrar, tocou a campainha, chamando o criado.

— Pruffle — disse o cavalheiro científico —, há qualquer coisa muito extraordinária no ar hoje à noite. Está vendo aquilo? — perguntou, apontando para fora da janela, quando a luz se tornou visível outra vez.

— Estou, sim, senhor.

— Que lhe parece, Pruffle?

— Que me parece?

— Sim. Você foi criado nesta região. A seu parecer qual seria a causa dessas luzes agora?

O cavalheiro científico antecipou, sorrindo, a resposta de Pruffle de que não lhes poderia atribuir causa nenhuma. Pruffle meditou.

— A meu parecer são ladrões, senhor — disse afinal.

— Você é um idiota e pode descer — ordenou o cavalheiro científico.

— Obrigado, senhor — disse Pruffle. E desceu.

Mas o cavalheiro científico não podia descansar com a idéia de que o engenhoso tratado que projetara se perdesse para o mundo, como, inevitavelmente, sucederia se a teoria do engenhoso sr. Pruffle não fosse sufocada ao nascer. Pôs o chapéu na cabeça e dirigiu-se, rápido, para o jardim, no intuito de investigar o caso até os seus fundamentos.

Ora, pouco antes de sair para o jardim o cavalheiro científico, o sr. Pickwick descera correndo a azinhaga, o mais depressa que pudera, a fim de anunciar que alguém se aproximava por aquelas bandas; voltando ocasionalmente para trás a corrediça da lanterna a fim de livrar-se da lama. Dado o rebate, o sr. Winkle tornou a pular o muro, e Arabela correu para dentro de casa; fechou-se o portão do jardim, e os três aventureiros percorriam, de torna-viagem, a azinhaga, desabaladamente, quando foram surpreendidos pelo cavalheiro científico que desferrolhava o portão do seu jardim.

— Parem — murmurou Sam, que era o primeiro do grupo. — Mostre a luz um minutinho só, senhor.

O sr. Pickwick fez o que lhe pediam e Sam, vendo a cabeça de um homem a espiar, com a máxima cautela, a meia jarda da sua, desferiu-lhe delicado murro com o punho fechado, que o fez bater, com um som cavo, de encontro ao portão. Executada essa façanha, com grande destreza e rapidez, o sr. Weller colocou o sr. Pickwick sobre as costas e seguiu o sr. Winkle pelo beco abaixo a uma velocidade que era, em vista do fardo que transportava, perfeitamente surpreendente.

— Já retomou o fôlego, senhor? — perguntou Sam, chegados ao cabo da azinhaga.

— Já. Completamente — replicou o sr. Pickwick.

— Venha então conosco — disse o sr. Weller, tornando a colocar o amo sobre os pés. — Venha entre nós. Falta menos de meia milha. Faça de conta que está apostando uma corrida. Vamos.

Assim alentado, fez o sr. Pickwick o melhor uso possível das pernas. Pode-se confiadamente asseverar que jamais correu em melhor estilo sobre a terra um par de polainas pretas como as do sr. Pickwick nessa memorável ocasião.

O carro estava à espera, os cavalos, descansados, as estradas, boas e o cocheiro, bem disposto. O grupo todo chegou, a seu recado, à Estalagem da Moita antes que o sr. Pickwick recobrasse o fôlego.

— Já para dentro, senhor — exclamou Sam, enquanto ajudava o amo a desmontar. — Não pare nem um segundo na rua, depois deste exercício. Perdão, senhor — ajuntou, levando a mão ao chapéu e dirigindo-se ao sr. Winkle, que descia do carro. — Espero que não haja uma afeição anterior.

O sr. Winkle apoderou-se da mão do modesto amigo e murmurou-lhe ao ouvido: — Vai tudo bem, Sam, vai tudo bem. — Em vista do que o sr. Weller bateu três vezes, distintamente, no nariz, em sinal de inteligência, sorriu, piscou; e pôs-se a recolher a escadinha do carro com uma fisionomia em que se estampava uma viva satisfação.

Quanto ao cavalheiro científico, este demonstrou, em magistral tratado, que aquelas luzes maravilhosas eram efeito da eletricidade; e claramente o provou, mostrando, com todos os pormenores, que um raio de luz lhe dançara diante dos olhos ao pôr a cabeça para fora do portão, e lhe dera um choque que o deixara desacordado durante um quarto de hora; demonstração que

deleitou a mais não poder todas as associações científicas e fez que ele fosse considerado, daí para diante, um luminar da ciência.

CAPITULO XL

QUE INTRODUZ O SR. PICKWICK NUMA NOVA E INTERESSANTE CENA DO GRANDE DRAMA DA VIDA.

O RESTO DO TEMPO QUE O SR. PICKWICK DESTINARA à sua permanência em Bath decorreu sem qualquer sucesso importante. Principiara ao termo da Trindade. Ao fim da primeira semana, o sr. Pickwick e os amigos regressaram a Londres; e o primeiro, acompanhado de Sam, dirigiu-se diretamente aos seus antigos aposentos na Estalagem de Jorge e do Abutre.

Na terceira manhã após a sua chegada, no momento em que todos os relógios da cidade batiam, individualmente, nove e, coletivamente, cerca de 999 badaladas, Sam tomava ares no pátio da estalagem quando parou um estranho veículo, pintado de novo, e dele saltou, com grande agilidade, atirando as rédeas a um homem corpulento que vinha ao seu lado, um estranho cavalheiro, que parecia feito para o veículo, e para o qual parecia feito o veículo também.

Este não era exatamente um tálburi, nem sequer um faéton. Não era o que em regra se denomina um *dog-cart*; nem uma sege, nem uma caleche, nem um cabriolé; e, contudo, participava do caráter de cada uma e de todas essas máquinas. Estava pintado de amarelo-claro, com as lanças e as rodas realçadas de preto; e o cocheiro assentava-se, consoante o estilo clássico, sobre almofadas empilhadas até cerca de 2 pés acima do encosto. O cavalo era baio e bonito; mas tinha, sem embargo, o que quer que fosse de retilão e repontão, que se harmonizava assim com o veículo como com o amo.

O amo era um sujeito de seus quarenta anos, de cabelos negros e suíças cuidadosamente penteadas. Vestia-se de maneira singularmente rebuscada, com muitas jóias — todas elas três vezes maiores do que as ordinariamente usadas por cavalheiros — e um sobretudo de pano grosso para completar o conjunto. Num dos bolsos do sobretudo, enfiou a mão esquerda no momento de apear, enquanto arrancava do outro, com a direita, um lenço de seda mirabolante, com o qual sacudiu uma ou duas manchas de poeira das botas; logo, amarrotando-o com a mão, cruzou, muito chibante, o pátio.

Não escapara à observação de Sam o fato de que, ao desmontar essa pessoa, um homem de aspecto andrajoso, com um sobretudo a que faltavam diversos botões, que estivera até então madraceirando do outro lado da rua, atravessou-a e se deteve ao pé da porta. Nutrindo algo mais do que uma suspeita sobre o objeto da visita do cavalheiro, Sam chegou antes dele à Estalagem de Jorge e do Abutre e, voltando-se inopinadamente, postou-se ao centro da porta.

— Então, rapazinho! — disse o homem de sobretudo grosso, em tom imperioso, tentando, ao mesmo passo, empurrá-lo.

— Então, que aconteceu? — replicou Sam, devolvendo o empurrão com juro compostos.

— Vamos, deixe-se disso; comigo não pegam essas coisas — disse o dono do capote grosso, erguendo a voz e empalidecendo. — Venha cá, Smouch!

— Aconteceu alguma coisa? — resmungou o homem de casaco escuro, que atravessara gradativamente o pátio durante esse curto diálogo.

— É esse rapazinho que se está fazendo de insolente — tornou o primeiro, dando a Sam outro empurrão.

— Vamos parar com essa brincadeira — resmungou Smouch, dando-lhe outro, mais forte ainda.

O último empurrão surtiu o efeito que o experimentado sr. Smouch tencionava produzir; pois, enquanto Sam, ansioso por devolver o cumprimento, lhe esfregava o corpo contra o batente da porta, logrou o chefe entrar e dirigir-se ao balcão; aonde Sam, depois de trocar algumas palavras epitéticas com o sr. Smouch, o seguiu.

— Bom dia, meu bem — disse o chefe, dirigindo-se à rapariga do balcão com galantaria e desempenho dignos de um foragido de uma colônia correcional —, onde é o quarto do sr. Pickwick?

— Suba com ele — ordenou a rapariga ao criado, sem se dar ao trabalho de olhar duas vezes para o pintalegrete, em resposta à sua pergunta.

O criado subiu as escadas, como lhe tinham determinado, e o homem de capote grosso acompanhou-o, seguido de Sam, o qual, durante a subida, fez diversos gestos de supremo desdém e desafio, para indizível gáudio dos criados e mais espectadores. O sr. Smouch, atormentado por uma tosse medonha, ficou embaixo, expectorando no corredor.

O sr. Pickwick dormia a sono solto quando lhe entrou no quarto o visitante matutino, escoltado por Sam. O barulho que fizeram ao entrar

espertou-o.

— Água para a barba, Sam — disse o sr. Pickwick, de dentro das cortinas.

— Já lhe faço a barba, sr. Pickwick, não se impressione — disse o visitante, descerrando uma das cortinas da cabeceira da cama. — Tenho um mandado de prisão contra o senhor, a pedido de Bardell. Aqui está o documento. Tribunal dos Common Pleas. Eis o meu cartão. Suponho que o senhor vá para a minha casa. — Dando ao sr. Pickwick um tapa amistoso no ombro, o oficial do xerife (tal era o seu título) atirou o cartão sobre a colcha e sacou um palito de ouro do bolso do colete.

— O meu nome é Namby — disse o oficial do xerife, quando o sr. Pickwick tirou os óculos debaixo do travesseiro e os colocou, para ler o cartão. — Namby, Bel Alley, rua Coleman.

A essa altura, Sam Weller, que tivera até então os olhos fitos no chapéu luzido do sr. Namby, interferiu:

— O senhor é quacre? [\[12\]](#)

— Eu lhe direi quem sou antes de acabar com isto — replicou o indignado oficial. — Hei de ensinar-lhe bons modos, meu amiguinho, numa dessas manhãs.

— Muito obrigado — volveu Sam. — Farei o mesmo consigo. Tire o chapéu. — E, dizendo isso, com a máxima destreza, atirou o chapéu do sr. Namby para o outro lado da sala com tamanha violência, que quase o obrigou a engolir o palito de ouro também.

— Veja isto, sr. Pickwick — queixou-se o desconcertado oficial, tomando fôlego. — Fui agredido, no exercício de minhas funções, pelo seu criado, dentro do seu quarto. O senhor é testemunha.

— Não seja testemunha de coisa alguma, senhor — interveio Sam. — Feche bem os olhos. Eu seria capaz de jogá-lo pela janela, mas o diabo é que ele não cairá de muito alto, por causa das goteiras de chumbo.

— Sam — disse o sr. Pickwick, em tom de zanga, ao passo que o criado fazia diversas demonstrações de hostilidades —, se você disser mais uma palavra, ou intervier de alguma forma neste assunto, eu o despedirei imediatamente.

— Mas, senhor! — disse Sam.

— Fique quieto — ordenou o sr. Pickwick. — Erga esse chapéu.

Sam, todavia, recusou-se positiva e obstinadamente a fazê-lo; e depois de vê-lo severamente repreendido pelo amo, o oficial, que tinha pressa,

condescendeu em apanhar o chapéu, ao mesmo passo que proferia grande variedade de ameaças contra o sr. Weller, que este recebeu com perfeita compostura; observando apenas que, se o sr. Namby se cobrisse de novo, lhe atiraria o chapéu nos confins da terra. Cuidando porventura que a operação poderia ocasionar-lhe grandes transtornos, o sr. Namby não insistiu e, logo depois, chamou Smouch. E, tendo-o informado de que a detenção fora feita, cumprindo-lhe esperar que o prisioneiro se arrumasse, Namby saiu, pavoneante, e partiu no carro. Smouch recomendou grosseiramente ao sr. Pickwick que se aviasse, porque tinha muito que fazer, arrastou uma cadeira para junto da porta e lá esperou, sentado, que o outro acabasse de vestir-se. Sam foi então mandado à procura de um carro de aluguel e neste se dirigiu o triunvirato para a rua Coleman. A distância, felizmente, era curta, pois o sr. Smouch, além de não possuir grandes talentos de conversador, era um companheiro decididamente desagradável num espaço acanhado pela mazela física já mencionada.

Depois de virar para uma rua muito estreita e muito escura, deteve-se o carro diante de uma casa com janelas gradeadas, na ombreira de cujas portas se liam, graciosos, os seguintes dizeres: “Namby, oficial dos xerifes de Londres”. Aberta a porta interior por um cavalheiro que poderia passar por um irmão gêmeo enfeitado do sr. Smouch e que, para esse fim, carregava enorme chave, o sr. Pickwick foi introduzido na “sala do café”.

Era uma sala que dava para a rua e principalmente caracterizada pela existência de areia fresca e por um cheiro de fumo deteriorado. O sr. Pickwick inclinou-se, ao entrar, para as três pessoas que nela se achavam sentadas; e, tendo mandado Sam à procura de Perker, afastou-se para um canto escuro, de onde se pôs a observar, com alguma curiosidade, os novos companheiros.

Um deles era um rapazinho de seus dezenove ou vinte anos, o qual, se bem não fosse 10 horas ainda, bebia genebra com água e fumava um charuto, divertimentos aos quais, a julgar pelo rosto inflamado, se vinha dedicando, com suma constância, havia já um ou dois anos. Na frente dele, ocupado em remexer o lume com a ponta da bota direita, via-se um homem grosseiro e vulgar de trinta anos, mais ou menos, de rosto pálido e voz áspera; senhor evidentemente da ciência da vida e da cativante liberdade de maneiras que se adquirem nos botequins e bilhares baratos. O terceiro ocupante da sala era um homem de meia-idade, com um fato preto muito velho, de aspecto macilento, que andava, sem cessar, de um lado para outro da sala, parando, de onde em

onde, para olhar com grande ansiedade pela janela, como se esperasse alguém, e, logo reiniciando o passeio.

— Seria melhor que o senhor aceitasse hoje a minha navalha, sr. Ayresleigh — disse o homem que remexia o fogo, piscando para o amigo, o rapazinho.

— Muito obrigado, não precisarei dela; espero sair daqui dentro de uma hora o mais tardar — replicou o outro, precipitadamente. Depois, encaminhando-se para a janela e de lá voltando, mais uma vez, desapontado, suspirou profundamente e saiu da sala. Os outros dois romperam numa estrondosa gargalhada.

— Palavra que nunca vi uma coisa assim — disse o cavalheiro que oferecera a navalha, e cujo nome parecia ser Price. — Nunca! — O sr. Price confirmou a asserção com uma praga, e tornou a rir, quando, naturalmente, o rapazote (que considerava o companheiro um dos sujeitos mais extraordinários do mundo) também riu.

— O senhor não seria capaz de acreditar — disse Price, voltando-se para o sr. Pickwick — que esse camarada está aqui há mais de uma semana, e ainda não se barbeou porque tem a certeza de que vai sair dentro de meia hora, e acha melhor esperar para fazer a barba em casa.

— Pobre homem! — disse o sr. Pickwick. — São, de fato, tão grandes as suas possibilidades de sair daqui?

— Qual grandes, qual nada! — replicou Price. — Ele não tem sequer a sombra de uma possibilidade. Eu não daria isto pelas suas possibilidades de estar na rua nem dentro de dez anos. — E o sr. Price, estalando, desdenhoso, os dedos, tocou a campainha.

— Dê-me uma folha de papel, Crookey — disse o sr. Price ao criado, que, pelo traje e pelo aspecto geral, se dizia um negociante de gado falido misturado a um boieiro em estado de insolvência —, e um copo com aguardente e água, ouviu, Crookey? Vou escrever a meu pai e preciso de um estimulante, pois, do contrário, não serei capaz de embrulhar o velho. — Diante desse faceto discurso, o rapazola, fora quase inútil dizê-lo, desatou a rir convulsivamente.

— Isso mesmo — tornou o sr. Price. — Nada de desânimos. Isto não passa de uma pândega, não é verdade?

— De primeira ordem! — assentiu o rapazinho.

— Você é desempenado — observou Price. — Vê-se que conhece um pouco a vida!

— Se conheço! — replicou o rapaz. Ele vira-a através das vidraças sujas dos botequins.

Sentindo-se não pouco enojado desse diálogo, bem como do ar e dos modos das duas criaturas nele empenhadas, já se dispunha o sr. Pickwick a indagar se não lhe seria possível acomodar-se num gabinete reservado, quando entraram duas ou três pessoas de aparência correta, à vista das quais o rapazola atirou o charuto ao fogo e, murmurando ao sr. Price que tinham vindo para “arranjar-lhe as coisas”, acompanhou os recém-chegados até perto de uma mesa, na extremidade oposta da sala.

Segundo parecia, entretanto, as coisas não deviam arranjar-se tão rapidamente como o supusera o rapaz; pois seguiu-se longa conversação, da qual o sr. Pickwick não pode menos de ouvir alguns fragmentos coléricos tocantes a um procedimento dissoluto e a repetidos perdões. Ouviram-se, por fim, distintíssimas alusões feitas pelo mais velho do grupo a uma rua Whitecross^[20], diante das quais o rapazinho, apesar do seu desempenho e do seu conhecimento da vida, reclinou a cabeça sobre a mesa e entrou a soluçar, desesperado.

Satisfeitíssimo ao ver assim, de súbito, por terra, o entono do meninote, o sr. Pickwick tocou a campainha e foi levado, a seu pedido, a um gabinete reservado, mobiliado de um tapete, uma mesa, cadeiras, um aparador e um sofá, e ornamentado de um espelho e várias gravuras antigas. Aí, foi-lhe proporcionado o prazer de ouvir o sr. Namby tocar piano, em cima da sua cabeça, ao mesmo passo que se lhe preparava o almoço. Quando este chegou, chegou também o sr. Perker.

— Ah, meu caro — disse o homenzinho —, engaiolaram-no afinal, hein? Vamos, vamos, não o lastimo, porque há de ver agora o absurdo do seu procedimento. Já somei as custas e danos do processo, e o melhor é liquidarmos tudo quanto antes. Acredito que Namby, a esta hora, já tenha voltado. Que diz, meu caro? Quer que eu encha o cheque ou prefere enchê-lo o senhor mesmo? — O homenzinho esfregou as mãos com afetada alegria mas, observando a expressão do sr. Pickwick, não pode furtar-se a olhar, ao mesmo tempo, com desânimo, para Sam Weller.

— Perker — disse o sr. Pickwick —, peço-lhe que não me toque mais no assunto. E, como não vejo vantagem nenhuma em ficar aqui, irei hoje à noite para prisão.

— O senhor não pode ir para a rua Whitecross — disse Perker. — É impossível! Há sessenta camas em cada dormitório; e as grades permanecem fechadas dezesseis horas por dia.

— Eu preferiria ir para outra cadeia, se fosse possível — disse o sr. Pickwick. — Senão, terei de arranjar-me nessa mesma.

— Poderá ir para a Prisão de Fleet, meu caro, se está decidido a ir para algum lugar — alvitrou Perker.

— Serve — assentiu o sr. Pickwick. — Irei para lá assim que tiver acabado o meu almoço.

— Espere, espere; não há razão nenhuma para ter tanta pressa de entrar num lugar de que a maioria dos outros homens tem a mesma pressa de sair — disse o bom do advogadozinho. — Precisamos requerer um *habeas corpus*. Não haverá juizes nos tribunais senão às 4 horas da tarde. O senhor terá de esperar até então.

— Muito bem — anuiu o sr. Pickwick com inabalável paciência. Comeremos então aqui, às 2, uma costeleta. Encomende-a, Sam, e diga-lhes que sejam pontuais.

Como o sr. Pickwick permanecesse firme na sua resolução, sem embargo de todos os argumentos e exortações de Perker, as costeletas apareceram e desapareceram a seu tempo; colocaram-no, a seguir, em outro carro de aluguel e levaram-no para Chancery Lane, depois de haver ele esperado meia hora, ou mais, pelo sr. Namby, que tinha um grupo seletto de amigos para jantar e não podia ser incomodado antes dessa hora.

Havia dois juizes de serviço em Serjeant's Inn — um do Desembargo do Paço e outro do Common Pleas —, e, a julgar pelo número de escreventes de advogados que corriam de um lado para outro com maços de papéis debaixo do braço, deviam ter muito serviço. Chegados à arcada baixa que forma a entrada de Serjeant's Inn, Perker se deteve alguns instantes a parlamentar com o cocheiro acerca do preço da viagem e do troco; e o sr. Pickwick, afastando-se para um lado, a fim de não obstar à passagem da torrente de pessoas que entravam e saíam, olhou à sua volta com alguma curiosidade.

As pessoas que mais lhe chamaram a atenção eram três ou quatro homens de aspecto a um tempo miserável e pretensioso, que tiravam o chapéu à passagem de muitos dos advogados e pareciam ter lá algum serviço, cuja natureza não pode adivinhar. Curiosos sujeitos. Um deles era um homem magro e manco, que trazia uma andaina preta, muito surrada, e uma gravata

branca; outro, gordo e robusto, vestido da mesma forma, com uma grande manta de um vermelho escuro enrolada à volta do pescoço; o terceiro, um indivíduo raquítico, com ar borracho e rosto sardento. Andavam de um lado para outro, com as mãos nas costas, e, de quando em quando, sussurravam qualquer coisa, com uma expressão ansiosa, ao ouvido dos cavalheiros carregados de papéis que passavam. Lembrou-se o sr. Pickwick de os ter visto muita vez a vagarem debaixo da arcada quando lhe sucedia passar por lá; e despertou-se-lhe a curiosidade de saber a que ramo da profissão jurídica poderiam pertencer aqueles mariolas de equívoco aspecto.

Ia fazer a pergunta a Namby, que vinha atrás, cosido com ele, chupando um grande anel de ouro no dedo mínimo, quando Perker voltou, precipitadamente, e, observando que não havia tempo para perder, entrou em Serjeant's Inn. Dispunha-se o sr. Pickwick a segui-lo, quando o homem coxo se adiantou e, levando cortesmente a mão ao chapéu, estendeu-lhe um cartão, que o sr. Pickwick, não o querendo magoar, aceitou e colocou no bolso do colete.

— Agora — disse Perker, voltando-se antes de entrar num dos escritórios, para ver se o acompanhavam. — Por aqui, meu caro senhor. Olá, que é que você quer?

A última pergunta fora dirigida ao coxo, que, sem ser observado pelo sr. Pickwick, se reunira ao grupo. Em resposta, voltou o interpelado a levar a mão ao chapéu, com toda a polidez imaginável, e aproximou-se do sr. Pickwick.

— Não, não — disse Perker, com um sorriso. — Não precisamos de você, meu caro amigo, não precisamos de você.

— Perdão, senhor — disse o homem coxo. — Este cavalheiro aceitou o meu cartão. Espero que me dê serviço. Ele fez sinal para mim. Apelo para o próprio cavalheiro. O senhor não fez sinal para mim?

— Ora, adeus, isso é tolice. Você fez sinal para alguém, Pickwick? Foi um engano, um engano — disse Perker.

— Este cavalheiro apresentou-me um cartão — replicou o sr. Pickwick, tirando-o do bolso do colete. — Aceitei-o, como me pareceu que ele queria que eu fizesse... Eu tinha, de fato, alguma curiosidade de examiná-lo, quando tivesse vagar. Eu...

O advogadozinho soltou uma ruidosa gargalhada e, devolvendo o cartão ao homem coxo, informou-o de que se verificara um equívoco, murmurando para o sr. Pickwick, ao passo que o outro se afastava, exasperado, que se tratava apenas de um fiador.

— Um quê? — bradou o sr. Pickwick.

— Um fiador — repetiu Perker.

— Um fiador!

— Sim, meu caro; há por aqui uma meia dúzia deles. Prestam fiança até qualquer quantia e cobram apenas meia coroa. Negócio curioso, não acha? — disse Perker, regalando-se com uma pitada de rapé.

— Como? Devo entender que esses homens ganham a vida esperando aqui para sustentarem perjúrios diante dos juizes da terra, ao preço de meia coroa o crime? — exclamou o sr. Pickwick, assombradíssimo diante da revelação.

— Bem, quanto a isso de perjúrios não sei, meu caro senhor — disse o homenzinho. — A palavra é dura, muito dura. Trata-se de uma ficção legal, meu caro, uma simples ficção legal. — E o advogado encolheu os ombros, sorriu, tomou segunda pitada de rapé e entrou no escritório do escrivão do juiz.

Era uma sala de aspecto particularmente sujo, com um teto muito baixo e velhas paredes apaineladas, e tão mal alumada que, embora fosse lá fora dia claro, ardiam sobre as escrivaninhas grandes velas de sebo. Numa extremidade abria-se uma porta para o gabinete particular do juiz, em torno da qual se via reunida uma multidão de advogados e escreventes, chamados segundo a ordem em que tinham sido aprazadas as suas audiências. Toda vez que essa porta se abria para deixar sair um deles, o seguinte forcejava, desesperado, por entrar; e como, em adição aos numerosos diálogos travados entre cavalheiros que esperavam para ver o juiz, se ouviram muitas discussões entre a maior parte das pessoas que o tinham visto, havia tanto barulho quanto poderia haver num aposento de tão acanhadas dimensões.

Nem eram as conversações desses cavalheiros os únicos sons que aturdiavam os ouvidos. Em pé sobre uma caixa, atrás de um balcão de madeira, no outro canto da sala, um escrevente de óculos “recebia os depoimentos”, grandes maços dos quais eram, de tempos a tempos, levados ao gabinete particular para a assinatura do juiz. Inúmeros escreventes deviam prestar juramento e, como fosse moralmente impossível receber os juramentos de todos ao mesmo tempo, as lutas desses cavalheiros para chegarem ao escrevente de óculos semelhavam às da multidão para chegar à entrada de um teatro honrado pela presença de Sua Graciosa Majestade. Outro funcionário, de espaço a espaço, exercitava os pulmões chamando os nomes dos que tinham prestado juramento, a fim de

devolver-lhes os depoimentos assinados pelo juiz, o que dava origem a mais alguns desaguisados; e, ocorrendo, ao mesmo tempo, todas essas coisas ocasionavam tão grande tumulto como o que poderia desejar a mais ativa e excitável das pessoas. Havia ainda outra classe de pessoas: a das que esperavam para assistir a entrevistas que os seus patrões haviam marcado, e a que o advogado da parte contrária poderia assistir ou não, segundo lhe aprouvesse, e cuja ocupação consistia em gritar, a revezes, o nome do advogado adversário para terem a certeza de que este não estava ali sem que o soubessem.

Por exemplo: encostado à parede, junto à cadeira em que o sr. Pickwick se assentara, estava um moço de escritório de seus catorze anos, com voz de tenor, e, perto dele, um escrevente de advogado, com voz de baixo.

Um escrevente entrou com um maço de papéis e pôs-se a olhar à sua roda.

— Sniggle e Blink — gritou o tenor.

— Porkin e Snob — trovejou o baixo.

— Stumpy e Deacon — disse o recém-chegado.

Ninguém respondeu; o homem seguinte que entrou foi saudado pelos três; e ele, por seu turno, gritou o nome de outra firma; logo, alguém rugiu, chamando outra; e assim por diante.

Durante todo esse tempo, trabalhava com afínco o homem de óculos, ajuramentando os escreventes; sendo o juramento invariavelmente administrado, sem qualquer esforço de pontuação e, de ordinário, nos seguintes termos:

“Tome o livro na sua mão direita este é o seu nome e a sua letra jure por Deus que o conteúdo deste seu depoimento é verdadeiro 1 xelim vá arranjar troco que eu não tenho”.

— Bem, Sam — disse o sr. Pickwick —, creio que estão preparando o *habeas corpus*.

— Creio que sim — tornou Sam —, e eu quisera que eles tirassem logo esse guarda-a-tua-carça. Não é nada gentil fazerem-nos esperar aqui desse jeito. Se fosse eu já teria tirado meia dúzia dos tais guarda-a-tua-carça durante esse tempo.

Que espécie de máquina incômoda e enorme entendia Sam fosse um *habeas corpus*, não sabemos; pois nesse momento surgiu Perker e levou embora o sr. Pickwick.

Preenchidas as formalidades legais, foi o corpo de Samuel Pickwick logo depois confiado à custódia de um beleguim, para que este o conduzisse ao

carcereiro da Prisão de Fleet, e lá ficasse detido até serem pagas as custas e danos do processo de Bardell contra Pickwick.

— E isto — observou o sr. Pickwick, a rir — há de levar muito tempo. Sam, chame outro carro de aluguel. Perker, meu caro amigo, adeus.

— Vou consigo, quero vê-lo instalado lá — disse Perker.

— Em realidade — replicou o sr. Pickwick — eu preferiria ir acompanhado apenas de Sam. Assim que me instalar, hei de comunicar-lho por escrito e recebê-lo-ei imediatamente. Até então, adeus.

Ao dizer isso, acompanhado do beleguim, entrou o sr. Pickwick no carro que, a esse tempo, já chegara. E, havendo Sam pulado para a boléia, pôs-se o veículo em movimento.

— Que homem extraordinário! — disse Perker, parando para calçar as luvas.

— Que belo falido não seria, senhor — observou o sr. Lowten, que se achava muito perto. — Como haveria de estomagar os comissários! Desafiá-los-ia assim que falassem em prendê-lo.

O advogado não pareceu muito satisfeito com a apreciação profissional do caráter do sr. Pickwick, feita pelo seu escrevente, pois se afastou sem se dignar sequer responder.

O carro de aluguel sacolejou pela rua Fleet afora como costumam fazer os carros de aluguel. Os cavalos andavam melhor, disse o cocheiro, quando tinham alguma coisa pela frente (havia de ir a uma extraordinária velocidade quando não tinham nada) e, por isso, conservou-se o veículo atrás de uma carroça; quando a carroça parava, parava também; e, quando a carroça voltava a rodar, fazia o mesmo.

O sr. Pickwick sentara-se diante do beleguim; e o beleguim ia sentado com o chapéu entre os joelhos, assobiando uma modinha e olhando pela janela do carro.

O tempo faz milagres. Com a poderosa ajuda desse velho cavalheiro, até um carro de aluguel consegue percorrer meia milha de chão. Afinal pararam, e o sr. Pickwick apeou à porta da Prisão de Fleet.

Olhando por cima dos ombros, para ver se o prisioneiro o seguia de perto, o beleguim precedeu o sr. Pickwick à entrada do aljube; virando para a esquerda, depois de haverem entrado, passaram, através de uma porta aberta, a um vestíbulo, de onde um pesado portão, fronteiro à porta pela qual haviam

entrado, e guardado por corpulento carcereiro com uma chave na mão, os fez passar imediatamente para o interior do prédio.

Aí se detiveram, ao passo que o beleguim entregava os seus documentos; e aí soube o sr. Pickwick que teria de permanecer até o fim da cerimônia conhecida pelos iniciados sob o nome de “posar para o retrato”.

— Posar para o meu retrato! — exclamou o sr. Pickwick.

— Para lhe guardarem as feições, senhor — replicou o corpulento carcereiro. — Somos fortíssimos aqui no guardar as feições alheias. Guardamo-las num abrir e fechar de olhos e sempre com exatidão. Entre, senhor, e faça de conta que está em sua casa.

O sr. Pickwick aceitou ao convite e sentou-se, quando o sr. Weller, que se postara atrás da cadeira, murmurou que aquilo de posar para o retrato era apenas outro termo para indicar uma inspeção que deveria ser feita pelos diferentes carcereiros, a fim de que pudessem estremar os prisioneiros dos visitantes.

— Bem, Sam — disse o sr. Pickwick —, nesse caso eu gostaria que os artistas não se demorassem. Este lugar é meio público.

— Eles não demoram, senhor, creio eu — replicou Sam. — Lá está um relógio holandês, senhor.

— Estou vendo — observou o sr. Pickwick.

— É uma gaiola de passarinho — tornou Sam. — Uma arapuca dentro de outra, uma prisão no interior de outra prisão. Não é verdade, senhor?

Enquanto o sr. Weller fazia esse filosófico reparo, advertiu-se o sr. Pickwick de que a sessão começara. Tendo passado a guarda a um colega, sentou-se o carcereiro corpulento e entrou a fitar nele os olhos, descuidoso, ao passo que um homem escanifrado que o rendera, enfiando as mãos debaixo das abas da casaca e colocando-se defronte, o examinava demoradamente. Um terceiro cidadão, de aspecto taciturno, aparentemente interrompido enquanto tomava chá, pois mastigava ainda os últimos restos de uma fatia de pão com manteiga, postou-se à beira do sr. Pickwick e, descansando as mãos nas cadeiras, observou-o com cuidado; enquanto mais dois outros se misturavam ao grupo e estudaram-lhe os traços, atentos e meditativos. O sr. Pickwick estremeceu diversas vezes durante a operação e pareceu muitíssimo incomodado na cadeira; mas não fez reparo nenhum, nem sequer a Sam, o qual, encostado ao espaldar da cadeira, refletia, em parte, na situação do amo e, em parte, na grande satisfação que lhe poderia proporcionar uma violenta

acometida contra todos os carcereiros ali reunidos, um depois do outro, se lho permitissem e fosse aquilo conforme com a paz coletiva.

Completado, finalmente, o retrato, informaram o sr. Pickwick de que podia entrar na prisão.

— Onde dormirei hoje à noite? — perguntou o sr. Pickwick.

— A bem dizer, não sei — replicou o carcereiro corpulento. — Amanhã hão de ajuntá-lo com outro e o senhor ficará perfeita e confortavelmente instalado. Na primeira noite há sempre um pouco de atrapalhão, mas tudo se arranjará amanhã.

Depois de alguma discussão, verificou-se que um dos carcereiros tinha uma cama para alugar, que o sr. Pickwick poderia usar aquela noite. Este, satisfeito, concordou em alugá-la.

— Se quiser acompanhar-me, poderei mostrar-lha — disse o homem.

— Não é uma cama grande; mas a gente dorme nela admiravelmente. Por aqui senhor.

Cruzaram o portão interno e desceram uma escadinha. Girou-se a chave atrás deles; e o sr. Pickwick se encontrou, pela primeira vez na vida, dentro das paredes de uma prisão por dívidas.

CAPÍTULO XLI

EM QUE SE DESCREVE O QUE SUCEDEU AO SR. PICKWICK NA PRISÃO DE FLEET; OS PRISIONEIRO QUE VIU; E COMO PASSOU A NOITE.

CHEGADO AO FIM DA ESCADINHA, o sr. Tom Roker, o cavalheiro que acompanhara o sr. Pickwick ao interior da prisão, virou a súbitas para a direita, cruzou um portão de ferro que estava aberto, subiu outra escadinha e parou numa longa e estreita galeria, suja e baixa, calçada de pedra e muito mal iluminada por duas janelas, uma em cada extremidade.

— Esta — disse o cavalheiro, enfiando as mãos nos bolsos e olhando com indiferença, por cima dos ombros, para o sr. Pickwick —, esta é a escada da saía.

— Oh — replicou o sr. Pickwick, abatendo os olhos para uma escadaria escura e suja, que parecia conduzir a uma fileira de abóbadas subterrâneas de pedras sombrias e úmidas —, e estes, imagino, são os depositoinhos em que os prisioneiros guardam as suas pequenas provisões de carvão. Lugares desagradáveis para se visitarem; mas muito convenientes, sem dúvida nenhuma.

— E não admira que sejam convenientes — respondeu o cavalheiro —, pois há quem viva lá muito bem. Esta é a feira.

— Meu amigo — sobreveio o sr. Pickwick —, o senhor, com certeza, não há de querer convencer-me de que vivem criaturas humanas nessas medonhas masmorras?

— Se não quero? — replicou o sr. Roker, com indignado assombro. — E por que não haveria de querer?

— Mas vivem? Vivem lá embaixo? — exclamou o sr. Pickwick.

— Vivem lá embaixo! Sim, e morrem lá embaixo também, muitas vezes! — voltou o sr. Roker. — E que tem isso? Quem é que tem alguma objeção para fazer? Se vivem lá embaixo! Vivem, e é até um esplêndido lugar para a gente viver, não é?

Como Roker se voltasse algo irritado para o sr. Pickwick e resmungasse, excitado, algumas desagradáveis invocações tocantes aos próprios olhos, membros e fluidos circulantes, o segundo julgou aconselhável não prosseguir em seu discurso. O sr. Roker começou então a subir outra escada, tão suja como aquela que levava ao lugar que motivara a discussão, acompanhado de perto pelo sr. Pickwick e por Sam.

— Pronto — disse o sr. Roker, detendo-se para tomar fôlego, quando chegaram a outra galeria de dimensões idênticas às da inferior —, esta é a escada da sala do café; a de cima é a terceira e a que fica em cima da terceira é a última; e o quarto em que o senhor vai dormir esta noite é o quarto do guarda, e o caminho é por aqui; venha. — Havendo dito tudo isto de um fôlego, subiu o sr. Roker outro lance de escada, sempre seguido de Sam Weller e do sr. Pickwick.

Essas escadas recebiam luz de várias janelas colocadas a pequena distância do pavimento, que davam para um pátio calçado de cascalho, cercado de um muro alto de tijolos, todo ele encimado de *chevaux-de-frise* de ferro. Das informações do sr. Roker se colhia que esse pátio era o local destinado ao jogo da pela; e parecia também, consoante o testemunho do mesmo cavalheiro, que havia um pátio menor naquela parte da prisão, mais próxima da rua Farringdon, denominado o Pátio Pintado, em razão de terem sido os seus muros outrora decorados com imagens de vários navios de guerra, a todo o pano, e outros artísticos efeitos, obtidos por algum desenhista prisioneiro, em suas horas de lazer.

Transmitidos esses informes, aparentemente mais com o propósito de comunicar um fato importante que com qualquer desígnio especial de ilustrar o sr. Pickwick, e chegado a outra galeria, enveredou o guia por um pequeno corredor, na extremidade oposta; abriu uma porta, e mostrou um aposento de aspecto nada convidativo, em que se alinhavam oito ou nove camas de ferro.

— Pronto — disse o sr. Roker, conservando a porta aberta e olhando triunfante para o sr. Pickwick —, isto é o que se chama um quarto!

O rosto do sr. Pickwick, entretanto, manifestou uma satisfação tão insignificante diante do aspecto do seu alojamento, que o sr. Roker buscou uma reciprocidade de sentimentos na fisionomia de Samuel Weller, até então dignamente silencioso.

— Isto é o que se chama um quarto, rapaz — observou o sr. Roker.

— Estou vendo — replicou Sam, com plácido aceno de cabeça.

— Não esperavam encontrar um aposento como este nem no Hotel Farringdon, não é verdade? — tornou o sr. Roker, com um sorriso complacente.

A isso respondeu o sr. Weller cerrando desafetadamente um dos olhos, o que tanto poderia significar que esperava, como que não esperava, ou ainda que nunca se dera ao trabalho de esperar coisa alguma nesse sentido, segundo sugerisse a imaginação do próprio observador. Depois de executar essa proeza e reabrir o olho, perguntou o sr. Weller qual era a cama que o sr. Roker tão lisongeiramente descrevera como esplêndida para a gente dormir nela.

— É aquela — replicou o sr. Roker, apontando para um leito muito enferrujado, que se achava a um canto. — Esta cama seria capaz de dar sono a qualquer pessoa, tivesse ela ou não vontade de dormir.

— Pelo que vejo — observou Sam olhando para o mencionado móvel com uma expressão de repugnância profunda —, as papoulas são café pequeno perto dela.

— Exatamente — confirmou o sr. Roker.

— E imagino — continuou Sam, olhando de soslaio para o amo, para ver se nele encontrava algum sintoma de enfraquecimento de sua resolução —, imagino que os outros cavalheiros que dormem aqui... são cavalheiros.

— Cem por cento — disse o sr. Roker. — Um deles bebe 6 canadas de cerveja por dia e nunca deixa de fumar, nem sequer às refeições.

— Há de ser um cavalheiro e tanto — observou Sam.

— Se é! — replicou o sr. Roker.

Sem se assustar com a notícia, anunciou o sr. Pickwick, a sorrir, que deliberara experimentar aquela noite os poderes da cama soporífera; e o sr. Roker, depois de comunicar-lhe que se poderia recolher à hora que bem entendesse, sem qualquer aviso ou formalidade, afastou-se, deixando-o em pé, ao lado de Sam, na galeria.

Escurecia; isto é, acendiam-se uns poucos bicos de gás naquele lugar, que nunca estava claro, a modo de cumprimento dirigido à noite, que caía lá fora. Como fizesse calor, alguns dos ocupantes dos numerosos quartinhos que se abriam para a galeria, de cada lado, tinham deixado as portas escancaradas. O sr. Pickwick espiou por elas, ao passar, com grande curiosidade e interesse. Aqui, uns quatro ou cinco latagões, apenas visíveis através de uma cortina de fumo, se empenhavam em ruidosa e turbulenta parolagem ao pé de canecas já quase vazias de cerveja, ou jogavam cartas com um baralho ensebadíssimo. No

quarto contíguo, algum habitante solitário podia ver-se, curvado, à luz de uma fraca vela de sebo, sobre um maço de papéis sujos e rasgados, amarelecidos pela poeira e despedaçados pelo tempo, escrevendo, pela centésima vez, o circunstanciado relato de suas penas, destinado à leitura de algum grande homem, a cujos olhos nunca chegaria ou cujo coração jamais comoveria. Num terceiro, um homem, com a esposa e uma multidão de filhos, podia ver-se a preparar uma triste cama no chão ou sobre cadeiras, onde os mais moços pudessem passar a noite. E num quarto, num quinto, num sexto, num sétimo, o barulho, e a cerveja, e o fumo, e o baralho recresciam, com força maior ainda.

Nas próprias galerias e, mais especialmente, nas escadas, madraceava grande número de pessoas que tinham ido para lá, algumas porque os seus quartos estavam solitários e vazios e outras porque os seus quartos estavam muito cheios e muito quentes; a maioria por sentir-se inquieta e inconfortável e por não possuir o segredo de saber exatamente o que fazer de si. Havia lá muitas classes de pessoas, desde o operário com a sua jaqueta de fustão até o pródigo falido com a sua bata, convenientemente remendada ao nível dos cotovelos; mas todos apresentavam o mesmo ar — uma negligente fanfarrice de prisioneiro, um porte de vagabundo insolente, que palavras não descrevem, mas que qualquer um poderá compreender num momento, se quiser, entrando na mais próxima prisão por dívidas e examinando o primeiro grupo de pessoas que encontrar, com o mesmo interesse do sr. Pickwick.

— Parece-me, Sam — disse o sr. Pickwick, debruçado na rampa de ferro da escada —, parece-me, Sam, que a prisão por dívidas não chega sequer a constituir um castigo.

— Parece-lhe que não, senhor? — perguntou o sr. Weller.

— Veja como bebem, fumam e berram esses sujeitos — replicou o sr. Pickwick. — É impossível que a prisão os mortifique muito.

— Pois é isso mesmo, senhor — assentiu Sam —, a prisão não os mortifica; para eles é como se fossem férias — cerveja à beça e o chinquillo. Os outros é que se ralam com essa história: os tristes, que não podem tomar cerveja nem sabem jogar chiquillo; os que pagariam, se pudessem, e se amofinam quando os catrafiam. Eu lhe digo o que é, senhor; aos que vivem a bilhardar nas tabernas, isso não faz mossa; mas faz, e muita, aos que trabalham quando podem. É desigual, como usava dizer meu pai quando o grogue não era meio por meio; é desigual, e aí é que está o erro.

— Acho que você tem razão, Sam — disse o sr. Pickwick depois de pensar um pouco —, tem toda a razão.

— Pode ser que, uma ou outra vez, haja pessoas honestas que gostem disso — observou o sr. Weller em tom ruminativo —, mas não me lembra ter ouvido falar de nenhuma, a não ser do homenzinho de cara suja e casaca escura, e isso mesmo pela força do hábito.

— E quem era ele? — perguntou o sr. Pickwick.

— Pois é justamente o que ninguém nunca soube — replicou Sam.

— Mas que fez ele?

— O que fez muita gente muito mais conhecida, senhor — replicou Sam. — Tinha muito crédito na praça e dele se aproveitou.

— Em outras palavras — disse o sr. Pickwick —, fez dívidas.

— Exatamente, senhor — replicou Sam —, e no decurso do tempo, veio parar, conseqüentemente, aqui. Não era muita coisa: uma execução por 9 libras apenas, multiplicadas por cinco, por causa das custas; não obstante, aqui ficou dezessete anos. Se tinha rugas no rosto, estas nunca se viam, disfarçadas pela sujeira, pois ele trazia, no fim desse tempo, a mesma cara suja e a mesma casaca escura com que entrara. Criaturinha pacífica e inofensiva, vivia atarefada por causa dos outros ou jogava a pela sem ganhar nunca; até que, afinal, os carcereiros ficaram gostando muito dele e permitiam-lhe que fosse todas as noites parolar com eles na sala em que se reuniam, para contar histórias, etc. Uma noite estava lá, como de ordinário, com um velho amigo seu, quando disse, de repente: “Eu não vejo o mercado lá fora, Bill”. (O Mercado de Fleet era ali, naquele tempo.) “Não vejo o mercado lá fora, Bill”, disse ele, “há dezessete anos.” “Eu sei que você não vê, disse o carcereiro, fumando o seu cachimbo. “Eu gostaria de vê-lo por um minuto, Bill”, tornou ele. “Não duvido”, disse o carcereiro, fumando o seu cachimbo com muita força, para fingir que não entendia os desejos do homenzinho. “Bill”, disse o homenzinho, ainda mais de repente do que antes, “estou com essa idéia na cabeça. Deixe-me ver as ruas uma vez só antes de morrer; e, se eu não morrer de apoplexia, voltarei daqui a cinco minutos, pelo relógio.” “E que seria de mim se você morresse de apoplexia?”, perguntou o carcereiro. “Ora”, respondeu o outro, “a pessoa que me encontrasse me traria de volta para casa, pois tenho um cartão no bolso, Bill: N.º 20, escada da sala do café.” E era verdade mesmo, pois quando ele queria travar relações com algum recém-chegado costumava

mostrar um cartãozinho, todo amarrotado, em que se liam apenas aquelas palavras; em razão do que sempre lhe chamavam o Número Vinte. O carcereiro olhou muito de fito para ele e disse, por fim, solenemente: “Vinte, confio em você; você não seria capaz de deixar o seu velho amigo em apuros”. “Não, meu caro; espero ter coisa melhor aqui embaixo”, voltou o homenzinho, batendo riço no colete; e uma lágrima saltou-lhe de cada olho, o que era muito extraordinário, pois todos supunham que uma gota de água nunca lhe tocara o rosto. Apertou a mão do carcereiro e saiu.

— E nunca mais voltou — sobreveio o sr. Pickwick.

— Aí é que está o engano — replicou o sr. Weller. — Voltou logo, dois minutos antes do tempo marcado, furo de raiva, dizendo que quase fora atropelado por um carro de praça; que não estava acostumado àquilo; e que demônios o levassem se não escrevesse uma carta ao prefeito. Afinal, conseguiram pacificá-lo; e por cinco anos depois disso, ele nem sequer espiou pela janela da sala dos carcereiros.

— E ao termo desse período, morreu — disse o sr. Pickwick.

— Não, não morreu, senhor — replicou Sam. — Deu-lhe na telha provar a cerveja de uma nova taberna que se abria do outro lado da rua; e tão bonita era a sala, que cismou de ir lá todas as noites, o que fez durante muito tempo, voltando sempre, regularmente, um quarto de hora antes de se fechar o portão. Por fim, entretanto, começou a ficar tão pândego que se habituou a esquecer-se da hora, ou a não se preocupar com ela, e principiou a chegar cada vez mais tarde, até que uma noite o seu velho amigo se dispunha a fechar o portão — já dera uma volta à chave — quando ele apareceu. “Espere um pouco, Bill”, disse ele. “Como, você ainda não entrou, Vinte?” perguntou o carcereiro. “Eu imaginava que já estivesse lá dentro há uma porção de tempo.” “Não, não estava”, respondeu o homenzinho, com um sorriso. “Nesse caso, digo-lhe uma coisa,” tornou o carcereiro, abrindo a porta devagar, com cara de poucos amigos. “Você, na minha opinião, tem andado ultimamente em más companhias, e isso me faz muita pena. Não quero ser muito rigoroso, mas se não pode andar direito e não consegue chegar à hora certa, acabo-o deixando aí fora de uma vez por todas, tão certo como você está aí!” O homenzinho foi tomado de violentos tremores, e nunca mais saiu da prisão depois disso!

Quando Sam terminou, o sr. Pickwick desceu lentamente a escada. Depois de dar algumas voltas, meditando, no Pátio Pintado, escuro e quase deserto àquela hora, ordenou a Sam que se retirasse, arranjasse cama nalguma taberna

vizinha e voltasse na manhã seguinte, cedo, a fim de providenciar o transporte do guarda-roupa do amo, que se achava na Estalagem de Jorge e do Abutre. Preparou-se o sr. Sam Weller para obedecer à ordem com quanta boa vontade lhe foi possível afetar, mas, não obstante, com mostras consideráveis de relutância. Chegou a ponto de ensaiar diversas alusões ineficazes sobre a conveniência de se deitar aquela noite no cascalho; mas, encontrando o sr. Pickwick obstinadamente surdo a quaisquer sugestões nesse sentido, retirou-se por fim.

Não há disfarçar o fato de que o sr. Pickwick se sentia muito desanimado e triste; não por lhe faltar sociedade, pois a prisão estava muito cheia, e uma garrafa de vinho compraria imediatamente a melhor camaradagem de alguns espíritos seletos, sem quaisquer cerimônias formais de apresentação; mas ele se achava só entre a multidão grosseira e vulgar e experimentava a depressão de espírito e o descoroçoamento naturalmente conseqüentes da idéia de que se encontrava preso e sem perspectivas de liberdade. A respeito da hipótese de livrar-se alimentando a cobiça de Dodson e Fogg, esta não lhe passou sequer pela cabeça.

Nesse estado de espírito, voltou à galeria da sala do café e pôs-se a andar, pachorrento, de um lado para outro. Era o lugar intoleravelmente sujo e o cheiro do fumo insuportavelmente sufocante. Ouvia-se um contínuo bater de portas à proporção que as pessoas entravam e saíam; e o ruído das vozes e dos passos ecoava e reecoava através dos corredores, sem cessar. Uma jovem mulher, com uma criança nos braços, que mal parecia capaz de arrastar-se, de tanta magreza e miséria, percorria o corredor de uma ponta a outra, conversando com o marido, que não tinha outro local para recebê-la. Quando passaram pelo sr. Pickwick, este ouviu a mulher soluçar; e, de uma feita ela se entregou a tamanha crise de angústia, que foi obrigada a encostar-se à parede para não cair, ao passo que o marido tomava a criança nos braços e buscava consolá-la.

O sr. Pickwick trazia o coração realmente cheio demais para suportar estas cenas e subiu a escada, no intuito de deitar-se.

Ora, se bem o quarto do guarda fosse muito incômodo (pois era, em todos os pontos de decoração e comodidade, diversas centenas de vezes inferior à enfermaria comum de um limoeiro de província), tinha, naquele instante, o mérito de estar inteiramente deserto, a não ser pela presença do próprio sr. Pickwick. Dessarte, sentou-se ele na caminha de ferro e entrou a imaginar

quanto por ano ganharia o carcereiro com aquele quarto sujo. Tendo-se convencido, por meio de cálculos matemáticos, de que o aposento equivalia, em rendimento anual, às propriedades de uma ruazinha dos subúrbios de Londres, passou a cismar nas possíveis tentações que poderiam ter induzido a mosca escura, que lhe passeava pela calça, a entrar numa prisão fechada, quando poderia escolher tantos locais arejados — meditação que o levou à conclusão irresistível de que o inseto estava louco. Assentado esse ponto, percebeu que principiava a ter sono; em vista disso, tirou o barrete de dormir do bolso em que, precavido, o enfiara de manhã e, despindo-se com todo o vagar, botou-se na cama e adormeceu.

— Bravo! O calcanhar sobre o pé... rodopia... — bela pirueta, Zéfiro! Me melem se a Ópera não é o hemisfério que lhe convém. Vamos! Hurra! — Estas expressões, proferidas em voz estrondosa e acompanhadas de atroadoras gargalhadas, acordaram o sr. Pickwick de um desses sonos profundos que, durando em realidade cerca de meia hora, parecem, a quem dorme, haver-se prolongado por três semanas ou um mês.

Assim que cessou a voz, o quarto foi sacudido com tamanha violência que as janelas estremeceram nos caixilhos e as camas voltaram a tremer. O sr. Pickwick deu um pulo e, durante alguns minutos, pasmou os olhos, em mudo assombro, na cena que se desenrolava diante dele.

Sobre o pavimento do quarto, um homem de casaca verde com bandas largas, calção de veludilho e meias pardas de algodão executava os passos mais populares de uma cornamusa, com uma caricatura burlesca de graça e leveza que, associada ao feitio apropriado de seu traje, era a coisa mais absurda do mundo. Outro homem, evidentemente muito bêbedo, que fora provavelmente atirado sobre a cama pelos companheiros, assentara-se entre as cobertas e cantarolava os compassos que lhe conseguiam lembrar de uma canção cômica, afetando a expressão mais intensamente sentimental possível; ao passo que um terceiro, sentado num dos leitos, aplaudia os dois artistas com ar de profundo conhecedor e animava-os com transportes de entusiasmo semelhantes aos que já haviam despertado o sr. Pickwick.

Este último era um admirável espécime de uma classe de gente que só pode ser vista em toda a sua perfeição nesses lugares; podemos encontrá-la num estado imperfeito, ocasionalmente, nas estrebarias e tabernas; mas só atingem o seu completo desenvolvimento nessas estufas, que quase se diriam sabiamente destinadas pelos legisladores ao único processo de cultivá-la.

Era um sujeito alto, de tez olivácea, cabelos longos e negros e suíças muito espessas, que se encontravam debaixo do queixo. Não usava gravata, pois jogara a pela o dia inteiro, e o colarinho da camisa, aberto, lhe patenteava todo o viço. Trazia, na cabeça, um barrete francês comum de 18 *pence*, cuja borla de seda pendia sobre a casaca ordinária de fustão. As pernas — que, por serem longas, eram finas — embeleciam uma calça apertada, feitas para mostrar toda a simetria desses membros. Postas com alguma negligência e, além disso, imperfeitamente abotoadas, caíam numa série de dobras não muito graciosas sobre dois sapatos suficientemente acalcanhados para deixarem ver um par de meias brancas muito sujas. Notava-se no homem todo uma elegância vadia e frascária e uma espécie de insolente malandrice que valiam sacos de ouro.

Foi essa figura a primeira a perceber que o sr. Pickwick estava olhando; ao vê-lo, piscou para o Zéfiro e suplicou-lhe, com zombeteira gravidade, que não acordasse o cavalheiro.

— Ora, benditas sejam as honradas entranhas do cavalheiro! — exclamou o Zéfiro, voltando-se e fingindo a maior surpresa. — O cavalheiro está acordado. Isto é de Shakespeare! Como tem passado, senhor? Como vão Maria e Sara? E a querida velhinha que ficou em casa, como vai? Quer ter a bondade de enfiar os meus cumprimentos no primeiro embrulhinho que mandar para lá, senhor, e dizer que eu os teria enviado antes, se não temesse quebrá-los no carro?

— Não esmague o cavalheiro com delicadezas corriqueiras quando vê que ele está morrendo por beber alguma coisa — disse o das suíças, com ar jocosos. — Por que não lhe pergunta o que deseja tomar?

— Valha-me Deus, esqueci-me inteiramente disso — replicou o outro. — Que deseja, senhor? Quer vinho do Porto ou prefere xerez? Recomendo-lhe a cerveja; ou, talvez, queira antes provar a *porter*? Permita-me a ventura de pendurar no cabide o seu barrete de dormir.

Dito isto, o orador arrancou a dita peça da cabeça do sr. Pickwick e, num átimo, colocou-a na do homem bêbedo, o qual, firmemente persuadido de que deliciava numerosa assembléia, continuou a martelar a canção cômica com os acentos mais melancólicos do mundo.

Sem embargo de toda a graça que existe em arrancar violentamente da cabeça de um homem o seu barrete de dormir e colocá-lo na de um cavalheiro estranho de suja aparência, trata-se, não há dúvida, de uma brincadeira que pode capitular-se de pesada. Encarando o assunto precisamente a essa luz, o sr.

Pickwick, sem fornecer o menor indício do seu propósito, pulou da cama, despediu um murro tão forte no peito do Zéfiro, que o privou de uma considerável porção do elemento vital que toma, às vezes, o seu nome, recapturou o barrete de dormir e, temerário, colocou-se em posição de defesa.

— Agora — disse o sr. Pickwick, esbaforido, tanto em virtude da excitação como do dispêndio de energias — avancem vocês dois; os dois juntos. — Com esse generoso convite comunicou o digno cavalheiro um movimento rotatório aos punhos fechados, a fim de amedrontar os antagonistas com uma exibição de conhecimentos pugilísticos.

Pode ser que tenha sido a tão inesperada bravura do sr. Pickwick, ou a complicada maneira pela qual saltara da cama e caíra em cheio sobre o bailarino, que tocou os adversários. Pois tocados ficaram: e, em vez de fazerem qualquer tentativa para perpetrar um assassinio, como implicitamente acreditava o sr. Pickwick que o fizessem, estacaram, entreolharam-se durante alguns instantes e, ao cabo, desataram às gargalhadas.

— Muito bem; o senhor é valente, hein? Mas não o aprecio menos por isso — disse o Zéfiro. — Agora pule outra vez para a cama, pois do contrário apanha reumatismo. Espero que não esteja zangado? — ajuntou, estendendo uma mão capaz de encher uma dessas luvas amarelas que pendem, às vezes, da porta dos luveiros.

— Claro que não — disse o sr. Pickwick, com grande alacridade; pois, agora que o excitamento passara, principiava a sentir frio nas pernas.

— Conceda-me a honra — disse o cavalheiro das suíças, apresentando a dextra e espirando o *h*.

— Com muito prazer —olveu o sr. Pickwick; e, tendo-a apertado longa e solenemente, tornou a enfiar-se na cama.

— O meu nome é Smangle, senhor — disse o homem das suíças.

— Oh — disse o sr. Pickwick.

— O meu é Mivins — disse o homem das meias.

— Estimo sabê-lo — disse o sr. Pickwick.

— Hein — tossiu o sr. Smangle.

— Disse alguma coisa, senhor? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não, não disse — respondeu o sr. Smangle.

— Pensei que tivesse dito — explicou o sr. Pickwick.

Tudo isso era muito agradável e cortês; e, para tornar as coisas ainda mais agradáveis, o sr. Smangle assegurou reiteradamente ao sr. Pickwick que votava

grande respeito aos sentimentos de um cavalheiro; o que, para ele, era, de fato muito meritório, visto ser impossível supor-se que os entendesse.

— Vai ser julgado no tribunal, senhor? — perguntou o sr. Smangle.

— Julgado onde? — disse o sr. Pickwick.

— No tribunal... Rua Portugal... O tribunal para alívio dos... o senhor sabe.

— Oh, não — respondeu o sr. Pickwick. — Não, não vou.

— Vai sair daqui, talvez? — sugeriu Mivins.

— Receio que não — replicou o sr. Pickwick. — Recusei-me a pagar alguns danos e, por isso, estou aqui.

— Ah — disse o sr. Smangle —, os papéis foram a minha ruína.

— Era papeleiro? — perguntou, inocente, o sr. Pickwick.

— Papeleiro? Não, não, papeleiro, não. Não caí tão baixo assim. Nunca fui comerciante. Quando digo papéis, refiro-me a letras de câmbio.

— Oh, o senhor emprega a palavra nesse sentido. Já entendi — disse o sr. Pickwick.

— Que diabo! Um cavalheiro deve contar com os reveses — disse Smangle. — Que tem isso? Aqui estou, na Prisão de Fleet. Muito bem, ótimo. Nem por isso estou pior, não é verdade?

— Nem um pouquinho — retrucou o sr. Mivins. E tinha razão; pois, longe de o sr. Smangle se achar pior por causa disso, achava-se até um pouco melhor; fizera jus àquela situação entrando gratuitamente na posse de certos artigos de ourivesaria que, tempos antes, tinham ido para uma casa de penhores.

— Muito bem, mas ouça — disse o sr. Smangle. — Isto é conversa fiada. Tratemos de molhar a boca com uma gota de xerez queimado; o último que chegou paga, Mivins vai buscá-lo e eu ajudo a bebê-lo. Ai está uma bela e cavalheiresca divisão do trabalho, com seiscentos diabos!

Não desejando dar motivo a outra pendenga, o sr. Pickwick anuiu alegremente à proposta e entregou o dinheiro ao sr. Mivins, o qual, sendo quase 11 horas, não perdeu tempo em dirigir-se para a sala do café, no desempenho da sua missão.

— Diga-me uma coisa — cochichou o sr. Smangle, no momento em que o amigo saiu do quarto. — Quanto lhe deu o senhor?

— Meio soberano — disse o sr. Pickwick.

— É um ótimo rapaz, muito cavalheiro — disse o sr. Smangle —, engraçadíssimo. Não conheço outro como ele, mas... — Nesse passo o sr. Smangle se deteve, repentinamente, e sacudiu a cabeça com ar de dúvida.

— O senhor não imagina que ele possa utilizar-se do dinheiro em proveito próprio? — perguntou o sr. Pickwick.

— Oh, não! Não é isso o que estou dizendo; eu disse expressamente que é um ótimo rapaz, muito cavalheiro — retorquiu o sr. Smangle. — Mas acho que, se alguém descesse, só para ver se ele não mete o focinho no jarro por acidente, ou não perde o dinheiro, por descuido, ao subir, seria melhor. Ó cavalheiro, corra lá embaixo e tome conta daquele senhor, sim?

A intimação era dirigida a um homenzinho de aspecto tímido e nervoso, cuja aparência denotava grande pobreza, e que estivera acaçapado sobre a cama durante esse tempo todo, aparentemente estupefocado pela novidade da sua situação.

— O senhor sabe onde é a sala do café — disse Smangle. — Desça depressa e diga ao cavalheiro que quer ajudá-lo a trazer o jarro. Ou então... Espere... Eu lhe digo o que tem de fazer... — Como haveremos de pegá-lo — acrescentou Smangle, com um olhar astuto.

— Como? — perguntou o sr. Pickwick.

— Diga-lhe que gaste o troco em charutos. Magnífica idéia. Corra e diga isso a ele, ouviu? Os charutos não se perderão — continuou Smangle, voltando-se para o sr. Pickwick. — Eu me encarrego de fumá-los.

Era a manobra por tanta maneira engenhosa e fora, além disso, executada com tamanha compostura e sangue frio, que o sr. Pickwick não haveria de querer atalhá-la, ainda que tivesse poder de fazê-lo. Pouco tempo depois voltava o sr. Mivins, trazendo o xerez que o sr. Smangle repartiu em dois copinhos rachados, notando, judicioso, com referência a si próprio, que um cavalheiro não devia ser muito enjoado naquelas circunstâncias e que, de sua parte, o orgulho não o impedia de beber pelo próprio jarro. E, para demonstrar a sua sinceridade, brindou imediatamente à companhia com um gole que o esvaziou pela metade.

Havendo-se obtido, dessa sorte, um excelente entendimento, o sr. Smangle passou a entreter os ouvintes com uma relação de diversas aventuras românticas em que estivera envolvido, a respeito de um cavalo de puro sangue e de uma esplêndida judia, ambos de surpreendente beleza, e muito cobiçados pelos fidalgos e burgueses ricos desses remos.

Muito antes de se concluírem estes elegantes extratos da biografia do cavalheiro, o sr. Mivins se metera na cama e principiara a roncar pelo resto da noite, deixando ao tímido estranho e ao sr. Pickwick todo o proveito das experiências do sr. Smangle.

Nem ficaram os dois últimos cavalheiros tão edificados como o poderiam ter ficado pelas comoventes passagens narradas. Fazia já algum tempo que o sr. Pickwick se achava num estado de sonolência, quando teve uma vaga percepção de que o bêbedo rompera outra vez na mesma cantoria e fora delicadamente advertido pelo sr. Smangle, por meio de um jarro de água, de que o auditório não se achava com disposições musicais. O sr. Pickwick tornou, então, a recair no sono, com a confusa impressão de que o sr. Smangle ainda se entretinha em contar uma longa história, cujo ponto principal parecia ser que, em determinada ocasião, ele “fizera” uma letra de câmbio e um cavalheiro ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XLII

QUE ILUSTRA, COMO O PRECEDENTE, A VERDADE DO VELHO PROVÉRPIO, SEGUNDO O QUAL A ADVERSIDADE NOS FAZ CONHECER EXTRAORDINÁRIOS COMPANHEIROS DE QUARTO, E QUE CONTÉM, POR IGUAL, A SURPREENDENTE DECLARAÇÃO DO SR. PICKWICK AO SR. SAMUEL WELLER.

QUANDO O SR. PICKWICK ABRIU OS OLHOS na manhã seguinte, o primeiro objeto sobre o qual os fitou foi Samuel Weller, sentado sobre uma maleta preta, olhando muito atento e, aparentemente, num estado de profunda abstração, para a majestosa figura do brilhante sr. Smangle; ao passo que o próprio sr. Smangle, já parcialmente vestido, sentado na cama, fazia desesperados e infrutíferos esforços para desconcertar o sr. Weller. Dizemos desesperados e infrutíferos porque Sam, com um largo olhar, que abrangia o barrete, os pés, a cabeça, o rosto, as pernas e as suíças do sr. Smangle, continuava a encará-lo muito de fito, com todas as mostras de viva satisfação, mas sem maior respeito aos sentimentos pessoais do sr. Smangle sobre o assunto do que teria patenteado se examinasse uma estátua de madeira ou um boneco empalhado.

— Então? Já me conhece direito? — perguntou o sr. Smangle, com sobrecenho.

— Eu juraria que sim em qualquer lugar — replicou Sam, bem-humorado.

— Não diga impertinências a um cavalheiro, senhor — disse o sr. Smangle.

— De maneira nenhuma —olveu Sam. — Se o senhor me disser quando ele acordar, tratá-lo-ei extra-superfinissimamente! — Como essa observação apresentasse uma tendência remota para implicar que o sr. Smangle não era um cavalheiro, excitou-lhe a ira.

— Mivins! — disse o sr. Smangle, com ar colérico.

— Que aconteceu? — replicou o interpelado de sua cama.

— Quem diabo é este sujeito?

— Ora essa! — disse o sr. Mivins, lançando um olhar preguiçoso debaixo das cobertas. — Eu é que lhe devia perguntar isso. Ele tem alguma coisa que fazer aqui?

— Não — replicou o sr. Smangle.

— Nesse caso, jogue-o pela escada abaixo e diga-lhe que não se atreva a levantar-se enquanto eu não for dar-lhe um pontapé — acudiu o sr. Mivins; e, com esse pronto conselho, o excelente cavalheiro tornou a ferrar no sono.

Como a conversação apresentasse inequívocos sintomas de tender para o terreno pessoal, o sr. Pickwick julgou azado o momento para intervir.

— Sam — disse o sr. Pickwick.

— Senhor — respondeu aquele cavalheiro.

— Ocorreu alguma coisa de novo desde ontem?

— Nada de especial, senhor — replicou Sam, olhando para as suíças do sr. Smangle. — A recente preponderância de uma atmosfera fechada e abafadiça concorreu para o crescimento de certas ervas daninhas, de natureza alarmante e sanguinária; fora disso, não há nada de novo.

— Vou levantar-me — disse o sr. Pickwick. — Dê-me algumas roupas limpas.

Fossem quais fossem as intenções hostis que o sr. Smangle poderia alimentar, divertiram-se-lhe rapidamente os pensamentos quando viu abrir-se a maleta, cujo conteúdo pareceu incutir-lhe uma impressão favorabilíssima, não só do sr. Pickwick, senão também de Sam, que, segundo declarou ao ajeitar-se-lhe o primeiro lanço, num tom de voz suficientemente alto para ser ouvido pela excêntrica personagem, era um original cem por cento e, conseqüentemente, um homem que lhe enchia as medidas. E, quanto ao sr. Pickwick, a afeição que lhe consagrava não conhecia limites.

— Haverá alguma coisa em que possa ajudá-lo, meu caro senhor? — perguntou Smangle.

— Que eu saiba, não, muito obrigado — replicou o sr. Pickwick.

— Não quer mandar roupa nenhuma para a lavadeira? Conheço lá fora uma lavadeira deliciosa, que vem buscar as minhas coisas duas vezes por semana; e, por Deus! que sorte fantástica! É hoje exatamente o dia dela. Quer que eu junte algumas destas peças com as minhas? Não se aflija com o incômodo. O incômodo que vá para o diabo! Se um cavalheiro em apuros não

se mexe um pouco para ajudar outro cavalheiro nas mesmas condições, de que vale a natureza humana?

Assim falou o sr. Smangle, ao mesmo passo que se chegava cada vez mais da maleta, desferindo olhares da mais fêrvida e desinteressada amizade.

— Não quer dar nada ao moço para escovar, meu caro amigo? — insistiu Smangle.

— Nada, nada, meu gentilíssimo senhor — redargüiu Sam, encarregando-se da resposta. — Talvez, se um de nós se metesse a escovar, sem incomodar o moço, fosse mais agradável para todos, como disse o mestre de meninos quando o jovem cavalheiro se recusou a ser açoitado pelo mordomo.

— E não há nada aí que eu possa mandar em minha caixinha à lavadeira? — voltou Smangle, voltando-se de Sam para o sr. Pickwick, com ar algum tanto desconcertado.

— Absolutamente nada — retorquiu Sam. — Receio que a sua caixinha terá de ir cheia apenas das suas coisinhas.

Essa resposta foi acompanhada de um olhar tão expressivo ao artigo especial do vestuário do sr. Smangle, por cuja aparência se verifica de ordinário a perícia da lavadeira, que ele se viu obrigado a girar sobre os calcanhares e, pelo menos presentemente, a desabrir mão de quaisquer desígnios respeitantes à bolsa e ao guarda-roupas do sr. Pickwick. Retirou-se, portanto, furioso, para o pátio da pela, onde os dois charutos comprados na véspera lhe serviram de leve e saudável almoço.

O sr. Mivins, que não fumava, e cuja conta de pequenos artigos de mercearia já alcançara o fim da ardósia e fora “transportada” para o outro lado, permaneceu na cama e, segundo a sua própria expressão, “almoçou à custa de Morfeu”.

Depois de haver desjejuado num pequeno gabinete contíguo à sala do café, pomposamente denominado “Abrigo”, cujo habitante temporário, em troca de uma pequena quantia adicional, tinha a extraordinária vantagem de ouvir tudo o que se dizia na sobredita sala do café, e tendo mandado o sr. Weller a alguns recados necessários, encaminhou-se o sr. Pickwick para a sala dos carcereiros, a fim de consultar o sr. Roker a propósito de sua futura acomodação.

— Acomodação, hein? — disse aquele cavalheiro, consultando um livro grande. — Há muita acomodação por aqui, sr. Pickwick. O seu cartão de companhia será para o 27, no terceiro.

— Oh! — tornou o sr. Pickwick. — O meu que, disse o senhor?

— O seu cartão de companhia — replicou o sr. Roker. — Entendeu?

— Não entendi muito bem — respondeu o sr. Pickwick, com um sorriso.

— Ora — voltou o sr. Roker —, isso é claro como água. O senhor terá um cartão de companhia para o 27, no terceiro, e os que moram no mesmo quarto serão os seus companheiros.

— São muitos? — indagou o sr. Pickwick, com ar hesitante.

— Três — respondeu o sr. Roker.

O sr. Pickwick tossiu.

— Um deles é pároco — disse o sr. Roker, enchendo uma pequena folha de papel enquanto falava —, outro é carnicheiro.

— Hein? — exclamou o sr. Pickwick.

— Carnicheiro — repetiu o sr. Roker, dando com o bico da pena uma pancada sobre a escrivadinha para persuadi-la a escrever. — Que magnífico andarilho costumava ser! Lembra-se de Tom Martin, Neddy? — perguntou Roker, dirigindo-se a outro homem que estava na sala e tirava a lama dos sapatos com um canivete de 25 folhas.

— Eu, parece-me que sim — replicou o interpelado, acentuando, com ênfase, o pronome pessoal.

— Louvado seja Deus! — disse o sr. Roker, sacudindo lentamente a cabeça de um lado para outro e olhando, absorto, pela janela gradeada que tinha à sua frente, como se recordasse com amor alguma cena agradável da primeira juventude. — Parece que foi ontem que ele desancou o carvoeiro lá embaixo, em Fox-under-the-Hill, perto do cais. Representa-se-me vê-lo agora, subindo o Strand, entre dois guardas, já meio desembebedado pelas machucaduras, com um emplastro de vinagre e de papel pardo no olho direito, seguido por aquele lindo buldogue, que depois comeu a criancinha. O que é o tempo, hein, Neddy?

O cavalheiro a quem essas observações eram dirigidas, que parecia ter um gênio taciturno e meditabundo, limitou-se a repetir a frase; o sr. Roker, afugentando o fio melancólico e poético de idéias por que se deixara arrastar, desceu ao prosaísmo da vida cotidiana e retomou da pena.

— O senhor também sabe o que é o terceiro cavalheiro? — perguntou o sr. Pickwick, não muito satisfeito com a descrição dos futuros companheiros.

— Aquele Simpson o que é, Neddy? — perguntou o sr. Roker, voltando-se para o outro.

— Que Simpson? — inquiriu Neddy.

— Aquele do 27, no terceiro, de que este senhor vai ser companheiro.

— Oh, aquele — replicou Neddy. — Não é nada. Antigamente alugava cavalos; agora é trapaceiro.

— Ah, era o que eu pensava — respondeu o sr. Roker, fechando o livro e colocando a pequena folha de papel nas mãos do sr. Pickwick. — Aí está o cartão, senhor.

Espantadíssimo diante dessa sumária disposição de sua pessoa, o sr. Pickwick tornou à prisão, dando volta aos miolos sobre o que mais lhe conviria fazer. Convencido, porém, de que, antes de tomar qualquer providência, seria aconselhável avistar-se e conversar pessoalmente com os três cavalheiros com os quais tencionavam aquartelá-lo, encaminhou-se sem detença para o terceiro andar.

Depois de hesitar por algum tempo na galeria, procurando, à sua frouxa claridade, decifrar os números das diferentes portas, apelou, afinal, para um criado de taberna que sucedia achar-se entretido em sua tarefa matinal de arrecadar as canecas de estanho.

— Qual é o 27, meu rapaz? — perguntou o sr. Pickwick.

— Cinco portas mais adiante — replicou o criado. — Do lado de fora da porta pintaram um homem que está sendo enforcado e fuma cachimbo ao mesmo tempo.

Guiado por essa informação, pôs-se o sr. Pickwick a percorrer lentamente a galeria até encontrar o “retrato de um cavalheiro”, acima descrito, em cujo rosto bateu com o nó do indicador — delicadamente a princípio e, logo, audivelmente. Depois de repetir diversas vezes o mesmo processo, sem resultado, arriscou-se a abrir a porta e espiar.

Havia no quarto um único homem, debruçado à janela o quanto podia sem perder o equilíbrio, e que tentava, com grande perseverança, cuspir sobre a copa do chapéu de um amigo íntimo, que estava embaixo, no pátio. Como nem o falar, nem o tossir, nem o espirrar, nem o bater, nem outro modo ordinário de chamar a atenção fez que a sua pessoa se avisasse da presença de uma visita, o sr. Pickwick, depois de esperar um instante, abeirou-se da janela e puxou-o delicadamente pela aba da casaca. O indivíduo recolheu com suma presteza a cabeça e os ombros e, examinando o sr. Pickwick da cabeça aos pés, perguntou em tom de poucos amigos que diabo queria ele.

— Creio — disse o sr. Pickwick, consultando o cartão —, creio que este é o 27, no terceiro?

— E então? — replicou o cavalheiro.

— Vim aqui por haver recebido este pedaço de papel — prosseguiu o sr. Pickwick.

— Deixe-me ver — disse o cavalheiro.

O sr. Pickwick obedeceu.

— Acho que Roker poderia tê-lo arrumado em outro lugar qualquer — disse o sr. Simpson (pois era o trapaceiro) depois de uma pausa muito descontente.

O sr. Pickwick também achava; mas, naquelas circunstâncias, entendeu de boa política permanecer calado.

O sr. Simpson matutou por algum tempo depois disso e, logo, enfiando a cabeça para fora da janela, despediu um assobio agudo, e pronunciou uma palavra qualquer, diversas vezes, em voz alta. Qual fosse a palavra, o sr. Pickwick não pode distinguir; mas concluiu que deveria ser algum apelido que distinguisse o sr. Martin, pois grande número de cavalheiros, no pátio, começou imediatamente a gritar “Carniceiro”, imitando o tom com que esta útil classe da sociedade costuma, diariamente, indicar a sua presença à porta das cozinhas.

Ocorrências subseqüentes confirmaram o rigor da impressão do sr. Pickwick; pois, volvidos alguns segundos, um cavalheiro, prematuramente gordo para a idade, que vestia o camisolão azul profissional e botas de canhão de ponta arredondada, entrou no quarto quase sem fôlego, seguido de perto por outro cavalheiro, com uma andaina preta muito surrada e um barrete de pele de foca. O último cavalheiro, que fechava a casaca até o queixo por meio de um alfinete e de um botão, alternadamente, tinha um rosto vermelho muito grosseiro e o aspecto de um capelão borracho, o que, em realidade, era.

Tendo os dois cavalheiros, cada um por sua vez, examinado o cartão do sr. Pickwick, um deles expressou a opinião de que era “uma farsa” e o outro a convicção de que era “um embuste”. E, depois de haverem expressado os seus sentimentos nesses termos, olharam para o sr. Pickwick e entreolharam-se num silêncio embaraçado.

— É uma estopada, principalmente agora que arrumamos tão bem as camas — disse o capelão, olhando para três colchões sujos, cada qual enrolado num cobertor, que ocupavam um canto do quarto durante o dia e formavam uma espécie de lavatório, sobre o qual estavam colocados uma velha bacia

estragada, um jarro e uma saboneteira de louça amarela comum, com uma flor azul. — É uma grande estopada.

O sr. Martin expressou a mesma opinião em termos mais vigorosos; o sr. Simpson, depois de soltar grande variedade de adjetivos expletivos contra a sociedade, sem qualquer substantivo que os acompanhasse, arregaçou as mangas e começou a lavar as verduras para o jantar.

Ao passo que tudo isso acontecia, o sr. Pickwick relançara a vista pelo quarto, horrivelmente sujo e intoleravelmente fedorento. Não havia vestígios nem de tapete, nem de cortinas, nem de gelosias. Não havia sequer um gabinete. E, ainda que o houvesse, eram indiscutivelmente muito poucas as coisas que nele se poderiam guardar; mas, por pouco numerosas que fossem, ainda assim migalhas de pão e restos de queijo, toalhas molhadas e sobras de carne, peças de roupa e louças partidas, foles sem bico e garfos sem dentes, apresentavam um aspecto pouco confortável quando espalhados pelo chão de um aposento pequeno que fazia, a um tempo, as vezes de quarto de dormir e sala de estar de três madraços.

— Creio que isso se poderá arranjar de uma forma ou de outra — disse o carniceiro depois de prolongado silêncio. — Quanto é que você quer para sair?

— Peço-lhe perdão — replicou o sr. Pickwick. — Que foi que o senhor disse? Não compreendi muito bem.

— Quanto é que você quer para dar o fora? — insistiu o carniceiro.

— A praxe são 2 xelins e 6 *pence*. Quer 3?

— ... E meio — sugeriu o clérigo.

— Bem, não faço questão; são apenas mais 2 *pence* cada um — disse o sr. Martin.

— Então? Que diz agora? Nós lhe oferecemos 3 xelins e 6 *pence* por semana para se pôr ao fresco. Vamos!

— E pagaremos um galão de cerveja — refilou o sr. Simpson. — Pronto!

— E haveremos de bebê-lo já — volveu o capelão. — Vamos!

— Sou, de fato, tão ignorante das normas deste lugar — respondeu o sr. Pickwick —, que não os compreendo. Poderei viver em outro lugar? Julguei que não pudesse.

Ouvindo essa pergunta, o sr. Martin olhou, com um semblante em que se estampava a maior das surpresas, para os dois amigos e, logo, cada um dos cavalheiros apontou com o polegar direito sobre o ombro esquerdo. Este gesto, imperfeitamente descrito pela fraquíssima expressão “sobre o ombro

esquerdo”, quando executado por certo número de senhoras e cavalheiros acostumados a agir unissonamente, tem um efeito gracioso e delicado e exprime um leve e ático sarcasmo.

— Se pode! —olveu o sr. Martin, com um sorriso de piedade.

— Bem, se eu conhecesse tão pouco a vida como ele, comeria o meu chapéu e engoliria a fivela inteira — observou o clérigo.

— Eu também — ajuntou, solene, o sr. Simpson.

Depois desse prefácio introdutório, os três companheiros informaram ao sr. Pickwick, de um fôlego só, que o dinheiro era, dentro da Prisão de Fleet, o mesmo que fora dela; que lhe propiciaria, instantaneamente, o que quer que ele desejasse; e que, se ele o tivesse, e não se recusasse a gastá-lo, bastar-lhe-ia expressar o desejo de ter um quarto só para si para tomar posse de um, trastejado e pronto, em menos de meia hora.

Depois disso, as partes separaram-se, para a sua comum satisfação, o sr. Pickwick tornando a desandar para a sala dos carcereiros, e os três companheiros dirigindo-se para a sala do café, a fim de gastarem os xelins que o clérigo, com admirável prudência e previsão, lhe pedira emprestados para esse propósito.

— Eu sabia! — disse o sr. Roker, com um sorriso, quando o sr. Pickwick lhe explicou a razão por que voltara. — Eu não disse, Neddy?

O dono filosófico do canivete universal resmungou afirmativamente.

— Eu sabia que o senhor haveria de querer um quarto só para si! — disse o sr. Roker. — Vejamos. O senhor precisará de alguns trastes. Há de alugarmos, imagino. É o costume.

— Com grande prazer — replicou o sr. Pickwick.

— Há um quarto excelente na escada da sala do café, que pertence a um preso da Chancelaria — disse o sr. Roker. — Quero por ele 1 libra por semana. Creio que o senhor não fará questão disso?

— Nenhuma — respondeu o sr. Pickwick.

— Venha, então, comigo — disse Roker, tomando do chapéu com grande alacridade. — Em cinco minutos resolveremos o caso. Que diabo! Por que não disse desde o começo que queria ficar bem instalado?

O negócio concluiu-se depressa, como predissera o carcereiro. O preso da Chancelaria lá estivera tanto tempo que perdera amigos, fortuna, lar, felicidade e o direito de ter um quarto para si. Como, porém, sofresse o inconveniente de precisar de um pedaço de pão, ouviu com avidez a proposta do sr. Pickwick

para alugar o aposento e prestes concordou em ceder-lhe a posse livre e exclusiva dele, mediante o pagamento mensal de 20 xelins; soma com a qual se comprometia também a pagar a expulsão de quem quer que fosse mandado para ocupar o quarto.

Enquanto realizavam o negócio, o sr. Pickwick examinou-o com penoso interesse. Era um homem alto, descarnado, cadavérico, que trazia um velho sobretudo e calçava chinelos, as faces encovadas e dois olhos ardentes e inquietos. Os lábios eram brancos e os ossos finos e agudos. Pobre homem! Vinte anos havia que os dentes de ferro da reclusão e da miséria lentamente o roíam.

— E onde vai o senhor viver agora? — perguntou o sr. Pickwick, ao colocar sobre a mesa capenga, adiantado, o aluguel da primeira semana.

O homem ajuntou o dinheiro com mãos que tremiam e replicou que ainda não sabia; cumpria-lhe ver ainda para onde poderia mudar a sua cama.

— Receio, senhor — disse o sr. Pickwick, pousando delicada e compassivamente a mão no braço dele —, receio que o senhor tenha de viver nalgum lugar barulhento e cheio de gente. Pois bem, rogo-lhe que considere este quarto como seu quando precisar de sossego ou quando vierem vê-lo alguns dos seus amigos.

— Amigos! — sobreveio o homem, com voz que lhe arranhava a garganta. — Se eu estivesse morto no fundo da mina mais profunda do mundo, solidamente pregado e soldado no meu caixão, apodrecendo na lama de um fosso escuro e imundo, debaixo dos alicerces desta masmorra, eu não poderia estar mais esquecido nem mais desamparado do que estou aqui. Sou um homem morto; morto para a sociedade, sem a compaixão que ela dispensa àqueles cujas almas passaram ao tribunal divino. Amigos para me verem, a mim! Deus meu! A minha mocidade consumiu-se neste sítio e não haverá quem levante a mão acima da minha cama quando eu estiver morto sobre ela, e diga: “Ainda bem que ele se foi!”.

O excitação, que acendera uma luz desusada no rosto do homem, enquanto falava, desvaneceu-se quando ele concluiu; e, enclavinando as mãos esqueléticas precipitada e desordenadamente, atirou-se para fora do quarto.

— Ele ainda tem dessas coisas — disse o sr. Roker, com um sorriso. — São como os elefantes. Sentem o aguilhão de vez em quando e isso os enlouquece!

Feita essa observação, profundamente compassiva, o sr. Roker pôs-se a fazer os seus arranjos com tamanha presteza que, pouco tempo depois, estava o quarto provido de um tapete, seis cadeiras, uma mesa, um sofá-cama, um bule de chá e vários petrechos pequenos, alugados ao razoabilíssimo preço de 27 xelins e 6 *pence* por semana.

— E agora, haverá mais alguma coisa que possamos fazer pelo senhor? — perguntou o sr. Roker, olhando à sua volta com grande satisfação e fazendo tinar, nas mãos fechadas, o aluguel da primeira semana.

— Há, sim —olveu o sr. Pickwick, que estivera a meditar profundamente durante algum tempo. — Há alguém aqui que faça recados, e coisas assim?

— Lá fora, é o que o senhor quer dizer?

— É. Refiro-me aos que podem sair. Não prisioneiros.

— Há, sim, senhor — disse Roker. Um pobre diabo que tem um amigo no pavilhão dos pobres e dá a vida por fazer esses servicinhos. Há dois meses que ele não faz outra coisa. Quer que eu o mande aqui?

— Faça-me o favor — respondeu o sr. Pickwick. — Espere, não. O senhor falou no pavilhão dos pobres? Eu gostaria de vê-lo. Eu mesmo vou lá.

O pavilhão dos pobres de uma prisão por dívidas, como se deduz do próprio nome, é aquele em que se recolhe a classe mais abjeta e miserável de devedores. Um preso que opta pelo pavilhão dos pobres não paga aluguel nem cartão de companhia. A sua taxa, ao entrar e sair da enxovia, é muito reduzida, e ele faz jus a uma pequena ração alimentícia, proporcionada pelos pequenos legados que umas poucas pessoas caridosas deixam, a espaços, em seus testamentos. Há de lembrar-se a maioria dos nossos leitores de que, não faz muito tempo, havia uma espécie de jaula de ferro no muro da Prisão de Fleet, dentro da qual se colocava um homem de aspecto esfomeado que, de tempos a tempos, fazia tilintar um mealheiro e exclamava com voz soturna: “Pelo amor de Deus, não se esqueçam dos pobres devedores; pelo amor de Deus, não se esqueçam dos pobres devedores”. A receita desse mealheiro, quando existia, era dividida entre os prisioneiros pobres, e os ocupantes do pavilhão dos pobres se revezavam no degradante mister.

Embora o costume tenha sido abolido e a jaula desaparecido, a miserável e precária situação desses infelizes continua a mesma. Já não lhes permitimos que apelem, nas portas dos calabouços, para a caridade e a compaixão dos transeuntes; mas ainda subsiste nas páginas dos nossos códigos, para reverência

e admiração dos pósteros, a lei justa e benfazeja segundo a qual deve ser vestido e alimentado o bandido vigoroso, e deve morrer de fome e de frio o devedor sem vintém. Isto não é ficção. Não se passa uma semana sem que em cada uma das nossas prisões por dívidas não morra, inevitavelmente, um desses homens entre as lentas agonias da fome, se não for socorrido pelos companheiros de cárcere.

Revolvendo na mente essas coisas, ao subir a escada estreita ao pé da qual Roker o deixara, o sr. Pickwick gradualmente se esquentou até o grau mais alto da indignação; e tão excitado se viu com as suas reflexões sobre o assunto, que entrou de repente no quarto ao qual fora dirigido sem ter sequer a consciência exata nem do local em que se achava nem do objeto da sua visita.

O aspecto geral da sala fê-lo tornar imediatamente a si; mas, assim que os seus olhos encontraram a figura de um homem languidamente assentado ao pé de débil lume, deixou cair o chapéu e ficou perfeitamente fixo e imóvel de assombro.

Sim, com roupas esfrangalhadas e sem casaca, com a camisa ordinária de algodãozinho amarelo em farrapos, com os cabelos a caírem-lhe sobre o rosto, com os traços transtornados pelo sofrimento e chupados pela fome, lá estava o sr. Alfredo Jingle; pousava-lhe a cabeça sobre a mão, os olhos fitavam-se-lhe no fogo e toda a sua aparência denotava miséria e prostração!

Perto dele, encostado negligente, à parede, estava um robusto camponês, que acariciava com um velho chicote de caça a bota que lhe adornava o pé direito; que o esquerdo (pois ele se vestia lentamente), tinha-o enfiado num chinelo velho. Cavalos, cachorros e bebidas tinham-no levado para lá, de cambulhada. Via-se uma espora enferrujada na bota solitária com que ele, ocasionalmente, esporeava o ar, golpeando, ao mesmo tempo, vigoroso, a bota e murmurando os sons com que os caçadores animam o seu cavalo. Apostava, com a imaginação, alguma desesperada corrida de obstáculos naquele momento. Pobre coitado! Jamais correria no mais rápido animal das suas custosas estrebarias tão vertiginosa carreira como a que dera com ele na Prisão de Fleet.

No lado oposto da sala estava sentado um velho numa pequena caixa de madeira, com os olhos pregados no chão e o rosto imobilizado numa expressão do mais profundo e pungente desespero. Uma menininha — sua netinha — permanecia-lhe à beira, buscando, com um milhar de artifícios infantis, chamar-lhe a atenção; mas o velho não a via nem a ouvia. A voz que tinha sido música

para ele e os olhos que tinham sido a sua luz já não lhe impressionavam os sentidos. Tremiam-lhe os membros enfermos e a paralisia gelara-lhe o espírito.

Havia ainda dois ou três homens na sala, reunidos num grupinho, que conversavam, ruidosos. Havia também uma mulher lívida e magra — esposa de um detento —, que regava, com grande solicitude, os restos miseráveis de uma planta ressequida e murcha, que, manifestamente, nunca mais poderia desabrochar numa folha verde: símbolo, acaso, mais do que real do ofício que viera ali desempenhar. Tais foram os objetos que se apresentaram à vista do sr. Pickwick, quando olhou, pasmado, à sua volta. Espertou-o o ruído de alguém que se precipitara na sala. Voltando os olhos para a porta, deu com o recém-chegado; e nele, através dos andrajos e da sujeira, reconheceu os traços familiares do sr. Job Trotter.

— Sr. Pickwick! — exclamou Job, em voz alta.

— Hein? — disse Jingle, erguendo-se, de sobressalto, do banco. — Sr...! É verdade... Estranho lugar... Coisa esquisita... Bem o mereço... Muito bem-feito. — O sr. Jingle enfiou as mãos no lugar em que costumavam achar-se o bolso da calça e, deixando pender o queixo sobre o peito, tornou a cair sobre o banco.

O sr. Pickwick comoveu-se; pareciam tão desgraçados os dois homens!

O vivo olhar involuntário que Jingle atirara a um pedacinho de carne crua de carneiro, trazido por Job, dizia com maior eloquência do seu estado mofino do que o poderiam fazer duas longas horas de explicações. O sr. Pickwick olhou docemente para Jingle e disse:

— Eu gostaria de falar-lhe em particular. Quer sair comigo um instante?

— Certo — disse Jingle, dando-se pressa em levantar-se. — Não posso ir muito longe... Não há perigo de nos cansarmos de andar aqui dentro... Lindo parque... rodeado de grades... Lugar bonito... romântico, mas não muito extenso... aberto ao público... A família está sempre fora... governanta desesperadamente cuidadosa... cuidadosíssima.

— Esqueceu-lhe a casaca — disse o sr. Pickwick, ao aproximarem-se da escada e ao fecharem a porta.

— Hein? — voltou Jingle. — Está no prego... Em casa de um parente muito querido... o tio Tom... Não havia remédio... A gente precisa comer, o senhor sabe... Necessidades naturais... et cetera e tal.

— Que quer dizer com isso?

— Ela se foi, meu caro senhor... a última casaca... Não havia remédio. Vivi de um par de botas... quinze dias inteiros. Guarda-chuva de seda... com cabo de marfim... uma semana... É fato... Palavra de honra... Pergunte a Job... Ele sabe.

— Viveu três semanas à custa de um par de botas e de um guarda-chuva de seda com cabo de marfim! — exclamou o sr. Pickwick, que só ouvira essas coisas em histórias de naufrágios e só as lera no Almanaque da Polícia.

— Verdade — confirmou Jingle, sacudindo a cabeça. — Casa de penhores... Cautelas... Quantias pequenas... Quase nada... Todos uns patifes.

— Oh — disse o sr. Pickwick, muito aliviado pela explicação —, agora o compreendo. O senhor empenhou o guarda-roupa.

— Tudo... O de Job também... Foram-se todas as camisas... Não tem importância... Economiza-se a lavagem. Daqui a pouco não restará nada... A gente vai para a cama... com fome... morre. Abre-se inquérito... necrotério... prisioneiro pobre... necessidades comuns... Abafa-se o caso... Senhores jurados... fornecedores de carcereiro... Arquia-se o processo... morte natural... atestado médico... vala comum... bem-feito... Tudo acabado... Caiu o pano.

Jingle fez este singular relato de suas futuras perspectivas na vida com a costumeira volubilidade, e com vários esgares destinados a imitar sorrisos. O sr. Pickwick percebeu facilmente que a displicência era fingida e, encarando em cheio com ele, mas sem rigor, viu que os seus olhos nadavam em lágrimas.

— Bom sujeito — disse Jingle, apertando-lhe a mão e voltando a cabeça. — Cão ingrato... Tolice chorar... Impossível dominar-me... Febre maligna... fraco... doente... com fome. Mereci tudo isso... mas sofri muito... muito. — Inteiramente incapaz de conservar por mais tempo as aparências, e talvez mais enervado ainda pelos esforços que fizera, o desalentado ator ambulante deixou-se cair na escada e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou como criança.

— Vamos, vamos — disse o sr. Pickwick, consideravelmente comovido —, veremos o que se há de fazer quando eu estiver ao par de tudo. Aqui, Job, onde está esse sujeito?

— Pronto, senhor — replicou Job apresentando-se no patamar da escada. Já o descrevemos, em outra ocasião, como tendo olhos profundamente encovados em tempos mais prósperos. Em seu atual estado de necessidade e aflição dir-se-ia que esses traços se tinham sumido de todo.

— Pronto, senhor — gritou Job.

— Venha cá — disse o sr. Pickwick, procurando aparentar severidade, ao mesmo passo que quatro lágrimas grossas lhe corriam pelo colete abaixo. —

Tome lá.

Tome o quê? Na acepção comum dessa linguagem devia de ser uma pancada. Segundo os costumes do mundo, havia de ser um murro vigorosamente aplicado, pois o sr. Pickwick fora trapaceado, iludido e insultado pelo pária miserável que tinha agora inteiramente em seu poder. Diremos a verdade? Era alguma coisa tirada do bolso do colete do sr. Pickwick, que tilintou ao passar para a mão de Job e cuja dádiva, de uma forma ou de outra, fez que brilhassem os olhos e se alegrasse o coração do nosso excelente amigo, ao afastar-se, precipitado.

Sam já voltara quando o sr. Pickwick chegou ao próprio quarto e examinava os arranjos que haviam sido feitos para a sua comodidade, com uma espécie de melancólica satisfação, muito agradável de se ver. Sendo decididamente contrário à permanência do amo naquele lugar, o sr. Weller parecia entender que lhe corria a elevada obrigação moral de não parecer muito satisfeito com nada do que se fizesse, dissesse, sugerisse ou propusesse.

— Então, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Então, senhor — replicou o sr. Weller.

— Isto, agora, está bem melhor, hein, Sam?

— Muito melhor, senhor — respondeu Sam, olhando à sua roda com desdém.

— Você viu o sr. Tupman e os outros amigos?

— Vi, sim, senhor; eles vêm amanhã, e ficaram muito espantados ao saberem que não deviam vir hoje — retrucou Sam.

— Trouxe as coisas de que eu precisava?

O sr. Weller apontou, em resposta, para os vários pacotes que arrumara, tão bem quanto pudera, num canto da sala.

— Muito bem, Sam — disse o sr. Pickwick, depois de pequena hesitação.

— Escute o que vou dizer, Sam.

— Sim, senhor — acudiu o sr. Weller —, pode dizer.

— Senti, desde o princípio — começou o sr. Pickwick, com muita solenidade —, que isto aqui não é lugar para um moço.

— Nem para um velho — observou o sr. Weller.

— Tem razão, Sam — disse o sr. Pickwick —, mas os velhos podem vir parar aqui por causa de sua boa-fé e ingenuidade; e os moços podem ser trazidos para cá por causa do egoísmo daqueles a quem servem. Ora, para esses

moços é melhor, sob todos os aspectos, que não permaneçam aqui. Você está-me entendendo, Sam?

— Não, senhor, não o estou entendendo — respondeu Sam, em tom obstinado.

— Procure fazê-lo, Sam — volveu o sr. Pickwick.

— Pois bem, senhor — retorquiu Sam, depois de breve pausa —, acho que sei onde o senhor quer chegar; e se eu sei onde o senhor quer chegar, acho que o senhor quer chegar muito longe, como dizia o cocheiro da mala-posta à tempestade de neve quando foi alcançado por ela.

— Vejo que me compreende, Sam — disse o sr. Pickwick. — Independentemente da minha vontade de que você não ande mangoneando num lugar como este, durante anos e anos, acho que ser um devedor na Prisão de Fleet servido pelo seu criado é monstruoso e absurdo. Sam — ajuntou o sr. Pickwick —, você precisa deixar-me, durante algum tempo.

— É? Durante algum tempo, senhor? — redargüiu o sr. Weller, sarcástico.

— Sim, durante o tempo em que eu ficar aqui — disse o sr. Pickwick. — Continuarei a pagar-lhe o ordenado. Qualquer um dos meus três amigos terá muito prazer em empregá-lo, ainda que seja apenas por consideração a mim. E se eu, algum dia, vier a sair daqui — acrescentou com fingida alegria —, dou-lhe a minha palavra de que você voltará incontinenti ao meu serviço.

— Pois eu vou dizer-lhe uma coisa, senhor — disse o sr. Weller, com voz grave e solene. — Isso não pode ser; portanto, não falemos mais no assunto.

— Falo sério e estou resolvido, Sam — disse o sr. Pickwick.

— Ah, está, não é? — acudiu Sam, com firmeza. — Muito bem, senhor. Nesse caso, eu também estou.

Assim falando, o sr. Weller enfiou o chapéu na cabeça com grande precisão e saiu, repentinamente, do quarto.

— Sam! — gritou o sr. Pickwick, chamando-o. — Sam! Venha cá. Mas a comprida galeria deixara de recoar-lhe o som dos passos. Sam Weller partira.

CAPÍTULO XLIII

QUE MOSTRA DE QUE MANEIRA O SR. WELLER SE METEU EM APUROS.

NUMA SALA ALTA, MAL ILUMINADA e pior ventilada, situada na rua Portugal, Lincoln's Inn Fields, sentam-se, durante quase o ano inteiro, um, dois, três ou quatro cavalheiros de peruca, conforme os casos, com pequenas escrivatinhas diante deles, construídas à moda das que usam os juizes da terra, afora o polimento. À direita há uma tribuna para advogados; um compartimento para devedores insolventes à esquerda; e, na frente, um plano inclinado das caras mais sujas do mundo. Estes cavalheiros são os comissários do Tribunal de Insolvências, e o lugar em que ficam é o próprio Tribunal de Insolvências.

Desde tempos imemorais tem sido a notável sina deste tribunal ser, de uma forma ou de outra, considerado pelo consenso universal de todos os pelintras de Londres o lugar em que diariamente se reúnem e refugiam. Está sempre cheio. Sobem constantemente para o teto os vapores da cerveja e das bebidas alcoólicas, que, condensados pelo calor, descem como chuva pelas paredes; lá se encontram, num dia só, fatos velhos em maior quantidade do que os que se expõem à venda em todo o Houndsditch durante o ano inteiro; e mais peles sujas e barbas intonsas do que as que poderiam tornar descentes todas as bombas e barbearias existentes entre Tyburn e Whitechapel desde o nascer do Sol até ao crepúsculo.

Não se deve supor que nenhuma dessas pessoas tenha lá alguma coisa que fazer ou a mais remota conexão com o local que tão infatigavelmente frequenta. Se tivesse, não haveria motivo para surpresas e desapareceria a singularidade do caso. Dormem alguns durante a maior parte da sessão; outros levam pequenos jantares portáteis envolvidos em lenços ou a saírem das rotas algibeiras, e comem e ouvem com igual satisfação; mas nunca se soube que alguém tivesse o menor interesse pessoal em nenhum dos casos tratados. Aconteça o que acontecer, lá se quedam sentados desde o primeiro momento

até o último. Quando chove muito, entram todos molhados como pintos; e, nessas ocasiões, os vapores do tribunal são como os de um pântano.

Um visitante casual poderá supor seja esse lugar um templo dedicado ao gênio da pelintragem. Não há lá um contínuo nem um beleguim que use uma casaca talhada para si; nem um homem toleravelmente vigoroso e de aspecto saudável em todo o estabelecimento, a não ser um pequeno oficial de justiça encanecido, com cara de maçã; e até esse, como cereja estragada que se conserva em aguardente, parece haver-se enrugado e ressequido até chegar a um estado de conservação ao qual não lhe seria lícito aspirar naturalmente. As próprias perucas dos advogados são mal empoadas e os caracóis mal frisados.

Mas os advogados, sentados a uma mesa grande e nua, abaixo dos comissários, são, afinal de contas, as maiores curiosidades. Os petrechos profissionais dos mais opulentos desses cavalheiros consistem num saco azul e num rapazinho, geralmente de crença judaica. Não têm escritórios fixos, pois os seus negócios legais se realizam nas salas das tabernas ou nos pátios das prisões, aonde se dirigem em grande número e solicitam clientes a modo de condutores de ônibus. Têm uma aparência untuosa e bolorenta; e, se se puder dizer que têm algum vício, talvez o beber e o trapacear sejam os mais conspícuos entre eles. Residem habitualmente nos arredores dos *Rules*, principalmente dentro-de um círculo de 1 milha a partir do obelisco de St. George's Fields. O seu porte não é sedutor e os seus modos são esquisitos.

O sr. Salomão Pell, um dos membros dessa erudita corporação, era um homem gordo, flácido e pálido, com um sobretudo que parecia verde num momento e castanho no seguinte, ornado de uma gola que apresentava as mesmas características camaleônicas. A testa era estreita, o rosto amplo, a cabeça grande e o nariz torto de um lado, como se a natureza, indignada com as propensões que nele observara de nascença, lhe houvesse dado um colérico puxão e ele nunca mais endireitasse. Como, entretanto, tivesse o pescoço curto e fosse asmático, respirava principalmente por meio desse órgão, e o que lhe faltava como ornamento era, talvez, compensado pela utilidade.

— Tenho a certeza de tirá-lo de apuros — disse o sr. Pell.

— Tem mesmo? — replicou a pessoa a quem era dada essa garantia.

— Claro — replicou Pell. — Mas, se ele tivesse procurado um advogado menos sério, eu não teria respondido pelas conseqüências.

— Ah! — disse o outro, com a boca aberta.

— Não responderia, não — confirmou o sr. Pell; mordeu os lábios, enrugou a testa e sacudiu a cabeça misteriosamente.

Ora, o local em que esse diálogo se travava era a taberna que ficava bem defronte ao Tribunal de Insolvências; e o interlocutor do sr. Pell era o mais velho dos Wellers, que para lá se dirigira no desígnio de animar e consolar um amigo, cuja petição para ser absolvido como devedor honestamente insolvente seria julgada naquele dia, e cujo advogado ele então consultava.

— E onde está Jorge? — perguntou o velho.

O sr. Pell acenou com a cabeça na direção de uma sala dos fundos, para onde se dirigiu imediatamente o sr. Weller, sendo incontinenti saudado da maneira mais calorosa e lisonjeira por meia dúzia de colegas, em sinal de satisfação pela sua chegada. O cavalheiro insolvente, que contraíra uma paixão especulativa, mas imprudente por estabelecer mudas distantes, causa de seus apertos atuais, tinha um excelente aspecto e buscava serenar o alvoroço dos seus sentimentos com camarões e cerveja.

As saudações entre o sr. Weller e os amigos limitaram-se rigorosamente às fórmulas maçônicas do ofício, que consistiam em imprimir um movimento rotatório ao pulso direito, erguendo, ao mesmo tempo, para o ar o dedo mínimo. Conhecemos outrora dois famosos cocheiros gêmeos (estão mortos agora, os pobres) entre os quais existia um afeto sincero e dedicado. Passaram um pelo outro na estrada de Dover, todos os dias, durante 24 anos, sem nunca trocarem outra espécie de saudação; e, no entanto, quando um deles morreu, o outro teve tamanho desgosto que logo depois o seguiu!

— Então, Jorge — disse o sr. Weller, sênior, tirando o sobretudo e sentando-se com a sua costumeira gravidade. — Como vai? Tudo bem atrás e cheio dentro?

— Vai tudo bem, meu velho — replicou o cavalheiro atrapalhado.

— Entregou a égua cinzenta a alguém? — perguntou, ansioso o sr. Weller. Jorge fez um aceno afirmativo.

— Está direito — disse o sr. Weller. — Alguém tomou conta do carro?

— Está em boas mãos — replicou Jorge, espremendo as cabeças de meia dúzia de camarões e engolindo-os de uma vez só.

— Muito bem, muito bem — disse o sr. Weller. — Atente sempre para o travão quando descer uma ladeira. A guia de marcha está em ordem?

— A conta-corrente, senhor — disse Pell, adivinhando a intenção do sr. Weller —, a conta-corrente não poderia estar mais clara e satisfatória.

O sr. Weller fez um aceno que demonstrava a sua íntima aprovação desses arranjos; depois, voltando-se para o sr. Pell, disse, apontando para o seu amigo Jorge:

— Quando é que os senhores lhe tiram a roupa?

— Ele é o terceiro na lista oposta — replicou o sr. Pell —, e acho que chegará a sua vez daqui a meia hora. Eu disse ao meu escrevente que viesse avisar-nos quando chegasse o momento.

O sr. Weller examinou o advogado da cabeça aos pés com grande admiração e disse, enfaticamente:

— E o senhor, que deseja tomar?

— Bem, eu — replicou o sr. Pell —, o senhor é muito... Dou-lhe a minha palavra de honra de que não tenho o hábito de... É tão cedo ainda que, em realidade, eu estou quase... Bem, você pode trazer-me 3 *pence* de rum, meu bem.

A criada, que antecipara a ordem antes de ouvi-la, colocou o copo de rum diante de Pell e retirou-se.

— Cavalheiros — disse o sr. Pell, correndo os olhos pelos circunstantes —, felicidades para o vosso amigo! Não gosto de gabar-me, cavalheiros; não é do meu feitio; mas não posso deixar de dizer que, se o vosso amigo não tivesse tido a boa sorte de cair em mãos que... mas não direi o que ia dizer. A vossa saúde, cavalheiros. — Tendo esvaziado o copo num abrir e fechar de olhos, o sr. Pell fez estalarem os lábios e circunvagou um olhar complacente pelos cocheiros reunidos, que evidentemente o consideravam como uma espécie de divindade.

— Vejamos — disse a autoridade legal —, que era que eu estava dizendo, cavalheiros?

— Creio que o senhor estava observando que não faria objeções a repetir a dose — disse o sr. Weller, gravemente jocoso.

— Ah, ah! — riu-se o sr. Pell. — Não é má, não é má. O senhor é um profissional também! A esta hora da manhã talvez fosse um pouco... Bem, eu não sei, meu bem... Você pode repetir a dose, por favor, hein!

Este último som foi uma tosse muito solene, com que o sr. Pell, notando uma tendência indecente à alegria em alguns de seus ouvintes, julgou conveniente ressalvar a sua dignidade.

— O finado lorde chanceler, cavalheiros, gostava muito de mim — disse o sr. Pell.

— E ficavam-lhe muito bem esses sentimentos — acudiu o sr. Weller.

— Escutem, escutem — sobreveio o cliente do sr. Pell. — E por que não haveria de gostar?

— Sim, por quê? — disse um homem de rosto muito vermelho, que ainda não dissera coisa alguma e que, muito provavelmente, não voltaria a dizer o que quer que fosse. — Por que não?

Um murmúrio de assentimento percorreu a companhia.

— Lembro-me, senhores — disse o sr. Pell —, de haver jantado com ele de uma feita; éramos só nós dois, mas tamanho era o esplendor, que se diria serem esperadas umas vinte pessoas — o grande selo sobre uma mesa giratória à sua direita e um homem de cabeleira grande e recoberto de uma armadura completa guardava o maço com uma espada desembainhada e meias de seda —, o que se faz constantemente, cavalheiros, dia e noite, quando ele disse: “Pell, nada de falsas modéstias. Você é um homem de talento; você é capaz de salvar qualquer um do Tribunal de Insolvências, Pell; e o seu país deveria orgulhar-se de você”. Tais foram as suas palavras. “Vossa Excelência me lisonjeia”, disse eu. “Pell”, disse ele, “demônios me levem se isto é lisonja.”

— Ele disse isso? — perguntou o sr. Weller.

— Disse — replicou Pell.

— Pois nesse caso — disse o sr. Weller —, acho que o Parlamento deveria multá-lo por haver blasfemado; se fosse um pobre coitado qualquer, não teria escapado.

— Mas, meu caro amigo — explicou o sr. Pell —, isso foi em confiança.

— Foi em quê? — tornou o sr. Weller.

— Em confiança.

— Oh! muito bem — volveu o sr. Weller, depois de refletir um pouco. — Se ele queria que os demônios o levassem em confiança, claro que a coisa já muda de figura.

— Por certo que muda — disse o sr. Pell. — A distinção é óbvia, como o senhor há de perceber.

— Modifica inteiramente o caso — corroborou o sr. Weller. — Continue, senhor.

— Não, não continuarei, senhor — disse o sr. Pell, em tom baixo e sério. — O senhor me fez lembrar que essa conversação era particular; particular e confidencial, senhores. Cavalheiros, sou um profissional. Pode ser que eu seja muito estimado em minha profissão, pode ser que eu não seja. A maioria das pessoas sabe. Eu não digo nada. Já se fizeram nesta sala observações injuriosas

à memória do meu nobre amigo. Os senhores hão de perdoar-me; fui imprudente. Sinto que não tenho o direito de falar neste assunto sem a anuência dele. Obrigado, senhor, muito obrigado. — E, assim falando, enfiou o sr. Pell as mãos nos bolsos e, com grande sobreceño, fez tilintar três meios *pence* com terrível determinação.

Apenas se formara essa virtuosa resolução, quando o rapazinho e o saco azul, companheiros inseparáveis, entraram violentamente na sala e disseram (disse-o, pelo menos, o rapazinho, pois o saco azul não tomou parte na comunicação) que o caso ia ser julgado naquele instante. Mal recebeu a notícia, o grupo todo se precipitou para a rua e principiou a abrir caminho, pela força, para o tribunal — cerimônia preparatória que se tem calculado levar, nos casos comuns, de 25 a trinta minutos.

Sendo vigoroso, atirou-se logo o sr. Weller para o meio da multidão, com a desesperada esperança de conquistar, por fim, um lugar que lhe conviesse. O resultado não lhe correspondeu de todo à expectativa; pois, tendo-se esquecido de tirar o chapéu, este lhe foi enterrado na cabeça por uma pessoa que ele não vira, mas sobre cujos pés viera a cair com força considerável. Aparentemente, esse indivíduo lamentou a própria impetuosidade pouco depois, porque, resmungando uma indistinta exclamação de surpresa, arrastou o velho para fora da sala e, depois de uma luta violenta, libertou-lhe o rosto e a cabeça.

— Samivel! — exclamou o sr. Weller, quando lhe foi possível encarar o seu salvador.

Sam fez um aceno de cabeça.

— Você é um filho obediente e afetuoso, não é? — acudiu o sr. Weller. — Enterrando o chapéu na cabeça de seu pai desse jeito, depois de velho?

— Como é que eu poderia saber que era o senhor? — respondeu o filho. — Pelo peso dos pés?

— Bem, isso é verdade, Sammy — replicou o sr. Weller, imediatamente abrandado. — Mas o que é que você está fazendo aqui? O seu patrão, aqui, não tem nada que ganhar, Sammy. Não lhe mudarão o veredicto, não o mudarão, Sammy. — E o sr. Weller sacudiu a cabeça, com jurídica solenidade.

— Como o senhor é perverso e cabeçudo! — exclamou Sam. — Pensando sempre em veredictos e álibis, e não sei que mais. Quem foi que falou em veredicto?

O sr. Weller não respondeu, mas tornou a sacudir sabiamente a cabeça.

— Deixe essa cabeça em paz, se não quer que ela saia do lugar — tornou Sam, impaciente —, e porte-se como deve. Ontem à noite fui à estalagem do marquês de Granby, à sua procura.

— E você viu a marquesa de Granby, Sammy? — interrogou o sr. Weller, com um suspiro.

— Vi — replicou Sam.

— Que tal lhe pareceu a querida criaturinha?

— Muito esquisita — respondeu Sam. — Acho que ela se está prejudicando cada vez mais com o tal ponche de ananás e outros remédios fortes da mesma natureza.

— Você está falando sério, Sammy? — perguntou o pai com vivo interesse.

— Estou, sim, senhor — replicou o sr. Weller, júnior.

O sr. Weller apoderou-se da mão do filho, apertou-a e deixou-a cair. Ao fazê-lo, seu rosto assumiu uma expressão não de angústia nem de temor, mas que participava mais da natureza doce e meiga da esperança. Um brilho de resignação, e até de alegria, passou-lhe também pelo rosto ao dizer lentamente: — Não tenho muita certeza, Sammy; eu não queria asseverar positivamente uma coisa, com receio de algum desapontamento subsequente, mas tenho para mim, meu filho, tenho para mim que o pastor anda sofrendo do fígado!

— Ele está com má cara? — perguntou Sam.

— Ele anda pálido demais — replicou o pai —, exceto no nariz, que está mais vermelho do que nunca. De apetite vai assim assim, mas bebe maravilhosamente.

Algumas lembranças do rum parece haverem ocorrido ao espírito do sr. Weller ao dizer isso, pois a fisionomia tornou-se-lhe sombria e pensativa; não tardou, porém, a recobrar-se, conforme o testemunho de um alfabeto de piscadelas, que só usava quando muito satisfeito.

— Pois bem — acudiu Sam —, vamos agora ao meu caso. Abra bem esses ouvidos e não diga nada enquanto eu não acabar. — Terminado esse rápido prefácio, Sam referiu, o mais sucintamente que pode, a última conversação memorável que travara com o sr. Pickwick.

— Ficou lá sozinho, pobre criatura! — exclamou o mais velho dos Wellers. — Sem ninguém para defendê-lo! Isto não pode ser, Samivel, não pode ser.

— Está visto que não pode — assentiu Sam. — Eu sabia disso antes de vir para cá.

— São capazes de comê-lo vivo, Sammy — exclamou o sr. Weller.

Sam, com um aceno, mostrou que abundava na mesma opinião.

— Ele hoje entra cru, Sammy — disse, metafórico, o sr. Weller —, mas amanhã, quando sair, estará tão torradinho que nem os amigos mais íntimos poderão conhecê-lo. Um pombo assado não será nada perto dele, Sammy.

Sam Weller tornou a acenar com a cabeça.

— Isso não deve ser, Samuel — disse o sr. Weller, gravemente.

— Não pode ser — disse Sam.

— Está claro que não — disse o sr. Weller.

— Pois bem — volveu Sam —, o senhor tem estado a profetizar muito bem, que nem um Samuel muito vermelho, como nas gravuras dos livros de *6 pence*.

— Quem era ele, Sammy? — perguntou o sr. Weller.

— Não se incomode com isso — retorquiu Sam. — Não era cocheiro; para o senhor, basta.

— Pois eu conheci um moço de estrebaria com esse nome — disse o sr. Weller, matutando.

— Não era ele — voltou Sam. — Esse cavalheiro de que eu falo era um profeta.

— Que é um profeta? — perguntou o sr. Weller olhando, severo, para o filho.

— Ora, é um homem que diz o que vai acontecer — explicou Sam.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido, Sammy — disse o sr. Weller. — Ele talvez pudesse dizer alguma coisa sobre a tal doença do fígado de que falei a você. Mas se ele está morto, e não passou o negócio para ninguém, não faz mal. Continue, Sammy — rematou o sr. Weller, com um suspiro.

— Pois bem — volveu Sam —, o senhor tem estado a profetizar a respeito do que vai acontecer ao patrão, se ele ficar sozinho. O senhor não vê um jeito de tomar conta dele?

— Não, não vejo, Sammy — disse o sr. Weller, com ar pensativo.

— Jeito nenhum? — insistiu Sam.

— Jeito nenhum — repetiu o sr. Weller. — A não ser... — e um brilho de inteligência iluminou-lhe a fisionomia ao abaixar a voz a ponto de convertê-la num cochicho, ao mesmo passo que aplicava a boca ao ouvido do seu rebento.

— A não ser que ele saia num colchão enrolado, sem que os carcereiros o percebam, Sammy, ou vestido de mulher, com um véu verde.

Sam Weller ouviu as duas sugestões com inexcedível desdém, e tornou a propor a questão.

— Não — disse o velho. — Se ele não quiser que você fique lá, não vejo nenhum jeito. Aquilo não é rua pública, Sammy, não é rua pública.

— Pois nesse caso vou dizer-lhe o que é — tornou Sam. — Vou pedir ao senhor 25 libras emprestadas.

— E de que adianta isso? — perguntou o sr. Weller.

— Não se incomode — replicou Sam. — O senhor talvez mas peça de novo daqui a cinco minutos; eu talvez lhe responda que não quero pagá-las, e talvez o desacate, ainda por cima. O senhor não será capaz de mandar prender um filho por causa de dinheiro, e trancafiá-lo na Prisão de Fleet, pai desnaturado?

A essa resposta de Sam, pai e filho trocaram um código completo de acenos e gestos telegráficos, depois dos quais o mais velho dos Wellers se assentou sobre um degrau de pedra e riu-se tão violentamente, que se lhe purpureou inteiramente o rosto.

— Parece uma carantonha velha! — acudiu Sam, indignado com essa perda de tempo. — Por que é que o senhor fica aí sentado, com essa cara de argola de porta, quando há tanta coisa para fazer? Onde está o dinheiro?

— Na boléia, Sammy, na boléia — replicou o sr. Weller, compondo os traços. — Segure o meu chapéu, Sammy.

Havendo-se livrado desse estorvo, o sr. Weller torceu, de repente, o corpo para um lado e, por meio de um movimento hábil, conseguiu enfiar a mão direita num bolso imenso, de onde vingou tirar, depois de muitos esforços e suspiros, um grande memorando em oitavo, amarrado por uma correia grande de couro. Desse memorando tirou um par de cordas de chicotes, três ou quatro fivelas, um saquinho de amostras de trigo e, finalmente, um maço pequeno de sujíssimas notas, do qual destacou a importância requerida, entregando-a a Sam.

— E agora, Sammy — disse o velho, quando as cordas de chicote, as fivelas e as amostras foram novamente guardadas, e o livro foi mais uma vez depositado no fundo do mesmo bolso —, agora, Sammy, conheço aqui um cavalheiro que fará para nós o resto do negócio, num minuto: um turuna em matéria de leis, que tem miolos como um sapo, espalhados pelo corpo todo, e

até na ponta dos dedos; amigo do Lorde Chancelaria, Sammy, que é só dizer-lhe o que quer e você ficará preso para o resto da vida, se for preciso.

— Não, não — sobreveio Sam —, nada disso.

— Nada disso o quê? — indagou Weller.

— Não, nada de processos inconstitucionais — retorquiu Sam. — O guarda-a-tua-carçaça, depois do moto-contínuo, é uma das melhores coisas que se inventaram. Li isso muitas vezes nos jornais.

— Muito bem, e que tem uma coisa com outra? — perguntou o sr. Weller.

— Tem que eu também quero favorecer a invenção — respondeu Sam. — Nada de cochichos com a Chancelaria; não gosto da idéia. Pode não ser muito seguro para quando eu quiser sair outra vez.

Condescendendo, nesse ponto, com os sentimentos do filho, o sr. Weller procurou, sem demora, o erudito Salomão Pell, e comunicou-lhe o seu desejo de obter imediatamente um mandado de prisão pela soma de 25 libras, mais as custas do processo; para ser cumprido sem perda de tempo na pessoa de um tal Samuel Weller; devendo ser as despesas adiantadamente pagas a Salomão Pell.

O advogado estava satisfeitíssimo, pois o seu cliente acabara de ser absolvido. Aprovou altamente a dedicação de Sam ao patrão; declarou que isso lhe recordava os próprios sentimentos em relação ao seu amigo, o chanceler; e levou, incontinenti, o mais velho dos Wellers para o Temple, a fim de dar, sob juramento, o atestado de dívida, que o rapazinho, com a assistência do saco azul, redigira ali mesmo.

Entrementes, tendo sido formalmente apresentado ao cavalheiro absolvido e aos seus amigos como rebento do sr. Weller, da Bela Selvagem, Sam foi tratado com a máxima distinção e convidado a regalar-se com eles em honra da ocasião; convite que ele, de forma alguma, não escrupulizou de aceitar.

A alegria dos cavalheiros dessa classe é, de ordinário, de uma natureza grave e tranqüila; mas tratava-se então de um caso de especial festividade e eles deixaram de parte, proporcionadamente, a costumeira gravidade. Depois de brindes tumultuosos ao chefe dos comissários e ao sr. Salomão Pell, que fizera praça de tão transcendentales habilidades, um cavalheiro de cara malhada e de xale azul propôs que alguém cantasse uma canção. A sugestão óbvia era que, estando ansioso por ouvir uma canção, a cantasse o próprio cavalheiro de cara malhada; mas isto o cavalheiro de cara malhada se recusou teimosa e algo ofensivamente a fazer. Em vista do que, como não raro sucede nesses casos, seguiu um colóquio o seu tanto azedo.

— Senhores — disse o cliente do sr. Pell —, para não perturbar a harmonia desta deliciosa reunião, talvez o sr. Samuel Weller se preste a obsequiar a assistência.

— Realmente, senhores — disse Sam —, não tenho muito o hábito de cantar sem instrumento, mas faça-se tudo pela santa paz, como disse o outro quando arranjou o lugar de faroleiro.

Com esse prelúdio, Samuel Weller rompeu logo na bela e original balada que tomamos a liberdade de transcrever, julgando não ser ela geralmente conhecida. Chamamos particularmente as atenções para a exclamação dissilábica de cada copla, o que não só permite ao cantor tomar fôlego, como auxilia consideravelmente o metro.

BALADA

Ia Turpin de viagem
Numa égua valente, olé!
Eis do bispo a carruagem,
Se vê de repente, olé!
Corre Turpin a galope,
Metete a cabeça no trem.
E o bispo diz: “Pelo hissopel!
Turpin vergonha não tem”.

Coro

E o bispo diz: “Pelo hissopel!
Turpin vergonha não tem”.

II

Ao bucho recolhe a fala
Com chumbo e fogacho, olé!
E o bispo apanha uma bala
Pela goela abaixo, olé!
Quando o cocheiro se safava
Com a carruagem, Turpin
Com mais dois tiros o estafa

E fá-lo parar assim

Coro (*com sarcasmo*)

Com mais dois tiros o estafa

E fá-lo parar assim.

— Sustento que a canção é pessoal à classe — sobreveio o da cara malhada, interrompendo-a neste ponto.

— Jamais se soube — replicou Sam. — Não levava cartão de visita no bolso.

— Oponho-me à introdução da política — redargüiu o da cara malhada. — Sustento que na presente sociedade essa canção é política e não é verdadeira. Sustento que o cocheiro não fugiu, mas morreu como um valente; e nada quero ouvir em contrário.

O orador falara com grande energia e determinação; e, como a opinião da assistência parecesse dividida no assunto, ameaçavam surdir novas altercações quando, muito a propósito, chegaram o sr. Weller e o sr. Pell.

— Vai tudo bem, Sammy — disse o sr. Weller.

— O beleguim chegará às 4 horas — ajuntou o sr. Pell. — Suponho que até então o amigo não se safará, hem? Ah! Ah!

— Talvez, até lá, o meu cruel pai se deixe amansar — replicou Sam com uma careta.

— Espere por essa! — disse o sr. Weller.

— Ora, vá!

— Por nada deste mundo — contrariou o inexorável credor.

— Eu lhe dou letras pela quantia, a 6 *pence* por mês.

— Não quero!

— Ah! ah! muito bem, muito bem! — exclamou o sr. Pell, que escrevia a sua conta das custas. — Divertido incidente, não há dúvida, Benjamim, copie isto. — E tornou a sorrir, ao chamar a atenção do sr. Weller para o total.

— Muito, muito obrigado — disse o legista, pegando das notas sebatas que o sr. Weller tirou da carteira. — Três libras e 10 xelins mais 1 e 10 xelins fazem 5. Obrigadíssimo, sr. Weller. Seu filho é um rapaz às direitas! Belo traço no caráter de uma pessoa, lá isso é! — acrescentou o sr. Pell, sorrindo com bonomia e metendo o dinheiro na algibeira.

— Bela partida! — disse o sr. Weller, sênior, com uma risada. — Isto é que é um filho prodígio!

— Pródigo, um filho prodígio, senhor — sugeriu, brando, o sr. Pell.

— Não se preocupe, senhor — disse o sr. Weller com dignidade.

— Bem sei que horas são. Quando não souber, hei de perguntar-lhas.

Quando chegou o beleguim, granjeara Sam tamanha popularidade, que as pessoas ali reunidas resolveram acompanhá-lo em massa à prisão. Puseram-se a caminho: o queixoso e o réu de braços dados, o beleguim à frente e oito alentados cocheiros formando a retaguarda. Pararam no café de Serjeant's Inn para se refrescarem e, completados os arranjos legais, o préstito seguiu novamente por ali afora.

Originou-se ligeira agitação na rua Fleet pelo gracejo dos oito da retaguarda, que teimaram em marchar em fila de quatro; e foi necessário largar no caminho o homem da cara malhada a trocar pancadas com um carregador, ficando combinado que os amigos o apanhariam na volta. Foram estes os únicos incidentes ocorridos no caminho. Chegados diante da Prisão de Fleet, o préstito sob a direção do queixoso soltou três vivas tremendos ao acusado; e, depois de se haverem todos apertado as mãos, deixaram-no.

Sam, formalmente entregue à custódia do guarda, para grande espanto de Roker e manifesta comoção do fleugmático Neddy, logo entrou na prisão, foi direito ao quarto do amo e bateu à porta.

— Entre! — disse o sr. Pickwick.

Sam apareceu, tirou o chapéu e sorriu.

— Ah! Sam! Meu bom rapaz! — disse o sr. Pickwick, extasiado ao ver de novo o modesto amigo. — Ontem não tencionei melindrá-lo com o que lhe disse, meu fiel amigo. Ponha aí o chapéu, e deixe-me explicar-lhe com vagar as minhas intenções.

— Isso não pode ser daqui a um bocadinho, senhor? — perguntou Sam.

— Certo que sim, mas por que não agora?

— Preferia que fosse daqui a mais um bocadinho.

— E por quê?

— Porque... — hesitou Sam.

— Por que, então? — insistiu o sr. Pickwick, alarmado com as maneiras do criado. — Fale claro, Sam.

— Por causa... por causa de um trabalhinho que preciso fazer.

— Que trabalhinho? — perguntou o sr. Pickwick, surpreso com o ar embaraçado de Sam.

— Nada de importância, senhor.

— Se não é nada de importância — tornou, sorrindo, o sr. Pickwick — então pode ouvir primeiro o que tenho para dizer-lhe.

— É que me parece melhor tratar já do meu negócio — disse Sam, ainda hesitante.

O sr. Pickwick espantou-se, mas não disse nada.

— O caso é que... —olveu Sam, e interrompeu-se.

— Vamos! Desembuche, Sam!

— Pois lá vai! O fato é que... —repointou Sam num desesperado esforço — que me parecia melhor tratar da minha cama antes de qualquer outra coisa.

— Da sua cama! — exclamou, atônito, o sr. Pickwick.

— Sim, senhor, da minha cama. Estou preso. Prenderam-me esta tarde, por dívidas.

— Você, preso por dívidas! — acudiu o sr. Pickwick, deixando-se cair numa cadeira.

— Sim, senhor, é como lhe digo. E o homem que me pôs aqui não me deixará sair enquanto o senhor não sair também.

— Deus do céu! Que me diz você?

— O que lhe digo, senhor, é aqui ficarei prisioneiro, quarenta anos que sejam, e estou muito contente! E, se o senhor tivesse ido para Newgate, seria a mesma coisa. E agora que desembuchei, está terminado o negócio.

Ao pronunciar estas palavras, que repetiu várias vezes com ênfase, Sam, num estado de extraordinária excitação, atirou com o chapéu ao chão; e depois, cruzando os braços, encarou firmemente o amo.

CAPÍTULO XLIV

QUE TRATA DE DIVERSOS PEQUENOS SUCESSOS OCORRIDOS
NA PRISÃO DE FLEET, E DO MISTERIOSO PROCEDIMENTO DO
SR. WINKLE; E QUE MOSTRA COMO O POBRE PRESO DA
CHANCELARIA RECOBROU, POR FIM, A LIBERDADE.

O SR. PICKWICK COMOVEU-SE a tal ponto com a fervorosa dedicação de Sam, que não pôde manifestar o mínimo descontentamento ou cólera pelo passo precipitado que ele dera, deixando-se voluntariamente encarcerar por um período indefinido. O único ponto sobre o qual persistiu em pedir explicações foi o nome do implacável credor de Sam, mas este recusou-se terminantemente a decliná-lo.

— De nada serviria, senhor — repetiu muitas vezes. — É uma criatura de maus fígados, um vingativo, um sovina, de coração tão duro que não há amolecê-lo, como dizia o clérigo virtuoso do velho senhor hidrópico, por este teimar em querer antes deixar os bens à mulher que construir com eles uma capela.

— Mas repare, Sam — argumentava o sr. Pickwick —, a quantia é tão diminuta que se pode pagar com facilidade; e, como estou resolvido a conservá-lo em minha companhia, lembre-se de que você me seria mais útil se pudesse sair.

— Agradeço-lhe muito, senhor — replicou Sam gravemente —, mas não quero.

— Não quer o que, Sam?

— Não quero rebaixar-me a pedir um favor a esse inimigo encarniçado.

— Mas não é favor pedir-lhe que receba o seu dinheiro.

— Queira perdoar, senhor, mas seria um enormíssimo favor o pagar-lhe, e ele não merece favor nenhum, pronto!

A essa altura, como o sr. Pickwick esfregasse o nariz, um tanto angustiado, Sam julgou prudente mudar de assunto.

— Tomo esta resolução por uma questão de princípios — observou ele —, e o senhor toma a sua pela mesma razão, o que me faz lembrar o homem que se matou por amor aos princípios. Com certeza já conhece a história. — Sam deteve-se ao chegar a este ponto e dirigiu ao amo um cômico olhar de través.

— Com certeza por que, Sam? — volveu o sr. Pickwick, ao passo que o rosto se lhe abria gradualmente num sorriso, apesar do descontentamento que lhe provocara a obstinação de Sam. — Ainda não me chegou aos ouvidos a fama desse cavalheiro.

— Fala sério? Pois olhe que me espanta. Ele era empregado numa repartição do governo.

— Ah! Sim?

— Era, sim senhor, e por sinal que um cavalheiro muito agradável — dessa espécie de cavalheiros muito limpos e arranjadinhos, que, quando chove, metem os pés em galochas e não têm senão peles de coelho por amigos chegados ao coração. Economizava por princípio, por princípio vestia diariamente uma camisa lavada, nunca falava a parente algum, por princípio, com receio de que lhe pedissem dinheiro emprestado; era, finalmente, o que se pode chamar um temperamento muito agradável. Cortava o cabelo de quinze em quinze dias por princípio, e vestia-se segundo um princípio de economia — mandava fazer três roupas novas por ano e punha fora as velhas. Como era muito metódico, jantava todos os dias no mesmo sítio, onde, por 1 xelim e 9 *pence*, lhe enchiam a barriga; e bem valia o tal xelim e 9 *pence* o que ele mastigava, como usava dizer o dono da tasca, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo, isto sem falar no modo por que atiçava o lume no inverno, o que era uma perda certa de 4 *pence* e meio diários, além do vexame de vê-lo fazer aquilo. E que modos de príncipe! “O *Morning Post* quando aquele cavalheiro tiver acabado!”, clamava diariamente, mal entrava. “Vá-me buscar o *Times*, Tomás; não se esqueça de encomendar o *Chronicle* e traga-me já o *Advertiser!*” Pregava os olhos no relógio e saía precisamente um quarto de minuto antes da hora, para agarrar o garoto que trazia o jornal da noite, que ele devorava com tanto interesse que os mais fregueses se viam levados aos limites do desespero, especialmente um velhote raivoso que o criado nunca largava de olho nessas ocasiões, receoso de que praticasse algum disparate com a faca de trinchar. Pois, senhor! lá se demorava ele, no melhor local, durante três horas, sem tomar depois do jantar coisíssima alguma, a não ser uma soneca; dirigia-se

então a um café das vizinhanças, onde sorvia a sua xícara de café com quatro bolinhos e ia por ali afora até sua casa, em Kensington, onde se metia na cama. Ora, por uma bela noite, cai doente o homem. Manda chamar o doutor. Esse mete-se incontinenti num cabriolé verde, com uma espécie de degraus à Robinson Crusoe, que podia abaixar quando apeava e levantar quando entrava, para que o cocheiro não tivesse de saltar em terra, e o público não percebesse que só trazia casaca de libré, sem calça igual. “Que é isso?”, diz o doutor. “Estou muito mal”, responde o doente. “Que foi que o senhor comeu?”, diz o doutor. “Vitela assada”, responde o doente. “Qual foi a última coisa que o senhor devorou?”, diz o doutor. “Bolinhos”, responde o doente. “É isso”, diz o doutor. “Vou mandar-lhe uma caixa de pílulas, e não torne a engolir isso.” “A engolir o quê?”, diz o doente. “As pílulas?” “Não! os bolinhos!”, responde o doutor. “Esta agora!”, diz o doente assentando-se na cama. “Há quinze anos que, por princípio, como quatro bolinhos todas as noites.” “Pois bem! Seria melhor que, por princípio, deixasse de comê-los”, volve o doutor. “Doutor, os bolinhos são saudáveis”, diz o doente. “Os bolinhos não são tão saudáveis, meu caro senhor”, diz o doutor já zangado. “Mas são baratos”, insiste o doente, baixando a voz, “e enchem a barriga por pouco preço.” “Saem-lhe caros por qualquer preço, ainda que lhe paguem para comê-los”, torna o doutor. “Quatro bolinhos por noite darão cabo do senhor em seis meses!” O doente crava nele os olhos, parafusa um bom pedaço e diz, afinal: “O doutor tem certeza?” “Empenho nisso a minha reputação profissional”, declara o doutor. “Quantos bolinhos de uma vez julga o senhor que poderão dar cabo de mim?”, pergunta o doente. “Eu sei lá!”, diz o doutor. “Julga que meia coroa deles chegará?”, insiste o doente. “Quero crer que sim!”, diz o doutor. “Três xelins, com certeza, darão cabo de mim?”, pergunta o doente. “Com toda a certeza”, diz o doutor. “Muito bem”, diz o doente. “Muito boa noite.” Na manhã seguinte levanta-se, acende o fogo,— manda buscar 3 xelins de bolinhos, mete-os no bucho e faz saltar os miolos.

— E por que demônio fez isso? — acudiu o sr. Pickwick, consideravelmente impressionado com o trágico desfecho da narrativa.

— Por que fez isso, senhor? Ora essa, para demonstrar o seu grande princípio de que os bolinhos eram saudáveis e para provar que não se deixava levar por ninguém.

Com tais subterfúgios e desvios do assunto, livrou-se Sam das perguntas do amo na noite em que se instalou na Prisão de Fleet. Conhecendo que eram

inúteis os argumentos suaves, consentiu o sr. Pickwick, se bem a contragosto, em que ele se alojasse, a tanto por semana, com um remendão calvo que ocupava um quartinho numa das galerias superiores. Para o humilde aposento removeu Sam um leito e um colchão alugados ao sr. Roker; e, apenas se deitou neles para passar a noite, sentiu-se tão à vontade como se tivesse sido criado na prisão, e toda a sua família houvesse ali vegetado durante três gerações consecutivas.

— Você fuma sempre depois de deitar-se, meu galo velho? — perguntou Sam ao hospedeiro, depois de recolhidos ambos.

— Fumo, sim, meu frangote da Índia — replicou o sapateiro.

— Dá-me licença de perguntar-lhe por que faz a cama debaixo dessa mesa?

— Porque sempre dormi em cama de armação, antes de vir para cá, e as pernas da mesa me parecem fazer o mesmo efeito.

— Você é um original!...

— Nem tanto!... — reguingou o remendão, sacudindo a cabeça. — E, se você está à procura de algum, creio que lhe será difícil encontrá-lo por aqui.

Este breve diálogo travara-se entre Sam estirado em seu colchão, num dos extremos do quarto, e o sapateiro no seu, no extremo oposto.

O aposento era iluminado por uma vela e o cachimbo do remendão, que lampejava debaixo da mesa como brasa. A palestra, rápida como fora, predisusera Sam em favor do hospedeiro. Recostou-se no cotovelo e examinou-o mais detidamente do que tivera até então vagar ou desejo de fazê-lo.

Era um homem pálido, como são de resto todos os sapateiros remendões. E tinha uma barba cerdosa e forte, como todos eles têm. A cara era contorcida, mas cheia de bom humor, ornamentada por uns olhos que em seu tempo deviam ter tido expressão alegre, pois ainda despediam faíscas. Teria ele sessenta anos de idade, e Deus sabe quantos de prisão. Era um homenzinho baixo e, meio dobrado na cama como estava, parecia pouco mais ou menos do comprimento que teria sem pernas. Trazia na boca um grande cachimbo vermelho e fumava e fitava a vela num estado de invejável placidez.

— Você está aqui há muito? — perguntou Sam quebrando um silêncio de minutos.

— Doze anos — respondeu o remendão, mordendo, ao falar, a ponta do cachimbo.

— Por desprezo pela Chancelaria?

O remendão fez um gesto afirmativo.

— Pois então — revidou Sam, severo —, por que continua em sua obstinação, a gastar nesta pocilga a sua vida preciosa? Por que não cede e diz à Chancelaria que está arrependido de faltar ao respeito ao tribunal, e que não o fará mais?

O remendão empurrou o cachimbo para o canto da boca para sorrir, tornou a levá-lo para o seu lugar, mas não disse palavra.

— Por que não o faz? — teimou Sam.

— Ah! — disse o remendão. — Você não entende dessas coisas. — Que imagina que me tenha arruinado?

— Sei lá — revidou Sam, espevitando a vela. — Suponho que a princípio foram dívidas, hem?

— Nunca devi 1 ceutil. Veja se experimenta outra idéia.

— Então, talvez tenha comprado casas, o que, em bonitas palavras, significa endoidecer; ou se meteu a construir, o que, em linguagem médica, é um mal incurável.

O remendão abanou a cabeça e disse: — Venha outra!

— Não teve demandas, creio? — indagou Sam, suspeito.

— Nunca na minha vida. A verdade é que me arruinei por ter recebido uma herança.

— Esta agora! Se é possível! Quem me dera um inimigo rico que me tramasse a ruína dessa maneira. Dar-lhe-ia toda liberdade.

— Ah! tinha certeza de que você não me acreditaria — disse o remendão, fumando serenamente o cachimbo. — No seu lugar, também não acreditaria; mas nem por isso deixa de ser verdade.

— Como foi isso? — perguntou Sam, já inclinado a acreditar, pelo olhar com que o remendão o fitava.

— Eis como foi. Um velhote, para quem eu trabalhava na província, parente da mulher com quem me casei — ela morreu, graças a Deus —, teve um ataque e foi-se.

— Para onde? — perguntou Sam, a quem os sucessos do dia tinham tornado sonolento.

— Sei lá para onde ele foi? — replicou o remendão fumando pelo nariz para melhor saborear a fumaça. — Esticou as canelas.

— Ah, sim! E depois?

— Depois deixou 5.000 libras.

— No que andou muitíssimo bem.

— A mim deixou 1.000 por ter eu casado com a parenta dele, percebe?

— Muito bem — murmurou Sam.

— E, como estivesse rodeado de muitos sobrinhos que viviam a brigar fez-me seu testamenteiro, encarregando-me de repartir o resto entre eles em fideicomisso, como rezava o testamento.

— Que história é essa de fideicomisso? — perguntou Sam, espertando um pouco — Se não é dinheiro contado, para que serve?

— É um termo legal; quer dizer que tinha confiança em mim.

— Não acredito — redargüiu Sam sacudindo a cabeça. — Não vejo nisso confiança. Mas dá no mesmo, continue.

— Ora muito bem! Quando ia registrar o testamento, os sobrinhos, que estavam fulos por não receberem toda a herança, saltam-lhe em cima com embargos.

— Que vem a ser isso?

— Um instrumento legal, que é como quem diz: “Alto lá!”.

— Já sei: uma espécie de cunhado do “estoure-lhe os miolos”. E depois?

— Mas, vendo que não podiam entender-se uns com os outros para executar o testamento, retiraram os embargos e eu paguei todos os legados. Mal fiz isto, salta-me um dos sobrinhos com uma demanda para anular o testamento. A causa é julgada meses depois, diante de um velho surdo, numa sala escura, lá para os lados do Cemitério S. Paulo, e, depois de quatro advogados terem passado um dia cada um a atrapalhá-lo a preceito, ele leva duas semanas a examinar os documentos em seis volumes e depois dá a sentença de como o testador não estava com todo o seu juízo, e eu tinha de pagar outra vez todo o bago, e as custas ainda por cima. Apelei. Julgou-se a causa diante de quatro cavalheiros muito dorminhocos que já a tinham ouvido no outro tribunal, onde eram letrados sem trabalho. A única diferença é que ali chamavam-lhes doutores, e no outro tribunal, delegados, veja se percebe. Pois bem; eles, com todo o respeito, confirmaram a decisão do velho surdo. Fomos depois para a Chancelaria, onde ainda estamos e continuaremos eternamente. Os meus homens de lei há tempos já me tinham comido as 1.000 libras; de forma que entre o capital, como eles dizem, e as custas, aqui estou pela soma de 10.000 libras, e aqui ficarei a consertar sapatos até morrer. Alguns senhores falaram em levar o caso ao Parlamento e acredito que o fizessem; mas faltava-

lhes tempo de vir ter comigo e eu licença de ir ter com eles; assim, cansaram-se de minhas cartas muito longas e abandonaram o negócio. E aqui tem a verdade nua e crua, sem uma palavra a mais ou a menos, como sabem aqui e lá fora umas cinqüenta pessoas.

O remendão calou-se para ver o efeito que a sua história produzira em Sam. Mas este adormecera. O sapateiro sacudiu a cinza do cachimbo, suspirou, pô-lo no chão, puxou a roupa para a cabeça e também adormeceu.

Na manhã seguinte, estava o sr. Pickwick sozinho a almoçar, e Sam ativamente atarefado no quarto do remendão a escovar as polainas do amo e a engraxar as botas, quando se ouviu bater à porta. Antes de o sr. Pickwick gritar “Entre!” surgiu uma cabeça cabeluda e um barrete de veludo de algodão, artigos de vestuário que ele logo reconheceu como propriedade pessoal do sr. Smangle.

— Como passou? — disse o digno cavalheiro, acompanhando a pergunta com dois ou três sinais de cabeça. — Olhe lá! Espera alguém esta manhã? Estão lá embaixo três cavalheiros, bem postos como o diabo, a perguntarem pelo senhor e a baterem a todas as portas do andar térreo; e têm-se visto acerbamente repelidos pelos pensionistas que tiveram o trabalho de abrir.

— Coitados! Que disparate! — exclamou o sr. Pickwick levantando-se. — Não há dúvida, são amigos meus, de quem já ontem estava à espera.

— Amigos seus! — redargüiu Smangle agarrando a mão do sr. Pickwick. — É quanto basta! Deus me perdoe! Já são amigos meus, desde este momento, e amigos de Mivins também. Pândego fino e divertido, o Mivins, não acha? — disse o sr. Smangle, comovido.

— Conheço pouco esse cavalheiro — disse o sr. Pickwick, hesitante — e...

— Isso sei eu! — interrompeu Smangle, batendo-lhe no ombro. — Há de conhecê-lo melhor e encantar-se-á com ele. Esse sujeito, senhor — continuou Smangle solene —, tem talento para cômico que faria honra ao Teatro de Drury Lane.

— Ah? sim?

— Por Júpiter! Tem sim! Se o senhor o ouvisse a imitar quatro gatos dentro de um carrinho de mão — quatro gatos distintos, sim senhor, dou-lhe minha palavra de honra. Veja o talento do demônio! Não se pode deixar de gostar de homem assim. Só tem um defeito: aquela fraqueza que lhe mencionei, sabe?

Como, a essa altura, o sr. Smangle sacudisse a cabeça num gesto confidencial, o sr. Pickwick julgou-se obrigado a dizer alguma coisa; disse: — Ah! — e fitou a porta com inquietação.

— Ah! — repetiu o sr. Smangle com prolongado suspiro. — É um companheiro de mão-cheia, lá isso é; não conheço melhor, em parte alguma, mas tem aquele senão. Se lhe surgisse pela frente, agora, a alma do avô, pedialhe logo que lhe aceitasse uma letra de câmbio.

— Essa agora!

— É certo. E se tivesse o condão de o evocar outra vez, evocava-o daqui a dois meses e três dias, para renovar a letra.

— Traços notáveis — disse o sr. Pickwick. — Mas receio que, enquanto aqui estamos a tagarelar, meus amigos andem atrapalhados à minha procura.

— Vou-lhes indicar o caminho — disse Smangle encaminhando-se para a porta. — Passe muito bem, não quero importuná-lo enquanto aqui estiverem, compreende? A propósito...

Ao pronunciar estas últimas palavras, Smangle estacou de repente, tornou a fechar a porta que entreabrira e, voltando nos bicos dos pés para o sr. Pickwick, segredou-lhe ao ouvido:

— Não o incomodava emprestar-me meia coroa até o fim da semana que vem?

O sr. Pickwick a custo dissimulou um sorriso; conseguiu entretanto manter a gravidade, sacou da moeda pedida e colocou-a na mão de Smangle. Este, com muitos trejeitos e piscar de olhos, indicando profundo mistério, desapareceu em busca dos três homens, em companhia de quem voltou pouco depois; e, tendo tossido por três vezes e acenado outras tantas com a cabeça, como para garantir ao sr. Pickwick que não se esqueceria de pagar, deu uma roda de afetuosos apertos de mão e afinal retirou-se.

— Queridos amigos — disse o sr. Pickwick apertando alternadamente as mãos do sr. Winkle, do sr. Tupman e do sr. Snodgrass, que eram as três visitas —, estimo imenso vê-los.

O triunvirato estava muito impressionado. O sr. Tupman abanou a cabeça com ares lamentosos; o sr. Snodgrass tirou o lenço do bolso com visível comoção; e o sr. Winkle foi à janela e fungou alto.

— Bom dia, meus senhores — disse Sam, entrando nesse momento com as polainas e os sapatos. — Leve o demo as tristezas, como disse o rapazote

quando lhe morreu a mestra. Sejam bem-vindos ao estabelecimento, meus senhores.

— Este pateta — disse o sr. Pickwick batendo na cabeça de Sam, que se ajoelhou para lhe abotoar as polainas —, este pateta deixou-se prender para ficar ao pé de mim.

— O quê? — exclamaram os três amigos.

— Sim, senhores — disse Sam. — Estou — faça o favor de ficar quieto, senhor — estou preso, meus senhores; encarcerado, como dizia a outra senhora.

— Preso! — exclamou o sr. Winkle com incrível veemência.

— Então, senhor! — redargüiu Sam erguendo a cabeça. — Que é que há?

— É que eu esperava, Sam... não é nada, não é nada — disse o sr. Winkle precipitadamente.

Havia algo de tão desvairado e brusco nas maneiras do sr. Winkle, que o sr. Pickwick involuntariamente fitou os dois amigos como a pedir-lhes explicação.

— De nada sabemos — disse o sr. Tupman, respondendo em voz alta ao silencioso apelo. — Há dois dias que ele anda excitado e com modos diferentes dos usuais. Receamos haja novidade, mas ele nega a pés juntos.

— Não, não — disse o sr. Winkle corando sob o olhar do sr. Pickwick —, realmente não há nada, caro amigo. Terei precisão de sair da cidade, por uns dias, a negócios particulares, e esperava do meu amigo licença para que Sam me acompanhasse.

O sr. Pickwick manifestou ainda maior surpresa.

— Creio — balbuciou o sr. Winkle — que Sam não poria dificuldades, mas obviamente é impossível, se está aqui prisioneiro. Terei portanto de ir só.

Enquanto o sr. Winkle proferia estas palavras, o sr. Pickwick sentiu com espanto os dedos de Sam tremerem sobre as polainas, como se estivesse surpreendido ou sobressaltado. O fiel servo ergueu os olhos para o sr. Winkle quando este acabou de falar e, por instantâneo que fosse o olhar que ambos trocaram, pareceram compreender-se.

— Está ao corrente de alguma coisa, Sam? — perguntou vivamente o sr. Pickwick.

— De nada, senhor — replicou Sam, recomeçando a abotoar com desusada aplicação.

— Tem certeza, Sam?

— Esta agora. Tenho tanta certeza que nunca ouvi falar a tal respeito até o presente. Se tenho algum palpite do caso — acrescentou Sam fitando o sr. Winkle —, não tenho o direito de dizer o que é, com receio de não acertar.

— Eu é que não tenho o direito de imiscuir-me nos negócios particulares de um amigo, por íntimo que seja — disse o sr. Pickwick, depois de breve silêncio. — Cumpre-me dizer apenas que por enquanto nada percebo. E acabou-se. Basta sobre o assunto.

Tendo-se assim expressado, o sr. Pickwick desviou a conversação para outros temas e o sr. Winkle pareceu ir ficando mais à vontade, ainda que muito longe de o estar completamente. Tinham todos tanto em que falar, que a manhã decorreu rápida, e quando, às 3 horas, Sam apresentou em cima da mesinha uma perna de carneiro assada e um enorme pastelão, com vários pratos de legumes e canecas de *porter*, que andavam por cima das cadeiras, do sofá-leito ou por onde calhava, todos se sentiram dispostos a fazer honra à refeição, muito embora a carne tivesse sido comprada e preparada e o pastelão feito e cozinhado na cozinha da prisão, mesmo ali ao lado.

Ao *porter* sucederam uma ou duas garrafas de excelente vinho, para o qual foi despachado pelo sr. Pickwick um mensageiro ao Café da Trompa, em Doctor's Commons. A falar verdade, as tais uma ou duas garrafas mais propriamente poderiam ser mencionadas como uma ou seis garrafas, pois, mal se tomou o vinho e se bebeu o chá, tocou a sineta para que se retirassern as pessoas estranhas à prisão.

Mas, se o procedimento do sr. Winkle fora inexplicável de manhã, tornou-se absolutamente solene e sobrenatural quando, sob a influência dos sentimentos e do quinhão que lhe coubera das garrafas, ele se aprestou a despedir-se do amigo. Deixou-se ficar para trás, até desaparecerem o sr. Tupman e o sr. Snodgrass e, então, agarrou-se fervoroso à mão do sr. Pickwick com uma expressão fisionômica em que a calma de uma resolução desesperada se misturava à quintessência da tristeza.

— Boa noite, meu bom amigo — disse entre os dentes cerrados.

— Deus o abençoe, meu rapaz! — replicou o afetuoso sr. Pickwick, correspondendo calorosamente ao aperto de mão.

— Então, vamos? — gritou o sr. Tupman da galeria.

— Sim, sim, já vou — revidou o sr. Winkle. — Boa noite.

— Boa noite — repetiu o sr. Pickwick.

Seguiu-se outro “Boa noite”, e mais outros, e mais ainda meia dúzia, sem o sr. Winkle largar a mão do amigo e sem desfrutar a vista do seu rosto, com a mesma estranha expressão.

— Aconteceu alguma coisa? — disse por fim o sr. Pickwick, sentindo o braço derreado com as sacudidelas.

— Não, não há nada — disse o sr. Winkle.

— Então, boa noite — repetiu o sr. Pickwick, esforçando-se por desembaraçar a mão.

— Meu amigo, meu benfeitor, meu venerado colega — murmurou o sr. Winkle agarrando-lhe o pulso. — Não seja severo, não me julgue mal quando souber a que extremidades fui levado, por obstáculos insuperáveis...

— Então, vamos? — repetiu o sr. Tupman, reaparecendo à porta.

— Se você não vier, ficaremos aferrolhados aqui dentro!

— Pronto, já vou! — revidou o sr. Winkle, e, num violento esforço, saiu do quarto.

Estava ainda o sr. Pickwick a segui-los com a vista cheia de pasmo, quando surgiu Sam no topo da escada e segredou um momento ao ouvido do sr. Winkle.

— Com certeza, conte comigo — disse este em voz alta.

— Obrigado, senhor. Não se esquece?

— Decerto que não.

— Desejo-lhe boa sorte — murmurou Sam levando a mão ao chapéu.

— Gostaria imenso de ir com o senhor; mas o patrão está em primeiro lugar, é claro.

— Faz-lhe muita honra o ficar aqui — disse o sr. Winkle. E ambos sumiram-se escada abaixo.

— Extraordinário! — murmurou o sr. Pickwick de volta para o quarto e assentando-se à mesa com ar pensativo. — Que é que pode ir fazer aquele rapaz?

Há algum tempo parafusava no assunto, quando ouviu a voz de Roker, o carcereiro, perguntando se podia entrar.

— À vontade — disse o sr. Pickwick.

— Trouxe-lhe um travesseiro macio, em lugar do que teve provisoriamente, a noite passada.

— Obrigado. Toma um copo de vinho?

— Que bondade a sua! — replicou o sr. Roker, aceitando o copo que lhe ofereciam. — À sua saúde, senhor!

— Obrigado.

— Custa-me dizer-lhe que o seu senhorio está muito mal — disse Roker pousando o copo e inspecionando o forro do chapéu antes de recolocá-lo na cabeça.

— Quem? O prisioneiro da Chancelaria?

— Não ficará preso na Chancelaria muito tempo — replicou Roker voltando o chapéu até lhe ficar debaixo dos olhos o nome do fabricante.

— Você dá-me arrepios. Explique-se.

— Há muito que está tísico e esta noite passou tão mal que lhe custava respirar. O doutor há seis meses disse que só a mudança de ares o poderia salvar.

— Santo Deus! — exclamou o sr. Pickwick. — Então, há seis meses este homem tem sido lentamente assassinado pela lei?

— Lá disso é que eu não sei — disse Roker sopesando o chapéu pelas abas, com as mãos. — Ao que me parece, ele morreria, onde quer que fosse. Baixou esta manhã à enfermaria; diz o doutor que é preciso sustentar-lhe as forças quanto possível e o diretor mandou-lhe caldo, vinho e coisas que tais, de sua casa. A culpa não é do diretor, o senhor bem vê.

— Claro que não — replicou vivamente o sr. Pickwick.

— E no entanto — continuou Roker abanando a cabeça — ele parece-me por um fio; ainda há pouco, propus uma aposta a Neddy, 1 xelim contra meio, mas ele não quis aceitar, e fez muito bem. Obrigado, senhor. Muito boa noite...

— Espere um pouco — volveu o sr. Pickwick com insistência. — Onde fica a enfermaria?

— Bem em cima do seu quarto. Mostro-lhe o caminho, se quiser.

O sr. Pickwick agarrou o chapéu e seguiu-o incontinenti.

O carcereiro conduziu-o em silêncio, ergueu de mansinho a aldraba da porta e fez sinal ao sr. Pickwick para entrar. Era uma sala grande, desaconchegada, nua, com uma porção de leitos de ferro; num deles jazia estendida a sombra de um homem magro, lívido, cadavérico. Respirava com dificuldade, gemia dolorosamente. À cabeceira sentava-se um velho baixo, com um avental de remendão que, com uns óculos de aros de chifre, lia alto numa bíblia. Era o ditoso legatário.

O doente pousou a mão no braço do enfermeiro e fez-lhe sinal que parasse. O velho fechou o livro e colocou-o em cima da cama.

— Abra a janela — disse o doente.

Ele obedeceu. Irromperam no aposento o rumor de carruagens e carroças, o ruído das rodas, gritos de homens e crianças, todos os rumores de uma vigorosa multidão atarefada e cheia de vida, confundidos num profundo murmúrio. Acima do ruído ouvia-se de quando em vez uma gargalhada estrepitosa, ou farrapos de uma canção alegre entoada por alguém em meio ao turbilhão, perdendo-se logo no tumulto das vozes e no sussurro dos passos — como os escarcéus do inquieto mar da vida a rebentarem, rolarem lá fora. Sons melancólicos em qualquer ocasião, para um ouvinte sereno, mas quanto mais para o que vela junto ao leito de um moribundo!

— Não há ar aqui dentro! — disse o doente com voz débil. — Estes muros o corrompem; era tão fresco, por estas vizinhanças, quando eu passeava, há muitos anos, mas ao transpor estas paredes, fica pesado e ardente!... Não posso mais respirá-lo.

— Há muito que o respiramos juntos — disse o sapateiro. — Vamos! Sossegue!

Houve um curto silêncio em que os dois espectadores se aproximaram da cama. O doente puxou para si a mão do velho colega de cárcere e, apertando-a afetuosamente nas suas, reteve-a com vigor.

— Espero — balbuciou ele após uma pausa, tão debilmente que foi mister acercarem os ouvidos da cama para ouvir os sons mal formulados, que se lhe coavam dos lábios lívidos e frios —, espero que o meu juiz misericordioso leve em conta minha pesada punição na terra. Vinte anos, meu amigo, vinte anos neste túmulo medonho! Partiu-se-me o coração quando morreu meu filho, e nem mesmo o pude beijar em seu pequenino esquiife. Desde então, em meio a este tumulto, meu desamparo tem sido horrendo. Deus me perdoe! Ele tem acompanhado minha prolongada e solitária agonia!

O infeliz juntou as mãos, murmurou mais algumas palavras que ninguém ouviu e adormeceu — com efeito, a princípio adormeceu, porque os assistentes o viram sorrir. Cochicharam entre si algum tempo. Roker depois inclinou-se sobre o travesseiro e tornou a erguer-se rapidamente. — É o que é! Ei-lo finalmente libertado!

Era verdade. Mas em vida ele se fora assemelhando à morte de tal maneira que os circunstantes nem sequer haviam percebido que o desgraçado falecera.

CAPÍTULO XLV

EM QUE SE DESCREVE UMA TOCANTE ENTREVISTA ENTRE O SR. SAMUEL WELLER E SUA FAMÍLIA. O SR. PICKWICK DÁ A VOLTA AO PEQUENO MUNDO EM QUE HABITA E RESOLVE DALI POR DIANTE MISTURAR-SE A ELE O MENOS POSSÍVEL.

POUCOS DIAS DEPOIS DO ENCARCERAMENTO, tendo o sr. Samuel Weller arranjado o quarto do amo com o maior desvelo possível e tendo-o deixado confortavelmente acomodado diante de seus livros e papéis, retirou-se para matar uma ou duas horas o melhor que pudesse. Era por uma bela manhã e ocorreu a Sam que 1 quartilho de *porter* tomado ao ar livre concorreria para desanuviar-lhe o próximo quarto de hora, tanto como qualquer outra distração ao seu alcance.

Chegado a esta conclusão, dirigiu-se ao botequim, comprou cerveja, conseguiu o jornal da antevéspera, encaminhou-se para o pátio do chinquillo, sentou-se e tratou de divertir-se de maneira metódica.

Em primeiro lugar, engoliu um gole de cerveja e ergueu depois os olhos para uma janela, a fitar platonicamente uma rapariga que lá estava a descascar batatas. Abriu então o jornal e dobrou-o de modo que ficassem para cima as notícias da polícia; e, como isto é difícil quando há vento, bebeu outro gole logo que o conseguiu. Em seguida leu duas linhas do jornal e parou para observar dois homens que estavam ultimando uma partida de péla. Terminada esta, exclamou: “Muito bem!”, como um aplauso, e olhou em volta para os espectadores, a fim de verificar se concordavam com sua opinião. O que trouxe a necessidade de olhar também para as janelas; e, como a rapariga ainda lá estivesse, era um ato de cortesia piscar outra vez o olho e beber outro gole de cerveja à saúde dela, por mímica. Foi o que fez Sam; e, com uma terrível carantonha a um garoto que de olhos arregalados lhe contemplara os movimentos, cruzou uma perna sobre a outra, pegou do jornal com as duas mãos e começou a ler com atenção.

Mal se recolhera à abstração necessária, pareceu-lhe ouvir o próprio nome chamado de longe, de um corredor. Não se enganava; seu nome passava de boca em boca e em poucos segundos retumbavam nos ares os brados de “Weller!”.

— Pronto! — berrou Sam com voz de trovão. — Que é que há? Que querem dele? Veio algum expresso notificar-lhe que sua casa de campo se incendiou?

— Está alguém à sua procura no locutório — disse um homem, aproximando-se.

— Preste atenção na caneca e no jornal, faça o favor, meu velhote. Eu já volto. Safa! Se me chamassem para o tribunal, não fariam tanta algazarra!

Sam acompanhou estas palavras com um tapinha na cabeça do garoto mencionado, que, ignorando achar-se perto da pessoa reclamada, continuava a guinchar com toda a força: “Weller!”. Atravessou rapidamente o pátio e galgou a escada até o locutório. Ali, o primeiro que viu foi seu estremecido pai, sentado no primeiro degrau da escada, de chapéu na mão, berrando a plenos pulmões: “Weller”, com intermitências de meio minuto.

— Por que está o senhor a urrar? — ralhou Sam com impetuosidade, quando o velho disparou outro berro. — Está esfogueteado como um soprador de garrafas. Que é isso?

— Ah! — replicou o velho. — Começava a recear que você tivesse ido dar um giro no Regent’s Park, Sammy.

— Ora, adeus! Nada de brincadeiras com a vítima de sua avareza. Saia desse degrau. Por que está aí sentado? Não é aí que eu durmo.

— Trago-lhe com que se divertir, e muito, Sammy — declarou o sr. Weller sênior erguendo-se.

— Espere um pouco, o senhor tem as costas brancas.

— É verdade, Sammy, limpe-me — disse o sr. Weller enquanto o filho o sacudia. — Pode parecer pilhéria, isso de andar alguém caiado.^[21]

Como, nesse ponto, o sr. Weller manifestasse sintomas inequívocos de um iminente ataque de riso, Sam interveio para lhe pôr cobro.

— Tenha propósito. Nunca vi homem mais amigo de caretas. Que tem o senhor que se torcer agora?

— Sammy — disse o sr. Weller enxugando a testa —, tenho receio, meu filho, de rir tanto qualquer desses dias, que acabe numa apoplexia.

— Pois então, para que ri tanto? Vamos, que é que o senhor tem a dizer-me?

— Quem imagina você que veio em minha companhia, Samuel? — disse o sr. Weller recuando dois passos, levantando os sobrolhos e arreganhando a boca.

— Pell? — perguntou Sam.

O sr. Weller abanou a cabeça e as bochechas distenderam-se com o riso prestes a soltar-se.

— O homem da cara malhada, talvez?

O sr. Weller tornou a abanar a cabeça.

— Quem é então?

— Sua madrasta, Sammy! — disse o sr. Weller. E felizmente estava dito, pois suas bochechas na certa teriam rebentado, à força de se distenderem.

— Sua madrasta, Sammy, e o homem de nariz vermelho, meu rapaz. Oh! oh! oh!

E o sr. Weller caiu em frouxos de riso, enquanto Sam o contemplava com expressão sorridente que a pouco e pouco se lhe espalhou por toda a fisionomia.

— Vieram para uma conversinha séria com você, Samuel — disse o sr. Weller limpando os olhos. — Não os deixe suspeitar do credor desnaturado.

— Como! Eles não sabem quem é?

— Nem por sombras.

— Onde estão eles? — disse Sam, correspondendo com as suas a todas as carantonhas do velho.

— Ao lado do café. Fosse você capaz de apanhar o homem do nariz vermelho a não ser onde haja bebidas; espere por essa, Samuel! Fizemos uma passeata de mão-cheia, de carruagem, para vir aqui, desde o Marquês de Granby, Sammy — disse o sr. Weller, ao ver-se capaz de emitir sons articulados. — Vinha eu a guiar a pileca malhada, naquele *break* que era do defunto de sua madrasta, e tinham-lhe enfiado dentro uma cadeira de braços para o pastor. E quero ser enforcado — continuou o sr. Weller com um olhar de profundo desprezo —, quero ser enforcado, se não trouxeram na estrada, defronte da porta, uns degraus para ele trepar.

— Deveras?

— A pura verdade, Sammy. Quisera que você o tivesse visto, segurando-se dos lados para subir, como se tivesse medo de dar um trambolhão da altura de

6 pés e ficar desfeito em pedacinhos. Mas afinal entrou e pusemo-nos a caminho; mas temo, Samuel... temo que tenha apanhado uns safanõezinhos, quando virávamos as esquinas.

— Ah! sim! Provavelmente o senhor, como que por acaso, foi atirando a caranguejola por cima de um ou dois marcos?

— Temo — replicou o sr. Weller, piscando os olhos seguidamente —, temo ter esbarrado por alguns; porque ele, por todo o caminho, voava fora da cadeira.

Nisto, o velho sacudiu a cabeça para os lados e foi acometido de uma gargalhada interna, acompanhada de violenta distensão de todas as feições — sintomas que muito assustaram o filho.

— Não se assuste, Sammy, não se assuste! — disse o velho quando, à custa de muitos esforços e várias patadas no chão, conseguiu recobrar a voz. — Isto é uma espécie de riso para dentro que ando a experimentar, Sammy.

— Pois se é isso, o melhor é não tornar a experimentá-lo; o senhor verá, mais dia menos dia, os perigos dessa invenção.

— Não gosta dela, Sammy?

— Absolutamente.

— Pois olhe! — disse o sr. Weller com lágrimas ainda a correrem-lhe pelas faces. — Calhava-me muito, se me habituasse; poupava-me muito palavreado entre mim e sua madrastra. Mas tem razão, Sammy; é puxativo dos diabos para uma apoplexia, lá isso é.

Com este cavaco, foram chegando à porta do gabinete contíguo ao café, onde Sam entrou primeiro, parando um instante para lançar por cima do ombro um olhar malicioso ao respeitável progenitor, que continuava atrás dele com o sorriso nos lábios.

— Minha madrastra — disse Sam saudando cortesmente a senhora —, muitíssimo obrigado pela sua visita. Pastor, como tem passado?

— Oh! Samuel! — disse a sra. Weller. — Isto é de arrepiar!

— Nem por isso, mamãe — replicou Sam. — Acha que é, pastor?

O sr. Stiggins levantou as mãos e ergueu os olhos até mostrar só o branco — ou melhor, o amarelo —, mas não respondeu com palavras.

— Este senhor não se está sentindo bem? — perguntou Sam olhando para a madrastra.

— O excelente homem está angustiado de vê-lo aqui, Samuel — respondeu a sra. Weller.

— Ah! só isso? Ao vê-lo assim, receei que se tivesse esquecido de deitar pimenta no último pepino que comeu. Sente-se, homem, não se paga mais por isso, como notou o rei aos seus ministros ao querer ralhar com eles.

— Rapaz — disse o sr. Stiggins com ostentação —, receio que a prisão não lhe sirva de proveito.

— Perdão, senhor, que foi que se dignou observar?

— Tenho para mim, mancebo, que o seu gênio não amoleceu com este castigo — disse o sr. Stiggins em voz alta.

— Isso é bondade sua! O meu gênio, de fato, não é lá muito mole. Agradeço-lhe a boa opinião.

A esta altura, ouviu-se um som indecorosamente parecido com uma gargalhada, procedente da cadeira em que se sentava o sr. Weller sênior. Sua cara-metade, considerando rapidamente o caso, julgou seu dever ir-se deixando escorregar para um faniquito.

— Weller! — bradou a sra. Weller (o velhote sentava-se a um canto). — Weller! Venha cá!

— Muito obrigado, querida; sinto-me bem onde estou.

A sra. Weller desandou a chorar.

— Mamãe, que tem a senhora? — indagou Sam.

— Ah! Samuel! Seu pai faz a minha desgraça! Nada haverá que lhe aproveite?

— Está ouvindo? — exclamou Sam. — Esta senhora perguntou se não há nada que lhe aproveite.

— Penhorado com a delicada pergunta da sra. Weller — revidou o velhote. — Parece-me que o que me aproveitava agora a valer era um cachimbo. Sammy, pode arranjar-me um?

Ao ouvi-lo, a sra. Weller chorou com mais força e o sr. Stiggins soltou um gemido.

— Mau, mau! está outra vez com a dor, esse desventurado! — disse Sam olhando em roda. — Onde é que lhe dói agora?

— No mesmo lugar, mancebo, no mesmo lugar.

— Onde vem a ser? — perguntou Sam com ares de simplicidade.

— No coração, mancebo — replicou o sr. Stiggins, apoiando o guarda-chuva em cima do colete.

A esta tocante resposta, a sra. Weller, incapaz de conter a comoção, soluçou ainda mais alto e externou a convicção de que o homem de nariz

vermelho era um santo. Ao que o sr. Weller se aventurou a sugerir: de pau carunchoso.

— Tenho medo, mamãe — disse Sam —, de que este cavalheiro esteja com um bocadinho de sede, devido ao espetáculo melancólico que presencia. Será o caso, mamãe?

A digna senhora olhou para o sr. Stiggins como a pedir resposta e o cavalheiro, rolando os olhos, apertou a garganta com a mão direita e simulou o ato de engolir, para dar a perceber que tinha sede.

— Temo realmente, Samuel, que a comoção o tenha reduzido a este estado de secura — disse tristemente a sra. Weller.

— Que é que costuma beber? — perguntou Sam.

— Oh, meu jovem e caro amigo, isso de bebidas não passa de vaidade.

— Quanta verdade nisso, quanta verdade! — murmurou a sra. Weller num gemido e abanando a cabeça com ares de aprovação.

— Pois sim! Não duvido — assentiu Sam. — Mas qual a vaidade que melhor lhe sabe? Qual a sua vaidade predileta?

— Meu jovem e caro amigo, desprezo-as todas. No entanto — disse o sr. Stiggins —, se alguma é menos odiosa que as outras, é o licor de nome rum: quente, meu amiguinho, com três pedaços de açúcar no copo.

— Sinto muito dizer-lhe, caro senhor, que neste estabelecimento não é permitido vender-se essa vaidade.

— Oh! a dureza de coração desses inveterados! — exclamou o sr. Stiggins. — A maldita crueza desses bárbaros perseguidores!

Com estas palavras, o sr. Stiggins tornou a erguer os olhos e a bater no peito com o guarda-chuva; e deve-se ao reverendo cavalheiro a justiça de confessar que sua indignação parecia sincera.

Depois que a sra. Weller e o homem de nariz vermelho comentaram enérgicos este hábito desumano e proferiram grande número de pias execrações contra seus autores, o sr. Stiggins recomendou uma garrafa de vinho do Porto, com um pouco de água quente, especiarias e açúcar, como agradável ao estômago e menos sabor de vaidade que outras misturas. Deu-se ordem pois que se preparasse a bebida; no entanto, o homem de nariz vermelho e a sra. Weller continuaram a fitar o sr. Weller sênior com pungentes gemidos.

— Então, Sammy! — exclamou este último. — Espero que se tenha animado com esta amável visita. Uma cavaqueira alegre e instrutiva, não acha, Sammy?

— O senhor o que é, é um perdido — replicou Sam. — E desejo que não mais me torne a fazer dessas ímpias observações.

Longe de edificar-se com semelhante réplica, o sr. Weller sênior voltou às suas risadinhas; e, como este procedimento impenitente fizesse com que a senhora e o sr. Stiggins fechassem os olhos e se balançassem convulsivamente nas cadeiras, o velhote entregou-se jubiloso a vários gestos de pantomima, revelando desejos veementes de retorcer e achatar o nariz do sobredito Stiggins. Numa das ocasiões, por um triz não foi apanhado em flagrante; porque, tendo o sr. Stiggins dado um pulo à chegada do vinho quente, pôs a cabeça em violento contato com o punho cerrado com que o sr. Weller há dois minutos estava a descrever no ar um fogo de artifício imaginário, a 2 polegadas de suas orelhas.

— Tinha o senhor necessidade de estender a mão como um selvagem, para apanhar o copo? — exclamou Sam, com grande presença de espírito. — Não vê que bateu no cavalheiro?

— Foi sem querer, Sammy — disse o sr. Weller, até certo ponto envergonhado do incidente.

— Experimente um medicamento interno — aconselhou Sam, enquanto o sr. Stiggins esfregava a cabeça com ar lastimável.

— Que me diz o senhor a esta vaidade quente?

O sr. Stiggins não deu resposta verbal, mas seus gestos foram eloqüentes. Provou o conteúdo do copo que Sam lhe entregou, pôs o guarda-chuva no chão, e tornou a provar, passando placidamente a mão duas ou três vezes pelo estômago; em seguida bebeu tudo de um só trago e, com um estalido nos lábios, estendeu o copo, a pedir mais.

A sra. Weller não lhe ficou atrás em prestar honras à mistura. A excelente senhora começou protestando que não podia sequer chegar aos lábios uma gotinha; depois, sempre aceitou uma, depois outra, e depois um grande número delas; e como sua sensibilidade, aparentemente, era da natureza dessas substâncias que se dissolvem no álcool, a cada gota de vinho quente ela derramava uma lágrima, e assim foi refinando a sensibilidade, até chegar afinal ao patético auge da angústia.

O sr. Weller observava tais sintomas com manifesta repugnância; e quando, à segunda dose da mistura, o sr. Stiggins deu de suspirar de forma espantosa, ele expressou desaprovação com frases incoerentes, entre as quais uma irritada repetição da palavra “troça” era perceptível.

— Quer saber, meu filho? — cochichou o velho ao ouvido de Sam, depois de contemplar longamente a mulher e o reverendo Stiggins. — Está-me parecendo haver um desarranjo no interior de sua madrastra e no homem de nariz vermelho.

— Que quer dizer o senhor?

— Quero dizer que, ao que parece, não lhes serve de proveito o que bebem; transforma-se tudo em água morna e desata a escorrer-lhes dos olhos. Acredite, Sam, isto é doença crônica.

O sr. Weller proferiu esta opinião com muitos sobrecenhos e acenos confirmatórios. A sra. Weller reparou neles e, deduzindo tivessem alguma referência ou ao sr. Stiggins, ou a ela, ou a ambos, ameaçou piorar extremamente. Nisto, o sr. Stiggins, aguentando-se nas pernas o melhor que podia, abriu num edificante discurso em benefício da assistência, mais especialmente do sr. Samuel, a quem implorou, em termos tocantes, se pusesse em guarda no abismo de iniquidade para onde o haviam arremessado; que se abstivesse de toda soberba, de toda hipocrisia; e tomasse, em todas as coisas, por modelo exato, a ele, Stiggins. Porque, em tal caso, podia esperar o chegar mais cedo ou mais tarde à agradável conclusão de ser, à semelhança dele, orador, um caráter sumamente virtuoso e estimável, ao passo que os conhecidos e amigos eram miseráveis réprobos, abandonados de Deus — consideração que, no parecer do sr. Stiggins, não podia deixar de proporcionar-lhe o mais vivo contentamento. Além disso, suplicou-lhe evitasse principalmente o vício da embriaguez, que ele emparelhava com os asquerosos hábitos dos porcos e com essas drogas funestas e peçonhentas que, depois de investigadas, consta apagarem a memória. Nesta parte do discurso o reverendo cavalheiro de nariz vermelho começou a meter os pés pelas mãos; e, como vacilasse nas pernas, em virtude da excitação da eloquência, viu-se obrigado a agarrar-se às costas de uma cadeira para manter-se em linha vertical.

O sr. Stiggins não animou os ouvintes a acautelarem-se contra os falsos profetas e zombadores da religião que, sem inteligência para expor suas doutrinas, nem coração para lhes sentir os princípios, são membros mais perigosos da sociedade que o criminoso vulgar; visto que, necessariamente, influem nos espíritos menos esclarecidos, ou mais fracos, lançando o desprezo sobre o que se deve considerar mais sagrado, e ferindo em parte a reputação de grande número de pessoas honestas e virtuosas de muitas seitas e crenças verdadeiramente respeitáveis. Mas, como ficou muito tempo apoiado às costas

da cadeira, com um olho fechado e a pestanejar com o outro, é de presumir-se que pensara muito em tais problemas, mas que os guardara para si.

Durante este discurso a sra. Weller fartou-se de chorar e soluçar no fim de cada período, enquanto Sam, cavalgando uma cadeira, braços apoiados nas costas dela, contemplava o orador com um semblante repassado de infinita doçura, relanceando para o pai de quando em quando um olhar de inteligência. O velho, que a princípio se encantara, no meio do discurso estava dormindo.

— Bravos! Lindíssimo! — exclamou Sam quando o homem de nariz vermelho, tendo terminado, começou a calçar as luvas furadas, metendo os dedos pelos buracos. — Lindíssimo!

— Espero que lhe sirva de proveito, Sam — disse solenemente a sra. Weller.

— Confio que sim, mamãe — replicou Sam.

— Quem me dera esperar o mesmo com relação a seu pai!

— Muito agradecido, meu amor — disse o sr. Weller sênior. — Como se sente agora, querida?

— Herege! — exclamou a sra. Weller.

— Homem perdido! — proferiu o reverendo Stiggins.

— Se eu não arranjar luz melhor que o luarzinho que me dá, meu santinho — redargüiu o sr. Weller —, o mais provável é que continue a ser uma tipóia noturna, enquanto me deixarem rodar pela estrada. E agora, sra. Weller, se a pileca malhada se demora muito na cavalaça, ao voltarmos nada haverá que a agüente e aquela cadeira de braços será capaz de ir para cima de uma sebe, em companhia do pastor.

Ao ouvir a suposição, o reverendo sr. Stiggins, evidentemente aflito, agarrou no guarda-chuva e no chapéu e propôs partissem imediatamente. A sra. Weller concordou. Sam acompanhou-os até a portaria e despediu-se com todo o respeito.

— *Adiou*, Samuel — disse o velhote.

— Que é *adiou*? — perguntou Sam.

— E como quem diz passe bem, adeus.

— Ah! é isso? Então adeus, velho danado.

— Sammy — cochichou o sr. Weller olhando em roda, cauteloso —, meus cumprimentos ao patrão, e diga-lhe que, se tiver alguma idéia a respeito do seu negócio, que me faça saber. Um marceneiro e eu inventamos um plano para ele

fugir. Um piano, Sammy, um piano! — explicou o sr. Weller batendo no peito do filho com as costas da mão e recuando dois passos.

— Que quer dizer o senhor? — perguntou Sam.

— Um piano forte, Samuel — redargüiu o sr. Weller ainda mais misterioso. — Um piano que ele pode alugar; um piano que não toca, Sammy.

— E para que serve?

— Ele manda dizer ao meu amigo marceneiro que o venha buscar, Sammy. Compreende agora?

— Não.

— O piano não traz maquinismos por dentro. Agüenta-se com o chapéu e sapatos, e pode respirar pelos pés, que são ocos. É ter já passagem tomada para a América. O governo americano, esse é que não o larga, logo percebe que ele tem gaita para gastar. E seu patrão deixe-se ficar por lá até a sra. Bardell morrer ou Dodson e o sr. Fogg serem enforcados; esta última coisa é provável que aconteça primeiro, Sammy. E depois volte e escreva um livro a respeito dos americanos, que lhe pague todas as despesas; o caso é desancá-los bem.

O sr. Weller expôs com veemência de gestos esta rápida sümula de sua trama e depois, como se receasse enfraquecer o efeito da estupenda comunicação com mais palavras, fez o cumprimento do cocheiro e safou-se.

Mal tinha Sam recobrado sua habitual gravidade, muito alterada pela comunicação secreta do venerado progenitor, o sr. Pickwick se acercou dele.

— Sam!

— Senhor!

— Vou dar uma volta pela prisão, e desejo que você me acompanhe. Vejo um prisioneiro nosso conhecido a dirigir-se para aqui, Sam — disse a sorrir o sr. Pickwick.

— Quem é, senhor? O cabeludo, ou o interessante cativo de pernas tortas?

— Nem um nem outro. É um velho amigo seu, Sam.

— Amigo meu, senhor?

— Há de lembrar-se dele, estou certo, Sam. Aliás, você é mais desmemoriado para com seus antigos conhecimentos do que julgava. Caluda! Nem uma palavra, nem uma sílaba, Sam! Cá está ele.

Entrementes Jingle aproximava-se. Com aparência menos miserável, com o fato meio usado que, graças ao auxílio do sr. Pickwick, fora resgatado da casa de penhores. Trazia o cabelo cortado e roupa limpa, embora muito magro e pálido. Ao vê-lo arrastar-se lentamente, apoiado a uma bengala, fácil era

deduzir-se que sofrera cruelmente com a moléstia e a miséria, e que estava ainda muito fraco. Tirou o chapéu quando o sr. Pickwick foi cumprimentá-lo e pareceu envergonhado à vista de Sam Weller.

Logo atrás seguia Trotter, que, no catálogo de seus vícios, todavia não contava a falta de afeição e fidelidade ao companheiro. Continuava andrajoso e sujo, mas já não tinha o rosto macilento como poucos dias antes, por ocasião do primeiro encontro com o sr. Pickwick. Ao tirar o chapéu ao nosso benevolente amigo, murmurou palavras de gratidão e resmungou o que quer que fosse sobre o ter sido salvo de morrer à fome.

— Bem, bem! — disse o sr. Pickwick, interrompendo, impaciente.

— Vá-nos seguindo com Sam. Desejo falar-lhe, sr. Jingle. Pode andar sem dar-lhe o braço?

— Decerto... Às suas ordens... Devagarinho... Pernas trêmulas... cabeça atordoada... tudo à roda qual um tremor de terra... muito atordoado.

— Dê cá o braço — disse o sr. Pickwick.

— Não, não... Posso ir só.

— Que disparate! Encoste-se a mim, sou eu que exijo.

Vendo-o comovido e perturbado, sem saber o que fazer, o sr. Pickwick aplainou as dificuldades, puxando o braço do ator inválido para baixo do seu e levando-o sem dizer palavra sobre o caso.

Durante esse tempo a fisionomia de Sam apresentara a expressão do mais extraordinário espanto que seja possível imaginar. Depois de passear os olhos em silêncio de Job para Jingle e de Jingle para Job, proferiu em voz baixa: “Diabos me levem!”, que repetiu pelo menos vinte vezes, depois do que pareceu ficar totalmente privado de palavra, e tornou a fitar, primeiro um, depois o outro, em muda perplexidade.

— Então, Sam? — disse o sr. Pickwick olhando para trás.

— Vou indo, senhor — replicou este, seguindo maquinalmente o amo, sem tirar os olhos de Job Trotter, que caminhava silencioso a seu lado.

Job conservou algum tempo os olhos cravados no chão e Sam, com os seus pregados no rosto de Job, dava encontrões na gente que andava a passear, tropeçava nos degraus e nas grades, caía em cima das criancinhas, sem mostras de dar por isso, até que Job lhe disse, fitando-o de soslaio:

— Então, como tem passado, sr. Weller?

— É ele! — exclamou Sam. E tendo estabelecido, sem sombra de dúvida, a identidade de Job, bateu na perna e desabafou a comoção num assobio agudo

e prolongado.

— As coisas mudaram muito para mim, sr. Weller — disse Job.

— É o que me parece — exclamou Sam, examinando com sincero pasmo os andrajos do companheiro. — E mudaram para pior, sr. Trotter, como disse aquele sujeito quando recebeu 2 xelins e mais 6 *pence* falsos por uma meia coroa verdadeira.

— É verdade — replicou Job abanando a cabeça. — Agora é que não há fingimento. As lágrimas — acrescentou, com um olhar de astúcia momentânea —, as lágrimas não são as únicas provas da desgraça, nem as melhores.

— Não, não são — replicou Sam em tom expressivo.

— Podem ser de encomenda, sr. Weller.

— Disso sei eu! Há gente que as tem sempre preparadas, não é mais que abrir uma torneira.

— Sim, mas estas não são coisas que se fingem facilmente, sr. Weller. Para consegui-las, o processo é longo e penoso.

Job apontava para as faces macilentas e, arregaçando a manga, mostrava o braço, tão descarnado sob a cobertura da pele, que parecia que o mínimo choque lhe quebraria os ossos.

— O que fez você para isso? — disse Sam, recuando.

— Nada.

— Nada?

— Tenho estado semanas sem fazer nada e pouco mais tenho comido e bebido.

Sam abrangeu num olhar a cara encovada e o mísero traje do sr. Trotter e depois, travando-lhe do braço, começou a puxar por ele com todas as forças.

— Aonde vai, sr. Weller? — perguntou Job, debatendo-se em vão sob as mãos vigorosas do velho inimigo.

— Venha cá — disse Sam —, venha cá! — Não se dignou dar maiores explicações até chegarem ao botequim, e então pediu uma caneca de *porter*, que foi imediatamente servida.

— Agora — disse Sam —, beba isto até a última gota; depois, vire a caneca de fundo para o ar, para eu ver se você tomou todo o remédio.

— Mas, meu caro sr. Weller...

— Engula isso! — disse Sam em tom peremptório.

O sr. Trotter, a esta ordem, levou o copo aos lábios e o foi empinando por gradações quase imperceptíveis. Parou só uma vez para tomar fôlego, mas sem

tirar o rosto de dentro da vasilha, que daí a momentos estendeu a todo o comprimento do braço, de fundo para cima. Nada caiu no chão, a não ser umas partículas de espuma que se destacaram lentamente da borda.

— Belo trabalho! — disse Sam. — Como se sente agora?

— Parece-me que estou melhor — respondeu Job.

— Claro que está. É como quando se mete gás num balão. Vai-se engordando a olhos vistos. Que me diz de outro do mesmo tamanho?

— Agora não vai mais, muito obrigado, sr. Weller.

— Bem! E que me diz de outra coisa mais sólida?

— Graças ao seu bom patrão, temos, às 2 e três quartos, meia perna de carneiro assada ao forno, com batatas por baixo, para não pegar.

— Como! É ele então que tem estado a abastecê-los? — perguntou Sam com expressão enfática.

— Sim, senhor. Ainda mais, sr. Weller, como o meu patrão estava muito doente, ele alugou-nos um quarto à sua custa. Antes disso estávamos numa pocilga. E vem ver-nos à noite, para que ninguém saiba, sr. Weller — acrescentou Job com lágrimas verdadeiras desta vez —, era capaz de servir aquele homem até cair morto redondo aos pés.

— Olhe lá, amigo! Cuidado, nada de graças!

Job Trotter fitou-o, pasmado.

— Nada de graças, é o que lhe digo, amiguinho — repetiu Sam com firmeza. — Ninguém o serve, senão eu. E já que falamos nisso, quero contar-lhe mais outro segredo — continuou Sam, pagando a cerveja. — Nunca me constou, percebe? nem li nos livros de histórias, nem vi em pintura, nenhum anjo de calça e polainas; nem mesmo no teatro, que me lembre, apesar de ser muito possível que lá aparecesse. Mas note bem o que lhe digo, Job Trotter, aquele homem é um anjo inteirinho e verdadeiro, e apareça alguém que ouse afirmar que conhece outro melhor! — Lançando este repto, Sam guardou o troco na algibeira do lado; e, com muitos acenos de cabeça confirmatórios, foi-se à procura do objeto de sua apologia.

Encontraram o sr. Pickwick em companhia de Jingle, conversando animados, sem um olhar para os grupos reunidos no pátio da péla; e, no entanto, eram grupos variados, bem dignos de observação, quando mais não fosse, por simples curiosidade.

— Pois bem — dizia o sr. Pickwick, quando Sam e o companheiro se aproximaram —, o senhor verá como melhora, e entretanto vá pensando nisso.

Quando tiver mais forças, diga-me e discutirei o assunto consigo, depois de refletir sobre ele. Agora vá para o seu quarto. Está cansado e muito fraco ainda, para andar aqui fora muito tempo.

O sr. Alfredo Jingle, sem uma centelha da antiga animação — sem coisa alguma, mesmo da lúgubre alegria que fingira ao encontrá-lo o sr. Pickwick na miséria —, curvou-se sem falar, e, fazendo sinal a Job para que ainda não o acompanhasse, afastou-se vagarosamente.

— Cena curiosa esta, não acha, Sam? — disse o sr. Pickwick olhando em volta de si, de bom humor.

— Muito, senhor — replicou Sam. E depois acrescentou com os seus botões: — Os milagres nunca acabam. Ou eu me engano muito, ou o nosso amigo Jingle estava também na tanga!

A área circunscrita pelos muros, naquela parte da prisão em que estava o sr. Pickwick, era bastante ampla para um bom jogo de péla, sendo um dos lados formado pelo próprio muro e o outro pelo trecho do prédio que olhava (ou olharia, não fosse o muro) para a Catedral de São Paulo. Achava-se ali, em todas as atitudes possíveis de desleixada ociosidade, um grande número de devedores, a maior parte na prisão à espera do dia em que deveria comparecer perante o Tribunal de Insolvências, ao passo que outros se achavam encarcerados por vários prazos, que iam deixando correr o melhor que podiam. Uns esfarrapados, pouco asseados, outros mais decentes; muitos andavam sujos; mas todos se espreguiçavam, mandriavam, passeavam, com tão pouca animação ou interesse como animais numa jaula.

Às janelas que dominavam o passeio debruçavam-se uma porção de indivíduos conversando ruidosamente com os conhecidos que estavam embaixo, ou jogando bola com jogadores do lado de fora; outros observavam os jogadores da malha ou escutavam os gritos dos rapazes que marcavam o jogo. Para a cozinha, a um canto do pátio, passavam mulheres enxovalhadas, arrastando as chinelas; noutra canto, gritavam, lutavam e brincavam crianças. O rumor do chinquillo e os gritos dos jogadores misturavam-se constantemente a estes e mil outros sons; tudo era tumulto e ruído — salvo num pequeno e miserável telheiro, a poucos metros de distância, onde jazia, lívido e imóvel, o corpo do preso da Chancelaria, que falecera a noite passada, aguardando a ironia de um inquérito. O corpo! Esse é o termo legal para a massa turbulenta e irrequieta de cuidados, ansiedades, esperanças, afeições e

mágoas que constituem o homem vivo. A lei possuía o corpo do prisioneiro; lá estava ele, envolto na mortalha, testemunha terrível de sua misericórdia.

— O senhor quer ver uma loja de assobios? — convidou Job Trotter.

— Que é isso? — perguntou o sr. Pickwick.

— Uma loja de assobios? — interveio Sam.

— Que é isso, Sam? Um passarinho?

— Santo Deus! Não! — replicou Job. — Uma loja de assobios é uma loja de bebidas.

O sr. Job Trotter explicou sumariamente que, sendo proibido, sob penas severas, trazer bebidas alcoólicas às prisões por dívidas, e sendo tais licores altamente apreciados pelos cavalheiros e damas nelas metidos, ocorrera a um carcereiro especulador o fechar os olhos, mediante certas considerações lucrativas, a que dois ou três presos vendessem esse apetecido gênero a retalho, em seu próprio proveito e vantagem.

— Este plano, percebe o senhor? — continuou o sr. Trotter — foi-se introduzindo a pouco e pouco em todas as prisões por dívidas.

— E tem a grande vantagem — acrescentou Sam — de que os carcereiros andam de olho alerta para pilhar os contrabandistas, a não ser aqueles que lhes pagam; quando isso se dá, os papéis públicos se fartam de aplaudi-los pela vigilância, de maneira que, de uma cajadada, matam-se dois coelhos: espantam os outros do negócio e sobe-lhes a reputação.

— É isso, sem tirar nem pôr, sr. Weller — observou Job.

— Mas — comentou o sr. Pickwick — nunca se fazem pesquisas nesses aposentos para verificar se lá estão escondidas bebidas espirituosas?

— Claro que se fazem — respondeu Sam —, mas os carcereiros sabem-no de antemão, e previnem os dos assobios, e então é que é assobiar-lhe às botas.

Entrementes, Job batera a uma porta, que foi aberta por um sujeito esgrouviado, e logo aferrolhada, mal eles entraram. O sujeito recebeu-os com uma risadinha, ao que Job respondeu com outra risadinha e Sam também; e o sr. Pickwick, julgando que o mesmo esperavam de sua parte, ficou a sorrir até o fim da entrevista.

O homem pareceu plenamente satisfeito com esta explicação muda do que os trazia ali; e, sacada debaixo da cama uma botija chata, que podia conter mais 2 canadas, encheu três copos de genebra, que Job Trotter e Sam despacharam com a máxima presteza.

— Mais? — disse o homem dos assobios.

— Não — replicou Job Trotter.

O sr. Pickwick pagou; desferrou-se a porta e os três saíram; o sujeito esgrouviado fez um aceno amigo ao sr. Roker, que por acaso passava naquele instante.

O sr. Pickwick foi vagueando por todas as galerias, subiu e desceu escadas, percorreu mais uma vez todo o pátio. A maioria da população do cárcere parecia compor-se de indivíduos da laia de Mivins, Smangle, do vigário, do gatuno e do magarefe. O mesmo burburinho e rebuliço, a mesma imundície, os mesmos aspectos gerais por todos os cantos, nos melhores como nos piores. Toda a prisão irrequieta e turbulenta, aquela gente agrupava-se, deslizava de um para outro lado, como sombras num sonho agitado.

— Estou farto de ver — disse o sr. Pickwick, deixando-se cair numa cadeira do seu pequeno quarto. — Estas cenas fazem-me mal à cabeça e ao coração. De agora em diante ficarei preso em meu quarto.

E o sr. Pickwick cumpriu fielmente a palavra. Durante três longos meses permaneceu fechado o dia todo, só saindo à noite para respirar um pouco de ar, quando a maior parte dos companheiros de cárcere estava na cama ou a divertir-se nos quartos. Sua saúde começou evidentemente a declinar com o rigor da reclusão, mas nem as freqüentes súplicas dos amigos e de Perker, nem os conselhos ainda mais repetidos de Sam conseguiram desviá-lo uma linha sequer de sua imutável decisão.

CAPÍTULO XLVI

QUE REGISTRA UM ATO TOCANTE DE DELICADEZA NÃO DESTITUÍDA DE BRINCADEIRA, PRATICADO PELOS SRS. DODSON E FOGG.

NA ÚLTIMA SEMANA DO MÊS DE JULHO viu-se um cabriolé de praça, cujo número não ficou designado, a rodar rapidamente pela rua Goswell acima. Dentro dele iam três pessoas empilhadas, além do cocheiro, que naturalmente ia sentado na almofada do lado. Sobre a cobertura pendiam dois xales, pertencentes, ao que parecia, a duas senhoras mal-encaradas, protegidas pela dita cobertura. Entre elas, muito apertado, arrumava-se um sujeito de ar submisso, que mal aventurava uma observação, tendo a boca tapada incontinenti pelas repreensões das damas de má aparência. As três personagens davam ao mesmo tempo ao cocheiro instruções contraditórias, tendentes todas a um ponto, que era de parar à porta da sra. Bardell, que o sujeito submisso sustentava ser verde, em contradição às damas, que afiançavam ser amarela.

— Cocheiro, pare na casa de porta verde! — disse o sujeito.

— Criatura insuportável! — exclamou uma das damas. — Pare à porta amarela, cocheiro!

Nisto, o cocheiro, que, num súbito esforço por parar à porta verde, puxara as rédeas ao cavalo com violência tal que o fizera quase recuar para dentro do cabriolé, deixou-o pôr no chão as patas dianteiras e parou, dizendo.

— Então, onde devo parar? Vejam lá se decidem; só quero saber onde é.

Recomeçou a disputa com redobrada violência; e, como o cavalo estava sendo importunado por uma mosca no focinho, o cocheiro foi empregando humanamente os ócios a chicotear-lhe as orelhas, de acordo com o sistema médico dos revulsivos.

— A maioria vence — disse afinal uma das senhoras de má aparência. — A casa da porta amarela, cocheiro.

Mas, depois que o cabriolé rodou até a porta amarela, “fazendo mais ruído que uma carruagem particular”, como fez triunfalmente notar uma das senhoras, e depois que o cocheiro desceu para ajudar as damas a apearem-se, apareceu a cabecinha redonda do garoto Tomás Bardell à janela de uma casa que tinha a porta vermelha, a alguns números de distância.

— Peste de homem! — vituperou a dama mencionada, com um olhar fulminante ao sujeito submisso.

— Mas, querida, a culpa não é minha.

— Cale-se, imbecil! A casa da porta encarnada, cocheiro. Ah! se jamais houve mulher atrelada a um pateta que sente prazer e orgulho em envergonhá-la sempre que pode, diante de estranhos, essa mulher sou eu!

— Voce deveria envergonhar-se, Raddle — disse a outra mulher, que era a sra. Cluppins, sem tirar nem pôr.

— Mas que foi que eu fiz?

— Cale-se, seu bruto! — exclamou a sra. Raddle. — Tenho medo de esquecer-me da seita a que pertença e desancá-lo, percebe?

Entrementes o cocheiro ia puxando o cavalo pela rédea até a casa da porta vermelha, que o pequeno Bardell já abria. Maneira indigna de chegar a uma casa amiga! Nada de estacar com toda a fúria e rompantes do animal, nem o aprear do cocheiro para bater de rijo à porta, nem o abrir a portinhola com estrondo, no último momento, a fim de evitar um resfriado, nem o receber depois os xales da mão do cocheiro, como se este fora um empregado particular. Perdera-se toda a encenação — era mais vulgar que chegar a pé.

— Então, Tommy! — disse a sra. Cluppins. — Como vai sua pobre mamãe?

— Muito bem! Já está pronta na sala de entrada. E eu também estou pronto. — E o pequeno Bardell meteu as mãos nos bolsos e principiou a pular do degrau da porta para a rua e vice-versa.

— Não vai mais ninguém, Tommy? — perguntou a sra. Cluppins arrumando o manto.

— Vai a sra. Sanders, e eu também.

— Fedelho endemoninhado, só pensa em si! Venha cá, Tommy.

— Que é?

— Quem vai mais, meu amor? — perguntou a sra. Cluppins com ar insinuante.

— Ah! vai a sra. Rogers — replicou o menino Bardell arregalando os olhos.

— Como! A senhora que alugou o quarto? — exclamou a sra. Cluppins.

O menino Bardell enterrou mais as mãos nas algibeiras e baixou a cabeça exatamente 35 vezes, para indicar que era essa senhora, e não outra.

— Esta agora! — disse a sra. Cluppins. — É uma verdadeira festa!

— Que diria a senhora, se soubesse o que está no guarda-louça? — perguntou o pequeno.

— O que é, Tommy? — disse a sra. Cluppins, sedutora. — Diga-me, Tommy, vamos!

— Isso é que eu não digo — retorquiu o garoto, abanando a cabeça e recomeçando os pulos no degrau.

— Demônio de petiz! — resmungou a sra. Cluppins. — Que aborrecimento! Vamos, Tommy, conte-o à sua amiguinha Cluppy.

— Mamãe não dá licença! E eu também terei o meu quinhão, eu também! — E, encantada com a agradável perspectiva, a precoce criança entregou-se com renovado vigor ao exercício infantil.

Este interrogatório passara-se enquanto o sr. Raddle, sua mulher e o cocheiro altercavam sobre o preço da corrida. Terminada a altercação, em favor do cocheiro, a sra. Raddle encaminhou-se para a porta a cambalear.

— Santo Deus! Que tem você, Maria Ana? — indagou a sra. Cluppins.

— Ah, Betsy, estou ainda a tremer! Raddle não é um homem; deixa tudo nas minhas costas.

O que era de medíocre justiça para o pobre Raddle, que logo no começo da questão fora posto de parte pela amável esposa, de quem recebera ordens terminantes de não abrir o bico. Nem teve, todavia, tempo para defender-se, pois a sra. Raddle manifestou inequívocos sintomas de um iminente faniquito. Assim que o perceberam da janela da sala, a sra. Bardell, a sra. Sanders, a inquilina e mais a criada da inquilina saíram precipitadamente à rua e transportaram-na para casa, falando todas ao mesmo tempo, cumulando-a de expressões de condolência e piedade, como se ela fosse uma das criaturas mais desventuradas da terra. Depositaram-na no sofá da sala e a senhora do primeiro andar correu em busca de um frasco de sal volátil; agarrou depois a sra. Raddle pelo pescoço e aplicou-lho ao nariz, com toda a piedade e solicitude femininas, até que a senhora, depois de muito barafustar, não teve remédio senão declarar-se melhor.

— Coitadinha! — disse a sra. Rogers. — O que ela sofre sei eu, sei até demais!

— Ah! coitadinha! Eu também sei! — disse a sra. Sanders. E desataram todas a gemer em unísono, dizendo-se cientes do que ela sentia, a lastimá-la do fundo da alma. Até a criada da locatária, que só tinha treze anos e 3 pés de altura, murmurava expressões de simpatia.

— Mas que foi isto? — interrogou a sra. Bardell.

— Sim, que foi que a transtornou dessa maneira, minha senhora? — perguntou a sra. Rogers.

— Fui contrariada — replicou a sra. Raddle em tom de censura. Todas as damas lançaram olhares indignados ao sr. Raddle.

— Digo-lhes, a verdade é — disse o desgraçado dando um passo à frente — que, ao nos apearms, levantou-se uma questão com o cocheiro do cabriolé..

Um grito estridente da esposa, à simples menção desta palavra, tornou inaudíveis as explicações positivas.

— Melhor seria que nos deixasse sós com ela, Raddle — disse a sra. Cluppins. — Não é capaz de voltar ao seu natural, enquanto o vir aqui.

Todas as damas concordaram e o sr. Raddle foi empurrado para fora da sala e intimado a ir tomar o fresco no quintal. Havia um quarto de hora que por lá andava, quando a sra. Bardell lhe anunciou com fisionomia solene que podia entrar, mas tivesse cuidado com seu modo de proceder para com a esposa. A sra. Bardell bem sabia que suas intenções não eram más; mas Maria Ana não possuía resistência e, se ele não tomasse cautela, corria o risco de perdê-la quando menos esperasse, o que depois seria um grande remorso para ele, e assim por diante. Tudo isto ouviu o sr. Raddle com grande submissão, voltando depois para a sala, manso como um cordeiro.

— É verdade, sra. Rogers! — disse a sra. Bardell. — Ainda não a apresentei, que cabeça a minha! Sr. Raddle, minha senhora; sra. Cluppins, minha senhora; sra. Raddle, minha senhora.

— Irmã da sra. Cluppins — ponderou a sra. Sanders.

— De fato? — perguntou graciosamente a sra. Rogers, porque era a locatária e sua criada é que servia; portanto, em virtude de sua posição, era dever seu mostrar-se mais graciosa do que íntima. — Ah! de fato!

A sra. Raddle sorriu docemente, o sr. Raddle inclinou-se e a sra. Cluppins disse ter muitíssimo prazer com o ensejo de travar conhecimento com uma

senhora de que ouvira as melhores referências, como a sra. Rogers — cumprimento que esta agradeceu com elegante condescendência.

— Então, sr. Raddle! — exclamou a sra. Bardell — Estou certa de que se sentirá muito honrado de serem o senhor e Tommy os únicos cavalheiros que acompanham tantas senhoras ao Jardim Espanhol de Hampstead. Não lhe parece, sra. Rogers?

— Naturalmente, minha senhora — replicou a sra. Rogers. E as outras damas repetiram: — Naturalmente!

— Claro que me honro muitíssimo, minha senhora — disse o sr. Raddle, esfregando as mãos e manifestando uma leve tendência para animar-se um pouco. — Na verdade, vinha a dizer pelo caminho, no cabriolé..

À repetição da palavra que tantas e penosas recordações evocava, a sra. Raddle levou novamente o lenço aos olhos e não dominou um grito abafado; a sra. Bardell franziu o cenho para o sr. Raddle, indicando-lhe ser preferível não dizer mais palavra; e com ar digno pediu à criada da sra. Rogers que trouxesse o vinho.

Este foi o sinal para exhibir os tesouros ocultos do guarda-louça, que eram vários pratos de biscoito e laranjas, com uma garrafa de Porto velho, a 1 xelim e 9 *pence*, com outra do celebrado xerez, das Índias Orientais, a 14 *pence*, tudo em honra da inquilina e proporcionando a todos imensa satisfação. Houve grandes aflições da sra. Cluppins, devido às tentativas de Tommy para contar como fora interrogado com relação ao conteúdo do guarda-louça. Mas felizmente foram cortadas a tempo, pois o pequeno engasgou-se com meio copo de Porto e por alguns segundos correu risco de vida. Findo o incidente, puseram-se os convivas a caminho para a diligência de Hampstead e em duas horas achavam-se a salvo no Jardim Espanhol, onde o primeiro ato do mofino Raddle ia ocasionando uma recaída à sua terna esposa. Foi nem mais nem menos que encomendar chá para sete, ao passo que (como as damas observaram em coro) nada havia mais fácil que Tommy beber da xícara de outra pessoa, ou das de todos, quando o criado não reparasse, o que pouparia uma dose de chá, sem que por isso ficasse pior! Enfim, já não havia remédio, e veio a bandeja com sete xícaras e os respectivos pires, com pão e manteiga na mesma escala.

Votou-se por unanimidade que a sra. Bardell assumisse a presidência; a sra. Rogers ficou à sua direita e a sra. Raddle à sua esquerda, e a refeição foi seguindo com grande alegria e sem maiores novidades.

— Como é lindo o campo! — suspirou a sra. Rogers. — Meu desejo seria viver sempre aqui!

— Ora! haveria de aborrecer-se, minha senhora! — replicou a sra. Bardell, com certa vivacidade, pois não era prudente encorajar semelhantes idéias na mente de sua inquilina.

— Ora! a senhora é tão amiga da convivência e tão visitada, que não lhe convinha o campo — disse a sra. Cluppins.

— É possível, minha senhora, é possível! — suspirou a inquilina do primeiro andar.

— Para pessoas sós, que não têm ninguém que se importe com elas, ou que não se importam com pessoa alguma, ou que têm tido desgostos, ou coisa que o valha — observou o sr. Raddle, animando-se um pouco e olhando em volta de si —, o campo é bom; o campo é para as almas feridas, dizem os poetas.

Ora, nada poderia ter dito o desgraçado, que não fosse preferível a isto. Naturalmente, a sra. Bardell desfez-se em prantos e pediu que a tirassem imediatamente da mesa: à vista disso, o terno pequeno também desatou a berrar como um danado.

— Quem poderia crer, minha senhora — exclamou a sra. Raddle voltando-se ferozmente para a inquilina do primeiro andar —, que uma mulher casasse com semelhante malvado, que se propõe ofender-lhe a sensibilidade a cada instante do dia?

— Mas, minha querida — acudiu o sr. Raddle —, não me passou pela mente...

— Não lhe passou pela mente — repetiu a sra. Raddle, com desprezo e sobranceira. — Ponha-se daqui para fora! Não mais posso vê-lo, seu bruto!

— Não se apoquente, Maria Ana — atalhou a sra. Cluppins. — Precisa tomar cuidado consigo, esquece-o muitas vezes. Ande, vá-se embora, Raddle, tenha dó dela, olhe que lhe está fazendo muito mal.

— É melhor que vá tomar o seu chá sozinho, lá isso é — enunciou a sra. Rogers, aplicando outra vez o frasquinho dos cheiros.

A sra. Sanders, que, como de hábito, muito se ocupava com o pão e a manteiga, expressou a mesma opinião e o sr. Raddle retirou-se pacificamente. Trataram depois de içar o pequeno Bardell para os braços da mamãe, mas, como ele já fosse um tanto graúdo para tal operação, meteu os sapatos dentro da bandeja e produziu confusão nas xícaras e pires. Felizmente os ataques desta

espécie, contagiosos entre as damas, raras vezes duram muito; assim sendo, a sra. Bardell, depois de dar ao petiz muitos beijos e de lhe chorar em cima, restabeleceu-se, colocou-o no chão, espantou-se de haver sido tão pouco razoável e serviu-se de outra xícara de chá.

Foi nesse momento que se ouviu um rumor de rodas que se aproximavam e que as senhoras, erguendo os olhos, avistaram um carro de praça parar à porta do jardim.

— Vem aí mais gente — disse a sra. Sanders.

— É um cavalheiro — disse a sra. Raddle.

— É boa! — exclamou a sra. Bardell. — É o sr. Jackson, o empregado de Dodson e Fogg. Ora esta! Querem ver que o sr. Pickwick pagou a indenização!

— Ou ofereceu casamento! — alvitrou a sra. Cluppins.

— Meu Deus, como ele é lerdo! — exclamou a sra. Rogers. — Por que não se apressa um pouco?

Entrementes, o sr. Jackson afastava-se da carruagem onde estivera a fazer observações a um homem mal trajado, de grandes polainas pretas, que naquele momento emergira do veículo com um grosso bengalão de freixo, e encaminhou-se para o sítio onde se achavam as damas, retorcendo o cabelo à roda das abas do chapéu.

— Há novidades sr. Jackson? — perguntou a sra. Bardell ansiosamente.

— Nenhuma, minha senhora — revidou o sr. Jackson. — Como estão, minhas senhoras? Peço-lhes perdão por vir interrompê-las, mas a lei, minhas senhoras, a lei...

Com esta desculpa o sr. Jackson sorriu, cumprimentou a todas em geral e ajeitou novamente o cabelo. A sra. Rogers segredou à sra. Raddle ser ele realmente um rapaz elegante.

— Fui procurá-la na rua Goswell — prosseguiu Jackson —, e, como a criada me disse que estava aqui, tomei um carro e vim. Nossa gente precisa imediatamente da sra. Bardell na cidade.

— Como! — exclamou a dama, sobressaltada com a urgência da comunicação.

— Sim — disse Jackson mordendo os lábios. — É negócio urgente e importante, que não pode sofrer delongas. Disse-mo Dodson terminantemente, e Fogg também. Conservei o carro, para levá-la.

— Coisa estranha! — disse a sra. Bardell.

As damas concordaram ser estranho, mas foram de opinião unânime que devia ser muito importante, para obrigar Dodson e Fogg a mandarem semelhante recado; além disso, sendo o negócio tão urgente, convinha que a sra. Bardell sem demora fosse ter com Dodson e Fogg.

Havia um tal ou qual orgulho e certa importância em ser procurada com tanta pressa pelos seus procuradores, o que nada desagradava à sra. Bardell, especialmente por contribuir a elevá-la aos olhos da locatária. Fez alguns requêbros, afetou contrariedade e hesitação, convencendo-se finalmente de que lhe parecia indispensável ir.

— O sr. Jackson não deseja um refresco, depois de seu trajeto? — perguntou ela em tom persuasivo.

— É que não há tempo a perder — replicou Jackson. — Além do mais, tenho ali um amigo — acrescentou, olhando para o homem do bengalão.

— Ora! Peça ao seu amigo que venha aqui! — convidou a sra. Bardell.

— Esta agora! Muito obrigado, mas não posso — revidou o sr. Jackson um tanto embaraçado. — Ele não está habituado à companhia de senhoras, e fica muito intimidado. Se der ordem ao criado para levar-lhe alguma coisa, nem mesmo estou certo de que ele beba, mas pode experimentar.

Ao terminar o discurso, os dedos do sr. Jackson passearam jocosamente à roda do nariz, para advertir os ouvintes de que falava com ironia. O criado foi logo expedido ao sujeito acanhado, que tomou alguma coisa. O sr. Jackson também tomou alguma coisa, e as damas fizeram o mesmo por espírito hospitaleiro. Tendo o sr. Jackson então declarado serem horas de partir, saltaram para a carruagem a sra. Cluppins, a sra. Sanders e Tommy, que se combinou acompanharia a sra. Bardell, deixando as outras damas sob a proteção do sr. Raddle. Enquanto a sra. Bardell se aprestava a subir, Jackson, olhando para o homem do bengalão, que fumava um charuto na almofada, bradou:

— Isaac!

— O que é?

— Esta senhora é a sra. Bardell.

— Oh! há muito que o sabia.

A sra. Bardell entrou no carro, o sr. Jackson seguiu-a e a carruagem rodou. A sra. Bardell não podia eximir-se de parafusar no que dissera o amigo do sr. Jackson. “Criaturas espertas, estes homens da lei! Com efeito”, pensava ela, “como reconhecem as pessoas!”

— Esta história das custas, cá para nós, é triste, não acha? — disse Jackson, depois de a sra. Sanders e a sra. Cluppins terem adormecido. — Refiro-me às custas de seu processo.

— Sinto muito que não consigam recebê-las — replicou a sra. Bardell.

— Mas visto que os senhores, os homens da lei, tratam destes negócios por especulação, sujeitam-se a apanhar o seu calote, está claro, uma vez por outra.

— Disseram-me que a senhora lhes deu um *cognovit*, pela importância das custas, depois do processo.

— Dei. Simples formalidade.

— Por certo — replicou secamente Jackson. — Simples formalidade, diz muito bem.

Foram seguindo, e a sra. Bardell pegou no sono. Despertou ao cabo de algum tempo, quando o carro parou.

— Como! — exclamou ela. — Já estamos em Freeman's Court?

— Não vamos tão longe — replicou Jackson. — Tenha a bondade de descer.

A sra. Bardell obedeceu, ainda estremunhada. O lugar era curioso: um grande muro com um portão de ferro no meio, e um bico de gás a arder lá dentro.

— Vamos lá, minhas senhoras! — gritou o homem do bengalão, olhando dentro do carro e sacudindo a sra. Sanders para acordá-la. — Desçam! — Despertando a amiga, a sra. Sanders apeou-se. A sra. Bardell, apoiada ao braço de Jackson e conduzindo Tommy pela mão, já penetrara o portal. Eles seguiram-na.

O aposento onde entraram era ainda mais esquisito que a entrada. Uma tal porção de homens em pé, olhos embasbacados para as damas!

— Que lugar é este? — indagou a sra. Bardell estacando.

— Uma de nossas repartições públicas — respondeu Jackson, empurrando-a por uma porta e voltando-se para ver se as outras senhoras a tinham acompanhado. — Atenção, Isaac!

— Não tenha medo! — replicou o homem do bengalão. A porta fechou-se pesada atrás deles e desceram um pequeno lance de escada.

— Afinal, cá estamos! Sãos e salvos, sra. Bardell! — observou Jackson olhando em volta de si com ar triunfante.

— Que quer dizer o senhor? — indagou a sra. Bardell, o coração aos pulos.

— Vou explicar-lhe — replicou Jackson desviando-a um pouco para o lado. — Não se assuste, sra. Bardell. Nunca houve homem mais delicado do que Dodson, minha senhora, nem mais humano do que Fogg. Era sua obrigação, como homens de negócios, aprisioná-la por causa daquelas custas; mas timbravam, tanto quanto possível, em não lhe ferir a sensibilidade. Que consolação para a senhora o pensar como tudo isto se fez! Isto aqui é a prisão de Fleet, minha senhora. E desejo-lhe muito boa noite, sra. Bardell. Boa noite, Tommy.

Assim que Jackson se retirou em companhia do homem da bengala, outro homem, com uma chave na mão, que até ali estivera a contemplá-los, conduziu a assombrada criatura por um segundo lance de escadas que levava a uma porta. A sra. Bardell guinchou desesperada; Tommy rugiu; a sra. Cluppins meteu-se nas encolhas; e a sra. Sanders fugiu sem mais cerimônias. Porque se lhes deparara o sr. Pickwick, que respirava o seu quinhão de ar noturno; e, a seu lado, Samuel Weller, que, à vista da sra. Bardell, tirou o chapéu com zombeteira cortesia, ao passo que o amo voltava as costas com indignação.

— Não atormente a mulherzinha — disse o carcereiro a Sam. — Ela acaba de entrar agora mesmo!

— Prisioneira! — exclamou Sam tornando precipitadamente a pôr o chapéu. — Quem são os queixosos? Por que foi? Responda, velhote.

— Dodson e Fogg — respondeu o homem. — Captura por via de um *cognovit* pelas custas.

— Venha aqui, Job, Job! — berrou Sam precipitando-se para o corredor. — Corra à casa do sr. Perker, Job; preciso dele imediatamente! Uma pechincha para nós! Grande pagode! Hurra! Onde está o patrão?

Mas ninguém lhe deu resposta, porque Job desatara a correr como um danado, apenas recebera o recado, e a sra. Bardell desmaiara, seriamente desta vez.

CAPÍTULO XLVII

PRINCIPALMENTE CONSAGRADO AOS NEGÓCIOS E PROVENTOS TEMPORAIS DE DODSON E FOGG. REAPARECE O SR. WINKLE; E A BENEVOLÊNCIA DO SR. PICKWICK VENCE- LHE A OBSTINAÇÃO.

JOB TROTTER, SEM NADA DIMINUIR NA VELOCIDADE, correu pelo Holborn afora, às vezes pelo meio da rua, outras pela calçada, outras pela valeta, consoante as probabilidades de abrir caminho por entre a chusma de homens, mulheres, crianças e carruagens que enchiam a rua; e, sem se importar com os obstáculos, não parou um só instante, antes de chegar ao portão de Gray's Inn. No entanto, malgrado a rapidez, o portão há meia hora se fechara; e só faltavam quinze minutos para fechar também a prisão, quando ele conseguiu descobrir a lavadeira do sr. Perker, que morava em companhia de uma filha casada com um moço de escritório, num certo número de uma certa rua, mesmo ao pé de certa cervejaria, para as bandas detrás de Gray's Inn Lane. Ainda foi preciso desenterrar o sr. Lowten do gabinete da Pega e Cepo; e, quando afinal Job logrou dar-lhe o recado de Sam Weller, o relógio soava 10 horas.

— Ora, adeus! — disse Lowten. — Agora é tarde. Você não pode entrar esta noite e tem de ficar na rua, meu amigo.

— Não se importe comigo. Durmo em qualquer parte. Mas não seria melhor falar ainda esta noite com o sr. Perker, para que ele trate disto logo de manhãzinha?

— Digo-lhe — retorquiu Lowten, depois de refletir um instante. — Se se tratasse de outra pessoa, Perker não apreciaria que eu o procurasse em sua casa, mas como o caso é com o sr. Pickwick, assumirei a responsabilidade de tomar um *cab* por conta do escritório. — E o sr. Lowten pegou do chapéu, pediu à bela assistência designasse alguém para substituí-lo na presidência durante sua ausência temporária, encaminhou-se seguido de Job para a estação de carros

mais próxima, fez sinal ao de mais convidativa aparência e deu ordem ao cocheiro que o levasse a Montagne Place, Russel Square.

O sr. Perker naquele dia tivera convidados para jantar, como se depreendia das luzes que se viam nas janelas da sala, dos sons de um piano de cauda aperfeiçoado e de uma voz de sala por aperfeiçoar, que se ouviam das mesmas janelas, além do que, de um odor um tanto forte de comida, que invadia a escada e o vestíbulo. De fato, tendo chegado a Londres ao mesmo tempo dois excelentes procuradores de província, organizara-se uma agradável reunião para festejá-los. Contavam-se entre os convivas o sr. Snicks, secretário dos seguros de vida, o sr. Prose, casuísta eminente, um comissário de falências, três solicitadores, um advogado especial do Temple, em companhia de um discípulo, mancebo de olhos pequenos e ar resoluto, que escrevera um livro divertidíssimo sobre a lei mortuária, com grande quantidade de notas e citações marginais; e várias outras ilustres e respeitáveis personagens.

O sr. Perker apartou-se desta sociedade, apenas em segredo lhe anunciaram o seu empregado: chegado à sala de jantar, encontrou o sr. Lowten e Job Trotter com aspecto sombrio, graças à luz de uma vela da cozinha, que colocara na mesa o sujeito que, por um salário trimestral, se resignava a aparecer de calção de pelúcia e assim demonstrava seu natural desdém pelo escrevente e por tudo o que pertencia ao escritório.

— Então, Lowten! — disse o sr. Perker fechando a porta. — Que novidades temos? Alguma carta importante, chegada num embrulho?

— Não, senhor — replicou Lowten. — É este homem, que vem da parte do sr. Pickwick.

— Ah! de Pickwick? — disse o sr. Perker voltando-se rapidamente para Job. — Então, o que é?

— Dodson e Fogg engaiolaram a sra. Bardell por causa das custas, senhor.

— Será possível! — exclamou Perker, encostando-se ao aparador e metendo as mãos nas algibeiras.

— É certo! Parece que lhe apanharam um *cognovit* pela importância das custas, logo em seguida ao julgamento!

— Por Júpiter! — exclamou Perker, tirando as mãos dos bolsos e batendo enfaticamente com as costas da direita na palma da esquerda. — Por Júpiter! São os mais refinados mariolas com quem tenho tratado!

— Os práticos mais hábeis que tenho conhecido — observou Lowten.

— Se são! — assentiu Perker. — Não se sabe por onde apanhá-los.

— Na verdade, senhor, não se sabe — replicou Lowten. E ambos, patrão e empregado, ficaram uns segundos a cismar, fisionomias agitadas, como a refletir sobre uma das mais belas descobertas que a inteligência humana tivesse feito. Quando lhes passou o transporte de admiração, até certo ponto, Job Trotter desempenhou-se do resto de sua missão. Perker abanou a cabeça com ar meditabundo e sacou do relógio.

— Às 10 em ponto lá estarei — disse ele. — Sam teve razão. Diga-lhe isto. Quer tomar um copo de vinho, Lowten?

— Não, senhor, muito obrigado.

— Quer dizer que sim, suponho? — revidou o sr. Perker voltando-se para o aparador e tomando uma garrafa e uns copos.

Como Lowten, naturalmente, queria dizer que sim, não acrescentou mais palavra, e perguntou a Job em voz baixa, mas perceptível, se acaso o retrato de Perker, pendurado defronte do fogão, não era de uma pasmosa semelhança; ao que Job evidentemente respondeu que sim. Deitado o vinho nos copos, Lowten bebeu à saúde da sra. Perker, e Job à do sr. Perker. O homem do calção de pelúcia, julgando não fazer parte de suas obrigações acompanhar à saída os empregados do escritório, recusou-se a responder à campainha e ambos tiveram de procurar sozinhos a saída. O sr. Perker voltou para a sala, o escrevente para a Pega e Cepo e Job foi ao mercado de Covent Garden, passar a noite num jacá de hortaliças.

Na manhã seguinte, pontualmente à hora marcada, bateu o jovial procurador à porta do sr. Pickwick, que lhe foi aberta por Sam, com grande alvoroço.

— O sr. Perker, senhor — disse este último, anunciando a visita ao sr. Pickwick, sentado à janela em atitude meditativa. — Estimo que o senhor tenha vindo por acaso. Palpita-me que o patrão está precisando de uns dois dedos de prosa consigo.

Perker trocou um olhar de inteligência com Sam, indicando compreender a inconveniência de aludir ao recado que o chamara; e, fazendo-lhe sinal para aproximar-se, segredou-lhe rapidamente ao ouvido.

— Na verdade! Será possível? — exclamou Sam, recuando de surpresa.

Perker fez um gesto afirmativo e sorriu.

O sr. Samuel Weller olhou para ele, depois para o sr. Pickwick, depois para o teto, outra vez para Perker; sorriu, desatou em seguida numa gargalhada e

afinal, apanhando o chapéu em cima do tapete, sumiu-se sem maiores explicações.

— Que quer isto dizer? — perguntou o sr. Pickwick fitando Perker espantado. — Que foi que reduziu Sam a este estado?

— Oh! nada! nada! — replicou o sr. Perker. — Venha cá, meu caro senhor, puxe a cadeira para o pé da mesa; tenho muito que lhe dizer.

— Que papéis são esses? — perguntou o sr. Pickwick, vendo Perker colocar em cima da mesa um maço de documentos atado com uma fita vermelha.

— Os papéis de Bardell e Pickwick — respondeu Perker desatando o nó com os dentes.

O sr. Pickwick fez ranger os pés da cadeira no chão; reclinando-se nela, cruzou as mãos e olhou severamente — se é que o sr. Pickwick podia alguma vez olhar severamente — o seu amigo legal.

— Não gosta de ouvir alusões ao processo? — perguntou o homenzinho, ainda atarefado com desatar o nó.

— Não, de fato — replicou o sr. Pickwick.

— Pois sinto muito, porque será o assunto de nossa palestra, e...

— Perker — interrompeu precipitadamente o sr. Pickwick —, preferiria que este assunto não mais fosse mencionado entre nós.

— Ora, adeus, meu caro senhor! — teimou Perker desfazendo o maço e olhando de lado para o sr. Pickwick. — É preciso falarmos nele. Está pronto a ouvir o que tenho a dizer-lhe, meu caro senhor? Se não está, posso esperar. Não há pressa. Aqui tenho o jornal de hoje. Quando quiser, estarei às suas ordens. É o que é. — E, assim falando, o homenzinho cruzou as pernas e aparentou começar a ler com afínco e serenidade.

— Vamos — disse o sr. Pickwick com um suspiro que todavia terminou num sorriso. — Diga o que tem a dizer; é a velha história do costume, suponho?

— Com uma diferença, caro senhor, com uma diferença — redargüiu Perker, dobrando cuidadoso o jornal e metendo-o na algibeira. — A sra. Bardell, a queixosa, acha-se entre estas paredes, meu caro senhor.

— Estou a par disso — foi a resposta do sr. Pickwick.

— Muito bem! E sabe de que modo veio parar aqui, suponho eu; quero dizer, por que motivos e a exigências de quem?

— Sei; pelo menos ouvi o que Sam me contou a respeito — revidou o sr. Pickwick com simulada indiferença.

— O que Sam lhe contou é perfeitamente exato, ousou afirmá-lo. Pois bem, meu caro senhor, a primeira pergunta que tenho a fazer-lhe é esta: essa mulher tem de ficar aqui?

— De ficar aqui!

— De ficar aqui, meu caro senhor — repetiu ainda Perker, reclinando-se na cadeira e olhando fixamente para o cliente.

— Por que o pergunta a mim? — exclamou o sr. Pickwick. — Isso depende de Dodson e Fogg, o senhor sabe muito bem.

— Não sei coisa nenhuma — retorquiu Perker com firmeza. — Isso não depende de Dodson nem de Fogg; conhece as personagens tanto quanto eu, meu caro senhor. A coisa depende inteira e unicamente do senhor.

— De mim! — exclamou o sr. Pickwick, levantando-se nervoso da cadeira e tornando logo a assentar-se.

O sr. Perker bateu por duas vezes na tampa da caixa de rapé, abriu-a, tirou uma grande pitada, tornou a fechar a caixa e repetiu as palavras:

— Do senhor.

E prosseguiu, parecendo adquirir mais confiança com a pitada:

— Digo que o seu encarceramento perpétuo ou a sua rápida libertação depende do senhor, exclusivamente do senhor. Ouça-me até o fim e não se exalte, pois terá como resultado fazê-lo transpirar sem a menor utilidade. Digo eu — continuou Perker, contando nos dedos cada proposição que ia expondo — que ninguém, a não ser o senhor, pode arrancá-la deste antro de misérias; que só o senhor pode fazê-lo, entregando as custas deste processo — tanto as da queixosa como as do réu — nas mãos desses tubarões de Freeman's Court. Então, caro senhor, por favor, veja se pode estar quieto.

O sr. Pickwick, cujo rosto sofrera as mais surpreendentes alterações durante o discurso, e se achava evidentemente prestes a rebentar num acesso violento de indignação, acalmou a cólera o melhor que pôde; e Perker, reforçando com outra pitada seu poder de argumentação, prosseguiu:

— Estive hoje cedo com a mulher. Pagando-lhe as custas, pode o senhor desencarregá-la completamente da indenização; e além disso — sei ser esse um ponto muito mais importante a considerar, para o meu amigo — obter da mão dela uma declaração voluntária, em forma de carta a mim dirigida, de que o negócio foi desde o início promovido, incentivado e levado a cabo pelos

patuscos Dodson e Fogg; de que ela sente profundamente ter sido instrumento de desgosto ou de afronta para o meu amigo, suplica-me interceda junto ao meu amigo e implore o seu perdão.

— Se eu pagar as custas por ela! — bradou o sr. Pickwick indignado. — Valioso documento, não há dúvida!

— Não há “se” neste negócio, caro senhor — anunciou Perker, triunfante. — Eis a carta a que me refiro. Trouxe-a ao escritório esta manhã, às 9 horas, outra mulher, antes de eu aqui pôr os pés, ou ter comunicação alguma com a sra. Bardell, dou-lhe minha palavra de honra! — E, escolhendo a carta no maço, o procurador pô-la em frente do sr. Pickwick, tomando pitadas de rapé por dois minutos a fio, sem pestanejar.

— É tudo que tem a dizer-me? — perguntou o sr. Pickwick com brandura.

— Ainda não é tudo. Por enquanto não posso dizer se o contexto do *cognovit* e as provas que pudermos colher no andamento do processo serão suficientes para justificar a acusação de conjura. Receio não sejam, meu caro senhor; eles são por demais espertos, para tanto. Mas quero ressaltar que os fatos, examinados em conjunto, bastarão para justificá-lo no espírito de todos os homens razoáveis. E agora, caro senhor, vou expor-lhe meu parecer: estas 150 libras, ou coisa parecida — ponho a conta em números redondos —, nada são para o senhor. O júri decidiu contra o meu amigo; bem, a sentença é injusta, mas em todo caso decidiram o que lhes parecia justo, e foi contra o senhor. Oferece-se-lhe uma oportunidade bem fácil de se colocar em posição muito mais alta que a que lhe seria dado alcançar, aqui permanecendo; porque esta sua permanência, creia o meu amigo, só será atribuída, pela gente que o não conhece, a pura obstinação, a uma casmurrice disparatada e brutal. Pode pois hesitar em lançar mão do ensejo que o restitui aos seus amigos, à saúde, às suas ocupações habituais e às diverções? que liberta o seu fiel e dedicado servo, que de outro modo o senhor condena ao encarceramento por tanto tempo quanto aquele que o senhor viver? e que o habilita sobretudo a tomar uma vingança deveras magnânima — que eu sei muito de acordo com o seu sentir —, como é a de resgatar essa mulher de um antro de misérias e devassidões, a que, se eu pudesse, jamais se condenaria um homem, quanto mais uma mulher, para quem tal castigo é bárbaro e cruel? Ora, agora, pergunto-lhe, não só como seu consultor legal, mas como verdadeiro amigo, deixará perder a ocasião de fazer todo este bem e conseguir todos estes fins, pela mesquinha consideração

de que um punhado de libras vai parar às algibeiras de dois patifes, a quem isso não faz grande diferença a não ser que quanto mais ganharem, mais tentarão ganhar, e mais depressa serão arrastados a qualquer patifaria maior, que termine por uma estrondosa queda? Exponho-lhe estas considerações, caro senhor, com pouca perfeição e pouca energia; mas rogo-lhe medite nelas. Revolva-as no espírito o tempo que lhe aprouver; aqui esperarei pela sua resposta com toda a paciência.

Antes que o sr. Pickwick pudesse replicar, antes que o sr. Perker tomasse a vigésima parte do rapé que reclamava imperativamente tão longo discurso; ouviu-se fora um murmúrio de vozes e depois uma hesitante pancada à porta.

— Que aborrecimento! — exclamou o sr. Pickwick, obviamente impressionado pela argumentação do amigo. — Quem está aí?

— Sou eu, senhor — replicou Sam, espreitando pela porta entreaberta.

— Não lhe posso falar agora, Sam. Tenho um negócio a tratar.

— Peço-lhe perdão, senhor. Mas aqui está uma senhora que diz ter coisas urgentes a comunicar-lhe.

— Não posso falar com senhora alguma — redargüiu o sr. Pickwick, com a imaginação repleta de visões da sra. Bardell.

— Não estou lá muito convencido — instou Sam abanando a cabeça. — Se o senhor soubesse quem está aqui, acredito mudasse de toada, como dizia consigo o milhafre, às gargalhadas, ao ouvir o pintarroxo cantar do outro lado da sebe.

— Então quem é? — indagou o sr. Pickwick.

— Quer o senhor falar-lhe? — indagou Sam segurando a porta, como se houvesse trazido um animal curioso.

— Creio não haver outro remédio — disse o sr. Pickwick olhando para Perker.

— Pois bem, então vai começar! — bradou Sam. — Rufa o tambor, levanta o pano, entrem os conspiradores!

Isto dizendo, Sam escancarou a porta e irrompeu tumultuosamente pelo quarto adentro o sr. Winkle, trazendo pela mão a mesma menina que em Dingley Dell usava botas forradas de peles, e agora parecia mais linda do que nunca, naquele delicioso conjunto de rubores e acanhamentos, de seda lilás, um chapéu vistoso e véu de rendas preciosas.

— Srta. Arabela Allen! — exclamou o sr. Pickwick levantando-se.

— Não, meu amigo, sra. Winkle — respondeu o jovem caindo de joelhos.
— Perdão, caro amigo, perdão!

Ao sr. Pickwick custava-lhe crer na evidência de seus olhos e ouvidos, e talvez nem mesmo acreditasse, não fosse o testemunho corroborativo dado pela fisionomia sorridente do sr. Perker e a presença física de Sam e da bonita criadinha que, no fundo, pareciam contemplar a cena com a mais viva satisfação.

— Oh! Sr. Pickwick — murmurou Arabela, como se aquele silêncio a assustasse. — Pode perdoar minha imprudência?

O sr. Pickwick não respondeu verbalmente à pergunta, mas tirou os óculos a toda pressa, agarrou ambas as mãos da rapariga, beijou-as vezes sem conta — talvez mais que as absolutamente necessárias — e depois, sem largar uma delas, disse ao sr. Winkle que ele era um cachorro, muito atrevido, e ordenou-lhe que se levantasse. O sr. Winkle, que há momentos estava a coçar o nariz com a aba do chapéu, com ar renitente, obedeceu. Então o sr. Pickwick bateu-lhe umas poucas vezes nas costas e apertou cordialmente a mão de Perker, que, para não ficar atrás nos cumprimentos de estilo, abraçou de bom grado tanto a noiva como a gentil criadinha, sacudiu com efusão a mão do sr. Winkle e pôs termo às manifestações de júbilo, tomando uma dose de rapé suficiente para fazer espirrar durante a vida inteira meia dúzia de narizes normalmente construídos.

— Ora esta, querida menina! — exclamou o sr. Pickwick. — Então, como se deu isto tudo? Venha cá, sente-se, conte-me toda a história. Como ela está bonita, não acha, Perker? — acrescentou, examinando o rosto de Arabela com um olhar tão cheio de alegria e orgulho como se fora a própria filha.

— Deliciosa, meu senhor — replicou Perker. — Não fosse eu casado, era capaz de lhe ter inveja, seu maroto! — Ao dizer estas palavras, o legista ferrou uma palmada no estômago do sr. Winkle, que a retribuiu na mesma moeda. E ambos desataram às gargalhadas, menos ruidosas contudo que as de Sam Weller, que desabafara os sentimentos dando um beijo na criadinha, a coberto da porta do armário.

— Sam — disse Arabela com o mais doce sorriso que se possa imaginar —, nunca lhe provei bastante a minha gratidão. Jamais esquecerei todos os seus obséquios no jardim de Clifton.

— Nem fale nisso, minha senhora — revidou Sam. — Não fiz mais que ajudar a natureza, como disse o doutor à mãe do pequeno, depois de o matar com uma sangria.

— Maria, querida, sente-se — disse o sr. Pickwick pondo cobro aos cumprimentos. — E agora, conte-me; há quanto tempo estão casados, hem?

Arabela fitou com acanhamento o seu esposo e senhor, que respondeu:

— Há três dias apenas.

— Como então, há três dias apenas? — estranhou o sr. Pickwick.

— E que é que têm feito de três meses a esta parte?

— Ora aí está! — interrompeu Perker. — Como é que se explica esta lentidão? Bem vêem que o espanto de Pickwick é pelo casamento não se haver realizado mais cedo.

— A coisa é que... — replicou o sr. Winkle olhando para a mulher toda ruborizada — o fato é que gastei muito tempo para persuadir Bela a que fugisse; e, depois de convencê-la, levamos ainda mais tempo até encontrarmos oportunidade. Maria tinha de prevenir com um mês de antecedência, antes de sair da casa onde estava, e nós não podíamos prescindir de seu auxílio.

— Palavra de honra! — exclamou o sr. Pickwick, que tornara a pôr os óculos, e estava a olhar ora para Arabela, ora para Winkle, com tamanho contentamento pintado no rosto quanto o podem comunicar à fisionomia humana a benevolência e o entusiasmo. — Palavra de honra, que me parece terem andado muito sistematicamente nisto tudo. E seu irmão, minha cara, tem conhecimento do caso?

— Ah! não, não! — replicou Arabela, mudando de cor. — Querido sr. Pickwick, só da sua boca é que ele o deverá saber. É tão violento, tão mal prevenido e foi sempre tão... tão inclinado a favor do amigo, o sr. Sawyer — acrescentou Arabela abaixando os olhos —, que tenho um medo horrível das conseqüências.

— Ah! com certeza! — comentou Perker gravemente. — O sr. Pickwick tem de tomar este negócio a seu cargo. Os rapazes o respeitarão, quando não derem ouvidos a outra pessoa. Só o meu amigo poderá prevenir uma desgraça. Aquilo é gente de sangue na guelra! — E o sr. Perker, tomando uma pitada admonitória, abanou a cabeça com ar de dúvida.

— Mas, minha jóia — disse amavelmente o sr. Pickwick —, esquece-se de que estou encarcerado.

— Ah, não, na verdade, não me esqueço! — replicou Arabela. — Nunca de tal me esqueci; nem cessei de pensar como deveriam ser grandes os seus sofrimentos nesta medonha prisão, mas esperava que o que não poderia induzi-lo a fazer consideração alguma por si próprio, conseguiu-lo-ia o interesse da

nossa felicidade. Se meu irmão for informado desta notícia pela sua boca, estou certíssima de que se reconciliará conosco. É o único parente que tenho no mundo, sr. Pickwick, e, se o meu amigo não defender a minha causa, esse mesmo receio perder. Andei mal, muito mal, bem sei... — E a pobre Arabela, ocultando o rosto no lenço, chorou amargamente.

A boa alma do sr. Pickwick já muito se comovera com estas lágrimas, mas quando o sr. Winkle, enxugando os olhos, começou a suplicar-lhe no tom mais suave de uma voz suavíssima, ele ficou deveras inquieto, perplexo sobre o que deveria fazer, o que manifestava esfregando nervosamente os óculos, as pernas, o nariz, a cabeça e as polainas.

Aproveitando-se destes sintomas de indecisão, o sr. Perker, com quem o jovem casal fora ter logo pela manhã, explicou com habilidade legal que o sr. Winkle sênior ainda não fora informado do passo importante que seu filho dera na vida; que a expectativa futura do sobredito filho dependia inteiramente da continuação inalterável do afeto que o sr. Winkle sênior lhe votara até então, e que corria grande risco de modificar-se, se acaso este magno sucesso demorasse em ser-lhe conhecido; que o sr. Pickwick, indo a Bristol falar com o sr. Allen, poderia com igual razão dar uma chegada até Birmingham, para falar com o sr. Winkle sênior; finalmente, que o sr. Winkle sênior tinha razões e títulos de sobra para considerar o sr. Pickwick até certo ponto tutor e mentor de seu filho, e que, por conseguinte, competia a este, em respeito do seu próprio caráter, informar vocal e pessoalmente o sobredito Winkle sênior de todas as circunstâncias do fato e da parte que nele tomara.

O sr. Snodgrass e o sr. Tupman chegaram muito a propósito neste ponto da demanda, e foi mister explicar-lhes tudo o que ocorrera, assim como as razões pró e contra. Repetiu-se a argumentação por inteiro e em seguida cada um dos presentes expôs cada um dos argumentos à sua moda e com o desenvolvimento que lhes quis dar. E, finalmente, o sr. Pickwick, suplicado, argumentado, contraditado com toda a galhardia em todas as suas resoluções, prestes a ficar com o juízo transtornado, tomou Arabela nos braços, declarou ser ela uma criatura encantadora, que desde o começo lhe tivera grande afeição, que não tinha forças para transtornar a felicidade dos noivos e fizessem dele o que lhes aprouvesse.

Mal ouviu esta concessão, o primeiro ato de Sam foi expedir Job Trotter ao ilustre sr. Pell, com autorização de receber de suas mãos o resgate formal que seu prudente progenitor tivera a providência de deixar em poder do

erudito legista, para o caso em que fosse requisitado com urgência. Depois, tratou de gastar a sua provisão de cobres na compra de 25 galões de *porter* fraco, que distribuiu pessoalmente no pátio do jogo da péla por todos os que quizeram saboreá-lo. Isto feito, pôs-se a berrar hurras por todos os cantos do prédio até perder a voz, recaindo por fim serenamente em seus hábitos de filosofia e recolhimento.

Às 3 horas dessa tarde o sr. Pickwick relanceou a última vista de olhos pelo seu pequeno quarto e foi abrindo caminho conforme pôde, em meio à chusma de devedores que se atropelavam, sôfregos por lhe apertar a mão, até chegar aos degraus do vestibulo. Aí voltou-se para olhar em volta de si e refulgiram-lhe então os olhos. Em todos aqueles rostos pálidos e macerados não via um que não tivesse sido ainda mais desgraçado, sem a sua simpatia e caridade.

— Perker — disse ele, fazendo sinal a um moço para que se aproximasse —, este é o sr. Jingle, de quem já lhe falei.

— Está bem, meu caro senhor — replicou Perker cravando os olhos em Jingle. — Amanhã tornará a ver-me, mancebo. Espero que toda a sua vida se lembrará do que tenho a comunicar-lhe.

Jingle curvou-se respeitoso, apertou a tremer a mão que lhe estendia o sr. Pickwick e retirou-se.

— Job o senhor já conhece, suponho? — disse o sr. Pickwick apresentando-o a Perker.

— Conheço este maroto — replicou Perker de bom humor. — Vá procurar o seu amigo e esteja aqui amanhã à 1 hora. Ouviu? E agora, temos ainda outra coisa?

— Nada mais — asseverou o sr. Pickwick. — Sam, entregou o embrulho que lhe dei para o seu velho senhorio?

— Entreguei, sim, senhor. Largou a chorar e a dizer que o senhor era muito bom, muito generoso e desejava que o senhor lhe inoculasse uma tuberculose galopante, porque o seu velho amigo que aqui vivia há tanto tempo já morrera, e ele, por mais que procurasse, não podia encontrar outro.

— Coitado! coitado! — exclamou o sr. Pickwick. — Deus os abençoe, meus amigos.

Ao pronunciar o sr. Pickwick este adeus, a multidão irrompeu em estrondosas aclamações e muitos presos precipitaram-se para apertar-lhe outra vez a mão. Mas ele deu o braço a Perker e saiu da prisão, muito mais triste e

melancólico do que ao lá entrar pela primeira vez. Quantos desgraçados deixava atrás de si! E quantos lá ainda permaneciam encarcerados!

Foi uma noite feliz aquela, pelo menos para o grupo que se reuniu no Jorge e Abutre, e contentes e leves estavam dois dos corações que na manhã seguinte saíram de sua porta hospitaleira, e cujos possuidores eram o sr. Pickwick e o sr. Weller. O primeiro foi pouco depois depositado no interior de um confortável assento de carro, com um pequeno banco na traseira, para o qual o último subiu com grande agilidade.

— Senhor — bradou Sam para o amo.

— Que é, Sam? — replicou este, deitando a cabeça fora da portinhola.

— Gostaria que estes cavalos tivessem passado três meses, ou mais, na Prisão de Fleet.

— Para que, Sam?

— Ora essa! — exclamou Sam esfregando as mãos. — Então é que haveríamos de galopar por esse caminho afora...

CAPÍTULO XLVIII

QUE RELATA COMO O SR. PICKWICK, COM O AUXÍLIO DE SAM, TENTOU ATENUAR AS IRAS DO SR. ROBERTO SAWYER E ABRANDAR O CORAÇÃO DO SR. BENJAMIM ALLEN.

BEN ALLEN E BOB SAWYER, sentados no pequeno gabinete atrás da loja, discutiam projetos de futuro e vitela picada, quando muito naturalmente a discussão recaiu sobre a clientela adquirida pelo sobredito Bob, e suas probabilidades de granjear certa independência da honrosa profissão a que se havia dedicado.

— Que elas afinal — observou Bob Sawyer, prosseguindo o fio do diálogo, parecem-me um tanto duvidosas, Ben.

— Um tanto duvidosas? — perguntou o sr. Ben Allen, aguçando ao mesmo passo o intellecto com um gole de cerveja. — Que é que lhe parece um tanto duvidoso?

— As tais probabilidades.

— Ah! já me esquecia! A cerveja me fez lembrar que já me esquecia. Tem razão, são duvidosas.

— É pasmoso como a gente pobre me protege — disse o sr. Bob, pensativo. — A toda hora da noite batem-me à porta, tomam remédios em tal quantidade que nunca cheguei a supor possível, deitam bichas e vesicatórios com uma perseverança digna de melhor causa, e fazem acréscimos de família de um modo verdadeiramente assombroso. Seis destas últimas pequenas letras promissórias, todas a pagar no mesmo dia, Ben, e todas confiadas ao meu cuidado.

— Consolador, não é? — disse o sr. Ben Allen, estendendo o prato a pedir mais vitela.

— Ah! muito! — replicou Bob. — Mas não tanto como poderia ser a confiança dos doentes, com 1 xelim ou 2 para gastar. Este negócio foi

admiravelmente descrito no anúncio. É uma clientela grande a valer, e nada mais.

— Bob — disse o sr. Ben Allen, pousando o garfo e a faca e fitando o amigo —, sempre lhe quero dizer uma coisa.

— Que é?

— É preciso que você se apodere, e quanto antes, das 1.000 libras de Arabela.

— Três por cento consolidados em anuidades do banco, inscritas em nome dela no livro ou nos livros do diretor e companhia do Banco da Inglaterra — acrescentou Bob Sawyer na fraseologia legal.

— Exatamente. Ela deitará mão disso chegando à maioridade, ou casando. Falta-lhe um ano para chegar à maioridade e, tivesse você topete, nem um mês lhe faltaria para casar.

— É uma criatura deliciosa e encantadora, Ben, e, que eu saiba, só tem um defeito. Desgraçadamente esse único defeito é a falta de gosto. Não gosta de mim.

— Na minha opinião, ela não sabe de quem gosta — disse Ben Allen com desdém.

— Possivelmente não. Mas tenho para mim que sabe muito bem de quem não gosta, o que é muito mais grave.

Ben Allen cerrou os dentes e redargüiu, mais como um guerreiro selvagem que se alimentasse de carne crua de lobo, trinchada a mão, do que como um pacífico rapaz que estivesse a comer vitela picada com garfo e faca: — Quem me dera saber se algum maroto anda tentando granjear-lhe o afeto! Creio que seria capaz de assassiná-lo, Ben!

— Eu cá metia-lhe uma bala no corpo, se o encontrasse — disse o sr. Sawyer, detendo-se a meio de um amplo gole de cerveja, e olhando com ar terrível por cima da caneca. — Se a bala não desse cabo dele, extraía-lha eu depois, e então é que o matava com certeza.

O sr. Benjamim Allen contemplou abstraidamente o amigo, guardando silêncio por alguns minutos, e em seguida disse: — Você nunca se declarou positivamente a ela, hem, Bob?

— Não, porque vi que seria inútil.

— Pois terá de fazê-lo, e no prazo de 24 horas — retorquiu Ben com a serenidade do desespero. — Ela ou o aceitará ou há de expor as suas razões. Exercerei a minha autoridade.

— Bem! Veremos!

— Veremos, meu amigo — replicou o sr. Ben Allen em tom feroz. Calou-se alguns segundos e continuou numa voz entrecortada pela comoção: — Amou-a desde a infância, meu amigo, amou-a quando andávamos ambos no mesmo colégio, e desde então ela se esquivava, desprezando-lhe o juvenil afeto. Recordar-se do dia em que instou com ela, com toda a efusão de um amor infantil, para que aceitasse uma maçã e duas bolachinhas de erva-doce, embrulhadas devidamente numa folha de caderno de cópia?

— Recordo-me.

— Ela rejeitou, creio eu — disse Ben Allen.

— Rejeitou. Disse que eu tinha guardado o embrulho tanto tempo no bolso do calção, que a maçã adquirira um calor desagradável.

— Bem me lembro — disse o sr. Allen com ar sombrio. — À vista disso, comemô-la nós, às dentadas alternadas.

Bob Sawyer mostrou lembrar-se dessa última circunstância com um melancólico franzir de cenho: e os dois amigos permaneceram algum tempo absortos em suas meditações.

Ao passo que se trocavam estas observações entre o sr. Bob Sawyer e Benjamim Allen, enquanto o garoto da libré parda, pasmo com o prolongamento do jantar, lançava de quando em quando olhares angustiados pela porta envidraçada, cheio de íntimas apreensões sobre a dose de vitela reservada aos seus apetites pessoais, pelas ruas de Bristol rodava modestamente um carrinho particular, pintado de verde-escuro, puxado por uma espécie de cavalo tristonho e guiado por um homem de má catadura, as pernas vestidas à maneira de *groom*, e o corpo envolto numa casaca de cocheiro. Estas aparências são comuns a muitos veículos, pertencentes a damas idosas de hábitos econômicos; e neste ia efetivamente uma senhora idosa, a sua proprietária.

— Martim! — disse a velha, chamando o homem de má catadura, pela vidraça da frente.

— Que é? — perguntou o homem levando a mão ao chapéu.

— À casa do sr. Sawyer.

— Pará lá é que eu ia.

A velha fez um sinal de satisfação, por esta prova de inteligência, concordando com os seus desejos; e o homem de má catadura deu uma chicotada no cavalo, e seguiram todos para a casa do sr. Sawyer.

— Martim! — disse a velha, quando o carrinho parou à porta do sr. Sawyer, sucessor de Nockemorf.

— Que é?

— Diga ao rapaz que venha, para tomar conta do cavalo.

— Eu tomo conta dele — disse Martim, pondo o chicote no tejadilho.

— Não, é impossível. Seu testemunho é importante, e você tem de entrar em minha companhia. Não lhe dou licença de sair de perto de mim durante a entrevista, ouviu?

— Ouvi.

— Então, para que fica aí parado?

— Nada.

E, dizendo isto, o homem de má catadura desceu com pachorra da roda sobre a qual se encarapitara no bico do pé direito, fez sinal ao garoto da libré parda, abriu a portinhola, abaixou os degraus, estendeu a mão envolta numa luva escura de camurça e puxou para fora a senhora idosa com tanta displicência, como se fosse uma caixa de chapéus.

— Valha-me Deus! — exclamou a velha. — Sinto-me tão alvoroçada, agora que cheguei, que estou a tremer.

O sr. Martim tossiu por detrás da luva de camurça, mas não deu outros indícios de simpatia. A velha serenou e subiu os degraus da porta, seguida pelo sr. Martim. Apenas entrou na loja, o sr. Benjamim Allen e o sr. Bob Sawyer, que tinham estado a esconder as bebidas, a água, e a entornar drogas para dissimular o cheiro do tabaco, saíram precipitadamente do gabinete, num transporte de alegria e de afeto.

— Minha querida tia! — exclamou o sr. Ben Allen. — Que bondade a sua em vir procurar-nos! O sr. Sawyer, tia, meu amigo, o sr. Bob Sawyer, de quem lhe tenho falado a respeito de... — Nisto, o sr. Ben Allen, que não estava no momento extremamente desanuviado, acrescentou a palavra “Arabela” num tom de voz que ele imaginava um murmúrio, mas que de fato foi tão perfeitamente audível e distinto, que nem mesmo o deixaria de ouvir quem estivesse disposto a fazer-se de surdo.

— Meu caro Benjamim — disse a velha, tremendo dos pés à cabeça —, não se assuste, mas parece-me que era melhor falar a sós com o sr. Sawyer um momento, um momento só...

— Bob — disse o sr. Ben Allen —, quer ter a gentileza de ir com minha tia ao consultório?

— Com todo prazer — respondeu Bob com voz arqui-profissional. — Por aqui, minha senhora. Não tenha receio. Remediaremos tudo dentro em pouco, tenho certeza, minha senhora. E aqui. Pode falar, minha senhora. — E o sr. Bob Sawyer conduziu a velha para uma cadeira, fechou a porta, puxou outra cadeira para o pé dela, e esperou que ela pormenorizasse os sintomas de algum achaque do que já contava lhe adviriam grossos e duradouros lucros.

A primeira coisa que fez a velha foi abanar a cabeça repetidas vezes e prorromper a chorar.

— É nervoso — acudiu Bob Sawyer complacente. — Xarope de cânfora e água destilada três vezes ao dia, e uma poção calmante à noite.

— Não sei como principiar, sr. Sawyer — disse a velha. — É tão triste, tão penoso...

— Não precisa principiar, minha senhora. Sou capaz de antever tudo o que queria dizer-me. Na cabeça é que está o mal.

— Ficaria desesperada se pensasse que era no coração — disse a dama com um ligeiro gemido.

— Não há o mínimo perigo a tal respeito, minha senhora — replicou Bob Sawyer. — A causa primária é o estômago.

— Sr. Sawyer! — exclamou a velhinha num sobressalto.

— Não há a menor dúvida — prosseguiu Bob com ares de grande sapiência. — Medicamentos aplicados a tempo teriam prevenido isso tudo.

— Sr. Sawyer — disse a velha sempre mais agitada —, seu proceder ou é de uma grande impertinência para uma criatura nas minhas condições, ou provém de não ter compreendido o objeto de minha visita. Se estivesse no domínio da medicina ou de minha prudência o prevenir o fato que se deu, com toda a certeza não se daria. É melhor que eu fale desde já com meu sobrinho — concluiu a idosa senhora, torcendo com indignação o seu retículo e levantando-se.

— Espere um momento, minha senhora — atalhou Bob Sawyer. — Receio não a ter bem compreendido. De que se trata, minha senhora?

— Minha sobrinha, sr. Sawyer... a irmã de seu amigo...

— Sim, minha senhora — disse Bob cheio de impaciência, porque a velha, conquanto agitada, falava com um vagar capaz de torturar um Tântalo.

— Saiu de minha casa, sr. Sawyer, há três dias, pretextando uma visita à minha irmã, outra tia dela, que tem um grande colégio além do marco da

terceira milha, onde se ergue um grande ébano e um portão de carvalho — explicou a velha, parando nesse ponto para enxugar as lágrimas.

— Demônios levem o ébano, minha senhora! — disse Bob, esquecendo de todo a dignidade profissional na ansiedade que o dominava.

— Explique-me um pouco mais depressa; meta mais carvão na máquina, minha senhora, por favor!

— Hoje cedo — continuou a velha lentamente —, hoje cedo, ela...

— Voltou, ao que suponho? — exclamou Bob com animação. — Voltou, com efeito?

— Não, não voltou... escreveu.

— Que dizia ela? — perguntou Bob avidamente.

— Dizia, sr. Sawyer... e para isto é que preciso que o sr. Sawyer prepare o espírito de Benjamim devagar, gradualmente; dizia que tinha... trago o carta na algibeira, sr. Sawyer, mas deixei os óculos na carruagem, e era perder tempo tentar apontar-lhe a passagem da carta; dizia ela, em suma, sr. Sawyer, que tinha casado.

— Como! — exclamou, ou antes, berrou o sr. Bob Sawyer.

— Que tinha casado! — repetiu a velhinha.

O sr. Bob Sawyer não esperou ouvir mais nada; precipitou-se do gabinete para a loja, gritou com voz de trovão: — Ben, meu rapaz, ela fugiu!

Ben Allen, que estivera a dormir atrás do balcão, a cabeça meio pé abaixo dos joelhos, mal ouviu esta terrível comunicação, arrojou-se bruscamente para cima do sr. Martim, puxou pela gola do taciturno servo e manifestou a amável intenção de esganá-lo ali mesmo. Intenção que, com a prontidão proveniente do desespero, logo começou a pôr em prática com extremo vigor e maior destreza cirúrgica.

O sr. Martim, homem de poucas palavras, que não dispunha de grandes faculdades de eloquência, sujeitou-se à operação com fisionomia serena e agradável. Porém, quando lhe pareceu que ela ameaçava pô-lo em estado de não poder reclamar nem mais alimentos, nem mais ordenados, nem mais coisa nenhuma para o futuro, resmoneou uma advertência inarticulada e ferrou com o sr. Benjamim Allen no meio do chão. Mas, como este tivesse as mãos embaraçadas em sua gravata, força lhe foi estatelar-se com ele e ficaram ambos a lutar, quando a porta da loja se abriu e a assistência aumentou com a entrada de duas inesperadas personagens, o sr. Pickwick e o sr. Samuel Weller. A impressão imediatamente produzida no espírito de Samuel, pelo que se lhe

deparou à vista, foi que o sr. Martim era pago pelo estabelecimento do sr. Sawyer, sucessor de Nockemorf, para tomar remédios muito fortes, ou para engolir de quando em quando uns venenos, no intuito de verificar a eficácia de novos antídotos, ou para ter ataques e submeter-se a experiências, ou para fazer qualquer coisa que promovesse os progressos da medicina e lisonjeasse o ardente anseio de investigação que devorava as almas dos dois jovens professores. Por isso, sem ousar intervir, Sam deixou-se ficar tranqüilo a observar, como se estivesse altamente interessado nos resultados da pendente experiência.

Não procedeu assim o sr. Pickwick. Este, com a habitual energia, atirou-se logo para cima dos combatentes atônitos e gritou para os circunstantes a fim de que acudissem. Isto despertou o sr. Bob Sawyer, que até então ficara paralisado ante a fúria do companheiro; com o seu auxílio, conseguiu o sr. Pickwick pôr em pé Ben Allen. Quanto ao sr. Martim, vendo-se sozinho no chão, levantou-se e olhou em volta de si.

— Sr. Allen — ralhou o sr. Pickwick —, que foi isto?

— Não foi nada — replicou Allen em tom de altivo desafio.

— Que foi? — perguntou o sr. Pickwick fitando Bob Sawyer. — Ele está indisposto?

Antes que Bob pudesse responder, Ben Allen agarrou a mão do sr. Pickwick e murmurou em voz lacrimosa: — Minha irmã, meu caro senhor, minha irmã!

— Ah! é só isso? — disse o sr. Pickwick. — Esse negócio levamo-lo nós facilmente a bom termo, espero eu. Sua irmã está sã e salva, e eu estou aqui, meu caro senhor, para...

— Sinto fazer o quer que seja que venha interromper tão agradáveis operações, como disse o rei, quando dissolveu o Parlamento — atalhou Sam, que estivera à espreita pela porta envidraçada. — Acha-se ali uma senhora venerável estatelada em cima do tapete, à espera de galvanismo, ou de dissecação, ou de outra invenção qualquer, científica, para ressuscitar.

— Eu a tinha esquecido! — exclamou o sr. Ben Allen. — É minha tia!

— Valha-me Deus! — disse o sr. Pickwick. — Pobre senhora! Devagar, Sam, devagar!

— Situação esquisita para uma pessoa da família! — observou Sam içando a velha para uma cadeira. — Ande lá, seu aprendiz de serra-ossos, traga daí os sais voláteis.

A última observação foi dirigida ao garoto da libré parda, que, tendo entregue o carrinho aos cuidados de um policial, voltara para ver a causa de tanta bulha. Graças a ele, ao sr. Bob Sawyer e ao sr. Benjamim Allen, que, tendo pregado à tia o susto que lhe ocasionara o desmaio, mostrava carinhosa solicitude pelo seu restabelecimento, a velha voltou afinal a si; então o afetuoso sobrinho, voltando para o sr. Pickwick um semblante estarecido, perguntou-lhe o que ia dizer quando fora interrompido de maneira tão alarmante.

— Aqui somos todos amigos, presumo? — disse o sr. Pickwick aclarando a voz e olhando para o homem de cara de poucos amigos, que guiava o carrinho da pileca escura.

Isto recordou o sr. Bob Sawyer que o garoto da libré parda ali estava de ouvidos sôfregos e olhos arregalados. Levantou pela gola o boticário aprendiz, atirou-o fora da porta e certificou o sr. Pickwick de que podia falar sem reserva.

— Sua irmã, meu caro senhor — disse o sr. Pickwick, voltando-se para Benjamim Allen —, está em Londres, com saúde e feliz.

— Sua felicidade não é o que me interessa, não é o meu alvo — explicou o sr. Benjamim Allen, com um largo gesto de mão.

— O marido dela é que é o meu alvo — disse Bob Sawyer. — Há de ser o meu alvo, sim, senhor, a doze passos de distância, e servirá de alvo lindamente, esse pulha sem-vergonha!

Era um belo desafio, e cheio de magnanimidade; mas o sr. Bob Sawyer amesquinhou-lhe um pouco o efeito, concluindo com várias observações gerais a respeito de olhos arrancados, machucaduras na cabeça, muitos soezes, em comparação.

— Espere um pouco, senhor — acudiu o sr. Pickwick. — Antes de aplicar esses epítetos ao cavalheiro de que se trata, considere sem paixão a importância da sua culpa, e lembre-se sobretudo de que ele é meu amigo.

— Como! — exclamou o sr. Bob Sawyer.

— Seu nome? — gritou Ben Allen. — Seu nome?

— Sr. Natanael Winkle — replicou o sr. Pickwick com firmeza.

O sr. Benjamim Allen esmigalhou propositadamente os óculos sob o tacão da bota, depois apanhou os pedaços e meteu-os em três algibeiras separadas. Então cruzou os braços, mordeu os beiços e fitou ameaçador as plácidas feições do sr. Pickwick.

— Com que então foi o senhor que encorajou e levou a cabo este casamento? — perguntou afinal.

— E foi o criado deste senhor, suponho — interrompeu a velha —, que andou a vagar à roda de minha casa e tentou subornar os meus criados para conspirarem contra a sua ama. Martim!

— Senhora! — disse o homem de má catadura, adiantando-se.

— Foi este o rapaz que você viu no beco e de quem me falou esta manhã?

O sr. Martim que, como já se viu, era homem de poucas palavras, olhou para Samuel Weller, acenou com a cabeça e resmungou: — Foi este! — Sam, que nunca fora orgulhoso, endereçou-lhe um sorriso de reconhecimento e confessou em termos corteses já ter visto algures aquela cara.

— E foi esta fiel criatura — exclamou o sr. Ben Allen — que estive a ponto de esganar! Sr. Pickwick, que atrevimento foi esse de permitir ao patusco se empregasse no rapto de minha irmã? Exijo-lhe explicações, senhor!

— Explique-se, senhor! — bradou Bob Sawyer com ar feroz.

— Foi um conluio — disse Ben Allen.

— Uma verdadeira tramóia — acrescentou Bob Sawyer.

— Uma infame violência — observou a velha.

— Uma pouca vergonha, nem mais nem menos — notou Martim.

— Tenham a bondade de ouvir-me — instou o sr. Pickwick, enquanto Ben Allen caía na cadeira onde se davam as sangrias e sacava do lenço. — Não prestei auxílio algum a este fato, a não ser o estar presente a uma entrevista entre os dois namorados, que aliás não podia evitar, e da qual entendi que a minha presença poderia remover qualquer vislumbre de inconveniência que de outro modo teria. Foi esta a única parte que tomei no caso, e nem suspeitas tive de que houvesse idéias de casamento imediato. Conquanto, notem bem — acrescentou o sr. Pickwick retraindo-se vivamente —, notem bem, não digo que o teria evitado, se lhes soubesse das intenções.

— Ouviram? Ouviram todos? — bradou o sr. Benjamim Allen.

— Estou certo de que ouviram — observou com brandura o sr. Pickwick, olhando em volta de si. — E espero que ouçam o que me resta a dizer — acrescentou, em voz mais alta, ruborizando-se gradativamente. — Pelas informações que recebi, afianço-lhe que o senhor não tinha direito algum de querer violentar as inclinações de sua irmã, como fazia, e que melhor fora procurar pela indulgência e ternura substituir os pais que ela não conhecera, senão em criança. Pelo que diz respeito ao meu jovem amigo, permita-me acrescentar que em pontos de fortuna ele está no mesmo pé que o senhor, se

não em melhor. Finalmente, se não querem discutir o assunto com prudência e moderação, recuso-me abertamente a ouvir mais a respeito.

— Desejaria acrescentar umas observaçõezinhas ao que expôs o digno cavalheiro — acudiu Sam adiantando-se. — Eis o que é: um indivíduo aqui presente chamou-me de patusco.

— Isso não vem ao caso, Sam — atalhou o sr. Pickwick. — É melhor que se cale.

— Não é sobre esse caso que quero falar — replicou Sam —, mas é isto: talvez aquele cavalheiro julgue ter havido alguma inclinação anterior, mas não havia tal, porque a menina disse logo de princípio que o não podia suportar. Ninguém lhe cortou a casaca; para ele seria a mesma coisa se a menina nunca tivesse deitado os olhos no sr. Winkle. Isso é o que queria dizer, senhor, e espero agora haver tranqüilizado o cavalheiro.

Seguiu-se uma curta pausa às consoladoras observações de Sam. Ben Allen levantou-se, protestou que nunca mais haveria de ver Ara-bela, ao passo que o sr. Bob Sawyer, a despeito das lisonjeiras afirmações de Sam, jurava terrível vingança contra o noivo venturoso.

Mas, bem no momento em que as coisas pareciam tomar aspecto ameaçador, o sr. Pickwick encontrou um poderoso e inesperado aliado na velha senhora, que, evidentemente impressionada pela forma com que ele advogara a causa da sobrinha, acercou-se de Ben Allen com reflexões reconfortantes. As principais eram: dos males o menor; quanto menos se falasse no caso, mais fácil era arranjar-se tudo; que o que não tem remédio remediado está; que afinal o demônio não era tão feio como o pintavam; que o que estava feito não se podia desmanchar; e várias outras afirmações igualmente novas e animadoras.

A tudo isto respondeu o sr. Benjamim Allen que não tinha intenções de faltar ao respeito à tia nem a nenhum dos presentes, mas, se lhe dessem permissão de agir como entendesse, preferia ter o prazer de odiar a irmã até a morte, e mesmo depois. Por fim, anunciada que foi esta resolução umas cinqüenta vezes, a velha senhora, empertigando-se de súbito e assumindo ares majestosos, perguntou o que fizera para não lhe respeitarem nem a posição nem a idade, para se ver obrigada a suplicar por esta forma ao próprio sobrinho, de quem ela se lembrava 25 anos antes de ele nascer, a quem conhecia pessoalmente antes de ele ter o primeiro dentinho. Sem falar de sua presença da primeira vez em que ele cortara o cabelo, de sua assistência em

outras numerosas cerimônias de sua meninice, assaz importante para conferir-lhe eterno direito à sua obediência, à sua afeição e simpatia.

Enquanto a boa senhora repreendia assim o sr. Ben Allen, Bob Sawyer e o sr. Pickwick se haviam retirado para conferenciar no gabinete interior, onde o primeiro foi visto por diversas vezes a atirar-se a uma garrafa preta, cuja influência lhe trouxe gradualmente às feições uma expressão satisfeita e até jovial. Finalmente, deixou o gabinete de garrafa em punho, observando que sentia muito haver-se comportado como um pateta, propôs se bebesse à saúde do casal Winkle, com cuja ventura, longe de invejá-la, seria o primeiro a congratular-se. Ouvindo isto, o sr. Benjamim Allen ergueu-se de um salto, agarrou na garrafa preta e tão cordialmente acompanhou o brinde que, como o licor fosse forte, ficou de rosto quase tão preto como a garrafa. A garrafa preta andou de mão em mão até esvaziar-se, e tantos foram os cumprimentos e apertos de mão que se seguiram, que até o rosto metálico do sr. Martim houve por bem franzir-se num sorriso.

— E agora — disse Bob Sawyer esfregando as mãos — vamos ter uma noite divertida.

— Sinto muito — disse o sr. Pickwick —, mas tenho de voltar ao meu hotel. Há bastante tempo estou desabituaado ao movimento e a jornada fatigou-me um bocado.

— Aceita um pouco de chá, sr. Pickwick? — perguntou a velha senhora com irresistível meiguice.

— Muito obrigado, mas não me é possível aceitar.

A verdade é que o motivo principal que induzia o sr. Pickwick a retirar-se era a evidente e crescente admiração da velha dama. Lembrava-se da sra. Bardell e cada olhar da velhota punha-o em suores frios.

Como não fosse possível conseguir do sr. Pickwick que se demorasse, ficou combinado, por proposta sua, que o sr. Benjamim Allen o acompanhasse no trajeto à casa do sr. Winkle sênior, e que a carruagem estivesse à porta na manhã seguinte, às 9 horas. Despediu-se então e, seguido por Sam, dirigiu-se ao Hotel da Mata.

É digno de reparo que as feições do sr. Martim estavam horrorosamente convulsionadas, quando, à despedida, apertou a mão de Sam, e que ele desabafou ao mesmo tempo num sorriso e numa praga. Os conhecedores de suas peculiaridades inferiram destas manifestações que o homem expressava

seu prazer pela companhia de Sam e o desejo de travar com este mais amplas relações.

— Devo pedir um quarto particular, senhor? — perguntou Sam ao chegarem ao hotel.

— Não, não é necessário, Sam. Jantarei na sala do café e tenciono deitar-me cedo; não vale a pena. Veja quem está na sala dos viajantes, Sam.

Este logo voltou, dizendo lá encontrar-se apenas um sujeito zarolho, mais o dono do hotel, a beberem juntos uma tigela de *bishops*.^[22]

— Vou ter com eles — disse o sr. Pickwick.

— É um freguês patusco, o tal zarolho — observou Sam, ao passo que conduzia o amo. — Está a troçar com o dono do hotel, intruja-o a ponto de ele já não saber se anda com as solas das botas ou com a copa do chapéu no chão.

O indivíduo a quem aludia sentava-se no extremo da sala, quando entrou o sr. Pickwick; fumava um grande cachimbo holandês, com o olho único cravado na cara redonda do hospedeiro, velho de aspecto jovial, a quem ele acabara de contar uma história prodigiosa, como se deduzia pelas exclamações: — Custa a crer! Com efeito! Nunca ouvi coisa assim! Nunca imaginei isso possível! — e outras expressões de pasmo que lhe brotavam espontaneamente da boca, enquanto cruzava o olhar com o olhar fito do zarolho.

— Um seu criado, senhor — disse o zarolho ao sr. Pickwick. — Linda noite!

— Lindíssima, realmente — replicou o sr. Pickwick, enquanto o criado lhe colocava defronte um pequeno jarro com pinga e água quente que ele tratou de misturar.

Entrementes, o zarolho olhava para ele de quando em quando e, por fim, disse:

— Parece-me que já me encontrei com o senhor.

— Não me recordo.

— Não admira! O senhor não me conhecia; eu é que conhecia dois de seus amigos, que, por ocasião das eleições, estavam hospedados no Pavão de Eatanswill.

— Ah, sim?

— Sim, senhor. Até lhes contei um pequeno episódio da vida de um amigo meu, chamado Tom Smart. O senhor talvez tenha ouvido falar nele.

— Muitas vezes — redargüiu o sr. Pickwick sorrindo. — Era seu tio, creio eu?

— Não! não, apenas amigo de meu tio.

— Em todo caso — ponderou o hospedeiro —, esse senhor seu tio foi um homem prodigioso.

— Se foi! Posso afirmá-lo. Podia até contar-lhes uma história a respeito desse mesmo tio, que os havia de pasmar.

— Ah! sim? Pois então vamos ouvi-la! — alvitrou o sr. Pickwick.

O zanolho meteu a colher na tigela do *negus*, encheu o copo, engoliu-o, tomou uma larga fumaça do cachimbo holandês, chamou Sam Weller, que estava parado ao pé da porta, disse-lhe ser inútil retirar-se, a não ser que o quisesse, pois não havia segredos em sua história, fitou o olho no hospedeiro e começou a contar o relato que se vai ler no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XLIX

A HISTÓRIA DO TIO DO BUFARINHEIRO ZAROLHO.

“MEU TIO, MEUS SENHORES, era um dos homens mais alegres, mais espertos, mais folgazões que tem havido. Gostaria de que os senhores o tivessem conhecido. Mas, pensando melhor, não gostaria, porque, se o tivessem conhecido, deveriam estar, segundo o curso natural das coisas, se não mortos, pelo menos tão perto da morte, que se teriam deixado ficar em casa, sem se importarem com viagens, o que me privaria do inestimável prazer de falar-lhes neste momento. Gostaria de que as senhoras suas mães e os senhores seus pais tivessem conhecido o meu tio. Haviam de morrer por ele, especialmente as suas respeitáveis mães, oh, se haviam!

“Se havia duas virtudes predominantes entre as numerosas que lhe adornavam o caráter, eram o seu ponche e as suas canções depois da ceia. Desculpem demorar-me nestas tristes recordações de um valor que se foi; nem todos os dias da semana são os senhores capazes de ver um homem como meu tio.

“Sempre considerei como notável pormenor de seu caráter o ser amigo íntimo e companheiro de Tom Smart, da grande casa de Bilson e Slum, rua Cateaton, City. Meu tio viajava por conta de Tiggim e Welps, mas por muito tempo fez as mesmas jornadas que Tom, e Tom tinha um fraco por meu tio, que tinha um fraco por Tom. Não havia meia hora que se conheciam, apostaram um chapéu novo sobre qual deles faria a melhor canada de ponche e quem o beberia mais depressa. Ganhou meu tio, pela qualidade do ponche, mas, quanto a beber, Tom Smart derrotou-o, por causa de meia colher de sal. Bebeu cada um deles mais outra canada à saúde um do outro, e de então por diante ficaram amigos para toda a vida. Há um destino nestas coisas, meus senhores; e não há fugir-lhes.

“No aspecto pessoal, era meu tio um nadinha mais baixo que a estatura mediana; era também um nadinha mais gordo que o vulgar, e talvez a cara fosse um quase nada mais vermelha. Tinha a fisionomia mais gaiata que os senhores

podiam ter visto, assim como Punch, com um nariz e um queixo mais bonitos, os olhos sempre a pestanejar e brilhar de pura alegria, com um sorriso constantemente estampado no rosto — não dessas caretas alvares, idiotas, mas um sorriso cordial e franco. Em tempos dera um trambolhão do seu carrinho abaixo, indo bater com a cabeça de encontro a um marco. Ficou tão atordoado, tão desfigurado com o cascalho que se lhe metera pela cara, que, para me servir de uma expressão dele, se sua mãe tornasse a vir ao mundo, não era capaz de o reconhecer. Na verdade, quando penso no caso, julgo que ela não o reconheceria porque, quando morreu, tinha meu tio dois anos e sete meses, e creio bem que, mesmo quando não fosse o cascalho, a boa senhora haveria de ficar um tanto atrapalhada ao ver-lhe as botas de canhão, sem falar na cara rubicunda. Seja como for, ele ficou estirado, e muitas vezes ouvi dizer a meu tio que o homem que o apanhou dizia que ele estava a sorrir com tanta alegria, como se tivesse dado um tombo por brincadeira e que, depois de o sangrarem, os primeiros vislumbres que deu de voltar a si foi dar um salto na cama, desatar às gargalhadas, ferrar um beijo na rapariga que segurava a bacia e pedir imediatamente uma costela de carneiro e umas nozes de conserva. Gostava deveras das nozes de conserva, meus senhores. Dizia que comidas em vinagre davam melhor gosto à cerveja.

“A grande viagem de meu tio era ao cair das folhas. Nessa quadra ia receber encomendas e recolher dívidas pelo norte. Ia de Londres a Edimburgo, de Edimburgo a Glasgow, outra vez a Edimburgo e daí voltava no pacote para Londres. Devem perceber que esta segunda visita a Edimburgo era só de recreio. Costumava lá voltar e demorar-se uma semana, tempo suficiente para visitar velhos amigos; mais um almoço com este, mais um lanche com aquele, mais um jantar com um terceiro, uma ceia com outro, passava ali uma semana cheia que era um gosto.

“Não sei se algum dos senhores já tomou parte num almoço escocês, abundante, substancial, e depois foi a um lanchezinho de barril de ostras e coisa de uma dúzia de garrafas de ale e uma ou duas garrafas de uísque para atestar. Se já provaram disto alguma vez, concordarão comigo que é mister ter-se a cabeça rija como a breca, para ir depois jantar e cear.

“Pois isto tudo, Deus os abençoe, não era nada para meu tio. Era ele tão bem constituído que tudo não passava de uma brincadeira de crianças. Ouvei dizer certa vez que era capaz de fazer qualquer dia frente à gente de Dundee e voltar depois sem vacilar para casa; e olhem os senhores que a gente

de Dundee tem as cabeças e o ponche tão valentes, como não são capazes de encontrar outros entre os pólos. Ouvi falar num homem de Glasgow e em outro de Dundee que estiveram a beber quinze horas de uma assentada. Ficaram ambos sufocados, tanto se pôde verificar, quase no mesmo momento, mas com esta insignificante diferença, que nem por isso ficaram pior.

“Uma noite, 24 horas antes da ocasião que ele marcara para seu embarque para Londres, foi meu tio cear em casa de um velho amigo seu, um bailio Mac qualquer coisa, com quatro sílabas enfiadas, que vivia na velha cidade de Edimburgo. Havia a mulher do bailio, mais três filhas do bailio, mais um filho já taludo do bailio, e três ou quatro valentes escoceses de velha raça, espertalhões, de sobrelhas espessas como matagal, que o bailio reunira para fazer honra a meu tio e animar os convivas. Foi uma ceia opípara. Houve salmão desovado e badejo da Finlândia, uma cabeça de carneiro e um *haggis*, célebre prato escocês de que meu tio costumava dizer sempre, quando aparecia à mesa, que lhe parecia tal e qual o estômago de um cupido; além disso, grande quantidade de outras coisas de que me esqueço os nomes, em todo caso coisas estupendas. As raparigas eram belas e agradáveis; a mulher do bailio, uma das melhores criaturas que têm existido; meu tio estava numa admirável disposição. Assim, durante a noitada, as pequenas estiveram a rir às gargalhadas, a velhota a fazer o mesmo e o bailio e os demais patuscos numa risota que os pôs de cara vermelha como um tomate. Não recordo ao certo quantos copos de uísque cada um dos homens bebericou depois da ceia, mas o que sei é que, por volta da 1 hora da madrugada, o filho do bailio perdeu os sentidos, quando tentava dizer o primeiro verso de uma canção de Burns; e, como havia meia hora que ele era o único homem que se podia ver acima da mesa, ocorreu a meu tio que deviam ser horas de ir andando, visto que o pagode tinha começado às 7 e era preciso estivesse em casa a horas decentes. Mas, parecendo-lhe não ser delicado safar-se naquele momento, meu tio, por voto próprio, assumiu a presidência, preparou outro copo de grogue, levantou-se para propor um brinde a si próprio, dirigiu um eloqüente e amável discurso a si mesmo e bebeu o *toast* com grande entusiasmo.

“Entrementes ninguém havia acordado.

“Meu tio bebeu ainda uma pinga, desta vez pura para evitar que a água lhe fizesse mal, agarrou o chapéu e saiu para a rua.

“A noite estava tempestuosa como o demônio quando meu tio fechou a porta do bailio. Enterrou com força o chapéu na cabeça para que o vento não o

levasse, meteu as mãos nas algibeiras e, levantando os olhos, examinou rapidamente o tempo. As nuvens corriam a bom correr por cima da Lua, ora tapando-a de todo, ora deixando-a brilhar em todo o esplendor, e, logo depois, passando outra vez com velocidade crescente e envolvendo tudo em trevas. ‘A falar verdade, isto não vale!’, disse meu tio dirigindo-se ao tempo como se se sentisse pessoalmente ofendido. ‘Isto não é tempo que sirva para a minha viagem. Não pode ser de forma alguma’, concluiu com voz firme. Depois de repeti-lo várias vezes, recuperou o equilíbrio com certa dificuldade — pois provocara-lhe vertigens o estar tanto tempo a olhar para o céu — e foi andando alegremente.

“A casa do bailio ficava em Canongate e meu tio ia para o outro extremo de Leith Walk, pouco mais de 1 milha de caminho. De um lado e do outro, erguiam-se para o céu negro casas altas, esguias, apartadas, de fachadas sujas pelo tempo e janelas que pareciam ter tido o mesmo destino dos olhos humanos, encovando-se e obscurecendo-se com a idade. Eram essas casas de seis, sete e oito andares; um acumulado sobre outro, como os que as crianças fazem com cartas — lançando sombras negras sobre a rua calçada de cascalho irregular e tornando mais negra a noite. A grande distância umas das outras estavam disseminadas raras lâmpadas de azeite, que serviam para marcar a sórdida entrada de alguma viela estreita, ou para mostrar o local em que uma escada comum, muito tortuosa e íngreme, comunicava com os vários pontos superiores. Lançando uma vista de olhos por todas estas coisas, com ares de um homem já farto de vê-las, que não as julgava agora dignas de atenção, meu tio seguia pelo meio da rua, com um polegar em cada uma das algibeiras do colete, permitindo-se de quando em quando cantarolar uns trechos, entoados com tal entusiasmo, que os moradores pacatos e honestos acordavam do primeiro sono e ficavam a tremer na cama, até que o som se extinguia à distância; e então, convencidos de ser apenas um bêbedo vadio que se recolhia para casa, aconchegavam-se novamente às cobertas e tornavam a adormecer.

“Demoro-me, meus senhores, a descrever como meu tio ia andando pelo meio da rua, com os polegares enfiados nos bolsos do colete, porque, como ele costumava dizer muita vez, e com carradas de razão, nada há absolutamente de extraordinário nesta história, se os senhores não perceberem desde o princípio que ele não era dado, em absoluto, ao maravilhoso nem ao romanesco.

“Ia-se pois meu tio por ali afora, de polegares enfiados nos bolsos do colete, tomando todo o meio da rua e cantando ora em verso de uma canção

báquica, ora outro de uma cantiga de amor, ou assobiando melodiosamente quando se fartava de cantar, até que chegou à ponte do norte, que neste sítio liga os bairros velhos aos bairros novos de Edimburgo. Parou ali um minuto para observar a estranha acumulação irregular das luzes cintilando ao longe e tão alto nos ares que pareciam estrelas refulgindo de um lado nas muralhas da fortaleza e do outro em Culton Hill, como se alumiassem verdadeiros castelos no ar, enquanto a velha e pitoresca cidade dormia pesadamente embaixo, em meio às lobregas trevas; e o seu Palácio e Capela de Holyrood, guardados noite e dia, como dizia um amigo de meu tio, pela mansão do Rei Artur, torreava soturna qual um gênio das trevas, sobre a antiga cidade que há tantos séculos vigiava. Digo, meus senhores, que meu tio parou ali um minuto para olhar em torno de si; e depois, dirigindo um cumprimento ao tempo que aclarara um pouco, malgrado a Lua se estivesse escondendo, foi seguindo o seu caminho tão majestosamente como até então, conservando-se no meio da rua com grande dignidade, como se não lhe parecesse improvável o encontrar alguém que lhe contestasse os direitos. Mas, como não apareceu ninguém, foi seguindo, de polegares nos bolsos do colete, manso como um cordeiro.

“Quando meu tio chegou ao extremo de Leith Walk, tinha de atravessar um espaço avantajado de terrenos baldios, que o separavam de uma rua curta, por onde devia passar para ir direto ao hotel. Ora, por aquele tempo, havia nesses terrenos baldios um cercado pertencente a um empreiteiro de carros que contratara com a administração do correio a compra das malas-postas escangalhadas. Como meu tio gostava imenso de carruagens, quer velhas ou de meia-idade, meteu-se-lhe de repente na cabeça desviar-se do seu caminho para espreitar pelo tapume, dentro do qual recordava ter visto coisa de uma dúzia de malas-postas, amontoadas, desprezadas, desmanteladas. Meu tio, senhores, era um tipo cheio de energia e entusiasmo; percebendo que não podia espreitar à vontade por entre as tábuas, trepou para cima do tapume e, sentando-se sossegadamente num velho eixo de rodas, pôs-se a contemplar as malas-postas com extraordinária gravidade.

“Deviam andar por uma dúzia, talvez mais — meu tio nunca teve certeza da conta, e, como em coisas de números fosse muito escrupuloso, não gostava de determinar. Mas ali estavam elas a granel, e nas condições mais deploráveis. As portinholas arrancadas dos gonzos, os forros tirados; restava apenas um e outro farrapo pendente de um prego enferrujado; as lâmpadas tinham-se sumido, as lanças também; há muito, a tinta desaparecera; as ferragens, comidas

de ferrugem; o vento sibilava através das fendas do tabuado nu, e a chuva, que se acumulara nos tejadilhos, pingava lentamente no interior com um som melancólico e cavo. Eram os decaídos esqueletos de malas-postas finadas, e, àquelas horas mortas, naquele local solitário, apresentavam um aspecto sinistro e desolador.

“Meu tio apoiou a cabeça nas mãos e cismou na gente azafamada e ativa que anos antes fora arrastada por aquelas velhas diligências e se via agora tão mudada e silenciosa como elas; pensou nas pessoas inumeráveis a quem um daqueles carcomidos e decrépitos veículos levava, durante noites e noites, anos a fio, com todo tempo, as notícias ansiosamente esperadas, letras de câmbio aguardadas com avidez, novas prometidas de boa saúde e de viagem próspera, novas súbitas de doença e de morte. O negociante, o namorado, a esposa, a viúva, a mãe, o colegial, a criança mesmo que engatinhava até a porta quando batia o correio — com que ansiedade haviam todos esperado pela chegada da velha diligência. Onde estavam agora?

“Meu tio costumava dizer que pensara em todas estas coisas na ocasião, mas desconfio de que as lera mais tarde, em algum livro, pois afirmava ter caído numa espécie de modorra enquanto esteve sentado no eixo, a olhar para as malas-postas escangalhadas, e que foi subitamente despertado por um sino grave que tangeia 2 horas. Ora, meu tio nunca foi um grande pensador, e, se tivesse pensado todas estas coisas, estou certo de que não lhe levariam menos que até as 2 e meia, e bem puxadas. Por isso sou de opinião, meus senhores, que meu tio caiu na tal espécie de modorra sem ter pensado em coisa alguma.

“Seja como for, o sino tangeu as duas badaladas. Meu tio acordou, esfregou os olhos e pôs-se em pé muito espantado.

“Num instante, depois de o relógio dar 2 horas, todo o tranqüilo e deserto recinto tornara-se teatro de vida e animação extraordinárias. As portinholas das diligências em seus gonzos, o forro repostado, a pintura restaurada, as ferragens como novas, as lâmpadas acesas; viam-se almofadas e grandes casacões nos assentos; os guardas arrumavam as malas do correio, os carregadores metiam fardos nos vãos das almofadas; os palafreiros atiravam baldes de água para cima das rodas renovadas; homens atarefados corriam de um para outro lado a pôr lanças em cada uma das diligências; chegavam passageiros, passavam-se as bagagens para os tejadilhos; atrelavam-se os cavalos e, em suma, era perfeitamente claro que todas as diligências se aprestavam a partir. Meus

senhores, meu tio arregalou tanto os olhos ao ver isto, que até o fim da vida nunca pôde perceber como conseguira fechá-los outra vez.

“— Avie-se! — disse uma voz, ao passo que meu tio sentia uma mão cair-lhe em cima do ombro. — O senhor está inscrito com uma passagem. É melhor tomar já o seu lugar.

“— Eu tenho bilhete! — exclamou meu tio voltando-se.

“— Está claro que sim.

“Meu tio não pôde abrir o bico, de pasmado que ficara. O mais extraordinário era que, conquanto fosse tamanha a turba e chegassem caras novas a cada momento, não havia perceber de onde vinham; pareciam surgir de maneira estranha da terra ou do ar, e sumir-se da mesma forma. Quando um moço acabava de colocar a bagagem na diligência e recebia a sua gorjeta, voltava as costas e safava-se; e, antes que meu tio tivesse tempo de investigar que fora feito dele, surdia outra meia dúzia, a cambalear ao peso da carga, que parecia bastante volumosa para esmagá-los. Os passageiros também trajavam estranhamente: grandes casacas de abas largas, agaloadas, com grandes punhos e sem colarinhos; e cabeleiras, meus senhores, enormes cabeleiras com um laço no rabicho. Meu tio não percebia patavina deste caso.

“— Então, entra ou não entra? — disse a pessoa que já havia interpelado meu tio.

“Estava vestido como postilhão, com cabeleira e punhos colossais; tinha uma lanterna numa das mãos e na outra um tremendo bacamarte, que ia arrumar no seu pequeno cofre. — Entra ou não entra, Jack Martin? — tornou ele a repetir, pondo a lanterna diante da cara de meu tio.

“— Essa agora! — disse meu tio. — Isso é confiança demais!

“— É que está no rol dos passageiros.

“— Então não está lá, antes do nome, a palavra ‘senhor’? — disse meu tio, porque lhe parecia que isto de um postilhão que ele não conhecia o chamar Jack Martin era uma liberdade que a administração dos correios não sancionaria, caso dela tivesse conhecimento.

“— Não está — retorquiu friamente o postilhão.

“— E o lugar está pago? — perguntou meu tio.

“— É de ver que sim.

“— Ah! está? Então vamos embora. Qual é o meu carro?

“— Este — disse o postilhão, apontando para uma mala-posta antiga da linha de Edimburgo para Londres, que tinha a porta aberta e os degraus

embaixo. — Espere! Vêm aí os outros passageiros. Deixe-os entrar primeiro.

“Enquanto o postilhão falava, apareceram mesmo em frente de meu tio um cavalheiro ainda novo, de cabeleira polvilhada e uma casaca azul-celeste guarneçada de prata, com abas em balão, forradas de bocaxim; Tiggin e Welps negociavam em panos de coletes e algodões estampados, meus senhores; por isso meu tio logo conheceu as fazendas. O tal sujeito trajava calção e uma espécie de polainas enroladas sobre as meias de seda e trazia sapatos de fivela; tinha chapéu de três bicos, punhos em rufos e uma espada delgada à cinta. As abas do colete desciam-lhe até o meio da coxa e as pontas da gravata chegavam-lhe à cinta. Adiantou-se majestoso até a portinhola, tirou o chapéu e conservou-o acima da cabeça a todo o comprimento do braço, arrebitando ao mesmo tempo o dedo mínimo, como fazem as pessoas afetadas quando tomam uma xícara de chá; depois uniu os pés, fez uma vênica muito grave e estendeu a mão esquerda. Meu tio ia adiantar-se para apertá-la, quando percebeu que as atenções eram dirigidas não a ele, mas a uma jovem senhora que surgira no momento ao pé dos degraus, trajando um vestido de veludo verde, à moda de outras eras, com uma cintura comprida e corpete justo. Não trazia chapéu, mas tinha a cabeça envolta num capuz de seda preta. Olhou um instante em torno de si, como se se aprestasse a entrar na diligência, e o lindo rosto que ela mostrava nunca tinha caído sob as vistas de meu tio, nem mesmo pintado. Meteu-se no carro, arregaçando o vestido com uma das mãos, e, como dizia sempre meu tio com uma praga valente, ao contar a história, ele não acreditaria que umas pernas e uns pés pudessem ser levados a tal grau de perfeição, se os não tivesse visto com os próprios olhos.

“Mas, no rápido relance daquele formoso rosto, percebeu meu tio que a dama lhe deitava um olhar suplicante e que parecia aflita e apavorada. Reparou também que o mancebo da cabeleira polvilhada, apesar das aparências de galanteria, muito aristocráticas, agarrara-a com força pelo pulso e seguira-a imediatamente para o interior da diligência. Ao mesmo grupo pertencia um sujeito de má catadura com uma apertada cabeleira escura, fato cor de ameixa, grande espadagão e botas que lhe chegavam aos quadris. Quando se assentou ao lado da dama, esta encolheu-se para um canto e meu tio confirmou-se na impressão primitiva de que algo terrível e misterioso estava ocorrendo, ou, como ele costumava dizer, ‘que havia algures um parafuso mal atarrachado’. É de espantar a rapidez com que ele se decidiu a acudir a dama, à idéia de que ela precisasse de socorro.

“— Com mil demônios! — exclamou o mancebo, levando a mão à espada, apenas meu tio entrou na diligência.

“— Com mil trovões! — rugiu o outro sujeito.

“E, sem mais nada, desembainhou a espada e vibrou uma estocada a meu tio. Ora, meu tio não estava armado, mas com grande destreza arrebatou o chapéu de três bicos da cabeça do homem de má catadura e, recebendo a ponta da espada mesmo a meio da capa, apertou as abas e agarrou com força a folha.

“— Dê-lhe uma pontoada por detrás! — berrou o homem de má catadura para o companheiro, esforçando-se por arrancar a espada de meu tio.

“— Meta-se nessa! — gritou meu tio, mostrando ameaçadoramente o tacão do sapato. — Dou-lhe um pontapé que lhe faço saltar os miolos, se é que os tem, ou racho-lhe a caveira de meio a meio! — Empregando então todas as forças, meu tio arrancou a espada ao sujeito de má catadura e atirou-a pela portinhola. — Com mil raios! — vociferou de novo o mancebo, levando ferozmente a mão ao punho da espada, mas sem desembainhá-la. ‘Talvez ele’, costumava dizer meu tio com um sorriso, ‘talvez ele tivesse medo de assustar a dama.’

“— Ora agora, meus senhores — disse meu tio assentando-se com toda a pachorra —, nada de pragas diante de uma senhora, porque, a respeito de raios, coriscos e trovões, já nos basta para a jornada; portanto, se assim lhes apraz, sentemo-nos tranqüilamente nos nossos lugares, como pacatos passageiros. Eh! lá! condutor, apanhe o trinchante deste cavalheiro.

“Mal meu tio pronunciou estas palavras, surgiu à portinhola o condutor com a espada do tal sujeito. Levantou a lâmpada e examinou atentamente a cara de meu tio, que, com extrema surpresa, viu uma chusma de postilhões aglomerados à roda da portinhola, olhos fitos nele com persistência. Nunca na vida vira um mar assim de caras brancas, de corpos vermelhos e de olhos fitos.

“‘Isto é a coisa mais extraordinária que me tem sucedido!’, pensou meu tio. — Permita-me o cavalheiro que lhe restitua o seu chapéu.

“O sujeito de má catadura recebeu em silêncio o chapéu de três bicos, olhou com ar investigador para o furo do meio e por fim pespegou-o no cocuruto da cabeleira com solenidade, cujo efeito foi levemente atenuado por um violento espirro que o acometeu no momento e que lhe atirou outra vez o chapéu ao chão.

“— Vamos! — gritou o condutor da lâmpada, subindo para a sua banquetta na traseira.

“Rodou a diligência. Meu tio espreitou pela portinhola quando saíam do pátio e observou que as outras malas-postas, com cocheiros, condutores, cavalos e viajantes, andavam a redemoinhar a pequeno trote, com uma velocidade de cerca de 5 milhas a hora. Meu tio ardia em fúria, meus senhores. Como homem de negócios, entendia que as malas não eram objeto de brincadeira, e resolveu queixar-se do caso à administração das postas, mal chegasse a Londres.

“Mas, no momento, seu espírito concentrava-se na jovem senhora sentada na extremidade da diligência, o rosto cuidadosamente envolto no capuz. O cavalheiro de casaca azul-celeste sentava-se em frente dela, e o outro, do fato cor de ameixa, ao lado, ambos a vigiá-la com toda a atenção. Bastava ela rumorejar com as pregas do capuz, meu tio ouvia logo o sujeito de má catadura bater com a mão no punho da espada e percebia pelo ofegar do outro (estava tão escuro que não lhe podia ver as feições) que este fazia trejeitos de ferrabrás, como se disposto a engoli-la de uma assentada. O que excitava meu tio cada vez mais, e resolveu-se a pôr termo à situação, sucedesse o que sucedesse. Tinha em grande admiração os rostos meigos, os olhos brilhantes, as pernas e pés bem torneados; em suma, era apaixonado pelo belo sexo. Isto é de família, meus senhores — eu cá também sou assim.

“Fartou-se de empregar ardis, para atrair a atenção da dama, ou pelo menos travar conversação com os misteriosos passageiros. Tudo em vão; os cavalheiros não se dignavam falar, e a dama não se atrevia. Deitava de quando em vez a cabeça fora da portinhola e berrava para que lhe dissessem por que não andavam mais depressa. Mas o resultado foi enrouquecer, sem que ninguém lhe prestasse a mínima atenção. Reclinou-se para trás e foi pensando no lindo semblante, nas pernas e nos pés. Foi bom o expediente, para matar o tempo e evitar fizesse conjeturas sobre a estranha situação em que se via metido, sem saber para onde ia. Não que isso o ralasse de forma alguma — o demônio do meu tio era um sujeito amigo de viagens, de espírito independente, descuidoso, arrojado.

“Subitamente a diligência parou. — Olá! — disse meu tio. — Que novidade é esta agora?

“— Apeiem-se aqui! — disse o condutor, abaixando os degraus.

“— Aqui! — bradou meu tio.

“— Aqui mesmo — replicou o guarda.

“— Não estou para isso.

“— Pois então deixe-se ficar onde está.

“— É o que vou fazer.

“— Como quiser.

“Os outros passageiros tinham prestado muita atenção a este colóquio, e, vendo meu tio decidido a não apear, o mais jovem passou rente a ele, a fim de dar a mão à dama. Nesse momento, o sujeito de má catadura estava a inspecionar o buraco da copa do chapéu. Quando a dama passou por meu tio, deixou-lhe cair na mão uma das luvas e murmurou baixinho, os lábios tão perto da cara dele, que meu tio lhe sentiu o hálito quente no nariz, esta simples frase: “Socorra-me!”. Pois meus senhores, meu tio saltou logo e com tal violência fora do carro que o fez saltar sobre as molas.

“— Ah! então mudou de idéia, hem? — disse o condutor, ao ver meu tio em pé no chão.

“Meu tio olhou uns segundos para o condutor, imaginando se não fora melhor tirar-lhe o bacamarte, dar um tiro na cara do espadagão, machucar a cabeça dos outros com a coronha, raptar a dama e desaparecer no meio da fumarada. Mas, refletindo melhor, abandonou o projeto, cuja execução seria melodramática demais, e seguiu os dois cavalheiros misteriosos, que, levando a dama sempre no meio deles, entravam no momento numa casa velha defronte da qual parara a diligência. Voltaram para o corredor e meu tio continuou a segui-los.

“De todas as casas arruinadas e soturnas que meu tio tinha visto, nenhuma era mais do que esta. Parece que em outros tempos fora uma hospedaria; mas o telhado caíra em muitos lugares, os degraus eram escabrosos, íngremes e despedaçados. Havia uma chaminé colossal no aposento em que entraram, enegrecida de fumo, conquanto não brilhasse uma brasa. Via-se ainda espalhada na lareira a cinza fina e branca da lenha, mas o fogão estava frio, o aspecto geral era lúgubre e tenebroso.

“— Safa! — disse meu tio olhando em torno de si. — Uma diligência a andar 6 milhas e meia por hora e vir parar num antro destes não é coisa lá muito regular, ao que parece. Preciso averiguar, e escreverei para os jornais.

“Meu tio disse isto em voz bastante alta e de forma expansiva, no intuito de travar conversação com os dois estranhos, se possível. Mas nenhum dos dois homens lhe deu atenção; cochicharam apenas um com o outro, fitando-o, os cenhos carregados. A dama enveredou para o extremo do aposento e

aventurou-se uma vez a acenar com a mão, como a implorar auxílio de meu tio. Afinal os dois sujeitos adiantaram-se e a prosa começou de fato.

“— O homenzinho talvez ignore que isto é um gabinete particular — disse o de azul-celeste.

“— Não sei, não, homenzinho — retorquiu meu tio. — Mas, se isto é um gabinete particular, arranjado de propósito, quer-me parecer que a sala comum deve ser mais confortável. — E meu tio sentou-se numa cadeira de espaldar e mediu tão cuidadosamente o sujeito com a vista, que só por aquela avaliação podiam Tiggin e Welps ter-lhe fornecido algodão estampado para uma vestimenta, sem erro de 1 polegada para mais ou para menos.

“— Saia deste gabinete! — disseram em uníssono os dois sujeitos, levando a mão às espadas.

“— O quê! — revidou meu tio, parecendo não perceber o que diziam.

“— Saia daqui, ou é um homem morto! — retrucou o homem de má catadura, desembainhando o espadagão e esgrimindo no ar.

“— Acabe com ele! — disse o homem de azul-celeste, desembainhando também a espada e recuando 2 ou 3 metros. — Acabe com ele! — A dama soltou um grito penetrante.

“Ora, meu tio sempre se distinguira pela presença de espírito e pelo arrojo. Todo o tempo que aparentara indiferença pelo que se ia passando estivera sorrateiramente à espreita de qualquer arma de arremesso ou de defesa, e, no momento em que as espadas se desembainharam, deparara-se-lhe ao canto da chaminé uma velha durindana de guarda em concha e bainha ferrugenta. De um pulo meu tio agarrou-a, desembainhou-a, agitou-a galhardamente sobre a cabeça, gritou à dama que se desviasse, atirou com a cadeira para o sujeito de azul-celeste e com a bainha para o outro e, aproveitando-se da confusão, caiu de roldão sobre ambos.

“Cavalheiros, há uma história muito velha — e que não é pior por ser verdadeira — a respeito de um jovem e guapo gentil-homem irlandês, que, perguntando-se-lhe se sabia tocar rebeca, respondeu estar convencido de que sim, mas não podia afiançar, porque nunca o experimentara. Isto podia-se aplicar a meu tio e à sua esgrima. Jamais na vida empunhara uma espada, a não ser uma vez em que fizera o papel de Ricardo v num teatro particular, e mesmo nessa ocasião ficara combinado com Richmond que este o espetasse pelas costas, sem simulacro algum de combate. Mas aí estava ele agora, às cutiladas com dois espadachins adestrados, a atacar, a pôr-se em guarda, a dar botes, a

parar botes, a esgrimir enfim da maneira mais hábil e mais vigorosa que é possível, conquanto até aquela época jamais desconfiasse possuir a mais leve noção dessa ciência. O que mostra a verdade do velho rifão: que, para seu proveito, cada um sabe.

“O estrondo do combate era terrível. Cada um dos três lutadores praguejava qual um sargentão, e as espadas tilintavam, que parecia se estavam a chocalhar todas as naifas e facas do mercado de Newport. Quando a luta atingia o auge, a dama, muito provavelmente para dar alento a meu tio, tirou o capuz do rosto e mostrou um semblante de tão rara beleza, que ele se sentiu com forças de lutar contra cinqüenta homens, para conquistar-lhe um sorriso e morrer depois. Até então fizera prodígios, mas agora começou a investir com a fúria de um gigante.

“Nesse momento o cavalleiro de azul-celeste, virando-se para trás, viu a dama com a face descoberta e desafogou uma exclamação de ciúmes e cólera. Voltou a arma contra ela e vibrou-lhe uma estocada no coração, provocando um grito de susto de meu tio que fez estremecer a casa. A dama desviou-se rapidamente e, tirando a espada da mão do mancebo antes que ele se tivesse endireitado, impeliu-o de encontro à parede, e, trespassando até o punho, pregou-o solidamente no painel de madeira. Foi um exemplo magnífico. Meu tio, com um brado de triunfo e força irresistível, obrigou o adversário a retroceder na mesma direção e, cravando a velha durindana bem no centro de uma flor vermelha do colete, pregou-o ao lado do amigo. E ali ficaram ambos, estrebuchando na agonia, os braços e pernas como os dos bonecos que as crianças movem com um cordel. Dizia meu tio mais tarde ser este um dos meios mais seguros que ele conhecia para desembaraçar-se de um inimigo; mas não era isento de um inconveniente, o da despesa, visto envolver a perda de uma espada por cada homem posto fora de combate.

“— Para a mala-posta! — bradou a dama, correndo para meu tio e lançando-lhe os formosos braços ao pescoço. — Ainda nos podemos salvar!

“— Se podemos! — disse meu tio. — Diga-me, minha jóia, não há mais ninguém para matar?

“Meu tio estava um tanto desapontado, pois imaginava que um bocadinho de idílio não ficaria mal depois daquela matança, quando mais não fosse, para variar.

“— Não temos um instante a perder — volveu a dama. — Aquele — prosseguiu, apontando para o mancebo de azul-celeste — é o filho único do

poderoso marquês de Filletoville.

“— Pois, meu amor, receio muito que ele não venha a herdar o título — disse meu tio olhando friamente para o fidalgo cravado na parede, à laia de borboleta. — Deu-lhe cabo do morgado, minha querida.

“— Fui arrebatada de minha casa e de meus amigos por estes infames — acudiu a dama, o rosto lampejante de indignação. — O miserável ia casar comigo dentro de uma hora!

“— Desavergonhado! — disse meu tio, com um olhar de desdém ao moribundo herdeiro de Filletoville.

“— Como poderá ter percebido pelo que viu — explicou ela —, essa malta estava preparada para assassinar-me se eu gritasse por socorro. Se os seus cúmplices nos encontrarem aqui, estamos perdidos. Daqui a dois minutos será tarde demais. Para a diligência! — Com estas palavras, oprimida pela comoção e pelo esforço que fizera para espetar o jovem marquês do Filletoville, caiu nos braços de meu tio. Este amparou-a e carregou-a até a porta. Lá estava a diligência com quatro cavalos pretos, crinas flutuantes, completamente ajazados; mas nem cocheiro, nem condutor, nem palafrenero sequer à frente deles.

“Senhores, creio não fazer injustiça à memória de meu tio expressando a opinião de que ele, conquanto solteiro, antes disso já havia amparado nos braços algumas damas. Creio mesmo que tinha por hábito dar seus beijinhos às caixeiras do botequim, e sei que uma ou duas vezes fora visto por testemunhas dignas de crédito a apertar nos braços uma estalajadeira, e de forma significativa. Aludo a esta circunstância para mostrar que extraordinária deveria ser a beleza daquela dama, para impressionar meu tio da maneira por que o fez. Costumava dizer que, ao sentir seus longos cabelos negros roçarem-lhe pelo braço e seus lindos olhos negros fitos na cara dele quando ela voltou a si, teve uma tamanha impressão nervosa, que as pernas lhe começaram a tremer. Mas quem é que pode fitar dois olhos negros e úmidos sem se sentir esquisito? Eu por mim não posso, meus senhores. Tenho até medo de olhar para certos olhos que conheço, podem crer.

“— Nunca me abandonará? — murmurou a jovem.

“— Nunca — disse meu tio com toda a sinceridade.

“— Meu valoroso salvador! Meu querido libertador! — exclamou ela.

“— Não me fale assim! — interrompeu meu tio.

“— E por que não?

“— Porque sua boca é tão fascinante quando fala, que receio cometer a imprudência de beijá-la.

“A jovem ergueu a mão como para evitar que meu tio o fizesse e disse... não disse coisa nenhuma: sorriu. Quando se está a fitar dois lábios, os mais deliciosos do mundo, e os vê descerrarem-se num sorriso malicioso — se se está muito perto deles e sem testemunhas —, não se pode provar a admiração pela sua forma e cor, melhor do que beijando-os ato contínuo. Foi o que fez meu tio, e honra lhe seja feita.

“— Ouça! — gritou a dama estremecendo. — Um rumor de rodas e cavalos...

“— Exatamente! — disse meu tio prestando ouvidos.

“Ele tinha um ouvido finíssimo para o escarvar de cavalos e o rodar de carros, mas pareciam ser tantos cavalos e tantos carros a aproximarem-se ruidosamente, que era impossível conjeturar-lhes o número. O som parecia o de cinquenta *breaks*, com três parelhas de cavalos puro-sangue a cada um.

“— Somos perseguidos! — gritou a dama de mãos postas. — Somos perseguidos. Não tenho esperança senão no senhor!

“Havia tal expressão de terror em sua encantadora fisionomia, que meu tio se decidiu num abrir e fechar de olhos. Meteu-a na diligência, disse-lhe que não se assustasse, comprimiu mais uma vez os lábios de encontro aos dela, recomendou-lhe corresse a vidraça para livrar-se do frio e subiu para a almofada.

“— Espere, meu amor! — gritou ela.

“— Que é? — perguntou-lhe meu tio, da almofada.

“— Quero falar-lhe, uma palavra só, meu querido.

“— Será preciso eu descer?

“A dama não deu resposta, mas sorriu outra vez. Que sorriso aquele, meus senhores! Ao pé deste, não valia de nada o primeiro. Meu tio desceu de seu poderio enquanto o demônio esfrega um olho.

“— Que é, minha jóia? — perguntou, espreitando da portinhola.

“Por acaso, a dama debruçava-se também para fora e meu tio achou-a mais bela do que nunca. Estava bem perto dela, não se podia enganar.

“— Que é, meu amor? — disse meu tio.

“— Nunca amará outra? Não casará com outra mulher, senão comigo?

“Meu tio fez um juramento solene de que não casaria com outra mulher e a dama recolheu a cabeça e levantou a vidraça. Ele saltou para a almofada,

esquadrou os ombros, ajustou as rédeas, agarrou no chicote, vibrou-o sobre o cavalo da dianteira e lá foram os quatro cavalos de crinas flutuantes, à razão de boas 15 milhas inglesas por hora, com a velha diligência atrás de si. Mas o ruído crescia atrás deles. Quanto mais corria a velha diligência, mais corriam seus perseguidores — cavalos, homens, cães, unidos na caça. O ruído era medonho, mas acima de tudo erguia-se a voz da dama, animando meu tio e gritando: ‘Mais depressa! mais depressa!’. Corriam como penas arrebatadas por um furacão. Árvores, casas, portas, igrejas, objetos de toda espécie fugiam ao lado deles com a velocidade e o estrondo de uma torrente espumejante que se solta subitamente. O ruído da perseguição, porém, crescia sempre e meu tio não deixava de ouvir os gritos apavorados da dama: ‘Mais depressa! mais depressa!’. Meu tio dava que fazer às rédeas e ao chicote, os cavalos voaram até ficarem brancos de espuma; e o estrépito atrás deles continuava a aumentar, e a dama a gritar: ‘Mais depressa! mais depressa!’.

“Com a violência dos gestos, meu tio bateu fortemente com os pés no cofre da diligência, e... percebeu que raiava o dia, e que ele estava assentado na almofada de uma velha mala-posta de Edimburgo, dentro do tapume do segeiro, tiritando de umidade e de frio, batendo os pés para aquecê-los! Desceu, procurou avidamente no interior a linda senhora; mas por desgraça não havia portinhola, nem bancos no carro, que não passava de uma simples carcaça.

“Meu tio tinha consciência de haver um mistério no caso e que tudo se passara exatamente como costumava relatá-lo. Permaneceu ligado ao juramento solene que prestara à formosa dama, recusando várias estalajadeiras por amor dela, e por fim morreu solteiro.

“Dizia sempre como era curioso ter descoberto, pela simples casualidade de trepar por cima daquele tapume, que as almas das malas-postas e dos cavalos, dos cocheiros, condutores e passageiros tinham por hábito viajar à noite, regularmente; e acrescentava ser ele a única pessoa viva que lograra ser passageiro numa dessas excursões. E creio que tinha razão, meus senhores; pelo menos nunca me constou que outra tivesse havido.”

— O que gostaria de saber era o que trazem dentro das malas essas almas das malas-postas — disse o dono da hospedaria, que escutara a história toda com a mais profunda atenção.

— Ora essa, as cartas mortas!^[23] — disse o vendedor ambulante.

— De fato! — concordou o estalajadeiro. — Não havia pensado nisso.

CAPÍTULO I

COMO O SR. PICKWICK, REFORÇADO POR UM AUXILIAR DOS MAIS IMPREVISTOS, LEVA A CABO A SUA MISSÃO.

OS CAVALOS FORAM PONTUALMENTE trazidos na manhã seguinte, às 9 menos um quarto, e o sr. Pickwick e Sam Weller tomaram lugar, o primeiro no interior, o segundo na almofada, recebendo o cocheiro ordem de dirigir-se imediatamente à casa do sr. Bob Sawyer, a fim de buscar o sr. Benjamim Allen. Ao estacarem diante da porta com o lampião vermelho e o letreiro bem legível de “Sawyer, sucessor de Nockemorf”, o sr. Pickwick deitou a cabeça fora da portinhola e com grande pasmo deparou o garoto da libré parda atarefado em fechar as janelas. Era este procedimento por tal forma estranho ao curso normal dos negócios, que sugeriu à mente do sr. Pickwick duas hipóteses: ou que falecera algum amigo íntimo, cliente do sr. Bob Sawyer, ou que o próprio Sawyer havia falido.

— Que foi que aconteceu? — perguntou ele ao garoto.

— Nada, senhor — replicou o rapazelho alargando a boca quanto pôde.

— Vai tudo bem! — gritou Bob Sawyer, aparecendo de repente à porta, com uma mochila de couro, velha e suja, numa das mãos, um xale-manta e um casacão grosso no outro braço. — Eu também vou, meu velho.

— O senhor!

— Sim! Faremos juntos uma verdadeira expedição. Olhe lá, Sam, tome! — Chamando assim, laconicamente, a atenção do sr. Weller, o sr. Bob Sawyer atirou-lhe a mochila, que foi logo arrumada debaixo da almofada pelo mesmo Sam, que contemplava este modo de agir com grande admiração. Isto feito, o sr. Bob Sawyer, ajudado pelo garoto, enfiou-se à força no casacão, que lhe ficava imensamente apertado, adiantou-se para a portinhola, introduziu a cabeça e desatou a rir estrondosamente.

— Que partida esta, hein? — disse Bob enxugando com o canhão as lágrimas que lhe escorriam dos olhos.

— Meu caro senhor — atalhou o sr. Pickwick, embaraçado —, não tinha a menor idéia de que nos acompanhasse.

— Pois aí está! — replicou Bob, agarrando o sr. Pickwick pela lapela. — É nisso que está a pândega.

— Ah! sim?

— Está claro. A graça toda está nisto, percebe? Deixar os negócios arranjam-se por si, visto que parecem teimar em não me arranjam a mim. — E, com esta explicação sobre o fenômeno das janelas, Bob Sawyer apontou para a loja e recaiu num êxtase de júbilo.

— Valha-me Deus! O senhor será tão doido que pensa abandonar os seus doentes sem ninguém que os assista? — observou o sr. Pickwick, severo.

— E por que não? — perguntou Bob em resposta. — Ainda ganho com isso, compreende? Nenhum deles paga. Além do que — prosseguiu, confidencial —, eles também ganham, porque estou muito falho de drogas e por enquanto não posso aumentar a minha conta; ver-me-ia obrigado a distribuir calomelanos a todos eles e com certeza alguns se dariam mal com o remédio. Portanto, vai tudo pelo melhor.

Havia nesta réplica uma filosofia e uma força de argumentação para as quais o sr. Pickwick não estava preparado. Calou-se por alguns momentos e acrescentou com menos firmeza:

— Mas nesta sege, meu jovem amigo, nesta sege não cabem mais de duas pessoas; e estou comprometido com o sr. Allen.

— Não se preocupe comigo — replicou Bob. — Arranjarei tudo. Sam e eu repartiremos o banco traseiro. Olhe aqui: vai-se pregar este cartaz à porta da loja: “Sawyer, sucessor de Nockemorf. Informações em frente, em casa da sra. Clipps”. A sra. Clipps é a mãe do meu auxiliar. “O sr. Sawyer tem imensa pena”, dirá a sra. Clipps, “mas não havia remédio: mandaram-no chamar de manhã cedo, para uma conferência com os primeiros cirurgiões da província, que não podiam passar sem ele; queriam-no por todo preço; uma operação perigosíssima.” O fato é que — disse Bob em conclusão — hei de tirar disto mais proveito que prejuízo, tenho a esperança. E, se a notícia aparecer nas folhas da localidade, será para mim uma pechincha. Ben está chegando. Vamos, suba!

Com estas palavras precipitadas, o sr. Bob Sawyer empurrou o cocheiro para um lado, bateu a portinhola, levantou os degraus, pregou o cartaz na porta da loja, fechou-a, meteu a chave no bolso, saltou para o banco traseiro e deu

ordem de partida; fez isto tudo com tão extraordinária precipitação que, antes de o sr. Pickwick ter tempo de começar a pensar na conveniência ou inconveniência da ida do sr. Bob Sawyer, já iam eles rodando por ali afora, em companhia do mesmo sr. Bob Sawyer, instalado perfeitamente como parte integrante da equipagem.

Enquanto foram rodando pelas ruas de Bristol, o galhofeiro Bob conservou nos olhos os seus profissionais óculos verdes, e portou-se com gravidade e decoro, soltando apenas algumas piadas para recreio exclusivo de Sam Weller. Mas, mal chegaram à estrada real, largou a um tempo a gravidade e os óculos verdes e executou grande variedade de facécias, um tanto calculadas talvez para atrair a atenção dos transeuntes e tornar a carruagem e as pessoas que ela conduzia objetos de curiosidade mais que vulgar. O menos conspícuo destes fatos foi uma imitação estridente de um cornetim e o desfraldar ostentoso de um lenço carmesim atado a uma bengala, que era agitado de quando em quando com vários gestos indicativos de supremo desafio.

— Não percebo — disse o sr. Pickwick, parando no meio de uma palestra muito grave com Ben Allen, com respeito aos numerosos méritos do sr. Winkle e da esposa —, não percebo o que toda a gente que vai passando acha em nós de extraordinário para contemplar-nos dessa maneira.

— É o bem posto da nossa equipagem — replicou Ben Allen com certo orgulho. — Não estão acostumados a ver coisas destas diariamente, tenho certeza.

— Pode ser — assentiu o sr. Pickwick. — É possível, talvez.

É provável que o sr. Pickwick se firmasse nesta crença, se por acaso, ao olhar nesse momento para fora, não reparasse que os olhares dos transeuntes expressavam tudo, menos respeitoso pasmo, e que pareciam trocar-se várias comunicações telegráficas entre eles e algumas pessoas do exterior do veículo. Ocorreu-lhe logo que estas demonstrações podiam ter alguma relação com o gênio folgazão do sr. Roberto Sawyer.

— Espero que o nosso leviano amigo não esteja a fazer das suas no banco de trás.

— Isso não! — redargiliu Ben Allen. — A não ser quando tocado, Bob é a criatura mais pacata do mundo.

Nisto feriu os ouvidos uma prolongada imitação de cornetim, seguida de aclamações e gritos; e tudo procedia evidentemente dos pulmões e goela da criatura mais pacata do mundo, ou, para falar claro, do próprio sr. Bob Sawyer.

O sr. Pickwick e Ben Allen entreolharam-se expressivamente e o primeiro, tirando o chapéu e debruçando-se na portinhola até pôr à parte de fora todo o colete, conseguiu afinal alcançar com a vista o seu galhofeiro amigo.

O sr. Bob Sawyer estava assentado, não no banco de trás, mas no tejadilho da sege, com as pernas o mais separadas possível, com o chapéu de Sam de um lado, na cabeça, um enorme sanduíche numa das mãos, enquanto a outra erguia um alentado garrafão. Atirava-se a ambos com delícia, interrompendo a monotonia da ocupação com uivos intermitentes ou com a troca de um gracejo com quem passava.

O estandarte carmesim tinha a haste cuidadosamente amarrada ao encosto do assento, e Sam Weller, com o chapéu de Bob Sawyer, achava-se em relações íntimas com um duplo sanduíche, manifestando, pelo ar animado, aprovação plena e cabal de tudo o que se passava.

Era quanto bastava para irritar um cavalheiro dotado do decoro e do senso que distinguíam o sr. Pickwick. Mas ainda e mais se estendeu o escândalo, porque nesse instante veio ao encontro deles uma carruagem cheia de gente dentro e fora, e o pasmo dos passageiros manifestou-se com toda a evidência. As congratulações de uma família irlandesa, que ia acompanhando a sege a pedir esmola, eram também bastante ruidosas; especialmente as do chefe, que parecia considerar a equipagem como parte de uma procissão triunfal ou política.

— Sr. Sawyer — gritou o sr. Pickwick, exaltado. — Eh! sr. Sawyer!

— Alô! — respondeu este, debruçando-se para o lado da sege com a maior calma possível.

— O senhor está doido?

— Nem por sombras! O que estou é alegre.

— Alegre! Arrie esse escandaloso lenço escarlate. Peça-lhe; exija-lhe. Sam, arrie o lenço.

Antes que Sam pudesse intervir, Bob Sawyer arriou graciosamente o seu estandarte, meteu-o no bolso, acenou com cortesia para o sr. Pickwick, limpou a boca do garrafão e aplicou-a à própria — informando-o por esta forma, sem inútil dispêndio de palavras, que dedicava aquele gole a um brinde pelas prosperidades futuras do sr. Pickwick. Isto feito Bob Sawyer tornou a meter a rolha com todo cuidado, baixou benignamente os olhos para o sr. Pickwick, deu uma valente dentada no sanduíche e sorriu.

— Vamos — disse o sr. Pickwick, cuja cólera momentânea não resistia de todo ao impassível sangue-frio de Bob —, peço-lhe que dê tréguas a esses disparates.

— Isso é que não! — replicou Bob, trocando outra vez o chapéu com Sam. — Não foi de propósito, creia. O ar puro animou-me tanto que não pude resistir-lhe.

— Pense no efeito que isso produz! — revidou o sr. Pickwick. — Tome cuidado com as aparências.

— Sim, com certeza. De fato, não era conveniente. Não torno mais, patrão.

Satisfeito com a promessa, o sr. Pickwick tornou a recolher a cabeça e a levantar a vidraça; mas, mal reatou a conversação interrompida pelo sr. Sawyer, foi sobressaltado pela aparição de um corpo negro, de forma oblonga, dando freqüentemente pancadas na vidraça, como se requisitasse impacientemente sua admissão.

— Que é isto? — exclamou o sr. Pickwick.

— Parece um garrafão — notou Ben Allen, examinando com interesse o objeto através dos óculos. — Palpita-me que pertence a Bob.

A impressão era perfeitamente exata. Bob Sawyer amarrara o garrafão na ponta da bengala, e estava a bater com ele na vidraça, para evidenciar o desejo de que seus amigos do interior participassem de seu conteúdo, com toda harmonia e satisfação.

— Que se há de fazer? — perguntou o sr. Pickwick olhando para o garrafão. — Este disparate ainda é maior que o outro.

— Parece-me que o melhor é metê-lo dentro — replicou Ben Allen.

— Será uma boa partida ficarmos com ele guardado, não acha?

— Quer então que eu o pegue?

— Parece-me ser o melhor expediente.

Como este conselho coincidia inteiramente com a sua opinião, o sr. Pickwick desceu devagarinho a vidraça e desatou o garrafão da bengala. Esta subiu logo, e ouviu-se uma grande gargalhada do sr. Bob Sawyer.

— Que demo de brincalhão! — disse o sr. Pickwick virando-se para o companheiro e empurrando o garrafão.

— Lá isso é ele — concordou o sr. Allen.

— Não há maneira de alguém se zangar com tal criatura — observou o sr. Pickwick.

— É de todo impossível — concordou o sr. Benjamim Allen.

Durante o breve colóquio o sr. Pickwick desenvolvera distraidamente o garrafão.

— Que é isso? — perguntou Ben Allen com indiferença.

— Não sei — respondeu o sr. Pickwick no mesmo tom. — Quer-me parecer que cheira a ponche.

— Sério?

— Assim me parece — redargüiu o sr. Pickwick, acautelando-se decorosamente contra a possibilidade de mentir. — Ao certo, ao certo, não me atrevo a dizer, sem primeiro provar.

— Será melhor provar, então, para sabermos o que é.

— Acha? Pois, se tem curiosidade de saber, claro é que não me oponho.

Desejoso sempre de sacrificar os próprios sentimentos aos desejos do amigo, o sr. Pickwick tomou uma ampla golada.

— O que é? — indagou Ben Allen, interrompendo-o com impaciência.

— Curioso — respondeu o sr. Pickwick, lambendo os beiços —, não percebo bem o que seja. É isso — disse, depois da segunda prova —, é ponche, com toda a certeza.

Ben Allen olhou para o sr. Pickwick; o sr. Pickwick olhou para Ben Allen. O sr. Ben Allen sorriu, mas o sr. Pickwick ficou sério.

— Seria bem-feito — disse esse último, com certa severidade — que bebêssemos tudo até a última gota.

— Era do que me estava lembrando — disse Ben Allen.

— Ah! sim? Pois então vá lá, à saúde dele. — Com estas palavras o excelente homem deu um prolongado beijo no garrafão, passando-o depois para Ben Allen, que não se fez de rogado para imitar o exemplo. Os sorrisos passaram a ser recíprocos e o ponche foi desaparecendo gradualmente, em meio à maior alegria.

— Afinal de contas — disse o sr. Pickwick, enxugando o último pingo —, suas travessuras realmente têm graça; são divertidas a valer.

— Ah! quanto a isso! — replicou o sr. Ben Allen. E, para provar que Bob Sawyer era um dos patuscos mais engraçados deste mundo, começou a contar prolixa e circunstanciadamente ao sr. Pickwick de como aquele cavalheiro bebera tanto certa vez, que apanhara um febrão, e tiveram de raspar-lhe a cabeça; história chistosa que só terminou com a parada da sege na Estalagem do Sino, em Berkeley Heath, para a muda de cavalos.

— Olá, vamos jantar aqui, não? — perguntou Bob metendo a cabeça pela portinhola.

— Jantar! — disse o sr. Pickwick. — Ora essa! Só andamos 19 milhas e temos ainda 87 e meia por fazer!

— É por isso que devemos tomar alguma coisa, para termos forças de arrostar com a fadiga.

— Mas é impossível jantar às 11 e meia da manhã — replicou o sr. Pickwick consultando o relógio.

— Lá isso é — consentiu Bob. — O que devemos fazer é lanchar. Eh lá, patrão! Lanche para três, já, e demorem os cavalos um quarto de hora. Mande pôr na mesa tudo o que tiver frio, e cerveja engarrafada; queremos saborear o seu melhor Madeira. — Dadas estas ordens, com azáfama e importância prodigiosas, Bob Sawyer correu para dentro da casa a fim de superintender nos preparativos; e, não eram passados cinco minutos, voltou a anunciar que tudo estava na melhor ordem.

A qualidade do lanche justificava plenamente o elogio de Bob e foi-lhe feita ampla justiça, não só pelo cavalheiro, como pelo sr. Pickwick e por Ben Allen. Sob os auspícios dos três, a cerveja e o vinho Madeira desapareceram num instante; e, quando, atrelados os cavalos, eles retomaram os respectivos lugares, com o garrafão cheio do melhor substituto que foi possível encontrar para o ponche, o cornetim ressoou e o estandarte vermelho flutuou sem a mínima oposição da parte do sr. Pickwick.

Pararam em Tewkesbury para jantar; mais garrafas de cerveja e mais algum Madeira; algum Porto em cima; e encheu-se o garrafão pela quarta vez. Sob a influência destes estimulantes combinados, o sr. Pickwick e o sr. Ben Allen, ferraram no sono durante 30 milhas, enquanto Bob e Sam iam cantando duetos sobre a sege.

Anoitecera completamente quando o sr. Pickwick despertou o bastante para olhar para fora. Os casebres, dispersos à beira da estrada, a atmosfera carregada, a cor escura dos objetos visíveis, os caminhos cobertos de pó de tijolo e de cinza, a reverberação vermelha e longínqua dos fornos, os rolos de fumo espesso saindo pesadamente das altas chaminés, enegrecendo as cercanias, o brilho de luzes distantes, os enormes carros a rodarem laboriosamente pela estrada, carregados de varões de ferro ou atestados de pesadas mercadorias — tudo manifestava a rápida aproximação da grande cidade industrial de Birmingham.

À proporção que iam rodando pelas estreitas artérias que comunicavam com o coração da cidade, iam-lhes ferindo mais violentamente os sentidos o espetáculo e o ruído do trabalho sério. As ruas, repletas de operários. O sussurro do labor ressoava de todas as casas; brilhavam luzes em todas as janelas até os últimos andares, e o estrondo das máquinas e o rumor das rodas sacudiam as paredes trêmulas. Os fogos, cujos reflexos tristonhos e lívidos se avistavam a milhas de distância, chamejavam furiosos nas grandes fábricas da cidade. O ofegar do vapor, o retinir dos martelos, o traquinar dos engenhos constituíam a áspera música que se levantava de todos os bairros.

O cocheiro ia guiando vivamente a carruagem através das largas ruas e ao longo das belas lojas iluminadas que existem entre os subúrbios da cidade e o velho Hotel Real, antes que o sr. Pickwick houvesse começado a cogitar nas dificuldades da missão que o levara ali e que não eram, de forma alguma, atenuadas pela voluntária assistência do sr. Bob Sawyer. Sinceramente, o sr. Pickwick sentia que a sua presença, na ocasião, por lisonjeira e agradável que fosse, não constituía uma honra que ele houvesse voluntariamente procurado. De fato, teria dado, e de bom grado, uma razoável quantia, para que levassem o sr. Bob Sawyer a qualquer local distante dali, pelo menos umas 50 milhas, e sem demora.

O sr. Pickwick nunca tivera relações pessoais com o sr. Winkle sênior, embora duas ou três vezes se tivesse correspondido com ele por meio de cartas, dando-lhe respostas satisfatórias às perguntas com respeito ao porte e caráter moral de seu filho. Sentiu-se pois estremecer ao pensar que não era o meio mais engenhoso de predispor-lo a seu favor o ir procurá-lo pela primeira vez em companhia de Bob Sawyer e Ben Allen, ambos com um grãozinho na asa.

— Contudo — dizia entre si o sr. Pickwick, procurando serenar-se —, devo fazer quanto posso; tenho de procurá-lo esta noite, pois prometi fazê-lo; e, se eles persistirem em acompanhar-me, devo tornar a entrevista o mais curta possível, e contentar-me com a esperança de que, para seu próprio bem, eles não façam asneiras.

Ao consolar-se com estas reflexões, parava a sege à porta do velho Hotel Real. Conseguiu-se despertar em parte Ben Allen de um sono letárgico e Sam puxou-o para fora da sege, agarrando-o pela gola. Só depois o sr. Pickwick pode apear. Foram conduzidos a um gabinete confortável e o sr. Pickwick logo perguntou ao criado onde ficava a residência do sr. Winkle.

— É mesmo aqui ao pé — respondeu o criado —, a 500 metros, quando muito. O sr. Winkle possui um armazém, no cais do canal, senhor. Mas a casa dele, com certeza, não fica a mais de 500 metros. — Nisto o criado apagou uma vela e fingiu tratar de acendê-la de novo, para dar tempo ao sr. Pickwick de fazer-lhe mais perguntas, caso quisesse.

— Deseja o senhor mais alguma coisa? — perguntou o criado acendendo a vela, desesperado com o silêncio do sr. Pickwick. — Chá ou café? Ou jantar?

— Por agora, nada.

— Muito bem! O senhor deseja encomendar a ceia?

— Por enquanto não.

— Muito bem! — E o criado foi caminhando para a porta e depois, estacando de repente, voltou-se para trás e disse com suavidade:

— Querem os senhores que lhes mande a criada?

— Sim. Faça o favor — replicou o sr. Pickwick.

— Com todo o gosto.

— E traga água de soda — disse Bob Sawyer.

— Água de soda? Sim, senhor. — E, com o espírito aparentemente aliviado de um grande peso, por ter, afinal, recebido uma ordem, o criado sumiu-se imperceptivelmente. Os criados de hotel nunca andam nem correm. Têm uma faculdade peculiar e misteriosa de resvalar dos quartos para fora que não é dada aos restantes mortais.

Graças à água de soda, despertaram-se em Ben Allen leves sintomas de vitalidade e conseguiu-se que ele se decidisse a lavar o rosto e as mãos e se sujeitasse a ser escovado por Sam. O sr. Pickwick e Bob Sawyer também repararam o desalinho que a viagem ocasionara em seus vestuários. E saíram os três de braços dados, em direção à casa do sr. Winkle, indo Bob Sawyer durante o caminho a impregnar a atmosfera de fumo de tabaco.

Coisa de um quarto de milha de distância, numa rua sossegada e de aspecto abastado, ficava uma casa antiga de tijolos vermelhos, com três degraus diante da porta e uma chapa de latão em cima dela, tendo estas palavras em grandes letras romanas: “SR. WINKLE”. Os degraus eram muito brancos, os tijolos muito vermelhos e a casa muito asseada; e lá chegaram o sr. Pickwick, o sr. Benjamim Allen e o sr. Bob Sawyer ao darem 10 horas.

Uma criadinha esperta surgiu à porta e sobressaltou-se ao ver três caras estranhas.

— O sr. Winkle está em casa, menina? — perguntou o sr. Pickwick.

— Vai cear agora mesmo — revidou a empregada.

— Dê-lhe este cartão, tenha a bondade. Diga-lhe que sinto muito vir incomodá-lo tão tarde, mas tenho urgente necessidade de falar-lhe ainda esta noite, e cheguei agora mesmo.

A rapariga fitou intimidada o sr. Bob Sawyer, que estava a expressar admiração pelos seus encantos pessoais com uma espantosa variedade de caretas, e, relanceando um olhar para os casacos e chapéus pendurados no corredor, chamou outra rapariga para tomar conta da porta, enquanto ela subia. A sentinela foi prontamente rendida, pois a rapariga voltou dali a instantes, pedindo perdão àqueles senhores por deixá-los na rua; introduziu-os numa saleta com chão de oleado, meio quarto de vestir, meio escritório, em que os principais móveis úteis e ornamentais eram uma secretária, um lavatório e um espelho de barba, uma calçadeira e uma descalçadeira, um mocho alto, quatro cadeiras, um velho relógio e uma mesa. Em cima do fogão ficavam as portas de um cofre de ferro; duas estantes penduradas com livros e um almanaque decoravam as paredes, e vários maços de papéis poeirentos.

— Sinto muito haver deixado o senhor à porta — disse a rapariga acendendo um candeeiro e dirigindo-se ao sr. Pickwick com um sorriso insinuante —, mas os senhores eram de todo estranhos para mim, e andam por aqui tantos vadios à espreita de algo a que possam deitar mão, que realmente...

— Não tem de que se desculpar, menina — volveu o sr. Pickwick bem-humorado.

— Nem por sombras, meu amor — disse Bob Sawyer, estendendo galhofeiramente os braços e pulando de um para outro lado, como a impedir que a rapariga saísse.

Mas ela não se deixou enternecer pelos gracejos; expressou logo a opinião de que o sr. Bob Sawyer era um desavergonhado; e, como ele insistisse um pouco mais nas atenções, ela pespegou-lhe com os lindos dedos na bochecha e safou-se da saleta, com muitas expressões de aversão e desdém.

Privado da companhia da menina, Bob Sawyer foi-se entretendo a vasculhar nas gavetas da mesa, a espreitar na secretária, a fingir que arrancava a fechadura do cofre, a virar o almanaque com o frontispício para a parede, a experimentar as botas do sr. Winkle por cima das suas, e a fazer várias outras experiências sobre os móveis, produzindo todas no sr. Pickwick uma angústia e horror indizíveis e provocando no sr. Bob Sawyer um prazer proporcional.

Finalmente abriu-se a porta e entrou na saleta, com o cartão do sr. Pickwick numa das mãos e um castiçal de prata na outra, um sujeito velho e baixo, com fato cor de rapé, e cabeça e cara exatamente como as do sr. Winkle júnior, com a diferença de ser um pouco mais calvo.

— Sr. Pickwick, como passou? — disse Winkle sênior, pousando o castiçal e estendendo a mão. — Estimo vê-lo com saúde. Tenha a bondade de sentar-se, sr. Pickwick. Este senhor é...

— O meu amigo, sr. Sawyer — interrompeu o sr. Pickwick —, amigo de seu filho.

— Ah! — disse o sr. Winkle sênior, fitando Bob com ar levemente carrancudo. — Estimo que esteja bem de saúde.

— São como um elefante — replicou Bob Sawyer.

— Este outro cavalheiro — disse o sr. Pickwick —, como o senhor verá quando ler a carta de que sou portador, é parente próximo, ou antes, um amigo muito íntimo. Chama-se Allen.

— Este cavalheiro? — perguntou o sr. Winkle apontando com o cartão para Ben Allen, que adormecera numa atitude que não deixava visíveis no corpo senão o lombo e a gola.

O sr. Pickwick estava a ponto de responder à pergunta e recitar na íntegra o nome e os méritos do sr. Benjamim Allen, quando o desembaraçado Bob, no intuito de despertar no amigo a consciência da situação, lhe infligiu na parte carnuda do braço um tremendo beliscão, que o fez soltar um grito. Percebendo de súbito estar em presença de pessoa estranha, o sr. Ben Allen adiantou-se, e, apertando afetuosamente, cerca de cinco minutos, ambas as mãos do sr. Winkle, murmurou em frases cortadas e a custo inteligíveis o grande prazer que sentia em vê-lo, e se estava disposto a tomar alguma coisa depois do seu passeio, ou se preferia esperar até o jantar. Feito isto, sentou-se, arregalando os olhos com ar pasmado, como se não tivesse a mais leve idéia do lugar em que se achava, como de fato não tinha.

Tudo isto atrapalhava extraordinariamente o sr. Pickwick, tanto mais quanto se manifestava claramente o aspecto do sr. Winkle pelo proceder excêntrico — para não dizer insólito — de seus dois companheiros. Mas, para acabar de vez com o negócio, sacou do bolso uma carta e disse, apresentando-a ao sr. Winkle:

— Esta carta é de seu filho. Pelo seu conteúdo verá que, na forma paternal e benévola por que a considerar, depende a sua felicidade futura. Quer

obsequiar-me, lendo-a com serenidade e discutindo depois o assunto comigo, no tom e espírito em que ela se deve discutir? Deve avaliar a importância que tem para um filho a sua decisão e a sua grande ansiedade no caso presente, pelo fato de eu vir procurá-lo a esta hora, sem aviso prévio e — acrescentou o sr. Pickwick, relanceando levemente a vista pelos dois companheiros — em circunstâncias tão desfavoráveis.

Com este prelúdio, o sr. Pickwick depositou nas mãos do estupefato sr. Winkle sênior quatro páginas cheias de supérflua penitência; e, tornando a sentar-se, vigiou-lhe os olhares e a atitude, ansiosamente, é certo, mas com a segurança de quem sente não ter aceitado um papel que o deslustre, ou de que haja mister justificar-se. O velho negociante virou e revirou a carta; examinou-lhe o reverso, o anverso, os lados; fez um exame microscópico do sinete; ergueu os olhos para o rosto do sr. Pickwick; e depois, sentando-se no banco alto e puxando o candeeiro mais para si, quebrou o lacre, desdobrou a epístola, ergueu-a à altura da luz e aprestou-se para a leitura.

Nesse mesmo instante o sr. Bob Sawyer, cujo espírito se achava entorpecido havia minutos, pôs as mãos nos joelhos e fez uma careta de palhaço, imitativa dos retratos do falecido sr. Grimaldi. Ora, sucedeu que o sr. Winkle sênior, em vez de estar profundamente absorto na leitura da carta, como julgava o sr. Bob Sawyer, olhava por acaso por cima dela, para o próprio sr. Bob, e, conjeturando com razão que a sobredita careta tinha por fim ridiculizar a sua pessoa, cravou os olhos em Bob com tão expressiva severidade, que as feições do defunto sr. Grimaldi se foram resolvendo gradualmente numa fisionomia cheia de confusão e humildade.

— O senhor disse alguma coisa? — perguntou o sr. Winkle sênior, após um grande silêncio.

— Não, senhor — replicou Bob sem resquícius de palhaço no rosto, a não ser o rubor das faces.

— Tem certeza, senhor?

— Ora essa! certíssimo, senhor.

— Julguei que havia falado — retorquiu o velho, com indignação na voz. — Talvez estivesse a olhar para mim?

— Nada, não, senhor, de forma alguma — redargüiu Bob com profunda cortesia.

— Ainda bem! — disse o sr. Winkle sênior. E o velhote franziu majestoso o sobrolho, trouxe de novo a carta para junto da luz e começou a lê-la com

gravidade. O sr. Pickwick observava-o atento, enquanto ele voltava da última linha da primeira página para a primeira da segunda e da última da segunda para a primeira da terceira e da última da terceira para a primeira da quarta; mas nem a mais leve alteração de fisionomia acusava um vislumbre dos sentimentos com que recebia a participação de casamento de seu filho, que o sr. Pickwick sabia achar-se logo nas primeiras linhas. O sr. Winkle leu a carta até a última palavra, dobrou-a outra vez com o máximo cuidado e a exatidão de um homem de negócios; e, no momento preciso em que o sr. Pickwick esperava algum violento desabafo, ele mergulhou uma pena no tinteiro e disse com a serenidade própria de quem se referisse ao mais vulgar dos assuntos mercantis:

— Qual é o endereço de Natanael, sr. Pickwick?

— Por enquanto, no Hotel Jorge e Abutre.

— Jorge e Abutre. Onde fica isso?

— George Yard, Rua Lombard.

— Na City.

— Sim.

O velho tomou nota do endereço no verso da carta e meteu-o depois na secretária, que fechou, e disse, arrumando o banco e guardando o molho de chaves:

— Creio nada mais haver de que precisemos falar, sr. Pickwick.

— Nada mais, meu caro senhor! — observou o generoso filósofo com indignado espanto. — Nada mais! Então não tem opinião a expressar sobre o acontecimento que se deu na vida do nosso jovem amigo? Não tem promessa alguma a transmitir-lhe por meu intermédio sobre a continuidade de sua proteção e de seu afeto? Nada tem a dizer que o anime e alegre, e mais à ansiosa rapariga que nele procura amparo e felicidade? Meu caro senhor, reflita!

— Vou pensar — replicou o velhote. — Por agora nada tenho a dizer. Sou homem ponderado, sr. Pickwick. Nunca me comprometo precipitadamente em negócio algum e, do que vejo deste, não me agradam as aparências. Mil libras não é grande coisa, sr. Pickwick.

— Tem carradas de razão — atalhou Ben Allen, bastante acordado para lembrar-se de que espatifara as suas 1.000 libras sem a mínima dificuldade. — O senhor é um homem inteligente; Bob, este patusco é um espertalhão.

— Estimo imenso verificar que me faz justiça — disse o sr. Winkle sênior olhando desdenhoso para Ben Allen, que estava a abanar a cabeça com ar entendido. — O fato, sr. Pickwick, é que, quando dei a meu filho licença para

viajar durante um ano, sob os seus auspícios, a fim de ver alguma coisa dos homens e dos costumes, para não entrar na vida como um colegial maricas, capaz de ser engrolado por toda gente, nunca meti em linha de conta um caso desses. Disso está ele fartíssimo de saber; portanto, se por este motivo eu lhe retirar a minha proteção, não terá razões de ficar surpreendido. Ele saberá de minha resolução, sr. Pickwick. Muito boa noite. Margarete, abra a porta.

Todo esse tempo Bob Sawyer estivera acenando a Ben Allen para dizer alguma coisa em termos; e foi nesse instante que Ben rompeu, sem o menor aviso prévio, num lacônico, mas apaixonado trecho de eloquência.

— Senhor — exclamou cravando no velho o olhar lânguido e baço, e acenando furiosamente com a mão, de cima para baixo —, o senhor... devia ter vergonha de si.

— Como irmão dessa senhora, claro é que o senhor é excelente juiz na questão — retorquiu o sr. Winkle sênior. — Bem! basta! Peço-lhe que não diga mais nada, sr. Pickwick. Muito boa noite, meus senhores.

Com estas palavras, o velho pegou do castiçal e, abrindo a porta da saleta, apontou cortesmente para o corredor.

— Há de arrepender-se disto, senhor — disse o sr. Pickwick, cerrando os dentes para conter a cólera, pois sentia quanto este esforço era importante para o seu jovem amigo.

— Por enquanto sou de opinião diferente — replicou sereno o sr. Winkle sênior. — Mais uma vez, senhores, desejo-lhes muito boa noite.

O sr. Pickwick saiu para a rua a passos irritados. O sr. Bob Sawyer, completamente subjugado pela atitude resoluta do velho, tomou o mesmo caminho. Logo depois, rolou escada abaixo o chapéu do sr. Ben Allen, seguido imediatamente pelo corpo do mesmo cavalheiro. O grupo foi para a cama, silencioso e sem ceia; e o sr. Pickwick, antes de adormecer, pensou que, se tivesse sabido ser o sr. Winkle sênior homem tão ponderado, era mais do que provável que ele não cairia em visitá-lo num empenho como aquele.

CAPÍTULO LI

EM QUE O SR. PICKWICK ENCONTRA UM ANTIGO CONHECIDO, CIRCUNSTÂNCIA ESTA A QUE O LEITOR MUITO FICA A DEVER QUANTO AOS DETALHES DE PALPITANTE INTERESSE ABAIXO RELATADOS, CONCERNENTES A DOIS HOMENS PÚBLICOS DE ALTO VALIMENTO.

A MANHÃ, QUE LUZIU ÀS 8 HORAS perante o olhar do sr. Pickwick, não era apropriada a levantar-lhe o ânimo ou a diminuir o desalento que lhe inspirara o inesperado resultado de sua embaixada. O céu estava triste e negro, a atmosfera gelada e úmida, as ruas molhadas e lamacentas. O fumo pendia preguiçoso das chaminés, como se lhe faltasse alento para elevar-se, e a chuva escorria lenta e miúda, como se não tivesse forças para cair em jorros. Um galo de briga, privado da mínima centelha da habitual animação, balouçava melancolicamente sobre uma perna, a um canto do pátio, e um burro, debaixo de um estreito telheiro, pendia lamentosa e tristemente a cabeça, parecendo premeditar suicídio. Na rua, a única coisa que se viam eram guarda-chuvas e os únicos sons que se ouviam eram o chafurdar da chuva — e o traquinar dos socos.

O almoço foi interrompido por escassa conversação; o próprio Sawyer ressentia-se da influência do tempo e da excitação da véspera. Em sua linguagem altamente expressiva, estava “achatado”. O mesmo acontecia ao sr. Ben Allen, e o mesmo ao sr. Pickwick.

— Na espera prolongada de que o tempo clareasse, leu-se o último jornal de Londres com uma intensidade de interesse só conhecida em casos de extremo abatimento. Cada flor do tapete foi pisada com igual perseverança. Olhou-se para fora da janela tantas vezes, que chegou a justificar-se a imposição de um tributo adicional. Encetaram-se todos os gêneros de palestras; todos falharam. E afinal o sr. Pickwick, ao chegar o meio-dia sem mudança para melhor, tocou resolutamente a campainha e mandou aprontar a sege.

Conquanto as ruas estivessem sujíssimas, a chuva caísse cada vez com mais força, a lama e a água entrassem pelas portinholas abertas da carruagem em tamanha quantidade, que não incomodava menos os dois passageiros do interior que os do exterior, havia sem embargo o que quer que fosse no próprio movimento e na consciência de fazer alguma coisa infinitamente superior a estar fechado num quarto escuro, olhando para a chuva caindo tristemente numa rua tristíssima. Concordaram pois ser a mudança uma sensível melhora e ficaram surpresos por se terem demorado tanto a tomar aquela resolução.

Ao pararem em Coventry para a troca de cavalos, o vapor levantava-se dos animais em nuvens tão densas, que obscurecia completamente o palafrenero, cuja voz se ouvia contudo em meio à névoa, declarando que esperava, na próxima distribuição de recompensas, a primeira medalha de ouro da Sociedade Filantrópica, por ter tirado o chapéu do postilhão. A água que lhe escorria das abas, no dizer deste invisível cavalheiro, teria afogado irremediavelmente o dito postilhão, não fosse a presença de espírito com que ele prontamente lho arrancara da cabeça e enxugara a cara do ofegante desgraçado com um pouco de palha.

— Tem graça — disse Bob Sawyer, virando para cima a gola do casaco e puxando para a boca o xale-manta, a fim de concentrar os fumos de um copo de aguardente que acabava de engolir.

— Muita — replicou Sam com serenidade.

— Parece que você não lhe presta atenção.

— Digo-lhe, senhor, não vejo qual seria o meu proveito!

— Excelente resposta, na verdade!

— Isso mesmo. Tudo acontece pelo melhor, como notava com toda a suavidade o moço fidalgo quando lhe deram uma pensão, porque o avô da mulher do tio de sua mãe tinha uma vez acendido o cachimbo do rei com um isqueiro portátil.

— Não é má idéia essa, Sam — disse Bob Sawyer com ar de aprovação.

— Era exatamente o que dizia, de então por diante, o tal fidalgo todos os trimestres, isto é, nos dias em que recebia os cobres, até o fim da vida.

E Sam continuou, depois de curto silêncio, olhando para o cocheiro e baixando a voz misteriosamente: — O senhor, quando aprendiz de serra-ossos, foi alguma vez chamado para visitar um cocheiro?

— Que me recorde, não — replicou Bob Sawyer.

— O senhor viu alguma vez um cocheiro no hospital?

— Não, parece-me que nunca vi.

— Nunca soube de cemitério onde houvesse o túmulo de um cocheiro, nem viu um cocheiro morto, não é assim? — perguntou Sam prosseguindo em seu catecismo.

— Não, nunca vi.

— Não viu! — exclamou Sam triunfante. — E nunca há de ver. E aí está outra coisa que homem algum há de ver nunca, é um burro morto; ninguém nunca pode ver um burro morto, a não ser o cavalheiro de calção de seda preta, que conhecia a rapariga que guardava um bode; e ainda esse era um burro francês, e por isso, provavelmente, não tivera um nascimento muito regular.^[24]

— Pois sim! Mas que tem isso com os cocheiros?

— Tem o seguinte. Sem ir tão longe que afirme, como algumas pessoas muito sensíveis, que tanto os burros como os cocheiros são imortais, o que digo é o seguinte: que sempre que se sentem caidotes e trôpegos, safam-se juntos por aí afora, um cocheiro para cada parelha de azêmolas, como é costume; o que foi feito deles é que ninguém sabe, mas é provável que desatem a galopar para se irem divertir em qualquer outro mundo, porque não há homem vivo que nunca tivesse visto um cocheiro ou um burro a divertirem-se neste!

Espraiando-se por esta notável e douta teoria, e citando muitos fatos estatísticos e outros em sua defesa, Sam foi matando o tempo até chegarem a Duneburck, onde arranjarão uma parelha fresca e um cocheiro novo. A próxima paragem era em Daventry, e a seguinte em Towcester; e no fim de cada estação chovia com mais força que no princípio.

— Olhe lá! — observou Bob Sawyer, metendo a cabeça pela portinhola, ao pararem defronte da Cabeça do Sarraceno, em Towcester. — Isto não pode continuar assim, não sei se sabe.

— Valha-me Deus! — disse o sr. Pickwick despertando de uma soneca. — Receio que o senhor esteja encharcado.

— Ah! receia? — retorquiu Bob. — Pois estou um quase nadinha úmido, lá isso estou.

Bob, na realidade, parecia um tanto molhado, visto que a chuva lhe escorria do pescoço, dos cotovelos, dos canhões, das abas e dos joelhos; e todo o seu fato reluzia tanto com a água, que poderiam tomá-lo por um traje completo de oleado.

— Estou um nadinha úmido — repetiu Bob sacudindo-se e lançando em torno de si um chuvaire fino, como um cão terra-nova que acabasse de sair da água.

— Parece-me impossível continuarmos a viagem esta noite — interveio Ben.

— É fora de questão, senhor — observou Sam, aproximando-se para assistir à conferência. — É uma barbaridade exigir semelhante coisa dos animais. Aqui há camas, senhor — continuou, dirigindo-se ao amo —, tudo muito limpo e cômodo. Um bom jantarzinho, que se pode preparar em meia hora: costeletas de vitela, frangos, batatas, feijão-verde, pastéis de carne e asseio. O melhor é deixar-se o senhor aqui ficar, se me permite o conselho. Aceite o conselho, senhor, como dizia o médico.

O dono da hospedaria apareceu nesse momento para reforçar as afirmações de Sam, tocantes às comodidades do estabelecimento, e apoiar as suas súplicas com várias desconsoladoras conjeturas quanto ao estado das estradas, à dúvida de se encontrarem cavalos frescos na próxima muda, à certeza igualmente infalível de o tempo aclarar pela manhã e outros argumentos convincentes, familiares aos estalajadeiros.

— Bem! — anuiu — o sr. Pickwick. — Mas terei, de qualquer jeito, de mandar uma carta para Londres, de modo que possa ser entregue logo de manhãzinha, senão, ver-me-ei obrigado a continuar a jornada, apesar de tudo.

O hospedeiro sorriu de contentamento. — Nada mais fácil para o cavalheiro do que incluir uma carta numa folha de papel pardo e mandá-la, ou pela mala, ou pela diligência da noite, de Birmingham. Se o cavalheiro faz questão de que ela chegue ao seu destino o mais depressa possível, pode escrever no sobrescrito “Urgentíssimo”, recomendação que será por certo atendida; ou então, “Meia coroa de gorjeta ao portador, se esta carta for entregue com urgência”, o que será ainda mais seguro.

— Muito bem! — disse o sr. Pickwick. — Neste caso ficaremos aqui.

— Luzes para o gabinete. João, acenda o lume, estes senhores estão molhados — gritou o hospedeiro. — Por aqui, meus senhores; por agora não tenha cuidado com o cocheiro; eu lho mandarei, quando o senhor chamar. Vamos, João, as velas!

Trouxeram-se as velas, atizou-se o fogo, atirou-se-lhe para dentro mais uma acha de lenha. Em dez minutos estava o criado a pôr a mesa para o jantar, o lume flamejava, tinham-se corrido as cortinas e, como sempre acontece em

todas as decentes estalagens inglesas, tudo fazia supor que os viajantes eram esperados e seus cômodos já estavam preparados de antemão.

O sr. Pickwick assentou-se a uma pequena mesa e dirigiu apressadamente um bilhete ao sr. Winkle, informando-o de que apenas o mau tempo o atrasara, mas estaria em Londres, com certeza, no dia imediato, e que adiava para então o relato de sua missão. O bilhete foi rapidamente disposto num embrulho e enviado ao balcão por Sam. Este deixou-o nas mãos da estalajadeira e voltou para descalçar as botas do amo, depois de enxugar-se ao lume da cozinha, quando, olhando por acaso por uma porta entreaberta, deu com a vista num sujeito de cabelos ruivos, com um grande maço de jornais na mesa à sua frente, e que estava a percorrer o artigo de fundo com um risinho fixo, que lhe arrebitava o nariz e lhe encrespava as feições numa expressão majestosa de altivo desdém

— Olá! — disse Sam. — Devo conhecer aquela cabeça, aquelas feições, mais o monóculo e o chapéu alto de abas largas! Já vi tudo isto em Eatanswill, ou não passo de um cretino!

Sam foi logo atacado de uma tosse impertinente, no propósito de chamar a atenção do sujeito. Este, com efeito, sobressaltou-se, ergueu a cabeça e o monóculo, patenteando as feições pensativas e profundas do sr. Pott, da *Gazeta de Eatanswill*.

— Com seu perdão, meu senhor — disse Sam adiantando-se com um cumprimento —, o meu patrão está aqui, sr. Pott.

— Chiu! caluda! — gritou Pott, puxando Sam para dentro do quarto e fechando a porta, revelando na fisionomia uma apreensão e terror misteriosos.

— Que é isto? — perguntou Sam olhando vagamente à volta de si.

— Nem de leve murmure o meu nome. Isto aqui é um torrão amarelo. Se o populacho irritável e excitado souber que estou aqui, far-me-á em pedaços.

— Na verdade, senhor?

— Sim, serei vítima de sua fúria! Mas agora, meu rapaz, que dizia de seu patrão?

— Está aqui por esta noite, a caminho da cidade, com mais dois amigos.

— Algum deles é o sr. Winkle? — perguntou o sr. Pott, franzindo levemente o cenho.

— Não, meu senhor, o sr. Winkle agora está em sua casa. Casou.

— Casou! — exclamou Pott com veemência. Calou-se, sorriu com ar sombrio e acrescentou em voz baixa e tom vingativo: — Bem- feito!

Tendo assim exalado esta cruel efervescência de mortífera maldade e implacável triunfo contra um inimigo derrotado, o sr. Pott inquiriu se os amigos do sr. Pickwick eram azuis; e, recebendo resposta satisfatória de Sam, que sabia tanto a respeito como o próprio Pott, este consentiu em acompanhá-lo ao quarto do sr. Pickwick, onde o aguardava um acolhimento cordial e se combinou desde logo jantarem juntos.

— E como vão as coisas em Eatanswill? — indagou o sr. Pickwick depois que Pott se assentou ao pé do lume, e todos descalçaram as botas encharcadas e calçaram chinelas enxutas. — *O Independente* ainda vive?

— *O Independente*, meu caro senhor — replicou Pott —, vai arrastando sua miserável e dispendiosa carreira, aborrecido e desprezado, até pelos poucos que ainda têm conhecimento de sua vergonhosa existência. Cego e ensurdecido pelas exaltações da própria lama, o obscuro jornal, felizmente incôscio de seu estado degradante, vai-se atascando rapidamente nesse traiçoeiro lodaçal, que, embora pareça dar-lhe um sólido apoio entre a escória da sociedade, se vai todavia erguendo acima de sua abominável cabeça e bem depressa o afogará de todo.

Tendo proferido com veemência este manifesto, que fazia parte do seu artigo da semana passada, o editor parou para tomar fôlego e fitou majestoso as feições de Bob Sawyer.

— O senhor ainda é novo — disse Pott.

Bob Sawyer acenou afirmativamente.

— E o senhor também — continuou Pott, dirigindo-se ao sr. Ben Allen, que concordou na amável imputação. — E estão ambos profundamente imbuídos — prosseguiu Pott — daqueles princípios azuis que eu prometi aos povos destes reinos sustentar e defender enquanto tiver vida?

— Quanto a isso, nada sei — replicou Bob Sawyer. — Sou...

— Amarelo, decerto que não, sr. Pickwick? — interrompeu Pott, recuando a cadeira. — Seu amigo não é amarelo?

— Não, não — redargüiu Bob. — Por enquanto sou uma espécie de manta escocesa: um composto de todas as cores.

— Um vacilante — disse Pott com solenidade —, um vacilante. Gostaria de mostrar-lhe uma série de oito artigos que apareceram na *Gazeta de Eatanswill*. Abalanço-me a supor que o senhor não tardaria em afirmar suas opiniões numa base sólida.

— Acredito que muito antes de chegar ao fim deles, me tornaria azul a valer — retorquiu Bob.

O sr. Pott fitou Bob Sawyer desconfiado durante segundos e disse, voltando-se para o sr. Pickwick:

— Viu o amigo os artigos literários que têm aparecido na *Gazeta de Eatanswill*, nestes últimos três meses, e que provocaram um geral... posso até dizer, uma admiração universal?

— Confesso-lhe — replicou o sr. Pickwick, ligeiramente atrapalhado com a pergunta —, tenho vivido tão embrenhado em assuntos, que realmente não tive oportunidade de lê-los.

— Pois devia lê-los, senhor — disse Pott severo.

— Sim, hei de ler.

— Apareceram sob a forma de crítica detalhada a uma obra sobre metafísica chinesa — disse Pott.

— Oh! de sua pena, decerto?

— Da pena do meu crítico — redargüiu Pott com dignidade.

— Tema abstrato, quer-me parecer.

— Muito — respondeu Pott com ar profundamente sábio. — Mas ele encheu-se do assunto e, a meu conselho, consultou copiosamente a *Enciclopédia Britânica*.

— Deveras? Ainda não tinha percebido que essa valiosa obra contivesse informações com respeito à metafísica chinesa.

Pott pôs uma das mãos no joelho do sr. Pickwick e olhou em torno de si com um sorriso de superioridade intelectual, dizendo:

— Para a metafísica, foi procurar na letra M, e para a China, na letra C; depois combinou as informações que lhe forneceram estas leituras.

As feições do sr. Pott assumiram tamanha majestade ao lembrar-se da força de gênio e de labor desenvolvida nestas eruditas investigações, que decorreram alguns minutos sem o sr. Pickwick ter ânimo de reatar a conversação; afinal, quando a fisionomia do editor recaiu gradualmente na sua habitual expressão de supremacia moral, ele aventurou-se a perguntar:

— É lícito inquirir qual o grande objetivo que o conduz a tamanha distância de sua casa?

— O mesmo que me anima e guia em todos os meus colossais trabalhos, senhor — replicou Pott, com um sorriso sereno —, o bem da minha pátria.

— Supunha fosse alguma missão pública.

— E é, realmente. — Inclinou-se para o sr. Pickwick e segredou-lhe em voz cava e profunda: — Realiza-se amanhã em Birmingham um baile amarelo.

— Com efeito!

— Sim, senhor; baile e ceia.

— Será possível!

O sr. Pott afirmou com um gesto imponente.

Ora, conquanto o sr. Pickwick se fingisse horrorizado com a comunicação, era tão pouco versado em política local, que se sentia incapaz de formar uma nítida idéia sobre a importância da tremenda conspiração aludida. Verificandoo, o sr. Pott sacou da algibeira o último número da *Gazeta de Eatanswill* e leu o seguinte artigo:

TRAMA DOS AMARELOS

“Um réptil contemporâneo supurou recentemente a negra peçonha na desesperada e inútil tentativa de conspurcar a límpida reputação do nosso excelente e ilustre representante, o *Honourable* sr. Slumkey — esse mesmo Slumkey que nós, muito antes de ele alcançar a sua nobre e eminente posição atual, predissemos que seria um dia, como hoje é, com efeito, a um tempo o orgulho e a honra, o lume e o defensor da sua pátria. O réptil contemporâneo, a que aludimos, ousou escarnecer de um cesto para carvão, prateado, admiravelmente cinzelado, que foi oferecido a esse glorioso cidadão pelos seus constituintes arrebatados. Insinua esse vilão anônimo que, para a compra dessa dádiva, contribuiu o próprio sr. Slumkey, mediante um amigo íntimo de seu despenseiro, com mais de três quartas partes da soma subscrita. Pois quê! não vê essa rastejante criatura que, mesmo que tal fosse verdade, apenas serviria para derramar sobre o *Honourable* sr. Slumkey uma luz ainda mais radiante, se é possível? O seu cérebro obtuso não percebe que esse amável e tocante desejo de cumprir os desejos dos constituintes deve fazê-lo para sempre caro aos corações dos seus patrícios que não sejam piores do que porcos, ou, por outras palavras, não estejam tão aviltados como esse nosso contemporâneo? Mas tal é a trama infame desses hipócritas amarelos! E não são esses os seus únicos artifícios! A traição desmascara-se. Afirmamos sem receio, já que somos provocados à denúncia, e pomo-nos sob a proteção do nosso país e das suas autoridades; afirmamos abertamente que neste momento se prepara secretamente um baile amarelo, que deve realizar-se numa cidade amarela,

mesmo no coração de uma população amarela, que será dirigido por um mestre-sala amarelo, ao qual concorrerão quatro membros do Parlamento ultra-amarelos, e onde a admissão será feita por meio de bilhetes amarelos! Não estrebucha, o nosso infernal contemporâneo? Que se contorça em sua importante maldade, ao ler as palavras com que terminamos: Nós lá estaremos!”

— Aqui tem o senhor — declarou Pott, esfalfado, dobrando o jornal — o estado em que se acha a questão.

O hospedeiro e o criado, entrando nesse momento com o jantar, forçaram o sr. Pott a pôr o dedo nos lábios, indicando que considerava a sua vida nas mãos do sr. Pickwick e confiava em sua discrição. Os srs. Bob Sawyer e Benjamim Allen, que haviam irreverentemente pegado no sono durante a leitura do artigo, foram despertados pela magia da palavra “jantar”, apenas ciciada aos seus ouvidos; e foram para a mesa com grande apetite e um criado a servi-los.

No decurso do jantar e da sessão que se lhe seguiu, o sr. Pott, descendo por momentos a assuntos domésticos, informou o sr. Pickwick de que o ar de Eatanswill não convinha à sua mulher, e que por isso andava ela a percorrer diferentes lugares elegantes de águas, no propósito de restabelecer a saúde e ânimo. O que era um delicado disfarce da verdade; o fato era que a sra. Pott pusera em prática a sua ameaça de desquite tanta vez repetida e, em virtude de uma combinação arrancada ao sr. Pott pelo mano tenente, se retirara com o seu fiel guarda, vivendo da metade da renda e dos lucros anuais provenientes da direção e da venda da *Gazeta de Eatanswill*.

Enquanto o grande jornalista se espriava por este e outros assuntos, embelezando a palestra com passagens extraídas das próprias elocubrações, um forasteiro de ar grave chamou da portinhola de uma carruagem que parara à porta, para fazer entregar umas encomendas, perguntando se podiam dar-lhe quarto e cama para aquela noite.

— Certamente, senhor — replicou o dono da hospedaria.

— Com certeza? — perguntou o sujeito, com olhos e maneiras algo suspeitosos.

— Com toda a certeza.

— Bem! Cocheiro, eu fico aqui. Conductor, a minha maleta.

Tendo-se despedido dos demais passageiros, com um pouco de rabugem, o forasteiro desceu. Era um sujeito baixote, de cabelos crespos e negros, cortados

à maneira de porco espinho ou, se preferirem, à escovinha, espetados por toda a cabeça. Seu aspecto era pomposo e ameaçador; suas maneiras peremptórias, seus olhos penetrantes e irrequietos; todo ele aparentava um sentimento de grande confiança em si e a consciência de incomensurável superioridade sobre os demais habitantes da terra.

Este cavalheiro foi introduzido no quarto originariamente destinado ao patriótico sr. Pott; e o criado notou, com espanto mudo pela singular coincidência, que, apenas acesas as velas, o sujeito sacou um jornal de dentro do chapéu e começou a lê-lo com a mesma expressão de indignado desdém que uma hora antes o subjugara no majestoso semblante do sr. Pott. Observou também o criado que, ao passo que o desdém do sr. Pott fora excitado por um jornal intitulado *Independente de Eatanswill*, o fulminante desprezo deste cavalheiro era inspirado por um jornal denominado *Gazeta de Eatanswill*.

— Mande aqui o dono da hospedaria — disse o forasteiro.

— Sim, senhor.

O hospedeiro acudiu logo ao chamado.

— O senhor é que é o dono da hospedaria? — perguntou o sujeito.

— Sim, senhor.

— Conhece-me?

— Não tenho esse prazer.

— Meu nome é Slurk.

O hospedeiro inclinou levemente a cabeça.

— Slurk, ouviu? — repetiu o sujeito com altivez. — E agora, conhece-me?

O hospedeiro coçou a cabeça, olhou para o teto e para o sujeito, e sorriu debilmente.

— Conhece-me, homem? — perguntou o sujeito irritado.

O hospedeiro fez um grande esforço e por fim respondeu:

— Pois não, senhor! Não o conheço.

— Santo Deus! — disse o forasteiro, dando um murro na mesa. E isto é a popularidade!

O hospedeiro deu um ou dois passos para a porta e o sujeito fitou nele os olhos e prosseguiu:

— Esta é a gratidão por anos e anos de trabalho e de estudos, em favor das massas. Apeio-me aqui fatigado e encharcado; ficam silenciosos os sinos; não se aglomera a turba para saudar o seu campeão, nem sequer o seu nome

desperta um vislumbre de reconhecimento nestes corações entorpecidos! Basta isso — disse o sr. Slurk, passeando de um para outro lado com agitação — para coagular a tinta na pena e levar a gente a desamparar a sua causa para todo o sempre.

— O que o senhor deseja é aguardente com água? — perguntou o dono da hospedaria, arriscando uma sugestão.

— Rum — disse o sr. Slurk, fitando-o com ar feroz. — Tem lume aí?

— Podemos acendê-lo num instante, senhor — disse o hospedeiro.

— E que não espalhe calor antes de eu me deitar — interrompeu o sr. Slurk. — Está alguém na cozinha?

— Nem viva alma. Está lá um lume soberbo. Tinham-se todos ido embora e a porta estava fechada por esta noite.

— Quero tomar o meu grogue de rum — disse o sr. Slurk — junto ao fogo da cozinha. — Agarrou o jornal e o chapéu e seguiu a passos solenes o hospedeiro até a cozinha. Atirou-se para cima de um banco ao pé da lareira no humilde aposento, reassumiu a expressão de desdém e começou a ler e a beber com silenciosa dignidade.

Ora, algum demônio de discórdia esvoaçava por sobre a Cabeça do Sarraceno e, ao lançar os olhos para baixo, por mera curiosidade, avistou por acaso Slurk comodamente instalado ao pé da lareira e Pott no outro gabinete, levemente excitado pelo vinho. Em vista disso, o malicioso demônio, arrojando-se com inconcebível rapidez sobre este último gabinete, introduziu-se de golpe na cabeça do sr. Bob Sawyer e inspirou-lhe as seguintes palavras, propícias aos seus ruins intentos:

— Olhem! deixamos apagar o lume. Está frio como a breca depois da chuva, não está?

— É verdade — replicou o sr. Pickwick tiritando.

— Não seria má idéia irmos fumar um charuto ao pé do fogão, não acham? — disse Bob Sawyer, sempre inspirado pelo sobredito demônio.

— Parece-me que seria deveras confortável — replicou o sr. Pickwick. — Que diz a isto, sr. Pott?

O sr. Pott logo deu seu assentimento; e os quatro viajantes, cada um com o seu copo em punho, dirigiram-se imediatamente à cozinha, servindo Sam de guia ao cortejo.

O forasteiro continuava a ler; ergueu os olhos e sobressaltou-se. O sr. Pott também se sobressaltou.

O forasteiro estava lendo, ergueu os olhos e estremeceu. O sr. Pickwick recuou um passo.

— Que é isso? — murmurou o sr. Pickwick.

— Aquele réptil!

— Que réptil? — perguntou o sr. Pickwick olhando em volta com receio de pisar alguma aranha hidrópica ou alguma barata gigante.

— Aquele réptil! — segredou Pott, travando do braço do sr. Pickwick e apontando para o forasteiro. — Aquele réptil: Slurk, do *Independente*.

— Talvez seja melhor retirarmo-nos — cochichou o sr. Pickwick.

— Isso nunca! — retorquiu Pott, a quem a bebida enchera de valentia. Instalou-se num banco fronteiro, escolheu um jornal no maço que trazia e começou a ler nas barbas do inimigo.

Claro é que o sr. Pott lia o *Independente*, e o sr. Slurk lia a *Gazeta*, e cada um deles expressava o seu desprezo pelas composições do outro em voz audível, por meio de risadas amargas e um fungar sarcástico. Daí passaram a manifestações mais claras, tais como “absurdo! atrocidade! miserável! troça! lama! velhacaria! esterco! lodo! lodaçal!” e outras observações críticas do mesmo teor.

Tanto o sr. Bob Sawyer como o sr. Ben Allen haviam contemplado estes sintomas de rivalidade e ódio com um prazer que aumentava grandemente o sabor dos charutos, de onde arrancavam vigorosas fumaradas. No momento em que as hostilidades começavam a enfraquecer, o maligno Bob Sawyer dirigiu-se com grande cortesia a Slurk:

— O senhor permite-me que veja esse jornal, em acabando de lê-lo?

— Pouco encontrará nesta desprezível folha que valha a pena o incômodo — replicou Slurk, vibrando um sobreceño satânico para Pott.

— Eu já lhe dou este — disse Pott, o rosto pálido e a voz trêmula de raiva. — Ah! ah! Há de divertir-se com a audácia desse tipo!

Havia uma aterradora ênfase nas palavras “folha” e “tipo”: e os semblantes dos dois editores começaram a assumir expressões de desafio.

— A infâmia desse miserável enrasca, realmente — disse Pott, fingindo dirigir-se a Bob Sawyer e lançando a Slurk um olhar ameaçador.

Nisto, o sr. Slurk desatou às gargalhadas, dobrou o jornal para iniciar a leitura de outra coluna e disse que se divertia deveras com aquele pedaço de asno.

— Que parvo e insolente que saiu este tipo! — disse Pott passando do vermelho ao carmesim.

— O senhor já leu alguma vez as patetices deste homem? — perguntou Slurk a Bob.

— Nunca — replicou Bob. — É tão mau assim?

— Ora se é! Chega a meter nojo.

— Realmente, isto é infâmia demais! — exclamou Pott, fingindo-se sempre absorto na leitura.

— Se o senhor for capaz de percorrer esse lamaçal de maldades, de mentiras, baixeiras, traições, perjúrios, hipocrisias — disse Slurk, apresentando o jornal a Bob —, talvez se dê por bem pago, rindo do estilo sem gramática desse reles idiota!

— Que foi que disse o senhor? — perguntou Pott erguendo os olhos, trêmulo de raiva.

— Que tem o senhor com isso? — replicou Slurk.

— Estilo pouco gramatical, reles idiota, não foi o que o senhor disse?

— Foi, sim senhor; direi até estilo grandemente enfastiante, se o senhor prefere.

A este novo insulto o sr. Pott não retorquiu palavra, mas dobrou cuidadosamente o seu *Independente*, deitou-o ao chão, machucou-o debaixo da bota, escarrou-lhe em cima com toda solenidade e atirou-o para o lume.

— Aí está! — disse Pott afastando-se do fogão. — Assim é que eu trataria a víbora que o produz se, felizmente para ela, as leis do meu país não me atassem as mãos!

— Pois faça-o! — gritou Slurk levantando-se. — Ele nunca se reclamará das leis, num caso destes. Trate-o assim, ande!

— Ouçam! ouçam! — bradou Bob Sawyer.

— Nada há de mais leal — observou Ben Allen.

— Trate-o assim, ande! — repetiu Slurk em voz alta.

O sr. Pott dardejou-lhe um olhar de desprezo capaz de queimar um cepo.

— Trate-o assim, ande! — tornou a repetir Slurk em tom sempre mais estridente.

— Não quero! — retorquiu Pott.

— Ah! não quer! Então não quer! — disse o sr. Slurk com ar de mofa. — Ouvem isto, senhores? Ele não quer; não é por ter medo, não! É porque não quer! Ah! ah!

— Considero-o uma víbora, senhor! — disse o sr. Pott ferido pelo sarcasmo. — Olhou-o como um homem que se colocou fora da sociedade por um procedimento público repugnante, impudente, abominável, ao último ponto. Política e pessoalmente o senhor não é mais para mim do que uma víbora, nem mais nem menos.

O “independente” indignado não esperou pelo fim do libelo, porque, agarrando na maleta que estava cheia de objetos de seu uso, deu-lhe uma volta no ar, enquanto Pott lhe voltava as costas, e deixou-a cair na cabeça deste, dando-se a colisão no ponto exato em que na maleta se incluía uma valente escova de cabelo. Ouvia-se na cozinha um grande estrondo e Pott caiu no chão.

— Senhores — berrou o sr. Pickwick, enquanto Pott se erguia e pegava na pá do fogão —, senhores, pelo amor de Deus, pensem bem... Acudam... Socorro, então, meus senhores... Alguém que intervenha!

Proferindo estas incoerentes exclamações, o sr. Pickwick precipitou-se entre os encarniçados combatentes, mesmo a tempo de receber a pá do fogão numailharga e a maleta na outra. Quer seja porque os representantes da opinião pública de Eatanswill estivessem cegos pela animosidade, ou porque, sendo ambos arrasadores perspicazes, vissem a vantagem de ter um terceiro entre eles para aparar os golpes, o certo é que não deram a mínima atenção ao sr. Pickwick e, desafiando-se um ao outro com grande coragem, continuaram a esgrimir temerosamente com a pá do fogão e com a maleta. O sr. Pickwick decerto teria sofrido cruelmente com sua filantrópica intervenção, não fora Sam, que, atraído pelos gritos do amo, irrompeu nesse momento e, agarrando num saco de farinha, pôs eficazmente cobro ao conflito, enfiando-o pela cabeça e pelos ombros do valoroso Pott e apertando-o com força pelos cotovelos.

— Tirem a maleta do outro maluco! — exclamou Sam a Bob Sawyer e Ben Allen, que não tinham feito outra coisa senão girar à roda do grupo, com uma lanceta de tartaruga na mão, prontos a sangrar o primeiro que ficasse atordoado. — Largue a maleta, criatura miserável, ou o sufoco aqui dentro!

Intimidado pelas ameaças e já sem fôlego, o “independente” deixou-se desarmar; e Sam, tirando o apagador das mãos de Pott, soltou-o com esta advertência:

— Vão já meter-se na cama, e muito sossegadinhos, senão meto-os ambos dentro do saco, fecho-o e deixo-os espernear. Mesmo que fossem uma dúzia,

fazia-lhes a mesma coisa, se lhes desse para semelhante brincadeira. E o senhor, tenha a bondade de vir por aqui.

Dirigindo-se assim ao seu amo, tomou-o pelo braço e levou-o para fora da cozinha, enquanto os editores rivais eram conduzidos pelo hospedeiro às suas respectivas camas, sob a inspeção do sr. Benjamim Allen e do sr. Bob Sawyer. Em caminho iam resfolegando ameaças sanguinárias e marcando encontros vagos, para um duelo mortal no dia imediato. Mas, ao pensarem melhor no caso, ocorreu-lhes que poderiam bater-se com maiores vantagens pela imprensa; portanto, recomeçaram sem demora as mortíferas hostilidades; e por toda Eatanswill retumbou — em papel — a sua valentia.

De manhã cedo, antes que os outros viajantes dessem sinal de si, já eles haviam abalado em diligências diferentes; e, como o tempo levantasse, os companheiros da sege puseram-se de novo a caminho de Londres.

CAPÍTULO LII

QUE ENVOLVE UMA SÉRIA MUDANÇA NA FAMÍLIA WELLER E A QUEDA PREMATURA DO SUJEITO DE NARIZ VERMELHO.

PARECENDO-LHE POUCO DELICADO APRESENTAR sem preparação ao jovem casal os srs. Bob Sawyer e Ben Allen, e desejando poupar a sensibilidade de Arabela, o sr. Pickwick propôs que ele e Sam descessem nas proximidades do Jorge e Abutre, e que os dois rapazes se instalassem em qualquer parte, provisoriamente. Estes acederam à proposta, que foi logo posta em prática. Bob Sawyer e Ben Allen encaminharam-se para uma hospedaria isolada nos remotos confins do Borough, por detrás de cujas portas os seus nomes haviam em outros tempos figurado vezes sem conta, à testa de longos e complexos cálculos traçados a giz.

— Ora esta! sr. Weller! — disse a linda criadinha, ao deparar Sam à porta.

— Em carne e osso — replicou Sam, ficando para trás, para que o amo não o ouvisse. — A guapa rapariga que você está, Maria!

— Ora, sr. Weller! Não digas tolices! Deixe-se disso, sr. Weller!

— Deixe-me do que, minha querida?

— Do que está fazendo. Vamos! Vá-se embora! — E, a sorrir, a linda menina empurrou Sam de encontro à parede, dizendo que lhe havia machucado a touca e despenteado as tranças.

— E, além disso, não me deixa dar o recado — acrescentou ela. — Há quatro dias está aqui uma carta à sua espera; não havia meia hora que tinha abalado, quando ela chegou; de mais a mais, tem *urgente*, no sobrescrito.

— Onde está ela, minha jóia?

— Guardei-a para entregar-lha, senão há muito se teria perdido. Aqui a tem; é mais do que o senhor merece.

Assim falando, depois de exprimir com garridice suas apreensões e receios sobre a perda possível da carta, Maria sacou-a de baixo do mais lindo lenço de cambraia que pode envolver um lindo colo e apresentou-a a Sam, que logo a beijou com muita galanteria e devoção.

— Essa agora! — exclamou Maria aconchegando o lenço e fingindo não perceber. — Parece que o senhor ficou de repente mortinho por essa carta!

A isto Sam respondeu apenas com um piscar de olhos, de cuja intensa significação não há palavras que possam dar a mínima idéia. Sentou-se depois ao lado de Maria, à janela, abriu a carta e relanceou os olhos pelo conteúdo.

— Olhe! — exclamou ele. — Que vem a ser isto?

— Não é notícia má, hein? — disse Maria olhando por cima do ombro dele.

— Bendito sejam esses lindos olhos! — disse Sam, levantando a cabeça.

— Deixe meus olhos em paz; é melhor que leia a sua carta — revidou a linda criadinha. Mas, ao dizer isto, lampejaram-lhe os olhos com tal encanto e malícia que não havia resistir-lhe.

Sam aliviou-se com um beijo e leu o seguinte:

Marques Gran. By dorken. Quita feira.

Qrido Samuel.

Sinto muito ter o praser de cer portador de más novas a tua madrasta apanhou uma forte custipação por ficar muito tempo na chuva em sima da erva molhada a ouvir um pastor que não foi capas de calar o bico até desoras da noite porqe estava tão encharcado de bibida qe não podia calar-se encuanto não ficasse mais desanoviado e isto levou muintas horas dis o dotor que se ela tivesse ingulido un grogue quente depois en vez de cer antes não lhe fazia tanto mal deram na logo cebo nas rodas e fesce tudo o qe se pode inventar pra por ela otra veiz a andar o teu pai tinha espransa qela continuaria a rodar como até ali mas mesmo cuando ela ia dobrá a esqina erou no caminho meu filo e despenho pla ladera abaxo com uma preça qe nuca se viu apesá do médico apertá logo o travão não cerviu pra cosicima nenhuma purqe xegou a ultima estasão as ceis horas menos vinte da tarde donte tendo feito a jornada en muito menos tenpo qo costume talvez po levar poca bagage dis o teu pai qe se você quisé vir verme Sammy ele ficará muto agardesido purqe istou muinto çó Samuel N.B. ele qer qe eu iscreva deste feitio qe eu digo qé erado e como à muta cosa a combiná ele tem a serteza qe o ceu patrão não porá dúvida é claro que não Samuel

porque eu bem o conheso pur iço manda os seus coprimetos os cuais em ma junto e çou Samuel teu pai muinto amigo como mil diabos,

TONY VELLER.

— Carta engraçada! — ponderou Sam. — Quem diabo é capaz de entendê-la, com todos os seus *eus* e *eles*. A escrita não é de meu pai, a não ser aqui, a assinatura, em letra de imprensa; esta sim é que é dele.

— Talvez alguém a escrevesse e ele depois assinou — sugeriu a rapariga.

— Espere um pouco! — replicou Sam percorrendo outra vez a carta, parando aqui e ali para refletir. — A menina acertou! A pessoa que escreveu estava contando a história toda da desgraça e com muito juízo, quando chega o meu pai, olha-lhe por cima do ombro e faz uma embrulhada dos diabos, intercalando a sua piada. Foi o que ele fez. Você tem razão, Maria, meu amor.

Tranqüilizado sobre este ponto, Sam tornou a ler a carta toda mais uma vez, parecendo formar, afinal, uma idéia clara do conteúdo; depois dobrou-a e exclamou com ar pensativo:

— Com que então, a coitadinha morreu! Tenho pena. Não era má criatura, se os malditos dos pastores a deixassem em paz. Tenho pena, muita.

Sam proferiu estas palavras com tamanha gravidade, que a rapariga baixou os olhos e assumiu um ar tristonho.

— Enfim — concluiu Sam com um suspiro, metendo a carta no bolso — , tinha de ser, e agora já não há remédio, como dizia a velha, depois de casar com o lacaio, não é verdade, Maria?

Maria acenou com a cabeça e também suspirou.

— Vou procurar o patrão para pedir-lhe licença.

Maria tornou a suspirar. A carta era tão comovente!

— Adeus — disse Sam.

— Adeus — repetiu a linda criadinha, virando a cabeça de lado.

— Um aperto de mão, não quer?

A rapariga estendeu a mão, que, apesar de pertencer a uma empregada, era deveras pequenina, e ergueu-se para se ir embora.

— Não me hei de demorar — disse Sam.

— O senhor está sempre longe — suspirou Maria agitando de leve a cabeça. — Tão depressa chega como se safa, sr. Weller.

Sam puxou para si a linda jóia doméstica e em voz ciciante encetou com ela um rápido colóquio. Dentro em pouco ela voltava a cabeça e condescendia em fitá-lo novamente. Quando se separaram, ela julgou indispensável ir ao seu quarto e consertar a touca e os cabelos antes de aparecer diante da ama. Subiu as escadas para esta cerimônia preparatória, lançando de cima da rampa muitos sorrisos e muitos sinais a Sam.

— Não me demoro mais de um dia, ou dois, o mais tardar, senhor — prometeu Sam depois de comunicar ao sr. Pickwick a notícia da perda que tinha sofrido seu pai.

— Demore-se o tempo que precisar, Sam. Tem licença plena para demorar-se.

Sam inclinou-se.

— Diga a seu pai que, se eu puder servir-lhe de algum auxílio na presente situação, tem-me ao seu dispor para o que estiver ao meu alcance.

— Agradecido, senhor. Darei o seu recado.

E amo e criado apartaram-se com expressões de mútua simpatia e interesse.

Eram exatamente 7 horas quando Samuel Weller desceu da almofada de uma carruagem que passava por Dorking, a alguns metros do Marquês de Granby. A tarde estava tristonha e fria. A ruazinha apresentava aspecto lúgubre e solitário, e a cara de mogno do nobre marquês tinha uma expressão mais desconsolada e triste que de costume, balouçando de um lado para outro, regendo melancolicamente à mercê do vento. As cortinas, corridas, as portas das janelas, em parte cerradas; não se viam nenhum dos ociosos que habitualmente se aglomeravam à porta; o lugar, desolado e silencioso.

Não avistando ninguém a quem dirigir quaisquer perguntas preliminares, Sam entrou de mansinho, olhou à volta de si e logo reconheceu o pai à distância.

O viúvo sentava-se a uma mesa redonda, no pequeno gabinete detrás do balcão, fumando cachimbo, olhos fitos no lume. O enterro realizara-se evidentemente naquele dia, pois ainda se via uma faixa de crepe ligada ao chapéu que ele conservava na cabeça, e que pendia das costas da cadeira, caindo negligentemente para o chão. O sr. Weller achava-se numa atitude abstrata e contemplativa, porque, apesar de Sam o chamar repetidas vezes pelo nome, ele continuou a fumar com a mesma fisionomia parada e serena, só despertando quando o filho lhe pousou no ombro a palma da mão.

— Sammy — disse ele —, ainda bem que você chegou.

— Chamei-o meia dúzia de vezes — disse Sam pendurando o chapéu num cabide —, mas o senhor não me ouviu.

— Não, Sammy — replicou o sr. Weller tornando a olhar fixamente para o lume —, estava a cismar.

— Em quê? — perguntou Sam, aproximando a cadeira do lume.

— Estava a cismar, Sammy — replicou o velho sr. Weller. — Pensava nela, Samuel. — E acenou com a cabeça na direção do caminho de Dorking, como explicação muda de que suas palavras aludiam à falecida sra. Weller.

— Estava a parafusar, Sammy — prosseguiu ele fitando atentamente o filho por cima do cachimbo, como para certificá-lo de que, por incrível e extraordinária que se afigurasse a sua declaração, era contudo proferida com serenidade e tento —, estava a parafusar, Sammy, que afinal de contas tenho muita pena de que ela tenha morrido.

— E deve ter! Sim senhor!

O sr. Weller fez um gesto afirmativo, cravou outra vez os olhos no lume, envolveu-se numa nuvem de fumaça e refletiu profundamente.

— Foram muito ajuizadas as observações que ela fez, Sammy — disse o sr. Weller após longo silêncio, afastando a fumaça com a mão.

— Que observações? — perguntou Sam.

— As que fez depois de adoecer.

— Quais?

— Uma coisa assim, pouco mais ou menos: “Weller”, disse ela, “tenho medo de não ter procedido com você como devia; você é homem de bom coração, e eu poderia ter tornado a sua casa mais confortável. Agora é que começo a perceber”, disse ela, “agora que já é tarde, que quando uma mulher casada se mete a ser devota, o que deve é principiar por cumprir em casa os seus deveres e dar felicidade e alegria a quem viver a seu lado, e que, enquanto vai à igreja ou à capela ou coisas assim, a seu tempo e hora, não deve fazer disso desculpa para a preguiça, gulodice, ou coisa pior. Fiz tudo isso”, disse ela, “e gastei dinheiro e tempo com gente que ainda fazia pior do que eu; mas quando me for embora, Weller, espero que você pense em mim... como eu era antes de conhecer essa gente, e como eu era realmente de nascença”. Fiquei um tanto atrapalhado, é verdade, Sammy, e disse-lhe: “Susana, você sempre foi boa para mim, não me fale mais nisso, anime-se, mulher; e viverá tempo bastante para ver-me machucar a cabeça do Stiggins”. O que a fez sorrir, Samuel —

concluiu o velho abafando um suspiro com o cachimbo —, mas afinal sempre esticou!

Ao cabo de três ou quatro minutos em que o velho abanou lentamente a cabeça e fumou com solenidade, Sam aventurou-se a oferecer-lhe uma consolação banal, dizendo: — Vamos, capitão, não pense mais nessas coisas! Todos nós temos de passar por isso, mais dias menos dias.

— Lá isso temos, Sammy.

— E há em tudo uma providência.

— Certamente que há — replicou o pai, com gesto de grave aprovação. — Não fosse isso, que seria dos coveiros, Sammy?

Perdido no vasto campo de conjeturas aberto por semelhante reflexão, o sr. Weller sênior pôs o cachimbo em cima da mesa e atiçou o lume com semblante pensativo. Enquanto se entretinha nesse mister, uma cozinheira muito rechonchuda, vestida de luto, que estivera a fazer arranjos no balcão, escoou-se para o gabinete e, colocando-se silenciosamente atrás da cadeira do sr. Weller, dirigiu vários sorrisos de reconhecimento a Sam e anunciou a sua presença por uma pequena tosse, que, não sendo atendida, foi logo seguida por outra mais forte.

— Olá! — disse o sr. Weller sênior, voltando-se e deixando cair o atiçador pela pressa com que desviou a cadeira. — Que foi que aconteceu?

— Tome uma gota de chá, ande, meu bom sr. Weller — ofereceu carinhosa a gorducha.

— Não quero — replicou o sr. Weller com modo brusco. — O que quero... — acrescentou reprimindo-se vivamente e concluindo em voz baixa — é que você vá plantar batatas.

— Nossa Senhora! Como as tristezas mudam a gente! — exclamou a mulher erguendo os olhos para o céu.

— Se está à espera de que eu mude também de estado! — resmungou o sr. Weller.

— Realmente, nunca vi homem tão rabugento! — disse a gorducha.

— Não se incomode, que o proveito é meu! — foi a reflexão com que se consolou o garoto do colégio, quando lhe deram açoitões!

A gorducha abanou a cabeça com ar afetuosamente e compassivo, e perguntou a Sam se o pai não devia realmente fazer esforços para cobrar ânimo e não se deixar cair naquele abatimento.

— Veja o sr. Samuel — prosseguiu ela. — Ainda ontem lhe estive a dizer que há de sentir-se só. É natural! Mas o que deve é tentar animar-se, porque, valha-me Deus! todos, com certeza, o lastimamos pelo seu desgosto, e estamos prontos a fazer o que pudermos por ele. E olhe que não há situação na vida, por má que seja, sr. Samuel, que não se lhe dê remédio; era o que me dizia uma pessoa de respeito, quando morreu o meu marido. — Nisto a oradora, pondo a mão diante da boca, tornou a tossir e olhou com ternura para o sr. Weller sênior.

— Como eu agora dispenso a sua prosa, quer ter a bondade de retirar-se? — perguntou-lhe o sr. Weller com voz firme e grave.

— Está bem, sr. Weller. Era só por amizade que eu falava, fique certo disso.

— É provável — replicou o sr. Weller. — Samuel, acompanhe até lá fora esta senhora e feche depois a porta.

A insinuação foi aproveitada pela gorducha cozinheira, que deixou imediatamente o gabinete, batendo a porta com violência. E o sr. Weller, transpirando e reclinando-se na cadeira, exclamou:

— Sammy, se me demorasse aqui uma semana — apenas uma, rapaz — esta mulher casava comigo à força.

— Como! Tão mortinha anda ela pelo senhor?

— Mortinha? Se anda! Não há meios de despegá-la do meu lado. Mesmo que estivesse encafuado num cofre à prova de fogo com fechadura patente, ela tanto havia de andar que chegaria a deitar-me as unhas, Sammy.

— Diabo de história, isto de ser assim apetecido! — observou Sam com um sonso.

— Não tiro disso vaidade alguma, Sammy — replicou o sr. Weller atijando o lume com veemência. — É uma situação de arrepiar. Por essa razão é que me vejo forçado a sair de casa. Mal a sua pobre madrasta exalou o último suspiro, logo uma velha mandou-me um boião de marmelada, outra um boião de geléia; outra arranjou um jarro com chá de macela e trouxe com as próprias mãos. — O sr. Weller calou-se com ar de profundo tédio e, olhando em torno de si, acrescentou em segredo: — Todas eram viúvas, Sammy, todas, a não ser a do chá de macela, rapariga de 53 anos.

Sam respondeu com um ar cômico e o velho, tendo partido um pedaço de carvão mais teimoso, com fisionomia tão cheia de vindita como se fosse a cabeça de uma das mencionadas viúvas, prosseguiu:

— Em resumo, Sammy, não me sinto seguro em parte alguma, senão na almofada.

— Por que está o senhor lá mais seguro que em outro lugar?

— Porque o cocheiro é um ente privilegiado — replicou o sr. Weller, encarando fixamente o filho. — Porque um cocheiro, sem excitar suspeitas, pode fazer o que os outros homens não podem; porque um cocheiro pode estar nos termos mais agradáveis com 80 milhas de mulherio, sem lhe passar pela cabeça que esteja disposto a casar com nenhuma. Haverá outro mortal que se possa gabar da mesma coisa?

— Sim, realmente, há aí um fundo de verdade — disse Sam.

— Se o seu patrão fosse cocheiro, Sammy, julga você que o júri o teria sentenciado? E, mesmo que as coisas chegassem a tais extremos, nunca o teriam ousado, meu filho!

— E por que não? — perguntou Sam com leve ar de zombaria.

— Porque isso iria contra as suas consciências. Um cocheiro de verdade é uma espécie de elo entre o celibato e o matrimônio; não há homem prático que o não saiba.

— Quer dizer o senhor que eles são os ai-jesus de toda gente e que ninguém abusa deles, talvez?

O pai fez um gesto afirmativo e depois acrescentou:

— Como isto chegou a este ponto, é o que ignoro. Por que o cocheiro de diligência possui tanta insinuação, é tão procurado, adorado até, digo eu, por todas as jovens de todas as terras por onde passa, isso é que não sei. O que sei é que é assim. É uma regra da natureza: um dispensário da Providência, como costumava dizer a sua madrastra.

— Uma dispensação — acudiu Samuel, corrigindo o velho.

— Muito bem, Samuel, uma dispensação, se assim prefere. Quanto a mim, chamo-o dispensário, pois é como está escrito nos lugares onde dão remédios de graça, dando a gente as garrafas. É o que é.

Com estas palavras, o sr. Weller tornou a encher e acender o cachimbo, e, assumindo outra vez expressão pensativa, continuou da maneira seguinte:

— Portanto, meu rapaz, como não me parece prudente deixar-me ficar aqui para casar à força ou por vontade, e como ao mesmo tempo não desejo separar-me completamente dos interessantes membros da sociedade, tomei a deliberação de guiar outra vez a diligência e de fazer as minhas estações na Bela Selvagem, que é afinal para o que nasci, Sammy.

— E que há de ser do negócio?

— O negócio, Samuel, capital, mobília e freguesia, vende-se por contrato particular; e do dinheiro tiram-se 200 libras para satisfazer um pedido que a sua madrasta me fez antes de morrer, e empregam-se em seu nome, em... como diacho se chamam essas histórias?

— Que histórias?

— Essas coisas que sempre andam a descer e a subir na City.

— Os ônibus?

— Que asneira! Não! Falo das coisas que andam sempre a flutuar, e sempre embrulhadas, de uma maneira ou de outra, com os vales do tesouro, a dívida nacional, e toda essa trapalhada.

— Ah! sim! Os fundos!

— É isso, os fundos; 200 libras devem ser empregadas em fundos para você, Samuel; 4 e meio por cento, Samuel.

— Foi bondade da velha o pensar em mim; fico-lhe muito agradecido.

— O resto será colocado em meu nome, e, quando me atirarem fora da estrada, ficará para você. Portanto, tome cuidado, não gaste tudo de uma vez, meu filho, e preste atenção que não haja alguma viuvinha que suspeite de sua fortuna, senão você se afundará.

Proferido este aviso, o sr. Weller voltou a fumar o cachimbo com aspecto mais sereno, parecendo de espírito consideravelmente aliviado com a revelação feita ao filho.

— Alguém está batendo — avisou Sam.

— Deixe-os bater! — replicou o pai com dignidade.

Sam agiu de acordo com o preceito e seguiu-se nova pancada e mais outra, e depois uma longa série de pancadas. Sam então perguntou por que não se dava entrada à pessoa que batia.

— Caluda! — segredou o sr. Weller, com olhares apreensivos. — Não faça caso, Sammy, talvez seja uma das viúvas.

Como não se fizesse caso das pancadas, o invisível visitante, depois de curto lapso de tempo, abalançou-se a descerrar a porta e espreitar. Não foi uma cabeça feminina que se insinuou pela porta entreaberta, mas a guedelha negra e o rosto rubro do sr. Stiggins. O cachimbo do sr. Weller caiu-lhe das mãos.

O reverendo abriu a porta por graduações quase imperceptíveis, até que a abertura foi suficientemente larga para dar passagem ao seu corpo esgalgado. Escoou-se então para o aposento, fechando a porta de mansinho e com grande

cautela. Voltou-se para Sam e ergueu as mãos e os olhos em testemunho do profundo pesar que lhe inspirava a desgraça ocorrida na família. Puxou a cadeira de espaldar para o seu antigo canto ao pé do fogo e, sentando-se na borda do assento, sacou de um lenço escuro e levou-o aos olhos.

Entrementes, o sr. Weller sênior permanecia assentado, de mãos pousadas nos joelhos, olhos arregalados, e toda a fisionomia expressiva de um pasmo dominador e absorvente.

Sam, à sua frente, aguardava em mudez absoluta e com ávida curiosidade o desenlace da cena.

O sr. Stiggins conservou uns minutos o lenço diante dos olhos, gemendo com todo o decoro, e em seguida meteu-o na algibeira, abafando a angústia com um violento esforço. Depois atçou o lume, esfregou as mãos e olhou para Sam.

— Meu jovem amigo! — disse o sr. Stiggins, quebrando o silêncio em voz débil. — Que tremendo desgosto este!

Sam baixou levemente a cabeça.

— Para este ímpio também! — acrescentou o sr. Stiggins. — É de fazer sangrar o coração.

Sam ouviu o pai murmurar alguma coisa, com respeito a fazer sangrar umas ventas, mas o sr. Stiggins é que não ouviu.

— Sabe porventura, rapaz — cochichou o sr. Stiggins arrastando a cadeira para junto de Sam —, se ela deixou alguma coisa a Emanuel?

— Que vem a ser esse sujeito? — perguntou Sam.

— A nossa capela, nosso aprisco, sr. Samuel.

— Não deixou nada ao aprisco, nem nada ao rebanho, nem nada ao pastor, nem nada também aos cães — replicou Sam com ar resolutivo.

O sr. Stiggins olhou de esguelha para Sam, relanceou a vista para o velho, que estava de olhos cerrados, como se tivesse adormecido, e, aproximando a cadeira ainda mais de Sam, segredou-lhe:

— Nada para mim, sr. Samuel?

Sam abanou a cabeça.

— Creio que deve haver alguma coisa — insistiu Stiggins, empalidecendo horrivelmente. — Pense bem, sr. Samuel; nem a mais pequenina lembrança?

— Nem tanto como o valor desse seu velho guarda-chuva.

— Talvez — volveu hesitante o sr. Stiggins, depois de alguns minutos de profunda meditação —, talvez ela me tivesse recomendado aos cuidados

daquele ímpio, sr. Samuel?

— É de crer, pelo que ele disse. Estava agora mesmo a falar a seu respeito.

— Ah! estava? — exclamou Stiggins, iluminando-se-lhe o rosto. — Ah! ele está mudado, creio eu. Podíamos agora viver juntos, como Deus com os anjos, não é assim, sr. Samuel? Eu tomaria conta de suas propriedades, quando estivesse fora; muita conta, pode acreditar.

E, com um profundo suspiro, o sr. Stiggins calou-se, à espera da resposta. Sam acenou com a cabeça e o sr. Weller sênior expandiu um som extraordinário, que, não sendo nem gemido, nem arquejo, nem grunhido, nem ronco, parecia até certo ponto partilhar do caráter de todas estas manifestações.

O sr. Stiggins, alentado por este som, que traduziu por um sinal de arrependimento ou de remorso, olhou em volta de si, esfregou as mãos, chorou, sorriu, tornou a chorar e depois, atravessando de mansinho o aposento até uma prateleira que havia a um canto, e de que tinha vivas recordações, tirou um copinho e, com todo descanso, deitou-lhe dentro quatro pedaços de açúcar. Feito isto, tornou a olhar em torno de si, suspirando lamentosamente; depois encaminhou-se para o balcão, voltou com meio copo de rum de ananás, adiantou-se para a chaleira que cantava alegremente sobre o fogo, preparou o seu grogue, provou-o, mexeu-o, sentou-se, sorveu um gole longo e cordial e parou para tomar fôlego.

O sr. Weller sênior, que continuava a fazer várias e estranhas tentativas para fingir-se adormecido, não pronunciou palavra durante todos estes movimentos; mas, quando o sr. Stiggins se deteve para tomar fôlego, precipitou-se para cima dele, arrancou-lhe da mão o copo, atirou-lhe com o resto do grogue à cara e deitou o copo no lume. Agarrando depois, e com toda fúria, o reverendo pela gola do casaco, desatou de repente aos pontapés, acompanhando cada aplicação da bota sobre o corpo do sr. Stiggins com vários anátemas incoerentes acerca dos olhos, das pernas, dos braços, de toda a personalidade física do reverendo.

— Sammy — ordenou o sr. Weller —, segure-me bem o chapéu na cabeça.

Sam obedeceu, enterrando na cabeça paterna o chapéu com longo crepe, e o velho, prosseguindo cada vez com maior agilidade na faina dos pontapés, foi rebolindo com o sr. Stiggins pelo bar, depois pelo corredor, até a porta da rua, e daí até o meio da rua, sem que cessassem os pontapés durante todo o percurso, e crescendo antes de veemência, em vez de diminuir, de cada vez que a bota se levantava.

Era um espetáculo deveras soberbo, rejubilante, o ver o homem de nariz vermelho a estrebuchar nas unhas do sr. Weller, e todo o seu corpo tremer de pavor à medida que os pontapés se sucediam com rapidez vertiginosa. Mais interesse ainda oferecia o contemplar o sr. Weller, depois daquela luta colossal, mergulhando a cabeça do sr. Stiggins dentro de uma pipa cheia de água e mantendo-a ali até ficar meio sufocado.

— Pronto! — exclamou o sr. Weller, concentrando toda a energia num pontapé complicadíssimo e permitindo por fim ao sr. Stiggins que retirasse a cabeça da pipa. — Mande-me cá qualquer desses madraços dos tais pastores, e eu faço-os primeiro num bolo e afogo-os depois. Sammy, dê cá o braço e encha-me um copo de aguardente; estou a deitar os bofes pela boca, meu filho.

CAPÍTULO LIII

QUE RELATA A SAÍDA FINAL DO SR. JINGLE E DE JOB TROTTER, MAIS UMA MANHÃ CHEIA DE NEGÓCIOS EM GRAY'S INN SQUARE, TERMINANDO POR UMA PANCADA DUPLA, BATIDA À PORTA DO SR. PERKER.

QUANDO ARABELA, após prudentes preparativos e numerosas garantias de que não havia razões para desanimar, recebeu afinal do sr. Pickwick a notícia do péssimo êxito de sua visita a Birmingham, rompeu em soluços, lamentando-se em termos tocantes ser ela a causa da discórdia entre pai e filho.

— Querida menina — disse o sr. Pickwick —, a culpa não é sua. Era impossível prever-se que o velho tivesse tão fortes prevenções contra o casamento do filho, compreende? Estou certo — acrescentou observando-lhe o rosto gentil — de que ele mal desconfia do prazer de que se está privando.

— Oh! caro sr. Pickwick! Que havemos de fazer, se ele continuar zangado conosco?

— Ora essa! Esperar com paciência, minha jóia, até ele refletir melhor — replicou alegremente o sr. Pickwick.

— Mas, caro sr. Pickwick, que será de Natanael, se o pai lhe recusar auxílio?

— Nesse caso, minha querida, atrevo-me a profetizar que não lhe há de faltar outro amigo pronto a fornecer-lhe os meios de ele abrir caminho na vida.

Não era tão velada a significação desta resposta que Arabela não a compreendesse. Por isso, deitou-lhe os braços ao pescoço, beijou-o afetuosamente e soluçou ainda com mais força.

— Vamos, vamos! — consolou o sr. Pickwick, pegando-lhe na mão. — Esperemos mais uns dias, a ver se ele escreve, ou se acusa de qualquer outro modo a comunicação de seu marido. Se assim não for, já formulei meia dúzia de projetos, e qualquer um deles lhes dará logo a felicidade. Eis o que é, minha jóia.

Com estas palavras, o sr. Pickwick apertou brandamente a mão de Arabela, aconselhou-a a enxugar as lágrimas e a não afligir o marido. Depois do que Arabela, que era uma das melhores criaturas deste mundo, guardou o lenço na bolsa e, quando o sr. Winkle veio ter com eles, viu em pleno fulgor os mesmos olhos cintilantes e sorrisos radiosos que logo de começo o haviam cativado.

Na manhã seguinte, dizia entre si o sr. Pickwick ao vestir-se: — É deveras aflitiva a situação deste jovem par. Vou à procura de Perker, consultá-lo sobre o assunto.

Como, além disso, fosse atraído para Gray's Inn Square por um desejo ansioso de ajustar as contas, e quanto antes, com o bondoso letrado, almoçou às pressas e realizou com tamanha rapidez o seu intento, que não tinham dado 10 horas quando chegou a Gray's Inn. Ainda faltavam dez minutos, quando acabou de subir a escada onde ficava o escritório de Perker. Os empregados ainda não haviam chegado e ele pôs-se à janela para matar o tempo.

A luz saudável de uma bela manhã de outubro dava certo brilho às casas velhas e enegrecidas; até as janelas empoeiradas pareciam alegres com os raios do Sol que reverberavam sobre elas. Os empregados iam chegando um a um pelas várias entradas da praça, a olharem para o relógio da torre, e acelerando ou diminuindo a velocidade da marcha, conforme a hora em que começavam oficialmente os trabalhos em seus respectivos escritórios. Os das 9 e meia corriam pressurosos, enquanto os das 10 recaíam num passo de uma lentidão aristocrática. O relógio deu 10 horas e os escreventes jorraram cada vez com mais pressa, cada um deles transpirando mais que o predecessor. Ressoava de todos os lados o ruído do desferrolhar e abrir de portas. A todas as janelas, como por magia, surdiam cabeças; os carregadores tomavam os seus pousos para o trabalho do dia; as lavadeiras precipitavam-se para fora, de sapatos acalcanhados, o carteiro corria de casa em casa, todo o enxame legal andava em grande azáfama.

— Como foi madrugador, sr. Pickwick — disse uma voz atrás dele.

— Ah! sr. Lowten! — replicou o sr. Pickwick voltando-se.

— A caminhada aquece a gente, não é verdade? — tornou Lowten, sacando do bolso uma chave Bramah com um pequeno batoque para evitar a entrada da poeira.

— Realmente, parece que o senhor sente calor — retorquiu o sr. Pickwick, sorrindo para o escrevente, vermelho como um tomate.

— Vim um bocadinho depressa, é verdade. Passava das 9 e meia, quando atravessei o Polígono. Em todo caso, cheguei antes dele, o resto pouco importa.

Consolando-se com a reflexão, o sr. Lowten tirou o batoque da chave. Aberta a porta, tornou a rolá-la e metê-la na algibeira, recolheu as cartas que o correio deitara na caixa e introduziu o sr. Pickwick no escritório. Despiu o casaco num abrir e fechar de olhos, pendurou o chapéu, vestiu um fato já no fio que tirou de um armário, dispôs em camadas alternadas uma porção de papel mata-borrão e de papel de cartucho, pôs a pena atrás da orelha e esfregou as mãos com ar de grande contentamento.

— É como vê, sr. Pickwick — disse ele. — Agora estou prontinho. Tirei minha roupa de ver a Deus, enverguei o fato de trabalho, ele poderá vir quando quiser. Não tem por aí uma pitada de rapé?

— Não, não tenho — replicou o sr. Pickwick.

— É pena. Mas não faz mal — disse Lowten. — Vou num instante lá fora e trago uma garrafa de soda. Não me acha os olhos algo esquisitos, sr. Pickwick?

O interrogado examinou os olhos do sr. Lowten e declarou não enxergar neles esquisitice alguma fora do usual.

— Ainda bem! — voltou Lowten. — Tivemos uma noitada menos má, lá no Cepo, ontem, e sinto-me um tanto às avessas hoje cedo. A propósito, Perker anda a tratar do seu negócio.

— Que negócio? As custas da sra. Bardell?

— Não é isso. Refiro-me ao patusco de quem compramos as dívidas por sua conta, à razão de 10 xelins por libra; para livrá-lo da prisão, lembra-se? e mandá-lo para Demerara.

— Ah! o sr. Jingle! — acudiu vivamente o sr. Pickwick. — E então?

— Está tudo arranjado — explicou Lowten talhando a pena. — O agente de Liverpool disse que devia ao senhor muitas obrigações, de quando o sr. Pickwick andava no negócio, e estimaria recebê-lo, por sua recomendação.

— Folgo muito saber disso!

— Mas, ouça lá! — continuou Lowten raspando outra pena antes de apará-la. — O simplório que é o outro! O criado, ou amigo, ou o quer que seja... sabe?... Trotter.

— Sim? — disse o sr. Pickwick com um sorriso. — Pois sempre fiz dele opinião contrária.

— Eu também, pelo pouco que dele vi. Isso o que mostra é como as aparências enganam. Que lhe parece a ida dele também para Demerara?

— Como assim? Menosprezando o que lhe oferecem aqui?

— Fitou de cima a oferta que lhe fez Perker de 13 xelins por semana com melhoria, se se portasse bem. Disse que tinha de partir com o outro, e persuadiram Perker a que escrevesse outra vez para lhe arranjam lugar na mesma propriedade; não tão bom, como diz Perker, como poderia obter um degredado na Nova Gale do Sul, se aparecesse no tribunal com um fato novo.

— Que grande maluco! — exclamou Pickwick, os olhos brilhantes. — Que grande maluco!

— Esta agora! Pior que maluquice! Baixeza é o que é, percebe? — replicou Lowten aparando a pena com ar de desprezo. — Diz ele que é o único amigo que tem tido na vida, que lhe é muito dedicado e outras cantigas que tais. A amizade é coisa bonita, no seu gênero; todos nós lá no Cepo, por exemplo, somos muito bons amigos, em cima do nosso grogue, onde cada um paga a sua conta, mas demônios levem quem caia na tolice de prejudicar-se em favor de outrem, compreende? Homem nenhum devia ter mais de dois amores, o primeiro pela sua pessoa, e o segundo pelas mulheres; esta é a minha opinião, ah! ah! — o sr. Lowten concluiu com uma ruidosa gargalhada, meio de gracejo, meio de sarcasmo, que foi interrompida pelo som dos passos de Perker na escada. O escrevente, apenas sentiu-o aproximar-se, trepou para o seu banco com notável agilidade e começou a escrever com desespero.

Foi cordial e calorosa a saudação entre o sr. Pickwick e seu consultor jurídico. Mas, assim que o cliente se refestelou na poltrona do procurador, ouviu-se bater à porta e uma voz perguntou se lá estava o sr. Perker.

— Olhe! — disse Perker. — É um dos nossos vagabundos: Jingle em pessoa, caro senhor. Quer vê-lo?

— Que lhe parece? — perguntou o sr. Pickwick com hesitação.

— Sim, parece-me o melhor. Eh, lá! senhor não sei o que, faça o favor de entrar!

Atendendo ao convite sem-cerimônia, Jingle e Job entraram no aposento; mas, ao darem com os olhos do sr. Pickwick, estacaram, um tanto atrapalhados.

— Então! — disse Perker. — Conhecem este cavalheiro?

— Bons motivos para isso — replicou Jingle adiantando-se. — O sr. Pickwick fez de mim um homem... Os maiores obséquios... Salvou-me a vida... Nunca se há de arrepender, sr. Pickwick.

— Estimo ouvir-lhe tais palavras — ponderou o sr. Pickwick. — Está com melhor aparência.

— Graças ao senhor... Grande mudança... A prisão de Sua Majestade... Muito insalubre, muito — disse Jingle abanando a cabeça. Trajava com decência, assim como Job, apumado atrás deste, pasmado para o sr. Pickwick.

— Quando partem para Liverpool? — perguntou o sr. Pickwick meio à parte a Perker.

— Esta noite, às 7 horas, na diligência grande da City, senhor — declarou Job dando um passo à frente.

— Estão tomados os lugares?

— Estão, sim, senhor.

— Com respeito aos adiantamentos indispensáveis aos arranjos de Jingle — disse Perker dirigindo-se em voz alta ao sr. Pickwick —, tomei sobre mim fazer um arranjo para a dedução de uma pequena quantia de seu salário trimestral, que, descontada regularmente durante um só ano, nos reembolsará dessa despesa. Desaprovo inteiramente qualquer coisa que faça, meu caro senhor, que não fique dependente de seus próprios esforços e seu bom comportamento.

— Por certo — atalhou Jingle com firmeza. — Cabeça de juízo.. Homem prático... Tem razão... Perfeitamente...

— Com o pagamento efetuado ao credor dele, retirando-lhe o fato do penhor, com o auxílio que lhe deu na prisão e com o pagamento da passagem — continuou Perker, sem atentar a observação de Jingle —, já o senhor perdeu para mais de 50 libras.

— Perdeu, não! — acudiu vivamente Jingle. — Pagarei tudo... Aferro-me ao trabalho... Reembolso tudo... Até o último ceutil. Febre amarela, talvez... Força maior... Se não.

O sr. Jingle calou-se, bateu com força na copa do chapéu, passou a mão pelos olhos e sentou-se.

— Ele quer dizer — interveio Job adiantando-se uns passos — que, se a febre o não levar, há de pagar todo o dinheiro. Se viver, há de pagar, sr. Pickwick. Fica isso à minha conta. Sei que ele paga — declarou Job com energia. — Serei capaz de jurar.

— Bem, bem! — concordou o sr. Pickwick, que mais de uma dúzia de vezes franzira o sobrolho para Perker, no baldado intento de contê-lo no sumário dos benefícios feitos a Jingle. — O que desejo é que o sr. Jingle deixe

de jogar mais partidas de *cricket*, ou de renovar conhecimento com *Sir* Tomás Blazo, e tenho quase certeza de que perseverará com saúde.

O sr. Jingle sorriu ao gracejo, mas perturbou-se um pouco, e o sr. Pickwick tratou de mudar de assunto:

— Por acaso o senhor saberá o que foi feito de outro amigo seu, mais humilde, que vimos em Rochester?

— Jemmy, o lúgubre? — perguntou Jingle.

— Esse mesmo.

Jingle abanou a cabeça.

— Espertalhão... Talento para a intrujice... Irmão de Job.

— Irmão de Job! — exclamou o sr. Pickwick. — É verdade! Agora, olhando com atenção, noto-lhe parecenças.

— Sempre nos acharam parecidos, senhor — afirmou Job com um lampejo de malícia no canto dos olhos. — A diferença é que eu era de gênio sério, e ele nunca foi. Emigrou para a América por se importarem demais com ele por aqui, e nunca mais tornou a dar notícias suas.

— Foi por isso que não recebi a “página do romance da vida real” que ele me havia prometido certa manhã, quando parecia premeditar suicídio na ponte de Rochester — observou o sr. Pickwick sorrindo. — Escuso de perguntar se aquele seu aspecto lúgubre era natural ou fingido.

— Ele era capaz de fingir tudo — disse Job. — Para ser acolhido na intimidade, ainda seria mais perigoso que... — Job olhou para Jingle, hesitou e afinal concluiu: — que... que eu mesmo até.

— Família de grandes esperanças, a sua, sr. Trotter! — declarou Perker lacrando uma carta que acabava de escrever.

— De fato! Na verdade! — replicou Job.

— Pois olhe! — disse Perker a rir. — Espero que você a vá desonrar. Apenas chegado a Liverpool, entregue esta carta ao agente e permitam-me que os aconselhe a não serem espertos demais lá nas Índias Ocidentais. Se não aproveitarem este ensejo, merecerão à farta serem enforcados e acredito sinceramente que a força não lhes há de faltar. Agora é preferível que nos deixem sós, ao sr. Pickwick e a mim, pois temos outros negócios a tratar e o tempo é precioso.

Ao dizer isto, Perker olhou para a porta com o desejo evidente de tornar a despedida tão curta quanto possível.

E da parte de Jingle ela o foi bastante. Agradeceu ao procurador em poucas e precipitadas palavras a bondade e prontidão com que lhe prestara auxílio e, virando-se para o seu benfeitor, ficou uns segundos irresoluto sobre o que dizer ou fazer. Job Trotter pôs-lhe termo à perplexidade fazendo um cumprimento humilde e grato ao sr. Pickwick, deu brandamente o braço ao amigo e levou-o para fora.

— Digno par! — comentou Perker quando a porta se fechou atrás deles.

— Espero que venham a sê-lo! — replicou o sr. Pickwick. — Que lhe parece? Haverá probabilidade de reabilitação?

Perker encolheu os ombros com ar de dúvida, mas, observando o olhar desapontado do sr. Pickwick, replicou:

— Claro que há probabilidades. E espero que se realizem. Inquestionavelmente, por enquanto estão arrependidos, mas o amigo bem vê que eles ainda têm a memória muito fresca de recentes sofrimentos. Que será deles quando essa lembrança se apagar é que é o problema, que nem eu nem o amigo somos capazes de resolver. Todavia, meu caro senhor — acrescentou Perker pondo a mão no ombro do sr. Pickwick —, o seu objetivo não deixa de fazer-lhe honra, seja qual for o resultado. A cabeças melhor organizadas que a minha deixo o determinar se acaso é caridade ou contrafação mundana essa espécie de benevolência tão perspicaz e cautelosa, que raras vezes se exerce, com o receio de ser iludida ou de ferir o amor-próprio do benfeitor. Mas, ainda que os dois sujeitinhos cometam amanhã um roubo, nem por isso minha opinião ficará prejudicada sobre o procedimento do meu amigo.

Com tais observações, proferidas de modo mais caloroso do que é costume nos legistas, Perker puxou a cadeira para a secretária e prestou atenção à narrativa que lhe fez o sr. Pickwick sobre a teimosia do velho Winkle.

— Dê-lhe uma semana — disse Perker acenando a cabeça com ar profético.

— Julga que virá às boas? — indagou o sr. Pickwick.

— Julgo que sim. Se não vier, experimentaremos a persuasão da rapariga; era isso que teria feito logo de começo, qualquer coisa que não fosse o amigo.

Estava o sr. Perker a sorver uma pitada com várias caretas, em louvor das faculdades persuasivas de que dispunham as jovens senhoras, quando se ouviu no escritório o murmúrio de perguntas e respostas, e Lowten bater à porta.

— Entre! — gritou o homenzinho.

O escrevente entrou e fechou a porta com grande mistério.

— O que é? — perguntou Perker.

— Estão à sua procura, senhor.

— Quem?

Lowten olhou para o sr. Pickwick e tossiu.

— Quem é que me procura? Não pode falar, sr. Lowten?

— Pois bem! é o sr. Dodson; e com ele o sr. Fogg.

— Valha-me Deus! — exclamou Perker, olhando para o relógio. — Emprazei-os para virem às 11 e meia, a fim de ultimarmos o seu negócio, Pickwick. Que trapalhada é esta! Que há de o amigo fazer? Quer ir para o gabinete ao lado?

Como o gabinete contíguo fosse exatamente aquele onde se achavam os srs. Dodson e Fogg, o sr. Pickwick replicou que ficaria onde estava, tanto mais que os srs. Dodson e Fogg deviam ter vergonha de encará-lo frente a frente, em vez de ele se envergonhar de vê-los. Circunstância esta para que pediu a atenção de Perker, com o rosto afogueado e muitos sinais de indignação.

— Muito bem, caro senhor, muito bem — replicou Perker. — O que lhe posso dizer é que, se o senhor espera que Dodson ou Fogg manifestem qualquer sintoma de embaraço ou vergonha, quando o virem ou quando virem seja quem for frente a frente, é o homem mais confiante em esperanças que tenho visto em dias de minha vida. Diga-lhes que entrem, sr. Lowten.

O sr. Lowten desapareceu com um risinho e voltou incontinenti para introduzir a firma, na devida forma de precedência — Dodson primeiro, Fogg depois.

— Já conhece o sr. Pickwick, creio eu? — perguntou Perker a Dodson, inclinando a pena na direção em que estava assentado o cavalheiro.

— Como passou, sr. Pickwick? — cumprimentou Dodson em voz alta.

— Ora esta! — bradou Fogg. — Então como vai, sr. Pickwick? Espero que esteja com saúde. Parecia-me já conhecer esta cara — disse Fogg puxando uma cadeira e olhando em volta de si com um sorriso.

O sr. Pickwick curvou levemente a cabeça para responder às saudações, e, vendo Fogg sacar do bolso do casaco um maço de papéis, levantou-se e dirigiu-se para a janela.

— Não há motivos para o sr. Pickwick incomodar-se, sr. Perker — disse Fogg, desatando o cordel vermelho que cingia o pequeno maço e sorrindo ainda com maior suavidade. — O sr. Pickwick está farto de conhecer esse negócio, creio que não há segredos entre nós. Eh! eh! eh!

— Que eu saiba, não há muitos — concordou Dodson. — Ah! ah! ah! — E os dois sócios desataram a rir agradável e jubilosamente, como é costume em homens que vêm receber dinheiro.

— O sr. Pickwick pagou o direito de ver tudo — disse Fogg em tom galhofeiro, desdobrando os papéis. — A importância das custas sobe a 133 libras, 6 xelins e 4 *pence*, sr. Perker.

Em seguida, Perker e Fogg embrenharam-se na verificação dos documentos, virando folhas sobre folhas. Entrementes, Dodson disse de modo afável ao sr. Pickwick:

— Não o acho tão bem disposto como da última vez em que tive o prazer de vê-lo, sr. Pickwick.

— É possível — replicou o sr. Pickwick, que estivera a vibrar olhares de feroz indignação, sem produzir o mínimo efeito em nenhum dos malandros. — Creio realmente que não estou tão bem disposto. Tenho sido apoquentado e perseguido ultimamente por uns tratantes, senhor.

Perker tossiu com violência e perguntou ao sr. Pickwick se não queria ler o jornal; mas o sr. Pickwick revidou com uma negativa formal.

— Creio bem — disse Dodson. — Acredito que o senhor foi apoquentado na prisão; há lá cada sujeito! Onde eram os seus aposentos, sr. Pickwick?

— O meu único quarto — replicou o cavalheiro ofendido — era no andar do café.

— Ah! sim? Creio ser esse um dos mais agradáveis do estabelecimento.

— É — replicou o sr. Pickwick secamente.

Havia tamanha frieza em tudo isto, que era de exasperar um indivíduo de temperamento exasperável. O sr. Pickwick conteve a ira a custo de gigantescos esforços; mas, quando Perker redigiu um cheque para pagamento da soma exigida e Fogg o depositou numa carteirinha, com um sorriso de triunfo na cara borbulhenta, que se comunicou à fisionomia grave de Dodson, o sr. Pickwick sentiu ferver-lhe o sangue no rosto, tal a indignação.

— Vamos, sr. Dodson! — disse Fogg, pegando da carteira e enfiando as luvas. — Estou às suas ordens!

— Muito bem! — assentiu Dodson levantando-se. — Estou pronto.

— Estimo imenso — disse Fogg, enternecido pelo cheque — ter tido o prazer de travar conhecimento com o sr. Pickwick. Espero que o sr. Pickwick não faça tão má idéia de nós como da primeira vez que tivemos a dita de vê-lo.

— Também espero — reforçou Dodson com o tom imponente da virtude caluniada. — Agora o sr. Pickwick já nos conhece melhor; assim, seja qual for sua opinião sobre os indivíduos de nossa profissão, rogo-lhe que fique certo, sr. Pickwick, de que não conservo nem reservas nem malquerenças contra o senhor, pelos sentimentos que julgou conveniente expressar em nosso escritório de Freeman's Court, Cornhill, na ocasião a que aludiu o meu sócio.

— Ah, não! Nem eu! — pronunciou Fogg da maneira mais evangélica.

— Tenho esperança — disse o sr. Dodson — de que a nossa conduta falará por si mesma e a si própria se justificará, em qualquer conjuntura. Há bastantes anos exercemos a nossa profissão, sr. Pickwick, e temos sido honrados com a confiança de um grande número de magníficos clientes. E com isto, desejo-lhe um bom dia, sr. Pickwick.

— Bom dia, sr. Pickwick — repetiu Fogg. Com estas palavras, pôs o guarda-chuva debaixo do braço, tirou a luva direita e estendeu a destra reconciliadora ao indignadíssimo cavalheiro, que meteu as mãos debaixo das abas da casaca e fitou o procurador com olhos de desdenhoso pasmo.

— Lowten! — gritou Perker nesse momento. — Abra a porta!

— Espere um bocadinho — interveio o sr. Pickwick. — Quero falar.

— Meu caro senhor, rogo-lhe deixar a conversação no ponto em que ficou — disse o sr. Perker, que, durante toda a entrevista, permanecera em estado de apreensão nervosa. — Sr. Pickwick, rogo-lhe...

— Não admito que me imponham silêncio — replicou vivamente o sr. Pickwick. — O sr. Dodson dirigiu-me umas observações...

Dodson voltou-se para ele, curvou benignamente a cabeça e sorriu.

— Algumas observações — repetiu o sr. Pickwick quase sem fôlego —, e o seu sócio estendeu-me a mão, e ambos os senhores assumiram um tom de magnanimidade e indulgência que representa excesso de impudência que estava longe de esperar, mesmo dos senhores!

— Como? — exclamou Dodson.

— Como? — repetiu Fogg.

— Ignoravam porventura que fui vítima de suas armadilhas? — prosseguiu o sr. Pickwick. — Não sabem que sou eu o homem que os senhores espoliaram e aprisionaram? Não sabem que foram os procuradores da queixosa, no processo Bardell e Pickwick?

— Sabemos, sim, senhor — replicou Dodson.

— Claro que sabemos — afirmou Fogg batendo na algibeira, talvez por acaso.

— Vejo que se recordam disso com satisfação — disse o sr. Pickwick, tentando pela primeira vez na vida formular um sorriso de escárnio e falhando decididamente na tentativa. — Conquanto andasse há muito ansioso por declarar-lhes em termos chãos qual a minha opinião a seu respeito, teria ainda deixado escapar esta oportunidade em deferência aos desejos de meu amigo Perker, não fosse o tom insuportável que os senhores assumiram, e sua insolente familiaridade — repito, sua insolente familiaridade — concluiu o sr. Pickwick, virando-se para Fogg com um gesto tão feroz que este recuou precipitadamente para a porta.

— Tome cuidado, senhor — aconselhou Dodson, que, embora o mais gordo e forte de todos os presentes, se entrincheirara com prudência atrás de Fogg, falando por cima da cabeça deste, o rosto muito pálido. — Deixe-o atacá-lo, sr. Fogg, não lhe dê resposta, de maneira alguma.

— Não, isso não dou — acudiu Fogg recuando mais ainda, com evidente alívio do sócio, que por este meio foi chegando a pouco e pouco à saleta de entrada.

— Os senhores — continuou o sr. Pickwick, retomando o fio do discurso —, os senhores são uma parelha bem irmanada de rábulas velhacos, patifes e ladrões.

— Bem — atalhou Perker —, é quanto tinha a dizer?

— Tudo se resume nisto — prosseguiu o sr. Pickwick. — Uma parelha de rábulas abjetos, patifes e ladrões.

— Acabou-se! — acudiu Perker em tom conciliatório. — Meus caros senhores, ele já disse o que tinha a dizer. Rogo-lhes agora que saiam. Lowten, a porta está aberta?

O sr. Lowten respondeu de longe afirmativamente, às risadas.

— Acabou-se!... Passem muito bem... Muito bons dias... Rogo-lhes, caros senhores... sr. Lowten, então essa porta? — gritou o procurador impelindo com força Dodson e Fogg para fora do gabinete. — Por aqui, meus caros senhores... Peço-lhes que não prolonguem isto... Valha-me Deus! Sr. Lowten, a porta, então, que está a esperar, para acompanhar estes senhores?

— Se há leis na Inglaterra —olveu Dodson, pondo o chapéu e fitando o sr. Pickwick —, isto há de custar-lhe caro!

— Os senhores são uma parelha de...

— Lembre-se o senhor de que pagará caro por estas palavras! — repetiu Fogg acenando com o punho fechado.

— ... rábulas, patifes e ladrões! — continuou o sr. Pickwick sem fazer caso das ameaças que lhe dirigiam. — Ladrões! — gritou, correndo para o patamar da escada, ao passo que os dois iam descendo. — Ladrões! Patifes! — rugiu de novo, soltando-se de Lowten e de Perker e mostrando a cabeça no patamar da escada.

Quando o sr. Pickwick tornou a recolher a cabeça, tinha a fisionomia plácida e sorridente. Dirigiu-se com dignidade para o gabinete e declarou haver tirado um grande peso da alma, que se sentia agora perfeitamente aliviado e feliz.

Perker não proferiu palavra enquanto não despejou a caixa de rapé e não mandou Lowten tornar a enchê-la. Apoderou-se dele então um acesso de hilaridade que durou cinco minutos, findos os quais disse que realmente deveria estar zangado, mas que não se sentia com forças para pensar a sério no caso; quando o pudesse o faria.

— Bem! — disse o sr. Pickwick. — Tratemos agora de ajustar as nossas contas.

— Do mesmo modo que as últimas? — indagou Perker com outra gargalhada.

— Não exatamente — retorquiu o sr. Pickwick, sacando da carteira e sacudindo cordialmente a mão do procurador. — Refiro-me a ajustes pecuniários. O amigo tem-me dado muitas provas de amizade que jamais poderei pagar, nem desejo, pois prefiro continuar nesta obrigação.

Com este prefácio, os dois amigos mergulharam em várias contas complicadas, que foram devidamente desenvolvidas por Perker e logo saldadas pelo sr. Pickwick, com muitos protestos de estima e consideração.

Mal chegaram a este ponto, ouviu-se à porta uma pancada violentíssima e assustadora. Não foi uma argolada dobrada, como as usuais, mas uma sucessão de repenicados vigorosos, como se a argola fosse dotada de moto-contínuo, ou a pessoa que batia se tivesse esquecido de parar.

— Deus meu! Que será isto? — exclamou Perker sobressaltado.

— Parece-me que estão a bater à porta — observou o sr. Pickwick, como se pudesse haver dúvidas a respeito.

A argola deu uma resposta mais enérgica do que poderiam formular quaisquer palavras, pois continuou a martelar com ruído e força

surpreendentes, sem parar sequer um minuto.

— Com a breca — exclamou Perker tocando a campainha. — São capazes de alvoroçar todo o bairro! Sr. Lowten, não ouve baterem?

— Lá vou num pulo — replicou o escrevente.

A argola pareceu ouvir a resposta e assegurar que lhe era impossível esperar tanto tempo. Fez um estrondo medonho.

— Horrível! — disse o sr. Pickwick tapando os ouvidos.

— Avie-se, sr. Lowten — gritou Perker —, senão ficaremos com a porta arrombada.

O sr. Lowten, que estava a lavar as mãos numa alcova às escuras, correu para a porta, levantou o fecho e achou-se em frente da aparição que vai descrita no capítulo seguinte.

CAPÍTULO LIV

CONTENDO PORMENORES RELATIVOS ÀS ARGOLADAS REPINICADAS E CERTAS REVELAÇÕES INTERESSANTES, REFERENTE AO SR. SNODGRASS E A UMA JOVEM SENHORA.

O OBJETO QUE SE APRESENTOU aos olhos do escrevente estupefato foi um rapaz, extraordinariamente gordo, com trajes de criado, em pé, em cima do capacho, olhos fechados, como se estivesse dormindo. Lowten jamais vira em parte alguma rapaz tão gordo; e o que lhe causou assombro foi essa obesidade, contrastante com o que se devia esperar de tão estrondosas argoladas.

— Que é? — perguntou o escrevente.

O extraordinário rapaz não respondeu palavra, mas fez um aceno com a cabeça, e afigurou-se a Lowten que ressonava debilmente.

— De onde vem você? — tornou a perguntar o escrevente.

O rapaz não respondeu. Arquejou pesadamente e continuou imóvel.

Lowten repetiu três vezes a pergunta e, não recebendo resposta, já se preparava para fechar a porta, quando o rapaz abriu os olhos, pestanejou várias vezes, deu um espirro, ergueu a mão como para repetir as argoladas. Vendo que a porta estava aberta, circunvagou o olhar espantado e finalmente cravou a vista na cara do sr. Lowten.

— Por que diabo está você a bater desse jeito? — perguntou o escrevente colérico.

— Que jeito? — disse o rapaz com voz de sono.

— Ora esta! Nem quarenta cocheiros a um tempo!

— Porque o patrão recomendou-me que não parasse de bater à porta, com receio de que eu pegasse no sono.

— Bem! Que recado traz você?

— Ele está lá embaixo.

— Quem?

— O patrão. E deseja saber se o senhor está em casa.

O sr. Lowten teve a idéia de chegar à janela. Viu uma carruagem aberta com um sujeito idoso, que olhava para cima com grande ansiedade, e arriscou-se a fazer-lhe sinal. O sujeito logo saltou do carro.

— É o seu patrão que está na carruagem? — disse Lowten.

O rapaz acenou afirmativamente.

Mas pôs termo às perguntas a aparição do velho Wardle, que, galgando pela escada acima e logo reconhecendo Lowten, entrou imediatamente no gabinete de Perker.

— Pickwick! — bradou ele. — A sua mão, meu velho. Então, como é que só anteontem eu soube que você se deixou engaiolar? Como foi que você consentiu nisso, Perker?

— Não houve meios de evitá-lo, caro senhor — replicou Perker, com uma piada e um sorriso. — O senhor bem sabe como ele é teimoso.

— Claro, claro que sei! — revidou o velho cavalheiro. — Em todo caso, folgo imenso em vê-lo; e não torno a perdê-lo de vista!

Com estas palavras Wardle apertou outra vez a mão do sr. Pickwick, fez o mesmo a Perker e atirou consigo para uma poltrona, o rosto galhofeiro e radiante de sorrisos.

— Pois, na verdade! — exclamou ele. — Bonitas histórias! Uma pitada, Perker, meu rapaz. Nunca se viu coisa semelhante, hem?

— De que está falando? — perguntou o sr. Pickwick.

— Ora essa! parece-me que as raparigas enlouqueceram todas. Isso não é novidade, dirá você. Talvez não seja, mas a verdade é que é.

— Querem ver que o senhor veio propositadamente de Londres para dizer-nos isso? — disse Perker.

— Não foi bem para isso, apesar de ser esse o motivo principal de minha vinda. Como vai Arabela?

— Muito bem — respondeu o sr. Pickwick —, e ficará contentíssima de vê-lo, tenho certeza.

— Sonsinha de olhos negros! Eu tinha minhas idéias de casar com ela, qualquer dia destes. Em todo caso, estimo imenso o que sucedeu.

— Como é que ficou sabendo? — perguntou o sr. Pickwick.

— Ora, por minhas filhas, naturalmente. Arabela escreveu anteontem para dizer que tinha casado sem consentimento do pai de seu marido, e que por isso você fora procurá-lo, já quando a recusa não podia evitar o casamento. Pareceu-me a ocasião excelente para pregar moral às minhas filhas, e disse-lhes

como era horrível casarem os filhos sem consentimento dos pais, e assim por diante; mas, com a breca! não consegui produzir-lhes a mínima impressão. Pensaram que seria muito mais horrível haver bodas sem dama de honor e ganhei tanto como se estivesse a pregar um sermão ao próprio Joe.

Nisto o velhote parou para rir e, quando se saciou de fazê-lo, prosseguiu:

— Mas não é tudo, ao que parece. É apenas a metade dos namoricos e conspirações que se têm andado a tramar. Há seis meses andávamos sobre minas que afinal estouraram.

— Que vem a ser isso? — exclamou o sr. Pickwick empalidecendo.

— Temos outro casamento às escondidas?

— Não, não; tanto assim não.

— Então que é? Estou interessado nisso?

— Devo responder a esta pergunta, Perker? — disse Wardle.

— Se não se compromete com a resposta, meu caro senhor.

— Pois então está, está interessado — afirmou Wardle.

— Como? — perguntou o sr. Pickwick com ansiedade. — De que forma?

— Realmente, você é um rapaz tão exaltado que estou com receio de dizer-lhe; mas vou arriscar, se Perker se quiser sentar entre nós para evitar qualquer dano.

Tendo fechado a porta do gabinete e ganhado forças com um outro bote na tabaqueira de Perker, o velhote prosseguiu nos termos seguintes a sua grande revelação:

— O fato é que minha filha Bela, a que casou com aquele Trundle, lembra-se?

— Sim, sim, estamos a par — atalhou o sr. Pickwick com impaciência.

— Não me intimide desde o princípio. Pois minha filha Bela, outro dia à noite, assim que Emília foi deitar-se com dores de cabeça, depois de ler a carta de Arabela, assentou-se ao meu lado e começou a conversar sobre esse caso do casamento. “Então, papai”, disse ela “que lhe parece isto?” “Digo-lhe, querida”, respondi eu, “suponho que vai tudo bem; espero mesmo que vá pelo melhor.” Respondi assim porque estava sentado diante do lume, tomando o meu grogue e meditando, e bem sabia que o atirar uma palavra indecisa de quando em quando a induziria a continuar a prosa. Minhas pequenas são ambas o retrato vivo de sua querida mãe, e, à medida que vou envelhecendo, gosto de sentar-me sozinho com elas ao pé de mim; nesses momentos, seus olhares, suas fisionomias transportam-me ao período mais feliz de minha vida e

tornam-me por instantes tão jovem como então era, embora com o espírito menos desafogado. “É um verdadeiro casamento de amor, papai”, disse Bela, depois de curto silêncio. “Pois é, sim, minha jóia”, disse eu, “mas esses casamentos nem sempre vêm a ser dos mais felizes.”

— Isso é que eu nego! — interrompeu o sr. Pickwick com veemência.

— Está bem! Negue quanto quiser, quando lhe couber a vez de falar, mas não me interrompa.

— Perdão — disse o sr. Pickwick.

— Está perdoado. Bela disse então, corando levemente: “Sinto ouvir o papai expressar essa opinião contra os casamentos de amor”. “Errei”, disse eu, batendo-lhe na face com tanta meiguice quanta pode ter um velho bruto como eu, “porque o casamento de sua mãe, assim como o seu, foi por amor.” “Não era isso que eu queria dizer, papai”, tornou Bela. “O fato é que precisava falar com papai acerca de Emília.”

O sr. Pickwick sobressaltou-se.

— Que temos ainda? — interrogou Wardle, interrompendo a narrativa.

— Nada — replicou o sr. Pickwick. — Rogo-lhe que continue.

— Eu nunca fui capaz de fazer render uma história —olveu Wardle abruptamente. — Mais cedo ou mais tarde é mister chegar ao fim, e o melhor é não desperdiçar tempo e chegar logo ao cabo. A questão, em suma, é que Bela afinal invocou toda a sua coragem para dizer-me que Emília era muito infeliz; que desde o Natal ela e seu jovem amigo Snodgrass se correspondiam; que se resolvera com todo o respeito a fugir com ele, em louvável imitação de sua amiga e condiscípula; mas que, tendo remorsos na consciência, à vista de me haver eu mostrado bem disposto em favor de ambos, tinham julgado preferível dignarem-se perguntar-me primeiro se eu não poria objeções a que eles se casassem pela forma comum e banal. Ora aqui tem, sr. Pickwick; se quiser dar-se ao incômodo de reduzir outra vez os seus olhos às dimensões ordinárias, far-me-á um grandíssimo obséquo dizendo-me como lhe parece que eu deva proceder.

O ar rabugento com que o boníssimo velho pronunciara este último período não era absolutamente injustificado, porque o semblante do sr. Pickwick havia assumido uma expressão de pasmo e perplexidade realmente curiosa.

— Snodgrass! Desde o Natal! — foram as primeiras palavras entrecortadas que lhe saíram dos lábios.

— Desde o Natal! É claro como água, e bem ruins devem ser os nossos óculos para não o ter já descoberto.

— Não compreendo — disse o sr. Pickwick ruminando o caso. — Realmente, não posso compreender.

— Pois é fácil de compreender — replicou o colérico velho. — Se você fosse mais novo, há tempo andaria metido no segredo; além disso — acrescentou depois de hesitar um instante —, a verdade é que, ignorando completamente o caso, de há quatro ou cinco meses eu instava com Emília para ela receber favoravelmente a corte de um rapaz lá da nossa vizinhança; isto se ela pudesse, já se vê, porque nunca tentei forçar as inclinações de uma menina. Estou convencido de que ela, como rapariga, a fim de realçar o próprio valor e aumentar a paixão do sr. Snodgrass, havia de apresentar o quadro com cores tétricas, e que ambos chegaram à conclusão de que eram um par de desgraçados, perseguidos, e não tinham outro recurso senão um casamento clandestino ou o suicídio pelo carvão. Ora, agora a questão é esta: que se há de fazer?

— Que fez o senhor? — perguntou o sr. Pickwick.

— Eu?!!

— Quero dizer: que fez o senhor, quando sua filha casada lhe contou a coisa?

— Ora! Está claro! Dei por paus e por pedras!

— Naturalmente — interrompeu Perker, que acompanhara o diálogo com várias torceduras da corrente do relógio, esfregações enérgicas de nariz e outros sintomas de impaciência. — É naturalíssimo; mas como foi?

— Meti-me em fúria e preguei um tal susto à minha mãe que ela teve um ataque.

— Judicioso! — observou Perker. — E que mais, meu caro senhor?

— Fartei-me de esbravejar e ralhar todo o outro dia; levantei um alarido dos demônios. Afinal, cansei-me de tornar-me desagradável e de apoquentar toda gente; aluguei uma carruagem em Muggleton, pus-lhe os meus cavalos e rodei para a cidade, com o pretexto de trazer Emília para visitar Arabela.

— A srta. Wardle então veio consigo? — perguntou o sr. Pickwick.

— Claro que sim. Ficou no Hotel de Osborne, no Adelphi, a não ser que seu audaz amigo se tenha safado com ela, desde que a deixei hoje cedo.

— Logo, estão reconciliados? — indagou Perker.

— Nem por sombras. Ela só tem gemido e chorado desde então, a não ser ontem à noite, entre o chá e a ceia, em que se dispôs a escrever uma carta, e eu fingi não dar por tal.

— O senhor quer um conselho, suponho? — disse Perker voltando os olhos do rosto reflexivo do sr. Pickwick para a fisionomia ansiosa de Wardle, e tomando pitadas consecutivas de seu estimulante favorito.

— Creio que sim — assentiu Wardle, olhando para o sr. Pickwick.

— Certamente — replicou este.

— Pois então — exclamou Perker erguendo-se e empurrando a cadeira para trás —, o meu conselho é que ambos os senhores se ponham a andar, de carruagem ou a pé, ou como melhor entenderem, porque me estão a cacetear; conversem um com o outro sobre o caso. Se não o tiverem resolvido na primeira ocasião em que os encontrar, então lhes direi o que devem fazer.

— Decisão satisfatória — pronunciou Wardle, não sabendo se devia escandalizar-se ou sorrir.

— Ora adeus, meu caro senhor! — retorquiu Perker. — Conheço-os a ambos muito melhor do que os senhores a si próprios. O caso, lá no seu íntimo, já está resolvido.

Falando assim, o homenzinho bateu com a caixa de rapé, primeiro no peito do sr. Pickwick, depois no colete do sr. Wardle, e todos três desataram a rir, mais especialmente os dois últimos, que apertaram a mão um ao outro, sem nenhuma razão especial ou ostensiva.

— Janta comigo hoje? — perguntou Wardle a Perker, quando este os acompanhou à porta.

— Não prometo, caro senhor, não posso prometer. Em todo caso, lá irei à tardinha.

— Espero-o às 5. Vamos lá, Joe! — E quando se conseguiu, a custo, despertar Joe, os dois amigos partiram na carruagem do sr. Wardle, que, por pura humanidade, tinha um assento atrás para o gorducho, que, se tivesse de ficar em pé, daria por certo um trambolhão fatal, mal pegasse no sono.

No Jorge e Abutre souberam que Arabela mandara buscar um carro de praça, logo depois de receber um bilhete de Emília, anunciando a sua chegada à capital, e tinha seguido com a criada direito ao Adelphi. Como Wardle tinha negócios a tratar na City, mandou a carruagem mais o gorducho para o hotel, com o recado de que ele e o sr. Pickwick voltariam às 5 horas para jantar. Encarregado da incumbência, o gorducho voltou, dormindo tão pacificamente

no seu banco como se este fosse um colchão de molas. Por milagre, despertou espontaneamente quando a carruagem parou, e, sacudindo-se com força para excitar as suas faculdades, subiu a escada a fim de cumprir sua comissão.

Ora, é difícil saber-se se as sacudidelas lhe enredaram as faculdades em vez de as arrumar com método, ou se despertaram nele tamanha quantidade de idéias novas, que o fizeram esquecer as praxes e cerimônias comuns, ou, o que também é possível, se não tiveram o condão de evitar que ele adormecesse ao subir a escada. O indubitável é que ele se dirigiu para a sala sem haver previamente batido à porta e que se lhe deparou um sujeito com o braço cingindo a cintura de sua jovem ama, amorosamente sentado a seu lado num sofá, ao passo que Arabela e a linda criadinha, no outro extremo do aposento, se fingiam absortas a olhar pela janela. À vista deste fenômeno, o gorducho soltou uma interjeição, as damas, um grito e o sujeito, uma praga, quase simultaneamente.

— Miserável! Que vem você fazer aqui? — ralhou o cavalheiro, que não era outro senão o sr. Snodgrass em pessoa.

A isto respondeu laconicamente o gorducho, seriamente apavorado: — Senhora!

— Que quer você aqui, estúpido? — perguntou Emília, virando a cabeça para o lado.

— O patrão e o sr. Pickwick vêm jantar aqui às 5 horas.

— Suma-se! — ordenou o sr. Snodgrass, fulminando com o olhar o moço desnorteado.

— Não, não! — exclamou vivamente Emília. — Bela, querida, aconselhe-me.

Emília e o sr. Snodgrass, Arabela e Maria reuniram-se a um canto e conversaram animadamente em segredo alguns minutos em que o gorducho dormitou.

— Joe! — disse afinal Arabela, voltando-se para ele com um fascinante sorriso. — Como passou, Joe?

— Joe — chamou Emília —, você é um bom rapaz, não me hei de esquecer de você, Joe.

— Joe — exclamou o sr. Snodgrass avançando para o rapazote atônito e pegando-lhe na mão —, não o tinha reconhecido. Aqui tem 5 xelins, Joe.

— Devo-lhe outros, Joe — acrescentou Arabela —, por sermos velhos conhecidos, compreende?

E outro sorriso cativante recaiu sobre o corpulento intruso.

Como fosse lenta a percepção do gorducho, ele a princípio pareceu um tanto espantado com a súbita mudança a seu favor, e olhou à roda com modo sarapantado. Finalmente, sua cara larga começou a evidenciar sintomas de um sorriso proporcionalmente largo; meteu meia coroa em cada um dos bolsos, por cima as mãos e os pulsos, e rompeu numa gargalhada rouquenha, que foi a primeira e única de toda a sua existência.

— Vejo que nos compreende — concluiu Arabela.

— É melhor que lhe dêem já alguma coisa de comer — observou Emília.

O gorducho, ao ouvir a proposta, esteve prestes a soltar outra gargalhada, mas Maria, depois de cochichar mais um instante, afastou-se do grupo e disse:

— Jantarei hoje consigo, se o senhor quiser.

— Por aqui! — disse o gorducho com avidez. — Há um belo pastelão de carne lá embaixo!

Com estas palavras, o rapazote conduziu-a escada abaixo, enquanto a linda companheira ia cativando pelo caminho todos os criados e desesperando todas as criadas. Na sala de jantar estava o pastelão de que falara o rapaz com tanta ternura; lá estavam também uma posta de carne assada, um prato de batatas e um jarro de *porter*.

— Sente-se! — convidou o gorducho. — Ai, que delícia! Tenho sempre tanta fome!

Tendo expressado quatro ou cinco vezes seu arroubamento, o rapazote sentou-se à cabeceira da mesinha e Maria no outro extremo.

— Quer um bocadinho disto? — ofereceu o gorducho, enterrando no pastelão a faca e o garfo até o cabo:

— Um bocadinho, se faz favor.

O rapazote serviu a Maria um bocadinho e a si um bocadão, e ia começar a comer quando, de súbito, se recostou na cadeira, deixou cair as mãos nos joelhos, empunhando ainda o garfo e a faca, e articulou lentamente:

— Como você é linda! Sabe disso?

O que foi dito com uma admiração muito lisonjeira; ainda assim havia um tanto de canibalesco nos olhos do gorducho, para tornar equívoco o cumprimento.

— Ora essa José! — atalhou Maria fingindo que corava. — Que quer você dizer?

O rapazote, recobrando gradualmente a posição primitiva, respondeu com um profundo suspiro, e, depois de ficar pensativo uns instantes, sorveu um enorme gole de *porter*. Terminada a façanha, tornou a suspirar e atirou-se valentemente ao pastelão.

— A srta. Emília está linda! — lembrou Maria, após prolongado silêncio.

O gorducho já havia dado cabo do pastelão. Fitou os olhos em Maria e replicou:

— Conheço outra mais linda.

— Deveras?

— Deveras, sim — respondeu ele com desacostumada vivacidade.

— Como é o nome dela?

— Como é o seu nome?

— Maria.

— Pois é também o dela. É você. — O rapaz fez uma carantonha para dar força ao cumprimento e envesgou os olhos na intenção provável de produzir um requebro amoroso.

— Não quero que me fale assim — disse Maria. — Isso é brincadeira.

— Como não! É como digo!

— Então?

— Tenciona vir aqui regularmente?

— Não — retorquiu Maria abanando a cabeça. — Vou-me embora esta noite. Por quê?

— Oh! — exclamou o rapazote com uma expressão de ternura. — Como nos havíamos de divertir comendo, se você aqui ficasse!

— Talvez venha de vez em quando, sabe? — retorquiu Maria, fazendo pregas na toalha para fingir embaraço. — Se o senhor quiser fazer-me um favor.

O rapazote volveu os olhos do prato do pastelão para a carne assada, como se julgasse que um favor devia estar ligado de alguma forma a coisas de comer. Tirou depois da algibeira uma das meias coroas e contemplou-a nervosamente.

— Compreende o que eu digo? — indagou Maria olhando astutamente para a cara rechonchuda.

Ele tornou a olhar para a meia coroa e respondeu num murmúrio: — Não.

— As senhoras querem que o senhor não diga nada ao velhote a respeito do homem que estava lá em cima; e eu também o desejo.

— Mais nada? — espantou-se o gorducho, evidentemente aliviado, embolsando de novo a meia coroa. — Está claro que não direi coisa alguma.

— O senhor percebe? O sr. Snodgrass está apaixonado pela srta. Emília e a srta. Emília apaixonada por ele, e, se o senhor fosse meter tudo nos ouvidos do velhote, ele ferrava com os senhores todos lá muito longe, milhas e milhas pela terra adentro, onde não veriam vivalma.

— Não, não digo nada — afirmou o gorducho resolutamente.

— Isto é que é uma jóia! Agora são horas de eu subir, preparar a ama para o jantar.

— Não vá ainda — suplicou o gorducho.

— Tenho de ir. Adeus, até breve.

O rapazote, com galanteria digna de um elefante, abriu os braços para roubar um beijo; mas, como não fosse mister muita agilidade para escapar-lhe, a linda cativadora sumiu-se antes de ele os tornar a fechar. Depois, o apático rapaz comeu coisa de 1 ou 2 libras de carne assada com ar sentimental, e pegou logo no sono.

Havia tanto que dizer e tantos planos a concertar de rapto e matrimônio, para o caso em que o velho Wardle continuasse a ser cruel, que faltava apenas meia hora para o jantar, quando o sr. Snodgrass fez as despedidas finais. As damas correram ao quarto de Emília para se vestirem, e o namorado, pegando do chapéu, deixou o aposento. Mal tinha transposto a porta, ouviu a voz de Wardle; e, olhando por cima da rampa, viu-o subir as escadas, seguido por outros homens. Não conhecendo bem a casa, o sr. Snodgrass, atrapalhado, retrocedeu apressadamente para a sala de onde acabava de sair, e, passando de lá para outro quarto interior, que era exatamente o do sr. Wardle, fechou a porta devagarinho, no momento exato em que as pessoas que avistara de relance entraram na sala. Eram estas o sr. Wardle, o sr. Pickwick, o sr. Natanael Winkle e o sr. Benjamim Allen, que ele facilmente reconheceu pelas vozes.

“Ainda bem que tive a presença de espírito de fugir!”, pensou o sr. Snodgrass sorrindo e dirigindo-se nos bicos dos pés para outra porta ao pé da cama. “Esta abre-se para o mesmo corredor e assim poderei esgueirar-me com toda a comodidade e sossego.”

Só havia um obstáculo para ele esgueirar-se com comodidade e sossego; era a porta estar fechada e a chave não se achar ali.

— Arranje-nos hoje o seu melhor vinho — disse ao criado o velho Wardle esfregando as mãos.

— Sim, senhor, do melhor.

— Mande dizer às senhoras que chegamos.

— Sim, senhor.

Ardente era também o desejo do sr. Snodgrass de que as senhoras soubessem que ele tornara a entrar. Aventurou-se uma vez a murmurar, chamando pelo criado, pelo buraco da fechadura. Mas ocorreu-lhe o perigo de que outra pessoa viesse acudir-lhe, assim como a consciência da notável analogia entre a sua situação e a daquela em que fora recentemente encontrado, num hotel das vizinhanças, outro sujeito, cujos infortúnios haviam aparecido no jornal daquele dia, na seção policial. Sentou-se por isso em cima de uma mala, tremendo dos pés à cabeça.

— Não esperaremos por Perker — declarou Wardle consultando o relógio. — Ele sempre é pontual, e, se tenciona vir, estará aqui à hora marcada. Senão, será inútil esperarmos. Olá, Arabela!

— Mana! — exclamou o sr. Benjamim Allen, estreitando-a num amplexo romanesco.

— Oh, meu querido Ben! Como você cheira a fumo! — disse Arabela, um tanto atrapalhada com esta prova de afeição.

— Cheiro? — tornou o sr. Benjamim Allen. — Deveras? Com efeito, é possível.

Era possível, com efeito, visto que acabava de deixar uma reunião de fumistas, uns doze estudantes de medicina, dentro de um pequeníssimo gabinete com um enorme lume.

— Mas folgo imenso em vê-la — continuou o sr. Ben Allen. — Deus a abençoe, Bela.

— Aqui estou — disse Arabela inclinando-se para beijar o irmão. — Não me agarre, querido Ben, que me amarrota toda.

A esse ponto da reconciliação, o sr. Ben Allen, vencido pelo sentimento, pelos charutos e pelo *porter*, circunvagou nos assistentes os olhos armados de óculos umedecidos.

— Então, para mim não se diz nada — gritou Wardle, os braços abertos.

— Muito! — segredou-lhe Arabela, ao receber o abraço e as cordiais felicitações do velhote. — É que é um monstro, bárbaro e cruel!

— E você uma pequenina rebelde — replicou Wardle no mesmo tom.

— Receio ver-me obrigado a fechar-lhe a porta de casa. Gente que se casa contra a vontade de todos não se deve deixar andar à solta, pela sociedade. Mas venha cá — acrescentou o velho em voz alta —, são horas de jantar; vai sentar-se ao pé de mim. Joe! Como o demônio do rapaz está esperto!

Para contrariedade do amo, o gorducho estava efetivamente num estado de notável vigília, olhos arregalados e na aparência com tenção de assim continuarem. Havia também em suas maneiras uma vivacidade igualmente inexplicável; sempre que seus olhos encontravam os de Arabela ou os de Ema, fazia uma careta ou sorria e uma das vezes Wardle poderia ter jurado que ele piscara um olho.

Esta alteração nas maneiras do gorducho originava-se no sentimento crescente da própria importância e na dignidade de que o revestia o ter sido tomado por confidente das duas jovens senhoras; e as caretas, sorrisos e o piscar de olhos eram outras provas indulgentes de que podiam contar com a sua fidelidade. Como estas manifestações se prestavam antes a despertar suspeitas do que a dissipá-las, e além disso atrapalhavam, Arabela respondia-lhes uma vez por outra com um franzir de sobrolho ou um abanar de cabeça. Mas o gorducho, não vendo nisso mais que um convite para se pôr de atalaia, expressava a sua perfeita inteligência de tais sinais, continuando a caretear, a sorrir, a piscar o olho com redobrada assiduidade.

— Joe — exclamou o sr. Wardle, depois de procurar em todas as algibeiras — a minha caixa de rapé estará em cima do sofá?

— Não, senhor.

— Ah! Agora me recordo! Deixei-a hoje cedo em cima do toucador. Vá buscá-la em meu quarto.

O rapaz entrou no quarto e saiu passado um minuto, com a caixa de rapé e a cara mais pálida que se tem visto num rapaz obeso.

— Que tem você? — exclamou Wardle.

— Não tenho nada — replicou Joe, nervoso.

— Avistou algum fantasma? — indagou o velho.

— Ou bebeu algum? — acrescentou Ben Allen.

— Parece-me que o senhor tem razão — segredou Wardle através da mesa. — Ele o que está é embriagado, com certeza.

Ben Allen replicou ser da mesma opinião; e, como este cavalheiro observara grande número dessas moléstias, Wardle confirmou-se na impressão

que lhe pairava há meia hora no espírito e chegou à conclusão de que o gorducho estava completamente embebedado.

— Não o perca de vista por algum tempo — murmurou Wardle. — Logo haveremos de verificar se ele bebeu ou não.

O fato é que o infeliz rapaz apenas trocara uma dúzia de palavras com o sr. Snodgrass, tendo-lhe este suplicado se dirigisse a alguma pessoa amiga para libertá-lo, e empurrara-o logo fora com a caixa de rapé, receando que a prolongada ausência pudesse conduzir à sua descoberta. O rapazote ruminara um pouco, a cara muito sarapantada, e saíra do quarto em busca de Maria.

Mas esta, depois de vestir a ama, fora para casa, e o gorducho voltou ainda mais sarapantado do que antes.

Wardle e Ben Allen trocaram olhares.

— Joe! — chamou Wardle.

— Pronto, senhor.

— Por que você saiu?

O rapazote olhou desesperado para as caras dos comensais e balbuciou que não sabia.

— Ah! — disse Wardle. — Com que então não sabe, hem? Leve este queijo ao sr. Pickwick.

Ora, o sr. Pickwick, de bom humor e de perfeita saúde, estivera a fazer as delícias gerais durante o jantar, e no momento estava empenhado numa conversação animadíssima com Emília e o sr. Winkle. Na ênfase do discurso, curvava cortesmente a cabeça e agitava a mão esquerda com brandura, para dar força às observações, todo radiante e sorrindo com beatitude. Cortou uma fatia de queijo do prato e ia voltar-se para reatar a prosa, quando o gorducho, baixando-se até pôr a cabeça ao nível da do sr. Pickwick, apontou com o polegar por cima das suas costas e fez a mais horrível carantonha que jamais se viu.

— Ora esta! — disse o sr. Pickwick sobressaltado. — Que vem a ser... hem? — Mas deteve-se, porque o rapazote de novo se endireitara e estava ou fingia estar dormindo.

— Que é isso? — perguntou Wardle.

— Este seu rapaz é extraordinário! — replicou o sr. Pickwick fitando Joe com inquietação. — Talvez lhe pareça história, mas palavra que às vezes suspeito de que ele tenha o seu bocado de areia.

— Oh! sr. Pickwick! Não fale assim! Peço-lhe! — exclamaram a um tempo Arabela e Emília.

— Claro é que não o afirmo — declarou o sr. Pickwick em meio ao profundo silêncio e olhares assustados. — Mas os modos dele comigo, neste momento, eram realmente de assustar. Eia! — gritou o sr. Pickwick pulando de repente com um grito. — Queiram perdoar, minhas senhoras, mas ele enterrou-me na perna um instrumento pontiagudo. Na verdade, não está nada seguro.

— Está mais é bêbedo! — rugiu colérico o velho Wardle. — Toquem a campainha, chamem os criados! O que ele está é embriagado!

— Não estou! — gemeu o rapazote caindo de joelhos, quando o amo o agarrou pelo gasnete. — Não estou bêbedo!

— Então está doido, o que ainda é pior! Chamem os criados! — repetiu o velho.

— Não estou doido! Estou no meu juízo! — retorquiu o gorducho começando a chorar.

— Então para que diacho está a enterrar coisas pontiagudas nas pernas do sr. Pickwick?

— É que ele não queria olhar para mim e eu precisava falar-lhe.

— E que queria você dizer? — perguntaram seis vozes ao mesmo tempo.

O coitado do rapaz exalou um suspiro arquejante, olhou para a porta do quarto, tornou a suspirar e enxugou duas lágrimas com as juntas dos dois dedos indicadores.

— Que queria você dizer? — interrogou Wardle sacudindo-o.

— Espere um pouco! — atalhou o sr. Pickwick. — Dê licença. Que queria você comunicar-me, pobre rapaz?

— Queria falar-lhe em segredo — replicou o gorducho.

— Queria é dar-lhe uma dentada na orelha, ao que suponho — disse Wardle. — Não se aproximem dele, que está danado; toquem a campainha e que o levem para baixo.

No momento mesmo em que o sr. Winkle deitava a mão ao cordão da campainha, foi detido por uma expressão geral de espanto; o namorado cativo, a cara afogueada de atrapalhão, saíra repentinamente do quarto de dormir e fazia uma vênia geral a toda a assistência.

— Olá! — gritou Wardle largando o gasnete do rapazote e recuando com pasmo. — Que é isto?

— Fiquei escondido naquele quarto, desde que o senhor chegou — explicou o sr. Snodgrass.

— Emília, minha filha — tornou Wardle em tom repreensivo —, detesto mentiras e baixezas; isto é indelicado e injustificável ao mais alto ponto. Não o mereço de sua parte, Emília, esta é a verdade.

— Papai querido — intercedeu Emília —, Arabela bem sabe, todos aqui sabem, até Joe, que não concorri para ele se esconder. Augustus, pelo amor de Deus, explique-se!

O sr. Snodgrass, que só estava à espera de que lhe prestassem ouvidos, contou como fora colocado naquela embaraçosa posição; que apenas o receio de originar dissensões domésticas o levava a evitar o sr. Wardle; e como tencionava simplesmente sair pela outra porta; mas, encontrando-a fechada, vira-se obrigado a ficar, bem contra a vontade. A situação era realmente penosa; mas ele agora já a lamentava menos, visto que lhe proporcionava o ensejo de confessar diante de amigos comuns que amava sinceramente a filha do sr. Wardle, que sentia orgulho em declarar que este sentimento era correspondido e que, embora se estendessem entre eles milhares de léguas, ou os oceanos rolassem os seus vagalhões, ele nem um só instante olvidaria os ditosos momentos em que pela vez primeira, etc., etc.

Tendo desabafado desta forma, o sr. Snodgrass fez outra vênica, olhou para a copa do chapéu e deu um passo em direção à porta.

— Espere aí! — bradou Wardle. — Com a breca! Em nome de tudo que é...

— Inflamável — sugeriu brandamente o sr. Pickwick, temendo que surdisse palavra pior.

— Pois sim, que é inflamável! — rugiu Wardle, adotando a substituição. — O senhor não podia dizer-me isso logo do começo?

— Ou confiar em mim? — acrescentou o sr. Pickwick.

— Valha-nos Deus! — acudiu Arabela, encarregando-se da defesa —, de que serve estar agora a fazer todas essas perguntas, sabendo especialmente que o sr. Wardle por ambição se inclina para um genro mais rico e é tão irritável que mete medo a toda gente, exceto a mim? É melhor que lhe estenda a mão e lhe mande dar de jantar, pelo amor de Deus, pois parece meio morto de fome. E faça o favor de mandar já buscar o seu vinho, porque ninguém o pode aturar antes de engolir duas garrafas, pelo menos.

O digno velho puxou a orelha de Arabela, beijou-a sem o menor escrúpulo, beijou também a filha com grande afeto e apertou efusivamente a mão do sr. Snodgrass.

— Pelo menos num ponto ela tem razão — disse ele alegremente. Toquem a campainha, para que venha o vinho.

Chegou o vinho e ao mesmo tempo chegou Perker. O sr. Snodgrass jantou numa mesa ao lado e, apenas terminou, puxou a cadeira para junto de Emília sem a menor oposição da parte do velhote.

A noite correu às mil maravilhas. O pequeno sr. Perker saiu-se admiravelmente, contou várias anedotas e cantou uma canção séria, quase tão divertida como as anedotas. O sr. Wardle jovialíssimo, Arabela encantadora, o sr. Pickwick muito harmonioso, os namorados muito silenciosos, o sr. Ben Allen muito estrondoso, o sr. Winkle muito falador e todos felicíssimos.

CAPÍTULO LV

O SR. SALOMÃO PELL, ASSISTIDO POR UMA SELETA COMISSÃO DE COCHEIROS, PÕE EM ORDEM OS NEGÓCIOS DO SR. WELLER SÊNIOR.

— SAMUEL — DISSE O SR. WELLER, abeirando-se do filho na manhã seguinte ao funeral. — Achei-o, Samuel. Bem me parecia que estava aqui.

— O que é que estava aqui? — perguntou Sam.

— O testamento de sua madrasta. Em virtude do qual será mister dispor as coisas como lhe contei a semana passada, a respeito dos fundos.

— Ora essa! Então ela não lhe tinha dito onde ele estava?

— Nem por sombras, Sammy! Estávamos a ajustar as nossas diferenças e eu a dar-lhe ânimo para que se recobrasse, de modo que me esqueci de fazer-lhe perguntas a respeito. E, mesmo que me tivesse lembrado, não sei bem se lhas faria, porque é uma coisa dos diabos, Sammy, isto de estar a apoquentar uma pessoa por suas propriedades, quando se está a tratar dela na doença. É como ir acudir um passageiro da imperial que caiu aos trambolhões e ir-lhe metendo ao mesmo tempo as mãos nas algibeiras, enquanto se lhe pergunta que tal vai de saúde.

Com esta ilustração metafórica do seu pensamento, o sr. Weller abriu a carteira e sacou fora uma folha muito suja de papel de cartas, onde estavam inscritos vários caracteres amontoados em notável confusão.

— Este aqui é o documento, Sammy — prosseguiu ele. — Achei-o dentro do bule preto que está na prateleira de cima do armário da loja. Ela costumava guardar ali as notas de banco, antes de casar, Sammy. Vi-a, vezes sem conta, levantar a tampa para saldar um débito qualquer. Coitadinha! Podia ter enchido de testamentos todos os bules, sem se incomodar com isso, porque, a respeito de chá, pouco tomava nos últimos tempos, a não ser nas noites de temperança, que é quando fazia uma fundação de chá para pôr-lhes os espíritos em cima.

— Que diz o testamento? — perguntou Sam.

— O mesmo que já lhe disse, rapaz. Duzentas libras em papéis ao meu enteado Sam, e o restante dos meus bens de qualquer espécie ao meu marido, o sr. Tony Weller, que nomeio meu único testamenteiro.

— E mais nada?

— Nada mais — replicou o sr. Weller. — E, como me parece que está tudo direito e satisfatório, tanto para mim como para você, que somos os únicos interessados, podemos atirar ao fogo com este pedaço de papel.

— Que vai você fazer, lunático? — exclamou Sam, arrancando-lhe o papel das mãos, enquanto o pai, com toda a inocência, atiçava o lume, como ato preparatório para moldar a ação às palavras. — Belo testamenteiro é você!

— E que mal faz? — perguntou o sr. Weller, voltando-se severamente com o atiçador na mão.

— Que mal faz? Porque precisa ser provado, legalizado, jurado, com uma porção de formalidades.

— Deveras? — conveio o sr. Weller largando o atiçador.

Sam meteu cuidadosamente o testamento num bolso, indicando entrementes, por um olhar, ser muito sério o que ele dizia.

— Vou então contar-lhe a coisa! — tornou o sr. Weller depois de meditar um momento. — Isto é um caso para o tal amigo íntimo da Chancelaria. Pell é quem deve meter nisto o nariz, Sammy. Aquilo é que é homem para uma questão intrincada de lei. Vamos levar isto já à presença do Tribunal de Insolvências, Samuel.

— Nunca vi velho com uma cabeça de vento assim! — exclamou Sam meio irritado. — Sempre Tribunais de Insolvência, e Old Baileys, e álibis e toda a trapalhada a ferver-lhe no caco! O melhor é vestir o seu fato de sair, vir à cidade tratar desse negócio em vez de estar aí a pregar sobre coisas de que não percebe patavina.

— Está bem, Sammy, estou de acordo com tudo que possa despachar depressa os negócios, Sammy. Mas repare no que digo, rapaz: não há ninguém como Pell para uma consulta legal.

— Também eu não quero outro. Então, vem ou não vem?

— Espere um instante, Sammy — replicou o sr. Weller, que, depois de fazer o laço da manta com o auxílio de um pequeno espelho pendurado à janela, fazia agora esforços prodigiosos para envergar o casaco. — Espere um instante! Quando você ficar velho, assim como seu pai, não lhe será fácil como agora envergar a jaqueta, rapaz.

— Se eu não entrasse nela com maior facilidade do que isso, preferia ser enforcado a envergá-la — revidou o filho.

— Pensa assim agora — disse o sr. Weller com a gravidade da velhice —, mas há de ter mais juízo, à proporção que for engordando. O juízo e a gordura, Sammy, crescem sempre juntos.

Ao proferir esta máxima infalível — resultado de muitos anos de observação e experiência pessoal —, o sr. Weller conseguiu, por uma hábil inflexão do corpo, que o último botão do casaco desempenhasse o seu mister. Tendo parado uns segundos para tomar fôlego, escovou o chapéu com o cotovelo e declarou estar pronto.

— Quatro cabeças valem mais que duas, Sammy — disse o sr. Weller, enquanto iam na sege pela estrada de Londres. — E, como a propriedade é tentadora para os homens da lei, levaremos conosco dois amigos meus que lhe saltem logo em cima, se ele fizer algo de irregular; dois daqueles que você viu na Prisão de Fleet o outro dia. São os melhores juízes — acrescentou o sr. Weller quase em segredo —, os melhores juízes em cavalos que você já viu em sua vida.

— E também em homens de lei?

— O homem que pode formar juízo exato de um animal pode também formá-lo seja lá do que for — replicou o pai, tão dogmaticamente que Sam sequer tentou contradizer o aforismo.

À vista da notável resolução, requisitaram-se os serviços do sujeito de cara malhada e de dois outros cocheiros gordíssimos — escolhidos pelo sr. Weller, provavelmente por causa da gordura e do juízo subsequente. Reunidos todos, dirigiu-se o grupo para a taverna da Rua Portugal, de onde se expediu um mensageiro para o Tribunal de Insolvências, que ficava defronte, reclamando a presença imediata do sr. Salomão Pell.

Felizmente o mensageiro encontrou o sr. Salomão Pell no tribunal, regalando-se, em vista da escassez dos negócios, com uma refeição fria de um pastel de carne e um biscoito. Apenas lhe segredaram o recado ao ouvido, meteu a refeição na algibeira, entre vários documentos profissionais, e precipitou-se com tamanha vivacidade para a casa em frente, que chegou ao gabinete antes de o mensageiro ter conseguido sair do tribunal.

— Meus senhores — disse o sr. Pell, levando a mão ao chapéu —, aqui me têm ao seu dispor. Não digo isso para lisonjeá-los, meus senhores, mas não há

cinco outros homens no mundo que me obrigassem a sair hoje do tribunal.

— Muito que fazer, heim? — perguntou Sam.

— Estou que não posso comigo, como costumava dizer-me muita vez meu amigo, o defunto Lord Chancellor, quando acabava de ouvir apelos da Câmara dos Lordes. Coitado! Era muito dado a fatigar-se, e aqueles apelos incomodavam-no extraordinariamente. Pensei muita vez que ele sucumbisse, palavra que pensei!

Nisso o sr. Pell abanou a cabeça e calou-se; e o sr. Weller sênior, acotovelando o vizinho para que reparasse nas elevadas relações do legista, perguntou se os deveres de que tratava haviam produzido maus efeitos crônicos na constituição de seu nobre amigo.

— Creio que nunca se restabeleceu — replicou Pell. — De fato, tenho a certeza de que nunca. “Pell”, costumava ele dizer-me vezes sem conta, “é um mistério para mim como você pode resistir à trabalhadeira que tem.” “Pois olhe”, costumava eu responder, “palavra de honra que nem percebo como o faço.” “Pell”, acrescentava ele, suspirando e fitando-me com inveja — inveja amigável, percebem? simples inveja amigável; não era coisa em que eu reparasse. “Pell, você é um verdadeiro prodígio.” E os senhores, se o tivessem conhecido, haviam de morrer por ele. Traga-me 3 *pence* de rum, menina.

Dirigindo esta última observação à criada, em tom de magna reprimenda, o sr. Pell suspirou, olhou para o teto e depois para os sapatos; e, tendo chegado o rum, sorveu-o de um trago.

— Todavia — prosseguiu, puxando uma cadeira para a mesa —, um homem da minha profissão não tem direito de pensar nas amizades particulares, quando reclamam a sua assistência legal. A propósito, meus senhores, desde a última vez que os vi, tivemos de prantear um acontecimento deveras doloroso.

À palavra “prantear” o sr. Pell sacou de um lenço de assoar o nariz, mas não usou dele senão para enxugar uma gota de rum que lhe atingia o lábio superior.

— Li a notícia no *Advertiser*, sr. Weller — continuou Pell. — Que penal! Somente com 52 anos! É de afligir!

Estas indicações de caráter meditativo eram dirigidas ao homem da cara malhada, cujos olhos o sr. Pell encontrara por acaso. Mas o homem, cuja percepção dos assuntos em geral era sobremodo nebulosa, agitou-se na cadeira e opinou que realmente não havia meio de perceber como as coisas tinham

chegado àquele ponto; observação que, envolvendo uma dessas proposições sutis, difíceis de destruir com argumentos, não foi disputada por ninguém.

— Ouvi dizer que ela foi uma linda mulher, sr. Weller — disse o sr. Pell com ar de simpatia.

— Lá isso foi, sim senhor — replicou o sr. Weller sênior, não gostando muito desta forma de discutir o assunto, mas pensando que o advogado, pela longa intimidade com o defunto Lord Chancellor, deveria ser profundo conhecedor da civilidade. — Era uma linda mulher, quando a conheci. Era viúva, nesse tempo.

— Ora esta! É curioso! — redargüiu Pell, circunvagando a vista com um sorriso doloroso. — Também a sra. Pell era viúva!

— Extraordinário! — disse o homem da cara malhada.

— Na realidade, uma curiosa coincidência! — acudiu Pell.

— Não acho — observou carrancudo o sr. Weller sênior. — Há mais viúvas que casam do que mulheres solteiras.

— De fato! — afirmou Pell. — O sr. Weller tem toda a razão. A sra. Pell era uma mulher perfeita e elegantíssima; os seus modos eram objeto de admiração universal, na vizinhança. Eu tinha orgulho em ver dançar aquela mulher. Havia em seus movimentos o que quer que fosse de firme e digno e todavia natural! Seu vestuário, meus senhores, era a pura simplicidade! Desculpe fazer-lhe esta pergunta, sr. Samuel — continuou o advogado baixando a voz —, a sua madrasta era alta?

— Nem por isso.

— A sra. Pell era de alta estatura; uma esplêndida mulher, a figura cheia de nobreza, e o nariz, meus senhores, feito para a dominação e a majestade. Era-me muito delicada, muito mesmo; bem aparentada, além disso; o irmão de sua mãe, meus senhores, abriu falência com 800 libras, como negociante de papéis legais.

— Bem! — interveio o sr. Weller, que se mostrara inquieto durante a discussão. — Passemos a tratar de negócios.

Estas palavras foram como que uma música para os ouvidos de Pell. Parafusava se haveria algum negócio a tratar, ou se fora simplesmente convidado a tomar uma gota de ponche ou um grogue, ou qualquer outro cumprimento profissional, e agora dissipavam-se as dúvidas sem que ele tivesse manifestado ansiedade alguma pela solução. Brilharam-lhe os olhos quando pôs o chapéu em cima da mesa e disse:

— Que negócio é esse... — hum! Algum destes cavalheiros terá uma demanda no tribunal? Precisamos de um arresto; far-se-á um arresto amigável. Todos aqui somos amigos, suponho.

— Dê-me o documento, Sammy — disse o sr. Weller, tomando o testamento das mãos do filho, que parecia divertir-se espantosamente com a conferência. — O que nós requeremos é uma revicção disto.

— Verificação, meu caro senhor, verificação — corrigiu Pell.

— Pois seja o que o senhor quiser! — replicou asperamente o sr. Weller. — Vem tudo a dar na mesma. Se o senhor não percebe o que quero dizer, aposto como encontrarei quem me entenda.

— Não tencionei ofendê-lo, sr. Weller — volveu Pell com brandura.

— O senhor, pelo que vejo, é o testamenteiro — acrescentou, lançando os olhos para o papel.

— Sou, sim, senhor.

— E estes cavalheiros, segundo creio, são legatários, não são? — perguntou Pell com um sorriso congratulatório.

— Galatairo é Sammy. Estes cavalheiros são amigos meus, que vêm ver como isto corre — assim como quem diz, uma espécie de árbitros.

— Ah! muito bem! Não tenho objeções a fazer, por certo. O que tem de dar-me antes de começar é coisa de 5 libras, ah! ah!

Tendo a comissão resolvido que se podiam adiantar as 5 libras, o sr. Weller apresentou essa quantia. Seguiu-se uma longa consulta a propósito de coisa nenhuma de importância, em que o sr. Pell demonstrou, com perfeita satisfação dos cavalheiros que vinham ver como aquilo corria, que, a não lhe ser confiada a direção do negócio, teria corrido mal por motivos não explicados com clareza, mas sem dúvida satisfatórios. Despachado este importante ponto, o sr. Pell restaurou as forças com três costeletas regadas com cerveja e bebidas espirituosas, à custa do cliente, e depois encaminharam-se todos para Doctor's Commons.

No dia imediato fizeram nova visita a Doctor's Commons, e houve grande azáfama por causa de um palafreneiro que era testemunha e que, por estar bêbedo, se recusou a fazer outros juramentos que não fossem profanos, com grande escândalo de um procurador e um delegado do poder eclesiástico. Na semana seguinte, mais visitas a Doctor's Commons, e outra à repartição dos direitos de herança; depois, contratos para a venda do espólio e do negócio, e ratificações dos mesmos, e inventários a fazer, e lanches a engolir, e jantares a

comer, e tantas outras coisas proveitosas a executar, tanta papelada a acumular, que o sr. Salomão Pell e o seu rapaz e mais o saco azul engordaram por forma que custaria deveras reconhecê-los pelo mesmo homem, o mesmo rapaz e o mesmo saco azul, que dias antes andavam à gandaia pela Rua Portugal.

Finalmente, levados a cabo estes importantíssimos negócios, fixou-se um dia para a venda e trespasse do espólio, a cargo de Wilkins Flasher, Esquire, corretor de fundos, estabelecido perto do banco, que fora recomendado para esse fim pelo sr. Salomão Pell.

A ocasião tinha o seu tanto de festiva e os interessados trajavam de conformidade com ela. As botas do sr. Weller estavam engraxadas de novo, e seu fato arranjado com especial apuro; o homem da cara malhada trazia na botoeira uma enorme dália, guarnecida de folhas, e as casacas dos dois amigos estavam enfeitadas de ramos de louro e outras verduras. Todos três envergavam rigorosamente fatos domingueiros, isto é, estavam envoltos até o queixo, e tinham a maior quantidade de vestuários possível, o que sempre constituiu a idéia de um traje de gala para os cocheiros de carruagens públicas, desde que as carruagens públicas foram inventadas.

O sr. Pell estava à espera deles, à hora marcada, no local habitual de encontro. Até ele trazia luvas e uma camisa lavada, já muito gasta no colarinho e nos punhos, pela freqüência das lavagens.

— Falta um quarto para as 2 — disse Pell, olhando para o relógio da sala.
— O melhor momento para procurar o sr. Flasher é às 2 e um quarto.

— Que me dizem os senhores de uma gota de cerveja? — sugeriu o sujeito de cara malhada.

— E de um bocadinho de carne fria? — alvitrou o segundo cocheiro.

— E uma ostra? — acrescentou o terceiro, que era um homem de voz rouca e gordíssimas pernas.

— Olhem! — disse Pell. — Para felicitar-mos o sr. Weller por tomar posse de sua propriedade, hein? Ah! ah!

— De acordo, meus senhores! — respondeu o sr. Weller. — Sam, toque a campainha.

Sam obedeceu. A cerveja, a carne fria e as ostras apareceram num minuto e fez-se ampla justiça ao lanche. Numa operação em que todos tomaram parte tão ativa, seria quase revoltante fazer distinções; mas, se houve alguém que levou vantagem sobre os demais em poderes absorventes, foi o cocheiro de voz

rouca, que tomou meia canada de vinagre com as ostras, sem trair a menor comoção.

— Sr. Pell — exclamou o sr. Weller sênior, mexendo um copo de aguardente com água, como os que tinham sido colocados em frente de cada um dos convivas, depois de se retirarem as cascas das ostras —, tencionava levantar nesta ocasião um brinde aos fundos, mas Sammy cochichou-me ao ouvido...

Nisto, o sr. Samuel Weller, que comera silencioso as suas ostras, com um sorriso sereno, gritou: — Ouçam!

— ... cochichou-me ao ouvido — prosseguiu o pai — que seria melhor dedicar esta bebida à sua prosperidade e agradecer-lhe a maneira por que levou o meu negócio a bom termo. À sua saúde, meu caro senhor!

— Atenção! — atalhou o homem de cara malhada, com súbita energia. — Olhem para mim! meus senhores!

Ao dizer isto, o sujeito da cara malhada levantou-se, bem como os outros convivas. Passou em revista a assistência e ergueu vagarosamente a mão; depois do que os circunstantes, tomando um largo fôlego, levaram o copo aos lábios. Daí a um instante o homem da cara malhada tornou a baixar a mão e todos os copos se pousaram vazios na mesa.

O efeito arrebatador, causado por esta imponente cerimônia, é impossível descrever-se. Solene e impressionante a um tempo, ela combinava todos os elementos de grandeza.

— Pois, meus senhores — disse o sr. Pell —, tudo o que me cumpre dizer é que tais manifestações de confiança devem ser assaz agradáveis a um homem da minha profissão. Não desejo expressar coisa alguma que se possa tomar por vaidade, mas estimo deveras, em seu próprio interesse, que os senhores se tenham dirigido a mim; este é que é o caso. Se se tivessem dirigido a qualquer membro inferior da profissão, é convicção minha, e bem firme, que já estariam encravados há muito. Oxalá estivesse vivo o meu nobre amigo, para ver como conduzi este negócio. Não o digo por orgulho, mas parece-me... acabou-se, meus senhores, não os quero maçar mais com isto. De ordinário poderão encontrar-me aqui, mas não estando, nem ali defronte, aqui têm os senhores o meu endereço. Hão de achar os meus preços baratíssimos e razoáveis, e não há homem que mais zelo tenha pelos seus clientes do que eu, além do que, gabo-me de saber um pouquinho do meu ofício. Se tiverem ensejo de recomendar-

me a algum de seus amigos, meus senhores, ficar-lhes-ei muito grato, e eles também, quando chegarem a conhecer-me. À sua saúde, meus senhores!

Tendo assim expressado seus sentimentos, o sr. Salomão Pell apresentou três cartões aos amigos do sr. Weller, e, olhando outra vez para o relógio, declarou que eram horas de irem andando. O sr. Weller pagou a conta e o testamenteiro, herdeiro, procurador e árbitros saíram, dirigindo os passos para a City.

O escritório de Wilkins Flasher, Esquire, corretor de câmbios, era num primeiro andar, num pátio, por trás do Banco da Inglaterra. A casa de Wilkins Flasher, Esquire, era em Brixton, Surrey; o cavalo e o carro de Wilkins Flasher, Esquire, estavam numa cocheira próxima; o *groom* de Wilkins Flasher, Esquire, achava-se a caminho de West-End, para levar umas peças de caça; o escrevente de Wilkins Flasher, Esquire, tinha ido jantar: e portanto foi o próprio Wilkins Flasher, Esquire, quem gritou: “Entre!” quando o sr. Pell e os companheiros lhe bateram à porta do escritório.

— Bom dia, sr. Flasher — saudou Pell, curvando-se obsequiosamente. — Necessitamos fazer uma pequena transferência de fundos, se dá licença.

— Ah! sim! Então entrem! — disse o sr. Flasber. — Sentem-se, um instante, que os atenderei.

— Muito obrigado — disse Pell —, não há pressa. Sente-se, sr. Weller.

O sr. Weller acomodou-se numa cadeira, Sam numa caixa e os árbitros no que puderam, e ficaram todos a olhar para o calendário e para um ou dois papéis pregados na parede, com os olhos tão cheios de admiração como se estivessem contemplando as mais belas obras dos velhos mestres.

— Pois olhe! Aposto meia dúzia de garrafas de clarete, quer? — disse Wilkins Flasher, Esquire, prossequindo a conversação que a entrada do sr. Pell interrompera momentaneamente.

Estas palavras eram dirigidas a um sujeito ainda moço, com ares de malandro, que usava o chapéu em cima da suíça direita, distraidamente encostado à secretária, matando moscas com uma régua. Wilkins Flasher, Esquire, balouçava-se sobre duas das pernas de um banco de escritório e esburacava uma caixa de obreias com um canivete que deixava cair de quando em quando com grande destreza, bem no centro de uma pequena obreia vermelha, colada na tampa. Ambos os cavalheiros tinham coletes muito abertos e colarinhos muito voltados, botas muito pequenas e anéis muito grandes,

relógios muito pequenos e correntes muito grossas, calças simétricas e lenços perfumados.

— Nunca faço apostas de meia dúzia — disse o outro. — Farei de uma dúzia.

— Topo, Simmery, topo! — disse Wilkins Flasber, Esquire.

— E de primeira qualidade, note bem! — reforçou o outro.

— Está claro! — replicou Wilkins Flasher, Esquire. E tomou nota da aposta num caderninho de notas, com um porta-lápis de ouro, ao passo que o outro sujeito a inscrevia em outro caderninho, com lapiseira idêntica.

— Vi hoje cedo uma notícia a respeito de Boffer — observou o sr. Simmery. — Pobre diabo! Foi posto na rua!

— Aposto 10 guinéus contra 5 como ele cortará o pescoço.

— Feito! — replicou o sr. Simmery.

— Espere aí! — redargüiu Wilkins Flasher, Esquire, refletindo. — Deixe-me pensar! Talvez ele se enforque.

— Muito bem — retorquiu o sr. Simmery, sacando outra vez da lapiseira de ouro. — Não me oponho a apostar nesse sentido. Digamos que dará cabo de si.

— Que se suicida, é o termo — disse Wilkins Flasher, Esquire.

— Exato! — replicou o sr. Simmery tomando nota. — Flasher — 10 guinéus contra 5 como Boffer se suicida. E qual o prazo?

— Quinze dias? — sugeriu Wilkins Flasher, Esquire.

— Qual história! — retorquiu o sr. Simmery, parando para esmagar outra mosca com a régua. — Uma semana.

— Cortemos a diferença ao meio. Sejam dez dias — objetou Wilkins Flasher, Esquire.

— Valeu! Dez dias! — consentiu o sr. Simmery.

Tomou-se portanto nota nos caderninhos de que Boffer devia suicidar-se no prazo de dez dias, ou Wilkins Flasher, Esquire, teria de embolsar Frank Simmery, Esquire, da quantia de 10 guinéus; e, caso Boffer não se suicidasse no decurso desse tempo, Frank Simmery, Esquire, teria de pagar a Wilkins Flasher, Esquire, a soma de 5 guinéus.

— Faz-me pena que ele tenha falido — ponderou Wilkins Flasher, Esquire. — Os belos jantares que oferecia!

— E o Porto magnífico que possuía! Mandaremos amanhã o despenseiro ao leilão, apanhar uma garrafa daquele de 64.

— Peste que você é! Mandarei também o meu mordomo! Cinco guinéus, como o meu suplantar o seu!

— Topo.

Tomou-se outra nota nos caderninhos, com as lapiseiras de ouro. E, como o sr. Simmery dera cabo de todas as moscas e aceitara todas as apostas, foi-se saracoteando por ali afora, até a Bolsa, ver o que ia por lá.

Wilkins Flasher, Esquire, dignou-se então receber as instruções do sr. Salomão Pell; e, tendo enchido alguns impressos, convidou a assistência a acompanhá-lo até o banco. Pelo caminho, o sr. Weller e os três amigos iam arregalando os olhos para tudo quanto se lhes deparava, com ilimitado pasmo, ao passo que Sam tudo examinava com imperturbável frieza. Depois de atravessarem um pátio onde tudo era azáfama e burburinho, e passarem por dois porteiros que pareciam trajados de propósito para irmanar a bomba vermelha de incêndios que estava a um canto, entraram num escritório onde devia ser despachado o seu negócio e onde Pell e Flasher os deixaram alguns momentos, enquanto subiam à repartição dos Testamentos.

— Que lugar é este? — cochichou para o sr. Weller sênior o homem da cara malhada.

— A repartição dos consultores — replicou o testamenteiro em voz baixa.

— E quem são os cavalheiros que estão atrás dos balcões? — perguntou o cocheiro rouco.

— Creio que são consultores menores — replicou o sr. Weller. — Samuel, não são os consultores menores?

— Qual história! Então pensa que existam consultores menores? — revidou Sam com certo desdém.

— Lá sei eu — replicou o sr. Weller. — Mas que são eles, então?

— Empregados — respondeu Sam.

— E para que estão a comer sanduíches de presunto? — perguntou o pai.

— Porque faz parte de sua obrigação, creio. É parte de seu sistema. Só fazem isso todo o santo dia.

O sr. Weller e os amigos mal tiveram tempo de refletir neste singular regulamento do sistema monetário do país, porque vieram reunir-se-lhes Pell e Wilkins Flasher, Esquire, que os conduziram a uma parte do balcão por cima do qual estava uma tabuleta preta e redonda, com um grande *m*.

— Para que serve isto? — perguntou o sr. Weller, chamando a atenção de Pell para o letreiro em questão.

— É a inicial do nome da defunta — replicou Pell.

— Atenção! — disse o sr. Weller virando-se para os árbitros. — Aqui há engano. A nossa letra é *V*. Isto não pode ser.^[25]

Os árbitros, interpelados, deram a opinião decisiva de que não se podia legalmente ir com o negócio por diante, sob a letra *W*, e segundo todas as probabilidades haveria ainda demora de um dia pelo menos, não fosse o rápido, ainda que à primeira vista irrespeitoso procedimento de Sam, que agarrou o pai pela aba da casaca, puxou por ele para o balcão e ali o segurou até que se resignasse a redigir a assinatura em dois documentos. Mas, devido ao hábito do sr. Weller de escrever somente em letra de forma, isto foi coisa de tanta demora que o empregado teve tempo de descascar e cortar três maçãs-reinetas.

Como o sr. Weller insistia em vender desde logo o seu quinhão, dirigiram-se do banco para a porta da Bolsa, onde, depois de curta ausência, voltou Wilkins Flasher, Esquire, com um cheque sobre Smith, Payne e Smith, de 530 libras, que era a soma, ao preço do mercado, a que tinha direito o sr. Weller, como herdeiro da esposa. As 200 libras de Sam ficaram inscritas em seu nome, e Wilkins Flasher, Esquire, tendo recebido os honorários da comissão, meteu negligente o dinheiro no bolso da casaca e voltou vagarosamente para o seu escritório.

O sr. Weller, a princípio, estava firmemente decidido a não receber a importância do seu cheque senão em soberanos; mas, sendo-lhe apresentado pelos árbitros que teria nesse caso de incorrer na despesa de um saco para levá-los para casa, consentiu em receber a quantia em notas de 5 libras.

— Meu filho e eu — declarou o sr. Weller ao saírem da casa bancária — temos hoje à tarde um compromisso particular, e gostaria de acabar quanto antes com este negócio. Por isso, vamos já a um lugar qualquer, onde a gente possa fazer as contas.

Encontrou-se um gabinete sossegado, onde se examinaram as contas. A do sr. Pell foi fixada por Sam e algumas parcelas foram reprovadas pelos árbitros. Mas, apesar da declaração do sr. Pell, acompanhada de solenes protestos, de que eram realmente sovinas demais para com ele, foi este certamente o encargo mais rendoso que teve em sua vida, e com o que se alojou, se lavou e comeu durante os seis meses seguintes.

Depois de beberem uma pinga, os árbitros despediram-se e partiram, visto terem ainda nessa noite de sair da cidade, a serviço. O sr. Salomão Pell, vendo

que nada mais havia a apanhar em bebidas e comidas, despediu-se também calorosamente; e Sam e o pai ficaram sós.

— Pronto! — exclamou o sr. Weller, metendo a carteira no bolso. — Com o preço do arrendamento e tudo mais, aqui estão 1.180 libras. Agora, Samuel, meu filho, volte a cabeça do cavalo para o lado do Jorge e Abutre.

CAPÍTULO LVI

EM QUE SE REALIZA IMPORTANTE CONFERÊNCIA ENTRE O SR. PICKWICK E SAMUEL WELLER, A QUE ASSISTE O PAI DESTE ÚLTIMO. CHEGADA INESPERADA DE UM VELHOTE DE FATO COR DE RAPÉ.

O SR. PICKWICK ESTAVA SÓ, meditando em muitas coisas e, entre outras, qual a melhor maneira de acudir ao jovem casal, cuja instável condição era ainda para ele matéria de ansiedade e pesar constantes, quando Maria entrou ligeira no quarto e disse, com certa precipitação:

— Senhor, tenha a bondade! Está lá embaixo Samuel e pergunta se o pai dele pode falar com o senhor.

— Claro que sim — replicou o sr. Pickwick.

— Obrigada, senhor — disse Maria dirigindo-se novamente para a porta.

— Sam está aqui há muito? — perguntou o sr. Pickwick.

— Ah! não, senhor! — replicou Maria com vivacidade. — Chegou neste instante. Diz que não vem pedir-lhe mais licença.

Pode ser que Maria caísse em si, percebendo que fizera a última comunicação com mais ardor que o absolutamente necessário, ou reparasse no sorriso jovial com que o sr. Pickwick a fitara quando ela acabava de falar. O fato é que baixou a cabeça e examinou a ponta de um aventalzinho de cor viva com mais atenção do que parecia reclamar o presente ensejo.

— Diga-lhes que podem subir, e já — disse o sr. Pickwick.

Maria, aparentemente aliviada, saiu correndo para levar o recado.

O sr. Pickwick deu duas ou três voltas na sala e, esfregando o queixo com a mão esquerda, pareceu absorto em profunda meditação.

— Bem, bem! — disse por fim, em tom sereno, mas um tanto melancólico. — É esta a melhor forma que tenho de recompensá-lo pela sua fidelidade e dedicação. Assim seja, por Deus! É esta a sina de um velho solteirão: ver os que o rodeiam formarem novas ligações e o abandonarem! Não tenho direito de

esperar que não me aconteça outro tanto. Não, não! — acrescentou o sr. Pickwick mais satisfeito. — Seria ingratidão e egoísmo. Devo considerar-me feliz por ter ensejo tão bom de estabelecê-lo. E sinto-me feliz, necessariamente feliz.

O sr. Pickwick estava tão absorvido nestas reflexões, que três ou quatro vezes bateram à porta antes que ele ouvisse. Sentou-se rapidamente e, invocando seu habitual aspecto de afabilidade, deu a permissão requerida e Sam Weller entrou, seguido pelo pai.

— Estimo vê-lo de volta, Sam. Como passou, sr. Weller?

— Perfeitamente, obrigado! — respondeu o viúvo. — E o senhor, espero que tenha passado bem?

— Menos mal, obrigado — replicou o sr. Pickwick.

— Desejava dois dedos de conversa com o senhor, se me puder conceder cinco minutos — disse o sr. Weller.

— Certamente. Sam, chegue uma cadeira a seu pai.

— Obrigado, Sammy, tenho aqui uma — replicou o sr. Weller, puxando uma cadeira enquanto falava. — O dia está mesmo uma beleza — acrescentou, sentando-se e pondo o chapéu no chão.

— É verdade — assentiu o sr. Pickwick. — Lindíssimo.

— Nunca vi tempo tão lindo — redargüiu o sr. Weller. Mas nisto o velhote teve um violento ataque de tosse, terminado o qual acenou com a cabeça, piscou os olhos e fez vários gestos de ameaça e súplica dirigidos ao filho, que teimava em não dar por eles. O sr. Pickwick, percebendo o embaraço da parte do velho, fingiu-se entretido em cortar as folhas de um livro e esperou com paciência que o sr. Weller chegasse ao objeto de sua visita.

— Nunca vi rapaz mais arreliador que você, Sammy! — queixou-se o sr. Weller, fitando o filho, indignado. — Nunca, em dias de minha vida.

— Que é que ele está fazendo, sr. Weller? — perguntou o sr. Pickwick.

— Não quer principiar. Sabe que não sou capaz de expressar-me quando há coisas de maior monta a serem ditas, e fica-se a contemplar-me aqui sentado, a tomar o tempo ao senhor, que é precioso, e a dar-me ao desfrute, em vez de auxiliar-me com uma sílaba. Não é uma conduta filial, Sammy! — continuou o sr. Weller, enxugando a testa. — Nem por sombras!

— Mas o senhor disse que falava! — replicou Sam. — Como podia eu adivinhar que logo de começo ficaria embatucado?

— Devia logo ter visto que eu não era capaz de rodar; estou do lado mau da estrada, a recuar para cima das estacadas, e você nem ao menos me estende a mão para ajudar-me. Você me envergonha, Samuel..

— A verdade, senhor — disse Sam, com um ligeiro cumprimento —, é que o meu pai esteve a arrecadar os seus cobres.

— Muito bem, Sammy, muito bem! — exclamou o sr. Weller acenando com a cabeça em ar de satisfação. — Não tencionava falar-lhe com dureza, Samuel. Muito bem. Essa é que é a maneira de principiar; chega-se logo ao ponto. Assim, Sammy, na verdade.

No excesso do contentamento, o sr. Weller acenou com a cabeça vezes sem conta e esperou com toda a atenção que o filho prosseguisse o discurso.

— Pode sentar-se, Sam — disse o sr. Pickwick calculando que a entrevista ameaçava durar mais tempo do que tinha esperado. Sam tornou a inclinar-se e sentou-se; o pai encarou-o e ele prosseguiu:

— Meu pai arrecadou 530 libras.

— Consolidadas — interrompeu o sr. Weller a meia voz.

— O que vem a dar na mesma, quer sejam consolidadas, quer não — corrigiu Sam. — 530 libras esterlinas é que é a soma, pois não é?

— Justamente, Samuel — replicou o sr. Weller.

— E a esta soma acrescentou ele pela casa e pelo negócio...

— Renda, móveis, gêneros e freguesia — interpôs o sr. Weller.

— O que falta para chegar a 1.180 libras — concluiu Sam.

— Deveras! — disse o sr. Pickwick. — Folgo muito em sabê-lo! Felicito-o, sr. Weller, por tão bom negócio.

— Espere um instante, senhor — atalhou o sr. Weller, erguendo a mão com ar suplicante. — Pra frente, Sam!

— Ora, esta quantia — prosseguiu Sam com certa hesitação — está ele ansioso por meter em alguma parte onde saiba que fica segura, e eu também estou ansioso, porque, se ele a arrecadar, desata a emprestá-la a todo bicho-careta, ou a gastá-la em cavalos, ou a perder a carteira por essas ruas, ou a fazer de si uma múmia egípcia, de qualquer maneira.

— Muito bem, Sammy — observou o sr. Weller, com modos tão complacentes como se Sam tivesse feito os maiores elogios à sua previsão e prudência. — Muito bem.

— É por estas razões — continuou Sam, tirando nervosamente o pêlo à aba do chapéu —, é por estas razões que ele o foi buscar hoje e veio aqui

comigo para dizer, ou antes, oferecer, ou por outra, para...

— Para dizer isto — disse o sr. Weller sênior com impaciência. — Que os cobres de nada me servirão; pois vou fazer serviço regular numa diligência, e não tenho lugar onde o arrecade, a não ser que pagasse ao condutor para tomar conta dele, ou que o metesse num dos bolsos da carruagem, o que era uma tentação para os passageiros que fossem lá dentro. Se o senhor quiser tomar conta dele, fico-lhe muito agradecido. Talvez — continuou o velho encaminhando-se para o sr. Pickwick e segredando-lhe ao ouvido —, talvez que ele o ajude a pagar essa sua condenação. Em suma, o que desejo é que o senhor tome conta dele até que eu lho torne a pedir.

Dizendo estas palavras, o sr. Weller pôs a carteira nas mãos do sr. Pickwick, apanhou o chapéu e correu para fora do quarto, com uma presteza que mal se poderia esperar de homem tão corpulento.

— Segure-o, Sam! — exclamou o sr. Pickwick em tom imperioso. — Traga-o de volta! Sr. Weller... Venha cá... Espere!

Sam viu que as ordens do amo não eram para ser desobedecidas; e, agarrando o pai por um braço, quando ele já ia descendo a escada, trouxe-o à força para trás.

— Meu bom amigo — disse o sr. Pickwick pegando a mão do velho —, penhora-me a sua honesta confiança.

— Não vejo motivo para isso, senhor — protestou obstinado o sr. Weller.

— Asseguro-lhe, meu bom amigo, que tenho mais dinheiro do que me é necessário; muito mais do que tem tempo de gastar um homem da minha idade.

— Ninguém sabe o que pode gastar enquanto não experimenta — replicou o sr. Weller.

— É possível; mas, como não tenho tenção de fazer dessas experiências, não é provável que venha a ficar necessitado. Peço-lhe pois que leve isto de volta, sr. Weller.

— Muito bem! — exclamou o sr. Weller num grande descontentamento. — Tome nota do que eu digo, Sammy. Ainda hei de fazer uma loucura com este dinheiro, uma loucura de meter medo!

— Deixe-se disso! — replicou Sam.

O sr. Weller refletiu um momento e declarou depois, abotoando a casaca com deliberação:

— Vou fazer-me guarda de um *turnpike*.^[26]

— O quê? — exclamou Sam.

— Um *turnpike* — redarguiu o sr. Weller entre dentes. — Diga adeus a seu pai, Sammy; dedico o resto de meus dias a um *turnpike*.

Era tão medonha a ameaça, e tão decidido parecia o sr. Weller a levá-la a efeito, pelo desgosto profundo que manifestava com a recusa do sr. Pickwick, que este, após curta reflexão, disse:

— Bem, bem, sr. Weller, guardo-lhe o dinheiro. Talvez o empregue melhor que o senhor.

— Isso mesmo, é isso! — volveu o sr. Weller iluminando-se. — Está claro que o fará.

— Não falemos mais nisso — disse o sr. Pickwick, guardando a carteira na secretária. — Estou-lhe muito agradecido, meu bom amigo. Sente-se agora outra vez. Quero pedir-lhe um conselho.

O riso comprimido provocado pelo êxito triunfante de sua visita, que não só convulsionara o rosto do sr. Weller, mas também os seus braços, pernas e todo o corpo enquanto era guardada a carteira, foi de súbito substituído pela mais solene gravidade, ao ouvir as últimas palavras.

— Espere uns minutos lá fora, Sam — ordenou o sr. Pickwick.

Sam retirou-se imediatamente.

O sr. Weller assumiu um aspecto de pasmo extraordinariamente grave quando o sr. Pickwick encetou a conversação com estas palavras:

— O sr. Weller não é grande advogado do matrimônio, ao que presumo.

O sr. Weller abanou a cabeça. Ficara totalmente inibido de falar, pois tirara-lhe a voz a idéia vaga de que alguma viúva perversa houvesse conseguido apanhar na rede o sr. Pickwick.

— Viu por acaso uma rapariga lá embaixo, quando entrou com o seu filho? — perguntou o sr. Pickwick.

— Vi sim, uma rapariguinha — replicou o sr. Weller, lacônico.

— Com franqueza, sr. Weller, que lhe pareceu ela? Diga lá.

— Pareceu-me rechonchuda e bem segura nas pernas — respondeu o sr. Weller com ares de entendido.

— E tem razão, é isso mesmo. Que lhe pareceram os modos dela, pelo pouco que viu?

— Muito bons modos, muito conformáveis.

A significação exata que o sr. Weller ligava a este último adjetivo não se pode perceber, mas, como era óbvio, pelo tom com que pronunciara, ser

expressão favorável, o sr. Pickwick ficou tão satisfeito como se tivesse sido cabalmente esclarecido sobre o assunto.

— Tenho grande interesse por ela, sr. Weller — disse o sr. Pickwick.

O sr. Weller tossiu.

— Isto é, tenho interesse pelo seu bem-estar — prosseguiu o sr. Pickwick.
— Desejo que ela seja feliz e viva contente, percebe?

— Perfeitamente — replicou o sr. Weller, que ainda nada percebia.

— Aquela rapariguinha gosta do seu filho.

— De Samuel Weller! — exclamou o pai.

— Sim — disse Pickwick.

— É natural! — concluiu o sr. Weller depois de refletir um momento. — É natural, mas assusta. Sammy que tome cuidado.

— Que quer dizer? — perguntou o sr. Pickwick.

— Muito cuidado em não lhe dizer coisíssima alguma. Muito cuidado em não cair inocentemente na arriosa de dizer-lhe qualquer coisa que cheire a promessa de casamento. A gente com elas nunca anda seguro, sr. Pickwick. Em se lhes metendo na cabeça apanharem uma pessoa, não há meios de se livrar delas; e, quando ainda se está pensando, já se está fígado. A primeira vez que eu casei foi assim mesmo, senhor; e foi Sammy o resultado da manobra.

— O senhor não me anima a concluir o que tenho a dizer, mas o melhor é falar-lhe francamente. Não só a rapariga gosta do seu filho, sr. Weller, mas o seu filho também gosta dela.

— Bonito! As belas coisas que podem chegar aos ouvidos de um pai! Cáspite!

— Tenho-os observado várias vezes — prosseguiu o sr. Pickwick, deixando sem comentário a última observação do sr. Weller — e não tenho dúvidas a respeito. Supondo que desejasse estabelecê-los como mulher e marido, numa situação em que pudessem viver razoavelmente e com decência, qual era a sua opinião, sr. Weller?

A princípio o sr. Weller recebeu de cara amarrada a proposta envolvendo o casamento de uma pessoa por quem ele se interessava, mas, à medida que o sr. Pickwick discutia a questão e insistia no fato de Maria não ser viúva, ele foi-se a pouco e pouco tornando mais tratável.

O sr. Pickwick tinha nele grande influência, e o aspecto de Maria, a quem ele já deitara olhares pouco paternais, muito o impressionara. Disse finalmente que não lhe cabia opor-se aos desejos do sr. Pickwick e que muito estimaria

conformar-se com as suas idéias. O sr. Pickwick pegou-lhe logo na palavra e chamou Sam alegremente.

— Sam — disse ele pigarreando —, seu pai e eu estivemos a conversar a seu respeito.

— A seu respeito, Sam — reforçou o sr. Weller com expressão protetora.

— Não sou tão cego, Sam, para não ter visto, há muito, que você tem algo mais que simples amizade pela criada da sra. Winkle — continuou o sr. Pickwick.

— Ouviu, Sammy? — perguntou o sr. Weller no mesmo tom oratório.

— Quer-me parecer — disse Sam dirigindo-se ao amo — que não há mal algum em um rapaz reparar numa rapariga que não é nenhum peixe podre e é bem comportada.

— Por certo que não — concordou o sr. Pickwick.

— Por forma nenhuma — aprovou o sr. Weller, afável, mas sempre com ar magistral.

— Longe de julgar repreensivo um fato tão legítimo — prosseguiu o sr. Pickwick — até desejo auxiliá-lo nesse particular. Foi nessa intenção que conversei com seu pai, e, vendo que ele é de meu parecer...

— Visto que ela não é viúva — interrompeu o sr. Weller, como explicação.

— Visto que ela não é viúva — repetiu sorrindo o sr. Pickwick —, desejo livrá-lo do constrangimento que lhe impõe sua presente situação, e mostrar-lhe meu reconhecimento pela sua fidelidade e devotamento, habilitando-o a casar desde já com essa rapariga e a ganhar a vida com independência para você e para a sua família. Terei muito orgulho — disse o sr. Pickwick, cuja voz tremera um pouco até aqui, mas reassumia agora o tom habitual —, terei muito orgulho e satisfação em desvelar-me especialmente pelo seu futuro.

Houve uns instantes de prolongado silêncio, findos os quais Sam disse em voz baixa e abafada, mas em tom resolutivo:

— Fico-lhe muitíssimo grato pela sua bondade, senhor, que era o que havia de esperar de sua parte, mas isso não pode ser.

— Não pode ser! — exclamou o sr. Pickwick com espanto.

— Samuel! — ralhou com dignidade o sr. Weller.

— Digo que não pode ser! — repetiu Sam em voz mais alta. — E que seria do senhor?

— Meu caro — replicou o sr. Pickwick —, as mudanças recentes no viver de meus amigos vão alterar inteiramente para o futuro o meu modo de vida. Além do que, estou envelhecendo e preciso de sossego. Minhas passeatas acabaram-se, Sam.

— Como terei certeza, senhor? — argumentou Sam. — Isso pensa o senhor agora! Suponha que mude de idéia, o que é muito provável, pois ainda tem lá dentro o fogo dos 25 anos... E que será do senhor sem mim? Isso pode lá ser, isso pode lá ser!

— Muito bem, Sammy. Há muito juízo no que acaba de dizer — observou o sr. Weller, encorajador.

— Falo após haver maduramente pensado, Sam, e com a certeza de que cumpro a minha palavra — afirmou o sr. Pickwick, abanando a cabeça. — As cenas novas não mais me convêm; minhas viagens acabaram-se.

— Muito bem — redargüiu Sam. — Mais uma razão, e bem forte, para que tenha sempre ao pé de si alguém que o entenda, para proporcionar-lhe todas as comodidades e tomar cuidado do senhor. Se deseja um rapaz mais polido e fino, muito bem, arranje-o à vontade; mas, com ordenado ou sem ele, com cama ou sem ela, com comida ou sem ela, Sam Weller, que o senhor tomou na velha Estalagem de Borough, está aferrado ao senhor, dê lá por onde der; e, haja o que houver, por mais que os outros façam, não há coisa neste mundo capaz de evitar isso!

No fim desta declaração, que Sam fez comovido, o sr. Weller levantou-se da cadeira e, esquecido de todas as considerações de conveniência, agitou o chapéu por cima da cabeça e soltou três hurras veementes.

— Meu rapaz — exclamou o sr. Pickwick depois que o sr. Weller se sentou, um tanto encalistrado do entusiasmo —, a menina também deverá ser levada em consideração.

— Pois considero-a, sim, senhor! Considero a rapariga, já falei com ela, já lhe disse a minha situação, e ela está decidida a esperar até eu ficar pronto. Creio que Maria assim fará. Se o não fizer, é que não é a rapariga que eu julguei, e renuncio num instante. O senhor já me conhece. Tenho esta idéia metida na cabeça, e nada há que me faça mudar.

Quem teria ânimo de combater semelhante resolução? Não por certo o sr. Pickwick, que sentia nesse momento mais ternura e orgulho pela afeição desinteressada de seus humildes amigos, do que lhe teriam despertado 10.000 protestos dos homens mais eminentes da terra.

Enquanto decorria esta conversação no quarto do sr. Pickwick, apresentava-se à porta do hotel um sujeito de idade, baixote, com um fato cor de rapé, seguido por um rapaz que trazia uma maleta de viagem. Tomou um quarto para passar a noite, perguntou ao criado se estava ali hospedada uma tal sra. Winkle, o que lhe foi respondido afirmativamente.

— Ela está só? — indagou o velhote.

— Creio que sim, senhor — respondeu o criado. — Se quiser, poderei chamar a sua criada...

— Não, não preciso da criada — atalhou o homem com vivacidade.

— Conduza-me ao seu quarto, sem me anunciar.

— Como, senhor! — espantou-se o criado.

— Você é surdo? — perguntou o cavalheiro baixote.

— Não, senhor.

— Então, ouça, por favor. Pode ouvir o que eu digo?

— Posso, sim, senhor.

— Ainda bem! Conduza-me ao quarto da sra. Winkle sem me anunciar.

Ao pronunciar esta ordem, o sujeito meteu sorrateiramente 5 xelins na mão do criado e olhou fixamente para ele.

— Realmente, senhor... — hesitou o criado. — Não sei se...

— Ora adeus! Acabará por obedecer-me, bem vejo. E o melhor é fazê-lo já, para não perdermos tempo.

Havia algo de tão sereno e decidido nas maneiras do velhote, que o criado meteu os 5 xelins na algibeira e guiou-o escada acima, sem dar mais palavra.

— É este o quarto? — perguntou o cavalheiro — Bem, pode ir-se embora.

O criado obedeceu, cismando sobre quem poderia ser o sujeito e o que ele queria. Este esperou que ele desaparecesse e bateu à porta.

— Entre! — disse Arabela.

— Hum! A voz é bonita, mas isso não quer dizer nada.

Ao murmurar estas palavras, abriu a porta e entrou.

Arabela, que estava sentada a trabalhar, ergueu-se ao avistar um estranho — um tanto confusa, mas nem por isso menos graciosa.

— Não se incomode, minha senhora, peço-lhe — disse o desconhecido entrando e fechando a porta atrás de si. — Creio que é a sra. Winkle?

Arabela inclinou a cabeça.

— A sra. Natanael Winkle, que casou com o filho de um velho negociante de Birmingham? — prosseguiu o desconhecido, fitando Arabela com visível curiosidade.

Arabela tornou a inclinar a cabeça e circunvagou a vista com inquietação, como se hesitasse sobre se deveria chamar alguém em seu auxílio.

— Vejo que a surpreendo, minha senhora — disse o homem.

— Um pouco, confesso — replicou Arabela, cada vez mais confusa.

— Se me dá licença, sento-me, minha senhora — disse o estranho. E o sujeito sentou-se. E, sacando um estojo da algibeira, tirou de dentro os óculos e cavalgou-os no nariz.

— Não me conhece, minha senhora? — perguntou ele, olhando tão atentamente para Arabela, que esta começou a alarmar-se.

— Não, senhor — replicou ela, intimidada.

— Não admira — redargüiu o sujeito balanceando a perna esquerda. — Nem sei como havia de conhecer-me. Entretanto, sabe o meu nome, minha senhora.

— Deveras? — murmurou Arabela, tremendo sem saber por quê. — Permite-me que lho pergunte?

— Daqui a pouco, minha senhora — tornou o desconhecido, sem tirar os olhos do rosto dela. — Com que então, casou há pouco?

— Casei — respondeu Arabela, em voz que mal se ouvia, pondo de lado a costura e sentindo-se cada vez mais agitada a uma idéia que há instantes lhe ocorrera.

— Sem haver representado ao seu marido a conveniência de consultar primeiramente o pai, de quem ele depende, pelo que vejo?

Arabela levou o lenço aos olhos.

— Sem tentar sequer certificar-se por qualquer meio indireto sobre quais eram os sentimentos do velhote, num ponto em que ele tinha naturalmente todo o interesse?

— Não posso negá-lo, senhor — consentiu Arabela.

— E sem possuir bastantes bens próprios, de fortuna, para proporcionar a seu marido qualquer auxílio permanente, em troca das vantagens que sabia ele teria alcançado, se se casasse conforme os desejos de seu pai? É a isto que as raparigas chamam uma afeição desinteressada, até terem filhos, por sua vez, e verem as coisas sob um aspecto diferente e mais tenebroso.

As lágrimas de Arabela jorravam copiosas, enquanto ela se desculpava com a sua mocidade e inexperiência, com a paixão que a levava a dar semelhante passo, com a falta de desvelos e conselhos dos pais, quase desde a infância.

— Andou mal — censurou o velhote em voz mais branda —, andou muito mal. Foi um passo romanesco, uma loucura, um péssimo cálculo.

— A culpa foi minha, senhor, foi toda minha — replicou a pobre Arabela, chorando.

— Deixe-se de tolices! Não foi por culpa sua que ele se apaixonou, suponho. Talvez fosse — continuou o velho olhando maliciosamente para Arabela. — A culpa, com efeito, foi sua. Não estava nele impedi-lo.

Este pequeno cumprimento, ou a forma estranha por que o sujeito o formulara, ou a mudança em seus modos — muito mais amáveis do que a princípio —, ou as três causas reunidas, arrancaram a Arabela um sorriso por entre as lágrimas.

— Onde está o seu marido? — perguntou abruptamente o desconhecido, suspendendo um sorriso prestes a acudir-lhe aos lábios.

— Estou à espera dele a todo momento. Convenci-o a que desse um passeio hoje cedo. Está angustiado e abatido, por não receber notícias de *seu* pai.

— Ah! Está abatido! É bem-feito!

— É por minha causa que ele mais sofre, e é por causa dele que eu mais sofro. Fui eu a única culpada de ele chegar à presente situação.

— Não se aflija por sua causa, minha querida, pois só tem o que merece. Quanto a mim, estimo-o, estimo-o deveras, pelo que lhe diz respeito.

Mal acabava o velhote de proferir estas palavras, ouviram-se passos a subir a escada, que tanto ele como Arabela pareceram reconhecer ao mesmo tempo.

O velho empalideceu; e, esforçando-se por aparentar serenidade, ergueu-se quando o sr. Winkle surgiu no quarto.

— Meu pai! — bradou este, recuando com espanto.

— Sim, senhor — replicou o velho. — Então, que tem a dizer-me?

O sr. Winkle ficou silencioso.

— Tem vergonha do que fez, com certeza — ralhou o velho cavalheiro.

O sr. Winkle continuou calado.

— Tem vergonha ou não tem? — perguntou o velho.

— Não, senhor! — respondeu o sr. Winkle, pegando o braço de Arabela.
— Não me envergonho, nem de mim, nem de minha mulher.

— Com efeito! — exclamou o velhote com ironia.

— Deploro haver praticado um ato que diminui a sua afeição por mim; mas declaro-lhe ao mesmo tempo não ter motivo para envergonhar-me de ter esta senhora por minha esposa, nem o senhor de a ter por filha.

— Dê-me a sua mão, Nat — disse o velho com voz alterada. — Dê-me um beijo, meu amor; você, afinal de contas, é uma nora de encantar!

Daí a minutos o sr. Winkle foi em busca do sr. Pickwick; e, ao voltar em sua companhia, apresentou-o ao pai, trocando-se apertos de mão, durante cinco minutos consecutivos.

— Sr. Pickwick, de coração agradeço-lhe os obséquios feitos a meu filho — declarou o velho com rude franqueza. — Sou um precipitado, e, da última vez que o vi, estava surpreso e bastante irritado. Agora julguei por meus próprios olhos, e estou mais que satisfeito. Deseja que lhe apresente mais desculpas, sr. Pickwick?

— Nem mais uma sequer. O senhor fez a única coisa que faltava para completar a minha felicidade.

Houve em seguida nova troca de apertos de mão, durante outros cinco minutos, acompanhados de grande número de frases laudatórias, que tinham o raro e especial merecimento de serem sinceras.

Sam reacompanhou filialmente o pai até a Bela Selvagem. À volta, deparou-se-lhe no pátio o rapaz gorducho que viera trazer um bilhete de Emília Wardle.

— Olhe lá! — disse Joe, que estava na ocasião excepcionalmente falador. — A bonita rapariga que é a Maria, não acha? Gosto dela até não mais poder, palavra!

Sam não deu resposta verbal, mas fitou o rapazote um momento, admirado de sua presunção, agarrou-o pelo gasnete, levou-o para um canto e despediu-o com um inocente pontapé, porém cerimonioso. Depois entrou em casa, a assobiar.

CAPÍTULO LVII

EM QUE SE DISSOLVE DEFINITIVAMENTE O CLUBE PICKWICK, CONCLUINDO TUDO COM SATISFAÇÃO GERAL.

DURANTE UMA SEMANA INTEIRA, depois da feliz chegada do sr. Winkle de Birmingham, o sr. Pickwick e Sam Weller estiveram todo santo dia fora de casa, voltando tão-somente à hora de jantar e assumindo um ar de mistério e importância absolutamente estranhos à natureza de ambos. Era evidente que se apresentava um acontecimento notável, mas vários eram os rumores que corriam sobre o que poderia ser. Alguns, entre os quais o sr. Tupman, estavam dispostos a pensar que o sr. Pickwick andava em projetos de aliança matrimonial, mas as damas repudiavam semelhante idéia, e com toda a energia. Outros inclinavam-se à crença de que ele se preparava para alguma viagem longínqua, e andava atarefado com os preparativos indispensáveis. Esta hipótese, porém, era vigorosamente negada pelo próprio Sam, que declarara sem sombra de dúvida, quando interrogado por Maria, que não se tentariam novas jornadas. Afinal, depois que todos deram inutilmente trato à bola, por seis longos dias, resolveu-se por unanimidade que se chamasse o sr. Pickwick para explicar seu procedimento e declarar positivamente os motivos que o haviam levado a ausentar-se da companhia dos amigos e admiradores.

Nesse propósito, o sr. Wardle convidou a todos para um jantar no Adelphi e, depois que as garrafas de vinho deram duas voltas à roda da mesa, encetou a palestra nos seguintes termos:

— Todos estamos ansiosos por saber o que fizemos para ofender o amigo Pickwick, a ponto de ele nos abandonar, consagrando-se a passeios solitários.

— Deveras? — interveio o sr. Pickwick. — Pois tinha a intenção de dar-lhes hoje mesmo uma explicação espontânea e completa. Por-tanto, se me der mais um copo de vinho, vou satisfazer-lhes a curiosidade.

As garrafas passaram de mão em mão com extraordinária rapidez, e o sr. Pickwick, circunvagando o olhar pelo rosto dos amigos, continuou, com um sorriso de contentamento:

— Todas as transformações que entre nós se deram, quero dizer, o casamento que se realizou e o casamento que se há de realizar, com as mudanças que implicam, impunham-me a necessidade de refletir desde já e maduramente sobre meus futuros projetos. Resolvi retirar-me para um lugar aprazível e sossegado, nos arrabaldes de Londres. Já vi uma casa que se adapta perfeitamente aos meus desejos. Adquiri-a e mobiliei-a. Está pronta para receber-me e tenciono instalar-me nela imediatamente, confiando que poderei viver ainda vários anos com sossego e alegria, regozijando-me na companhia de meus bons amigos e seguido depois da morte pelas suas saudosas recordações.

O sr. Pickwick calou-se um momento e ouviu-se um leve murmúrio em torno da mesa.

— A casa que escolhi — prosseguiu ele — é em Dulwich. Tem um grande jardim, e está situada num dos lugares mais aprazíveis dos subúrbios de Londres. Foi disposta com todo o desvelo pelas comodidades da vida, e talvez até com elegância. Vendo-a, os meus amigos ajuizarão. Sam acompanha-me. Ajustei, por instigações de Perker, uma governanta — por sinal muito velha —, e o resto da criadagem que ela julgou necessária. Proponho-me consagrar minha vivenda pela realização de uma cerimônia em que tenho o máximo interesse. Desejo, se o amigo Wardle não se opõe, que o casamento de sua filha saia da minha nova casa, no dia em que eu tomar posse dela. A felicidade da gente moça — prosseguiu o sr. Pickwick, comovido — tem sido o prazer principal de minha vida. Dar-me-á calor ao coração o presenciar, sob o meu próprio teto, a ventura dos amigos que me são mais caros.

O sr. Pickwick calou-se de novo; e Emília e Arabela soluçaram alto.

— Verbalmente e por escrito — continuou o sr. Pickwick — comuniquei a minha intenção ao clube, que muito sofreu com as dissensões intestinas, durante a nossa prolongada ausência. A minha saída, junto com outras circunstâncias, deu em resultado sua dissolução. O Clube Pickwick deixou de existir. Por frívola que a muitos se afigurasse a minha ânsia de novidades — prosseguiu em voz baixa —, nunca lamentarei o ter dedicado a maior parte destes dois anos ao estudo das diversas variedades do caráter humano. Como quase toda a minha vida anterior fora consagrada aos negócios e ao conseguimento da fortuna, surgiram-me diante dos olhos numerosas cenas de que não tinha a menor idéia. Espero que tenham concorrido para me alargarem a inteligência e melhorarem o espírito. Se pouco bem pude fazer, estou convencido de que menos mal fiz ainda, e de que neste declinar da vida

nenhuma de minhas aventuras será mais para mim que uma fonte de agradáveis e divertidas recordações. Deus os abençoe a todos!

Tendo proferido estas palavras, o sr. Pickwick encheu e esvaziou logo um copo com as mãos trêmulas e os olhos úmidos de lágrimas, quando os seus amigos se ergueram num movimento simultâneo para brindarem-no de todo o coração.

Havia poucos preparativos a fazer para o casamento do sr. Snodgrass. Como ele não tivesse pai nem mãe, e fora na minoridade pupilo do sr. Pickwick, estava perfeitamente informado sobre as suas posses e esperanças. A conta que delas deu satisfaz cabalmente o sr. Wardle — como o teria satisfeito qualquer outra, porque o boníssimo velho estava exuberante de alegria e ternura.

Dado que foi a Emília um belo dote, fixou-se o casamento para dali a quatro dias, e esta precipitação quase levou um alfaiate e três modistas ao auge da loucura.

No dia imediato o sr. Wardle pôs cavalos de posta à carruagem e partiu a fim de trazer sua mãe à cidade. Ao comunicar à velhinha a notícia, com sua característica impetuosidade, ela imediatamente desmaiou; mas, tendo sido logo reanimada, deu ordem para que na mala metessem o seu vestido de brocado de seda, e começou a narrar circunstâncias de análoga natureza referentes ao casamento da filha mais velha da defunta lady Tollinglower, narrativa que levou três horas e que não chegou ao meio.

A sra. Trundle teve de ser informada de todos os solenes preparativos que se faziam em Londres. Como o seu estado de saúde fosse nessa ocasião bastante delicado, foi o sr. Trundle quem lhe comunicou a nova, com receio de forte comoção. Mas nem por isso ela foi demasiada, visto que logo escreveu para Muggleton, a fim de encomendar um vestido de cetim preto e um chapéu novo, e declarou sua firme intenção de assistir à cerimônia. À vista disso, o sr. Trundle mandou chamar o doutor, que declarou ser a sra. Trundle quem melhor podia saber como se sentia. A isto a sra. Trundle respondeu que se sentia com forças para ir, e que estava resolvida a ir. Ora, como o doutor fosse discreto, prudente, e soubesse o que lhe convinha a ele próprio assim como aos outros, disse que, se a sra. Trundle ficasse em casa, talvez se molestasse mais com a impaciência do que com a viagem, e, portanto, era preferível que fosse. E ela foi, levando para tomar no caminho uma dúzia de remédios que o doutor teve o cuidado de mandar-lhe.

Além destes motivos de distração, Wardle foi encarregado de duas cartinhas para duas meninas que deviam representar o papel de damas de honor. Ao receber as cartinhas, as ditas meninas chegaram ao auge do desespero, por não terem nada que vestir para um ato tão solene, nem tempo para fazer coisa alguma — circunstância que pareceu inspirar satisfação aos dignos pais das sobreditas meninas. Contudo, arranjaram-se uns vestidos velhos, fizeram-se uns chapéus novos, e as meninas apareceram tão lindas quanto era de esperar; e como durante a cerimônia tremeram nas ocasiões convenientes e choraram nos momentos apropriados, desempenharam-se do seu encargo com admiração de todos os convidados.

Não se sabe ao certo como os dois parentes pobres chegaram a Londres; se foram a pé, ou na traseira das diligências, se foram às costas um do outro ou se treparam em alguma carroça; o certo é que lá estavam, e antes de Wardle; e as primeiras pessoas que bateram à porta da casa do sr. Pickwick, na manhã do casamento, com a cara toda sorrisos, foram os dois parentes pobres.

Foram recebidos com cordialidade, porque a pobreza ou a riqueza não tinham influência alguma sobre o sr. Pickwick. Os criados novos estavam cheios de atividade, Sam, inigualável de alegria e excitação, Maria fulgurante de beleza e fitas espantosas.

O noivo que há três dias se hospedava em casa do sr. Pickwick, saiu galhardamente para a igreja de Dulwich ao encontro da noiva, acompanhado pelo sr. Pickwick, Bob Sawyer, Ben Allen e o sr. Tupman, levando Sam Weller no exterior da carruagem, revestido de uma libré nova e pomposa, expressamente inventada para a ocasião, e com uma fitinha branca na botoeira, presente da namorada. Juntaram-se a eles os Winkles, os Wardles e a noiva, mais as damas de honor e os Trundles; e, realizada a cerimônia, rodaram de novo os carros para a casa do sr. Pickwick, onde se serviria o almoço e onde já os esperava o sr. Perker.

Dissiparam-se lá todas as ligeiras nuvens de melancolia, ocasionadas pela solenidade da cerimônia. Todos os rostos iluminaram-se jubilosos, e não se ouviram senão cumprimentos e felicitações. Era tudo uma beleza. A relva na frente da casa, o jardim atrás, a minúscula estufa, o salão, a sala de jantar, os quartos de dormir, a sala de fumar e sobretudo o gabinete de trabalho, com suas poltronas e quadros, as mesas extravagantes, as esquisitas secretárias, e livros sem conta, com uma ampla janela cheia de luz, deitando sobre um aprazível gramado e dominando uma bela paisagem, semeada de casinhas meio

ocultas entre o arvoredo, e depois os tapetes, reposteiros, cadeiras, e sofás! Era tudo tão sólido, tão belo e aseado, no parecer de toda gente, que na realidade não havia meio de decidir o que mais se devia admirar!

No meio disto tudo erguia-se o sr. Pickwick, a fisionomia refulgente de sorrisos, a que não podia resistir coração algum de homem, de mulher nem de criança. Era ele o mais feliz do grupo, apertando repetidas vezes as mãos às mesmas pessoas, e, quando não dava esse trabalho às próprias mãos, esfregava-as com regozijo, virando-se para um e outro lado a cada nova frase de curiosidade ou congratulação, e encantando toda a gente com seus olhares de alegria e beatitude.

Anuncia-se o almoço. O sr. Pickwick conduz ao topo de uma longa mesa a velhinha que falava com eloquência de Lady Tollinglower; Wardle assenta-se no outro extremo, os demais convivas acomodam-se de um e de outro lado. Sam toma o seu posto por trás da cadeira do amo, cessam os risos e falatórios. O sr. Pickwick reza a ação de graças, cala-se um instante e olha à sua volta. Nisto lágrimas deslizam-lhe pelas faces, na plenitude de sua alegria.

Despeçamo-nos do nosso velho amigo num desses momentos de felicidade sem mistura, dos que sempre encontramos alguns na vida que nos alegrem a transitória existência. Há na terra sombras negras, mas os clarões brilham com mais força, mercê do contraste. Há homens, semelhantes aos morcegos ou aos mochos, que têm melhores olhos para as trevas que para a luz. A nós, que não possuímos esse poder óptico, apraz-nos de preferência lançar o derradeiro olhar de despedida aos companheiros imaginários de muitas horas de isolamento, no instante preciso em que o rápido clarão da felicidade terrena os banha em cheio.

É sina da maioria dos homens que andam pelo mundo, mesmo dos que apenas atingem a primavera da vida, adquirirem um certo número de amigos sinceros e perdê-los depois, segundo a ordem natural das coisas. É sina de todos os cronistas ou autores o criarem amigos de fantasia e perdê-los, segundo o curso da arte. Não chega a isto apenas a extensão do seu infortúnio, porque, de mais a mais, lhe exigem o darem conta deles.

Em obediência a este costume — inquestionavelmente um mau costume — acrescentamos aqui uns ligeiros pormenores biográficos com respeito à sociedade reunida em casa do sr. Pickwick.

O sr. Winkle e sua esposa, afetuosamente acolhida pelo sr. Winkle sênior, instalaram-se pouco depois numa casa recentemente construída, a menos de

meia milha da do sr. Pickwick. Como o sr. Winkle ficasse empregado na qualidade de correspondente ou agente de seu pai em Londres, mudou o antigo traje pelo vestuário comum aos ingleses, apresentando dali por diante todo o aspecto exterior de um cristão civilizado.

Os esposos Snodgrass estabeleceram-se em Dingley Dell, onde adquiriram e cultivaram uma pequena granja, mais para se entreterem do que com o objetivo de lucros. O sr. Snodgrass, que ainda tem ares melancólicos e abstratos, goza até hoje da reputação de grande poeta, no círculo de seus conhecidos e amigos, conquanto ignoremos tenha escrito alguma vez qualquer coisa que lhe justifique a fama. Conhecemos um número infinito de celebridades, tanto filosóficas, como literárias e de outros ramos, cuja alta reputação não tem melhores fundamentos.

O sr. Tupman, depois que os amigos casaram e o sr. Pickwick se instalou definitivamente, arranjou casa em Richmond, onde desde então sempre residiu; e, durante os meses do verão, passeia constantemente à margem do rio, com um ar de mocidade que lhe tem valido a admiração de numerosas solteironas, residentes nos arredores. Mas nunca se tornou a comprometer.

O sr. Bob Sawyer, depois de ter falido, partiu para Bengala, em companhia do sr. Benjamim Allen, contratados como cirurgiões pela Companhia das Índias Orientais. Ambos tiveram catorze vezes febre amarela e em seguida resolveram experimentar um pouco de abstinência. Desde então passam perfeitamente.

A sra. Bardell alugou quartos a muitos cavalheiros solteiros e delicados, auferindo grandes lucros, mas sem nunca mais intentar demandas por quebra de compromisso de casamento. Seus procuradores, os srs. Dodson e Fogg, continuam com seus negócios, em que realizam grandes proventos, e são geralmente considerados espertalhões de mão-cheia.

Sam Weller cumpriu a palavra e permaneceu solteiro por dois anos. Como a velha governanta morresse ao fim desse período, o sr. Pickwick promoveu Maria àquele cargo, com a condição de casar logo com Sam Weller, o que ela executou sem um murmúrio. A circunstância de se verem muitas vezes dois garotos travessos à porta do jardim leva-nos a crer que Sam aumentou a família.

O velho sr. Weller andou a guiar uma diligência durante um ano, mas viu-se obrigado a aposentar-se, depois de um forte ataque de gota.

Mas, como o conteúdo da carteira fora muito bem empregado em seu proveito pelo sr. Pickwick, tinha ele uma bela independência, com que ainda vive, numa excelente pousada, ao pé de Shooter's Hill. Ali é reverenciado como um oráculo, orgulhando-se de sua intimidade com o sr. Pickwick, e conservando sempre invencível aversão às viúvas.

Quanto ao sr. Pickwick, continuou a residir em sua nova casa, empregando as horas de lazer em elaborar memórias com que presenteou mais tarde o ex-secretário do célebre e finado clube, ou em ouvir Sam Weller ler alto com as observações que lhe acudiam ao cérebro e que nunca deixam de divertir altamente o sr. Pickwick. A princípio incomodou-se muitíssimo com os numerosos convites que lhe eram dirigidos pelos srs. Winkle, Snodgrass e Trundle, para servir de padrinho à sua prole, mas afinal habituou-se e já desempenha tais funções como coisa corrente. Nunca teve ensejo de arrepende-se de sua bondade para com o sr. Jingle, porque tanto este como Job Trotter tornaram-se afinal membros respeitáveis da sociedade, apesar de sempre se haverem recusado, e tenazmente, a voltar para o teatro de seus velhos vícios e antigas tentações.

O sr. Pickwick acha-se presentemente um pouco doente, mas conserva a primitiva juventude de espírito. Ainda se pode vê-lo freqüentes vezes a contemplar os quadros na Galeria Dulwich ou pelos agradáveis arredores, a dar o seu passeio nos dias de bom tempo. É conhecido por toda a gente pobre das proximidades, que nunca deixa, quando ele passa, de lhe tirar o chapéu com o maior respeito. As criancinhas idolatram-no, e, a falar verdade, o mesmo faz toda a vizinhança.

Aparece todos os anos numa grande e alegre reunião de família, em casa do sr. Wardle. Nesta, assim como nas demais ocasiões, é acompanhado invariavelmente pelo fiel Sam; entre este e seu amo existe uma recíproca e segura afeição, que só a morte poderá quebrar.

FIM

POSFÁCIO

OBJETIVIDADES ESPANCADAS

NENHUMA AVALIAÇÃO DA OBRA de Charles Dickens pode, sob pena de perder um de seus aspectos mais prolíficos, deixar de lado o meio de veiculação que o grande escritor utilizou durante toda a sua vida: o jornal. Muito jovem, Dickens começa a trabalhar na imprensa e vê seu talento literário reconhecido nas suas reportagens sobre o cotidiano londrino. Os leitores mais atentos percebiam a veia descritiva e o cuidado estilístico com que o jovem compunha aqueles retratos, um tanto incomuns para as matérias mais corriqueiras.

Enviado para cobrir eventos cujo foco era normalmente a aparição de uma grande personalidade, conforme conta André Maurois na pequena biografia que dedicou a Dickens^[27], o rapaz já tinha os olhos afiados para, entre a paisagem nebulosa e a multidão inquieta, enxergar os tipos que terminaram por povoar seus caudalosos volumes. Já nas suas primeiras crônicas aparecem o senhor elegante e atrapalhado, o autêntico puxa-saco que sempre o acompanha, a criança abandonada, a mãe atrás de algum auxílio, o ladrãozinho vagabundo, uma infinidade de estalagens e, entre muitos outros, a velha gorda e solteirona atrás de casamento, sua criada e a reunião de amigas, certamente ansiosas pela hora do próximo chá.

É fácil ver que Dickens sempre teve um forte apego à pintura de caracteres: uma pista fácil para isso é o título de vários de seus romances, batizados com o nome da personagem principal. Também fica clara a disposição de narrar uma série de incidentes, muitas vezes urbanos. Pode-se afirmar que muitas de suas tramas são coleções de situações, cômicas ou trágicas geralmente, que vão se acumulando em torno das personagens. Ora, tanto o retrato de tipos, conveniente para criar uma fauna curiosa, quanto o encadeamento de quiproquós, favorecem a publicação pela imprensa. Se um diverte ou emociona o leitor, o outro oferece em pouco espaço a chance de leitura de uma trama quase completa. A união dessas duas habilidades desperta no leitor, claro, a vontade de conhecer mais um trecho. Não é preciso esconder

que Charles Dickens, portanto, foi um dos melhores praticantes da forma literária do folhetim.

Por causa do sucesso de seus primeiros textos, reunidos depois sob o título de *Sketches by Boz*, Dickens recebe o convite para, no mesmo jornal, o *Morning Chronicle*, publicar uma narrativa mais longa e encadeada. O objetivo, também segundo Maurois, era o de ilustrar uma série de esboços que seriam desenhados por um grande artista da época. Impulsionado pelo sucesso anterior, Dickens tem a idéia de inventar um grupo de senhores, liderados por um certo senhor Pickwick, que reunidos em um clube tinham por hábito anotar aspectos e acontecimentos da vida corriqueira de Londres. Salta aos olhos a habilidade do autor: seu desejo de continuar pintando retratos e contando situações pitorescas pode agora ser amarrado a um grupo de lunáticos cuja principal função parece ser mesmo a de dar suporte à vontade que o autor tinha de continuar publicando suas descrições. Sintomaticamente, o livro em que o folhetim resultou chamou-se, em inglês, *The Pickwick Papers*.

Também não parece mero entretenimento jornalístico a idéia de casar o texto de Dickens a uma ilustração. Como vínhamos dizendo, o autor é inclinado a praticar a forma do retrato. Além disso, cabe destacar o aspecto plástico de muitos dos trechos da obra dickensiana: a famosa perseguição do bandido Sikes em *Oliver Twist* é descrita com a multidão muitas vezes congelada, o que favorece, evidentemente, a cor dos detalhes e a planificação do ambiente. Pode-se dizer que o autor tenta, mesmo, fixar um ponto de fuga. Quem conhece aquele trecho sabe que, muito embora todo o ambiente seja descrito, as linhas todas convergem para onde está o bandido.

Um argumento a mais para a defesa da hipótese do retrato é o adjetivo que o autor cunha para unificar alguns tipos, mais precisamente os antológicos *pickwickianos*. É claro que, distintos dos outros por uma alcunha identificadora, interessa então para Dickens retratá-los com mais vagar. Pode ser justamente essa, a investigação do adjetivo, uma das chaves para a leitura de *As aventuras do sr. Pickwick*, o primeiro romance de Charles Dickens e o começo de seu grande sucesso junto ao público leitor de folhetins.

O livro se inicia com a fundação do Clube Pickwick, uma agremiação séria e organizada, dotada de sócios, estatutos e normas razoavelmente rígidas. O objetivo dos membros do clube é recolher anotações sobre a vida de Londres e arredores. Elaboradas e investidas de estofamento científico, as anotações são levadas a público para discussão e posterior registro nos papéis que, com toda

segurança, servirão para dar norte a estudos de alta investidura sobre a sociedade, o homem e o ambiente que circundava os pickwickianos.

Assim, animados pela necessidade de apresentar resultados ao público, o grupo de senhores, todos de meia idade e boa posição social, saem em comitiva atrás de situações que possam servir de foco para uma análise. Dickens realiza, com intenção satírica evidentemente, uma espécie de tentativa de etnografia da capital inglesa, ridicularizando, nas entrelinhas, a febre cientificista que começava a invadir as sociedades cultas da época.

Entrelaçadas ao enredo, as próprias anotações aparecem para deixar no leitor alguma impressão de verossimilhança. Muito embora tenham um claro interesse estilístico — o de confirmar a habilidade de Dickens no manejo da língua — o que mais chama a atenção é a enorme série de trapalhadas, rapaziadas e tolices que o grupo de senhores consegue realizar enquanto tenta colher seus apontamentos. O principal deles, o famigerado senhor Pickwick, tem especial predileção por, a partir de um fato banal, arranjar uma extraordinária confusão quando, invariavelmente, termina apanhando. A propósito, uma das principais características dos pickwickianos é o pendor por levar cascudos.

Antológica, por exemplo, é a passagem em que o senhor Pickwick resolve procurar a dona de uma hospedaria para ver se a mulher não lhe indicaria um criado. Com sérios problemas de comunicação, a personagem principal acaba dando a entender à senhora, ela mesma péssima entendedora, a impressão de que deseja pedi-la em casamento. Desfeito o mal-entendido, Pickwick apanha do filho da noiva frustrada e termina, depois da entrada em cena de dois advogados trapaceiros, sendo julgado e, centenas de páginas à frente, preso por se recusar a pagar à mulher uma indenização.

Antes da prisão, que servirá de motor para a solução do livro, os pickwickianos ainda vivem uma enormidade de aventuras: apanham de um cocheiro, desconfiados de que aqueles blocos de anotação eram coisas de polícia; discutem com alguns guardas e terminam enrolando um juiz e, entre outras coisas, chegam às vias de fato no confronto com outras sociedades eruditas. Nada, contudo, abala o ânimo dos amigos que, passada uma aventura (ou seja, encerrado outro número do folhetim), estão prontos para a próxima. George Worth^[28] aponta para o fato de que os acontecimentos não influem no jeito de pensar e de viver dos pickwickianos.

O protagonista, por exemplo, após passar longos meses na cadeia, testemunhando sanções que depois se tornariam históricas nos outros livros do autor, volta à liberdade sem aparentemente sofrer qualquer modificação na sua maneira de pensar. Cabe registrar, portanto, que além de patéticos, os pickwickianos são razoavelmente frívolos.

Por trás da aparente banalidade deles, existe é claro uma questão séria: a do estatuto do discurso científico. Se tudo fosse uma questão de mera loucura de um grupo de patetas, Dickens circunscreveria sua sátira a alguns ambientes fechados. O fato é que as discussões extrapolam a patota e atingem o meio que constituía a ciência do período. O rebaixamento operado pelo autor, que é ainda mais eficaz quando acompanhado pela caricatura, recurso em que Dickens é mestre, cria o efeito de afastar do discurso científico a aura de razão e seriedade que sempre, desde muito, aproxima-o de algo conhecido como “verdade”.

Afirmar que o romance é uma crítica ao cientificismo talvez seja um passo muito largo. No entanto, *As aventuras do sr. Pickwick* sem dúvida fazem rir da pretensão de objetividade desse tipo de relato. A propósito, objetividade deve ser a última coisa que aparece na trama. Além do excesso de gaiatismo dos pickwickianos, a série de colagens de textos de ordem diversa acaba criando uma multiplicidade de planos cuja coerência, às vezes, só pode ser encontrada justamente na necessidade de confusão. Formalmente, o que é um achado notável do autor, o romance também é um pouco pickwickiano.

O que não quer dizer, de jeito nenhum, que haja qualquer frivolidade na forma concebida para *As aventuras do sr. Pickwick*. Vale a pena, sem dúvida, tentar entender como Dickens articulou o folhetim para torná-lo romanescamente eficaz. É prolífico, também, perceber como a acidez de Jonathan Swift termina, nesse caso, retrabalhada para uma sátira de humor mais leve e sorridente.^[29] No entanto, agora, quase duzentos anos depois, quando a prisão por dívida foi abolida mas o discurso científico satirizado por Dickens não produz qualquer efeito de choque, já que se tornaram normais, acho irresistível tentar investigar o que torna *As aventuras do sr. Pickwick* uma metáfora viva.

Se tomado como mero reflexo da realidade, o livro obviamente não tem muito interesse, já que contaria um tempo visivelmente ultrapassado. Compreendida, porém, como mola de um jogo sempre renovável, a forma romanesca cunhada por Dickens permite notar como parecem fúteis tanto a

pretensão de verdade do discurso científico — hoje inegável e nada oculta — quanto a dramática autonomia do objeto estético que, desvinculado de seus interesses verdadeiramente ideológicos, tornou-se veículo para a compreensão da “alma humana”.

As duas coisas, contudo, têm uma origem comum: a tentativa de autonomia de algo que não passa exclusivamente de manipulação ideológica de um tipo de linguagem. Antes, Charles Dickens fazia rir descrevendo sujeitos que pretendiam mostrar fielmente como era a cidade de Londres e, mesmo depois de memoráveis surras, não perdiam de vista seu impassível desejo de objetividade e razão. Não há meios de transformar quem acredita que está atrás da verdade. Atualmente, o cenário parece bem mais sem graça, já que tanto a ciência quanto a essência tornaram-se conceitos quase sagrados. Não sei se é agradável calcular quantas surras ainda serão necessárias para que tal vocabulário seja substituído, já que hoje somos mais pickiwickianos do que nunca.

RICARDO LÍSIAS

CRONOLOGIA

- 1812: Nasce em 7 de fevereiro em Landport, subúrbio de Portsmouth, Inglaterra, filho de John, um escrivão da Marinha, e Elizabeth Dickens.
- 1814: O pai, endividado, transfere-se para Londres com a família.
- 1816: O pai transfere-se desta vez para Chatham com a família. Dickens, com alguma instrução, torna-se logo um leitor voraz.
- 1821: Reformas na Marinha afetam o posto de seu pai, prejudicando suas rendas. A família muda-se para uma casa em Camden Town, em Londres.
- 1824: O pai é preso por dívida em 2 de fevereiro e é enviado para Marshalsea, a prisão dos devedores, para onde parte da família o acompanha. Dickens permanece em Londres, separado da família, e para ajudá-la trabalha em uma fábrica de graxa em Hungerford Stairs. Visita seu pai aos domingos. Com o dinheiro recebido de uma pequena herança, seu pai salda as dívidas e é posto em liberdade em 28 de maio. Depois da soltura do pai, a família retorna a Camden Town e Dickens volta aos estudos, freqüentando o externato de Hampstead Road, em Londres.
- 1827: Novas dificuldades econômicas fazem Dickens abandonar definitivamente os estudos e trabalhar para um procurador provincial. Decide tornar-se jornalista.
- 1829: Depois de aprender estenografia, torna-se correspondente autônomo da Câmara dos Comuns, registrando reuniões parlamentares e campanhas eleitorais.
- 1830: Apaixona-se por Maria Beadnell, filha de um banqueiro.
- 1831: Trabalha como correspondente parlamentar durante as agitações do *Reform Bill*.
- 1833: Seu relacionamento com Maria Beadnell termina. Enviado anonimamente para a *Monthly Magazine*, seu texto “Dinner at Poplar Walk” é publicado e obtém sucesso.
- 1834: Dickens passa a redigir uma série de crônicas para o *Morning Chronicle*, jornal de ampla circulação àquela época, sob o pseudônimo de Boz. Seu pai é novamente preso por dívidas; Dickens ajuda-o.
- 1835: Torna-se noivo de Catherine Hogarth, filha do editor-chefe do *Morning Chronicle*, George Hogarth.
- 1836: As primeiras partes de *Sketches by Boz*, pelas quais recebe 150 libras de direitos autorais de seus editores, Chapman e Hall, começam a ser publicadas mensalmente em forma de folhetim. *As aventuras do sr. Pickwick*, ilustradas em parte por Robert Seymour, que se suicida sem concluir o trabalho, aparecem em 30 de março. Data dessa época o primeiro encontro de Dickens e William Makepeace Thackeray, o autor de *Vanity Fair*. Casa-se com Catherine Hogarth em 2 de abril. Torna-se editor da *Bentley's Miscellany*.

Conhece John Forster, que se torna seu amigo mais próximo e viria a escrever a primeira biografia do escritor, *Life of Dickens*.

- 1837: Começa *Oliver Twist*, o qual continua em partes mensais na *Bentley's Miscellany*. A irmã mais nova de Catherine, Mary, por quem Dickens era muito afeiçoado, morre. Catherine dá à luz o filho Charles, o primeiro dos sete filhos e três filhas do casal. *As aventuras do sr. Pickwick* terminam.
- 1838: Nasce Mary, sua primeira filha. Começa a redigir *Nicholas Nickleby* em outubro.
- 1839: Nasce Kate, sua segunda filha. Inicia *A loja de antiguidades*.
- 1841: Em fevereiro, termina *A loja de antiguidades*. Começa a escrever *Barnaby Rudge*. Dickens e Catherine viajam pela Escócia. Nasce seu segundo filho, Walter.
- 1842: Depois de terminar *Barnaby Rudge*, nutrindo grande expectativa pela república norte-americana, parte em viagem para lá, junto da esposa, onde vem a conhecer pessoalmente Edgar Allan Poe. Desapontado com os Estados Unidos, apesar da calorosa acolhida, escreve *American Notes*, com base nas impressões que teve do país.
- 1843: Começa *Martin Chuzzlewit*, que não repete o mesmo sucesso das obras anteriores. *Um conto de Natal*, a primeira de suas histórias de Natal, aparece em dezembro.
- 1844: Nasce seu terceiro filho, Francis Jeffrey. Viaja pela Itália com a família. Retorna a Londres em dezembro, quando *Os sinos de Ano Novo* são publicados. Deixa Londres e vai para Gênova.
- 1845: Nasce Alfred, seu quarto filho. Estréia de sua companhia de teatro amador. *O grilo da lareira* é publicado. Volta para a Inglaterra em julho.
- 1846: Começa a escrever o romance *Dombey and Son*, sua obra mais bem planejada até então, ao qual se dedica até abril de 1848. Viaja com a família para Lausanne e, depois, para Paris. *The Battle of Life* aparece em dezembro.
- 1847: Volta à Inglaterra. Nasce o quinto filho, Sydney.
- 1848: Dirige e atua na companhia de teatro. Publica a última das histórias de Natal, *The Haunted Man*, em dezembro.
- 1849: Nasce o sexto filho, Henry Fielding, assim chamado em homenagem ao autor de *Tom Jones*. A partir de sua amarga visão das instituições inglesas, inicia *David Copperfield*, em novembro. Funda e edita o semanário *Household Words*, uma revista semanal que combina entretenimento e propósitos sociais.
- 1850: Nasce sua terceira filha, Dora Annie.
- 1851: Começa a trabalhar em *Casa desolada*, obra de forte conteúdo social.
- 1852: *Casa desolada* começa a aparecer em capítulos mensais. Nasce Edward, o sétimo filho.
- 1853: *Casa desolada* termina em setembro. Viaja pela Itália com Augustus Egg e Wilkie Collins, um dos autores que popularizaram o romance de mistério e cuja obra mais

conhecida é *A pedra da Lua*. Volta à Inglaterra. Dá a primeira de suas muitas leituras públicas dos próprios trabalhos. Veraneia por Boulogne, na França.

- 1854: *Tempos difíceis*, também de temática social, aparece semanalmente em *Household Words* até agosto. Em outubro, viaja para Paris com a família. *A pequena Dorrit* começa a ser publicada mensalmente.
- 1856: Dickens e Wilkie Collins escrevem a peça *The Frozen Deep*. Adquire a propriedade de Gad's Hill, um de seus sonhos de infância.
- 1857: *A pequena Dorrit* termina em junho. Com a família, passa o verão na reformada Gad's Hill. Hans Christian Andersen, cujos contos de fada Dickens tanto admirava, visita-o. Sua companhia de teatro amador representa *The Frozen Deep* para a rainha Vitória. Apaixona-se por Ellen Ternan, uma jovem atriz.
- 1858: Em Londres, empreende suas primeiras leituras públicas pagas. Desentende-se com Thackeray. Separa-se de Catherine.
- 1859: Suas leituras públicas em Londres continuam. Funda um novo semanário, *All the Year Round*, que sucede *Household Words*. *Um conto de duas cidades* é publicado em episódios até novembro.
- 1860: Sua filha Kate casa-se e, dez dias depois, o irmão Alfred morre. Queima várias cartas de cunho pessoal. *Grandes esperanças*, sua obra-prima, começa a ser publicado semanalmente.
- 1861: Suas leituras públicas continuam em Londres. Os episódios de *Grandes esperanças* terminam em agosto.
- 1863: Morre-lhe a mãe, Elizabeth. Continua suas leituras públicas em Paris e Londres. Reconcilia-se com Thackeray pouco antes da morte deste.
- 1864: Seu filho Walter morre na Índia. Os capítulos de *Our Mutual Friend* aparecem mensalmente. Dickens adocece, devido, em grande parte, ao excesso de trabalho.
- 1865: Um acidente na estrada de ferro fere seriamente Dickens e Ellen Ternan. *Our Mutual Friend* termina em novembro.
- 1866: Continua suas leituras públicas na Inglaterra e Escócia.
- 1867: Mantém as leituras públicas pela Inglaterra e Irlanda. Debilitado, continua trabalhando, a despeito dos conselhos médicos. Embarca para uma série de leituras públicas nos Estados Unidos.
- 1868: De volta dos Estados Unidos, seu estado de saúde piora, mas, ainda assim, encarrega-se de atividades adicionais no semanário *All the Year Round*.
- 1869: Apresenta os primeiros sintomas de uma paralisia; as leituras são canceladas. Começa a redigir *O mistério de Edwin Drood*.
- 1870: Suas últimas leituras públicas ocorrem em Londres. Sofre uma recaída em 8 de junho, em Gad's Hill, depois de um dia intenso de trabalho. Morre em 9 de junho e é

enterrado em 14 de junho na Poet's Corner, em Westminster Abbey. A última parte que escreveu de seu não concluído *O mistério de Edwin Drood* é publicada em setembro.

- [1] Vice-presidente perpétuo — membro do Clube Pickwick.
- [2] Presidente geral — membro do Clube Pickwick.
- [3] Notável exemplo da força profética da imaginação do sr. Jingle; este diálogo ocorreu em 1827 e a revolução, em 1830.
- [4] Tradução de K. D’Avelar. (N. do T.)
- [5] Senhora Leão Caçador. (N. do T.)
- [6] *Feasts of reason and floms of soul*, expressão que se tornou proverbial para ridicularizar as reuniões onde não há nada para se comer nem beber. (N. do T.)
- [7] Traduções de K. D’Avelar. (N. do T.)
- [8] Pig Vig quer dizer cabeleira de porco e big vig, cabeleira grande, como a usavam os juristas da Inglaterra. (N. do T.)
- [9] Tradução de K. D’Avelar.
- [10] É o nome que se dá a certas casas mobiliadas, habitadas, de ordinário por advogados ou estudantes. (P. Grolier.)
- [11] Melhor. Mas isto pertence ao passado, a tempos melhores, e a prisão já não existe.
- [12] Moinho que os condenados movimentavam andando sobre um cilindro. (P. Grolier.)
- [13] Existe, nas festas de Natal, o costume de pendurar um ramo de agárico na sala de reuniões, e quem conseguir levar uma dama para baixo do ramo tem o direito de beijá-la. (P. Grolier.)
- [14] Um *snap-dragon* é um prato de nozes, passas, etc., mergulhados em pequena quantidade de aguardente em chamas que é preciso retirar sem queimar os dedos. (P. Grolier.)
- [15] Tradução de K. D’Avelar. (N. do T.)
- [16] Tradução de K. D’Avelar. (N. do T.)
- [17] No dia de são Valentim, as cartas que os namorados escrevem às suas pretendidas terminam, em geral, por estas palavras: “Quer-me para seu Valentim?”. Daí o nome dado a essas cartas, muitas das quais se vendem já compostas e ilustradas. (K. D’Avelar.)
- [18] Chamam-se *valentinas* as cartas de amor que vendem as papelarias quinze dias antes do dia de são Valentim. Nesse dia, namorados e namoradas, sob o manto do anonimato, costumam dirigir uns aos outros declarações amorosas, sérias ou irônicas, e que terminam quase sempre com estas palavras: “Queres que eu seja o teu Valentim?”. Daí o nome genérico dado às cartas.
- [19] Os quacres conservam o chapéu na cabeça em ocasiões em que os outros se acham na obrigação de tirá-lo.
- [20] Rua em que se ergue a prisão por dívidas.
- [21] Diz-se em gíria britânica que andam caiados os devedores insolúveis. (N. do T.)
- [22] Bebida composta de vinho, sumo de laranja e açúcar. (N. do T.)
- [23] Em inglês, dead letters, cartas atiradas fora. (N. do T.)
- [24] Alusão a um episódio da Viagem sentimental de Sterne. (N. do T.)
- [25] O digno cocheiro pronunciava sempre Veller em vez de Weller.
- [26] Barreira com molinete que existe em muitas estradas inglesas e onde os carros pagam portagem. (N. do T.)
- [27] MAUROIS, André. Dickens. São Paulo: Dominus Editora, 1963.

[28] WORTH, George. Dickensian Melodrama. Kansas: The University of Kansas, 1978.

[29] Além disso, cabe lembrar que a sátira ao discurso científico repercutiu entre nós na obra de Machado de Assis, ele mesmo um praticante notável da forma do retrato e hábil folhetinista.